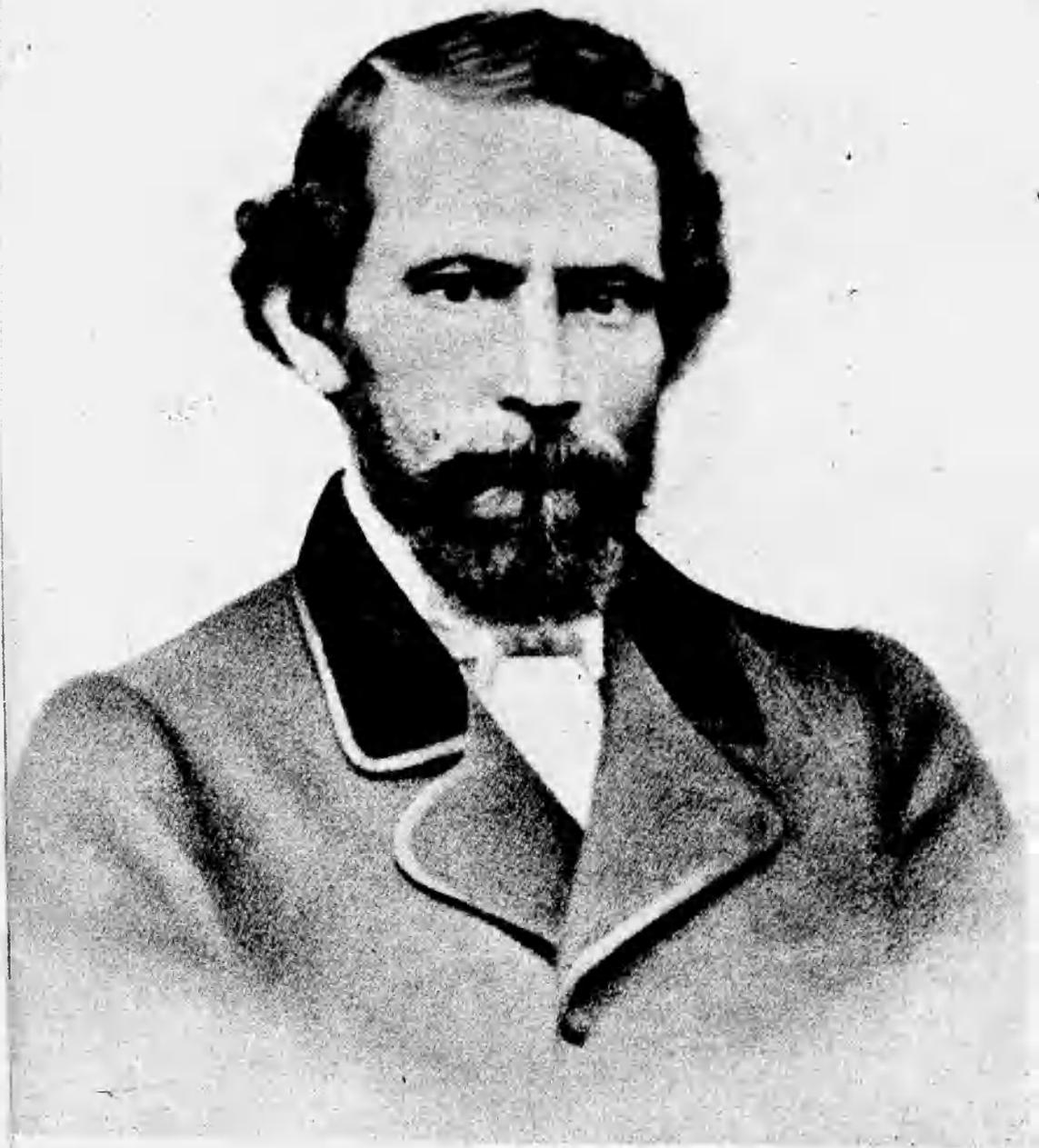


A' Lucas de Brito, Raros
da Biblioteca Nacional
oferece

Wilson Lourenço

Rio, 6 de maio 1968



Antonio Gonçalves Almeida

GONÇALVES DIAS
POESIA COMPLETA
E PROSA ESCOLHIDA

BIBLIOTECA
LUSO-BRASILEIRA
Série Brasileira

GONÇALVES DIAS
POESIA COMPLETA
E PROSA ESCOLHIDA

VOLUME ÚNICO

PRIMEIROS CANTOS. SEGUNDOS CANTOS.
SEXTILHAS DE FREI ANTÃO.
ÚLTIMOS CANTOS. OS TIMBIRAS
OUTROS POEMAS. VERSOS PÓSTUMOS. POESIAS TRADUZIDAS.
LEONOR DE MENDONÇA.
MEDITAÇÕES. MEMÓRIAS DE AGAPITO.
DICIONÁRIO DA LÍNGUA TUPI.
CARTAS ESCOLHIDAS.



RIO DE JANEIRO, EDITORA JOSÉ AGUILAR LTDA., 1959

GONÇALVES DIAS

POESIA COMPLETA E PROSA ESCOLHIDA

MANUEL BANDEIRA

A Vida e a Obra do Poeta. A Poética de Gonçalves Dias

ANTÔNIO HOUAISS

O Texto dos Poemas

ALEXANDRE HERCULANO

Futuro Literário de Portugal e do Brasil
(Prólogo aos Cantos)



RIO DE JANEIRO, EDITORA JOSÉ AGUILAR LTDA., 1959

PRIMEIRA EDIÇÃO, 1959

BLB/SB/CI - XVII

Classificação Decimal Universal:

869.0(8) Gonçalves Dias, 1.01



18274
1968

Printed in Brazil. Impresso nos Estados Unidos do Brasil por Impres
Cia. Brasileira de Impressão e Propaganda. Al. Barão de Limeira, 425. São Paulo.

INTRODUÇÃO GERAL

NOTA EDITORIAL

A VIDA E A OBRA DO POETA

CRONOLOGIA

REPORTAGEM ICONOGRÁFICA

NOTA EDITORIAL

PRIMEIRO EM DATA dos grandes poetas românticos brasileiros, foi Gonçalves Dias a matriz da qual partiram, a despeito de sua relativa proximidade intelectual aos cânones portugueses, as correntes renovadoras de nossa poesia, desenvolvidas depois até a plenitude no lirismo e na linguagem poética peculiares à nossa literatura. Nos motivos, na temática, na índole, no sentimento íntimo, a sua poesia já é a poesia brasileira, que veio a ter, depois dêle, e herdeiros de sua mensagem, tão altos cultores.

Assim, quando Alexandre Herculano, em 1847, saudou os Primeiros Cantos do poeta maranhense, não se enganou no juízo lisonjeiro que dêle fez, nem no vaticínio sobre o crescente papel que os motivos brasileiros representariam na poesia de nossos vates, libertando-a cada vez mais das reminiscências européias.

É fora de qualquer controvérsia a posição de relêvo que ocupa a obra de Gonçalves Dias na literatura brasileira, do mesmo modo que a sua poesia no aprêço e no gosto do seu povo. Desta maneira, justifica-se por si própria a inclusão de sua obra numa coleção representativa de autores das literaturas brasileira e portuguesa.

A presente edição abrange toda a sua poesia, ordenada cronologicamente e de acordo com as publicações do próprio autor, inclusive os poemas traduzidos, acrescida da parte póstuma, devida ao carinho de Antônio Henriques Leal. Além da poesia completa, incluem-se espécimes da prosa literária, também publicada pelo mesmo dedicado amigo, em sua edição das obras póstumas; a sua peça teatral realmente bem realizada do ponto de vista artístico: Leonor de Mendonça; o Dicionário da Língua Tupi, aqui incluído em reprodução facsimilar da edição de Leipzig, a única merecedora de confiança; uma seleção da sua impressionante correspondência, só parcialmente divulgada em livro, sendo que algumas cartas são aqui, por primeira vez, impressas.

No que tange ao estabelecimento do texto, a tarefa esteve aos cuidados competentes de Antônio Houaiss, que, para isso formulou normas especiais, transcritas em local adequado do presente volume.

Enriquecem ainda a edição a biografia de Manuel Bandeira, condensada de seu esplêndido volume sobre o bardo maranhense, a cronologia que organizou para a sua edição da obra do poeta, e o seu notável estudo acerca da poética de Gonçalves Dias.

Acredita, destarte, a editora, que presta valioso serviço ao oferecer ao público, tornando-as mais acessíveis, não somente a obra poética, mas a prosa e outros escritos do grande escritor que ainda têm valor atual, sem falar no apuro com que foi tratada a edição, assim do ponto de vista textual como crítico e documental.

A. C.

A VIDA E A OBRA DO POETA *

MANUEL BANDEIRA

NASCIMENTO E INFANCIA / 1823-1838

NASCEU ANTÔNIO GONÇALVES DIAS a 10 de agosto de 1823 no sítio Boa Vista, em terras de Jatobá, a quatorze léguas de Caxias, antiga Aldeias Altas.

A então próspera vila do sertão maranhense foi o derradeiro reduto da resistência portuguesa ao estabelecimento do Império independente do Brasil: "Antemural do lusitano arrôjo, último abrigo seu", na expressão do poeta. Ali se retirara o bravo coronel Fidié e ali foi acometido e cercado por cearenses, piauienses e maranhenses sob a chefia do coronel Pereira Filgueiras, ao qual teve de capitular em 27 de julho de 1823. Muito comprometidos ficaram neste sucesso os principais residentes portugueses da vila, entre eles João Manuel Gonçalves Dias, natural de Trás-os-Montes, negociante na Rua do Cisco, onde vivia amasiado com Vicência Mendes Ferreira, mulher casada e separada do marido. Temendo a perseguição dos nacionalistas, entrados na vila a 1.º de agosto, fugiu Manuel para o seu sítio da Boa Vista, levando consigo a amásia, que dez dias depois dava à luz, em tão precárias e dramáticas condições, o primeiro grande poeta romântico do Brasil.

De João Manuel pouco sabemos, senão que era de natureza ríspida e pouco expansiva, grande trabalhador apesar da má saúde, bom pai, como ficou provado pelos cuidados que deu à educação do filho natural, e homem de caráter, pois em circunstâncias perigosas ousou manifestar-se e atuar abertamente contra as idéias emancipadoras. Amava-o e respeitava-o grandemente o nosso poeta. Anos depois de o perder, chama ao seu luto "essa dor que não tem nome" e rememora sentidamente o transe.

Raros, e além disso contraditórios, são os depoimentos dos contemporâneos sobre Vicência. O filho, que aliás jamais se pejou dela aos olhos dos amigos, que depois de homem feito sempre a assistiu, fornecendo-lhe pensão desde 1848 e procurando-a tôdas as vezes que voltou à província natal, não diz palavra sobre ela, salvo as alusões freqüentes na correspondência, e Lúcia Miguel Pereira registra que em hora grave

* Biografia condensada do livro *Gonçalves Dias. Esboço Biográfico* (Rio de Janeiro, Pongetti, 1952), cuja reprodução integral se encontra no volume II de *Poesia e Prosa* de Manuel Bandeira (Rio de Janeiro, Editora José Aguilar, 1958, 2 vols.).

a lembrança da mãe concorreu para dissuadi-lo do suicídio. Nunca lhe dedicou na sua obra versos comovidos como os que escreveu sobre o pai, sobre a irmã Joana, sobre a filha e até sobre amigos. Só uma vez, na poesia "Miserrimus", que é uma transposição objetiva de dados autobiográficos, aparece a lembrança materna.

Fora disso, a imagem da mãe só aparece indistinta e misturadamente à dos demais "rostos caros", como nos versos em que recorda a partida para Portugal.

Vicência era mestiça. Difícil, porém, será já agora apurar a natureza ou as proporções de sua mestiçagem. Antônio Henriques Leal, primeiro biógrafo do poeta limita-se a dizer que era "mulher de côr acobreada", mas ao falar no desgosto do amigo quando viu recusada a sua pretensão de casar-se com Ana Amélia Ferreira do Vale, comenta:

A quem considera os fatos à luz da sã filosofia, e com ânimo desprendido e despreocupado, não há de revoltar essa muralha chinesa insuperável e ameaçadora, levantada contra aqueles que tiveram a desdita de provirem da ilegitimidade, ou em cujas veias corre sangue africano ou indígena, pôsto que às vêzes de remota stirpe...?

Mais adiante, ao descrever o físico de Gonçalves Dias, assinala as asas do nariz "um pouco arregaçadas" e os cabelos "raros, castanhos, macios, anelados nas extremidades", mas acrescentando: "sem contudo denunciarem, quer êles ou as maçãs, por mui salientes, sua origem mestiça". Também às maçãs proeminentes, às "ventas dilatadas", e ainda aos "beiços grossos" alude no breve retrato que traçou do maranhense o poeta português Bulhão Pato.

Gilberto Freyre não tem dúvida quanto à presença do elemento negro no sangue do poeta, e em *Sobrados e Mocambos* escreveu:

O tipo do bacharel mulato. Filho de português com cafuza, Gonçalves Dias foi a vida inteira um inadapto tristonho. Uma ferida sempre sangrando embora escondida pelo *croisé* de doutor. Sensível à inferioridade de sua origem, ao estigma de sua côr, aos traços negróides gritando-lhe sempre do espelho: "lembra-te que és mulato!" Pior, para a época, do que ser mortal para o triunfador romano.

Mas o douto Roquette Pinto, em sua conferência de 1.º de dezembro de 1943, realizada na Academia Brasileira de Letras ("Gonçalves Dias e os Índios"), disse:

Falando dos seus alunos no Colégio do Maranhão escrevia um padre jesuíta que, na maioria, eram êles *obscuri et mixti sanguinis*. É o mais que se pode dizer, quanto ao tipo antropológico, do poeta-sábio que foi o meu primeiro mestre em matéria de etnologia brasileira. A julgar pelos seus retratos e pelas indicações de pessoas que o conheceram seria antes caboclo, de um dos tipos dos meus xantodermos. Isso porém só o índice nasal poderia esclarecer. Mas o seu corpo desapareceu no mar. Acham alguns que além de sangue índio deveria ter Gonçalves Dias algo de negro. Lúcia Miguel Pereira fala mesmo na pinta africana que lhe parece incontestável. Vicência — a mãe do poeta seria, então, cafuza ainda que disfarçada. Mas os cabelos do poeta e as informações não se ajustam à gaforinha própria dos cafuzos. É pois de melhor alvitre ficar naquela definição jesuítica: *obscuri et mixti sanguinis*.

Um mês depois de nascido o filho, João Manuel, não se julgando a salvo no recesso da Boa Vista, despede-se de Vicência e do menino, desce ocultamente à capital da província e embarca para Portugal, onde em Trás-os-Montes se demora cerca de dois anos. Torna a Caxias em 1825 e reinicia os negócios na sua casa de comércio da Rua do Cisco, instalando-se ali com Vicência e o filho.

Os quatro anos que vão de 1825 a 1829, durante os quais viveu mimado pela mãe e sem obrigação de trabalho ou estudo, foram os únicos de perfeita felicidade em tôda a vida do poeta. A êles é que certamente se refere a primeira parte do poema "Quadras de Minha Vida".

Caxias — "bela flor, lírio dos vales, gentil senhora de mimosos campos" — era então um lugar cheio de vida e movimento, porta do sertão por onde se escoava para São Luís a riqueza dos algodoais maranhenses, na opinião de Martius os mais belos do Brasil e só inferiores aos de Pernambuco. O sábio alemão, que a visitou em 1819, considerava-a uma das mais florescentes vilas do interior do Brasil, com os trinta mil habitantes do seu têrmo.

Menino vivo, inteligente e travêso, trazendo no sangue a herança da agilidade em todos os exercícios físicos no seio das matas, não tardou Gonçalves Dias em atestá-la e diz Antônio Henriques Leal que nenhum companheiro o batia "na luta, em trepar árvores, passarilhar e nadar." Muito deviam impressionar-lhe a imaginação infantil, onde certamente terão lançado os primeiros germes da inspiração indianista, os bandos de índios mansos que de tempos em tempos desciam à vila para trocar por utilidades da civilização as suas grandes bolas de cêra, as suas plumas de variados coloridos, as suas armas de combate e caça, arcos e flechas delicadamente trançados. Índios como os que vira Martius alguns anos antes, airosos e robustos, com brilhantes cilindros de resina ou abalastro no furo dos lábios, com grandes batoques de pau cobrindo a concha das orelhas, executando as suas danças selvagens ao rouco trombetear dos borés, ao estrépito dos maracás.

"A quadra feliz", em que, embora constringido pela severidade do pai, tinha os mimos da mãe, sempre pronta a perdoar-lhe as travessuras, termina em 1829, quando João Manuel "despediu" a amásia (a expressão é de Antônio Henriques e inculca bem a condição servil de Vicência no lar do português) para casar-se com a Sra. Adelaide Ramos de Almeida, que lhe daria quatro filhos: José, João Manuel, Domingos e Joana. Vicência, por seu lado, teria de outro ou outros pais, mais três filhos: Carlota, Vicência ou Maria e Sebastião, que se assinava Correia de Araújo. Diz Leal que o poeta "estêve ausente da mãe e quase sem a conhecer, até 1845": o ríspido pai tomou a si educá-lo, mas não lhe permitia avistar-se com a mãe. Só isto já seria infortúnio bastante para encher de indissipável melancolia o coração de uma criança: em vez da fácil complacência materna, teria doravante apenas os cuidados da madrastra, que para dispensá-los haveria de vencer o natural sentimento de ciúme em relação à Vicência. "Não fêz (Gonçalves Dias) à madrastra", escreve Lúcia Miguel Pereira, "senão referências veladas — nem sempre agradáveis, aliás — e a única carta sua que existe, a ela dirigida, só trata de negócios." De tudo isso se conclui que faltava no lar de João Manuel

e Adelaide aquêle carinhoso aconchego tão necessário às crianças de natureza sensível como era a do nosso Gonçalves Dias.

Aos sete anos começou o menino a aprendizagem das primeiras letras, a princípio na aula do Professor José Joaquim de Abreu, durante um ano, e depois em casa, com o primo Antônio, caixeiro da loja, o qual, à fôrça de palmatória e açoite, o industriou na caligrafia e na aritmética, de tal sorte que dentro de dois anos estava o poeta habilitado a tomar conta da escrituração do armazém paterno.

Por um lado a carência de mimos maternos, por outro essa precoce vida de labuta ao balcão, com os rigores de estilo no comércio português do tempo, explicam o tom amargo das reminiscências do poeta nos versos dedicados à irmã, única fonte de ternura a refrescar-lhe o coração sedento de carinhos.

Desforrava-se de tanta tristeza com a leitura da *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, de Vasco de Lobeira, de *Paulo ou a Herdade Abandonada*, de *O Cego da Fonte de Santa Catarina*, e outros livros que lhe vinham ter às mãos, livros cujos autores enumera Leal: Ducracy-Duminil, Marmontel, Montolieu, Florian, Bernardin de Saint-Pierre. Era êsse um prazer consentido pelo pai, que, austero e patriota, o presenteou com a *História de Portugal*, de Laclede, e a *Vida de Dom João de Castro*, de Jacinto Freire de Andrade. “A primeira biblioteca de Gonçalves Dias...”, comenta Lúcia Miguel Pereira. “Nela já figuravam a história e a poesia — a verdade e o sonho que o disputarão a vida tôda.”

Êsse gôsto pelas coisas do espírito acabou impressionando o pai, que se era de natural sêco e ríspido amava todavia o filho. Em junho de 1835 tirou-o do balcão para fazê-lo freqüentar as aulas de Latim, Francês e Filosofia do Professor Ricardo Leão Sabino.

O modesto professor caxiense não tardou em vislumbrar nos rápidos progressos do aluno os albores de uma inteligência de exceção. A êle, às suas instâncias se deve sobretudo a resolução que tomou João Manuel de levar o filho para Portugal a completar os estudos na Universidade de Coimbra. Em maio de 1837 partiram pai e filho para São Luís, onde deveriam embarcar rumo a Lisboa. O mau fado, porém, dispôs de outro modo. João Manuel, que ia bem doente dos pulmões, viu os seus padecimentos agravados na capital maranhense e ali faleceu aos 13 de julho do mesmo ano.

Voltou Gonçalves Dias para Caxias, onde teria ficado, onde talvez se estiolasse a bela vocação que trouxera do berço, se não fôsse nova intervenção do Professor Sabino, que, ajudado pelo Dr. Antônio Fernandes Júnior, juiz de direito da comarca, pelo coronel João Paulo Dias Carneiro e pelos Drs. Luís Paulino Costa Lôbo e Gonçalo da Silva Pôrto, induziram Dona Adelaide a cumprir o propósito do marido. Ofereceram-se até a custear a manutenção do rapaz em Portugal, o que foi recusado pela viúva.

Partiu Gonçalves Dias da vila natal no dia 13 de maio de 1838, com o Professor Sabino, que o acompanhou até São Luís, e o ferreiro português Bernardo de Castro e Silva, que tornava à terra, onde se encarregaria de abonar as mesadas e prestar assistência, quando necessário, ao enteado de Dona Adelaide.

Estudar em Portugal era no tempo um privilégio para todo brasileiro, ainda mais para Gonçalves Dias, que se sentia tão infeliz no lar da madrasta. Conta-nos Antônio Henriques Leal que para o amigo fôra Coimbra o “sonho dourado e constante de seus devaneios da primeira juventude”. No entanto na poesia “Saudades” aparece o privilégio transmutado em catástrofe. Era natural que sentisse saudades do ambiente natural da pátria, que sofresse a separação da irmãzinha estremecida, que apreendesse as dificuldades em terra estranha, uma vez que perdera no pai “o coselheiro”, “o amigo”. Mas a verdade é que os anos passados em Portugal, não obstante todos os contratempos que feriram o poeta no seu orgulho, foram a sua salvação: ali lhe amadureceu harmoniosamente o gênio poético em condições que não lhe teria proporcionado nunca a sua província, ali se lhe fortaleceu o caráter verdadeiramente viril, tão em contraste com as lamúrias a que muitas vezes se entregará em sua poesia por influência da escola dominante na época.

EM PORTUGAL / 1838-1845

Não conhecemos a data em que o poeta chegou a Lisboa. Mas em outubro, segundo Leal, já se achava em Coimbra. O ano letivo na Universidade ia de outubro a maio. Tinha, pois, Gonçalves Dias um ano para habilitar-se à matrícula no ano letivo de 39-40 e para isso inscreveu-se no Colégio das Artes, onde completou os estudos preparatórios de Latim, Filosofia, Retórica e Matemática elementar. Até meados de 39 moraria o estudante em casa do Padre Bernardo Joaquim Simões de Carvalho.

A vocação romântica de Gonçalves Dias está atestada na volúpia com que êle sempre se entregou ao sentimento da saudade. No presente via sempre o “breve momento d’incômodo ou desgraça ou prazer, que passa mais veloz que o ligeiro pensamento”. O prazer, que passa veloz, pode voltar na saudade, e esta “hera do coração, memória dêle”, até das passadas mágoas “bálsamo santo extrai consolador”.

Quais foram as suas primeiras impressões em Coimbra? De solidão, de tristeza, de nostalgia da pátria.

Em Portugal, fechando os olhos à saudável realidade que era a vantagem de se formar numa profissão liberal, o melhor impulso para a ascensão social em sua terra, a vantagem de educar-se literariamente em meio mais avançado, compraz-se sempre no sentimento romântico de *self-pity*, fala sempre de si como do triste “que um tufão expeliu do pátrio ninho”.

No entanto, quando, de volta ao Maranhão, escreve em São Luís as “Quadras de Minha Vida”, refere-se enternecido, na dedicatória a seu amigo Antônio Rêgo, àqueles anos — “o primeiro e o melhor quartel da vida”. É que só lhe sorria à imaginação o que lhe ficava longe, no tempo ou no espaço.

Não se pense, porém, que fôsse o poeta um casmurro ou um lamuriante. Das desgraças que o machucavam, reais como a condição de mestiço espúrio, ou imaginárias, guardava as queixas para só as depor nos seus versos e numa ou noutra carta a um amigo mais íntimo. Antônio

Xavier Rodrigues Cordeiro, que foi seu contemporâneo, seu colega, seu amigo, pintou-o "enérgico, vivo, franco, afoito, leal".

Essas qualidades de inteligência e de caráter logo lhe granjearam entre os companheiros de estudos amizades sólidas, que o iriam salvar em momento difícil. Com efeito, antes que o poeta pudesse encetar em 39 o curso jurídico, rebentou no Maranhão a *Balaçada*.

Em conseqüência dos prejuízos que sofrera com a revolta, suspendeu Dona Adelaide a mesada que fornecia ao enteado, mandando-lhe que fôsse para a casa do correspondente, o ferreiro Bernardo, em Figueira da Foz, até poder embarcar para o Maranhão.

Quando em outubro voltaram das férias os amigos brasileiros do poeta — João Duarte Lisboa, Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, Joaquim Pereira Lapa, maranhense, e José Hermenegildo Xavier de Moraes, fluminense — e souberam do caso, decidiram escrever-lhe, oferecendo-lhe, como diz Leal, "casa e bolsa". Não era sacrifício pesado: segundo Alexandre Teófilo, "com três moedas por mês viviam os estudantes vida de príncipe e qualquer dos quatro tinha maior mesada que essa".

Tentou Gonçalves Dias esquivar-se à generosidade dos amigos, escrevendo à madrastra uma carta inábil, por sêca e quase imperativa, enviando-lhe minutas das ordens que ela "deveria" dirigir ao correspondente para que êste lhe entregasse a quantia de cento e oito mil-réis tomados de empréstimo para as despesas desde julho de 1838 até março de 1840, e mais duzentos mil-réis todos os anos para livros, casas e matrículas. Uma carta cujo estilo comercial só é quebrado na linha final com um "Muito estimarei sua saúde e felicidade, queira dispor de quem será De V. Mcê. Filho obd.^e e mt.^o obg.^o Antônio Glz. Dias".

Revela êsse documento — primeiro a frieza das relações entre madrastra e enteado, segundo a precoce dignidade de seu autor. Doía-se o seu orgulho de aceitar o oferecimento dos amigos: nem por isso assumia para com Dona Adelaide tom de pedinte.

As ordens não foram remetidas. Em carta citada por Lúcia Miguel Pereira narra o caxiense Antônio Campos ter um seu irmão ouvido de Dona Adelaide que ela "não iria prejudicar os filhos do casal em favor de um caboclo". Verdade ou não, diga-se em abono da viúva que voltou a ajudar o enteado quando as circunstâncias lho permitiram, e foi até com dinheiro enviado por ela que o poeta adquiriu uma boa biblioteca.

A insistência dos amigos acabou vencendo os escrúpulos do poeta. Gonçalves Dias submeteu-se ao que lhe parecia "sorte de mendigo". Receber na hora incerta auxílio espontâneo de amigos certos só pode ser reconfortante para um coração despido de orgulho. Mas o orgulho foi talvez o maior pecado do poeta. No momento soube dominá-lo, não sem guardar na memória o estigma da humilhação.

Em maio de 40 voltou Gonçalves Dias a Coimbra, indo residir a princípio em Palácios Confusos, com o estudante maranhense José Francisco Carneiro Junqueira, e um mês depois, quando êste tornou ao Brasil, na Rua do Correio, onde moravam os amigos que o socorriam e mais os maranhenses Antônio Rêgo, Francisco Leandro Mendes, Pedro Nunes Leal e José Joaquim Ferreira do Vale.

Finalmente, em 31 de outubro matriculava-se o poeta na Universidade, depois de aprovado nos exames preparatórios. Ninguém, diz Leal, "foi

nunca mais estudioso do que êle. Operário da inteligência, não conhecia o que era medir o estudo pelo tempo, e largava os livros da mão só de puro cansaço". Nem se limitava a versar as matérias do curso jurídico: aprofundava-se no conhecimento dos clássicos portugueses, da literatura francesa, iniciava-se no estudo do inglês e da sua literatura. Em 41, entusiasmado com a voz da cantora Violeta Gazzeroli, que ouviu no Teatro São Carlos, começa a estudar o italiano, e dois anos depois principia a aprender o alemão.

Desde 41 entra em contato com o grupo da *Gazeta Literaria*, dirigida por José Freire de Serpa Pimentel e mais tarde faz parte da redação do periódico *O Trovador*, revista de poesia lançada por João de Lemos e outros estudantes. Eram os poetas que Fidelino de Figueiredo chama "medievistas", e cuja influência sobre Gonçalves Dias vamos encontrar em algumas de suas poesias — "O Soldado Espanhol", "O Trovador", "O Pirata", "O Donzel", "A Lua".

De 41 datam os seus primeiros versos. "A minha primeira poesia", diz êle próprio em sua autobiografia, "foi dedicada à coroação do atual Imperador, e recitada em um festejo que deram os estudantes brasileiros para celebrar aquêle acontecimento." Consistiu o festejo, que foi a 3 de maio, num passeio no Mondego em saveiros enfeitados de flôres e fôlhas, seguido de um banquete na Lapa dos Esteios, ao fim do qual Serpa Pimentel, João de Lemos, Lisboa Serra e outros declamaram versos. "No mais empenhado do febril entusiasmo daquela mocidade", narra Leal, "levanta-se Gonçalves Dias, cujo dom era apenas sabido de mui raros, e todo envergonhado e de olhos baixos recitou a arrebatada poesia:

Entusiasmo ardente me arrebatava,
Eleva-se o meu estro e a minha lira."

Os versos são fracos, mas já revelam no adolescente de dezessete anos o domínio do decassílabo branco flexibilizado por Garrett e aquêle asseio de linguagem haurido na leitura dos mestres do idioma. Não os incluiu o poeta nos *Cantos*. A poesia de mais antiga data que nêles figura é o epicédio "A Morte Prematura da Ilma. Sra. D." (Leonor Francisca Lisboa Serra), escrita em junho de 1841.

As férias de 41 passou-as o poeta em Lisboa, onde gostava de passear no Tejo em falua, sensível sobretudo "à voz do nauta que ecoa triste na solidão da noite e acorda mil outras vozes." Assim contou em carta a seu amigo Alexandre Teófilo, e acrescentava: "Eram vozes estrangeiras; mas que importa? meu coração as entendia, eu também era proscrito como êles, e como êles também suspirava por um túmulo na terra de meus pais!"

Não suspirava somente por isso: suspirava também pela filha da dona da hospedaria, pela qual se apaixonou, e segundo Antônio Henriques Leal "seguramente esposá-la-ia a não opor-se a isso o Dr. Teófilo". Primeiro amor, que facilmente esqueceu por outros quando tornou a Coimbra.

Os anos de 42 e 43 foram de intensa produção literária: dois romances — as *Memórias de Agapito Goiaba* e outro à imitação do *Joseph Delorme* — um longo poema, tôdas três obras destruídas mais tarde, dois dramas

— *Patkull e Beatriz Cenci*, algumas poesias, entre as quais “Inocência” e a “Canção do Exílio”. A primeira, sem maior importância, apenas graciosa, traíndo no pensamento e na estrofação a influência de Ronsard, tem a sua história. Instavam os diretores d’*O Trovador* pela colaboração do amigo. Este, porém, recusava sempre, querendo, ao que parece, guardar para a pátria as primícias de sua inspiração. Mas uma noite vindo um dos redatores da revista comunicar-lhe que faltavam apenas umas cinquenta linhas para fechar a matéria, accedeu ao convite, sentou-se à mesa e ao correr da pena escreveu “Inocência”.

Dividindo o tempo entre os estudos, os trabalhos literários e os namoros, chegou o poeta em 44 ao térmo do seu curso de bacharel, marcado pelo único incidente da campanha em que se envolveu, com alguns colegas, contra o catedrático de Direito Civil, o Padre Lins Teixeira. Com êles assinou uma representação ao Govêrno, publicada na fôlha *A Revolução de Setembro*, na qual criticavam a redação das apostilas de aula daquele professor.

Três eram os graus conferidos no curso jurídico pela Universidade: o de bacharel no fim do quarto ano, o de bacharel formado no quinto, e depois de tese defendida o de doutor. Pretendia Gonçalves Dias cursar o quinto ano, mas nas férias de 44, achando-se em Lisboa, onde fôra para se despedir de seu amigo Alexandre Teófilo, de partida para o Maranhão, teve notícia de que uma irmã paterna, residente em Gerez, fôra seduzida por um primo. Partiu logo em socorro da môça, a quem aliás nem conhecia pessoalmente, e conseguiu obter para ela a devida reparação. Perdeu, porém, com isso o prazo das matrículas, e como os apertos financeiros não lhe permitiam a folga de um ano, decidiu voltar ao Brasil, contentando-se com o primeiro e simples grau de bacharel. Segundo informação de seu amigo Tomás Pipa em carta a Antônio Henriques Leal, era propósito do poeta vir para o Rio de Janeiro e fazer-se jornalista.

Foi em Pitões, no entanto, que desabrochou, ainda incerta e pálida, a flor do seu indianismo. Com efeito, de Pitões data a poesia “O Índio”, que, com duas outras — “Coral” e “Jacaré”, depois inutilizadas, foram os seus primeiros ensaios de poesia americana.

Em janeiro de 1845 vai Gonçalves Dias para o Pôrto e embarca no mês seguinte para o Maranhão no brigue-barca *Castro II*. Embarca sem vintém, com passagem a pagar em São Luís. Tinha vinte e um anos e cinco meses de idade. Que bagagem poética trazia? Ainda escassa e pobre dos fundos acentos que lhe dariam no futuro a glória de primeiro grande poeta lírico de sua terra. Pelas datas que lhes pôs o poeta ou por informações de Antônio Henriques Leal, sabemos que foram escritas em Portugal as seguintes poesias dos *Cantos*: “Inocência”, “Canção do Exílio”, “À Morte Prematura da Ilma. Sra. D.”, “O Romper d’Alva”, “A Escrava”, “A Tarde”, “O Vate”, as seis “Visões”, “À Desordem de Caxias”, “A Pastôra”. Muito provavelmente também “Lágrimas Sem Dor e Dor Sem Lágrimas”, “O Destêrro de um Pobre Velho”, “O Pirata”, “O Templo” e “A Mendiga”.

A “Canção do Exílio” é que foi o seu primeiro grande momento de inspiração, o passaporte da sua imortalidade. Ainda que não tivesse escrito mais nada, ficaria, por ela, o seu nome para sempre gravado na

memória da sua gente. Haverá brasileiro que não a saiba de cor? Tão grande foi a popularidade alcançada por êsses versos, que os dois primeiros vieram a ser aproveitados como tema de uma cantiga de roda alagoana. É uma poesia cujo encanto verbal desaparece quando traduzida para outra língua. Desaparece mesmo quando dita com a pronúncia portuguêsã. Poesia profundamente brasileira, não porque fale no sabiá, mas por qualquer coisa de inefável no sentimento e na expressão.

NO MARANHÃO / 1845-1846

Se era ainda, como já dissemos, escassa e pobre a produção trazida pelo poeta de Portugal, nela, contudo, já se acusava por inteiro a sua compreensão da poesia, como a havia de praticar tôda a vida.

Os grandes espetáculos da natureza sempre arrastaram o pensamento do poeta para a idéia de Deus. A bordo do brigue, de regresso à pátria, o rugir dos ventos bravos nas horas de tempestade, e nas noites de atmosfera pura e limpa a tranqüilidade da solidão oceânica “entre dois céus brilhantes” lhe inspiram o mais belo talvez dos seus hinos religiosos — “O Mar”. Mais duas poesias escreveu o poeta durante a longa travessia: outro hino religioso, “Idéia de Deus”, bem inferior ao primeiro, e “Anália”, poema em dois cantos, inspirado numa lenda normanda, só concluído nos *Últimos Cantos* e suprimido na edição de Leipzig.

Em março chega a São Luís e é hospedado no lar de seu amigo Alexandre Teófilo, à Rua de Sant’Ana. No dia 6 parte para Caxias. Em viagem, no lugar Paiol, pouco acima da foz do Itapicuru, escreve “O Canto do Índio”, e nessas impressões de selvagem apaixonado por uma mulher branca julgou Lúcia Miguel Pereira divisar uma origem real, como se, vendo a nudez da banhista, tomasse o poeta consciência da sua parte de sangue indígena.

Chegada é a hora de retratar o homem feito devolvido à sua terra. Nenhum testemunho melhor que o de Antônio Henriques Leal.

Era Gonçalves Dias [diz o seu amigo e biógrafo] como Horácio e como Dante, de baixa estatura, que não excedia a 1 m.50; mas bem proporcionado e musculoso: tinha mãos e pés mui pequenos, agilidade nos movimentos, passo curto e apressado, e grande disposição para caminhar a pé. Sua cabeça bem desenvolvida para os lados das fontes era realçada por uma fronte elevada e ampla, profundamente vincada em tôda a sua extensão pelo longo meditar e pelas acerbas agruras da sorte que incessantes o magoavam. Seus olhos pequenos, pardos, serenos, mui vivos e expressivos, espelhavam a franqueza de seu caráter e acentuavam aquêl móvel e simpático rosto. Bôca e nariz regulares, sendo as asas dêste um pouco arregaçadas; tez morena, barbas e cabelos raros, castanhos, macios, anelados nas extremidades, sem contudo denunciarem, quer êles ou as maçãs, por mui salientes, sua origem mestiça. Quando em boa companhia ou entre amigos, franzia-lhe constante os lábios sincero e franco sorriso, e tomava larga parte na conversação, principalmente se havia senhoras de espírito e cultura na sociedade; porque então o poeta desentranhava-se em conceitos agudos e engraçados, cheios de delicadeza e dessa amena zombaria que não ofende, e em que ninguém o vencia quando estava de veia. Era outro a sós consigo; aquêl supremo esforço abandonava-o e os tristes pensamentos, livres de distrações ou contensões, vinham anuviá-lhe

a mente, transformando-lhe o riso em traços de profunda melancolia e mergulhá-lo em tristeza e em fundo meditar.

Simples no traje, mas caprichoso na finura das roupas de baixo, comendo pouco e abstinência por natureza, era um grande fumador de charutos, sobretudo quando escrevia ou meditava.

Extremamente acessível, mesmo depois de afamado, nunca se esquivava a receber visitantes, ainda que importunos, e punha todo o empenho em não revelar sinais de impaciência.

Assim era, em linhas gerais, o mancebo de vinte e dois anos, que, intelectual e moralmente muito superior ao meio natal, ia começar a sua vida pública de bacharel e poeta. Não admira que a decepção fosse imediata.

Caxias, tão amável em sua paisagem, era socialmente um pobre lugar de vida monótona, só quebrada pelas manobras da política local, em que perduravam os ódios da *Balaiada* na competição acesa entre cabanos e bem-te-vis. O poeta, habituado à liberdade de Coimbra, escandalizava os conterrâneos pelo simples fato de fumar nas ruas e tomar cerveja no Riacho da Ponte, isso quando nem em São Luís, como anota Antônio Henriques Leal, se admitira ainda o costume de fumar e beber em público. Era natural que vissem naquele homenzinho de metro e cinquenta de altura, simples de maneiras, amigo de rir, franco e chistoso na fala, não o bacharel culto, o poeta sabido em cinco literaturas estrangeiras, mas o filho natural de João Manuel, o caboclinho da pobre Vicência, conhecida de todos na vila, o enteado de Dona Adelaide, em cuja casa, baldo de recursos, tivera de se hospedar. Inútilmente esforçou-se o poeta por se acomodar à terra que, apesar de sua, lhe parecia estranha. Em Caxias foram escritas as poesias "Sofrimento", "Delírio", "O Orgulhoso", "Tristeza", "Recordação", "O Cometa", "O Soldado Espanhol", "Depreciação", "Amor? Delírio — Engano", "A Virgem", "Tristes Recordações", "O Donzel", talvez "O Ouro", e as duas onde celebra a vila natal, ambas intituladas "Caxias" e incluídas uma nos *Primeiros Cantos* e outra nos *Últimos Cantos*.

Não só não deixara de cultivar a poesia, mas até declamou no Harmonia, o teatro local, vários poemas de circunstância não incluídos nos *Cantos*: "À Restauração do Rio Grande do Sul e ao Herdeiro Presuntivo", "Ao Aniversário da Independência do Maranhão", "Hino ao Dia 28 de Julho", "Ao Aniversário de S. M. I.". Sem falar nos versos satíricos.

Pouco depois de chegado a Caxias fora Gonçalves Dias nomeado para uma banca que devia examinar as candidatas a mestra de meninas. Mas já em junho, desgostoso, demitia-se.

Parece que, apesar de todos os aborrecimentos, pretendia em agosto exercer a advocacia em Caxias. Assim se explica a encomenda feita a Alexandre Teófilo de livros relativos à prática forense. E a atitude do Juiz de Direito da comarca, o Dr. Gregório de Tavares Osório Maciel da Costa, o qual mandou pedir a Gonçalves Dias exibisse cartas, isto é, o diploma de bacharel, "querendo por este meio", conta o poeta ao amigo, "fazer-me passar por um impostor diante dos meus concidadãos".

É que o Dr. Maciel da Costa fazia política e era bem-te-vi, ao passo que as simpatias do poeta já se haviam definido pelos cabanos, e a

1.º de agosto aparecera no *Farol*, jornal caxiense, uma sátira de Gonçalves Dias a certa autoridade que ameaçara os músicos por terem tocado no aniversário da independência de Caxias.

A carta de 31 de agosto a Alexandre Teófilo respira o mais fundo desalento.

Mas aquêlo homenzinho de um metro e cinqüenta, que em versos moles ou na correspondência íntima tanto se queixava, e remoendo a sós os seus desgostos emprestava-lhes as proporções de irremediáveis desgraças, crescia muito acima do estalão comum nos atos de sua vida, sempre reveladores de forte vontade, sereno estoicismo e extraordinária resistência. Em agosto falava de suicídio, e no mês seguinte empenhava-se nas eleições municipais a favor de seus amigos cabanos. Não o atraía, porém, a política, como a via praticada no Brasil. Cria na necessidade do governo monárquico, queria ao Imperador, em quem reconhecia "qualidades de um rei literato", mas para êle "no Brasil, onde quer que seja, qualquer que seja a côr política, não passa ela nunca do individualismo, não é nunca mais do que isso!"

Alexandre Teófilo, compreendendo a triste situação do amigo em Caxias, instava com êle para que viesse para São Luís, onde lhe oferecia hospedagem em sua própria casa. Na capital o ambiente era outro, o seu nome já começava a ser citado com admiração, sobretudo depois do artigo de Sotero dos Reis, mestre de todos acatado, o qual lendo "O Mar", "Inocência", e "Idéia de Deus", publicadas à revelia do poeta no *Jornal de Instrução e Recreio*, vaticinara certo ao dizer que êle havia de "honrar o nome brasileiro, se continuar a trilhar a carreira poética".

Desde fins de agosto prometera o poeta aceitar o convite de Alexandre Teófilo. E de fato, em fins de janeiro deixava Caxias.

Os cinco meses que passou no lar feliz da Rua Sant'Ana foram os mais despreocupados, os mais tranqüilos, os mais alegres de tôda a sua vida. Ali todos o estimavam e admiravam. Ali tinha a conversação e o estímulo de seu amigo dileto; afeiçoado à música, deleitava-se ouvindo ao piano a mulher de Alexandre Teófilo; e em três meninas freqüentadoras da casa, as irmãs Ana Amélia, Inês e Luzia, primas e cunhadas do amigo, encontrava motivo para dar largas ao seu temperamento galanteador, tão facilmente impressionado pelas graças femininas. Esquecia-se o poeta dos pesares e incertezas de sua existência nos grandes olhos negros de Ana Amélia, "às vêzes luzindo, serenos, tranqüilos, às vêzes vulcão", ora inquietos e travessos, ora desmaiados em doces cismas, olhos que lhe falavam de amôres "com tanta poesia, com tanto pudor, com tanta paixão". Inspirado nela escreveu ainda "Leviana" e os versos "Mimosa e Bela", que copiou no álbum de dona Maria Luísa, a espôsa de Alexandre Teófilo. São essas três composições, com "Olhos Verdes", escritos mais tarde no Rio, o que deixaria de melhor no gênero fugitivo. Era evidente nelas um tom de namorico, de *marivaudage*. Se não passou disso então o sentimento, foi porque Ana Amélia era ainda muito menina. Mas no coração do poeta ficou o germe da futura paixão que lhe despertaria a mulher feita.

Em São Luís escreveria ainda o "Canto do Guerreiro", "O Canto do Piaga", "O Trovador", "Epicédio", "A um Menino", "Te Deum", "Quadras

de Minha Vida” e “Adeus aos Meus Amigos do Maranhão”, assim como terminaria a prosa bíblica de *Meditação*, começada em Caxias, primeiro grito abolicionista da poesia brasileira.

Nas visões desse poema, tão diferente de tudo o que escreveu Gonçalves Dias, o Brasil aparece como uma terra prodigiosa e bendita, mas sôbre a qual milhares de homens de côr vária e fisionomias discordes formam círculos concêntricos. Os Grandes, os poucos homens que estão no centro dos círculos, fazem a política, e essa política “é mesquinha e vergonhosa, e milagroso é o homem que sai dela limpo de mãos e de consciência”. E o Rei o que faz? O Rei dorme, como dorme o povo na sua indolência. Tão consciente estava Gonçalves Dias do que havia de temerário nas suas idéias que, remetendo a Alexandre Teófilo o segundo capítulo da *Meditação* para ser publicado no periódico *O Arquivo*, recomendava: “Cortem sem dó — o que julgarem mau — ou perigoso de imprimir”.

Depois da “Canção do Exílio”, é no “Canto do Piaga” e em “Quadras de Minha Vida” que se revela o grande poeta. “O Canto do Guerreiro” e o “Canto do Piaga” marcam as primeiras expressões definitivas da sua inspiração indianista.

Em fins de maio entra em casa o bom Alexandre Teófilo transportado de alegria e surpreende o amigo com estas palavras alvoroçantes:

— Sabes que vais partir para o Rio de Janeiro?

E contou-lhe como: procurara o vice-presidente da província, Ângelo Carlos Muniz, então à testa do govêrno, expusera-lhe a situação do amigo e pedira para êle uma passagem de Estado. Fôra prontamente atendido.

Partiu o poeta de São Luís aos 14 de junho de 1846 no vapor *Imperador*, levando por tôda fortuna os seus versos e a quantia de trezentos mil-réis.

Devia partir alegre, porque, confiante no seu gênio, via em perspectiva a esperança de fazer nome na côrte e em todo o Brasil, de assegurar-se enfim uma posição estável. Mas a imaginação enfêrma exigia que o poeta disfarçasse em “fôrça oculta, irresistível” a impeli-lo “qual fôlha instável em ventoso estio” a sua íntima e muito justa ambição de glória.

NO RIO / 1846-1851

Gonçalves Dias desembarcou no Rio na manhã do dia 7 de julho. A viagem do *Imperador* foi longa, vinte e um dias, e acidentada.

Hospedou-se num dos hotéis mais caros da cidade, no Largo do Paço, o *Hôtel de l'Univers*, de Mme. Moreau, francesa quarentona, que deve ter parecido bastante apetitosa ao sensual mestiço, pois a pinta “ainda fresca como um pé de alface colhido há três dias, porém há três dias mergulhado n'água”. Gastava “pouco mais ou menos como um lorde”. E justificava-se: “Não nasci com gênio de mãe de família que reparte com exatidão matemática o pão que há pelos filhos que tem”.

Trazia o poeta algumas boas cartas de recomendação. Fiava, porém, mais nos amigos que haviam sido seus companheiros em Coimbra e agora

residiam no Rio, entre outros Lisboa Serra e Hermenegildo Xavier de Moraes. Ofereceu-lhe êste hospedagem em sua chácara de São Clemente, convite que não foi aceito unicamente porque o transporte para o centro da cidade era difícil. Aceitou, sim, as refeições no lar de Lisboa Serra, à Rua da Misericórdia, próximo à casa onde acabou tomando quarto, mobiliado com pobreza franciscana — uma mesa redonda, que lhe servia de secretária, duas cadeiras e algumas estantes sem vidraças.

Imeditamente cuidou o poeta da impressão dos *Primeiros Cantos*, contratada no Laemmert pela quantia de novecentos mil-réis.

Desde logo também passou a freqüentar a Biblioteca Nacional, onde se demorava todos os dias, das nove da manhã às duas da tarde. Tinha muitos projetos literários em mente — dramas e romances históricos, uma história dos jesuítas no Brasil. “Qualquer dia”, comunicava a Teófilo na mesma carta de novembro, “principio o meu primeiro romance histórico sôbre o Maranhão.” A sua saúde não era boa e o pressentimento de morrer cedo precipitava-lhe a atividade: “Como me parece que a minha vida literária será como os dias dos pólos, isto é, infinitamente pequena, quero fazê-la no pouco tempo que tenho, a mais brilhante possível”. Preparava-se para isso lendo na Biblioteca muito alfarrábio velho, muita crônica antiga: “É a primeira vez que me tenho dado ao trabalho de tomar apontamentos, e para a primeira vez tenho bons cadernos cheios de maçada indigesta”.

Para distrair-se tinha as casas dos amigos, os teatros, os bailes do *Tivoli*, os namoros. Travou conhecimento com Odorico Mendes, que lhe parecia entre os poetas que se achavam no Rio o de “gôsto mais apurado e juízo mais seguro e são”.

Ainda antes da publicação dos *Primeiros Cantos*, já corria a sua fama de poeta. “Em bailes a que tenho assistido, tenho passado por um menino que de vez em quando diz as coisas assim não sei como, que não é comum...” Nas admirações que procurava entre o mundo feminino havia que abater as alfinetadas recebidas pela sua estatura de um metro e cinqüenta.

Nos bailes do *Tivoli* ganhou “foros de *jeune homme du bon ton* e patente de gracioso perfeito”. Namora uma judia; namôro dois meses depois substituído por outro, o da môça para quem num baile de máscaras improvisou as voltas sôbre o mote “Não posso dizer que não, Não posso dizer que sim”, decerto dado pela bela. As voltas produziram efeito. A môça apaixonou-se:

É nova, bela, espirituosa, doida como eu, imprudente como ninguém, romântica exagerada, corajosa que passa à temeridade, amorosa que passa a frenesi: iremos longe, se algum anjo não se vier meter entre nós...

O anjo meteu-se, como era desejo do poeta, muito seguro de si e certo de que “só por artes do porco sujo” lhe viria dali “o Santo Casório; Deus tal não permita.”

Borboleteamento sentimental que êle próprio explicava jocosamente:

Quanto a mim, é-me preciso amar grosseira ou platônicamente — seja como fôr; é-me preciso amar a muitas para não doudejar por nenhuma; é-me preciso

não o dizer nem a ela, nem a ninguém para não converter a brincadeira em enterramento.

Insistimos nessa transcrição tomada ao livro de Lúcia Miguel Pereira, para mostrar como se enganaria quem, não as conhecendo e não conhecendo os péssimos versos jocosos do poeta, o julgasse pelo tom sempre grave e melancólico, raramente apenas gracioso dos *Cantos*, o qual nos dá constantemente a impressão de um quarentão circunspecto.

Fundava o poeta na representação de seus dramas a esperança de ganhar algum dinheiro. Esperava-o uma decepção: o drama *Beatriz Cenci*, que em 2 de outubro fôra, em companhia de Lisboa Serra, levar ao presidente do Conservatório Dramático, de cuja aprovação dependia para ir à cena, foi condenado por imoral, embora lhe louvassem a invenção, disposição e estilo. Não esmoreceu o dramaturgo e febrilmente concluiu o drama *Leonor de Mendonça*, no qual tomou as suas precauções:

Estou fazendo uma duquesa de Bragança muito bem comportada e grave, tanto que nem um frade de S. Domingos seria capaz de condená-la ao fogo, quanto mais os censores do Conservatório.

De fato a peça foi aceita.

Todavia, nova decepção lhe estava reservada: em março de 47 João Caetano recusava representar *Leonor de Mendonça*.

O drama não foi levado no Rio; só no ano seguinte o puseram em cena, e com êxito, no Teatro de São Luís.

Aliás o ano de 847 foi, salvo a recusa de João Caetano e o perigo ocorrido numa aventura amorosa em que o poeta se viu "apanhado com a bôca na botija", um ano feliz, pois marca o triunfo completo e definitivo, com a publicação dos *Primeiros Cantos*. O livro apareceu em janeiro, mas trazendo no frontispício a data de 1846. Apareceu sem reclame: apenas, em janeiro e em fevereiro, dois anúncios de quatro linhas no *Jornal do Comércio*. E o poeta não consentiu que os amigos o elogiassem pela imprensa. Tinha enorme ambição de vencer, mas queria dever a vitória exclusivamente ao seu mérito; queria ter mais tarde o orgulho de dizer: "Não conheço, nem sequer de vista, um só dos que têm escrito a meu respeito".

Três meses passaram-se e nenhuma nota aparecia nos jornais. Afinal, a partir de abril, "acordaram todos ao mesmo tempo". Viu-se o poeta louvado em artigos da *Sentinela da Monarquia*, do *Ostentor*, do *Jornal do Comércio*, da *Revista Universal*, com tal entusiasmo que lhe deu a impressão de estar causando "uma espécie de revolução literária". Era todo o seu empenho "ser o Primeiro Poeta do Brasil", e agora já não podia duvidar que o fôsse, sobretudo depois que Antônio Henriques Leal lhe entrou pela sala de trabalho levando-lhe o número da *Revista Universal Lisbonense*, onde vinha o artigo de Alexandre Herculano.

"Foram momentos de louco prazer", contou o amigo. "Lemos e releemos o artigo e o comentamos uma e muitas vezes..." As circunstâncias em que fôra escrito concorriam para transbordar a satisfação do poeta, que no prólogo à edição de Leipzig a qualificaria como "a maior que tenho até hoje experimentado na minha vida literária."

A glória do poeta, a sua nomeada de estudioso da História do Brasil dão-lhe, aos vinte e quatro anos, o diploma de sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico, para o qual foi proposto em 2 de dezembro por Pôrto Alegre. Encerrava-se nesse mês o concurso aberto pelo Instituto para uma obra sobre a História dos Jesuítas no Brasil. Desistira, porém, Gonçalves Dias de apresentar a sua, porque o prazo estipulado lhe parecia ridiculamente pequeno para o assunto, visto que "escrever a História dos Jesuítas no Brasil equivale a escrever a História do Brasil".

O seu labor intelectual era então intenso. Desde janeiro começara a trabalhar as *Sextilhas de Frei Antão*. Em maio ou junho principiara a compor *Os Timbiras*, cuja idéia lhe veio na chácara Macacos, de Lisboa Serra, situada na antiga Estrada de D. Castorina, na Gávea.

De volta dessas férias em Macacos teve o poeta a boa notícia de que se cogitava criar um liceu em Niterói e que Lisboa Serra se empenhava junto aos políticos para arranjar-lhe uma colocação no novo instituto. De fato foi nomeado professor adjunto da cadeira de Latim e secretário do colégio, com o ordenado anual de um conto de réis.

Entrementes continuavam os namoros, sempre efêmeros e às vezes concomitantes. Dêles dava conta pontualmente ao seu amigo Alexandre Teófilo. A êste comunicava em carta de 24 de fevereiro de 48:

Sem exageração — estou agora com três belíssimos começos de namôro; são largas histórias, fica para outra vez —, um dêles já me rendeu talvez a mais delicada das minhas páginas líricas — tem por título "Os Suspiros".

Aqui falhava a autocrítica do poeta: "Os Suspiros" são, como outros galanteios incluídos nos *Segundos Cantos*, poesia rala, tão inconsistente quanto o sentimento em que se inspirava, e naquele livro os melhores acentos amorosos estão ainda nas recordações da môça de Coimbra ou no tema constante da ausência de amor, — do amor "que nos leva a extremos, aos quais não basta a natureza humana".

Em maio solicita no liceu quatro meses de licença e emprega-se como redator de debates, no *Jornal do Comércio* para o Senado ("estou agora feito burro de carga do Senado", escrevia em julho de 48), no *Correio Mercantil* para a Câmara. Não voltaria mais ao liceu, pois em 5 de março do ano seguinte é nomeado professor de Latim e de História do Brasil no Colégio Pedro II. Todavia continuou exercendo as funções de jornalista nas Câmaras até maio de 50. E ainda em 48 inicia a sua colaboração literária no *Correio Mercantil* (crônicas e folhetins teatrais), no *Correio da Tarde*, novo nome da *Sentinela da Monarquia* (crítica literária sob o pseudônimo de "Optimus criticus") e na *Gazeta Oficial*. Lúcia Miguel Pereira, sempre tão escrupulosa, deu-se ao trabalho de ler tôda essa matéria impressa, e o seu juízo, em que podemos confiar, é que ela nada acrescenta à sua glória. O que à biógrafa pareceu melhor foi o cronista do *Correio Mercantil*, interessado pela coisa pública, comentando fatos e serviços da cidade, cenas típicas como a do aguadeiro português com o seu burro empacado na Rua da Alfândega, a do Chefe de Polícia mandando na Rua da Ajuda parar contra a mão o seu carro para conversar à porta do ourives Michaud; criticando os maus hábitos, como o de se despejarem dos sobrados, depois das oito horas da noite, as águas servidas.

Em junho de 48 apareceram os *Segundos Cantos*, impressos na Tipografia Clássica, de José de Freitas Monteiro, edição custeada pelo autor, salvo a subvenção oficial de trezentos mil-réis por Lisboa Serra obtida de Alves Branco, então Ministro do Império e Presidente do Conselho. Era intenção do poeta dedicar o livro a Alexandre Teófilo. Ignorando-o certamente, Serra prometera ao ministro que a obra lhe seria dedicada. A combinação desagradou a Gonçalves Dias, e Alves Branco exacerbou ainda mais a irritação do poeta ao sugerir que a dedicatória fôsse não a êle, mas ao Imperador ou a uma das princesas.

No prólogo dizia o poeta que a primeira parte do livro (as poesias várias) não eram senão a continuação dos *Primeiros Cantos*:

É ainda o mesmo estilo, — o pensamento dominando em todo o verso, mas que seja menosprezada a metrificação, — e a rima que naturalmente se lhe sujeita, — e o metro que se dobra em todos os sentidos, — e o verso que se acomoda a todos os tons, como instrumento harmonioso, que sempre agrada, mesmo tangido por mãos inexperientes.

Juntem-se a estas linhas as palavras já por nós transcritas do prólogo dos *Primeiros Cantos* e ter-se-á em resumo tôda a arte poética de Gonçalves Dias, como êle a praticou sempre. “Mas que seja menosprezada a metrificação”. . . Entenda-se: ainda que seja menosprezada a metrificação. Era talvez uma resposta à crítica de Herculano, o qual no seu artigo da *Revista Universal Lisbonense* aludira a imperfeições de língua, de metrificação, de estilo, “defeitos do escritor ainda pouco amestrado pela experiência”. O poeta corrigiria na edição de Leipzig algumas imperfeições de língua e estilo, mas não buliria na metrificação. A metrificação violara-a e continuaria até o fim da vida a violar com plena consciência de que o fazia, sempre fundado em algum motivo de expressão e com fino gôsto.

Êste segundo livro alcançou da crítica e do público o mesmo favor que o primeiro. Era-lhe no entanto inferior, salvo nas *Sextilhas de Frei Antão*, que revelavam uma face nova do talento do autor. Representava em parte, de certo modo, um fundo de gaveta. O que havia de melhor no livro eram os hinos, especialmente “A Noite”, e as *Sextilhas*. Aqui demonstrava o poeta o domínio absoluto da redondilha, e a idéia de se meter na pele do frade dominicano setecentista deu-lhe nesses deliciosos rimances a graça, o *humour* que falta aos seus outros poemas narrativos.

E os namoros continuavam. . .

Pelos meados do ano de 48 duas mulheres o interessaram: uma viuvinha de seus trint’anos (“Viúva de minha alma! Grande cousa é uma viúva! Não tem a gente necessidade de lhe explicar as cousas mais comezinhas da vida!”), com quem êle gastava pontualmente de sete em sete dias, aos domingos, a sua eloquência — “frases de amor, de romance — poesia mesmo, fogo, delírio, beijos, lágrimas e sorrisos, arrependimentos, aperturas de coração, — o diabo”; e a môça dos “olhos verdes”, de quem se diz “muito namorado”, olhos verdes em que pretendia “beber” muitos volumes de inspiração”. Com esta não se tratava senão de “simples passatempo, sem nenhuma consequência”. Mas um tio da donzela, major reformado, quis dar ao passatempo uma consequência que não entrava nos cálculos do poeta — a do casamento. E escreveu-lhe uma carta, desafiando-o para um duelo. Gonçalves Dias não lhe deu resposta.

No ano de 49, às atividades de professor no Pedro II (era aplicadíssimo: em outubro de 49 escrevia: "vão começar os exames de História e eu tenho de estudar como um diabo"), de jornalista nas várias fôlhas já nomeadas e de membro ativo do Instituto Histórico, junta Gonçalves Dias a de diretor-fundador, com Pôrto Alegre e Joaquim Manuel de Macedo, da *Guanabara*, revista científica e literária, que vinha continuar a tradição da *Niterói* e da *Minerva Brasiliense*. Saiu o primeiro número no dia 2 de dezembro, aniversário do Imperador, e os três diretores foram levar-lho pessoalmente ao Paço de São Cristóvão. Pôrto Alegre e Macedo ostentavam ao peito as veneras das suas condecorações. Reparando D. Pedro que na casaca de Gonçalves Dias não havia nenhuma distinção honorífica, logo providenciou, terminada a audiência, para que o nome do poeta fôsse incluído na lista já pronta dos agraciados naquele dia festivo. Se o Imperador imaginou dar uma grande alegria ao jovem poeta concedendo-lhe o hábito de cavaleiro da Ordem da Rosa, estava muito enganado. Ao ver o seu nome no fim de uma lista que tomava tôda uma página do *Jornal do Comércio*, sentiu-se Gonçalves Dias não "distinguido", mas "confundido" com as centenas de agraciados. Por isso nem pensou em tirar o diploma e comprar a venera: "Nada, não quero que me confundam com algum tendeiro ou negreiro, basta que embrulhem aquêles a manteiga e o açúcar com o que escrevo!" Venera e diploma lhe vieram ter às mãos por mais uma gentileza do bom Lisboa Serra. Não sabia o Imperador, não sabiam os amigos e conhecidos solícitos em felicitar o poeta, que orgulho havia debaixo daquela "máscara de cêra", daquelas maneiras modestas. Porque modesto era Gonçalves Dias, mas *royalement modeste*, como de Paul Valéry disse Léon-Paul Fargue. Mais honrado do que com a condecoração se sentiria quando dias depois, no programa das teses distribuídas a vários sócios do Instituto Histórico pelo Imperador, coube-lhe a de "comparar o estado dos indígenas da quinta parte do mundo com os do Brasil, considerados uns e outros na época da respectiva descoberta, e deduzir quais ofereciam maiores probabilidades à empresa da civilização", origem da memória *Brasil e Oceânia*, lida em nove sessões consecutivas do Instituto, de 20 de agosto de 52 a junho do ano seguinte.

O Professor Raimundo Lopes, no seu trabalho *Gonçalves Dias e a Raça Americana*, assinala as excelências dessa memória, admirado de que um homem "cuja visão de poeta envolveu em tanta fantasia a vida do selvagem, não se deixou levar no labor erudito, pela sedução de tão arrojadas hipóteses como as em que se emaranharam cientistas de valor e de uma educação mais técnica". A intuição do poeta acertou em vários pontos confirmados posteriormente pelas pesquisas dos especialistas: assim acêrca das migrações dos tupis, Métraux desenvolve as idéias expostas por Gonçalves Dias. Compreendera êste "a importância do vale amazônico e especialmente da zona inferior paraense na formação cultural dos povos sul-americanos". Para o Professor Raimundo Lopes o capítulo mais forte talvez da memória é o que trata da decadência pré-colombiana dos índios. Sem acreditar que os nossos selvagens tivessem alcançado uma alta civilização, pensava Gonçalves Dias que êles tiveram cultura mais ampla e mais completa antes do descobrimento: "É o que a arqueologia brasílica, cujos achados são posteriores à sua morte, mostra-

ria, em Marajó e alhures". A valorização do indígena, romântica nos poemas indianistas dos *Cantos* e n'Os *Timbiras*, apresenta-se, segundo o juízo de Gilberto Freyre, "com qualidades surpreendentes de equilíbrio científico".

Mais folgado financeiramente em princípios de 50, deixa o poeta o quartinho pobre da Rua da Misericórdia e muda-se para a Rua da Assembléia, onde pouco se demora, e depois para um andar da rua que tem hoje o seu nome e então se chamava dos Latoeiros. Ali adoeceu da febre amarela, que, se o não matou, deixou-o em estado de continuada vertigem, com "uma displicência, um quebranto geral, um fastio de tudo". Abandonou por isso os trabalhos das Câmaras, mas logo que se sentiu melhor, voltou às colaborações na imprensa, aos trabalhos no Instituto Histórico, acabou um novo drama, o *Boabdil*, e começou a ocupar-se da impressão dos *Últimos Cantos*, escrevendo em agosto a dedicatória ao seu amigo Alexandre Teófilo. Desde abril estava "horriavelmente zangado" com a revista *Guanabara*: "E como não estou disposto para aturar mais maçadas, vou dar-lhe de mão no fim do semestre". De fato, desligou-se dela em junho.

Em princípio de 51 saíram à luz os *Últimos Cantos*, impressos na tipografia de F. de Paula Brito. Eram, desde o título, uma confissão de esgotamento (mas nisto se enganava o poeta, que nos *Novos Cantos*, incluídos na edição de Leipzig, e em outras poesias posteriores, só póstumamente publicadas, atingiria enfim os acentos mais convincentes da sua lírica amorosa).

A glória, conquistada tão rapidamente, não lhe trouxera nenhum lenitivo: "Paguei bem caro esta momentânea celebridade com decepções profundas, com desenganos amargos, e com a lenta agonia de um martírio ignorado".

A mesma confissão de esfriamento da fé e do entusiasmo aparece em algumas poesias, como em "Lira Quebrada", "Que me Pedes", "Desalento", "O Meu Sepulcro", etc.

No entanto nos *Últimos Cantos* está o ápice da sua inspiração indianista, com os poemas "I-Juca-Pirama", tão fortemente épico-dramático, "Marabá" e "Leito de Fôlhas Verdes", tão encantadoramente líricos. A fraqueza, o esgotamento se notam é na lírica amorosa, todavia ainda graciosa em "Olhos Verdes", "Por um Ai", "Meu Anjo, Escuta". Bem superiores, porém, pelo sentimento, que lhes deu expressão mais tensa e comovente, são os poemas "Desalento", "O Meu Sepulcro" e "Saudades": aqui falavam as dores do "martírio ignorado", falava o romântico que não limitava "nos términos da terra os seus desejos".

Farto dos volúveis namoricos, cansado dos trabalhos estéreis das Câmaras e da imprensa, ansiava o poeta por umas férias fora do Rio.

De fato, para rever o seu querido Maranhão, pleiteou no ano seguinte uma licença sem vencimentos e uma passagem do Estado. Mas Costa Carvalho, então Ministro do Império, deu-lhe em vez da licença uma comissão — a de estudar a instrução pública nas províncias do Norte, e de colher documentos históricos nos arquivos provinciais. Ganharia o professor do Pedro II o seu ordenado e teria na volta uma gratificação.

Partiu Gonçalves Dias para o Norte em 21 de março de 1851. Partia para novos trabalhos, para novas decepções: para se afundar, como a

flor de "Não me Deixes", na corrente por que desde Coimbra suspirava, "o amor igual ao seu", o amor a que clamara "Onde Existes?". Mais que o amor, — a paixão que pedira a Deus em "Minha Vida e meus Amôres".

VIAGEM AO NORTE / 1851-1852

A comissão de que ia incumbido Gonçalves Dias estendia-se às províncias da Bahia, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão e Pará. Como julgava indiferente ao bom êxito dos trabalhos começar por esta ou aquela província, foi direto ao Maranhão. Decerto queria em primeiro lugar matar as saudades que tinha da terra natal, refazer-se dos cinco anos de canseiras e privações no Rio, "desbestificar-se" no ambiente da casa de seu amigo Alexandre Teófilo, reviver os meses tão felizes que ali passara em 46.

A menina para quem fizera os versos de "Leviana" e de "Seus Olhos", Ana Amélia Ferreira do Vale, cunhada e prima de Alexandre Teófilo, estava agora môça feita, gorda, bonita e risonha. No coração do poeta renasceu de pronto, agora trasmudada em sentimento mais sério, a ternura levemente maliciosa que lhe havia inspirado a meninota de quatorze anos. A môça não pedia outra coisa. E no jardim...

Ninguém diria a ventura
Que ali se pudera achar!
É porque ninguém sabia
Que tu ali vinhas ter
A cada romper do dia
Como um raio de alegria!

Ninguém o sabia... Todos, até Dona Lourença, a mãe de Ana Amélia, malgrado os seus preconceitos de côr e classe, não viam naquilo senão a continuação das brincadeiras de cinco anos atrás: simples galanteios de poeta, sem consequência matrimonial. O que talvez tivesse iludido o namorado, levando-o a acreditar na aceitação de um pedido de casamento. Não ousou, porém, fazê-lo senão mais tarde.

Entretanto visitava Gonçalves Dias, de abril a julho, em São Luís, colégios e seminários, bibliotecas e arquivos.

Em julho partiu para o Pará, onde ficou cêrca de um mês. Tornando a São Luís, viajou ao interior da província para conhecer o engenho de Alexandre Teófilo, às margens do Mearim. Ali passou dias folgados, na companhia da família amiga. O Mearim parecia-lhe um rio romântico e nêle gostava o poeta de pescar o peixe-boi, de remar nos lagos de ilhas boiantes do mururu.

Admira que não tivesse feito uma visita a Caxias, que não tivesse procurado rever a velha Vicência. Egoísmo de namorado que, não dispondo de muito tempo, não queria afastar-se de junto de Ana Amélia?

Foi por essa época, em outubro de 51, que, na festa de N. S. dos Remédios, João Francisco Lisboa viu "o nosso poeta Gonçalves Dias dando o braço a umas senhoras, conversando alegre e satisfeito, sem deixar rever o menor vislumbre daquela melancolia e desesperação que

nos vende em seus mimosos versos". E acrescentava o malicioso Timon: "Hei de estimar que continuem as suas infelicidades". O voto cumpriu-se, como já veremos.

Adiara o poeta o pedido de casamento até as vésperas de sua partida e teve de fazê-lo em carta, porque Dona Lourença se tinha retirado com as filhas para Alcântara. A carta era pão pão, queijo queijo, como se na sobriedade e quase secura dos termos já quisesse o mestiço ressalvar o seu orgulhoso na hipótese de uma possível recusa.

A José Joaquim Ferreira Vale, irmão de Ana Amélia, depois Barão do Destêrro e político influente no Maranhão, seu colega e amigo desde Coimbra, escreveu Gonçalves Dias:

Sabes que não tenho fortuna, e que longe de ser nobre de sangue azul, nem ao menos sou filho legítimo; falo-te assim, porque ainda quando eu por natureza houvesse sido e fôsse um homem nobre, é esta uma das ocasiões em que a honra, o pundonor, a própria dignidade requeriam tôda a franqueza da minha parte. Não tenho fortuna, e segundo tôdas as probabilidades não a terei nunca; porque para isso, como para mil outras cousas, não tenho nem jeito, nem paciência, nem cabeça. Não tenho ambição de posições vantajosas, talvez mesmo não tivesse possibilidade para as obter; mas quando as tivesse, não imagino que possa haver interêsse nem meu nem de família minha, que extraviem do trilho, a que eu, talvez erradamente, chamo o meu — destino. É possível que mude de pensar, porém tratamos de atualidade.

.....

O que espero, meu caro, é que tua mãe me responda brevemente, o que te peço é que mostres esta carta a D. ... no caso de que tua mãe se resolva afirmativamente para que ela saiba que não a enganei, e do nenhum partido que vai fazer em entregar-me todo o seu futuro. Sendo negativa, sentirei e muito, não por orgulho ofendido, senão porque ela o desejava de veras. Não me queixarei nem terei motivos para isso. Conheço que sem má vontade, e só por estas razões poderia qualquer pessoa aceitar ou rejeitar sem vexame a minha proposta, e ainda sem desar para mim. Bem podes crer, não haverá forças que me façam esquecer que sou teu amigo, do... e da família de ambos.

Dirigiam-se essas palavras menos a José Joaquim do que à própria Ana Amélia ("o que te peço é que mostres esta carta a D. ...") Aludiam muito de raspão à condição de filho ilegítimo, à condição de mestiço, eufemisticamente disfarçada em se declarar o poeta "longe de ser nobre de sangue azul", como se nelas não visse motivos razoáveis para uma repulsa. Sabia que por cima disso tudo passaria a môça para aceitar o casamento: "porque ela o desejava de veras". O que lhe parecia ponderável eram as incertezas de um futuro que se lhe antolhava sem abastança nem posições vantajosas, e para isso desejava abrir os olhos de Ana Amélia.

Em circunstâncias materiais não se podia fundar aquela quase certeza de repulsa. Gonçalves Dias era, aos vinte e oito anos, um nome glorioso em todo o Brasil e em Portugal. Professor do Pedro II, membro do Instituto Histórico, cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa, comissionado pelo Governo numa tarefa importante, não daria à família de Ana Amélia preocupações sôbre o futuro. O motivo mais forte do que a natural bondade de Dona Lourença só podia ser o da côr e humilde nascimento

do poeta. Em sua vaga esperança, ter-se-ia Gonçalves Dias deixado iludir pela admiração, estima, intimidade e confiança com que era tratado no seio da família de Ana Amélia? Ninguém como os mestiços para desenvolver o preconceito de côr nos brancos que mais isentos se dizem dêle. A situação do mulato no Brasil ainda hoje é esta: pode subir em qualquer carreira — nas armas, na magistratura, na diplomacia, na política, pode chegar sem favor a Ministro e até a Presidente da República. Peçam, porém, a um branco, mesmo sem fumaça de fidalguia, que mête a mão na consciência e responda se daria de bom grado a mão de sua filha ou de sua irmã a um prêto ou a um mulato chapado... Gonçalves Dias não era mulato chapado. Mas no seu tempo, e sobretudo no Maranhão, a coisa fiava mais fino. A D. Lourença deve ter parecido mesmo um atrevimento do filho ilegítimo de Vicência pretender à mão de Ana Amélia. E a repulsa foi breve, sêca, em quatro linhas. Recebeu-as o poeta no Recife, onde prosseguia nos trabalhos de sua comissão, depois de ter visitado as províncias do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba. A sua mágoa foi profunda e duraria tôda a vida.

Para exprimi-la escreveu o poeta no mesmo mês a poesia "Se se Morrer de Amor!", cuja epígrafe, tomada a Schiller, diz que podem mares, montanhas e horizonte interpor-se entre dois amantes, mas as almas escapam à sua prisão e vão encontrar-se no paraíso do amor. Conta Antônio Henriques Leal que êsses versos foram escritos depois de um serão em que algumas senhoras da alta sociedade do Recife haviam contestado que o amor pudesse matar. No calor de sua sinceridade, são dos mais belos da lírica amorosa do poeta, sobretudo nas passagens em que define o sentimento:

Amor é vida; é ter constantemente
Alma, sentidos, coração — abertos
Ao grande, ao belo; é ser capaz d'extremos,
D'altas virtudes, té capaz de crimes!

De por amor ser capaz de extremos, ser capaz de altas virtudes, era certamente o poeta, como o provou, sacrificando a sua ventura à lealdade de amigo: até capaz de crimes, não. Não foi capaz nem da indelicadeza de trair a confiança das famílias Leal e Ferreira Vale, aceitando a solução de Ana Amélia, que lhe propusera fugir com êle.

O homem sobrepôs-se ao amante e ao poeta, o homem Gonçalves Dias, que era, como tão acertadamente afirmou Otto Maria Carpeaux, maior do que o poeta. Deixou a môça persuadida talvez de que a requestara por passatempo, provocou-lhe talvez alguma fria e final resposta, que o ofendeu, que o fêz desatinar de despeito nos versos incriveis de "Tu não queres ligar-te comigo", escritos em maio na Bahia.

Pouco tempo depois casavam-se ambos, cada qual para o seu lado, primeiro Gonçalves Dias, no Rio, e Ana Amélia no Maranhão com o negociante Domingos da Silva Pôrto, que parecia escolhido a dedo por ela para dar uma lição ao poeta e à família, pois, segundo as informações de Antônio Henriques Leal, estava "nas mesmas desfavoráveis condições de origem e de nascimento" e para a realização do casamento "foi de mister interferir a justiça". Leal acrescenta que um mês depois de casado, Pôrto

faliu fraudulentamente e para evitar a prisão ocultou-se e fugiu para Lisboa.

Na capital portuguesa, em maio de 55, tiveram os namorados de dois anos atrás um encontro casual de rua, inspirador da famosa poesia "Ainda Uma Vez, Adeus!"

Seis anos depois não se tinham ainda arrefecido as saudades de Ana Amélia, os remorsos de, por "adornar-se com palmas d'alta virtude", a ter feito infeliz, de não ter ousado disputar a própria felicidade. Várias poesias, escritas então de Manaus e recolhidas por Leal nas *Obras Póstumas*, "Oh! que Acordar!", "Se Muito Sofri já, Não mo Perguntes", "No Jardim", "A Baunilha", "Se te Amo, Não sei!" e "Como! és tu?" traduzem o mesmo sentimento. A última, em que retrospectivamente revê a amada nos seus atavios de noiva, volta às explicações de "Ainda Uma Vez, Adeus!"

NO RIO / 1852-1854

Nunca adversidades e pesares impediram Gonçalves Dias de bem desempenhar os deveres que lhe incumbiam. Preocupado todo o tempo que durou a viagem ao Norte pelo pensamento de Ana Amélia, não deixou o funcionário exemplar de cumprir cabalmente a dupla tarefa de que fôra encarregado. Do que dizia respeito à instrução, mandou ao Governo sete relatórios, um sôbre cada uma das províncias visitadas, mais um sumário das conclusões a que chegara. As deficiências do ensino primário pareciam-lhe resultantes das inexistência de escolas normais; nas escolas secundárias assinalava o defeito de prepararem os moços exclusivamente para os cursos médico e jurídico, com prejuízo das ciências naturais e matemáticas, do comércio e da indústria; estendia-se largamente sôbre a falta absoluta de ensino e educação aos índios e aos negros escravos, sôbre as vantagens de, para os fins educativos, se unirem estreitamente a família, a escola e a Igreja, sôbre a necessidade, enfim, de centralizar a instrução. Propunha a criação de escolas normais, do bacharelado no curso secundário, de escolas industriais coroadas por uma Politécnica, e de uma Universidade ao lado da Politécnica — "um vasto sistema, que desse ao Brasil nas letras, indústrias e ciências — o lugar que lhe prometem a extensão do seu território e a abundância dos seus recursos naturais".

Chegara ao Rio no dia 1.º de junho. Esperava-o aqui o seu mau destino na figura especiosamente romântica de uma môça que conhecera em março de 51 numa festa na fazenda do Paraíso, em Pôrto das Flôres, na província fluminense. Era Olímpia Coriolano da Costa, três anos mais velha do que êle, filha do Dr. Cláudio Luís da Costa, médico e membro da Academia de Medicina e do Instituto Histórico, depois diretor do Imperial Instituto de Meninos Cegos, cargo que exerceu desde 56 até 69, ano de sua morte.

O sentimento despertado no poeta por essa môça, que logo lhe lembrou o *Pallida mortis imago* de Horácio, foi apenas de ternura compadecida. Ela, porém, apaixonou-se, deu-lho a sentir, escreveu-lhe cartas para o Norte e quando Gonçalves Dias tornou ao Rio, continuou na sua porfia, que era casar-se. O poeta caiu como um patinho nos engodos sentimentais de Olímpia: "Nem que ela adivinhasse que para com ela o senti-

mento da comiserção era o que convinha fortalecer em minha alma". Além disso, magoado pela repulsa de Dona Lourença, sentir-se-ia reconfortado de se ver acolhido de braços abertos por uma família de brancos, cujo chefe era tão conceituado que em 46 fôra nomeado médico da Imperatriz. Demais, queria dar tôda a liberdade a Ana Amélia, desenginando-a de vez com o exemplo do casamento. Achou que se não amava Olímpia, podiam ser amigos, e estava disposto a tudo sacrificar — projetos, aspirações a maior renome nas letras — só para vê-la satisfeita. Disse-lho sinceramente. E o pedido de casamento foi feito ao Dr. Cláudio por Pôrto Alegre. A 26 de setembro, na igreja do Outeiro da Glória, realizava-se o enlace, no qual Lisboa Serra serviu como padrinho do noivo.

A situação pecuniária do poeta tornou-se desafogada desde dezembro, quando foi nomeado oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros, com 1:200\$000 anuais e os emolumentos, além da gratificação de 80\$000 anuais por serviços especiais de que o encarregou o Ministro Limpo de Abreu, proventos a que juntava o conto de réis anual da cadeira de História do Brasil no Colégio Pedro II.

Mas não tardou que na casa do Dr. Cláudio, onde se estabeleceu o casal, situada no Largo do Valdetaro, nome que tinha então o trecho da Rua do Catete em frente ao atual palácio da Presidência, a vida se tornasse um inferno, tanto para Gonçalves Dias, como para Olímpia.

Essa triste situação doméstica teve naturalmente nefastas conseqüências sobre a capacidade criadora do poeta. Se ao publicar os *Últimos Cantos*, já sentia êle que "a fé e o entusiasmo, o óleo e o pábulo da lâmpada que alumia as composições do artista" se lhe iam esfriando dentro do peito, depois do casamento deixou-se tomar por um grande desânimo. "Estou cansado, meu Teófilo, declino e creio que bem rapidamente", escrevia ao amigo em julho de 53. E como êste lhe censurasse a esterilidade, respondeu-lhe levando-a, desta vez, com *humour*, à conta do casamento.

Desde fevereiro já pensava numa viagem à Europa e falou mesmo nisso ao Imperador. Em julho o desalento é tamanho que já nem gôsto tem para a viagem. Pensa na morte e fantasia um "morrer solitário, mas plácido e tranqüilo, sem lágrimas, sem gritos, sem companhia também." Um morrer bem romântico" ao correr da viração da tarde, e sentindo-a exalação da terra, o sussurro do mar, o perfume das flôres", dizendo um adeus a tudo isso "na melhor de tôdas as minhas composições". HorrORIZAVA-o pensar que poderia morrer entre os cuidados abafantes de Olímpia.

O seu refúgio, nessa preamar de tédio, era o Instituto Histórico, que frequentava assiduamente, lendo trabalhos, dando pareceres, discutindo com a sua habitual vivacidade, e às vêzes mordente espírito, como no debate com o eminente Conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro, a quem aparteava em latim, divertindo-se em ver que o orador não o compreendia.

Foi-lhe afinal proporcionada a viagem e em condições satisfatórias. Deram-lhe uma licença com os vencimentos integrais na Secretaria dos Negócios Estrangeiros, e pela Secretaria do Império a comissão de estudar os métodos de instrução pública em vários países da Europa e coligir nos arquivos estrangeiros documentos relativos à História do Brasil, pelo que lhe seria paga uma gratificação anual de 4:800\$000, e mais 1:500\$000 por semestre para as despesas com os copistas.

VIAGEM À EUROPA / 1854-1858

Embarcou o poeta a 14 de junho de 1854, na companhia da mulher, grávida de quatro meses, e da cunhada Maria Joaquina, irmã mais nova de Olímpia, a qual viria a casar-se com Benjamim Constant. A Nhanhã, como lhe chamavam em casa, era àquele tempo uma menina viva, graciosa, meiga. Afeçoara-se grandemente a Gonçalves Dias, a quem tratava de "maninho". O poeta sempre tivera um fraco pelas crianças. Já vimos que nos tristes anos da meninice, quando vivia em casa da madrastra, a irmãzinha Joana fôra todo o seu enlêvo, tôda a sua consolação. Para a Nhanhã terá os mesmos cuidados, o mesmo carinho. Achava-a "bem criadinha", com "um rosto que não é feio e um coração que não é mau".

A 10 de julho chegaram os viajantes a Lisboa, onde desembarcaram depois de oito dias de quarentena. Voltava Gonçalves Dias a Portugal em condições bem diversas de quando partira nove anos antes.

Maciel Monteiro, nosso Ministro em Portugal, acolheu-o com a maior simpatia, logo providenciando para que tôdas as portas lhe fôssem abertas na missão que o levava à Europa. Lisboa seria o centro de suas atividades. Antes, porém, de se empregar a fundo na tarefa em perspectiva, tinha Gonçalves Dias de instalar em Paris a mulher e a cunhadinha. Para ali partiram em outubro, e no mês seguinte, dia 20, Olímpia dava à luz uma menina, que recebeu o nome de Joana.

Recebeu-a o poeta cheio de apreensões. Era novo laço, a tornar mais difícil o desejo e projeto de separação. Além disso, a criança nascera condenada. O Dr. Cláudio, que viera ter com as filhas em Paris, com viagem custeada pelo genro, constatou na netinha "um estado mórbido das vias aerianas, cabeça grande, em desproporção com o corpo, peito achatado, grossura na coluna vertebral". Seis meses depois escrevia o poeta a Alexandre Teófilo:

Imagina tu o que é ter filhos e saber ou suspeitar que têm vício hereditário! Minha mulher sofre do peito. Tenho pois uma filha para que amanhã — daqui a alguns meses, aos sete ou quinze anos de idade se lhe declare a mesma enfermidade, e lá se vai com Deus para os anjos, depois de lhe têmos criado amor, e de acostumados à sua companhia. Se passar dessa idade à fôrça de solitudes e cuidados — é talvez pior. Enfim será o que Deus quiser mas é certo que não posso olhar para essa criatura sem dó.

Deixando a família com o sogro em Paris, voltou Gonçalves Dias a Lisboa em fins de março ou comêço de abril de 55. Pretendia mandá-los vir depois. Todavia, mal tinha iniciado as suas pesquisas nos arquivos de Lisboa, recebeu ordem do nosso govêrno para assistir à exposição universal de Paris como comissário por parte do Brasil, em companhia do engenheiro Guilherme Schür Capanema, de quem se fizera amigo no Instituto Histórico desde 53, e do capitão-tenente naval Giacomo Raja Gabaglia.

Voltou a Paris o poeta profundamente conturbado pelo inesperado encontro de Ana Amélia em Lisboa. A saúde da filhinha, a Bibi, como lhe chamavam, continuava inspirando sérios cuidados. Quem sabe no clima tépido do Rio conseguiria vingar? Olímpia, por maiores que fôssem

os seus ciúmes, sacrificou-se à filha, aceitando a idéia de embarcar para o Rio, deixando o marido em Paris.

A viagem se fêz, como fôra planejada, vindo o Dr. Cláudio, as filhas e a neta no mesmo navio em que regressava o Dr. Capanema ao Brasil.

Contava D. Nhanhã aos seus descendentes que, na ocasião das despedidas no Havre, em 10 de março de 56, a Bibi, que apesar de enfermiça era uma menina viva, abraçou-se com o pai, deu-lhe um beijo e disse, apontando o céu com o dedinho: "*Au revoir, papa, là-haut*". Chorou o poeta, comovido até o fundo da alma por aquelas palavras de certo vaticínio infantil, e nelas se inspirou para escrever uns versos que intitulou "*Au revoir*", versos escritos por ocasião da morte da menina no Rio, e cujo original possuía o poeta português Gomes de Amorim, segundo êle próprio declarou. Sucumbiu Bibi a uma pneumonia no dia 24 de agosto, depois de quatro dias de doença. Olímpia quase não resiste ao golpe, e o pai descreveu-a ao poeta "pálida e magra como um esqueleto". Apiedou-se o marido, dirigindo à pobre mãe algumas cartas afetuosas. E por uma carta ao sogro, sabemos que Gonçalves Dias julgou por um momento poder voltar a um entendimento com a mulher: "Poderemos recompor a família, e é possível que ainda sejamos felizes".

Mas a despedida no Havre era, praticamente, a separação definitiva de Olímpia. No futuro só conviveria com êle de setembro de 58, data de sua chegada da Europa, a janeiro de 59, quando partiu em comissão para o Norte, e de dezembro de 61 a abril de 62, os quatro meses que passou no Rio, antes de o deixar novamente e para sempre.

Os trabalhos de observador na exposição de Paris trouxeram-lhe grandes aborrecimentos.

Incansável foi a sua atividade na parte da comissão que se prendia à instrução pública, visitando escolas na França, Bélgica, Alemanha, Áustria, Itália, talvez Suíça.

A coleta em Portugal de documentos relativos à História do Brasil foi interrompida em novembro de 56, porque então recebeu do Governo ordem de passar êsse encargo a João Francisco Lisboa. Antes de o fazer, remetera à Secretaria do Império cerca de cinquenta volumes manuscritos in-fólio.

Não se esquecia do Instituto Histórico e para êle remeteu, em cópia de seu próprio punho, muitas páginas da obra de Gregório de Matos.

Se, provavelmente a contragosto, perdia essa comissão, por outro lado ganhava outra, nomeado que foi em outubro dêsse mesmo ano de 56 para chefiar a seção de Etnografia da Comissão Científica de Exploração, organizada pelo Governo para se estudarem os recursos das províncias do Norte, a célebre "Comissão das Borboletas", como seria apodada depois.

Os livros necessários à Comissão Científica foram comprados por intermédio de Brockhaus, por quem tanto se entusiasmou o poeta, que o propôs para livreiro do Instituto Histórico e do Imperador. Com êle ajustou também a impressão dos *Cantos*, cujos originais foram entregues em janeiro de 57, saindo o livro em abril. A primeira edição de Leipzig foi custeada pelo poeta, com dinheiro emprestado por Capanema, a quem por isso dedicou o volume.

Sentiu-se o poeta muito lisonjeado com as críticas aparecidas na imprensa de Leipzig, Dresda, e Berlim: “Depois de me chamarem de *personalität* em caracteres alemães, fiquei outra casta de gente”, escreveu a Capanema. A mais longa foi a de F. Booch Arkossy, publicada no *Magazin für die Litteratur des Auslandes*, de 22 de abril de 58, e na qual vinham traduzidas em verso as poesias “Seus Olhos”, “Canção do Exílio” e o “Canto do Guerreiro”.

Sabendo alguns filólogos alemães que o poeta das *Americanas* tinha pronto um dicionário tupi, instaram por sua publicação, ao que se resolveu o autor, imprimindo-o nas oficinas de Brockhaus. Na mesma casa imprimia em outubro os quatro cantos d’*Os Timbiras*, escritos havia dez anos.

Os *Cantos* tiveram grande saída no Brasil e bastante aceitação no estrangeiro — na Alemanha, na França, na Espanha e em Portugal, tanto que o impressor Brockhaus propôs ao autor uma nova edição, desta vez por conta própria. A edição de 57 foi de 2.000 exemplares. Deve tê-lo incomodado bastante a dura e injusta crítica de Bernardo Guimarães. Ao contrário de Macedo, de Francisco Otaviano, de Franklin Távora e outros, que louvavam com entusiasmo os quatro primeiros cantos d’*Os Timbiras*, o poeta mineiro escreveu anonimamente em *Atualidade* uma série de artigos, nos quais tentava arrasar com o poema: linguagem quinhentista, sem conformidade com o assunto nem com o tempo, aliás inçada de pleonasmos, de impropriedades, de transgressões do bom-gosto e até do bom-senso, versificação prosaica e a todo momento claudicante. A crítica deixava mal, não o poeta, mas o crítico. Basta dizer que averbava como “áspero e sem harmonia” o primeiro soberbo verso do poema: “Os ritos semibárbaros dos piagas”; e entre as tais transgressões do bom gosto citava o epíteto “doce” dado a “poeira” nestes dois decassílabos de magistral beleza:

Doce poeira de aljofradas gotas
Ou pó sutil de pérolas desfeitas.

O comentário era tudo que há de mais pastrana: “*Poeira doce* é cousa que nenhum paladar pode tragar! Aqui anda refinado gongorismo ou cousa que o valha.”

A esta altura da biografia, já deve o leitor estar bastante inteirado da psicologia do poeta para imaginar que nem o trabalho exaustivo das comissões, nem o pêso dos íntimos desgostos ser-lhe-iam entrave ao vêzo de namorador impenitente. Aquêlo homenzinho de um metro e cinqüenta, coração agora ulcerado pela paixão de Ana Amélia, continuava o mesmo autêntico devastador de corações femininos, e nesta matéria aproveitou gulosamente as suas folgas de tempo nos quatro anos de Europa. O poeta queixava-se, era um chorão; mas o homem agia, era junto às mulheres como o viu João Francisco Lisboa na festa de N. S. dos Remédios, sabia falar, tinha lábia inesgotável. Céline, uma de suas namoradas da Europa viu justo: “*Du reste, je sais que quoique poète, vous êtes très positif*”.

Esta Celine foi, aliás, a mais inteligente de tôdas as mulheres corteadas por Gonçalves Dias. Amou-o, sem dúvida, mas não a ponto de

perder a cabeça. Era solteira, dizia ter dezenove anos e vivia com a família em Bruxelas. O namôro começou em fins de 56 por ocasião de uma das pasagens do poeta pela Bélgica, e durou até a sua partida para o Brasil.

Mas ainda em 57, o mesmo ano em que travara relações com a avisada Céline, conheceu Gonçalves Dias, não se sabe bem onde, se em Paris, em Londres ou em alguma estação de cura, uma brasileirinha de boa família (o pai era funcionário do nosso Tesouro), Amélia R., solteira, então visitando a Europa em companhia da mãe. A môça apaixonou-se pelo poeta, que desta vez parece ter tirado todo o proveito do sentimento que soube despertar. Pelo menos assim se depreende de duas cartas, as únicas existentes de uma correspondência que foi abundante. Amélia R. não escrevia elegantemente como Céline, mas exprimia sem reboços e com um dengue bem brasileiro, o sentimento que a avassalava. Estava pronta a viver com Gonçalves Dias no Brasil:

Agora só te peço, filho da minha alma, que não te esqueças, não, não, esta que morre por ti, não esqueça a tua Amélia que será com muito prazer mãe dos teus filhos.

Havia, sim, uma Amélia de quem o poeta não se esquecia nunca, mas era outra... E todavia alimentava a paixão da môça, prometia-lhe coisas e ela acreditava nas promessas dêle.

Mentia o poeta ao mesmo tempo à belga e à brasileira, alimentando-lhes a paixão com a mesma leviandade com que se lançava em outras aventuras com várias mulheres — as alemãs Leontina e Natália em Dresda, as francesas Josephine e Eugénie N. em Paris. Com esta última manteve ligação seguida e o caso complicou-se, porque chegou ao conhecimento de Olímpia, a cujas mãos vieram ter, não sabemos como, cartas de Gonçalves Dias para Eugénie e de Eugénie para Gonçalves Dias. Uma destas exigia mil francos do amante, ameaçando-o, caso não fôsse satisfeita, de vir para o Brasil.

Pode parecer antipático que estejamos a insistir na volubilidade frascária do poeta. É necessário que assim o façamos, porque, desconhecido êste lado da sua psicologia, só revelado no livro de Lúcia Miguel Pereira, as lamúrias dos *Cantos* levariam à idéia errada de uma constante infelicidade amorosa. Ora, infelicidade no amor, a que verdadeiramente conta, é não ser correspondido. Não há exemplo de tal na vida de Gonçalves Dias. Tôdas as mulheres por quem se interessou, a sério ou por mero passatempo, lhe deram muito mais do que receberam. A própria Ana Amélia. Não nos deixemos iludir pelos acentos pungentes de "Ainda Uma Vez, Adeus!" O diagnóstico de Lúcia Miguel Pereira é cabal:

A sua sensibilidade deformada pelo Romantismo confundia amor e sofrimento, não podia sentir inteiramente um sem o outro. Esperançoso, feliz, achara a união com Ana Amélia um "casamento razoável", dentro do plano do cotidiano, do normal; aceito, não seria improvável que, uma vez habituado a ela, continuasse a procurar a mulher ideal, levado pela fatalidade do temperamento, pela constante insatisfação. Longínqua, ela cresceu, tornou-se a única, a Amada. A simpatia transformou-se em paixão, em louca paixão à qual sacrificaria o seu futuro.

A sua infelicidade estava naquela impotência de amar, pelo menos de amar nas circunstâncias normais, de amar as mulheres como na realidade são. Impotência de amar, de que temos exemplo ainda mais ilustre no grande tédio de Chateaubriand. Afonso Arinos de Melo Franco chamou-me a atenção para as analogias existentes a êste aspecto entre as vidas de Gonçalves Dias e Chateaubriand. Ambos casaram-se sem amor e viveram enjoados da mulher, suscitando fora do lar amôres e dedicações que logo se lhes tornavam insípidos.

Nenhum de seus amôres da Europa lhe arrancou uma só linha de poesia. Parecia esgotado de tôda fôrça lírica, bateria descarregada depois do curto-circuito flamejante do "Ainda Uma Vez Adeus!" Os quatro anos que vão de 1854 a 1858 seriam de absoluta esterilidade poética, se não fôsem os trabalhos da tradução da *Noiva de Messina* de Schiller, começada em fins de 57 ou princípios de 58.

Resumindo as atividades de Gonçalves Dias nessa estada na Europa, podemos dizer que foram quatro anos cheios e de molde a satisfazer qualquer homem de psicologia normal: cumprira cabalmente todos os encargos que lhe haviam sido comissionados, tivera a honra de lhe representarem em Dresda "nas barbas do rei saxônio, entre os bustos dos grandes e somenos dramaturgos alemães" o seu drama *Boabdil*, traduzido para o alemão por Ernesto Ferreira França, editara os *Cantos*, os quatro primeiros cantos d'*Os Timbiras* e o *Vocabulário Tupi*, vendo-se com isso consagrado na opinião da crítica nacional e estrangeira como o maior poeta do Brasil, fôra sinceramente e ardentemente amado por duas mulheres na flor da juventude, uma delas decidida a tudo esquecer por êle, sentira nas horas de doença e de dificuldades o conforto de numerosos e dedicados amigos, viajara constantemente e visitara quase tôda a Europa que valia a pena conhecer...

No entanto, escrevendo do Ceará, em 59, a Alexandre Teófilo, ao balancear êsses quatro anos de tanto proveito, só encontra o quê? — "alguns desgostos dêstes que se não esquecem na vida e algum estudo para matar o pensamento de cousas em que não devo pensar".

Ana Amélia?... Assim fantasiava o poeta. Mas não: era sempre o mal romântico, já definido na "Lira Quebrada" dos *Últimos Cantos*:

Uma febre, um ardor nunca apagado,
Um querer sem motivo, um tédio à vida
Sem motivo também, — caprichos loucos,
Anelo doutro mundo e doutras cousas.

NO BRASIL / 1858-1862

Gonçalves Dias embarcou em Southampton no dia 8 ou 9 de agosto de 1858. Chegou ao Rio a 3 de setembro.

Não lhe sorria a demora na Côrte, que importava na convivência forçada com Olímpia em casa do sogro, na chácara dos Coqueiros na Saúde, onde estava instalado o Imperial Instituto dos Cegos. Por carta de Capanema soubera antes de deixar a Europa que a mulher se preparava a acompanhá-lo ao Norte: "Prepara-te para a tormenta!", acrescentava o amigo.

Na Comissão Científica punha êle tôdas as suas esperanças. Primeiro, a possibilidade de afastar-se da mulher, sem precisão de um rompimento formal. Depois, a evasão da burocracia fastidiosa da Secretaria: a perspectiva de voltar a redigir ofícios enchia-o de tamanho tédio, que tendo surgido dificuldades na licença, pensou até em demitir-se. Era ainda a delícia de tornar ao seu querido Maranhão, de rever os amigos da Rua Sant'Ana, de aliviar os pesares nas confidências ao dileto Alexandre Teófilo.

A própria Comissão em si interessava-o grandemente. Dava-lhe a importância de coisa "para mudar a face do Brasil". Na Europa, segundo Antônio Henriques Leal, fizera estudos especiais para melhor cumprir a sua tarefa: "Dedicou-se com inexcedível ardor a estudar craniologia; galvanoplastia para modelar os pés e as mãos dos indígenas; fotografia para retratar espécimes e paisagens; química, física e fisiologia".

Embarcou a 26 de janeiro de 1859 num vapor especialmente fretado pelo Govêrno. Chefiava-a Francisco Freire Alemão, que tinha nela a seu cargo a seção de Botânica. Os outros membros eram: Capanema (Mineralogia), Manuel Ferreira Lagos (Zoologia), Giacomo Gabaglia (Astronomia e Geografia) e Gonçalves Dias (Etnografia), também encarregado da narrativa da viagem. Sem falar do pessoal subalterno — nove adjuntos, um desenhista e numerosos outros auxiliares.

As instruções da seção de Etnografia, redigidas por Pôrto Alegre, incumbiam ao poeta uma tríplice missão: estudar os indígenas do Brasil em seus aspectos físico, moral e social.

Aportou em Fortaleza a 14 de fevereiro. No mês seguinte chegava a notícia da reforma da Secretaria dos Negócios Estrangeiros, pela qual se criavam os cargos de diretores de seção. Gonçalves Dias era nomeado primeiro oficial. Sentindo-se preterido injustamente, pensou em demitir-se tanto da Secretaria como da comissão. Nesse sentido escreveu a Paranhos a já citada carta e mandou-a a Capanema, que ainda ficara no Rio, para que êle a lesse e decidisse se devia ser entregue.

Capanema achou de bom aviso não entregar a carta, e antes a tivesse entregue, porque a comissão causou grandes aborrecimentos a Gonçalves Dias e acabou comprometendo-lhe irremediavelmente a saúde.

Um episódio sem maior importância ecoou exageradamente na Côrte, lançando sôbre o nosso poeta uma ponta de ridículo e, o que sobretudo o incomodava, a suspeita de desidioso. Foi o caso dos camelos que Capanema importara da África para ver se podiam aclimar-se ao Nordeste. Como, por motivo da sêca do ano anterior, faltassem à comissão os necessários animais de carga, resolveu Gonçalves Dias valer-se dos camelos, e um belo dia largou-se de Fortaleza à frente de uma caravana rumo a Pacatuba, êle próprio montado num dos exóticos ruminantes. Cinco léguas bastaram a moer o poeta, que abandonou a montada e voltou a Fortaleza. Os camelos foram conduzidos para Baturité, mas um deles quebrou uma perna durante a viagem e morreu. Silveira de Sousa, Presidente do Ceará, em informação ao Ministro do Império, responsabilizou a Gonçalves Dias pela morte do camelo. A história teve eco no Senado, onde Ângelo da Silva Ferraz comentou jocosamente o episódio. O poeta, que suportava tudo, "menos o que cheirasse a desafôro", desabafou num ofício têso ao Ministro.

Nascera a malfadada comissão sob o signo do ridículo. "Das borboletas" lhe chamaram logo, quando ainda estava sendo organizada no Rio. Mais tarde, por causa das aventuras mulhereingas de alguns membros da comissão, e o poeta era um dêles, passaram a apodá-la de Comissão Desfloradora... No Ceará diziam-se dela "cobras e lagartos". E tudo isso repercutia no Rio.

Todavia, quando teve afinal à sua disposição os necessários recursos, começou a trabalhar sèriamente

E Gonçalves Dias? Não tendo encontrado no interior do Ceará índios puros, senão um diminuto caldeamento de chocós perto de Milagres, resolveu seguir para o Amazonas, onde teria elementos de sobra para cumprir as instruções do programa da seção de Etnografia.

Era natural que antes de se embrenhar nas selvas amazônicas, procurasse refazer o físico e o moral na sua província, de que vivia afastado mas em que nunca deixou de pensar como um refúgio em meio de todos os seus pesares. De fato ali se demorou alguns meses, de setembro de 60 a janeiro do ano seguinte, em casa de Antônio Henriques Leal, em S. Luís, e no Mearim, no engenho Pixanuçu, de Alexandre Teófilo. Estêve também em Caxias, cêrca de mês e meio, não só para rever a mãe, como para ocupar-se de sua candidatura a deputado geral.

Havia o seu nome sido proposto por um irmão numa reunião de saquaremas, que o aceitaram com viva simpatia. Concordou o poeta em apresentar-se candidato.

Conta Antônio Henriques Leal que o poeta "voltou de sua cidade contentíssimo com a brilhante e festiva recepção que seus conterrâneos lhe fizeram". Todavia, desistiu de sua tentativa de colaborar com a Providência no govêrno do Brasil e retirou a candidatura.

Em meados de janeiro de 61 estava em S. Luís. Embarca naquele mês para Belém, dali para Cametá, e em fins de fevereiro chega a Manaus.

* * *

A grandeza do Rio Amazonas, em sua visão de conjunto, é coisa que só o avião pode descortinar. No tempo de Gonçalves Dias, só com o auxílio da reflexão é que êle se tornava assombroso.

Suas impressões estão numa carta mandada em 20 de dezembro de 61 a Antônio Henriques Leal. Essa carta é a melhor prosa que nos deixou o poeta, e está cheia de descrições admiráveis daquelas terras que se esboroam e se refazem com surpreendente facilidade.

Soberba página, que devia estar recolhida nas antologias, igual às melhores de Alencar e já com o ante-sabor das de Euclides da Cunha.

Chegando a Manaus a 9 de outubro, recebeu logo depois notícias que lhe causaram sérias apreensões. Uma relacionava-se ao caso de uma menina de Fortaleza, cuja paternidade lhe era atribuída pela mãe, amante de passagem, criatura de condição inferior e procedimento irregular. O poeta aceitou de pronto a responsabilidade e tencionava entregar a filha a D. Mariquinhas, mulher de Alexandre Teófilo, para que esta a criasse e educasse. Eis que em Manaus recebe de amigos do Ceará denúncia de que a menina não era sua filha! Comentou êle jocosamente o caso em carta a Alexandre Teófilo, mas a verdade é que lhe pesou da paternidade frustrada.

O outro caso foi mais grave. Grave na fantasia do poeta, pois na realidade não tinha nenhuma importância, ou melhor, era um fantasma criado pela sua imaginação doentia. Algum desafeto ou amigo urso, algum intrigante mandou-lhe do Rio um número da revista *A Semana Ilustrada*, onde vinha uma caricatura — um cantor de ópera no papel de trovador, de copa em punho, tendo ao lado as palavras *Il segreto per esser felice*, e junto um medalhão com um busto de mulher, ridiculamente magra e feia entre as palavras *Phydias epoiei* em caracteres gregos; envolvia por baixo o medalhão a legenda “Medalha representando uma *Traviata Romana* descoberta nas escavações de Herculano”.

O autor da caricatura, que se assinava C., ou alguém que lhe soprou o grego, não era forte na língua. Fídias em grego é “*Pheidias*” e não “*Phydias*”. “*Epoiei*” pertence ao verbo “*poieio*”, que significa fazer, produzir, criar (donde “*poietés*” o que cria, o que inventa, o poeta). O dicionário de Chassang dá o exemplo *Lysippos epoiei*, traduzindo “Lisipo é o autor desta estátua”.

Que havia em tudo isso de relacionado com Gonçalves Dias? Vereis como o diabo as arma. Parece que a mulher apresentada como “traviata” tinha alguma semelhança com D. Olímpia, espôsa do poeta, e “*Phydias*” em caracteres gregos podia ser interpretado, como se pode verificar da reprodução que damos do desenho, por O. G. Dias (Olímpia Gonçalves Dias)*.

Já anteriormente, por incrível que pareça, suspeitara o poeta da espôsa.

Capanema, que aliás não gostava de D. Olímpia, interrogado pelo amigo sobre o sentido de certas frases ditas em Paris que pareciam insinuar alguma coisa sobre a conduta da pobre senhora, respondeu de maneira que não podia deixar dúvida num espírito normal.

Foi nesse estado de espírito, de aversão e suspeita em relação à espôsa, que caiu como semente em terreno bem adubado a caricatura da revista carioca. Em vão Capanema, sabedor do caso, informou-lhe que no Rio ninguém dera por aquilo e procurou pô-lo em guarda contra os mexericos: “Atende bem que eu não tenho sabido da menor cousa”. E ao próprio sogro ousou Gonçalves Dias tocar no assunto, advertindo: “É bom saber de cousas que, segundo parece, somos os de casa os que só tarde sabemos”.

A resposta do Dr. Cláudio, em que tudo ficava meridianamente explicado, não desvaneceu, no entanto, as suspeitas do genro, o que mostra o estado de perturbação em que se achava o poeta.

Muito sofrera no corpo e no espírito nesse ano de 61. Mas os sofrimentos tiveram a força de reacender-lhe a inspiração poética, apagada desde 55. “Creio que estou em maré de poesia”, escreveu então a Antônio Henriques Leal. “Tenho escrito até sátiras!... Lá vai uma”.

A sátira enviada a Leal foram os versos “Que Causa é um Ministro”, certamente dirigidos contra Sérgio Teixeira de Macedo, Ministro do Império, aquêle mesmo ao qual dirigira o poeta um ofício desaforado a propósito do caso dos camelos. Produção fraquíssima, porque Gonçalves Dias, tão engraçado na conversação e na correspondência, tão delicado na poesia amorosa, tinha a mão pesada e contrafeita no gênero

* Vide na “Reportagem Iconográfica”, p. 55 e ss.

satírico. Nem parece o mesmo poeta o autor quase alvar dessa e de outras produções incluídas por Antônio Henriques Leal nas *Obras Póstumas* — “A Certa Autoridade”, os sonetos de 48 feitos no Rio, as duas sátiras contra Alexandre José de Melo Moraes, etc.

Não escreveu só sátiras. A lembrança da filha, reavivada pela frustrada paternidade do Ceará, inspirou-lhe várias poesias, “como mo comunicou em mais de uma carta”, diz Antônio Henriques Leal, das quais apenas se conservou uma — as “Estâncias”.

Superiores, porém, e dignas de figurar ao lado das melhores dos *Cantos* são as poesias que ainda lhe suscitou a dor de ter perdido a felicidade com Ana Amélia: “Oh! que Acordar!”, “Se Muito Sofri”, “No Jardim”, “A Baunilha”, “Se te Amo, Não Sei” e “Como! és tu?”, a mais bela de tôdas.

* * *

Não veio o poeta diretamente para o Rio: parou alguns dias no Maranhão. “Estava triste”, conta Antônio Henriques Leal, “desconcertado, taciturno, visivelmente contrariado e por vêzes como que alucinado”. Ao chegar ao Rio, em dezembro de 62, sentia-se “um poço de moléstias — do fígado, dos rins e do coração, de uma, de duas ou das três cousas. O que Deus quiser, e seria muito bom que êle o quisesse *para muito cedo*”.

A saúde de Gonçalves Dias nunca fôra boa. Quando ainda estudante em Portugal, aos vinte e um anos, sofrera o primeiro ataque de reumatismo, para o que teve de recorrer, a conselho médico, aos banhos termais de Gerez. Chegando pela primeira vez ao Rio, vinha com dores de dentes, que êle atribuía ao vício do charuto ou à sífilis. Os médicos diagnosticaram a sífilis. Nesse mesmo ano, em setembro, é acometido de uma orquite, que durou quinze dias. Em 50 adoeceu de febre amarela. Em 56 apanha em Évora febre terçã. Em agosto, no Ceará, sofre um acesso de malária, com escarros de sangue. No ano seguinte, em Manaus, é operado de escrófulas no pescoço.

Já não considerava Olímpia a sua família. No Rio não se hospedou na casa do Dr. Cláudio, onde vivia a mulher. Hospedou-se em hotel. Olímpia deixou a companhia do pai e tomou casa na Rua do Catete e depois na Praia do Flamengo, certamente esperando que o marido viesse morar com ela. Mas Gonçalves Dias não voltou a coabitar com a espôsa. Contudo visitava-a. Visitava também o sogro e de uma feita deu-lhe um relógio, “um lindo relógio”, para a cunhadinha Nhanhã e setecentos mil-réis, quinhentos destinados à compra de um piano para Olímpia, e duzentos para a Nhanhã comprar um presente para Maria Benedita, a outra cunhada, de quem aliás não gostava.

Tudo isso mostrava que acabara convencido da sem-razão de suas suspeitas e, embora resolvido a não fazer mais vida de casado com Olímpia, procurava viver *pro forma*, “salvando aparências, que de nenhum modo se salvam, com o inconveniente de me pôr num estado de irritação e susceptibilidade difícil de descrever-se”.

Êsse estado de irritação e susceptibilidade ressuma violentamente de sua carta de 5 de fevereiro a Antônio Henriques Leal: “Achei aqui um inferno...” “Esta atmosfera do Rio pesa-me, e estou vendo a hora em que estalo de dor! e só peço a Deus que isso aconteça bem cedo!”

Via a gravidade de suas condições físicas nas próprias atenções de que era alvo por tôda a parte. Sem ter comunicado a sua chegada nem onde morava, era visitado por Ministros, Conselheiros, Senadores, Deputados, homens de letras e jornalistas. A imprensa festejava-o "não como a um amante que volta, mas como um amigo que sofre". Nas ruas mesmo, quando passeava desanimado, sentia a cada passo a simpatia dos desconhecidos que o conheciam e o admiravam: "Essa mocidade inteligente e benévola do Rio, que me aprecia muito além do que valho, parece compreender, vendo-me, que há em mim o quer que seja que me alquebra o corpo, depois de me ter acabrunhado o espírito". O próprio Imperador interessou-se vivamente pela saúde do poeta, recomendando a um amigo dêle que o metesse num carro e o levasse para fora do Rio. Quando visitado por Gonçalves Dias, falou-lhe muito em versos — "como se eu estivesse de cabeça para os fazer", comentou com mau humor o poeta.

Tomara posse do lugar de primeiro oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros, mas não reassumira as funções. Obteve, como membro da Comissão Científica, três meses de licença, com os vencimentos e logo que concluiu o folheto sôbre a história daquela comissão, tratou de embarcar para São Luís. Ali contava, quando melhorasse, redigir o relatório dos trabalhos de sua seção.

* * *

Embarcou o poeta a 7 de abril de 62 com destino ao Maranhão. Mas chegando ao Recife e consultando o médico Dr. Sarmiento, dissuadiu-o êste de prosseguir viagem, aconselhando-o a fugir quanto antes da zona tórrida, a procurar nos climas temperados da Europa meridional possíveis melhoras para a sua saúde.

A Antônio Henriques Leal escreveu o poeta: "Ia tratar de mim no Maranhão; mas o diabo me não dá licença para isso. Partirei talvez para Europa e sem dinheiro".

Não era o diabo, era êle próprio que não lhe dava licença. Porque quando falava em morrer "e quanto mais cedo melhor", não exprimia o seu desejo mais profundo, que era viver — viver apesar de tudo, por isso ou por aquilo, provàvelmente para terminar as obras que tinha em mente, e especialmente a sua História dos Jesuítas. De outro modo, teria continuado viagem para São Luís, a morrer como sonhava, no Maranhão, e assim o dissera a Alexandre Teófilo: "Quero morrer lá no meio de meus amigos, no seio de minha família!"

Não lhe foi fácil conseguir passagem no brigue francês *Grand Condé*. O comandante receava que Gonçalves Dias não resistisse à travessia, que por causa dêle se visse obrigado à quarentena em Marselha, nem lhe convinha tomar mantimentos para um único passageiro. Todavia tôdas as dificuldades foram removidas por interferência de várias pessoas qualificadas do Recife, sobretudo o Dr. Sarmiento e José Vasconcelos, diretor do *Jornal do Recife*.

De bordo do *Apa* passou-se Gonçalves Dias para o *Grand Condé*, que largou do Recife em 20 de abril. Olímpia, contra os conselhos do pai, partira do Rio, para juntar-se ao marido no Maranhão. Chegou tarde, porém, quando o poeta já ia longe.

As páginas do diário escrito por Gonçalves Dias a bordo do *Grand Condé* pintam ao vivo os sofrimentos do poeta, assim como o seu estoicismo, a sua capacidade de resistência, tão grande que em tão depauperado estado ainda achava forças para ler o Ariosto e pensar em prosseguir na tradução da *Noiva de Messina!*

NA EUROPA / 1862-1864

O *Grand Condé* chegou a Marselha no dia 14 de junho. Por ter havido falecimento a bordo, estêve uma semana de quarentena, e o consignatário do brigue em Paris, imaginando que o morto não podia ser outro senão o passageiro embarcado quase moribundo, mandou para o Recife ao Sr. Teste a falsa notícia do passamento de Gonçalves Dias. Transmitiu-a ao público o *Jornal do Recife* e em poucos dias todo o país tomava conhecimento do fato e lastimava conternado a morte do grande poeta dos *Cantos*. A 24 de julho estava o Instituto Histórico em sessão presidida por Pedro II quando chegou a notícia. Propôs logo o Imperador a suspensão dos trabalhos em homenagem ao poeta e finado consócio. Na Côrte e nas províncias celebraram-se ofícios fúnebres e não houve jornal que não fizesse em sentido necrológico o elogio daquele que era considerado o maior poeta do Brasil. Antônio Henriques Leal alista vinte e cinco nênias então publicadas, figurando entre os autores delas Joaquim Serra, Juvenal Galeno e Bernardo Guimarães.

Dois meses depois o próprio poeta desmentia a notícia: "É mentira! não morri! nem morro, nem hei de morrer nunca mais — *Non omnis moriar!* como diz o mestre Horácio." Escreveu mesmo uma espirituosa página sôbre o assunto para José de Vasconcelos, o diretor do *Jornal do Recife*.

A falsa notícia do falecimento de Gonçalves Dias teve a boa consequência de mover o Govêrno a aliviar-lhe a situação material, que era precaríssima.

De saúde melhorara um pouco. Fizeram-lhe bem as águas de Vichy. Quando chegou a Dresda, depois de uma cura de banhos em Marienbad, Pôrto Alegre, que desempenhava as funções de cônsul do Brasil, achou que voltara ao poeta "o brilho, a agudeza de engenho, a constante alegria que lhe vimos".

Em Dresda entrou novamente em entendimento com o editor Brockhaus para uma quarta edição dos *Cantos*, que incluiria a tradução da *Noiva de Messina*. Com êle se desentendera em 1860 a propósito da terceira edição, tirada pelo livreiro alemão com autorização do poeta sob a condição de só ser vendida na Europa. Ora, Brockhaus, violando a combinação, introduzira-a no mercado brasileiro, por intermédio do livreiro francês Moré.

Essa quarta edição, que não chegou a ser feita em vida do poeta, trouxe-lhe grande aborrecimento, porque, anteriormente à proposta de Brockhaus, Joaquim Manuel de Macedo assinara no Rio, em nome de Gonçalves Dias, um contrato com B. L. Garnier para uma edição aumentada dos *Cantos*, contrato que ficaria sujeito à ratificação das duas partes

em Paris. Quando a notícia do entendimento com Brockhaus chegou a Garnier, julgou-se este lesado e escreveu sobre isso ao editor de Leipzig. Brockhaus comunicou o fato a Gonçalves Dias, que, indignado de se ver tratado como um leviano, adoeceu.

Três meses esteve Gonçalves Dias, quase entevado, em casa de Pôrto Alegre. Quando melhorou, foi convalescer em Teplitz, cujos banhos lhe foram aconselhados para o reumatismo. Em 2 de junho escrevia a Antônio Henriques Leal: "A 12 ou 15 deste devo estar em Carlsbad; lá estarão também Pôrto Alegre e Magalhães: é uma reunião do Parnaso brasileiro reumático-hepático". De fato esteve em Carlsbad, que "não lhe fez bem nem mal". Aconselharam-me para a garganta as águas de Ems e de Weilbach. "Fico hidrófobo, decerto", comentou.

Agora não apenas o fígado, sempre "a estremecer-se" com qualquer emoção (e a questão Christie foi uma delas), e o reumatismo que o incomodavam: a laringe preocupava-o, estava quase afônico, e os médicos prescreveram-lhe o clima dos Pirineus. Resolveu consultar em Berlim um especialista da garganta. De Berlim seguiu para Bruxelas, onde lhe foi amputada a campainha. Ali se demorou cerca de um mês parte de agosto e parte de setembro. Não foi para Ems nem Weilbach: dirigiu-se a Schweizermühle, estação de banhos, tocado por aquela "necessidade urgente de andar por este mundo de Cristo atrás da saúde, a ver se a encontro em alguma parte". Não parou lá muito tempo. Em fins de setembro viajava para Paris a fim de consultar uma celebridade em laringologia, o Dr. Fauvel. Iniciou este um tratamento de cauterizações, prevenindo o doente que se no fim de um mês não o pusesse bom, é que não lhe estava nas mãos obter outros resultados.

Pecuniariamente a sua situação iria melhorar, porque tendo falecido em abril João Francisco Lisboa, moveram-se no Rio os amigos de Gonçalves Dias para que ele voltasse à comissão de pesquisa de documentos históricos em Portugal. E o conseguiram por ato do Marquês de Olinda, em 5 de setembro. Os vencimentos seriam de quatrocentos mil-réis mensais e mais um conto e quinhentos para as despesas de cópias. Hesitou o poeta em aceitar a nomeação, porque lhe convinha antes de tudo tratar da saúde, por outro lado estava a extinguir-se a licença de seis meses com metade dos vencimentos, concedida em março. Acabou aceitando. Estava melhor, e embora queixando-se sempre da garganta, tornou ao trabalho em Lisboa, para onde seguiu por mar, embarcando em Bordéus a 25 de outubro. Não só iniciou as tarefas da comissão, como retomou a atividade literária, terminando a tradução da *Noiva de Messina* e coligindo documentos que interessavam à *História dos Jesuítas*.

Não estava em maré de versos. Tentou fazê-los, mas confessou que se em Dresda lhe saíam "hidrópicos", em Lisboa lhe saíam "mirrados e tísicos". Há nas *Obras Póstumas* três poesias datadas de Lisboa: "A D. Emília", "Musa Gentil", em cujos versos o poeta vê "um mimo tal que a pátria nos recorda", as oitavas "É alegre a flor que brota", que parecem inspiradas na mesma D. Emília, e "Seu Nome", dada como imitação e cuja última estrofe parece indicar que foi feita para Ana Amélia.

Na sua esterilidade de cantor sem voz, comparava-se a "um frango com gôgo que apenas pode chilrear um quiri-quiri desengraçado e

ridículo". Sentia-se como "um prédio velho, que fende e desaba por todos os lados, e que só à custa de sacrifícios e de incrível paciência se vai agüentando nos espeques."

À chegada da primavera agravaram-se-lhe os padecimentos, com uma angina e gastrite: perdeu a fala, o sono, o apetite e passou quinze dias a caldos, e êstes aliás tomados com extrema dificuldade. Nesse estado embarcou para Paris, aonde chegou em fins de abril, tão afônico que não saía à rua senão para consultar médicos, porque não conseguia dizer os endereços aos cocheiros. Melhorou alguma cousa em Aix-les-Bains, onde se demorou cêrca de dois meses, maio e junho. Ali recebeu de José Bonifácio, o Mõço, Ministro do Império, comunicação da dispensa dos seus serviços nos arquivos europeus, por medida de economia.

Não é crível que José Bonifácio, poeta e admirador de Gonçalves Dias, procedesse assim, inspirado em tão fraco pretexto administrativo: sem dúvida foi instado de pedidos que não podiam partir senão da pessoa mais interessada na volta de Gonçalves Dias, D. Olímpia, e julgou que faria bem ao doente voltar ao Brasil.

Trataram logo os amigos de acudir ao poeta sem recursos. Pôrto Alegre ofereceu-lhe fraternalmente hospedagem. No Rio, Capanema e Macedo procuraram que lhe fôsse restabelecida a gratificação de membro da Comissão Científica, mas conseguiram apenas que lhe dessem duzentos mil-réis mensais, e isso mesmo só para o exercício de 64. O próprio Imperador mexeu-se, mandando-lhe auxílio do seu bôlso.

Nada disso, porém, dava a Gonçalves Dias uma situação estável. Temendo o inverno já próximo, resolveu ceder aos reiterados convites de Antônio Henriques Leal, que lhe acenava com as doçuras do Maranhão, o clima tépido e igual, o afeto dos amigos do peito. Esperava que a travessia marítima lhe fizesse bem, e que não fizesse: "não seria pequena fortuna acabar a gente como quer e onde quer... legando as últimas palavras, o último riso, as últimas lágrimas a quem amou na vida..."

Pretendia embarcar na companhia de Odorico Mendes. Combinaram os dois amigos a viagem, fixando para o dia 25 de agôsto a partida para Lisboa, onde tomariam o vapor rumo ao Maranhão, pelo qual ambos tanto suspiravam. Nem um nem outro, porém, pôde desfrutar o consôlo de tornar a pisar o solo da província cara. Odorico Mendes, desejando despedir-se de amigos em Londres, lá faleceu súbitamente num trem. Gonçalves Dias, consternado, adiou o embarque, muito para salvar os manuscritos do amigo.

Sabendo que no dia 10 de setembro sairia um navio do Havre para o Maranhão, cuidou de tomar passagem nêle. Comunicou-o a Antônio Henriques Leal, reafirmando as suas esperanças de tirar proveito da viagem: "mas mesmo quando me dê mal e muito mal, é ainda mais do que provável que tenha o prazer de te dar um abraço".

Antes de deixar Paris, escreveu os seus últimos versos — "Minha Terra!" Uma segunda "Canção do Exílio", muito fraca, mas preciosa pela circunstância de resumir as vivências do poeta no estrangeiro.

A ÚLTIMA VIAGEM

10 DE SETEMBRO — 3 DE NOVEMBRO DE 1864

O navio em que embarcou Gonçalves Dias — o *Ville de Boulogne* — era um velho brigue veleiro, com uma equipagem de doze homens apenas. O poeta seria o único passageiro. Tão precário era o seu estado de saúde, que Vasconcelos Drummond, ex-ministro do Brasil em Roma e em Lisboa, residente havia alguns anos em Paris, e a senhora, fizeram questão de o acompanhar até o Havre e recomendar ao comandante do navio cuidados especiais para o doente.

A 9 de setembro já Gonçalves Dias estava a bordo, e o *Ville de Boulogne* largou no dia seguinte para uma travessia que ia durar cinquenta e três dias e acabaria pelo naufrágio nos baixos dos Atins, à vista da costa do Maranhão. Morreu o poeta na confusão do naufrágio e nem o seu corpo foi encontrado: provavelmente o devoraram os tubarões, abundantes naquelas paragens.

Os depoimentos dos homens da tripulação afirmam que muitos dias antes do sinistro o estado de Gonçalves Dias era desesperador: não podia falar nem comer, e para sair do leito precisava ser carregado. Parece que durante toda a viagem teve, da parte de todos, os cuidados de que necessitava. O cozinheiro de bordo esmerava-se em fazer-lhe comida que lhe vencesse o fastio e a dificuldade de deglutir. O môço da câmara assistia-o freqüentemente e tinha ordem do comandante para satisfazer a todos os desejos do doente; por mais de uma vez quando lhe servia água com açúcar, ouviu-o dizer que não tinha nenhuma esperança de chegar ao Maranhão.

A respeito do estado de Gonçalves Dias na ocasião do naufrágio é que os depoimentos são muito contraditórios. O imediato disse que, “tendo a cautela de lançar os olhos para o passageiro, viu que êste se achava morto, apesar da fraca luz que vinha da bitácula”. Mas outro marinheiro declarou que “ao retirar-se do lugar em que se achava ajudando os seus companheiros a fazer o navio virar de bordo, vira fora do leito as mãos do passageiro que moviam-se levemente fechando e abrindo os dedos”. Em quatro depoimentos se diz que na ocasião de descerem os náufragos para a chalupa o capitão mandara dois marinheiros buscar o passageiro ou o seu cadáver, ordem que não pôde ser cumprida porque a câmara já estava totalmente inundada e não se podia chegar sem grande risco ao lugar onde estava o passageiro. O que se passou, com certeza, é que, na confusão do sinistro, trataram o comandante e equipagem de salvar o navio, só se lembrando do poeta quando viram baldados todos os esforços, mas então era tarde.

Em relação à bagagem do poeta, mencionaram alguns tripulantes do *Ville de Boulogne* três malas, uma grande e duas pequenas, que estavam no porão, e uma mala-saco de viagem, guardada na câmara junto ao camarote do passageiro. Outro marinheiro citou ainda uma pequena caixa existente sôbre a mesa da câmara, contendo medicamentos e outros objetos. A Antônio Henriques Leal falou o môço da câmara de

uma maleta de couro, tão zelada por Gonçalves Dias, que trazia pendurada ao pescoço a chave dela. Havia dentro, informou ainda, alguns objetos de ouro, dinheiro e muita coisa escrita em livros, cadernos e fôlhas avulsas, o que teve ocasião de ver muitas vêzes "por só dêle confiar essa chave para abri-la em sua presença e ir-lhe dando um ou outro manuscrito, conforme sua indicação". Recebeu Leal da Alfândega dois baús com alguma roupa e muitas cartas de amigos do poeta, mas quando lhe chegou às mãos a tal mala, não encontrou nela senão umas camisas, calças e botinas velhas, cartas e uma dentadura postiça. Conta ainda Leal Leal que o subdelegado de San João de Cortes fizera entrega a um certo Francisco Antônio Martins

da roupa, cartas, alguns livros, um álbum e muitos manuscritos, quer em fôlhas avulsas quer em cadernos e livros, um com o título *Noiva de Messina*. cujas páginas do lado esquerdo eram escritas a mão e as do direito tinham grudadas fôlhas de livro impresso cujos caracteres desconhecia, parecendo-lhe góticos; um dicionário da língua tupi ou geral, impresso e todo emendado às margens e entre as linhas pela mesma letra da precedente obra.

Leal empregou todos os esforços no sentido de obter essas relíquias, mas em vão. Quando residiu em Lisboa, soube por um negociante do Maranhão que ali passou, da existência em Alcântara daquele dicionário; e mais, que se vendiam na cidade maranhense fotografias de celebridades européias, com os respectivos nomes no verso, escritos pela mão de Gonçalves Dias; exibiu-lhe mesmo uma delas, a de Victor Hugo.

M. B.

CRONOLOGIA DA VIDA E DA OBRA *

1823. — 10 de agosto: Nascimento de Antônio Gonçalves Dias no sítio Boa Vista, em terras de Jatobá, a 14 léguas da vila de Caxias. Seu pai, o comerciante João Manuel Gonçalves Dias, natural de Trás-os-Montes, ali se escondera com a amante, para fugir à perseguição dos nacionalistas, que haviam ocupado a vila no dia 1.º; sua mãe, Vicência Ferreira, era mestiça de côr acobreada, provavelmente produto do cruzamento dos três sangues — branco, negro e índio. Dias depois do nascimento do filho, João Manuel retira-se para São Luís e ali embarca para Portugal.

1825. — Regresso de João Manuel, que se restabelece com a amante e o filho em Caxias, na Rua do Cisco.

1829. — João Manuel despacha Vicência para casar-se com a Sra. Adelaide Ramos de Almeida, de quem teve quatro filhos: Joana, José, Domingos e João Manuel. Vicência teve depois, de outro ou outros pais, mais três filhos: Carlota, Vicência ou Maria, e Sebastião, que se assinava Correia de Araújo.

1830. — Gonçalves Dias é matriculado na aula de primeiras letras regida pelo Professor José Joaquim de Abreu.

1831. — João Manuel retira o menino do colégio e dá-lhe como professor de caligrafia e contas o seu caixeiro e parente Antônio.

1833. — Gonçalves Dias começa a servir na casa comercial do pai como caixeiro e encarregado da escrituração. Primeiras leituras: *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, de Vasco de Lobeira; *Paulo ou a Herdade Abandonada*, o *Cego da Fonte de Santa Catarina*, *História de Portugal*, *Vida de D. João de Castro*.

1835. — Gonçalves Dias é retirado do balcão e matriculado no curso do Professor Ricardo Leão Sabino, onde começou a estudar Latim, Francês e Filosofia.

1837. — Maio: João Manuel, sentindo-se doente, parte para São Luís, onde pretendia embarcar para Portugal, levando Gonçalves Dias, que iria completar a sua educação em Coimbra. — 13 de junho: Falece João Manuel em São Luís. Volta o menino para Caxias e é acolhido pela madrastra.

1838. — 13 de maio: Parte Gonçalves Dias para São Luís, onde embarcará para Portugal na companhia do ferreiro português Bernardo de Castro e Silva, vizinho e inquilino de D. Adelaide. — Outubro: Chegada a Coimbra. Entra para o Colégio das Artes, onde, sob a direção do Prof. Luís Inácio Ferreira, estuda Latim e letras clássicas, ao mesmo tempo que toma lições particulares de Retórica, Filosofia e Matemática. Morava em casa do Padre Bernardo Joaquim Simões de Carvalho.

1839. — D. Adelaide, tendo sofrido grandes prejuízos com a Balaiada, manda que Gonçalves Dias se recolha à casa do correspondente, o ferreiro Bernardo, em Figueira da Foz, até que possa embarcar para o Maranhão. — Outubro: Ao reabrir-se as aulas da Universidade, João Duarte Lisboa Serra,

* Baseada no *Panteon Maranhense*, de Antônio Henriques Leal, e nas pesquisas posteriores de M. Nogueira da Silva e Lúcia Miguel Pereira.

sabendo da situação de Gonçalves Dias, convida-o a vir morar com êle e os colegas Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, Joaquim Pereira Lapa e José Hermenegildo Xavier de Moraes, a expensas dos quatro, no Colégio dos Lóios.

1840. — Maio: Gonçalves Dias, desatendido no apêlo que fêz à madrastra, aceita o oferecimento dos amigos. — 31 de outubro: Matricula-se na Universidade depois de aprovado nos exames preparatórios.

1841. — Primeiro ataque de reumatismo. Entra em relações com o grupo da *Gazeta Literaria*, dirigida por José Freire de Serpa Pimentel. — 3 de maio: Festa organizada pelos estudantes brasileiros para comemorar a aclamação de D. Pedro II; Gonçalves Dias recita uma ode sua alusiva ao acontecimento. Passa as férias em Lisboa, onde se apaixona pela filha da dona da pensão, provavelmente a *Hospedaria Nacional*, só não casando por intervenção de Alexandre Teófilo. Entusiasmado com a voz da prima-dona Violeta Gazeroli, que ouviu no Teatro São Carlos, começa a estudar o italiano.

1842. — Mora com os amigos à Rua de São Cosme, n.º 5 e depois recebendo dinheiro do Maranhão, muda-se para a Rua de São Salvador, n.º 170. Namôro com a môça Engrácia, que lhe inspira os versos de "Inocência", a única poesia que deixou imprimir em Portugal n' *O Trovador*, revista de poesia dirigida por João de Lemos. Namôro com uma môça de Formoselha, nos arredores de Coimbra. Começa a escrever o romance *Memórias de Agapito Goiaba*. Nas férias volta a Lisboa.

1843. — Julho: Escreve a "Canção do Exílio". — Outubro: Vai residir com os colegas Antônio Rêgo e Pedro Nunes Leal à Rua do Correio, n.º 60. Começa a estudar alemão. Escreve os dramas *Patkull* e *Beatriz Cenci*.

1844. — Toma parte na campanha de alguns estudantes contra o Padre Lins Teixeira, professor da cadeira de Direito Civil, escrevendo um artigo para a imprensa. — Julho: Sabe que em Gerez uma irmã, filha natural de seu pai, fôra seduzida por um primo; parte para lá e obtém reparação da ofensa.

1845. — Janeiro: Vem para o Pôrto e embarca no fim do mês para o Maranhão no brigue-barca *Castro II*, com passagem a pagar em São Luís. — Março: Chega a São Luís, ficando em casa de Alexandre Teófilo. — No dia 6 parte para Caxias. Hospedou-se em casa da madrastra. Foi nomeado para uma banca examinadora de mestras de meninas, cargo de que em junho já estava demittido. — 9 de maio: Recita no Teatro Harmonia o poema "A Restauração do Rio Grande do Sul" e "Ao Nascimento do Herdeiro Presuntivo" — Junho: Começa a escrever a *Meditação*. — 28 de julho: Recita no mesmo teatro o poema "Ao Aniversário da Independência do Maranhão". — 1.º de agosto: Recita no mesmo teatro o poema "Ao Aniversário da Independência de Caxias". — Setembro: Envolve-se nas eleições municipais, filiado ao grupo "cabano", partido de opposição aos "bem-te-vis" (liberais), o qual editava o jornal *O Brado de Caxias*. — 2 de dezembro: Recita no Teatro Harmonia o soneto "Ao Aniversário de Sua Majestade Imperial". — Durante a estada em Caxias retoca o drama *Beatriz Cenci*.

1846. — Janeiro: Retira-se de Caxias, onde se sentia "como em terra estranha" e chega em fins do mês a São Luís, hospedando-se em casa de Alexandre Teófilo, à Rua de Sant'Ana, n.º 58. — 6 de fevereiro: Escreve as poesias "Seus Olhos" e "A Leviana", inspiradas pela menina Ana Amélia Ferreira do Vale, prima e cunhada de Alexandre Teófilo. — 8 de maio: Conclui a *Meditação*. — Junho: Alexandre Teófilo obtém de Ângelo Moniz, vice-presidente do Maranhão, uma passagem de Estado para Gonçalves Dias se transportar ao Rio. — Dia 14: Embarque do Poeta no vapor *Imperador*. — 7 de julho: Desembarque no Rio. Instalação provisória no *Hôtel de l'Univers*, situado no Largo do Paço, n.º 14. Chegou adoentado, com a bôca em ferida por causa do creosoto aplicado contra dores de dentes, o que attribuía ao charuto ou à "gálica". — Agosto: Estão em provas no Laemmert os *Primeiros Cantos*. O Poeta estuda a matéria para o drama *Leonor de Mendonça*, consultando todas as manhãs, das 9 às 2 da tarde, crônicas velhas na Biblioteca

Pública, então funcionando no Largo da Lapa n.º 46. — Setembro: É acometido de orquite durante quinze dias. — 2 de outubro: Vai, em companhia de Lisboa Serra, entregar o drama *Beatriz Cenci* ao presidente do Conservatório Dramático, o escritor português Diogo Soares da Silva Bivar. — Frequenta os bailes do *Tivoli*. Namôro com uma judia. — Novembro: O drama é recusado como imoral pelo Conservatório, que entretanto lhe louva a invenção, disposição e estilo. Trava conhecimento pessoal com Odorico Mendes. — Novo caso amoroso com uma môça solteira, que lhe inspira os "Motes Glosados". — É aprovado pelo Conservatório o drama *Leonor de Mendonça*. No fim do ano estava residindo à Rua da Misericórdia, em frente à casa de Lisboa Serra, onde fazia as refeições.

1847. — Janeiro: Aparecem os *Primeiros Cantos*, impressos na Tipografia Universal de Laemmert, Rua do Lavradio, 53, e trazendo no frontispício a data de 1846; eram vendidos em casa de Eduardo e Henrique Laemmert, à Rua da Quitanda, 77. A impressão correu por conta do Poeta e custou 900\$000. — Começa a trabalhar nas *Sextilhas de Frei Antão*. — 6 de fevereiro: Corre perigo numa aventura amorosa, em que foi apanhado "com a bôca na botija". Março: João Caetano recusa levar o drama *Leonor de Mendonça*. — 14 de abril: Publica o jornal *Sentinela da Monarquia*, sob o pseudônimo de "Hyeronimus", o primeiro artigo que aparece na imprensa sôbre os *Primeiros Cantos*. 2 de setembro: Entra para o Instituto Histórico, proposto por Pôrto Alegre. — 7 de setembro: Pronuncia o discurso de abertura do Liceu de Niterói, recém-criado, e para o qual fôra nomeado secretário e professor adjunto de Latim, com o ordenado anual de 1 conto de réis; foi o único discurso que proferiu em tôda a sua vida. — Setembro: Encerra-se o prazo do concurso aberto pelo Instituto Histórico para uma obra sôbre a "História dos Jesuítas no Brasil": o Poeta desistiu de concorrer porque se convencera que "escrever a História dos Jesuítas no Brasil equivale a escrever a História do Brasil". — 30 de novembro: Publicação na *Revista Universal Lisbonense* do artigo de Alexandre Herculano sôbre os *Primeiros Cantos*. — Nesse ano o Poeta namora três môças ao mesmo tempo, uma das quais lhe inspira a poesia "Os Suspiros".

1848. — 6 de abril: Recita no Instituto Histórico o "Canto inaugural", em que se celebra a memória de Januário da Cunha Barbosa. — Maio: Solicita quatro meses de licença para ser redator dos debates do Senado no *Jornal do Comércio* e da Câmara no *Correio Mercantil*. — Junho: Aparecem os *Segundos Cantos* e *Sextilhas de Frei Antão*, impressos na Tipografia Clássica, de José Ferreira Monteiro. — Nesse ano começa a colaborar no *Correio Mercantil* (crônicas e folhetins teatrais), no *Correio da Tarde*, novo nome da *Sentinela da Monarquia* (crítica literária sob o pseudônimo "Optimus criticus" e na *Gazeta Oficial*. — Duas mulheres o interessaram: uma viúva de seus trinta anos e a môça solteira que lhe inspirou a poesia "Olhos Verdes".

1849: no dia 5 de março é nomeado professor de Latim e História do Brasil no Colégio de Pedro II. — 2 de dezembro: Aparece o primeiro número da revista *Guanabara*, que os seus fundadores — Joaquim Manuel de Macedo, Pôrto Alegre e Gonçalves Dias — vão levar pessoalmente ao Imperador. Notou D. Pedro que, ao contrário dos companheiros, não trazia o Poeta nenhuma condecoração, e nesse mesmo dia manda inscrever-lhe o nome entre os agraciados com o hábito de cavaleiro da Ordem da Rosa.

1850. — Muda-se para a Rua da Assembléa, n.º 55, onde pouco se demora, e depois para a Rua dos Latoeiros (atual Gonçalves Dias) n.º 56. Aí adoeceu de febre amarela. — Abril: Ainda convalescente dá os últimos retoques no drama *Boabdil*. — Maio: Ao se reabrirem as Câmaras não quis reassumir as funções de redator dos debates. — Junho: Deixa a redação de *Guanabara*.

1851. — Aparecem no princípio do ano os *Últimos Cantos*, impressos na tipografia de F. de Paula Brito, Praça da Constituição n.º 64. — Trava

conhecimento num baile com D. Olímpia Coriolana da Costa, filha do médico Cláudio Luís da Costa, sua futura espôsa. — 21 de março: Parte para São Luís, no vapor *Baiana*, incumbido pelo Governo de estudar a instrução primária, secundária e profissional nas províncias do Norte e de colhêr documentos históricos nos arquivos provinciais. — Abril a julho: Visita em São Luís colégios e seminários, bibliotecas e arquivos. — Apaixona-se por Ana Amélia. — Em agosto estava no Pará, onde permaneceu no mínimo até 10 de setembro. — Em princípio de outubro volta a São Luís. Vai com Alexandre Teófilo e a família dêste conhecer o engenho Pixanuçu, propriedade do amigo no interior da província, às margens do Mearim. — Novembro: Antes de partir para o Ceará escreve à última hora a D. Lourença Ferreira do Vale, que estava em Alcântara, pedindo-lhe a filha Ana Amélia em casamento. — Em dezembro se achava na Paraíba.

1852. — Janeiro: Recebe no Recife a carta em que D. Lourença lhe nega a mão da filha. — Março: Oferecem-lhe um cargo político na província do Amazonas, recentemente criada. — Em maio estava na Bahia. — 1.º de junho: Chega ao Rio e vai hospedar-se em casa de Secundino Gomensoro, em cujo navio viajara. — 29 de julho: Apresenta o relatório da comissão desempenhada no Norte. — Agosto: Pede a D. Olímpia da Costa em casamento por intermédio de seu amigo Pôrto Alegre. — 20 de agosto: Começa a ler no Instituto Histórico a sua memória *Brasil e Oceania*, prolongando-se a leitura por nove sessões consecutivas até junho de 53. — 26 de setembro: Casa-se com D. Olímpia na igreja da Glória do Outeiro, às 5,30 da tarde, sendo seu padrinho Lisboa Serra. — 21 de dezembro: Nomeado oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros, com 1:200\$000 anuais e os emolumentos, além da gratificação de 80\$000 anuais por serviços especiais de que o encarregou o ministro Limpo de Abreu; com êsse novo cargo acumulava o do magistério no Colégio de Pedro II, mas agora só na cadeira de História do Brasil. — Nesse ano trava conhecimento com o engenheiro Guilherme Schür de Capanema, depois Barão de Capanema, de quem se torna grande amigo.

1854. — Chega em fevereiro, ao Rio, onde se vinha formar, o irmão paterno do Poeta, João Manuel e hospeda-se em casa dêle. — As desinteligências com a espôsa e o sogro levam Gonçalves Dias a pleitear uma comissão na Europa. — 14 de junho: A bordo do vapor inglês *Severn* parte para a Europa com a espôsa e a menina Maria Joaquina sua cunhada. Parte licenciado pela Secretaria dos Estrangeiros, com vencimentos integrais, e comissionado pela do Império para estudar os métodos de instrução pública em diversos países europeus e coligir nos arquivos estrangeiros documentos relativos à História do Brasil, com gratificação de 4:800\$000 anuais e mais 1:500\$000 semestrais para paga de copistas. — 10 de julho: Chegada a Lisboa. — Outubro: Segue para Paris e instala-se na *Rue de la Ferme des Mathurins* n.º 36. — 20 de novembro: Nascimento de sua filha Joana.

1855. — Fins de março ou princípio de abril, depois de breve visita a Londres, parte para Lisboa, deixando a família em Paris com o sogro, que chegara do Brasil. — Em Lisboa recebe a nomeação para comissário do Brasil à Exposição Internacional de Paris juntamente com o seu amigo Capanema e o engenheiro naval capitão-tenente Giacomo Raja Gabaglia. — Maio: Encontro casual em Lisboa com Ana Amélia, que se tinha casado em São Luís com um negociante, o qual, falindo, se retirara para Portugal; dêsse encontro, que abalou fundamentalmente o Poeta, resultou o poema "Ainda Uma Vez, Adeus!", escrito de 18 a 21 do mês. — Em fins dêsse ano ou começo do seguinte viajou, só, à Bélgica e à Alemanha.

1856. — 10 de março: A espôsa, a filha, a cunhada e o sogro embarcam no Havre de regresso ao Brasil. Gonçalves Dias acompanhou-os àquela cidade. — Março: Parte para a Espanha via Marselha. — Maio: Está em Lisboa. — Depois vai a Londres e torna em julho a Portugal, seguindo para Évora, onde se demora até fins de setembro e apanha febre terçã. — 24 de agosto:

Morre a filha, de pneumonia, no Rio. — Fins de setembro, princípio de outubro parte para a Alemanha por Paris e Bruxelas, e nesta última cidade pára algum tempo visitando colégios. — 1.º de outubro: Decreto criando a Comissão Científica de Exploração e nomeação do poeta para chefe da secção de Etnografia. — Novembro: Recebe ordem do ministro para chefe da secção de 9 de outubro, de passar a João Francisco Lisboa o cargo de pesquisar documentos nos arquivos europeus. — Começam nesse ano os amôres com Eugénie N. (Paris), Céline (Bruxelas) e Amélia R., môça solteira, filha de um funcionário do nosso Tesouro, pertencente a família de prestígio ao tempo da Independência.

1857. — Janeiro: Entrega ao livreiro-editor Brockhaus, em Dresda, os *Cantos* e os quatro primeiros cantos de *Os Timbiras*. — Abril: Sai a primeira edição Brockhaus dos *Cantos*, a qual custou ao poeta mil e tantos táleres. — Junho: Está em Viena. Sai a edição Brockhaus do *Dicionário da Língua Tupi*. — Julho: Visita Roma. — Setembro: Chega a Paris. Vai residir na *Rue des Beaux-Arts* n.º 13. — Outubro: Sai a edição Brockhaus de *Os Timbiras*.

1858. — Fevereiro e março: Estêve em Bruxelas. — Maio: Está em Paris, *Rue St. Nazaire* n.º 132. — 8 ou 9 de agosto: Embarca em Southampton para o Rio no vapor *Tamar*. — 3 de setembro: Desembarca no Rio.

1859. — 6 de janeiro: Partida da Comissão Científica de Exploração no vapor *Tocantins*. — 4 de fevereiro: Chegada a Fortaleza. — 19 de fevereiro: o Poeta é nomeado 1.º oficial por ocasião da reforma da Secretaria dos Negócios Estrangeiros. — Março: Visita a serra da Aratanha, demorando-se em Pacatuba. — 15 de agosto: Parte de Fortaleza com Capanema para Pacatuba, Acarape, Baturité e, depois de uma digressão a Canindé, Quixeramobim e Quixadá.

1860. — Em janeiro estava em Icó, donde seguiu para o Crato e aí se demora bastante examinando os arquivos da Missão Velha. De regresso visita Jardim, Milagres, percorre parte da Paraíba (Sousa) e do Rio Grande do Norte (Pau dos Ferros) e, reentrando no Ceará, vai ter a Limoeiro. Desce então o Jaguaribe até Aracati e ruma pela estrada do litoral para Fortaleza, aonde chega a 10 de março. — Agosto: Acesso de malária e escarros de sangue. — Em setembro está em Pixaçu, onde se demora até novembro. — 4 de novembro: Parte de São Luís para Caxias.

1861. — Meados de janeiro: Está em São Luís. — 2 de fevereiro: Está em Belém, para onde partira só. — 10 de fevereiro: Segue para Cameté e dali para Manaus, aonde chega em fins de fevereiro. Opera-se de escrófulas no pescoço. — É nomeado pelo presidente da Província, Manuel Clementino Carneiro da Cunha, visitador das escolas do Solimões. Estêve em Baena, Coari, Tefé, Fonte Boa, Tocantins, São Paulo de Olivença e Tabatinga (Brasil): Loreto, Cochequinas, Pebas, Iquitos, Nauta, S. Rissi, Parmari e Mariná (Peru). A viagem durou cerca de um mês e o Poeta não aceitou remuneração do presidente. — 6 de julho: Parte no vapor de guerra *Pirajá*, em nova excursão da mesma natureza, desta vez ao Madeira. Foi até Vila do Crato. — 25 de julho: Está em Manaus. — 15 de agosto: Excursão ao Rio Negro, a qual dura 55 dias. Foi até Cocuí. O Poeta tenta escalar a serra e segue depois em ubá até a povoação venezuelana de São Carlos. — 9 de outubro. Chega a Manaus. — Nas três excursões, a par de visitar escolas, ocupa-se dos seus trabalhos de Etnografia, como membro da Comissão Científica. — 11 de outubro: É nomeado por Manuel Clementino presidente da comissão organizadora da contribuição da província à Exposição Industrial no Rio. — 26 de outubro: Despede-se pelos jornais. — 12 de novembro: Chega ao Maranhão. — 7 de dezembro: Chega ao Rio no vapor *Tocantins*. Hospeda-se no *Hotel São Paulo*. — D. Olímpia deixa a casa do pai e vai residir provisoriamente à Rua Princesa do Catete, 47 e depois à Praia do Flamengo 62, mas o Poeta não coabita com a espôsa. Contudo, visita-a.

1862. — Março: Os médicos diagnosticam em Gonçalves Dias inflamação crônica do fígado, lesão incipiente do coração, pernas inchadas em consequência do fígado, voz rouca e presa por motivo de desordem nos pulmões. — Toma posse do cargo de 1.º oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros, mas sem reassumir as funções. — 7 de abril: Parte pelo vapor *Apa*, com destino ao Maranhão, depois de licenciado na Comissão Científica e na Secretaria. — Em Recife o médico Dr. Sarmento examina-o e, constatando hepatite subaguda e perturbações no coração, aconselha-o a deixar a zona tórrida. — 20 de abril: O Poeta, tendo desistido de sua viagem ao Maranhão, parte do Recife para a Europa a bordo do *Grand Condé*, navio de vela, em que era o único passageiro. — Em seu diário de bordo queixa-se de palpitações, de inchação dos membros inferiores e dos testículos. Melhora ao fim de vinte dias. Tenta retomar a tradução da *Noiva de Messina*. Lê Górgias e Ariosto. — 14 de junho: Chegada a Marselha. — Depois de sete dias de quarentena, parte para Paris e depois para vicini. Melhora e segue para Marienbad. Dali se dirige a Dresda, para ficar perto do editor. — 25 de julho: Corre no Rio a falsa notícia da morte de Gonçalves Dias. — 3 de agosto: Chega o desmentido do boato. — 22 de agosto: Desligado da Comissão Científica. — Outubro: Breve estada em Koenigstein para tratamento. — 4 de novembro: Regresso a Dresda. Estava quase afônico e tinha dores na espádua direita. — No fim desse ano e princípio do seguinte esteve três meses quase entretido em casa de Pôrto Alegre. Vai convalescer em Teplitz. Volta a Dresda um pouco melhor.

1863. — Julho: Estava em Carlsbad com Pôrto Alegre e Magalhães. Não tendo obtido melhoras, volta a Dresda, vai a Berlim consultar um médico, e segue para Bruxelas, onde um especialista da garganta lhe amputa a campainha. Hospeda-se em casa de Costa Mota, *Rue des Deux Églises*, 24. Aí se demora até fins de setembro, quando parte para Paris a fim de consultar médico. Hospeda-se no hotel da *Rue Vivienne*, 49. É examinado pelo Dr. Fauvel. — 5 de setembro: Nomeado novamente para colher documentos históricos nos arquivos em substituição a João Francisco Lisboa, recebendo 400\$000 mensais e 1:500\$000 para despesas de cópias. — 25 de outubro: Embarca em Bordéus para Lisboa. — Em Lisboa termina a tradução da *Noiva de Messina*.

1864. — 1.º de abril: Ataque de angina e gastrite. — Fins de abril: Está em Paris para tratamento. — Maio: Parte para Aix-les-Bains. — Junho: Recebe de José Bonifácio, o Mõço, ministro do Império, a comunicação da dispensa de seus serviços nos arquivos europeus. — Parte para Alleverd, estação de águas. — Fim de julho: Segue para Ems. — Agosto: Regressa a Paris, onde combina com Odorico Mendes partirem juntos de volta ao Maranhão no dia 25. — 17 de agosto: Falecimento de Odorico Mendes em Londres. Gonçalves Dias adia a sua partida para ocupar-se dos manuscritos do amigo. — 10 de setembro: Embarca no Havre no *Ville de Boulogne*. Piora sempre em viagem. Oito dias antes da morte já não comia, tomando apenas água com açúcar. — 2 de novembro: Avistam-se terras do Brasil e o Poeta pede que o carreguem à tolda. Desfalece nessa ocasião. — 3 de novembro: O navio bate de madrugada no baixio dos Atins, próximo à vila de Guimarães, fendendo-se ao meio. Tôda a tripulação salvou-se, mas quando se lembraram de socorrer o Poeta, o seu camarote já estava submerso.

REPORTAGEM
ICONOGRÁFICA

*Gonçalves Dias,
numa xilogravura
de José Pedroso,
publicada no Panteão
Maranhense.*



*Alexandre Teófilo
de Carvalho Leal,
o dedicado
amigo do poeta.*



Teófilo -



*Retrato da filha de G. D., feito no dia de sua morte, e de sua esposa,
D. Olímpia da Costa.*

Desenho a que se faz referência na p. 41 dêste volume.



*Desenho
do pintor francês
Luís Aleixo Boulanger
(1852)*



*Desenho de Henrique Fleiuss na Semana Ilustrada, vendo-se G. D. à frente
da farândula dos notáveis da época.*

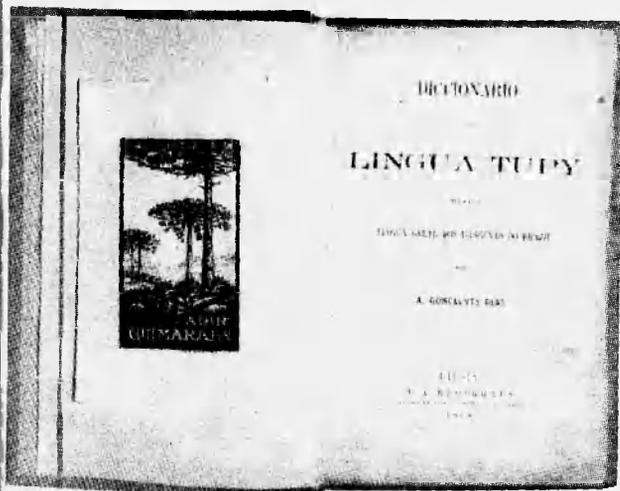




*Fragmento
da escultura
de J. V. Ferrer,
na Acad. Brasileira
de Letras.*



*I-Juca-Pirama.
Grupo em bronze
representando
o encontro dos dois
timbiras, pai e filho.
Faz parte
do monumento
a Floriano Peixoto,
no Rio de Janeiro.*



Fôlhas de rosto de algumas edições princeps.



*Desenho
de Ângelo Agostini,
publicado em
Vida Fluminense
(1882)*

PANTHEON DA VIDA FLUMINENSE
N. 2.
Gonçalves Dias.

*Pedaço de madeira
do
Ville de Boulogne.
Na Academia
Brasileira de Letras.*



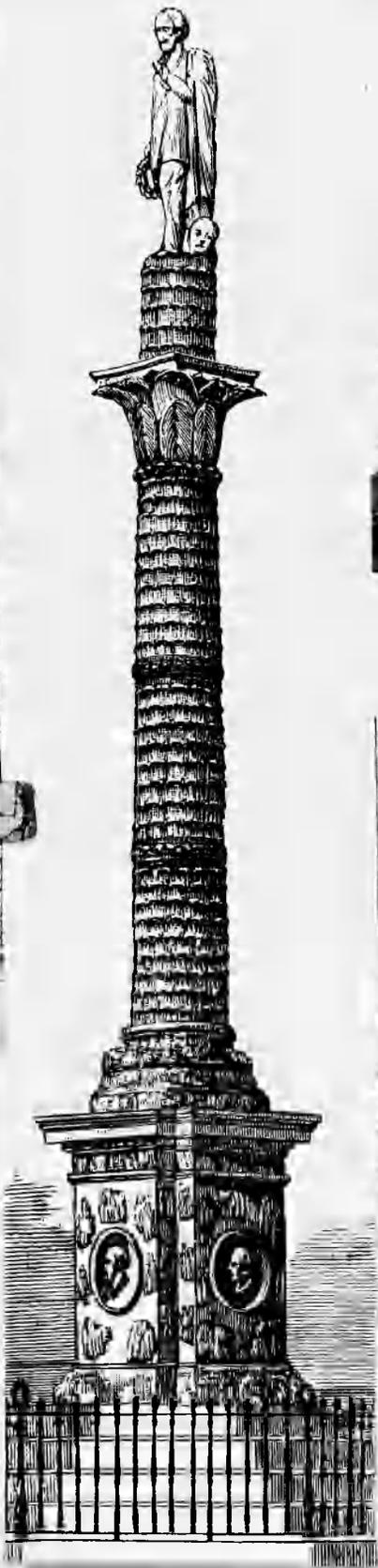
Antonio Goncalves Reis. Esculturas de
Imperial Ordem do Rosa. Barbauld em
Direito pela Universidade de Coimbra

Por esta minha Procuração ge-
ral e bastante constitua mee Procurador
na Corte e Cidade de Rio de Janeiro a
1^o Major Roberto Augusto Lyra para
tratar dos meus negocios como se eu es-
tiver presente, e particularmente para
receber na Primeira Fazenda de Recen-
so Nacional os meus vencimentos ven-
cidos e por vencer durante a minha au-
gencia como Chefe do Curso Narrativa e
Ethnographica da Commissão scientifica
de exploracao de algumas Provincias do
Império, e os mais que por quel qual
outro titulo me pertencerem ou vierem a
pertencer, facto que faço a presente Pro-
curação. Rio de Janeiro 26 de Janeiro
de 1859.

Antonio Goncalves Reis

Um autógrafo do poeta.

Na página seguinte, monumento a
G. D. em São Luís do Maranhão.
obra do escultor português Reis.



G. D., Araújo Pôrto Alegre e Gonçalves de Magalhães (Carlsbad, 1862), e desenho de Henrique Fleiuss, publicado após a morte do poeta na Semana Ilustrada (1864).



APOTHEOSE A GONÇALVES DE

Gloria ao poeta! As filhas da memoria
 Que, por a frente de viventes palmas
 Cada lagrima rossa é como um canto,
 Que sagra o que é a morte!

Não mais a lyra doce entre os sons do
 Segredará os canticos celestes;
 E' morto o vale! Da chorosa ruitin
 Passa aos braços da historia.

CANTOS

A POÉTICA DE GONÇALVES DIAS
O TEXTO DOS POEMAS

PRIMEIROS CANTOS / SEGUNDOS CANTOS

NOVOS CANTOS

SEXTILHAS DE FREI ANTÃO

ÚLTIMOS CANTOS

OS TIMBIRAS

LIRA VÁRIA

A POÉTICA DE GONÇALVES DIAS *

MANUEL BANDEIRA

AS REGRAS de Gramática e as de Versificação são coisas excelentes, desde que se ressalve aos mestres o direito de as violar, porque, como disse o Professor Sousa da Silveira, “o senso natural dos verdadeiros poetas vale mais que tôdas as regras, sejam da Versificação, sejam da Gramática!”

Nesse espírito é que devemos ler Gonçalves Dias. A sua poética baseia-se nos apoios rítmicos tradicionais da poesia em nosso idioma: o número de sílabas com as suas pausas, a rima consoante e toante, o encadeamento e o paralelismo. De todos êsses recursos se serviu, porém dentro da velha tradição peninsular, de que nos afastaram os poetas influenciados pela rígida preceituação malerbiana — os árcades, Castilho, que afinal era um árcade retardatário, e os nossos parnasianos.

Se considerarmos a obra publicada em vida e em livro pelo poeta, mas com exclusão d'*Os Timbiras* e das traduções, verificamos que nos *Primeiros*, *Segundos* e *Últimos Cantos*, primeira edição, e nos *Novos Cantos*, há, num total de 142 poemas, 75 em que variam os metros e muitas vêzes as estrofes. A variação obedece sempre a uma necessidade de expressão, e é curioso notar que onde há movimento belicoso ou sentimento de orgulho, indignação, revolta, surge freqüentemente o ritmo ternário do anapesto, não só nos eneassílabos e hendecassílabos, de que é o elemento característico, mas ainda em outros metros de pausas menos constantes, como o decassílabo e a redondilha maior.

O anapesto é em Gonçalves Dias a célula rítmica de tôda a sua poesia de inspiração indianista.

Aparece no “Canto do Guerreiro”:

Aqui na floresta
Dos ventos batida...

No “Canto do Piaga”:

Ó guerreiros da taba sagrada,
Ó guerreiros da tribo tupi...

* Capítulo do livro *Gonçalves Dias. Esboço Biográfico* (Rio de Janeiro, Pongetti, 1952), reproduzido também no volume II de *Poesia e Prosa* de Manuel Bandeira (Rio de Janeiro, Editora José Aguilar, 1958, 2 vols.).

Na "Deprecação":

Tupã, ó Deus grande! cobriste o teu rosto...

No "Gigante de Pedra":

Gigante orgulhoso de fero semblante...

Em "I-Juca-Pirama":

No meio das tabas de amenos verdes...

Na "Canção do Tamoio":

Não chores, meu filho,
Não chores que a vida...

Na "Mãe-d'Água":

As águas no entanto de novo se aplacam...

E até, aqui e ali, nos suavíssimos decassílabos brancos do "Leito de Fôlhas Verdes".

Fora dos poemas indianistas o elemento anapéstico é ainda muito contraditório e creio poder indicá-lo como a constante rítmica do poeta.

Romain Rolland assinalou a energia e a insistência dos ritmos de marcha e de combate na obra de Beethoven: a mesma observação se pode fazer na de Gonçalves Dias. Sua máscula têmpera de lutador, tão impressionantemente manifesta no diário escrito a bordo do *Grand Condé*, afirma-se também com pujança no ritmo verdadeiramente marcial dos seus anapestos.

Tinha o poeta finíssimo ouvido. Atesta-o a harmonia das suas combinações polimétricas, as mudanças de estrofação e de ritmo. Exemplo disso vamos deparar, entre outros poemas, em "Minha Vida e Meus Amores". Vinha êle versejando em decassílabos acentuados na sexta sílaba ou na quarta e oitava:

Outra vez que lá fui, que a vi, que a mêdo
Terna voz lhe escutei: — Sonhei contigo!
Inefável prazer banhou meu peito,
Senti delícias; mas a sós comigo
Pensei — talvez! — e já não pude crê-la!

De súbito faz cair as pausas na quarta e na sétima sílabas, aproximando o ritmo decassilábico do ritmo do hendecassílabo, que vai aparecer em seguida:

Ela tão meiga e tão cheia de encantos,
Ela tão nova, tão pura e tão bela...
Amar-me! — Eu que sou?
Meus olhos enxergam, enquanto duvida
Minha alma sem crença, de força exaurida,

Já farta da vida,
Que amor não doirou.

O último verso compõe com a palavra "vida" do anterior uma redondilha, formando natural passagem para o calmo ritmo das três quadras finais do poema:

Malgrado meu crer não posso
Malgrado meu que assim é...

Revelou Gonçalves Dias marcada preferência pelo decassílabo e pela redondilha maior, aliás os metros dominantes na língua portuguesa, desde o tempo dos cancioneiros.

Examinemos agora a estrutura do seu decassílabo porque neste metro é que vamos encontrar mais freqüentemente certos casos de exceção, certas quebras dos cânones, as quais precisam ser explicadas, para que não se caia no engano do organizador da edição Garnier, que se meteu a corrigir os versos do poeta atribuindo provávelmente a erros tipográficos os que estavam fora da medida e podiam ser facilmente repostos dentro dela. Engano em que caiu também Alberto de Oliveira, que à margem do seu exemplar d'*Os Timbiras*, hoje pertencente à biblioteca da Academia Brasileira de Letras, anotou muitos desses versos com as palavras "Errado", "Errado ou pelo menos frouxo", e isso porque os julgava baseado no critério parnasiano, esquecido de que cada escola tem o seu sistema.

Não reparou o organizador da edição Garnier que o poeta corrigiu muita coisa ao preparar a edição de Brockhaus, quase tôdas as emendas porém no sentido de apurar a linguagem ou melhorar a expressão. É inadmissível supor-se que lhe haviam passado inadvertidas as quebras de medida, a êle que no poema "Quando nas Horas" substituiu o verso "De unidos na mansão viver dos justos" por "Viver unidos na mansão dos justos", e percebe-se que o fez para dar-lhe o ritmo sáfico dos demais decassílabos do poema. Gonçalves Dias percebia muito bem que alterava a medida, fazia-o conscientemente, porque queria "o pensamento dominando em todo o verso, mas que seja menosprezada a metrificação", como êle próprio declarou: porque "o senso natural dos verdadeiros poetas vale mais do que tôdas as regras, sejam da Versificação, sejam da Gramática", para falar como o Professor Sousa da Silveira. Podem-se aplicar ao poeta maranhense as palavras que outro romântico americano, o argentino Echeverría, escreveu a propósito de Coleridge: *Hasta las faltas de medida en la versificación parecen calculadas, y sus versos son como una música en la cual las reglas de la composición se han violado, pero para hablar com más eficacia al corazón, al sentido y a la fantasía.* Ao lermos um poeta da classe do autor de "I-Juca-Pirama", tenhamos em mente o preceito de Montaigne em matéria de poesia: *A certaine mesure basse, on la peut juger par les préceptes et par l'art; mais la bonne, la suprême, la divine, et au-dessus des règles et de la raison.*

Poucos são os decassílabos de Gonçalves Dias sem as habituais acentuações na sexta sílaba ou na quarta e oitava. Em "À Morte Prematura de Ilma. Sra. D. ..." ocorre um com acentuação na terceira: "Campa! camp! que de terror me incutes!"; ritmo que vamos encontrar ainda em

“Saudades”: “Os sucessos da minha vida errante”. Em “A um Poeta Exilado” dois versos aparecem acentuados na quinta sílaba: “Benignos me olharam, e aos meus ensaios”; “A vagar com lira — um bem que os homens”; em “Minha Vida e Meus Amôres”, dois com acentuação na quarta e na sétima sílabas: “Ela tão meiga e tão cheia de encantos, Ela tão nova, tão pura e tão bela...”

Mais freqüentes que êsses casos de acentuação são os de quebra da medida pela introdução de versos de nove e onze sílabas entre os decassílabos. Quanto aos de nove sílabas, têm todos acentuação não na terceira e sexta sílabas, como praticava sempre o poeta, mas na primeira e quinta, do que resulta um ritmo sensivelmente igual aos dos decassílabos acentuados na segunda e sexta sílabas. Os exemplos são numerosos:

Rápido rodava; a terra e tudo
 (“Passamento”)
 Tinhas sôbre mim poder imenso
 (“Saudades”)
 Fácil mas a membros não cansados
 (“Anália”)
 Oh! como os cabelos esparzidos
 (“Anália”)

(Neste caso é possível ter havido lapso do possessivo “seus” antes de cabelos).

Leva-me, por Deus, prêsa em teus braços
 (“Anália”)
 Dize-nos quem és, teus feitos canta
 (“I-Juca-Pirama”)
 Morte que ninguém sabe nem chora
 (“A Morte é Vária”)
 Santo! Santo! Santo — teus prodígios
 (“Te Deum”)
 Cheio qual na praia fica a esponja
 (“O Soldado Espanhol”)

N’Os *Timbiras* recolhi os seguintes exemplos:

Máximos do globo: anos da infância
 (Canto III, 82)
 Descem, quando a terra humores pede
 (Canto III, 152)
 Turba que d’em tórno d’Itapeba
 (Canto IV, 202)
 Mortos por tributo ao mar volvendo
 (Canto IV, 300)

A explicação da irregularidade apresentada acima não cabe ao verso de “Anália”:

Que mais se estreita, empina e cresce.

Se se lhe fizerem tôdas as elisões, fica um octossílabo. Se não se lhe fizer nenhuma, dá um decassílabo, com acentuação na quarta e sétimas sílabas. Finalmente, se elidirmos apenas a conjunção “e” na vogal anterior, resultará um eneassílabo. Tenho que assim o lia o poeta, com intenção expressiva. Descreve-se no poema a escalada de uma montanha por um mancebo, que leva nos braços a mulher querida, a qual lhe será dada por espôsa, se conseguir chegar ao cimo sem descansar uma só vez. Em certo ponto, arquejava o rapaz quase vencido. Parece que nesse passo difícil a môça quis beijá-lo para o reanimar. E êle:

— Um beijo, um beijo!...
 Êsse macio dos teus lábios causam
 Frenesi que transporta, que enlouquece!
 Guarda-os por ora, — êles sufocam, roubam
 O alento, a razão, — como um cautério
 De fogo, inflamam, — o ardor, a vida,
 Que prestam — são delírio, raiva insana
 E nutrem como a febre.

Eis que o mancebo
 Os passos multiplica nessa estrada,
 Que mais se estreita, empina e cresce.

É possível que tenha havido lapso do advérbio “mais” antes de “empina”, e o verso seria “Que mais se estreita, mais empina e cresce”, mas o poema, que é da primeira edição dos *Últimos Cantos*, não foi incluído na edição Leipzig. Inclino-me a acreditar que houve a intenção de exprimir no eneassílabo de ritmo entrecortado o ofegar do herói no afã da escalada.

Por efeito estilístico talvez se deva explicar também o verso “Coligir, era missão mais alta” (*Os Timbiras*, C. III, 137). Fala o poeta dos guerreiros que saíam do sono noturno alegres ou apreensivos, segundo o teor dos sonhos que haviam tido:

Vinham ledos ou tristes na aparência,
 Timoratos ou cheios de ardimento,
 Como o futuro evento se espelhava
 Nos sonhos, bons ou maus, mas acordá-los
 Disparatados, e o melhor de tantos
 Coligir, era missão mais alta.

Como que o poeta, fazendo o *enjambement*, desprezou o ritmo do decassílabo, guardando apenas a cadência do segundo elemento hexassílabo (“era missão mais alta”), sugerindo assim musicalmente o acôrdo dos vários sonhos disparatados.

Examinemos agora êstes três versos de “O que Mais dói na Vida”:

Não! o que mais dói não é do mundo
 Não! o que mais dói não é sentir-se
 Não! não são as queixas amargadas.

Têm êles o acento na primeira e na quinta, como os que já assinalamos atrás. Todavia cabem aqui outras explicações. Sousa da Silveira, comentando o verso de Casimiro de Abreu “Vem! a noite é linda, o mar é

calmo” admite o fato, não raro, de se escrever uma só vez um monossílabo que deve repetir-se. O verso seria “Vem! vem! a noite é linda, o mar é calmo” e do mesmo modo entende se devem ler os versos de Gonçalves Dias. Mas também é possível que o poeta, pronunciando com forte ênfase o advérbio “não”, o desdobrasse em duas sílabas: “Não! o que mais dói não é do mundo”.

No verso “Não! não são as queixas amargas” e neste outro de “Minha Vida e Meus Amôres”: “Não, nunca o senti, somente o viço”, ainda cabe uma terceira explicação — a do Professor Said Ali no seu trabalho sobre “Versificação Portuguesa”, publicado na *Revista de Cultura*, n.º 118: a de uma pausa intencional, preenchendo o lugar de uma sílaba, e desfazendo a colisão desagradável de duas sílabas acentuadas. A observação de Said Ali é feita a respeito de um endecassílabo do poema “Seus Olhos”: “Às vêzes, oh sim, derramam tão fraco”. “Não se pode imaginar”, diz o eminente mestre, “maior apuro em compor versos tão formosos. Só de propósito deliberado usaria o poeta a pausa em lugar de uma sílaba. Seguiu Shakespeare e Milton, que freqüentemente se servem da pausa nas mesmas condições”. A explicação de Said Ali é a única que se pode aplicar ao caso do verso com que abre o poema “O Orgulhoso”: “Eu o vi, tremendo era no gesto”, que tem pausa intencional com valor de sílaba depois de “vi!”.

Tão numerosos quanto os versos de nove sílabas são os de onze, que aparecem em Gonçalves Dias interrompendo a seqüência dos decassílabos. A maioria dêles começam por vogal e entram na medida, se a embebemos na vogal que termina o verso anterior.

“Dize-nos quem és, teus feitos canta,
Ou se mais te apraz, defende-te”
(“I-Juca-Pirama”)

O gigante vulcão borbulha e ferve
E sulfúrea chama pelos ares lança
(“O Trovador”)

Que entre vós outros me alvejaste a fronte.
E que eu morresse entre vós! Mas força oculta
(“Adeus aos Meus Amigos do Maranhão”)

(Note-se que o poeta poderia ter suprimido o segundo “que”, mas enfraquecendo o efeito expressivo).

Aos sons duma Harpa interna ela morria!
E como o pastor que avista a linda rosa
(“Sempre Ela”)

Forte se levantou! correu fogoso,
E qual águia que nas asas se equilibra
(“Miserrimus”)

Tributária a fará;
E quando escravos seus filhos, sôbre pedra
(“O Vate”)

Por brevidade só assinalamos o processo nos decassílabos, mas Gonçalves Dias e os seus companheiros românticos serviam-se dêle com freqüência,

sobretudo na estrofe ronsardiana, de que trataremos adiante. Era aliás tradicional na poesia trovadoresca portuguesa e na castelhana. Assim Rodrigu'Eanes Redondo termina uma cantiga dizendo:

Por que chorava? negoo,
mais a mim non o negava
e por esta são certa,
amiga, que por vós chorava.

Nicolás Núñez em "*Canción a Nuestra Señora*":

*Pues no nascida nasciste
y mereciste*

Frey Gauberte, em "*Razonamiento*":

*Mas en Dios que es todo vida,
todo se arrea de gloria
y de belleza.*

Jorge Manrique, nas famosas coplas à morte do pai:

*Que bienes son de Fortuna
Que revuelven con su rueda
presurosa,
la cual no puede ser una
en una cosa.*

Outros versos há em Gonçalves Dias, como êste de "Quadras da Minha Vida": "Infante e velho!" — princípio e fim da vida!", iniciando uma seqüência de decassílabos, ou êste outro de "O Ciúme": "Porque dos zelos o fel mancha minha alma", os quais não se reduzem à medida pelo mesmo artifício. Como os explicar? Sousa da Silveira faz, a propósito de um verso dessa natureza em Casimiro de Abreu, a seguinte hipótese: Gonçalves Dias, muito lido nas literaturas românticas, sem dúvida conhecia o verso heróico das canções de gesta. Ora, êste se compunha de um verso de quatro sílabas (que podia ter no final mais uma, átona) e um de seis (que podia receber acréscimo idêntico). Quando o primeiro elemento do decassílabo medieval francês termina em vocábulo agudo, o verso aproxima-se do nosso ou fica-lhe igual. Gonçalves Dias, querendo salientar certo conceito, colocou-o num verso que se salientasse, e escolheu para isso, um decassílabo de estrutura francesa medieval, que não coincidissem, porém, com nenhum dos tipos do decassílabo usual português: "Infante e velho! — princípio e fim da vida!". E conseguiu o seu intento, pois a diferença de toada, bem sensível ao nosso ouvido, chama logo a atenção para o verso. E observa a seguir Sousa da Silveira que D'Annunzio e Pascoli, indo além de Gonçalves Dias, transplantaram para o italiano o velho verso francês.

D'Annunzio, empregando tal metro e ritmo nas *Canzone di Garibaldi*:

*Sotto l'immensa gloria china la fronte,
il Dittatore onnivergente e immoto.
Nel sacco rude la sua mano s'affonda
e inerte sta, immemore dell'opra.*

justifica-os com estas considerações: *Il periodo è regolato dalla regge di un largo e robusto respiro. Talora il numero è soverchiato dall'impeto dell'onda vocale. Il poeta ha preferito al consueto endecassilabo il verso eroico dell'antica canzone di gesta, formatosi su lo stampo del rozzo verso latino cantato dalla plebe e dai legionari romani.* Segue-se a análise do verso heróico francês, mas o citado basta, e a hipótese de Sousa da Silveira nos parece legítima: em todos os versos de igual tipo do nosso poeta sente-se que o número é, por uma intenção expressiva, "soverchiato dall'impeto dell'onda vocale". Assim se devem compreender os versos "Ouvi depois um rodar que a todo instante" ("A Mendiga"); "Hirtos cabelos, e em pó funéreo envôlta ("A Morte é Vária)". Não quero acrescentar exemplos da tradução da *Noiva de Messina*, por não têmos a versão definitiva da obra. Todavia o verso "Ó potestades do céu! êste é meu filho!" merece atenção: não escaparia ao poeta que sem a interjeição, ficaria o verso dentro da medida e ritmo habitual: "Potestades do céu, êste é meu filho!" Mas que outra fôrça não tem com ela! "Ó potestades do céu, êste é meu filho!" Aqui há verdadeiramente "impeto de onda vocal".

Não quero ir adiante sem assinalar o domínio magistral de Gonçalves Dias sôbre os decassílabos brancos, como é de ver n'*Os Timbiras* e em 42 poemas dos *Cantos*. Especialmente na introdução e em certas passagens descritivas d'*Os Timbiras*, em "A Sua Voz", "Leito de Fôlhas Verdes" e "Se se Morre de Amor" atingiu uma flexibilidade, um jôgo de cadências, uma harmonia de fôrça e leveza jamais ultrapassada em nossa língua, quer antes, por um Garrett na famosa invocação do poema *Camões*, quer depois, por um Fagundes Varela no soberbo "Cântico do Calvário". Como o conceito de Banville, a saber que *la rime est l'unique harmonie des vers et elle est tout le vers*, está desmentido luminosamente nesses versos harmoniosos:

Amor é vida; é ter constantemente
Alma, sentidos, coração — abertos
Ao grande, ao belo; é ser capaz d'extremos,
D'altas virtudes, té capaz de crimes!
Compr'ender o infinito, a imensidade,
E a natureza e Deus; gostar dos campos,
D'aves, flôres, murmúrios solitários;
Buscar tristeza, a soledade, o êrmo,
E ter o coração em riso e festa,
E à branda festa, ao riso da nossa alma
Fontes de pranto intercalar sem custo:
Conhecer o prazer e a desventura
No mesmo tempo, e ser no mesmo ponto
O ditoso, o misérrimo dos entes:
Isso é amor, e dêsse amor se morre!

Amar, e não saber, não ter coragem
Para dizer que amor que em nós sentimos;
Temer qu'olhos profanos nos devassem
O templo onde a melhor porção da vida
Se concentra; onde avaros recatamos
Essa fonte de amor, êsses tesouros,

Inesgotáveis, d'ilusões floridas;
Sentir, sem que se veja, a quem se adora,
Compr'ender, sem lhe ouvir, seus pensamentos,
Segui-la, sem poder fitar seus olhos,
Amá-la, sem ousar dizer que amamos,
E, tentando roçar os seus vestidos,
Arder por afogá-la em mil abraços;
Isso é amor, e dêsse amor se morre!

Êstes versos exemplificam o partido que o poeta sabia tirar do estribilho, outro recurso rítmico onde reside a amorável musicalidade de muitos dos seus poemas: a "Canção do Exílio", "A Escrava", "Lira", "Sonho", "Angelina", "Olhos Verdes", "Meu Anjo, Escuta". Em nenhuma porém com mais propriedade e graça do que em "Não me Deixes", e aqui reabilita o tão difamado ditongo nasal "ão", a única rima nas seis estrofes dêsse poema em que todos revemos aquela triste volúpia de nos perdermos por aquilo que amamos.

Como variava de metro dentro da estrofe, gostava de variar de estrofe dentro do poema.

Muito haveria que dizer das rimas de Gonçalves Dias. Não as procurava raras e ricas, ainda que às vêzes as fazia com a consoante de apoio, sem intenção provavelmente: "coração", "afeição", "evita", "avita", etc. A sua habitual discrição levava-o a contentar-se com acordes menos vistosos, a aceitar as rimas naturalmente ligadas ao assunto. O seu trato da poesia castelhana comunicou-lhe o amor das toantes, por êle largamente empregadas: "caro", "alvo"; "esmalta", "prata"; "prata"; "topa", "provo-ca", etc. No poema "A Tempestade", dos *Últimos Cantos*, as toantes resultam num belo efeito sugeridor dos prenúncios, ainda incertos e vagos, da tempestade que se aproxima:

Um raio
Fulgura
No espaço
Esparso,
De luz;
E trêmulo
E puro
Se aviva,
S'esquiva,
Rutila,
Seduz!

Outra espécie ainda mais sutil de rima — a dos fonemas iniciais — foi muito usada por Gonçalves Dias, ou melhor, aparecem espontaneamente na textura das estrofes e por elas se explica muitas vêzes, em parte, o segredo da musicalidade que nos enleia em certos poemas. Na "Canção do Exílio", por exemplo.

Às vêzes o efeito musical resulta de harmonias ainda mais sutis, que no fundo ainda são rimas: assim "grata" e "nota"; "aurora" e "primavera"; "tarde" e "perde", etc. O último exemplo é da poesia: "Como! és tu?", que está cheia dessas delicadezas verbais:

Como! és tu? essa grinalda
De flôres de laranja!...
Branco véu, nuvem ligeira

(Notem a rima de “laranja, ligeira”, com a consoante de apoio e a mesma consoante inicial “l”).

Sôbre o teu rosto a ondear!
Pálida, pálida a fronte
E os olhos quase a chorar!

És tu! bem vejo... Não fales!
Cala-te! já sei o que é!
A mão vais dar, vida e fé
A outro!... Vais te casar.
Pálida, pálida a fronte,
Olhos em pranto a nadar!

(A estrofe está encadeada à anterior pela repetição do verso “Pálida, pálida a fronte” e pelo paralelismo dos últimos versos “E os olhos quase a chorar!”, “Olhos em pranto a nadar!”; advirta-se a mesma consoante “f” nas palavras finais dos versos ímpares. E o poeta insistirá na rima em “ar” até à sexta estrofe).

E vais! e és tu mesma? — e vais!...
Fui eu quem te deu o exemplo...
Sei que te aguardam no templo,
Deixa-me aqui a chorar!
Fazes sômente o que fiz,
Não fazes mais que imitar!

(Observe-se o efeito de timbre nos monossílabos “vais” e “fiz”; êste vai rimar com “feliz” da estrofe seguinte).

Mas eu quis ver-te feliz,
Não dar-te o exemplo!... pensava
Que ileso e firme ficava

(Aliteração “firme ficava”).

O teu amor — a guardar
A fé que eu mesmo, insensato
Fui o primeiro a quebrar!

Contradições da alma humana!
Fui, sim, quem te dei o exemplo.

(Novo encadeamento, desta estrofe com a terceira pela repetição quase literal do verso “Fui eu quem te dei o exemplo”).

Isso quis e ora contemplo
Essa grinalda — a chorar.

(“Chorar” repete-se aqui e aparecerá ainda na estrofe seguinte, como um *leit-motiv*).

A fronte pálida, pálida,

(Inversão do verso "Pálida, pálida a fronte).

E o branco véu a ondular!

E há de o mundo inda algum dia
Do olvido o véu tenebroso

(Repete-se a palavra véu, mas com o contraste da côr: "branco, véu, véu tenebroso").

Estender por tanto gôzo,
Tanto crer, tanto esperar!
Vai, que te aguardam: já tardas:

(Novo encadeamento: "Sei que te aguardam"; "Vai, que te aguardam").

Deixa-me aqui a chorar!

(O mesmo verso da terceira estrofe).

Vai! e que os anjos derramem
Sôbre ti flôres, venturas,
Que as alegrias mais puras
Floresçam dos passos teus:
E que entres na casa estranha
Como uma bênção dos céus!

Que a fortuna — de veludos
Alcatife os teus caminhos,
Que o orvalho dos teus carinhos

("Caminhos, carinhos", com a mesma consoante inicial).

A êsse façam feliz
Com quem te casas — que te ame

(Longínqua reminiscência, em "ame", de "derrame" da estrofe anterior).

Como te amei e te quis!
Porém procura esquecer-te,
Das venturas no regaço,
De mim, dos votos que faço,
De quanto pedi aos céus
Ver êste dia... mas choro!
Vai! sê feliz! adeus!

"Vai!" pronunciado em duas sílabas, como num gesto de mão, que se desprende, devagar, para prolongar a despedida.

Foi, sem dúvida, Gonçalves Dias o poeta brasileiro que mais profundamente e extensamente versou a nossa língua; conhecia-a não das

gramáticas mas do trato com os escritores de tôdas as épocas, desde os poetas dos cancioneiros e dos primeiros cronistas. Nos seus versos aparecem com freqüência as dições arcaicas. E no entanto o brasileiro de fala mole se está traindo a cada passo no suarabácti, isto é, a decomposição de um grupo de consoantes pela intercalação de uma vogal, pronunciando às vêzes brasileiríssimamente, "subimarinha" ("Os Suspiros", segunda estrofe), "obijeto" ("Solidão", última estrofe; "Como eu te Amo", penúltima estrofe), "obisserva" ("Tabira", primeira estrofe), "crípita" ("A Morte é Vária", segunda estrofe), "iguinóbil" ("I-Juca-Pirama", II, quarta estrofe), "sôbe" ("A História", quarto verso), "adiventfício" (*Os Timbiras*, canto IV, verso 257), etc.

É verdade que também pratica elisões violentas. De ordinário, porém, mostrava o gôsto do hiato.

O hiato é, na técnica do verso, o hábito fonético que mais extrema os nossos românticos dos mestres parnasianos. Êstes só o admitiam no interior da palavra, jamais de uma a outra em caso de vogais fracas, mesmo quando o ponto ou a vírgula introduziam uma pausa natural. Por isso Alberto de Oliveira assinalou como "errados ou pelo menos frouxos" no seu exemplar d'*Os Timbiras* versos dêste tipo:

Tal vinda, a não ser que o audaz Timbira
Da batalha? ou seja ou não conosco

Neste ponto a sistematização parnasiana brasileira foi empobrecedora. E sem razão, porque hiatos há de extraordinária fôrça expressiva. Basta lembrar o de Antero (Antero e Camões estão cheios dêles) no sonêto "Consulta":

Mas elas perturbaram-se — coitadas!
E empalideceram, contristadas

Quem não sentirá o movimento de angustiado sobrosso no hiato "E empalideceram"?

Ao contrário dos parnasianos brasileiros, os seus mestres franceses lamentavam a êsse respeito as restrições malerbianas. *Que nous avons perdu un trésor de nuances délicates à la suppression de l'hiatus*, escreveu Banville, *cela n'est pas à démontrer: il suffit pour s'en convaincre d'ouvrir les poèmes du XV^e et du XVI^e siècle*. E Anatole France, a propósito de Moréas: *Il est pitoyable, quand on y songe, que les poètes français se soient interdits pendant deux cents ans de mettre dans leurs vers tu as ou tu es. Qui ne sent au contraire que certains hiatus plaisent à l'oreille?*

O estudo da poética de Gonçalves Dias prova que a regulamentação da poesia, se é coisa útil para ajudar os poetas medíocres a fazerem versos passáveis (a sentença é ainda de Banville), nada vale para quem, como era o caso do grande romântico, não precisa de regras de ninguém para criar o seu ritmo e a sua música.

M. B.

O TEXTO DOS POEMAS

ANTÔNIO HOUAISS

1. DO PONTO DE VISTA da crítica textual, dita também ecdótica, a tradição — tradição é o termo técnico — do texto da quase totalidade dos poemas de Gonçalves Dias é altamente satisfatória. As edições alemãs, sobretudo, são grandemente fiéis, quando não fidedignas; e mesmo os trabalhos póstumos, trazidos à luz aos cuidados de Antônio Henrique Leal, apresentam as qualidades referidas — por amor e adoração.

1.1 Não obstante isso, o estabelecimento do seu texto crítico, que satisfaça às exigências científicas contemporâneas, não se fez ainda. As seguintes ordens principais de dificuldades parecem-me dever ser vencidas, para que se consiga semelhante texto crítico: a) dever-se-á atentar no fato de que a linguagem do poeta se aperfeiçoa, apresentando, por conseguinte, flutuações, modificações e variações, ao longo de cerca de vinte e cinco anos de atividade poética, período em que sofre as mais variadas influências; procurar a uniformidade, em situação assim configurada, será dar uma visão imobilista de uma linguagem que, porém, se diversificou consideravelmente; b) dever-se-á atentar no fato de que a linguagem do poeta, mais talvez do que a de qualquer outro poeta romântico brasileiro, é um complexo de tendências que se entrecrocavam violentamente — tendências arcaizantes contra tendências inovadoras, tendências lusitanizantes contra tendências brasileirizantes, tendências eruditas contra tendências popularizantes (inclusive) —, fatores que militam, também, contra a consecução de um cânon que, uniformemente, possa adotar-se para a fixação do texto crítico do poeta; c) dever-se-á atentar no fato de que, mais do que geralmente consentido, os padrões admissíveis e correntes de linguagem, ao tempo, variaram consideravelmente mais do que se vem, na prática, admitindo, em relação aos padrões anteriores e posteriores, sobretudo dentro da conjuntura lingüística literária do romantismo brasileiro — o que postula, para a fixação do texto crítico do poeta, um aprofundamento dos problemas da linguagem do tempo, não apenas em função do poeta mesmo, senão que de seus principais contemporâneos, brasileiros e portugueses.

1.2 Dessa maneira, uma edição crítica cabal dos poemas de Gonçalves Dias é tarefa que está a desafiar a argúcia e tenacidade dos filólogos brasileiros — ou estrangeiros —, com um sem-número de problemas, cuja resolução presume, ademais de um cabedal básico seguro, a firme determinação de esgotar cotejos dentro daquelas ten-

dências acima referidas. Mas que tal texto deve ser conseguido, no mais breve prazo possível, é necessidade óbvia, dada a importância desses poemas para a literatura brasileira e para a língua literária que nos é patrimonial. Além dos manuscritos e das edições em vida ou imediatamente aparecidas após a morte do poeta, uma edição há que deverá ser levada obrigatoriamente em linha de conta, e esta é a que fez o erudito Manuel Bandeira — com razão denominada, ao tempo em que apareceu, edição crítica, mas já hoje a demandar certas reservas.

2. Os textos impressos nesta coleção apresentam, de plano, a característica de não serem críticos. Entendamo-nos. Os textos impressos nesta coleção, precisamente porque destinada a amplas camadas de leitores, devem ser despojados de todo aparato de cotejo de variantes e de fundamentação das lições seguidas, preferidas ou adotadas. Isso, porém, não exclui do ânimo dos responsáveis pela coleção que os textos nela impressos sejam os mais fiéis possíveis, a fim de que, na acumulação de erros que decorre da tradição, o elo representado pelos textos desta coleção não seja um mais a acrescentar erros a erros. É que, por suas próprias características, se a coleção não se destina ao uso dos eruditos apenas, procura apresentar um estado tal da tradição que os seus textos possam servir, idôneamente, como base segura para uma leitura honesta e, mais, mesmo para estudos estilísticos e críticos, os quais têm como condição necessária de validade a de basearem-se em tradição pelo menos fiel.

2.1 Por conseguinte, do ponto de vista da técnica dos textos estampados nesta coleção, o termo de referência genérico para a fidelidade textual é o seguinte: a) se se tratar de autor vivo, este é o árbitro para dirimir as dúvidas; b) se se tratar de autor morto, dever-se-á seguir, sem o aparato, texto crítico que dêle houver, se consentâneo com as exigências científicas mais atuais; c) se, ainda de autor morto, não se estiver em face da situação imediatamente antes configurada, dever-se-á adotar um critério de versão textual conservadora.

2.2 Uma versão textual conservadora não é um texto diplomático, que supõe a reprodução *ipsis uerbis litterisque*, com as mesmas palavras e letras da edição fonte ou dos autógrafos — os escritos do próprio punho do autor. Uma versão textual conservadora deve necessariamente a) simplificar o revestimento gráfico, a ortografia, do texto fonte, mas de tal arte que não se traia nenhum fato lingüístico propriamente dito, subjacente na ortografia que se simplifica; dêsse modo, todos os valores realmente diferenciais, bem como todos os valores potencialmente diferenciais de fatos lingüísticos que existiam por baixo da ortografia original devem ser respeitados e, por conseguinte, nos casos duvidosos, também; b) corrigir os chamados erros óbvios, isto é, aqueles que, numa paráfrase da fórmula de Louis Havet, são erros em que o leitor não atenta, numa leitura espontânea, tão óbvia é a lição verdadeira que não está impressa; c) conservar tôdas as formas duvidosas, desde que passíveis de uma interpretação satisfatória, ainda que algo inverossímil. Não é, já agora, indispensável dizer que esse foi o critério aqui adotado — o do texto conservador.

3. O estabelecimento do presente texto conservador foi feito com base na constância da lição textual das seguintes edições:

A — *Cantos*. / Collecção de poezias / de / A. Gonçalves Dias. / Segunda edição. / Leipzig: / F. A. Brockhaus. / 1857;

B — *Cantos*. / Collecção de poezias / de / A. Gonçalves Dias. / Terceira edição. / Leipzig: / F. A. Brockhaus. / 1857;

C — *Cantos*. / Collecção de poesias / de / A. Gonçalves Dias. / Quarta edição. / Tomo primeiro. / Com o retrato do autor. [vinheta: uma quimera, alada, segurando um escudo assentado sobre dois livros; no escudo, "F.A.B. / 1805"] / Leipzig: / F. A. Brockhaus. / 1865;

D — *Cantos*. / Collecção de poesias / de / A. Gonçalves Dias / [linha] / Quinta edição / [linha] / Tomo segundo. / [vinheta igual à de C] / Leipzig: / F. A. Brockhaus. / 1877;

E — *Os Tymbiras*. / Poema americano / por / A. Gonçalves Dias. / [linha] / Leipzig: F. A. Brockhaus. / [linha] / 1857;

F — *Obras Posthumas* / de / A. Gonçalves Dias / precedidas de uma noticia de sua vida e obras / pelo / Dr. Antonio Henrique Leal. / [linha] / volume I. / I — Versos modernos. / II — Versos antigos. / III — Poema americano. / IV — Hymnos. / V — Voltas e mottes glosados. / VI — Satyras. / [vinheta] / San' Luiz do Maranhão / [linha] / 1868; ... / volume II / [vinheta] / S. Luiz do Maranhão / [linha] / 1867;

G — "Livros do Brasil" / vol. 6.º / Coleção de obras-primas da literatura nacional / dirigida por Afrânio Peixoto / [asterisco] / *Obras poéticas* / de / A. Gonçalves Dias / Organização, apuração do texto, cronologia e notas / Por / Manuel Bandeira / Da Academia Brasileira / 1.º tomo / [asterisco] / Companhia Editora Nacional / São Paulo — Rio de Janeiro — Bahia — Recife — Pôrto Alegre / 1944; ... / 2.º tomo / ...;

H — "Estante da poesia brasileira" / Gonçalves Dias / *Poesias completas* / Introdução de / Mário de Silva Brito / [asterisco] / Organização, revisão e notas / de / Frederico José da Silva Ramos / [asterisco] / 1950 / Edição Saraiva / São Paulo.

4. Os poemas vão ordenados conforme com a seqüência adotada em C e D, seguidos de E; logo após se estampam os que, constantes da primeira edição, foram excluídos de C e D, bem como certas variantes mais longas ou principais de C e D; em seguida, pela ordem tanto quanto possível cronológica, os poemas de F, que culminam com os poemas traduzidos; foram incluídos, no lugar cabível dos versos póstumos, o poema "Entusiasmo Ardente me Arrebata", "A Vida" e "Revelação", extratados de F, segundo sua lição textual.

5. A disposição estrófica foi seguida conforme consta das fontes imediatamente antes enunciadas, também com espírito conservador. Sòmente para um pormenor, no poema "O Baile", seguiu-se a estrofação de G, isto é, de Manuel Bandeira.

6. Texto conservador, eis, a seguir, alguns dos problemas concretos postulados por êsse critério geral. Examinar-se-ão, pela ordem, êstes: 1) a pontuação, 2) a separação vocabular, 3) a ortografia, 4) a crase, 5) certos grupos consonantais, 6) certos proparoxítonos, 7) certos versos epentéticos, 8) regime das vogais pretônicas, 9) alguns casos de vogais postônicas, 10) alguns aspectos da morfologia verbal e da nominal associável, 11) algumas observações prosódicas, 12) algumas dúvidas vocabulares e 13) correções não óbvias.

6.1 Quanto à pontuação, Manuel Bandeira, invocando a opinião de Sousa da Silveira, reconheceu-lhe valor psicológico, vale dizer, expressivo, razão por que a respeitou largamente. Dos pontos em que preferiu modernizá-la ou modificá-la, deixou constância no aparato crítico de G. Não comportando esta edição igual recurso e não se tendo seguido o texto de G, mesmo aquêles pontos em que caberiam modificações de pontuação foram respeitados como se encontram nas fontes. No verso 246 do canto quarto de *Os Timbiras*, pôs-se, porém, o ponto de interrogação introduzido por G. O critério de respeitar a pontuação parece-nos, nos autores modernos, vale esclarecer, do século XVI em diante, altamente válido. Problema de interpretação, só nos textos estreitamente didáticos merece, se cabe, ser modificado ao sabor do cânon vigente hoje em dia, mas ainda assim com o respeito máximo possível da pontuação original, se existente.

6.2 A separação vocabular de Gonçalves Dias é, no essencial, atualíssima. Nuns poucos pontos, porém, discrepa da prática contemporânea — alguns dos quais ainda não fixados até hoje. Nesses casos, ademais de fluante, via de regra, ao longo da vida do autor, apresenta — tudo leva a crer — coexistência. Para um estudo mais matizado do seu ritmo, a separação vocabular tal como se apresenta no seu texto pode ser elemento adjutório de clarificação, motivo por que, em texto conservador, dada a regularidade no demais, se respeitou.

Mesmo nas *Sextilhas de Frei Antão* seguiu-se o critério, salvo para com os monossílabos pronominais enclíticos, que se ligaram, quando não o havia, com traço de união ao verbo de que dependiam rítmicamente. Os principais casos de separação vocabular que não coincidem com a prática moderna são os seguintes:

1) 'bem vinda', como no poema "Ao Aniversário de um Casamento" — "A filha d'Albion bem vinda seja", repetido mais vezes no mesmo poema; como ainda no poema "Sonho de Virgem", em que, expressivamente, 'benquista', vem unido contra 'bem vinda' no verso 3 — "Benquista e bem vinda" — o que, não dando a chave total do critério do autor, dá meia chave, pois se vê que separa desde que, de outro modo, os elementos separados têm vida vocabular autônoma; no caso concreto, bem pode acontecer que em 'benquista' se chegue a caracterizar uma pronúncia, do poeta e quicá do tempo, [benkista] contra uma pronúncia [beinvinda];

2) 'desque', por 'dês que', *passim*, além de uma ocorrência, pelo menos, de 'des'que', no verso 3 do poema "Desesperança";

3) 'em tôrno', que aparece no verso 17 de "A Uns Anos", é mais freqüentemente 'emtorno', transcrito 'emtôrno', como no verso 68 de "As Flôres", no verso 128 de "Saudades", no verso 126 do canto quarto de *Os Timbiras*, como no verso 201 do mesmo canto e poema, como ainda no seu verso 441;

4) 'emvão' é como ocorre apenas no verso 414 e 462 do canto terceiro de *Os Timbiras* contra 'em vão' em muitas passagens outras; transcreveu-se 'envão';

5) 'em quanto' e 'enquanto'; 'hade', 'há-de' e 'há de' (e flexões do presente do indicativo de 'haver'); 'por que' e 'porque', 'qualquer' e raros casos de 'qual quer'; 'sequer / siquer' e raros casos de 'se quer / si quer'; 'também', 'tãobem' e 'tão bem' ocorrem *passim* e foram respeitados, salvo 'tãobem', que foi transcrito 'tão bem';

6) 'turba multa' ocorre no verso 65 de "Que Cousa é um Ministro", com visível sabor latinizante;

7) 'vã glória' ocorre no verso 23 de "Solidão".

6.3 O problema da fixação ortográfica, sob luz textual conservadora, apresenta-se relativamente complexo. De um modo sistemático, convém que o regime das vogais tônicas e o das pretônicas (que consideramos à parte, em 6.8 *infra*) seja respeitado, salvo quanto ao *y*; no primeiro caso, porque quase nunca ocorrem discrepâncias entre os fatos lingüísticos do século XIX e os atuais na língua literária; no segundo caso, porque ocorrem muitas discrepâncias que apresentam enorme valor para a história da pronúncia padrão geral do Brasil e das pronúncias cultas regionais do Brasil, em oposição à padrão de Portugal. No que se refere às postônicas (também consideradas à parte, em 6.9 *infra*), semelhante rigor não parece ter nenhum fundamento. O regime das consoantes poucas dificuldades apresenta, senão nos grupos consonânticos ditos impróprios e em certos casos de consoantes nasais dúplices. A simplificação ortográfica fêz-se, assim, sem maiores tropeços no texto presente, merecendo, entretanto, ressalva os seguintes casos, que foram respeitados, os quais ou bem representam dúvidas que não podem por ora ser dirimidas, ou são prováveis indicações de pronúncia do autor e/ou quiçá do tempo, entre brasileiros cultos:

1) 'indi'nos', 'di'na', 'beni'nos': a notação do autor alterna com um padrão 'indino', 'dina' e 'benina', em que se vê a encampação de formas do século XVI (pelo menos), com visível mostra arcaizante; mas a notação do tipo de início considerado fica a meio caminho, pois nela não se trata, a rigor, do, digamos, arcaísmo puro e simples, mas de uma forma oponencial ao padrão 'indigno', 'digna', 'benigna', formas que também ocorrem no autor; a notação parece-nos particularmente indicativa da convivência do autor com os fatos lingüísticos do passado e do presente seu e, num grau de contemporização (que é o considerado), a fusão dos dois extremos; 'intri'seco', que ocorre, é uma concessão à pronúncia pessoal ou do tempo;

2) com impressionante coerência, o autor distingue 'hardido' (e 'hardida', 'hardimento', 'hardidez') de emprêgo freqüente (pelo menos dez vezes), de 'arder' (e flexões e cognatos), confirmando, dentro da homofonia radical, a consciência de uma convergência fonética, de raízes que remontam ao germânico e ao latim, respectivamente, no primeiro caso através, quase certamente, do francês, donde o *h* inicial; respeitou-se a distinção do autor;

3) grafia como 'myrrado' ou 'myrrhado', entretanto, embora postulando uma falsa etimologia, não foi respeitada, pois, ao contrário do caso anterior, não tinha nenhum valor oponencial;

4) o dígrafo *sc* não foi restaurado em formas do autor como 'florecer', 'enrubecer', 'recendente', sintomáticas da pronúncia do autor e quiçá do meio; a restauração, em casos tais, embora não leve necessariamente à pronúncia hoje padrão em Portugal, mas não no Brasil (em que, legitimamente, pode ser reputada uma ultracorreção), pode induzir ao falseamento; quando, porém, ocorre na fonte o dígrafo, como em 'nacer', foi mantido, embora presumivelmente não fôsse pronunciado; respeitou-se o 'exeições' arcaizante do verso 8 do "Solau de Gonçalo Hermigues".

5) grafias como 'c'o a', 'co'a', 'co'o', 'cõ os', 'cõ a', bem como 'c'os', foram, salvo a primeira (que se representou por 'co'a'), respeitadas, pois seguramente refletem pronúncias canônicas para o tempo como para hoje do tipo, respectivamente, [kwa], [kwu], [kwus], [kwa], bem como [kus];

6) grafias como 'presago' e 'preságio' foram respeitadas, por não se poder dirimir a dúvida de se a pronúncia do autor era mesmo 'presago', 'preságio' — ainda hoje cabível tanto quanto — ou 'presságio' e 'pressago';

7) o caso de 'musulmano', que apresenta três ocorrências, postula um presumível galicismo, com probabilíssima pronúncia correspondente à grafia; não havia, por conseguinte, como alterar para 'muçulmano' (que suporia um original 'mussulmano');

8) 'arasóia', e 'araçóia', bem como 'musurana' e 'muçurana', presumem, entre os tempos de ocorrência, a evolução de convicção quanto à forma em que o autor se fixaria, razão por que se respeitaram, colocando-se o *s* ou o *ç* como transcrições cabíveis para o *s* e os *ss*, respectivamente;

9) 'concelho' ocorre, cabivelmente, uma vez, contra várias de 'conselho', no sentido, já agora, de 'concílio' (que também é do do vocabulário do autor) ou de 'aviso, sugestão'; respeitou-se o original; 'trance', que ocorre uma vez, foi respeitado também, por ortograficamente legítimo, de par com 'transe', também do autor, mas aquêlê revelador da pronúncia, o que não se dá com a segunda notação, que comporta duas pronúncias;

10) não se havendo respeitado a ortografia das *Sextilhas de Frei Antão* — pois o sabor arcaizante, aumentado por ela, não cessa e, ademais, nos textos prôpriamente arcaicos não há por que respeitá-la —, não se manteve o arbítrio, nada arcaico aliás, com que o autor emprega o *z* e o *s*, fônicamente equivalentes; destarte, 'Hermigues' também foi grafado com *s*, tal como o autor faz para com 'Henriques', por exemplo;

11) 'Jó', no poema "Se Muito Sofri já, não mo Perguntes", foi simplificado de 'Job', pois ocorre em rima seguramente perfeita com 'dó'; mas 'Sabaot', que poderia, como o fêz Manuel Bandeira, ser transcrito para 'Sabaô', não o foi por faltar elemento de convicção;

12) formas de 'ennastrar', 'ennegrecer', 'ennovelar', 'emmurche-
cer', 'ennodoar' e afins foram respeitadas, pois podem — ademais
de poderem significar mera observância passiva de convenção
ortográfica — ser verdadeiras pronúncias do tipo en-nastrar /
in-nastrar'; correspondentemente se seguiu para com 'commigo' e
'connosco', embora seja provável que a pronúncia fôsse mais veros-
similmente [kumigu / komigu] e [konosku / kunosku];

13) 'Al-Reschid', à francesa, foi simplificado, em aproximação
com o justo critério de Antenor Nascentes no segundo volume do
seu dicionário etimológico, para 'Al-Rexid', respeitado no mais o
vocábulo;

14) não tendo, certamente, valor distintivo do ponto de vista
dos fatos lingüísticos subjacentes, equivalências fônicas represen-
tadas por *x* ou *ch*; *j* ou *g*; *c*, *c*, *s*, *ç*, *ss* ou *s*, e *z* ou *s*, seguiu-se,
para casos tais, o sistema ortográfico vigente; e o mesmo se fêz,
com mais razão, para com os chamados dígrafos helenizantes, salvo,
se houve, para os casos duvidosos de *ch*, como *ch* mesmo, *qu* ou *c*.

6.4 O emprêgo do acento agudo, sôbre 'á(s), casos afins (tipo
'áquelle'), como indicativo do que é geralmente dito crase, é, no
autor, extremamente característico do nosso romantismo e, mais
ainda, do da própria língua; dado o caráter textual conservador aqui
seguido, respeitou-se o regime do autor. Assim, além de um substracto
em que seu regime coincide com a canônica atual, ocorrem formas,
que foram respeitadas (com mudança do acento para grave), como
'à mêdo', 'à Moisés', 'à meus', 'à quem', 'à par', 'à um só', 'à jeito',
'à espaço', 'à terreiro', 'à tanto', 'à esta', 'à custo', 'à Alcides'; de outro
lado, há uma ocorrência do tipo 'a aquela', no verso 85 do poema
"Palinódia", verso em que os dois *aa* contíguos pertencem à mesma
sílabo poética, podendo, pois, ser meramente lidos como [a] breve
ou como [a] longo. Em contraposição, no verso 35 do poema
"Dies Irae" — "E entregue as aves más, que em chilros pregam"
—, bem como em ocorrências, pelo menos, das locuções adver-
biais 'às vêzes' e outra de 'às claras', bem como em 'às portas',
não ocorre nenhuma acentuação — para citarmos alguns casos mais
característicos

6.5 Porque duvidosa a pronúncia do autor e quiçá do tempo — uma
das questões em que mais se deverá pesquisar, na história interna da
pronúncia da língua, sobretudo do século XVIII, mais particularmente
do século XIX aos nossos dias — em certos vocábulos com grupos
consonânticos ditos impróprios foram êles respeitadas. Há têrmos de
referência que permitem supor que certos grupos consonânticos nesse
interregno deixaram de ser pronunciados em determinados vocábulos
cujo curso se tornou extensivo nas camadas populares, enquanto nou-
tros vocábulos, por influência gráfica, foram restaurados, quando já
não eram pronunciados. Destarte, há dificuldades para saber qual a
pronúncia do autor, ou mais geral nos meios cultos ao seu tempo,
em casos como 'subtil', 'corrupto', 'excepto', 'ceptro', 'constrictos', 'omni-
potente', 'electrizar' — exemplos todos ocorrentes no autor. Que êste

— e o meio culto brasileiro muito provavelmente — não raro punha certa ênfase até na pronúncia de grupos consonânticos desse tipo, se tem, na sua própria obra, documentação sobeja, como se verá adiante (6.7 *infra*).

6.6 Consentânea com um traço do fonetismo dos proparoxítonos, em que a postônica imediatamente após a tônica apresenta menor estabilidade, há a ocorrência, no autor, de certas reduções paroxitonzantes, desde que o grupo consonântico assim formado seja próprio — como em ‘circ’lo’, do verso 55 do poema “O Mar” —, ou mesmo impróprio mas representado na língua — como em ‘anat’ma’, do verso 2 do poema “Protesto”. Um apócope do tipo ‘cárcer’ — do verso 106 do poema “O Meu Sepulcro”, que apresenta no verso 103 ‘cár-cere’ — se funda em duas condicionantes, a de que a forma ‘cárcer’ tem tradição na língua e a de que, ademais, a síncope da postônica geraria um grupo consonântico impróprio não representado na língua. É na primeira das circunstâncias que se funda ‘per’la’, do autor, via de regra grafada com apóstrofo e assim respeitada.

6.7 As epênteses encontradiças nos versos do autor — quase tôdas, senão que tôdas, apontadas no aparato crítico de G, por Manuel Bandeira, com o comentário de suarabácti — constituem o melhor documentário interno da obra para caracterizar a pronúncia dos grupos consonânticos ditos impróprios e, mais do que isso, para dar uma das achegas fundamentais dos brasileirismos fônicos que provavelmente expliquem alguns fatos do fonetismo de suas pretônicas, que consideramos adiante (6.8 *infra*). Eis os casos principais:

1) “Como flor submarinha”, verso 13 do poema “Os Suspiros”, heptassílabo que implica na pronúncia ‘submarinho’, pronúncia por sua vez espontânea hoje entre nós, senão que já ao tempo do autor, já que devemos rechaçar a hipótese do rusticismo ‘fulo(r)’;

2) “Nas criptas sombrias”, verso 12 do poema “A Morte é Vária”, que merece igual comentário que o anterior, *mutatis mutandis*;

3) “Foi Jefté corajoso”, verso 103 da sexta parte da “Loa da Princesa Santa”, que merece o mesmo comentário, acrescido de um pormenor psicológico importante, o de que, embora a tensão arcaizante com que o autor devera tê-lo composto, aquela vivência fônica atualíssima, quase futurista, prevaleceu;

4) “Admirar teus verdores”, verso 45 do poema “A Mangueira”, com o mesmo comentário inicial *supra*;

5) “— ‘Ecce homo!’ lhe dizem”, verso 9 de “Ao Grande Literato Homeopático D.^r Veludo”, heptassílabo de poema de cunho satírico, com linguagem de sabor popularesco, em que a pronúncia do vocábulo latino inicial é visivelmente abrasileirada, constituindo um trissílabo; a tais ocorrências, podem ser acrescentados os exemplos dos versos seguintes:

6) “Que dá vida aos objetos”, verso 75 do poema “Solidão”, em que ‘objetos’ só não é o‘bijetos’ (ou ‘objetos’) se se fizer a inesperável diérese entre o fim de ‘vida’ e ‘aos’;

7) “E admiraste o quê? / — Ah! onde as flôres”, verso 5 do poema “A Uma Poetisa”, em que ‘admiraste’ só não é ‘adimiraste’ com recurso a uma inesperável diérese;

8) “Contudo os olhos d’ignóbil pranto”, verso 61 de “I-Juca-Pirama”, com comentário equivalente ao anterior;

9) “Se a dor do pai não absorve inteiro”, verso 109 da “Nênia”;

10) “E então dirás: ‘Objeto’”, verso 74 do poema “Como eu te Amo”;

11) “Enorme rocha, obstruindo o leito”, verso 412 do canto terceiro de *Os Timbiras*;

12) “Às querelas de Ogib volta o rosto”, verso 510 do mesmo canto e poema;

13) “Em quanto vivo, insígnias do mando”, verso 36 do canto quarto do mesmo poema;

14) “Um tapuia, guerreiro adventício”, verso 256 do mesmo canto e poema.

6.8 Porque um texto de arte literária não valha apenas como objeto de arte literária nas suas implicações estéticas; porque, de regra, na massa de que é composto há um resíduo, não raro muito mais que resíduo, das tendências lingüísticas em choque, não parece legítimo, para seu estabelecimento, encobrir ou eliminar as provas reais ou potenciais dêsse entrechoque. Na história da pronúncia do português, considerada na dicotomia padrão que hoje inevitavelmente existe entre Portugal e o Brasil, a evolução e as tendências diferenciadoras do regime das pretônicas são um documentário, quando grafado, da mais alta importância, do qual ainda não se tiraram as ilações possíveis. Cabe, assim, respeitá-las, sobretudo num texto conservador como o presente, em que critérios menos flutuantes (porque, no caso, mais arbitrários ainda) não podem ser fundamentados. Ver-se-á, na mera lista alfabeticamente ordenada a seguir, que repontam exemplos vários em que se pode suspeitar uma das tendências que tais: *a)* padrões fônicos brasileiros, de cunho popular ou de cunho erudito, êste via de regra restaurado por influência gráfica, *b)* padrões fônicos lusitanizantes contemporâneos do autor, *c)* padrões fônicos (ou gráficos) arcaizantes e *d)* flutuação dêsses padrões na linguagem do autor, já por automatismo psíquico situacional, já por intuítos de valor, segundo o contexto da ocorrência — tôda uma estilística por fazer — e com isso nos poupamos de considerações sem-número que quase cada caso sugeriria. Notar-se-á, também, que as ocorrências da primeira coluna vertical arrolada não são exclusivas, antes pelo contrário, em quase todos os casos, alternam com as da segunda coluna vertical arrolada:

compr'ender	compreender	Manoel	Manuel
corridias	corredias	of'recer	oferecer
creador	criador	par'ceu-me	pareceu-me
creatura	criatura	peior	pior
creou	criou	perigrina	peregrina
c'roa	coroa	perilampos	pirilampos
cubiça	cobiça	peor	pior
cubiçaram	cobiçaram	podera	pudera
cubice	cobice	poderar	puderam
deligentes	diligentes	podesses	pudesses
descrimes	discrimes	ponteagudo	pontiagudo
destendem	distendem	p'rescrutando	perscrutando
devinais	divinais	prescrutar	perscrutar
devino	divino	p'rigos	perigos
discontam	descontam	qu'ria	queria
disselando	desselando	reivendique	reivindique
distilaria	destilaria	semilhando	semelhando
distilas	destilas	semilhante	semelhante
distingisse	destingisse	simelha	semelha
encuberto	encoberto	semilhante	semelhante
f'liz	feliz	si	se
fratrecida	fratricida	siquer	sequer
golosa	golosa	sob'rano	soberano
gorgulhões	gorgulhões	soportar	suportar
Hespaniola	Hispaniola	sorpresa	surpresa
himineu	himineu	sparto	esparto
impece	empece	spectro	espectro
impedrado	empedrado	spelunca	espelunca
impola	empola	splêndido	esplêndido
imposeste	impuseste	splendor	esplendor
inceta	enceta	squálido	esquálido
incompr'ensível	incompreensível	statuário	estatuário
infêrmo	enfêrmo	stólido	estólido
inficionado	infeccionado	strutura	estrutura
invida	envida	stulto	estulto
involta	envôlta	surprende	surprende
involto	envolto	teritar	tiritar
involve	envolve	treplica	triplica
jocundo	jucundo	vendicta	vindicta
Loculo	Luculo	vividoura	vivedoura
logar	lugar	volcão	vulcão

Considere-se que um 'surrindo' isolado contra um unanimismo de 'sorrir' e flexões foi levado à conta do erro óbvio; e que 'angoéra' e 'Japegoá', em favor da métrica, foram grafados 'angüera' e 'Japeguá'.

6.9 Enquanto em tórno das pretônicas há tóda uma bela problemática que resolver, no que tange às postônicas, inclusive as finais átonas, pouco ou quase nada há que observar, razão por que não só sua uniformização, mas também sua atualização, entre o tempo do autor e o presente, quase não encontra embargos lingüísticos. Formas como 'crânio', de 'craneo', ou 'escárnio', de 'escarneo' suporiam, se observadas, uma pronúncia requintadíssima, em quem, pelo exemplário já entremostrado, se revela espontâneo, ainda que culto. Caso como 'cúpola' é da época, com sabor de relativa anterioridade; uniformização do tipo 'tribo' e 'quase' (por 'tribu' e 'quasi') também não com-

padecem dúvidas. O caso de 'cárcer' já foi *supra* considerado (6.6). Resta lembrar a forma 'pel', por 'pele', encontrável nos versos 'Vivem homens de pel' côr da noite, número 49 do poema "Tabira"; "Negra pel', mas escravos tão bem", número 196 do mesmo poema, e "Vista a pel' do tapir, que o resguardava", verso 543, do canto terceiro de *Os Timbiras*.

6.10 Na morfologia verbal alguns poucos casos merecem esclarecimento:

1) a forma 'vás', do presente do indicativo do verbo 'ir', ocorre, de par com 'vais';

2) 'vem' e 'provém' e 'tem' são formas do presente de indicativo tanto do singular quanto do plural; ocorre, também, no plural, 'veem' e 'teem';

3) 'vêm' é forma de terceira pessoa do plural do presente do indicativo de 'ver'; ocorre também a forma 'vêem';

4) além das formas do *perfectum* do verbo 'poder' em o radical vistas na lista constante de 6.8, consigne-se a flutuação da terceira pessoa do singular do pretérito perfeito 'pôde/poude';

5) os verbos em '-ear' apresentam intensa flutuação, que, como tôdas as formas acima referidas, remontam a antes do arcaísmo, quiçá ao século XVI, mantendo, pois, vestígios do estágio arcaico; tanto ocorrem formas rizotônicas sem desfazimento gráfico do hiato — tipo 'esporea', 'campeam' — quanto formas arrizotônicas com desfazimento do hiato — tipo 'meneiavam', 'devaneando', 'arreceiava', 'receiava', quanto formas hoje em dia canônicas — tipo 'enfreiam', 'recreia', 'ideei'. Semelhante é a situação de formas nominais afins: 'frea', 'area', mesmo 'idéa', a par de 'receioso', 'areial', contra 'areia', 'areais'; todos os fatos dêsse tipo foram respeitadas.

6.11 Merecem, no campo da prosódia, rápidas referências ocorrências do tipo 'envólucro', de par com 'invólucro'; 'ímpio' (e flexões) de par com 'ímpio' (e flexões); 'benção', 'púdico', 'impúdico', 'ambrosia', são predominantes como tais, senão exclusivas; 'aloes', 'sericos', 'Megara', 'lidimo', 'crastino' e quiçá 'Onfale', ocorrem uma só vez como paroxítonas; 'reptis' ocorre uma vez assim, dita à brasileira; 'mumia', como tal, ocorre uma vez, em verso suspeito quanto à pureza da lição textual — verso 26 do poema "A Historia". Conexa com êsses fatos, consigne-se ocorrência de 'manítos', contra 'manitôs'.

6.12 Constituem pontos de dúvida textual os seguintes casos:

1) "Por vesperina aragem bafejados", verso 162 do poema "Quadradas da Minha Vida"; Manuel Bandeira corrigiu por 'vespertina'; manteve-se aqui lição duvidosa;

2) "E nas solidões de novo ei-lo se entranha", verso 46 do poema "Adeus"; Manuel Bandeira corrige para 'soidões', do vocabulário do autor, para conformar o verso ao decassílabo; mantivemos a lição duvidosa, inclusive porque a primeira sílaba pode ser embebida no final do verso anterior;

3) "Dictamo dos corações", verso 24 do poema "Canção"; Manuel Bandeira corrige, baseado em lição da edição de 1848 dos *Segundos Cantos*, para 'ditamno'; a dúvida pode perdurar quanto a um possível 'dictame' ou então 'dictamno';

4) "Que o feliz condenado achou na Ucrânia", verso 76 do poema "A Tempestade"; Manuel Bandeira corrige para 'Ucrânia' sem maior razão, ao que presumo devendo até ter sido erro de composição na sua edição, pois o particular nem consta de seu aparato crítico sempre tão escrupuloso;

5) "Que jamais poderam cantos", verso 22 do poema "Angelina"; Manuel Bandeira, com dúvida, optou no texto por 'poderão', assim grafado no original; em versos tais quase sempre o texto distingue o futuro, pondo 'poderão';

6) "Que não rezades as rosas", verso 53 da terceira parte de "Gulnare e Mustafá"; o verso é talvez suspeito, provavelmente "que não rezades as rezas" (o original está "que não resades as rosas"), em contraponto com o verso 83 da mesma parte do poema — "Rezava mil rezas suas";

7) o vocábulo "erriça", que sistematicamente é corrigido por Manuel Bandeira para 'eriça', ocorre, se não me escapa, cinco vezes, sempre como "erriça": "O que há mais forte do que tu? Se erriças", verso 41 do poema "O Mar", "A barba tôda se erriça", verso 53 da última parte de "Gulnare e Mustafá"; "Solução um nome que lhe erriça a coma", verso 43 do poema "O Assassino"; "Aterrada, transida, treme, erriça", verso 289 do canto primeiro de *Os Timbiras*; "A cortante serrilha embora erriça", verso 467 do último canto de *Os Timbiras*;

8) "Arrã soprada, que um menino espoca", verso 230 do último canto de *Os Timbiras*; se não se trata de "espouca", é forma precocemente documentada do brasileirismo;

9) "E nunca sobretudo protegeu-te", verso 50 da tradução do "Possêidon", de Heine, que, baseado no texto alemão, Manuel Bandeira crê ser "protegeste";

6.13 Resta-nos consignar as principais correções não óbvias; são elas:

1) 'E da curva armação polida e bela", verso 12 do poema "Passamento", contra a lição 'amação'; a correção já é de Manuel Bandeira;

2) "Como que má sezão lhes tolhe os membros", verso 70 do poema "A Desordem de Caxias", contra a lição 'sazão'; a correção já é de Manuel Bandeira;

3) "Que eu como galas vesti", verso 82 da "Lenda de Sam Gonçalo", contra a lição 'verti'; a correção já é de Manuel Bandeira;

4) "Fácil triunfo conquistar nas trevas", verso 392 do canto terceiro de *Os Timbiras*, contra a lição 'mas trevas'; a correção já é de Manuel Bandeira;

5) "Agrestes, sim, mas belas. Gênio antigo", verso 64 do canto quarto de *Os Timbiras*; a correção já é de Manuel Bandeira;

6) "Tangida pelo simum abrasador", tal como fiz estampar aqui, mas mais provavelmente ainda "Tangida pelo simu' abrasador", verso 52 do poema "A Flor do Amor". A lição original, encampada passivamente por G e H, dentre os modernos, sem nenhum comentário de nota de dúvida, é "Tangida pelo súmiu' abrasador", que me parece um enigma. O contexto, arabizante e desértico, de um lado; a composição, em tipo móvel, em que se pode presumir verossimilmente a troca de posição recíproca do *i* pelo primeiro *u*; aquêle *u* final seguido de apóstrofo; a conexão dêsse último recurso com notação do tipo 'mi', e, principalmente, 'bolati', que ocorre no verso 24 da segunda parte de "Gulnare e Mustafá" — "Bufão, e nem bolati" — tudo isso parece militar veementemente para a correção ousada.

A. H.

Rio de Janeiro, julho de 1958.

CANTOS

AO SEU AMIGO
DR. G. S. DE CAPANEMA
OFERECE ESTA EDIÇÃO
DOS SEUS CANTOS

O AUTOR

SIRVA DE PRÓLOGO

A COLEÇÃO DE POESIAS, que agora reimprimo, vai ilustrada com algumas linhas de A. Herculano, a que devo a maior satisfação que tenho até hoje experimentado na minha vida literária.

Merecer a crítica de A. Herculano, já eu consideraria como bastante honroso para mim; uma simples menção do meu primeiro volume, rubricada com o seu nome, desejava-o decerto; mas esperá-lo, seria de minha parte demasiada vaidade.

Ora, em vez da crítica inflexível, que eu devera, mas não ousava recear; em vez da simples notícia do aparecimento de um volume, que não seria de todo ruim, pois que teria merecido ocupar a sua atenção; o ilustre escritor pôs por alguns momentos de parte a severidade que tem direito de usar para com todos, quando é tão severo para consigo mesmo, — e, benèvolamente indulgente, dirigiu-me algumas linhas, que me fizeram compreender quão alto eu reputava a sua glória, na plenitude de contentamento, de que as suas palavras me deixaram possuído.

O escritor conhecia-o eu há muito, mas de nome e pelas suas obras: essas obras que todos nós temos lido, e êsse nome que eu sempre ouvira pronunciar com admiração e respeito.

Se pois, naquela ocasião, me fôsse dado escolher autor para êsse artigo, não podia recair em outro a minha escolha. Hoje, com mais razão. Tive ensejo de o conhecer pessoalmente, e a fortuna de encontrar nêle um daqueles poucos, d'alta inteligência, que não perdem em serem admirados de perto, e cuja amizade se pode ambicionar como um tesouro: fortuna, digo, porque o é decerto, quando se admira o escrito, que se possa ao mesmo tempo estimar o escritor; e ainda maior fortuna, quando queremos manifestar o nosso reconhecimento, que nos não remorda a consciência, prevenindo-nos, de que ainda quando digamos mais do que a verdade, ficaremos sempre aquêem do que devemos.

Aí vai o artigo tal qual o transcreveu e remeteu-me de Lisboa o meu bom amigo Gomes de Amorim.

Dresde, 30 de março de 1857

FUTURO LITERÁRIO DE PORTUGAL E DO BRASIL *

Por ocasião da leitura dos
PRIMEIROS CANTOS: poesias
de A. Gonçalves Dias.

BEM COMO A INFÂNCIA do homem a infância das nações é vívida e esperançosa; bem como a velhice humana a velhice delas é tediosa e melancólica. Separado da mãe pátria, menos pela série de acontecimentos inopinados, a que uma observação superficial lhe atribui a emancipação, do que pela ordem natural do progresso das sociedades, o Brasil, império vasto, rico, destinado pela sua situação, pelo favor da natureza, que lhe fadou a opulência, a representar um grande papel na história do Novo Mundo, é a nação infante que sorri: Portugal é o velho aborrido e triste, que se volve dolorosamente no seu leito de decrepidez; que se lamenta de que os raios do sol se tornassem frouxos, de que se encurtassem os horizontes da esperança, de que um crepe fúnebre vele a face da terra. Perguntai, porém, ao povo infante, que cresce e se fortifica além dos mares, que se atira ridente pelo caminho da vida, se é verdade isso que diz o ancião na tristeza do seu vegetar inerte, e que, encostado na borda do túmulo, deplora, pobre tonto, o mundo que vai morrer!

Em Portugal, os espíritos que o antigo poeta designou pelo epíteto de bem nascidos; aqueles que ainda tentam esquivar-se no santuário da ciência ou da poesia ao pego da podridão dissolvente que os cerca, no meio dos seus generosos esforços chegam a iludir a Europa com essas aspirações do futuro, que também nêles não são mais do que uma ilusão. As suas tentativas quase fazem acreditar que para esta nação moribunda ainda resta uma esperança de regeneração; que nas veias varicosas dêste corpo semicadáver de novo se vai injectar sangue puro; que temos ainda algum destino a cumprir antes de nos amortaharmos no estandarte de D. João I ou na bandeira de Vasco da Gama, e de irmos enfim repousar no cemitério da história. O desengano chega, porém, em breve. O talento que forcejava por fugir do letargo febril que nos consome, retrocede ao entrar no templo, e volve ao lodaçal onde agonizamos. É que a turba que aí se debate, ou o apupa, ou lhe arroja adiante tropeços, ou o corrompe com dádivas e promessas; e falando-lhe às paixões más, às ambições insensatas, lhe clama: vem refocilar-te no lôdo. E, desanimado ou tentado, o talento despenha-se, e atufando-se no charco, aceita as lisonjas ou o oiro imundo, que lhe atiram, embriaga-se com os outros perdidos, e renega da missão sacrossanta, que se lhe destinara no céu.

Que é feito de tantos engenhos que despontaram nesta nossa terra desde que a imprensa libertada chamou os que sentiam chamejar em si um espírito não vulgar ao convívio das inteligências? Que é feito dessas três ou quatro épocas em que, nos últimos quinze anos, a mocidade

* Artigo publicado na Revista Universal Lisbonense — Tom. 7, p. 5 — ano de 1874 — 1848.

parecia querer deixar inteiramente aos pequeninos homens grandes do país o agitarem-se, o morderem-se, o devorarem-se acêrca dos graves interêsses, das profundas questões das bôlhas de sabão políticas? Que é feito dessa falange ardente, ambiciosa de uma glória pura, que principiava a exercitar-se nas lides do entendimento? De tudo isso, de tôda essa mocidade brilhante e esperançosa que resta? Algum crente solitário, que deplora em silêncio a queda de tantos arcanjos. Os outros sacerdotes, apostatando da religião das letras, atiraram-se à arena das facções, e manchados pela baba dos ódios civis, cobertos da lama das praças, arroxeados e sangüentos pelas punhadas do pugilato político, desbaratando em esforços estéreis a seiva interior, lá vão disputando no meio de homens, gastos como a efigie de velha moeda, sôbre qual há-de ser a forma do ataúde, e como se talhará a mortalha, em que o cadáver de Portugal deve descer à sepultura. Que outra coisa, de feito, há aí sôbre que se dispute ainda?

Por isso, quando vejo começar a surgir entre nós um novo poeta; quando oiço a primeira harmonia que sussurra nas cordas da lira noviça quisera poder chegar-me escondidamente ao descuidado e inexperiente cantor, e dizer-lhe ao ouvido: Cala-te, alma virgem e bela; cala-te, que estás num prostíbulo! Olha que êles não te ouçam! Se o teu hino reboar por essas torpes alcovas, sabe que pouco tardará a hora de te prostituíres.

O poeta português d'hoje é a avezinha que enlevada nos seus gorjeios se balança depois do pôr do sol no ramo do ulmeiro pendente sôbre o rio. As outras voaram para os seus ninhos, e ela deixou vir a noite, e ficou ali, triste, só, desconsolada, soltando a espaços um doloroso pio.

Poeta, nesta terra é noite! Por que não te acolheste ao teu ninho? Agora o que te resta é morrer. Vai abrigar-te entre os orbes; vai derramar em canções a tua alma no seio imenso de Deus. Ai é que sempre é dia.

Nós somos hoje o hilota embriagado, que se punha defronte da mesa nas filitias de Esparta, para servir de lição de sobriedade aos mancebos. O Brasil é a moderna Sparta, de que Portugal é a moderna Helos.

Estas amarguradas cogitações surgiram-me na alma com a leitura de um livro impresso o ano passado no Rio de Janeiro, e intitulado: Primeiros Cantos: Poesias por A. Gonçalves Dias. Naquele país de esperanças, cheio de viço e de vida, há um ruído de lavor íntimo, que soa tristemente cá, nesta terra onde tudo acaba. A mocidade, despregando o estandarte da civilização, prepara-se para os seus graves destinos pela cultura das letras; arroteia os campos da inteligência; aspira as harmonias dessa natureza possante que a cerca; concentra num foco todos os raios vivificantes do formoso céu, que a alumina; prova fôrças enfim para algum dia renovar pelas idéias a sociedade, quando passar a geração dos homens práticos e positivos, raça que lá deve predominar ainda; porque a sociedade brasileira, vergôntea separada há tão pouco da carcomida árvore portuguesa, ainda necessariamente conserva uma parte do velho cepo. Possa o renôvo dessa vergôntea, transplantada da Europa para entre os trópicos, prosperar e viver uma bem longa vida, e não decair tão cedo como nós decaímos!

É geralmente sabido que o jovem imperador do Brasil dedica todos os momentos que pode salvar das ocupações materiais de chefe do Estado ao culto das letras. Mancebo, prende-se à mocidade, aos homens

do futuro, por laços que decerto as revoluções não hão de quebrar; porque o progresso social não virá acometê-lo inopinadamente nas suas crenças e hábitos. Quando a idéia se encarnar na realidade, o seu espírito como as outras inteligências que o rodeiam, ter-se-á alimentado dela, e saudará como os seus mais alumiados súbditos o pensamento progressivo. Não notais nestas tendências do môço príncipe um símbolo do presente, e uma profecia consoladora acêrca do porvir do Brasil?

A imprensa na antiga América portugüesa, balbuciante há dois dias, já ultrapassa a imprensa da terra que foi metrópole. As publicações periódicas, primeira expressão de uma cultura intelectual que se desinvolve, começam a associar-se as composições de mais alento — os livros. Ajunte-se a este facto outro, o ser o Brasil o mercado principal do pouco que entre nós se imprime, e será fácil conjecturar que no domínio das letras, como em importância e prosperidade, as nossas emancipadas colônias nos vão levando ràpidamente de vencida.

Por si sós êsses factos provariam antes a nosa decadência, que o progresso literário do Brasil. É um mancebo vigoroso que derriba um velho caquético, demente e paralítico. O que completa, porém, a prova é o exame não comparativo, mas absoluto, de algumas das modernas publicações brasileiras.

Os Primeiros Cantos são um belo livro; são inspirações de um grande poeta. A terra de Santa Cruz que já conta outros no seu seio, pode abençoar mais um ilustre filho.

O autor, não o conhecemos; mas deve ser muito jovem. Tem os defeitos do escritor ainda pouco amestrado pela experiência: imperfeições de língua, de metrificação, de estilo. Que importa? O tempo apagará essas máculas, e ficarão as nobres inspirações estampadas nas páginas dêste formoso livro.

Quiséramos que as Poesias Americanas que são como o pórtico do edificio occupassem nêle maior espaço. Nos poetas transatlânticos há por via de regra demasiadas reminiscências da Europa. Êsse Novo Mundo que deu tanta poesia a Saint-Pierre e a Chateaubriand é assaz rico para inspirar e nutrir os poetas que crescerem à sombra das suas selvas primitivas.

Como argumento disso, como exemplo, da verdadeira poesia nacional do Brasil citarei aqui dous trechos das Poesias Americanas: o "Canto do Guerreiro" e um fragmento "Morro do Alecrim".

(Aqui vem transcrita por inteiro a poesia intitulada "O Canto do Guerreiro" e as últimas strofes do "Morro do Alecrim".)

Abstendo-me de outras citações, que occupariam demasiado espaço, não posso resistir a tentação de transcrever das Poesias Diversas uma das mais mimosas composições líricas, que tenho lido na minha vida.

(Aqui vem transcrita a poesia intitulada "Seus Olhos".)

Se estas poucas linhas, escritas de abundância de coração, passarem os mares, receba o autor dos Primeiros Cantos o testemunho sincero de simpatia, que a leitura do seu livro arrancou a um homem, que o não conhece, que provàvelmente não o conhecerá nunca, e que não costuma nem dirigir aos outros elogios encomendados, nem pedi-los para si.

Lisboa (Ajuda) 30 de novembro de 1847.

PRIMEIROS CANTOS

PRÓLOGO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

DEI O NOME de Primeiros Cantos às poesias que agora publico, porque espero que não serão as últimas.

Muitas delas não tem uniformidade nas strofes, porque menosprezo regras de mera convenção; adoptei todos os ritmos da metrificacão portugüesa, e usei dêles como me pareceram quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir.

Não tem unidade de pensamento entre si, porque foram compostas em épocas diversas — debaixo de céu diverso — e sob a influêcia de impressões momentâneas. Foram compostas nas margens viçosas do Mondego e nos pincaros enegrecidos do Gerez — no Doiro e no Tejo — sôbre as vagas do Atlântico, e nas florestas virgens da América. Escrevi-as para mim, e não para os outros; contentar-me-ei, se agradarem; e se não... é sempre certo que tive o prazer de as ter composto.

Com a vida isolada que vivo, gosto de afastar os olhos de sôbre a nossa arena política para ler em minha alma, reduzindo à linguagem harmoniosa e cadente o pensamento que me vem de improviso, e as idéias que em mim desperta a vista de uma paisagem ou do oceano — o aspecto enfim da natureza. Casar assim o pensamento com o sentimento — o coração com o entendimento — a idéia com a paixão — colorir tudo isto com a imaginação, fundir tudo isto com a vida e com a natureza, purificar tudo com o sentimento da religiãõ e da divindade, eis a Poesia — a Poesia grande e santa — a Poesia como eu a compreendo sem a poder definir, como eu a sinto sem a poder traduzir.

O esfôrço — ainda vão — para chegar a tal resultado é sempre digno de louvor; talvez seja êste o só merecimento dêste volume. O Público o julgará; tanto melhor se êle o despreza, porque o Autor interessa em acabar com essa vida desgraçada, que se diz de Poeta.

Rio de Janeiro — Julho de 1846.

POESIAS AMERICANAS

*Les infortunes d'un obscur habitant
des bois auraient-elles moins de droits à
nos pleurs que celles des autres hommes?*

CHATEAUBRIAND

CANÇÃO DO EXÍLIO

*Kennst du das Land, wo die Citronen blühen,
Im dunkeln die Gold-Orangen glühen,
Kennst du es wohl? — Dahin, dahin!
Möcht ich... ziehn.*

GOETHE

MINHA TERRA tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrêlas,
Nossas várzeas tem mais flôres,
Nossos bosques tem mais vida,
Nossa vida mais amôres.

Em cismar, sòzinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sòzinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Coimbra — Julho 1843.

O CANTO DO GUERREIRO

I

AQUI na floresta
Dos ventos batida,
Façanhas de bravos
Não geram escravos,
Que estimem a vida
Sem guerra e lidar.
— Ouvi-me, Guerreiros.
— Ouvi meu cantar.

II

Valente na guerra
Quem há, como eu sou?
Quem vibra o tacape
Com mais valentia?
Quem golpes daria
Fatais, como eu dou?
— Guerreiros, ouvi-me;
— Quem há, como eu sou?

III

Quem guia nos ares
A frecha imprumada,
Ferindo uma prêsa,
Com tanta certeza,
Na altura arrojada
Onde eu a mandar?
— Guerreiros, ouvi-me,
— Ouvi meu cantar.

IV

Quem tantos imigos
Em guerras preou?
Quem canta seus feitos
Com mais energia?
Quem golpes daria

Fatais, como eu dou?
— Guerreiros, ouvi-me:
— Quem há, como eu sou?

V

Na caça ou na lide,
Quem há que me afronte?!
A onça raivosa
Meus passos conhece,
O imigo estremece,
E a ave medrosa
Se esconde no céu.
— Quem há mais valente,
— Mais destro do que eu?

VI

Se as matas estrujo
Co os sons do Boré,
Mil arcos se encurvam,
Mil setas lá voam,
Mil gritos reboam,
Mil homens de pé
Eis surgem, respondem
Aos sons do Boré!
— Quem é mais valente,
— Mais forte quem é?

VII

Lá vão pelas matas;
Não fazem ruído:
O vento gemendo
E as matas tremendo
E o triste carpido
Duma ave a cantar,
São eles — guerreiros,
Que faço avançar.

VIII

E o Piaga se ruge
No seu Maracá,
A morte lá paira

Nos ares frechados,
Os campos juncados
De mortos são já:
Mil homens viveram,
Mil homens são lá.

IX

E então se de novo
Eu toco o Boré;
Qual fonte que salta
De rocha empinada,
Que vai marulhosa,
Fremente e queixosa,
Que a raiva apagada
De todo não é,
Tal êles se escoam
Aos sons do Boré.
— Guerreiros, dizei-me,
— Tão forte quem é?

O CANTO DO PIAGA

I

Ó GUERREIROS da Taba sagrada,
Ó Guerreiros da Tribu Tupi,
Falam Deuses nos cantos do Piaga,
Ó Guerreiros, meus cantos ouvi.

Esta noite — era a lua já morta —
Anhangá me vedava sonhar;
Eis na horrível caverna, que habito,
Rouca voz começou-me a chamar.

Abro os olhos, inquieto, medroso,
Manitôs! que prodígios que vi!
Arde o pau de resina fumosa,
Não fui eu, não fui eu, que o acendi!

Eis rebenta a meus pés um fantasma,
Um fantasma d'imensa extensão;
Liso crânio repousa a meu lado,
Feia cobra se enrosca no chão.

O meu sangue gelou-se nas veias,
Todo inteiro — ossos, carnes — tremi,
Frio horror me coou pelos membros,
Frio vento no rosto senti.

Era feio, medonho, tremendo,
Ó Guerreiros, o espectro que eu vi.
Falam Deuses nos cantos do Piaga,
Ó Guerreiros, meus cantos ouvi!

II

Por que dormes, ó Piaga divino?
Começou-me a Visão a falar,
Por que dormes? O sacro instrumento
De per si já começa a vibrar.

Tu não viste nos céus um negrume
Tôda a face do sol ofuscar;
Não ouviste a coruja, de dia,
Seus estrídulos tôrva soltar?

Tu não viste dos bosques a coma
Sem aragem — vergar-se e gemer,
Nem a lua de fogo entre nuvens,
Qual em vestes de sangue, nascer?

E tu dormes, ó Piaga divino!
E Anhangá te proíbe sonhar!
E tu dormes, ó Piaga, e não sabes,
E não podes augúrios cantar?!

Ouve o anúncio do horrendo fantasma,
Ouve os sons do fiel Maracá;
Manitôs já fugiram da Taba!
Ó desgraça! ó ruína! ó Tupá!

III

Pelas ondas do mar sem limites
Basta selva, sem fôlhas, i vem;
Hartos troncos, robustos, gigantes;
Vossas matas tais monstros contêm.

Traz embira dos cimos pendente
— Brenha espessa de vários cipó —

Dessas brenhas contêm vossas matas,
Tais e quais, mas com fôlhas; é só!

Negro monstro os sustenta por baixo,
Branças asas abrindo ao tufão,
Como um bando de cândidas garças,
Que nos ares pairando — lá vão.

Oh! quem foi das entranhas das águas,
O marinho arcabouço arrancar?
Nossas terras demanda, fareja...
Êsse monstro... — o que vem cá buscar?

Não sabeis o que o monstro procura?
Não sabeis a que vem, o que quer?
Vem matar vossos bravos guerreiros,
Vem roubar-vos a filha, a mulher!

Vem trazer-vos crueza, impiedade —
Dons cruéis do cruel Anhangá;
Vem quebrar-vos a maça valente,
Profanar Manitôs, Maracás.

Vem trazer-vos algemas pesadas,
Com que a tribu Tupi vai gemer;
Hão-de os velhos servirem de escravos
Mesmo o Piaga inda escravo há de ser!

Fugireis procurando um asilo,
Triste asilo por ínvio sertão;
Anhangá de prazer há de rir-se,
Vendo os vossos quão poucos serão.

Vossos Deuses, ó Piaga, conjura,
Susta as iras do fero Anhangá.
Manitôs já fugiram da Taba,
Ó desgraça! ó ruína! ó Tupá!

O CANTO DO ÍNDIO

QUANDO O SOL vai dentro d'água
Seus ardores sepultar,
Quando os pássaros nos bosques
Principiam a trinar;

Eu a vi, que se banhava. . .
Era bela, ó Deuses, bela,
Como a fonte cristalina,
Como luz de meiga estrêla.

Ó Virgem, Virgem dos Cristãos formosa,
Porque eu te visse assim, como te via,
Calcara agros espinhos sem queixar-me,
Que antes me dera por feliz de ver-te.

O tacape fatal em terra estranha
Sôbre mim sem temor veria erguido;
Dessem-me a mim sômente ver teu rosto
Nas águas, como a lua, retratado.

Eis que os seus loiros cabelos
Pelas águas se espalhavam,
Pelas águas, que de vê-los
Tão loiros se enamoravam.

Ela erguia o colo ebúrneo,
Por que melhor os colhesse;
Níveo colo, quem te visse,
Que de amôres não morresse!

Passara a vida inteira a contemplar-te,
Ó Virgem, loira Virgem tão formosa,
Sem que dos meus irmãos ouvisse o canto,
Sem que o som do Boré que incita à guerra
Me infiltrasse o valor que m'has roubado,
Ó Virgem, loira Virgem tão formosa.

As vêzes, quando um sorriso
Os lábios seus entreabria,
Era bela, oh! mais que a aurora
Quando a raiar principia.

Outra vez — dentre os seus lábios
Uma voz se desprendia;
Terna voz, cheia de encantos,
Que eu entender não podia.

Que importa? Ésse falar deixou-me n'alma
Sentir d'amôres tão sereno e fundo,
Que a vida me prendeu, vontade e fôrça
Ah! que não queiras tu viver comigo,
Ó Virgem dos Cristãos, Virgem formosa!

Dessas brenhas contêm vossas matas,
Tais e quais, mas com fôlhas; é só!

Negro monstro os sustenta por baixo,
Brancas asas abrindo ao tufão,
Como um bando de cândidas garças,
Que nos ares pairando — lá vão.

Oh! quem foi das entranhas das águas,
O marinho arcabouço arrancar?
Nossas terras demanda, fareja. . .
Êsse monstro. . . — o que vem cá buscar?

Não sabeis o que o monstro procura?
Não sabeis a que vem, o que quer?
Vem matar vossos bravos guerreiros,
Vem roubar-vos a filha, a mulher!

Vem trazer-vos crueza, impiedade —
Dons cruéis do cruel Anhangá;
Vem quebrar-vos a maça valente,
Profanar Manitôs, Maracás.

Vem trazer-vos algemas pesadas,
Com que a tribu Tupi vai gemer;
Hão-de os velhos servirem de escravos
Mesmo o Piaga inda escravo há de ser!

Fugireis procurando um asilo,
Triste asilo por ínvio sertão;
Anhangá de prazer há de rir-se,
Vendo os vossos quão poucos serão.

Vossos Deuses, ó Piaga, conjura,
Susta as iras do fero Anhangá.
Manitôs já fugiram da Taba,
Ó desgraça! ó ruína! ó Tupá!

O CANTO DO ÍNDIO

QUANDO O SOL vai dentro d'água
Seus ardores sepultar,
Quando os pássaros nos bosques
Principiam a trinar;

Eu a vi, que se banhava...
Era bela, ó Deuses, bela,
Como a fonte cristalina,
Como luz de meiga estrêla.

Ó Virgem, Virgem dos Cristãos formosa,
Porque eu te visse assim, como te via,
Calcara agros espinhos sem queixar-me,
Que antes me dera por feliz de ver-te.

O tacape fatal em terra estranha
Sôbre mim sem temor veria erguido;
Dessem-me a mim sòmente ver teu rosto
Nas águas, como a lua, retratado.

Eis que os seus loiros cabelos
Pelas águas se espalhavam,
Pelas águas, que de vê-los
Tão loiros se enamoravam.

Ela erguia o colo ebúrneo,
Por que melhor os colhesse;
Níveo colo, quem te visse,
Que de amôres não morresse!

Passara a vida inteira a contemplar-te,
Ó Virgem, loira Virgem tão formosa,
Sem que dos meus irmãos ouvisse o canto,
Sem que o som do Boré que incita à guerra
Me infiltrasse o valor que m'hás roubado,
Ó Virgem, loira Virgem tão formosa.

As vêzes, quando um sorriso
Os lábios seus entreabria,
Era bela, oh! mais que a aurora
Quando a raiar principia.

Outra vez — dentre os seus lábios
Uma voz se desprendia;
Terna voz, cheia de encantos,
Que eu entender não podia.

Que importa? Esse falar deixou-me n'alma
Sentir d'amôres tão sereno e fundo,
Que a vida me prendeu, vontade e fôrça
Ah! que não queiras tu viver comigo,
Ó Virgem dos Cristãos, Virgem formosa!

Sôbre a areia, já mais tarde,
 Ela surgiu tôda nua;
 Onde há, ó Virgem, na terra
 Formosura como a tua?

Bem como gôtas de orvalho
 Nas fôlhas de flor mimosa,
 Do seu corpo a onda em fios
 Se deslizava amorosa.

Ah! que não queiras tu vir ser rainha
 Aqui dos meus irmãos, qual sou rei dêles!
 Escuta, ó Virgem dos Cristãos formosa.
 Odeio tanto aos teus, como te adoro;
 Mas queiras tu ser minha, que eu prometo
 Vencer por teu amor meu ódio antigo,
 Trocar a maça do poder por ferros
 E ser, por te gozar, escravo dêles.

CAXIAS

QUANTO ÉS BELA, ó Caxias! — no deserto,
 Entre montanhas, derramada em vale
 De flôres perenais,
 És qual tênue vapor que a brisa espalha
 No frescor da manhã meiga soprando
 À flor de manso lago.

Tu és a flor que despontaste livre
 Por entre os troncos de robustos cedros,
 Forte — em gleba inculta;
 És qual gazela, que o deserto educa,
 No ardor da sesta debruçada exangue
 À margem da corrente.

Em mole sêda as graças não escondes,
 Não cinges d'ouro a fronte que descansas
 Na base da montanha;
 És bela como a virgem das florestas,
 Que no espelho das águas se contempla,
 Firmada em tronco anoso.
 Mas dia inda virá, em que te pejes
 Dos, que ora trajas, símplies ornatos
 E amável desalinho:

Da pompa e luxo amiga, hão de cair-te
Aos pés então — da poesia a c'roa
E da inocência o cinto.

DEPRECAÇÃO

TUPÃ, ó Deus grande! cobriste o teu rosto
Com denso velâmen de penas gentis;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bens que lhes deste da perda infeliz!

Tupã, ó Deus grande! teu rosto descobre:
Bastante sofremos com tua vingança!
Já restam bem poucos dos teus, qu'inda possam
Teus filhos que choram tão grande mudança.

Anhangá impiedoso nos trouxe de longe
Os homens que o raio manejam cruentos,
Que vivem sem pátria, que vagam sem tino
Trás do ouro correndo, voraces, sedentos.

E a terra em que pisam, e os campos e os rios
Que assaltam, são nossos; tu és nosso Deus:
Por que lhes concedes tão alta pujança,
Se os raios de morte, que vibram, são teus?

Tupã, ó Deus grande! cobriste o teu rosto
Com denso velâmen de penas gentis;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bens que lhes deste da perda infeliz.

Teus filhos valentes, temidos na guerra,
No albor da manhã quão fortes que os vi!
A morte pousava nas plumas da frecha,
No gume da maça, no arco Tupi!

E hoje em que apenas a enchente do rio
Cem vêzes hei visto crescer e baixar...
Já restam bem poucos dos teus, qu'inda possam
Dos seus, que já dormem, os ossos levar.

Teus filhos valentes causavam terror,
Teus filhos enchiam as bordas do mar,
As ondas coalhavam de estreitas igaras,
De frechas cobrindo os espaços do ar.

Já hoje não caçam nas matas frondosas
A corça ligeira, o trombudo quati. . .
A morte pousava nas plumas da frecha,
No gume da maça, no arco Tupi!

O Piaga nos disse que breve seria,
A que nos infliges cruel punição;
E os teus inda vagam por serras, por vales,
Buscando um asilo por ínvio sertão!

Tupã, ó Deus grande! descobre o teu rosto:
Bastante sofremos com tua vingança!
Já lágrimas tristes choraram teus filhos,
Teus filhos que choram tão grande tardança.

Descobre o teu rosto, ressurjam os bravos,
Que eu vi combatendo no albor da manhã;
Conheçam-te os feros, confessem vencidos
Que és grande e te vingas, qu'és Deus, ó Tupã!

O SOLDADO ESPANHOL

Un soldat au dur visage.
V. Hugo

I

*Oh! qui révélera les troubles, les mystères
Que ressentent d'abord deux amants solitaires
Dans l'abandon d'un chaste amour?*

Amour et Foi.

O céu era azul, tão meigo e tão brando,
A terra tão êrma, tão quieta e saudosa,
Que a mente exultava, mais longe escutando
O mar a quebrar-se na praia arenosa.

O céu era azul, e na côr semelhava
Vestido sem nódoa de pura donzela;
E a terra era a noiva que bem se arreava
De flôres, matizes; mas vária, mas bela.

Ela era brilhante,
Qual raio do sol;
E êle arrogante,
De sangue espanhol.

E o espanhol muito amava
A virgem mimosa e bela;
Ela amante, êle zeloso
Dos amôres da donzela;
Êle tão nobre e folgando
De chamar-se escravo dela!

E êle disse: — Vês o céu? —
E ela disse: — Vejo. sim;
Mais polido que o polido
Do meu véu azul cetim. —
Torna-lhe êle... (oh! quanto é doce
Passar-se uma noite assim!)

— Por entre os vidros pintados
D'igreja antiga, a luzir
Não vês luz? — Vejo. — E não sentes
De a veres, meigo sentir?
— É doce ver entre as sombras
A luz do templo a luzir!

— E o mar, além, preguiçoso
Não vês tu em calmaria?
— É belo o mar; porém sinto,
Só de o ver, melancolia.
— Que mais o teu rosto enfeita
Que um sorriso de alegria.

— E eu tão bem acho em ser triste
Do que alegre, mais prazer;
Sou triste, quando em ti penso,
Que só me falta morrer;
Mesmo a tua voz saudosa
Vem minha alma entristecer.

— E eu sou feliz, como agora,
Quando me falas assim;
Sou feliz quando se riem
Os lábios teus de carmim;
Quando dizes que me adoras,
Eu sinto o céu dentro em mim.

— És tu só meu Deus, meu tudo,
És tu só meu puro amar,
És tu só que o pranto podes
Dos meus olhos enxugar. —

Com ela repete o amante:
— És tu só meu puro amar! —

E o céu era azul, tão meigo e tão brando
E a terra tão êrma, tão só, tão saudosa,
Que a mente exultava, mais longe escutando
O mar a quebrar-se na praia arenosa!

II

*Ainsi donc aujourd'hui, demain, après encore,
Il faudra voir sans toi naître et mourir l'aurore!*
V. HUGO

E o espanhol viril, nobre e formoso,
No bandolim
Seus amôres dizia mavioso,
Cantando assim:

“Já me vou por mar em fora
Daqui longe a mover guerra,
Já me vou, deixando tudo,
Meus amôres, minha terra.

“Já me vou lidar em guerras,
Vou-me a Índia ocidental;
Hei de ter novos amôres...
De guerras... não temas al.

“Não chores, não, tão coitada,
Não chores por t'eu deixar;
Não chores, que assim me custa
O pranto meu sofrer.

“Não chores! — sou como o Cid
Partindo para a campanha;
Não ceifarei tantos louros,
Mas terei pena tamanha.”

E a amante que assim o via
Partir-se tão desditoso,
— Vai, mas volta; lhe dizia:
Volta, sim, vitorioso.

“Como o Cid, oh! crua sorte!
Não me vou nesta campanha
Guerrear contra o crescente,
Porém sim contra os d'Espanha!

“Não me aterram; porém sinto
Cerrar-se o meu coração,
Sinto deixar-te, meu anjo,
Meu prazer, minha afeição.

“Como é doce o romper d'alva,
É-me doce o teu sorrir,
Doce e puro, qual d'estrêla
De noite — o meigo luzir.

“Eram meus teus pensamentos,
Teu prazer minha alegria,
Doirada fonte d'encantos,
Fonte da minha poesia.

“Vou-me longe, e o peito levo
Rasgado de acerba dor,
Mas comigo vão teus votos,
Teus encantos, teu amor!

“Já me vou lidar em guerras,
Vou-me a Índia ocidental;
Hei de ter novos amôres . . .
De guerras . . . não temas al.”

Esta era a canção que acompanhava
No bandolim,
Tão triste, que de triste não chorava
Dizendo assim:

III

O Conde deu o sinal da partida
— À caça! meus amigos.

BURGER

“Quero, pajens, selado o ginete,
Quero em punho nebris e falcão,
Qu'ê promessa de grande caçada
Fresca aurora d'amigo verão.

“Quero tudo luzindo, brilhante
— Curta espada e venab'lo e punhal,
Cães e galgos farejem diante
Leve odor de sanhudo animal.

“E ai do gamo que eu vir na coutada,
Corça, onagro, que eu primo avistar!

Que o venab'lo nos ares voando
Lhe há de o salto no meio quebrar.

Eia, avante! — Dizia folgando
O fidalgo mancebo, loução:
— Eia, avante! — e já todos galopam
Trás do môço, soberbo infanção.

E partem, qual do arco arranca e voa
Nos amplos ares, mais veloz que a vista,
A plúmea seta da entesada corda.
Longe o eco reboa; — já mais fraco,
Mais fraco ainda, pelos ares voa.
Dos cães dúbio o latir se escuta apenas,
Dos ginetes tropel, rinchar distante
Que em lufadas o vento traz por vêzes.
Já som nenhum se escuta. . . Quê! — latido
De cães, incerto, ao longe? Não, foi vento
Na tôrre castelã batendo acaso,
Nas seteiras acaso sibilando
Do castelo feudal, deserto agora.

IV

*Vois, à l'horizon
Aucune maison?
— Aucune.
V. Hugo*

Já o sol se escondeu; cobre a terra
Belo manto de frouxo luar;
E o ginete, que esporas atracam,
Nitre e corre sem nunca parar.

Da coutada nas ínvias ramagens
Vai sòzinho o mancebo infanção;
Vai sòzinho, afanoso trotando
Sem temores, sem pajens, sem cão.

Companheiros da caça há perdido,
Há perdido no aceso caçar;
Há perdido, e não sente receio
De sòzinho, nas sombras trotar.

Côrno ebúrneo embocou muitas vêzes,
Muitas vêzes de si deu sinal;
Bebe atento a resposta, e não ouve
Outro som responder-lhe; inda mal!

E o ginete que esporas atracam,
Nitro e corre sem nunca parar;
Já o sol se escondeu, cobre a terra
Belo manto de frouxo luar.

V

*De rosée**Arrosée.**La rose a moins de fraîcheur.*

HENRIQUE IV

Silêncio grato da noite
Quebram sons duma canção,
Que vai dos lábios de um anjo
Do que escuta ao coração.

Dizia a letra mimosa
Saudades de muito amar;
E o infanção enleiado
Atento, pôs-se a escutar.

Era encantos voz tão doce,
Incentivo essa ternura,
Gerava delícias n'alma
Sonhar d'havê-la a ventura.

Queixosa cantava a espôsa
Do guerreiro que partiu,
Largos anos são passados,
Missiva dêle não viu...

Parou!... escutando ao perto
Responder-lhe outra canção!...
Era terna a voz que ouvia,
Lisonjeira — do infanção:

“Tenho castelo soberbo
Num monte, que beija um rio,
De terras tenho no Doiro
Jeiras cem de lavradio;

“Tenho lindas haquenéias,
Tenho pajens e matilha,
Tenho os melhores ginetes
Dos ginetes de Sevilha;

“Tenho punhal, tenho espada
D'alfageme alta feitura,

Tenho lança, tenho adaga,
Tenho completa armadura.

“Tenho fragatas que cingem
Dos mares a linfa clara,
Que vão preiando piratas
Pelas rochas de Megara.

“Dou-te o castelo soberbo
E as terras do fértil Doiro,
Dou-te ginetes e pajens
E a espada de pomo d’oiro.

“Dera a completa armadura
E os meus barcos d’alto-mar,
Que nas rochas de Megara
Vão piratas cativar.

“Fala de amôres teu canto,
Fala de acesa paixão...
Ah! senhora, quem tivera
Dos agrados teus condão!

“Eu sou mancebo, sou Nobre,
Sou nobre môço infanção;
Assim podesse o meu canto
Algemar-te o coração,
Ó Dona, que eu dera tudo
Por vencer-te essa isenção!”

Atenta escutava a espôsa
Do guerreiro que partiu,
Largos anos são passados,
Missiva dêle não viu;
Mas da letra que escutava
Delícias n’alma sentiu.

VI

*Si tu voulais, Madeleine,
Je te ferais châtelaine;
Je suis le comte Roger: —
Quitte pour moi ces chaumières,
A moins que tu me préfères
Que je me fasse berger.*
V. HUGO

É noutra noite saudosa
Bem junto dela sentado,

Cantava brandas endechas
O gardingo namorado.

“Careço de ti, meu anjo,
Careço do teu amor,
Como da gôta d’orvalho
Carece no prado a flor.

“Prazeres que eu nem sonhava
Teu amor me fêz gozar;
Ah! que não queiras, senhora,
Minha dita rematar.

“O teu marido é já morto,
Notícia dêle não soa;
Pois desta gente guerreira
Bastos ceifa a morte à toa.

“Ventura me fôra ver-te
Nos lábios teus um sorriso,
Delícias me fôra amar-te,
Gozar-te meu paraíso.

“Sinto aflição, quando choras;
Se te ris, sinto prazer;
Se te ausentas, fico triste,
Que só me falta morrer.

“Careço de ti, meu anjo,
Careço do teu amor,
Como da gôta d’orvalho
Carece no prado a flor.”

VII

*L'époux. dont nul ne se souvient,
Vient;
Il va punir ta vie infâme,
Femmel
V. Hugo*

Era noite hibernal; girava dentro
Da casa do guerreiro o riso, a dança,
E reflexos de luz, e sons, e vozes,
E deleite, e prazer: e fora a chuva,
A escuridão, a tempestade, e o vento,
Rugindo sôlto, indômito e terrível
Entre o negror do céu e o horror da terra.

Na geral confusão os céus e a terra
Horrenda simpatia alimentavam.

Ferve dentro o prazer, reina o sorriso,
E fora a teritar, fria, medonha,
Marcha a vingança pressurosa e tôrva:
Traz na destra o punhal, no peito a raiva,
Nas faces palidez, nos olhos morte.
O infanção extremoso enchia rasa
A taça de licor mimoso e velho,
Da usança ao brinde convidando a todos
Em honra da esposada: — À noiva! exclama.

E a porta range e cede, e franca e livre
Introduz o tufão, e um vulto assoma
Altivo e colossal. — Em honra, brada,
Do espôso deslembado! — e a taça empunha,
Mas antes que o licor chegasse aos lábios,
Desmaiada e por terra jaz a espôsa,
E a destra do infanção maneja o ferro,
Por que tão grande afronta lave o sangue,
Pouco, bem pouco para injúria tanta.
Debalde o fêz, que lhe golpeja o sangue
D'ampla ferida no sinistro lado,
E ao pé da espôsa o assassino surge
Co'o sangrento punhal na destra alçado.

A flor purpúrea que matiza o prado,
Se o vento da manhã lhe entorna o cálix,
Perde aroma talvez; porém mais belo
Colorido lhe vem do sol nos raios.
As fagueiras feições daquele rosto
Assim foram tão bem; não foi do tempo
Fatal o perpassar às faces lindas.

Nota-lhe êle as feições, nota-lhe os lábios,
Os curtos lábios que lhe deram vida,
Longa vida de amor em longos beijos,
Qual jamais não provou; e as iras tôdas
Dos zelos vingadores descansaram
No peito de sofrer cansado e cheio,
Cheio qual na praia fica a esponja,
Quando a vaga do mar passou sôbre ela.

Num relance fugiu, minaz no vulto:
Como o raio que luz um breve instante,
Sôbre a terra baixou, deixando a morte.

POESIAS DIVERSAS

A LEVIANA

*Souvent femme varie,
Bien fol est qui s'y fie.*

FRANCISCO J

ÉS ENGRAÇADA e formosa
 Como a rosa,
Como a rosa em mês d'Abril;
És como a nuvem doirada
 Deslizada,
Deslizada em céus d'anil.

Tu és vária e melindrosa,
 Qual formosa
Borboleta num jardim,
Que as flôres tôdas afaga,
 E divaga
Em devaneio sem fim.

És pura, como uma estrêla
 Doce e bela,
Que treme incerta no mar:
Mostras nos olhos tua alma
 Terna e calma,
Como a luz d'almo luar.

Tuas formas tão donosas,
 Tão airosas,
Formas da terra não são;
Pareces anjo formoso,
 Vaporoso,
Vindo da etérea mansão.

Assim, beijar-te receio,
 Contra o seio
Eu tremo de te apertar:
Pois me parece que um beijo
 É sobejo
Para o teu corpo quebrar.

Mas não digas que és só minha!
 Passa asinha
 A vida, como a ventura;
 Que te não vejam brincando,
 E folgando
 Sôbre a minha sepultura.

Tal os sepulcros colora
 Bela aurora
 De fulgores radiante;
 Tal a vaga maripôsa
 Brinca e pouosa
 Dum cadáver no semblante.

A MINHA MUSA

Gratia, Musa, tibi; nam tu solatia praebeas.
 Ovídio.

MINHA MUSA não é como nínfa
 Que se eleva das águas — gentil —
 Co'um sorriso nos lábios mimosos,
 Com requebros, com ar senhoril.

Nem lhe pouosa nas faces redondas
 Dos fagueiros anelos a côr;
 Nesta terra não tem uma esp'rança,
 Nesta terra não tem um amor.

Como fada de meigos encantos,
 Não habita um palácio encantado,
 Quer em meio de matas sombrias,
 Quer à beira do mar levantado.

Não tem ela uma senda florida,
 De perfumes, de flôres bem cheia,
 Onde vague com passos incertos,
 Quando o céu de luzeiros se arreia.

Não é como a de Horácio a minha Musa;
 Nos soberbos alpendres dos Senhores
 Não é que ela reside;
 Ao banquete do grande em lauta mesa,
 Onde gira o falerno em taças d'oiro,
 Não é que ela preside.

Ela ama a solidão, ama o silêncio,
Ama o prado florido, a selva umbrosa
 É da rôla o carpir.
Ela ama a viração da tarde amena,
O sussurro das águas, os acentos
 De profundo sentir.

D'Anacreonte o gênio prazenteiro,
Que de flôres cingia a fronte calva
 Em brilhante festim,
Tomando inspirações à doce amada,
Que lêda lh'enflorava a ebúrnea lira;
 De que me serve, a mim?

Canções que a turba nutre, inspira, exalta
Nas cordas magoadas me não pousam
 Da lira de marfim.
Correm meus dias, lacrimosos, tristes,
Como a noite que estende as negras asas
 Por céu negro e sem fim.

É triste a minha Musa, como é triste
O sincero verter d'amargo pranto
 D'órfã singela;
É triste como o som que a brisa espalha,
Que ciciza nas fôlhas do arvoredado
 Por noite bela.

É triste como o som que o sino ao longe
Vai perder na extensão d'amenos prado
 Da tarde no cair,
Quando nasce o silêncio involto em trevas,
Quando os astros derramam sôbre a terra
 Merencório luzir.

Ela então, sem destino, erra por vales,
Erra por altos montes, onde a enxada
 Fundo e fundo cavou;
E pára; perto, jovial pastôra
Cantando passa — e ela cisma ainda
 Depois que esta passou.

Além — da choça humilde s'ergue o fumo
Que em risonha espiral se eleva às nuvens
 Da noite entre os vapôres;
Muge sôlto o rebanho; e lento o passo,

Cantando em voz sonora, porém baixa,
Vem andando os pastôres.

Outras vêzes também, no cemitério,
Incerta volve o passo, soletrando
Recordações da vida;
Roça o negro cipreste, calca o musgo,
Que o tempo fêz brotar por entre as fendas
Da pedra carcomida.

Então corre o meu pranto muito e muito
Sôbre as úmidas cordas da minha Harpa,
Que não ressoam;
Não choro os mortos, não; choro os meus dias,
Tão sentidos, tão longos, tão amargos,
Que em vão se escoam.

Nesse pobre cemitério
Quem já me dera um lugar!
Esta vida mal vivida
Quem já ma dera acabar!

Tenho inveja ao pegureiro,
Da pastôra invejo a vida,
Invejo o sono dos mortos
Sob a laje carcomida.

Se qual pegão tormentoso,
O sôpro da desventura
Vai bater potente à porta
De sumida sepultura;

Uma voz não lhe responde,
Não lhe responde um gemido,
Não lhe responde uma prece,
Um ai — do peito sentido.

Já não têm voz com que falem,
Já não têm que padecer;
No passar da vida à morte
Foi seu extremo sofrer.

Que lh'importa a desventura?
Ela passou, qual gemido
Da brisa em meio da mata
De verde alecrim florido.

Quem me dera ser como êles!
 Quem me dera descansar!
 Nesse pobre cemitério
 Quem me dera o meu logar,
 E co'os sons das Harpas d'anjos
 Da minha Harpa os sons casar!

DESEJO

E poi morir.
 METASTÁSIO

AH! QUE EU não morra sem provar, ao menos
 Sequer por um instante, nesta vida
 Amor igual ao meu!
 Dá, Senhor Deus, que eu sôbre a terra encontre
 Um anjo, uma mulher, uma obra tua,
 Que sinta o meu sentir;
 Uma alma que me entenda, irmã da minha,
 Que escute o meu silêncio, que me siga
 Dos ares na amplidão!
 Que em laço estreito unidas, juntas, prêsas,
 Deixando a terra e o lôdo, aos céus remontem
 Num êxtasis de amor!

SEUS OLHOS

*Oh! rouvre tes grands yeux dont la paupière tremble,
 Tes yeux pleins de langueur;
 Leur regard est si beau quand nous sommes ensemble!
 Rouvre-les; ce regard manque à ma vie, il semble
 Que tu fermes ton cœur.*

TURQUETY

SEUS OLHOS tão negros, tão belos, tão puros,
 De vivo luzir,
 Estrêlas incertas, que as águas dormentes
 Do mar vão ferir;

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
 Tem meiga expressão,
 Mais doce que a brisa, — mais doce que o nauta
 De noite cantando, — mais doce que a frauta
 Quebrando a soidão.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
De vivo luzir,
São meigos infantes, gentis, engraçados
Brincando a sorrir.

São meigos infantes, brincando, saltando
Em jôgo infantil,
Inquietos, travessos; — causando tormento,
Com beijos nos pagam a dor de um momento,
Com modo gentil.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Assim é que são;
Às vêzes luzindo, serenos, tranqüilos,
Às vêzes, vulcão!

Às vêzes, oh! sim, derramam tão fraco,
Tão frouxo brilhar,
Que a mim me parece que o ar lhes falece,
E os olhos tão meigos, que o pranto umedece
Me fazem chorar.

Assim lindo infante, que dorme tranqüilo,
Desperta a chorar;
E mudo e sisudo, cismando mil coisas,
Não pensa — a pensar.

Nas almas tão puras da virgem, do infante,
Às vêzes do céu
Cai doce harmonia duma Harpa celeste,
Um vago desejo; e a mente se veste
De pranto co'um véu.

Quer sejam saudades, quer sejam desejos
Da pátria melhor;
Eu amo seus olhos que choram sem causa
Um pranto sem dor.

Eu amo seus olhos tão negros, tão puros,
De vivo fulgor;
Seus olhos que exprimem tão doce harmonia,
Que falam de amôres com tanta poesia,
Com tanto pudor.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Assim é que são;
Eu amo êsses olhos que falam de amôres
Com tanta paixão.

INOCÊNCIA

Sans nommer le nom qu'il faut bénir et taire.
S. BEUVE

Ó MEU ANJO, vem correndo,
Vem tremendo
Lançar-te nos braços meus;
Vem depressa, que a lembrança
Da tardança
Me aviva os rigores teus.

Do teu rosto, qual marfim,
De carmim
Tinge um nada a côr mimosa;
É belo o pudor, mas choro,
E deploro
Que assim sejas medrosa.

Por inocente tens mêdo
De tão cedo,
De tão cedo ter amor;
Mas sabe que a formosura
Pouco dura,
Pouco dura, como a flor.

Corre a vida pressurosa,
Como a rosa,
Como a rosa na corrente.
Amanhã terás amor?
Como a flor,
Como a flor fenece a gente.

Hoje ainda és tu donzela
Pura e bela,
Cheia de meigo pudor;
Amanhã menos ardente
De repente
Talvez sintas meu amor.

PEDIDO

ONTEM no baile
Não me atendias!
Não me atendias,
Quando eu falava.

De mim bem longe
Teu pensamento!
Teu pensamento,
Bem longe errava.

Eu vi teus olhos
Sôbre outros olhos!
Sôbre outros olhos,
Que eu odiava.

Tu lhe sorriste
Com tal sorriso!
Com tal sorriso,
Que apunhalava.

Tu lhe falaste
Com voz tão doce!
Com voz tão doce,
Que me matava.

Oh! não lhe fales,
Não lhe sorrias,
Se então só qu'rias
Exp'rimentar-me.

Oh! não lhe fales,
Não lhe sorrias,
Não lhe sorrias,
Que era matar-me.

O DESENGANO

JÁ VIGÍLIAS passei namorado,
Doces horas d'insônia passei,
Já meus olhos, d'amor fascinado,
Em ver só meu amor empreguei.

Meu amor era puro, extremoso,
Era amor que meu peito sentia,
Eram lavas de um fogo teimoso,
Eram notas de meiga harmonia.

Harmonia era ouvir sua voz,
Era ver seu sorriso harmonia;
E os seus modos e gestos e ditos
Eram graças, perfume e magia.

E o que era o teu amor, que me embalava
Mais do que meigos sons de meiga lira?
Um dia o decifrou — não mais que um dia
Fingimento e mentira!

Tão belo o nosso amor! — foi só de um dia,
Como uma flor!
Por que tão cedo o talismã quebraste
Do nosso amor?

Por que num só instante assim partiste
Era anosa cadeia?
De bom grado a sofreste! essa lembrança
Inda hoje me recreia.

Quão insensato fui! — busquei firmeza.
Qual em ondas de areia movediça,
Na mulher, — não achei!
E da esp'rança, que eu via tão donosa
Sorrir dentro em minha alma, as longas asas
Doido e néscio cortei!

E tu vás caprichosa prosseguindo
Essa esteira de amor, que julgas cheia
De flôres bem gentis;
Podes ir, que os meus olhos te não vejam;
Longe, longe de mim, mas que em minha alma
Eu sinta qu'és feliz.

Podes ir, que é desfeito o nosso laço,
Podes ir, que o teu nome nos meus lábios
Nunca mais soará!
Sim, vai; — mas êste amor que me atormenta,
Que tão grato me foi, que me é tão duro,
Comigo morrerá!

Tão belo o nosso amor! — foi só de um dia
 Como uma flor!
 Oh! que bem cedo o talismã quebraste
 Do nosso amor!

MINHA VIDA E MEUS AMÔRES

Mon Dieu, fais que je puisse aimer!
 S. BEUVE

QUANDO, no albor da vida, fascinado
 Com tanta luz e brilho e pompa e galas,
 Vi o mundo sorrir-me esperançoso:
 — Meu Deus, disse entre mim, oh! quanto é doce.

Quanto é bela esta vida assim vivida! —
 Agora, logo, aqui, além, notando
 Uma pedra, uma flor, uma lindeza,
 Um seixo da corrente, uma conchinha
 A beira-mar colhida!

Foi esta a infância minha; a juventude
 Falou-me ao coração: — amemos, disse,
 Porque amar é viver.
 E esta era linda, como é linda a aurora
 No fresco da manhã tingindo as nuvens
 De rósea côr fagueira;
 Aquela tinha um quê de anelos meigos
 Artífice sublime;
 Feiticeiro sorrir dos lábios dela
 Prendeu-me o coração; — julguei-o ao menos.

Aquela outra sorria tristemente,
 Como um anjo no exílio, ou como o cálix
 De flor pendida e murcha e já sem brilho.
 Humilde flor tão bela e tão cheirosa,
 No seu deserto perfumando os ventos.
 — Eu morrera feliz, dizia eu d'alma,
 Se pudesse enxertar uma esperança
 Naquela alma tão pura e tão formosa,
 E um alegre sorrir nos lábios dela.

A fugaz borboleta as flôres tôdas
 Elege, e liba e uma e outra, e foge
 Sempre em novos amôres enlevada:

Neste meu paraíso fui como ela,
Inconstante vagando em mar de amôres.

O amor sincero e fundo e firme e eterno,
Como o mar em bonança meigo e doce,
Do templo como a luz perene e santo,
Não, nunca o senti; — sòmente o viço
Tão forte dos meus anos, por amôres
Tão fáceis quanto indí'nos fui trocando.
Quanto fui louco, ó Deus! — Em vez do fruto
Sazonado e maduro, que eu podia
Como em jardim colhêr, mordi no fruto
Pútrido e amargo e rebuçado em cinzas,
Como infante glotão, que se não senta
À mesa de seus pais.

Dá, meu Deus, que eu possa amar,
Dá que eu sinta uma paixão,
Torna-me virgem minha alma,
E virgem meu coração.

Um dia, em qu'eu sentei-me junto dela,
Sua voz murmurou nos meus ouvidos,
— Eu te amo! — Ó anjo, que não possa eu crer-te!
Ela, certo, não é mulher que vive
Nas fezes da desonra, em cujos lábios
Só mentira e traição eterno habitam.
Tem uma alma inocente, um rosto belo,
E amor nos olhos... — mas não posso crê-la.

Dá, meu Deus, que eu possa amar,
Dá que eu sinta uma paixão;
Torna-me virgem minha alma,
E virgem meu coração.

Outra vez que lá fui, que a vi, que a mêdo
Terna voz lhe escutei: — Sonhei contigo! —
Inefável prazer banhou meu peito,
Senti delícias; mas a sós comigo
Pensei — talvez! — e já não pude crê-la.
Ela tão meiga e tão cheia de encantos,
Ela tão nova, tão pura e tão bela...
Amar-me! — Eu que sou?
Meus olhos enxergam, em quanto duvida
Minha alma sem crença, de fôrça exaurida,

Já farta da vida,
Que amor não doirou.

Mau grado meu, crer não posso,
Mau grado meu que assim é;
Queres ligar-te comigo
Sem no amor ter crença e fé?

Antes vai colar teu rosto,
Colar teu seio nevado
Contra o rosto mudo e frio,
Contra o seio dum finado.

Ou suplica a Deus comigo
Que me dê uma paixão;
Que me dê crença à minha alma,
E vida ao meu coração.

RECORDAÇÃO

Nessun maggior dolore...
DANTE

QUANDO em meu peito as aflições rebentam
Eivadas de sofrer acerbo e duro;
Quando a desgraça o coração me arrocha
Em círculos de ferro, com tal fôrça,
Que dêle o sangue em borbotões golfeja;
Quando minha alma de sofrer cansada,
Bem que afeita a sofrer, siquer não pode
Clamar: Senhor piedade; — e que os meus olhos
Rebeldes, uma lágrima não vertem
Do mar d'angústias que meu peito oprime:

Volvo aos instantes de ventura, e penso
Que a sós contigo, em prática serena,
Melhor futuro me augurava, as doces
Palavras tuas, sôfregos, atentos
Sorvendo meus ouvidos, — nos teus olhos
Lendo os meus olhos tanto amor, que a vida
Longa, bem longa, não bastara ainda
Porque de os ver me saciasse!... O pranto
Então dos olhos meus corre espontâneo,
Que não mais te verei. — Em tal pensando
De martírios calar sinto em meu peito
Tão grande plenitude, que a minha alma
Sente amargo prazer de quanto sofre.

TRISTEZA

QUE LÊDA NOITE! — Este ar embalsamado,
Este silêncio harmônico da terra
Que sereno prazer n'alma cansada
Não espreme, não filtra, não difunde?
A brisa lá sussurra na folhagem
D'espêssas matas, d'árvores robustas,
Que velam sempre e sós, que a Deus elevam
Misterioso côro, que do Bardo
A crença quase morta inda alimenta.
É esta a hora mágica de encantos,
Hora d'inspirações dos céus descidas,
Que em delírio de amor aos céus remontam.

Aqui da vida as lástimas infindas,
Do mirrado egoísmo a voz ruidosa
Não chegam; nem soluços, risos, festas,
— Hilaridade vã de turba incauta,
Néscia de ruim futuro; ou queixa amarga
De decrépito velho, enfêrmo, exangue,
Nem do mancebo os ais dóidos, prêso
Ao leito do sofrer na flor da vida.

Aqui reina o silêncio, o religioso,
Mórno sossêgo, que povoa as ruínas,
E o mausoléu soberbo, carcomido,
E o templo majestoso, em cuja nave
Suspira ainda a nota maviosa,
O derradeiro arfar d'órgão solene.

Em puro céu a lua resplandece,
Melancólica e pura, semelhando
Gentil viúva que pranteia o extinto,
O belo espôso amado, e vem de noite,
Vivendo pelo amor, mau grado a morte,
Ferventes orações chorar sôbre êle.

Eu amo o céu assim, sem uma estrêla,
Azul sem mancha, — a lua equilibrada
Num céu de nuvens, e o frescor da tarde,
E o silêncio da noite adormecida,
Que imagens vagas de prazer desenha.

Amo tudo o que dá no peito e n'alma
 Tréguas ao recordar, tréguas ao pranto,
 À v'emência da dor, à pertinácia
 Tenaz e acerba de cruéis lembranças;
 Amo estar só com Deus, porque nos homens
 Achar não pude amor, nem pude ao menos
 Sinal de compaixão achar entre êles.

Menti! — um inda achei; mas êste em ócio
 Feliz descansa agora, enquanto aos ventos
 E ao cru furor das verde-negras ondas
 Da minha vida a barca aventureira
 Insano confiei; em céu diverso
 Luzem com luz diversa estrêlas d'ambos.
 Ai! triste, que houve tempo em que eu julgava
 As duas uma só, — c'o mesmo brilho
 Uma e outra nos céus meigas brilhavam!
 Hoje cintila a dêle, enquanto a minha
 Entre nuvens, sem luz, se perde agora.
 Meu Deus, foi bom assim! No imenso pego
 Mais uma gôta d'amargor que importa?
 Que importa o fel na taça do absinto,
 Ou uma dor de mais onde outras reinam?

O TROVADOR

Êle cantava tudo o que merece
 de ser cantado; o que há na terra
 de grande e de santo — o amor e
 a virtude. —

NUMA TERRA antigamente
 Existia um Trovador;
 Na Lira sua inocente
 Só cantava o seu amor.

Nenhum sarau se acabava
 Sem a Lira de marfim,
 Pois cantar tão alto e doce
 Nunca alguém ouvira assim.

E quer donzela, quer dona,
 Que sentira comoção
 Pular-lhe n'alma, escutando
 Do Trovador a canção;

De jasmims e de açucenas
A fronte sua adornou;
Mas só a rosa da amada
Na Lira amante poisou.

E o Trovador conheceu
Que era traído — por fim;
Pôs-se a andar, e só se ouvia
Nos seus lábios: ai de mim!

Enlutou de negro fumo
A rosa de seu amor,
Que meia oculta se via
Na gorra do Trovador;

Como virgem bela, morta
Da idade na linda flor,
Que parece, o dó trajando,
Inda sorrir-se de amor.

No meio do seu caminho
Gentil donzela encontrou:
Canta — disse; e as cordas d'ouro
Vibrando, o triste cantou.

“Teu rosto engraçado e belo
“Tem a lindeza da flor;
“Mas é risonho o teu rosto:
“Não tens de sentir amor!

“Mas tão bem por êsse dia
“Que viverás, como a flor,
“Mimosa, engraçada e bela,
“Não tens de sentir amor!

“Oh! não queiras, por Deus, homem que tenha
“Tingida a larga testa de palor;
“Sente fundo a paixão, — e tu no mundo
“Não tens de sentir amor!

“Sorriso jovial te enfeita os lábios,
“Nas faces de jasmim tens rósea côr;
“Fundo amor não se ri, não é corado...
“Não tens de sentir amor;

“Mas se queres amar, eu te aconselho,
“Que não guerreiro, escolhe um trovador,
“Que não tem um punhal, quando é traído,
“Que vingue o seu amor.”

Do Trovador pelo rosto
 Tôrva raiva se espalhou,
 E a Lira sua, tremendo,
 Sem cordas d'ouro ficou.

Mais além no seu caminho
 Donzel garboso encontrou:
 Canta — disse: e argêntas cordas
 Pulsando, o triste cantou.

“Aos homens da mulher enganam sempre
 “O sorriso, o amor;
 “É êste breve, como é breve aquêle
 “Sorriso enganador.

“Teu peito por amor, Donzel, suspira,
 “Que é de jovens amar a formosura;
 “Mas sabe que a mulher, que amor te jura,
 “Dos lindos lábios seus cospe a mentira!

“Já frenético amor cantei na lira,
 “Delícias já sorvi num seu sorriso,
 “Já venturas fruí do paraíso,
 “Em terna voz de amor, que era mentira!

“O amor é como a aragem que murmura
 “Da tarde no cair — pela folhagem;
 “Não volta o mesmo amor à formosura
 “Bem como nunca volta a mesma aragem.

“Não queiras amar, não; pois que a 'sperança
 “Se arroja além do amor por largo espaço.
 “Tens, brilhando ao sol, a forte lança,
 “Tens longa espada cintilante d'aço.

“Tens a fina armadura de Milão,
 “Tens luzente e brilhante capacete,
 “Tens adaga e punhal e bracelete
 “E, qual lúcido espelho, o morrião.
 “Tens fogo corcel todo arreado,
 “Que mais veloz que os ventos sorve a terra;
 “Tens duelos, tens justas, tens torneios,
 “Que os fracos corações de mêdo cerra;
 “Tens pajens, tens varletes e escudeiros
 “E a marcha afoita, apercebida em guerra
 “Do luzido esquadrão de mil guerreiros.

“Oh! não queiras amar! — Como entre a neve
“O gigante vulcão borbulha e ferve
“E sulfúrea chama pelos ares lança,
“Que após o seu cair torna-se fria;
“Assim tu acharás petrificada,
“Bem como a lava ardente do vulcão,
“A lava que teu peito consumia
“No peito da mulher — ou cinza ou nada —
“Não frio, mas gelado o coração!”

E o Trovador despeitoso
De prata as cordas quebrou,
E nas de chumbo seu fado
A lastimar começou.

“Que triste que é neste mundo
“O fado dum Trovador!
“Que triste que é! — bem que tenha
“Sua Lira e seu amor.

“Quando em festejos descanta,
“Rasgado o peito com dor,
“Mimoso tem de cantar
“Na sua Lira — o amor!

“Como a um servo vil ordena
“Um orgulhoso Senhor,
“Canta, diz-lhe; quero ouvir-te:
“Quero descantes de amor!

“Diz-lhe o guerreiro, que apenas
“Lidou em justas de amor:
“— Minha dama quer ouvir-te,
“Canta, truão trovador! —

“Manda a mulher que nos deixa
“De beijos murchada flor:
“— Canta, truão, quero ouvir-te,
“Um terno canto de amor!

“Mas se a mulher, que êle adora
“Atraíçoa o seu amor;
“Embalde busca a seu lado
“Um punhal — o Trovador!

Se escuta palavras dela,
“Que a outros juram amor;

“Embalde busca a seu lado
 “Um punhal — o Trovador!

“Se vê luzir de alguns lábios
 “Um sorriso mofador;
 “Embalde busca a seu lado
 “Um punhal — o Trovador!

“Que triste que é neste mundo
 “O fado dum Trovador!
 “Pesar lhe dá sua Lira,
 “Dá-lhe pesar seu amor!”

E o Trovador neste ponto
 A corda extrema arrancou;
 E num marco do caminho
 A Lira sua quebrou:
 Ninguém mais a voz sentida
 Do Trovador escutou!

AMOR! DELÍRIO — ENGANO

*Y el llanto que en su cólera derrama,
 La hoguera apaga del antiguo amor!*
 ZORRILLA

AMOR! delírio — engano... Sôbre a terra
 Amor tão bem fruí; a vida inteira
 Concentrei num só ponto — amá-la, é sempre.
 Amei! — dedicação, ternura, extremos
 Cismou meu coração, cismou minha alma,
 — Minha alma que na taça da ventura
 Vida breve d'amor sorveu gostosa.
 Eu e ela, ambos nós, na terra ingrata
 Oásis, paraíso, éden ou templo
 Habitávamos uma hora; e logo o tempo
 Com a foice roaz quebrou-lhe o encanto,
 Doce encanto que o amor nos fabricara.

E eu sempre a via!... quer nas nuvens d'oiro,
 Quando ia o sol nas vagas sepultar-se,
 Ou quer na branca nuvem que velava
 O círculo da lua, — quer no manto
 D'alvacenta neblina que baixava
 Sôbre as fôlhas do bosque, muda e grave,

Da tarde no cair; nos céus, na terra,
A ela, a ela só, viam meus olhos.

Seu nome, sua voz — ouvia eu sempre;
Ouvia-os no gemer da parda rôla,
No trépido correr da veia argêntea,
No respirar da brisa, no sussurro
Do arvoredado frondoso, na harmonia
Dos astros inefável; — o seu nome!
Nos fugitivos sons de alguma frauta,
Que da noite o silêncio realçavam,
Os ares e a amplidão divinizando,
Ouviam meus ouvidos; e de ouvi-lo
Arfava de prazer meu peito ardente.

Ah! quantas vêzes, quantas! junto dela
Não senti sua mão tremer na minha;
Não lhe escutei um lânguido suspiro,
Que vinha lá do peito à flor dos lábios
Deslizar-se e morrer?! Dos seus cabelos
A mágica fragância respirando,
Escutando-lhe a voz doce e pausada,
Mil venturas colhi dos lábios dela,
Que instantes de prazer me futuravam.
Cada sorriso seu era uma esp'rança,
E cada esp'rança enlouquecer de amôres.
E eu amei tanto! — Oh! não! não hão de os homens
Saber que amor, à ingrata, havia eu dado;
Que afetos melindrosos, que em meu peito
Tinha eu guardado para ornar-lhe a frente!
Oh! não, — morra comigo o meu segrêdo;
Rebelde o coração murmure embora.

Que de vêzes, pensando a sós comigo,
Não disse eu entre mim: — Anjo formoso,
Da minha vida que farei, se acaso
Faltar-me o teu amor um só instante;
— Eu que só vivo por te amar, que apenas
O que sinto por ti a custo exprimo?
No mundo que farei, como estrangeiro
Pelas vagas cruéis à praia inóspita
Exânime arrojado? — Eu, que isto disse,
Existo e penso — e não morri, — não morro
Do que outrora senti, do que ora sinto,
De pensar nela, de a rever em sonhos,
Do que fui, do que sou e ser podia!

Existo; e ela de mim jaz esquecida!
 Esquecida talvez de amor tamanho,
 Derramando talvez noutros ouvidos
 Frases doces de amor, que dos seus lábios
 Tantas vêzes ouvi, — que tantas vêzes
 Em êxtasis divino aos céus me alçaram,
 — Que dando à terra ingrata o que era terra
 Minha alma além das nuvens transportaram.
 Existo! como outrora, no meu peito
 Férvido o coração pular sentindo,
 Todo o fogo da vida derramando
 Em queixas mulheris, em moles versos.

E ela! . . . ela talvez nos braços doutrem
 Com sua vida alimenta uma outra vida,
 Com o seu coração o de outro amante,
 Que mais feliz do que eu, inferno! a goza.
 Ela, que eu respeitei, que eu venerava
 Como a relíquia santa! — a quem meus olhos,
 Receiando ofendê-la, tantas vêzes
 De castos e de humildes se abaixaram!
 Ela, perante quem sentia eu prêsa
 A voz nos lábios e a paixão no peito!
 Ela, ídolo meu, a quem o orgulho,
 A fôrça d'homem, o sentir, vontade
 Própria e minha dediquei, — sujeita
 À voz de alguém que não sou eu, — desperta,
 Talvez no instante em que de mim se lembra,
 Por um ósculo frio, por carícias
 Devidas dum espôso! . . .

Oh! não poder-te,
 Abutre roedor, cruel ciúme,
 Tua funda raiz e a imagem dela
 No peito em sangue espedaçar raivoso!

Mas tu, cruel, que és meu rival, numa hora,
 Em que ela só julgar-se, hás de escutar-lhe
 Um quebrado suspiro do imo peito,
 Que d'eras já passadas se recorda.
 Hás de escutá-lo, e ver-lhe a côr do rosto
 Enrubecer-se ao deparar contigo!
 Prêsa serás também d'atros cuidados,
 Terás ciúme, e sofrerás qual sofro:
 Nem menor que o meu mal quero a vingança.

DELÍRIO

Quando dormimos o nosso espírito vela.
ÉSQUILO

A NOITE quando durmo, esclarecendo
As trevas do meu sono,
Uma etérea visão vem assentar-se
Junto ao meu leito aflito!
Anjo ou mulher? não sei. — Ah! se não fôsse
Um qual véu transparente,
Como que a alma pura ali se pinta
Ao través do semblante,
Eu a crera mulher... — E tentas, louco,
Recordar o passado,
Transformando o prazer, que desfrutaste,
Em lentas agonias?!

Visão, fatal visão, por que derramas
Sôbre o meu rosto pálido
A luz de um longo olhar, que amor exprime
E pede compaixão?
Por que teu coração exala uns fundos,
Magoados suspiros,
Que eu não escuto, mas que vejo e sinto
Nos teus lábios morrer?
Por que êsse gesto e mórbida postura
De macerado espírito,
Que vive entre aflições, que já nem sabe
Desfrutar um prazer?

Tu falas! tu que dizes? êste acento,
Esta voz melindrosa,
Noutros tempos ouvi, porém mais lêda;
Era um hino d'amor.
A voz, que escuto, é magoada e triste,
— Harmonia celeste,
Que à noite vem nas asas do silêncio
Umedecer as faces
Do que enxerga outra vida além das nuvens.
Esta voz não é sua;
É acorde talvez d'harpa celeste,
Caído sôbre a terra!

Balucias uns sons, que eu mal percebo,
 Doridos, compassados,
 Fracos, mais fracos; — lágrimas despontam
 Nos teus olhos brihantes. . .
 Choras! tu choras! . . . Para mim teus braços
 Por fôrça irresistível
 Estendem-se, procuram-me; procuro-te
 Em delírio afanoso.
 Fatídico poder entre nós ambos
 Ergueu alta barreira;
 Êle te enlaça e prende. . . mal resistes. . .
 Cedez enfim. . . acordo!

Acordo do meu sonho tormentoso,
 E choro o meu sonhar!
 E fecho os olhos, e de novo intento
 O sonho reatar.
 Embalde! porque a vida me tem prêso;
 E eu sou escravo seu!
 Acordado ou dormindo, é triste a vida
 Desque o amor se perdeu.
 Há contudo prazer em nos lembrarmos
 Da passada ventura,
 Como o que educa flôres vicejantes
 Em triste sepultura.

EPICÉDIO

Passa la bella donna e par che dorma.
 TASSO

SEU ROSTO pálido e belo
 Já não tem vida nem côr!
 Sôbre êle a morte descansa,
 Invôlta em baço palor.

Cerraram-se olhos tão puros,
 Que tinham tanto fulgor;
 Coração que tanto amava
 Já hoje não sente amor;

Que o anjo belo da morte
 A par dêsse anjo baixou!
 Trocaram brandas palavras,
 Que Deus sòmente escutou.

Ventura, prazer, ledice
Duma outra vida contou;
E o anjo puro da terra
Prazer da terra enjeitou.

Depois co'as asas candentes
O formoso anjo do céu
Roçou-lhe a face mimosa,
Cobriu-lhe o rosto co'um véu.

Depois o corpo engraçado
Deixou à terra sem vida,
De ténue palor coberto,
— Verniz de estátua esquecida.

E bela assim, como um lírio
Murcho da sesta ao ardor,
Teve a inocência dos anjos,
Tendo o viver duma flor.

Foi breve! — mas a desgraça
A testa não lhe enrugou,
E aos pés do Deus que a creara
Alma inda virgem levou.

Sai da larva a borboleta,
Sai da rocha o diamante,
De um cadáver mudo e frio
Sai uma alma radiante.

Não choremos essa morte,
Não choremos casos tais;
Quando a terra perde um justo,
Conta um anjo o céu de mais.

SOFRIMENTO

MEU DEUS, Senhor meu Deus, o que há no mundo
Que não seja sofrer?
O homem nasce, e vive um só instante,
E sofre até morrer!

A flor ao menos, nesse breve espaço
Do seu doce viver,
Encanta os ares com celeste aroma,
Querida até morrer.

É breve o romper d'alva, mas ao menos
Traz consigo prazer;
E o homem nasce e vive um só instante:
E sofre até morrer!

Meu peito de gemer já está cansado,
Meus olhos de chorar;
E eu sofro ainda, e já não posso alívio
Sequer no pranto achar!

Já farto de viver, em meia vida,
Quebrado pela dor,
Meus anos hei passado, uns após outros,
Sem paz e sem amor.

O amor que eu tanto amava do imo peito,
Que nunca pude achar,
Que em balde procurei, na flor, na planta,
No prado, e terra, e mar!

E agora o que sou eu? — Pálido espectro,
Que da campa fugiu;
Flor ceifada em botão; imagem triste
De um ente que existiu...

Não escutes, meu Deus, esta blasfêmia;
Perdão, Senhor, perdão!
Minha alma sinto ainda, — sinto, escuto
Bater-me o coração.

Quando roja meu corpo sôbre a terra,
Quando me aflige a dor,
Minha alma aos céus se eleva, como o incenso,
Como o aroma da flor.

E eu bendigo o teu nome eterno e santo,
Bendigo a minha dor,
Que vai além da terra aos céus infintos
Prender-me ao creador.

Bendigo o nome teu, que uma outra vida
Me fez descortinar,
Uma outra vida, onde não há só trevas,
E nem há só penar.

VISÕES

I
PRODÍGIO

NAQUELE INSTANTE em que vacila a mente
Do sono ao despertar, quando pejada
Vem doutros mundos de visões etéreas;
Quando sôbre a manhã surge brilhante
A luz da madrugada, — eu vi!... nem sonhos
Era a minha visão, real não era;
Mas tinha d'ambos o talvez. — Quem sabe?
Foi capricho falaz da fantasia,
Ou foi certo aventar d'eras venturas?

A ira do Senhor baixou tremenda
Sôbre uma vasta capital! — em pedra
Tornou-se a gente impura. Muitos homens
As portas férreas, largas, vi sentados.
Melhor do que um pintor ou statuário
A morte, que de súbito os colhera
No ardor, no afã da vida, conservou-lhes
A ação — partida em meio, com tal fôrça,
Que a mente seu mau grado a completava.
Um tinha os lábios entreabertos; outro
Parecia sorrir; mais longe aquêlo
Derramava um segrêdo, baixo, à mêdo,
Nos ouvidos do amigo; austero o guarda
Com rosto carregado e barba hirsuta,
Nas mãos calosas sopesava a lança.
Dos mercadores na comprida rua
Passavam muitos compradores; — êste
Contava montes d'oiro; — à luz aquêlo
Expunha a sêda do Indostão, de Tiro
A púrpura brilhante, a damasquina
Custosa tela entretecida d'oiro.
Cortês sorrindo, o mercador gabava
As côres vivas, o tecido, o corpo
Do estôfo que vendia. Nos serralhos
Era o Eunuco imperfeito; das Mesquitas
Bradava à prece o Muezim...

— Num largo,
Fôfo e vasto divã sentado, um velho

Os versos lia do Alcorão; — só êle
Dentre tanto punir ficara ileso.

II
A CRUZ

Era um templo d'arábica estrutura,
Majestoso, elegante; — além das nuvens
Se entranhava nos céus subtil a agulha;
Sôbre o zimbório retumbante e vasto
Ondas e ondas de vapor cresciam.
Dentro corriam três compridas naves
Sôbre dois renques de colunas, onde
Baixos-relevos da sagrada história
Da base ao capitel se emaranhavam.
Ardia a luz na alâmpada sagrada;
No sagrado instrumento o som dormia.

Junto à cruz — da fachada egrégia pompa —
Muitos homens eu vi de tôrvo aspecto;
Muitos outros, servis, com mão armada
Profundos golpes entalhavam nela.
Um daqueles no entanto assim falava:

“Quando esta humilde cruz rojar por terra,
“Levando a crença de Jesus consigo,
“Nós outros, da verdade Sacerdotes,
“Nós Doutôres do mundo, nós Luzeiros
“Que desvendamos a impostura, o êrro,
“A mentira sagaz, a crença louca,
“Entrada fácil da razão no templo
“Teremos todos, e de então no trono,
“Do néscio vulgo imparciais sob'ranos,
“Santos juízes da verdade santa,
“Pregaremos o justo, a paz, concórdia
“E os seus deveres que dimanam fáceis
“Do amor do lucro e do interêsse; todos
“— Vassalos da razão, nossos vassalos —
“Um éden terreal farão do mundo.”

No entanto aos crebros golpes do machado
A cruz pendia obliqua sôbre a terra.
Creando novas fôrças com tal vista,
Os operários mais freqüentes golpes
Repetem, vibram, continuam; — soa
Por tôda a parte o eco, — o som, mais longe,

Retumba, morre — e novamente ecoa.
Nisto a cruz — geme — estrala; um grito sobe
Unísono e geral!...

Como sois grande,
Senhor, Senhor meu Deus! — Eu vi, morrendo,
Os obreiros cair; e a cruz erguer-se,
Como aos raios do sol a flor mimosa
Que a raiva do tufão vergara insana.

III PASSAMENTO

Era um quarto espaçoso; — ali se viam
Rojar no pavimento, há pouco, as sêdas,
Ricos tapêtes multicolor bordados,
E franjas complicadas dum céu d'oiro
Pendientes, — vastos rases narradores
De lenda pia ou de briosos feitos.
Mas de tanto luzir, de tanto ornato
Ora por mãos avaras depredado
O vasto d'área revelava aos olhos,
Tendo num canto escuro um leito apenas.
Do leito alguém rasgara o cortinado.
E da curva armação polida e bela
Aqui, ali, pendia a sêda em fios,
Bem como tranças de mulher formosa
Por sôbre o seio nu. — Ali no leito
Jazia um moribundo; em tórno os olhos
Cheios de pasmo e de terror volvia,
Bebendo pelos sôfregos ouvidos
Mal sentido rumor doutro aposento.
Confusas vozes, altercar ruidoso,
E o tinir de metal ouvia apenas!
Então por vêzes três no leito aflito
Erguer-se maquinou de raiva insano!
Por três vêzes caiu, gemendo, sôbre
O leito que da queda se sentia.

Da morte o cru torpor nos membros frios
Pouco e pouco s'espalha; mas teimoso
Da vida o amor debate-se nas ânsias
Dêsse passo fatal...

— Eis nisto à porta
Um Padre assoma, — dentre as mãos erguidas
Da hóstia santa resplendor luzia;

E palavras de paz, de amor, divinas,
 Que nos lábios do justo Deus entorna,
 Abundantes soltava. Longos anos
 De piedoso sofrer o corpo enfêrmo
 Alquebraram por fim; as cãs nevadas
 Raras tremiam sôbre a testa, como
 Tremia na garganta a voz cansada.

Dizia o bom do velho: — “Irmão, nas ânsias,
 “No extremo agonizar da morte amiga
 “Ergue os olhos ao céu; — do céu te venha
 “Êsse divino amor, que só lá mora,
 “Que filtra por nossa alma, que nos deixa
 “Mais celeste prazer, mais doce arroubo,
 “Do que a terra sói dar. . .

“Infames, tredos,
 “Bufarinheiros de palavras, corvos
 “De negro, feio agoiro, que esvoaçam
 “Com grito grasnador por sôbre o campo,
 “Onde a peleja de reinar começa;
 “Dizes-me *tu* — a mim! a mim que ao foro
 “Caminho inda hoje entre alas de clientes,
 “Que só me visto de veludo e d’oiro,
 “Enquanto vives de burel coberto,
 “Co’os lábios sôbre o pó mordendo a terra!
 “Dizes-me *tu* a mim! . . .”

Ergueu-se, o corpo
 Caiu de fraco sôbre o leito; o velho
 No entanto humilde orava, que alma santa
 Do mal cabido insulto não se ofende.

Jeová, que entre miríades
 Vives de estrêlas formosas,
 Que das flôres melindrosas
 Da terra — os anjos formaste;
 Jeová, que pela água
 Lustrar quiseste o Messias,
 Que ao beato, ao santo Elias
 Nas chamas purificaste;
 Jeová, que a mente apuras
 No fogo do sofrimento,
 Que divino, alto portento
 Deste fazer à Moisés,
 Quando a negra rocha dura
 Tocando co’a ténue vara,

Rebentou a linfa clara.
Lambendo-lhe mansa os pés:

Jeová, que eterno existes,
Cujo ser em si se encerra,
Que formaste o céu e a terra,
Que te chamas — o que é,*
— Faz, Senhor d'altos prodígios,
Com que a mente empedernida
Não se aparte desta vida
Sem sentir a santa fé.

E tu, Cristo, que sofreste
Martírios por nosso amor,
Tu que foste o Salvador,
Salva-o, Senhor, por quem és.
Dá que em palavras piedosas
Se derrame contristado,
Como o rochedo tocado
Pela vara de Moisés.

E o confuso rumor do outro aposento
Crescia mais e mais. — Do moribundo
Os cúpidos herdeiros dividiam
Por si a vasta herança; os torvos olhos
Iam de rosto a rosto, fuzilando
Ameaças de morte.

No entanto o velho exânime e sem fôrças
Curtia amargos transes, que avarento,
E tendo a vida inútil prêsa a terra
Com tôda a fôrça d'alma, — agora em ânsias
Sentia o hálito vital fugir-lhe,
E a terra abandoná-lo.

Estua-lhe a dor no peito aflito! . . .
Só não chorava, que do pranto a fonte
Jazia exinta; mas pensava triste:
— Não tinha alguém que lhe cerrasse os olhos
Nem quem chorando lhe abrandasse o amargo
Do extremo agonizar.

E a mente, já medrosa, em feio quadro
Lhe pintava os seus feitos; — a vingança,
Que tão grande prazer lhe tinha sido,

* *Ego sum qui sum.*

Ora em martírios se tornava; a chusma
Dos homicídios seus crescia tôrva,
E no leito o cercava.

Crença infantil! dizia; loucos, cegos
Prejuízos do vulgo; — assim dizendo
Os vãos fantasmas repelir buscava.
Mas a crença infantil, os prejuízos
Do néscio vulgo, ríspidos tornavam,
Como inseto importuno.

Debalde por não ver cerrava os olhos,
Sôbre os olhos debalde as mãos cruzava,
Que as sombras nos ouvidos lhe falavam,
E mais distintas se pintavam n'alma
— Tão bem molesta, qual se pinta o corpo
Do espelho no polido.

E do seu passamento o caso infando
Narrava uma após outra, sôbre o peito
Mostrando o golpe fúnebre e cruento;
Sorvendo o fel da taça amarga o enfêrmo
Parecia sorrir!... era qual louco
Que sofre e um riso finge.

E das visões indo a fugir se arroja
De sôbre o leito delirante; as sombras
Voam sôbre êle, e em círculo se ordenam.
O moribundo a esta, a aquela, a tôdas
Volve o pávido rosto, no mover-se
Progressivo, incessante.

E prêso ao duro embate da vertigem,
As mestas sombras ao redor com êle
Fugir sentia; o pavimento, a casa
Rápido rodava; a terra e tudo,
Como aos soluços dum vulcão tremendo,
As fôrças lhe tolhiam.

E o orgulhoso que feliz vivera,
Movendo a seu bom grado mil escravos,
Querendo a terra dominar co'um gesto,
Ora mesquinho, solitário e louco,
Face a face, lutando com seus crimes,
Morria impenitente.

IV

Era o vulto de um homem morto que afastando o sudário se ia erguer do túmulo para revelar alguns dos temerosos mistérios, que encerra a aparente quietação dos sepulcros.

O PRESBÍTERO

O negrume da noite avulta; e cresce
Mais feia a escuridão
À luz da sacra pira que derrama
Frouxo e túbio clarão.

Calou-se o canto, a prece, — é mudo o templo;
Apenas fraco soa
Da torre o bronze, que a noturna brisa
De rumôres povoa.

Mas eis que de um sepulcro a pedra fria
S'ergue e sôbre outras cai.
Não se escuta rumor! — da campa livre
Medroso espectro sai.

O rosto ossificado em tórno volve,
Volve a suja caveira;
Do liso crânio os longos dedos varrem
A fúnebre poeira.

Mas inda inteiro o coração se via
Do peito nas cavernas,
Inda sangrento lágrimas chorava
Do negro sangue eternas.

E caminhando, qual se move a sombra,
Ao órgão se assentou!
Já não dormem os sons, não dormem ecos...
— O triste assim cantou:

“Onde estás, meu amor, meus encantos,
Por quem só me pesava morrer,
Doce encanto que a vida me prendes,
Que inda em morto me fazes sofrer?”

“Doce amor, minha vida no mundo,
Dêsse mundo em que parte serás;
Em que cismas, que pensas, que fazes,
Onde estás, meu amor, onde estás?”

“Ah! de balde na campa gelada
Fria morte me pode deitar!
Foi de balde, — que eu sinto, que eu ardo;
Foi de balde, — que eu amo a penar.

“Ah! se eu triste no mundo pudesse
Como outrora viver, respirar. . .
Não soubera dizer-te os ardores
Que o sepulcro não pode apagar.

“Onde estás? — Já da morte o bafejo
Por teu rosto divino roçou;
Já na campa descansas finada,
Que o teu corpo sem vida tragou?

“Mas a morte não pode impiedosa
Crua foice vibrar contra ti!
Ah! tu vives, que eu sinto, que eu sofro
Crus ardores quais sempre sofri.

“E eu não posso o teu nome à noitinha
Entre as fôlhas saudoso cantar,
Nem seguir-te nas asas da brisa,
Nem teu sono de sonhos doirar.

“Nem lembrar-te os queridos instantes
Que a teu lado arroubado passei,
Sem cuidados de incerto futuro,
Só cuidadoso da vida que amei.

“Não te lembras da noite homicida
Em que um ferro meu peito varou,
Quando a fácil conversa de amôres
Teu marido cioso quebrou?!

“Desde então hei penado sòzinho,
Verte sangue meu peito — de então;
Pode a morte acabar-me a existência,
Mas delir-me não pode a paixão!

“Nosso adúltero afeto no mundo
Não se acaba; — assim quis o Senhor!
Não se acaba. . . — qu'importa? — hei gozado
Teus encantos gentis, teu amor.

“Por te amar outras fráguas sofrera,
Outros transes e dor e penar;

Oh! poder que eu pudesse outra vida
E outro inferno sofrer por te amar!"

Mas da aurora já raiava
Macio e brando clarão;
Macia e branda a canção
Do negro espectro soava.

E medroso se colava
Ao órgão seu negro véu,
Que imiga não se ajuntava
Ao seu vulto a luz do céu.

Pouco a pouco se perdia
O negro espectro; a canção
Pouco a pouco enfraquecia:
Do dia ao tênue clarão,

Era o cantar um sóido
Fraco, incerto e duvidoso;
Era o vulto pavoroso
Duma sombra vão tremido.

V

A MORTE

*Dans sa douleur elle se trouvait
malheureuse d'être immortelle.*

FÉNÉLON

Da aurora vinha nascendo
O grato e belo clarão;
Eu sonhava! já mais brandos
Eram meus sonhos então.

Condensou-se o ar num ponto,
Cresceu o subtil vapor;
Vi formada uma beleza,
Cheia de encantos, de amor.

Mas na candura do rosto
Não se pintava o carmim;
Tinha um quê de cêra junto
À nitidez do marfim.

— "Quem és tu, visão celeste,
Belo Arcanjo do Senhor?"
Respondeu-me: — "Sou a Morte,
Cru fantasma de terror!"

— Ah lhe tornei: És a morte,
Tão formosa e tão cruel!
— Correndo o mundo sòzinha
No meu pálido corcel,* —

Assim dizia — “Tu julgas
Que não tenho coração,
Que executo os meus deveres
Sem pesar, sem aflição?

— Que inda em flor da vida arranco
Ao jovem, sem compaixão,
A donzela pudibunda
Ou ao longo ancião?

— Oh! não, que eu sofro martírios
Do que faço ao mais sofrer,
Sofro dor de que outros morrem,
De que eu não posso morrer;

— Mas em parte a dor me cura
Um pensamento, que é meu, —
Lembro aos humanos que a terra
É só passagem p'ra o céu.

— Faço ao triste erguer os olhos
Para a celeste mansão;
Em lábios que nunca oraram
Derramo pia oração.

— É meu poder quem apura
Os vícios que a mente encerra,
 Ao fogo da minha dor;
Sou quem prendo aos céus a terra,
Sou quem ligo a criatura
 Ao ser do seu Criador.

— Mas qu'importa? Sem descanso
É-me forçoso marchar,
Abater ímpias frentes,
Régias frentes decepar.

— Passar ao través dos homens,
Como um vento abrasador;

* *Et ecce equus pallidus, et qui sedebat super illum nomen illi Mors.* Apocalipse, c. vi.

Como entre o feno maduro
A foice do segador.

— E prostrar uma após outra
Geração e geração,
Como peste que só reina
Em meio da solidão.” —

Desponta o sol radioso
Entre nuvens de carmim;
Cessa o canto pesaroso,
Como corda áurea de Lira,
Que se parte, que suspira
Dando um gemido sem fim.

O VATE

NO ÁLBUM DE UM POETA

*Moi... j'aimerai ta victoire;
Pour mon cœur, ami de toute gloire,
Les triomphes d'autrui ne sont pas un affront.
Poète, j'eus toujours un chant pour les poètes,
Et jamais le laurier qui pare d'autre têtes
Ne jeta d'ombre sur mon front.*

V. HUGO

VATE! VATE! que és tu? — Nos seus extremos
Fadou-te Deus um coração de amôres,
Fadou-te uma alma acesa borbulhando
Hardidos pensamentos, como a lava
Que o gigante Vesúvio arroja às nuvens.

Vate! vate! que és tu? — Fôste ao princípio
Sacerdote e profeta;
Eram nos céus teus cantos uma prece,
Na terra um vaticínio.
E êle cantava então: — Jeová me disse,
Majestoso e terrível.

“Vês tu Jerusalém como orgulhosa
“Campea entre as nações, como no Líbano
“Um cedro a cuja sombra a hissope cresce?
“Breve a minha ira transformada em raios
“Sôbre ela cairá;
“Um fero vencedor dentro em seus muros
“Tributária a fará;

“E quando escravos seus filhos, sôbre pedra
 “Pedra não ficará.”

E os réprobos de sacco se vestiam,
 Em pó, em cinza involtos;
 E colando co'a terra os torpes lábios,
 E açoitando co'as mãos o peito imbele,
 Senhor! Senhor! — clamavam.

E o vate entanto o pálido semblante
 Meditabundo sôbre as mãos firmava,
 Suplicando ao Senhor do interno d'alma.
 Foram santos então. — Homero o mundo
 Creou segunda vez, — o inferno o Dante, —
 Milton o paraíso, — foram grandes!

E hoje! . . . em nosso exílio erramos tristes,
 Mimosa esp'rança ao infeliz legando,
 Maldizendo a soberba, o crime, os vícios;
 E o infeliz se consola, e o grande treme.
 Damos ao infante aqui do pão que temos,
 E o manto além ao mísero raquítico:
 Somos hoje Cristãos.

À MORTE PREMATURA

Da Ill.^{ma} S.^{ra} D. . . .

(NO ÁLBUM DE SEU IRMÃO DR. J. D. LISBOA SERRA)

*On dirait que le ciel aux cœurs plus magnanimes
 Mesure plus de maux.*

LAMARTINE

Perfeita formosura em tenra idade
 Qual flor, que antecipada foi colhida,
 Murchada está da mão da sorte dura.
 CAMÕES, *Soneto*

LÁ, BEM LONGE daqui, em tarde amena.
 Gozando a viração das frescas auras,
 Que do Brasil os hosques brandamente
 Faziam balançar, — e que espalhavam
 No éter encantado odor, pureza —
 Do que a rosa mais bela, — meiga e casta,
 Como as virgens do sol,
 Que de vêzes não foi ela pendente
 Dos braços fraternais em meigo abraço;
 Como mimosa flor prêsa, enlaçada

A tenro arbusto que a vergôntea débil
Lhe ampara docemente!...

E o Irmão que só nela se revia,
O Irmão que a adorava, qual se adora
Um mimo do Senhor;
Que a tinha por farol, confôrto e guia,
Os seus dias contava por encantos;
E as virtudes co'os dias pleiteavam.

E ela morreu no viço de seus anos!...
E a lajem fria e muda dos sepulcros
Se fechou sôbre o ente esmorecido
Ao despontar de vida
Tão rica de esperanças e tão cheia
De formosura e graças!...

Campa! camp! que de terror incutes!
Quanto êsse teu silêncio me horroriza!
E quanto se assemelha a tua calma
À do cruel malvado que impassível
Contempla a sua vítima torcer-se
Em convulsões horríveis, desesp'radas;
Cruas vascas da morte!...
Quem tão má fé te creou?
Tu que tragas o ente que esmorece
Ao despontar de vida
Tão rica de esperanças e tão cheia
De formosura e graças?!

O farol se apagou! a luz sumiu-se!
Como o fugaz clarão do meteoro,
Extinguiu-se a esperança; e o malfadado
Sôbre a terra deserta em vão procura
Traços dessa que amou, que tanto o amara,
Da jovem companheira de seus brincos,
Pesares e alegrias.
Êle a procura!... o viajor pasmado
Nos campos de Pompéia, alonga a vista
Pela amplidão do praino,
Destroços e ruínas encontrando,
Onde esperava movimento e vida.

Não poder eu a trôco de meu sangue
Poupar-te dessas lágrimas metade!

Oh! poder que eu podesse! — e almo sorriso.
 Que tanto me compraz ver-te nos lábios,
 Inda uma vez brilhasse!
 E essa existência,
 Que tão cara me é, ta visse eu lêda,
 E feliz como a vida dos Arcanjos!
 Infeliz é quem chora: ela finou-se,
 Porque os anjos à terra não pertencem;
 Mas lá dos imortais sôbre os teus dias
 A suspirada irmã vela incessante.

Vinde, cândidas rosas, açucenas,
 Vinde, roxas saudades;
 Orvalhai, tristes lágrimas, as c'roas,
 Que hão de a campã adornar por mim depostas
 Em holocausto à vítima da morte.
 Inocência, pudor, beleza e graça
 Com ela nessa campã adormeceram.
 Anjo no coração, anjo no rosto,
 Devera o amor chorar sôbre o teu seio,
 Que não grinaldas fúnebres tecer-te;
 Devera voz d'espôso acalentar-te
 O sono da inocência, — não grosseira
 Canção de trovador não conhecido.

Coimbra, Junho de 1841.

A MENDIGA

*Donnez: —
 Et quand vous paraîtrez devant juge austère
 Vous direz: J'ai connu la pitié sur la terre,
 Je puis la demander aux cieux!*

TURQUETY

I

EU SONHEI durante a noite...
 Que triste foi meu sonhar!
 Era uma noite medonha,
 Sem estrêlas, sem luar.

E ao través do manto escuro
 Das trevas, meus olhos viam
 Triste mendiga formosa,
 Qu'infortúnios consumiam.

Era uma pobre mendiga,
Porém, cândida donzela;
Pudibunda, afável, doce,
Amorosa, e casta, e bela.

Vestia rotos andrajos,
Que o seu corpo mal cubriam;
Por vergonha os olhos dela
Sôbre ela se não volviã.

Pelas costas descobertas
Cortador o frio entrava;
Tinha fome e sêde, — e o pranto
Nos seus olhos borbuhlava.

E qual vemos dos céus descendo rápido
Um fugaz meteoro, vi descendo
Um anjo do Senhor; — parou sôbre ela,
E mudo a contemplava. — Uma tristeza
Simpática, indizível pouco e pouco
Do anjo nas feições se foi pintando:
Qual tristeza de irmão que a irmã mais nova
Conhece enfêrma e chora. — Ela no peito
Menor sentiu a dor, e humilde orava.

II

De um vasto edifício nas frias escadas
Eu vi-a sentada; — era um templo, diziam,
Secreto concílio de sócios piedosos,
Que o bem tinha juntos, que bem só faziam.

Defronte um palácio soberbo se erguia,
E dêle partia confuso rumor:
— A dança girava, e a orquestra sonora
Cantava alegria, prazeres e amor.

E quando ao palácio um conviva chegava,
Rugindo se abria o ruidoso portão;
Eflúvios de incenso nos ares corriam
Da rua esteirada com vivo clarão.

E a triste mendiga ali 'stava ao relento,
Com fome, com frio, com sêde e com dor;
E eu vi o seu anjo, mais triste no aspecto,
Mais baço, mais turvo da glória o fulgor.

E à porta do vasto sombrio edifício
 Um vulto chegou.
 — Senhor, uma esmola! bradou-lhe a mendiga
 E o vulto parou.

E rude no acento, no aspecto severo,
 Lhe disse: — O teu nome?
 Tornou-lhe a mendiga: — Senhor, uma esmola,
 Que eu morro de fome.

— Não, dizes teu nome? lhe torna o soberbo
 — Sou órfã, sòzinha;
 Meu nome qu'importa, se eu soffro, se eu gemo,
 Se eu choro mesquinha!"

— Em vis meretrizes não cabe êsse orgulho,
 Tornou-lhe o Senhor,
 Que à noite, nas trevas, contratam no crime,
 Vendendo o pudor.

E a porta do templo — erguido à piedade
 Com fôrça batia;
 Co'o pêso do insulto acrescido à crueza,
 A triste gemia.

III

Ouvi depois um rodar que a todo o instante
 Mais distinto se ouvia; e logo um forte,
 Fascinador clarão por tôda a rua
 Se derramou soberbo. — Infintos pajens
 Ricas librés trajando, mil archotes
 Nos ares revolviam; — fortes, rápidos,
 Fumegantes corcéis, sorvendo a terra,
 Tiravam rica sege melindrosa.
 Sôbre a terra saltou airosa e bela
 A dona, em frente do festivo paço;
 E a mendiga bradou: — Senhora minha,
 Dai uma esmola, dai! — À voz dorida
 Volveu-se o rosto d'anjo, porém d'anjo
 Não era o coração; — foi-lhe importuno,
 Mais que importuno... da mesquinha o grito!
 E da mendiga o protetor celeste
 Parecia falar em favor dela;
 E a rica dona o escutava, como
 Se ouvisse a interna voz que dentro mora.

E eu dizia também — Ó bela Dona,
 Dai-lhe uma esmola, dai; — de que vos serve
 Um óbolo mesquinha, que não pode
 Siquier um dixie sem valor comprar-vos?
 Ah! bela como sois, que vos importam
 Custosas flôres, com que ornais a fronte?
 Para a salvar do vórtice do crime,
 O preço delas, uma só, da coisa,
 Que sem valor julgardes, é bastante.
 Sabeis? — Além da vida, além da morte,
 Quando deixardes o oiropel na campa,
 Quando subirdes do Senhor ao trono,
 Sem andrajos siquer, também mendiga,
 Ali tereis as lágrimas do pobre,
 A bênção do afligido, a prece ardente
 Do que sofrendo vos bendisse, — ó Dona...

.....

Fechou-se a porta festival sôbre ela!
 E a donzela se ergueu, corou de pejo,
 Lançando os olhos pela rua escusa,
 E segura no andar, e firme, à porta
 Do palácio bateu — entrou — sumiu-se.

E o anjo, como aflito sob um pêso,
 Um gemido soltou; era uma nota
 Melancólica e triste, — era um suspiro
 Mavioso de virgem, — um sóido
 Subtil, mimoso, como d'Harpa Eólia,
 Que a brisa da manhã roçou medrosa.

IV

Dos muros ao través meus olhos viram
 Soberba roda de convivas, — todos
 Veludos, sêdas, e custosas galas
 Trajavam senhoris. — Reinava o jôgo
 Avaro e grave, lêda e viva a dança
 Em vórtices girava, a orquestra doce
 Cantava oculta; condensados, bastos,
 Em redor do banquete estavam muitos.
 A mendiga ali estava, — não trajando
 Sujos farrapos, mas delgadas telas.
 Choviam brindes e canções e vivas

À Deusa airosa do banquete; todos
 Um volver dos seus olhos, um sorriso,
 Uma voz de ternura, um mimo, um gesto
 Cubiçavam rivais; — e ali com ela,
 Como um raio do sol por entre as nuvens
 Lá na quadra hibernal penetra a custo
 Quase sem vida, sem calor, sem fôrça,
 Menos brilhante vi seu anjo belo.
 Nos curtos lábios da feliz mendiga
 Passava rápido um sorriso às vêzes;
 Outras chorava, no volver do rosto,
 Na taça do prazer sorvendo o pranto.
 Encontradas paixões sentia o anjo:
 Parecia chorar co'o seu sorriso,
 Parecia sorrir co'o chôro dela.

A ESCRAVA

*O bien qu'aucun bien ne peut rendre!
 Patrie! doux nom que l'exil fait comprendre!*
 MARINO FALIERO

OH! DOCE PAÍS de Congo,
 Doces terras d'além-mar!
 Oh! días de sol formoso!
 Oh! noites d'almo luar!

Desertos de branca areia
 De vasta, imensa extensão,
 Onde livre corre a mente,
 Livre bate o coração!

Onde a lêda caravana
 Rasga o caminho passando,
 Onde bem longe se escuta
 As vozes que vão cantando!

Onde longe inda se avista
 O turbante muçulmano,
 O Iatagã recurvado,
 Prêso à cinta do Africano!

Onde o sol na areia ardente
 Se espelha, como no mar;

Oh! doces terras de Congo,
Doces terras d'além-mar!

Quando a noite sôbre a terra
Desenrolava o seu véu,
Quando siquer uma estrêla
Não se pintava no céu;

Quando só se ouvia o sôpro
De mansa brisa fagueira,
Eu o aguardava — sentada
Debaixo da bananeira.

Um rochedo ao pé se erguia,
Dêle à base uma corrente
Despenhada sôbre pedras,
Murmurava docemente.

E êle às vêzes me dizia:
— Minha Alsgá, não tenhas mêdo;
Vem comigo, vem sentar-te
Sôbre o cimo do rochedo.

E eu respondia animosa:
— Irei contigo, onde fôres! —
E tremendo e palpitando
Me cingia aos meus amôres.

Êle depois me tornava
Sôbre o rochedo — sorrindo:
— As águas desta corrente
Não vês como vão fugindo?

Tão depressa corre a vida,
Minha Alsgá; depois morrer
Só nos resta!... — Pois a vida
Seja instantes de prazer.

Os olhos em tôrno volves
Espantados — Ah! também
Arfa o teu peito ansiado!...
Acaso temes alguém?

Não receies de ser vista,
Tudo agora jaz dormente;

Minha voz mesmo se perde
No fragor desta corrente.

Minha Alsgá, porque estremecees?
Porque me foges assim?
Não te partas, não me fujas,
Que a vida me foge a mim!

Outro beijo acaso temes,
Expressão de amor ardente?
Quem o ouviu? — o som perdeu-se
No fragor desta corrente.

Assim praticando amigos
A aurora nos vinha achar!
Oh! doces terras de Congo,
Doces terras d'além-mar!

Do ríspido senhor a voz irada
Rábida soa,
Sem o pranto enxugar a triste escrava
Pávida voa.

Mas era em mora por cismar na terra,
Onde nascera,
Onde vivera tão ditosa, e onde
Morrer devera!

Sofreu tormentos, porque tinha um peito,
Qu'inda sentia;
Mísera escrava! no sofrer cruento,
Congo! dizia.

AO DR. JOÃO DUARTE LISBOA SERRA

23 agôsto.

MAIS UM PUNGIR de acérrima saudade,
Mais um canto de lágrimas ardentes,
Oh! minha Harpa, — oh! minha Harpa desditosa.

Escuta, ó meu amigo: da minha alma
Foi uma lira outrora o instrumento;
Cantava nela amor, prazer, venturas,
Até que um dia a morte inexorável
Triste pranto de irmão veio arrancar-te!

As lágrimas dos olhos me caíram,
E a minha lira emudeceu de mágoa!
Então aventei eu que a vida inteira
Do bardo, era um perene sacerdócio
De lágrimas e dor; — tomei uma Harpa:
Na corda da aflição gemeu minha alma,
Foi meu primeiro canto um epicédio;
Minha alma batizou-se em pranto amargo,
Na frágua do sofrer purificou-se!

Lancei depois meus olhos sôbre o mundo,
Cantor do sofrimento e da amargura;
E vi que a dor aos homens circundava,
Como em roda da terra o mar se estreita;
Que apenas desfrutamos, — miserandos!
Desbotado prazer entre mil dores,
— Uma rosa entre espinhos aguçados,
Um ramo entre mil vagas combatido.

Voltou-se então p'ra Deus o meu esp'rito,
E a minha voz queixosa perguntou-lhe:
— Senhor, porque do nada me tiraste,
Ou por que a tua voz omnipotente
Não fêz secar da minha vida a seve,
Quando eu era princípio e feto apenas?

Outra voz respondeu-me dentro d'alma:
— Ardam teus dias como o feno, — ou duresc
Como o fogo de tocha resinosa,
— Como rosa em jardim sejam brilhantes,
Ou baços como o cardo montesinho,
Não deixes de cantar, ó triste bardo. —

E as cordas da minha harpa — da primeira
À extrema — da maior à mais pequena,
Nas asas do tufão — entre perfumes,
Um cântico de amôres exaltaram
Ao trono do Senhor; — e eu disse às turbas:
— Êle nos faz gemer porque nos ama;
Vem o perdão nas lágrimas constrictas,

Nas asas do sofrer desce a clemência;
Sôbre quem chora mais êle mais vela!
Seu amor divinal é como a lâmpada,
Na abóbada dum templo pendurada,
Mais luz filtrando em mais opacas trevas.

Eu o conheço: — o cântico do bardo
 É bálsamo ao que morre, — é lenitivo,
 Mas doloroso, mas funéreo e triste
 A quem lhe carpe infausto a morte crua.
 Mas quando a alma do justo, espedaçando
 O envolucro de lôdo, aos céus remonta,
 Como estrada de luz correndo os astros,
 Seguindo o som dos cânticos dos anjos
 Que na presença do Senhor se elevam;
 Choro... tão bem Jesus chorou a Lázaro!
 Mas na excelsa visão que se me antolha
 Bebo consolações, — minha alma anseia
 A hora em que também há de asilar-se
 No seio imenso do perdão do Eterno.

Chora, amigo; porém quando sentires
 O pranto nos teus olhos condensar-se,
 Que já não pode mais banhar-te as faces,
 Ergue os olhos ao céu, onde a luz mora,
 Onde o orvalho se cria, onde parece
 Que a tímida esperança nasce e habita.
 E se eu — feliz! — poder inda algum dia
 Ferir por teu respeito na minha harpa
 A lêda corda onde o prazer palpita,
 A corda do prazer que ainda inteira,
 Que virgem de emoção inda conservo,
 Suspenderei minha harpa dalgum tronco
 Em ofrenda à fortuna; — ali sòzinha,
 Tangida pelo sôpro só do vento,
 Há de mistérios conversar co'a noite,
 De acorde estreme perfumando as brisas;
 Qual Harpa de Sião prêsa aos salgueiros
 Que não há de cantar a desventura,
 Tendo cantos gentis vibrado nela.

O DESTÊRRO DE UM POBRE VELHO

Et dulces moriens reminiscitur Argos.
 VIRGÍLIO

O! schwer ist's, in der Fremde sterben unbewint!
 SCHILLER

A AURORA vem despontando,
 Não tarda o sol a raiar;
 Cantam aves, — a natura
 Já começa a respirar.

Bem mansa na branca areia
Onda queixosa murmura,
Bem mansa aragem fagueira
Entre a folhagem sussurra.

É hora cheia de encantos,
É hora cheia de amor;
A relva brilha enfeitada,
Mais fresca se mostra a flor.

Esbelta joga a fragata,
Como um corcel a nitrir;
Suspensa a amarra tem prêsa,
Suspensa, que vai partir.

Em demanda da fragata,
Leve barco vem vogando;
Nêle um velho cujas faces
Mudo choro está cortando.

Quem era o velho tão nobre,
Que chorava,
Por assim deixar seus lares,
Que deixava?

“Ancião, por que te ausentas?
Corres tu trás de ventura?
Louco! a morte já vem perto.
Tens aberta a sepultura.

“Louco velho, já não sentes
Bater frouxo o coração?
Oh! que o sente! — É lei d'exílio
A que o leva em tal sazão!

“Não ver mais a cara pátria,
Não ver mais o que deixava,
Não ver nem filhos, nem filhas,
Nem o casal, que habitava!...

“Oh! que é má pena de morte,
A pena de proscricção;
Traz dores que martirizam,
Negra dor de coração!

“Pobre velho! — longe, longe
Vás sustento mendigar;

Tens de sofrer novas dores,
Novos males que penar.

“Não t’há de valer a idade,
Nem a dor tamanha e nobre;
Tens de tragar vis afrontas,
— Insultos que sofre o pobre!

“Nada acharás no degrêdo,
Que fale dos filhos teus;
Ninguém sente a dor do pobre...
Só te fica a mão de Deus.

“O sol, que além vês raiando
Entre nuvens de carmim,
Noutros climas, noutras terras
Não verás raiar assim.

“Não verás a rocha erguida,
Onde t’ias assentar;
Nem o som bem conhecido
Do teu sino hás de escutar.

“Há de cair sôbre as ondas
O pranto do teu sofrer,
E nesse abismo salgado,
Salgado se há de perder.”

Já chegou junto à fragata,
Já na escada de apoiou,
Já com voz intercotada
Último adeus soluçou.

Canta o nauta, e solta as velas
Ao vento que o vai guiar;
E a fragata mui veleira
Vai fugindo sôbre o mar.

E o velho sempre em silêncio
A calva testa dobrou,
E pranto mais abundante
O rosto senil cortou.

Inda se vê branca a vela
Do navio, que partiu;
Mais além — inda se avista!
Mais além — já se sumiu!

O ORGULHOSO

EU o vi! — tremendo era no gesto,
Terrível seu olhar;
E o cenho carregado pretendia
O globo dominar.

Tremendo era na voz, quando no peito
Fervia-lhe o rancor!
E aos demais homens, como um cedro à relva,
Se cria sup'rior.

E o pobre agricultor, junto a seus filhos,
Dentro do humilde lar,
Quisera, antes que os dêle, ver um Tigre
Os olhos fuzilar:

Que a um filho seu talvez quisera o nobre
Para um Executor;
Ou para o leito infesto alguma filha
Do triste agricultor.

Quem ousaria resistir-lhe? — Apenas
Algum pobre ancião
Já sôbre o seu sepulcro, desejando
A morte e a salvação.

Alguns dias apenas decorreram;
E eis que êle se sumiu!
E a lajem dos sepulcros fria e muda
Sôbre êle já caiu.

E o bárbaro tropel dos que o serviam
Exulta com seu fim!
E a turba aplaude; e ninguém chora a morte
De homem tão ruim.

O COMETA

AO SR. FRANCISCO SUTERO DOS REIS

*Non est potestas, quae comparetur ei qui
factus est ut nullum timeret.*

JOB

EIS NOS CÉUS rutilando ígneo cometa!
A imensa cabeleira o espaço alastra,
E o núcleo, como um sol tingido em sangue,
Alvacento luzir verte agoireiro
Sôbre a pávida terra.

Poderosos do mundo, grandes, povo,
Dos lábios removei a taça ingente,
Que em vossas festas gira; eis que rutila
O sanguíneo cometa em céus infindos!...
Pobres mortais, — sois vermes!

O Senhor o formou terrível, grande;
Como indócil corcel que morde o freio,
Retinha-o só a mão do Omnipotente.
Alfim lhe disse: — Vai, Senhor dos Mundos,
Senhor do espaço infindo.

E qual louco temido, ardendo em fúria,
Que ao vento solta a coma desgrenhada,
E vai, néscio de si, livre de ferros,
De encontro às duras rochas, — tal progride
O cometa incansável.

Se na marcha veloz encontra um mundo,
O mundo em mil pedaços se converte;
Mil centelhas de luz brilham no espaço
A êsmo, como um tronco pelas vagas
Infrenes combatido.

Se junto doutro mundo acaso passa,
Consigo o arrastra e leva transformado;
A cauda portentosa o enlaça e prende,
E o astro vai com êle, como argueiro
Em turbilhão levado.

Como Leviatã perturba os mares,
Ele perturba o espaço; — como a lava,

Êle marcha incessante e sempre; — eterno,
Marcou-lhe largo giro a lei que o rege,
— As vêzes o infinito.

Êle carece então da eternidade!
E aos homens diz — e majestoso e grande
Que jamais o verão; e passa, e longe
Se entranha em céus sem fim, como se perde
Um barco no horizonte!

O OIRO

OIRO, — poder. encanto ou maravilha
Da nossa idade, — regedor da terra,
Que dás honra e valor, virtude e fôrça,
Que tens ofertas, oblações e altares, —
Embora teu louvor cante na lira
Vendido Menestrel que pôde insano
Do grande à porta renegar seu gênio!
Outro, sim, que não eu. — Bardo sem nome,
Com pouco vivo; — sôbre a terra, à noite,
Meu corpo lanço, descansando a fronte
Num tronco ou pedra ou mal nascido arbusto.
Sou mais que um rei co'o meu dossel de nuvens
Que tem gravados cintilantes mundos!
Com a vista no céu percorro os astros.
Vagueia a minha mente além das nuvens,
Vagueia o meu pensar — alto, arrojado
Além de quanto o olhar nos céus alcança.

Então do meu Senhor me calam n'alma
D'amor ardente enlevos indizíveis;
Se tento às gentes redizer seu nome,
Queimadoras palavras se atropelam
Nos meus lábios; — profética harmonia
Meu peito anseia, e em borbotões se expande.
Grandes, Senhor, são tuas obras, grandes
Teus prodígios, teu poder imenso:
O pai ao filho o diz, um sec'lo a outro,
A terra ao céu, o tempo à eternidade!

Do mundo as ilusões, vaidade, engano,
Da vida a mesquinhez — prazer ou pranto —
Tudo êsse nome arrastra, prostra e some;

Como aos raios do sol desfeito o gêlo,
Que em ondas corre no pendor do monte,
Precípite e ruidoso, — arbustos, troncos
Consigo no passar rompidos leva.

A UM MENINO

OFERECIDA À EXMA. SRA. D. M. L. L. V.

I

GENTIL, engraçado infante
Nos teus jogos inconstante,
Que tens tão belo semblante,
Que vives sempre a brincar,
— Dos teus brinquedos te esqueces
À noitinha, — e te entristeces
Como a bonina, — e adormeces,
Adormeces a sonhar!

II

Infante, serão as côres
De várias, viçosas flôres,
Ou são da aurora os fulgores
Que vem teus sonhos doirar?
Foi de algum ente celeste,
Que de luzeiros se veste,
Ou da brisa é que aprendeste,
Que aprendeste a suspirar?

III

Tens no rosto afogueado
Um qual retrato acabado
De um sentir aventurado,
Que te ri no coração;
É talvez a voz mimosa
De uma fada caprichosa,
Que te promete amorosa,
Algum brilhante condão!

IV

Ou por ventura és contente,
Porque no sonho, que mente,
Fantasiaste inocente
Algun dos brinquedos teus! . . .
Senhor, tens bondade infinda!
Fizeste a aurora bem linda,
Creaste na vida ainda
Um'outra aurora dos céus.

V

O som da corrente pura,
A folhagem que sussurra,
Um acento de ternura,
De ternura divinal;
A indizível harmonia
Dos astros no fim do dia,
A voz que Mêmnon dizia,
Que dizia matinal;

VI

Nada disto tem o encanto,
Nada disto pode tanto
Como o risonho quebranto,
Divino — do seu dormir:
Que nada há como a Donzela
Pensativa, doce e bela,
E a comparar-se com ela . . .
Só de um infante o sorrir.

VII

Mas de repente chorando
Despertas do sono brando
Assustado e soluçando . . .
Foi uma revelação!
Esta vida acerba e dura
Por um dia de ventura
Dá-nos anos de amargura
E fráguas do coração.

VIII

Só aquêles que da morte
Sofreu o terrível corte,
Não tem dores que suporte,
Nem sonhos o acordarão:
Gentil infante, engraçado,
Que vives tão sem cuidado,
Serás homem — mal pecado!
Findará teu sonho então.

O PIRATA
(EPISÓDIO)

NAS ASAS breves do tempo
Um ano e outro passou,
E Lia sempre formosa
Novos amôres tomou.

Novo amante mão de espôso,
De mimos cheia, lh'of'rece;
E bela, apesar de ingrata,
Do que a amou Lia se esquece.

Do que a amou que longe pára,
Do que a amou, que pensa nela,
Pensando encontrar firmeza
Em Lia, que era tão bela!

Nesse palácio deserto
Já luzes se vêm luzir,
Que vem nas sêdas, nos vidros
Cambiantes refletir.

Os ecos alegres soam,
Soa ruidosa harmonia,
Soam vozes de ternura,
Sons de festa e d'alegria.

E qual ave que em silêncio
A face do mar desflora,
À noite bela fragata
Chega ao pôrto, amaina, ancora.

Cai da pôpa e fere as ondas
Inquieta, esguia falua,
Que resvala sôbre as águas
Na esteira que traça a lua.

Já nã vácuca praia toca;
Um vulto em terra saltou,
Que na longa escadaria
Presago e tôrvo enfiou.

Malfadado! por que aportas
A êste sítio fatal!
Queres o brilho aumentar
Das bodas do teu rival?

Não, que a vingança lhe range
Nos duros dentes cerrados,
Não, que a cabeça referve
Em maus projetos danados!

Não, que os seus olhos bem dizem
O que diz seu coração;
Terríveis, como um espelho,
Que retratasse um vulcão.

Não, que os lábios descorados
Vociferam seu rival;
Não, que a mão no peito aperta
Seu ponteagudo punhal.

Não, por Deus, que tais afrontas
Não as sói deixar impunes,
Quem tem ao lado um punhal,
Quem tem no peito ciúmes!

Subiu! — e viu com seus olhos
Ela a rir-se que dançava,
Folgando, infame! nos braços
Porque assim o assassinava.

E êle avançou mais avante,
E viu... o leito fatal!
E viu... e cheio de raiva
Cravou no meio o punhal.

E avançou... e à janela
Sòzinha a viu suspirar,

— Saudosa e bela encarando
A imensidade do mar.

Como se vira um espectro,
De repente ela fugiu!
Tal foge a corça nos bosques
Se leve rumor sentiu.

Que foi? — Quem sabe dizê-lo?
Foram vislumbres de dor;
Coração, que tem remorsos,
Sente contínuo terror!

Ele à janela chegou-se,
Horrível nada encontrou...
Sòmente, ao longe, nas sombras,
Sua fragata avistou.

Então pensou que no mundo
Nada mais de seu contava!
Nada mais que essa fragata!
Nada mais de quanto amava!

Nada mais!... — que lh'importava
De no mundo só se achar?
Inda muito lhe ficava —
Água e céus e vento e mar.

Assim pensava, mas nisto
Descortina o seu rival,
Não visto; — a mão na cintura
Cingiu raivoso o punhal!

Mas pensou... — não, seja dela,
E tenha zelos como eu! —
Larga o punhal, e um retrato
Na destra mão estendeu.

Porém sentiu que inda tinha
Mais que branda compaixão;
Miserando! inda guardava
Seu amor no coração.

Infeliz! não foi culpada;
Foi culpa do fado meu!
Nada mais de pensar nela;
Finjamos que ela morreu.

Por entre a turba que alegre
 No baile — a sorrir-se estava,
 Mudo, triste, e pensativo
 Surdamente se afastava.

De manhã — quando o sarau
 Apagava o seu rumor,
 Chegava Lia a janela,
 Mais formosa de palor.

Chegou-se; — e além — no horizonte
 Uma vela inda avistou;
 E co'a mão trêmula e fria
 O telescópio buscou!

Um pavilhão viu na pôpa,
 Que tinha um globo pintado;
 E no mastro da mezena
 Um negro vulto encostado.

Eram chorosos seus olhos,
 Os olhos seus enxugou;
 E o telescópio de novo
 Para essa vela apontou.

Quem era o vulto tão triste
 Parece reconheceu;
 Mas a vela no horizonte
 Para sempre se perdeu.

A VILA MALDITA, CIDADE DE DEUS

AO SEU QUERIDO E AFETUOSO AMIGO

A. T. DE CARVALHO LEAL

*Peccata peccavit Jerusalem, et propter
 ea instabilis facta est; omnes qui glori-
 ficabant eam, spreverunt illam, quia vide-
 runt ignominiam ejus; ipsa autem gemens
 conversa est retrorsum.*

Lament.

I

O IMENSO aposento a luz alaga
 Com soberbo clarão,
 E as mesas do banquete se devolvem
 Pelo vasto salão;

E os instrumentos palpitantes soam
Frenética harmonia;
E o côro dos convivas se levanta
Pleno d'êbria alegria!

Ali se ostenta o nobre vicioso
Rebuçado em orgulho, — o rico infame,
Cheio de mesquinhez, — o envilecido,
Imundo pobre no seu manto involto

De misérias, torpeza e vilanias;
— A prostituta que alardea os vícios,
Menosprezando a castidade e a honra,
Sem pejo, sem pudor, d'infâmia eivada.

E o livre ditirambo, a atroz blasfêmia,
Os cantos imorais, canções impúdicas,
Gritos e orgia involta em negro manto
De fumo e vinho, — os ares aturdiavam;
E muito além, no meio d'alta noite,
Nos ecos, ruas, praças rebatiam.

II

Depois, ainda suja a bôca, as faces,
D'imundo vomitar,
Com vacilante pé calcando a terra
Os viras levantar.

A larga porta despedia em turmas
A noturna coôrte;
Ouvia-se depois por tôda a parte
Gritos, horror de morte!

E ninguém vinha ao retinir de ferro,
Que assassinava;
Porque era dum valente o punhal nobre,
Que as leis ditava.

Outra vez a cair se emaranhavam
Da porta pelo umbral:
Tinham tintas de sangue a face, as vestes,
Em sangue tinto o punhal.

E vinha o sol manifestar horrores
Da noite derradeira;

E a morte vária revelava a fúria
Da turba carniceira.

E o sacrílego padre só vendia
O tum'lo por dinheiro;
Vendia a terra aos mortos insepultos,
O vil interesseiro!

Ou lá ficavam, como pasto aos corvos,
Por sôbre a terra nua;
E ninguém de tal sorte se pesava,
Que ser podia a sua!

“E Deus maldisse a terra criminosa,
“Maldisse aos homens dela,
“Maldisse a cobardia dos escravos
“Dessa terra tão bela.”

III

E a mortífera peste lutuosa
Do inferno rebentou,
E nas asas dos ventos pavorosa
Sôbre todos passou.

E o mancebo que via esperançoso
Longa vida futura,
Doido sentiu quebrar-lhe as esperanças
Pedra de sepultura.

E a donzela tão linda que vivia
Confiada no amor,
Entre os braços da mãe provou bem cedo
Da morte o dissabor.

E o trêmulo ancião qu'inda esperava
Morrer assim
Como um fruto maduro destacado
D'árvore enfim,

Sentiu a morte esvoaçar-lhe em tórno,
Como um bulcão,
Que afronta o nauta quando avista a terra
Da salvação.

Era deserta a vila, a casa, o templo —
Ar de morte soprou!

Mas a casa dos vis nos seus delírios
Ébria continuou!

“E Deus maldisse a terra criminosa,
“Maldisse os homens dela,
“Maldisse a cobardia dos escravos
“Dessa terra tão bela.”

IV

Eis o aço da guerra lampeja,
Do fogo corcel o nitrido,
Eis o brônzeo canhão que rouqueja,
Eis da morte represso o gemido.

Já se aprestam guerreiros luzentes,
Já se enfreiam corcéis belicosos,
Já mancebos se partem contentes,
Augurando a vitória briosos.

Brilha a raiva nos olhos; — nas faces
O interno rancor podes ler;
Eia, avante! — clamaram os bravos,
Eia, avante! — ou vencer ou morrer!

Eia, avante! — briosos corramos
Na peleja o imigo bater;
Crua morte na espada levamos!
Eia, avante! — ou vencer ou morrer!

Eis o aço da guerra lampeja,
Do corcel belicoso o nitrido,
Eis o brônzeo canhão que rouqueja
E da morte represso o gemido.

V

E a selva vomitou homens sem conto
A voz do onipotente,
Como a neve hibernal que o sol derrete,
Engrossando a corrente.

E em redor dessa vila se estreitaram,
Cingidos d'armadura;
E a vila se doeu no íntimo seio
De tão acre amargura.

Mas os fortes bradaram: — Eia, avante! —
Prontos a batalhar;
Mas o braço e valor ante os imigos
Se vieram quebrar.

E um ano inteiro sem cessar lutaram,
Cheios de bizzarria,
Como dois crocodilos que brigassem
Dum rio a primazia!

E renderam-se enfim, mas de famintos.
De sequiosos;
Valentes lidadores foram êles,
Se não briosos.

VI

E o exército contrário entra rugindo
Na vila, que as suas portas lhe franqueia:
Rasteiro corre o incêndio e surdamente
O custoso edifício ataca e mina.
Eis que a chama roaz amostra as fendas
Das portas que se abrasam; descortina
O tôrvo olhar do vencedor — apenas —
Lá dentro o incêndio só, fora só trevas!
Urros de frenesi, de dor, de raiva
Escutam dos que, às súbitas colhidos,
Contra os muros em brasa se arremessam;
Dos que, perdido o tino, intentam loucos
Achar a salvação, e a morte encontram.
Lá dentro confusão, silêncio fora!
São carrascos aqui, vítimas dentro,
Geme o travejamento, estrala a pedra,
Cresce horror sôbre horror, desaba o teto,
E o fumo enegrecido se enovela
Co'o vértice sublime os céus roçando.
Como o vulcão que a lava arroja às nuvens,
Como ignea coluna que da terra
Hiante rebentasse, — tal se eleva,
Tal sobe aos ares, tal se empina e cresce
A labareda portentosa; e baixa,
E desce à terra, e o edifício enrola,
E o sorve inteiro, qual se foram vagas
Que a dura rocha do alicerce abalam,
Que a enlaçam, como a prea, — e ao fundo pego
Levam, deixando o mar branco d'espuma.

No horror da noite, sibilando os ventos,
Línguas piramidais do atroz incêndio,
Fumosas pelas ruas estalando,
Tingem da côr do inferno a côr da noite,
Tingem da côr do sangue a côr do inferno!
— O ar são gritos, fumo o céu, e a terra fogo.

VII

E aquêles que inda são e imunes eram,
Os que a peste enjeitou,
Que fome e sêde e privações sofreram . . .
A espada decepou.

E a donzela tremeu, da mãe nos braços
Não salva ainda,
Que incitava os prazeres do soldado
A face linda.

E o fido amante, que de a ver tão bela
Sentiu prazer,
Sente martírios porque a vê formosa
No seu morrer.

Coisa alguma escapou! — Já tudo é cinzas
Tudo destruição:
A coluna, o palacio, a casa, o templo,
O templo da oração!

Meninos, homens e mulheres, — todos
Já rojam sôbre o pó;
Mas o Deus, o Deus bom já está vingado.
Por ela já sente dó.

E a vila d'outrora mais ruidosa,
Lá ressurgiu cidade;
Porque o Deus da justiça, o das armadas,
O Deus é de bondade.

QUADRAS DA MINHA VIDA

RECORDAÇÃO E DESEJO

AO MEU BOM AMIGO O DR. A. REGO

*Sol chi non lascia eredità d'affetti
Poca gioia ha dell'urna.*

FOSCOLO

I

HOUVE TEMPO em que os meus olhos
Gostavam do sol brilhante,
E do negro véu da noite,
E da aurora cintilante.

Gostavam da branca nuvem
Em céu de azul espraçada,
Do terno gemer da fonte
Sôbre pedras despenhada.

Gostavam das vivas côres
De bela flor vicejante,
E da voz imensa e forte
Do verde bosque ondeante.

Inteira a natureza me sorria!
A luz brilhante, o sussurrar da brisa,
O verde bosque, o rosicler d'aurora,
Estrêlas, céus, e mar, e sol, e terra,
D'esperança e d'amor minha alma ardente,
De luz e de calor meu peito enchiam.
Inteira a natureza parecia
Meus mais fundos, mais íntimos desejos
Perscrutar e cumprir; — almo sorriso
Parecia enfeitar co'os seus encantos,
Com todo o seu amor compor, doirá-lo,
Porque os meus olhos deslumbrados vissem-no,
Porque minha alma de o sentir folgasse.

Oh! quadra tão feliz! — Se ouvia a brisa
Nas fôlhas sussurrando, o som das águas,
Dos bosques o rugir; — se os desejava,
— O bosque, a brisa, a fôlha, o trepidante
Das águas murmurar prestes ouvia.

Se o sol doirava os céus, se a lua casta,
 Se as tímidas estrêlas cintilavam,
 Se a flor desabrochava involta em musgo,
 — Era a flor que eu amava, — eram estrêlas
 Meus amôres sòmente, o sol brilhante,
 A lua merencória — os meus amôres!
 Oh! quadra tão feliz! — doce harmonia,
 Acôrdo estreme de vontade e fôrça,
 Que atava minha vida à natureza!
 Ela era para mim bem como a espôsa
 Recém-casada, púdica sorrindo;
 Alma de noiva — coração de virgem,
 Que a minha vida inteira abrilhantava!
 Quando um desejo me brotava n'alma,
 Ela o desejo meu satisfazia;
 E o quer que ela fizesse ou me dissesse,
 Êsse era o meu desejo, essa a voz minha,
 Êsse era o meu sentir do fundo d'alma,
 Expresso pela voz que eu mais amava.

II

Agora a flor que m'importa,
 Ou a brisa perfumada,
 Ou o som d'amiga fonte
 Sôbre pedras despenhada?

Que me importa a voz confusa
 Do bosque verde-frondoso,
 Que m'importa a branca lua,
 Que m'importa o sol formoso?

Que m'importa a nova aurora,
 Quando se pinta no céu;
 Que m'importa a feia noite,
 Quando desdobra o seu véu?

Estas cenas, que amei, já me não causam
 Nem dor e nem prazer! — Indiferente,
 Minha alma um só desejo não concebe,
 Nem vontade já tem! . . . Oh! Deus! quem pôde
 Do meu imaginar as puras asas
 Cercear, desprender-lhe as níveas plumas,
 Rojá-las sôbre o pó, calcá-las tristes?
 Perante a criação tão vasta e bela
 Minha alma é como a flor que pende murcha;

É qual profundo abismo: — embalde estrêlas
Brilham no azul dos céus, embalde a noite
Estende sôbre a terra o negro manto:
Não pode a luz chegar ao fundo abismo,
Nem pode a noite enegrecer-lhe a face;
Não pode a luz à flor prestar mais brilho
Nem viço e nem frescor prestar-lhe a noite!

III

Houve tempo em que os meus olhos
Se extasiavam de ver
Ágil donzela formosa
Por entre flôres correr.

Gostavam de um gesto brando,
Que revelasse pudor;
Gostavam de uns olhos negros,
Que rutilassem de amor.

E gostavam meus ouvidos
De uma voz — tôda harmonia, —
Quer pesares exprimisse,
Quer exprimisse alegria.

Era um prazer, que eu tinha, ver a virgem
Indolente ou fugaz — alegre ou triste,
Da vida a estreita senda desflorando
Com pé ligeiro e ânimo tranqüilo;
Impróvida e brilhante parecendo
Seus dias desfolhar, uns após outros,
Como fôlhas de rosa; — e no futuro —
Ver luzir-lhe sômente a luz d'aurora.
Era deleite e dor vê-la tão lêda
Do mundo as aflições, angústias, prantos
Afrontar co'um sorriso; era um descanso
Interno e fundo, que sentia a mente,
Um quadro em que os meus olhos repousavam,
Ver tanta formosura e tal pureza
Em rosto de mulher com alma d'anjo!

IV

Houve tempo em que os meus olhos
Gostavam de lindo infante,

Com a candura e sorriso
Que adorna infantil semblante.

Gostavam do grave aspecto
De majestoso ancião,
Tendo nos lábios conselhos,
Tendo amor no coração.

Um representa a inocência,
Outro a verdade sem véu;
Ambos tão puros, tão graves,
Ambos tão perto do céu!

Infante e velho! — princípio e fim da vida! —
Um entra neste mundo, outro sai dêle,
Gozando ambos da aurora; — um sôbre a terra,
E o outro lá nos céus. — O Deus, que é grande,
Do pobre velho compensando as dores,
O chama para si; o Deus clemente
Sôbre a inocência de contínuo vela.
Amei do velho o majestoso aspecto,
Amei o infante que não tem segredos,
Nem cobre o coração co'os folhos d'alma.
Amei as doces vozes da inocência,
A ríspida franqueza amei do velho,
E as rípidas verdades mal sabidas,
Só por lábios senis pronunciadas.

V

Houve tempo, em que possível
Eu julguei no mundo achar
Dois amigos extremosos,
Dois irmãos do meu pensar:

Amigos que compr'endessem
Meu prazer e minha dor,
Dos meus lábios o sorriso,
Da minha alma o dissabor;

Amigos, cuja existência
Vivesse eu co'o meu viver:
Unidos sempre na vida,
Unidos — té no morrer.

Amizade! — união, virtude, encanto —
Consórcio do querer, de fôrça e d'alma —

Dos grandes sentimentos cá da terra
Talvez o mais recíproco, o mais fundo!
Quem há que diga: Eu sou feliz! — se acaso
Um amigo lhe falta? — um doce amigo,
Que sinta o seu prazer como êle o sente,
Que sofra a sua dor como êle a sofre?
Quando a ventura lhe sorri na vida,
Um a par d'outro — ei-los lá vão felizes;
Quando um sente aflição, nos braços do outro
A aflição, que é só dum, carpindo juntos,
Encontra doce alívio o desditoso
No tesouro que encerra um peito amigo.
Cândido par de cisnes, vão roçando
A face azul do mar co'as níveas asas
Em deleite amoroso; — acalentados
Pelo sereno espreguiçar das ondas,
Aspirando perfumes mal sentidos,
Por vesperina aragem bafejados,
É jôgo o seu viver; — porém se o vento
No frondoso arvoredado ruge ao longe,
Se o mar, batendo irado as êrmas praias,
Cruzadas vagas em novêlo enrola,
Com grito de terror o par candente
Sacode as níveas asas, bate-as, — fogem.

VI

Houve tempo em que eu pedia
Uma mulher ao meu Deus,
Uma mulher que eu amasse,
Um dos belos anjos seus.

Em que eu a Deus só pedia
Com fervorosa oração
Um amor sincero e fundo,
Um amor do coração.

Qu'eu sentisse um peito amante
Contra o meu peito bater,
Sòmente um dia... sòmente!
E depois dêle morrer.

Amei! e o meu amor foi vida insana!
Um ardente anelar, cautério vivo,
Pôsto no coração, a remordê-lo.
Não tinha uma harmonia a natureza

Comparada a sua voz; não tinha côres
 Formosas como as dela, — nem perfumes
 Como êsse puro odor qu'ela esparzia
 D'angélica pureza. — Meus ouvidos
 O feiticeiro som dos meigos lábios
 Ouviam com prazer; meus olhos vagos
 De a ver não se cansavam; lábios d'homens
 Não puderam dizer como eu a amava!
 E achei que o amor mentia, e que o meu anjo
 Era apenas mulher! chorei! deixei-a!
 E aquêles, que eu amei co'o amor d'amigo.
 A sorte, boa ou má, levou-mos longe,
 Bem longe quando eu perto os carecia.
 Concluí que a amizade era um fantasma,
 Na velhice prudente — hábito apenas,
 No jovem — doudejar; em mim lembrança;
 Lembrança! — porém tal que a não trocara
 Pelos gozos da terra, — meus prazeres
 Foram só meus amigos, — meus amôres
 Hão de ser neste mundo êles sòmente.

VII

Houve tempo em que eu sentia
 Grave e solene aflição,
 Quando ouvia junto ao morto
 Cantar-se a triste oração.

Quando ouvia o sino escuro
 Em sons pesados dobrar,
 E os cantos do sacerdote
 Erguidos junto do altar.
 Quando via sôbre um corpo
 A fria lousa cair;
 Silêncio debaixo dela,
 Sonhos talvez — e dormir.

Feliz quem dorme sob a lousa amiga,
 Tépidia talvez com o pranto amargo
 Dos olhos da aflição; — se os mortos sentem,
 Ou se almas tem amor aos seus despojos,
 Certo dos pés do Eterno, entre a aleluia,
 E o gôzo lá dos céus, e os coros d'anjos,
 Hão de lembrar-se com prazer dos vivos,

Que choram sôbre a campa, onde já brota
O denso musgo, e já desponta a relva.

Lajem fria dos mortos! quem me dera
Gozar do teu descanso, ir asilar-me
Sob o teu santo horror, e nessas trevas
Do bulício do mundo ir esconder-me!
Oh! lajem dos sepulcros! quem me desse
No teu silêncio fundo asilo eterno!
Aí não pulsa o coração, nem sente
Martírios de viver quem já não vive.

HINOS

*Singe dem Herrn mein Lied, und du, begeisterte Seele,
Werde ganz Jubel dem Gott, den alle Wesen bekennen!*

WIELAND

MESQUINHO TRIBUTO DE PROFUNDA AMIZADE
AO DR. J. LISBOA SERRA

O MAR

*Frappé de ta grandeur farouche
Je tremble... est-ce bien toi, vieux lion que je touche.
Océan, terrible océan!*

TURQUETY

OCEANO TERRÍVEL, mar imenso
De vagas procelosas que se enrolam
Floridas rebentando em branca espuma
Num pólo e noutra pólo,
Enfim... enfim te vejo; enfim meus olhos
Na indômita cerviz trêmulos cravo,
E êsse rugido teu sanhudo e forte
Enfim medroso escuto!

Donde houveste, ó pélagos revólto,
Êsse rugido teu? Em vão dos ventos
Corre o insano pegão lascando os troncos,
E do profundo abismo
Chamando à superfície infindas vagas,
Que avaro encerras no teu seio undoso;
Ao insano rugir dos ventos bravos
Sobressai teu rugido.
Em vão troveja horríssonas tormentas;
Essa voz do trovão, que os céus abala,
Não cobre a tua voz. — Ah! donde a houveste,
Majestoso oceano?

Ó mar, o teu rugido é um eco incerto
Da creadora voz, de que surgiste:
Seja, disse; e tu foste, e contra as rochas
As vagas compeliste.
E à noite, quando o céu é puro e limpo,
Teu chão tinges de azul, — tuas ondas correm
Por sôbre estrêlas mil; turvam-se os olhos
Entre dois céus brilhantes.

Da voz de Jeová um eco incerto
Julgo ser teu rugir; mas só, perene,
Imagem do infinito, retratando
As feitura de Deus.

Por isto, a sós contigo, a mente livre
Se eleva, aos céus remonta ardente, altiva,
E dêste lôdo terreal seapura,
Bem como o bronze ao fogo.

Férvida a Musa, co'os teus sons casada,
Glorifica o Senhor de sôbre os astros
Co'a frente além dos céus, além das nuvens,
E co'os pés sôbre ti.

O que há mais forte do que tu? Se erriças
A coma perigosa, a nau possante,
Extremo de artifício, em breve tempo
Se afunda e se aniquila.
És poderoso sem rival na terra;
Mas lá te vais quebrar num grão d'areia,
Tão forte contra os homens, tão sem fôrça
Contra coisa tão fraca!

Mas nesse instante que me está marcado,
Em que hei de esta prisão fugir p'ra sempre
Irei tão alto, ó mar, que lá não chegue
Teu sonoro rugido.

Então mais forte do que tu, minha alma,
Desconhecendo o temor, o espaço, o tempo,
Quebrará num relance o circ'lo estreito
Do finito e dos céus!

Então, entre miríadas de estrêlas,
Cantando hinos d'amor nas harpas d'anjos,
Mais forte soará que as tuas vagas,
Mordendo a fulva areia;
Inda mais doce que o singelo canto
De merencória virgem, quando a noite
Ocupa a terra, — e do que a mansa brisa,
Que entre flôres suspira.

IDÉIA DE DEUS

*Gross ist der Herr! Die Himmel ohne Zahl
Sind seine Wohnungen!
Seine Wagen die donnernden Gewölke,
Und Blitze sein Gespann.*

KLEIST

I

À VOZ DE JEOVÁ infindos mundos
Se formaram do nada;
Rasgou-se o horror das trevas, fêz-se o dia,
E a noite foi creada.

Luziu no espaço a lua! sôbre a terra
Rouqueja o mar raivoso,
E as esferas nos céus ergueram hinos
Ao Deus prodigioso.

Hino de amor a criação, que soa
Eternal, incessante,
Da noite no remanso, no ruído
Do dia cintilante!

A morte, as aflições, o espaço, o tempo,
O que é para o Senhor?
Eterno, imenso, que lh'importa a sanha
Do tempo roedor?

Como um raio de luz, percorre o espaço,
E tudo nota e vê —
O argueiro, os mundos, o universo, o justo;
E o homem que não crê.

E êle que pode aniquilar os mundos,
Tão forte como êle é,
E vê e passa, e não castiga o crime,
Nem o impio sem fé!

Porém quando corrupto um povo inteiro
O Nome seu maldiz,
Quando só vive de vingança e roubos,
Julgando-se feliz;

Quando o impio comanda, quando o justo
Sofre as penas do mal,
E as virgens sem pudor, e as mães sem honra.
E a justiça venal;

Ai da perversa, da nação maldita,
Cheia de ingratição,
Que há de ela mesma sujeitar seu colo
À justa punição.

Ou já terrível peste expande as asas,
Bem lenta a esvoaçar;
Vai de uns a outros, dos festins conviva,
Hóspede em todo o lar!

Ou já tórvo rugir da guerra acesa
Espalha a confusão;
E a espôsa, e a filha, de terror opresso,
Não sente o coração.

E o pai, e o espôso, no morrer cruento,
Vomita o fel raivoso;
— Milhões de insetos vis que um pé gigante
Enterra em chão lodoso.

E do povo corrupto um povo nasce
Esperançoso e crente.
Como do podre e carunchoso tronco
Hástea forte e virente.

II

Oh! como é grande o Senhor Deus, que os mundos
Equilibra nos ares;
Que vai do abismo aos céus, que susta as iras
Do pélogo fremente,
A cujo sôpro a máquina estrelada
Vacila nos seus eixos,
A cujo aceno os querubins se movem
Humildes, respeitosos,
Cujos poder, que é sem igual, excede
A hipérbole arrojada!
Oh! como é grande o Senhor Deus dos mundos,
O Senhor dos prodígios.

III

Ele mandou que o sol fôsse princípio,
E razão de existência,
Que fôsse a luz dos homens — ôlho eterno
Da sua providência.

Mandou que a chuva refrescasse os membros,
Refizesse o vigor
Da terra hiante, do animal cansado
Em praino abrasador.

Mandou que a brisa sussurrasse amiga,
Roubando aroma à flor;
Que os rochedos tivessem longa vida,
E os homens grato amor!

Oh! como é grande e bom o Deus que manda
Um sonho ao desgraçado,
Que vive agro viver entre misérias,
De ferros rodeado;

O Deus que manda ao infeliz que espere
Na sua providência;
Que o justo durma, descansado e forte
Na sua consciência!

Que o assassino de contínuo vele,
Que trema de morrer;
Enquanto lá nos céus, o que foi morto,
Desfruta outro viver!

Oh! como é grande o Senhor Deus, que rege
A máquina estrelada,
Que ao triste dá prazer; descanso e vida
À mente atribulada!

O ROMPER D'ALVA

*Quand ta corde n'aurait qu'un son,
Harpe fidèle, chante encore
Le Dieu que ma jeunesse adore.
Car c'est un hymne que son nom.*

LAMARTINE

Do VENTO o rijo sôpro as mansas ondas
Varreu do imenso pego, — e o mar rugindo
Às nuvens se elevou com fúria insana;
Enoveladas vagas se arrojaram

Ao céu co'a branca espuma!
Raivando em vão se encontram soluçando
Na base d'êrma rocha descalvada;
Em vão de fúrias crescem, que se quebra
A fôrça enorme do impotente orgulho
Na rocha altiva ou na arenosa praia.
Da tormenta o furor lhe acende os brios,
Da tormenta o furor lh'enfreia as iras,
Que em teimosos gemidos se descerram,
Da quieta noite despertando os ecos
Além, no vale humilde, onde não chega
Seu sanhudo gemer, que o dia abafa.

Mas a brisa sussurrando
A face do céu varreu,
Tristes nuvens espalhando,
Que a noite em ondas verteu.

Além, atrás da montanha,
Branda luz se patenteia,
Que d'alma a dor afugenta,
Se dentro sentida anseia.

Branda luz, que afaga a vista,
De que se ama o céu tingir,
Quando entre o azul transparente
Parece alegre sorrir;

Como és linda! — Como dobras
Da vida a fôrça e do amor!
— Que tão bem luz dentro d'alma
Teu luzir encantador!

No teu ameno silêncio
A tormenta se perdeu,
E do mar a forte vida
Nos abismos se escondeu!

Porque assim de novo agora
Que o vento o não vem toldar,
Parece que vai queixoso
Mansamente a soluçar?

Porque as ramas do arvoredado,
Bem como as ondas do mar,
Sem correr sôpro de vento,
Começam de murmurar?

Sôbre o tapiz d'alva relva,
— Rocio da madrugada —
Destila gotas de orvalho
A verde fôlha inclinada.

Renascida a natureza
Parece sentir amor;
Mais brilhante, mais viçosa
O cálix levanta a flor.

Por entre as ramas ocultas,
Docemente a gorjear,
Acordam trinando as aves,
Alegres, no seu trinar.

O arvoredado nessa língua
Que diz, por que assim sussurra?
Que diz o cantar das aves?
Que diz o mar que murmura?

— Dizem um nome sublime,
O nome do que é Senhor,
Um nome que os anjos dizem,
O nome do Creador.

Tão bem eu, Senhor, direi
Teu nome — do coração,
E ajuntarei o meu hino
Ao hino da criação.

Quando a dor meu peito acanha,
Quando me rala a aflição.

Quando nem tenho na terra
Mesquinha consolação;

Tu, Senhor, do pêso insano
Livras meu peito arquejante,
Secas-me o pranto que os olhos
Vertendo estão abundante.

Tu pacificas minha alma,
Quando se rasga com pena,
Como a noite que se esconde
Na luz da manhã serena.

Tu és a luz do universo,
Tu és o ser criador,
Tu és o amor, és a vida,
Tu és meu Deus, meu Senhor.

Direi nas sombras da noite,
Direi ao romper da aurora:
— Tu és o Deus do universo,
O Deus que minha alma adora.

Tão bem eu, Senhor, direi
Teu nome — do coração,
E juntarei o meu hino
Ao hino da criação.

A TARDE

*Ave Maria! blessed be the hour!
The time, the clime, the spot where I so oft
Have felt that moment in its fullest power
Sink o'er the earth so beautiful and soft...*

BYRON

OH TARDE, oh bela tarde, oh meus amôres,
Mãe da meditação, meu doce encanto!
Os rogos da minha alma enfim ouviste,
E grato refrigério vens trazer-lhe
No teu remansar prenhe de enlevos!
Em quanto de te ver gostam meus olhos,
Em quanto sinto a minha voz nos lábios,
Em quanto a morte me não rouba à vida,
Um hino em teu louvor minha alma exale,
Oh tarde, oh bela tarde, oh meus amôres!

I

É bela a noite, quando grave estende
Sôbre a terra dormente o negro manto
De brilhantes estrêlas recamado;
Mas nessa escuridão, nesse silêncio
Que ela consigo traz, há um quê de horrível
Que espanta e desespera e geme n'alma;
Um quê de triste que nos lembra a morte!
No romper d'alva há tanto amor, tal vida,
Há tantas côres, brilhantismo e pompa,
Que fascina, que atrai, que a amar convida;
Não pode suportá-la homem que sofre,
Órfãos de coração não podem vê-la.

Só tu, feliz, só tu, a todos prendes!
A mente, o coração, sentidos, olhos,
A ledice e a dor, o pranto e o riso,
Folgam de te avistar; — são teus, — és dêles
Homem que sente dor folga contigo,
Homem que tem prazer folga de ver-te!
Contigo simpatizam, porque és bela,
Qu'és mãe de merencórios pensamentos,
Entre os céus e a terra êxtasis doce,
Entre dor e prazer celeste arroubo.

II

A brisa que murmura na folhagem,
As aves que pipilam docemente,
A estrêla que desponta, que rutila,
Com duvidosa luz ferindo os mares,
O sol que vai nas águas sepultar-se
Tingindo o azul dos céus de branco e d'oiro;
Perfumes, murmurar, vapôres, brisa,
Estrêlas, céus e mar, e sol e terra,
Tudo existe contigo, e tu és tudo.

III

Homem que vivo agro viver de côrte,
Indiferente olhar derrama a custo
Sôbre os fulgores teus; — homem do mundo
Mal pode o desbotado pensamento

Revolver sôbre o pó; mas nunca, oh nunca!
Há de elevar-se a Deus, e nunca há de êle
Na abóbada celeste ir pendurar-se,
Como de rósea flor pendente abelha.
Homem da natureza, êsse contemple
De púrpura tingir a luz que morre
As nuvens lá no ocaso vacilantes!
Há de vida melhor sentir no peito,
Sentir doce prazer sorrir-lhe n'alma,
E fonte de ternura inesgotável
Do fundo coração brotar-lhe em ondas.

Hora do pôr do sol! — hora fagueira,
Qu'encerras tanto amor, tristeza tanta!
Quem há que de te ver não sinta enlevos,
Quem há na terra que não sinta as fibras
Tôdas do coração pulsar-lhe amigas,
Quando dêsse teu manto as pardas franjas
Soltas, roçando a habitação dos homens?
Há i prazer tamanho que embriaga,
Há i prazer tão puro, que parece
Haver anjos dos céus com seus acordes
A mísera existência acalentado!

IV

Sócia do forasteiro, tu, saudade,
Nesta hora os teus espinhos mais pungentes
Cravas no coração do que anda errante.
Só êle, o peregrino, onde acolher-se,
Não tem tugúrio seu, nem pai, nem 'spôsa,
Ninguém que o espere com sorrir nos lábios
E paz no coração, — ninguém que estranhe,
Que anseie aflito de o não ver consigo!
Cravas então, saudade, os teus espinhos;
E êles, tão pungentes, tão agudos,
Varando o coração de um lado a outro,
Nem trazem dor, nem desespero incitãm;
Mas remanso de dor, mas um suave
Recordar do passado, — um quê de triste
Que ri ao coração, chamando aos olhos
Tão espontâneo, tão fagueiro pranto,
Que não fôra prazer não derramá-lo.

E quem — ah tão feliz! — quem peregrino
 Sôbre a terra não foi? Quem sempre há visto
 Sereno e brando deslizar-se o fumo
 Sôbre o teto dos seus; e sôbre os cumes
 Que os seus olhos hão visto à luz primeira
 Crescer branca neblina que se enrola,
 Como incenso que aos céus a terra envia?
 Tão feliz! quando a morte invôlta em pranto
 Com gelado suor lh'enerva os membros,
 Procura inda outra mão co'a mão sem vida,
 E o extremo cintilar dos olhos baços,
 De um ente amado procurando os olhos,
 Sem prazer, mas sem dor, ali se apaga.
 O exilado! êsse não; tão só na vida,
 Como no passamento êrmo e sòzinho,
 Sente dores cruéis, torvos pesares
 Do leito aflito esvoaçar-lhe em tórno,
 Roçar-lhe o frio, o pálido semblante,
 E o instante derradeiro amargurar-lhe.
 Porém, no meu passar da vida à morte,
 Possa co'a extrema luz dêstes meus olhos
 Trocar último adeus com os teus fulgores!
 Ah! possa o teu alento perfumado,
 Do que na terra estimo, docemente
 Minha alma separar, e derramá-la
 Como um vago perfume aos pés do Eterno.

O TEMPLO

*...Jéhovah déploie autour de nos demeures
 Le linceul de la nuit, et la chaîne des heures
 Tombe anneau par anneau.*

TURQUETY

I

ESTOU só neste mudo santuário,
 Eu só, com minha dor, com minhas penas!
 E o pranto nos meus olhos represado,
 Que nunca viu correr humana vista,
 Livrementemente o derramo aos pés de Cristo,
 Que tão bem suspirou, gemeu sòzinho,
 Que tão bem padeceu sem ter confôrto,
 Como eu padeço, e sofro, e gemo, e choro.

Remorso não me punge a consciência,
Vergonha não me tinge a côr do rosto,
Nem crimes perpetrei; — porque assim choro?
E direi eu por quê? — Antes meu berço,
Que vagidos de infante vividouro,
Os sons finais de um moribundo ouvisse!
Que esperanças que eu tinha tão formosas,
Que mimosos enlevos de ternura,
Não continha minha alma tôda amôres!
Esperanças e amor, que é feito delas?
Um dia me roubava uma esperança,
E sòzinho, uma e uma, me deixaram.
Morreram tôdas, como fôlhas verdes
Que em princípios do inverno o vento arranca.

E o amor! — podia eu senti-lo ao menos;
Quando eu via a desdita de bem perto
Co'um sorriso infernal no rosto squálido,
Com fome e frio a tiritar demente,
Acenando-me infausta? — quando vinda
Minha hora já sentia, em que os meus lábios,
Tremendo de vergonha, soluçassem
Ao f'liz com que eu na rua deparasse,
De mãos erguidas: Meu Senhor, piedade!
Eis por que sofro assim, por que assim gemo,
Por que meu rosto pálido se encova,
Por que sòmente a dor me ri nos lábios,
Por que meu coração já todo é cinzas.

Menti, Senhor, menti! — porque te adoro.
No altar profano de beleza esquiva
Não queimo incenso vão; — tu só me ocupas
O coração, que eu fiz hóstia sagrada,
Apuro de elevados sentimentos,
Que o teu amor sòmente asilam, nutrem.
Quando ao sopé da cruz me chego aflito,
Sinto que o meu sofrer se vai minguando,
Sinto minha alma que de novo existe,
Sinto meu coração arder em chamas,
Arder meus lábios ao dizer teu nome.
Assim a cada aurora, a cada noite.
Virei consolações beber sedento
Aos pés do meu Senhor; — virei meu peito
Encher de religião, de amor, de fogo,
Que além de infindos céus minha alma exalte.

II

Quem me dera nas asas dêste vento,
Que agora tão saudoso aqui murmura,
Agitando as cortinas, que me encobrem
Do teu rosto o fulgor, que me não cegue,
Subir além dos sóis, além das nuvens
Ao teu trono, ó meu Deus; ou quem me desse
Ser êste incenso que se arroja em ondas
A subir, a crescer, em rôlo, em fumo,
Até perder-se na amplidão dos ares!
Não qu'ria aqui viver! — Quando eu padeço,
Surdez fingida a minha voz responde;
Não tenho voz de amor, que me console,
Corre o meu pranto sôbre terra ingrata,
E dor mortal meu coração fragoa.
Só tu, Senhor, só tu, no meu deserto
Escutas minha voz que te suplica;
Só tu nutres minha alma de esperança;
Só tu, ó meu Senhor, em mim derramas
Torrentes de harmonia, que me abraçam.

Qual órgão, que ressoa mavioso,
Quando segura mão lhe oprime as teclas,
Assim minha alma, quando a ti se achega,
Hinos de ardente amor disfere grata:
E, quando mais serena, inda conserva
Eflúvios dêsse canto, que me guia
No caminho da vida áspero e duro.
Assim por muito tempo reboando
Vão no recinto do sagrado templo
Sons, que o órgão soltou, que o ouvido escuta.

TE DEUM

Nós, Senhor, nós te louvamos,
Nós, Senhor, te confessamos.

SENHOR DEUS Sabaot, três vêzes santo,
Imenso é o poder, tua fôrça imensa,
Teus prodígios sem conta; — e os céus e a terra
Teu ser e nome e glória preconizam.

E o arcanjo forte, e o serafim sem mancha,
 E o côro dos profetas, e dos mártires
 A turba eleita — a ti, Senhor, proclamam
 Senhor Deus Sabaot, três vêzes santo.

Na inocência do infante és tu quem falas;
 A beleza, o pudor — és tu que as gravas
 Nas faces da mulher, — és tu que ao velho
 Prudência dás, — e o que verdade e fôrça
 Nos puros lábios, do que é justo, imprimes.

És tu quem dás rumor à quieta noite,
 És tu quem dás frescor à mansa brisa,
 Quem dás fulgor ao raio, asas ao vento,
 Quem na voz do trovão longe rouquejas.

És tu que do oceano à fúria insana
 Pões limites e côbro, — és tu que a terra
 No seu vôo equilibras, — quem dos astros
 Governas a harmonia, como notas
 Acordes, simultâneas, palpitando
 Nas cordas d'Harpa do teu Rei Profeta,
 Quando êle em teu louvor hinos soltava,
 Qu'iam, cheios de amor, beijar teu sólio.

Santo! Santo! Santo! — teus prodígios
 São grandes, como os astros, — são imensos,
 Como area delgada, em quadra estiva.

E o arcanjo forte, e o serafim sem mancha,
 E o côro dos profetas, e dos mártires
 A turba eleita — a ti, Senhor, proclamam,
 Senhor Deus Sabaot, três vêzes grande.

ADEUS
AOS MEUS AMIGOS DO MARANHÃO

MEUS AMIGOS, Adeus! Já no horizonte
 O fulgor da manhã se empurplece:
 É puro e branco o céu, — as ondas mansas,
 — Favorável a brisa; — irei de novo
 Sorver o ar puríssimo das ondas,
 E na vasta amplidão dos céus e mares
 De vago imaginar embriagar-me!
 Meus Amigos, Adeus! — Verei fulgindo

A lua em campo azul, e o sol no ocaso
Tingir de fogo a implacidez das águas;
Verei hórridas trevas lento e lento
Desceram, como um crepe funerário
Em negro esquite, onde repouisa a morte;
Verei a tempestade quando alarga
As negras asas de bulções, e as vagas
Soberbas encastela, esporeando
O curto bôjo de ligeiro barco,
Que geme, e ruge, e empina-se insofrido
Galgando os escarcéus, — bem larga esteira
De fósforo e de luz trás si deixando:
Generoso corcel, que sente as cruzes
Agudas de teimosos acicates
Lacerarem-lhe rábidas o ventre.

Inda uma vez, Adeus! Curtos instantes
De inefável prazer — horas bem curtas
De ventura e de paz fruí convosco:
Oásis que encontrei no meu deserto,
Tépido vale entre fragosas serras
Virente derramado, foi a quadra
Da minha vida, que passei convosco.
Aqui de quanto amei, do que hei sofrido,
De tudo quanto almejo, espero, ou temo
Deslembado vivi! — Oh! quem me dera
Que entre vós outros me alvejasse a frente,
E que eu morresse entre vós! Mas fôrça oculta,
Irresistível, me persegue e impele.
Qual fôlha instável em ventoso estio
Do vento ao sôpro a esvoaçar sem custo;
Assim vou eu sem tino, — aqui pegadas
Mal firmes assentando — além pedaços
De mim mesmo deixando. Na floresta
O lasso viandante extraviado
Por todo o verde bosque estende os olhos,
E cansado esmorece, — cai, medita,
Respira mais de espaço, cobra alento,
E nas solidões de novo ei-lo se entranha.
Vestígios mal seguros sopra o vento,
Ou nivela-os a chuva, ou relva os cobre:
Talvez que fôlhas ásperas de arbusto
Mordam velos da túnica, e denotem
(Duvida o viajor, que os vê com pasmo)
Que errante caminheiro ali passasse.

E eu parti! — Não chorei, que do meu pranto
A larga fonte jaz de há muito exausta;
Há muito que os meus olhos não gotejam
O repassado fel d'acre amargura;
E o pranto no meu peito represado
Em cinza o coração me há convertido.
É assim que um vulcão se torna fonte
De linfa amarga e quente; e a fonte em êrmo,
Onde não crescem perfumadas flôres,
Nem tenras aves seus gorjeios soltam,
Nem triste viajor encontra abrigo.

Rasgado o coração de pena acerba,
Transido de aflições, cheio de mágoa,
Miserando parti! tal quando réprobo,
Adão, cobrindo os olhos co'as mãos ambas,
Em meio a sua dor só descobria
Do Arcanjo os candidíssimos vestidos,
E os lampejos da espada fulminante,
Que o Éden tão mimoso lhe vedava.
Porém quando algum dia o colorido
Das vivas ilusões, que inda conservo,
Sem fôrça esmorecer, — e as tão viçosas
Esp'ranças, que eu educo, se afundarem
Em mar de desenganos; — a desgraça
Do naufrágio da vida há de arrojarme
À praia tão querida, que ora deixo,
Tal parte o desterrado: um dia as vagas
Hão de os seus restos rejeitar na praia,
Donde tão novo se partira, e onde
Procura a cinza fria achar jazigo.

FIM DOS
"PRIMEIROS CANTOS"

SEGUNDOS CANTOS

CONSOLAÇÃO NAS LÁGRIMAS

*Las lágrimas puras que entonces se vierten,
Acaso divierten
En vez de doler.*

ZORRILLA

COMO É BELO à meia-noite
O azul do céu transparente,
Quando a esfera d'alva lua
Vagueia mui docemente,
Quando a terra não ruidosa
Tôda se cala dormente,
Quando o mar tranqüilo e brando
Na areia chora fremente!

Como é belo êste silêncio
Da terra todo harmonia,
Que aos céus a mente arrebatada
Cheia de meiga poesia!
Como é bela a luz que brilha
Do mar na viva ardentia!
Êste pranto como é doce,
Que entorna a melancolia!

Esta aragem como é branda
Que enruga a face do mar,
Que na terra passa e morre
Sem nas fôlhas sussurrar!
Os sons d'aéreo instrumento
Quisera agora escutar,
Quisera mágoas pungentes
Neste silêncio olvidar!

O azul do céu, nem da lua
A doce luz refletida,
Nem o mar beijando a praia,
Nem a terra adormecida,
Nem meigos sons, nem perfumes,
Nem a brisa mal sentida,
Nem quanto agrada e deleita,
Nem quanto embeleza a vida;

Nada é melhor que êste pranto
 Em silêncio gotejado,
 Meigo e doce, e pouco e pouco
 Do coração despegado;
 Não sôro de fel, mas santo
 Frescor em peito chagado;
 Não espremido entre dores,
 Mas quase em prazer coado!

CANÇÃO

*Yo no soy más que un poeta,
 Sin otro bien que mi lira.*

ZORRILLA

TENHO uma harpa religiosa,
 Tôda inteira fabricada
 De madeira preciosa
 Sôbre o Líbano cortada.
 Foi o Senhor quem ma deu,
 De santas palmas coberta,
 Que as notas suas concerta
 Aos sons do saltério hebreu!

Tenho alaúde polido
 Em que antigos Trovadores,
 Em tom de guerra atrevido,
 Cantavam trovas de amôres.
 Mas chegando a Santa Cruz,
 De volta do meu destêro,
 Cortei-lhe as cordas de ferro.
 Cordas de prata lhe pus.

Tenho tão bem uma lira
 De festões engrinaldada,
 Onde minha alma afinada
 Melindres d'amor suspira.
 Nas grinaldas, nos festões,
 Nas rosas com que s'inflora,
 Goteja o orvalho da aurora,
 Dictamo dos corações.

Eis o que tenho, ó Donzela,
 Só harpa, alaúde e lira;

Nem vejo sorte mais bela,
 Nem coisa que lhe eu prefira.
 Votei assim ao meu Deus
 A minha harpa religiosa,
 A ti a lira mimosa,
 O grave alaúde aos meus!

LIRA

Cœur sans amour est un jardin sans fleur.
 L. HALÉVY

SE ME QUERES a teus pés ajoelhado,
 Ufano de me ver por ti rendido,
 Ou já em mudas lágrimas banhado;
 Volve, impiedosa,
 Volve-me os olhos;
 Basta uma vez!

Se me queres de rôjo sôbre a terra,
 Beijando a fímbria dos vestidos teus,
 Calando as queixas que meu peito encerra,
 Dize-me, ingrata,
 Dize-me: eu quero!
 Basta uma vez!

Mas se antes folgas de me ouvir na lira
 Louvor singelo dos amôres meus,
 Por que minha alma há tanto em vão suspira;
 Dize-me, ó bela,
 Dize-me: eu te amo!
 Basta uma vez!

AGORA E SEMPRE

*Pone me pigris ubi nulla campis
 Arbor aestiva recreatur aura.*

.....
*Dulce ridentem Lalagen amabo,
 Dulce loquentem.*

HORÁCIO, *Od.*

PONHAM-ME embora na crestada Líbia,
 Ou lá nas zonas em que o gêlo mora,
 Ali tua alma viverá comigo,
 Ali teu nome!

Ponham-me em terras que leões só criam,
Nas altas serras que o condor habita;
Ali ainda viverá contigo
 Minha alma ardente.

Faminto e triste na região deserta,
Co'os pés em sangue de esfarpada estilha.
Cortado o rosto de gelado vento,
 Mádida a coma:

Ali aos urros do leão sedento,
Aos crebros gritos do condor alpestre,
Ardendo em chamas dêste amor sem têrmo,
 Direi: Eu te amo!

Duros ferrolhos de prisão medonha
Escute embora sepultar-me em vida;
Embora sinta roxear-me os pulsos
 Férreas algemas;

Embora malhos de tortura infame
Quebrem-me os ossos no medroso equúleo:
Agudos dentes de tenaz raivosa
 Mordam-me as carnes:

Nas feias sombras de cruel masmorra,
Nos duros tratos da tortura bruta,
Quer só comigo, quer em meio às gentes.
 Direi: Eu te amo!

Mas nunca o gêlo, nem a frágua ardente,
Nem brutas feras, nem crueza humana
Farão que eu sofra mais agudas dores,
 Nem mais penadas!

Reclina-se outro em teu nevado seio,
Cinge-te o corpo em divinais carícias,
Beija-te o colo, beija-te o sorriso,
 Goza-te e vive!

E eu no entanto estorço-me com dores!
Praguejo o inferno que nos pôs tão longe,
Louco bravejo, mísero soluço...
 Desejo e morro!

A VIRGEM

— Tiene más de vaporosa sombra,
De inefable visión, que de mujer.

ZORRILLA

LINDA VIRGEM simelha a linda rosa,
Que se abre ao romper d'alva;
Encapelam-se as pétalas mimosas,
Lacradas de pudor com rubro sêlo:
Cego mortal só lhe respira o incenso;
Mas dela a abelha extrai seu mel mais puro.

Seu nobre coração é como um templo,
Onde só Deus habita;
Ali reina o mistério involto em sombras,
E maga placidez involta em cantos:
Só vê isto o profano; mas o antiste
De Deus a sombra vê, e a voz lhe escuta.

É como um lago de marmóreo leito
Sua alma ingênua e bela:
No fundo não se enxerga o verde limo,
E a lisa face nos amostra os astros.
E onde o humilde pastor só vê luzeiros,
Os anjos lá dos céus contemplam mundos.

E se eu a vejo nos saraus ruidosos,
C'roada de beleza,
E a sombra da tristeza irresistível
Tingir-lhe o rosto, e desbotar-lhe o riso;
Na mulher, que outros vêm, descubro o anjo,
Que as asas d'oiro, que perdeu, lamenta!

Então como que sinto arrebatat-me
Simpática atração!
Quisera doces carmes de ternura
Nas mais delgadas cordas da minha Harpa
Cantar-lhe, e assim dizer-lhe: "Um canto ao menos
O acerbo exílio teu torne mais brando!"

Baldado empenho! Começado apenas,
Afrouxa-se-me o canto;
Debaixo dos meus dedos mal palpita

A corda melindrosa da minha Harpa;
E como em espaço, que até d'ar carece,
Tangida, o extremo som morre sem eco!

ROSA NO MAR!

Rosa, rosa de amor purpúrea e bela,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa!
GARRETT

POR UMA PRAIA arenosa,
Vagarosa
Divagava uma Donzela;
Dá largas ao pensamento,
Brinca o vento
Nos soltos cabelos dela.

Leve ruga no semblante
Vem num instante,
Que noutro instante se alisa;
Mais veloz que a sua idéia
Não volteia,
Não gira, não foge a brisa.

No virginal devaneio
Arfa o seio,
Pranto ao riso se mistura;
Doce rir dos céus encanto,
Leve pranto,
Que amargo não é, nem dura.

Nesse lugar solitário,
— Seu fadário. —
De ver o mar se recreia;
De o ver, à tarde, dormente,
Docemente
Suspirar na branca areia.

Agora, qual sempre usava,
Divagava
Em seu pensar embebida;
Tinha no seio uma rosa
Melindrosa,
De verde musgo vestida.

Ia a virgem descuidosa,
Quando a rosa
Do seio no chão lhe cai:
Vem um'onda bonançosa,
Qu'impiedosa
A flor consigo retrai.

A meiga flor sobrenada;
De agastada,
A virge' a não quer deixar!
Bóia a flor; a virgem bela,
Vai trás ela,
Rente, rente — à beira-mar.

Vem a onda bonançosa,
Vem a rosa;
Foge a onda, a flor também.
Se a onda foge, a donzela
Vai sôbre ela!
Mas foge, se a onda vem.

Muitas vêzes enganada,
De enfadada
Não quer deixar de insistir;
Das vagas menos se espanta,
Nem com tanta
Presteza lhes quer fugir.

Nisto o mar que se encapela
A virgem bela
Recolhe e leva consigo;
Tão falaz em calmaria,
Como a fria
Polidez de um falso amigo.

Nas águas alguns instantes,
Flutuantes
Nadaram brancos vestidos:
Logo o mar todo bonança,
A praia cansa
Com monótonos latidos.

Um doce nome querido
Foi ouvido,
Ia a noite em mais de meia.
Tôda a praia perlustraram,
Nem acharam
Mais que a flor na branca areia.

O AMOR

Amare amabam.
S. AGOST.

AMOR! enlêvo d'alma, arroubo, encanto
Desta existência mísera, onde existes?
Fino sentir ou mágico transporte,
(O quer que seja que nos leva a extremos,
Aos quais não basta a natureza humana;)
Simpática atração d'almas sinceras
Que unidas pelo amor, no amor se apuram,
Por quem suspiro, serás nome apenas?

A inútil chama ressecou meus lábios,
Mirrou-me o coração da vida em meio,
E à terra fêz baixar a mente errada
Que entre nuvens, amor, por ti bradava!
Não te pude encontrar! — em vão meus anos
No louco intento esperdicei; gelados,
Uns após outros a cair precipites
Na urna do passado os vi; eu triste,
Amor, por ti clamava; — e o meu deserto
Aos meus acentos reboava embalde.

Em vão meu coração por ti se fina,
Em vão minha alma te compr'ende e busca,
Em vão meus lábios sôfregos cubiçam
Libar a taça que aos mortais of'reces!
Dizem-na funda, inesgotável, meiga;
Em quanto a vejo rasa, amarga e dura!
Dizem-na bálsamo, eu veneno a sôrvo:
Prazer, doçura, — eu dor e fel encontro!

Dobrei-me às duras leis que me imposteste,
Curvei ao jugo teu meu colo humilde,
Feri-me aos teus ardentes passadores,
Prendi-me aos teus grilhões, rojei por terra...
E o lucro?... foram lágrimas perdidas,
Foi roxa cicatriz qu'inda conservo,
Desbotada a ilusão e a vida exausta!

Celeste emanção, gratos eflúvios
Das roseiras do céu; bater macio
Das asas auribranças dalgum anjo,

Que roça em noite amiga a nossa esfera,
 Centelha e luz do sol que nunca morre;
 És tudo, e mais do qu'isto: — és luz e vida,
 Perfume, e vôo d'anjo mal sentido,
 Peregrinas essências trescalando!...
 Tão bem passas veloz, — breve te apagas,
 Como duma ave a sombra fugitiva,
 Desgarrada voando à flor de um lago!

SEMPRE ELA

*Per noctem quaesivi, quam diligit
 anima mea, et non inveni illam.
 CANT. CANT.*

EU AMO a doce virgem pensativa,
 Em cujo rosto a palidez se pinta,
 Como nos céus a matutina estrêla!
 A dor lhe há desbotado a côr das faces,
 E o sorriso que lhe roça os lábios
 Murcha ledo sorrir nos lábios doutrem.

Tem um timbre de voz que n'alma ecoa,
 Tem expressões d'angélica doçura,
 E a mente do que as ouve, se perfuma
 De amor profundo e de piedade santa,
 E exala eflúvios dum odor suave
 De aloes, de mirra ou de mais grato incenso.

E nessas horas, quando a mente aflita,
 De dor oculta remordida, anseia
 Desabrochar-se em confiança amiga,
 "Neste mundo o que sou? — triste clamava;
 "Pérsica involta em pó, entre ruínas,
 "Érma e sòzinha a resolver-me em pranto!

"Flor desbotada em hástea já roída,
 "De cujo tronco as outras amarelas
 "Já rojam sôbre o pó, já murchas pendem!
 "É sentir e sofrer a minha vida!"
 Merencória dizia, erguendo os olhos
 Aos céus dum claro azul, que lhes sorriam.

Nada o mundo alcion por sôbre os mares,
 E próximo a seu fim desata o canto;
 A rosa do Sarão lá se despenha

Nas águas do Jordão: e como a rosa,
 Como o cisne, do mar entre os perfumes,
 Aos sons duma Harpa interna ela morria!

E como o pastor que avista a linda rosa
 Nas águas da corrente, e como o nauta
 Que vê, que escuta o cisne ir-se embalado
 Sôbre as águas do mar, cantando a morte;
 Eu também a segui — a rosa, o cisne,
 Que lá se foi sumir por clima estranho.

E depois que os meus olhos a perderam,
 Como se perde a estrêla em céus infindos,
 Errei por sôbre as ondas do oceano,
 Sentei-me a sombra das florestas virgens,
 Procurando apagar a imagem dela,
 Que tão inteira me ficara n'alma!

Embalde aos céus erguendo os olhos turvos
 Meu astro procurei entre os mais astros,
 Qu'outrora amiga sina me fadara!
 Com brilho embaciado e lua incerta
 Nos ares se perdeu antes do ocaso,
 Deixando-me sem norte em mar d'angústias.

MIMOSA E BELA

NUM ÁLBUM

De ano em ano se torna mais formosa,
 E novo brilho, novas graças cria.
 CALDAS

I

TÃO BELA és, tão mimosa,
 Qual viçosa
 Fresca rosa,
 Que em serena madrugada,
 Despontada,
 Rorejada
 Foi pelo orvalho do céu;
 E a aurora que tudo esmalta,
 Brilha reflexos de prata
 No orvalho que ali prendeu.

II

Quando um penar aflitivo,
Sem motivo,
D'improviso
Tua alma ocupa e entristece,
Que padece,
Que esmorece
Com aquêles imaginar;
Aumenta a tua beleza
Lânguido véu de tristeza,
Palor de quem sabe amar.

III

Assim murcha a sensitiva,
Sempre viva,
Sempre esquiva;
Assim perde o colorido
Por um toque irrefletido,
Mal sentido:
Assim vai o nenufar,
Como que sofre e tem mágoas,
Esconder-se em fundas águas,
Té que o sol torne a brilhar.

IV

Mas também a flor brincada,
Perfumada,
Debruçada
Sôbre a tranqüila corrente,
Logo sente
Vir a enchente
Longe, longe a rouquejar,
Que a pobrezinha desfolha,
Sem lhe deixar uma fôlha,
Sem deixá-la em seu lugar.

V

Não consintas pois que as mágoas,
Como as águas,
Que das fragas

Furiosas vêm tombando,
 Vão tomando,
 Vão levando
 A flor do teu coração!
 Há na vida u'amor sòmente,
 Um só amor inocente,
 Uma só firme paixão.

VI

Sê antes flor, bem-fadada,
 Suspirada,
 Bafejada
 Pela brisa que a namora,
 Pela frescura da aurora,
 Que a colora:
 À luz do sol se recreia,
 E de noite se retrata
 Da fonte na lisa prata,
 Quando o céu de luz se arreia.

AS DUAS AMIGAS

. Vivamos juntas
 Num só lugar!
 Num só lugar, ou sejam mansos ares,
 Se ali te exaltas;
 Ou sejam campos, se é ali que a relva
 De pranto esmaltas.

V. Hugo, *Trad.*

JÁ VISTES sôbre a flor de manso lago
 Duas aves brincando solitárias,
 Já pousadas na lisa superfície,
 Já levantando o vôo?

Já vistes duas nuvens no horizonte,
 Brancas, orladas com listões de fogo,
 A deslumbrante alvura cambiando
 Ao pôr de sol estivo?

Já vistes duas lindas maripôsas,
 Abrindo ao romper d'alva as longas asas,
 Onde reflete o sol, como em um prisma,
 Belas, garridas côres?

Nem as pombas que vagam solitárias,
Nem as nuvens do ocaso, nem as vagas
Borboletas gentis que adejam livres
Em vale ajardinado:

Tanto não prazem, como doces virgens,
Airosas, belas, com sorrir singelo,
Da vida negra e má duros abrolhos
Impróvidas calcando.

Quanto há no mundo d'ilusões fagueiras,
De perfume e de amor, guardam no peito,
Quanto há de luz no céu mostram nos olhos,
Quanto há de belo — n'alma.

Como um jardim seu coração se mostra,
Seus olhos como um lago transparente,
Sua alma como uma harpa harmoniosa,
Seu peito como um templo!

Mas um fraco arruído espanta as aves,
Uma brisa ligeira as nuvens rasga,
E uma gôta de orvalho ensopa as asas
Das leves maripôsas.

Desgarradas voando as aves fogem,
Dos castelos dos céus perdem-se as nuvens,
Nem mais adejam borboletas vagas
Sôbre o esmalte das flôres.

Pois quem resiste ao perpassar do tempo?
Depois que derramou grato perfume
Sôbre as asas dos ventos que a bafejam,
A flor também definha.

Mas um nobre sentir que se enraíza
No peito da mulher, que menos ame,
É como essência preciosa e grata,
Que se lacrou num vaso.

Repassa-o: depois embora o esgotem,
Leves emanações, gratos eflúvios
Há de eterno verter da mesma essência,
Talvez porém mais doces.

SONHO

*Ah! frown not, sweet lady, unbend your soft brow
Nor deem me too happy in this!
If I sin in my dream, I atone for it now,
Thus doom'd but to gaze upon bliss.*

BYRON

SONHAVA esta noite, Donzela formosa,
Já quando as estrêlas tombavam no mar,
Que eu via a meu lado uma esbelta figura
Divina e mimosa...
Sonhar é ventura;
Deixai-me sonhar!

Divina e mimosa, co'um véu se cobria
D'estrêlas fulgentes de brilho sem par;
O rosto era vosso, era vossa a estatura,
E o anjo dizia...
Sonhar é ventura;
Deixai-me sonhar!

E o anjo dizia co'um jeito celeste:
"Afetos que em outro não pude encontrar
"Por fim me renderam, — paixão lisa e pura —,
Que tanto sofreste...
Sonhar é ventura;
Deixai-me sonhar!

"Pois tanto sofreste, não devo impiedosa
"Fineza tão grande por fim mal pagar!"
Eis sinto um abraço estreitar-me a cintura,
E uns lábios de rosa...
Sonhar é ventura;
Deixai-me sonhar!

E uns lábios de rosa cobrirem-me a fronte
Com tépidos beijos de férvido amar!
Prazer tão subido após tanta amargura,
Não sei como o conte!...
Sonhar é ventura;
Deixai-me sonhar!

Não sei como o conte! — nos lábios de rosa
Vivi encantado sem ver, nem pensar,

Em quanto apertava a ligeira cintura,
 Cintura mimosa...
 Sonhar é ventura;
 Deixai-me sonhar!

Cintura mimosa! — depois vos tecia
 Grinalda que a fronte vos fôsse adornar,
 E um cinto de amôres com broche esmaltado
 De meiga poesia! . . .
 Quem tão bem fadado
 Vivera a sonhar!

De meiga poesia, meu bem, minha amada,
 Já pago de quanto me fazeis penar,
 Então vos tangia descantes na lira,
 Na lira afinada!
 O sonho é mentira;
 Não quero sonhar!

SOLIDÃO

*Solo e pensoso i più deserti campi
 Vo misurando a passi tardi e lenti
 E gli occhi porto per fuggire intenti
 Ove vestigio uman l'arena stampi.*
 PETRARCA — Sonetti

SE QUERES sáber o meio
 Por que as vêzes me arrebatava
 Nas asas do pensamento
 A poesia tão grata;
 Por que vejo nos meus sonhos
 Tantos anjinhos dos céus:
 Vem comigo, ó doce amada,
 Que eu te direi os caminhos,
 Donde se enxergam anjinhos,
 Donde se trata com Deus.

Fujamos longe das vilas,
 Das cidades populosas,
 Do vegetar entre as vagas
 Destas côrtes enganosas;
 Fujamos longe, bem longe,
 Dêste viver cortesão!
 Fujamos desta impureza,
 Só vês cordura por fora;

Mas nunca o vício que mora
Nas dobras do coração!

Fujamos! que nos importa
Rodar do carro que passa,
Esta orgulhosa vã glória,
Que se resolve em fumaça?
Estas vozes, êstes gritos,
Êste viver a mentir?

Fujamos, que em tais lugares
Não há prazer inocente,
Só alegria que mente,
Só lábios que sabem rir!

Fujamos para o deserto;
Vivamos ali sòzinhos,
Sòzinhos, mas descuidados
Dêstes cuidados mesquinhos;
Tu o azul do espaço olhando
E eu só a rever-me em ti!
Quando depois nos tornarmos
À terra serena e calma,
Aqui acharei tua alma,
E tu me acharás aqui.

Ou corramos o oceano
Que d'imenso a vista cansa;
Dormirei no teu regaço
Quando o tempo fôr bonança,
Quando o batel fôr jogando
Em leve ondular sem fim.
Mas nos roncoss da procela,
Nossos olhos encontrados,
Nossos braços enlaçados,
Hei de cantar-te, inda assim!

Ou se mais te praz, zombemos
Das setas que arroja a sorte;
Vivamos nas minhas selvas,
Nas minhas selvas do norte,
Que gemem nêbias sentidas
No seio da escuridão.
Não tem doçura o deserto,
Não têm harmonia os mares,
Como o rugir dos palmares
No correr da viração!

Tu verás como a luz brinca
 Nas fôlhas de côr sombria;
 Como o sol, pintor mimoso,
 Seus acidentes varia;
 Como é doce o romper d'alva,
 Como é fagueiro o luar!
 Como ali sente-se a vida
 Melhor, mais viva, mais pura,
 Naquela eterna verdura,
 Naquele eterno gozar!

Vem comigo, oh! vem depressa,
 Não se esgota a natureza;
 Mas desbota-se a inocência,
 Divina e santa pureza,
 Que dá vida aos objetos,
 Feituras da mão de Deus!
 Vem comigo, ó doce amada,
 Que são êstes os caminhos,
 Onde eu enxergo os anjinhos,
 Que tu vês nos sonhos meus.

A UM POETA EXILADO

*Il accuse et son siècle, et ses chants, et sa lyre,
 Et la coupe enivrante où, trompant son délire,
 La gloire verse tant de fiel,
 Et ses vœux, poursuivant des promesses funestes,
 Et son cœur, et la Muse, et tous ces dons célestes,
 Hélas! qui ne sont pas le ciel!*

V. Hugo

TÃO BEM VAGUEI, Cantor, por clima estranho,
 Vi novos vales, novas serranias,
 Vi novos astros sôbre mim luzindo;
 E eu só! e eu triste!

Ao sereno Mondego, ao Doiro, ao Tejo
 Pedi inspirações, — e o Doiro e o Tejo
 Do mísero proscrito repetiram
 Sentidos carmes.

Repetiu-mos o plácido Mondego;
 Talvez em mais de um peito se gravaram,
 Em mais de uns meigos lábios murmurados,
 Talvez soaram.

Os filhos de Minerva, novos cisnes,
Que a fonte dos amôres meigos cria,
E alguns de Lísia sonoros vates,
Sisudos mestres;

Ouvindo aquêlê canto agreste e rudo
Do selvagem guerreiro, — e a voz do piaga
Rugindo, como o vento na floresta,
Prenhe d'augúrios;

Benignos me olharam, e aos meus ensaios
Talvez sorriram; porém mais prendeu-me,
Quem sofrendo como eu, chorou comigo,
Quem me deu lágrimas!

Eu pois, que nesta vida hei aprendido
Só cantar e sofrer, não vejo em balde
Ao canto a dor unida, — e os repassados
Versos de pranto.

Do triste poleá choro a desdita,
Choro e digo entre mim: "Pobre Canário
Que fado mau cegou, por que soltasse
Mais doce canto;

Pobre Orfeu, nestes tempos mal nascido,
Atrás dum bem sonhado pelo mundo
A vagar com lira — um bem que os homens
Não podem dar-te!

Se quer esta lembrança a dor te abrande:
A vida é breve, e o teu cantar simelha
Vagido fraco de menino enfêrmo,
Que Deus escuta.

PALINÓDIA

O céu não te dotou de formosura,
De atrativo exterior, e a natureza
Teu peito inficionou co'a vil torpeza
D'íngrata condição falaz e impura!

BOCAGE

SE SÓ POR VÓS, Senhora, corpo e alma,
Apesar da aversão que tenho ao crime,
Inteiro me embucei nos seus andrajos,
Em tremedal de vícios;

Se só por vós descri do que era nobre,
Por que involto em torpeza imunda e feia.
As vestes da virtude imaculada
Rebolquei-as no lôdo;

Se só por vós persegue-me o remorso,
Que os dias da existência me consome,
E entre angústias cruéis minha alma anseia,
— Ludíbrio dos meus erros:

Consenti que a moral os seus direitos
Reivendique uma vez, e que a minha alma
Das lições que bebeu na pura infância
Uma hora se recorde!

Agora, agro censor, hão de os meus lábios,
Duras verdades trovejando em verso,
Fazer de vós, o que a razão não pôde,
— Mulher ou estátua!

Mentistes quando amor tínheis nos lábios.
Mentistes a compor meigos sorrisos,
Mentistes no olhar, na voz, no gesto...
Fôstes bem falsa!...

Falsa, como a mulher que em bruta orgia
Finge extremos de amor que ela não sente,
E o rosto of'rece a ósculos vendidos,
Ao sigilo da infâmia.

Quantas vêzes, Senhora, não caístes
Humilhada, à meus pés, desfeita em pranto,
Chorando — e que choráveis? — a jurar-me...
— Que juráveis então?

Se pois sentistes compaixão amiga
A cair gôta a gôta dos meus lábios
No que eu supunha cicatriz recente,
E que era úlcera funda;

Se me vistes os olhos incendidos,
Sangrar-me o coração no peito aflito
Ao fel das vossas dores, que azedáveis
Co'o pranto refalsado,

Ouvi! — não éreis bela, — nem minha alma
Vos amou, que um modelo de virtudes,

— Um sublime ideal — amou sòmente;
Vós o não fôstes nunca.

Que uma alma como a vossa, já manchada,
Aos negros vícios mais que muito afeita,
Já feia, já corrupta, já sem brilho...
Amá-la eu, Senhora!

Deitar-me sob a copa traiçoeira,
Que ao longe espalha a sombra, o engano, a morte;
Recostar-me no seio onde outros dormem,
Que por ninguém palpita!

Beijar faces sem vida, onde se enxerga
Visgo nojento d'ósculos comprados;
Crer no que dizem olhos mentirosos,
Em prantos de loureira!

Antes curvar o colo envilecido
Ao jugo vil da escravidão nefanda;
Beijar humilde a mão que nos ofende,
Que nos cobre de opróbrio!

Antes, possesso d'imprudência estúpida,
Brincando remexer no açafate,
Onde por baixo de mimosas flôres,
O áspide se esconde!

Mas eu, nos meus acessos de delírio,
Voz importuna de contínuo ouvia,
Cá dentro de mim, a repr'ender-me sempre
De vos amar... tão pouco!

Assim o cego idólatra se culpa,
Nos espasmos d'ascética virtude,
De não amar assaz o vão fantasma,
De suas mãos feita.

Porém se luz melhor de cima o aclara,
Cospe afronta e desdém, e à chama entrega
O cepo vil, que não mereces altares,
Nem d'ofrendas é digno!

Releva-se a imprudência feminina,
Inda um êrro, uma culpa se perdoa,
Se a desvaira a paixão, se amor a cega
No mar de escolhos cheio.

O Deus, que mais perdoa a quem mais ama,
 Talvez da vida a negra mancha apaga
 A quem as asas de algum anjo orvalha
 De lágrimas contritas.

Mas não a aquela, em cujo peito mora
 Torpeza só, — onde o amor se cobre
 De vícios — a nutrir-se d'impurezas,
 Como vermes de lôdo.

Se porém te aproveita o meu conselho,
 À quem, mais do que a mim, tens ofendido,
 Que entre os risos do mundo, vê tua alma
 E lê teus pensamentos;

Se não crês noutra vida além da morte,
 Roga se quer a Deus, que te não rompa
 À luz do sol divino da Justiça
 A máscara d'enganos!

Que a rainha da terra inamolgável,
 — A dura opinião — te não entregue,
 Sòzinha, e nua, e d'irrisão coberta,
 À popular vindicta!

OS SUSPIROS

*Mucha pena ¿verdad? mucha amargura
 Guardaba allá en sus senos escondida
 A despedirte el alma dolorida,
 Hijo de su cariño y su ternura.*

ROMEA

MUITAS VÊZES tenho ouvido,
 Como lânguidos gemidos,
 Frouxos suspiros partidos
 Dentre uns lábios de coral:
 A fina tez lhes deslustram,
 Bem como o alento que passa
 Sôbre o candor duma taça
 De transparente cristal.

Ouvido os tenho mil vêzes
 Do coração arrancados,
 Sôbre lábios desmaiados
 Sussurrando esvoaçar!

Como flor submarinha
Da funda gleba arrancada,
De vaga em vaga arrastada,
Correndo de mar em mar!

Ouvido os tenho mil vêzes,
Em quanto a lua fulgura,
Quando a virgem d'alma pura
Fita seus olhos no céu:

Notas de mundo longínquo
Repassadas de harmonia,
Diamante que alumia
A tela de um fino véu!

Tu, virgem, por que suspiras?
Quando suspiras que cismas?
Em que reflexões te abismas,
— Do passado ou do porvir;
Mas não tens *passado* ainda,
Tudo é flôres no presente,
Brilha o porvir docemente,
Como do infante o sorrir.

Tu, virgem, por que suspiras?
— Murmura trépida a fonte,
De relva se cobre o monte,
As aves sabem cantar;
O ditoso tem sorrisos,
O desgraçado tem pranto,
A virgem tem mais encanto
No seu vago suspirar!

Suspirar, ó doce virgem,
É da alma a voz primeira,
A expressão mais verdadeira
Da sina e do fado teu!
Vago, incerto, indefinido,
Tem um quê de inexplicável,
Como um desejo insondável,
Como um reflexo do céu.

Eu amo ouvir teus suspiros,
Ó doce virgem mimosa,
Como nota harmoniosa,
Como um cântico de amor;

Mais do que a flor entre as vagas
Sem destino flutuando,
Folgo de os ver expirando
Em lábios de rubra côr.

Mais que a longínqua harmonia,
Que o alento fraco, incerto,
Que o diamante coberto,
Cintilando almo fulgor;
Folgo de ouvir teus suspiros,
Ó doce virgem mimosa,
Como nota harmoniosa,
Como um cântico de amor!

QUEIXUMES

I

ONDE ESTÁS, meu senhor, meus amôres?
A que terras — tão longes! — fugiste?
Onde agora teus dias se escoam?
Por que foi que de mim te partiste?

II

Não te lembras! quando eu te rogava
Não te fôsses de mim tão asinha,
Prometeste-me breve ser minha
Tua vida, que o mar me roubava.

III

Tão amigo do mar fôste sempre,
Por que amigos talvez não achaste!
Nem carinhos, nem prantos te ameigam?
Nem por mim, que te amava, o deixaste?

IV

Vejo além o lugar onde estava
Tua esbelta fragata ancorada,
Mal sofrida jogando afagada
Do galernô que amigo a chamava.

V

Da partida era o fúnebre instante,
Breve instante de aflitos terrores,
Quando o mar traiçoeiro, inconstante,
Me roubava meus puros amôres!

VI

Inda choro essa noite medonha,
Longa noite de má despedida!
Teu amor me deixaste nos braços,
Nos teus braços levaste-me a vida!

VII

Oh! cruel, que então foste comigo,
Que te hei feito que punes-me assim?
Teu navio que tantos levava,
Não podia levar mais a mim?

VIII

Mas a mim! — que importava que eu fôsse?
Não me ouvira a tormenta chorar,
E morrer me seria mais doce
Junto a ti, — que o meu triste penar!

IX

Junto a ti me era a vida bem cara,
Oh! bem cara! — se ledos sorrias,
Se pensavas sòzinho e profundo,
Se agras dores contigo curtias;

X

Eu te amava, senhor! — Nem podia,
Dentro em mim, convencer-me que fôsse
Outra vida melhor, nem mais doce,
Nem que o amor se acabasse algum dia!

XI

Mas o mar tem lindezas que encantam,
Tem lindezas, que o nauta namora,
Tão bem dizem que vozes descantam
No silêncio pacato desta hora!

XII

São de ninfas os mares pejados,
Tão bem dizem que sabem magia,
Que suscitam cruel calmaria,
Só d'em tórno dos seus namorados!

XIII

Alta noite. bem perto, aparece,
Como leiva juncada de flôres,
Ilha fértil em fáceis amôres,
Onde o nauta da vida se esquece!

XIV

Não te esqueças de mim! — Por Sevilha
Quando o peito de branco marfim
Perceberes na preta mantilha,
Sombreado por leve carmim;

XV

Quando vires passar a Andaluza
Pelos montes, com ar majestoso,
Decantando nas modas de que usa
As loucuras do Cid amoroso;

XVI

Quando vires a mole Odalisca
De beleza e de extremos fadada,
Respirando perfumes da Arábia,
Em sericos tapizes deitada;

XVII

Quando a vires co'a fronte bem cheia
De riquezas, de graças ornada,
Pelo andar do elefante embalada,
Que alta escolta de eunucos rodeia;

XVIII

Quando vires a Grega vagando
Pelas Ilhas de Cós ou Megara,
Em sua língua, tão doce, cantando
Seus amôres que o Turco roubara;

XIX

Quando a vires no Carro de Homero,
Bela e grave e sisuda lavrando,
Pelos montes melífluos do Himeto
A parilha de bois aguilhando;

XX

Não te esqueçam meus duros pesares,
Não te esqueças por elas de mim,
Não te esqueças de mim pelos mares,
Não me esqueças na terra por fim!

XXI

Se eu fôsse homem, tão bem desejara
Percorrer êstes campos de prata,
E êste mundo, na tua fragata,
Co'uma esteira cingir d'onda amara.

XXII

Qu'ria ver a andorinha coitada
Nos meus mastros fugida poisar,
E achar no convés abrigada,
Quando o vento começa a reinar!

XXIII

Ver o mar de toninhas coberto,
Ver milhares de peixes brincar,
Ver a vida nesse amplo deserto
Mais valente, mais forte pular!

Oh! que o homem fôsse eu, mulher tu fôsses,
Ou fôsse tempestade ou calmaria,
Ou fôsse mar ou terra, Espanha ou Grécia,
Só de ti, só de ti me lembraria!

O mar suas ondas inconstante volve,
Sem que o seu curso o mesmo rumo leve,
Assim dos homens a paixão se move,
Falaz e vária, assim no peito ferve!

Meditados enganos sempre encobre
O mesmo que ao princípio ardente amava;
Oxalá não diga eu que me enganava,
Que teu peito julguei constante e nobre!

Oh! que o homem fôsse eu, mulher tu fôsses,
Ou fôsse tempestade ou calmaria,
Ou fôsse mar ou terra, Espanha ou Grécia,
Só de ti, só de ti me lembraria!

AO ANIVERSÁRIO DE UM CASAMENTO

A MRS. A. N. V. DA G.

A FILHA d'Albion bem vinda seja
Ao solo brasileiro!
Bem vinda seja às margens florescentes
Do Rio hospitaleiro!

Qu'importa que te acene a Pátria ao longe,
Que vejas incessante
As memórias, os templos, os palácios
Da Cidade gigante?

A pátria é onde quer que a vida temos
Sem penar e sem dor;

Onde rostos amigos nos rodeiam,
Onde temos amor:

Onde vozes amigas nos consolam
Na nossa desventura,
Onde alguns olhos chorarão doridos
Na êrma sepultura;

A pátria é onde a vida temos prêsa:
Aqui tão bem há sol!
Tão bem a brisa corre fresca e leve
Da manhã no arrebol!

Aqui tão bem a terra produz flôres,
Tão bem os céus têm côr;
Tão bem murmura o rio, e corre a fonte,
E os astros têm fulgor!

Aqui tão bem se arrelva o prado, o monte,
De mimoso tapiz;
Nas asas do silêncio desce a noite
Tão bem sôbre o infeliz!

A filha d'Albion bem vinda seja
Ao solo brasileiro;
Bem vinda seja às margens florescentes
Do Rio hospitaleiro!

Compridos anos e folgados viva
Neste ditoso clima,
E veja à par dos filhos seus queridos
Crescer do espôso a estima!

Possa eu tão bem do seu feliz consórcio
De novo em cada ano
Soltar um hino de amizade estreme,
Um canto mais que humano!

24 de março.

CANTO INAUGURAL

À MEMÓRIA DO CÔNEGO JANUÁRIO DA CUNHA BARBOSA

ONDE ESSA VOZ ardente e sonora,
Essa voz que escutam as tantas vêzes,
Polida como a lâmina dum gládio,
Essa voz onde está?

No rosto popular severa e forte,
No púlpito serena, amiga e branda,
Pelas naves do templo reboava,
Como oração piedosa!

E a mão segura, e a frente audaciosa,
Onde um vulcão de idéias borbulhava
E o generoso ardor de uma alma nobre
— Onde param tão bem?

Novo Colombo audaz por novos mares,
A sonda em punho, os olhos nas estrêlas,
Co'as brônzeas quilhas retalhando as vagas
Do inóspito elemento;

Porfioso e tenaz no duro empenho,
No manto do porvir bordava ufano,
Sob os troféus da liberdade sacra,
Os destinos da Pátria!

Noturno viajor que andou vagando
A noite inteira, a revolver-se em trevas,
Onde te fôste, quando o sol roxeia
Nuvens de um céu mais puro?

Secou-se a voz nas fauces ressequidas
Parou sem fôrça o coração no peito,
Quando sòmente um pé firmava a custo
Na terra prometida!

E a mão cansada fraquejou... pendeu-lhe.
Inda a vejo pendente, sôbre as páginas
Da pátria história, onde gravou seu nome
Tarjado em letras d'oiro.

Pendeu-lhe... quando a mente escandecida
Talvez quadro maior lhe afigurava
Que a luta acerba do Titã brioso,
Última prole de Saturno.

Inveja Claudiano pincel válido,
Que nos retrata o cataclismo horrendo,
Que êle — poeta — não achou nos combros
Da ignívoma Tessália!

Inveja... mas às formas do Gigante
Sorri-se o grande Homero; — e o cego Bardo

Da verde Erin, entre os heróis famosos
Prazenteiro o recebe!

Dorme, ó lutador, que assaz lutastes!
Dorme agora no gélido sudário;
Foi duro o afã, aspérrima a contenda,
Será fundo o descanso.

Dorme, ó lutador, teu sono eterno;
Mas sôbre a lousa do sepulcro humilde,
Como na vida foi, surja o teu busto
Austero e glorioso.

Coluna inteira em combros derrocados,
Rôlo encerado, que já beija as praias
Do remoto porvir, — seguro e salvo
Dos naufrágios dum século;

Dorme! — não serei eu quem te desperte,
Meus versos... não serão: — palmas sem graça,
Ou pobre rama d'árvore funérea,
Piramidal cipreste.

São flôres que desfolha sôbre um túmulo
Singelo, entre um rosal, quase fagueiro,
Piedosa mão de peregrino estranho,
Que ali passou acaso!

TABIRA

DEDICATÓRIA
AOS PERNAMBUCANOS

SALVE, terra formosa, ó Pernambuco,
Veneza Americana, transportada
Boiante sôbre as águas!
Amigo gênio te formou na Europa,
Gênio melhor te despertou sorrindo
À sombra dos coqueiros.

Salve, risonha terra! são teus montes
Arrelvados, inúmeros teus vales,
Cujas veias são rios!
Doces teus prados, tuas várzeas férteis,
Onde reluz o fruto sazonado
Entre o matiz das flôres!

Outros, pátria d'heróis, teus feitos cantem,
 E a bela história de colônia exaltem,
 E os nomes forasteiros;
 Não eu, que nada almejo senão ver-vos,
 Tu e Olinda, ambas vós, co'os olhos longos,
 Espreados no mar!

Ambas vós, sôbre tudo americanas,
 Doces flôres dos mares de Colombo,
 Filhas do norte ardente!
 Virgens irmãs, que vão de mãos travadas
 Sorrirem d'innocência à própria imagem,
 Que luz em claro arroio.

Andei, por vós sômente, em vossas matas,
 Colhendo agrestes flôres na floresta,
 Não respiradas nunca,
 Singelas, como vós, — como vós, belas,
 Ennastrei-as em forma de grinalda
 Fino, extremoso amante!

Não vivem muito as flôres: são meus versos
 Efêmeros como elas; côm sem brilho,
 Ou perfume apagado,
 Ou trino fraco d'ave matutina,
 Ou eco de um baixel que passa ao longe
 Com descante saudoso.

TABIRA

(POESIA AMERICANA)

*Les peaux rouges, plus nobles, mais
 plus infortunées que les peaux noires,
 qui arriveront un jour à la liberté par
 l'esclavage, n'ont d'autre recours que la
 mort, parce que leur nature se refuse
 à la servitude.*

I

É TABIRA guerreiro valente,
 Cumpre as partes de chefe e soldado;
 É caudilho de tribo potente,
 — Tobajaras — o povo senhor!

Ninguém mais observa o tratado,
Ninguém menos de p'rigos se aterra,
Ninguém corre aos acenos da guerra
Mais depressa que o bom lidador!

II

Seu viver é batalha aturada,
Dos contrários a traça aventando;
É dispor a cilada arriscada,
Onde o imigo se venha meter!
Levam noites com êle sonhando
Potiguares, que o viram de perto;
Potiguares, que asselam por certo
Que Tabira só sabe vencer!

III

Mil enganos lhe têm já tecido,
Mil ciladas lhe têm preparado;
Mas Tabira, fatal, destemido,
Tem feitiço, ou encanto, ou condão!
Sempre o plano da guerra é frustrado,
Sempre o bravo fronteiro aparece,
Que os enganos cruéis lhes destece,
Face a face, arco e setas na mão.

IV

Já dos Lusos o trôço apoucado,
Paz firmando com êle traidora,
Dorme ileso na fé do tratado,
Que Tabira é valente e leal.
Sem Tabira dos Lusos que fôra?
Sem Tabira que os guarda e defende,
Que das pazes talvez se arrepende
Já feridas outrora em seu mal!

V

Chefe stulto dum povo de bravos,
Mas que os piagas vitórias te fadem,
Hão de os teus, miserandos escravos,
Tais triunfos um dia chorar!

Caraíbas tais feitos aplaudem,
Mas sorrindo vos forjam cadeias,
E pesadas algemas, e peias,
Que traidores vos hão-de lançar!

VI

Chefe stólido, insano, imprudente,
Sangue e vida dos teus malbaratas?!
Míngua as fôrças da tribo potente,
Vencedora da raça Tupi!
Hão de os teus, acoçados nas matas,
Mal feridos, sangrentos, ignavos,
Não podendo viver como escravos,
Dar o resto do sangue por ti!

VII

Vivem homens de pel' côr da noite
Neste solo, que a vida embeleza;
Podem, servos, aebaixo do açoite,
Nênicas tristes da pátria cantar!
Mas o índio que a vida só preza
Por amor dos combates, e festas
Dos triunfos sangrentos, e sestas
Resguardadas do sol no palmar;

VIII

Ocioso, indolente, vadio,
Ou ativo, incansável, fragueiro;
Já nas matas, no bosque erradio,
Já disposto a lutar, a vencer;
Ama as selvas, e o vento palreiro,
Ama a glória, ama a vida; mas antes
Que viver amargados instantes,
Quer e pode e bem sabe morrer!

IX

Eia, avante! ó caudilho valente!
Potiguares lá vêm denodados;
Tão cerrado concurso de gente
Ninguém viu nestas partes assim!
Poucos são, mas briosos soldados;
Não são homens de aspecto jocundo!

Restos são, mas são restos dum mundo;
Poucos são, mas soldados por fim!

X

Os seus velhos disseram consigo,
Discutindo os motivos da guerra:
“É Tabira — cruel, inimigo,
Já nem crê, renegado, em Tupã!”
Pés robustos lá batem na terra,
Pó ligeiro se expande nos ares:
Era noite! milhar de milhares
São armados, mal rompe a manhã.

XI

Vêm soberbos, — o sol luz apenas!
Confiados, galhardos, lustrosos,
Vêm bizarros nas armas, nas penas,
Atrevidos no acento e na voz!
Um dentre êles, dos mais orgulhosos,
Sobe à pressa nas aspas dum monte,
Dali brada, postado defronte
De Tabira — com jeito feroz:

XII

“Ó Tabira, Tabira! aqui somos
A provar nossas fôrças contigo;
Dizes tu que vencidos já fomos!
Di-lo tu, não no diz mais ninguém.
Ora eu só a vós todos vos digo:
Sois cobardes, irmãos de Tabira!
Propagastes solene mentira,
Que vencer não sabemos tão bem.

XIII

“Para o vosso terreiro vos chamo,
Contra mim vinde todos, — sou forte:
Acorrei ao meu nobre reclamo!
Aqui sou, nem me parto daqui!
Vinde todos em densa coorte:
Travaremos combate sangrento,

Mas por fim do triunfo cruento
Direis vós, se fui eu quem menti.”

XIV

Disse o arauto: eis a turba ufanosa
Lhe responde, arco e setas brandindo,
Pés batidos, voz alta e ruidosa:
— Bem falado, ó guerreiro, mui bem!
Assim é; mas Tabira rugindo,
Ressentindo de ofensas tamanhas,
O rancor mal encobre das sanhas,
Que não leva no sangue de alguém.

XV

Raso outeiro ali perto se of'rece:
Vinga-o prestes, hardido, açodado! . . .
Como leiva de pálida messe,
Já madura, tremendo no pé;
Todo o campo descobre ocupado
Por guerreiros, — no extremo horizonte
Não distingue nas faldas do monte,
O que é gente, o que gente não é.

XVI

Não se abala o preclaro guerreiro,
Do que vê seu valor não fraqueia;
Diz consigo: “Um só golpe certo
Vai de todo esta raça apagar!
Juntos são, mas são meus!” — Já vozeia;
Logo os seus lhe respondem gritando,
Tais rugidos, tais roncossoltando
Que aos seus próprios deveram turbar!

XVII

Diz a fama que então de assustadas
Muitas aves que o espaço cruzavam,
De pavor subitâneo tomadas,
Descaíam pasmadas no chão:
Já com silvos e atitos voavam
Muitas outras, que o triste gemido

No conflito, abafado e sumido,
Talvez deram, — mas fraco, mas vão!

XVIII

Eis que os arcos de longe se encurvam,
Eis que as setas aladas já voam,
Eis que os ares se cobrem, se turvam,
De frechados, de surdos que são.
Novos gritos mais altos reboam,
Entre as hostes se apaga o terreno,
Já tornado apoucado e pequeno,
Já coberto de mortos o chão!

XIX

Peito a peito encontrados afoutos,
Braço a braço travados briosos,
Fervem todos inquietos, revoltos,
Qu'indecisa a vitória inda está.
Todos movem tacapes pesados;
Qual resvala, qual todo se enterra
No imigo que morde na terra,
Que sepulcro talvez lhe será.

XX

“Mas Tabira! Tabira! que é dêle?
“Onde agora se esconde o pujante?”
— Não no vêdes?! — Tabira é aquêle
— Que sangrento, impiedoso lá vai!
— Vê-lo-eis andar sempre adiante,
— Larga esteira de mortos deixando
— Trás de si, como o raio cortando
— Ramos, troncos do bosque, onde cai. —

XXI

“Foge! foge! leal Tobajara;
“Quantos arcos que em ti fazem mira?!”
— Muitos são; porém mêdos encara
— Face a face, quem é como eu sou! —
Muitas setas cravejam Tabira:
Belo quadro! — mas vê-lo era horrível!

Porco-espim que sangrado e terrível
Duras cerdas raivando espetou!

XXII

Tem um ôlho dum tiro frechado!
Quebra as setas que os passos lh'impedem
E do rosto, em seu sangue lavado,
Frecha e ôlho arrebatam sem dó!
E aos imigos que o campo não cedem,
Ôlho e frecha mostrando extorquidos,
Diz, em voz que mais eram rugidos:
— Basta, vis, por vencer-vos um só!

XXIII

E com fúria tão grande arremetem,
Com despêgo tão nobre da vida;
Tantos golpes, tão fundos repetem,
Que senhores do campo já são!
Potiguares lá vão de fugida,
Inda à fera mais tôrva e bravia
Disputando guarida dum dia
No mais fundo do vasto sertão!

XXIV

Potiguares, que a aurora risonha
Viu nação numerosa e potente,
Não já povo na tarde medonha,
Mas só restos dum povo infeliz!
Insepultos na terra inclemente
Muitos dormem; mas há quem lh'inveja
Essa morte do bravo em peleja,
Quem a vida do escravo maldiz!

XV

“Este o conto que os Índios contavam,
“A desoras, na triste senzala;
“Outros homens ali descansavam,
“Negra pel’; mas escravos tão bem.
“Não choravam; sômente na fala
“Era um quê da tristeza que mora
“Dentro d’alma do homem que chora
“O passado e o presente que tem!”

HINOS

A LUA

*Figlia del ciel, sei bella!
Ma verrà notte ancor, che tu, tu stessa
Cadrai per sempre, e lascerai nel cielo
Il tuo azzuro sentier!*

CESAROTTI

SALVE, ó Lua cândida,
Que trás dos altos montes
Erguendo a fronte pálida,
Dos negros horizontes
As sombras melancólicas
Vens ora afugentar!
Salve, ó astro fúlgido,
Que brilhas docemente,
Melhor que o lume trêmulo
D'estrêla inquieta, ardente,
Melhor que o brilho esplêndido
Do sol ferindo o mar!

Salve, ó reflexo tênue
Da eterna luz preclara
Nas nossas noites hórridas;
Qual sol que em linfa clara
Desponta os raios vívidos,
Em tarja multicolor:
És como a virgem púdica.
Que amor no peito encerra;
Mas só, mas solitária,
Vagando aqui na terra
Triplica o sêlo místico
Do não sabido amor!

Eu te amo, ó Lua cândida,
No giro sonolento.
E o teu cortejo mádido
De estrêlas, e do vento
O sôpro merencório,

Que à noite dá frescor.
Por teus influxos mágicos
Minha alma aos sons do canto
Revive; e os olhos úmidos
Gotejam triste pranto,
Que orvalha a chaga tépido,
Que míngua a antiga dor!

Em gélido sudário
De neve alvinitente,
Por terras vi longínquas,
Durante a noite algente,
A tua luz benéfica
Luzir meiga do céu.
Nos mares solitários
Tão bem a vi! — nas vagas
Brincava o lume argênteo,
Cantava o nauta as magas
Canções, no voluntário,
Cansado exílio seu!

Tão bem a vi na límpida
Corrente vagarosa;
Tão bem nas densas árvores
De selva majestosa,
Coando os raios lúbricos
No lôbrego palmar.
E eu só e melancólico
Sentado ao pé da veia,
Que a deslizar-se tímida
Beijava a branca areia;
Ou já na sombra tétrica
Da mata secular;

Em devaneio plácido
Velava, em quanto via
Ao longe — os altos píncaros
Da negra serraia,
— Disformes atalaias,
Que sempre ali serão!
No rórido silêncio
Minha alma se exaltava;
E das visões fantásticas,
Que a lua desenhava,
Seguia os traços áureos,
Tremendo em negro chão!

Pensava ledo, impróvido,
Até que de repente
Da minha vida mísera
Se me antolhava à mente
A quadra breve e rápida
Do malfadado amor.
Então fugia atônito
O bosque, a selva, a fonte,
E as sombras, e o silêncio;
Bem como o cervo insonte,
Que às setas foge pávido
Do fero caçador!

Salve, ó astro fúlgido,
Que brilhas docemente,
Melhor que o lume trêmulo
D'estrêla inquieta, ardente,
Melhor que o brilho esplêndido
Do sol ferindo o mar.
Eu te amo, ó Lua pálida,
Vagando em noite bela,
Rompendo as nuvens túrbidas
Da ríspida procela;
Eu te amo até nas lágrimas
Que fazes derramar.

A NOITE

Noite, melhor que o dia, quem não te ama!
Quem não vive mais brando em teu regaço!

FILINTO

EU AMO a noite solitária e muda,
Quando no vasto céu fitando os olhos,
Além do escuro, que lhe tinge a face,
Alcanço deslumbrado
Milhões de sóis a divagar no espaço,
Como em salas de esplêndido banquete
Mil tochas aromáticas ardendo
Entre nuvens d'incenso!

Eu amo a noite taciturna e quêda!
Amo a doce mudez que ela derrama,
E a fresca aragem pelas densas fôlhas
Do bosque murmurando:

Então, mau grado o véu que envolve a terra,
A vista, do que vela, enxerga mundos,
E apesar do silêncio, o ouvido escuta
Notas de etéreas harpas.

Eu amo a noite taciturna e quêda!
Então parece que da vida as fontes
Mais fáceis correm, mais sonoras soam,
Mais fundas se abrem;
Então parece que mais pura a brisa
Corre, — que então mais funda e leve a fonte
Mana, — e que os sons então mais doce e triste
Da música se espargem.

O peito aspira sôfrego ar de vida,
Que da terra não é; qual flor noturna,
Que bebe orvalho, êle se embebe e ensopa
Em êxtasis de amor:
Mais direitas então, mais puras devem,
Calada a natureza, a terra e os homens,
Subir as orações aos pés do Eterno
Para afagar-lhe o trono!
Assim é que no templo majestoso
Reboa pela nave o som mais alto,
Quando o sacro instrumento quebra a augusta
Mudez do santuário;
Assim é que o incenso mais direito
Se eleva na capela que o resguarda,
E na chave da abóbada topando,
Como um dossel, se espraia.

Eu amo a noite solitária e muda;
Como formosa dona em régios paços,
Trajando ao mesmo tempo luto e galas
Majestosa e sentida;
Se no dó atentais, de que se enluta,
Certo sentis pesar de a ver tão triste;
Se o rosto lhe fitais, sentis deleite
De a ver tão bela e grave!

Considerai porém o nobre aspecto,
E o porte, e o garbo senhoril e altivo,
E as falas poucas, e o olhar sob'rano,
E a frente levantada:
No silêncio que a veste, adorna e honra,
Conhecendo por fim quanto ela é grande

Com voz humilde a saudareis rainha,
Curvado e respeitoso.

Eu amo a noite solitária e muda,
Quando, bem como em salas de banquete
Mil tochas aromáticas ardendo;
Giram fúlgidos astros!

Eu amo o leve odor que ela difunde,
E o rorante frescor caindo em per'las,
E a mágica mudez que tanto fala,
E as sombras transparentes!

Oh! quando sôbre a terra ela se estende,
Como em praia arenosa mansa vaga;
Ou quando, como a flor dentre o seu musgo,
A aurora desabrocha;
Mais forte e pura a voz humana soa,
E mais se acorda ao hino harmonioso,
Que a natureza sem cessar repete,
E Deus gostoso escuta.

A TEMPESTADE

*Fervescere faciet, quasi ollam.
profundum mare.*

JOB — 41, 22

I

DE CÔR AZUL brilhante o espaço imenso
Cobre-se inteiro; o sol vivo luzindo
Do bosque a verde coma esmalta e doira,
E na corrente dardejando a prumo
Cintila e fulge em lâminas doiradas.
Tudo é luz, tudo vida, e tudo côres!
Nos céus um ponto só negreja escuro!

Eis que das partes, onde o sol se esconde,
Brilha um clarão fugaz pálido e breve:
Outro vem após êle, inda outro, muitos;
Sucedem-se freqüentes, — mais freqüentes,
Assumem côr mais viva, — inda mais viva,
E em breve espaço conquistando os ares
Os horizontes co'o fulgir roxeiam.

Qual mancha d'óleo em tela acetinada,
 Que os fios todos lhe repassa e embebe;
 Ou qual abutre do palácio aéreo
 Tombando acinte, — no descer sem asas
 Um ponto só, — até que em meia altura
 Abrindo-as, paira majestoso e horrendo:
 Assim o negro ponto avulta e cresce,
 E a cúpola dos céus de côr medonha
 Tinge, e os céus alastra, e o espaço ocupa.
 A abóbada de trevas fabricada
 Descansa em capitéis de fogo ardente!

De quando em quando o vento na floresta
 Silva, ruge, e morre; e o vento ao longe
 Rouqueja, e brama, e cava-se empolado,
 E aos píncaros da rocha ennegrecida
 De iroso e mal sofrido a espuma arroja!
 Raivoso turbilhão consigo arrastra
 O argueiro, a fôlha em vórtice espantoso:
 No vale arranca a flor, sacode os troncos,
 Na serra abala a rocha, e move as pedras,
 No mar os vagalhões incita e cruza.

II

Os sons da tempestade ao longe escuto!
 Concentra a natureza os seus esforços
 Primeiro que entre em luta; não lampeja
 Invio fogo nos céus; não sopra o vento:
 É tudo escuridão, silêncio e trevas!
 Sòmente o mar de soluçar não cessa,
 Nem de rugir as ramas buliçosas,
 Nem de soar confuso borborinho,
 Incompr'ensível, como que sem causa,
 Imenso como o eco de mil vozes
 No céu de extensa gruta repulsando.
 Silêncio! perto vem a tempestade!
 Grávidas nuvens de fatais coriscos,
 Sem rumo, como nau em mar desfeito,
 Em muda escuridão negros fantasmas,
 Indistintos, sem forma, — ondulam, jogam.
 Logo poder oculto impele as nuvens,
 Atraem-se os castelos tenebrosos,
 Embatem-se nos ares, — brilha o raio,
 E o ronco do trovão após rimbomba!

III

Ruge e brame, sublime tempestade!
Desprende as asas do tufão que enfreias,
Despega os elos do veloz corisco
E as nuvens rasga em rúbidas crateras.
Os fuzis da cadeia temerosa
Desfaz e quebra; e o espaço e as nuvens
Do teu açoite aos látegos bramindo,
Ocupem de pavor os céus e a terra,
Ruge, e o teu poder mostra rugindo;
Que assim por teus influxos me comoves,
Que todo me electrizas e me arroubas!

Qual foi Mazeppa no veloz ginete
Por desertos, por sirtes arenosas
Jungido e prêso e atônito levado;
Assim minha alma sobe e vai contigo,
E vinga os teus palácios mais subidos,
Contempla os teus horrores, e dos astros
No prazer, que lhe dás, tôda embebida,
Mau grado teu horror, folga contigo!
Parece que ali tem a régia c'roa
Que o feliz condenado achou na Ucraina.
Ruge, ruge embora, ó tempestade!

IV

Enfim descendo a chuva copiosa
Nuvens, bulções desfaz; os rios crescem,
De pérolas a relva se matiza,
O céu de puro azul todo se arreia,
Sorri-se a natureza, e o sol rutila!

V

Assim, meu Deus, assim será no dia
Do final julgamento, quando o anjo
Soprar a trompa que desfez os muros
De Jericó soberba!

O mar sobrepujando os seus limites,
Com rancos temerosos, nunca ouvidos,
Virá para sorver, com fúria brava,
Ilhas e continentes.

O sol, perdendo o brilho e a natureza,
Não luz, mas puro fogo, há de acender-se,
Como o fogo sagrado, que se prende
Nas cortinas do templo.

Os orbes dos seus eixos desmontados,
No abismo hão de cair com grande estrondo,
E, redomas de vidro, hão-de partir-se
Em pedaços sem conto.

Do abismo as solidões hão-de acordar-se!
Flamívoros vapores condensados,
Té nós, e além de nós, hão de elevar-se
Em pavoroso incêndio.

O ar há de acender-se, a terra em fogo
Tornar-se, como o ferro ardendo em frágua,
Coalhar-se o mar e em áspera secura
Converterem-se as ondas.

E nesta confusão de fumo e chamas,
Neste caos, que a mente mal alcança,
Quando nada existir de quanto existe,
Será vencida a morte.

Logo, à um só dizer do Onnipotente,
O pó segunda vez há de animar-se,
E os mortos, mal sofrendo a luz da vida,
Atônitos, pasmados;

Hão de erguer-se na campa, inteiros, vivos,
E como Adão, a tatear os membros,
Estranhos a existência já vivida,
Perguntarão: Quem somos?

Então, Senhor, então, — tu o disseste —
Virás cheio de glória e majestade,
Em sólio de luzeiros resplendente,
E em celeste cortejo!

Virás, sol da justiça, em fins do mundo
Acalmar a procela, e quando aos mortos
Disseres tu, quem és, — lembrar-nos-emos,
Senhor, do que já fomos.

Feliz então quem só viveu contigo,
Quem n'âncora da fé prendeu sua alma,

Quem só em ti fundou sua esperança,
Pequeno e humilde!

Feliz então quem tua lei guardando,
Seus passos graduou nos teus caminhos;
Quem dia e noite revolveu consigo
Como aplacar-te.

FIM DOS "SEGUNDOS CANTOS"

NOVOS CANTOS

G. DIAS.-9*

O HOMEM FORTE

Impavidum ferient...
HORAT.

O MODESTO varão constante e justo
Pensa e medita nas lições dos sábios
E nos caminhos da justiça eterna
Gradua firme os passos.

O brilho da sua alma não mareia
A luz do sol, nem do carvão se tigna;
Morre pelo dever, austero e crente,
Confessando a virtude.

Pode a calúnia denegrir seus feitos,
Negar-lhe a inveja o mérito subido;
Pode em seu dano conspirar-se o mundo
E renegá-lo a pátria!

Tão modesto no paço de Loculo
Como encerrado no tonel do Grego,
Nem o transtorna a aragem da ventura,
Nem a desgraça o abate.

A tiranos preceitos não se humilha,
Ante o ferro do algoz não curva a fronte,
Não faz calar da consciência o grito,
Não nega os seus princípios.

Antes, seguro e firme e confiado
No tempo, vingador das injustiças,
Co'os pés no cadafalso e a vista erguida
Se mostra imperturbável.

Sofre mártir e expira! A pátria em tórno
Do seu sepulcro o chora, onde a virtude,
Afeita ao luto e à dor, de novo carpe
Do justo a flébil morte!

DIES IRAE

JAZ O MUNDO corrupto! — a terra ingrata
Frutos de maldição produz sòmente;
E em quanto os homens ao mercado afluem,
Vazio o templo do Senhor se enluta,
Empoeira-se o altar, e pelas naves,
Gretadas, rôtas pela mão do tempo,
De cânticos e preces deslembradas,
A voz de Deus já não reboa imensa!

Tudo porém conserva o mesmo aspecto:
O sol girando, e na aparência o mesmo,
Do ano as quadras compassado alterna;
E os astros, seus irmãos, gravitam sempre
D'abóbada celeste. A terra é a mesma;
As águas pelos vales se deslizam,
Ou d'alpestres montanhas se despenham
Co'os mesmos sons, co'a mesma queda: as brisas
Inda conversam nos soturnos bosques;
A mulher, a mais bela criatura,
Nas suas próprias perfeições compraz-se,
Como quando, no Eden, as pulcras formas
Pasmou de ver representadas n'água,
E de as ver se ufanou. Inda conserva
O mesmo orgulho e inteligência o homem,
O rei da criação, o deus creado,
De quando vinham, por pedir-lhe os nomes,
Cetáceos, aves e os reptis e aquelas
Creaturas-montanhas, que passaram
Entre Adão e Noé à flor da terra!

Tudo o mesmo se mostra; mas a alma,
Êsse mundo interior, êsse outro templo,
Onde gravara o próprio Deus seu nome,
Como os templos de pedra, jaz sem lume,
Jaz como o prédio a desfazer-se em ruínas.
Onde um guarda solícito não mora,
E entregue as aves más, que em chilros pregam,
Que ali, na ausência do senhor imperam.
Da divina bondade cheio o vaso
Já transborda de cólera e justiça
E o largo rio do perdão saudável,

Que mais não corra, impece: Santas águas
Por cuja causa os séculos já viram,
Sem justa punição, ofensas graves;
Que o Senhor consentisse persistirem
Os maus no mal, à espera d'emendá-los;
Que triunfasse a malvadeza; e o crime,
Vexando os bons, senhoreasse a terra.

Mas Deus, que fôra outrora pai clemente,
Dando comêço ao reino da justiça,
Em austero juiz se há convertido.
Como um carro, que vai d'encontro ao abismo,
Perfaz o sol precipite o seu giro,
Indo a tocar a temerosa meta
Prevista dos profetas. Um arcanjo
Com mão robusta inda retém os elos
Da cadeia do tempo, em quanto a outra
Da vida o livro volumoso sela
Com sete brônzeos selos. Deus ofeso
Tira os olhos do mundo, e o mundo há sido!

Quem podera pintar as discordâncias
Em que labora a natureza! Crescem
Da terra ígneos vapôres, sufocando
O que respira, o que tem vida: os montes
Em crateras se rasgam, que vomitam
Fumo e lava incessante; o mar s'empola
E em fúria ardendo, arroja aos altos cimos
Cruzados vagalhões, qual se tentara
Sovertê-los; os ventos se contrastam!
Novos prodígios, novos monstros surgem!
O mar se torna em sangue, o sol em fogo,
O Universo em mansão d'aflitas dores,
O homem sofre, blasfema e desespera,
E vendo os mundos desabar precipites,
Um grito solta d'horroroso transe,
Como de nau, que em alto mar s'afunda
E rola os restos n'amplidão das águas.

Satisfêz-se o Senhor. Que resta? — O caos,
O horror, a confusão, o vulto enorme
Do tempo, que escurece o fundo abismo,
Onde por todo o sempre jaz cativo;
E da morte o cadáver gigantesco
Quase ocupando a superfície inteira
Dum mar de chumbo, escuro e sem rumôres.

Da glória do Senhor um raio apenas,
Lá dos confins do espaço despedido,
Fere da morte o rosto macilento
De tudo quanto foi, e quanto existe!

ESPERA!

QUEM há no mundo que aflições não passe,
Que dores não suporte?
Mais ou menos d'angústias cabe a todos,
A todos cabe a morte.

A vida é um fio negro d'amarguras
E de longo sofrer;
Simelha a noite; mas fagueiros sonhos
Podem de noite haver.

Por que então maldiremos êste mundo
E a vida que vivemos,
Se nos tornamos do Senhor mais dignos,
Quanto mais dor sofremos?

Quantos cabelos temos, êle o sabe;
Êle pode contar
As fôlhas que há no bosque, os grãos d'areia
Que sustentam o mar.

Como pois não será êle connosco
No dia da aflição:
Como não há de computar as dores
Do nosso coração?

Como há de ver-nos, sem piedade, o rosto
Coberto d'amargura;
Êle, senhor e pai, confôrto e guia
Da humana creatura?

Se o vento sopra, se se move a terra,
Se iroso o mar flutua;
Se o sol rutila, se as estrêlas brilham,
Se gira a branca lua;

Deus o quis, Deus que mede a intensidade
Da dor e da alegria,
Que cada ser comporta — num momento
D'arroubo ou d'agonia!

Embora pois a nossa vida corra
Alheia da ventura!
Além da terra há céus, e Deus protege
A tôda creatura!

Viajor perdido na floresta à noite,
Assim vago na vida;
Mas sinto a voz que me dirige os passos
E a luz que me convida.

A SAUDADE

SAUDADE, ó bela flor, quando te faltem
Coração ou jardim, onde du cresças;
Vem, vem ter comigo;
Deixa os que te não seguem,
Terás em peito amigo
Lágrimas, que te reguem,
Espaços, em que floresças.

Das pegadas da ausência tu despontas,
Entre as memórias cresces do passado,
Quando um objeto amado,
Quando um logar distante,
Noite e dia,

Nos enluta e apouquenta a fantasia.
Vem, ó Saudade, vem
A mim também

Consolar de gemidos suspirosos
E de partidos ais!

Oh! seja a punição dos insensíveis
Não te sentir jamais!

Propícia Deusa, e se não fôsse a esperança,
Deusa melhor da vida; qu'insensato,
A quem mitigas túrbidos pesares
Haverá tão ingrato

Que te não queime incenso em teus altares?
O *presente* o que é? — Breve momento

D'incômodo ou desgraça
Ou de prazer, que passa
Mais veloz que o ligeiro pensamento.

Véu escuro,
Que nem sempre a ilusão nos adelgaça,

Nos encobre os caminhos do futuro.
 O que nos resta pois? — Resta a saudade,
 Que dos passados dias
 De mágoas e alegrias

Bálsamo santo extrai consolador!
 Resta a saudade, que alimenta a vida
 À luz do facho que adormenta a dor!

Hera do coração, memória dêle,
 Ó Saudade, ó rainha do passado,
 Simelhas a romântica donzela
 De roupas alvejantes

Nas ruínas de castelo levantado:
 Grinaldas flutuantes,
 Que das fendas brotaram,
 Movem-se do nordeste
 Ao sôpro agudo e frio;

Em quanto vendo-o ao longe o senhorio,
 De posses decaído,
 D'invernos alquebrado,
 Recorda triste os anos que passaram!

Em que plagas inóspitas e duras
 Não me tens sido companheira e amiga?
 Em que hora, em que instante
 De folga ou de fadiga

Já deixei de sentir o penetrante
 Espinho teu, a repassar-me todo
 Dum prazer melancólico e suave?

Pois nascas nos desertos da tristeza,
 Ó Saudade, ó rainha do passado!
 Quando te falte gleba, onde tu cresças,
 Vem, vem ter comigo;
 Deixa os que te não seguem,
 Terás em peito amigo
 Lágrimas, que te reguem,
 Espaço, em que floresças!

Entra em meu coração, ocupa-o todo,
 Fibra por fibra enlaça-te com êle,
 Desce com êle à sepultura; e quando
 Jazer eu na eternidade,
 Minha flor, minha saudade,
 Tu procura a aura celeste,
 Rompe a terra, transforma-te em cipreste.

Qu'enlute o meu jazigo;
E ao meneio das ramas funerárias,
Meu derradeiro amigo,
Descanse morto quem viveu contigo.

NÃO ME DEIXES!

DEBRUÇADA nas águas dum regato
A flor dizia em vão
A corrente, onde bela se mirava...
"Ai, não me deixes, não!"

"Comigo fica ou leva-me contigo
"Dos mares à amplidão,
"Límpido ou turvo, te amarei constante
"Mas não me deixes, não!"

E a corrente passava; novas águas
Após as outras vão;
E a flor sempre a dizer curva na fonte:
"Ai, não me deixes, não!"

E das águas que fogem incessantes
À eterna sucessão
Dizia sempre a flor, e sempre embalde:
"Ai, não me deixes, não!"

Por fim desfalecida e a côr murchada,
Quase a lambar o chão,
Buscava inda a corrente por dizer-lhe
Que a não deixasse, não.

A corrente impiedosa a flor enleia,
Leva-a do seu torrão;
A afundar-se dizia a pobrezinha:
"Não me deixaste, não!"

ZULMIRA

SONHARA-TE eu na veiga de Granada,
Tapetada de flôres e verdura,
Onde o Darro e Xenil no lento giro
Volvem a linfa pura.

Ali te vejo em lêda comitiva
 Dos gentis cavaleiros do oriente,
 Quando, deposta a malha do combate,
 Vestem da paz a sêda reluzente.

Ali te vejo num balcão sentada,
 Grande preço da maura arquitetura,
 Pejando as asas das noturnas brisas
 Dum canto de ternura.

Ali te vejo, sim; mas mais me agrada
 O que se m'afigura noutro instante,
 Ver-te em vistosa tenda d'ouro e sêdas,
 Levantada no dorso do elefante.

E em roda, ao largo, o séquito pomposo
 D'enucos a teu gesto vacilantes
 Em cujas fontes negras se destacam
 Alvíssimos turbantes.

E pergunto quem és? — Então me dizem
 Ciosos de guardar o seu tesouro,
 Nome tão doce aos lábios, que parece
 Escever-se em cetim com letras d'ouro.

A UMA POETISA

— DONDE VENS, viajor?
 — De longe venho.
 — Que viste?
 — Muitas terras.
 — E qual delas
 Mais te soube agradar?
 — São tôdas belas;
 Fundas recordações de tôdas tenho.
 — E admiraste o quê?
 — Ah! onde as flôres
 Cada vez a manhã tornam mais linda,
 Onde gemeu Paraguaçu de amôres
 E os ecos falam de Moema ainda;
 Ali, Safo cristã, virgem formosa,
 A vida aos sons da lira dulcifica:
 D'escutar a sereia harmoniosa
 Ou de vê-la, a vontade prêsa fica!

ANGELINA

É GENTIL e linda e bela,
E eu sei que m'arrouba o vê-la
Tão divina:
A lira seus cantos cesse;
Mas minha alma não s'esquece
D'Angelina!

Outro louve os seus cabelos,
Cante a luz dos olhos belos
Que fascina;
E o leve sorrir donoso
Que irradia o rosto airoso
D'Angelina!

Os dotes diga que apura,
Quando em lânguida postura
Se reclina;
Que s'ergue, se acaso passa,
Sussurro que aplaude a graça
D'Angelina!

Que de amor quando suspira
O bardo quebrara a lira,
De mofina;
Que jamais poderam cantos
Pintar ao vivo os encantos
D'Angelina!

Que da sua alma a pureza
Equipara-se à beleza
Peregrina;
Que amor seu trono tem pôsto
N'alma, no talhe e no rosto
D'Angelina!

Eu que não sei descrevê-la,
Só sei que me arrouba o vê-la
Tão divina;
A lira seus cantos cesse,
Mas minha alma não s'esquece
D'Angelina!

RÔLA

DESQUE amor me deu que eu lesse
Nos teus olhos minha sina,
Ando, como a peregrina
Rôla, que o espôso perdeu!
Seja noite ou seja dia,
Eu te procuro constante:
Vem, oh! vem, ó meu amante,
Tua sou e tu és meu!

Vem, oh vem, que por ti clamo;
Vem contentar meus desejos,
Vem fartar-me com teus beijos,
Vem saciar-me de amor!
Amo-te, quero-te, adoro-te,
Abraso-me quando em ti penso,
E em fogo voraz, intenso,
Anseio louca de amor!

Vem, que te chamo e te aguardo,
Vem apertar-me em teus braços,
Estreitar-me em doces laços,
Vem pousar no peito meu!
Que, se amor me deu que eu lesse
Nos teus olhos minha sina,
Ando, como a peregrina
Rôla, que o espôso perdeu.

AINDA UMA VEZ — ADEUS! —

I

Enfim te vejo! — enfim posso,
Curvado a teus pés, dizer-te,
Que não cessei de querer-te,
Pesar de quanto sofri.
Muito penei! Cruas ânsias,
Dos teus olhos afastado,
Houveram-me acabrunhado,
A não lembrar-me de ti!

II

Dum mundo a outro impelido,
Derramei os meus lamentos
Nas surdas asas dos ventos,
Do mar na crêspa cerviz!
Baldão, ludíbrio da sorte
Em terra estranha, entre gente,
Que alheios males não sente,
Nem se condói do infeliz!

III

Louco, aflito, a saciar-me
D'gravar minha ferida,
Tomou-me tédio da vida,
Passos da morte senti;
Mas quase no passo extremo,
No último arcar da esp'rança,
Tu me vieste à lembrança:
Quis viver mais e vivi!

IV

Vivi; pois Deus me guardava
Para êste logar e hora!
Depois de tanto, senhora,
Ver-te e falar-te outra vez;
Rever-me em teu rosto amigo,
Pensar em quanto hei perdido,
E êste pranto dolorido
Deixar correr a teus pés.

V

Mas que tens? Não me conheces?
De mim afastas teu rosto?
Pois tanto pôde o desgosto
Transformar o rosto meu?
Sei a aflição quanto pode,
Sei quanto ela desfigura,
E eu não vivi na ventura...
Olha-me bem, que sou eu!

VI

Nenhuma voz me diriges!...
Julgas-te acaso ofendida?
Deste-me amor, e a vida
Que ma darias — bem sei;
Mas lembrem-te aquêles feros
Corações, que se meteram
Entre nós; e se venceram,
Mas sabes quanto lutei!

VII

Oh! se lutei!... mas devera
Expor-te em pública praça,
Como um alvo à populaça,
Um alvo aos dictérios seus!
Devera, podia acaso
Tal sacrifício aceitar-te
Para no cabo pagar-te,
Meus dias unindo aos teus?

VIII

Devera, sim; mas pensava,
Que de mim t'esquecerias,
Que, sem mim, alegres dias
T'esperavam; e em favor
De minhas preces, contava
Que o bom Deus me aceitaria
O meu quinhão de alegria
Pelo teu quinhão de dor!

IX

Que me enganei, ora o vejo;
Nadam-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar;
Erro foi, mas não foi crime,
Não te esqueci, eu to juro:
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e glória por te amar!

X

Tudo, tudo; e na miséria
Dum martírio prolongado,
Lento, cruel, disfarçado,
Que eu nem a ti confiei;
“Ela é feliz (me dizia)
“Seu descanso é obra minha.”
Negou-me a sorte mesquinha...
Perdoa, que me enganei!

XI

Tantos encantos me tinham,
Tanta ilusão me afagava
De noite, quando acordava,
De dia em sonhos talvez!
Tudo isso agora onde pára?
Onde a ilusão dos meus sonhos?
Tantos projetos risonhos,
Tudo êsse engano desfez!

XII

Enganei-me!... — Horrendo caos
Nessas palavras se encerra,
Quando do engano, quem erra,
Não pode voltar atrás!
Amarga irrisão! reflete:
Quando eu gozar-te pudera,
Mártir quis ser, cuidei qu'era...
E um louco fui, nada mais!

XIII

Louco, julguei adornar-me
Com palmas d'alta virtude!
Que tinha eu bronco e rude
Co'o que se chama ideal?
O meu eras tu, não outro;
Stava em deixar minha vida
Correr por ti conduzida,
Pura, na ausência do mal.

XIV

Pensar eu que o teu destino
Ligado ao meu, outro fôra,
Pensar que te vejo agora,
Por culpa minha, infeliz;
Pensar que a tua ventura
Deus *ab eterno* a fizera,
No meu caminho a pusera....
E eu! eu fui que a não quis!

XV

És doutro agora, e p'ra sempre!
Eu a mísero destêrro
Volto, chorando o meu êrro,
Quase descrendo dos céus!
Dói-te de mim, pois me encontras
Em tanta miséria pôsto,
Que a expressão deste desgosto
Será um crime ante Deus!

XVI

Dói-te de mim, que t'imploro
Perdão, a teus pés curvado;
Perdão!... de não ter ousado
Viver contente e feliz!
Perdão da minha miséria,
Da dor que me rala o peito,
E se do mal que te hei feito,
Também do mal que me fiz!

XVII

Adeus qu'eu parto, senhora;
Negou-me o fado inimigo
Passar a vida contigo,
Ter sepultura entre os meus;
Negou-me nesta hora extrema,
Por extrema despedida,
Ouvir-te a voz comovida
Soluçar um breve Adeus!

XVIII

Lerás porém algum dia
Meus versos, d'alma arrancados,
D'amargo pranto banhados,
Com sangue escritos; — e então
Confio que te comovas,
Que a minha dor te apiade,
Que chores, não de saudade,
Nem de amor, — de compaixão.

O SONO

NAS HORAS da noite, se junto a meu leito
Houveres acaso, meu bem, de chegar,
Verás de repente que aspecto risonho
Que toma o meu sonho,
Se o vens bafejar!

O anjo, que ao sono preside tranqüilo,
Ao anjo da terra não ceda o lugar;
Mas deixe-o amoroso chegar-se ao meu leito,
Unir-me a seu peito,
D'amor ofegar.

As notas que exalam as harpas celestes,
Os gozos, que os anjos só podem gozar,
Talvez também frua, se ao meu peito unida
T'encontro, ó querida,
No meu acordar!

SE EU FÔSSE QUERIDO!

SE EU FÔSSE querido dum rosto formoso,
Se um peito extremoso — pudesse encontrar,
E uns lábios macios, que expiram amôres
E abrandam as dores — de alheio penar;

A tantos encantos minha alma rendida,
Votara-lhe a vida — que Deus me quis dar:

Constante a seu lado, seus sonhos divinos
Aos sons dos meus hinos — quisera embalar.

Depois, quando a morte viesse impiedosa
Da amante extremosa — meus dias privar,
De funda saudade minha alma rendida
Votara-lhe a vida — que Deus me quis dar.

A FLOR DO AMOR

JÁ LENTO o passo, no cair da tarde,
Lá nos desertos d'abrasada areia,
Que o vento agita, porém não recreia,
Da caravana o condutor parou.
Armam-se à pressa tendas alvejantes,
Rumina plácido o frugal camelo;
Porém a nuvem d'árabes errantes
Se achega à prêsa, que de longe olhou.

E já, tomada a refeição noturna,
Junto a fogueira, que derrama vida,
Descansam todos da penosa lida
À voz canora, que o cantor alçou!
Confuso o ouvido um borborinho alcança,
As armas toma o árabe prudente;
Mas logo pensa, rejeitando a lança:
“Foi o grunhido que o chacal soltou.”

Ouvidos todo e curioso enlêvo,
Torna de novo a retomar seu pôsto;
Pela fogueira alumiado o rosto,
Bebendo as vozes que o cantor soltou;
Semelha a terra, quando aberta em fendas
Da noite o orvalho sequiosa espera;
E o corcel árabe encostado às tendas
Os sons lhe escuta, e de os ouvir folgou.

“Algures cresce (o trovador cantava)
Sempre fresca e virente e sempre bela,
Por influxo e poder de maga estrêla,
Mimosa, pura e delicada flor!
Jazendo em sítio escuso e solitário,
Esforços é mister p'ra conhecê-la,
Que diz a forte lei do seu fadário
Que a não descubra acaso o viajor.

“Alva do albor dos lírios odorosos,
Tem a modéstia da violeta esquiva,
E o pronto retrair da sensitiva,
Que parece vestir-se de pudor!
Assim, à luz da cambiante aurora,
Mudando um pouco a resplendente alvura,
De uns toques de carmim s’esmalta e cora
A graciosa e pudibunda flor.

“Faz-me mais puro o ar, mais brando o clima,
Onde cresce; amenizam-se os logares,
Tornam-se menos agros os pesares
E menos viva, e quase nula a dor;
Fresca e branda alcatifa o chão matiza,
Com doce murmúrio as águas correm,
E o leve sôpro do correr da brisa
Volúpia embebe em mágico frescor!

“Feliz aquêlé que a encontrou na vida,
Que onde ela nasce tímida e fagueira
Não s’ennovela a mó d’atra poeira,
Tangida pelo simum abrasador!
Ali sorri-se oásis venturoso,
Qu’entre deleites o viver matiza,
E ao que vai triste, aflito e sem repouso
Chama a descanso de comprido error!

“Feliz e mais que se, perdido, achara
Confôrto e auxílio no catá, seu guia,
Que o leva a fonte perenal e fria
Onde se apaga o sitibundo ardor.
Tão feliz, qual talvez se o precedesse
Nos desertos a bênção do profeta,
Que por fanal noturno lhe acendesse
Maga estrêla de límpido fulgor.

“Ai! porém do que a vê, e a não conhece,
Do que a suspira em vão, e a em vão procura,
Ou que achando-a, desiste da ventura
Por não entrar no oásis sedutor.
Essa flor descoberta por acêrto
Nunca mais a verás! colhe, insensato,
Colhe abrolhos da vida no deserto;
Pois desprezaste a que produz o amor!”

Assim cantava o trovador; e todos
 Ouvem-no com prazer de dor travado,
 Que mais do que um talvez terá deixado
 Atrás de si a pudibunda flor!
 No entanto a nuvem d'árabes errantes
 Chega-se à prêsa, que avistou de longe;
 E dos corcéis, que alentam ofegantes,
 Precede a marcha túrbido pavor!

E, nado o sol, aquêles que passava
 Pelos desertos d'abrasada areia,
 Que o rubro sangue de cruor roxeia,
 A um lado o rosto, pálido, voltou!
 Ninguém as mortes lastimáveis chora,
 Ninguém recolhe os restos insepultos,
 E o mesmo orvalho, que goteja a aurora,
 Sem borrifá-los, no areial ficou!

Quem saberá do seu destino agora?
 Ninguém! Sòmente em climas apartados
 Miseranda mulher lastima os fados
 De filho ou espôso, que jamais tornou!
 Talvez porém, trás de montões d'areia,
 Nobre corcel sem cavaleiro assoma,
 E alonga a vista, de pesares cheia,
 Té onde a vida seu senhor deixou!

A SUA VOZ

Por que ficasse a vida
 Por o mundo em pedaços repartida.
 CAMÕES — Canc. x.

OUVI-A! A sua voz me despertava
 Tudo quanto de bom conservo n'alma.
 Retratado o pudor tinha no rosto,
 E um suave dizer, um timbre doce
 De voz, uma piedade estreme e santa,
 Que as mais profundas chagas amimava,
 D'ambrosia e de mel lhe ungia os lábios.

Ouvi-a! A sua voz era mais branda,
 Mais impressiva que o cantar das aves!
 A aragem qu'entre flôres se desliza
 E mal remexe a tímida folhagem,

A veia de cristal que triste soa,
 O saudoso arrulhar de mansas pombas,
 As próprias notas dum cantar longínquo
 Ou de instrumento a conversar co'a noite,
 Menos que a sua voz impressionavam!

Menos que a sua voz! — Os dois mais fortes,
 Os dois mais puros sentimentos nossos
 — A saudade e o amor, — as mais profundas
 Das merencórias solidões da terra
 — As florestas e o mar, — um cismar vago,
 Um devaneio, um êxtasis sem têrmo
 D'alma perdida por um céu de amôres,
 Tanto como a sua voz não arroubavam!

Tanto como a sua voz! — sòmente o foram
 Dulces notas de místicos saltérios
 Té nós de um astro em outro repetidas.
 Foi isto o que senti, quando a escutava,
 Fluente, harmoniosa, discorrendo
 Em prática singela, sôbre assuntos
 Diversos, sôbre flôres, menos belas
 Do que o seu rosto, e céus, como ela, puros.

Mas quem na ouvira conversar de amôres,
 Trouxera n'alma como uma harpa eólia,
 Dia e noite vibrando,
 Como um cantar dos anjos
 Do coração a estremecer-lhe as fibras!

SE SE MORRE DE AMOR!

*Meere und Berge und Horizonte
 zwischen den Liebenden — aber die See-
 len versetzen sich aus dem staubigen
 Kerker und treffen sich im Paradiese
 der Liebe.*

SCHILLER. *Die Räuber*

SE SE MORRE de amor! — Não, não se morre,
 Quando é fascinação que nos surpreende
 De ruidoso sarau entre os festejos;
 Quando luzes, calor, orquestra e flôres
 Assomos de prazer nos raiam n'alma,
 Que embelezada e sôlta em tal ambiente
 No que ouve, e no que vê prazer alcança!

Simpáticas feições, cintura breve,
Graciosa postura, porte airoso,
Uma fita, uma flor entre os cabelos,
Um quê mal definido, acaso podem
Num engano d'amor arrebatá-los.
Mas isso amor não é; isso é delírio,
Devaneio, ilusão, que se esvaece
Ao som final da orquestra, ao derradeiro
Clarão, que as luzes no morrer despedem:
Se outro nome lhe dão, se amor o chamam,
D'amor igual ninguém sucumbe à perda.

Amor é vida; é ter constantemente
Alma, sentidos, coração — abertos
Ao grande, ao belo; é ser capaz d'extremos,
D'altas virtudes, té capaz de crimes!
Compr'ender o infinito, a imensidade,
E a natureza e Deus; gostar dos campos,
D'aves, flôres, murmúrios solitários;
Buscar tristeza, a soledade, o êrmo,
E ter o coração em riso e festa;
E à branda festa, ao riso da nossa alma
Fontes de pranto intercalar sem custo;
Conhecer o prazer e a desventura
No mesmo tempo, e ser no mesmo ponto
O ditoso, o misérrimo dos entes:
Isso é amor, e dêsse amor se morre!

Amar, e não saber, não ter coragem
Para dizer que amor que em nós sentimos;
Temer qu'olhos profanos nos devassem
O templo, onde a melhor porção da vida
Se concentra; onde avaros recatamos
Essa fonte de amor, êsses tesouros
Inesgotáveis, d'ilusões floridas;
Sentir, sem que se veja, a quem se adora
Compr'ender, sem lhe ouvir, seus pensamentos,
Segui-la, sem poder fitar seus olhos,
Amá-la, sem ousar dizer que amamos,
E, temendo roçar os seus vestidos,
Arder por afogá-la em mil abraços:
Isso é amor, e dêsse amor se morre!

Se tal paixão enfim transborda,
Se tem na terra o galardão devido

Em recíproco afeto; e unidas, uma,
Dois sêres, duas vidas se procuram,
Entendem-se, confundem-se e penetram
Juntas — em puro céu d'êxtasis puros:
Se logo a mão do fado as torna estranhas,
Se os duplica e separa, quando unidos
A mesma vida circulava em ambos;

Que será do que fica, e do que longe
Serve às borrascas de ludíbrio e escárnio?
Pode o raio num píncaro caindo,
Torná-lo dois, e o mar correr entre ambos;
Pode rachar o tronco levantado
E dois cimos depois verem-se erguidos,
Sinais mostrando da aliança antiga;
Dois corações porém, que juntos batem,
Que juntos vivem, — se os separam, morrem;
Ou se entre o próprio estrago inda vegetam,
Se aparência de vida, em mal, conservam,
Ânsias cruas resumem do proscrito,
Que busca achar no berço a sepultura!

Êsse, que sobrevive a própria ruína,
Ao seu viver do coração, — às gratas
Ilusões, quando em leito solitário,
Entre as sombras da noite, em larga insônia,
Devaneando, a futurar venturas,
Mostra-se e brinca a apetecida imagem;
Êsse, que à dor tamanha não sucumbe,
Inveja a quem na sepultura encontra
Dos males seus o desejado têrmo!

A MORTE É VÁRIA (TRADUÇÃO)

A MORTE é vária e multiforme, e muda
De trajas e de máscaras mais vêzes
Qu'uma cansada atriz;
Nem sempre é, qual se pinta, o negro espectro
D'irônico sorriso e brancos dentes,
E d'hórrido cariz.

Nem todos seus vassalos são poeira
No ressalto de pedra adormecidos
Por sob as arcarias;

A pálida libré nem todos vestem,
Nem sôbre todos jaz murada a porta
Nas criptas sombrias!

Diversa a natureza é doutros mortos:
Nestes que a sânie e podridão consomem,
Vê-se o nada palpável;
Vê-se o enôjo, o horror, a sombra espêssa
E o esfaimado esquife, abrindo as fauces.
Qual monstro insaciável!

Cabe a outros porém que sem dor vemos
Passar, girar no turbilhão dos vivos,
De carne inda vestidos,
O nada inda encuberto; cabe a interna
Morte, que ninguém sabe, nem chora,
Nem mesmo os mais queridos!

Pois, se vamos ver nos cimitérios
As campas, ou ilustres ou sem nome,
De mármore ou torrão;
Ou tenhamos ali amiga pálpebra,
Ou não, — do teixo à sombra descansada,
Quer choremos, quer não!

“Jazem” dizemos. Os nomes desaparecem
Sob a relva; o verme nesses olhos
Enreda a teia crua!
Por entre as pranchas do caixão despontam
Hirtos cabelos, e em pó funéreo envôlta
Branqueja a ossada nua.

Os herdeiros não temem que mais volte;
Esqueceram-no já: seus cães se lembram,
Soltando uivos de dor!
Acama-se a poeira em seus retratos:
Já não tem mais rivais, não tem amigos,
Nem ódios, nem amor!

Da morte o anjo, em lágrimas de pedra
Vemos sôzinho e mudo a pranteá-lo,
Estátua da aflição:
A cova toma o corpo, o olvido o nome,
Tem por lençóis seis pés d'úmida terra...
Mortos, bem mortos são!

E dos olhos talvez se voz deslize
O pranto sôbre a relva, pelo orvalho
 E chuva umedecida;
Que na triste mansão os regozije,
E por essa oblação enternecidos
 Um resto achem de vida.

Mortos do coração ninguém os chora,
Ninguém, se a um dêstes vê, lhe diz piedoso:
 “Seja o Senhor contigo.”
Curam do morto, lavam-lhe as feridas;
Mas a alma estala sem que alguém se doa,
 Nem mesmo o mais amigo!

Há contudo pungentes agonias
Nunca sabidas, dores horrorosas
 Mais do que se não crê;
Almas há que tem cruz e passamento,
Sem auréola d'ouro e a mulher pálida
 E desgrenhada — ao pé.

FIM DOS “NOVOS CANTOS”

SEXTILHAS DE FREI ANTÃO

*J'ai fait de ma chambre la cellule
d'un cloître, j'ai béni et sanctifié ma vie
et ma pensée; j'ai raccourci ma vue et
j'ai éteint devant mes yeux les lumières
de notre âge; j'ai fait mon cœur plus
simple, et l'ai baigné dans le bénitier
de la foi catholique; je me suis appris
le parler enfantin du vieux temps: et
j'ai écrit!...*

STELLO

LOA DA PRINCESA SANTA

BOM TEMPO foi o d'outrora
Quando o reino era cristão,
Quando nas guerras de mouros
Era o rei nosso pendão,
Quando as donas consumiam
Seus teres em devação.

Dava o rei uma batalha,
Deus lhe acudia do céu;
Quantas terras que ganhava,
Dava ao Senhor que lhas deu,
E só em fazer mosteiros
Gastava muito do seu.

Se havia muitos Ifantes,
Torneio não se fazia;
É êsse o estilo de Frandres,
Onde anda muita heregia:
Para os armar cavaleiros
A armada se apercebia.

Chamava el-rei seus vassalos
E em côrtes logo os reunia:
Vinha o povo atencioso,
Vinha muita cleregia,
Vinha a nobreza do reino,
Gente de muita valia.

Quando o rei tinha-los juntos
Começava a discursar:
"Os Ifantes já são homens,
Vou-me às terras d'além-mar
Armá-los cavaleiros;
Deus Senhor m'há de ajudar."

Não concluía o pujante
Rei — de assi lhes propor,
Clamavam todos em grita
Com vozes de muito ardor:
“Seremos nessa folgança,
Honra de nosso Senhor!”

E logo todos em sembra,
Todos gente muito de bem,
Na armada se agazalhavam,
Sem se pesar de ninguém;
E os Padres de Sam Domingos
Iam com êles também.

Iam, si, os bentos Padres:
E que assim fôsse, é rezão,
Que o santo em guerras d'Igreja
Foi um bom santo cristão:
Queimou a muitos hereges
No fogo da expiação!

Quando depois se tornava
Tôda a frota pera cá,
Primeiro se perguntava,
“Que terras temos por lá?”
Quem em Deus tanto confia,
Sempre Deus por si terá.

El-rei tornava benino,
Como coisa natural:
“Temos Ceita, Arzila ou Tângere,
“Conquistas de Portugal!”
E todos, a voz em grita,
Clamavam: real! real!

Bom tempo foi o d'outrora
Quando o reino era cristão;
Os moços davão-se à guerra,
As môças à devação:
Aquela terra de mouros
Vivia em muita aflição.

Deu-nos Deus tantas vitórias,
E tanto pera louvar,

Que os Padres de Sam Domingos
Já não sabiam rezar;
Todo-lo tempo era pouco
Pera louvores cantar!

Sendo tantas as batalhas,
Nem recontro se perdeu!
Aquêles Padres coitados
Não tinham tempo de seu:
Levavam todo cantando
Louvores ao pai do céu.

Louvores ao pai do céu,
Que eu inda possa trovar,
Quando não vejo nos mares
Nossas quinas tremolar;
Mas sòmente o templo mudo.
Sem guarnimentos o altar!

Vejo os sinos apeados
Dos campanários subtis,
E a prata das sacristias,
Servida em misteres vis,
E ante os leões de Castela
Dobrada a Lusa cerviz!

Cant'eu, em. bem que sou Padre,
Digo que sou Português:
Arço de ver nossas coisas
Irem tôdas ao revés,
Arço de ver nossa gente
Andar connosco ao envés.

Mercê de Deus! minha vida
É vida de muita dura!
Vivo esquecido dos vivos
Na terra da desventura;
Vivo escrevendo e penando
Num canto de cela escura.

Do meu velho breviario
Só deixarei a leitura
Para escrever êstes carmes,
Remédio à nossa amargura;
O corpo tenho alquebrado,
Vive minha alma em tristura.

Que armada de tantas velas,
Que armada é essa qu'i vem?
Vem subindo Tejo acima,
Que fermosura que tem!
Nas praias se apinha o povo,
E as cobre tôdas porém.

Dão sinais as fortalezas,
Respondem sinais de lá:
Vem el-rei vitorioso!
Quem de gáudio se terá?
O mar é todo bonança,
O céu muito sereno está!

Óco bronze fumo e fogo
Já começa a despejar;
Acordam alegres ecos
Os sinos a repicar;
Grita e folgança na terra,
Celeuma e grita no mar!

Vinde embora muito depressa,
Senhores da capital!
Vinde ver Afonso quinto,
Rei, senhor de Portugal;
Vem das terras africanas
Dar-vos festança real.

Nossos reis foram outrora
Fragueiros de condição;
Dormiam quase vestidos,
Espada nua na mão;
Nem repoisavam de noite
Sem fazer sua oração.

Emprêsa não cometiam
Sem primeiro comungar
Sem fazer voto à algum santo
De tenção particular;
Porém vitórias houveram,
Que são muito de espantar!

Os vindouros esquecidos
Da proteção divinal,
Conheceram os poderes
Da bênção celestial,
Se contarem os mosteiros
Das terras de Portugal!

Nossas capelas que temos,
Nossos mosteiros custosos,
São obras santas de Santos,
Obras de reis muito piedosos;
São brados de pedra viva,
Que pregam feitos briosos.

Alguns já agora escarnecem
Dos templos edificados;
Dizem que foram mal gastos
Os bens com êles gastados:
Eu creio (Deus me perdoe)
Que são incréus disfarçados!

E mais prasmam dos feítios
De pedra, que Mênfis tem,
Sem ter olhos para Mafra,
Pera Batalha ou Belém!
Oh! se a êstes conheceras,
Meu Frei Gil de Santarém!

Naquela vila deserta
Ainda se me afigura
Ver elevar-se nas sombras
Tua válida estatura,
E ouvir a voz que intimava
Ao rei a sentença dura!

E mais a tacha que tinha
Era ser fraco, e não mais!
Tu, meu Santo, que fizeras,
Se ouviras a êstes tais,
Que nos assacam motejos
Às nossas obras reais!

Mas vós, quem quer qu'isto lerdas,
Relevai-me esta tardança;
São achaques da velhice:

Vivemos de lembrança
E em longas falas fazemos
De tudo comemoração.

Já el-rei Afonso quinto
Nas suas terras pojou:
Alegre o povo o recebe,
Alegre el-rei se mostrou;
Abrio-se em alas vistosas,
El-rei entre elas passou.

Vem os músicos troando
Nos atabales guerreiros,
Tangem outros istromentos
Dêses climas forasteiros,
E trás êles vêm marchando,
Passo a passo, os prisioneiros.

São êles mouros gigantes
De bigodes retorcidos,
Caminham a passos lentos,
Com sembrantes de atrevidos.
Causa mêdo vê-los tantos,
Tam membrudos, tam crescidos!

São homens de fero aspeito,
Homens de má condição,
Que vivem na lei nojenta
Do seu nojento alcorão,
Que — vinho? nem querem vê-lo.
Só por que o bebe um cristão!

Vêm as moiras depois dêles,
Rostos cobertos com véus;
Bem que filhas d'Agarenos,
São também filhas de Deus;
Se foram cristãs ou freiras,
Seriam anjos dos céus.

Luziam os olhos delas,
Como pedras muito finas;
Deviam ser finas bruxas,
Indá qu'eram bem meninas,
Que estas moiras da mourama
Nascem já bruxas cadimas!

Uma delas que lá vinha
Olhou-me à través do véu!...
Foi aquilo obra do demo,
Quase, quase me rendeu!
Pensei nela muitas vêzes,
Valeram-me anjos do céu!

Via as largas pantalonas,
E o pèzinho delicado...
Como pode pensar nisto
Um pobre frade cansado,
Um padre da Observância,
Que sempre come pescado?!

Enfim, dizer quanto vimos
Não cabe neste papel;
Vinham muitas alimárias,
Como achadas a granel;
Vinha o ifante brioso,
Montado no seu corcel.

Vinham pajens e varletes,
Vinham muitos escudeiros,
Vinham do sol abrasados
Nossos robustos guerreiros;
Vinha muita e boa gente,
Muitos e bons cavaleiros!

A Princesa Dona Joana
Saiu dos Paços reais;
Era môça, e muito airosa,
E dona de partes tais,
Que todos lhe qu'riam muito.
Estranhos e naturais!

Foi requerida de muitos
E muito grandes senhores,
Por fama que dela tinham,
E por cópia de pintores,
Que muitos vinham de fora
Ao cheiro de seus louvores.

E diz-se dum rei de França,
Ludovico, creio eu:
Um pobre frade mesquinho

Só trata em coisas do céu;
Sabe êle que muito sabe,
Se a bem morrer aprendeu.

Pois diz-se do rei de França,
O onzeno do nome seu,
Que vendo um retrato dêstes
Pera si logo entendeu,
Qu'era prodígio na terra
Quem tanto tinha do céu.

E logo sem mais tardança
Caiu, gíolhos no chão,
No fêltro traz arrelíquias,
Assi usa um rei cristão;
O seu fêltro pôs diante,
E fêz sua oração!

Saiu a real Princeza,
Saiu dos Paços reais
Nos pulsos ricas pulseiras,
Na frente finos ramais;
De longe seguem-lhe a trilha
Muitos bons homens segrais.

Traçava um mantéu vistoso
Sôbolas suas espaldas,
E as largas roupas na cinta
Prendia em muitas laçadas;
Seus olhos valiam tanto
Como duas esmeraldas.

Tinha elevada estatura
E meneio concertado,
Sôlto o cabelo em madeixas,
Pelas costas debruçado:
Cadeixo de fios d'oiro,
Franjas de templo sagrado.

Vinha assi a régia Dona,
Vinha muito pera ver:
O povo em si não cabia,
Quando a via, de prazer;
Era ela santa às ocultas
E anjo no parecer!

Debaixo das telas finas
E dos brocados luzidos,
Trazia à raiz das carnes
Duros cilícios cosidos
E umas crinas muito agras,
Tudo extremos muito subidos.

Passava noites inteiras
No oratório a rezar,
Dormia despois na pedra
Sem ninguém o suspeitar:
Extremos tais em princesa
Quem nos há de acreditar?

No dia de lava-pés
Ordenava ao seu Vedor
Trazer-lhe doze mulheres;
E depois, com muita dor,
Chorando os pés lhes lavava,
Honra de nosso Senhor!
E depois de os ter lavado,

Não perdia a ocasião,
Despedia a tôdas juntas
Com sua esmola na mão:
Dizia que era humildade:
E obra de devação.

E as mendigas prasmadas
Sabiam de tal saber,
E perguntavam, quem era
Aquela santa mulher?!
Maus pecados que ela tinha
Só pera assi proceder!

O mesmo Vedor foi quem
Isto despois revelou,
Quando aquela humanidade
Em o Senhor descansou;
Dona Joanna era já morta,
Êle porém mo contou.

Mas sendo tanto o resguardo
Que guardava em coisas tais,
Sabiam algo os estranhos
Por muitos certos sinais,

Que o ar é todo perfume,
Se a terra é tôda rosais.

É coisa de maravilha
Que me faz cismar a mi,
Que as donas d'hoje pareçam
Uns camafeus d'alfini,
Não donas de carne e osso;
As donas d'outrora — si.

Hoje leigos de nonada
(É-lhes o demo caudel)
Praguejam a mesa escassa
E as arestas do burel;
Querem mimos e regalos,
E jejuns a leite e mel.

Lá caminha Dona Joana,
Regente de Portugal;
Trás sôbre si muitas jóias
Do tesouro paternal;
Deus lhe pôs graça divina
Sôbre a graça natural.

Acostou-se a comitiva,
Muito senhora de si:
Perante el-rei se agiolha,
Disse-lhe el-rei: não assi!
E ao peito a cinge dizendo:
Não a meus pés, mas aqui!

“Sois um bom pai, Senhor rei.
Tornou-lhe a santa Princesa:
Eu que sou vassala vossa
E filha por natureza,
Peço mercê como aquela,
Como esta peço fineza.”

Ficaram logo suspensos
Todos que eram ali,
Ficarão como enleitados,
Enleio tal nunca vi!
Eis que a Princesa medrosa
Começa a propor assi:

El-rei não lhe respondera;
Que lhe havia responder?
Boa filha Deus lhe dera.
Que lhe havia defender?
Sorriu-se, o bom rei quisera
Muito por ela fazer.

A Princesa disse entonces:
“De alguns capitães antigos
Tenho lido, Senhor rei,
Que, vencidos os inimigos,
Tornavam, a Deus fazendo
Sacrifícios mui subidos.

“Viam as coisas melhores
Que dos seus reinos haviam,
E logo lhas ofertavam;
E mercês também faziam,
No dia do seu triunfo
A los que justas pediam.

“Deslembrar a usança antiga
Fôra de grande estranheza;
Agora sôbre maneira,
Perfeita tamanha emprêsa,
De tanto lustre aos do reino,
De tal honra a vossa Alteza.

“Digo pois a vossa Alteza,
E digo com muita fé,
Deve a oferta ser tamanha
Quamanha foi a mercê,
Não do nobre rei pujante,
Mas do santo rei qual é.

“A oferta que vós fizerdes,
Será mercê paternal:
Se quereis que corresponda
Ao favor celestial,
Deve ser coisa mui alta,
Deve ser coisa real.

“Ao Deus que vence as batalhas
Dai-lhe a filha muito amada;
Dai-lhe a só filha que tendes
Em tantos mimos criada:

Será a oferta bem quista
E do Senhor aceita.

“E eu a quem mais custou
De mêdos, esta jornada,
Que muitas noites orando
Passei em pranto banhada,
Sou eu, Senhor, quem vos peço
Ser a hóstia a Deus votada.”

Que santa que era a Princesa,
Que extremos de devação!
Nos sembrantes dos presentes
Viu-se, e não era razão,
Que a nenhum dêles prazia
Deferir tal petição.

Sobr'esteve um pouco e mudo,
El-rei, por que muito a amava:
Aquêlê dizer da filha
Todo o prazer lhe aguava,
Aquêlê pedir sem dó
Todo o ser lhe transtornava.

Encostou-se ao ombro dela
O pobre velho cansado,
Chorou o triunfo breve
E o prazer mal rematado,
Não como rei valeroso,
Mas como pai anojado.

El-rei depois mais tranqüilo
Rompeu o silêncio alfi';
E entre aflito e satisfeito
Disse à filha: Seja assi!...
Velhos guerreiros vi eu
Choraram também ali.

Cant'eu perdido entre o vulgo
Não sei que tempo gastei,
Nem sei de mim que fizeram,
Nem tam pouco se chorei;
Foi traça da providência:
Nisto comigo assentei.

Foi Jefté corajoso,
O forte rei de Judá;
Volta coberto de loiros,
Quem primeiro encontrará?
Sente a filha, torce o rosto...
Nada ao triste valerá.

Qual dêstes dois sacrifícios
Soube a Deus mais agradar?
Vai a Hebreia constrangida
Depor o colo no altar,
Vai a cristã jubilosa!
São ambas pera pasmar.

Depois num dia formoso,
Era no mês de janeiro,
Houve uma cena vistosa
Dentro de um pobre mosteiro;
Fundou-o Brites Leitoa,
Dona mui nobre d'Aveiro.

Uma princesa jurada,
Sobrinha d'altos Ifantes,
Filha de reis soberanos,
Senhora das mais pujantes,
Era a primeira figura,
Espantava os circunstantes.

Ali humilde e curvada,
Pesar de todos os seus,
Giolhos sôbre o ladrilho
E as mãos erguidas aos céus,
Ouvi — exígua mortalha
Pedir polo amor de Deus.

Cantemos todos louvores,
Louvores ao Senhor Deus:
Os anjos digam seu nome,
Rostos cobertos com véus;
Leiam-no os homens escrito
No liso campo dos céus.

Bom tempo foi o d'outrora
Quando o reino era cristão,

Quando nas guerras mouriscas
Era o rei nosso pendão,
Quando as donas consumiam
Seus teres em devação.

“Isto escreveu Frei Antão
De vida mui alongada,
Nossa Senhora da Escada
O teve por Capelão.”

GULNARE E MUSTAFÁ

DEUS SENHOR foi quem nos céus
Pendurou milhões de estrêlas,
Foi quem matizou a terra
De froles várias e belas,
Quem ao mar por ser pujante
Areias deu por cancelas.

Mandou mais qu'árvoles fortes
Das sementes germinassem,
Que dessem froles mimosas,
Que perfumes trescalassem,
E mais fêz que em tempo azado
As froles frutificassem.

Pois aquêlo anjo das trevas,
Imigo da humanidade,
Nas árvores pôs carcoma,
Pôs na frol muita ruindade,
Pôs nos céus a nuvem negra,
Pôs no mar a tempestade.

Nem só nas coisas terrenas
Dana, e faz mal o tredor,
A alma também por mil modos
Tenta com jeito e sabor,
Que troca o prazer celeste
Em penas d'eterna dor!

Mas não foi jamais que Deus
Em tal feito consentisse,

Senão porque suas posses
O homem bem claro visse;
Que sem êle fôra o mundo
Maldade só e sandice.

Mal que mal há i na terra
Que não venha pera bem?
Os d'aqui desta amargura
Dão coita, e glória porém;
Dos outros que traz o demo
Deus o remédio lá tem.

Do mal que me foi comigo
Acontecido, al não sei,
Senão que por amor dêle
Muito má vida levei,
Que me dá coita mui grave
Do mal que me comportei.

Como já fiz penitência,
Ora farei confissão;
Tal será, qual foi o escand'lo
De que fui ocasião:
Não me tomem por modelo,
Mas tomem de mi lição.

Não é pera honra minha,
Mas pera honra dos céus,
Que eu direi públicamente
Os feios pecados meus;
Tôda a vergonha foi minha,
Tôda a honra cabe a Deus.

É uso assi na milícia
Celeste, e mais na daqui:
Dá batalha o cabo experto,
Dêsses muitos que há per i;
Tôda a prêsa aos seus concede,
Só loa quer pera si.

A Princesa Dona Joana
Já vive dentro d'Aveiro;
Consigo trouxe os escravos,
Que lhe trouxe o rei fragueiro

O que às terras africanas
Passou, e voltou primeiro.

Vieram aquêles feios
Netos d'Agar, inda mal!
Traçando vastas roupagens
À maneira oriental;
Larga faxa na cintura,
Na faxa largo punhal.

Era pasmo vê-los juntos
Polas ruas passear,
Passo à passo — graves, mudos,
Com doiaros d'espantar,
Profundas rugas na frente.
Rugas de mau meditar.

Levar trás si tanta gente
Nunca a ninguém vi assi;
Nem folias, nem cantares
Vi com tal cauda após si,
Bôdo, nem festa d'orago,
Bufão, e nem bolati'.

Mas quem viu acaso as turbas
Correrem trás algum bem?
Vão tôdas após engodos,
Após maldades também;
Mas seguir a Deus por gôsto
Nem as vi, nem viu ninguém.

Com êstes mouros descritos
Vieram também aquelas
Moiras, filhas da Mourama,
Donas, creio, muito belas;
No trato e no galanteio
Outras que tais Magdanelas

Vinha também a menina,
Aquela moira fatal,
Que nas ruas de Lisboa
Vi no cortejo real:
Cortejo del-rei Afonso
Vi-o eu, só por meu mal!

Quantas coisas que trazia,
Nula rem lhe estava mal;
Diziam que tudo nela
Tinha graça natural,
Era coisa preciosa,
Como coisa oriental.

Aquela abelha sem dardo,
Aquela pomba sem fel
Passava noites inteiras
Tangendo num arrabel,
Coando vivas saudades
Dos lábios, em leite e mel.

E, alta noite, nas trevas
Ouvindo na solidão
Aquêlê triste instrumento,
Al não disseras, senão
Que o mesmo demo voltado
Era naquela feição.

Zagales porém da serra
Mil vêzes, no fim do dia,
Polos montes não buscava
A sua ovelha erradia;
Mas no bordão apoiado,
De si mesmo se esquecia.

Cant'eu vendido e prasmado
De todos e mais de mi,
Mil vêzes fugi da cela,
Té das matinas fugi,
Mil vêzes, durante a noite,
Aquêlê instrumento ouvi.

Mil vêzes!... e não sei como
Isto foi, que o não sentia,
Quando mal me precatava,
Dava comigo que ouvia
Dilatar-se polos vales
Aquela doce harmonia.

Assim todo embevecido
Bons sonhos que então sonhei,
Boas venturas que tive,

Bons cismares que cisme!
Esqueci-me de ser frade!
Como isto foi, já não sei.

E se às vêzes me lembrava
Do juramento que dei,
Do encargo que me tomara,
E das vestes que eu tomei,
Chorava; e não sei bem como
Em pranto não me afundei.

Derramei naquelas brenhas
Cheio d'estranha afoiteza,
Palavras dadas ao vento
Com muito feia crimeza,
Contra mi e contra todos,
Contra tôda a natureza.

Polas serras, polos matos,
Polas voltas dos caminhos
Rojei nas sarças mordentes
E nos cardos montesinhos,
Rasgando os brancos vestidos
Naquelas matas d'espinhos.

E não sei, oh! não sei como
Todo eu não fiquei ali,
Como eu que por tantas vêzes
Rosto nas rochas feri,
Não perdi o ser de todo,
Nem siquer ensandeci.

Então ao Senhor clamava:
"Cegueira, Senhor, me dás!
Cinge-me os rins larga zona
De ferro, e bem me não traz;
Trago cilícios mordentes,
Usando burel mordaz.

"Abro e vejo o livro santo,
E vejo que não sei ler!
Aquêles santos dictames
Já nos não sei compr'ender;
Enôjo ocupa minha alma,
Hei pavor de me perder!"

Donde pois me vinha a mi
No próprio bem ver o mal?
Conheci no meu exemplo,
Que m'era do ser fatal:
Senhor, teu santo remédio
É triaga cordial.

Bem como o ferro na frágoa,
No sofrer a alma se apura,
Assi que disse eu comigo
Que a triaga também cura,
Quanto mais amarga e punge,
Poder de sua amargura.

Aquela negra peçonha
Lavrando foi pouco e pouco;
Roía coita d'amôres
Miolo cavado e ôco,
Já era o mal dentro d'alma,
E eu dêle rendido e louco.

Diziam meus bentos Padres:
"Que é feito de Frei Antão?
Negra dor o tem por certo,
Negra dor de coração:
O demo o fêz, porque visse
Turbada tal perfeição.

"Parece já de esquecido
Que nem de si tem lembrança!
A tábua se achega apenas,
Não toma a sua pitança;
Té nos ofícios divinos
Perdeu a sua trigança.

"Sai à noite muitas vêzes,
Diz o bom do Guardião:
Sair à noite, à desoras,
Certo não é devoção:
Que faz de noite nas ruas
Um padre, ou frade ou cristão?"

Com tudo alguns dos mais velhos
Diziam: "Que há i de mal?"
O quer que é que o perturba,
Coisa não é natural:
Deve ser condão divino
Ou graça celestial!

"Pois um santo como aquê!e!
Quem é que o há de tentar?"
Eis senão quando começa
Voz, não sei donde, a zoar
Que Frei Antão já não sabe
No seu rosairo rezar!

E o caso foi que um noviço
Tirou-mo só de matreiro,
Tendo-o fechado consigo
Por novena ou mês inteiro;
E eu doutro me não provera,
Sendo que tinha dinheiro!

Todolos meus defensores
Voltaram-se contra mi;
Diziam que era mal feito
Um santo mentir assi:
Seja-me Deus testemunha,
Nem santo sou, nem menti.

Logo em Comunidade
Propôs-me o Provincial:
"Dizei *peccavi*, meu Padre,
Que vos havedes tão mal,
Que não rezades as rosas
Da virgem celestial!"

Ouvido que foi por mi
Tão solene mandamento,
À mi, que primara sempre
Adentro do meu convento,
Não sei que pejo maldito
Acorreu-me ao pensamento.

Não era feio o pecado,
Mas confessá-lo; e assi
Fiquei de pavor transido,
Mal que tal preceito ouvi:

Homem não era de carne,
Montanha de pedra — si.

Torvado, calado e mudo
Nada não soube dizer;
Nem confessar meu pecado,
Nem ao menos responder:
Ficaram como suspensos
Os que eram ali a ver.

O grave Provincial
Rompe o silêncio, e “Azinha
Trazei, disse êle, o hissope,
Mais a benta caldeirinha;
Ver demo em corpo de frade
Coisa não é comezinha!”

Corre afanado o Sacrista
Pera a sua sacristia;
Traz prestes a caldeirinha
Banhada inteira na pia;
Rezava mil rezas suas,
Mil esconjuros dizia.

Do Sacrista amedrontado
Recebe o Provincial
O hissope todo molhado,
Dizendo sacerdotal:
“Fugide, partes adversas,
Demônio, espírito do mal.

“E mais deixa a criatura
Por amor de quem Jesus
Sofreu marteiro afrontoso,
E morte vil numa cruz;
Em nome do Padre e Filho
E Espírito, que sempre luz!”

Ouvido aquêle exorcismo,
Cego de tôda a razão,
Larguei-me do refeitório,
Fugindo como um ladrão:
Clamaram todos em grita:
“Chantou-se nêle o Legião!”

Enfiei os claustros todos,
Passei pola portaria,
Achei-me em logar, de noite,
Que eu mesmo não conhecia:
Os sons do arrabel mourisco
Sòmente dali se ouvia.

No entanto os Padres prudentes
Discursavam entre si,
Diziam dos esconjuros
Que mal cabiam em mi,
Que era grande sacrilégio
Usarem comigo assi.

Ai! sacrílego era o homem
Que ao inferno se vendia,
Era o cristão que adorava
As filhas da idolatria,
Que dentro em si tinha o Demo,
E o Demo em si não sentia;

Era o Padre que trocara
O amor de seu Senhor
Por amor duma Donzela,
Filha daquele impostor,
Mafoma, falso profeta,
Mafoma, judeu tredor!

A princesa Dona Joana
Mandou ao nosso Convento:
Qu'eu prestes vá ter com ela
Manda por seu mandamento;
Não quer demora, nem falta,
Negócio diz de momento.

Qual seja o negócio urgente
Não mo diz a mensageira:
Não sabe coisa de certo,
Não dirá coisa certa:
O hábito à pressa enfio,
Tomando-lhe a dianteira.

E logo, chamada à grade,
Veio a Princesa real:
"Meu Padre, disse-me entonces,
É fora do natural
Qu'eu tenha escravos, e mouros,
Rainha de Portugal.

"Ide vós porém chamá-los
Pera o rebanho cristão;
Casade-os vós muito embora,
Que bem daí haverão:
Eu lhes darei corpo livre,
Deus Senhor a salvação."

Siquer uma só palavra
Não tive naquele ensejo,
Sustou-ma já na garganta
Não sei que mesquinho pejo;
Por confessar meu pecado
Em vão trabalho e forcejo.

Vergonha foi o que eu tive,
Vergonha que todos têm;
Último fruto colhido
Naqueles jardins do Eden;
O Demo o tocou primeiro:
Todo o seu mal daí vem!

Como está no fundo lago
O verde limo acamado,
Assi deitado e mimoso
Brilha lustre aveludado;
Tal é aquela vergonha,
Que vem após o pecado.

Mas remexei nas raízes
Do limo que é tão viçoso,
E vereis como se prendem
No fundo impuro e lodoso:
Ali com elas se abraça
O feio verme asqueroso!

Ali mil serpes ocultas
Vivem, cruzando laçadas,

Muitos sapos bufadores,
Muitas rãs esverdinhas;
Umás coisas de má sina,
Outras coisas mal fadadas.

É fôrça falar a moira!
Disse comigo, e assi
Andava curtas passadas
Por não chegar; ai de mi!
Tem têrmo tôda a jornada,
Cheguei! por que não morri?

Já daqueles outros mouros,
Tão feros, não se me dava
Mas de suor de maleitas
O corpo se me banhava,
Quando daquela menina
Moirisca, me recordava.

Lançado em covil de feras
Foi o santo Daniel,
Fui eu no covil lançado
Daquela gente infiel;
Era êle esperto em tais lutas,
Eu em tais lutas novel.

Entrei no quarto da moira
Leixando a mais gente vil,
Ardia doce perfume
Em transparente viril;
Sôbre um bofete lavrado
Vi um lavrado gomil.

Tinha o quarto uma só porta
Que um reposteiro cobria,
E um pano de sêda verde
Sôbre a estreita gelosia,
E mais um denso tapête,
Que o som dos passos comia.

Trazia a moira mimosa
Vestes de branco cetim
Entreteladas parece
De coisa de bocachim,

E umas largas pantalonas,
Respirando benjoim.

Trazia um jubão mui justo
De sêda azul anilado,
Com longas mangas perdidas,
De carmim todo forrado,
Como se fôra um alfange,
Na cintura recurvado.

Coifa branca auribordada
A negra coma apertava;
Que doces anéis brincados
A negra coma formava,
Quando por vêzes no colo
De neve — se debruçava!

Sob as largas pantalonas
Um pèzinho delicado
Saía nuzinho e belo,
Mimoso e branco e nevado;
Em chapins dos mais pequenos
Parecia andar folgado.

Em cada um dos seus dedinhos
Trazia a moira um anel;
Meio deitada, à desleixo,
Tangia no arrabel;
Tangia-o com tanta graça,
Nem que fôra um menestrel.

A letra que ela cantava
Era de língua algemia;
Era qual trinar das aves
As notas em que gemia
Saudades de longes terras
Em peregrina harmonia!

Era menina e formosa,
Nunca lhe vi sua igual!
Coisa assim tam primorosa
E tanto celestial,
Ou era filha dos anjos,
Ou filha do pai do mal.

Deus Senhor, entre luzeiros,
E o Demo em sua cegueira,
Fazem quase as mesmas coisas
Mas por diversa maneira;
O Demo como quem é,
Deus como luz verdadeira.

Pois êste pôs a virtude
Entre aflições dolorosas,
Qual frol de rosa entre espinhos;
Em ledices enganosas
Pôs o Demo o seu pecado,
Qual feia serpe entre rosas.

Quando o sol mais se abaixava,
Tanto mais alto gemia
Aquela moira mimosa,
Que as suas mágoas carpia:
É hora que espalha enlevos
A hora do fim do dia!

O pássaro então das ramas,
Louvor a nosso Senhor!
Último vôo desprega
E um doce grito de amor;
Nas penas esconde o bico,
Nem teme o visgo tredor.

As froles do sol viúvas
Definham, só de tristura;
O mar soluçando geme,
Mais alto a fonte murmura,
Reina o silêncio que fala,
Bafeja a doce frescura.

“Viste vós meu bem-amado,
(Dizia a filha d’Alá)
“Vistes vós meu bem-amado,
“O meu senhor Mustafá?
“Se o vistes, dizei-me onde!
“Por alma vossa, onde está?

“A noite o deixou fechado
“Portas a dentro do harém:

"Sorvia aquêles perfumes,
"Que lá d'Arábia nos vem;
"Trajava os reais vestidos,
"Que lhe caíam tão bem.

"Já era sobremanhã
"Quando de mi se apartou;
"Seu negro corcel d'Arábia
"Dum pulo só cavalgou,
"E o sol que vinha raiando
"Lá na montanha o topou.

"Viu dali seus bons guerreiros,
"Em alas prontos estão;
"De frente mal enxergava
"O trôço do rei cristão;
"Disse o crente musulmano:
"Alá mos trouxe, meus são!

"Alá! lhes grita o guerreiro,
"Respondem-lhe os seus: Alá!
"Gritam Cristãos: Sam Tiago!
"E o meu senhor Mustafá
"Desceu então da montanha,
"Que nunca mais subirá.

"Desceu êle da montanha
"Qual rocha descomunal,
"D'agudo cimo tombando,
"Arrasando o pinheiral;
"Mas a rocha em fundo vale
"Faz-se pedaços, em mal!

"Desceu êle ao fundo vale,
"Como o tufão queimador;
"Polos cristãos inimigos
"Cortou sem pena e sem dor;
"Raio d'esfôrço na guerra
"Foi Mustafá, meu Senhor!

"Mas o vento do deserto
"Depois de medas formar
"Das areias que aglomera,
"Onde é que vai acabar?
"Mafoma e Alá que mo digam,
"Que eu não sei senão chorar!

"Alá quebrou teu orgulho,
 "Meu bom senhor Mustafá!
 "Alá quebrou teu orgulho,
 "Mas quando se acabará
 "Vida que vives de escravo,
 "Vida que levas tam má?

"Doces Huris do Profeta,
 "Lá do palácio de Alá,
 "Olhavam cá pera baixo
 "Só pera ver Mustafá!
 "Guerreiro não foi como êle,
 "Como êle ninguém será.

"De ser êle o meu amado,
 "Ai que já fui bem feliz!
 "De ser êle o meu amado
 "Tinham-me inveja as huris:
 "Ora não há quem m'inveja!
 "Foi Alá que assim o quis.

"Ora não há quem m'inveja!
 "Tenho no peito aflição;
 "Escrava sou dum escravo,
 "Escravo dum vil cristão!
 "Mesquinha, que ainda o amo;
 "Trago-o aqui no coração!"

Então pera junto dela
 Cheguei-me sem ser sentido;
 Falei-lhe em som cavernoso,
 Medonho e baixo no ouvido:
 ; Por que assi amas o escravo?
 Disse eu, do meu mal vencido.

Foi certo o espirito malvado
 Quem pera ali me arrastou,
 Quem nos meus castos ouvidos
 Palavras tais derramou,
 Quem aos pés da môça moira
 O velho padre acurvou.

Era êle quem nos meus ombros
 Pesava co'o pêso seu,

Quando a moira espavorida
Do vasto leito se ergueu:
Vendo-me ali de gíolhos,
Baixou de medrosa o véu.

O véu baixou de corrida,
Mas antes seus olhos vi;
Aquêles olhos fermosos
Lavar-me o rosto senti,
Tocar-me no fundo d'alma,
Tirar-me todo de mi.

Luz que vi daqueles olhos!
Ora bem se me afigura
A lua rasgando as trevas
Em meio de noite escura:
Vi Diana, a caçadora,
Naquela hardida postura.

Mas a moira de repente
Um grito franzino dá!
De mi se parte voando,
; Senhor Deus, o que será?
Volto prestes a cabeça...
Vejo o mouro Mustafá!

Em roda do seu pescoço
A moira os braços prendeu;
Arfa-lhe o peito açodado;
Pera trás roja o seu véu,
Of'rece o rosto mimoso
Aos beijos daquele incréu!

Era assi qual amorosa
Hera que um robre vingou;
Ligou-se estreita com êle,
Do tope se debruçou,
Fôlha meteu pelas fôlhas,
Vida com vida casou.

"Gulnare, disse-lhe o mouro,
Gulnare, meu doce amor,
Melhor que a rosa da Pérsia,
Que arábio incenso melhor,

Frol dos jardins do profeta,
Que dás mate a minha dor!"

Responde a moira mimosa:
"Dizes bem, meu Mustafá;
O fogo chegou-se ao incenso,
O incenso eflúvios dará;
O sol cintila na rosa,
A rosa ressurgirá."

Abelha, tornou-lhe o mouro,
Que sussurras de agastada;
Herva, que as fôlhas constringes,
De estranho corpo tocada;
Quem tocou na minha abelha,
Quem na herva delicada?

Ela entonces de malquista
Deu-lhe d'olhos pera mi;
Santo Jesus! em que apertos
Naquele ensejo me vi,
Prendera-me fôrça oculta,
Foi porém que não fugi!

Trazia o moiro atrevido
Adaga no boldrié;
Deixar a moiros com armas,
Gente de baixa ralé,
Em que escravos de Princesa,
É certo estranha mercê!

A mão no punho da adaga,
A passo, vem sôbre mi;
Trinca as pontas do bigode,
Quais cerdas de javali;
A barba toda se erriça,
Que feio rosto lhe vi!

Os olhos que me lançou,
Jamais não vi seus iguais;
Deviam ser puro fogo,
Senão faíscas fatais
Daquele sol do deserto,
Que abrasa e funde areias.

Negros olhos de pantera,
Luzindo em feia spelunca;
Olhos, que o giro do sangue
Nas veias demora e trunca;
Olhos cheios de carniça,
E dela não fartos nunca.

A mi chegou-se, inquirindo,
“Que vieste aqui fazer?”
Fiquei deslogo tremendo,
Sem lhe poder responder:
“Senhor, . . . em nome do céu! . . .”
Disse eu; que havia dizer?

“Em nome das três pessoas
“Da trindade, em uma só,
“Eu vos rogo, senhor mouro,
“Que siquer tenhades dó
“Da alma vossa arriscada,
“Já não do corpo, que é pó.”

Naquele ensejo apertado
De santo ardil me vali;
Lembrou-mo o exemplo sagrado
Da forte hebréa Judit!
Ser isso influxo divino
Sabendo fiquei dali.

Tornou-me o mouro descrido:
“E a mi que m'importa mais
“Que viver entre valentes,
“Em gozos celestiais,
“Entre jardins prazenteiros,
“Entre fagueiros rosais?

“Tu me falas dos teus Deuses!
“Há outros sem ser Alá?
“Alá, que o vôo dirige
“Do benfazejo catá!
“Cristão, dos teus falsos Deuses
“Bem pouco a mi se me dá.

"Digo-te eu, que eles não podem,
"Mais que digas que são trinos,
"Suster no ar do profeta
"Os santos restos divinos,
"Que a Meca chamam por ano
"Milhares de peregrinos."

Ouvindo aquelas blasfêmias,
Senti arrôjo dos céus;
Ia falar, mas o mouro
Tornou-me: "Só Deus é Deus,
"E Mafoma o seu Profeta,
"Em que pêsse isto aos incrêus!

"O que penso, sem resguardo
"Dir-to-ei, cristão, alfim;
"Não usa como vós outros,
"Maometano Muezim,
"Não vai à casa dos crentes,
"Não leva tenção ruim.

"Não roja, não, de gíolhos
"Aos pés de cristã donzela;
"Mas lá dentro da Mesquita
"Vive sempre e sempre vela,
"Ou do alto minarete
"À prece os crentes apela.

"Portas à dentro do templo,
"Imagem da crença pura:
"Do alto do minarete,
"A imagem d'Alá figura,
"Bradando incessante e sempre
"Aos homens, daquela altura."

"É assi entre vós outros,
"Tornei-lhe, que entre nós não.
"Queremos em cada casa
"Um templo de devação,
"Em cada peito um sacrário,
"Um padre em cada cristão."

Sobreteve mudo e quêdo,
E como que refletia
O moiro, que me parece
A graça já pressentia;
A graça que o céu nos manda,
Como orvalho em noite fria.

Mas não era inda chegado
Aquêlo ensejo feliz,
Que passado curto prazo,
Severo o moiro me diz:
“O que Deus faz é bem feito:
“Mouro nasci, não me fiz!

“Deixemos pois tal assunto,
“Dêle não quero tratar;
“Ou antes dizei, bom Padre,
“Qu’ides carreira tomar,
“Adotando novo ensino,
“Novo modo de pregar.

“Andai por essas estradas
“E dizei à vossa gente:
“A vós que mal vos hão feito
“Os homens lá do oriente,
“Que vos livraram dos godos,
“E do servir inclemente?

“As vossas artes que tendes
“Cujo as havedes? — de quem?
“Donde vêm às vossas terras
“Campos de lavra que têm,
“E as tórres acasteladas,
“E as mesquitas, donde vêm?

“Quem nos vossos negros montes
“As alcáçovas plantou,
“Como cândido turbante,
“Que na frente se enrolou
“De um homem da côr da noite,
“Que a Núbia ardente engendrou?

“Ou s'isto melhor te praz:
“São obras de reis pujantes,
“Tendas ricas e pomposas
“No dorso dos elefantes;
“C'roas de pedra lavrada
“Na frente d'altos gigantes.”

Êstes mouros na verdade
Qu'esprito e graça que têm?
Quando voz dizem mentiras,
Sabem dizê-las tão bem,
Que havemos de perdoar-lhes,
E em cima querer-lhes bem.

Mas andam tanto enfrascados
No seu maldito alcorão,
Que era de ser o primeiro
A sofrer condenação
Naquele santo concílio,
Honra do nome cristão.

Se dalgo me pêsa a mi,
É só polos não ver mais:
Faziam pronta justiça
Dêstes e doutros que tais:
Ardiam com seus autores
Em bons aplausos gerais.

Se dêles houvesse agora,
De que pró nos não seria?
Vive tal livro entre gabos,
Que ali no fogo arderia,
Com pasmo de seus autores,
Que os têm por coisa mui pia.

E doutros que só por artes
Fruem da voga que têm,
Que não sei onde é seu preço,
Nem donde apreço lhe vem,
Senão por vias ocultas,
Que as não descobre ninguém!

Mas deixemos estas coisas,
Que não são de boa avença!
O livro que eu reprovava
Por muito justa sentença

Trouxera-me coita grave,
Com mais grave malquerença.

Deixemos pois estas coisas;
Bem qu'eu não saiba falar,
Senão com longos rodeios:
(Vem-me o sestro de pregar)
Quando me julgo no cabo,
Mais longe estou de acabar.

“Mouro, naquela batalha,
“Dise eu, ouvidos me dá,
“Quando o reino teu perdeste,
“Não chamaste por Alá?
“Não te ouviu! — chama por Cristo,
“E Cristo, Deus, te ouvirá.

“Vás as terras da Moirama,
“Ou fiques em Portugal,
“Senhor serás do teu corpo,
“Vida terás natural:
“Vê se Gulnare formosa
“O teu profeta não val!

“A moira que não foi feita
“Pera servir a senhor,
“Que de bela e de mimosa,
“Parece que o mesmo amor
“O corpo tem de quebrar-lhe,
“E de apagar-lhe o candor.

“A moira doce nascida,
“Doce creada; perol
“Que só sabe apavonar-se
“Da manhã polo arrebol,
“Não nos jardins destas partes,
“Mas onde mais queima o sol.

“A moira bela e mimosa!
“Avezinha pipitante,
“Qu'ama ar puro, espaço livre,
“E céu de côr deslumbrante,
“Que o vôo fugaz desprega,
“Quando o sol é mais brilhante!

“Ai! não guardes a avezinha
“Dentro de estreita prisão,
“Não mudes a frol mimosa,
“Que bem está no seu torrão:
“Vai às terras da Moirama;
“Se queres ir, sê cristão.”

Uma lágrima brilhante,
Como que a furto luzia
Nos olhos da môça moira
Que o môço moiro cingia;
Em que nada lhe dissesse,
Muitas coisas lhe pedia.

Em que algo não lhe escutasse,
O mouro bem compr'endia
Que mudas falas falava
O pranto que ela vertia:
Saudades eram da Patria,
Que o mouro em sonhos só via.

Como havia resistir-lhe,
Se ela pedia chorando;
Se o mal porque ela passava,
Também 'stava êle passando;
Se o mal porque ela passava,
Lhe estava dentro falando?

Mas quando os vi abraçados
E aquêle amor entendi,
Do efeito das minhas vozes
Eu mesmo me arrependi;
Cravei as unhas no peito,
Pesar de morte senti.

Té cheguei a ter desejos
De ouvir-lhes um não revel,
E que então a môça moira,
E mais o mouro donzel
Parassem no fundo inferno,
Provassem, como eu, seu fel.

Mas num coração sincero
Que poder que o pranto tem,
Quando no peito o sentimos,
Quando de uns olhos nos vem,

Que fôra morrer por êles
Prazer e mui grande bem!

Pedido tam gracioso
O mouro agreste rendeu;
De leixar o seu Mafoma
Logo desli prometeu,
Deixando a avença do Demo,
E os ritos do culto seu!

Já me não sinto enleiado
Se o padre Adão manducou
Aquêlê fruto do Eden;
Foi Eva quem lho ofertou,
Eva, mulher e sôzinha,
A qu'êlê primeiro amou.

Mas quem tem visto mulheres,
E tem a sua mulher,
Ceder-lhe do seu proposto
Por mero condescender!
Se não é coisa do Demo,
Não sinto o que possa ser.

Mais fêz mais a linda moira!
Que sem me fazer pedido,
Entendi que por amôres
Não devia andar perdido;
Quando por outro era amada,
Por outro dela querido.

Um pobre frade coitado
Bem sabe que nada tem
Nesta vida mal passada,
Onde quitou todo o bem;
Ninguém que vele por êle,
Sôbre quem vele — ninguém!

Curar da mai enfermada
Bem pode o homem segral;
Há sempre casta donzela,
Que se doa do seu mal:
O frade só, despojado
Vive do fôro humanal.

Viveram aquêles mouros
Depois desta ocasião,
Muitos anos bem logrados,
Em amor e devação;
Louvor ao santo batismo!
Louvor ao nome cristão!

Mas quando foi que nos veio
Aquela peste primeira,
Seta que o alvo atingia
De bem talhada e certa,
Chegou ao cristão novato
Hora vital derradeira.

E a moira por êste evento,
Cheia de muita aflição,
Recolheu-se irmã noviça
No convento d'Azeitão,
Onde viveu muitos anos
Em aturada oração.

Madres d'aquêle convento
Dizem que a viram rezar,
Em êxtasis jubilosas,
Suspensa, erguida no ar;
Favor do espôso divino,
Milagres do muito amar!

Ouvindo aquêles extremos,
Comigo logo assentei
Que eu fôra um pastor perdido,
Que nas sombras divaguei,
Té qu'uma ovelha esgarrada,
Mercê de Deus, encontrei!

E a moira que eu tanto amara,
Desli se me figurou
Cândida lã d'ovelinha,
Que a sarça agreste cardou;
Ficou na sarça prendida,
Ao vento se meneou.

E alguém que ali divagava,
Felpas da lã recolheu,
Bateu-as na fonte pura,

E em branca tela as teceu;
Depois no altar consagrado
Ao Senhor Deus of'receu.

A mão de Deus poderoso
Bem claro se vê então,
Quando o torpe ismaelita
Faz-se devoto cristão:
Só êle um bom diamante
Pode fazer do carvão.

Mudar o vício em virtude,
E a fraqueza em valor,
E o calor em frescura,
E a frescura em calor,
E tudo assi por davante,
Só êle, que é Deus Senhor.

Louvor a Deus nas alturas!
E aos homens de bom talante
Na terra paz e ventura;
Paz e ventura constante,
Senão na vida que passa,
Na vida que sempre dura.

SOLAU
DO SENHOR REI DOM JOÃO

ORA POIS DIREI um feito
Do senhor rei Dom João,
Segundo que foi do nome,
Primeiro na devação,
Primeiro mais que o primeiro,
Mais que nenhum rei cristão.

Nem sempre rezar no côro,
Nem sempre velar convém;
É mister algum descanso,
Alguma folga também,
Entre o labor já passado
E o novo, que perto vem.

Ao duro mal que passamos
Algum remédio é mister:
E se a nenhum conhecemos,
Que mais nos há de valer
Que recordar o passado
E contos dêle fazer?

É assi que no mar alto
O cansado mareante
Luta em vão contra a tormenta
E contra o vento inconstante;
Negras vagas se encapelam,
Negra morte tem diante.

Quando naquele deserto
Lânguidos olhos estende,
Vê mar que ferve revôlto
E chuva que do céu pende:
Como deixou seu alvergue,
O triste não compreende!

Sembram-lhe então formidáveis
Os p'rigos que êle afrontou:
Figura risonhos quadros
Dos gozos que já gozou,
Do que na terra o convida,
Dos que na terra deixou.

Do que outrora foi passado
E mais do que vai passando,
Medonho e mau paralelo
Vai o mesquinho traçando;
Dor de espinhos penetrantes
O peito lhe está varando.

Dias lembrar já passados
E já passada ventura,
Quando o viver é tormento,
Tormento que sempre dura,
É certo desdita grande
E muito grande amargura.

Mas vêde o que val a vida!
É aquela aventurada,

Se dizemos verdadeiros:
Houve um dia, uma hora, um nada,
Não do pesar combatida,
Mas do prazer bafejada.

Simelha quem pola calma
O dia inteiro vagou,
Depois no marco da estrada
Cansado e triste quedou:
Ali tesouro sem dono,
Ventura sua, encontrou.

Era na santa semana,
Semana de devação!
Com jejuns e penitências
Apresta-se o bom cristão
Pera os mistérios mais altos
Da mais alta religião.

Quantas coisas que nos falam
Naquele passo sagrado
Daquele homem divino,
Daquele Deus humanado,
Que por amor de seus filhos,
Ingratos, foi maltratado!

Não foi por ódio ou vingança,
Mas por dinheiro traído!
Por um homem refalsado,
Por um discip'lo querido;
Traído por meio infame!...
Um falso beijo vendido!

Foi mister por mor tormento,
Que morresse polos seus!
Entregue por um eleito
Nas garras dos Fariseus,
Homem morreu polos homens,
Morreu judeu por judeus.

C'roou a fronte sagrada
C'roa d'espinhos tecida,
Correram dados infames
Em tábua vil, denegrada;

Em hástea foi rematada
Túnica em sangue tingida.

Tormentos, baldões e mofa
Quem mais do qu'êlesofreu?
Quem mais comprido marteiro,
Quem mais afronta e labéu?
Tal foi que o homem divino
O rosto ao cálix torceu.

Tal foi que o Deus humanado.
Disse ao Deus, que era seu pai:
"Senhor Deus, s'inda é possível,
Do vosso intento tornai;
Êste cálix de amargura
Dos lábios meus afastai!"

Carpindo males alheios,
Quantos não vemos per i,
Que nem siquer se recordam
De quanto sofreu por si,
Um Deus na cruz afixado,
Mil dores sofrendo ali!

Ante esta vítima augusta
Da mais feroz crueldade,
Cala quanto o homem sofre,
Quanto sofre a humanidade:
Tormento não foi como êle,
Não foi como ela impiedade.

E contudo alguns incréus
E refalsados ateus,
Guardam-nas êxtasis tôdas
E mais os transportes seus,
Pera Sócrates que morre,
Que não pola dor de um Deus!

E não vê a cega gente,
Imiga de tôda luz,
Que longe que vai do Grego
Ao Nazareno Jesus,
E da masmorra ao calvário,
E da cicuta a uma cruz!

E aos efeitos da morte
Não atenderam também:
Se emparelhamos ideas
Às coisas que corpo tem;
Entre êles vai mor distância,
Que vai da Grécia à Belém.

Morre o Grego, e não dá frutos;
Morre Jesus por nos dar
A lei do céu pera a terra;
Lei que só pôde lavar
O sangue do bom cordeiro
Dos falsos Deuses no altar.

Vivem algôzes daquele,
E uns homens apenas são;
Em quanto os algôzes dêste,
Em que povo de eleição,
Sumiram-se, como argueiro
Nas asas d'um furacão.

Era na santa semana,
Semana de devação:
Consigo mesmo propunha
O senhor rei Dom João:
"Confessarei minhas culpas,
Que além de rei, sou cristão.

"Ao Senhor, pai de nós todos,
Meus erros confessarei;
Que me dê fôrça indomável
Pera guardar minha lei,
Pera punir os culpados;
Que além de cristão, sou rei."

Asinha chamando um pajem
Lhe diz, e lhe ordena assi:
"Ide aos Padres Domínicos
(Melhor lhes quero que a mi),
Dir-lhes-eis que sou lá prestes,
Que vou comungar ali."

Veio logo o mensageiro
Com a mensagem real;
Recado qu'el-rei lhe dera,
Dá êle ao Provincial.
"É certo mercê mui grande,
Responde, — tenho-a por tal."

Ao padre Thomás da Costa
Chama numa Ave-Maria;
Sabia o bom do Prelado
O muito qu'el-rei lhe qu'ria;
De tam lisonjeiro acêrto
Consigo mesmo sorria.

Demais que o bom do Prelado
Dizia com bem justeza;
"Prazer aos Reis cá da terra,
Não é nenhuma vileza;
Praz a Deus que lhes prazamos,
Pois vem dêle a realeza."

Apresta-se com trigança
Tudo quanto era mister:
Sabia o Padre Tomás
Encargos do seu dever;
"Vergar colossos, dizia,
Quem tem posses de o poder?

"Sob as mãos do jardineiro
Torto arbusto lá se ajeita;
Mas onde existe essa fôrça
Que um rudo tronco sujeita,
Se a fôrça é balda no tronco,
Se o tronco a fôrça rejeita?

"Em bem do pastor sagrado,
Que por mercê divinal
Vive no êrmo escondido,
Como um singelo zagal;
Cura pastor de pastôres,
Não de pessoa real.

"É fácil o seu encargo,
Pejo, nem dor lhe não traz;
Não é assi nos palácios,
Onde só vejo disfraz:

Vêm logo as razões de estado,
Inventos de Satanás.

“Vêm logo as leis cá da terra
Contrapor-se às leis dos céus:
Sêde cristãos, reis senhores,
Ou então de todo incréus!
Leis dos homens não se casam,
Não seguem às leis de Deus.

“Não ligueis num só consórcio
Terra feia e céu luzente:
Leis da terra a terra buscam,
Como a raiz da semente;
Leis do céu os céus procuram,
Como flor que o sol presente.”

Era ali na pedra rasa
O senhor rei Dom João;
Ante o velho sacerdote
Fazia a sua oração,
As mãos em cruz sôbre o peito,
Giolhos postos no chão.

Armas que sempre cingia,
Todalas tinha despido;
Não tinha sêdas, nem jóias,
Mas peito d' aço batido:
Era qual homem vivente
Em férrea prisão metido.

Curva-se um rei poderoso
Perante um homem de pé;
Perante um Padre coitado,
Que nada tem, nada é:
Lição profunda e subida
Preceitos da nossa fé!

Portas à dentro do templo,
Onde Deus eterno habita,
Onde aquêle amor sem zelos
Sòmente os peitos agita,
Nas diferenças do mundo
Fiel cristão não cogita.

Foi assi na antiga Roma
Polas festas saturnais,
Folgavam, senhor e servo,
Como se foram iguais;
Mas o que lá foi licença,
Aqui são leis divinais:

Aqui são todos curvados,
Todos — o servo, o senhor;
Aquêles que a vida fruem,
E aquêles que só tem dor;
Pobres, que almejam a morte,
Ricos, que à morte hão pavor.

Nem é por vil comezaina,
Que ali reunidos estão;
Mas sim, porque a Deus importa
Que não haja distinção
Entre irmãos, no pátrio abrigo,
Rezando a mesma oração.

Sobe assi aquela prece
Da multidão apinhada,
Qual lisonjeiro perfume
Das flôres d'uma grinalda;
Tem uma odor, outra espinhos,
Outras tem côr, outras nada.

Era ali na pedra rasa
O senhor rei Dom João;
Já disse as culpas que tinha,
Já fêz a sua oração:
O Padre vai ministrar-lhe
A hóstia da comunhão.

Tem no rosto grave e sério
Expressão nobre e subida;
Maneiras cheias de brio
Em postura comedida,
Parece que vão mostrando
Quanto val o pão da vida.

Parece que mostra, quanto
Por vil e baixo se tem,
Merecendo honra tamanha,
Que a não merece ninguém;

Daí lhe vem ser humilde,
Nobreza daí lhe vem.

Perfez-se o rito sagrado,
Vai ser dado o sacramento,
Principia el-rei — *confiteor*, —
Quando naquele momento
Surge ao pé dêle um guerreiro
De marcial hardimento.

Tinha feroz catadura,
Só aço e ferro vestia;
Polas grades da viseira
Raios de luz despedia:
Medonho e fero aparato
Nas sombras da sacristia.

Era o rei brioso e forte,
Homem de muito valor,
Mas olhos lançou à espada
A furto!... seja o que fôr,
Não creio que homens d'aqueles
Possam jamais ter pavor.

Em voz carregada e forte
Assi começa o guerreiro:
“Em nome do Senhor Deus,
Meu Padre, aqui vos requeiro;
O senhor rei não comungue,
Pois que não é justiceiro.”

A hóstia das mãos do Padre
Caiu do cálix no fundo;
El-rei carrega os sobr'olhos...
Certo não era jocundo
Afrontar de rosto a rosto
As sanhas de João segundo.

Era então fresca a memória
De um caso mau, miserando:
De noite se ergueu a fôrca;
Mas quando o sol foi raiando,
Não viu ninguém mais a fôrca,
Nem mais ao duque Fernando!

Contudo o bravo guerreiro
Sanhas do rei não quis ver;

Não há que lhe ponha embargos,
Nem que lhe possa empecer:
“Senhor, sou Padre Tavares!”
Fita-o el-rei sem querer.

Depois lhe diz (que tal nome
Quebrara a fúria real):
“Em bem, meu bravo guerreiro!
Mas êsse trem, de que val?
Somos em terras d’Espanha,
Ou somos em Portugal?”

— “Senhor, não uso brocados:
Vêdes-me assi, e é razão,
Que havedes os meus haveres
Sem me deixardes, senão
Armas comidas no peito,
Armas gastadas na mão.

“Fui ter ao vosso palácio,
Ninguém me não conheceu;
Quantos ali são convosco,
Eu vos direi, senhor meu:
Nunca os eu vi nos combates,
Nunca na guerra os vi eu!

“Voltei d’ali, protestando
Jamais não voltar ali;
Conheceis as minhas armas,
Se não conheceis a mi;
Vesti-me a modo de guerra,
Vim ter convosco, — eis-me aqui!

“As minhas alcaidarias
De Port’alegre e Assumar,
Senhor rei, vós mas tirastes,
O que se chama tirar;
Ficavam perto da raiva,
Mau azo de guerrear.

“Das minhas alcaidarias
Eu tinha as rendas reais;
As guerras já são passadas,
Por que ora mas não tornais?
Mal cabe em reis a cubiça,
Senhor, se mas cubiçais.

“Nem porque o velho guerreiro
Já nada vos presta e val,
Vos deveis portar com êle,
Qual dono pouco leal,
Que o seu corcel de batalha
Despreza no almargeal.

“Assi que, Senhor, vos digo
Que vos não peço mercê;
Aquilo que me é devido,
Só peço que se me dê! —”
Prouve ao rei aquêles ditos
E mais o jeito que vê.

Depois a mão estendendo
Ao seu leal lidador:
“Nós vos faremos justiça,
Assi como justo fôr;
Tendes a nossa palavra,
Seja-vos ela penhor!”

Alegre o Padre Tomás
O seu mister rematou;
Hóstia tomada do cálix
Aos lábios do rei chegou,
El-rei dum copo doirado
Um gole d'água tomou.

Mimoso tempo d'outrora
Qual nunca mais o verei,
Nem tam inteiros sujeitos,
Um ao outro dando a lei:
No Paço o rei ao vassalo,
Na Igreja o vassalo ao rei!

SOLAU
DE GONÇALO HERMIGUES

NÃO HÁ MAIS daquele tempo,
Em que era tudo lhaneza!
Ações e vida e costumes
Desta gente portuguesa,

Por tal jeito se trocaram,
Que é hoje tudo impureza.

Não trato dêste ou daquele,
Pois há em tudo exeições;
Mas trato da grande lepra
Que vejo i nos corações:
Desprêzo do amor da glória
E apêgo às ruins tenções.

Outrora, sabeis vós como
Garboso Donzel se havia
Por captar nobres extremos
Da môça que requeria,
Sempre grave, honesto e brando,
Sempre usando cortesia?

Não trescalava pivetes,
Fitas, nem laços comprava,
Nem tôda a manhã divina
Seus enfeites concertava,
Nem nos chapins se revia,
Nem nos cabelos primava.

Não corria seca e meca
Trás de mimosa donzela,
Que nas ruas lobrigava;
E por ver mais perto a bela
Não ia ao templo sagrado,
Sòmente por amor dela.

Nem as noites janeirinhas
Mais compridas e mais frias,
Levava mofino amante,
Por baixo das gelosias,
Desenfiando um rosaio
De trovas e ninharias.

Jamais não foi êsse o estilo
Do môço em armas novel,
Em que esperto dedilhasse
Na lira do menestrel,
No tempo em que, não domada,
Lutava a gente infiel.

Por mais que amôres amasse,
Por mais que fôsse gentil,

Ninguém no vira a desoras,
Como homem de tenção vil,
Como um ladrão que de mêdo
Vai passo e manso e subtil.

Não pedia manto às sombras,
Nem ao silencio mercê,
Nem do sol se arreceiava,
Como homem que pouco vê,
Nem da lua apelidada
A casta, não sei porquê.

Mas antes no anfiteatro,
Coberto de espectadores,
Onde mais povo corria,
Mais belas e justadores,
Na arena se apresentava
Com letra e tenções d'amôres.

No meio daquela chusma
D'arautos e passavantes,
Mantenedores do campo
Reis d'armas e circunstantes,
Feixes d'armas resplendentes,
Ondas de plumas brilhantes:

Entrava o novel guerreiro
No cêrco dos justadores!
De alguma dona sisuda
Na charpa trazia as côres,
Tinham amôres às claras,
Por que eram nobres amôres.

Silêncio! que soa a trompa,
A justa vai começar!
Entre si ferem mil lutas
Guerreiros a par e par:
Da lança feita pedaços
Voam estilhas ao ar.

Levam logo mão da espada;
Que feios golpes se dão!
Abolam-se capacetes,
Talam-se arneses; e a mão
Certeira ao través da malha,
Vai direita ao coração.

Lá soa de novo a trompa,
Proclama-se o vencedor,
Que aos pés da bela entre as belas
O seu troféu vem depor:
Ao mais valente a mais bela,
Ao mais gentil mais amor.

Era a lei, — e até parece
De acôrdo co'a natureza,
Que se compraz no consórcio
Da fôrça co'a gentileza;
Mais alma com mais coragem,
Mais brio com mais nobreza.

A abelha construi seus favos
Em troncos alevantados;
E eis a hera graciosa,
Que em abraços apertados
Não cinge mesquinho junco,
Mas carvalhos alentados.

Boa era a lei! — mas eu creio
Que lhe descubro um senão;
Quem nos diz que o mais valente
Deva de ter mais razão,
Porque seja a sua dona
Como um vaso d'eleição?

Seria coisa de ver-se,
E coisa de mui folgar,
Ver um dragão de mulher,
Chamada a bela sem par,
À pura fôrça de espada,
Sem mais pôr, nem mais tirar!

É bela: e al não digais,
Sob pena dum fendente,
Que vem do céu, como um raio,
Provar ao vilão que mente,
Co'os dentes que tem na bôca,
Como um perro maldizente!

Fôsse o caso como fôsse,
É certo que daí vem
As nossas donas de agora,

Aquêles sestro que têm
De amarem a militança
Melhor do que a nenhum bem.

Qual não gosta de ser bela,
Ao menos de o parecer?
Em quanto muitas... Deus meu.
Eu me sei compadecer,
Sofro o mal que os outros passam.
Mais talvez que o meu sofrer.

Muitas há i, que eu conheço,
Que aqui na terra não são,
Senão porque as vós mandastes,
Meu Deus, por ocasião
De tédio e nojo ao pecado,
E morte da tentação.

Té os moços, que as namoram,
Dirão no confessional,
Jurando por Deus eterno
E pola vida eternal,
Que se falam dêle e dela,
É puro aleive e não al.

Vêde pois qual não seria
O pasmo dessa donzela,
Proclamada ao meio dia
Fermosa como uma estrêla,
Sem que houvesse aí no mundo
Coisa melhor, nem mais bela!

Logo no fraco bestunto
Julgara, sem mais razão,
Que neste mundo mesquinho
É tudo engano e busão,
E té que a própria beleza
É coisa de convenção!

Era assi que noutras eras
Garboso donzel se havia
Por captar nobres extremos
Da môça que requeria,
A ponta de fina espada
E arrojos de valentia.

No tempo de Alfonso Henriques,
Que foi nosso rei primeiro,
Havia na sua côrte,
Côrte de rei mui fragueiro,
Um tal Gonçalo Hermigues,
Destemido cavaleiro.

Era môço e mui donoso,
De mui boa nomeada:
Fiava el-rei muito dêle,
E a rainha Mafalda
Folgava de ouvir-lhe os cantos
Aos sons da lira afinada.

Portas a dentro do Paço
Não tinha nenhum rival
Em compor trovas mimosas;
E no campo e no arraial
Não no havia mais valente,
Mais forte, nem mais leal.

Quanta sanha que êle tinha,
Votara a gente infiel,
Porque o pai lhe haviam morto,
Era êle ainda novel;
Vê-los porém não podia,
Nem pintados no papel.

Era o mesmo ver a um dêstes
E entrar fogo em sanha tal,
Que era fôrça ter mão dêle,
Ou saltava-lhe ao gorjal
Pera torcer-lhe o gasnate,
Como se fôra um pardal.

Mas se tinham tento nêle,
Era outro conto ruim!
Caía logo em desmaios,
Que era um desmaio sem fim!
Dó era ver tal sujeito
Prostrado e defunto assi.

Andava sempre ocupado
Em perpétua correria

Polas terras do mourisco,
E muito mal lhes fazia:
Dava porêem mor realce
Ao nome que já trazia.

Como fôsse e os companheiros
Em um sarão folgazão,
Lembrou-se que perto vinha
A noite de Sam João,
Azado ensejo de aos Mouros
Fazer-se afronta e lesão.

Cheia de belo hardimento,
Aquela nobre nobreza
Por amor de seus amôres
Comete tam grande emprêsa,
Qual a de ir terras de Mouros
Com feros, ronco e braveza.

Qual apresta o seu ginete,
Qual a fita dependura
No colo nunca domado;
Qual a pesada armadura
Inverga, e aí se recolhe,
Como em arce mui segura!

Qual a Deus por testemunha
Toma da sua tenção,
Qual aos pés da sua dona
Requer-lhe extremo condão
Extremo volver dos olhos,
Extremo apertar da mão!

Qual desli toma algum nome
Por grito de acometer,
Que nas lidas e pelejas
Saberá fazer valer!
Qual sente o nôjo futuro,
Em mal, que lá vai morrer!

Mas nunca será que o rosto
Mostre o que n'alma lhe mora:
Quem viu a morte passar-lhe

De perto, já não descora
Por um preságio funesto,
Sendo ela coisa duma hora.

Aquêles bons cavaleiros
Asinha prontos estão;
Lá se partem de Coimbra,
Montes além já lá vão!
Ninguém viu mais escolhido,
Nem mais luzido esquadrão.

Entre êles por mais robusto
Gonçalo Hermigues campeia;
Diz seu porte sublimado,
Que de nada se arreceia,
Mas antes que a todos repta,
De tanto que o colo alteia!

Caminho vão de Lisboa
Com todo apercebimento!
Não convém que se apreatem
Daquele acometimento
Mouros que vivem na regra
Do seu alcorão nojento!

Sabeis a regra qual seja?
É viver dentro do harém,
Dizendo mal do toicinho
E mais do vinho também,
Sem que lhe pêsse êste mundo,
Sem que lhe pêsse ninguém!

É vegetar entre flôres,
É viver vida folgada,
Aspirando incenso e odores
Em moleza efeminada,
Nem que fôsse uma odalisca,
Ou mulher alambicada.

Poseram todos a mira
Em Alcácere do Sal,
Covil de feras humanas,
Não de cordeiros curral;
Nó górdio do vil mourisco,
O ferro o corta, não al!

Os que por terra a demandam
Vão em procura d'Almada,
Alcáçova dura e forte,
Em rija pedra assentada,
Como pedra preciosa
Em férrea c'roa engastada.

Outros lá vão Tejo arriba!
Ó Tejo, quanto me é grata
Essa plácida corrente,
Quando a lua se retrata,
Chovendo chuva de raios,
No teu chão de lisa prata!

Que doce que é teu remanso,
Quando manso o vento gira,
Que nas fôlhas rumoreja,
E como que ali suspira
Melindres d'amor suave,
Que nem tangidos na lira!

Que arroubos que infiltras nalma,
Quando vai ao som das águas
Navegando o passageiro;
Já, se as tem, não sente as fráguas,
Que no peito a dor derrama,
Como uma enchente de mágoas!

Mas talvez dos cavos olhos
Polas faces a correr
Sinta o pranto represado
Pelo seu muito sofrer:
Corra embora, qu'esse pranto
Dor não é, senão prazer!

Que neste val' de amarguras,
Onde viemos penar,
Por cada dia um marteiro
Por cada instante um pesar,
É bem feliz quem só passa
Dores que fazem chorar!

Não sei ledice o que seja,
Nem o que seja prazer;
Nunca os senti nesta vida,

Nem nos posso conhecer;
Que não sou dos benfadados,
E nunca o não hei de ser!

Mas o pranto extravasado
Não é quem nos dá morrer,
Nem quem o viço dos anos
Faz secar e emurchecer;
É antes aquêl pranto
Que não sabemos verter.

Lá vão indo Tejo acima,
Olhos longos polo mar,
Lá onde enxergam Lisboa
Com fogueiras de espantar;
Fogo acendido na terra
Sobe em centelhas ao ar!

Daqueles fogos acesos
Em roda os velhos estão,
E as donzelas feiticeiras
Com sorriso folgazão,
Cantando cotas de amôres,
Quites de cotas então.

É a noite milagrosa
Do Bautista milagroso,
Té dos mouros da mourama
Havido por glorioso:
Folgam nobres e senhores,
Folga o vilão descuidoso.

Horas de noite folgada
Não tardam, não têm vagar:
A noite assi do Bautista
Vai serena a escorregar,
Como areia da ampulheta,
Um grão e outro a tombar!

Vai assi como o perfume
Respirado duma frol,
Que não vemos, mas sentimos;
Que sentimos no arrebol

Da manhã, que pola terra
Se espalha em antes do sol!

Vai assi como o rocio
De serena madrugada,
Rorejado gôta a gôta
De branca nuvem prenhada
Sôbre o cálice musgoso
De uma flor aveludada.

Vai assi, qual sói prender-se,
Em quem de amôres não cura,
Doce peçonha de amôres:
Donzela de vida pura,
Quando há temores de havê-lo,
É qu'êle já não tem cura.

Do Alcácer as lindas filhas,
Já era nascida a aurora,
Pera ver uma corrida,
Saíram portas a fora,
E mais pera colhêr flôres,
Persuadidas da hora.

Logo saídas no prado
Foram, qual soem de ser
Mansas águas dum regato
Em chão sem leito a correr,
Cada qual por seu caminho,
Cada qual a seu prazer!

Desli pulando e cantando
Vão nas matas de alecrim,
Colhem a rosa corada
E a branca flor do jasmim;
Brincam brinquedos contentes,
Folgam folguedos sem fim!

Oh! que festas! que alegrias!
Que arruido vai no prado!
Que bem cantado rimance,
Que solau tão bem cantado;
Não têm as aves atito,
Nem gorjeio mais brincado!

Oh! que vozes melindrosas,
Que acentos encantadores
Naquele prazer duma hora!
As môças vão colhêr flôres,
E os moços que vão com elas
Vão lá por colhêr amôres.

Eis nisto... estranho arruído!
Rouca trompa abala o ar;
Logo assomam cavaleiros
Com figuras de espantar:
Alá nos valha, mofinas!
Dizem moiras a chorar.

Alá! repetem nos mouros,
Vendo o pendão português;
E do alfange recurvado
Levam mão sem pavidez!
Feios golpes se preparam,
Outra folgança outra vez!

Retine o ferro no ferro,
Talham-se cotas e arneses;
O fino alfange mourisco
Abre o elmo aos portugueses;
E a espada que bem degola,
Bem multiplica os reverses.

Lá chega o alarma à Cidade!
Lá vem mouros descansados
Em descansados ginetes:
Cavaleiros esforçados,
Que por Cristo Deus pelejam,
Não têm de que ter cuidados.

Gonçalo Hermigues, o cabo,
Avante! brada, e não al:
Brilha o valente nas lides,
Que ali não acha rival,
Aquêlê cabo entre todos
Sanhudo e forte e fatal.

Maneja tam fàcilmente
O seu pesado montante,
Que Alcides com sua clava,

E nem o Titã gigante,
Serra a serra sobrepondo,
Não tinha aquêles semblante.

Ei-lo vai per entre os mouros,
Abre entre êles larga estrada;
Quem fica em prisão de guerra,
Quem lá foge em debandada!
Ficam moiras prisioneiras,
Mulheres — gente coitada!

Gonçalo Hermigues, em tanto
Viu que longe lhe fugia
Linda moira desmaiada,
Que um môço mouro cingia,
Dando d'esporas ao bruto,
Que mais que o vento corria!

Vai sôbre êles sem tardança:
Com quanto de arremessão
Matá-lo também podera;
Certo o fizera, senão
Temesse que a moira bela
Morresse de sua mão.

Mais logo que foi com êle,
Dum golpe que despedio,
Cerce o cortou pelo meio:
Golpe assi nunca se viu!
E a moira tomando em braços,
Asinha dali fugiu.

Passou terrível com ela
Por meio da gente fera;
Quem no vira tam sanhudo,
Leão raivoso dissera,
Passando a través dos homens
Com a prêsa que fizera.

Eis nasce novo combate,
Nova peleja maior!
Muitos homens contra um homem.
Contra um forte latador;
Mas um só que a todos vence
Em fôrça, esfôrço, e valor!

Mal podia a mão sinistra
Vibrar a sangrenta espada,
Co' o pejo daquela moira
Disputada e desmaiada,
Cujo corpo em dois pendia,
Como uma frecha quebrada.

Mas inda assi despedia
Um golpe e outro cruel:
E de encontro à êste, à aquê
Mandava o seu bom corcel,
Que a turbamulta alastrava
Aos pés do nobre donzel.

Quando a ventura é incerta,
Acerta em aventurar
Quem a emprêsa disputada
Tem desejos de acabar:
Só êle demora em terra,
Que os seus já são sôbre o mar!

Torce as rédeas ao ginete,
Larga carreira arrepia,
Larga estrada co' o montante
Por entre os mouros se abria.
Despedia muitos golpes,
Muitos estragos fazia.

Chega a praia, os seus avista;
Mas os mouros perto vêm!
Como isto viu, torce o rosto,
Medonho como ninguém;
Temem-se mouros de o verem;
Param, como êle, também!

Vão assi feros monteiros
Trás dum urso mal sangrado,
Que de repente a carreira
Revira, e volta agastado;
Param monteiros ao vê-lo
Raivoso e mal assombrado.

E a fera daquele pasmo,
Sabendo, em seu bem, valer-se,
Vai a passos descansados

Em densa mata esconder-se,
Sem temor da montaria,
Sem dos monteiros temer-se.

Tal o forte Traga-mouros
Salta dentro do baixel;
Na praia ficam pasmados
Mouros, do feito novel,
Tamanho, que nem sonhado
Foi jamais por menestrel.

E os companheiros aos ventos
Desfraldam velas e panos,
Deixando as praias tingidas
Em sangue por muitos anos;
Quantos bastem, porque chorem
Seu desar os musulmanos.

Aos alegres companheiros
Disse o guerreiro feliz:
"Das prêsas, que nos fizemos,
Quero tam só a que eu fiz,
A moira que por seu nome
Fátima em Turco se diz!"

Então aquêlé seu canto
Principiou a compor:
Cant'eu, por vergonha minha,
Em bem que o saiba de cor,
Digo que sal lhe não acho,
Nem sei de coisa pior.

Mas era o solau por certo
Aos tempos acomodado,
Que de outro cantar não acho
Que fôsse mais decantado,
Nem Figueiral Figueredo,
Nem o Ficade coitado.

E a moira já bautizada
Pertenceu ao lidador,
Duas vêzes conquistada
Polo donzel, seu senhor,
Primeiro à fôrça de espada,
Depois à fôrça de amor.

Era assi naquele tempo
Coisa sabida e seguida,
Remanso depois da glória,
Descanso depois da lida,
E a fé que espera e milita
Nos atos todos da vida!

Vêde vós quamanho é o lucro,
Que lucra a moira pagã,
Desposando o cavaleiro,
Tornada e feita cristã;
É vida e sangue de um homem,
Não de infieis barregã!

É como troféu ganhado
Em guerras de religião
Por algum peito devoto,
Que por sua devação
Prometeu dependurá-lo
Dentro de templo cristão.

O canto aqui finalizo!
Não devo d'ir por diante,
Narrando casos da vida
Per natureza inconstante,
Trabalhos que sempre duram,
Prazer que dura um instante!

Foi o cabo dos amôres
A môça moira acabar
E sôbre um covão aberto
Um homem pôsto a chorar,
Um homem de dó coberto,
A carpir-se, a prantear!

FIM DAS
"SEXTILHAS DE FREI ANTÃO"

ÚLTIMOS CANTOS

AO MEU CARO E SAUDOSO AMIGO
O DR. ALEXANDRE TEÓFILO DE CARVALHO LEAL
OFERECENDO-LHE ÊSTE VOLUME DE POESIAS
QUANDO PELA PRIMEIRA VEZ FORAM IMPRESSAS. *

EIS OS MEUS últimos cantos, o meu último volume de poesias sôltas, os últimos harpejos de uma lira, cujas cordas foram estalando, muitas aos balanços ásperos da desventura, e outras, talvez a maior parte, com as dores de um espírito inférmo, — fictícias, mas nem por isso menos agudas, — produzidas pela imaginação, como se a realidade já não fôsse por si bastante penosa, ou que o espírito, afeito a certa dose de sofrimento, se sobressaltasse de sentir menos pesada a costumada carga.

No meio de rudes trabalhos, de ocupações estéreis, de cuidados pungentes, — inquieto do presente, incerto do futuro, derramando um olhar cheio de lágrimas e saudades sôbre o meu passado — percorri êste primeiro estádio da minha vida literária. Desejar e sofrer — eis tôda a minha vida neste período; e êstes desejos imensos, indizíveis, e nunca satisfeitos, — caprichosos como a imaginação, — vagos como o oceano, — e terríveis como a tempestade; e êstes sofrimentos de todos os dias, de todos os instantes, obscuros, implacáveis, renascentes, — ligados a minha existência, recontrados em minha alma, devorados comigo, umas vêzes me deixaram sem fôrça e sem coragem, e se reproduziram em pálidos reflexos do que eu sentia, ou me forçaram a procurar um alívio, uma distração no estudo, e a esquecer-me da realidade com as ficções do ideal.

Se minhas pobres composições não foram inteiramente inúteis ao meu país; se algumas vêzes tive o maior prazer que me foi dado sentir, — a mais lisonjeira recompensa a que poderia aspirar, — de as saber estimadas pelos homens da arte, daqueles, que segundo o poeta, porque a entendem, a estimam, e repetidas por aquela classe do povo, que só de cor as poderia ter aprendido, isto é, dos outros que a compreendem, porque a sentem, porque a adivinham — paguei bem caro esta momentânea celebridade com decepções profundas, com desenganos amargos, e com a lenta agonia de um martírio ignorado.

Melhor que ninguém o sabes: podes a teu grado sondar os arcanos da minha consciência, e não te será difícil descobrir o segrêdo das minhas tristes inspirações. Os meus primeiros, os meus últimos cantos são teus: o que sou, o que fôr, a ti o devo, — a ti, ao teu nobre coração, que durante os melhores anos da juventude bateu constantemente ao meu lado, — a aragem benfazeja da tua amizade solícita e desvelada, — a

* Em 1851, na tipografia do Sr. Paula Brito.

tua voz que me animava e consolava, — a tua inteligência que me vivificava, — ao prodígio de duas índoles tão assimiladas, de duas almas tão irmãs, tão gêmeas, que uma delas rematava o pensamento apenas enunciado da outra, e aos sentimentos uníssonos de dous corações, que mutuamente se falavam, se interpretavam, se respondiam sem o auxílio de palavras. Duplicada a minha existência, não era muito que eu me sentisse com fôrças para abalançar-me a esta emprêsa; e agora que em parte a tenho concluído, é um dever de gratidão, um dever para que sou atraído por tôdas as potências da minha alma, escrever aqui o teu nome, como talvez seja o derradeiro que escreverei em minhas obras, o último que os meus lábios pronunciem, se nos paroxismos da morte se poder destacar inteiramente do meu coração.

Ser-me-ia doloroso não cumprir os teus desejos, — não satisfizer as esperanças, que em mim tinhas depositado, — não realizar a expectação da tua desinteressada amizade. Entrei na luta, e procurei disputar ao tempo uma fraca parcela da sua duração, não por amor do orgulho, nem por amor da glória; mas para que, depois da morte de ambos, uma só que fôsse das minhas produções sobrenadasse no olvido, e por mais uma geração estendesse a memória tua e minha. Assim passa a onda sôbre um navio que soçobra, e atira à praias desconhecidas os destroços de um mastro embrulhado nas vestes dos navegantes.

Entre na luta, e por mais algum tempo continuarei nela, variando apenas o sentido dos meus cantos. A fé e o entusiasmo, o óleo e o pábulo da lâmpada que alumia as composições do artista, vão-se-me esfriando dentro do peito; eu o conheço e o sinto: se pois ainda persisto nesta carreira, é por teu respeito: continuarei — até que, satisfeito dos meus esforços, me digas: basta! — Então, já to hei dito, voltarei gostoso à obscuridade, donde não devera ter saído, e — como um soldado desconhecido — contarei os meus triunfos pelas minhas feridas, voltando a habitação singela, onde me correram, não felizes, mas os primeiros dias da minha infância.

Minha alma não está comigo, não anda entre os nevoeiros dos Órgãos, involta em neblina, balouçada em castelos de nuvens, nem rouquejando na voz do trovão. Lá está ela! — lá está a espreguiçar-se nas vagas de S. Marcos, a rumorejar nas fôlhas dos mangues, a sussurrar nos leques das palmeiras: lá está ela nos sítios que os meus olhos sempre viram, nas paisagens que eu amo, onde se avista a palmeira esbelta, o cajazeiro coberto de cipós, e o pau-d'arco coberto de flôres amarelas. Ali sim, — ali está — desfeita em lágrimas nas fôlhas das bananeiras — desfeita em orvalho sôbre as nossas flôres, desfeita em harmonia sôbre os nossos bosques, sôbre os nossos rios, sôbre os nossos mares, sôbre tudo que eu amo, e que em bem veja eu em breve! Aí, outra vez remoçado e vivificado de todos os anos que esperdicei, poderei enxugar os meus vestidos, voltar aos gozos de uma vida ignorada, e do meu lar tranqüilo ver outros mais corajosos e mais felizes que eu afrontar as borrascas desencadeadas no oceano, que eu houver para sempre deixado atrás de mim.

Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1850.

A. GONÇALVES DIAS

POESIAS AMERICANAS

I O GIGANTE DE PEDRA

*Ô guerriers! ne laissez pas ma dépouille au corbeau;
Ensevelissez-moi parmi des monts sublimes,
Afin que l'étranger cherche, en voyant leurs cimes,
Quelle montagne est mon tombeau!*

V. HUGO. *Le Géant.*

I

GIGANTE ORGULHOSO, de fero semblante,
Num leito de pedra lá jaz a dormir!
Em duro granito repousa o gigante,
Que os raios sòmente poderam fundir.

Dormido atalaia no sêrro empinado
Devera cuidadoso, sanhudo velar;
O raio passando o deixou fulminado,
E à aurora, que surge, não há de acordar!

Co'os braços no peito cruzados nervosos,
Mais alto que as nuvens, os céus a encarar,
Seu corpo se estende por montes fragosos,
Seus pés sobranceiros se elevam do mar!

De lavas ardentes seus membros fundidos
Avultam imensos: só Deus poderá
Rebelde lançá-lo dos montes erguidos,
Curvados ao pêso, que sôbre lhe 'stá.

E o céu, e as estrêlas e os astros fulgentes
São velas, são tochas, são vivos brandões,
E o branco sudário são névoas algentes,
E o crepe que o cobre, são negros bulcões.

Da noite, que surge, no manto fagueiro
Quis Deus que se erguesse, de junto a seus pés,
A cruz sempre viva do sol no cruzeiro,
Deitada nos braços do eterno Moisés.

Perfumam-no odores que as flôres exalam,
Bafejam-no carmes de um hino de amor
Dos homens, dos brutos, das nuvens que estalam,
Dos ventos que rugem, do mar em furor.

E lá na montanha, deitado dormido
Campeia o gigante, — nem pode acordar!
Cruzados os braços de ferro fundido,
A fronte nas nuvens, os pés sôbre o mar!

II

Banha o sol os horizontes,
Trepa os castelos dos céus,
Aclara serras e fontes,
Vigia os domínios seus:
Já descai p'ra o ocidente,
E em globo de fogo ardente
Vai-se no mar esconder;
E lá campeia o gigante,
Sem destorcer o semblante,
Imóvel, mudo, a jazer!

Vem a noite após o dia,
Vem o silêncio, o frescor,
E a brisa leve e macia,
Que lhe suspira ao redor.
E da noite entre os negroses,
Das estrêlas os fulgores
Brilham na face do mar:
Brilha a lua cintilante,
E sempre mudo o gigante,
Imóvel, sem acordar!

Depois outro sol desponta,
E outra noite também,
Outra lua que aos céus monta,
Outro sol que após lhe vem:
Após um dia outro dia,
Noite após noite sombria,
Após a luz o bulcão,
E sempre o duro gigante,
Imóvel, mudo, constante
Na calma e na cerração!

Corre o tempo fugidio,
Vem das águas a estação,
Após ela o quente estio;
E na calma do verão
Crescem fôlhas, vingam flôres,
Entre galas e verdores
Sazonam-se frutos mil;
Cobrem-se os prados de relva.
Murmura o vento na selva,
Azulam-se os céus de anil!

Tornam prados a despir-se,
Tornam flôres a murchar,
Tornam de novo a vestir-se,
Tornam depois a secar;
E como gôta filtrada
De uma abóbada escavada
Sempre, incessante a cair,
Tombam as horas e os dias,
Como fantasmas sombrias,
Nos abismos do porvir!

E no féretro de montes
Inconcusso, imóvel, fito,
Escurece os horizontes
O gigante de granito.
Com soberba indiferença
Sente extinta a antiga crença
Dos Tamoios, dos Pajés;
Nem vê que duras desgraças,
Que lutas de novas raças
Se lhe atropelam aos pés!

III

E lá na montanha deitado dormido
Campeia o gigante! — nem pode acordar!
Cruzados os braços de ferro fundido,
A frente nas nuvens, e os pés sôbre o mar!...

IV

Viu primeiro os íncolas
Robustos, das florestas,
Batendo os arcos rígidos,

Traçando homéreas festas,
À luz dos fogos rútilos,
Aos sons do murmuré!
E em Guanabara esplêndida
As danças dos guerreiros,
E o Guau cadente e vário
Dos moços prazenteiros,
E os cantos da vitória
Tangidos no boré.

E das igaras côncavas
A frota aparelhada,
Vistosa e formosíssima
Cortando a undosa estrada,
Sabendo, mas que frágeis,
Os ventos contrastar:

E a caça lêda e rápida
Por serras, por devesas,
E os cantos da janúbia
Junto às lenhas acesas,
Quando o tapuia mísero
Seus feitos vai narrar!

E o gérmen da discórdia
Crescendo em duras brigas,
Ceifando os brios rústicos
Das tribos sempre amigas,
— Tamoi a raça antiga,
Feroz Tupinambá.

Lá vai a gente impróvida,
Nação vencida, imbele,
Buscando as matas ínvias,
Donde outra tribo a expele;
Jaz o pajé sem glória,
Sem glória a maracá.

Depois em naus flamívoras
Um trôço hardido e forte,
Cobrindo os campos úmidos
De fumo, e sangue, e morte,
Trás dos reparos hórridos
D'altíssimo pavês:

E do sangrento pélagos
Em míseras ruínas
Surgir galhardas, límpidas
As portuguesas quinas,

Murchos os lises cândidos
Do impróvido gaulês!

V

Mudaram-se os tempos e a face da terra,
Cidades alastram o antigo paul;
Mas inda o gigante, que dorme na serra,
Se abraça ao imenso cruzeiro do sul.

Nas duras montanhas os membros gelados
Talhados a golpes de ignoto buril,
Descansa, ó gigante, que encerras os fados,
Que os términos guardas do vasto Brasil.

Porém se algum dia fortuna inconstante
Poder-nos a crença e a pátria acabar,
Arroja-te às ondas, ó duro gigante,
Inunda êstes montes, desloca êste mar!

II

LEITO DE FÔLHAS VERDES

PORQUE TARDAS, Jatir, que tanto a custo
À voz do meu amor moves teus passos?
Da noite a viração, movendo as fôlhas,
Já nos cimos do bosque rumoreja.

Eu sob a copa da mangueira altiva
Nosso leito gentil cobri zeloza
Com mimoso tapiz de fôlhas brandas,
Onde o frouxo luar brinca entre flôres.

Do tamarindo a flor abriu-se, há pouco,
Já solta o bogari mais doce aroma!
Como prece de amor, como estas preces,
No silêncio da noite o bosque exala.

Brilha a lua no céu, brilham estrêlas,
Correm perfumes no correr da brisa,
A cujo influxo mágico respira-se
Um quebranto de amor, melhor que a vida!

A flor que desabrocha ao romper d'alva
Um só giro do sol, não mais, vegeta:

Eu sou aquela flor que espero ainda
Doce raio do sol que me dê vida.

Sejam vales ou montes, lago ou terra,
Onde quer que tu vás, ou dia ou noite,
Vai seguindo após ti meu pensamento;
Outro amor nunca tive: és meu, sou tua!

Meus olhos outros olhos nunca viram,
Não sentiram meus lábios outros lábios.
Nem outras mãos, Jatir, que não as tuas
A arasóia na cinta me apertaram.

Do tamarindo a flor jaz entreaberta,
Já solta o bogari mais doce aroma;
Também meu coração, como estas flôres,
Melhor perfume ao pé da noite exala!

Não me escutas, Jatir! nem tardo acodes
À voz do meu amor, que em vão te chama!
Tupã! lá rompe o sol! do leito inútil
A brisa da manhã sacuda as fôlhas!

III

I-JUCA-PIRAMA

I

No MEIO das tabas de amenos verdores,
Cercados de troncos — cobertos de flôres,
Alteiam-se os tetos d'altiva nação;
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,
Temíveis na guerra, que em densas coortes
Assombram das matas a imensa extensão.

São rudos, severos, sedentos de glória,
Já prélios incitam, já cantam vitória,
Já meigos atendem à voz do cantor:
São todos Timbiras, guerreiros valentes!
Seu nome lá voa na bôca das gentes,
Condão de prodígios, de glória e terror!

As tribos vizinhas, sem fôrças, sem brio,
As armas quebrando, lançando-as ao rio.
O incenso aspiraram dos seus maracás:

Medrosos das guerras que os fortes acendem,
Custosos tributos ignavos lá rendem,
Aos duros guerreiros sujeitos na paz.

No centro da taba se estende um terreiro,
Onde ora se aduna o concílio guerreiro
Da tribo senhora, das tribos servis:
Os velhos sentados praticam d'outrora,
E os môços inquietos, que a festa enamora,
Derramam-se em tórno dum índio infeliz.

Quem é? — ninguém sabe: seu nome é ignoto,
Sua tribo não diz: — de um povo remoto
Descende por certo — dum povo gentil;
Assim lá na Grécia ao escravo insulano
Tornavam distinto do vil musulmano
As linhas corretas do nobre perfil.

Por casos de guerra caiu prisioneiro
Nas mãos dos Timbiras: — no extremo terreiro
Assola-se o teto, que o teve em prisão;
Convidam-se as tribos dos seus arredores,
Cuidosos se incumbem do vaso das côres,
Dos vários aprestos da honrosa função.

Acerva-se a lenha da vasta fogueira,
Entesa-se a corda da embira ligeira,
Adorna-se a maça com penas gentis:
À custo, entre as vagas do povo da aldeia
Caminha o Timbira, que a turba rodeia,
Garboso nas plumas de vários matiz.

Em tanto as mulheres com lêda trigança,
Afeitas ao rito da bárbara usança,
O índio já querem cativo acabar:
A coma lhe cortam, os membros lhe tingem,
Brilhante enduape no corpo lhe cingem,
Sombreira-lhe a fronte gentil canitar.

II

Em fundos vasos d'alvacenta argila
Ferve o cauim;
Enchem-se as copas, o prazer começa,
Reina o festim.

O prisioneiro, cuja morte anseiam,
Sentado está,
O prisioneiro, que outro sol no ocaso
Jamais verá!

A dura corda, que lhe enlaça o colo,
Mostra-lhe o fim
Da vida escura, que será mais breve
Do que o festim!

Contudo os olhos d'ignóbil pranto
Secos estão;
Mudos os lábios não descerram queixas
Do coração.

Mas um martírio, que encobrir não pode,
Em rugas faz
A mentirosa placidez do rosto
Na fronte audaz!

Que tens, guerreiro? Que temor te assalta
No passo horrendo?
Honra das tabas que nascer te viram,
Folga morrendo.

Folga morrendo; porque além dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os mêdos
Da fria morte.

Rasteira grama, exposta ao sol, à chuva,
Lá murcha e pende:
Sòmente ao tronco, que devassa os ares,
O raio ofende!

Que foi? Tupã mandou que êle caísse,
Como viveu;
E o caçador que o avistou prostrado
Esmoreceu!

Que temes, ó guerreiro? Além dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os mêdos
Da fria morte.

III

Em larga roda de novéis guerreiros
Ledo caminha o festival Timbira,
A quem do sacrifício cabe as honras.
Na frente o canitar sacode em ondas,
O enduape na cinta se embalança,
Nâ destra mão sopesa a iverapeme,
Orgulhoso e pujante. — Ao menor passo
Colar d'alvo marfim, insígnia d'honra,
Que lhe orna o colo e o peito, ruge e freme,
Como que por feitiço não sabido
Encantadas ali as almas grandes
Dos vencidos Tapuias, inda chorem
Serem glória e brasão d'imigos feros.

"Eis-me aqui, diz ao índio prisioneiro;
"Pois que fraco, e sem tribo, e sem família,
"As nossas matas devassaste ousado,
"Morrerás morte vil da mão de um forte."

Vem a terreiro o mísero contrário;
Do colo à cinta a musurana desce:
"Dize-me quem és, teus feitos canta,
"Ou se mais te apraz, defente-te." Começa
O índio, que ao redor derrama os olhos,
Com triste voz que os ânimos comove.

IV

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo tupi.

Da tribo pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci:
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

Já vi cruas brigas,
De tribos imigas,
E as duras fadigas
Da guerra provei;
Nas ondas mendaces
Senti pelas faces
Os silvos fugaces
Dos ventos que amei.

Andei longes terras,
Lidei cruas guerras,
Vaguei pelas serras
Dos vis Aimorés;
Vi lutas de bravos,
Vi fortes — escravos!
De estranhos ignavos
Calcados aos pés.

E os campos talados,
E os arcos quebrados,
E os piagas coitados
Já sem maracás;
E os meigos cantores,
Servindo a senhores,
Que vinham traidores,
Com mostras de paz.

Aos golpes do imigo
Meu último amigo,
Sem lar, sem abrigo
Caiu junto a mi!
Com plácido rosto,
Serenos e composto,
O acerbo desgosto
Comigo sofri.

Meu pai a meu lado
Já cego e quebrado,
De penas ralado,
Firmava-se em mi:
Nós ambos, mesquinhos,
Por ínvios caminhos,
Cobertos d'espinhos
Chegamos aqui!

O velho no em tanto
Sofrendo já tanto

De fome e quebranto,
 Só qu'ria morrer!
 Não mais me contenho,
 Nas matas me embrenho,
 Das frechas que tenho
 Me quero valer.

Então, forasteiro,
 Cáí prisioneiro
 De um trôço guerreiro
 Com que me encontrei:
 O cru dessorsego
 Do pai fraco e cego,
 Em quanto não chego,
 Qual seja, — dizei!

Eu era o seu guia
 Na noite sombria,
 A só alegria
 Que Deus lhe deixou:
 Em mim se apoiava,
 Em mim se firmava,
 Em mim descansava,
 Que filho lhe sou.

Ao velho coitado
 De penas ralado,
 Já cego e quebrado,
 Que resta? — Morrer.
 Em quanto descreve
 O giro tão breve
 Da vida que teve,
 Deixai-me viver!

Não vil, não ignavo,
 Mas forte, mas bravo,
 Serei vosso escravo:
 Aqui virei ter.
 Guerreiros, não coro
 Do pranto que choro;
 Se a vida deploro,
 Também sei morrer.

V

Soltai-o! — diz o chefe. Pasma a turba;
 Os guerreiros murmuram: mal ouviram,
 Nem pode nunca um chefe dar tal ordem!
 Brada segunda vez com voz mais alta,
 Afrouxam-se as prisões, a embira cede,
 A custo, sim; mas cede: o estranho é salvo.
 — Timbira, diz o índio enternecido,
 Sôlto apenas dos nós que o seguravam:
 És guerreiro ilustre, um grande chefe,
 Tu que assim do meu mal te comoveste,
 Nem sofres que, transposta a natureza,
 Com olhos onde a luz já não cintila,
 Chore a morte do filho o pai cansado,
 Que sòmente por seu na voz conhece.
 — És livre; parte.

— E voltarei.

— Debalde.

— Sim, voltarei, morto meu pai.

— Não voltes!

É bem feliz, se existe, em que não veja,
 Que filho tem, qual chora: és livre; parte!
 — Acaso tu supões que me acobardo,
 Que receio morrer!

— És livre; parte!

— Ora não partirei; quero provar-te
 Que um filho dos Tupis vive com honra,
 E com honra maior, se acaso o vencem,
 Da morte o passo glorioso afronta.

— Mentiste, que um Tupi não chora nunca,
 E tu choraste!... parte; não queremos
 Com carne vil enfraquecer os fortes.

Sobresteve o Tupi: — arfando em ondas
 O rebater do coração se ouvia
 Precípite. — Do rosto afogueado
 Gélidas bagas de suor corriam:
 Talvez que o assaltava um pensamento...
 Já não... que na enlutada fantasia,
 Um pesar, um martírio ao mesmo tempo,
 Do velho pai a moribunda imagem
 Quase bradar-lhe ouvia: — Ingrato! ingrato!

Curvado o colo, taciturno e frio,
Espectro d'homem, penetrou no bosque!

VI

— Filho meu, onde estás?

— Ao vosso lado;

Aqui vos trago provisões: tomai-as,
As vossas fôrças restaurai perdidas,
E a caminho, e já!

— Tardaste muito!

Não era nado o sol, quando partiste,
E frouxo o seu calor já sinto agora!

— Sim, demorei-me a divagar sem rumo,
Perdi-me nestas matas intrincadas,
Reaviei-me e tornei; mas urge o tempo;
Convém partir, e já!

— Que novos males

Nos resta de sofrer? — que novas dores,
Que outro fado pior Tupã nos guarda?
— As setas da aflição já se esgotaram,
Nem para novo golpe espaço intacto
Em nossos corpos resta.

— Mas tu tremes!

— Talvez do afã da caça...

— Oh filho caro!

Um quê misterioso aqui me fala,
Aqui no coração; piedosa fraude
Será por certo, que não mentes nunca!
Não conheces temor, e agora temes?
Vejo e sei: é Tupã que nos aflige,
E contra o seu querer não valem brios.
Partamos!... —

E com mão trêmula, incerta

Procura o filho, tateando as trevas
Da sua noite lúgubre e medonha.
Sentindo o acre odor das frescas tintas,
Uma idéia fatal correu-lhe à mente...
Do filho os membros gélidos apalpa,
E a dolorosa maciez das plumas
Conhece estremecendo: — fuge, volta,
Encontra sob as mãos o duro crânio,
Despido então do natural ornato!...
Recua aflito e pávido, cobrindo

Às mãos ambas os olhos fulminados,
 Como que teme ainda o triste velho
 De ver, não mais cruel, porém mais clara,
 Daquele exício grande a imagem viva
 Ante os olhos do corpo afigurada.
 Não era que a verdade conhecesse
 Inteira e tão cruel qual tinha sido;
 Mas que funesto azar correra o filho,
 Êle o via; êle o tinha ali presente;
 E era de repetir-se a cada instante.
 A dor passada, a previsão futura
 E o presente tão negro, ali os tinha;
 Ali no coração se concentrava,
 Era num ponto só, mas era a morte!

— Tu prisioneiro, tu?

— Vós o dissestes.

— Dos índios?

— Sim.

— De que nação?

— Timbiras.

— E a musurana funeral rompeste,
 Dos falsos manitôs quebraste a maça...

— Nada fiz... aqui estou.

— Nada! —

Emmudecem;

Curto instante depois prossegue o velho:

— Tu és valente, bem o sei; confessa,
 Fizeste-o, certo, ou já não fôras vivo!

— Nada fiz; mas souberam da existência
 De um pobre velho, que em mim só vivia...

— E depois?...

— Eis-me aqui.

— Fica essa taba?

— Na direção do sol, quando transmonta.

— Longe?

— Não muito.

— Tens razão: partamos.

— E quereis ir?...

— Na direção do ocaso.

VII

“Por amor de um triste velho,
Que ao t ermo fatal já chega,
V s, guerreiros, concedestes
A vida a um prisioneiro.
Aço tão nobre vos honra,
Nem tão alta cortesia
Vi eu jamais praticada
Entre os Tupis, — e mas foram
Senhores em gentileza.

“Eu porém nunca vencido,
Nem nos combates por armas,
Nem por nobreza nos atos;
Aqui venho, e o filho trago.
V s o dizeis prisioneiro,
Seja assim como dizeis;
Mandai vir a lenha, o fogo,
A maça do sacrifício
E a musurana ligeira:
Em tudo o rito se cumpra!
E quando eu f r só na terra,
Certo acharei entre os vossos,
Que tão gentis se revelam,
Alguém que meus passos guie;
Alguém, que vendo o meu peito
Coberto de cicatrizes,
Tomando a vez de meu filho,
De haver-me por pai se ufane!”

Mas o chefe dos Timbiras,
Os sobrolhos encrespando,
Ao velho Tupi guerreiro
Responde com t rvo acento:

— Nada farei do que dizes:
  teu filho imbele e fraco!
Aviltaria o triunfo
Da mais guerreira das tribos
Derramar seu ignóbil sangue:
 le chorou de cobarde;
Nós outros, fortes Timbiras,
S  de heróis fazemos pasto. —

Do velho Tupi guerreiro
A surda voz na garganta
Faz ouvir uns sons confusos,
Como os rugidos de um tigre,
Que pouco a pouco se assanha!

VIII

“Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!
Possas tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Sêres presa de vis Aimorés.

“Possas tu, isolado na terra,
Sem arrimo e sem pátria vagando,
Rejeitado da morte na guerra,
Rejeitado dos homens na paz,
Ser das gentes o espectro execrado;
Não encontres amor nas mulheres,
Teus amigos, se amigos tiveres,
Tenham alma inconstante e falaz!

“Não encontres doçura no dia,
Nem as côres da aurora te ameiguem,
E entre as larvas da noite sombria
Nunca possas descanso gozar:
Não encontres um tronco, uma pedra,
Posta ao sol, posta às chuvas e aos ventos,
Padecendo os maiores tormentos,
Onde possas a fronte pousar.

“Que a teus passos a relva se torre;
Murchem prados, a flor desfaleça,
E o regato que límpido corre,
Mais te acenda o vesano furor;
Suas águas depressa se tornem,
Ao contacto dos lábios sedentos,
Lago impuro de vermes nojentos,
Donde fujas com asco e terror!

“Sempre o céu, como um teto incendiado.
Creste e punja teus membros malditos

E o oceano de pó denegrado
 Seja a terra ao ignavo tupi!
 Miserável, faminto, sedento,
 Manitôs lhe não falem nos sonhos,
 E do horror os espectros medonhos
 Traga sempre o cobarde após si.

“Um amigo não tenhas piedoso
 Que o teu corpo na terra embalsame,
 Pondo em vaso d’argila cuidadoso
 Arco e frecha e tacape a teus pés!
 Sê maldito, e sòzinho na terra;
 Pois que a tanta vileza chegaste,
 Que em presença da morte choraste,
 Tu, cobarde, meu filho não és.”

IX

Isto dizendo, o miserando velho
 A quem Tupã tamanha dor, tal fado
 Já nos contins da vida reservara,
 Vai com trêmulo pé, com as mãos já frias
 Da sua noite escura as densas trevas
 Palpando. — Alarma! alarma! — O velho pára!
 O grito que escudou é voz do filho,
 Voz de guerra que ouviu já tantas vêzes
 Noutra quadra melhor. — Alarma! alarma!
 — Ésse momento só vale apagar-lhe
 Os tão compridos trances, as angústias,
 Que o frio coração lhe atormentaram
 De guerreiro e de pai: — vale, e de sobra.
 Êle que em tanta dor se contivera,
 Tomado pelo súbito contraste,
 Desfaz-se agora em pranto copioso,
 Que o exaurido coração remoça.

A taba se alborota, os golpes descem,
 Gritos, imprecações profundas soam,
 Emmananhada a multidão braveja,
 Revolve-se, enovela-se confusa,
 E mais revôlta em mor furor se acende.
 E os sons dos golpes que incessantes fervem.
 Vozes, gemidos, estertor de morte
 Vão longe pelas êrmas serranias
 Da humana tempestade propagando

Quantas vagas de povo enfurecido
Contra um rochedo vivo se quebravam.

Era êle, o Tupi; nem fôra justo
Que a fama dos Tupis — o nome, a glória,
Aturado labor de tantos anos,
Derradeiro brasão da raça extinta,
De um jacto e por um só se aniquilasse.
— Basta! clama o chefe dos Timbiras,
— Basta, guerreiro ilustre! assaz lutaste,
E para o sacrificio é mister fôrças. —

O guerreiro parou, caiu nos braços
Do velho pai, que o cinge contra o peito,
Com lágrimas de júbilo bradando:
“Êste, sim, que é meu filho muito amado!
“E pois que o acho em fim, qual sempre o tive,
“Corram livres as lágrimas que choro,
“Estas lágrimas, sim, que não desonram.”

X

Um velho Timbira, coberto de glória,
Guardou a memória
Do môço guerreiro, do velho Tupi!
E à noite, nas tabas, se alguém duvidava
Do que êle contava,
Dizia prudente: — “Meninos, eu vi!

“Eu vi o brioso no largo terreiro
Cantar prisioneiro
Seu canto de morte, que nunca esqueci:
Valente, como era, chorou sem ter pejo;
Parece que o vejo,
Que o tenho nest’hora diante de mi.

“Eu disse comigo: Que infâmia d’escravo!
Pois não, era um bravo;
Valente e brioso, como êle, não vi!
E à fé que vos digo: parece-me encanto
Que quem chorou tanto,
Tivesse a coragem que tinha o Tupi!”

Assim o Timbira, coberto de glória,
Guardava a memória
Do môço guerreiro, do velho Tupi.

E à noite nas tabas, se alguém duvidava
Do que êle contava,
Tornava prudente: "Meninos, eu vi!"

IV
MARABÁ

EU VIVO SÒZINHA; ninguém me procura!
Acaso feitura
Não sou de Tupá!
Se algum dentre os homens de mim não se esconde:
— "Tu és," me responde,
"Tu és Marabá!"

— Meus olhos são garços, são côr das safiras,
— Têm luz das estrêlas, têm meigo brilhar;
— Imitam as nuvens de um céu anilado,
— As côres imitam das vagas do mar!

Se algum dos guerreiros não foge a meus passos:
"Teus olhos são garços,"
Respondo anojado, "mas és Marabá:
"Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes,
"Uns olhos fulgentes,
"Bem pretos, retintos, não côr d'anajá!"

— É alvo meu rosto da alvura dos lírios,
— Da côr das areias batidas do mar;
— As aves mais brancas, as conchas mais puras
— Não têm mais alvura, não têm mais brilhar. —

Se ainda me escuta meus agros delírios:
— "Ês alva de lírios",
Sorrindo responde, "mas és Marabá:
"Quero antes um rosto de jambo corado,
"Um rosto crestado
"Do sol do deserto, não flor de cajá."

— Meu colo de leve se encurva engraçado,
— Como hástrea pendente do cactos em flor;
— Mimosa, indolente, resvalo no prado,
— Como um soluçado suspiro de amor! —

“Eu amo a estatura flexível, ligeira,
 Qual duma palmeira”,
 Então me respondem; “tu és Marabá:
 “Quero antes o colo da ema orgulhosa,
 “Que pisa vaidosa,
 “Que as flóreas campinas governa, onde está”.

— Meus loiros cabelos em ondas se anelam,
 — O oiro mais puro tem seu fulgor;
 — As brisas nos bosques de os ver se enamoram,
 — De os ver tão formosos como um beija-flor! —

Mas êles respondem: “Teus longos cabelos,
 “São loiros, são belos,
 “Mas são anelados; tu és Marabá:
 “Quero antes cabelos, bem lisos, corridos,
 “Cabelos compridos,
 “Não côr d’oiro fino, nem côr d’anajá.”

E as doces palavras que eu tinha cá dentro
 A quem nas direi?
 O ramo d’acácia na frente de um homem
 Jamais cingirei:

Jamais um guerreiro da minha arasoia
 Me desprenderá:
 Eu vivo sòzinha, chorando mesquinha,
 Que sou Marabá!

V
 CANÇÃO DO TAMOIO
 (NATALÍCIA)

I

Não chores, meu filho;
 Não chores, que a vida
 É luta renhida:
 Viver é lutar.
 A vida é combate,
 Que os fracos abate,
 Que os fortes, os bravos,
 Só pode exaltar.

II

Um dia vivemos!
 O homem que é forte
 Não teme da morte;
 Só teme fugir;
 No arco que entesa
 Tem certa uma prêsa,
 Quer seja tapuia,
 Condor ou tapir.

III

O forte, o cobarde
 Seus feitos inveja
 De o ver na peleja
 Garboso e feroz;
 E os tímidos velhos
 Nos graves concelhos,
 Curvadas as fronte,
 Escutam-lhe a voz!

IV

Domina, se vive;
 Se morre, descansa
 Dos seus na lembrança,
 Na voz do porvir.
 Não cures da vida!
 Sê bravo, sê forte!
 Não fujas da morte,
 Que a morte há de vir!

V

E pois que és meu filho,
 Meus brios reveste;
 Tamoio nasceste,
 Valente serás.
 Sê duro guerreiro,
 Robusto, fragueiro,
 Brasão dos tamoios
 Na guerra e na paz.

VI

Teu grito de guerra
Retumbe aos ouvidos
D'imigos transidos
Por vil comoção;
E tremam d'ouvi-lo
Peor que o sibilo
Das setas ligeiras,
Peor que o trovão.

VII

E a mãe nessas tabas,
Querendo calados
Os filhos criados
Na lei do terror;
Teu nome lhes diga,
Que a gente inimiga
Talvez não escute
Sem pranto, sem dor!

VIII

Porém se a fortuna,
Traindo teus passos,
Te arroja nos laços
Do imigo falaz!
Na última hora
Teus feitos memora,
Tranquilo nos gestos,
Impávido, audaz.

IX

E cai como o tronco
Do raio tocado,
Partido, rojado
Por larga extensão;
Assim morre o forte!
No passo da morte
Triunfa, conquista
Mais alto brasão.

X

As armas ensaia,
 Penetra na vida:
 Pesada ou querida,
 Viver é lutar.
 Se o duro combate
 Os fracos abate,
 Aos fortes, aos bravos,
 Só pode exaltar.

VI

A MANGUEIRA

JÁ VISTE cousa mais bela
 Do que uma bela mangueira,
 E a doce fruta amarela,
 Sorrindo entre as fôlhas dela,
 E a leve copa altaneira?
 Já viste cousa mais bela
 Do que uma bela mangueira?

Nos seus alegres verdores
 Se embalança o passarinho;
 Todo é graça, todo amôres,
 Decantando seus ardores
 À beira do casto ninho:
 Nos seus alegres verdores
 Se embalança o passarinho!

O cansado viandante
 À sombra dela acha abrigo;
 Traz-lhe a aragem sussurrante,
 Que lhe passa no semblante,
 Talvez o adeus dum amigo;
 E o cansado viandante
 À sombra dela acha abrigo.

A sombra que ela derrama
 Tôdas as dores acalma;
 Seja dor que o peito inflama
 Ou voraz, nociva chama
 Que nos mora dentro d'alma,

A sombra que ela derrama
Tôdas as dores acalma.

O mancebo namorado
Para ela se encaminha;
Bate-lhe o peito açodado,
Quando chega o prazo dado,
Quando ao tronco se avizinha,
E o mancebo namorado
Para o tronco se encaminha.

Sob a copa deleitosa
Mil suspiros se entrelaçam,
E dum hora aventureosa
Guarda a prova a casca anosa
Nas cifras que ali se abraçam:
Sob a copa venturosa
Mil suspiros se entrelaçam.

Grata estação dos amôres,
Abrigo dos que o não tem,
Deixa-me ouvir teus cantores,
Admirar teus verdores;
Presta-me abrigo também,
Grata estação dos amôres,
Abrigo dos que o não tem !

VII A MÃE-D'ÁGUA

"MINHA MÃE, olha aqui dentro,
Olha a bela criatura,
Que dentro d'água se vê!
São d'ouro os longos cabelos,
Gentil a doce figura,
Airosa, leve a estatura;
Olha, vê no fundo d'água
Que bela môça não é!

"Minha mãe, no fundo d'água
Vê essa mulher tão bela!
O sorrir dos lábios dela,
Inda mais doce que o teu,

É como a nuvem rosada,
Que no romper da alvorada,
Passa risonha no céu.

“Olha, mãe, olha depressa!
Inclina a leve cabeça
E nas mãozinhas resume
A fina trança mimosa,
E com pente de marfim! . . .

Olha agora que me avista
A bela môça formosa,
Como se fêz tôda rosa,
Tôda candura e jasmim!
Dize, mãe, dize: tu julgas
Que ela se ri para mim!

“São seus lábios entreabertos
Semelhante a romã;
Tem ares duma princesa,
E no entanto é tão medrosa! . . .
Inda mais que minha irmã.
Olha, mãe, sabes quem é
A bela môça formosa,
Que dentro d’água se vê!”

— “Tem-te meu filho; não olhes
Na funda, lisa corrente:
A imagem que te embeleza
É mais do que uma princesa,
É menos do que é a gente.

— Oh! quantas mães desgraçadas
Choram seus filhos perdidos!
Meu filho, sabes por quê?
Foi porque deram ouvidos
À leve sombra enganosa,
Que dentro d’água se vê.

— O seu sorriso é mentira,
Não é mais que sombra vã;
Não vale aquilo que eu valho,
Nem o que val tua irmã:
É como a nuvem sem corpo,
De quando rompe a manhã.

— É a mãe-d'água traidora.
Que ilude os fáceis meninos,
Quando êles são pequeninos
E obedientes não são;
Olha, filho, não a escutes,
Filho do meu coração:
O seu sorriso é mentira,
É terrível tentação.

Junto ao rio cristalino
Brincava o ledó menino,
Molhando o pé;
O fresco humor o convida,
Menos que a imagem querida,
Que n'água vê.

Cauteloso de repente,
Ouve o conselho prudente,
Que a mãe lhe dá;
Não é anjo, não é fada;
Mas uma bruxa malvada,
E cousa má.

Ela é quem rouba os meninos
Para os tragar pequeninos,
Ou mais talvez!
E para vingar-se n'água
Da causa de tanta mágoa,
Remexe os pés.

Turba a fonte num instante,
Já não vê o belo infante
A sombra vã,
E as brancas mãos delicadas
E as longas tranças douradas
Da sua irmã.

O menino arrependido
Diz consigo entristecido:
— “Que mal fiz eu!
Minha mãe, bem que indulgente.
Só por não me ver contente,
Me repr'endeu.

Era figura tão bela!
 E que expressão tão singela,
 Que riso o seu!
 Oh! minha mãe certamente
 Só por não me ver contente
 Me repr'endeu!

Espreita, sim, mas duvida
 Que a bela imagem querida
 Torne a volver;
 E na fonte cristalina
 Para ver todo se inclina
 Se a pode ver!

Acha-se ainda turbada,
 E a bela môça agastada
 Não quer voltar;
 Sacode leve a cabeça,
 Em quanto o pranto começa
 A borbulhar.

E de triste e arrependido
 Diz consigo entristecido:
 — Que mal fiz eu! . . .
 — Leda ao ver-me parecia,
 — Era boa, e me sorria . . .
 — Que riso o seu!"

As águas no em tanto de novo se aplacam,
 A lisa corrente se espelha outra vez;
 E a imagem querida no fundo aparece
 Com mil peixes vários brincando a seus pés.

Do colo uma charpa trazia pendente,
 Cortando-lhe o seio de brancos jasmims,
 Um iris nas côres, e as franjas bordadas
 De prata luzente, de vivos rubins.

Uma harpa a seu lado frisava a corrente,
 Gemendo queixosa da leve pressão,
 Como harpas etéreas, que as brisas conversam,
 Achando-as perdidas em mesta soidão.

Sentida, chorosa parece que estava,
 E o belo menino, sentado, a chorar

“Perdoa”, dizia-lhe o mal que te hei feito:
Por minha vontade não hei de tornar!”

A harpa dourada de súbito vibra,
A charpa se agita do seio ao través;
Das franjas garbosas as pedras refletem
Infundos luzeiros nos úmidos pés.

Os peixes pasmados de súbito param
No fundo luzente de puro cristal;
Fantásticos seres assomam às grutas
Do nítido âmbar, do vivo coral!

Entanto o menino se curva e se inclina
Por ver mais de perto a donosa visão;
A mãe, longe dêle, dizia: — “Meu filho,
Não oiças, não vejas, que é má tentação.”

“Vem meu amigo, dizia
A bela fada engraçada,
Pulsando a harpa dourada:
— Sou boa, não faço mal,
Vem ver meus belos palácios,
Meus domínios dilatados,
Meus tesouros encantados
No meu reino de cristal.

“Vem, te chamo: vê a linfa
Como é bela e cristalina;
Vê esta areia tão fina,
Que mais que a neve seduz!
Vem, verás como aqui dentro
Brincam mil leves amôres,
Como em listas multicores
Do sol se desfaz a luz.

“Se não achas borboletas
Nem as vagas maripôsas,
Que brincam por entre as rosas
Do teu ameno jardim;
Tens mil peixinhos brilhantes,
Mais luzentes e mais belos

Que o oiro dos meus cabelos,
Que a nitidez do cetim.”

Em tanto o menino se curva e se inclina
Por ver de mais perto a donosa visão;
E a mãe longe dêle, dizia: meu filho,
Não oiças, não vejas, que é má tentação.

“Vem, meu amigo, tornava
A bela fada engraçada,
“Vem ver a minha morada,
O meu reino de cristal:
Não se sente a tempestade
Na minha espaçosa gruta,
Nem voz do trovão se escuta
Nem roncões do vendaval.

“Aqui, ao findar do dia,
Tudo rápido se acende,
E o meu palácio resplende
De vivo, etéreo clarão.
Mil figuras aparecem,
Mil donzelas encantadas
Com angélicas toadas
De ameigar o coração.

“Quando passo, as brandas águas
Por me ver passar se afastam,
E mil estrêlas se engastam
Nas paredes do cristal.
Surgem luzes multicores,
Como dêses perilamos,
Que tu vês andar nos campos,
Sem contudo fazer mal.

“Quando passo, mil sereias,
Deixando as grutas limosas,
Formam lédas, pressurosas
O meu séquito real:
Vem! dar-te-ei meus palácios,
Meus domínios dilatados,

Meus tesouros encantados
E o meu reino de cristal.”

Em tanto o menino se curva e se inclina
Para a visão;
E a mãe lhe dizia: Não vejas, meu filho,
Que é tentação.

E o belo menino, dizendo consigo: —
Que bem fiz eu!
Por ver o tesouro gentil, engraçado,
Que já é seu:

Atira-se às águas: num grito medonho
A mãe lastimável — Meu filho! — bradou:
Respondem-lhe os ecos; porém voz humana
Aos gritos da triste não torna: — aqui estou!

POESIAS DIVERSAS

NÊNIA

À MORTE SENTIDÍSSIMA DO SERENÍSSIMO PRÍNCIPE IMPERIAL O
SENHOR D. PEDRO
À SUA MAJESTADE O IMPERADOR

I

MORRESTE, como a fôlha verde e linda,
Que não viu murcho o esmeraldino encanto;
Bem como um ai que melindroso finda,
Em quanto as faces não roreja o pranto!

Bem como a flor inda em botão cortada,
Em quanto aromas recendia pura;
Bem como a onda, quando mal formada,
Nos brancos frisos do areal murmura!

Bem como a aurora tímida que morre,
Em quanto os céus de rosicler matiza;
Bem como o sôpro de ligeira brisa,
Que entre os olores da manhã discorre!

Mimosa esp'rança do Brasil, batendo
As férreas portas da existência, viste
O mundo aflito e a humanidade triste
Seu negro fado e sua dor sofrendo!

Cheio de compaixão atrás voltaste
Do horrífico espetáculo, tapando
Com as asas do anjo o rosto brando,
E no seio do Eterno te asilaste.

Morreste! como aurora sem poente,
Como flor, que perfume inda exalava,
Como o sôpro da brisa recendente,
Como a onda, que apenas se formava!

Morreste! como a fôlha verde e bela
Num tronco forte a despontar louçã,

Não arrancada à sanha da procela,
Mas leve sôlta aos beijos da manhã.

Morreste! como lâmpada brilhante,
Inda virgem, sem dar mística luz;
Ou turib'lo d'incenso crepitante,
Esquecido nos braços de uma cruz.

Morreste! e os anjos da eternal morada
Levaram entre palmas e capelas
Tua alma, como uma harpa não tocada,
Àquele, cujo trono é sôbre estrêlas.

Morreste! como aurora sem poente,
Como flor que perfume inda exalava,
Como o sôpro da brisa recendente,
Como a onda que apenas se formava.

Nenhum bulcão toldou a aurora maga,
Em quanto no horizonte apavonou-se,
A brisa em vendaval não transtornou-se,
Á fôlha em cinza, nem a onda em vaga.

II

Não ouviste, ó belo anjinho,
Na hora do passamento
Para abrandar teu tormento
Do berço teu ao redor,
Dos teus irmãos a falange
Com opas de luz brilhante,
Nas harpas de diamante
Cantar hosana ao Senhor?

Teu espírito inocente,
Tocado da luz divina,
Que a fraca mente ilumina
Dos resplendores de Deus,
Não anteviu outros gozos,
Não correu nos frouxos ares,
Não foi roçar nos palmares,
Nas rosas puras dos céus?
Viste-os, sim; porém voltando
Outra vez à vida escassa,
Tua alma triste esvoaça
Sôbre os teus restos mortais;

E entre os rostos que divisas,
Que a tua vida pranteiam,
Entre quantos te rodeiam,
Tu não enxergas teus pais!

Corres então a trazer-lhes
Nas meigas asas brilhantes
Dos teus últimos instantes
O teu alento final;
E em redor dêles choraste
De não ter deixado a vida,
Por extrema despedida,
Num amplexo paternal!

Vai, ó anjo, sobe, voa,
Deixa a terra ingrata e rude;
Vai onde mora a virtude,
E prêmio a inocência tem;
Mas nos divinos prazeres,
Mas no celeste cortejo,
Terás o materno beijo?
Não serás órfão também?

III

Desprega tuas asas de côres suaves,
Adeja no espaço, procura o teu Deus:
O aroma das flôres, o canto das aves,
O que há de mais puro se entranha nos céus.

Oh! fuge da terra: bem como a neblina
Que em rolos de neve, que espuma figura,
Mais frouxa, mais leve, na luz matutina,
Qual nuvem d'incenso, do céu se pendura.

Mas quando a balança dos nossos destinos,
Na grávida concha dos nossos pecados
Sumir-se no abismo — dos raios divinos
Os golpes apara nos contos dourados.

Não caia do Eterno a justa inclemência
No povo, que soube teu berço guardar;
Ampara-o nas asas da tua inocência,
Que os prantos de um anjo nos podem salvar.

Desdobra tuas asas de côres suaves,
Adeja no espaço, procura o teu Deus:

O aroma das flôres, e o canto das aves
E o que há de mais puro se perde nos céus.

IV

SENHOR, se na aflição que te consome,
Na dor imensa, que teu peito acanha,
Pode erguer-se do bardo a voz sentida
E aos teus soluços misturar seu pranto;
Se a dor do pai não absorve inteiro
O peito augusto do Monarca excelso,
Enxuga as tristes lágrimas que vertes!

Melhor, talvez, que o trono é ver chorando
Um povo inteiro em tórno de um sepulcro,
Um vácuo berço de seu pranto enchendo!
À sorte pois te curva, e à lei daquele
(Involta em seus recônditos desígnios)
A quem aprouve nivelar, cortando
Co'o mesmo golpe as esperanças de ambos,
— A dor de um pai e as aflições de um povo! —

Janeiro 10, de 1850

OLHOS VERDES

Êles verdes são:
E tem por usança,
Na côr esperança,
E nas obras não.
CAM., *Rim.*

SÃO UNS OLHOS verdes, verdes,
Uns olhos de verde-mar,
Quando o tempo vai bonança;
Uns olhos côr de esperança.
Uns olhos por que morri;
Que aí de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Como duas esmeraldas,
Iguais na forma e na côr,
Tem luz mais branda e mais forte,
Diz uma — vida, outra — morte;
Uma — loucura, outra — amor.

Mas ai de mi!
 Nem já sei qual fiquei sendo
 Depois que os vi!

São verdes da côr do prado,
 Exprimem qualquer paixão,
 Tão facilmente se inflamam,
 Tão meigamente derramam
 Fogo e luz do coração;
 Mas ai de mi!
 Nem já sei qual fiquei sendo
 Depois que os vi!

São uns olhos verdes, verdes,
 Que podem também brilhar;
 Não são de um verde embaçado,
 Mas verdes da côr do prado,
 Mas verdes da côr do mar.
 Mas ai de mi!
 Nem já sei qual fiquei sendo
 Depois que os vi!

Como se lê num espelho,
 Pude ler nos olhos seus!
 Os olhos mostram a alma,
 Que as ondas postas em calma
 Também refletem os céus;
 Mas ai de mi!
 Nem já sei qual fiquei sendo
 Depois que os vi!

Dizei vós, ó meus amigos,
 Se vos perguntam por mi,
 Que eu vivo só da lembrança
 De uns olhos côr de esperança.
 De uns olhos verdes que vi!
 Que ai de mi!
 Nem já sei qual fiquei sendo
 Depois que os vi!

Dizei vós: Triste do bardo!
 Deixou-se de amor finar!
 Viu uns olhos verdes, verdes,
 Uns olhos da côr do mar:
 Eram verdes sem esp'rança,
 Davam amor sem amar!

Dizei-o vós, meus amigos,
 Que ai de mi!
 Não pertenco mais a vida
 Depois que os vi!

CUMPRIMENTO DE UM VOTO

FEITO ÀS SRAS. DE ITAPACORÁ, QUE ABRILHANTARAM A FESTA
 DO ILMO. SR. ANTÔNIO JOSÉ RODRIGUES TÔRRES.

Pôrto das Caixas — 25 de agosto 1850.

SE AO MISERO cantor vos praz mandar-lhe
 Cantar voltas de amor, à graça tanta
 Será mudo o cantor, nem há de aos ecos
 A cítara incivil falar de amôres?
 Mandais, que sois, senhoras, minhas musas;
 Quando a senhora manda, o escravo cumpre
 E às súplicas da musa o vate cede!
 Afinada por vós a lira humilde,
 Já desafeita aos sons que o peito abrandam,
 À nova esfera se remonta agora.
 O frescor juvenil dos vossos anos,
 E as, que vos ornam, deleitosas graças,
 Hão de ameigar-lhe as cordas perfumá-las,
 Dictar-lhe os fáceis, inspirados carmes.

A estrêla, que fulge no céu anilado,
 Com plácido brilho de noite s'inflama;
 Na fonte e no prado
 Reflexos luzentes esparge e derrama.

Nos ramos cobertos de ameno rocio
 As aves descantam à luz da alvorada,
 E a meiga toada
 Repetem aos ecos do bosque sombrio.

Na gleba virente, do sol bafejada,
 Recende perfumes a flor matutina,
 Que à luz da alvorada
 Ao sôpro da brisa de leve s'inclina.

A flor que trescala perfumes suaves,
 A estrêla que brilha no céu anilado,
 E o canto das aves,
 Que soa no bosque virente e copado;

Se cantam, perfumam, despedem fulgores,
 É tal o seu fado: — vós sois qual são elas,
 Sois como as estrêlas,
 Na graça e no canto, sois aves, sois flôres.

Como elas, pagai-vos de ver quão fugaces
 Encurtam-se as horas de nosso viver,
 De ver como as faces,
 Que tendes em tórno, ressumbram prazer.

Éstes versos na mente sussurravam
 Do vate, cuja lira merencória
 Foi por vós de festões engrinaldada;
 Por vós, cujo sorriso mavioso
 Melhor perfume exala, do que as notas
 Concertadas com arte; daí um riso
 Dos vossos, um volver dos brandos olhos,
 Aos alegres convivas; e um reflexo
 Do vosso meigo olhar e brando riso
 Venha morrer na lira do poeta,
 Como do astro-rei, quando no ocaso
 Doura no campo as fôlhas mais humildes.

LIRA QUEBRADA

*Ah! ya agostada
 Siento mi juventud, mi faz marchita,
 Y la profunda pena que me agita
 Ruga mi frente de dolor nublada.*

HEREDIA

PEDE CANTOS aos ledos passarinhos,
 Pede clarão ao sol, perfume às flôres,
 Às brisas suspirar, murmúrio aos ventos,
 Doces querelas ao correr das fontes;

E o sol, a ave, a flor, a brisa, os ventos
 E as fontes que murmuram docemente,
 Na festa da tua alma hão de seguir-te,
 Como um som pelos ecos repetido.

Mas não peças à lira abandonada
 Um alegre cantar, — já murchas pendem
 As grinaldas gentis, de que a tocaram
 Donzéis louçãos, enamoradas virgens.

Hoje mal partem roucos sons dos nervos,
 Que amargo pranto destendeu sem custo;
 Quem há que se não dói de ouvir cantados
 Uns versos de prazer entre soluços?

Não peças pois um hino ao triste bardo!
 Verde ramo duma árvore gigante
 O raio no passar queimou-lhe o viço,
 Deixando-o por escárnio entre verdores.

Uma febre, um ardor nunca apagado,
 Um querer sem motivo, um tédio à vida
 Sem motivo também, — caprichos loucos,
 Anelo doutro mundo e doutras coisas;

Desejar coisas vãs, viver de sonhos,
 Correr após um bem logo esquecido,
 Sentir amor e só topar frieza,
 Cismar venturas e encontrar só dores;

Fizeram-me o que vês: não canto, sofro!
 Lira quebrada, coração sem fôrças,
 De poético manto os vou cobrindo,
 Por disfarçar desta arte o mal que passo.

Mas se inda tens prazer à luz da aurora,
 Se te ameiga fitar longos instantes,
 Sentada à beira-mar, na paz de um êrmo,
 Uma flor, uma estrêla, os céus e as nuvens;

Pede cantos aos ledos passarinhos,
 À brisa, ao vento, à fonte que murmura;
 Mas não peças canções ao triste bardo,
 A quem té para um ai já falta o alento.

A PASTÔRA

FORAM as trevas fugindo,
 E luzindo
 Nasce o sol sôbre o horizonte;
 Quando a pastôra formosa
 E mimosa
 Já caminho vai do monte!
 A relva tenra e molhada,
 Orvalhada,

Que de noite despontou,
 Se levanta melindrosa,
 Mais viçosa
 Depois que o sol a afagou!

Nos ramos cantam, trinando
 E saltando,
 As aves seu casto amor;
 Aqui, ali, cintilante
 E brilhante
 Desabrocha a linda flor.

E a pastorinha engraçada,
 Bem fadada,
 Na fresca manhã de abril,
 Vai cantando maviosa,
 E saudosa
 Pensando no seu redil.

Para as serras do Gerez
 Toca a rês,
 Toca a rês, gentil pastôra;
 Lá te aguarda o bom pastor,
 Teu amor,
 Que te chama encantadora.

Vai pastora, vai depressa,
 Já começa
 O sol no vale a brilhar;
 Vai, que as tuas companheiras,
 Galhofeiras,
 Lá 'stão com êle a folgar!

Pela aldeia entre os pastôres
 Vão rumôres
 De que tens uma rival,
 Nessa Altéia, a tua antiga,
 Doce amiga,
 Que te quer hoje tão mal!

Tu não sabes que os amôres
 São traidores,
 Que o homem não sabe amar;
 É que diz: Esta é mais bela;
 Mas aquela
 É que me sabe agradar!

Tenho d'Altéia receios,
Que tem meios
De prender um coração;
É viva, bela, engraçada,
Festejada
Nos cantares do serão.

Como a neve em seus lavôres,
Nos amôres
Que caprichosa não é!
Zomba dêle quando o topa,
E o provoca
De mil maneiras, à fé!

Té dizem — será mentira —
Que lhe atira
Seus motetes muita vez;
Dizem mais, que há prendas dadas
E trocadas. . .
Não sei; mas será talvez!

Triste de ti, se assim fôra,
Ó pastôra,
Triste de ti sem amor!
Fôras alvo dos festejos,
Dos motejos,
E do canto mofador!

Cheia de pudico mêdo,
Ao folguedo
Do domingo festival,
Não irias, ó formosa,
Vergonhosa
Dos olhos duma rival!

Para as serras do Gerez
Toca a rês,
Toca a rês, gentil pastôra;
Lá te aguarda o bom pastor,
Teu amor,
Que te chama encantadora!

GEREZ. . .

A INFÂNCIA

A MLE. J. PICOT

I

BELO RAIOS do sol da existência,
Meninice fagueira e gentil,
Doce riso de pura inocência
Sempre adorne teu rosto infantil.

Sempre tenhas, anjinho inocente,
Quem se apresse a teus passos guiar,
E uma voz que o teu sono acalente,
E um sorriso no teu acordar.

Enlevada nos sonhos jucundos,
Voz etérea te venha falar,
E visão doutros céus, doutros mundos,
Venha amiga tua alma encantar.

Lêda infância gentil! e quem não te ama?
Quem tão de pedra o coração não sente
Aos teus encantos meigos mais tranqüilo?
Quem não sente memórias doutras eras
Travarem-lhe da mente, ao recordar-se
Aquêlo gôzo puro e suavíssimo
De vida, que jamais não tem logrado?
Recordações de um mundo adormecido
Lá lhe estão dentro d'alma esvoaçando,
Como harpejos de música longínqua! —
E a mente nos seus quadros embebida,
Por mágica ilusão enfeitiçada,
Como outrora, talvez sômente veja
Na terra — um chão de flôres estrelado,
E nos céus — outro chão de flôres vivas!

II

Afagada e bem vinda e querida,
Travessuras cismando infantis,
Nos caminhos floridos da vida
Vai mimosa, imprudente e feliz!

É-lhe a vida contínuo festejo,
 Sonhos d'ouro só sabe sonhar,
 Tôda ela um afã, um desejo
 Doutros jogos contente brincar.

Puro riso o semblante lhe adorna,
 Logo pranto começa a verter,
 E depois outro riso lhe torna,
 E depois outro pranto a correr.

Tão perto jaz a fonte da amargura
 Da fonte do prazer! — porém tão doces
 Essas lágrimas são! — tão abundantes,
 Tão sem causa e simpáticas gotejam
 Numa tez de carmim, num rosto belo!
 Quem a vê, que sorrindo as não enxuga?
 Mas não todo consumas o tesouro
 Único e triste, que ao infeliz sobeja
 Nas horas do sofrer; no tempo amargo,
 No qual o rosto pálido se enruga,
 E os olhos secos, áridos chamejam,
 Será talvez bem grato refrigério
 Uma lágrima só, em que arrancada
 A fôrça da aflição dos seios d'alma.
 Mas tu, feliz, sorri, em quanto a vida,
 Como um rio entre flôres, se desliza
 Macio, puro e recendendo aromas.

III

Belo raio do sol da existência,
 Flor da vida, mimosa e gentil,
 Fonte pura de meiga inocência,
 Leve gôzo da quadra infantil!

Quem fruir-te outra vez não deseja,
 Quando vê sôbre a veiga formosa
 A menina travêssa e ruidosa,
 Borboleta, que alegre doudeja?

A menina é uma flor de poesia,
 Um composto de rosa e jasmim,
 Um sorriso que Deus alumia,
 Um amor de gentil serafim!

Folga e ri no comêço da existência,
 Borboleta gentil! a flor dos vales,
 Da noite à viração abrindo o cálix,
 O puro orvalho da manhã te guarda;
 Inda perfumes dá que te embriagam;
 Inda o sol quando aquece os vivos raios,
 Nas asas multicores cintilando,
 Com terno amor de pai, em tórno esparge
 Pó subtil de rubins e de safiras.
 Folga e ri no comêço da existência,
 Humano serafim, que êsse perfume
 São das asas do anjo, que s'impregnam
 Dos aromas do céu; quando atear-se,
 Roaz fogo de vida começando,
 Quanto havemos de Deus consome e apaga.

IV

Porém tu, afagada e querida,
 Com requebros donosos, gentis,
 Vai contente caminho da vida,
 Belo anjinho, mimoso e feliz!

E do bardo a canção magoada,
 Quando a possas um dia escutar,
 Há de ser como rôta grinalda,
 Que perfumes deixou de exalar!

E esta mão talvez seja sem vida,
 E êste peito talvez sem calor,
 E memória apagada e sumida,
 Talvez seja a do triste cantor!

URGE O TEMPO

Move incessante as asas incansáveis
 O tempo fugitivo;
 Atrás não volta!

A. DE GUSMÃO

URGE O TEMPO, os anos vão correndo
 Mudança eterna os sêres afadiga!
 O tronco, o arbusto, a fôlha, a flor, o espinho,
 Quem vive, o que vegeta, vai tomando

Aspectos novos, nova forma, em quanto
Gira no espaço e se equilibra a terra.

Tudo se muda, tudo se transforma;
O espírito, porém, como centelha,
Que vai lavrando solapada e oculta,
Até que enfim se torna incêndio e chamas,
Quando rompe os andrajos morredouros,
Mais claro brilha, e aos céus consigo arrasta
Quanto sentiu, quanto sofreu na terra.

Tudo se muda aqui! sòmente o afeto,
Que se gera e se nutre em almas grandes,
Não acaba, nem muda; vai crescendo,
Co'o tempo avulta, mais aumenta em fôrças
E a própria morte o purifica e alinda.
Semelha estátua erguida entre ruínas,
Firme na base, intacta, inda mais bela
Depois que o tempo a rodeou de estragos.

SÔBRE O TÚMULO DE UM MENINO

25 de outubro de 1848.

O INVÓLUCRO de um anjo aqui descansa,
Alma do céu nascida entre amargores,
Como flor entre espinhos! — tu, que passas,
Não perguntes quem foi. — Nuvem risonha
Que um instante correu no mar da vida;
Romper da aurora que não teve o caso,
Realidade no céu, na terra um sonho!
Fresca rosa nas ondas da existência,
Levada à plaga eterna do infinito,
Como of'renda de amor ao Deus que o rege;
Não perguntes quem foi, não chores: passa.

MENINA E MÔÇA

Ma bienvenue au jour me rit dans tous les yeux!
CHÉNIER

É LÊDA a flor que desponta
Sôbre o talo melindroso,
E o arrebento viçoso
Crescendo em flóreo tapiz;

É doce o romper da aurora,
Doce a luz da madrugada,
Doce o luzir da alvorada,
Doce, mimoso e feliz!

É bela a virgem risonha
Com seus músicos acentos,
Com seus virgens pensamentos,
Com seus mimos infantís;
Como quanto enceta a vida,
Que à luz sorri da existência,
Que tem na sua inocência
Da mocidade o verniz.

Vinga a flor a pouco e pouco,
Cada vez mais bem querida,
Tem mais encantos, mais vida,
Tem mais brilho, mais fulgor:
De cada gôta de orvalho
Extrai celeste perfume,
E do sol no raio assume
Cada vez mais viva côr.

Assim à virgem mimosa,
Pouco e pouco, noite e dia,
Mais viva flor de poesia
Do rosto lhe tinge a côr;
E um anjo nos meigos sonhos,
Do seu peito na dormência
Derrama o odor da inocência,
Um doce raio de amor!

Porque tudo, quando nasce,
Seja a luz da madrugada,
Seja o romper da alvorada,
Seja a virgem, seja a flor;
Tem mais amor, tem mais vida,
Como celeste feitura,
Que sai melindrosa e pura
Dentre as mãos do creador.

COMO EU TE AMO

COMO SE AMA o silêncio, a luz, o aroma,
O orvalho numa flor, nos céus a estrêla,
No largo mar a sombra de uma vela,
Que lá na extrema do horizonte assoma;

Como se ama o clarão da branca lua,
Da noite na mudez os sons da flauta,
As canções saudosíssimas do nauta,
Quando em mole vaivém a nau flutua;

Como se ama das aves o gemido,
Da noite as sombras e do dia as côres,
Um céu com luzes, um jardim com flôres,
Um canto quase em lágrimas sumido;

Como se ama o crepúsculo da aurora,
A mansa viração que o bosque ondeia,
O sussurro da fonte que serpeia,
Uma imagem risonha e sedutora;

Como se ama o calor e a luz querida,
A harmonia, o frescor, os sons, os céus,
Silêncio, e côres, e perfume, e vida
Os pais e a pátria e a virtude e a Deus:

Assim eu te amo, assim; mais do que podem
Dizer-to os lábios meus, — mais do que vale
Cantar a voz do trovador cansada:
O que é belo, o que é justo, santo e grande
Amo em ti. — Por tudo quanto sofro,
Por quanto já sofri, por quanto ainda
Me resta de sofrer, por tudo eu te amo.
O que espero, cobiço, almejo, ou temo
De ti, só de ti pende: oh! nunca saibas
Com quanto amor eu te amo; e de que fonte
Tão terna, quanto amarga o vou nutrindo!
Esta oculta paixão, que mal suspeitas,
Que não vês, não supões, nem te eu revelo,
Só pode no silêncio achar consôlo,
Na dor aumento, intérprete nas lágrimas.

De mim não saberás como te adoro;
 Não te direi jamais,
 Se te amo, e como, e a quanto extremo chega
 Esta paixão voraz!

Se andas, sou o eco dos teus passos;
 Da tua voz, se falas;
 O murmúrio saudoso que responde
 Ao suspiro que exalas.

No odor dos teus perfumes te procuro,
 Tuas pegadas sigo;
 Velo teus dias, te acompanho sempre,
 E não me vês contigo!

Oculto e ignorado me desvelo
 Por ti, que me não vê;
 Aliso o teu caminho, esparjo flôres,
 Onde pisam teus pés.

Mesmo lendo êstes versos, que m'inspiras,
 — Não pensa em mim, dirás:
 Imagina-o, si o podes, que os meus lábios
 Não to dirão jamais!

Sim, eu te amo; porém nunca
 Saberás do meu amor;
 A minha canção singela
 Traíçoeira não revela
 O prêmio santo que anela
 O sofrer do trovador!

Sim, eu te amo; porém nunca
 Dos lábios meus saberás,
 Que é fundo como a desgraça,
 Que o pranto não adelgaça,
 Leve, qual sombra que passa,
 Ou como um sonho fugaz!

Aos meus lábios, aos meus olhos
 Do silêncio imponho a lei;
 Mas lá onde a dor se esquece,
 Onde a luz nunca falece,
 Onde o prazer sempre cresce,
 Lá saberás se te amei!

E então dirás: "Objeto
Fui de santo e puro amor:
A sua canção singela,
Tudo agora me revela;
Já sei o prêmio que anela
O sofrer do trovador.

"Amou-me como se ama a luz querida,
Como se ama o silêncio, os sons, os céus,
Qual se amam côres e perfume e vida,
Os pais e a pátria, e a virtude e a Deus!"

AS DUAS COROAS

*Hermosa, en tu linda frente
El laurel sienta mejor,
Que con su regio esplendor
Corona de rey potente.*

G[UIDO] Y S[ANO].

HÁ DUAS c'roas na terra,
Uma d'ouro cintilante
Com esmalte de diamante,
Na frente do que é senhor;
Outra modesta e singela,
C'roa de meiga poesia,
Que a frente ao vate alumia
Com a luz dum resplendor.

Ante a primeira se curvam
Os potentados da terra:
No bôjo, que a morte encerra,
Sôbre a líquida extensão,
Levam naus os seus dictames
Da peleja entre os horrores;
Vis escravos, crus senhores,
Preito e menagem lhe dão.

E quando o vate suspira
Sôbre esta terra maldita,
Ninguém a voz lhe acredita,
Mas riem dos cantos seus:
Os anjos não; porque sabem
Que essa voz é verdadeira,

Que é dos homens a primeira,
Em quanto a outra é de Deus!

Se eu fôra rei, não te dera
Quinhão na régia amargura:
Nem te qu'ria, virgem pura,
Sentada sob o dossel,
Onde a dor tão viva anseia,
Tão cruel, tão funda late,
Como no peito que bate
Sob as dobras do burel.

Não te quisera no trono,
Onde a máscara do rosto,
Cobrindo o interno desgosto,
Ser alegre tem por lei;
Manda Deus, sim, que o rei chore;
Mas que chore ocultamente,
Porque, se o soubera a gente,
Ninguém quisera ser rei!

Mas o vate, quando sofre,
Modula em meigos acentos
Seus doridos pensamentos,
A sua interna aflição;
E das lágrimas choradas
Extrai um bálsamo santo,
Que vale estancar o pranto
Nos olhos do seu irmão.

Se eu fôra rei, não quisera
Roubar-te à senda florida,
Onde corre doce a vida
No matutino arrebol;
Gozas o sôpro das brisas
E o leve aroma das flôres,
E as nuvens, que mudam côres
No nascer, no pôr do sol.

Gozam disto as que repousam
Em tábuas de vis grabatos;
Não quem vive entre os ornatos
Dum trono d'ouro e marfim!
No sólio triste, sentada,
Não viras um rosto amigo,

Nem mais viveras contigo,
Fôras escrava — por fim!

Vive tu teu viver simples,
Mimosa e gentil donzela,
Dentre tôdas a mais bela,
Flor de candura e de amor!
Cr'oa melhor eu t'ofreço,
D'ouro não, mas de poesia,
C'roa que a fronte alumia
Com a luz dum resplendor!

HARPEJOS

Sweetest music! . . .
SHAKESPEARE

DA NOITE no remanso
Minha alma se extasia,
E praz-me a sós comigo
Pensar na solidão;
Deixar arrebatat-me
De vaga fantasia,
Deixar correr o pranto
Do fundo coração.

Tudo é silêncio harmônico
E doce amenidade,
E uma expansão suave
Do mais fino sentir;
Existo! e no passado
Só tenho uma saudade,
Desejos no presente,
Receios no porvir!

Como licor que mana
De cava, úmida rocha,
Que o sol nunca evapora,
Nem limpa amiga mão;
A dor que dentro sinto
Minha alma desabrocha;
Que livre o pranto corre
Da noite na soidão!

Atendo! ao longo escuto
 Duma harpa os sons queixosos,
 Atendo! e logo sinto
 Minha alma se alegrar!
 Atendo! são suspiros
 De sêres vaporosos,
 Que mil imagens vagas
 Me fazem recordar!

Tu que eras minha vida,
 Que fôste os meus amôres,
 Imagem grata e bela
 Dum tempo mais feliz,
 Que tens, que assim chorosa
 Suspiras entre as flôres?
 Teu sou, — do juramento
 Me lembro, que te fiz.

Te vejo, te procuro,
 Teus mudos passos sigo,
 Em quanto, leve sombra,
 Fugindo vais de mi!
 Unido às notas da harpa
 Percebo um som amigo,
 Que me recorda o timbre
 Da voz que já ouvi!

Na brisa que soluça,
 Na fonte que murmura,
 Nas fôlhas que se movem
 Da noite à viração,
 Ainda escuto os ecos
 Duma fugaz ventura,
 Que assim me deixou triste
 Em mesta solidão.

Prossegue, harpa ditosa,
 Nas doces harmonias,
 Que da minha alma sabes
 A mágoa adormecer;
 Prossegue! e a doce imagem
 Dos meus primeiros dias
 Veja eu ante os meus olhos
 De novo aparecer!

Ai, foram como a virgem
 Que em sítio solitário
 Acaso um dia vimos
 Sòzinha a divagar!
 Memória benfazeja,
 Que o gélido sudário,
 Que a morte em nós estende,
 Só vale desbotar.

TRISTE DO TROVADOR

E ela era esbelta e bem proporcionada; sua alma era como a sensitiva, e suas palavras eram doces e tinham um perfume, que se não pode comparar.
(Duas Noites de Luar)

E ELA ERA COMO a rosa matutina
 Formosa e bela,
 Como a estrêla que à noite ao mar se inclina,
 Saudosa era ela.

Seus olhos negros, vivos e rasgados,
 Era delícias vê-los;
 E co'a alvura do rosto contrastava
 A côr dos seus cabelos.

Quando alguém lhe falava, então falava
 Com voz macia,
 Que triste dentro d'alma nos filtrava
 Doce alegria.

E o seu timbre de voz macia as fibras
 Do coração,
 Como sons que a mudez da noite quebram
 Na solidão.

Seu mais leve sentir patenteava
 No rosto ameno;
 Nuvenzinha da tarde, que se enxerga
 Em céu sereno.

Topou-a acaso pensativa, errante,
 O trovador:
 "Feliz, disse êle, quem gozara os mimos
 Do seu amor!"

E ela deu-lhe do seio uma saudade
Murcha, e no entanto bela;
E êle um culto votou, cismando extremos,
À pálida donzela.

Como fôsse, porém, breve a sua vida
Como uma flor,
Em breves dias era mudo e triste
O trovador.

Se alguma vez cantava, — então dizia
Ao seu anjo do céu, que lá morava,
Que de ter junto dêle só pedia
A vida sua, que tão êrma estava.

VELHICE E MOCIDADE

Eu levo à sepultura, uns após outros,
A donzela gentil, o velho enfêrmo
E o mancebo que folga descansado
À sombra da ventura.

* * *

“MINHA FILHA, mais depressa,
Mais depressa um pouco andemos,
E da aurora que desponta
Saudável frescor gozemos!

“Senta-me em baixo do chorão, que dobra
A verde rama sôbre a campa nua
De um ser de peito bom, de rosto belo,
Que foi minha mulher, que foi mãe tua!

“O sol, nascendo apenas, vem primeiro
Seus raios nessa campa dardejar,
E à cansada velhice é bem fagueiro
Êsses restos da vida desfrutar.”

Um cego e triste velho que tremia
À fôrça dos invernos que passaram,
À filha nova e bela assim dizia,
À filha que os amôres cubiçaram.

E tinha o velho pai nos ombros dela
A mão crestada e morta e já rugosa,
E ela ao pai, solícita, extremosa,
Guiava como um anjo e alva e bela.

“Nem sempre o que ora vêes teu pai tem sido,
Oh filha da minha alma, oh meu tesouro,
Também um tempo foi que entretecido
Tive o fio vital de sêda e d’oiro!

“Também meus olhos se espraíram longe,
Pela vasta extensão destas campinas;
Também segui a tortuosa veia
Desta linda corrente que se perde
 Além, por entre penhas;
E a esmeraldina côr, de que se arreja
A relva dêstes prados, destas brenhas,
Meus olhos juvenis encheu de gôzo,
Que agora os olhos teus também recreia!

“E que prazer tão grande! o sol nascia
 Num mar de luz brilhante!
Levantava-se mais, brilhava, ardia,
 No prado verdejante,
 Na fonte e na devesa;
 E o mundo e a natureza
 De puro amor enchia!
Destoucavam-se os montes de neblina,
 Que meiga e adelgaçada
Pendia, como um véu de gaza fina
 Da celeste morada,
Quando num mar formoso o sol nascia!

“O mundo era então luz — hoje é só trevas!
O céu de puro azul via tingido,
Via a terra de côres adornada,
E na imensa extensão d’água salgada
Via a esteira de luz do sol luzido!

“Breve as horas passei de ser ditoso
Aqui, neste lugar, ledo escutando
Tão amável tua mãe, tão carinhosa,
Qu’instantes curtos me teceu falando!

“Hoje existo sòmente porque existes,
Desfruto outro viver que não vivia,

Quando escutam-te a voz os meus ouvidos,
Como sons de celeste melodia.

Oh fala, fala sempre. — É doce ao velho
Som d'argentina voz, que as fibras tôdas
Do semivivo coração abalam,
 Como duma harpa antiga
 As deslebradas cordas,
 Que à mão experta e amiga
Do trovador, num canto alegre estalam.

“É doce ao solitário a voz de um anjo
 Na sua solidão;
E ao velho pai a voz da casta filha,
 Que fala ao coração.

“É doce, qual perfume matutino,
 Que a flor exala,
Que pelo peito da mulher amante
 S'interna e cala;

“É doce, como a luz que se derrama
 Pela face do mar,
Quando brando luar, da noite amigo,
 Vem nêle se espelhar.

“Fala, bem sei que amarga é tua vida,
 Que amargo é teu penar;
No silêncio da noite tenho ouvido
 Teu peito a soluçar!

“Oh fala, tu bem vês que se a tormenta
 Tétrica soa,
Ao ninho de seus pais o passarinho
 Rápido voa.”

— Oh meu pai, como eu quisera
Meus pesares te esconder;
Mas tua filha, coitada,
Em breve tem de morrer!

— Sinto que alento me falta,
Que longe fuge de mim;
Sinto minha alma rasgar-se
Por te deixar só assim;
Meu bom pai, como está breve
Da tua filha o triste fim!

— Alta noite, ouvi em sonhos,
A chamar-me um serafim;
Tinha alegria no rosto,
Mas chorava sôbre mim;
Meu bom pai, como está breve
Da tua filha o triste fim!

— E tu cá ficas sòzinho,
E tu cá ficas sem mim!
Oh que n'alma só me pesa
Por te deixar só assim;
Meu bom pai, que é já chegado
Da tua filha o triste fim!"

E o velho, baixo falando,
Tristemente assim dizia:
"Já fui feliz, já fui novo,
Já fui cheio de alegria!

"Eu tive pais extremosos,
Irmãos que m'idolatraram;
Eu tive castos amôres,
Que antes de mim se acabaram!

"Eu tive tantos no mundo
Quantos se pode chorar:
Perdi todos, tudo; ai, triste,
Só eu não pude acabar!

"Ao sôpro da desventura
Só eu me não abalei,
Que a todos — novos e velhos —
À campa todos levei!

"Minha filha me restava!
Eu já fantasma impotente,
Sôbre os torrões tropeçava
Da cova aberta recente!

"Anjo de amor e bondade,
Porque me deixaste assim!
Tu morta, e na sepultura
Que eu tinha aberto p'ra mim!

"Deus, Senhor, quanto foi longo
O vaso em que fel traguei,
Findo o julguei; restam fezes,
As fezes esgotarei."

E sôbre a rósea face, ora amarela,
A aurora sempre bela radiava,
E o pai, ancião, que a dor rasgava,
Cingia ao corpo seu o corpo dela.

Nem pranto nos seus olhos borbilhava,
E nem nos lábios seus a dor gemia,
E sua alma, qual vaso em calmaria,
Entre vida e morrer num ponto estava.

O beijo paternal, por fim, lhe estampa
Na filha, que prazeres só lhe dera;
E filha e pensamento — alguém dissera
Ter juntos sepultado a mesma campa!

Nos céus não tens, Senhor, bastantes anjos,
Por que os venhas assim buscar à terra?
Brilhe a virtude, quando reina o crime,
O crime impune e vil, que às tontas erra.

AS FLÔRES

AO SR. JOSÉ PRAXEDES PEREIRA PACHECO, INCANSÁVEL
BOTÂNICO-FLORISTA, A QUEM DEVEMOS A INTRODUÇÃO
NO PAÍS DAS MAIS BELAS E CURIOSAS ESPÉCIES DE
FLÔRES, QUE JAMAIS AQUI SE VIRAM

*Simples tributs du cœur, vos dons sont chaque jour
Offerts par l'amitié, hasardés par l'amour.*
Les Jardins. — DELILLE

TU QUE COM TANTO AFÃ, com tanto custo,
Estudando, inquirindo, e meditando,
De estranhos climas transplantaste aos nossos
As flôres várias no matiz, nas formas,
Modesto horticultor, dos teus desvelos
Êste só galardão recebe ao menos!
Recebe-o: também eu gosto das flôres,
Folgo também de as ver num campo estreito
De estranhas terras revelando os mimos
E as galas d'outros céus: — aqui perfumam
Nossos jardins de peregrina essência!
Melhoram-se talvez, que as não contristam
Raios tÍbios do sol, nem turvos ares,
Nem do inverno o furor lhês cresta o brilho.

Meigas flôres gentis, quem vos não ama?
Em vós inspirações o bardo encontra,
Devaneios de amor a ingênua virgem,
A abelha o mel, a humanidade encantos,
Odôres, nutrição, bálsamo e côres.
Meigas flôres gentis, quem vos não ama?

Linda virgem no albor da vida incerta,
No meio das vivaces companheiras,
Em forma de capela as vai tecendo
Para cingir com ela a fronte e a coma,
Que os anos no passar não enrugaram,
Nem as cãs da velhice embranqueceram.
Resplendor d'innocência, onde casados
A açucena, e os jasmims aos brancos lírios
Um só perfume grato aos céus envia;
Meiga cr'roa d'angélica pureza,
Ornamento da vida — que se rompe
Ou quando os membros delicados vestem
O grosseiro burel da penitência,
Ou do noivado as galas! — lá se acaba
Por fim aos pés do tálamo ou num túmulo!
Meigas flôres gentis, quem vos não ama?

Quantas vêzes, nas horas da ventura,
A falaz sensação dum peito ingrato
Não julgamos eterna, imensa, infinda!...
Ali nossos anelos se concentram,
Nossa vida ali jaz: — cifra-se inteira
Num brando volver d'olhos, num acento,
Que a ternura repassa, inspira, exala!
Um gemido, um suspiro, um ai, um gesto,
Valem tronos, e mais, — o mundo e a vida!
Mas esvai-se a paixão!... que fica? Apenas
Um saudoso lembrar d'eras passadas,
De cismadas venturas, não fruídas,
Às vêzes uma flor!... — Flor dos amôres,
Quando extinta a paixão, por que inda existes?
Espinhos de uma rosa emmurchecida,
Por que sobreviveis às fôlhas dela?
Mais firme, mais leal, mais vivedoura
Que a volúvel paixão, a flor mimosa
Talvez irrita a dor, talvez a acalma.
Emblemas do prazer, do sofrimento,
Mensajeiras do amor ou da saudade,
Meigas flôres gentis, quem vos não ama?

Geme a fresca odalisca entre ferrolhos,
Importuna presença a voz lhe tolhe
Do não piedoso eunuco; — e estátua negra
Respeitosa e cruel lhe espreita os gestos:
Chora a gusla mourisca ao som dos ferros,
Lastima-se a cadeia ao som dos passos,
E a humana flor definha entre as mais flôres:
Mil ouvidos a voz lhe escutam sempre,
E cingidos de ferro, crus soldados
D'entôrno ao mesto harém velam sanhudos!
Ruge, fero soldão! treplica os bronzes
Da masmorra cruel: — a planta humilde,
E a escrava que recatas tão cioso,
Zombam dos feros teus! Muda e singela,
Ao través das prisões, dos teus soldados
Passa a modesta flor! Vai noutro peito,
Mistérios não sabidos relatando,
Contar do infausto amor as provas duras,
Os martírios da ausência, as tristes lágrimas
Que chora — ao reiterar protestos novos!
Bem-fadadas do sol, do amor benquistas,
O orvalho as cria, as lágrimas as murcham:
Meigas flôres gentis, quem vos não ama?

Quem tem o coração a amor propenso,
Quem sente a interna voz que dentro fala,
Delicado sentir dum brando peito,
Alma virgem que os homens não mancharam;
Quem sofre ou tem prazer, ou ama, ou espera
E vive e sente a vida, êsse vos ama:
Encantos da existência em quanto vivos,
Do revés, do triunfo companheiras,
No berço, no dossel, no mudo esquite,
Sempre amigas fiéis vos encontramos.
Meigas flôres gentis, quem vos não ama?

Modesto horticultor, dos teus desvelos
Êste só galardão recebe ao menos;
Paga-te sequer de ver mais bela,
Mais vaidosa, melhor, do sol na terra,
A flor modesta, produção sublime
De estranhos climas transplantada ao nosso.

Rio, 29 de janeiro de 1849.

O QUE MAIS DÓI NA VIDA

*I cannot but remember such things were,
And were most dear to me.*

SHAKESPEARE

O QUE MAIS DÓI na vida não é ver-se
Mal pago em benefício,
Nem ouvir dura voz dos que nos devem
Agradecidos votos,
Nem ter as mãos mordidas pelo ingrato,
Que as devera beijar!

Não! o que mais dói não é do mundo
A sangrenta calúnia,
Nem ver como s'infama a ação mais nobre,
Os motivos mais justos,
Nem como se deslustra o melhor feito,
A mais alta façanha!

Não! o que mais dói não é sentir-se
As mãos dum ente amado
Nos espasmos da morte resfriadas,
E os olhos que se turvam,
E os membros que entorpecem pouco e pouco,
E o rosto que descora!

Não! não é o ouvir daqueles lábios,
Doces, tristes, compassivas,
Sôbre o funéreo leito soluçadas
As palavras amigas,
Que tanto custa ouvir, que lembram tanto,
Que não s'esquecem nunca!

Não! não são as queixas amargadas
No triunfar da morte;
Que, se se apaga a luz da vida escassa,
Mais viva a luz rutila;
Luz da fé que não morre, luz que espanca
As trevas do sepulcro.

O que dói, mas de dor que não tem cura,
O que aflige, o que mata,
Mas de aflição cruel, de morte amara,
É morrermos em vida

No peito da mulher que idolatramos,
No coração do amigo!

Amizade e amor! — laço de flôres,
Que prende um breve instante
O ligeiro batel à curva margem
De terra hospitaleira;
Com tanto amor se ennastra, e tão depressa,
E tão fácil se rompe!

À mais ligeira ondulação dos mares,
Ao mais ligeiro sôpro
Da viração — destrançam-se as grinaldas;
O baixel se afasta,
Veleja, foge, até que em plaga estranha
Naufragado soçobre!

Talvez permite Deus que tão depressa
Éstes laços se rompam,
Por que nos pese o mundo, e os seus enganos
Mais sem custo deixemos:
Sem custo assim a brisa arrasta a planta,
Que jaz sôlta na terra!

FLOR DE BELEZA

Não vejas!... se a vires... — Eu sei por que o digo:
Tu morres de amor.

MACEDO

SE FÔSSE rainha aquela
Em cuja frente singela,
Como em tela delicada
Luz da beleza o condão,
Fôras rainha adorada;
Mas rainha sedutora,
Que exige preitos numa hora,
E noutra hora adoração.

Fôras rainha! e ditosos
Teus vassalos extremosos,
Que a renderem-te seus preitos
Beijaram-te a nívea mão.
Pedes amor e respeitos!
Quem não ama a formosura,
Quem não respeita a candura
Dum sincero coração?

Mas antes que nos curvemos
 Ante a beleza que vemos,
 Tua angélica bondade
 Conquista a nossa afeição:
 Não és mulher, mas deidade,
 Uma fada sedutora,
 Que nos pede amor agora,
 Logo mais — adoração.

Quando pois, cheia de graças,
 Entre a turba alegre passas,
 Entre a turba sequiosa
 De beijar-te a nívea mão;
 Dizem uns: quanto é formosa!
 Eu porém, sei que és mais bela
 Nos dotes da alma singela,
 Nas prendas do coração.

Passa rápida a beleza,
 Como flor que a natureza
 Cria em jardim melindoroso,
 Ou num agreste torrão:
 Passa como um som queixoso,
 Como felizes instantes,
 Como as juras dos amantes,
 Como extremos da paixão.

Mas d'alma a vida é mais fina,
 Exala essência divina,
 Que avigora e fortifica
 O dorido coração;
 Morto o corpo, ainda fica
 Como em rosal arrancado,
 Leve aroma derramado
 Dos espaços na extensão.

O ANJO DA HARMONIA

Respira tanta doçura
 O teu canto, que por certo
 Abranda a penha mais dura.
 BOCAGE

REVELA tanto amor, tão branda soa
 A tua doce voz canora e pura,
 Que o homem de a escutar sente no peito
 Infiltrar-se-lhe um raio de ventura.

Solta-se a alma das prisões terrenas,
O mundo, a vida, o sofrimento esquece,
E embalada num éter deleitoso,
Como Alcion nas águas, adormece!

Da noite a placidez é menos grata
A quem sòzinho e taciturno vela,
Quando, perdido noutros mundos, nota
A meiga luz de fugitiva estrêla.

Sensações menos doces, menos vagas,
Desperta o barco leve, que se avista
Ao pôr do sol, na extrema do horizonte,
Quando num mar de luz nos foge à vista.

Das aves o cantar é menos fresco,
É menos triste a fonte que serpeia,
Menos queixoso o mar, que enternecido,
Beija na praia a cintilante areia.

Vagas na terra, suspiroso arcanjo,
Derramando torrentes de harmonia
Sôbre as chagas mortais, — bálamo santo
Que as mais profundas mágoas alivia.

Vagas na terra, merencória e bela;
Mas quando dêste mundo ao céu tornares,
Juntarás teus terníssimos acentos
Aos puros sons dos místicos altares.

E os anjos na mansão das harmonias,
Encostados às harpas diamantinas,
Folgarão de te ouvir celestes carmes
Deduzidos em notas peregrinas.

E dirão: — Nunca às plagas do infinito
Subiu mais terna voz, mais fresca e pura!
Se o corpo é de mulher, sua alma é vaso
Onde o incenso de Deus se afina e apura.

A HISTÓRIA

The flow and ebb of each recurring age.
BYRON.

TRISTE LIÇÃO de experiência deixam
Os evos no passar e os mesmos atos
Renovados sem fim por muitos povos,
Sob nomes diversos se encadeiam:
Aqui, além, agora ou no passado,
Amor, dedicação, virtude e glória,
Baixeza, crime, infâmia se repetem,
Quer gravados no soco de uma estátua,
Quer em vil pelourinho memorados.
Eis a história! — rainha veneranda,
Trajando agora sêdas e veludos,
Depois vestindo um saco desprezível,
D'imunda cinza apolvilhada a fronte.
Se as virtudes do pobre não têm preço,
Também dos vícios seus a nódoa exígua
Não conspurca as nações; mas ai dos grandes,
Que trilham senda errada, a cujo termo
Se levanta a barreira do sepulcro,
Onde se quebra a adulação sem fôrça.
Se virtuoso, as gerações passando
As cinzas lhe beijaram; se malvado,
Cospem-lhe afrontas na vaidosa campá,
Jamais de amigas lágrimas molhada.
E qual do Egito nos festins funéreos,
Maldizem bons e maus sua memória,
Lançando à face da real mumia
Dos crimes seus a lacrimosa história.
Talvez, porém, um infortúnio grande,
Um exemplo sublime de virtude,
Cobre dourada página, que aos olhos
Pranto consolador sem custo arranca.

Eis a história! um espelho do passado,
Fôlhas do livro eterno desdobradas
Aos olhos dos mortais; — aqui sem mancha,
Além golfeja sangue e sua crimes.
Tal foi, tal é: retrato desbotado,
Onde se mira a geração que passa,
Sem côr, sem vida, — e ao mesmo tempo espelho

Que há de ser nova cópia à gente nova,
Como os anos aos anos se sucedam.
Ondas de mar sereno ou tormentoso,
As mesmas na aparência, que se quebram
Sôbre as d'areia flutuantes praias.

A CONCHA E A VIRGEM

LINDA CONCHA que passava,
Boiando por sôbre o mar,
Junto a uma rocha, onde estava
Triste donzela a pensar;

Perguntou-lhe: — Virgem bela,
Que fazes no teu cismar?
— E tu, pergunta a donzela,
Que fazes no teu vagar?

Responde a concha: — Formada
Por estas águas do mar,
Sou pelas águas levada,
Nem sei onde vou parar!

Responde a virgem sentida,
Que estava triste a pensar:
— Eu também vago na vida,
Como tu vagas no mar!

— Vais duma a outra das vagas,
Eu dum a outro cismar;
Tu indolente divagas,
Eu sofro triste a cantar.

— Vais onde te leva a sorte,
Eu, onde me leva Deus:
Buscas a vida, — eu a morte;
Buscas a terra, — eu os céus!

SEI AMAR

Amor amore.
Provérbio.

SEI AMAR com paixão ardente e fida,
Como o nauta ama a terra, como o cego
A luz do sol, como o ditoso a vida.

Sim, sei amar; porém do imenso pego
Duma existência mísera e cansada,
Quero uma hora, um instante de sossêgo.

Dera a vida a uma alma apaixonada,
A um peito de mulher que me entendesse,
Onde eu pousasse a fronte acabrunhada.

Porém, que fosse minha, e que eu soubesse
Que os lábios que beijei são meus sòmente,
Nem pensa em outro, nem de mim se esquece.

Nem vai de pronto derramar demente
Noutros ouvidos a palavra, o acento,
Que em êxtasis de amor criei fervente.

Nem corre o seu volátil pensamento,
Quando falo, a pensar noutros amôres,
Noutra voz, noutros sons, noutro momento.

Demais, acostumado a teus rigores,
Não me queixo, bem vês, mas despedaço
A prisão vil, embora oculta em flôres.

Se entro furtivo, onde outro mais de espaço
Como senhor campeia — ao mais querido
Cedo o ingresso, ao mais ditoso o passo.

Não me contenta um coração partido,
Um só amor que a dous pertence, — um peito,
Que bate por dous homens, fementido.

Se eu único não sou, — vil, não aceito
Ser segundo em amor, — inteiro é nobre,
Vale um trono; — partido, é dom tão pobre,
Qu'eu pobre, como sou, de altivo enjeito.

AMANHÃ

AMANHÃ! — é o sol que desponta,
É a aurora de róseo fulgor,
É a pomba que passa e que estampa
Leve sombra de um lago na flor.

Amanhã! — é a fôlha orvalhada,
É a rôla a carpir-se de dor,
É da brisa o suspiro, — é das aves
Ledo canto, — é da fonte o frescor.

Amanhã! — são acasos da sorte;
O queixume, o prazer, o amor,
O triunfo que a vida nos doura,
Ou a morte de baço palor.

Amanhã! — é o vento que ruge,
A procela d'horrendo fragor,
É a vida no peito mirrada,
Mal soltando um alento de dor.

Amanhã! — é a fôlha pendida,
É a fonte sem meigo frescor,
São as aves sem canto, são bosques
Já sem fôlhas, e o sol sem calor.

Amanhã! — são acasos da sorte!
É a vida no seu amargor,
Amanhã! — o triunfo, ou a morte;
Amanhã! — o prazer, ou a dor!

Amanhã! — o que val', se hoje existes!
Folga e ri de prazer e de amor;
Hoje o dia nos cabe e nos toca,
De amanhã Deus sòmente é Senhor!

POR UM AI

SE ME QUERES ver rendido,
De joelhos, a teus pés,
Por um olhar que me deites,
Por um só ai que me dê;

Se queres ver o meu peito
Rugindo como um vulcão,
Estourar, arder em chamas,
Ferver de amor e paixão;

Se me queres ver sujeito,
Curvado e prêso à tua lei,
Mais humilde que um escravo,
Mais orgulhoso que um rei;

Meus olhos sôbre os teus olhos,
Meu coração a teus pés;
Por um olhar que me deites,
Por um só ai que me dê:

Oiça, feliz, dos teus lábios
Esta só palavra — amor! —
Estrêla cortando os ares,
Abelha sôbre uma flor.

Então verás dos meus olhos,
Que o pesar me não cegou,
Rebentarem de alegria
Prantos, que a dor estancou;

Então verás o meu peito
Como outra vez se incendia:
Era a fôlha verde e fresca,
Onde o sol se refletia!

Murcha e triste pende agora;
Caiu, jaz sôlta, está só:
Exposta ao fogo, arde em chamas,
— Deixai-a, desfaz-se em pó!

Hei de sentir outra vida,
Outra vez em meu coração.
Escutarei palpitando
De amor, de fogo e paixão.

Lascado tronco sem graça,
Tal fui, tal me vês agora!
Mas venha o orvalho celeste,
Venha o bafejo da aurora;

Venha um raio de alegria
Dar-lhe às raízes calor;

Revive de novo, e brota
Fôlhas, galhos e verdor.

Do cimo erguido e copado
Outra vez se dependuram
Mil flôres, — ali mil aves
Nos seus gorjeios se apuram.

Não quero palavras falsas,
Não quero um olhar que minta,
Nenhum suspiro fingido,
Nem voz que o peito não sinta.

Basta-me um gesto, um aceno,
Uma só prova, — e verás
Minha alma, prêsa em teus lábios,
Como de amor se desfaz!

Ver-me-ás rendido e sujeito,
Cativo e prêso à tua lei,
Mais humilde que um escravo,
Mais orgulhoso que um rei!

PROTESTO

IMITAÇÃO DE UMA POESIA JAVANESA

AINDA quando os homens te odiassem,
E anat'ma contra ti bradasse o mundo,
Por ti sentira amor, te amara sempre,
Te amara eternamente.

Êste afeto jamais há de alterar-se;
Embora gêmeos sóis ardam no espaço,
Ou gêmeas noites, em cegueira eterna,
Me roubem o prazer de ver teus olhos.

Entranha-te na terra, hei de afundar-me;
Passa ao través do fogo, irei contigo;
Aos céus remonta, hei de seguir-te sempre,
Ver-me-ás sempre a teu lado.

De ti não pode a fôrça desprender-me,
Nem separar-me o fado. Em ti só vivo;
E quem dos dias teus souber o têrmo,
Que a vida me deixou também conheça.

Quando nas asas da esperança corro,
Onde me acenas, onde amor me aguarda,
Parece-me que vôo aos ledos campos,
Onde a esperança mora.

Não há que possa comparar-se aos êxtasis,
Que tanto ao vivo meu amor revelam;
Um gesto, um som dos lábios teus mimosos
Mil vêzes na minha alma se repete.

Quer irritada contra mim te mostres,
Quer do teu seio irosa me repilas,
Teu rosto na minha alma se retrata,
E eu te amo sempre!

Quer durma, quer descanse, ou vele ou sofra,
Em tudo quanto sinto, em quanto vejo,
Risonha tua imagem me aparece,
E eu julgo sempre que te falo e escuto.

Seja eu longe da pátria infindas léguas,
A distância de um mundo entre nós corra,
Em quanto além divago, prêso fica
Meu coração contigo.

Se pois souberes que os meus dias findam,
Não creias que o destino inexorável
Mos corta — antes me tem, antes me julga
Morto por ti de amôres!

FADÁRIO

PROCURA o ímã sempre
Do pólo a firme estrêla,
De viva luz o inseto
Se deixa embelezar;
E a nave contrastada
Das fúrias da procela,
Procura amigo pôrto,
No qual possa ancorar.

O ímã sou constante,
A nave combatida,
O inseto encandeado
Com fúlgido clarão;

E tu — a minha estrêla,
A luz da minha vida,
O pôrto que me acena
Por entre a cerração.

Assim, por desgostar-me,
Severa no semblante,
No olhar, na voz — de balde
Me oprime o teu rigor;
Se fujo dos teus olhos,
Se mostro-me inconstante,
Na ausência e no destêrro
Me vai crescendo o amor!

Assim o inseto volta
À luz que o já queimara,
E o ímã na tormenta
Procura o norte seu;
Assim a nave rôta,
Que o vento contrastara,
Entrando o pôrto, esquece
Que males já sofreu.

De balde, pois, tua alma,
Que a minha dor enxerga,
Se mostra áspera e dura
À voz do meu penar;
Aquêle verde ramo,
Que fâcilmente verga,
Resiste ao pêso, enquanto
Não torna ao seu lugar.

Se, pois, te irrita e cansa
De o ver revel contigo,
Do tronco seu virente
Separa-o de uma vez:
Mais qu'êle venturoso
Me julgo, se consigo
Morrer vendo os teus olhos,
Cair junto a teus pés.

Mas, inda assim, não creias,
Se finda o meu tormento,
Que nem lembrança minha
Terás de conservar;

A nave, que não toca
 No pôrto a salvamento,
 Talvez os rotos mastros
 Atira à beira-mar.

Assim quando jazendo
 Me achar na campa fria,
 Talvez tenhas remorsos
 Da tua ingratidão;
 Talvez que por mim sintas
 Alguma simpatia;
 Que em lágrimas desfeita
 Me dês amor então.

O ASSASSINO

*Pero una sola lágrima, un gemido
 Sobre sus restos a ofrecer no van,
 Que es sudario d'infames el olvido...
 ¡Bien con su nombre en su sepulcro están!*
 ZORRILLA.

EI-LO! SEU ROSTO pálido se encova;
 Incerto, mais que os vãos dum morcêgo,
 Seu andar, ora lento, ora apressado,
 Profunda agitação revela aos olhos.

Crespos os cenhos, enrugada a fronte,
 Semelha luz de tocha mortuária
 A luz que os olhos seus despedem torvos.
 Há momentos em que seu rosto fero
 De tal arte s'enruga e se transtorna,
 Que os seus próprios amigos o fugiram
 E a própria mãe temera uni-lo ao seio!
 Quando os lábios descerra, só murmura
 Frases, cujo sentido não se alcança,
 Ou blasfêmias a Deus, que o sofre em vida!
 O que amou noutro tempo, agora odeia;
 Despreza o que estimou, evita, foge
 Quanto afanoso procurava outrora;
 Receia a luz do sol, da noite as trevas,
 A voz do crime, da inocência o grito!

A cólera de Deus caiu tremenda
 Sôbre o seu peito, e o coração lhe oprime,

De cuja interna chaga em jorros salta
O sangue e a podridão: horrendo e fero,
A vítima das fúrias do remorso,
Terrível e covarde, e ao mesmo tempo
Rebelde contra a mão, que o vexa e pune,
Em quanto a Deus maldiz, blasfema, irrita,
Duma voz, duma sombra se amedronta.

Não pode suportar seus pensamentos
A sós consigo, e aborrecendo os homens,
De os ver e de os não ver sofre martírios.
Na cidade, suspeita espôsa, amigos,
A mãe e os filhos; — um terror, um pasmo,
Cuja causa recôndita se ignora,
Na voz, no rosto e gesto o denunciam
Como escravo do crime ou da miséria.

No êrmo a própria voz o sobressalta!
O som dos passos, do seu corpo a sombra,
Das fontes o correr por entre as pedras
Da brisa o suspirar por entre as fôlhas,
Quanto vê, quanto escuta o intimida.
Minaz lhe brada a natureza inteira,
Soluça um nome, que lhe erriça a coma
E o frio do terror lh'immerge n'alma.

O mar nas ondas crespas, que se enrolam,
Batidas pelo açoite da procela,
Troveja o mesmo nome; as vagas dizem-no,
Quando passam, cuspindo-lhe o semblante;
E Deus, o próprio Deus no espaço o grava
Nos fuzis que os relâmpagos centelham.
Tem pavor, quando sonha e quando vela.
Deixando o leito em seu suor banhado,
No silêncio da noite — à horas mortas,
Levanta-se medonho à voz do crime!
Nas mãos convulsas um punhal aperta
E a lâmina buída e os olhos torvos
Agoureiro clarão despedem juntos.
Soltando roucos sons com voz sumida,
Apalpa cauteloso as densas trevas,
E vai... caminha... atende... de repente
Apunhala um fantasma! — solta um grito,
Larga o punhal, convulso e arrepiado!
Num ferrete de sangue lê seu fado,

Um ferrete, que a dor não desfaz nunca,
Nem lava o pranto, nem consome o tempo.
Miserável, provando o fel da morte,
Ante o passo medonho se horroriza;
Odeia o mundo que fugir não pode,
Rejeita a religião que o não consola,
Odeia e teme a Deus, — teme a justiça
De quem na frente vil do fratricida
Nódoa eterna gravou do crime infando.

A UNS ANOS

14 — Janeiro.

No SEGRÊDO da larva delicada
a borboleta mora,
Antes que veja a luz, que estenda as asas,
Que surja fora!

A flor, antes de abrir-se, se recata;
No botão se resume,
Antes que mostre o colorido esmalte,
Que espalhe o seu perfume.

E a flor e a borboleta, após a aurora
Breve — da curta vida,
Encontram nas manhãs da primavera
A luz do sol querida.

De graças cheia, a delicada virgem
Da vida no verdor,
Semelha a borboleta melindrosa,
Semelha a linda flor.

Tudo se alegre e ri em tórno dela,
Tudo respira amor,
Que é a virgem formosa semelhante
À borboleta e à flor.

Mas para estas o sol breve se esconde,
Passam prestes os dias;
Em quanto a cada sol e nova quadra
Tu novas graças crias!

QUANDO NAS HORAS

*And dost thou ask, what secret woe
I bear, corroding joy and youth?
And wilt thou vainly seek to know
A pang e'en thou must fail to soothe?*
BYRON

I

QUANDO NAS HORAS que contigo passo,
Do amor mais casto, do mais doce enlévo,
Sentindo um raio d'esperança amiga,
Que as densas trevas da minha alma aclara;

Teus meigos olhos sôbre os meus se fitam,
Sorvo o perfume que tua alma exala,
Gozo o sorriso que os teus lábios vertem
E as doces notas que o prazer m'entranham;

Tu me perguntas por que um riso amargo,
Fúnebre e triste me desçora os lábios;
Por que uma nuvem de pesares grávida
Tolda o meu rosto;

Por que um suspiro de abafada angústia,
Um ai do peito, que exalar não ousa,
O meigo encanto dos teus sonhos quebra
Num breve instante!

Raio de amor, que sôbre mim resplendes,
Ou sol que bates num profundo abismo,
E a verde-negra superfície tinges
De côr chumbada com reflexos d'oiro;

Se vês luzente a superfície amiga,
E à luz que espalhas aclarar-se o abismo,
Sol benfazejo, que te importam fezes,
Se lá no fundo adormecidas jazem?

Talvez se as vires, encobrindo os olhos,
De horror fugindo ao temeroso aspecto,
Os brandos lumes, donde amor distilas
Breve apagarás.

Não me pergunes por que sofro triste,
Por que da morte o negro espectro invoco,
Por que, cansado desta vida, almejo
A paz dos túmulos.

Nem ver procures a cratera hiante
Do peito meu, qu'inda fumege em cinzas,
Do peito meu, onde cruéis travaram
Pleitos, não crimes, mas paixões que abramam.

Dá que nas horas que contigo passo
Do amor mais casto e do mais doce enlêvo,
Durma o passado e do porvir m'esqueça,
E o meu presente de te amar se ameigue.

II

Se algum suspiro de abafada angústia,
Se um ai do peito que exalar não ousa,
O meigo encanto dos teus sonhos quebra;
Tu me perdoa.

Cansado e triste de viver sofrendo,
Da morte amiga o negro espectro invoco,
Afiz-me as dores, e só tôrva idéia
Me apraz agora.

Talvez na pedra dum sepulcro frio
Melhor folgara de me ver deitado,
Sentir nos olhos estancado o pranto
E amodorrado o padecer no peito.

Talvez folgara minha sombra triste,
Vagando em tórno duma campa lisa,
De ver-te as formas, de contar teus passos,
E de escutar tua oração piedosa.

Talvez folgara, quando pranto amargo
Dos olhos teus me rorejasse a campa,
Dos meigos lábios, onde amor temperas,
Meu nome ouvindo!

Oh! sim, folgara de sentir a brisa,
Correndo em tórno ao moimento meu,

E tu sòzinha no sepulcro humilde,
Guardando os tristes deslembados ossos!

Junto ao meu corpo guardarei teu leito,
Onde os teus restos juntos aos meus descansem;
E o mesmo sol, e a mesma lua e brisa
Juntos nos vejam.

E quando o anjo espedaçar as campas
Ao som da trompa de fragor horrendo,
Que há de o letargo despertar dos mortos
Na vida eterna;

Primeiro em ti se fitarão meus olhos:
Hei de alegrar-me de te ver comigo,
E as nossas almas subirão reunidas
À eterna face do juiz superno.

E dêste amor, por que ambos nós passamos,
O galardão lhe pediremos ambos,
Viver unidos na mansão dos justos,
Ou nos tormentos da eterna geena!

III

No entanto a vida suportar já devo,
Sofrer o pêso da existência inglória,
E revolvendo o coração chagado,
Nos seus estragos numerar meus dias.

Na terra existo, como um som queixoso,
Um eco surdo, que entre as fragas dorme,
Ou como a fonte, que entre as pedras corre,
Ou como a fôlha sob os p's calcada.

Uma alma em pena, que procura os restos
Não sepultados, — uma flor que murcha,
Duma harpa a corda, que por fim rebenta,
Ou luz que morre.

Prazer não acho de avistar a lua
Pálida e bela na soidão do espaço;
Nem vivos astros, nem perfumes gratos
Me dão consôlo.

Nada percebo nos confusos roncões
Do mar, que bate as solitárias praias;
Nem nos gemidos da frondosa selva,
Que o sôpro amigo de uma aragem move.

Conviva infausto dum festim, que odeio,
Às próprias galas que vaidosa ostenta
A natureza — não se ri minha alma,
Nem de as notar meu coração se alegra.

E sinto o mesmo que sentira o frio,
Mudo cadáver dos festins do Egito,
Se ver pudesse, contemplando o nada
Das vãs grandezas.

Mas já que os olhos sôbre mim pousaste,
Teus meigos olhos, donde o amor lampeja;
Pois que os teus lábios para mim se abriram,
Teus meigos lábios;

Já que o perfume da tua alma d'anjo
Embalsou-me o coração de aromas;
Já que os prazeres da eternal morada
De longe, em sonhos, antevi contigo:

Já posso a vida suportar, já devo
Sofrer o pêso da existência inútil;
Já do passado e do porvir me esqueço,
E o meu presente de te amar se ameaça.

RETRATAÇÃO

*Son reo, non mi difendo;
Puniscimi, se vuoi!*
METASTÁSIO

PERDOA as duras frases que me ouviste:
Vê que inda sangra o coração ferido,
Vê que inda luta moribundo em ânsias
Entre as garras da morte.

Sim, eu devera moderar meu pranto,
Sofrear minhas iras vingativas,
Deixar que as minhas lágrimas corressem
Dentro do peito em chaga.

Sim, eu devera confranger meus lábios,
Mordê-los té que o sangue espadanasse,
Afogar na garganta a ultriz sentença,
Apagá-la em meu sangue.

Sim, eu devera comprimir meu peito,
Conter meu coração, que não pulsasse,
Apagado volcão, que inda fumega,
Que faz, que jorra cinzas?

Que m'importava a mim teu fingimento,
Se uma hora fui feliz quando te amava,
Se ideei breve sonho de venturas,
Dormingo em teu regaço;

Luz mimosa de amor, que te apagaste,
Ou gôta pura de cristal luzente
Filtrando os poros de uma rocha a custo,
Caída em negro abismo!

Devera pois meu pranto borrifar-te
Amigo e benfazejo, como aljôfar
De branco orvalho em pérolas tornado
Num cálice de flor;

Não converter-se em pedras de saraiva,
Em chuva de granizo fulminante,
Que em chão de morte as pétalas viçosas
Desfolhasse entre-abertas.

Feliz o doce poeta,
Cuja lira sonora
Ressoa como a queixosa,
Trépida fonte a correr;
Que só tem palavras meigas,
Brandos ais, brandos acentos,
Cuja dor, cujos tormentos
Sabe-os no peito esconder!

Feliz o doce poeta,
Que não andou em procura
De térrena formosura,
Nem as graças lhe notou!
Que lhe não deu sua lira,
Que lhe não deu seus cantares,

Que lhe não deu seus pesares,
Nem junto dela quedou!

Antes na mente escaldada
Forma um composto divino
De algum ente peregrino,
De algum dos filhos dos céus;
E ante essa imagem creada,
Que vê sempre noite e dia,
Dobra as leis da fantasia,
Acurva os desejos seus.

É dela quando se carpe,
É dela quando suspira,
É dela quando na lira
Entoa um canto feliz:
Dela acordado ou dormido,
Dela na vida ou na morte,
Tenha alegre ou triste sorte,
Seja Laura ou Beatriz!

Que talvez a doce imagem,
A cismada fantasia
Ha de o poeta algum dia
Junto de Deus encontrar;
E que havendo-a produzido
Antes do mundo formado,
Dê-lhe um sonhar acordado
Por um viver a sonhar!

ANELO

No LAGO interior dum peito virgem,
Que os ventos das paixões não agitaram,
Hei de em cifras de amor gravar meu nome,
Onde as nuvens do céu desenham côres.

Nos meigos olhos, que embeleza o mundo,
De corrosivas lágrimas enxutos,
Meu pensamento gravarei num beijo,
Onde as luzes do céu refletem brilhos.

Em sua alma, onde uma harpa melindrosa
Noite e dia seus cânticos afina,
Hei de a vida entornar em doces carmes,
Ondê imagens do céu sòmente brilham.

Que outra c'roa melhor, que outra mais pura,
 Que uma c'roa d'amor em frente virgem?!
 Não pesa sôbre a fronte, não esmaga,
 Não punge o coração, — é tôda amôres!

Que outra c'roa melhor, que outra mais bela
 Que a auréola, que Deus, concede aos vates?
 Com sorriso de amor, talvez com pranto,
 Cede-a o vate à mulher, que mais o inspira!

Eu ta cedo, eu ta dou! C'rôo-te imagem
 Resplendente, invejada entre as mulheres;
 Um beijo só de amor tu me concedas,
 Um suspiro sequer do peito exales.

QUE ME PEDES

TU PEDES-ME um canto na lira de amôres,
 Um canto singelo de meigo trovar?!
 Um canto fagueiro já — triste — não pode
 Na lira do triste fazer-se escutar.

Outrora, coberto meu leito de flôres,
 Um canto singelo já soube trovar;
 Mas hoje na lira, que o pranto umedece,
 Mas hoje, traído, como hei de cantar?

Outrora os ardores que eu tinha no peito
 Em cantos singelos podia trovar;
 Mas hoje, sofrendo, como hei de sorrir-me,
 Mas hoje, traído, como hei de cantar?

Não peças ao bardo, que aflito suspira,
 Uns cantos alegres de meigo trovar;
 À lira quebrada só restam gemidos,
 Ao bardo traído só resta chorar.

O CIÚME

OH! QUANTA GRAÇA e formosura adorna
 Teu rosto eloquente e vivo!
 Se a sombra de um sorrir te afrouxa os lábios,
 Prestes outro sorrir dos meus rebenta;

Se vejo os olhos teus, que chorar tentam,
Debalde o pranto meu represso engulo;
Se do teu rosto as rosas se esvaecem,
Eu sinto de temor bater meu peito;
E quando os olhos teus nos meus se fitam,
Nem pesares, nem dores me dominam;
Mas sinto que o meu peito se enternece,
Sinto o meu coração bater mais livre,
Sinto o sorriso, que me ri nos lábios,
Sinto o prazer, que me transluz no rosto,
Sinto delícias n'alma!

Quanta beleza tens! — quer dessas graças,
Que o amor inveja — num sarau brilhante
No meio de belezas, que suplantas,
Prazer e galas de as mostrar ressubres;
Quer estejas sòzinha e pensativa,
Quer viva e folgazã prazer incites:

Ou num corcel em páramos extensos
Correndo afoita e louca, e o pé mimoso
Da carrenra no afã por sob as vestes
Transparecer deixando;

Ou balançada num ligeiro barco,
Que de um lago tranqüilo as águas frisa,
Soltando a voz às brisas namoradas,
Que te ouvir suspiram;

Ou numa bronca penha descavada
O mar e os céus contemples pensativa,
E a rédeas sôltas do pensar divagues
Nos campos do infinito;

És sempre bela: já teus olhos brilhem
Luz que fascina, ou mórbidos reflexos,
Teus lábios entre-abertos sempre exaltam
Calor, que incêndio ateia.

Oh! que bela tu és, quando assentada
No teu balcão, ao refulgir da lua,
Manso te apoias em coxins de sêda,
E o belo azul dos céus triste encarando
Pensas em Deus, — talvez no teu futuro,
Talvez nos teus pesares, — que na fonte
De linfa pura, cristalina e fresca,
Aquática serpente usa ocultar-se.

Mas como és bela assim! co'a mão sem fôrça
Tirando sons perdidos, sons que encantam,
Sons qu'infundem prazer, sons d'harpa tristes!
Mas como és bela assim! — quando o teu peito
Entre a gaza subtil de leve ondeia!

Como a onda do mar pausada e fraca
Se abaixa, e empola, e mais e mais se achega
À doce praia, onde os seus ais se quebram;
Assim teu peito bate, e nos teus lábios
Do extremo palpitar morre um suspiro.
Como d'harpa afinada a corda soa
Mal desfere seus sons outro instrumento;
Assim também minha alma se entristece,
Assim também meu peito arqueja e pula!

Eis porque amor me liga aos teus destinos,
Porque sou teu escravo, — bem que saiba
 Que se a tua alma a beleza
 Tem de um anjo, a formosura,
 Não tens de um anjo a candura,
 Nem tens dêle a singeleza!

Eis porque ardo por ti, porque padeço
 Do inferno crus tormentos;
Porque dos zelos o fel mancha minha alma
 De negros pensamentos!

Mas que importa êste amor que me consome?
 Eu quero sentir dor;
Quero lábios que entornem nos meus lábios
 Alento escaldador!

Quero fogo sentir contra o meu peito,
Quero um corpo cingir que eu sinta arder,
Quero beijos só teus, carícias tuas,
 Que dão morrer!

Que importa ao edificio que cintila,
 De roaz fogo tomado,
Ser por um raio abrasado
Ou por ignóbil favila?

É sempre ardor, sempre fogo,
Sempre d'incêndio o clarão,
Sempre o amor que estua e ferve
Como um gigante vulcão.

A NUVEM DOIRADA
(NUM ÁLBUM)

A NUVEM doirada se espraia no ocaso,
Roçando co'as franjas o trono de Deus;
A águia arrojada seus vôos levanta,
Traçando caminhos nos campos dos céus!

Exala perfumes a flor do deserto,
Embora dos ventos o sôpro fatal
Embace-lhe as côres, — e o mar orgulhoso
Suspira queixoso — no extenso areal.

E os bardos mimosos nos cantos singelos
Imitam as nuvens no incerto vagar:
Vão sós como as águias, — exalam perfumes,
Suspiram queixumes — das vagas do mar.

Por isso quem ama, quem sente no peito
Cantar-lhe das liras a lira melhor;
Os carmes lhes ouve, que os bardos só cantam
Saudades, perfumes, enlevos e amor!

SONHO DE VIRGEM

A D. A. C. G. A.

I

QUE SONHA a donzela,
Tão vaga, tão linda,
Benquista e bem vinda
Na terra e no céu?
Que cisma? que pensa?
Que faz? que medita,
Que o seio lhe agita
Tão bravo escarcéu?

Que faz a donzela,
Se lágrimas quentes
Das faces ardentes
Lhe queimam a tez?

Que sonha a donzela,
Se um riso fagueiro,
Donoso e ligeiro
Nos lábios lhe vês?

Que faz a donzela?
Que cisma, ou medita?
Talvez lá cogita
Fruir algum bem;
Então por que chora?
Se curte agras dores
D'íngratos amôres,
O riso a que vem?

Semelha a donzela,
Que ri-se e que chora,
A límpida aurora,
Que orvalha dos céus;
Não luz mais brilhante,
Não chora mais prantos,
Não tem mais encantos,
Que um riso dos seus.

II

Quem me dera saber quais são teus sonhos
Aventar teus angélicos desejos,
Saber de quantas lêdas fantasias,
De quantos melindrosos pensamentos
Um suspiro se nutre, um ai se gera.
Virgem, virgem de amor, que vais boiando
À flor da vida, como rósea fôlha,
Que aragem branda sacudiu nas águas;
Que gênio bom a mágica vergasta
Em trôco de um sorriso te concede?
Que poderosa fada te embalsama
A vida e os sonhos? — que celeste arcanjo
Embala, agita as criações que idéias,
Como em raio do sol dourados átomos
Com que invisível ser brincar parece!
Virgem, virgem de amor, quais são teus sonhos?

III

Talvez quando o sol nasce, lá divisas
Na líquida extensão do mar salgado
 Correr com mansas brisas
Um ligeiro batel aparelhado.

As velas de cetim brancas de neve
Rutilam dentre as flâmulas e côres,
 E o barco airoso e leve
Nos remos voga de gentis amôres.

Não formam rijos sons celeuma dura,
Nem a companha entre bulções desmaia;
 Aragem fresca e pura
Doces carmes de amor conduz à praia.

Sonhas talvez nas orlas do ocidente,
De um regato sentada à branda margem
 Ver surgir de repente
De uma cidade a caprichosa imagem!

Soberbas construções fantasiando,
Vês agulhas subtis cortando os céus,
 E a luz do sol doirando
Rútilos tetos, altos coruchéus.

Sonhas talvez palácios encantados,
Espaçosos jardins, fontes de prata,
 Vergéis de sombra grata,
Onde a alma folga, isenta de cuidados.

Sonhas talvez, mas inocente Armida,
Passar a fácil quadra dos amôres,
 Tendo em laço de flôres
Prêso de quem mais amas peito e vida!

IV

Quem me dera saber quais são teus sonhos?
Aventar teus mais íntimos desejos,
E ser o gênio bom que tos cumprisse!

V

Nem só prazeres medita,
Nem só pensa em belas flôres;
Muitas há que almejam dores,
Como outras buscam amor:
É que as punge atra amargura,
Que o peito anseia e fadiga;
É sede que só mitiga
Talvez aflição maior.

Quase gozam, quando vertem
Um pranto cansado e lento;
Quando um comprido tormento
Lhes derrete o coração:
Não é martírio de sangue,
Como nas eras passadas;
Mas há lágrimas choradas,
Que também martírio são.

Há dores que melhor ralam
Que provas d'água ou de fogo,
Que ver apinhado o povo
Num banquete canibal;
Que sentir no anfiteatro
As vivas carnes rasgadas
Pelas prêsas navalhadas
De um fero lóbo cervical.

VI

Quem me dera saber quais são teus sonhos,
Aventar teus mais fundos pensamentos,
E ser gênio bom que tos cumprisse,
Quando fôssem de amor teus meigos sonhos!

VII

Mas donde mana essa fonte
Da inexplicável ternura,
Que os golpes da desventura
Não podem nunca estancar;
Essa vida tôda extremos,
Esse ardor de todo o instante,

Êsse amor sempre constante,
Que nunca se vê minguar?

Quisera, virgem donosa,
saber a origem divina
Dessa fonte peregrina
De tanta luz e calor;
Então pudera em meus cantos
Tratar dos teus meigos sonhos,
Formar uns quadros risonhos
De quanto sentes de amor.

Roubando as côres do Íris,
Das estrêlas os fulgores,
O aroma que tem as flôres,
O vago que tem o mar;
Talvez podera os mistérios,
As douradas fantasias,
As singelas alegrias
Dum peito virgem cantar.

MEU ANJO, ESCUTA

*Le mal dont j'ai souffert, s'est enfui comme un rêve.
Je n'en puis comparer le lointain souvenir
Qu'à ces brouillards légers que l'aurore soulève
Et qu'avec la rosée on voit s'évanouir.*

MUSSET

MEU ANJO, escuta: quando junto à noite
Perpassa a brisa pelo rosto teu,
Como suspiro que um menino exala;
Na voz da brisa quem murmura e fala
Brando queixume, que tão triste cala
No peito teu?
Sou eu, sou eu, sou eu!

Quando tu sentes lutuosa imagem
D'aflito pranto com sombrio véu,
Rasgado o peito por acerbadas dores;
Quem murcha as flôres
Do brando sonho? — Quem te pinta amôres?
Dum puro céu?
Sou eu, sou eu, sou eu!

Se alguém te acorda do celeste arroubo,
 Na amenidade do silêncio teu,
 Quando tua alma noutros mundos erra,
 Se alguém descerra
 Ao lado teu
 Fraco suspiro que no peito encerra;
 Sou eu, sou eu, sou eu!

Se alguém se aflige de te ver chorosa,
 Se alguém se alegra co'um sorriso teu,
 Se alguém suspira de te ver formosa
 O mar e a terra a enamorar e o céu;
 Se alguém definha
 Por amor teu,
 Sou eu, sou eu, sou eu!

OS BEIJOS

AMO UNS SUSPIROS quebrados
 Sôbre uns lábios nacarados
 A gemer, a soluçar;
 Como a onda bonançosa,
 Que numa praia arenosa
 Vem tristemente expirar!

Amo ouvir uma voz pura,
 Uns acentos de ternura,
 Que trazem vida e calor;
 Que se derramam a mêdo,
 Como temendo o segrêdo
 Revelar do oculto amor!

Amo a lágrima que chora
 Terna virgem que descora,
 Prêsa d'interna aflição;
 Amo um riso, um gesto vivo,
 Um olhar honesto, esquivo,
 Que alvoroça o coração.

Porém mais que o olhar honesto,
 Mais que o riso e brando gesto,
 Mais do que o pranto a correr,
 Mais que a voz, quando amor jura,

Que um suspiro de ternura,
Que vem aos lábios morrer;

Amo o leve som de um beijo,
Quando rompe o véu do pejo,
Mal sentido a murmurar:
É viva flor de esperança,
Que nos promete bonança,
Como a flor do nenufar.

Mente o olhar mesmo em donzela,
Mente a voz que amor assela,
Mente o riso, mente a dor;
Mente o cansado desejo;
Só não mente o som de um beijo,
Primícias de um longo amor!

Beijos que são? Duas vidas,
São duas almas unidas,
Que o mesmo fogo consume:
São laço estretio de amôres;
Porque são os lábios flôres
De que os beijos são perfume!

Beijos que são? — Ai do peito.
Sêlo breve, laço estretio
Dum cansado bem querer:
Saibo dos gozos divinos,
Que nos lábios femininos,
Quis Deus bondoso verter.
Já por feliz me tivera,
Triste de mim! se eu pudera
Dizer o que os beijos são:
Sei que inspiram luz e calma,
Sei que dão remanso à alma,
Que trazem fogo à paixão.

Sei que são flor de esperança;
Que nos prometem bonança,
Como a flor do nenufar:
Quem fruiu um ledo beijo,
Ter não pode outro desejo,
Nada já pode gozar.

Sei que dêles não se esquece
Triste velho, que esmorece
À minguia de coração:

Viva estrêla em noite escura,
Viva brasa em cinza pura,
Em neve alçante um vulcão.

Sei que fluí-los uma hora
De ventura sedutora,
É subir em vida aos céus,
É fugir da vida escassa,
Roubar ao tempo que passa
Um dos momentos de Deus.

Sei que são flor de esperança;
Que nos prometem bonança,
Como a flor do nenufar!
Quem os fruiu, o que espera?
Já gozou, já não tem era,
Já não tem mais que esperar.

DESESPERANÇA

*Antes d'espírar el dia,
Vi morir a mi esperanza.*
ZÁRATE

QUE M'IMPORTA do mundo a inclemência
E esta vida cruel, amargada?
Des'que os olhos abri à existência
Um vislumbre de amor não achei!
Nem uma hora tranqüila e fadada,
Nem um gôzo me foi leinitivo;
Mas no mundo maldito, em que vivo,
Quantas ânsias, meu Deus, não provei!

Já bastante lutei com meu fado!
Quando outrora corri descuidoso
Trás de um bem, não real, mas sonhado,
Transbordava de sonhos gentis:
Eu julgava que a um peito brioso
Ou que a uma alma, que fácil s'inflama
Por virtudes, por glória, ou por fama,
Era fácil aqui ser feliz.

Via o mundo ao través dos meus prantos
A sorrir-se p'ra mim caroável,

Refletindo celestes encantos,
Que era visto dum prisma ao través:
Hoje trevas em manto palpável
Me circundam, — nem já por acêrto
Vejo triste nos prantos, que verto,
Luz do céu refletida outra vez!

Que me resta na terra? — Estas flôres,
Afangadas do sôpro da brisa,
Disputando do sol os fulgores,
Balançadas no débil hastil!
Estas fontes de prata, que frisa
Brando vento, — estas nuvens brilhantes,
Estas selvas sem fim, sussurrantes,
Estes céus do gigante Brasil;

Nada já me renova a esperança,
Que jaz morta, qual flor ressequida;
Só me resta a querida lembrança
Que o martírio se acaba nos céus:
Foge pois, ó minha alma, da vida:
Foge, fuge da vida mesquinha,
Leva tímida esp'rança, caminha,
Té parar na presença de Deus!

Qu'êstes gozos de etéreos prazeres,
Que esta fonte de luz que ilumina,
Que êstes vagos fantasmas de sêres,
Que cismando só posso enxergar;
Que os amôres de essência divina
Que eu concebo e procuro e não vejo,
Que êste fundo e cansado desejo,
Deus sòmente tos pode fartar.

Vai assim a medrosa donzela,
Pura e casta na ingênua beleza,
Buscar luz à remota capela,
Branca cêra na pálida mão:
Tudo é sombra, silêncio e tristeza!
Mas ao toque do fogo sagrado,
Arde em chamas o círio apagado,
Já rutila brilhante clarão.

SE QUERES QUE EU SONHE

*Sur mon front, où peut-être s'achève
Un songe noir qui trop longtemps dura
Que ton regard comme un astre se lève,
Soudain mon rêve
Rayonnera.*

V. HUGO

TU QUERES que eu sonhe! — que ao menos dormido
Conheça alegrias, desfrute prazeres,
Que nunca provei;
Que ao menos nas asas de um sonho mentido
Perdido — arreouado, também diga: ame!

Tu queres que eu sonhe! — não sabes que a vida
Me corre penosa, — que amarga por vês
A própria ilusão!
No pálido riso duma alma afligida,
Qu'invida — ser lêda, que dores não vão!

Se o pranto, que os olhos cansados inflama,
Nos olhos de estranhos simpático brilha,
Mais agro penar
Do triste o sorriso nos peitos derrama,
Se a chama — revela, que almeja ocultar.

Sonhando, percebo na mente agitada
Um mar sem limites, areias fundidas
Aos raios do sol;
E um marco não vejo perdido na estrada
Cansada, — não vejo longínquo farol!

E queres qu'eu sonhe! — Nas águas revôltas
O nauta, ludíbrio d'horrenda procela,
Se pode dormir,
Às vagas cruzadas, em sustos involtas,
Às sôltas — escuta raivosas bramir.

Talvez porém sonha que as ondas mendaces
O levam domadas à terra querida,
Qu'entrou em seus lares! . . .
E triste desperta, que os ventos fugaces
Nas faces — a espuma lhe atiram dos mares.

Se queres que eu sonhe, — que alguma alegria
Dormido conheça, — que frua prazeres

Dum plácido amor;

Vem tu como estrêla da noite sombria,
Que enfia — seus raios das selvas no horror,

Brilhar nos meus sonhos. — Então sossegado,
Cismando prazeres, que n'alma s'entranham,

Dum riso dos teus

Coberto o meu rosto, — fugira o meu fado
Quebrado — aos encantos de um anjo dos céus.

Vem junto ao meu leito, quando eu fôr dormido,
Que eu sinta os perfumes que exalas passando;

Não soffro — direi:

E ao menos nas asas de um sonho mentido,
Perdido — arroubado, talvez diga: — amei! —

O BAILE

*Soñemos gozando
Fortuna tan vana,
Y el sol de mañana
Que vea al salir
Que al son de la orquesta
Danzando en la fiesta,
No es carga funesta
La vida feliz.*

ZORRILLA

AS SALAS vão-se enchendo, as luzes brilham
Nos prismas de cristal repercutidas,

Em quanto as flôres

Dos bufetes nas jarras coloridas

Acres odôres

Soltam; ao mar de luzes misturando

D'inocente perfume outro mar brando.

Com requebros e amor gentis donzelas,

Em riso e festa,

Medindo os passos

Aos sons da orquestra;

Pendem dos braços

Do namorado, lépido galã!

Esta risonha, aquela pensativa,

Outra menos esquiva,

Atenta às vozes, que o prazer lhe entranham,
 E à frase cortês,
 Que lhe entorna a lisonja nos ouvidos;
 Vão descuidosas,
 Nos lábios risos,
 Nas faces rosas,
 Dando fé a protestos fementidos.

Triunfo às belas! o prazer começa:
 Correm nas taças vinhos espumosos,
 Gratos licores;
 Tangida pela mão dos Trovadores
 Desfaz-se a lira em sons melódiosos,
 Em cântico de amôres.
 Soltam mais viva luz as brancas velas,
 Melhor perfume as flôres.
 Ativa-se o prazer; triunfo às belas!

Aqui, ali, além, mil rostos meigos,
 Da valsa ao giro rápido se mostram,
 De gemas ennastrados os cabelos;
 E o peito que anelante
 Palpita entumecido
 Nas ondas do prazer ebrifestante,
 Dum leve colorido
 Banha o semblante,
 Que mais e mais co'a noite se enrubece:
 Triunfo ás belas, — o prazer recresce!

Perdido entanto neste mar de luzes,
 Mar de amor, de perfumes, que me inunda,
 Contemplo indiferente
 Quanto em redor diviso;
 E entre tanto ruído e tanta gente,
 Nem um sorriso
 Verdadeiro, inocente!
 Nem um sincero raio de alegria,
 Nem um peito contente
 Neste mar de perfumes e harmonia!

Então digo entre mim: — Talvez aquela,
 Que tem melhores côres,
 Que mais lêda se mostra,
 Que mais feliz no gesto se revela,
 Sente mais finas dores;
 O ínfimo desgosto,

A febre que a devora
 Lhe dá calor ao rosto,
 E no silêncio chora,
 Prêsa de uma aflição devoradora.

Uma tristeza funda, inexprimível
 O coração me anseia;
 E triste e solitário num recanto,
 Nunca mais solitário, nem mais triste
 Do que entre a multidão que me rodeia,
 Não encontro maior, mais doce encanto
 Que deixar-me arrastar por uma idéia,
 Que me avassala a mente.
 Que m'importa esta gente,
 Êstes rostos que vejo e não conheço,
 E o riso a que mil outros dão aprêço?
 Esta fingida alegria
 Esta ventura que mente,
 Que será delas ao romper do dia?
 Destas virgens louças as mais mimosas
 Mortas serão talvez antes que murchem
 Do branco rosto as encarnadas rosas!
 Grinaldas festivas, que a morte espalha
 No lúgubre terreiro;
 O pó as enxovalha,
 Murchas aos pés do esqualido coveiro!

DESALENTO

Whitout a hope in life.
 CRABBE

NASCER, lutar, sofrer! — eis tôda a vida:
 D'esperança e de amor um raio breve
 Se mistura e confunde
 Às cruas dores dum viver cansado,
 Como raio fugaz que luz nas trevas
 Para as tornar mais feias!

Da verde infância os sonhos melindrosos,
 Nobres aspirações da juventude,
 Amor de glória stulto,
 Com que mais alto a mente se extasia;
 São vãos fantasmas, que produz a febre,
 São ilusões que mentem!

São as fôlhas virentes arrancadas
 Dum arbusto viçoso, antes que brotem
 Da primavera as flôres;
 A penugem que nasce antes das asas,
 Um estéril botão, que não dá flôres,
 Ou flor que não dá frutos!

Foge, mancebo, lá te espreita o mundo!
 Como areas dum páramo deserto,
 Ressequido, abrasado:
 Provoca o teu sofrer, teu pranto espreita,
 Sedento almeja as lágrimas, qu'entornas
 Nos reais da vida.

S'inda tens coração, hão de esmagar-te;
 As setas da calúnia irão cravar-to
 Na parte mais sensível:
 Se tens alma, se eléctrico palpitas
 De pátria e de virtude aos nomes santos,
 Foge outra vez ao mundo.

Não queiras, num acesso doloroso,
 Às mãos ambas ferindo o peito crédulo
 Exclamar delirante:
 "Minha pátria onde está? — Onde êstes homens,
 "Que a par de meus irmãos amar devera,
 "Da mesma pátria filhos?

"E a virtude também, onde hei de achá-la?
 "Se é mais que nome vão, onde é que existe?
 "Onde é que se pratica?
 Se os modernos Catões a graça esmolam
 "Do rei — ou, cortesãos da populaça,
 "Rojam por terra ignóbeis!

"Se a mão do poderoso, a mão dourada
 "Do crime impune — esbofeteia as faces
 "Do homem vil, que a beija!
 "Oh! meus irmãos não são, não são os filhos
 "Desta pátria que eu amo; — torce o rosto
 "De os ver a humanidade."

Despe-se a vida então dos seus encantos,
 E o homem na lembrança revivendo
 O percorrido estádio,
 Tem por marcos de estrada o monumento,

Com que os mais fortes laços se desatam,
— A pirâmide e a campa!

Do sonho juvenil murchas as côres,
Sem ilusões, sem fé — nublado, escuro
O presente e o porvir,
No crepe d'abortadas esperanças
S'involve — os olhos tesos no sepulcro,
A tarda morte aguarda!

Mas eu, qual viajor, vago perdido
Pela face da terra! — amigo lume
Não me convida ao longe;
E ao sentar-me na mesa dos estranhos,
Digo: — longe serei antes do ocaso: —
E a divagar prossigo.

Mal aceito conviva me despeço!...
As calúnias que sofro, a dor que passo,
Não me ferem profundas;
Bem como a rôla, que das matas desce,
E nas asas recebe o pó da estrada,
Que voando sacode.

Minha hora derradeira soe em breve,
A só esperança que aos mortais não falha!
Morrerei tranqüilo;
Bem como a ave, ao pôr do sol, deitando
Debaixo d'asa a tímida cabeça,
Da noite o sono aguarda.

A QUEDA DE SATANÁS

(TRADUÇÃO)

EIS QUE TOMBA da abóbada celeste
O arcanjo audaz, o serafim manchado.
Desenrolando o corpo volumoso,
Despenhado precipite, — qual mundo
Dos eixos arrancado, — como um vivo
Dos céus fragmento enorme, ei-lo caindo!
Caía lá daqueles céus brilhantes,
Donde inda seus iguais lançavam raios;
Caía! — e a cerviz no espaço ardendo
As esferas dos sóis de côr de sangue,
Passando, avermelhava.

Ei-lo, o maldito, o arcanjo da blasfêmia,
 Rival do creador! — té o imo peito
 Pelas frechas da anatema varado,
 Como num turbilhão, desce rodando;
 Ondas dum mar de fogo o vem cercando,
 E êle oculta a cabeça,
 Como que procurasse
 Nas entranhas da noite
 Esconder seu desdoiro.

Clamavam — longe — os mundos com voz forte:
 “Que insensato! onde vai? Nesse arrojado,
 Frenético voar, que vento o impele,
 Que de astro em astro vai, dum céu em outro?
 Vêde como é sombrio!

Oh! quam outro que está daquele arcanjo
 De tão belo semblante.
 Lúcifer radiante,

Cujo sôpro era como o romper d'alva,
 Que as portas da manhã nos céus abria,
 Trazendo consigo a aurora
 Que o seu alento acendia!
 Acaso o reconheceste?

Era ontem brilhante, novo e belo;
 E hoje é feio e nu e descálvado,
 Nas asas da tormenta balouçado,
 Nas asas dos bulcões;
 E os seus olhos fulminados
 Já sem pupilas fumegam,
 Quais crateras de vulcões!”

O arcanjo os escutava, ameaçando-os
 Co'o olhar fulminante;
 Que cheio d'ímpio orgulho já sentia
 Uma c'roa de rei cingir-lhe a fronte.
 Todos os astros que no espaço giram
 Seus olhos d'irritados fascinavam;
 E os astros todos de terror tremiam,
 Saudando a coruscante realeza.
 E já os céus sem fim, estrêlas, mundos
 Trás dêle se perderam;
 E nas profundas solidões do espaço
 O arcanjo abandonado apenas via
 A noite, e sempre a noite!
 Tem mêdo, olha, procura . . . — Um astro! um astro!

Transviado nos céus! — O arcanjo o avista!
 Estende a mão convulsa arrepelando-o:
 Segura, arrasta-o, e dum só pulo hardido
 Trá-lo potente ao limiar do inferno,
 Alentando açodado.

O errante cometa duas vêzes
 Ao tetro boqueirão levou consigo,
 E duas vêzes, como um negro abutre,
 Lutando corpo a corpo, de cansaço
 Sentiu-se esmorecer.

Duas vêzes também o astro vítima,
 Suplicando medroso, as ígneas asas
 Bateu, sublime grito aos céus mandando.
 O nome do Senhor por duas vêzes
 O rebelde venceu, — êle sòzinho
 Caiu no fundo abismo.

CANÇÃO DE BUG-JARGAL (TRADUÇÃO)

MARIA, porque me foges,
 Porque me foges, donzela?
 Minha voz! o que tem ela,
 Que te faz estremecer?
 Tão temível sou acaso?
 Sei amar, cantar, sofrer.

E quando ao través dos troncos
 Descubro d'altos coqueiros,
 Junto as margens dos ribeiros,
 A sombra tua a vagar;
 Julgo ver passar um anjo,
 Que os meus olhos faz cegar.

E dos lábios teus se escuto
 Deslizar-se a voz, Maria,
 Cheio de estranha harmonia
 Pulsa o peito meu queixoso,
 Que mistura aos teus acentos,
 Tênuê suspiro afanoso.

Tua voz! eu quero ouvir-ta
 Mais do que as aves cantando,

Que vêm da terra voando,
 Em que eu a vida provei;
 Da terra onde eu era livre,
 Da terra onde eu era rei!

Liberdade e realeza,
 Hei de perder da lembrança;
 Família, dever, vingança...
 Té a vingança m'esquece,
 Fruto amargo e deleitoso,
 Que tão tarde amadurece!

És, Maria, qual palmeira,
 Altiva, esbelta, engraçada,
 No tronco seu balançada
 Por leve brisa fagueira;
 No teu amante a rever-te,
 Como na fonte a palmeira.

Mas não sabes? — Do deserto
 A tempestade valente
 Corre às vêzes de repente
 Por acabar apressada
 Com seu hálito de fogo
 A palmeira, a fonte amada!

E a fonte já mais não corre!
 Sente a verdura sumir-se
 A palmeira, e contrair-se
 A palma sua ao redor,
 Que de cabelos dava ares,
 De c'roa tendo o splendor.

D'Hespaniola, ó branca filha,
 Teme por teu coração;
 Teme a fôrça do vulcão
 Que vai breve rebentar!
 Que, depois, amplo deserto
 Só poderás contemplar!

Talvez que então te arrependas
 De me haveres desdenhado,
 Porque houveras encontrado
 Salvação no meu amor;
 Como o catá leva à fonte
 O sedento viajor.

Porque assim tu me desdenhas,
 Não, Maria, não o sei;
 Que dentre as fronte humanas
 Entre as fronte soberanas,
 Levanto a fronte; sou rei.

Sou prêto, sim, tu és branca;
 Mas qu'importa? Junto ao dia
 A noite o poente cria
 E cria a aurora também,
 Que mais luzentes belezas,
 Mais doces do que ambos tem.

AGAR NO DESERTO

(TRADUÇÃO)

16. *Et abiit, seditque e regione procul
 quantum potest arcus jacere: dixit enim:
 non videbo morientem puerum: et sedens
 contra, levavit vocem suam et flevit.*

Gênesis, cap. 21.

PÁLIDO o rosto e queimado
 Pelo sol do Egito ardente,
 Saía a escrava inocente
 Co'o filho inocente ao lado
 Da tenda patriarcal.
 A pobrezinha chorava!
 Alguns pães e um frasco d'água
 E um peito cheio de mágoa!...
 Vê, contempla, ó triste escrava,
 Teu sepulcro no areal.

Abraão se compadece;
 Mas debalde o solicita
 Piedade santa, — de aflita
 Sem queixar-se, lhe obedece
 A triste escrava do amor.
 Quisera talvez detê-la...
 Porém quê? — Sara lh'implora,
 Deus lhe ordena: — vai-te embora,
 Vai-te, escrava; e a tua estrêla
 Te depare outro senhor.

O sol brilhante nascia
 Sôbre as tendas alvejantes;
 E noutros pontos distantes
 Combros d'areia feria,
 Outrora leito dum mar;
 Esse caminho procura,
 Que nas ondas do deserto
 Talvez ache por acêrto
 Pátria, abrigo, amor, ventura
 A prole infausta d'Agar.

Vai, caminha; mas ao passo
 Que no deserto s'entranha,
 Arde o sol com fúria estranha,
 Racha a areia o pé descalço,
 Cresta o vento os lábios seus;
 E ao lado o filho inocente
 Soltava tristes gemidos,
 Co'os olhos umedecidos
 Fitando a mãe ternamente,
 Que os olhos tinha nos céus!

Procura terras do Egito;
 Porém debalde as procura:
 Vai a triste, sem ventura,
 Lento o passo, o rosto aflito,
 Pela inculca Bersabé.
 Seu Ismael desfalece;
 No deserto imenso, adusto,
 Não enxerga um só arbusto:
 Jeová dêles s'esquece!
 Cresce a dor, e míngua a fé.

Pede sombra o triste infante:
 Não há sombra, — água suplica;
 Exaurido o vaso fica,
 Pede mais d'istante a instante...
 Pobre escrava, oh! quanto dó!
 Podesses rasgar as veias,
 Tornar águas inocentes
 Tuas lágrimas ardentes;
 Mas só vêes dum lado areias,
 D'outro lado areias só.

Pois não há quem o proteja,
 Diz a escrava lá consigo,

Vendo o fado seu imigo,
 Meu filho morrer não veja,
 Bem qu'eu tenha de morrer.
 A um tiro d'arco distante
 Se arrasta com lento passo,
 Tomba o corpo infêrmo e lasso,
 E amargo pranto abundante
 Deixa dos olhos correr.

Deus porém ouvira a prece
 Da escrava, da mãe coitada,
 E da celeste morada
 Librado um arcanjo desce
 Nas asas da compaixão.
 Expira em tórno ar de vida,
 Um aroma deleitoso,
 E num sonho aventuroso
 Agar seus males olvida,
 Olvida a sua aflição.

Dorme e sonha, ó triste escrava,
 Deus senhor sôbre ti vela!
 Dorme e sonha: — a tua estrêla
 Nasce como um romper d'alva
 Sôbre os netos d'Ismael.
 Esquece a sorte mesquinha,
 Que te vexa, — esquece tudo;
 Deus senhor é teu escudo;
 Já não és serva, és rainha
 D'outro reino d'Israel.

Como quando elevados nas alturas
 Descobrimos incógnitas paisagens,
 Densas florestas, áridas planuras
 E de rios caudais virentes margens;

Assim da vida o sonho te arrebatá,
 Rasgando o véu do tempo e do infinito,
 E uma cena vistosa te retrata,
 Que vai da Arábia ao portentoso Egito.

Vê como o filho teu, feroz guerreiro,
 Nos prainos do deserto eleva as tendas,

E, pôsto a seus irmãos sempre fronteiro,
Provoca e trama aspérrimas contendas!

São doze os filhos — doze reis potentes —
Com êles Ismael tudo avassala;
Sua espada é a lei das outras gentes,
Seus decretos os campos da batalha.

A sorte seus desígnios favoneia,
Segue seus passos a bênção divina,
Povoa-se Farã, surge d'areia
De Meca o templo, os paços de Medina.

Crescem, dominam: largo reino ingente
Mesquinha habitação presta a seus netos,
Convertida em nação a grei potente,
Que oprime a cerviz móbil dos desertos.

Mas entre os filhos seus de nomeada,
Sup'rior dos heróis à grande altura,
Na sinistra o alcorão, na destra a espada,
A efígie tôrva de Maomé fulgura.

Curva-se a Arábia entanto, a Palestina
À sua lei, da Présia o reino antigo;
Escutam Ásia e África a doutrina
Do embusteiro que em Meca achou jazigo:

Mensageiro divino se declara
Aquêle que iludido o mundo adora;
Agar é mãe, — pela vergôntea cara,
Entre orgulhosa e triste, a Deus implora.

Pecou; porém da glória que o circunda
A roxa luz, que o meteoro imita,
De vivo resplendor a fronte inunda,
Comove o peito a mísera proscrita.

Curvado ao jugo seu todo o oriente,
Inda cubiça a Europa o Ismaelita;
E em frente à cruz, o pálido crescente
Aparece nas tórres da mesquita.

Oh! quanto humano sangue derramado!
Que de prantos e lágrimas vertidas!

Entre irmãos o combate é porfiado,
A raiva intensa, as lutas mal feridas.

De avistar êsse quadro tão medonho,
Embora no porvir todo escondido,
A escrava tenta orar; porém no sonho
Resume a prece em lânguido gemido.

Geme de ver em fúria carniceira
A espôsa de Maomé desrespeitada,
E do seu genro a dinastia inteira
Por duro azar de guerra contrastada.

Sucedem-se os Omíades valentes;
Do seu último rei, oh dor! se coalha
O sangue na mesquita: entre essas gentes
Vinga o punhal a sorte da batalha.

O vencedor então então, não poucas vêzes,
Chegando à bôca a taça corrompida,
Exp'rimenta os tristíssimos reveses,
De quem sôbre os troféus exala a vida!

Tudo é silêncio e luto: — um só evita
O negro olvido, — ao templo da memória
Voa Al-Rexid, — unindo à glória avita
O louro da ciência e o da vitória.

Com seu vizir à noite, pelas ruas
Escuta dos estranhos mercadores
A glória doutros reis, menor que as suas,
E espreita do seu povo ocultas dores!

Se ouviu a narração duma desgraça,
Se o pobre vê curvado a prepotência,
Se o convidam a entrar, quando êle passa,
No abrigo do infortúnio e da inocência,

Entrou e viu! mas o fulgor crastino
Ri-se mais brando aos peitos sofredores;
Passa o rei, como orvalho matutino,
E, por onde passou, recendem flôres!

Mudado o sonho, a fugitiva escrava
Estranhos povos nota, estranhas terras,

Que o Darro ensopa e o Guadalete lava,
Nadando em sangue de cruentas guerras.

Quem foi que as altas portas
Abriu d'Espanha aos mouros;
Que pôs os verdes louros,
Dos reis godos conquista,
Às plantas do infiel?
De tantos males causa
Tu foste, ó rei Rodrigo,
Tornando infesto, imigo,
O nobre conde, outrora
Vassalo teu fiel.

Debalde o afeto encobres
Do refalsado peito,
Se vais furtivo ao leito
Da virgem, que se mostra
Rebelde ao teu amor:
Qu'és godo e rei t'esqueces!
E o nobre ressentido
Da ofensa que há sofrido,
No teu exemplo aprende
A ser tão bem traidor.

Em quanto pois devassas,
Com torpes pensamento,
Os régios aposentos
Da nobre môça, — a c'roa
Te cai da frente ao chão;
E o pai, que a afronta punge,
Turbado, ardendo em ira,
Aos pés do mouro a atira.
O rei, que planta crimes,
Recolha vil traição.

Sus, ó rei, às armas!
Empunha a larga espada,
E a frente sombreada
Co' o negro elmo — deixa
Tingir-se em nobre pó:
D'encontro as alas densas
Do bárbaro inimigo
Debalde, ó rei Rodrigo,

Te arrojás! — vence a fôrça,
Foges vencido e só!

Vai só; mas ocultando
No manto dum soldado
O rosto demudado,
Enquanto passa o campo,
Escasso leito aos seus:
 Ai! triste rei caído!
Na solitária ermida,
Que abriga a inútil vida,
No pó colada a fronte,
Lembra-te enfim de Deus.

Lembrem-te os muitos erros
E o crime grave, enquanto
As mães gôdas em pranto
O nome teu maldizem,
E ao céu clamando estão.
 Enquanto pela Ibéria
O árabe audaz e forte
Espalha o susto, a morte,
Por onde quer que solta
Ao vento o seu pendão.

Passam avante, calcam
Dos Pireneus as serras,
Levando cruas guerras
Ao dilatado império
Do intrépido gaulês.
 Debalde o grande Carlos
Opõe-se-lhes, — que a história
Nos traz inda à memória
Dos tristes Roncesvales
O mísero revés.

Porém do largo império
De Córdova e Granada
A c'roa cai pesada
Na frente amolecida
Do môço Boabdil.
 O fraco teme os ecos
Ouvir da acesa guerra,
E perde a nobre terra
Ganhada em mil batalhas,
Com pranto-feminil.

Depois, inda outros quadros
 Enxerga no futuro;
 Mas é um ponto escuro,
 São formas vagas, postas
 Em duvidosa luz.

Já naves são, já hostes,
 Tropel de vária gente,
 Que parte do ocidente,
 Em cujos peitos brilha
 De Cristo a roxa cruz.

Agar enfim acorda!
 Sustendo o filho caro,
 Pelo deserto avaro
 S'entranha novamente,
 Mais sôlto o coração.
 Parece que já sente
 No rosto ao belo infante
 A glória radiante,
 Que espera os descendentes
 Da forte geração.

E como Deus lhe há dito,
 Seus filhos são guerreiros,
 Que a seus irmãos fronteiros
 Cruentos prélios movem:
 Temidos são; porém
 As filhas dêsses bravos,
 Da vida sequestradas,
 Escravas são coitadas,
 Que da materna origem
 Recordam-se no Harém.

Vai, caminha, oh triste escrava,
 Deus Senhor sôbre ti vela;
 Vai, caminha: a tua estrêla
 Nasce como um romper d'alva
 Sôbre os netos d'Ismael.

Esquece a sorte mesquinha
 Que te vexa, esquece tudo,
 Deus Senhor é teu escudo:
 — Já não és serva, és rainha
 D'outro reino d'Israel.

HINOS

O MEU SEPULCRO

*Élève-toi, mon âme, au-dessus de toi-même,
Voici l'épreuve de ta foi!
Que l'impie, assistant à ton heure suprême,
Ne dise pas: Voyez, il tremble comme moi!*
LAMARTINE — Harmonies

QUANDO, os olhos cerrando à luz da vida,
O extremo adeus soltar às esperanças,
Que na terra nos guiam, nos confortam
E espaçam do porvir a senda estreita;
Quando, isento de míseros cuidados,
Disser adeus às ilusões douradas,
Mas com elas também às dores cruas
Da existência — aos espinhos ponteagudos,
Com que a verdade o coração nos roça;
Quando tocada não sentir minha alma
Da luz, dos sons, das côres, das magias,
Que a natureza pródiga derrama
No regaço da terra — mais ditoso
Serei acaso então? — Quando o meu corpo
À terra, mãe comum, pedindo abrigo
Dos sepulcros no vale em paz descanse;
Hei de ser mais feliz porque mo cobre
Pomposo mausoléu, em vez da pedra
Sem nome, em vez do túmulo de céspedes,
Que s'ergue junto à estrada, e ao viandante,
Ao que ali passa, uma oração suplica?
Oh! não! — ao encalmado é grata a sombra;
Grato descanso aos membros fatigados
Presta igualmente a relva das campinas
E os torrões pelo sol enrijecidos.
Como o trabalhador que a sesta aguarda,
O meu têrmo fatal sem mêdo espero!
Eu então pedirei silêncio à morte,
E fresca sombra à sepultura humilde,
Que me receba, — e a cuja superfície
Morrám sem eco da existência as vagas.

Humilde seja embora! Que m'importa
Que a mão d'hábil artista me não talhe
Mentiroso epitáfio em preto mármore!
O moimento faustoso, que se erige,
Arranco da vaidade, sôbre a campa
De um corpo transitório, acaso empece
Aos que ali pascem, vermes esfaimados
De roerem-lhe as vísceras?! — Solenes
São da campa os mistérios; mas terrível
É da morte a rasoura, que nivela
O rico ao pobre, e aos berços diferentes
Torna um féretro, um leito de Procusto,
Capaz de quanta dor os homens sofrem:
Tão depressa o cadáver se corrompe
Nas amplas dobras do veludo involto,
Como embrulhado na mortalha exígua,
Que a religiosa caridade amiga,
O pudor dos sepulcros venerando,
Lança do pobre aos restos desprezados.

Os felizes do mundo, acobardados
Ante a imagem da morte, que os assalta,
Temem deixar a terra, onde tranqüila,
Quase livre de dor, entre delícias,
Como um rio caudal lhes corre a vida.
Horrorizam-se tímidos, — suplicam
À cruel, que os não leve, que os não roube
À senda matizada, onde os seus passos
Deslizam-se macios — às carícias
Dum seio, que lhes presta brando encôsto.
O fio da esperança os liga forte
A um corpo que declina, como os lios
De enredança tenaz prendida à copa
Duma árvore comida: amedrontados,
Como das fauces negras dum abismo,
Do pavoroso túmulo recuam.

Mas eu, que vago sôlto, como a fôlha,
Como o fumo subtil; que não limito
Nos términos da terra os meus desejos,
Folgo de ver os renques dos sepulcros
No chão da morte largamente esparsos!
Quase me alegra vê-los. Tal no exílio
Contempla à beira-mar o degradado
Devolverem-se as vagas, — e saudoso

Da pátria sua tão distante — as conta;
Uma por uma as interroga, e pensa
Qual daquelas será que o leve e atire,
Náufrago embora e semimorto, às praias,
Por que choram seus olhos. — No destêrro
Me contemplo também, — como êle, choro
A pátria, o ímã dos meus sonhos gratos.
Abra-se funda a cova ante os meus passos:
Um só dêles da morte me separe! . . .
E êsse passo andarei, como quem pisa,
Depois de viajar remotos climas,
O pátrio solo, e as auras perfumadas
Do bosque, amigo seu na leda infância,
Bebe de novo, e de as gozar se aplaude.

Hora do passamento! és da existência
O momento mais santo, o mais solene:
Assim o rubro sol, quando no caso
Em turbilhões de púrpura se afunda,
Nos morredouros, despontados raios
Saudosos, extremo adeus à terra envia.
Tal o espôso se aparta suspiroso
E nas asas da brisa manda um beijo
À espôsa, que de o ver partir se enluta,
Rôla que vaga na amplidão das selvas.

Cheio de melancólica incerteza,
Dir-te-ei: bem vinda, — ó morte! quando os olhos
Voltar atrás na percorrida estrada;
E chorarei talvez, como quem deixa
O cárcere medonho, onde engastada
Nas escarnas da dor gemeu sua alma
Largos anos de antigo sofrimento;
O cárcer qu'inda as lágrimas lhe verte
Das úmidas paredes, cujos ecos
Inda parecem, na solidão da noite,
Repetir seus tristíssimos acentos.

Oh! quão formosa a vida se revela
A quem já bate as portas do infinito,
Encostado aos umbrais da eternidade,
A vez extrema contemplando o mundo!
A fôlha já mirrada, a pedra sôlta,
A flor agreste, a fonte que murmura
E as cantoras do céu, as lêdas aves

De variado esmalte, e as suspirosas
Brisas da noite e as do romper da aurora,
A estrêla, o sol, o mar, o céu, a terra,
A planta, os animais, tudo então vive,
Tudo conosco simpatiza, — tudo,
Como orquestra afinada por nossa alma,
Acorde aos nossos sentimentos vibra,
Revelando ao que morre os fins da vida
Dali melhor compr'ende-se a existência,
Mais vasta perspectiva se desdobra
Ante os olhos, que a extrema vez lampejam:
E as cenas que a ilusão junca de flôres,
Que o desejo nos mostra, que nos pinta
Cobiçoso, irisante, — que a esperança
Fugaz de vários modos nos matiza;
Glória, ambição, prazer, falaz ventura,
Tudo se olvida e apaga — semelhante
À fugitiva estrêla ou clarão breve
Dum relâmpago estivo, que um momento
Se mostra e fulge, logo imerso em trevas.

Que importa que eu não tenha uma só c'roa,
Um mirrado laurel, uma só fôlha,
Que às novas gerações diga o meu nome
E solicite as atenções futuras?
Sou como o passarinho, quando passa
À flor de um lago e a sombra vacilante
No líquido cristal de balde estampa.
Ou semelhante ao viajor que bate
Da vida a estrada pulvurenta, e nota
Como os seus rastos mal impressos cobre
O pó que de seus passos se levanta.
Ah! que dos louros me não dói a ausência.
Mas de lágrimas, sim, que me orvalhassem
A sepultura humilde, — à cujas gotas
Meus ossos de prazer estremecidos
De as sentir se alegrassem. . . — mas em trôco
Dessa pia oblação, que tantas vezes
Mente ao finado, que as espera eterno,
As lágrimas terei da noite fria,
O fresco humor da chuva, que me eduquem
A agreste flor, que a natureza obriga
A despontar na solitária campa.
Ninguém virá com titubantes passos
E os olhos lacrimosos, procurando

O meu jazigo; e em falta de epitáfio,
"Éle aqui jaz!" o coração lhe diga,
E ali se curve então, fundos suspiros
Dando aos ecos do fúnebre recinto,
Involtos na oração que alegra os mortos.
Certo, ninguém virá; porém tão pouco
Ouvirei maldições, onde escondido,
Já pasto aos vermes, jazerá meu corpo.
Se deixo sôbre a terra alguma ofensa,
Se alguma vida exacerbei, se acaso
Alguma simples flor trilhei passando;
Essas, depois d'eu morto, convertidos
Os ódios em piedade — "Em paz descansa'
Dirão ante o meu túmulo, e voltando
A um lado o rosto, — deixarão dos olhos
Compassiva uma lágrima fugir-lhes!

Tu, Senhor, tu, meu Deus, tu me recebe
Na tua santa glória: alarga as asas
Do teu santo perdão, que ao teu conspecto
Humilhado me sinto, como a grama,
Que o pé do viajor sem custo abate.
A ti volvo, ó Senhor, — bem como o filho,
Que ao sôpro das paixões soltando as velas
Da juventude ardente, foge ao teto
E ao lar paterno, onde por fim se acolhe,
Consumido o tesouro da inocência,
Com rubor dos andrajos da pobreza.
Que o vexa, — para ver do pai o rosto,
Para escutar-lhe a voz, embora tenha
Sôbre a cabeça a maldição pendente.

SAUDADES

A MINHA IRMÃ J. A. DE M.

I

ERAS CRIANÇA ainda; mas teu rosto
De ver-me ao lado teu se espanjava
À luz fugaz de um infantil sorriso!
Eras criança ainda; mas teus olhos

De uma brandura angélica, indizível,
De simpáticas lágrimas turbavam-se
Ao ver-me o aspecto merencório e triste;
E amigo refrigério me sopravam,
Um bálsamo divino sôbre as chagas
Do coração, que a dor me espedaçava!
A luz de uma razão que desabrocha,
As leves graças, que a inocência adornam,
Os infantis requebros, as meiguices
De uma alma ingênua e pura — em ti brilhavam.
Eu, gasto pela dor antes de tempo,
Conhecendo por ti o que era a infância,
Remoçava de ver teu rosto belo.
Pouco era vê-lo! — em ti me transformava:
Bebendo a tua vida em longos tragos,
Todo o teu ser em mim se transfundia:
Meu era o teu viver, sem que o soubesses,
Tua inocência, tuas graças minhas:
Não, não era ditoso em tais momentos,
Mas de que era infeliz me deslembra!

Tinhas sôbre mim poder imenso,
Indizível condão, e o não sabias!
Assim da tarde a brisa corre à terra,
Embalsamando o ar e o céu de aromas:
Enreda-se entre flôres suspirosa,
Geme entre as flôres que o luar prateia,
E não sabe, e não vê, quantos queixumes
Apaga — quantas mágoas alivia!
Assim, durante a noite, o passarinho
Em moita de jasmims derrama oculto
Merencórias canções nos mansos ares;
E não sabe, o feliz, de quantos olhos
Tristes, mas doces lágrimas, arranca!

II

Perderam-te os meus olhos um momento!
E na volta o meu rosto transtornado,
As vestes ltuosas, que eu trajava,
O mudo, amargo pranto que eu vertia,
Anúncio triste foi de uma desdita,

Qual jamais sentirás: teus tenros anos
Pouparam-te essa dor, que não tem nome.
De quando sôbre as bordas de um sepulcro
Anseia um filho, e nas feições queridas
Dum pai, dum conselheiro, dum amigo
O sêlo eterno vai gravando a morte!
Escutei suas últimas palavras,
Repassando de dor! — junto ao seu leito,
De joelhos, em lágrimas banhado,
Recebi os seus últimos suspiros.
E a luz funérea e triste que lançaram
Seus olhos turvos ao partir da vida
De pálido clarão cobriu meu rosto,
No meu amargo pranto refletindo
O cansado porvir que me aguardava!

Tu nada viste, não; mas só de ver-me,
Flor que sorrias ao nascer da aurora
No denso musgo dos teus verdes anos,
A procela iminente pressentiste,
Curvaste o leve hastil, e sôbre a terra
Da noite o puro aljôfar derramaste.

III

O encanto se quebrara! — duros fados
Inda outra vez de ti me separavam.
Assim dois ramos verdes juntos crescem
Num mesmo tronco; mas se o raio os toca,
Lascado o mais robusto cai sem graça
De rôjo sôbre o chão, em quanto o outro
Da primavera as galas pavoneia!
Já não há quem de novo uni-los possa,
Quem os force a vingar e a florir juntos!

Parti, dizendo adeus à minha infância,
Aos sítios que eu amei, aos rostos caros,
Que eu já no berço conheci, — àqueles
De quem mau grado, a ausência, o tempo, a morte
E a incerteza cruel do meu destino,

Não me posso lembrar sem ter saudades,
Sem que aos meus olhos lágrimas despontem.
Parti! sulquei as vagas do oceano;
Nas horas melancólicas da tarde,
Volvendo atrás o coração e o rosto,
Onde o sol, onde a esp'rança me ficava,
Misturei meus tristíssimos gemidos
Aos sibilos dos ventos nas enxárcias!

Revolvido e cavado o negro abismo,
Rugia indômito a meus pés: sorvia
No fragor da procela os meus soluços.
Vago triste e sôzinho sôbre os mares,
— Dizia eu entre mim, — na companhia
De crestados, de ríspidos marujos,
Mais duros que o seu côncavo madeiro!
Ave educada nas floridas selvas,
Vim da praia beijar a fina areia.
Subitâneo tufão arrebatou-me,
Perdi a verde relva, o brando ninho,
Nem jamais casarei doces gorjeios
Ao saudoso rugir dos meus palmares;
Porém a branca angélica mimosa,
Com seu candor enamorando as águas,
Florece às margens do meu pátrio rio.

IV

Largo espaço de terras estrangeiras
E de climas inóspitos e duros
Interpôs-se entre nós! — Ao ver nublado
Um céu d'inverno e as árvores sem fôlhas,
De neve as altas serras branqueadas,
E entre esta natureza fria e morta
A espaços derramadas pelos vales
Triste oliveira, ou fúnebre cipreste,
O coração se me apertou no peito.
Arrasados de lágrimas os olhos,
Segui no pensamento as andorinhas,
Nos invejados vôos! — procuravam,
Como eu também nos sonhos que mentiam,
A terra que um sol cálido vigora,

E em frouxa languidez estende os nervos.
Pátria da luz, das flôres! — nunca eu veja
O sol, que adoro tanto, ir afundar-se
Nestes da Europa revoltosos mares;
Nem tibia lua, involta em nuvens densas,
Luzindo mortuária sôbre os campos
De frios seus queimados. — Ai! dizia,
Ai daquele que um fado aventureiro,
Qual destrôço de mísero naufrágio,
A longínqua e remota plaga arroja!
Ai daquele que em terras estrangeiras
Corta nas asas do desejo o espaço,
Em quanto a realidade o vexa entôrno
E opresso o coração de dor estala!
Onde a pedra, onde o seio em que descanse?
Que arbusto há de prestar-lhe grata sombra
E olentes flôres derramar co'a brisa
Na fronte encadecida? Peregrino,
Em tôda a parte forasteiro o chamam!
Insensível a dor, na sua marcha,
Não, não atende ao têrmo da jornada;
Mas volta atrás o rosto, — e entre as sombras
Confusas do horizonte — enxerga apenas
O bébil fio da esperança têso,
E da ingrata distância adelgado!

E todavia amei! pude um momento
Ver perto a doce imagem debruçada
Nas águas do Mondego, — ouvir-lhe um terno
Suspiro do imo peito, mais ameno,
Mais saudoso que as auras encantadas,
Que entre os seus salgueirais moram loquaces!
Foi um momento só! — talvez agora
Nas mesmas águas se repete imagem
Dos meus sonhos de então! — talvez a brisa,
Nas fôlhas dos salgueiros murmurando,
Meu nome junto ao seu repete aos ecos,
Que eu, triste e longe dela, escuto ainda!

Sim, amei; fôsse embora um só momento!
Meu sangue, requeimado ao sol dos trópicos,

Em vivas labaredas conflagrou-se.
 Feliz naquele incêndio ardeu minha alma,
 Um ano, talvez mais! Qual foi primeiro
 A soltar, a romper tão doces laços
 Não podera dizê-lo, em que o quisesse.
 Tão louco estava então, — dores tão cruas,
 Mágoas tantas depois me acabrunharam,
 Que dêsse meu passado extinta a idéa,
 Deixou-me apenas um sofrer confuso,
 Como quem de um mau sonho se recorda!
 Assim, depois de arder um denso bosque
 Dos ventos à mercê revoa a cinza
 Num páramo deserto! Nada resta;
 Nem se quer a vereda solitária,
 A cuja extremidade o amor velava!

V

Rotos na infância os laços de família,
 Os fados me vedavam reatá-los,
 Ter a meu lado uma consorte amada,
 Rever-me na afeição dos filhos caros,
 Viver nêles, curar do seu futuro
 E neste empenho consumir meus dias;
 Mas ao menos, pensava, — ser-me-á dado
 Amimar e sustar nos meus joelhos
 Da minha irmã querida a tenra prole,
 Incliná-la a piedade, e ao relatar-lhe
 Os sucessos da minha vida errante,
 Inocular-lhe o dom fatal das lágrimas!
 Essa mesma esperança não me ilude;
 Ave educada nas floridas selvas,
 Um tufão me expeliu do pátrio ninho.
 As tardes dos meus dias borrascosos
 Não terei de passar, sentado à porta
 Do abrigo de meus pais, — nem longe dêle,
 Verei tranqüilo aproximar-se o inverno,
 E pôr do sol dos meus cansados anos!

FIM DOS
 "ÚLTIMOS CANTOS"

OS TIMBIRAS

POEMA AMERICANO

A MAJESTADE
DO MUITO ALTO E MUITO PODEROSO
PRÍNCIPE O SENHOR

D. PEDRO II
IMPERADOR CONSTITUCIONAL E DEFENSOR
PERPÉTUO DO BRASIL

INTRODUÇÃO

OS RITOS semibárbaros dos Piagas,
Cultores de Tupã, e a terra virgem
Donde como dum trono, enfim se abriram
Da cruz de Cristo os piedosos braços;
As festas, e batalhas mal sangradas
Do povo Americano, agora extinto,
Hei de cantar na lira. — Evoco a sombra
Do selvagem guerreiro! . . . Tôrvo o aspecto,
Severo e quase mudo, a lentos passos,
Caminha incerto, — o bipartido arco
Nas mãos sustenta, e dos despidos ombros
Pende-lhe a rôta aljava. . . as entornadas,
Agora inúteis setas, vão mostrando
A marcha triste e os passos mal seguros
De quem, na terra de seus pais, embalde
Procura asilo, e foge o humano trato.

Quem podera, guerreiro, nos seus cantos
A voz dos piagas teus um só momento
Repetir; essa voz que nas montanhas
Valente retumbava, e dentro d'alma
Vos ia derramando arrôjo e brios,
Melhor que taças de cauim fortíssimo?!
Outra vez a chapada e o bosque ouviram
Dos filhos de Tupã a voz e os feitos
E as pocemas de morte, levantadas
Dentro do circo, onde o fatal delito
Expia o malfadado prisioneiro,
Qu'enxerga a maça e sente a muçurana
Cingir-lhe os rins a ennodoar-lhe o corpo:
E sós de os escutar mais forte acento
Haveriam de achar nos seus refolhos
O monte e a selva e novamente os ecos.

Como os sons do boré, soa o meu canto
Sagrado ao rudo povo americano:
Quem quer que a natureza estima e preza

E gosta ouvir as empoladas vagas
 Bater gemendo as cavas penedias,
 E o negro bosque sussurrando ao longe —
 Escute-me. — Cantor modesto e humilde,
 A fronte não cingi de mirto e louro,
 Antes de verde rama engrinaldei-a,
 D'agrestes flôres enfeitando a lira;
 Não me assentei nos cimos do Parnaso,
 Nem vi correr a linfa da Castália.
 Cantor das selvas, entre bravas matas
 Áspero tronco da palmeira escolho.
 Unido a êle soltarei meu canto,
 Em quanto o vento nos palmares zune,
 Rugindo os longos encontrados leques.

Nem só me escutareis fereza e mortes:
 As lágrimas do orvalho por ventura
 Da minha lira distendendo as cordas,
 Hão de em parte ameigar e embrandecê-las.
 Talvez o lenhador quando acomete
 O tronco d'alto cedro corpulento,
 Vem-lhe tingido o fio da segure
 De puro mel, que abelhas fabricaram;
 Talvez tão bem nas fôlhas qu'engrinaldo,
 A acácia branca o seu candor derrame
 E a flor do sassafráz se estrele amiga.

CANTO PRIMEIRO

SENTADO em sítio escuso descansava
 Dos Timbiras o chefe em tronco anoso,
 Itajuba, o valente, o destemido
 Acoçador das feras, o guerreiro
 Fabricador das incansáveis lutas.
 Seu pai, chefe também, também Timbira,
 Chamava-se o Jaguar: dêle era fama
 Que os musculosos membros repeliam
 A frecha sibilante, e que o seu crânio
 Da maça aos tesos golpes não cedia.
 Cria-se... e em que não crê o povo stulto?
 Que um velho piaga na espelunca horrenda
 Aquêlê encanto, inútil num cadáver,
 Tirara ao pai defunto, e ao filho vivo
 Inteiro o transmitira: é certo ao menos

Que durante uma noite juntos foram
O môço e o velho e o pálido cadáver.

Mas acertando um dia estar oculto
Num denso tabocal, onde perdera
Traços de fera, que rever cuidava,
Seta ligeira atravessou-lhe um braço.
Mão d'imigo traidor a disparara,
Ou fôra algum dos seus, que receioso
Do mal causado, emmudeceu prudente.

Relata o caso, irrefletido, o chefe.
Mal crido foi! — por abonar seu dito,
Redobra d'imprudência, — mostra aos olhos
A traiçoeira frecha, o braço e o sangue.
A fama voa, as tribos inimigas
Adunam-se, amotinam-se os guerreiros
E as bôcas dizem: o Timbira é morto!
Outras emendam: Mal ferido sangra!
Do nome do Itajuba se despega
O mêdo, — um só desastre venha, e logo
Êsse encanto vai prestes converter-se
Em riso e farsa das nações vizinhas!
Os manitós, que moram pendurados
Nas tabas d'Itajuba, que as protejam:
O terror do seu nome já não vale,
Já defesa não é dos seus guerreiros!

Dos Gamelas um chefe destemido,
Cioso d'alcançar renome e glória,
Vencendo a fama, que os sertões enchia,
Saiu primeiro a campo, armado e forte,
Guedelha e ronco dos sertões imensos,
Guerreiros mil e mil vinham trás êle,
Cobrando os montes e juncando as matas.
Com pejado carcaz de ervadas setas
Tingidas d'urucu, segundo a usança
Bárbara e fera, desgarrados gritos
Davam no meio das canções de guerra.

Chegou, e fêz saber que era chegado
O rei das selvas a propor combate
Dos Timbiras ao chefe. — “A nós só caiba,
(Disse êle) a honra e a glória; entre nós ambos
Decida-se a questão do esfôrço e brios.

Êstes, que vês, impávidos guerreiros,
São meus, que me obedecem; se me vences,
São teus; se és o vencido, os teus me sigam:
Aceita ou foge, que a vitória é minha."

Não fugirei, responde-lhe Itajuba,
Que os homens, meus iguais, encaram fito
O sol brilhante, e os não deslumbra o raio.

Serás, pois que me afrontas, torna o bárbaro
Do meu valor troféu, — e da vitória,
Qu'hei de certo alcançar, despôjo opimo.
Nas tabas em que habito ora as mulheres
Tecem da sapucaia as longas cordas,
Que os pulsos teus hão de arrochar-te em breve;
E tu vil, e tu prêso, e tu coberto
D'escárnio e d'irrisão! — Cheio de glória,
Além dos Andes voará meu nome!

O filho de Jaguar sorriu-se a furto:
Assim o pai sorri ao filho imberbe,
Que, desprezado o arco seu pequeno,
Talhado para aquelas mãos sem fôrças,
Tenta doutro maior curvar as pontas,
Que vêzes três o mede em tôda a altura!

Travaram luta fera os dois guerreiros.
Primeiro ambos de longe as setas vibram;
Amigos manitôs, que ambos protegem,
Nos ares as desgarram. Do Gamela
Entrou a frecha trêmula num tronco
E só parou no cerne; a do Timbira,
Ciciando veloz, fugiu mais longe,
Roçando apenas os frondosos cimos
Encontram-se os Tacapes, lá se partem;
Ambos o punho inútil rejeitando.
Estreitam-se valentes: braço a braço,
Alentando açodados, peito a peito,
Revolvem fundo a terra aos pés, e ao longe
Rouqueja o peito arfado um som confuso.

Cena vistosa! quadro aparatoso!
Guerreiros velhos, à vitória afeitos,
Tamanhos campeões vendo n'arena,
E a luta horrível e o combate aceso,
Mudos quedaram de terror transidos.

Qual daqueles heróis há de primeiro
Sentir o egrégio esforço abandoná-lo?
Perguntam; mas não há quem lhes responda.

São ambos fortes: o Timbira hardido,
Esbelto como o tronco da palmeira,
Flexível como a frecha bem talhada.
Ostenta-se robusto o rei das selvas;
Seu corpo musculoso, imenso e forte
É como rocha enorme, que desaba
De serra altiva, e cai no vale inteira.
Não vale humana fôrça desprendê-la
Dali, onde ela está: fugaz corisco
Bate-lhe a calva fronte sem parti-la.

Separam-se os guerreiros um do outro,
Foi dum o pensamento, — a ação foi d'ambos.
Ambos arquejam; descoberto o peito
Arfa, estua, eleva-se, comprime-se,
E o ar em ondas sôfregos respiram.
Cada qual, mais pasmado que medroso,
Se estranha a fôrça que no outro encontra,
A mal cuidada resistência o irrita.
Itajuba! Itajuba! — os seus exclamam.
Guerreiro, tal como êle, se descora
Um só momento, é dar-se por vencido.
O filho de Jaguar voltou-se rápido.
Donde essa voz partiu? quem no aguilhoa?
Raiva de tigre anuviou-lhe o rosto
E os olhos côm de sangue irados pulam.

“A tua vida a minha glória insulta!
Grita ao rival, e já de mais viveste.”
Disse, e como o condor, descendo a prumo
Dos astros, sôbre o lhama descuidoso,
Pávido o prende nas torcidas garras,
E sobe audaz onde não chega o raio. . .
Voa Itajuba sôbre o rei das selvas,
Cinge-o nos braços, contra si o aperta
Com fôrça incrível: o colosso verga,
Inclina-se, desaba, cai de chofre,
E o pó levanta e atroa forte os ecos.
Assim cai na floresta um tronco anoso,
E o som da queda se propaga ao longe!

O fero vencedor um pé alçando,
 Morre! — lhe brada — e o nome teu contigo!
 O pé desceu, batendo a arca do peito
 Do exânime vencido: os olhos turvos,
 Levou, a extrema vez, o desditoso
 Àqueles céus d'azul, àquelas matas,
 Doce cobertas de verdura e flôres!

Depois, erguendo o esqualido cadáver
 Sôbre a cabeça, horrivelmente belo,
 Aos seus o mostra ensanguentado e torpe;
 Então por vêzes três o horrendo grito
 Do triunfo soltou; e os seus três vêzes
 O mesmo grito em côro repetiram.
 Aquela massa enfim voa nos ares;
 Porém na destra do feliz guerreiro
 Dividem-se entre os dedos as melenas,
 De cujo crânio marejava o sangue!

Transbordando ufanía do sucesso
 Inda recente, recordava as fases
 Orgulhoso o guerreiro! Ainda escuta
 A dura voz, inda a figura avista
 Dêsse, que ousou atravessar-lhe as sanhas:
 Lembra-se! e da lembrança grato enlêvo
 Lhe coa n'alma em fogo: longos olhos,
 Em quanto assim medita, vai levando
 Por onde o céu e as selvas se confundem,
 Por onde o rio, em tortuosos giros,
 Queixoso lambe as empedradas margens.
 Assim o jugo seu não escorjassem
 Tredos Gamelas co'a noturna fuga!
 Pérfidos! o herói jurou vingar-se!
 Tremei! qu'há de o valente debelar-vos!
 E em quanto segue o céu, e o rio, e as selvas,
 Crescem-lhe brios, fôrça, — alteia o colo,
 Fita orgulhoso a terra, onde não acha,
 Nem crê achar quem lhe resista; eis nisto
 Reconhece um dos seus, que pressuroso
 Corre a encontrá-lo, — rápido caminha;
 Porém d'istante a instante, d'enfiado
 Volta o pávido rosto, onde se pinta
 O susto vil, que denuncia o fraco.
 — Ó filho de Jaguar — de longe brada,
 Neste apêrto nos vale, — ei-los se avançam

Pujantes contra nós, tão bastos, tantos,
Como enredados troncos na floresta.

Tu sempre tremes, Jurucei, tornou-lhe
Com voz tranqüila e majestosa o chefe.
O mel, que em falas sem cessar distilas,
Tolhe-te o esfôrço e te enfraquece a vista:

Amigos são talvez, amigas tribos,
Algum chefe, que tem connosco as armas,
Em sinal d'aliança, espedaçado:
Vem talvez festejar o meu triunfo,
E os seus cantores celebrar meu nome.

“Não! não! ouvi o som triste e sonoro
Das igaras, rompendo a custo as águas,
Dos remos manejados a compasso,
E os sons guerreiros do boré, e os cantos
Do combate; parece, d'irritado,
Tão grande pêso agora a flor lhe corta,
Que o rio vai sorver as altas margens.”

E são Gamelas? — perguntou-lhe o chefe.
“Vi-os, tornou-lhe Jurucei, são êles!”
O chefe dos Timbiras dentro d'alma
Sentiu ódio e vingança remordê-lo.
Rugiu a tempestade, mas lá dentro;
Cá fora retumbou, mas quase extinta.
Começa então com voz cavada e surda.

Irás tu, Jurucei, por mim dizer-lhes:
Itajuba, o valente, o rei da guerra,
Fabricador das incansáveis lutas,
Em quanto a maça não sopesa, em quanto
Dormem-lhe as setas no carcaz imóveis,
Ofrece-vos liança e paz; — não ama,
Tigre repleto, espedaçar mais presas,
Nem quer dos vossos derramar mais sangue.
Três grandes Tabas, onde heróis pululam,
Tantos e mais que vós, tanto e mais bravos,
Caídas a seus pés, a voz lhe escutam.
Vós outros, atendei, — cortai nas matas
Troncos robustos e frondosas palmas,
E construí cabanas, — onde o corpo
Caiu do rei das selvas, — onde o sangue
Daquele herói, vossa perfídia atesta.

Aquela briga enfim de dois, tamanhos,
 Sinalai; por que estranho caminheiro,
 Amigas vendo e juntas nossas tabas,
 E a fé, que usais guardar, sabendo, exclamem:
 Vejo um povo de heróis e um grande chefe!

Disse: e vingando o cimo d'alto monte,
 Que em roda largo espaço dominava,
 O atroador membi soprou com fôrça.
 O tronco, o arbusto, a moita, a rocha, a pedra,
 Convertem-se em guerreiros; — mais depressa,
 Quando soa o clarim, núncio de guerra,
 Não sopra, e escava a terra, e o ar divide
 Co'as crinas flutuantes, o ginete,
 Impávido, orgulhoso, em campo aberto.

Da montanha Itajuba os vê sorrindo,
 Galgando vales, combros, serranias,
 Coalhando o ar e o céu de feios gritos.
 E folga, por que os vê correr tão prestes
 Aos sons do cavo búzio conhecido,
 Já tantas vêzes repetidos antes
 Por vales e por serras; já não pode
 Numerá-los, de tantos que se apinham;
 Mas, vendo-os, reconhece o vulto e as armas
 Dos seus: "Tupã sorri-se lá dos astros,
 — Diz o chefe entre si, — lá, descuidosos
 Das folganças de Ibaque, heróis timbiras
 Contemplam-me, das nuvens debruçados:
 E por ventura de lhes ser eu filho
 Enlevam-se, e repetem, não sem glória,
 Os seus cantores d'Itajuba o nome.

Vem primeiro Jucá de fero aspecto.
 Duma onça bicolor cai-lhe na fronte
 A pel' vistosa; sob as hirtas cerdas,
 Como sorrindo, alvejam brancos dentes,
 E nas vazias órbitas lampejam
 Dois olhos, fulvos, maus. — No bosque, um dia,
 A traiçoeira fera a cauda enrosca
 E mira nêle o pulo: do tacape
 Jucá desprende o golpe, e furta o corpo:
 Onde estavam seus pés, as duras garras
 Encravam-se enganadas, e onde as garras
 Morderam, beija a terra a fera exangue
 E, morta, ao vencedor tributa um nome.

Vem depois Jacaré, senhor dos rios,
Ita-roca indomável, — Catucaba,
Primeiro sempre no combate, — o forte
Juçurana, — Poti ligeiro e destro,
O tardo Japeguá, — o sempre aflito
Piaíba, que espíritos perseguem:
Mojacá, Mopereba, irmãos nas armas,
Sempre unidos; ninguém não foi como êles!
Lagos de sangue derramaram juntos;
Filhos e pais e mães d'imigas tabas
Odeiam-nos chorando, e a glória d'ambos,
Assim chorada, mais e mais se exalta:
Samotim, Pirajá, e outros infindos,
Heróis também, aos quais faltou sòmente
Nação menor, menos guerreira tribo.

Japi, o atirador, quando escutava
Os sons guerreiros do membi troante,
Na têsã corda a frecha embebe inteira,
E mira um javali que os alvos dentes,
Navalhados, remove: pára, escuta...
Volvem-lhe os mesmos sons: bate-lhe o peito,
Os olhos pulam, — solta horrendo grito,
Arranca e roça a fera!... a fera atônita,
Aterrada, transida, treme, erriça
As duras cerdas; tiritante, pávida,
Esgazeando os olhos fascinados,
Recua: um tronco só lhe embarga os passos.
Por longo trato, de si mesma alheia,
Demora-se, lembrada: a custo o sangue
Volve de novo ao costumado giro,
Em quanto o vulto horrendo se recorda!

“Mas onde está Jatir? — pergunta o chefe,
Que debalde o procura entre os que o cercam:
Jatir, dos olhos negros, que me luzem,
Melhor que o sol nascendo, dentro d'alma;
Jatir, que aos chefes todos anteponho,
Cuja bravura e temerário arrôjo
Folgo em reger e moderar nos prélios;
Êsse, porque não vem, quando vós vindes?”
— Corre Jatir no bosque, diz um chefe,
Bem sabes como: acinte se desgarrã
Dos nossos, — andal só, talvez sem armas,
Talvez bem longe: acôrdo nêle é certo,
Creio, de nos tachar assim de fracos! —

Pai de Jatir, Ogib, entrara em anos;
 Grosseiro cedro mal lhe afirma os passos,
 Os olhos pouco vêm; mas de conselho
 Valioso e prestante. Ali, mil vêzes,
 Havia com prudência temperado
 O juvenil ardor dos seus, que o ouviam.
 Alheio agora da prudência, escuta
 A voz que o filho amado lhe crimina.
 Sopra-lhe o dizer acre a cinza quente,
 Viva, acesa, antes brasa, — o amor paterno:
 Amor inda tão forte na velhice,
 Como no dia venturoso, quando
 Cendi, que os olhos seus só viram bela,
 Sorrindo luz de amor dos meigos olhos,
 Carinhosa lho deu; quando na rêde
 Ouvia com prazer as lêdas vozes
 Dos companheiros seus, — e quando absorto,
 Olhos pregados no gentil menino,
 Bem longas horas, sim, porém bem doces
 Levou cismando aventuradas sinas.
 Ali o tinha, ali meigo e risonho
 Aquêles tenros braços levantava;
 Aquêles olhos límpidos se abriam
 À luz da vida: cândido sorriso,
 Como o sorrir da flor no romper d'alva,
 Radiava-lhe o rosto: quem julgara,
 Quem podera aventar, supor ao menos
 Haverem de apertar-se aquêles braços
 Tão mimosos, um dia, contra o peito
 Arquejante e cansado, — e aquêles olhos
 Verterem pranto amargo em soledade?
 Incrível! — porém lágrimas cresceram-lhe
 Dos olhos, — lá tombou-lhe uma, das faces
 No filho, em cujo rosto um beijo a enxuga.
 Agora, Ogib, alheio da prudência,
 Que ensina, imputações tão más ouvindo
 Contra o filho querido, acre responde.

“São torpes os anuns que em bandos folgam,
 São maus os caitetus, que em varas pascem.
 Sòmente o sabiá geme sòzinho,
 E sòzinho o Condor aos céus remonta.
 Folga Jatir de só viver consigo:
 Em bem, que tens agora que dizer-lhe?
 Esmaga o seu tacape a quem vos prende,

A quem vos dana, afoga entre os seus braços,
E em quem vos acomete, emprega as setas.
Fracó! não temes já que te não falte
O primeiro entre vós, Jatir, meu filho?"

Despeitoso Itajuba, ovindo um nome,
Embora o de Jatir, apregoado
Melhor, maior que o seu, a testa enruga
E diz severo aos dois qu'inda argumentam:

Mais respeito, mancebo, ao sábio velho,
Qu'éramos nós crianças, manejava
A seta e o arco em defesa dos nossos.
Tu, velho, mais prudência. Entre nós todos
O primeiro sou eu: Jatir, teu filho,
E forte e bravo; porém novo. Eu mesmo
Gabo-lhe o porte e a gentileza; e aos feitos
Novéis aplaudo: bem maneja o arco,
Vibra certa a frecha; mas... (sorrindo
Prosegue) afora dêle inda há quem saiba
Mover tão bem as armas, e nos braços
Robustos, afogar fortes guerreiros.
Jatir virá, senão... serei convosco,
(Disse voltado para os seus, que o cercam)
E bem sabeis que vos não falto eu nunca.

Altercam êles nas ruidosas tabas,
Em quanto Jurucei com pé ligeiro
Caminha: as aves docemente atitam,
De ramo em ramo — docemente o bosque
À mêdo rumoreja, — à mêdo o rio
Escoa-se e murmura: um borborinho,
Confuso se propaga, — um raio incerto
Dilata-se do sol doirando o ocaso.
Último som que morre, último raio
De luz, que treme incerta, quantos entes
Oh! quantos! hão de ver a luz de novo
E o romper d'alva, e os céus, e a natureza
Risonha e fresca, — e os sons, e os ledos cantos
Ouvir das aves tímidas no bosque
Outra vez ao surgir da nova aurora?!

CANTO SEGUNDO

DESDOBRA-SE da noite o manto escuro:
 Leve brisa subtil pela floresta
 Enreda-se e murmura, — amplo silêncio
 Reina por fim. Nem saberás tu como
 Essa imagem da morte é triste e tôrva.
 Se nunca, a sós contigo, a pressentisse
 Longe dêste zunir da turba inquieta.
 No êrmo, sim; procura o êrmo e as selvas...
 Escuta o som final, o extremo alento,
 Que exala em fins do dia a natureza!
 O pensamento, que incessante voa,
 Vai do som à mudez, da luz às sombras
 E da terra sem flor, ao céu sem astro.
 Simelha a fraca luz, qu'inda vacila
 Quando, em ledô sarau, o extremo acorde
 No deserto salão geme, e se apaga!

Era pujante o chefe dos Timbiras,
 Sem conto seus guerreiros, três as tabas,
 Opimas, — uma e uma derramadas
 Em giro, como dança dos guerreiros.
 Quem não folgara de as achar nas matas!
 Três flores em três hastes diferentes
 Num mesmo tronco, — três irmãs formosas
 Por um laço de amor ali prendidas
 No êrmo; mas vivendo aventuradas?
 Deu-lhes assento o herói entre dois montes,
 Em chã copada de frondosos bosques.
 Ali o cajazeiro as perfumava,
 O cajueiro, na estação das flôres,
 De vivo sangue marchetava as fôlhas:
 As mangas, curvas à feição de um arco,
 Beijavam-lhes o teto; a sapucaia
 Lambia a terra, — em graciosos laços
 Doces maracujás de espêssas ramas
 Sorriam-se pendentes; o pau-d'arco
 Fabricava um dossel de cróceas flôres,
 E as parasitas de matiz brilhante
 A úsnea das palmeiras estrelavam!

Quadro risonho e grande, em que não fôsse
 Em granito ou em mármore talhado!

Nem palácios, nem tórres avistaras,
Nem castelos que os anos vão comendo,
Nem grimpas, nem zimbórios, nem feiuras
Em pedra, que os humanos tanto exaltam!
Rudas palhoças só! que mais carece
Quem há de ter somente um sol de vida,
!azendo negro pó antes do ocaso?
Que mais? Tão bem a dor há de sentar-se
E a morte revoar tão sôlta em gritos
Ali, como nos átrios dos senhores.
Tão bem a compaixão há de cobrir-se
De dó, limpando as lágrimas do aflito.
Incerteza voraz, tímida esp'rança,
Desejo, inquietação também lá moram:
Que sobra pois em nós, que falta nêles?

De Itajuba separam-se os guerreiros;
Mudos, às portas das sombrias tabas,
Imóveis, nem que fôsem duros troncos,
Pensativos meditam: Já da guerra
Nada receiam, que Itajuba os manda:
O encanto, os manitôs inda o protegem,
Vela Tupã sôbre êle, e os santos piagas
Comprida série de floridas quadras
Ver lhe asseguram: nem de há pouco a luta,
Melhor disseras de renome ensejo,
Os desmentiu, que nunca os piagas mentem.
Mêdo, certo, não têm; são todos bravos!
Por que meditam pois? Também não sabem!

Sai o piaga no entanto da caverna,
Que nunca humanos olhos penetraram;
Com ligeiro cendal os rins aperta,
Cocar de escuras plumas se debruça
Da frente, em que se enxerga em fundas rugas
O tenaz pensamento afigurado.
Cercam-lhe os pulsos cascavéis loquazes,
Respondem outros, no tripúdio sacro,
Dos pés. Vem majestoso, e grave, e cheio
Do Deus, que o peito seu, tão fraco, habita.
E em quanto o fumo lhe volteia em tórno,
Como neblina em tórno ao sol que nasce,
Ruidoso maracá nas mãos sustenta,
Solta do sacro rito os sons cadentes.

“Visita-nos Tupã, quando dormimos,
É só por seu querer que então sonhamos;
Escute-me Tupã! Sôbre vós outros,
Poder do maracá por mim tangido,
Os sonhos desçam, quando o orvalho desce.
“O poder de Anhangá cresce co’a noite;
Solta de noite o mau seus maus ministros:
Caraiibes na floresta acendem
A falsa luz, que o caçador transvia.
Caraiibes enganosas formas
Dão-nos aos sonhos, quando nós sonhamos.
Poder do fumo, que lhes quebra o encanto,
De vós se partam; mas Tupã vos olhe,
Descendo os sonhos, quando o orvalho desce.

“Tristonhos pios a acauã desata,
Quando ao guerreiro prognostica males;
Tristonhos bandos de urubús vorazes
Os sonhos turbam das vencidas hostes:
Cheios de mêdo os manitôs desertam
As tabas mudas, que hão de ser calcadas,
Já cinza fria, pelo imigo fero.
Não fujam Manitôs as nossas tabas!
Urubús, acauãs nos vossos sonhos,
Virtude e fôrça dêste meu tripúdio,
Não se vos pintem; mas Tupã vos olhe
Descendo os sonhos, quando o orvalho desce!”

“O sonho e a vida são dois galhos gêmeos;
São dois irmãos que um laço amigo aperta:
A noite é o laço; mas Tupã é o tronco
E a seve e o sangue que circula em ambos.
Vive melhor que mda existência ignaro,
Na paz da noite, novas fôrças cria.
O louco vive com afêro, em quanto
N’alma lhe ondeiam do delírio as sombras,
De vida espúrias; Deus porém lhas rompe,
E na loucura do porvir nos fala!
Tupã vos olhe, e sôbre vós do Ibaque
Os sonhos desçam, quando o orvalho desce!”

Assim cantava o piaga merencório,
Tangia o maracá, dançava em roda
Dos guerreiros: podera ouvido atento
Os sons finais da lúgubre toada

Na plácida mudez da noite amiga
De longe, em côro ouvir: "Sôbre nós outros
Os sonhos desçam, quando o orvalho desce."

Calou-se o piaga, já descansam todos!
Almo Tupã os comunique em sonhos,
E os que sabem tão bem vencer batalhas,
Quando acordados malbaratam golpes,
Saibam dormidos figurar triunfos!

Mas que medita o chefe dos Timbiras?
Bosqueja por ventura ardis de guerra,
Fabrica e enreda as ásperas ciladas,
E a olhos nus do pensamento enxerga
Desfeita em sangue revolver-se em gritos
Morte pávida e má?! ou sente e avista,
Escandecida a mente, o Deus da guerra
Impávido Aresqui, sanhudo e forte,
Calcar aos pés cadáveres sem conto,
Na destra ingente sacudindo a maça,
Donde certaíra como o raio, desce
A morte, e banha-se orgulhosa — em sangue?

Al sente o bravo; outro pensar o ocupa!
Nem Aresqui, nem sangue se lhe antolha,
Nem resolve consigo ardis de guerra,
Nem combates, nem lágrimas medita:
Sentiu calar-lhe n'alma um sentimento
Gelado e mudo, como o véu da noite.
Jatir, dos olhos negros, onde pára?
Que faz? que lida? ou que fortuna corre?
Três sóis já são passados: quanto espaço,
Quanto azar não correu nos amplos bosques
O impróvido mancebo aventureiro?
Ali na relva a cascavel se esconde,
Ali, das ramas debruçado, o tigre
Aferra traiçoeiro a prêsa incauta!
Reserve-lhe Tupã mais fama e glória,
E voz amiga de cantor suave
C'os altos feitos lhe embalsame o nome!

Assim discorre o chefe, que em nodoso
Tronco rudo-lavrado se recosta:
Não tem poder a noite em seus sentidos,
Que a mesma idéia de contínuo volvem.

Vela e treme nos tetos da cabana
 A baça luz das resinosas tochas,
 Acres perfumes recendendo; — alastram
 De rubins côr de brasa a flor do rio!

“Ouvira com prazer um triste canto,
 Diz lá consigo; um canto merencório,
 Que êste presságio fúnebre espancasse.
 Bem sinto um não sei quê aferventar-se-me
 Nos olhos, que vai prestes expandir-se:
 Não sei chorar, bem sei; mas fôra grato,
 Talvez bem grato! à noite, e a sós commigo,
 Sentir macias lágrimas correndo.
 O talo agreste de um cipó sem graça
 Verte compridas lágrimas cortado;
 O tronco do cajá desfaz-se em goma,
 Suspira o vento, o passarinho canta,
 O homem chora! eu só, mais desditoso,
 Invejo o passarinho, o tronco, o arbusto,
 E quem, feliz, de lágrimas se paga.”

Longo espaço depois falou consigo,
 Mudo e sombrio: “Sabiá das matas,
 Croá (diz êle ao filho d’Iandiroba),
 As mais canoras aves, as mais tristes
 No bosque, a suspirar contigo aprendam.
 Canta, pois que trocara de bom grado
 Os altos feitos pelos doces carmes
 Quem quer que os escutou, mesmo Itajuba.

Emmudeceu: na taba quasi escura,
 Com pé alterno a dança vagarosa,
 Aos sons do maracá, traçava os passos.
 “Flor de beleza, luz de amor, Coema,
 Murmurava o cantor, onde te fôste,
 Tão doce e bela, quando o sol raiava?
 Coema, quanto amor que nos deixaste?
 Eras tão meiga, teu sorrir tão brando,
 Tão macios teus olhos! teus acentos
 Cantar perene, tua voz gorjeios,
 Tuas palavras mel! O romper d’alva,
 Se encantos punha a par dos teus encantos
 Tentava embalde pleitear contigo!
 Não tinha a ema porte mais soberbo,

Nem com mais graça recurvava o colo!
Coema, luz de amor, onde te fôste?

“Amava-te o melhor, o mais guerreiro
Dentre nós: eleger-te companheira,
A ti sòmente, que só tu achavas
Sorriso e graça na presença dêle.
Flor, que nasceste no musgoso cedro,
Cobravas páreas de abundante seiva,
Tinhas abrigo e proteção das ramas...
Que vendaval te despegou do tronco,
E ao longe, em pó, te esperdiçou no vale?
Coema, luz de amor, flor de beleza,
Onde te fôste, quando o sol raiava?

“Anhangá rebocou estreita igara
Contra a corrente: Orapacém vem nela,
Orapacém, Tupinambá famoso.
Conta prodígios duma raça estranha,
Tão alva como o dia, quando nasce,
Ou como a areia cândida e luzente,
Que as águas dum regato sempre lavam.
Raça, a quem os raios prontos servem,
E o trovão e o relâmpago acompanham.
Já de Orapacém os mais guerreiros
Mordem o pó, e as tabas feitas cinza
Clamam vingança em vão contra os estranhos.
Talvez d'outros estranhos perseguidos,
Em punição talvez d'atroz delito.
Orapacém, fugindo, brada sempre:
Mair! Mair! Tupã! — Terror que mostra,
Brados que solta, e as derrocadas tabas,
Desde Tapuitapera alto proclamam
Do vencedor a indômita pujança.
Ai! não viesse nunca as nossas tabas
O tapuia mendaz, que os bravos feitos
Narrava do Mair; nunca os ouviras,
Flor de beleza, luz de amor, Coema!

“A cega desventura, nunca ouvida,
Nos move à compaixão: prestes corremos
Com ledo gasalhado a restaurá-los
Da vil dureza do seu fado; dormem
Nas nossas rêdes, diligentes vamos
Colhêr-lhes frutos, — descansados folgam

Nas nossas tabas: Itajuba mesmo
 Of'rece abrigo ao palrador tapuia!
 Hóspedes são, nos diz; Tupã os manda:
 Os filhos de Tupã serão bem vindos,
 Onde Itajuba impera! — Ai que não eram,
 Nem filhos de Tupã, nem gratos hóspedes
 Os vis que o rio, a custo, nos trouxera;
 Antes dolosa resfriada serpe
 Que ao nosso lar creou vida e peçonha.
 Quem nunca os vira! porém tu, Coema,
 Leda avezinha, que adejavas livre,
 Asas da côr da prata ao sol abrindo,
 A serpente cruel porque fitaste,
 Se já do olhado mau sentias pejo?!

“Ouvimos, uma vez, da noite em meio,
 Voz de aflita mulher pedir socorro
 E em tom sumido lastimar-se ao longe.
 Orapacém! — bradou feroz três vêzes
 O filho de Jaguar: clamou de balde.
 Sòmente acode o eco à voz irada,
 Quando êle o malfeitor no instinto enxerga.
 Em sanhas rompe o chefe hospitaleiro,
 E tenta com afã chegar ao têrmo,
 Donde as querelas míseras partiam.
 Chegou — já tarde! — nós, mais tardos inda,
 Assistimos ao súbito espetáculo!

“Queimam-se raros fogos nas desertas
 Margens do rio, quase imerso em trevas:
 Afadigados no labor noturno,
 Os traiçoeiros hóspedes caminham,
 Pejando à pressa as côncavas igaras.
 Longe, Coema, a doce flor dos bosques,
 Com voz de embrandecer duros penhascos,
 Suplica e roja em vão aos pés do fero,
 Caviloso tapuia! Não resiste
 Ao fogo da paixão, que dentro lavra,
 O bárbaro, que a viu, que a vê tão bela!

“Vai arrastá-la, — quando sente uns passos
 Rápidos, breves, — volta-se: — Itajuba!
 Grita; e os seus, medrosos, receiando
 A perigosa luz, os fogos matam.
 Mas, no extremo clarão que êles soltaram,
 Viu-se Itajuba com seu arco em punho,

Calculando a distância, a fôrça e o tiro:
Era grande a distância, a fôrça imensa. . .”

“E a raiva incrível, continua o chefe,
A antiga cicatriz sentindo abrir-se!
Ficou-me o arco em dois nas mãos partido,
E a frecha vil caiu-me aos pés sem fôrça.”
E assim dizendo nos cerrados punhos
De novo pensativo a frente oprime.

“Sim, tornava o Cantor, Imenso e forte
Devera o arco ser, que entre nós todos
Só um achou, que lhe vergasse as pontas,
Quando Jaguar morreu! — partiu-se o arco!
Depois ouviu-se um grito, após ruído,
Que as águas fazem no tombar de um corpo;
Depois — silêncio e trevas. . .

— “Nessas trevas,

Replicava Itajuba, — inteira a noite,
Louco vaguei, corri d'encontro as rochas,
Meu corpo lacerei nos espinheiros,
Mordi sem tino a terra já cansado:
Soluçavam porém meus frouxos lábios
O nome dela tão querido, é o nome. . .
Aos vis Tupinambás nunca os eu veja,
Ou morra, antes de mim, meu nome e glória
Se os não hei de punir ao recordar-me
A aurora infausta que me trouxe aos olhos
O cadáver. . .” Parou, que a estreita gorja
Recusa aos cavos sons prestar acento.

“Descansa agora o pálido cadáver,
Continua o cantor junto à corrente
Do regato, que volve areias d'ouro.
Ali agrestes flôres lhe matizão
O modesto sepulcro, — aves canoras
Descantam tristes nênicas ao compasso
Das águas, que também nênicas soluçam.

“Suspirada Coema, em paz descansa
No teu florido e fúnebre jazigo;
Mas quando a noite dominar no espaço,
Quando a lua coar úmidos raios
Por entre as densas, buliçosas ramas,
Da cândida neblina veste as formas,

E vem no bosque suspirar co'a brisa:
 Ao guerreiro, que dorme, inspira sonhos,
 E à virgem, que adormece, amor inspira."

Calou-se; o maracá rugiu de novo
 A extrema vez, e jaz emmudecido.
 Mas no remanso do silêncio e trevas,
 Como débil vagido, escutarias
 Queixosa voz, que repetia em sonhos:
 "Veste, Coema, as formas da neblina,
 Ou vem nos raios trêmulos da lua
 Cantar, viver e suspirar commigo."

Ogib, o velho pai do aventureiro
 Jatir, não dorme nos vazios tetos:
 Do filho ausente prendem-no cuidados;
 Vela cansado e triste o pai coitado,
 Lembrando-se desastres que passaram
 Impróvidos, no bosque pernoitando.
 E vela, — e a mente aflita mal se enluta,
 Quanto mais cresce a noite e as trevas crescem!

Já tarde, sente uns passos apressados,
 Medindo a taba escura; o velho treme,
 Estende a mão convulsa, e roça um corpo
 Molhado e tiritante: a voz lhe falta...
 Atende largo espaço, até que escuta
 A voz do sempre aflito Piaíba,
 Ao pé do fogo extinto lastimar-se.

"O louco Piaíba, a noite inteira,
 Andou nas matas; miserando sofre;
 O corpo tem aberto em fundas chagas,
 E o orvalho gotejou fogo sôbre elas:
 Como o verme na fruta, um Deus maligno
 Lhe mora na cabeça, oh! quanto sofre!
 "Em quanto o velho Ogib está dormindo,
 Vou-me aquecer;
 O fogo é bom, o fogo aquece muito;
 Tira o sofrer.
 Em quanto o velho dorme, não me expulsa
 D'ao pé do lar;
 Dou-lhe a mensagem, que me deu a morte,
 Quando acordar!

Eu via a morte; vi-a bem de perto
Em hora má!
Vi-a de perto, não me quis consigo,
Por ser tão má.
Só não tem coração, dizem os velhos,
E é bem de ver;
Que, se o tivera, me daria a morte,
Que é meu querer.
Não quis matar-me; mas é bem formosa;
Eu vi-a bem:
É como a virgem, que não tem amôres,
Nem ódios tem.
O fogo é bom, o fogo aquece muito,
Quero-lhe bem!"

Remexe, assim dizendo, as frias cinzas
E mais e mais conchega-se ao borralho.
O velho entanto, erguido a meio corpo
Na rêde, escuta pávido, e tiritita
De frio e mêdo, — quase igual delírio
Castiga-lhe as idéias transtornadas.

"Já me não lembra o que me disse a morte!...
Ah! sim, já sei!
— Junto ao sepulcro da fiel Coema,
Ali serei:
Ogib emprazo, que a falar me venha
Ao anoitecer! —
O velho Ogib há-de ficar contente
Co'o meu dizer;
Talvez que o velho, que viveu já muito,
Queira morrer!"
Emmudeceu: alfim tornou mais brando.
"Mas dizem que a morte procura mancebos,
Porém tal não é:
Que colhe as florinhas abertas de fresco
E os frutos no pé?!...
Não, não, que só ama sem fôlha as flôres,
E sem perfeição;
E os frutos perdidos, que apanha golosa,
Caídos no chão.
Também me não lembra que tempo hei vivido,
Nem por que razão
Da morte me queixo, que vejo, e não vê-me,
Tão sem compaixão."

As ânsias não vencendo, que o soçobram,
Salta da curva rêde Ogib aflito;
Trêmulo as trevas apalpando, topa,
E roja miserando aos pés do louco.

— “Oh! dize-me, se a viste, e se em tua alma
Algum sentir humano inda se aninha,
Jatir, que é feito dêle? Disse a morte
Haver-me cubiçado o môço imberbe,
A cara luz dos meus cansados olhos?
Oh dize-o! Assim o espírito inimigo
Folgados anos respirar te deixe!”
O louco ouviu nas trevas os soluços
Do velho, mas seus olhos nada alcançam:
Pasma, e de novo o seu cantar começa:
“Em quanto o velho dorme, não me expulsa
D’ao pé do lar.”

— “Mas expulsei-te eu nunca?
Tornava Ogib a desfazer-se em pranto,
Em ânsias de transido desespero.
Bem sei que um Deus te mora dentro d’alma;
E nunca houvera Ogib de espancar-te
Do lar, onde Tupã é venerado.
Mas fala! oh! fala, uma só vez repete-o:
Vagaste à noite nas sombrias matas...”

“Silêncio! brada o louco, não escutas?!”
E pára, como ouvindo uns sons longínquos.
Depois prossegue: “Piaíba o louco
Errou de noite nas sombrias matas;
O corpo tem aberto em fundas chagas,
E o orvalho gotejou fogo sôbre elas.
Geme e sofre e sente fome e frio,
Nem há quem de seus males se condoa.
Oh! tenho frio! o fogo é bom, e aquece,
Quero-lhe bem!”

— “Tupã, que tudo podes,
Orava Ogib em lágrimas desfeito,
A vida inútil do cansado velho
Toma, se a queres; mas que eu veja em vida
Meu filho, s só depois me colha a morte!”

CANTO TERCEIRO

ERA A HORA em que a flor balança o cálix
Aos doces beijos da serena brisa,
Quando a ema soberba alteia o colo,
Roçando apenas o matiz relvoso;
Quando o sol vem doirando os altos montes,
E as lêdas aves à porfia trinam,
E a verde coma dos frondosos cerros
Move o perfume, que embalsama os ares;
Quando a corrente meio oculta soa
De sob o denso véu da parda névoa;
Quando nos panos das mais brancas nuvens
Desenha a aurora melindrosos quadros
Gentis orlados com listões de fogo;
Quando o vivo carmim do esbelto cáctus
Refulge a mêdo abrilhantado esmalte,
Doce poeira de aljofradas gotas,
Ou pó subtil de pérolas desfeitas.

Era a hora gentil, filha de amôres,
Era o nascer do sol, libando as meigas,
Risonhas faces da luzente aurora!
Era o canto e o perfume, a luz e a vida,
Uma só coisa e muitas, — melhor face
Da sempre vária e bela natureza:
Um quadro antigo, que já vimos todos,
Que todos com prazer vemos de novo.

Ama o filho do bosque contemplar-te,
Risonha aurora, — ama acordar contigo;
Ama espreitar nos céus a luz que nasce,
Ou rósea ou branca, já carmim, já fogo,
Já tímidos reflexos, já torrentes
De luz, que fere oblíqua os altos cimos.
Amavam contemplar-te os de Itajuba
Impávidos guerreiros, quando as tabas
Imensas, que Jaguar fundou primeiro
Cresciam, como crescem gigantescos
Cedros nas matas, prolongando a sombra
Longes nos vales, — e na copa excelsa
Do sol estivo os abrasados raios
Parando em vasto leito de esmeraldas.

As três formosas tabas de Itajuba
Já foram como os cedros gigantescos
Da corrente impedrada: hoje acamados
Fósseis que dormem sob a térrea crusta,
Que os homens e as nações por fim sepultam
No bôjo imenso! — Chame-lhe progresso
Quem do extermínio secular se ufana;
Eu modesto cantor do povo exinto
Chorarei nos vastíssimos sepulcros,
Que vão do mar ao Andes, e do Prata
Ao largo e doce mar das Amazonas.
Ali me sentarei meditabundo
Em sítio, onde não oiçam meus ouvidos
Os sons frequentes d'européus machados
Por mãos de escravos Afros manejados:
Nem veja as matas arrasar, e os troncos,
Donde chorando a preciosa goma,
Resina virtuosa e grato incenso
A nossa incúria grande eterno asselam;
Em sítio onde os meus olhos não descubram
Triste arremêdo de longínquas terras.
Aos crimes das nações Deus não perdoa;
Do pai aos filhos e do filho aos netos,
Por que um dêles de todo apague a culpa,
Virá correndo a maldição — contínua,
Como fuzis de uma cadeia eterna.
Virão nas nossas festas mais solenes
Miríades de sombras miserandas,
Escarnecendo, secar o nosso orgulho
De nação; mas nação que tem por base
Os frios ossos da nação senhora,
E por cimento a cinza profanada
Dos mortos, amassada aos pés de escravos.
Não me deslumbra a luz da velha Europa;
Há-de apagar-se mas que a inunde agora:
E nós? . . . sucamos leite mau na infância,
Foi corrompido o ar que respiramos,
Havemos de acabar talvez primeiro.

América infeliz! — que bem sabia,
Quem te creou tão bela e tão sòzinha,
Dos teus destinos maus! Grande e sublime
Corres de pólo a pólo entre os dois mares
Máximos do globo: anos da infância
Contavas tu por séculos! que vida

Não fôra a tua na sazão das flôres!
Que majestosos frutos, na velhice,
Não deras tu, filha melhor do Eterno;
América infeliz, já tão ditosa
Antes que o mar e os ventos não trouxessem
A nós o ferro e os cascavéis da Europa?!
Velho tutor e avaro cubiçou-te,
Desvalida pupila, a herança pingue
Cedeste, fraca; e entrelaçaste os anos
Da mocidade em flor — às cãs e à vida
Do velho, que já pende e já declina
Do leito conjugal imerecido
À campa, onde talvez cuida encontrar-te!

Tu, filho de Jaguar, guerreiro ilustre,
E os teus, de que então vos ocupáveis,
Quando nos vossos mares alinhadas
As náus de Holanda, os galeões de Espanha,
As fragatas de França, e as caravelas
E portuguesas náus se abalroavam,
Retalhando entre si vosso domínio,
Qual se vosso não fôra? Ardia o prélio,
Fervia o mar em fogo a meia-noite,
Nuvem de espêssô fumo condensado
Toldava astros e céus; e o mar e os montes
Acordavam rugindo aos sons troantes
Da insólita peleja! — Vós, guerreiros,
Vós, que fazíeis, quando a espavorida
Fera bravia procurava asilo
Nas fundas matas, e na praia o monstro
Marinho, a quem o mar, já não seguro
Reparo contra a fôrça e indústria humana,
Lançava alheio e pávido na areia?
Agudas setas, válidos tacapes
Fabricavam talvez!... ai não... capelas,
Capelas ennastravam para ornato
Do vencedor; — grinaldas penduravam
Dos alindados tetos, por que vissem
Os forasteiros, que os paternos ossos
Deixando atrás, sem manitôs vagavam,
Os filhos de Tupã como os hospedam
Na terra, a que Tupã não dera ferros!

Rompia a fresca aurora, rutilando
Sinais de um límpido e sereno.
Então vinham saindo os de Itajuba
Fortes guerreiros a contar os sonhos
Com que Tupã amigo os bafejara,
Quando as estrêlas pálidas tombavam,
Já de clarão maior esmorecidas.
Vinham ledos ou tristes na aparência,
Timoratos ou cheios de hardimento,
Como o futuro evento se espelhava
Nos sonhos, bons ou maus; mas acordá-los
Disparatados, e o melhor de tantos
Coligir, era missão mais alta.
Não fôsse o piaga intérprete divino,
Nem os seus olhos penetrantes vissem
O porvir, ao través do véu do tempo,
Como ao través do corpo a mente enxergam;
Não fôsse, e quem há i que se afoutasse
Em campo de batalha a expor a vida,
A vida nossa tão querida, e tanto
Da flor a vida breve semilhando:
Roaz inseto a vai traçando em giro,
Nem mais revive uma só vez cortada!

Mande porém Tupã seus gratos filhos,
Rogados sonhos, que os decifra o piaga:
E Tupã, de benigno os influi sempre
Em vesp'ras de batalha, como as chuvas
Descem, quando a terra humores pede,
Ou como, em sazão própria, brotam flôres.

Postam-se em forma de crescente os bravos:
Ávida turba mulheril no entanto
O rito sacro impaciente aguarda.
Brincam na relva os folgazões meninos,
Em quanto os mais crescidos, contemplando
O aparato eléctrico das armas,
Enlevam-se; e, mordidos pela inveja,
Discorrem lá consigo: — Quando havemos,
Nós outros, d'empunhar daqueles arcos,
E quando levaremos de vencida
As hostes vis do pérfido Gamela!

Vem por fim Itajuba. O piaga austero,
Volvendo o maracá nas mãos mirradas,

Pergunta: — “Foi o espírito convosco,
O espírito da fôrça, e os ledos sonhos,
Ministros de Tupã, núncios da glória?”
— Sim, foram, lhe respondem, ledos sonhos,
Correios de Tupã; mas o mais claro
É duro nó que o piaga só desata.
“Dizei-os pois, que vos escuta o piaga.”
Disse, e maneja o maracá: das bôcas
Do mistério divino, em puros flocos
De neve, o fumo em borbotões golfeja.

Diz um que, divagando em matas virgens,
Sentira a luz fugir-lhe de repente
Dos olhos, — se não foi que a natureza,
Por mágico feitiço transtornada,
Vestia por si mesma novas galas
E aspetcos novos, — nem as elegantes,
Viçosas trepadeiras, nem as rêdes
Agrestes do cipó já divisava.
Em lugar da floresta, uma clareira
Relvosa descobria, em vez das árvores
Tão altas, de que havia pouco o bosque
Parecia ufanar-se, — um tronco apenas,
Mas tronco tal que os resumia a todos.

Ali sòzinho o tronco agigantado
Luxuriava em fôlhas verde-negras,
Em flôres côr de sangue, e na abundância
Dos frutos, como nunca os viu nas matas;
Tão alvos como a flor do mamãozeiro,
De macia penugem debruados.

“Extático de os ver ali tão belos
Tais frutos, que eu algures nunca vira,
O bárbaro dizia, fui colhendo
O melhor, por que o visse de mais perto.
Pesar de não saber se era salubre,
Ansiava gostá-lo, e em dura lida
Lutava o meu desejo co’a prudência.
Venceu aquê! ai não vencesse nunca!
Nunca, ludíbrico vão dos meus desejos,
Mordessem-no meus lábios ressequidos.
Contá-lo me arrepia! — Mal o toco,
Força-me a rejeitá-lo um quê oculto,
Que os nervos me estremece: a causa inquiri...

Eis que uma cobra, uma coral, de dentro
 Desdobra o corpo lúbrico, e em três voltas,
 Mal grata armila, me circunda o braço.
 Da vista e do contacto horrorizado,
 Sacudo o estranho ornato; em vão me agito:
 Com quanto mais afã tento livrar-me,
 Mais apertado o sinto. — Nisto acordo,
 Úmido o corpo efatigado, e a mente
 Molesta ainda do combate inglório.
 O que é, não sei; tu sabes tudo, ó piaga:
 Há i talvez razão que eu não alcanço,
 Que certo isto não é sonhar batalhas.”

— “Haja sentido oculto no teu sonho,
 (Diz ao guerreiro o piaga) eu, que levanto
 O véu do tempo, e aos mortais o mostro,
 Dir-to-ei por certo; mas eu creio e tenho
 Que algum gênio turbou-te a fantasia,
 Talvez angüera de traidor Gamela;
 Que os Gamelas são pérfidos em morte,
 Como em vida.” — Assim é, diz Itajuba.

Outro sonhou caçadas abundantes,
 Temíveis caitetus, pacas ligeiras,
 Coatis e jabotins, — té onça e tigres,
 Tudo em rimas, em feixes: outro em sonhos
 Nada disto enxergou; porém cardumes
 De peixes vários, que o timbó prestante
 Trazia quase à mão, se não fechados
 Em mondés espaçosos! — gáudio imenso!
 De os ver ali raivando na estacada
 Tão grandes serubins, trauíras tantas,
 Ou boiando sem tino à flor das águas!

Outros não viram nem mondés, nem peixes,
 Nem aves, nem quadrúpedes; mas grandes
 Samotins transbordando argêntea espuma
 Do fervente cauim; e por três noites
 Girar em roda a taça do banquete,
 Em quanto cada qual memora em cantos
 Os feitos próprios: reina o guau, que passa
 Dêstes àqueles com cadência alterna.
 “O piaga exulta! Eu vos auguro, ó bravos
 Do herói Timbira (clama entusiasta)
 Lêda vitória! Nunca em nossas tabas

Haverá de correr melhor folgança,
Nem ganhareis jamais honra tamanha.
Bem sabeis como é de uso entre os que vencem
Festejar o triunfo: o canto e a dança
Marcham de par, — banquetes se preparam,
E a glória da nação mais alta brilha!
Oh! nunca sôbre as tabas de Itajuba
Haverá de nascer mais grata aurora!”

Soam festivos gritos, e as pocemas
Dos guerreiros, que sôfregos escutam
Do piaga os ditos, e o feliz augúrio
Da próxima vitória. Não dissera
Quem quer que fôsse estranho aos usos dêles
Senão que por aquela densa pinha
De vulgo, se espalhara a fausta nova
De gloriosa ação já consumada,
Que os seus, validos da vitória, obraram.

Entanto Japeguá, pôsto de parte,
Em quanto lavra em todos o contágio
Da glória e do prazer, — bem claro mostra
No rosto descontente o que medita.
“Prazer que em altos gritos se propala,
Discorre lá consigo o Americano,
“É como a chama rápida correndo
Nas fôlhas da pindoba: é falso e breve!”

Atenta nêle o chefe dos Timbiras,
Como que interno, igual pressentimento
Rejeita, seu mau grado, a voz do piaga.
“Que pensa Japeguá? Acaso em sonhos
Tremendo e tôrvo se lhe antolha o êxito
Da batalha? ou seja, ou não connosco,
Que tarda em nos dizer seu pensamento?”

“Eu vi,” diz Japeguá (e assim dizendo,
Sacode vêzes três a fronte adusta,
Onde gravara da prudência o sêlo
Contínuo meditar). “Vi altos combros
De mortos já polutos, — via lagoas
Brutas de sangue impuro e negrejante;
Vi setas e carcaz espedaçados,
Tacapes adentados, ou partidos
Ou já sem fio! — vi. . .” Eis Catucaba
Mal sofrido intervém, interrompendo

A narração do sonhador de males.
Bravo e hardido como é, nunca a prudência
Lhe foi virtude, nem por tal a aceita.
Nunca o membi guerreiro em seus ouvidos
Troou medonho, inóspito combate,
Que às armas não corresse o valeroso,
Intrépido soldado; mais que tudo
Amava a luta, o sangue, vascas, transes,
Convulsos arrepios, altos gritos
Do vencedor, imprecações sumidas
Do que, vencido, jaz no pó sem glória.
Sim, ama e quer o tráfego das armas
Talvez melhor que a si; nem mais risonha
Imagem se lhe antolha, nem há cousa
Que tenha em mais aprêço ou mais cubice.
O p'riço mesmo, o leite dos combates,
(Cauim das almas fortes o chamava)
Era sorte e condão que o electrizava:
Um p'riço que aventasse era feitiço,
Que em delírio de febre o transtornava.
Fanático de si, ébrio de glória,
Lá se arrojava intrépido e brioso,
Onde pior, onde mais negro o via.

Não eram dois na esquadra de Itajuba
De gênios em mais pontos encontrados:
Por isso em luta sempre. Catucaba,
Fragueiro, inquieto, sempre aventureiro,
Em cata de mais glória e mais renome,
Sempre à mira de encontros arriscados,
Sempre o arco na mão, sempre embebida
Na corda tesa a frecha equilibrada.
Ninguém mais sôlto em vozes, mais galhardo
No guerreiro desplante, ou que mostrasse
Atrevido e soberbo e forte em campo
Quer pujança maior, quer mais orgulho.

Japeguá, corajoso, mas prudente,
Evitava o conflito; via o risco,
Media o seu poder e as posses dêle
E o azar da luta e descansava em ócio.
Sua própria indolência revelava
Ânimo grande e não vulgar coragem.
Se fôsse lá nos páramos da Líbia,
Deitado à sombra da árvore gigante,

O leão da Numídia bem podera
Trilhar por junto dêle os movediços
Combros de areia, — amedrontando os ares
Com aquêlê bramir agreste e rudo,
Que as feras sem terror ouvir não sabem.
O índio ouvira impávido o rugido,
Sem que o terror lhe distingisse as faces;
E ao rei dos animais voltando o rosto,
Sòmente porque mais à jeito o visse,
Viras ambos, sombrios, majestosos,
Contemplarem-se à espaço, destemidos;
D'estraneza o leão os seus rugidos
Na gorja sufocar, e a nobre cauda,
Entre mêdos e assomos de hardimento,
Mover de leve e irresoluto aos ventos!

Um — era a luz fugaz fácil prendida
Nas plumas do algodão: luz que delslumbra
E que em breve amortece: outro — fâisca,
Que surda, pouco e pouco vai lavrando
Não vista e não sentida té que surge
Dum jacto só, tornada incêndio e fumo.

“Que viste? diz-lhe o êmulo brioso,
“Só coalheiras de sangue inficionado,
Só tacapes e setas bipartidas,
E corpos já corruptos?! Eia, ó fraco,
Embora em ócio ignavo aqui descanses,
E nos misteres feminis te adestres!
Ninguém te chama à vida dos combates,
Não te almeja ninguém por companheiro,
Nem há-de o sonho teu acobardar-nos.
É certo que haverá mortos sem conto,
Mas não seremos nós; — setas partidas,
As nossas, não; tacapes amolgados...
Mas os nossos verás mais bem talhantes,
Quando houverem partido imigos crânios.

“Herói, não em façanhas, mas nos ditos
Lidador que a vileza d'alma encobres
Com frases descorteses, — já te viram,
Pendientes braço e armas, contemplando
Os feitos meus, pesar que sou cobarde.
Essa infame tarefa que me incumbes,
É minha, sim; mas por diverso modo:
Não ministro cauim às vossas festas;

Mas na refrega o meu trabalho é vosso.
 Da batalha no campo achais defuntos,
 Vossa glória e brasão, corpos sem conto,
 Cujas feridas largas e profundas,
 De largas e profundas, denunciam
 A mão que as sói fazer com tanto efeito.
 Não tenho espaço, onde recolha os ossos,
 Não tenho cinto, onde pendure os crânios,
 Nem colar onde caibam tantos dentes,
 De quantos venci já; por isso inteiros
 Lá vo-los deixo, heróis; e vós lá ides,
 Em que me não queirais por companheiro,
 Rivais dos urubus, fortes guerreiros,
 Fácil triunfo conquistar nas trevas,
 Aos vorazes tatus roubando a prêsa.”

Calou-se... e o vulgo rosna em tórno d'ambos,
 Dêste ou daquele herói tomando as partes.
 Pois quê?... há-de ficar tamanha afronta
 Impune, e não haveis levar das armas,
 Por que o sangue a desbote e apague inteira?”

Diziam, — e a tais ditos mais fermenta
 A raiva em ambos; fazem-lhes terreiro,
 Já verga o arco, já se entesa a corda,
 Já batem pés no solo pulvurento:
 Correrá o sangue de um, talvez o de ambos,
 Que sôbre os dois a morte, abrija as asas!
 Silêncio! brada o chefe dos Timbiras,
 Interposto severo em meio de ambos;
 De um lado e outro a turba circunfusa
 Emmudece, — divide-as largo espaço,
 De cujo centro gira os torvos olhos
 O herói, e só de olhar lhe estende as raias.
 Assim de altivo píncaro descamba
 Enorme rocha, obstruindo o leito
 De um rio caudaloso: as fundas águas,
 Latindo envão na rocha volumosa,
 Separam-se, cavando novos leitões,
 Em quanto o antigo se resseca e abrasa.

Silêncio! disse; e em tórno os olhos gira,
 Fúlgidos, negros: orgulhosas frentes,
 Que aos golpes do tacape não se dobram
 Em tórno sôbre o peito vão caindo
 Uma após outra: altivo um só apenas

Rebelde arrosta o olhar! — rápido golpe,
Rápido e forte, como o raio, o prostra
Na arena em sangue! Mosqueado tigre,
Se cai no meio de preás medrosos,
Talvez no primo impulso algum aferra;
Mas vê que foge a turba espavorida,
Vulgacho imbele! — ao mísero que prende
E torce ainda nas compridas garras,
Longe, sem vida, desdenhoso o arroja.

Assim o herói. Por longo trato mudo,
Soberdo e grande alfim mostrando o rio,
Quedou sem mais dizer; o rio ao longe
As águas, como sempre, majestosas
Na gorja das montanhas derramava,
Caudal, imenso. Trás daqueles montes,
Diz Itajuba, não sabeis quem seja?
Afronta e nome vil haja o guerreiro,
Que ousa lutas ferir, travar discórdias,
Quando o imigo boré tão perto soa.”

Acorre o piaga em meio do conflito:
“Prudência, ó filho de Jaguar, exclama;
Nem mais sangue timbira se derrame,
Que já não basta por pagar-nos dêste,
Que derramaste, quando houver nas veias
Dos pérfidos Gamelas. O que ouviste,
Que o forte Japeguá diz ter sonhado,
Assela o que Tupã me está dizendo
Cá dentro em mim nos decifrados sonhos,
Depois que os funestou propínquo sangue.”

“Devoto piaga (Mojacá prossegue)
Que vida austera e penitente vives
Dos rochedos na lapa venerada,
Tu, dos gênios do Ibaque bem fadado,
Tu face a face com Tupã praticas
E vês nos sonhos meus melhor qu’eu mesmo.
Escuta, e dize, ó venerando piaga
(Benévolo Tupã teus ditos oiça)
Angüera mau turbou-te a fantasia,
Aflito Mojacá, teu sonho mente.”

Palavras tais no índio circunspecto,
Cujos lábios envão nunca se abriram;

Guerreiro, cujos sonhos nunca foram,
 Nem mesmo em risco estreito, pavorosos;
 No vulgo frio horror vão trescalando,
 Que entre a crença do piaga, e a deferência
 Devida a tanto herói flutua incerta.
 "Eu vi, diz êle, vi em taba imiga
 Guerreiro, como vós, comado e hirsuto!
 A corda estreita do cruento rito
 Os rins lhe aperta: a dura tangapema
 Sobre-está-lhe fatal; — cantos se entoam
 E a turba dançatriz em tórno gira.
 Sonho não foi, que o vi, como vos vejo;
 Mas não vos direi já quem fôsse o triste!
 Se vísseis, como eu vi, a fronte altiva,
 O olhar soberbo, — aquela fôrça grande,
 Aquêlo riso desdenhoso e fundo...
 Talvez um só, nenhum talvez se encontre,
 Que seja para estar no passo horrendo
 Tão seguro de si, tão descansado!"

Acaso um tronco volumoso e tôsco
 De escamas fortes entre si travadas
 Ali perto jazia. Ogib, o velho,
 Pai do errante Jatir, ali sentou-se.
 Ali triste pensava, até que o sonho
 Do aflito Mojacá veio acordá-lo.
 "Tupã! que mal te filz, que assim me colha
 Do teu furor a seta envenenada?
 Com voz chorosa e trêmula clamava.
 "Escuto os gabos que só cabem nêle,
 Vejo e conheço o costumado ornato
 Do filho meu querido! isto que fôra,
 A quem tão infeliz como eu não fôsse,
 Ventura grande, me constringe o peito!
 Conheço o filho meu no que disseste,
 Guerreiro, como a flor pelo perfume,
 Como o espôso conhece a grata espôsa
 Pelas usadas plumas da araçóia,
 Que entre as fôlhas do bosque a espaços brilha.
 Ai! nunca brilhe a flor, se hão de roê-la
 Insetos; nunca vague a linda espôsa
 No bosque, se hão de as feras devorá-la!"

A dor que mostra o velho em todo o aspecto,
 Nas vozes por soluços atalhadas,

Nas lágrimas que chora, os move a todos
A triste compaixão; mas mais àquele,
Que, antes do pobre pai, já todo angústias,
Da própria narração se enternecia.
Às querelas de Ogib volta o rosto
O fatal sonhador, — que, seu mau grado,
As setas da aflição tendo cravado
Nas entranhas de um pai, quer logo o suco,
Fresco e saudável, do louvor, na chaga
Verter-lhe, donde o sangue em jorros salta.

“Tal era, tão impávido (prosegue,
Fitando o velho Ogib o seu desplante,
Qual foi o de Jatir naquele dia,
Quando, novel nas artes do guerreiro,
Circundado se viu à nossa vista
D'imiga multidão: todos o vimos;
Todos da clara estirpe deslembrados,
Clamamos tristes, pávidos: “É morto!”
Ele porém que o arco usar não pode,
O válido tacape desprendendo,
Sacode-o, vibra-o: fere, prostra e mata
A êste, àquele; e em volumosos feixes
Acerva a turba vil, lucrando um nome.

Tapir, caudilho seu, que não suporta
Que um homem só e quase inerme, o cubra
De tamanho labéu, altivo brada:
“Cede-me, estulto, cede ao meu tacape
Que nunca ameaçou ninguém de balde.”
E assim dizendo vibra crebros golpes,
Cõ a bruta fôlha retalhando os ares!
Um coiro de tapir, em vez de escudo,
Rijo e piloso lhe guardava os membros.
Jatir, do arco seu curvando as pontas,
Sacode a seta fina e sibilante,
Que vara o couro e o corpo surge fora.
Tomba de chôfre o índio, e o som da queda
Remata o som que a voz não rematara.
Vista a pel' do tapir, que o resguardava,
Japi, mesmo Japi lhe inveja o tiro.”

Todo o campo se aflige, todos clamam:
“Jatir! Jatir! o forte entre os mais fortes.”
Ordem não há; mulheres e meninos

Baralham-se em tropel: o pranto, os gritos
 Confundem-se: do velho Ogib entanto
 Mal se percebe a voz "Jatir" gritando.

Itajuba por fim silêncio impondo
 À turba mulheril, e à dos guerreiros
 Mesta batalha: "Consultemos, disse,
 Consultemos o piaga: as vêzes pode
 O santo velho, serenando o ibaque,
 Amigo bom tornar o Deus malquisto."

Mas ora não! — responde o piaga iroso.
 "Só quando ruge a negra tempestade,
 "Só quando a fúria d'Anhangá fuzila
 Raios do escuro céu na terra aflita
 Do piaga vos lembrais? Tanta lembrança,
 Tarda e fatal, guerreiros! Quantas vêzes
 Não fui, eu mesmo, nos terreiros vossos
 Fincar o santo maracá? Debalde,
 Debalde o fui, que à noite o achava sempre
 Sem ofertas, que aos Deuses tanto prazem!
 Nu e despido o vi, como ora o vêdes.
 (E assim dizendo mostra o sacrossanto
 Mistério, que de irado pareceu-lhes
 Soltar mais rouco som no seu rugido)
 Quem de vós se lembrou que o santo Piaga
 Na lapa dos rochedos se mirrava
 À pura míngua? Só Tupã, que ao velho
 Deu não sentir os dentes aguçados
 Da fome, que por dentro o remordia,
 E mais cruel, passada entre os seus filhos!"

Cegou-nos Anhangá, diz Itajuba,
 Fincado o maracá nos meus terreiros,
 Cegou-nos certo! — nunca o vi sem honras!
 Que se o vira, bom piaga... oh! não se diga
 Que um homem só, dos meus, perece à míngua,
 (Quem quer que seja, quanto mais um Piaga)
 Quando campeam tantos homens d'arco
 Nas tabas de Itajuba, — tantas donas
 Na cultura dos campos adestradas.
 Hoje mesmo farei que ao antro escuro
 Caminhem tantos dons, tantas ofertas,
 Que o teu santo mistério há de por fôrça,
 Quer o queiras, quer não, dormir sôbre elas!

“Talvez a rica ofrenda aplaca os Deuses,
E saudável conselho a noite inspira!”
Disse e sem mais dizer se acolhe à gruta.

À caça, ó meus guerreiros, brada o chefe;
Lêdas donzelas ao cauim se apliquem,
Os meninos à pesca, à roça as donas,
Eia!” — Ferve o labor, reina o tumulto,
Que quase tanto val como a alegria,
Ou antes, só prazer que o povo gosta.

Já deslembrados do que ausente choram
Favor das turbas que tão leve passas!)
Ledos no peito, ledos na aparência
Todos se incumbem da tarefa usada.

Trabalho no prazer, prazer que moras
Dentro de tanto afã! festa que nasces
Sob auspícios tão maus, possa algum gênio,
Possa Tupã sorrir-te carinhoso,
E das alturas condoer-se amigo
Do triste, órfão de amor, e pai sem filho!

CANTO QUARTO

BEM VINDO seja o fausto mensageiro,
O melífluo Timbira, cujos lábios
Distilam sons mais doces do que os favos,
Que errado caçador na brenha inculta
Por ventura topou! Hóspede amigo,
Ledo núncio de paz, que o território
Pisou de imigas hostes, quando a aurora
Despontava nos céus — bem vindo seja!
Não luz mas brando e grato o romper d'alva
Que o teu sereno aspecto; nem mais doce
A fresca brisa da manhã cicia
Pela selvosa encosta, que a mensagem
Que o chefe imigo e fero anseia ouvir-te.
Melífluo Jurecei, bem vindo sejas
Dos Gamelas ao chefe, Gurupema,
Senhor dos arcos, quebrador das setas,
Das selvas rei, filho de Icrá valente.

Assim consigo as hostes do Gamela:
Consigo só, que a usada gravidade

Já na garganta, a voz lhes retardava.
Não veio Jurucei? Pôsto de frente,
Arco e frecha na mão feito pedaços,
Certo sinal do respeitoso encargo,
Por terra não lançou? — Que pois augura
Tal vinda, a não ser que o audaz Timbira
Melhor conselho toma; e por ventura
De Gurupema receiando as fôrças,
Amiga paz lhe of'rece, e em sinal dela
Do vencido Gamela o corpo entrega?!
Em bem! que a tôrva sombra vagarosa
Do outrora chefe seu há-de aplacar-se,
Ouvindo a mesma voz das carpideiras,
E vendo no sarcófago depostas
As armas, que no ibaque hão-de servi-lhe,
E junto ao corpo, que foi seu, as plumas,
Em quanto vivo, insígnias do mando.
Embora ostente o chefe dos Timbiras
O ganhado troféu; embora à cinta
Ufano prenda o gadelhudo crânio,
Aberto em croa, do infeliz Gamela.
Embora; mas porém amigas quedem
Do Timbira e Gamela as grandes tabas;
E largo em roda na floresta imperem,
Que o mundo em pêso, unidas, afrontaram!

Nascia a aurora: do Gamela as hostes
Em pé, na praia, o mensageiro aguardam
Sisudos, graves. Um caudal regato,
Cujo branco areial a prata imita,
Serenos ali volvia as mansas águas,
Como que triste de as levar ao rio,
Que ao mar conduz a rápida torrente
Por entre a selva umbrosa e broncas penhas.
Esta a praia! — em redor troncos gigantes,
Que a folhagem no rio debruçavam,
Onde beber frescor os galhos vinham,
Luxuriando em viço! — penduradas
Trepadeiras gentis da coma excelsa,
Estrelando do bosque o verde manto
Aqui, ali, de flôres cintilantes,
Meneiavam-se ao vento, como fitas,
De que se ennastra a coma a virgem bela.
Era um prado, uma várzea, um taboleiro
Com mimoso tapiz de várias flôres,

Agrestes, sim, mas belas. Gênio amigo
Chegou-lhe só a mágica vergasta!
Ei-las a prumo ao longo da corrente
Com requebros louçãos a enamorá-la!

A nós de embira aos troncos amarradas
Quase igaras sem conto figuravam
Ousada ponte no correr das águas
Por fôrça mais qu'humana trabalhada.

Vê-as e pasma Jurecei, notando
O imigo poderio, e seu mau grado
Vai lá consigo mesmo discorrendo:
"Muitos e fortes são nossos guerreiros;
Muitos, certo e as nossas tabas fortes,
Itajuba invencível; mas da guerra
É sempre incerto o azar e sempre vário!
E... quem sabe? — talvez... mas nunca, oh! nunca!
Itajuba! Itajuba! — onde há no mundo
Posses que valham contrastar seu nome?
Onde a seta que valha derribá-lo,
E a tribo ou povo que os Timbiras vençam?!"

Entre as hostes que a si tinha fronteiras
Penetra! — tão galhardo era o seu gesto,
Tão sereno e guerreiro o seu desplante,
Que os Gamelas em si tão bem disseram:
— Missão de paz o traga, que se os outros
São tão feros assim, Tupã nos valha,
Sim, Tupã; que o não pode o rei das selvas!"

Hospedagem sincera entanto of'recem
A quem talvez não tardará buscá-los
Com fina seta no leal combate.
Às igaras o levam pressurosos,
Servem-lhe o piraquém na guerra usado,
E os loiros dons do colmeal agreste;
Servem-lhe amigos suculento pasto
Em banquete frugal; servem-lhe taças
(A ver se mais que a fome o instiga a sêde)
Do espumoso cauim, — taças pesadas
Na funda noz da sapucaia abertas.
Sem temor o timbira vai provando
O mel, o piraquém, as iguarias;
Mas dos vinhos coibe-se prudente.

Em remoto lugar forma conselho
O rei das selvas, Gurupema, em quanto
Restaura o mensageiro os lassos membros.
Chama primeiro Caba-oçu valente;
As ríspidas melenas corridias
Cortam-lhe o rosto, — pendem-lhe nas costas,
Hirtas e lisas, como o junco em feixes
Acamados no leito ressequido
D'invernosa corrente. O rosto feio
Aqui, ali, negreja manchas negras
Como da bananeira a larga fôlha,
Colhida ao romper d'alva, qu'uma virgem
Nas mãos lascivas machucou brincando.

Valente é Caba-oçu; mas sem piedade!
Como sedenta fera almeja sangue
E de malvada ação cruel se paga.
Apresou em combate um seu contrário,
Que mais imigo tinha entre os imigos:
Da guerra os duros vínculos lançou-lhe
E à terreiro o chamou, como é de usança
Para o triunfo bélico adornado.
Fizeram-lhe terreiro os mais d'entorno:
Êle do sacrifício empunha a maça,
Impropérios assaca, vibra o golpe,
E antes que tombe o corpo, aferra os dentes
No crânio fulminado: jorra o sangue
No rosto, e em gorgulhões se expande o cérebro,
Que a fera humana rábida mastiga!
E em quanto limpa à desgrenhada coma
Do sevo pasto o esquálido sobejo,
Bárbaras hostes do Gamela torcem,
A tanto horror, o transtornado rosto.

Vem Jepiaba, o forte entre os mais fortes,
Taiatu, Taiatinga, Nupançaba,
Tucura o ágil, Cravatá sombrio,
Andira, o sonhador de agouros tristes,
Que êle é primeiro a desmentir co'as armas,
Pirera que jamais não foi vencido,
Itapeba, rival de Gurupema,
Oquena, que por si vale mil arcos,
Escudo e defesa dos seus que ampara;
E outros, e muitos outros, cuja morte
Não foi sem glória no cantar dos bardos.

Guerreiros! Gurupema assim começa,
"Antes de ouvir o mensageiro estranho,
Consultar-vos me é fôrça; a nós incumbe
Vingar do rei da selva a morte indigna.
Do que morreu, em que lhe seja eu filho,
Estende-se o desar sôbre nós todos,
E a todos nós da gloriosa herança
Compete o desagravo. Se nos busca
O filho de Jaguar, é que nos teme;
A nossa fúria por ventura intenta
Voltar a mais amigo sentimento.
Talvez do vosso chefe o corpo e as armas
Com larga pompa nos envia agora:
Basta-vos isto?

Guerra! guerra! exclamam.

Notai porém quanto é pujante o chefe,
Que os Timbiras dirige. Sempre o segue
Fácil vitória, e mesmo antes da luta
As galas triunfais dispõe seguro.

Embora, dizem uns; outros murmuram,
Que de tão grande herói, qualquer que seja
A oferta expiatória, em bem, se aceite.
Outros porém, e a maior parte, incertos
Vacilam no conselho. A injúria é grande,
Bem fundo a sentem, mas bem grande é o risco.

"Se o orgulho desce a ponto no Timbira,
Que pazes nos propõe, diz Itapeba
Com dura voz e cavernoso acento,
Já está vencido! — Alguém pensa o contrário
(E com despeito a Gurupema encara)
Alguém, não eu! Se havemos de barato
Dar-lhe a vitória, humildes aceitando
O triste câmbio (a idéia só me irrita)
De um morto por um arco tão valente,
Aqui as armas vis faço pedaços
Em breve trato, e vou-me a ter com êsse,
Que sabe leis ditar, mesmo vencido!"
Como tormenta, que rouqueja ao longe
E som confuso espalha em surdos ecos;
Como rápida frecha corta os ares,
Já perto soa, já mais perto brame,
Já sobranceira enfim roncando estala;

Nasce fraco rumor que logo cresce,
 Avulta, ruge, horríssono rimbomba.
 Oquena! Oquena! o herói nunca vencido,
 Com voz troante e procelosa exclama,
 Dominando o rumor, que longe ecoa:

“Fujam tímidas aves aos lampejos
 Do raio abrasador, — medrosas fujam!
 Mas não será que o herói se acanhe ao vê-los!
 Itapeba, só nós somos guerreiros;
 Só nós, que a olhos nus fitando o raio,
 Da glória a senda estreita à par trilhamos.
 Tens em mim quanto sou e quanto valho,
 Armas e braço enfim!”

Eis rompe a densa
 Turba que d'entôrno d'Itapeba
 Formidável barreira alevantava.

Quadro pasmoso! os dois de mãos travadas,
 Sereno o aspecto, plácido o semblante,
 À fúria popular se apresentavam
 De constância e valor sòmente armados.
 Eram escolhos gêmeos, empinados,
 Que a fúria de um vulcão ergueu nos mares.
 Eterno ali serão co'os pés no abismo,
 Cõ os negros cimos devassando as nuvens,
 Se outra fôrça maior os não afunda.
 Ruge embalde o tufão, embalde as vagas
 Do fundo pego à flor do mar borbulham!

Estranha a turba, e pasma o desusado
 Arrôjo, que jamais assim não viram!
 Mas mais que todos Caba-oçu valente
 Enleva-se da ação que o maravilha;
 E de nobre furor tomado e cheio,
 Clama altivo: “Eu também serei convosco,
 Eu também, que a só mercê vos peço
 De haver às mãos o pérfido Timbira.
 Seja, o que mais lhe apraz, invulnerável,
 Que d'armas não careço por vencê-lo.
 Aqui o tenho, — aqui commigo o aperto,
 Estreitamente o aperto nestes braços,
 (E os braços mostra e os peitos musculosos)
 Há-de medir a terra já vencido,

E orgulho e vida perderá co'o sangue,
Arrã soprada, que um menino espoca!"

E bate o chão, e o pé na areia enterra,
Orgulhoso e robusto: o vulgo aplaude,
De prazer e rancor soltando gritos
Tão altos, tais, como se ali tivera
Aos pés, rendido e morto o herói Timbira.

Por entre os alvos dentes que branquejam,
Ri-se o prazer nos lábios do Gamela.
Ao rosto a côr lhe sobe, aos olhos chega
Fugaz clarão da raiva que aos Timbiras
Votou de há muito, e mais que tudo ao chefe,
Que o espólio paternal mostra vaidoso.

Com gesto senhoril silêncio impondo
Alegre aos três a mão calosa of'rece,
Rompendo nestas vozes: "Desde quando
Cabe ao soldado pleitear combates
E ao chefe em ócio viver seguro?
Guerreiros sois, que os atos bem no provam;
Mas se vos não apraz ter-me por chefe,
Guerreiro tão bem sou, e onde se ajuntam
Guerreiros, hão-de haver logar os bravos!
Serei convosco, disse. — E aos três se passa.

Soam batidos arcos, rompem gritos
Do festivo prazer, sobe de ponto
O ruidoso aplaudir. Só Itapeba,
Que ao seu rival deu azo de triunfo,
Mal satisfeito e quase irado rosna.

Um Tapuia, guerreiro adventício,
Filhado acaso à tribo dos Gamelas,
Pede atenção, — prestam-lhe ouvidos todos.
Estranho é certo; porém longa vida
A velhice robusta lhe autoriza.
Muito há visto, sofreu muitos reveses,
Longas terras correu, aprendeu muito;
Mas quem é, donde vem, qual é seu nome?
Ninguém o sabe: êle o nã odisse nunca.
Que vida teve, a que nação pertence,
Que azar o trouxe à tribo dos Gamelas?
Ignora-se também. Nem mesmo o chefe
Perguntar-lhe se atreve. É forte, é sábio,
É velho e experiente, o mais que importa?

Chamem-lhe o forasteiro, é quanto basta.
Se à caça os aconselha, a caça abunda;
Se à pesca, os rios cobrem-se de peixes;
Se à guerra, ai da nação que êle indigita!
Valem seus ditos mais que valem sonhos,
E acerta mais que os piagas nos conselhos.

Mancebo (assim diz êle a Gurupema)
"Já vi o que por vós não será visto,
Imensas tabas, bárbaros imigos,
Como nunca os vereis; andei já tanto,
Que o não fareis, andando a vida inteira!
Estranhos casos vi, chefes pujantes!
Tabira, o rei dos bravos Tobajaras,
Alquíndar, que talvez já não exista,
Iperu, Jepipó de Mambucaba,
E Coniã, rei dos festins guerreiros;
E outros, e outros mais. Pois eu vos digo,
Ação, que eu saiba, de tão grandes Cabos,
Como a vossa não foi, — nem tal façanha
Fizeram nunca, e sei que foram grandes!
Itapeba entre os seus não encontraras,
Que não pagasse com seu sangue o arrôjo
De tanto as claras pôr-se-lhes contrário.
Mas quem do humano sangue derramado
Por ventura se peja? — em que logares
A glória da peleja horror infunde?
Ninguém, nenhures, ou somente aonde,
Ou só àquele que já viu tingidas
Cruas vagas de sangue; e os turvos rios
Mortos por tributo ao mar volvendo.
Vi-as eu, inda novo; mas tal vista
Do humano sangue saciou-me a sede.
Ouvi-me, Gurupema, ouvi-me todos:
Da sua tentativa o rei das selvas
Teve por prêmio o lacrimoso evento:
E era chefe brioso e bom soldado!
Só não pôde sofrer que alguém dissesse
Haver outro maior tão perto dêle!
A vaidade o cegou! hardida emprêsa
Cometeu, mas por si: de fora, e longe
Os seus o viram deslindar seu pleito.
Vencido foi. . . a vossa lei de guerra,
Bárbara, sim, mas lei; — dava ao Timbira
Usar, como êle usou, do seu triunfo.

A que pois fabricar novos combates?
Por que empreendê-los nós, quando mais justos
Os Timbiras talvez mover poderam?
Que vos importa a vós vencer batalhas?
Tendes rios piscosos, fundas matas,
Inúmeros guerreiros, tabas fortes;
Que mais vos é mister? Tupã é grande:
De um lado o mar se estende sem limites,
Pingues florestas d'outro lado correm
Sem limites também. Quantas igaras,
Quantos arcos houermos, nas florestas,
No mar, nos rios caberão às largas:
Por que então batalhar? por que insensatos,
Buscando o inútil, necessário aos outros,
Sangue e vida arriscar em néscias lutas?
Se o filho de Jaguar trazer-nos manda
Do chefe desdidoto e frio corpo,
Aceite-se... se não... voltemos sempre,
Ou com êle, ou sem êle, às nossas tabas,
Às nossas tabas mudas, lacrimosas,
Que hão-de certo enlutar nossos guerreiros,
Quer vencedores voltem, quer vencidos.”

Do forasteiro, que tão sôlto fala
E tão livre argumenta, Gurupema
Pesa a prudente voz, e alfim responde:
Tupã decidirá.” — Oh! não decide,
(Como consigo diz o forasteiro)
Não decide Tupã humanos casos,
Quando imprudente e cego o homem corre
D'encontro ao fado seu: não valem sonhos,
Nem da prudência meditado aviso
Do atalho infausto a desviar-lhe os passos!”

O chefe dos Gamelas não responde;
Vai pensativo demandando a praia,
Onde o Timbira mensageiro o aguarda.

Reina o silêncio, sentam-se na arena,
Jurucei, Gurupema e os mais com êles.
Amiga recepção, — ali não viras
Nem pompa oriental, nem galas ricas,
Nem armados salões, nem côrte egrégia,
Nem régios passos, nem caçoilas fundas,
Onde a cheirosa goma se derrete.
Era tudo singelo, simples tudo,

Na carência do ornato — o grande, o belo.
 Na própria singeleza a majestade.
 Era a terra o palácio, as nuvens teto,
 Colunatas os troncos gigantescos,
 Balcões os montes, pavimento a relva,
 Candelabros a lua, o sol e os astros.

Lá estão na branca areia descansados.
 Como festiva taça num banquete,
 O cachimbo de paz, correndo em roda,
 De fumo adelgado cobre os ares.
 Almejam, sim, ouvir o mensageiro,
 E mudos são contudo: não dissera,
 Quem quer que os visse ali tão descuidosos,
 Que ardor inquieto e fundo os ansiava.

O forte Gurupema alfim começa
 Após cômico silêncio, em voz pausada:
 Saúde ao núncio do Timbira! disse.
 Tornou-lhe Jurucei: "Paz aos Gamelas,
 Renome e glória ao chefe seu preclaro!
 — A que vens pois? Nós te escutamos: fala
 "Todos vós, que me ouvis, vistes boiantes,
 À mercê da corrente, o arco e as setas
 Feitas pedaços, por mim mesmo inúteis."

"E de to ver folguei; mas quero eu mesmo
 Ouvir dos lábios teus quanto imagino.
 Acata-me Itajuba, e de medroso
 Tenta poupar aos seus tristeza e luto?
 A flor das Tabas suas, talvez manda
 Trazer-me o corpo e as armas do Gamela,
 Vencido, em mal, no desleal combate!
 Pois seja, que talvez não queira eu sangue;
 E do justo furor quebrando as setas...
 Mas dize-o tu primeiro... Nada temas;
 É sagrado entre nós guerreiro inerme,
 E mais sagrado o mensageiro estranho."

Treme de pasmo e cólera o Timbira,
 Ao ouvir tal discurso. — Mais sorpreso
 Não fica o pescador, que mariscando
 Vai na maré vazante, quando avista
 Envolto em lódo um tubarão na praia,
 Que reputa sem vida; passa rente,

E co'as malhas da rêde acaso o açoita
E a desleixo: — feroz o monstro acorda
E escancarando as fauces mostra nelas
Em sete filas alinhada a morte!
Tal ficou Jurecei, — não de receio,
Mas de surpresa atônito; — o contrário,
Que de o ver merencório não se agasta,
A que proponha o seu encargo o anima.

“Não ignavo temor a voz me embarga;
Emmudeço de ver quão mal conheces
Do filho de Jaguar os altos brios!
Esta a mensagem que por mim vos manda:
Três grandes tabas, onde heróis pululam,
Tantos e mais que vós, tanto e mais bravos,
Caídas a seus pés a voz lhe escutam.
Não quer dos vossos derramar mais sangue:
Tigre cevado em carnes palpitantes,
Rejeita a fácil presa; nem o tenta
De perjuros haver troféus sem glória.
Em quanto pois a maça não sopesa,
Em quanto no carcaz dormem-lhe as setas
Imóveis — atendei! — cortai no bosque
Troncos robustos e frondosas palmas
E novas tabas construí no campo,
Onde o corpo caiu do rei das selvas,
Onde empastado inda enrubece a terra
Sangue daquele herói que vos infama!
Aquela briga enfim de dois, tamanhos,
Sinalai; porque estranho caminheiro
Amigas vendo e juntas nossas tabas,
E a fé que usais guardar, sabendo, exclame:
Vejo um povo de heróis, e um grande chefe!”
Em quanto escuta o mensageiro estranho,
Gurupema, talvez sem que o sentisse,
Vai pouco e pouco erguendo o corpo inteiro.
A baça côr do rosto é sempre a mesma,
O mesmo o aspecto, — a válida postura
A quem de longe o vê, sòmente indica
Vigor descomunal, e a gravidade
Que os próprios Índios por incrível notam.
Era uma estátua, excepto só nos olhos,
Que por entre as envão caídas pá'pebras
Clarão funéreo derramava entôrno.

“Quero ver que valor mostras nas armas,
 (Diz ao Timbira, que a resposta aguarda)
 Tu que arrogante, em frases descorteses,
 Guerra declaras, quando paz of’reces.
 Quebraste o arco teu quando chegaste,
 O’ meu te of’reço! O quebrador dos arcos
 Nos dons por certo liberal se mostra,
 Quando o seu arco of’rece: julga e pasma!”

E o arco empunha! outro não foi como êle!
 Artífice de nome em seus lavôres
 Mais de um ano gastara em fabricá-lo.
 As pontas levemente recurvadas
 Cabeças de bicéfala serpente
 Figuravam, — iguais no pêso e forma:
 Melhor que nenhum outro equilibrado,
 Lavrados os desenhos com tal arte,
 Que sem tirar-lhe a fôrça, mais flexível,
 Mais pesado o tornavam com mais graça.

Do pejado carcaz tira uma seta,
 Na corda a ajeita, — o arco entesa e curva,
 Atira, — soa a corda, a frecha voa
 Com silvos de serpente. Sôbre a copa
 Duma árvore frondosa descansava
 Há pouco um cenembi, — frechado agora
 Despenha-se no rio, sopra iroso,
 A cortante serrilha embora erriça,
 Co’a dura cauda embora açoita as águas;
 A corrente o conduz, e em breve trato
 O hastil da frecha sobrenada a prumo.

Podera Jurecei, alçando o braço,
 Poupar ação tão baixa àqueles bosques,
 Onde os guerreiros de Itajuba imperam.
 Imóvel, mudo contemplou no rio
 De chôfre o cenembi cair frechado,
 Lutar co’a morte, ensanguentando as águas,
 Desaparecer, — a voz por fim levanta:

“Ó rei das selvas, Gurupema, escuta:
 Tu, que medroso em face d’Itajuba
 Não ousaras tocar o pó que o vento
 Nas fôlhas dos seus bosques deposita;
 Senhor das selvas, que de longe o insultas,

Por que me vês aqui sòzinho e fraco,
 Fraco e sem armas, onde armado imperas;
 Senhor das selvas (que antes frecha acesa
 Sôbre os tetos houvesse arrojado,
 Onde as mulheres tens e os filhos caros),
 Nunca miraste um alvo mais funesto
 Nem tiro mais fatal vibraste nunca.
 Com lágrimas de sangue hás de chorá-lo,
 Maldizendo o lugar, o ensejo, o dia,
 O braço, a fôrça, o ânimo, o conselho
 Do delito infeliz que vai perder-te!
 Eu, sòzinho entre os teus que me rodeiam,
 Sem armas, entre as armas que descubro,
 Sem mêdo, entre os medrosos que me cercam.
 Em tanta solidão seguro e ousado,
 Rosto a rosto contigo, e no teu campo,
 Digo-te, ó Gurupema, ó rei das selvas,
 Que és vil, qu'és fraco!

Sibilante frecha
 Rompe da turba-multa e crava o braço
 Do ousado Jurecei, qu'inda falava.

“Ê seguro entre vós guerreiro inermes,
 E mais seguro o mensageiro estranho!
 Disse com riso mofador nos lábios.
 Aceito o arco, ó chefe, e a treda frecha,
 Que vos hei-de tornar, ultriz da ofensa
 Infame, que Aimorés nunca sonharam!
 Ide, correi, quem vos impede a marcha?
 Vingai esta corrente, não mui longe
 Os Timbiras estão! — Voltai da emprêsa
 Com êste feito heróico rematado;
 Fugi, se vos apraz; fugi, cobardes!
 Vida por gôta pagareis meu sangue;
 Por onde quer que fordes de fugida
 Vai o fero Itajuba perseguir-vos
 Por água ou terra, ou campos, ou florestas;
 Tremei! . . .

E como o raio em noite escura
 Cegou, desapareceu! De timorato
 Procura Gurupema o autor do crime,
 E autor lhe não descobre; inquire . . . em balde!
 Ninguém foi, ninguém sabe, e todos viram.

FIM DE “OS TIMBIRAS”

LIRA VÀRIA

OUTROS POEMAS E VARIANTES PRINCIPAIS

MORRO DO ALECRIM

I

QUE MONTE além se eleva negrejante!
Na areia a base enterra, e o dorso ingente
De rija pedra mosqueado amostra;
Estéril como êle é, dizer parece
Que a ira do Senhor ardendo em raios
A seve d'hartos troncos — de mil anos
Apagou — consumiu — num breve instante.

Mas não; a rubra côr que aí se enxerga
É sangue que correu;
Cada pedra que i jaz encerra a história
Dum bravo que morreu.

E raios mil de guerra em morte involtos
Já lá do cimo agreste da montanha
Sibilando e gemendo à funda base
Baixaram sussurrando.

É do povo o Sinai, que o nobre sangue
Independente e forte — em lide acesa
Na arena derramou;
E o filho ainda lá vai cheio de orgulho,
Do pai beijando o sangue em largos traços
Que a pedra conservou.

II

E quando alva lua no céu vai brilhando
O disco formoso luzente mostrando,
Então quando as ondas mais vívidas crescem
E mais contra a praia a bramir se enfurecem;

Descendo das nuvens ao monte orgulhoso
Infausta se amostra sinistra figura,
Mais negra que as trevas, que fôra pasmoso
Ser êsse fantasma de humana natura.

E quando é que se vê? — Quando nos bosques
A flor mais puro seu perfume exala,
Quando nas fôlhas o sussurro morre,
Quando das aves o gorjeio pára.

Quando imundo tatu na concha invôlto
Vai de manso volver minada campa,
E a coruja sedenta a luz dos mortos
No fronteiro pano da muralha estampa.

Desde quando aparece? — Ninguém sabe,
E talvez apareça sem ter fim;
Só um em cujo peito horror não coube
Já do fantasma a voz ouviu assim.

Manito — Manito — cobriste o teu rosto
Com denso velâmen de penas gentis;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bens que lhes deste da perda infeliz!

Manito — Manito — descobre o teu rosto,
Bastante nos pesa da tua vingança;
Já lágrimas tristes choraram teus filhos,
Teus filhos que choram tão grande mudança.

O triste Anhangá de mui longo nos trouxe
Filhos de Tupã, essa raça danada,
Em vão deu-lhe ofrendas o Piaga divino
Tocando a maraca na dança sagrada.

Em vão neste monte lhe veio ofertar
A pel' maculada de tigre raivoso,
E frutos, e frutas — e a pel' cambiante
Da Bóia vistosa de corpo pasmoso.

Manito — Manito — cobriste o teu rosto
Com denso velâmen de penas gentis;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bens que lhes deste da perda infeliz.

Teus filhos valentes, temidos na guerra,
No albor da manhã quão fortes que os vi!
A morte pousava nas plumas da frecha,
No gume da maça, no arco tupi.

E hoje em que apenas a enchente do rio
Cem vêzes hei visto crescer — abaixar...
Já restam bem poucos dos teus qu'inda possam
Dos seus, que já dormem, os ossos levar.

Teus filhos valentes causavam terror,
Teus filhos enchiam as bordas do mar,
As ondas coalhavam de estreitas igaras
De frechas cobrindo os espaços do ar.

Já hoje não caçam nas matas tão suas
A corça ligeira — o trombudo coati...
A morte pousava nas plumas da frecha,
No gume da maça — no arco tupi.

O Piaga nos disse que breve seria,
Manito, dos teus a cruel punição;
E os teus inda vagam por serras, por vales,
Buscando um asilo por ínvio sertão!

Manito — Manito — descobre o teu rosto,
Bastante nos pesa da tua vingança;
Já lágrimas tristes choraram teus filhos,
Teus filhos que choram tão grande tardança.

VISÕES — PASSAMENTO
(VARIANTE)

“MORRER! — dizia o stólido, sentindo
“Da morte o cru torpor nos membros frios,
“Morrer! — loucura, insânia! — Quem me pode
“Levar daqui — da terra — donde hei sido
“Motor de tudo a um sobreceño — a um gesto?
“Morrer como um vilão! morrer! — Quebrada
“Sentir a vida em meio, em morto as faces
“Sentir levar-me os olhos dêsses — baixos,
“Mesquinhos sêres que eu cegava, dêsses

“Que ao volver dos meus olhos se afundiam,
 “Que hão de rir-se talvez co’a minha morte!
 “Oh! não quero morrer! . . .

FANTASMAS

*There are more things in heaven and earth, Horatio,
 Than are dreamt of in your philosophy.*

HAMLET

IA A LUA pelos ares
 Docemente equilibrada,
 Qual linda concha embalada
 Pela corrente dos mares.

Era tudo amor; — dormente
 Era a mesta solidão, —
 Porém eis que de repente
 Corre de vento um pegão.

Morrendo a luz feiticeira
 Morre o brilhante do céu,
 Que da lua a face inteira
 Cobre denso, opaco véu.

Das trevas o véu rasgando
 Fuzila breve clarão,
 No escuro espaço rolando
 Rouqueja horrível trovão.

Ruge ao longe o mar raivoso,
 Perto — o vento no arvoredo;
 No Cemitério medroso
 Surgem fantasmas de mêdo.

Passando ao través dos muros,
 Que do mundo os separava,
 Penetram no templo escuro:
 Mudo e triste o templo estava.

Do templo nas paredes caminhavam
 As mestas sombras dos que foram; outros,
 Como que da vigília se pesassem,
 Nos ossos mal seguros se arrastavam.

Como sôbre os couceiras se revolvem
As portas emperradas, tal do templo
As frias pedras sepulcrais se dobram.
Finados mil e mil das campas surgem,
Incertas sombras pelos ares voam,
Amalgama-se o pó formando nuvens,
E as nuvens pairam n'amplidão sagrada.
Só um sepulcro permanece inteiro,
E um espectro ao pé dêle; — os longos dedos
Correndo pela testa, tremebundo
Carrega sôbre a turba o rosto irado.

"Não poder descansar! — dizia o triste —
"Não poder descansar! — Era êste um grito
D'interno sofrimento amargo e duro.
"Ó Morte enganadora, que eu julgava
"O infinito visão, — além dos mundos
"Outro mundo não via, — além da vida
"Minha alma apenas descobria... o nada.
"De que nos serve o teu poder, traidora?
"Se a vida tiras, mais penosa a tornas;
"Se tiras o sofrer, mais delicado,
"Mais apurado, mais subtil, mais fundo
"Fazes, cruel, brotar do horror da campa.
"Estólido que eu fui! — da terra filho,
"Julguei-me prêso à terra, prêso ao nada,
"Julguei-me sem porvir além da vida,
"Sem acerbo penar na campa acerba!"

Como sentisse a sepultura intacta,
Raivoso empurra a pedra, que serena
Sôbre outras pedras se desliza fácil,
Como o barco veloz cortando as ondas,
Que a mão calosa do barqueiro impele.

Ah! certo, eu vi! — um pútrido cadáver,
Amarelento, ensanguentado e feio,
Pávido erguer-se no sudário involto.
Volveu pasmado em tôrno os olhos turvos,
E as pupilas sem luz que estranham, sentem
Agudíssima dor da luz mal vista
Da alâmpada velada. — Nos ouvidos
Mesmo dos mortos o bulício incerto
Com hórrido fragor rimbomba, estoura!

— Não julguei acordar! disse afligido.
 Mas do finado, que o chamara à vida,
 Correu nos lábios mofador sorriso;
 “Não julgaste acordar, insano?! — a mente
 “Perdida não sentiste além dos ares
 “Voar além dos céus, além das nuvens?”
 Dizia o espectro: — “Insano, tu cobriste-a
 “De lôdo terreal, cortaste as asas
 “Dêsse amigo adejar, de prece amiga
 “Que vai, que sobe, perfumado incenso,
 “Beijar do eterno ser o trono excelso.”

Eis do recém-finado a voz rebrama
 No recinto do templo; — estoura e ferve
 No estreito espaço da garganta, como
 Neve que o sol derrete, que nas orlas
 Do raso leito de regato humilde
 Rebenta em borbulhões de argêntea espuma.

“Nas trevas, Senhor Deus, direi teu nome,
 “Cantarei teus louvores do sepulcro,
 “Cantarei teu poder dentre a gelada
 “Mortalha funeral, e sempre e eterno.
 “Senhor Deus, Senhor Deus, quando os meus lábios
 “Se ressequirem teu louvor cantando,
 “Quando rouco meu peito arfar cansado,
 “Minha alma, além dos sóis voando afoita,
 “Irá, Senhor meu Deus, beijar-te as plantas,
 “Nutrir-se palpitante da tua glória
 “E a luz do teu fulgor, do teu conspecto
 “Derramar-se queixosa e aflita...”

— É tarde!

O espectro lhe bradou. — Misericórdia! —
 Clamava a triste sombra que aterrada
 Procurava juntar as mãos rebeldes.
 Foi debalde o querer; debalde as forças
 Concentra o miserando por juntá-las;
 Debalde intenta orar! — a voz lhe falta,
 Do mutilado tronco os braços fogem,
 Fogem do tempo na amplidão perdidos.
 Mútua fôrça os atrai, mútua os repele,
 Fatídico poder os leva a ambos,
 E alonga o templo mais e mais com êles.
 Dos ares a soidão quebrando irado

Da torre soa o sino; o som d'agoiros
Estoura — ruge — vibra — míngua e morre.

Rápida foge a multidão dos mestos,
Sem arruído, sem rumor, — qual fumo
Levíssimo e subtil que se desenha
Ao reflexo da luz nos brancos muros.

A MORTE PREMATURA
(VARIANTE)

NÃO PODER eu correr por êsse mundo,
Espêssas brenhas, escarpadas rochas,
Assoberbar torrentes, e trazer-te
As águas soporíferas do Letes!

LÁGRIMAS SEM DOR — E DOR
COM LÁGRIMAS

SUMIU-SE ALÉM o sol involto em raios,
E do lado fronteiro a branca lua
Levanta a fronte pálida entre montes,
E nas águas do límpido regato
Estampa a face inteira.

E eu irei sentar-me junto às margens
Do límpido regato;
Irei cismar sòzinho, a sós co'a noite;
Nas minhas penas cruas.

Quero sentir da tarde o fresco orvalho
Nos meus cabelos;
Quero escutar nas fôlhas o sussurro
Da mansa brisa;

Quero escutar o som da linfa clara
Por sôbre as pedras;
Quero escutar do pássaro o gemido
De sob as ramas:

Quero vê-la tão bem, que há tempos ando
Cismando nela;

Que, há tempos, sempre a encontro triste e muda
Junto à ribeira.

Ei-la sentada ali entre os salgueiros,
Pálida a fronte,
Loiros cabelos sôbre testa ebúrnea,
Cândida a veste.

Anjo — encanto — mulher, que és tu na terra?
Quem n'alma te gravou cismar tão triste?
Tão triste palidez quem te há gravado
No semblante formoso?

Oh! se minha alma aflita inda prazeres
Sentir pudesse, — se inda amar amasse,
Se os meus olhos pisados não vertessem
A fio agra corrente;

Anjo — encanto — mulher, fôras meu nume,
Fôras meu sangue, meu prazer, minha alma,
Minha estrêla de amor, meu anjo e vida,
Pensamento e querer.

Na flor da mocidade, quando a vida
Por entre flôres, recendendo aromas,
Risonha e festival, sem mêdo corre
D'agoireiro futuro;

Por que em vez de nutrir brandos amôres
Definhas sem brilhar em festa, em jogos,
Sem um meigo sorrir nos curtos lábios,
Sem côr nas alvas faces?

Anjo — encanto — mulher, por que o teu pranto
Corre agora espontâneo sôbre as águas
Do límpido regato, como lágrimas
De Náíade gentil?

Por que choras assim? — Traída amante
Vens de enganado amor as penas cruas
Curtir na soledade?

Mas quem tão negro feito perpetrara?
Quem há que se os teus olhos lhe sorrissem,
Não morrera de amôres?

Não o fizera, não, — que tal façanha
Não a faz coração d'homem, que sente,
Que vê tais graças;

Que visse uma só vez, qual vejo agora,
Co'as estrêlas do céu pleitear brilho
Teus olhos tão mimosos.

Morreu-te acaso a mãe? — Érma e sòzinha,
Vens d'amor filial durante a noite
Pagar tributo amargo?
Mas ei-la que ali vem terna, ansiada,
Por te ver, por te ouvir, por êsse pranto
Secar co'um doce beijo.

Ah! chora sempre e sempre; — corre o pranto
Espontâneo e fagueiro nessa idade,
Como orvalho da noite;
Enquanto o mau blasfema o bom soluça;
Alma do céu folga em chorar sòzinha
Neste exílio da terra.

Ah! chora sempre e sempre, que êsse pranto
No seio maternal hoje se entorna,
Que não em terra sáfara;
Doido por muito amar, por ser amado,
Gentil mancebo há de amanhã sorver-to
Num ósculo de amor.

Mas eu quando em silêncio as fontes abro
Dêste meu coração, embalde os lábios
Donzela ou mãe soluçam;
Pelo meu rosto em fio se desliza
Meu triste pranto, e alvíssimo se expande
Na pedra dum sepulcro.

O OIRO
(VARIANTE)

TENHO NA TERRA o corpo — em Deus a mente,
— Em Deus meu pensamento e meus desejos;
Amor, e coração, vida, e futuro
Em Deus, sòmente em Deus!

MISERRIMUS

QUANDO O INVERNO chegou, — por sôbre a terra
 O robre secular espalha a coma,
 Que o rábido tufão cortou de morte.
 Despida e nua jaz a flor mimosa,
 Agora hástea sòmente; e o sol brilhante
 Despede a custo a luz que mal penetra
 As nuvens trovejadas que o circundam.

Mas o inverno passou! — De novo assume
 Virente rama o robre gigantesco,
 A flor formosa e bela vem brotando,
 E o sol, rei do horizonte, já rutila
 Em céu de puro azul-brilhante.

Mas quando o desengano, qual tormenta
 Que por desertos só valente reina,
 Do quente coração arranca, esmaga
 Esp'ranças, que o amor enfeitiçava,
 Em vão a natureza ufana brilha,
 Em vão de puro orvalho a flor se arreja,
 Em vão dardeja o sol seus quentes raios,
 Em vão!... que o coração jaz frio e murcho.
 E não mais viverá! — que a alma sentida
 Conhece que o amor é só mentira,
 Que é mentira o prazer, mentira tudo!

Um dia apareceu um recém-nado,
 Como a concha que o mar à praia arroja,
 Cresceu; — qual cresce a planta em terra inculta
 Que ninguém educou; — a chuva apenas.
 Infante — viu de roda sepulturas,
 Em que não atentou; — sonhos mimosos,
 Acordado ou dormindo, lhe doiravam
 A infância leve, d'incôncencia rica.
 Viu belo o ar, e terra, e céus, e mares,
 Viu bela a natureza, como a noiva
 Sorrindo em breve dia de noivado!
 Então sentiu brotarem na sua alma
 Sonhos de puro amor, sonhos de glória;
 Sentiu no peito um mundo de esperanças,
 Sentiu a fôrça em si — patente o mundo.

Forte se levantou! correu fogoso,
E qual águia que nas asas se equilibra,
Começou a trilhar da vida a senda.
Um monte além topou; mais vagaroso
Subiu, — vingou mais lento! — Inda mais outro
Colossal — descalvado — íngreme e liso,
Costeou, mas cansou, que era sòzinho!
Sentou-se, e mudo, e fraco, e pensativo,
À borda do caminho; e sôbre o peito
A cabeça inclinou, cruzando os braços.
Minha mãe! — soluçou; e um eco ao longe
Minha mãe! — respondeu. — Sentiu que a fome
Dolorosa as entranhas lhe apertava,
E sêde intensa a ressequir-lhe as fauces;
Fome e sêde curtiu como num sonho.
Do rosto nas maçãs descoloridas
— Filtro do coração — sentiu que o pranto
Ardente escorregava a tez queimando.
Muda era a sua dor, — d'homem que sofre,
Que chora isento de vergonha ou crime.

Encontrou mais além no seu caminho,
Bela na sua dor, sòzinha e fraca,
Figura virginal que ali jazia.
Esqueceu-se de si pensando nela;
Nova fôrça creou, — novo incentivo,
Coragem nova o seu amor creou-lhe.
Lavou-lhe os curtos pés, contra o seu peito
Do frio a protegeu, — tomou nos braços
A carga tão mimosa! — E ela co'os olhos,
Que o amor vendava um pouco, agradecia.
E ela pôde viver; — disse que o amava,
Que era o seu coração dêle — e só dêle: —
Disse, e mais que uma vez, com peito e lábios
No peito e lábios dêle; — era mentira!

E êle o conheceu! por precipícios
Descrido se arrojou, sentindo a morte,
Seu berço entre sepulcros procurando.

Aqui — ali — além — eram sepulcros;
E o nome de sua mãe, sequer não pode
Dos nomes conhecer de tantos mortos.

E só no seu morrer, qual só na vida,
Na terra se estendeu; nem dor, nem pranto
Tinha no coração que era já morto!

E alguém, que ali passou, vendo um cadáver
De sânie e podridão comido e sujo,
Co'o pé num fôssó o revolveu; — e terra
Caída acaso o sepultou p'ra sempre.

Amizade! — ilusão que os anos somem;
Amor! — um nome só, bem como o nada,
A dor no coração, delícias n'alma,
Nos lábios o prazer, nos olhos pranto
— Tudo é vão, tudo é vão, exceto a morte.

O DONZEL

Onde vais, ó cavaleiro?

— Ver quem de amor me matou.

— Vês êste cadáver? — Vejo.

— E vai à entrevista? — Vou.

FREIRE DE SERPA

I

Já tremula sôbre o ocaso
Do sol o disco fulgente:
Já se ergueu a luz inteira
Lá das partes do oriente;
Ergueu-se a brisa fagueira,
Ergueu-se a voz da corrente.

Ergueu-se tênue e macio
Perfume de linda flor;
Ergueram as densas matas
O seu leve arfar de amor;
Ergueu a voz do oceano
O seu hino ao Creador.

II

Eis que donoso mancebo
Que brancas telas vestia,
Por senda patente e clara
Em seu ginete corria.

Não vê no trépido ocaso
 Do sol o disco fulgente,
 Nem da lua alvinitente
 O deleitoso fulgor;
 Não escuta o arfar dos bosques,
 Nem das aves o carpido,
 Nem das vagas o rugido;
 Nem da tarde almo frescor
 Sentir pode! — Corre a brisa,
 Ouve-se estranha harmonia;
 Mas na acesa fantasia
 Ferve inquieto, imenso amor!

III

Praticando noutros tempos
 Alguns velhos encontrou:
 Louco! louco! — murmuraram.
 Sorriu-se o môço e passou.

Velhos que a vida viveram,
 Que já não sabem viver,
 Que sôbre a terra dos vivos
 Não tem de que ter prazer,

Uns aos outros se perguntam,
 Quando em paz descansarão!
 Já vivestes vossa vida,
 Já não tendes coração!

Tendes o corpo alquebrado,
 Tendes morto o coração,
 Tendes a alma desmaiada,
 Nem sentis uma afeição.

Afeição, ledice, amôres...
 Sôbre as cãs não vinga o amor,
 Como sôbre a rocha dura
 Não cresce mimosa flor.

Mais além — **IV** — gentis donzelas
 Brincando se divertiam,

Embebidas nos folgares
Lúbricas danças teciam.

— Onde vais, gentil mancebo,
Nesse correr afanoso?
Onde vais? detém-te, espera,
“Não nos fujas pressuroso!

“Vou-me longe inda esta noite,
“Vou rever os meus amôres;
“Já de mais hei sopeado
“Meu desejo e meus ardôres.

“A vossa vida é ventura,
“Vosso sorriso inocência,
“Vossa alma formosa e pura
“Não sofre de crua ausência!

“Vosso amor, e só desejo,
“É o sorriso da aurora,
“O arbusto, e a flor do prado,
“E a corrente sonora.”

Disse e passou: eis renascem
Leves danças na clareira,
Ledos gritos pelo bosque,
Lêda cena feiticeira!

V

E não pára, e prossegue, e devora
Tôda a senda o feroso corcel;
Aos reflexos da lua brilhante
Vê-se o vulto do nobre Donzel.

Entrevê-se os vestidos luzentes,
Entrevê-se o corcel a fugir;
Aos reflexos da lua brilhante
Vê-se a pluma da gorra luzir!

Que lh'importa que a noite o convide
A sereno e tranquilo pensar?
Que lh'importa o frondoso arvoredado,
Que lh'importa agoureiro piar?

Que lh'importa a beleza da terra,
Que lh'importam estrêlas ou mar?
Que lh'importa? — o mancebo não pode
Mais que a ela no mundo enxergar.

Ela é pura, é celeste, é mimosa,
É feitiço do nobre Donzel;
Ela o ama, assim disse, ela o espera...
Ledo o môço esporea o corcel!

Temerário, onde vais pressuroso,
Por que buscas na terra prazer?
Insensato, prazer neste mundo...
Só no triste que almeja morrer!

Por que afetos, ledice e ventura,
Por que extremos de acesa paixão,
São delírios que o tempo consome,
São caprichos de amarga ilusão!

É veneno de flor que não cheira,
Que a existência amargura cruel!...
— Esta vida é festejo de amôres,
É de flôres — clamava o Donzel!

E não pára, e prossegue, e devora,
Tôda a senda, e se apeia, — inda mal!
Eis um vulto, ei-lo corre — já sente
Penetrar-lhe no peito um punhal!

Nesse instante de acerba agonia,
Nesse instante de louca paixão,
Nesse instante... pesou-se de extremos
Tão mal pagos, de tanta traição.

VI

Virgem! virgem! que o amor recompensas
Por tal arte, tão dura e cruel,
Nunca sintas amor em tua vida,
Nunca extremos de nobre Donzel.

Nunca escutes a meiga linguagem
De sincera, infinita paixão;
E nas vascas da morte impiedosa
Do que estimas te colha a traição.

O AMOR
(VARIANTE)

AMOR! AMOR! que és tu? Se acaso existes,
Se és mais que sombra vã, se és mais que um nome,
Se és mais que fantasia, ou mais que um sonho,
Dá-me sequer uma hora de ventura,
Uma hora, gênio ou Deus, se podes tanto.

HARMONIAS

PRIMEIRA VOZ

QUANDO DA NOITE o denso véu se estende,
E a lua pálida entre nuvens gira,
E dentre as fôlhas uma voz suspira
Que diz prazer e doce amor acende;

Ao par amante, que inocente vaga,
Sou eu quem prendo em derretido enleio:
— Secura ou fogo, ardente devaneio
Que dá morte a paixão, que sempre afaga.

Sou eu que às fôlhas dou verter frescura,
Que falo amôres no correr da brisa,
Que deslustro a paixão sincera e lisa
Aos torpes beijos da lascívia impura.

SEGUNDA VOZ

Eu porém no peito amante
Sou quem fomento a paixão,
Amor na virgem mimosa,
No jovem dedicação.

Quem lhes ponho risos n'alma,
Quem falo nos sonhos seus,
Prazeres envergonhados
— Tão puros, como nos céus.

Dou-lhes palavras sublimes
Nunca ouvidas por ninguém,
E gozos nunca fruídos,
E prantos que fazem bem.

Dou-lhes extremos e arrojados,
Talvez subida amargura,
Donde sai o amor provado
À prova da desventura.

PRIMEIRA VOZ

E eu dessa paixão nobre e singela,
Ao meigo jovem, que de amor doudeja,
Dou-lhe fastio, que nem mais deseja
Que apagar seu amor nos braços dela.

Eu os conduzo mais falaz que humano,
Ela adornada de beleza e flôres,
Êle mal sufocando seus ardores,
Ao templo, onde os espera o desengano!

Satisfeita a paixão, vem logo o frio,
O gêlo que lhes lavra em todo o peito;
Já se nota um defeito, e outro defeito,
Já cresce em ambos o pesar tardio!

SEGUNDA VOZ

Talvez ambos se arrependem,
Talvez se nota o defeito,
Tardo pesar que não dura
Talvez lavra em todo o peito;
Mas soando a desventura
Dar-lhes-ei nova paixão,
— Centelha viva, não cinza
Na frágua do coração.

Sou eu que o sono afugento
Quando vela a casta espôsa
Junto ao leito, onde repousa
O espôso que mal padece;
Quisera ser em vez dêle,
Quando a morte o ameaça;

Té de si mesma se esquece,
Té de quanto sofre e passa.

PRIMEIRA VOZ

Vela meigo-sorrindo a casta espôsa,
Vela no leito, onde a aflição descansa,
Mas talvez lhe sugiro uma lembrança
Triste, importuna que expulsar não ousa.

Se compõe um sorriso honesto e brando,
Se ameiga a voz, a doce como esparsa,
Sorriso e voz fino punhal disfarça,
Que vai no peito incauto à furto entrando.

Ah! quantas vêzes! quantas! não transuda
O leito conjugal banhado em sangue,
E êle ou ela, atraído, exangue,
Já quasi morto, a traição vil desnuda?!

SEGUNDA VOZ

Talvez ciumenta espôsa,
Talvez cioso marido,
Irado, o punhal buído
Levanta. . . mas nesse instante
Mostro-lhe o meigo semblante
Do filho seu que descansa,
Como que o sono lhe traga
Sonhos que traz na lembrança.

A tal vista se entenece,
A suposta injúria esquece,
A coragem lhe falece,
E o punhal lhe cai da mão;
E onde o ferro traiçoeiro,
Devera d'entrar primeiro,
Beijando por derradeiro
Pede chorando o perdão.

O BARDO
(VISÃO)

*Must all the finer thoughts, the thrilling sense,
The electric blood with which their arteries run,
Their body's self-tuned soul with the intense
Feeling of that which is, and fancy of
That which should be, to such a recompense
Conduct? Shall their bright plumage on the rough
Storm be still scatter'd? — Yes, and it must be!*
BYRON

ERA UMA SALA de rei comprida e larga
De primores vestida. — Nos tapêtes
Hábil artista desenhara a história
Dos anos decorridos; — das janelas
Pendia a sêda multicolor, — rojavam
No liso pavimento as franjas d'ouro
Do brilhante espaldar. — Sentado nela
O rei, já velho, em roda de ministros
Num canto do salão retinha os olhos.
Segui-lhe a vista, e vi... Era um mancebo
Modesto e belo; tinha um quê nos olhos
De pudor virginal, de meigo encanto,
Que prendia a atenção. — Em pé, cruzadas
Sôbre uma harpa singela as mãos nevadas
Em voz segura e baixa ao rei falava.
— “Por isto, senhor rei, vim ter convosco!...”

Isto apenas lhe ouvi; subtil sorriso
Do monarca passou nos roxos lábios,
Que hipócrita e sarcástico dizia:

— Que vos posso eu fazer? — Sois bardo! — As vêzes
Quando êste encargo de reinar me deixa
Mais livre respirar, — sôbre mil praças
Dêste palácio meu lançando os olhos,
O doce canto da vossa harpa escuto,
E o longo aplauso palpitante, e os ecos
Do forte sussurrar de amor, de enlevos,
Que a turba eleva com prazer... Auxílios
Não vos posso prestar, que o erário tenho
Exausto e pobre!

“Oh! nem de mim vos falo,
Nem por mim, rei senhor! — Que vos hei dito?”

Que a moral, crença, e fé, e amor dos povos
São altos fustes, que têm mão do trono.
Sois dêste o criador, porém daqueles
Incumbe o lustre a nós. Se a nossa vida
Nisto gastamos, se mais crente o povo
Depois de nós a nosso exemplo fica,
É justo, senhor rei, que o trono cure
De quem sôbre êl de contínuo vela.
Somos do mundo sem saber do mundo;
Aproveu ao senhor Deus lançar-nos nêle,
Sem vida para nós, com tanta vida,
Com tanta fôrça de querer p'ra os outros.

Não sabemos ganhar! — Com fome ou frio,
Lemos o nome do Senhor nos astros;
Sonhamos ilusões, lançando os olhos
Sôbre a terra florida, ou sôbre o campo
Liso, imenso dos céus, — vagando sempre
Do passado ao futuro! — Somos loucos,
Bem loucos, senhor rei! — Enquanto a vida
Em proceloso mar corre sem têrmo,
Até que a morte um dia nos afunde
Cantamos sempre; nem de auxílio estranho
Havemos de mister, que o melhor canto
De soluços e lágrimas se embebe! —
Mas se hospícios haveis para os que sofrem,
Nós sofremos tão bem, — tão bem mendigos,
Trocamos, como outrora o velho Homero,
Celestes carmes por um pão de azima!”

— Falais do mundo sem saber do mundo,
E do vosso mister sem saber dêle,
Tornou-lhe o rei com rosto carregado.
“Sou injusto e cruel! . . . vós o dissestes!
Mas quem sois? — que fazeis? — Ao povo estulto
Co'a branda lira efeminais; no canto
Vil peçonha entornais em néscias mentes;
De perversa moral lições na cena
Dais em verso pomposo; — loucos, cegos,
Profetas vos dizeis. . . — Meu trono acaso
Sustentas tu co'a lira? — Se o sustentas,
Retira o braço, quero-o ver por terra,
Quero crer na tua crença; e se és profeta,
Eu to suplico, do porvir me fala! —

Como de sob os pés vos fuge o bando
De sussurrantes passarinhos, quando
Pensativo calcais na densa mata
As sêcas fôlhas, rugidoras, sôltas;
Como sobem confusas, pipilantes,
Ouvindo o estranho som que as amedronta,
Da Harpa as notas soam, vibram, fogem:
Lá se perdem nos ares, lá renascem,
Já de novo ressoam, como abelhas,
Que sôbre vivas flôres descansadas,
Quase filhas do sol, se erguem ruidosas.

— “Reis da terra, o que sois? Oh! quasi um nada,
Em mãos de infantes caprichosos — brinco,
Autômatos de orgulho, atôres tristes

Em público tablado:

Um que em dia aziago entre os clamores
Da multidão falaz entrou no templo;
Era o templo adornado, — ali soldados,
Ali densos convivas,
Resplandecente d’ouro, e sêda, e jóias;
Ali môrno silêncio qual precede
Da batalha o fragor — troava o sino,
E foi c’roado... escravo!

Mas quando o Senhor Deus um bardo cria,
Funde-lhe a mente de trovões, de raios,
De nobre fogo lh’incendeia o peito

De cólera e de amor!

E o manda sôbre a terra ingrata e nua,
Que voe sôbre os astros, que a sentença,
Que Baltasar temeu, grave nos muros
D’impudico festim!

Que suspire, que gema, que soluçe,
Que se lembre dos céus cantando a terra,
Que um amigo não tenha, que a sua vida
É sofrer e cantar!

“Mas ai do triste que não sente enlevos
De ouvir um doce canto ao som da lira:
Mas ai do rei, que não suspira aflito

De aflito suspirar!

Mas ai do triste rei! que nunca o bardo
Nos versos devinais dirá seus feitos,
Nem o seu nome se lerá na pedra
De gelado sepulcro.

Vai com êle a lisonja a sepultura,
 Com êle o seu palácio irá por terra,
 Não será pedra sôbre pedra,
 Inteira a mole cairá!

Calou-se, mas cumpriu-se o vaticínio:
 Morreu sem nome o rei, — a mole inteira
 Por terra jaz — uma coluna atesta
 Seu primeiro esplendor.

Que é do bardo porém? — Ninguém pergunta:
 O modesto pastor que a dura calma
 Passou a sombra da frondosa copa,
 Quando sem graça a vê, pergunta acaso
 Que impiedoso tufão levou-lhe as fôlhas?
 A virgem que em passeios solitários
 Respira o aroma de uma flor singela,
 Pergunta acaso no verão torrado
 Se a melindrosa flor ainda existe,
 Ou existindo, em que lugar se esconde?
 Assim do bardo os feiticeiros versos!
 Ressoam, como nota harmoniosa,
 Como suspiro d'inocente virgem
 Na placidez da noite adormecida;
 Ressoam, mas tão bem se extinguem prestes,
 Como nota de uma harpa vaporosa,
 Como o perfume que uma flor exala,
 Como o suspiro que uma virgem solta!

A DESORDEM DE CAXIAS

(Ano de 1839)

— *Le crime est immortel!*
 — *Ainsi que le remords.*
 A. BARBIER.

I

QUE FEIOS SONS de surda e rouca trompa!
 Ecoa a brônzea tuba as duras vozes,
 Que hão de os vales cobrir de miserandos,
 Insepultos guerreiros!

Sôbre as cordas da tua Harpa
Pousa, ó Musa, a nívea mão,
Que com tais sons se não casam
Os sons do teu coração!

Que triste soluçar, que triste pranto,
Que amargas queixas, que doridas preces!
Penosas vascas de sangrenta morte
No extremo agonizar!

Musa minha desditosa,
Dos cabelos despe o loiro,
Da tua Harpa malfadada
Despedaça as cordas d'oiro!

Ó! Musa, Musa minha! os sons que ouviste
Foi perpassar dos teus, — dos teus que amavas
Agora sombras vãs, que inultas vagam
A desoras na terra!

Do mísero Cantor que êles amaram,
Talvez em vida, — possa agora ao menos
O triste canto, a suspirada nênia,
Simpático aplacá-las!

Foste até qui linfa pura
Que mansamente serpeia,
Entre flôres e verdura,
Por sôbre um leito d'areia.

E o sol do inverno derreteu-lhe a neve
Lá da nascente;
Eis o regato que já corre undoso,
Como a torrente!

Acorda, acorda, ó! Musa! assaz cantaste
Teu doce amor,
Serena, em ócio, como ao pé da fonte
Descansa a flor.

II

Como, quando o vulcão prepara a lava
Nas entranhas da terra, e à noite lança,
Pela sangrenta rúbida cratera,
Mais viva chama em turbilhão de fumo;

Encandece-se o ar, cala-se a terra,
 Nem gira a brisa, ou só tufão de vento
 Com hórrido fragor sacode os troncos:
 Assim tão bem, quando abafadas rosnam
 Sanhas do povo, antes que em fúrias rompam,
 Propaga-se confuso borborinho,
 Cresce a agitação naquele e neste,
 E um quê de febre lhes transtorna o siso.
 Trêmulos todos, homens e mulheres,
 Infantes e anciãos — de mãos travadas,
 Turvado o rosto, os olhos lacrimosos,
 Lá vão terras do exílio demandando!
 Um passo apenas dão, que os alumia
 Do vulcão popular a lava ardente.
 Sob os trépidos pés soluça a terra,
 Sôbre as cabeças pávidas volteia
 Ou rocha em brava, ou condensada nuvem
 De pó desfeito, que resseca os ares.
 E dentre aquêlo fumo e aquelas chamas,
 Naquele horror e mêdo, estátuas vivas,
 Sinistro lampear d'armas descobrem:
 Descobrem longe os tetos abrasados,
 A pouco e pouco esmorecendo em cinzas;
 Escutam gritos de uma voz querida,
 De um ser que expira, e que em socorro os chama!
 E ali pregados no terreno ingrato
 Nem da morte impiedosa fugir sabem,
 Nem fôrça tem que lhes escude a vida.
 São ali sem ação, sem voz, sem fôrça
 Como que má sezão lhes tolhe os membros,
 Ou os sufoca horrível pesadelo.
 Mudos, fracos, sem luta os colhe a morte:
 E nus, sangrentos, insepultos jazem!

III

Túrbida reina a bacanal de sangue!
 E rei do atroz festim, brinco do vulgo,
 Um só campeia! um só, que mal se achega
 A lauta mesa, onde se enfrasca o vulgo
 De carniça e ralé, tocando apenas
 O sangue e o vinho, que alimenta o bródio;
 Derruba-o logo a popular vendicta,
 E folga ultriz em tórno aos vis despojos,

Que nem de amigas lágrimas se molham,
Nem de talhadas lápidas se cobrem.

IV

Malditos sejais vós! malditos sempre
Na terra, inferno e céus! — No altar de Cristo.
Outra vez à paixões sacrificado,
Ímpios sem crença, e precisando tê-la,
Assentastes um ídolo doirado
Em pedestal de movediça areia;
Uma estátua incensastes — culto infame! —
Da política, sórdida manceba
Que aos vestidos, outrora reluzentes,
Os andrajos cerziu da vil miséria!
No antropófago altar, mádido, impuro
Em holocausto correu d'hóstia inocente
Humano sangue, fumegante e rubro.
Insensível à dôr, ao pranto, às preces,
Insensível às cãs, à verde infância,
Tudo sorveu a rábida quadrilha!
A trega mente maquinou suplícios,
Torpe vingança! meditou cruenta
Nos requintes da dor ébria fartar-se,
E lascívia imoral dos lábios dêles
Em fronte virginal cuspiu veneno.
Afrontas caíam sôbre tanta infâmia,
E se a vergonha vos não tinge o rosto,
Tinja o rosto do ancião, do infante
Que em qualquer parte vos roçar fugindo.
Da consciência a voz dentro vos punja,
Timorato pavor vos encha o peito,
E farpado punhal a cada instante
Sintais no coração fundo morder-vos.
Dos que matastes se vos mostre em sonhos
A chusma triste, suplicante, inerme. . .
Sereis clementes. . . mas que a mão rebelde
Brandindo mil punhais lhes corte a vida;
E que então vossos lábios confrangidos
Se descerrem sorrindo! — cru sorriso
Entre dor e prazer, — qu'então vos prendam
À poste vergonhoso, e que a mentira
O vosso instante derradeiro infame!
Bradem: Não fomos nós! — e a turba exclame:

Covardes, fostes vós! — e no seu poste
De vaias e baldões cobertos morram.

V

Mas cantar tão cruel e tão feio,
Donde parte soando ruidoso?
Da minha Harpa nas cordas quem veio
Sons tão rudes, tão roucos tirar?
Pode acaso o cristão impiedoso
Do que sofre avivar o tormento,
Pode acaso dizer-lhe cruento:
Teu suplício não quero acabar?

Pode acaso com tôrva alegria
Sôbre os restos do triste finado
Levantar a cruel voz impia:
Homicida feroz, maldição?
Não tem êle sequer um pecado?
Como pois poderá penitente
Exclamar noutra vida: Ó clemente
Senhor Deus, tem de mim compaixão?

Réu não sou da cruel impiedade,
Bem que o sangue por êles vertido
Fôsse meu; bem que amarga saudade
Sinta eu dêses, que a morte ceifou!
Não irei ao sepulcro esquecido
Insultar o mesquinho finado;
Miserando! foi duro o seu fado,
Que um amigo sequer não deixou!

Mas as vítimas tristes, cruentas,
Que hoje dormem na campa florida
Nas funéreas mortalhas sangrentas
Involvidas, irei visitar:
Lindas flôres na aurora da vida!
Murchas flôres p'ra terra inclinadas!
Ah! por tôdas no pó desfolhadas
Ao Senhor compassivo hei de orar!

VI

E como aparecem num sonho ditoso
Fantásticas formas, composto formoso
Da noite que morre e do sol à raiar;
Eu vi muitas sombras, com ar magoado
Chorando e passando: eu estava acordado,
E vi; mas par'ceu-me que estava a sonhar!

Passavam mostrando no peito a ferida,
E a celeste ventura no rosto involvida
Se lia da morte ao cruel padecer!
E desta e daquela, de quantas eu via
O nome, as feições e a voz conhecia! . . .
Meu peito arquejava co'o interno sofrer.

Com triste sorriso nos lábios pousado,
Chamavam-me tôdas ao tum'lo gelado,
E à paz dos sepulcros, e à vida do céu!
Ó anjos, sofrestes martírio ansiado;
Ao céu remontastes, ficastes ao lado
Do mártir divino que à terra desceu;

Como hei de seguir-vos no etéreo caminho,
Se prêso a esta vida, cansado e mesquinho,
O meu longo martírio não posso acabar?
Não posso seguir-vos, mas vós, meus amôres,
Da noite nas sombras, do sol nos fulgores
Ah! vinde meus sonhos de flôres juncar.

LENDA DE SAM GONÇALO

AGORA de um grande Santo
Embora lhe cabe a vez;
Bom Santo foi Sam Gonçalo,
Pesar que foi Português,
Que santos ditos que disse!
Que santas obras que fêz!

Bom tempo foi o d'outrora!
Não lhe quero outra rezão:
Criava a terra gigantes,
Havia Santos então,

Havia paz e liança
Nos reis do reino cristão.

É coisa de maravilha
E de louvar o Senhor,
Ver na terra homens d'aqueles
De tanto esforço e valor,
Como Gonçalo da Maia
Ou Giraldes sem pavor!

Mas dêstes tratar não quero,
Que são mui perto de nós;
Doutros digo tam pujantes
E de aspecto tam feroz,
Que um santo mártir trincavam,
Como quem trinca uma noz.

Quando a fé 'stava mais pura
Melhor se mostrava Deus;
Rezam disto as Escrituras,
Escusa pois ditos meus:
Começa do fim ditoso
Dos sete irmãos Macabeus.

Nada conta o livro santo
Do rei que se ouve assi,
O corpo nos não descreve;
Mas eu tenho pera mi,
Que devia ser taludo,
Como uns cafres que já vi!

Que sete irmãos como aquêles.
Cada qual como um Sansão,
Não é coisa que por brinco
Se frite num cangirão,
Que se retalhe em fatias
Delgadas, como de pão.

Mas Deus que lhés deparava
Em sua alta providência
Tal fereza nos algôzes,
Dava-lhes tal paciência,
Que haviam em pouco o trato,
Havendo o trato em clemência.

Hoje daquela virtude
Só a lição nos ficou;

O tempo nos foi comendo
O corpo, que assi leixou,
E té no espirito roído
De vez a fé desbotou.

Não pasmo disto, mas antes
De ver em povo d'incrêus,
Quem tema o fogo divino,
Quem torne a casa de Deus,
Quando o pasmoso cometa
Alarga as asas nos céus.

Cegos! se todos fôsseis
Criados na escuridade,
Que faríeis lobrigando
Dêste sol a claridade,
Dêste sol que sempre luze,
E pera vós luze embalde?

Como insetos esmagados,
Alastrando longe o chão,
Tontos de pasmo e de mêdo
Ficareis vós então,
Os olhos do corpo cegos,
Mas dentro d'alma o clarão.

E ainda mais — ¿que faríeis
Vendo aquêle sol divino,
Que cega os olhos do espirito,
Como de corpo franzino,
Se vendo êste, qu'inda é terra,
Ficades tontos, sem tino?

Antes, Senhor, que me esqueça
Quanto fisestes por mi,
Lavai-me dos meus pecados,
Que eu como galas vesti,
Levai-me desta amargura,
Levai-me, Senhor, daqui!

Levai-me, si, que eu não veja,
Mal de mi! com tanta dor
Vossos preceitos divinos,
Vossa doutrina d'amor
Trocada em usos de feros,
Na religião do terror!

Mas se isto vos não mereço,
Já vos não peço, senão
Que eu veja da minha vida
Extinto e cego o clarão,
Antes que eu veja maldita
Esta minha religião.

Antes que eu veja crianças
Pregarem às cãs nevadas,
A correr de noite as ruas
Com folias e toadas,
Por ver asas de cometa
Imensamente alongadas.

Cant'eu, de mi o confesso,
São veloces caminheiros,
Que por ordem lá de cima,
De más novas mensageiros,
Vão batendo d'astro em astro,
Como divinos romeiros.

Se contudo um Português
Al dos cometas sentir,
Se esta desgraça presente
Nêles não viu reluzir,
Dir-lhe-hei que êle não sente
O dó de Alcácer-quivir.

Dir-lhe-ei... mas nada digo!
Eu alquebrado ancião
Hei mister santo descanso
Pera a minha devação:
Sei que ser Português hoje
É crime d'alta treição.

Agora torno ao meu Santo;
A lenda aqui principia:
Dai-me, ó Santo milagroso,
Ajuda em tenção tam pia,
Que um Santo, mesmo por ende,
Deve de usar cortesia.

Frei Sam Gonçalo era Abade
De Sam Pao na Abadia;
Era mancebo nos anos,

Mas como santo vivia;
Com tôda a renda que tinha
Aos pobres seus acudia.

Era pingue o benefício,
Bons benesses que êle tinha!
Bons portugêses antigos,
Boa prata comezinha!
Já disso não vejo há muito. . .
Deve ser cegueira minha.

Cegueira, si; que se o reino
Era rico de pobreza,
Cavados tantos tesoiros
Em cada uma fortaleza,
Tanto arcaz de feição moura
Cheios de tanta riqueza;

Por que então não vejo agora
Senão grosseiros ceitis,
E êsses mesmos não tantos
Que se meçam por candis,
Ou então pesos d'Espanha,
Só bem aceitos por vis?

Mas é tal nossa mofina
Que na minha sacristia,
Somados todos no cabo
Os frutos de cada dia,
Não dão pera o óleo santo.
Que a mai de Deus alumia!

É certo miséria grande
E muito grande estranheza,
Que o povo deixe que os frades
Corram com tôda a despesa,
Êles coitados que vivem
Em mais que parca estreiteza!

Mas Deus é o santo dos santos,
Êle nos há de acudir;
Assi fôra eu Sam Gonçalo,
Que logo faria vir
Brocados d'altos recamos
Pera a Senhora vestir.

E uns paramentos ricos,
Como nunca os viu ninguém;
E lâmpada como aquela
Que em Benfica os Padres têm,
Uns castiçais de pé alto,
Umhas galhetas também.

Mas do Santo Sam Gonçalo
Era outra a devação;
Todolo prói dava aos pobres
Com tam largo coração,
Que não tomava um adarme
De quanto tinha na mão.

Vivia como se fôra
Dos seus pobres dispenseiro,
Tudo com êles gastava,
Que não sòmente dinheiro;
Fiava que Deus iria
Compondo o seu mealheiro.

Trazia guerra travada
Co'o Demo, que o não deixava,
Os acicates da carne
Com jejuns os despontava;
E tinha tam santa vida,
Que Deus o comunicava.

Isto não é coisa nova,
Antes coisa mui provada,
Que Deus não quer ser vencido
Em cortesia extremada;
Seja a prova aquêles Monges
Do deserto da Tebaida;

Que se foram cometidos
Do inimigo malino,
Vestido em pel' d'alimária,
Como de um urso ferino,
Tam bem do céu, como orvalho,
Lhes vinha o favor divino.

Mas se um incréu me pergunta
Por que hoje disso não há:
Pergunto: — por que o deserto
Flôres, nem frutos não dá?

Por que não corre a corrente,
Se a fonte exaurida está?

O céu é sempre benino,
Água não deixa de haver;
Se a terra pois não produz,
Se a fonte não quer correr,
É terra, é fonte danada;
Penso que al não pode ser.

Ora uma noite que o Santo
Rezava as suas matinas,
Ouviu uns doces acordes
Como das harpas divinas,
Que os anjos tanger cantando
Louvor às pessoas trinas.

Daquele mar d'harmonia
Voz que não era daqui,
Despega-se, e diz ao Santo:
— Gonçalo, que fazes i?
“Oro, Senhor, lhe responde,
“Por todos e mais por mi!”

“É muito, a voz lhe tornava.
É muito, mais tudo não;
Faze-te prestes romeiro,
Toma a vieira, o bordão,
Esmola polas estradas,
Caminho reto a Sião.

“Pascem no monte Oliveto
As cabras do Galaá;
Retumba no templo augusto
A voz medonha de — Alá; —
Ferve ali muita aravia,
Muito homizio vai lá.

“Se entre os maus um bom existe,
Poupa Deus a quantos são;
Porém carreira arrepia:
Caminho vai de Sião,
Na bôca o nome divino,
Minguada esmola na mão.”

O bom santo alvoroçado
Apresta-se com trigança:
Cumpre divino preceito,
Só nêle tem confiança,
Que vagar por longes terras
Prazer não é, mas provança.

É nada o trem dum romeiro;
O Santo se apresta asinha,
Chama um parente lídimo,
Portas a dentro o mantinha;
E entrega-lhe o seu rebanho
Com as ovelhas que tinha.

Dá-lhe a prebenda avultada,
E os mais benesses também,
Tudo com têrmos polidos,
Ou só de um santo, ou de quem
Só quer da vida o marteiro
E os prêmios que Deus lá tem.

E mui leal lhe encomenda
Seus pobres por derradeiro:
Ora lá vai caminhando
Aquêle santo romeiro,
Pedindo a Deus, em sua alma
Que lhe depare o marteiro!

Que ação que trescala a graça!
Que façanha peregrina!
Deixar o espôso prelado
A sua espôsa divina,
E andar caminho da vida,
Vivendo vida mofina!

À aquêles pobres, seus filhos,
Em vida seus bens legou!
Que mais fêz aquêle Padre,
Que o livro santo louvou,
Que ao filho dá bondadoso
De quanto, em bem, lhe ficou?

Quem há i que hoje se arrisque
A perfazer tal emprêsa?
Aquêle ardor atrevido,
Aquela santa afoiteza

Foi timbre d'homens antigos,
Homens de lhana rudeza.
Não hoje, que o homem nasce
Franzino e fraco, inda mal!
Sem fôrças pera a virtude;
Só com valor infernal,
Pera as torpezas do crime
E pera o vício carnal.

Não hoje, quando o pecado
Usa de tanto disfraz,
Que só por artes malinas
E manhas de Satanás,
Pode o homem fazer tanto,
Como hoje em dia se faz!

Já vi em casa de um rico
Tal mesa com tal guisado,
Com cheiro tam penetrante
E adubo tam concertado...
Eu creio que só da vista
Ficava o jejum quebrado.

E vi também umas camas...
Delas não quero tratar:
Caí na conta que o Demo
Foi só quem nas pôde armar:
Senti vertigens de sono,
Sem o poder dominar.

Fugi do engôdo malino
Clamando por Deus Jesus,
Na bôca o santo exorcismo,
Na frente o sinal-da-cruz.
Braços cruzados no peito,
Frente metida em capuz.

Então acabei comigo
De crer no que disse Deus
Ao bando dos seus discip'los
E à turba dos fariseus,
Não ser azado que um rico
Possua o reino dos céus.

E entrando na minha cela,
Vista a penúria que eu vi:

Clamei que Deus fôra grande
E muito bom pera mi;
Qu'esta pobreza em que vivo,
Certo, lha não mereci.

Partira pois Sam Gonçalo,
Partira, mas não sem dor:
No seu amado rebanho
Leixando, em vez de pastor,
Aquêle falso parente,
Que foi um lóbo tredor.

Olhos outrora do falso
Baixados humildemente:
Ditos e falas de santo,
Meneio e gesto consente,
Fizeram-no ter por santo:
Julgava assi tôda a gente.

Aleive não há que dure,
Sem que se descubra alfim;
Logo de posse do bôlo
Mostrou-se o vilão ruim;
Mostrou-se, qual sempre fôra,
Padre não já, mais chatim.

Intruso que não rezava
Nem siquer seu breviairo;
Gastava dos bens dos pobres
Com boa sombra e doairo,
Pera si com mãos de rico,
Pera os outros — de usurairo.

Gastava em mulas possantes,
Em caça de altaneria,
Em ter matilha adestrada
E bem provida ucharia,
Em ter vestidos mui finos
Barrados de pedraria.

Trem real como êle tinha,
Por certo o não viu ninguém:
Cavalos de boa raça,
Falcões, açôres também,
Criados e mesa larga,
Como hoje aqui poucos têm!

Quando saía a passeio
Todo garboso e luzido,
Ninguém diria ser Padre,
Senão duque esclarecido,
Ou senhor d'altos estados,
Ou infância destemido.

Que o seu ginete mandava
Com tal arte e bizzaria,
Que ao passar no povoado
Donas de muita valia,
Lindos olhos concertavam
Nas grades da gelosia.

E muitas vêzes passando
Junto à mourisca seteira,
Morrer aos pés do ginete
Vinha a seta mui certa,
Com letra e primor de amôres,
De amôres maus mensageira.

Assi vivia êste abade,
Em quanto que o verdadeiro,
Sem lar, sem teto, sem mesa.
Como pobre forasteiro,
Vagava por longes terras,
Vivendo com um romeiro.

Muitos anos são passados,
(Diz catorze a tradição)
Quando o divino romeiro,
Feita a sua devação,
Torna do bento sepulcro,
Gasto e quebrado ancião.

Alva e rara cabeleira,
Como prata, reluzia,
Rosto de rugas cortado,
Barba que ao peito descia:
Homem de carne não era,
Senão pura notomia.

Dos anos e da moléstia
O corpo todo alquebrado,
Nos trajés pouco luzido,

Ou rôto ou mal concertado;
 À porta do novo abade
 Batia o velho prelado.

Ergueu em voz já sumida
 Um triste e piedoso brado,
 Pedindo magra pitaça
 Com modesto gasalhado,
 Que vem o pobre romeiro
 Morto de fome e cansado.

Àquele pio reclamo
 Acode medonho cão,
 A cauda enrosca, e dum salto
 Investe ao santo ancião;
 Rompe-lhe os rotos andrajos,
 E arranca-lhe o seu bordão.

Acode o dono soberbo
 Dizendo: Vai-te mendigo!
 "Senhor, retrucava o Santo,
 "Primeiro ouvide o que digo:
 "Morro de fome e cansaço,
 "Não tenho lar, nem abrigo!"

— Não me praz ouvir-te agora.
 Tornava o abade indino,
 Mais que depressa esquecido
 Que a opa do peregrino
 Ou que a murça do romeiro
 Esconde um ente divino.

— Sei, dizia, que na capa
 De piedoso romeiro,
 Vem gente de feio trato
 E muito vil calaceiro:
 Bem é de crer, como eu creio,
 Que és dêles — por derradeiro.

— Dêsse teu rosto medonho,
 Que boas novas não traz,
 Digo que o vi nos milhanos
 Das serras de Monsarraz;
 És predador das estradas:
 Juro por Sam Satanás! —

Ouvido que foi tal nome,
Como de santo cristão,
Ao santo abade romeiro
Caiu-lhe o rosto no chão!
Dor que lh'entrara no peito,
Ficou-lhe no coração.

Que se êle era assi tratado,
Êle, vigairo e senhor,
Que não seria dos pobres,
Que em vez de terem pastor,
Tinham por guarda e vigia
Faminto lôbo tredor.

O santo ficou penado
E cheio da contrição,
Que ao seu parente talvez
Foi meio de perdição,
E ao seu rebanho de mágoa,
E a si de muita aflição.

Alfim tornado do espanto,
Disse severo de si,
Com voz e tom d'agastado:
"Gonçalo sou, eis-me aqui!
"Venho ora tomar-vos contas
"Do que fizestes por mi!"

As frias mãos escarnadas
No seu bordão ajuntou:
Espera resposta dêle,
Rosto nas mãos inclinou:
Prosegue; fundo suspiro
Do peito o velho arrancou.

"Certo que as vossas palavras
"Mal dizem com o que dissestes,
"Quando de vós me aparteí;
"Co' o que vós me prometestes,
"Co' as lições que vos eu dei,
"Com a fé que me vós destes!

"Dissestes: na tua ausência,
"(Disseste-lo em hora má)
"Qual quer das tuas ovelhas

“Em mi abrigo achará;
“Qual quer dos pobres que leixas
“Aqui mantido será.

“Ora eis-me aqui! . . . e a mim próprio
“Negas um pouco de pão,
“Que só é de ser negado
“Ou a precito ou a cão;
“Negas-me té gasalhado,
“E o fogo do meu fogão!

“Levar daqui! sou Gonçalo;
“Dá-me pois o meu logar,
“Dá-me as ovelhas coitadas,
“Que eu não devera leixar.
“Dá-me . . .” — Não pôde o Santo
Não pôde, não, rematar!

Sôbre a fronte, calva e nua
Viu descer grave pancada;
A testa de romania
Ficou em sangue lavada;
Aquêle sangue bendito
Regou a terra danada.

Certo que os anjos no inferno
Sentiram muito prazer,
Vendo aquêle mau prelado
Ação tam vil cometer,
E Santo tal afrontado,
Sem Deus lhe poder valer.

Mas o Santo milagroso
Que pôde tornar do pão,
Já não digo azima feia,
Senão massa de cravão
Triste, negro e inficionado,
Que nem era pera cão;

Que moveu rochedo enorme
Junto à ponte d'Amarante,
Chegando-lhe um dedo apenas,
Como se fôra gigante;
Rocha que esforços baldara
De muita gente possante:

Que fêz êle? . . . oh! nada fêz!
Disse: "Deus o quer assi;
Sou eu creatura sua,
Bem é que êle mande em mi;
Não seja feito o que eu quero,
Mas o seu talante — si.

"É vossa a fôrça que eu tenho,
Disse êle: em uso a não pus,
Que também sôbre o calvário,
Vós, Senhor meu, bom Jesus,
Nem o calvário afundastes,
Nem sovertestes a cruz.

"Porque se eu, filho do barro,
"Ser mesquinho, ou verme, ou nada,
Tenho em mi fôrça divina
É pera ser empregada
No que é mister, porque seja
A glória vossa exaltada."

Assi discorria o Santo
No seu profundo juízo;
Ora descansa no meio
Das glórias do paraíso:
Louvor a Deus! — e com isto
A lenda aqui finalizo.

Conto as coisas como foram,
Não como deviam ser;
Um Santo, mesmo porende,
Merece menos sofrer:
Julgo assi: Digam-nos sábios
Qual é o seu parecer.

Cant'eu — sabença da terra
Tenho por coisa ruim,
Que serve só pera glória,
Que é só vanglória; e assi
Que como é coisa de orgulho,
No fundo inferno tem fim!

O homem que fôr prudente
Só pelos frades se reja;

Creia no Papa e nas Bulas,
E na santa Madre Igreja:
O mais é coisa de fumo,
Não sei de quem valor seja.

Que reze o santo rozaio,
Dou de conselho também;
Que assi viverá na glória,
E vive-se lá mui bem,
Cantando hosanas eternos
Por tempos sem fim: *Amen.*

COMO EU TE AMO
(VARIANTE)

AMO-O AGORA também como as estrêlas,
Como as harpas divinas, como aos céus,
Como aos anjos de palmas e capelas,
Que entoam coros místicos a Deus!

ANÁLIA
POEMETO

A vida do homem com todos os seus
projetos se eleva como uma torre cuja
coroa é a morte.

S. PIERRE

CANTO PRIMEIRO

NOITE PROPÍCIA aos tímidos amantes,
Consolação dos tristes que suspiram,
Que não podem sofrer do sol os raios,
Esse manto de estrêlas não recolhas,
Que os olhos chama aos céus, e a Deus a mente
E em plácido remanso a dor abranda
De quem maior alívio não procura
Que sentir sempre aberta a chaga antiga.
Noite não era já, não era dia;
Porém a fresca, matutina brisa
Começava a correr, prene de aromas,
Por entre as verdes fôlhas dos olmeiros,

Como o suspiro que remata o sono
De uma virgem que dorme. Dentre as ramas
Em desafio as aves entornavam
As notas várias do seu hino eterno,
A cujos sons a natureza acorda
E o coração se alegra; da neblina
Os densos rolos — dos profundos vales
E dos cimos erguidos — procuravam,
Atraídos do sol, mais alta esfera!
Anália, oh bela filha dos amôres,
Por que tremes assim? por que t'encobres?
Por que essa palidez? êsse agitado
Pulsar do seio, êsses modestos olhos,
Perlustrando em redor té onde alcançam?
Ninguém te espreita ou vê; ninguém te segue:
Sob o avito solar descansam todos,
Teu nobre e velho pai te crê dormida!
E tu do leito virginal te ergueste,
Quando a noturna alâmpada brilhava
Incerta, frouxa luz nas brancas telas,
Como nos brancos muros de um mosteiro
Estampa a lua os pálidos reflexos.

“Anália!” oculta voz entre suspiros
Duvidosa murmura: volta o rosto
A donzela gentil, descora, treme,
Vacila, cai nos braços de um mancebo,
Qual palha sôbre o alambre, ou como fibra
De magnética fôrça comovida!
Não tem voz, não tem côr, — pálida rosa
Semelha num jardim cortada há pouco!

Quem pudesse acabar entre os delíquos
De um puro e doce amor! — fazer pedaços
Desta vida misérrima as cadeias,
Morrer primeiro que se esgote a fonte
Duma ilusão doirada, — e entre suspiros,
Entre as notas de um ai mal rematado,
Chegar de Deus ao trono, como um canto,
Que a brisa leva ao céu entre perfumes!

Mal distintas palavras murmuraram:
Não voz, porém acentos mal formados,
Quase grito e rugidos, que passavam
De um peito a outro sem roçar nos lábios;

Frases do coração que ao destacar-se
 Levavam após si o melhor dêle.
 Aquela tempestade enfim se amaina,
 Já menos fortes sensações tão vivas
 Podem têmos achar com que s'exprimam.

“Não sentes, doce bem, quanto é penoso
 Lutar em vão co'a sorte? quanto punge
 O prazer que fruir nos fôra dado,
 E não fruído se converte em penas!
 Pensar que a minha vida, à sós contigo,
 Decorrera feliz, tranqüila e pura!
 Sentir que êste desejo assim nutrido
 Há de esvair-se, e não mui tarde, um dia,
 Como ao romper do sol se esvai a sombra!
 É vida de martírios que enlouquecem,
 D'ansiedade, que mata! Oh muito amada,
 Luz desta alma, que a dor me vai gastando,
 Como viver sem ti num êrmo triste,
 Sem qu'eu te escute a voz, sem que os teus olhos
 Me falem da tua alma a cada instante?
 Nunca t'eu vira, nem me viras nunca.
 Menos agra talvez nos fôsse a vida.”

Com voz que os seios d'alma penetrava
 Respondia a donzela: — “O fado as vêzes
 Cansa de ser cruel! Quem sabe? Um dia
 Êste pesar será, que ora passamos,
 Grato de ser lembrado: espera ainda.”
 “Espero, — oh! inda espero; mas a esp'rança,
 Ao passo que meus dias se devolvem,
 De tanto se alongar me vai fugindo,
 Rico e nobre é teu pai; seus feitos voam
 De boca em boca — em longa série ilustre,
 Não denegrida, não cortada: o orgulho
 De rico e d'infância, que tanto o exalta,
 Ergueu alta barreira entre nós ambos.”
 “Qu'importa! o nosso amor é mais valente:
 Iremos ambos a seus pés lançar-nos,
 Dizer que a nossa vida pende agora
 Do nosso amor. Há de escutar-me afável,
 A mim que mais que a vida estima e preza,
 Último alívio dos seus curtos dias.”

Eis nisto sobrevém o pai turbado,
 A quem roaz suspeita rouba o sono:

Mal vê o arrôjo do mancebo, e a filha,
Que mancha os seus braços, prorrompe irado;

“Mal haja o vil, o sedutor corrupto,
Que tantos anos de honradez deslustra,
Cobrindo a virgem de vergonha; e ao velho
D’opróbrio e negra infâmia!” Assim dizendo,
Leva a trêmula mão da clara espada.
Lampeja o aço aos olhos do mancebo,
Que sôbre o peito inerme cruza os braços,
E não descora, nem recua: a virgem,
Que um amável terror empalidece,
Cobrindo com seu corpo o corpo dêle,
Não teme a fôlha trêmula, que oscila
Na mão que os muitos anos já cansaram.
A vida of’rece a quem lhe dera a vida,
Que a amava tanto! — seu amor confessa,
Finezas dêle, que a vencera amando,
Extremos de ambos que viver não podem,
Não sabem desunidos. Rude o velho
Medita e cisma, e conhecer intenta
O amor do jovem; quer talvez prová-lo,
Talvez do estranho arrôjo quer puni-lo.
Ergue-se perto um monte de granito
Altivo, colossal, — no cimo erguido
Nenhuma flor brotou, nenhum arbusto
Prestou-lhe grata sombra, onde asilado
Canoro rouxinol soltasse o canto.
Com gesto brusco e breve o mostra ao jovem,
E diz-lhe em voz, donde o furor transpira:
— “Se dêste monte o píncaro vingares,
Tendo nos braços a mulher que adoras,
Sem que descanses. . .” — “Se o vingar? . . .” — “É tua;
Mas ai de ti, ai dela, se esmoreces,
Se a oferta iludes, se tua alma fraca
Aos teus desejos inferior se mostra! . . .”

É tua! — Estas palavras no mancebo
Coaram grato enleio; — gôta amiga
D’orvalho no Sara, clarão nas trevas,
Brando calor nos pólos. — “Minha! minha!”
Como louco bradava, e nos seus braços
Tomou, correndo, a virgem delicada!

CANTO SEGUNDO

Oh! que ditoso par! os corpos de ambos,
 Que o amor ligara, estreitamente unidos,
 Lá vão, como um só vulto, indivisíveis.
 Prende o mancebo nos nervosos braços
 O leve corpo dela, doce, ebúrneo,
 Elástico e tão meigo!... Oh! que não possa
 Linguagem d'homem retratar ao vivo
 O arrebo estreme, os êxtasis divinos,
 De quando a vez primeira, entre delíquios,
 Unimos contra o peito, arfando ardente,
 Uns peitos que se elevam, que se abatem,
 Que suspiram por nós! — Os olhos d'ambos
 Cintilavam de amor! hálito ardente
 Crestava os lábios d'ambos, derramando
 Mais do que vida, do que amor, nas faces
 Que em vivo fogo ardiam. Amorosa,
 Por que mais leve se tornasse, a virgem,
 Lançando ao colo dêle os níveos braços,
 Meia suspensa lhe dizia:

— “Amado,
 Não tenhas nímio ardor; sê mais prudente,
 Calcula os passos, mede-os; ouço as pedras
 Rolar-te sob os pés: mais vagaroso
 Caminha; — a queda é morte, o afã, a pressa
 Quebra o arrôjo, enfraquece: — alcantilado
 É dêste monte o cume, — falta muito.
 E do rosto o suor te corre em fios.”

— “Não sabes! por te amar daria a vida,
 Até a gôta extrema, que em meu peito,
 Qu'inda em meu coração girar sentisse;
 E quando a própria vida me faltara,
 Minha alma, e o que me espera além da morte,
 Daria por te amar. — É fraca a prova
 De sofrer doce pêso algumas horas
 Por viver em delícias longos anos.”

Anima-se, prossegue mais brioso,
 Sorvendo sob os pés a senda ingrata.
 Imensa multidão, a quem tal caso
 Ali reúne, e tem como suspensa,

Aplaudes entusiasta, brada, clama,
Da base da montanha... — infindos rogos
Eleva, exalta ao céu: — “Coragem!” grita;
“Gentil mancebo, alento!” Fraca, incerta,
Chegava ao par amante a voz ruidosa.
O mancebo feliz todo se embebe
No futuro gozar dos seus amôres.
Bagas e bagas de suor cresciam
Na frente afogueada: o rosto aceso
Ao desejado fim dos seus trabalhos
Volvia: a casta virgem, desprendendo
A loura trança, avelutada e longa,
Tentou limpar-lhe o rosto: mal sentira
A fragrância, o contacto, o sangue em ondas
Correu-lhe ao coração, — a côr das faces
Sumiu-se de relance. — “Sofres! sofres!”
Inquieta a virgem perguntava. O triste
Começou de correr com novo alento.
— “A trança, a loura trança me electriza,
Requeima o sangue e a pele, inflama e cega!
Querida, amada, mais que tudo amada,
Luz da minha alma, norte meu, feitiço
Desta existência, que sem ti é morte,
Oh! não queiras, por Deus, tirar-me as fôrças!”

Bradava assim, correndo; já mais fraco,
Inda mais fraco sente-se, — caminha.
— “Ouves?” a bela virgem lhe dizia;
“Quando assentares que vencer não podes
Esta íngreme costeira, não mo digas;
Porém ao fundo abismo negrejante,
Que a nossos pés terrífico se cava,
Leva-me, por Deus, prêsa em teus braços,
E esta vida contigo ali se acabe.”

— “Que falas em morrer, tão nova ainda!
Soluçava o mancebo! Oh! não, mais dias
Nos restam, mais felizes, — outros anos,
Outros tempos de amor, que êstes não sejam.”

Já se apressa, já corre! — O povo amigo
— “Coragem!” com mais fôrça lhe gritava.
Açodado correu por longo espaço,
Salvando d’asp’ra senda as pedras sôltas;
Porém, do afã, por fim, quase vencido,
Com voz, louca de amor, bradava o triste:

— “Oh! como é doce êste romper da aurora!
 A brisa da manhã, como é suave!
 Seca-me as bagas de suor do rosto,
 Umedece-me os lábios ressequidos,
 E outra vida melhor m’influi no peito.”
 E após instantes, prosseguiu mais baixo:
 — “Quebrou-me êste lutar co’a sorte ingrata,
 Quase vencido arquejo, os membros lassos
 Movo a custo arrastados; mas espero...
 Oh! inda espero de chamar-te minha,
 De haver-te em prêmio deste afã penoso!”

Volvendo ao cimo da montanha os olhos,
 Murmurava a donzela: — “Oh! Deus, tão alta!!”
 — “Bem alta, sim, porém vingá-la é fôrça:
 O amor é forte e compassivo; os brios,
 De que preciso, mos dará; mas dize,
 Dize-me tu que serás minha, tudo
 Que eu perderei, que eu lucrarei contigo,
 E certo vencerei; — dize-me as doces,
 Meigas frases de amor com que eu soía
 Esquecer-me da vida agra e pesada,
 Qu’hei passado sem ti: que em te escutando
 Esta fadiga esquecerei, lembrado
 Do que me resta de prazer, de enlevos.
 D’almas venturas a fruir ditoso.
 Assim, assim; crava nos meus teus olhos,
 Teus lindos olhos de um azul tão puro,
 Como a cerúlea côr do céu, das ondas,
 Por noite estiva e bela. Da tua alma
 Leio nêles a tímida esperança,
 E como êles espero. — Um beijo, um beijo!
 Êsse macio dos teus labios causa
 Frenesi que transporta, que enlouquece!
 Guarda-os por ora, — êles sufocam, roubam
 O alento, a razão, — como um cautério
 De fogo, inflamam, — o ardor, a vida,
 Que prestam, — são delírio, raiva insana,
 E nutrem como a febre!”

Eis que o mancebo
 Os passos multiplica nessa estrada,
 Que mais se estreita, empina e cresce.
 Enfim desapareceu! não tôda, resta
 Curta distância, que vencer é fácil;

Fácil, mas a membros não cansados,
Não exauridos de vigor, em luta
Perigosa e vital. — “Meu Deus, não posso!”
Murmurava entre si, a mêdo, e quase
Reflexo interior do pensamento.
— “Um passo mais!” bradava-lhe a donzela,
Em ânsias de transido desespero.
“Hesitas! desfaleces! pois morramos!
Plácido asilo a campa nos of'rece,
Da morte o estreito umbral passemos juntos.”

Freqüentes sons, agudos, nos ouvidos
Sente o mancebo, — transtornado o rosto,
Mal firme sôbre os pés, semelha o tronco
Nutante, cerceado, que procura
O cimo undoso equilibrar nos ares.
Nada, ouviu, nada viu, — nem mesmo o pranto,
O adeus extremo soluçado à vida
Risonha e bela e súbito cortada,
Quase ao romper da aurora. O pranto ardente
Caiu no peito do mancebo: — “Choras!”
Tenho os olhos vendados, mas sentido
Hei sôbre o peito um requeimar de fogo;
Choras, tu choras!”

Delirante o môço

De um pulo hardido vinga o resto infando
Da senda malfadada: — “É minha! és minha!”
Clama em delírio, mas a morte o colhe,
E dentre os braços da que amava, o arranca!
Caiu gemendo; a mísera donzela,
— “Oh! vinde! socorrei-me!” repetia;
“Oh! vinde, que êle expira!” A turba entanto
Enchia os ares de aplaudir ruidoso.
— “Socorrei-me!” bradava enlouquecida;
Bradava a turba: — “A noiva, a bela noiva!
Oh! como os cabelos esparzidos
C'o resplendor do sol pleiteiam brilho?!
É bela, hardido o noivo, ambos felizes!”
Lindas capelas de mimosas flôres
Fabricavam no entanto — um padre chamam,
Por que em laço de amor juntasse a ambos;
Mas as capelas definharam tristes
Em lutuoso esquife, — a mesma campa
Sorveu — leito nefasto — os dois amantes!

Sòmente o velho pai do nobre orgulho
 No entêrro filial o arranco extremo
 Soltar medita, transformado em pompa.
 Não querendo feliz a filha em vida,
 Ao menos quer no mármore brunido
 Mostrar poder, nobreza, e o esquartelado
 Lutuoso brasão em campo negro.

CAXIAS

AO ANIVERSÁRIO DA SUA INDEPENDÊNCIA.
 1 DE AGÔSTO.

CAXIAS, bela flor, lírio dos vales,
 Gentil senhora de mimosos campos,
 Como por tantos anos fôste escrava,
 Como a indócil cerviz curvaste ao jugo?
 Oh! como longos anos insofríveis,
 Rainha altiva, destoucada e bela,
 Rojaste aos pés de um régulo soberbo?
 À mingua definhaste em negro cárcer,
 Onde um raio de sol não penetrava;
 Em masmorra cruel, donde não vias
 Cintilar o clarão d'amiga estrêla...
 Oh! não, que a luz da esp'rança tinhas n'alma,
 E o sol da liberdade um dia viste,
 De glória e de fulgor resplandecente,
 Em céus sem nuvens no horizonte erguido.

Eis o som do tambor atoa os vales,
 O clangor da trombeta, os sons das armas,
 A terra abalam, despertando os ecos.
 — Eia! oh bravos, erguei-vos, — à peleja,
 À fome, à sêde, às privações, — erguei-vos!
 Tu, Caxias, acorda, — tu, rainha,
 Lâmina d' aço puro, involta em ferro
 Ao sol refulgirás; — flor que esmoreces
 À mingua d'ar, em cárcere de vidro,
 Em ar mais livre cobrarás alento,
 Graça, vida e frescor da liberdade.

Antemural do lusitano arrôjo,
 Último abrigo seu, — feros soldados,
 Veteranas coortes nos teus montes

Cravam bélicas tendas! — Um guerreiro,
O nobre Fidié, que a antiga espada
Do valor português empunha hardido,
No seu mando as retém: debalde, ó forte,
Expões teus dias! teu esforço inútil
Não susta o sol no rápido declive,
Que imerge aquém dos Andes orgulhosos
D'África e d'Ásia os desbotados louros!

Eia! — o brônzeo canhão rouqueja, estoura,
Ribomba o férreo som dum eco em outro,
Nuvens de fumo e pó lá se condensam...
Correi, bravos, correi!... mas tu és livre,
És livre como o arbusto dos teus prados,
Livre como o condor que aos céus se arroja;
És livre! — mas na acesa fantasia
Debuxava-me o espírito exaltado
Fráguas cruas de morte, o horror da guerra
Descobrir, contemplar. — Oh! fôra belo
Arriscar a existência em pró da pátria,
Regar de rubro sangue o pátrio solo,
E sangue e vida abandonar por ela.

Longe, delírios vãos, longe, fantasmas
De ardor febricitante!
À glória dêste dia comparar-se
Pode acaso visão, delírio, ou sonho?
Ao fausto aniversário
Da nossa independência?
Aclamações altíssonas
Corram nos ares da imortal Caxias:
Seja padrão de glória entre nós outros
Santificada aurora,
Que os vis grilhões de escravos viu partidos.

A HARMONIA

I

Os CANTOS cantados
Na eterna cidade
A só potestade
Da terra e dos céus

São ledos concertos
D'infinda alegria;
Mas essa harmonia
Dos filhos de Deus
— Quem ouve? — Os arcanjos,
Que ao rei dos senhores
Entoam louvores,
Que vivem de amar.

II

E o giro perene
Dos astros, dos mundos
Dos eixos profundos
No eterno volver;
Do caos medonho
A triste harmonia,
Da noite sombria
No eterno jazer,
— Quem houve? — Os arcanjos
Que os astros regulam,
Que as notas modulam
Do eterno girar.

III

E as aves trinando,
E as feras rugindo,
E os ventos zunindo
Da noite no horror;
Também são concertos;
Mas êses rugidos
E tristes gemidos
E incerto rumor,
— Quem ouve? — O poeta
Que imita e suspira
Nas cordas da lira
Mais doce cantar.

IV

E as iras medonhas
Do mar alterado,

Ou manso e quebrado
Sem rumo a vagar,
Também são concertos;
Mas essa harmonia
De tanta poesia,
Quem sabe escutar!
— Quem sabe? — O poeta
Que os tristes gemidos
Concerta aos rugidos
Das vagas do mar.

V

E os meigos acentos
Duma alma afinada
E a voz repassada
D'interno chorar,
Também são concertos;
Mas essa harmonia,
Que Deus nos envia
No alheio penar,
Quem sente? — Quem sofre,
Que a dor embriaga,
Que triste se paga
D'interno pesar.

VI

Se a meiga harmonia
Do céu vem à terra,
Um cântico encerra
De glória e de amor;
Mas quando remonta,
Dos homens, das aves,
Das brisas suaves,
Do mar em furor,
São tímidas queixas,
Que aflitas murmuram,
Que o trono procuram,
Do seu creador.

A TEMPESTADE

Quem porfiar contigo... ousara
Da glória o poderio;
Tu que fazes gemer pendido o cedro,
Turbar-se o claro rio?

A. HERCULANO

UM RAI0
Fulgura
No espaço
Esparso,
De luz;
E trêmulo
E puro
Se aviva,
S'esquiva,
Rutila,
Seduz!

Vem a aurora
Pressurosa,
Côr de rosa,
Que se cora
De carmim;
A seus raios
As estrêlas,
Que eram belas,
Têm desmaios,
Já por fim.

O sol desponta
Lá no horizonte,
Doirando a fonte,
E o prado e o monte
E o céu e o mar;
E um manto belo
De vivas côres
Adorna as flôres
Que entre verdores
Se vê brilhar.

Um ponto aparece,
Que o dia entristece,

O céu, onde cresce,
De negro a tingir;
Oh! vêde a procela
Infrene, mas bela,
No ar s'encapela
Já pronta a rugir!

Não solta a voz canora
No bosque o vate alado,
Que um canto d'inspirado
Tem sempre a cada aurora;
É mudo quanto habita
Da terra n'amplidão.
A coma então luzente
Se agita do arvoredado,
E o vate um canto a mêdo
Desfere lentamente,
Sentindo opresso o peito
De tanta inspiração.

Fogem do vento que ruge
As nuvens aurinevadas,
Como ovelhas assustadas
Dum fero lóbo cervical;
Estilham-se como as velas
Que no alto mar apanha,
Ardendo na usada sanha,
Subitâneo vendaval.

Bem como serpentes que o frio
Em nós emmaranha, — salgadas
As ondas s'estanham, pesadas
Batendo no frouxo areal.
Disseras que viras vagando
Nas furnas do céu entreabertas
Que mudas fuzilam, — incertas
Fantasmas do gênio do mal!

E no túrgido ocaso se avista
Entre a cinza que o céu apolvilha,
Um clarão momentâneo que brilha,
Sem das nuvens o seio rasgar;
Logo um raio cintila e mais outro,
Ainda outro: veloz, fascinante,
Qual centelha que em rápido instante
Se converte d'incêndios em mar.

Um som longínquo cavernoso e ouco
Rouqueja, e n'amplidão do espaço morre;
Eis outro inda mais perto, inda mais rouco,
Que alpestres cimos mais veloz percorre,
Troveja, estoura, atroa; e dentro em pouco
Do Norte ao Sul, — dum ponto a outro corre:
Devorador incêndio alastra os ares,
Enquanto a noite pesa sôbre os mares.

Nos últimos cimos dos montes erguidos
Já silva, já ruge do vento o pegão;
Estorcem-se os leques dos verdes palmares,
Volteiam, rebramam, doudejam nos ares,
Até que lascados baqueiam no chão.

Remexe-se a copa dos troncos altivos,
Transtorna-se, tolda, baqueia também;
E o vento, que as rochas abala no cêrro,
Os troncos enlaça nas asas de ferro,
E atira-os raivosos dos montes além.

Da nuvem densa, que no espaço ondeia,
Rasga-se o negro bôjo carregado,
E enquanto a luz do raio o sol roxeia,
Onde parece à terra estar colado,
Da chuva, que os sentidos nos enleia,
O forte pêso em turbilhão mudado,
Das ruínas completa o grande estrago,
Parecendo mudar a terra em lago.

Inda ronca o trovão retumbante,
Inda o raio fuzila no espaço,
E o corisco num rapido instante
Brilha, fulge, rutila, e fugiu.
Mas se à terra desceu, mirra o tronco,
Cega o triste que iroso ameaça,
E o penedo, que as nuvens devassa,
Como tronco sem viço partiu.

Deixando a palhoça singela,
Humilde labor da pobreza,
Da nossa vaidosa grandeza,
Nivela os fastígios sem dó;
E os templos e as grimpas soberbas,
Palácio ou mesquita preclara,

Que a foice do tempo poupara,
Em breves momentos é pó.

Cresce a chuva, os rios crescem,
Pobres regatos s'empolam,
E nas turvas ondas rolam
Grossos troncos a boiar!
O córrego, qu'inda há pouco
No torrado leito ardia,
É já torrente bravia,
Que da praia arreda o mar.

Mas ah! do desditoso,
Que viu crescer a enchente
E desce descuidoso
Ao vale, quando sente
Crescer dum lado e d'outro
O mar da aluvião!
Os troncos arrancados
Sem rumo vão boiantes;
E os tetos arrasados,
Inteiros, flutuantes,
Dão antes crua morte,
Que asilo e proteção!

Porém no ocidente
S'ergueu de repente
O arco luzente,
De Deus o farol;
Sucedem-se as côres,
Qu'imitam as flôres,
Que sembras primores
Dum novo arrebol.
Nas águas pousa;
E a base viva
De luz esquiva,
E a curva altiva
Sublima ao céu;
Inda outro arqueia,
Mais desbotado,
Quasi apagado,
Como embotado
De ténue véu.

Tal a chuva
Transparece,

Quando desce
E ainda vê-se
O sol luzir;
Como a virgem,
Que numa hora
Ri-se e cora.
Depois chora
E torna a rir.

A fôlha
Luzente
Do orvalho
Nitente
A gota
Retrai:
Vacila,
Palpita;
Mais grossa,
Hesita,
E treme
E cai.

VERSOS PÓSTUMOS

[ENTUSIASMO ARDENTE...]

ENTUSIASMO ardente m'arrebate;
Eleve-se o meu estro; e a minha lira,
Que obscura até'qui gemia opressa
Sob o pêso d'angústias, só ressoe
Com sons festivos, ecos de meu peito.
— Peito, que há pouco frio, agora pulsa
Fogoso, e se dilata, qual o incêndio,
Que de centelha apenas duvidosa
Erguido num momento abrasa os bosques.
Um viva meu s'eleve, e se misture
A tantos vivas vossos, penetrados
— D'esperança, d'amor, d'entusiasmo! —...
Também um voto meu! que em prol do Povo
Independente já, malgrado a infância,
De Deus se eleve ao trono, como a prece
Humilde, e ardente d'amoroso filho,
Que a ventura do Pai suplica a mêdo.
Atente Deus propício nesse voto,
De ventura, e de paz p'ra o novo Império,
De ventura, e de paz p'ra o Monarca,
Que tão jovem no sólio toma assento,
A disfarçado pêso sotoposto
D'áurea c'roa te sujeite um povo inteiro. —
Mancebo! tuas mãos vão calejar-se
Em soffrear as iras do teu povo!
Tu gemerás c'o pêso de teu cetro
E os teus te invejarão a tua sorte!
Feliz! se no declive de teus anos
O encontrares então moral, e puro —
Feliz — que passarás à eternidade!
E, qual o sol brilhante ao meio-dia,
Que depois de manhã escura, e feia,
Ressentia de noite trovejada,
E nuvens carregadas prometendo,
Acesos raios majestosos vibra.
Tal o Brasil de paz em Céu dourado
Da glória no zenit tocando altivo,
Pasma difundirá no mundo inteiro.

I

A ESMERALDA

VÊDE A SOBERBA divinal creatura
 Na *Côrte dos Milagres* milagrosa!
 A caterva brutal estrepitosa
 Estranha e pasma tão gentil figura.

Encobre a peregrina formosura,
 Tão estranha de si — tão graciosa,
 A mente inda mais bela e mais formosa,
 E inda mais pura do que a neve pura.

Ao ver a cortesã face mentida
 Dêsse que te salvou, que tanto amaste,
 Perdeste o coração — perdeste a vida.

Não quebrou teu amor cruel tortura,
 Com êle inda no cárcere cismaste,
 Foi dêle o teu pensar na morte escura.

Coimbra — 1844.

II

A CLÁUDIO FROLLO

NA MENTE renegando o altar sagrado
 Por seguires do século a demência,
 Quiseste consumir tua existência
 Em busca do segrêdo em vão buscado.

Já hoje tens o rosto descorado
 Nas vigílias da acesa inteligência,
 Que intentaste, rival da Providência,
 Do saber divinal fazer achado.

Êsse raio do sol, tua obra d'oiro,
 O sábio — já o vês — produz o amor —
 O amor, coisa melhor que o teu tesoiro,

O amor — a só ventura dos humanos,
 Prazer celestial — ardente flor,
 Que não pousa nas câs dos tardos anos.

Coimbra — 1844.

III
AO QUASIMODO

A DESFORME cabeça lhe descia
Entre dois oucos montes; na achatada
Fronte por fulva coma sombreada
Um ôlho de ciclope aparecia.

Um tetraedro por nariz trazia,
E da nojenta bôca desdentada
Por entre a dentadura feia e usada
Bem raro a rouca voz se desprendia.

Tinha braços e pernas mui calosos,
Era todo seu corpo um calo inteiro,
Um composto de calos monstruosos!

E dêle se dizia: É vesgo infame,
Corcunda — torto e coxo e feiticeiro,
Sineiro atroador de *Notre-Dame*.

Coimbra — 1844.

A NOTRE-DAME DE V. HUGO

SATANÁS passeiando — veio um dia
Ao mundo sublunar e viu creada
A formosa Esmeralda — doce fada,
Vivo sonho de viva fantasia.

Ora o diabo tem queda p'ra a ironia.
— Hei de pregar, disse êle, caçuada
No padre eterno, que não sabe nada,
Se não sabe o que é bom em poesia.

Falou desta maneira o Sr. Diabo,
Escoucinhando no ar como um jumento,
Coçando a fula orelha e alçando o rabo.

E foi o resultado deste evento
Parir ao Quasimodo — que no cabo
C'o anjo do Senhor fêz casamento.

Pitões — 15 de setembro de 1844.

EPÍSTOLA
DESCRIÇÃO DE PITÕES

Ao PINHEIRO imortal — ao doce filho
Da cândida Minerva, que de loiros
Tem um ramo abichado pequenino
Neste ano — todo em férias engrolado,
Envio meu saudar — meu canto envio.

Queres vir-te sepultar
Numa terra malfadada
Onde não há que gozar
A não ser triste queijada
Que é pior que o rosalgar?

Quem disto se agradará?
Dêste abôrto da natura,
E do que se faz por cá
Vou-te fazer a pintura,
E se te agrada, vem já.

Em sinal de religião,
Com quanto com grande mágoa,
Êste bom Povo Cristão
Resolveu não chegar água
Nem aos pés — nem ao carão.

Da língua lusa coitada
E do imundo galego
Fazem tal moxinifada
De que tu terias mêdo
Sem poderes pescar nada.

Pelas ruas mansamente
Passeia o novilho, a vaca,
E durante a noite algente
Pela serra o lôbo ataca
A um cristão civilmente.

Que êrro tão saliente
De extraviada natura!
Que a gente fuja da gente,
E que o lôbo mais prudente
Ame tanto a creatura!

E aqui o vinho é tal,
Quando o há, que é alcatrão,
E Baco dá-se tão mal
Que aos da sua devoção
Faz ter jejum natural.

E a Deusa da Poesia
De tisonada rubra tez
Levanta a cabeça fria
Dentre as caldas do Gerez,
Que é do povo a simpatia.

O Deus Apolo é baldado,
Não têm seus raios calor,
Não há'qui verão torrado,
Porém o inverno gelado
Domina como senhor.

E chove tanta geada
Durante a fria estação,
Que se não pode ver nada,
Nem se pode ter entrada
Em qualquer habitação.

Cobre a terra a neve dura,
Corre o ar frio que estafa,
E do cólmo à dependura
Caída neve — figura
Imensa gruta de Staffa!

Não reinam *fados* também
Neste Pitões — tão amigo,
Que amigo não tem ninguém,
Não me lembra mais — que digo,
E se isto te agrada vem.

Estás aqui — estás na Galiza,
Isto vai — em note bem;
E quem de carne precisa
Come enfumado presunto
Ou mata em casa e faz bem.

EPIGRAMA

A UM ACADÊMICO DA ESCOLA MÉDICO-CIRÚRGICA DO PÔRTO

OLHA, DOUTOR, a poesia
 É donzela melindrosa
 Que aborrece a mal cheirosa
 — A nojenta anatomia.

Pôrto — 1 d'Outubro de 1844.

NO ÁLBUM

DE MEU AMIGO JOSÉ HERMENEGILDO XAVIER DE MORAIS

PELO MONTE agreste e duro
 Vai a ovelhinha coitada,
 E da lã mais alva e fina
 A porção mais delicada
 Ali fica entre as giestas,
 Entre o tojo cardador.
 Tal o homem vai deixando
 Prêso em laço feiticeiro
 Seu pensar — seu peito — e alma,
 Mas no instante derradeiro
 Lá se parte mutilada,
 Pungida — d'acerba dor.

A nossa idade não pensa
 No porvir — na sepultura;
 A vida se liga, como
 Se fôra eterna a ventura,
 Como se ao pó ter a mente
 Devesse profundo amor.
 Mas na velhice prudente,
 Em cismando no passado,
 Quê? dizemos — pois eu velho,
 Já sôbre a campa inclinado,
 Como sôfrego respiro
 Do que foi na murcha flor?

Ó velho, sabes porque
 Noutros tempos — tua mente
 Por tudo que era creado

Nobre amor sentiu ardente,
 Porque amou do mar as vagas,
 E as fôlhas da linda flor?
 Foi porque ainda recente
 Na dura escola da vida
 De amôres se alimentava:
 Era alma — há pouco — saída
 Formosa, cândida e pura,
 Dentre as mãos do Creador.

E nós inda em nossa pátria
 Longe — longe — viveremos,
 Mesmo ali — agra saudade
 Um do outro curtiremos;
 Mas acaso pode a ausência
 Nossa amizade quebrar?!
 Não o creio — que mais bela
 Se fará de dia em dia —
 Como suave perfume,
 Como celeste harmonia,
 Que no silêncio da noite
 Nós gostamos de escutar.

É tudo pois sofrimento,
 Tudo penar nesta vida,
 Tudo o talvez ansiado —
 Martírio d'alma afligida?
 Pois o riso acaba em chôro
 E o prazer em aflição?
 Assim é — só dura o pranto
 Corrosivo — amargo — e lento,
 Dura o pesar dentro d'alma,
 Dentro dela o sofrimento,
 Como a lava sempre estua,
 Sempre ferve — no vulcão.

Pitões — 1 d'Outubro de 1844.

ORGULHO E AVAREZA

VÊDE O INCULTO novilho em liso plaino!
 Orgulhoso senhor de vastos campos
 Troa irado e fogado,

E o bosque atroa e o pó subtil expande
 Com as unhas bipartidas — e nos troncos
 Ensaia os fortes galhos.

Embalde o afaga o agricultor que o chama,
 Embalde esconde o jugo poderoso;
 Êle pára — e recua —
 Dos olhos — côr de sangue — as iras pulam,
 Que a indômita cerviz não sói curvar-se
 À mansa voz traidora.

Assim, fui eu também no albor da vida
 Orgulhoso, como êle, e forte d'alma
 Dizia eu entre mim: "Que fôrça humana
 Há i capaz de me vergar escravo?
 Que braço — que poder — ou que potência
 Neste mundo, em que eu sou — pode curvar-me,
 E assentar-me no colo o jugo escravo?"

Ninguém — ninguém o pode! Assim na terra
 Hei de a vida passar co'a fronte erguida
 À todos sup'rior — maior que os grandes
 Hei de entre êles sentar-me ébrios na vida,
 Hei de sentar-me — e crente — e bardo — n'harpa
 Cantando o nome do Senhor, que pune,
 Da vida nos festins cantando a morte.

Foi Deus que me puniu — acaso o orgulho
 Em nós pode caber — em nós abortos
 De incompleta feitura — uns quase vermes
 Que sôbre a lama — e pó — nos arrastamos?
 Foi Deus que me puniu: co'a fronte baixa,
 Coberto o rosto de vergonha — e tímido
 Como aos pés do senhor um vil escravo,
 Subi de um rico a escada, — suplicante.
 Vilão mesquinho! dentre os frouxos lábios
 Sorriso frouxo despontou; — e a testa
 Baixa, e curva, e calva, e as faces
 Cheias de ruga — de palor, — e o rosto
 Vidrado — e baço — eram ruim composto
 D'avarento feliz. . . c'os pés no féretro.

Teu nome — não direi — que fôra eterno. . .
 Fôste sem êle em vida, em morte — o sejas!

Ah! que se eu não quebrei naquele instante
A minha harpa — inda então desconhecida —
Foi porque ainda queria confessar-te,
Ó meu Deus — que foi grande o teu castigo,
Foi porque ainda queria ao mundo inteiro
Por mor vergonha minha — confessar-me
Baixo — infame — e vil — quando essa escada
Do avarento subi! — que não esmola,
Mas um favor pedindo!

Pitões — 5 de Novembro de 1844.

AUSÊNCIA

SE TRISTE a minha vida decorria
Bem junto ao lado teu, que eu tanto amava,
Ouvindo a tua voz que me encantava,
Teu doce suspirar que me prendia,

Que mais triste não sou, do que soía,
Nos solitários dias que ora passo!
Meu anjo, meu amor, a fantasia
Finge o teu rosto em vão no etéreo espaço!

Nesta ausência — que a morte me retrata —
Vejo sempre o teu rosto tão formoso
Que a pureza dos anjos cobre, esmalta
Como luzindo em templo majestoso!

És belíssima assim — como a pintura
Que Rafael nos céus desenharia,
Querendo idealizar-te a formosura.

Mas tão grata visão não me extasia;
Que, se brada minha alma pela tua,
Ficas sempre pintura e muda e fria. . .

Então bravejo contra a sorte crua
Que tão longe de ti pôs meu tormento,
E minha alma de paz despida e nua.

Que mais longe de ti — meu pensamento
Mais luto veste e vive como o inferno
Na hora do penoso passamento.

Como é triste a minha vida,
Como é triste o meu penar,
Como é triste andar no mundo
Qual fantasma — a tropeçar!

Como é triste o céu sem luzes
Depois que a tua brilhou.
É bem triste o dia de hoje,
Foi bem triste o que se passou.

Definha — emmurchece e morre
O meu pobre coração,
Como a flor durante a calma
Do bem calmoso verão.

Se o sono me fecha os olhos,
Da saudade — o pavoroso
Fantasma consumidor —
Torna-me o sono penoso.

Ah! quero sonhar contigo,
Quero ter meu coração
Como no céu uma estrêla,
Como fresca viração.

Quero ouvir a tua voz
Que me diga: — És meu amor!
Qu' enxerte dentro em meu peito
Da esperança a bela flor,
Que me entorne dentro d'alma
Alento consolador.

Quanto eu seria feliz
Se me pudesse esquecer
Que fôra tirar-te a vida
Doar-te o meu padecer!
Mas vive feliz — e alegre
Que eu triste bem sei morrer.

Pitões — Dezembro de 1844.

VISÕES

I

O ÍNDIO

E NOUTRO QUADRO da minha alma os olhos
Mais distinta visão me figuraram.
Pareceu-me voar por sôbre montes,
Por sôbre altivas matas seculares,
Por sôbre ínvios desertos — onde o tigre
Perdendo o faro da spelunca, os ventos
Inquire — e anda e ruga e se extravia!

E eu voava docemente, como
Vaga doce no céu a lua amiga,
E pareceu-me acordar! — Uma clareira
Se estendia à meus pés; meus olhos débeis
Desafeitos da luz — volvi medroso
Em tórno — em busca de uma esperança: embalde!
Que eu só, no bosque, no rugir das fôlhas,
Na vaga ondulação que rumoreja,
Da brisa ao sôpro — entre a folhagem espêssa
Casos de feio azar me futurava.
Mas de repente se me oferece aos olhos
Um vulto quase nu — deitado ao longo
Sôbre o verde tapiz de relva e flôres;
Tinha os olhos no céu — cruzados tinha
Os braços sôbre o peito hercúleo e largo:
Era um jovem tupi — galhardo e nobre,
De presença gentil — e tinha *aquilo*
Nos olhos negros e no rosto franco
Que a não vulgar estirpe indica e nota.

Salve! lhe disse ao Índio. Êle sisudo
No idioma vulgar tornou-me: — Salve!
— Sois índio, prossegui. — Sou Índio, disse.
— E donde houveste êsse falar tão puro
Sentando-me inquiri. Nos olhos dêle
Breve clarão luziu de escárnio e de ira.
“Homens de branca pel’ são como as gralhas:
Perguntam — falam sempre e sempre, e tornam

Sem pausa, e tanto que me fôra pasmo
Vencê-los a mulher que eterno fala!"

O CANTOR

Não me colhas rancor, Tupi — falei-te
Porque o acento que soar não usa
Na voz de teus irmãos — me encheu de assombro.

O ÍNDIO

Daqui há muitos sóis — vivi! — Há tempo
Que êsse tempo passou, que mais não volte!

O CANTOR

Perdoa o meu falar — que de mor pasmo
O peito me povoa! Que viveste
Outra vida melhor para voltares
Ao teu viver primeiro — mal pensaste!
Não somos nós irmãos — a tua pátria
Não é a pátria minha? Ali marcada
Não tinhas outra vida — outro futuro?

O ÍNDIO

És dos grandes também — tu que assim falas.
Dêsses que aos Índios têm no rol de escravos?
Irônico sorrindo me inquiria.

O CANTOR

Oh! não — sou como tu — tenho na terra
Livre o passo — tenho a mente livre —
Tenho a imensa extensão dos céus, dos mares,
E o verde escuro das compridas matas,
E a fonte e o rio — e o bosque — e a terra — e tudo
Que a vista alcança e vê — tudo que a mente
Ardente poetiza além do espaço.

O ÍNDIO

És acaso Tupã?! bradou-me o Índio.

O CANTOR

Não, não sou Tupã — Cantor me chamam.

O ÍNDIO

Em verdade és Cantor, és dêsses meigos
Filhos do sol, amigos do silêncio,
Aos quais almo Tupã visita em sonhos.

Ah! vem, Cantor, sentar-te a sós comigo,
Falemos doutros tempos — doutras coisas,
Que a voz dos teus de melhor grado escuto,
Do que o fagueiro sussurrar da brisa,
De tarde ou de manhã — por entre as flôres!
Ah! feliz o cantor! quando êle fala,
A voz dos Manitôs — se escuta, e a língua
De nossos pais, que além dos Andes moram.
A Tribu dos tupís — também num tempo
Foi rica de cantores, que ora o povo
Luta contra Anhangá — prófugo e fraco,
E mais que feitos — ou vitórias cisma
A fuga do vencido sem combate! . . .
Já cantores não tem — nem ter precisa,
Que, deves de o saber, não solta o canto
O terno sabiá — nos ermos onde
O fúnebre urubu desata o grasno;
Mas entre as flôres da amorosa acácia
Derramando o trinado entre perfumes,
Compraz-se — amigo e mavioso. . .” O Índio
Co’a fronte baixa emudeceu — tornando
Após instantes com mais triste acento,
Como o que sente dor — mas d’al pratica.

“Foi meu pai dos Tupis — último chefe,
E quando o búzio atroador soprava,
Três mil guerreiros concorriam prestes
Ao guerreiro festim! — Ora num dia
De mau agoiro e trovejado — ouviu-se
Um rouco estrondo — que do ocaso vinha:
Não era a raiva do tufão, que açoita
E prostra — e lasca os troncos — nem dos ventos
Era o bravo lutar co’as êrmas praias,
Nem a voz do trovão — que rola forte
No vasto imenso espaço: — era um ribombo
Que fazia tremer os pés na terra
Como sôbre o batel cortando as águas.
— Fomos aos Piagas, perguntar que males
Nos futurava o arcano — embalde o fomos!
Disseram todos não poder sondá-lo,
Mas que era augúrio de tremer — o augúrio
Que sobreestava ao seu saber divino!
No entanto — um dêles — ancião, pintava
Outro mistério estranho sôbre a areia,
E aos sons do maracá cantando disse,

Lançando raios no volver dos olhos,
Figurando o trovão na voz troante.

Treme — ó povo Tupi — já não és povo
Eleito de Tupã,
Sumiu-se o teu poder como uma sombra
No luzir da manhã.

Não vês que ao fero Deus do mal cultiva
A tribo Cramecrã?
Por êste novo culto não trocaste
Tu mesmo ao Deus Tupã?

Não vês que vida efeminada e mole
Vive o Tupinambá,
Na tribo Cramecrã buscando espôsa
— Na tribo d'Anhangá?

Não vês que negra infâmia cinge a tribo
Dos tredos Aimorés,
Que aos rios fogem por fugir aos fortes
Dentes dos jacarés?

Tupã não vos quer ver — que vos fizestes
Escravos d'Anhangá!

Treme, nação Tupi: — soluça, geme,
Povo que foi já!

Mas um dia virá, bem longe d'hoje,
E os teus livres serão;

Mas êsse dia — não verás, ó povo,
Teus filhos — também não!

Disse o Piaga e morreu!" Tornara o Índio
Depois de um breve descansar arfado!
"Ah! bem feliz é o que, morrendo, evita
Ouvir a voz dos seus — gemendo — escravos...
Adeus, Cantor — adeus! que a minha pátria
Não é a tua, não — mas êste vasto
Fronroso praino — êstes vestidos serros,
E o imenso azul dos céus. — E a minha vida
É ver a nuvem cambiando côres,
E os cabelos do sol por sôbre a terra,
E tranquilo escutar o ledô sôpro
Da brisa que murmura — e o som das águas

Trépido sôbre as pedras — o confuso
Rumorejar das matas — o contínuo
Pavoroso lutar co'as bravas feras!"

Eis nisto um tigre na floresta ruge,
O Índio atento escuta — e logo — a senda
Precípite invade — e vai sôbre êle.

Pitões 25 de Dezembro de 1844.

II O SATÉLITE

ERA UMA NOITE de luar formosa —
Das belas noites do Brasil; mil astros
O meigo azul dos céus brilhando arreiam;
Vai a vista perdida além das nuvens,
E cansada se volve sôbre a terra;
Pela imensa extensão do verde-escuro
Vasto praino frondoso se derrama —
Vê sôbre as fôlhas o luar dormente,
Melancólico e puro — não sussurra
Da noite a viração — não ruge o tigre.
Vai a noite calada — ao longe apenas
Trépida veia de cristal murmura.

Nesta doce mudez, neste silêncio
Mais grato aroma a flor agreste exala —
Vaga a mente mais livre, e pensamentos
Mais singelos, mais puros, mais sublimes
Nutre mimosa — e êste enlêvo d'alma
Sobe ao trono do Senhor — qual sobe
O perfumado incenso — o grato eflúvio
D'hino piedoso que no templo ecoa.
O crime é cego e surdo — êle, só êle,
Tais encantos não vê, não sente enlevos.
Consigo do Senhor avilta as obras,
E a alma enegrecida, e suja e feia,
Como os restos de uma harpa harmoniosa
Sôbre o pó terreal manchando arrastra.

Vai sob a mata um cavaleiro, e deixa
— Pensativo que vai! — pender as rédeas

Do seu corcel que se embalançam livres,
 Roçando o peito equino. — Cavaleiro,
 Que negro fado é o teu que a tais desoras
 Te obriga a viajar? — Talvez que um tigre
 Saltando sôbre ti co'as férreas unhas
 Te aferre os dentes — e ao rubro sangue
 Misture a espuma das sangüíneas fauces.
 Oh! que homem és tu? donde vieste?
 Tu que sem armas por aqui viajas,
 Por sítios — onde vela de contínuo
 O crime infesto — a sórdida vingança?
 Assim vais, porque inimigos não conheces?
 Mas tu não sabes — que é perdida a conta
 Dêsses que assim viviam, que morreram
 Às mãos cobardes do assassino — quando
 Talvez julgassem de abraçar amigos?
 Tu pensas?... Em que pensas?... Na tua casa
 Risonha e festival — num êro oculta;
 Pensas na cara espôsa que te aguarda,
 Ou nos teus filhos — teu pensar contínuo?
 Ou no rico vilão — a quem tua alma
 Altiva, e nova e grande — há pouco irada
 Fêz humilde vergar? Ah! néscio! néscio!
 A mente do que é vil inveja à nobre;
 A inveja do que é vil ou mancha ou mata.
 Quebrou-se a estrada aqui — o cavaleiro
 Vai dando volta — e sente-se ferido.
 Varou-lhe o coração a bala infame,
 E o ousó som tocou — e a chama breve
 Nos olhos — turvos, baços — nos ouvidos —
 Cheios de um longo retinir confuso.

Corria a noite em meio — a lua a pino
 Um raio seu de amor por entre as ramas
 Enfiava custoso — o morto e o vivo
 Quais dois amigos — que um só leito encerra —
 Dormiam juntos! O corcel mais longe,
 Do sangue indo a fugir — tosava a relva,
 Co'o freio acanhador — rasgando a terra.

NO ÁLBUM

DE MEU AMIGO ANTÔNIO CARDOSO AVELINO

COMO SENTIMOS no peito
Penosa melancolia,
Quando o sol vai sôbre o ocaso,
Quando morre um belo dia,
Tal é a saudade amarga
Que eu sinto por te deixar.
Será eterna? quem sabe!
Escuto o mar que rouqueja,
Sôbre a extrema do horizonte
Vejo a nuvem, que negreja,
E as ondas, que bravas lutam,
E a imensa extensão do mar.

Nesta vida transitória
Onde tudo é passageiro,
Quem soluça o Adeus de um dia
Não soluça o derradeiro?
O real que há neste mundo
É sofrer, penar, morrer.
Vou-me pois de ti saudoso,
Vou rever a minha terra,
Esperanças dum futuro
Brilhante, meu peito encerra:
Mas que dores lá me esperam?
Mas o que hei de lá sofrer?

E quando triste pensares
Na nossa pura amizade
Que nunca sofreu desconto,
Certo que a triste saudade
Na tua alma bela e pura
Seus espinhos gravará.
Mas passe um lustro — se o acaso
Nos levar à estranha gente,
Se em mim primeiro atentares
Não cuidadoso — indiferente
Farás a cruel pergunta:
Êste homem — quem será?

Esse homem — foi tua alma,
 Foi dêle o teu pensamento,
 Tua foi sua alegria,
 Dêle foi o teu tormento,
 Chorastes ambos pensando
 Na longa separação.
 Fôstes amigos sinceros
 Extremos ambos cismastes
 Foi êle — que te amou tanto,
 Foi a quem tanto amastes,
 Que de ti tão longe vive,
 Tão perto — no coração!

Pôrto — Janeiro de 1845.

À RESTAURAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL
 E AO NASCIMENTO DO HERDEIRO PRESUNTIVO

ACORDA — ACORDA — ó Vate! — Eis que a alegria
 Do profundo cismar vem distrair-te,
 E — cheio de prazer — em meio às turbas
 Palpitantes de amor — arremessar-te.
 Exulta, ó Vate, exulta! ergue o teu canto,
 Êsse teu canto recendendo aromas,
 Sereno — como a brisa, e tão suave,
 Como orvalho do céu.

Não vêes? — Se a grande enchente arrasa o leito
 Do mesquinho regato — as ondas fervem
 Contra a riba impotente, e longe cobrem
 A esmeraldina côr dos vastos campos!
 O terno sabiá desata o canto,
 Apenas o sentir lhe aperta e oprime
 O estreito coração. — Exulta, ó Vate!
 É tempo — acorda — o teu cantar desfere
 Como a enchente — profundo; e meigo, como
 Trinar do sabiá!

Anos e anos padeceu mesquinho
 O Rio Grande — uma província inteira
 Aparelhada de horror — tristeza — e luto —
 Involta em maldições — involta em pranto!
 Ali — negra discórdia — o facho aceso

Vibrou sangüinolenta; ali sentou-se,
E soberba reinou por longo espaço.
A raiva se ateou; quem tinha braço
E espada que vibrar, vibrava a espada —
Quem tinha dores que sofrer — sofreu-as,
Quem olhos tinha que vertessem pranto,
Pranto amargo verteu! — Assim cansou-se
O braço — e o coração; mais pura a vista,
Por que se adelgaçava o véu das lágrimas,
Quando pode enxergar — descortinava...

O quê? — destruição — incêndios — mortes!
Ruínas fumegantes... — Com tal vista
Creou a nova dor lágrimas novas —
Crearam nova fôrça arfados peitos
Que há tantos anos de sofrer viviam!

Então por sôbre os combros derrocados,
Por sôbre os feixes d'armas bipartidas,
Entre montãos — de extintos insepultos —
Errava o incerto pé da mãe, da espôsa —
Tremendo de encontrar feições queridas
Na face involta em pó — colada ao sangue!
Aqui chorava a filha, e contra o peito
Mil e mil vêzes apertava o exangue
Paterno rosto de palor tingido,
Na delirante dor julgando-o vivo.

E a espada caiu do braço armado,
E o canhão não soou rugir de morte,
Eram todos irmãos — sofriam todos!

Nós, Caxienses, nós — também sofremos,
Da fraterno lidar o fel amargo
Provado hemos também. — Assim mais lêda,
— Irmãos na mesma dor — será nossa alma —
Mais intenso o prazer, mais alto os vivas.

Mas vêde! Como o sol, brilhante e claro
No frescor da manhã — dourando as nuvens,
A prole de Bragança — ei-la que nasce,
E a discórdia civil — raivando ulula,
E o civil batalhar soberbo — infrene
O extremo arranco soluçou raivoso.

Acorda! acorda! — ó Vate; eis que a alegria
Do profundo cismar vem despertar-te,
E cheio de prazer — em meio às turbas
Palpitanes de amor — arremessar-te.

Caxias — 9 de Maio de 1845.

AO ANIVERSÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO MARANHÃO

AVANTE! AVANTE! ó Bravos. — Do Ipiranga
Soou do nobre peito altivo grito,
— Independência ou Morte! — Heróico brado
De sublime sentir, que nobres sentem,
Por vis não compreendido; um Povo inteiro,
Unísono responde — à voz excelsa —
Ruidoso e forte — Independência ou Morte!

Arrochados grilhões suporte o escravo,
Não desponte sequer nos lábios dêle
A prece humilde do que implora a vida,
Suporte afrontas vis — o ente infame
Às injúrias, baldões, escárnio afeito,
Em cujas faces o pudor não brilha,
Em cujas veias já não gira o sangue,
Em cujos lábios não borbulham vozes
De raiva — de rancor — d'honra ofendida.
Mas o que tal não fôr — o que no peito
Sentes gravado em firmes caracteres
— Amor e Pátria — e Liberdade e Honra —
Sopese a lança e leve a mão da espada,
E venha à campo apercebido em guerra.

A Pátria chama aos seus — ou morte ou vida,
Ou luz ou trevas da batalha pende —
Liberdade ou morrer! Avante! ó Bravos.
É grato ao Lidador a lide acesa,
O pó do campo — o estrépido das armas,
Da bala o sibilar; — fértil o sangue
Do que procura a liberdade santa,
Honrosa a morte que liberta a Pátria.
A Pátria chama aos seus. — Maldito o filho
Que ao prantear da mãe não verte pranto,

Maldito o cidadão — que não tem braços,
Sangue nem coração que tributar-lhe
Quando ela em dia aflito aos seus convoca.

Terras do Maranhão — terras ditosas,
De galas, de primores revestida,
Que o avaro Holandês tanto almejava;
A bela França cubiçou teus mimos,
E ufanas de se ver sôbre os teus mares
As flôres três de lírios — assumiram
Fulgor mais vivo — no teu céu brilhante!
E as quinas de ver o fero aspecto
Do negro Adamastor — quase temeram —
No cabo das procelas combatido —
Amavam pelos ares delizar-se
Da tua mansa brisa ao leve sôpro,
Como depois de um sonho tormentoso
Ama o triste acordar à luz da aurora.

Terras do Maranhão — terras viçosas!
E o estrangeiro hade colhêr teus frutos,
Calcar-te o solo — espadaçar-te as flôres,
E tu êrma serás — escrava e muda,
E tu sem filhos — sem valor — sem alma.
Oh! não — que o brado excelso do Ipiranga
Eléctrico voou por montes — vales —
Do mar nos altos Andes repulsando
Do Prata às férteis margens do Amazonas.

E êsse brado passou! — depois silêncio,
Depois lidar aceso — mortes — prantos,
E a alegria por fim, que a tôrva morte
Aflições e prazer remata em breve.

Mas do tempo que foi — que resta agora?
Memória apenas — recordar de males,
Suave, quando o tempo os tem quebrado.
Agora resta amor ao pátrio solo,
Amor à liberdade — à Independência
Do Brasileiro Império em mundo novo,
Erguido em verdes prainos vicejantes:
Agora — amor à prole de Bragança,
A Pedro — Imperador.

HINO AO DIA 28 DE JULHO
(PARA SER CANTADO)

FOMOS SERVOS — noutros tempos,
Curvados à prepotência;
De estrangeiros soberanos
Mendigamos a clemência.

Diziam que a liberdade
Nos podia ser fatal
Como nas mãos de um menino
Buído e fino punhal.

Diziam que nossos olhos
Afeitos à escuridão
Suportar não poderiam
Da liberdade o clarão.

E nós — Homens — Brasileiros,
Nós sujeitos — nós curvados,
Fomos servos largos anos,
Largos anos — negregados!

Mas enfim lá do Ipiranga
Altivo grito soou:
Somos livres — longe o eco
— Somos livres — reboou.

Esse grito — foi princípio
De existência vigorosa,
Como incêndio erguido em breve
De centelha duvidosa.

Esse grito foi em todos
Um só braço, um só querer.
Voz de mil vozes acordes:
Independência ou morrer.

E do norte ao sul — do ocaso
Do sol até ao nascer
Festivo grito responde:
Independência ou morrer!

E a liberdade,
Essa donzela
Cândida e bela
Filha dos céus,
Entre nós outros
Sem crua guerra
Desceu à terra
Das mãos de Deus.

Já somos livres,
Oh! não cismemos
Do que sofremos
Em nos vingar.
Irmãos — amigos
Todos sejamos,
Que respiramos
O mesmo ar.

Pois que seguimos
O mesmo norte
Co'a mesma sorte,
Co'o mesmo azar,
Maldito aquele
Que ousar primeiro
O nó fagueiro
Despedaçar.

Caxias — 1845

A CERTA AUTORIDADE
QUE AMEAÇOU OS MÚSICOS POR TEREM TOCADO
NO ANIVERSÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DE CAXIAS.

EU JULGUEI que o fausto dia
Desta nossa independência
Merecesse mais clemência,
Quando não simpatia,
Desta nossa fidalguia
De Caxias!
Mas por minha alma que não,
E não sei
Por que pecados,
Mas é certo que um coitado
Coronel

Presunçoso,
E medroso,
E cruel,
Que só sabe pintar letras,
Ordenou à nossa orquestra
De ser muda neste dia,
Ou do contrário a faria
Recrutar,
Ou tocar
Nas masmorras do quartel!
Certamente
Nunca vi
Bentevi
Tão demente!
Pois, coronel tresloucado,
Queres meter na enxovia
Os filhos da Melodia,
Só por haverem tocado
Em tão majestoso dia?
Não o creio — mas parece
Que ouvi-los te aborrece,
Que ouvi-los te não recreia,
Ou que amigo, ou que parente,
Amado mui ternamente
Tens prêso lá na cadeia.
Realmente,
Coronel,
Tens uma alma
Bem cruel,
Tens uma alma
Pavorosa,
Por que não goza
Dêste mundo
Senão quando
Escuta o grito
Miserando
E profundo
De um aflito
Sem delito,
Que geme,
E suspira,
E delira
Em masmorra
Cruel.

Caxias — 1 d'agosto de 1845.

TRISTES RECORDAÇÕES!

MEUS AMIGOS d'infância, onde são êles?
Digo em redor de mim volvendo os olhos.
Asinha mos roubaram
A fortuna — ambição — prazer ou glória,
Longe — bem longe são: eu no meu êrmo
Procu-ro-os, mas embalde!

E a ventura se me foi, qual linfa
Que es escoa das mãos sem ter molhado
Os lábios ressequidos,
Foi como o viajor que à grata sombra
Se abriga da palmeira — onde seus passos
Não mais o guiarão.

E essa que tanto amei — e que amou-me tanto,
Cuja presença me escaldava a mente,
Cuja voz me encantava,
Cuj o silêncio me falava n'alma,
Essa mulher — tão terna — e amante, e pura,
Essa mulher deixei-a! . . .

Deixei-a por não dar-lhe em recompensa
Um tálamo de espinhos — uma taça
De fel e de amargores.
Deixei-a porque horrível é meu fado,
Minha vida penada, e eu não quisera
Assassiná-la comigo.

E agora, que me importa que a flor brilhe,
Que o sol nos céus — splêndido cintile,
O mundo que m'importa:
Certo que a flor não me dará, que eu espere,
Nem o sol novo amor — nem o universo
Me pode dar ventura!

Serei julgado ingrato — e logo o tempo
Da mente dela — varrerá meu nome,
Dos seus olhos meu rosto:
Eu porém guardarei — o que era d'ambos
— A lembrança de amor tão malogrado,
Minha vida na terra.

E quando a morte rematar meus dias,
 Nesse instante em que a alma tudo esquece,
 Dela me lembrarei:
 Foi ela quem me deu algum alívio,
 Dela a ventura que fruí na terra,
 Dela — vida e morrer.

É triste a vida do homem descuidoso,
 Que vive só na terra — e nunca eleva
 O pensamento aos céus;
 Porque a vida é breve como flor da terra,
 Só a esperança que o infinito almeja
 Não pode perecer.

Caxias — 9 de Agosto de 1845
 às 3 horas da manhã.

AO ANIVERSÁRIO NATALÍCIO
 DE S. M. I.

.... *heroum laudes et facta parentis*
 *legit*
Aspice venturo laetantur ut omnia saeclo
 VIRG. Egl. IV.

PODESSE EU, triste vate, semilhando
 O ronco do trovão, que ruge irado,
 Alçar — entusiasta — ingente brado
 Dum pólo — noutro pólo repulsando.

Podesse, além das nuvens remontando,
 De mil astros brilhantes rodeado,
 Derramar — sôbre o globo electrizado
 Seu nome, entre mil nomes fulgurando.

Podesse — a um brado tal o doce encanto
 Juntar de um terno cisne moribundo
 Que o alento final transforma em canto.

Teu nome, sem cessar, dissera ao mundo,
 Tu que és nosso Paládio Sacrossanto,
 Augusto Imperador — Pedro Segundo.

Caxias — 2 de Dezembro de 1845.

VOLTAS E MOTES GLOSADOS

I

*Não posso dizer que não,
Não posso dizer que sim.*

VOLTA

Senhora, pois que podeis
Dizer que não, ou que sim,
A ambos não magoeis:
Dizei — sim, mas não a êle;
Dizei — não, mas não a mim.

OUTRA VOLTA

Senhora, que amor é êsse,
Ou que nova sem-razão!
Que se eu vos pergunto — sim?
Respondeis-me sempre — não!

Senhora, é isso paixão?
Oh! que o é, mas não por mim;
Que quando vós dizeis — sim,
Um não quisera eu então!

Já nem sei que bem vos queira,
Nem que mais querer vos possa:
Sêde antes vossa que dêle,
Sêde antes minha que vossa.

Rio, 24 d'Outubro de 1846.

II

*Não posso dizer que não,
Não posso dizer que sim.*

GLOSA

Dizem que o amor é vendado,
Que tem feros passadores,

Com que aos próprios servidores
Tem por vêzes desgraçado:
Porque hei de ter êsse fado,
Que tem sempre a dor por fim?
Amais ao amor, não a mim;
Pois se a êle só amais,
Por mais que vós me digais,
“Não posso dizer que sim”.

Não posso . . . e bem desditosa!
Conheço que a só ventura
Que desfruta a creatura,
Vem duma afeição mimosa:
Eu que sou bem extremosa,
Que já sinto a ingratidão,
Vou sofrendo esta paixão:
Se sois meu por amor dela,
Eu que amo a vós, não a ela,
“Não posso dizer que não”.

Assim vivo descontente
Sem saber o que farei,
Nem sequer ao menos sei
O que seja mais prudente
Com êste fado inclemente
Qual será meu pensamento.
Dizer-vos: *não*; é tormento;
Dizer-vos — *sim* — é loucura!
Assim que, já sem ventura
Vivo neste sofrimento.

Fôra brando o meu viver
A não vos ter conhecido.
Porque então um bem perdido
Não me fizera sofrer.
Dizei-me o que hei de dizer;
Brada-me *sim* a paixão,
Minha alma grita-me *não*:
Nesta dura alternativa
Sinto dor sempre tão viva,
Que merece compaixão.

Rio — 1 de Novembro de 1846.

PERGUNTA

Quisera eu saber notícias
 A respeito de um tal *sim*,
 Que foi numa volta, aonde
 Devera não ir sem mim.

6 de Novembro de 1846.

III

*Não quisera ser tão firme,
 Para ser mais venturosa.
 O que outras ganham por falsas
 Perco eu por ser constante.*

GLOSA

É por ventura razão
 Que aquelas que são volúveis
 Tenham, sós, indissolúveis
 Amôres por galardão?
 Assim pois minha paixão
 (Que se queira Deus ouvir-me)
 Nunca tem de permitir-me
 Gozar sequer um instante
 O prêmio de eu ser constante,
 "Não quisera ser tão firme."

Bem me diz o coração
 Que a constância cansa a ingratos
 De volúveis nunca fartos,
 (Que volúveis tôdas são);
 Sentir constante paixão
 É de uma alma melindrosa,
 Mas a mulher que é formosa,
 Que em amôres se retrata,
 Oh! não é falsa! é cordata
 "Para ser mais venturosa."
 É bom de ser inconstante;
 Ama a lua ao sol esquivo,
 Ama a flor ao fugitivo
 Vento que sopra um instante.
 Assim tu, alma constante,
 Quando as asas despedaças

Do amor, que jamais de lassas
Se não poderão mover,
Ignara — queres perder
“O que outras ganham por falsas.”

Só me queixarei de mim,
Se ora sofro o meu sofrer;
Porque nunca quis eu ser,
Ou fingir que eu era assim.
Perderei, Senhor, por fim
O meu amor tão brilhante.
Muito embora nova amante
Dêsse amor, que despedaças,
Lucre retalhos por falsas,
“Perca eu por ser constante.”

Rio de Janeiro — 1846.

IV

*Finos cabelos prenderam
Pulsos que ferros quebraram.*

GLOSA

À Alcides, de quem tremeram
Feros gigantes outrora,
D'Ônfale — altiva senhora —
“Finos cabelos prenderam”:
Esta a razão, que nos deram.
Mas se heróis no chão rojaram,
Dir-vos-ei que os não prostraram
Finos cabelos; mas antes
Renderam provas constantes
“Pulsos que ferros quebraram.”

1846.

V

*Não sou fera, sou humana!
Sinto amor e sei amar!*

VOLTA

Dizeis vós que não sois fera,
E certo mereceis fé;

Que o vosso rosto formoso
Rosto de fera não é.

Mas dizeis que sois humana!
Qu'importa que seja assim,
Se humana sois para outros,
Desumana para mim!

Sentis amor! bem o creio:
Tem perfume a linda flor,
Lêdas aves tem gorjeios,
Mulher bela tem amor.

Mas a flor só tem perfume;
Só sabe a ave cantar;
Sois como a flor, como a ave,
Sabereis acaso amar?

AO ANIVERSÁRIO DE D. F. S. R.

QUEM SE ATREVE a cantar hinos à flor
No denso musgo do botão fechada!
Ou lêda e viva, e rutilando em côres,
Imersa em luz, e de prazer banhada!

Quem se arroja a cantar hinos aos anjos
Num dos anos sem fim da eternidade,
Se o seu viver é poesia e cantos,
Ledice, amor e luz, e amenidade?

Nem anjos, nem a flor nos pedem versos,
Que sendo o seu viver tão só poesia,
Um hino eterno, melindroso e belo,
Sòmente bem cantá-los poderia.

Não basta, não, terrena melodia,
Nem rudo canto pouco duradoiro,
Nem voz de trovador — cansada e fria,
Nem lira de marfim cravada d'oiro.

Não tenho voz de trovador sonora,
Nem d'oiro a lira ebúrnea cravejada,

Nem vos canto, Senhora; só vos digo,
Que sois di'na de ser melhor cantada.

Rio de Janeiro — 1 de Maio de 1847.

SONETOS

BAIXEL VELOZ, que ao úmido elemento
A voz do nauta experto afoito entrega,
Demora o curso teu, perto navega
Da terra onde me fica o pensamento!

Enquanto vais cortando o salso argento,
Desta praia feliz não se desprega
(Meus olhos, não, que amargo pranto os rega)
Minha alma, sim, e o amor que é meu tormento.

Baixel, que vais fugindo despiado,
Sem temor dos contrastes da procela,
Volta ao menos, qual vais tão apressado.

Encontre-a eu gentil, mimosa e bela!
E o pranto qu'ora verto amargurado,
Possa eu verter então nos lábios dela!

Rio de Janeiro — 17 de Junho de 1847.

DOCE AMOR — a sorrir-se brandamente
Em sonhos me falou com tal brandura,
Que eu só de o escutar vida mais pura
Senti coar-me n'alma fundamente.

Depois tornou-se o tredo fogo ardente
Que o instante, o ano, a vida me tortura.
Bem longe de gozar tanta ventura,
Cresta-me o rosto agora o pranto quente.

Homem, se homem és no sentimento,
Não zombes, não, de mim tão desditosa,
Nem seja o teu alívio o meu tormento.

Deixa-me a teus pés cair chorosa,
Soltar no extremo pranto o extremo alento,
Que eu morrendo a teus pés serei ditosa.

Rio de Janeiro — 6 de Novembro de 1847.

APENAS OIÇO dar Ave-Maria,
Quer seja tempo bom, quer trovoada,
Lá vou eu nesta vida malograda
Ao pão-nosso, que espero em cada dia!

De crianças me assalta uma algarvia,
E a velha a pespegar-me aparelhada
Contos da eterna sedução malvada
Da quadrilha de heróis que a perseguiu!

O campo de Santa Ana atravessando,
— Meu Deus, isto é que é não ter miolo! —
Para ver uns nenês que estão mamando!

Vê por fim se me dás ou não do bôlo:
De sim, nada direi; se não, bradando
Jurarei terra e céus não ser mais tolo!

Rio de Janeiro — 1848.

PENSAS TU, bela Anarda, que os poetas
Vivem d'ar, de perfumes, d'ambrosia?
Que vagando por mares d'harmonia
São melhores que as próprias borboletas?

Não creias que êles sejam tão patetas,
Isso é bom, muito bom mas em poesia,
São contos com que a velha o sono cria
No menino que engorda a comer petas!

Talvez mesmo que algum dêsses brejeiros
Te diga que assim é, que os dessa gente
Não são lá dos heróis mais verdadeiros.

Eu que sou pecador, — que indiferente
Não me julgo ao que toca aos meus parceiros,
Julgo um beijo sem fim cousa excelente.

Rio de Janeiro — 1848.

ANDO ABAIXO, ando acima, e sempre às solas,
Afronto a tempestade, o vento, o frio,
Qual se fôra ambulante corropio,
Seguindo o exemplo enfim de outros patolas.

Do meu engenho e arte gasto as molas
Em suspiros quebrar que à luz envio;
E já por teima só, render porfio
A cabeçuda, por quem rompo as solas.

E a amo, ela me adora com loucura,
Di-lo ao menos; se a beijo, não se espanta;
Paga-mo até; se insisto... adeus ternura!

Do matrimônio a estátua se levanta,
Negro espectro! ela torna-se brandura,
Eu a imagem do horror que me aquebranta.

Rio de Janeiro — 28 de Setembro de 1848.

A VIDA

NO ÁLBUM DO ILMO. SR. A. A. COLIN.

NÃO EXISTE o passado, pois só deixa
Triste recordação, que n'alma escreve;
Cobre-nos o porvir o véu do tempo,
Onde apenas cintila esp'rança breve.

Só existe o presente, mas inquieto,
Mas a fugir-nos preparado e pronto;
É pois a vida em seu mistério estranho
Uma saudade, uma esperança, um ponto!

Rio de Janeiro, 27 de Fevereiro de 1848.

À PARTIDA DA ATRIZ

SAUDADES DE UMA DILETANTE À SENRA. C. MEREIA

Os filhos de S. Pedro a ausência dura
 Longo tempo escrevendo memoraram,
 E por lembrança em tímida brochura
 As grinaldas tecidas transformaram;
 O nome lhe puseram sem ventura
 Dos triunfos da atriz que já passaram:
 Que fresco o livro tall que frescas flôres:
 Versos sem graça, palmas ser verdores!
 (Paródia de Camões)

— QUE TANTA tristeza é esta?

“Não sabeis o que há de novo!

“Anda aflito todo o povo...

— Santo Deus! porque razão?

“Aquela boa menina

Pequenina,

A Merea sedutora,

Vai embora

Mar em fora...”

— “Santo Deus, porque razão?!

“Nem eu, nem ela o sabe;

São cousas de bastidores;

Choveram versos e flôres,

Foi solene mangação!

Porém a doce menina

Pequenina,

A Merea sedutora,

Vai-se embora

Mar em fora,

Santo Deus! sem ter razão!”

“São Pedro, que adivinhara

Os manejos da menina,

Cinco contos lhe ofertara

Pela sua voz divina.

Cinco contos! — passa fora!

A Merea sedutora

Vai-se embora

Mar em fora:

Sim, senhores: vai-se embora,

Porque não?”

Cinco contos! bagatela!
Qualquer ministro de estado
Talvez outro tanto tem;
E do mesquinho ordenado
Nunca lhe coalha vintém!

Pois passem bem, que a menina
Pequenina,
A Merea sedutora,
Vai-se embora
Mar em fora!
Sim, senhores, vai-se embora!
Tem razão.

Pois uma artista que tem
Bilhetes que repartir,
E vestidos de veludo
Que vestir;
Tendo muitas, tendo ensaios
Com mantilhas de cetim!...
É de rir?...
Cinco contos! essa é boa!
Mais vale cantar atoa,
Que jamais cantar assim:
Pois passem bem, que a menina
Pequenina,
A Merea sedutora,
Vai-se embora
Mar em fora,
Sim, senhores, vai-se embora,
Porque não?!

São Pedro, triste porteiro,
Das pobres economias
Não pode partir fatias
Tão grandes, de pão de ló,
Porém a áurea menina
Pequenina
Nem de um santo quer ter dó.
"Adeus, lhe diz, sou cantora
"Sedutora
"Vou-me embora;
"Mas vós me dareis razão.

"Bem sabeis, porteiro amigo,
"Minha mãe mora commigo,

“E meu padastro também
 “Sou menor...” (E bem se via
 Que a menina não mentia
 Quando menor se dizia:
 Era menor que ninguém!)
 “Bem vêdes que sou menina,
 Pequenina:
 “Adeus, meu guarda portão!
 Bem sabeis que sou cantora
 “Sedutora,
 “Vou-me embora;
 “Mais vós me dareis razão.”

— “Dar-vos razão!” grita o santo:
 “Quem foi que êste mundo fêz?
 Não foste vós, Deus prudente?
 Quando três quartos de gente
 Pede ordenado de três!
 Bem sei eu que uma menina,
 Pequenina,
 Tem razão em a não ter;
 Mas se a vós, minha cantora
 Sedutora,
 São Pedro vos manda embora,
 Com São Pedro, inda alguma hora
 Vireis de certo aqui ter.”

HINO DOS REIS MAGOS

ENTRE POBREZA e miséria,
 Em singela habitação
 É nascido o Deus-Menino
 Para a nossa salvação.

Povos e reis, adorai-o,
 É nascido o redentor:
 Vem viver, sofrer na terra,
 Vem morrer por nosso amor.

Deixou a côrte celeste
 E as galas ricas dos céus,
 Quem entre os homens é Homem,
 Quem entre os anjos é Deus.

Povos e reis, adorai-o &.

Lá das partes do Oriente,
Deixando os domínios seus,
Vêm os Magos pôr as c'roas
Aos pés do Menino-Deus.

Povos e reis, adorai-o &.

Vem of'recer os presentes
Que a Arábia feliz produz.
Louvor a Deus nas alturas,
Louvor na terra a Jesus.

Povos e reis, adorai-o &.

Estrêla — Janeiro de 1850.

A VIOLETA

(NO ÁLBUM DE A. G. O. G.)

MULHERES HÁ que à rosa semelhantes
Das suas louçanias fazem gala;
São gentis! — elas próprias o conhecem,
E sabem que outra flor as não iguala.

Outras como a açucena campesina
Menos vaidosas são; porém mais belas:
Da brisa ao sôpro entregam-se inocentes
Que vem dos céus por conversar com elas.

Aquela na garbosa formosura,
Nos espinhos, que a cercam, se confia:
Esta armada de púdica inocência
Evita o sol estivo e a noite fria.

Tu, que a modesta violeta imitas,
Te escondes no silêncio da folhagem,
No abrigo do pudor misterioso
Que teme o sol e o bafejar da aragem.

Aquela no perfume se revela,
Tu nas singelas graças que revestes:
Ocultas ambas — sem as ver sentimos
O aroma puro dos jardins celestes.

Rio de Janeiro — 1851.

AO CASAMENTO DA FILHA
DO SR. NORRIS

SÃO FELIZES os laços que amor trama,
E que abençoa Deus;
Que tem na mulher a delicada origem,
E uma c'roa nos céus!

Dizem na terra os homens, quando os veem:
— Que aventureados são!
Enquanto das alturas cai sôbre êles
A celeste benção.

São dois numa só alma, duas flôres
Prêsas numa haste só.
Duas aves que vagam pelo espaço
Sem ver terreno pó.

Dois navios que juntos — de conserva,
Cortam o salso mar,
Dois cisnes que à flor de um manso lago
São vistos a brincar.

Ai! nunca as águas dêsse lago tolde
Raivoso furacão,
Nem se desgarrem pelo undoso espaço
As naus que juntas vão.

Como festivos se partiram, cheguem
Venturosos também
À mansão, onde o órfão tem família,
E o triste risos tem:

Ao lugar onde os laços de amor puro
Ledo abençoa Deus,
Onde as plantas da terra se convertem
No perfume dos céus.

Entanto os homens, quando passem, digam:
— Que aventureados são!
E dos espaços sôbre vós se entorne
Celeste benção.

Rio de Janeiro — 1 de Março de 1851.

CONSENTE-ME ESCREVER AQUI
MEU NOME!

Ao TEU LIVRO um página roubando,
Consente-me escrever aqui meu nome.
É talvez quanto resta de um amigo,
Quando a terra o seu corpo já consome.

Isto apenas! que o homem — frágil barro,
A vida frui apenas um momento,
Bem feliz quando lega uma saudade,
Ou deixa atrás de si um pensamento!

Vive tu, vive feliz, enquanto
O meu destino sigo caprichoso.
Fará tua ventura a de um amigo,
E a dita de ambos me fará ditoso.

Rio de Janeiro — 17 de Março de 1851

NO ÁLBUM DE D. LUÍSA AMAT

AMIZADE — AMOR! — laço de flôres
Que prende um breve instante
O ligeiro batel à curva margem
Da terra hospitaleira;
Com tanto amor se ennastra, e tão depressa,
E tão fácil se rompe!

À mais ligeira ondulação dos mares,
Ao mais ligeiro sôpro
D'escassa brisa — destrançam-se as grinaldas;
O baixel se afasta,
Veleja, fuge, até que em plaga estranha
Naufragado soçobre!

Talvez permita Deus que tão depressa
Éstes laços se rompam,
Por que nos pese a vida, e os seus enganos
Mais sem custa deixemos:
Sem custo assim a brisa arrasta a fôlha,
Que jaz sôlta na terra!

Rio de Janeiro — 1852.

TU NÃO QUERES LIGAR-TE
COMMIGO

TU NÃO QUERES ligar-te commigo,
Que me fôsses mulher t'infamara!...
É tua casa no sangue tão clara,
Que eu me honrasse de unir-me contigo?!...

És acaso tão pura lindeza,
Que eu não possa tua mão apertar?...
Mas teus olhos com menos pureza
Outros olhos já vi afagar!

E êsses lábios que a jura de espôsa
Para mim não darias no altar,
Nesses lábios alguém já não ousa
Algum beijo de amor estampar?

Já me ouviste falando de amôres?
Um carinho dos teus mendigar?
Já me ouviste cantar dissabores
Que o amor me fizesse passar?

Pobre louca, que o orgulho atormenta,
Despe a bronca vaidade que tens,
Nem a mim teu amor me contenta,
Nem me ferem teus falsos desdêns!

Sei amar, mas a ti!... não soubera;
Sei sofrer, mas por ti... também não;
De te amar nenhum gôsto tivera,
De perder-se — nenhuma aflição!

O meu nome que enjeitas vaidosa,
Que de ilustres avós não herdei,
Cobre ao menos pobreza orgulhosa,
Que eu contigo jamais partirei !

Não te assuste êsse fado tristonho,
Não te deixes vencer da aflição,
Vive em paz!... que eu não quero, não sonho,
Ter a posse do teu coração.

Mas se acaso uma sorte medonha
Violentar-me por ti a dar ais!
Possa ao menos morrer de vergonha,
Quem de amor não morrera jamais!

Bahia — Maio de 1852.

AS ARTES SÃO IRMÃS

AS ARTES são irmãs, e os seus cultores,
Do fogo creador nas mesmas chamas,
Perante o mesmo altar, coroam-se, ardendo.
A mesma inspiração, que acende o estro,
Guia a mão do pintor quando debuxa
Do rosto nas feições o brilho interno,
Dá linguagem sublime à estátua muda,
Ou lânguida na lira se transforma
Em sons cadentes, que derramam n'alma
Idéias do prazer — do mal no olvido!
O mesmo entusiasmo as vivifica,
São iguais, são irmãs no amor do belo!

4 de Junho de 1852.

NO ÁLBUM DE D. AMÉRICA P. R. LOPES

BELA FLOR que despontaste
Junto à margem do meu rio:
Que viço e graça creaste
Ao desfrutar o cicio
Duma aragem tropical!
Quem foi que dos pátrios climas
Te transportou — melindrosa:
Se aqui levemente inclinas
A fronte bem como a rosa
Longe da gleba natal!

Como tu peregrinando,
Choro a pátria dos meus sonhos,
Aves que folgam em bando,
E aquêles bosques risonhos

Cobertos de fruto e flor;
Mas tu, anjo e flor, desterra
Êsse véu d'agra tristeza.
Florece a flor onde há terra,
Cintila e cresce a beleza
Onde há céus, e vida, e amor.

FRAGMENTO

QUANDO A MORTE NOS COLHE, o que nos resta
A não ser das virtudes grato aroma?
Então àquele tronco semilhamos,
Que o ferro abriu, a desfazer-se em goma.

Se no fogo se abrasa, se enovela
O odoro incenso, remontando aos céus,
— Perfume grato de oblação terrestre
Que nas alturas abençoa Deus.

ESTÂNCIAS

I

O NOSSO ÍNDIO errante vaga;
Mas por onde quer que vá,
Os ossos dos seus carrega;
Por isso onde quer que chega
Da vida n'amplo deserto,
Como que a pátria tem perto,
Nunca dos seus longe está!

II

Tem para si que a poeira
Daquele que choram morto,
Quando a alma já descansa
Da eternidade no pôrto,
Nenhures está melhor
Do que na urna grosseira
Que a cada momento enxergam,

Que de instante a instante regam
Com seu prantear de amor!

III

Ando como êle incessante,
Forasteiro, vago, errante,
Sem próprio abrigo, sem lar,
Sem ter uma voz amiga
Que em minha aflição me diga
Dessas palavras que fazem
A dor no peito abrandar!

E sei que morreste, filha!
Sei que a dor de te perder
Em quanto eu fôr vivo, nunca,
Nunca se há de esvaecer!

Mas qual teu jazigo? e onde
Jazem teus restos mortais?...
Êsse lugar que te esconde,
Não vi: — não verei jamais.

IV

Não sei se aí nasce a relva,
Se algum arbusto s'inflora
A cada nova estação:
Se a cada nascer da aurora
O orvalho lágrimas chora
Sôbre êsse humilde torrão!
Se aí nasce o triste goivo,
Ou só espinhos e abrolhos,
Ou se também de alguns olhos
Recebes pia oblação.

V

Sei que o pranto, que se verte
Longe do morto, não basta:
Ê pranto que a dor não gasta,
Que nenhum alívio traz!
Sei que ao partir-me da vida,

Minha alma andar´a perdida
Para saber onde est´as!

VI

Irei beijar teu sepulcro,
Chorar meu ´ultimo adeus,
Depois, remontando aos c´eus,
Direi a Deus: "Aqui estou!"
Tu, dentre o c´oro dos anjos,
— Dos Serafins resplendentes —
Entˆao — as asas candentes,
Que a vida nˆao maculou,
— Desprega! — e meiga, humilhada,
Ao trono do Eterno vai,
E na linguagem dos anjos,
Dize a Jesus: "´E meu pai!"

VII

´Ele humanou-se! — quis ser
Filho tamb´em de mulher;
Mas d'homem, nˆao; porque os c´eus
Nˆao tem espa¸o bastante
Para um homem — pai de Deus!

VIII

Bem sabe ´ele quanta gl´oria
Sente o pai, que um anjo tem!
Julgar´a que, pois perdida
Teve uma filha na vida,
Nˆao a perca l´a tamb´em!

Manaus — 1.º de Maio de 1861.

QUE COUSA ´E UM MINISTRO

I

O MINISTRO ´e a fˆenix que renasce
Das cinzas de outro, que l'he a vez cedeu:
Nasce num dia como o sol que nasce,
Morre numa hora como vil sandeu!

Se nódoas tem, uma excelência as caia;
Mortal sublime, que não sabe rir,
Do vulgo inglório não pertence à laia,
Dará conselhos, se se lhe pedir!

Um bípede de pasta, não de barro,
Nos pés se firma por favor de Deus!
Dois fardas-rôtas trotam trás do carro
Em ruços magros como dois lebréus.

Agora, sim: temos a pátria salva,
Não fará êste o que já o outro fêz!
Grande estadista! basta ver-lhe a calva,
D'homem assim não há dizer — talvez!

Vêde-lhe a pasta, que de cheia estala
Só de projetos que farão feliz
A pátria ingrata, que seus feitos cala,
Ou mais que ingrata, o nome seu maldiz!

Vêde-lhe o saco — carga de um jumento,
Com borlas d'ouro e verde! — No costal,
Castigo do ordenança, lê-se atento
Projetos mil! secretaria tal!

Cansai-vos pois! — Quem veste aquela farda
Ha de fazer o que mui bem quiser!
Vem-lhe com ela uma sabença em barda!
Por isso acerta, quando Deus lá quer!

Se lhe lanças baldões na própria cara
Diz a alguém que o defenda, e chega a si
Com intrínseco amor a pasta cara,
E exclama: “Ó pátria, morrerei por ti!”

Ó Codros, Cúrsios, Fábios, Cincinatos,
Carunchosos heróis da antiga história,
Vinde-me aqui, e ponde-vos de rastos
Junto dêste que vence a qualquer glória!

Pois que faríeis vós? Verter do peito
O melhor sangue... pela pátria acabar!...
Imbecis! — pois mais vale com proveito
Da pátria à custa a vida flautear!

Ou se não, vêde-me êste que anafado,
Néδιο, de cara alegre, ânimo audaz,

Faz de si quando quer um deputado,
Ministro quando quer! Mas que mal faz?

Notas-lhe a frente de cuidados cheia,
Nuvens e nuvens vêdes i passar,
Como na praia turbilhões de areia,
Como em tormenta os vagalhões no mar!

Grande homem! dize: que temor te afronta?
A nau do Estado salvarás talvez!...
Qual nau do Estado?! é a horrorosa conta
Dos ruços magros, que alugou por mês!

II

Basta enfim, que é mortal feito com pasta,
Fardado, com tetéas, com galão!
Trata-se de comer — nada lhe basta;
Mas dizem que é sujeito à indigestão!

Trata-se de falar!... Aplauda-o junta,
Em pêso a maioria, — homem feliz!
Mais modesto que o Grego não pergunta,
Tem a certeza de que asneira diz!

Trata-se de escrever!... Vêde em que espaço
Fôlhas e fôlhas de papel encheu!
Cem vezes mil em ruim papel de almoço
Soberbo assina o nome ilustre seu!

Mas num dia nefasto, a turba multa
Irosa vai-se à estátua do imortal,
Com duro sparto o ilustre colo insulta
Té dar com êle em fundo lodaçal!

Logo, farda, florete, pendrucalhos
Vão para um canto a criar môfo lá!
Limpa-se o carro! pensam-se os cavalos,
Memento, homo! — Está bem morto já!

Mesmo os sendeiros dos dois fardas-rôtas,
Na rua empacam, sem querer seguir!
Debalde os tosam co'o tacão das botas,
Deitam na rua a papelada: é rir!

Agora, pois, que não há dessa gente,
Vão nossas cousas caminhar a sós!...
Mas que poeira vê-se de repente
Lá no horizonte em direitura a nós?!

Inda um ministro!... grande Deus bendito!
Doirado d'inda agora, e fresco, e assim
Vem tão contente de se ver bonito,
No olhar parece que vos diz... Eu sim!

Eia, depressa! meus dois fardas-rôtas,
Toca de novo pasta e saco a encher,
Dá-lhe que dá-lhe co'o tacão das botas
Trás do ministro largando a correr!

E ei-lo que passa o homem doutro barro!
Que tem dois pés, mas por favor dos céus!
E os dois fardas-rôtas lá vão trás do carro,
Nos rocins magros, como dois lebréus!

III

Bípede, sim; mas a cair debruços,
Não poderia ter-se em pé jamais.
Por isso marcham na vanguarda os ruços,
Sem terem culpa, pobres animais!

Dizem também, mas não o dou por certo,
Que um dêsses lesmas já assim falou —
Foi um discurso de zurrar aberto,
Do senado um taquígrafo o tomou.

“Ó tu que tens de humano o gesto e o peito,
Se de humano é matar um bicho feio
Só porque o costado tem sujeito
A quem lhe soube pôr o sujo arreo,
A estas mataduras tem respeito,
Pois te não move a rigidez do freio!

“Põe-me onde se use tôda a crueldade,
Entre leões e tigres, e verei
Se nêles achar posso a piedade,
Que em peito de ministros não achei!
Ali co'amor intri'seco e vontade
No capim por que morro, vivere!

“Pois de algum deputado a resistência
Sabes domar, sem ser com fogo ou ferro,
Sabe também dar vida com clemência
A quem para perdê-la não fêz êrro.”

Mais ia por diante o monstro horrendo
Com o sermão, que ninguém lhe encomendara,
Quando inimiga mão lhe foi batendo
Com o chicote estalador na cara!

Manaus — Maio de 1861.

OH! QUE ACORDAR!

SE O QUE SOMOS, se o que temos sofrido
Não fôsse mais que um sonho!
A despedida sem adeus, a ausência,
O destêrro medonho!

O viver sem família, sem ventura,
Sem esperanças mais...
Êste penar eterno, êste sofrer sem crime,
Êste descrer dos mais;

E aquêle ver-te qual t'eu vi, co' o pranto
Nos olhos a brilhar,
E nos lábios sorrisos por que vias
Qual era o meu penar!

Se êsse fingir que a vida te esgotava
Do pobre coração,
Se tudo fôsse um pesadelo horrível,
Um sonho vão;

Se outra vez amanhã meiga sorrindo
Me viesses contar
Teu sonho mau, durante a noite, e o ledô
Venturoso acordar!

E que de ver-te se me fôsse d'alma
D'angústia o sentimento,
Como visão noturna, como um traço n'água,
Nuvem que tange o vento!

Se em nossos peitos dêsses caos surgissem
Os êxtasis de amor,
Como aves mil, que no romper do dia
Voam de um ramo em flor!

E a vida entre nós franca! o amor possível,
E o paraíso ali!
Oh! que acordar!... Venham dizer-me agora
Depois do que sofri,

Que o mundo é vasto, que não devo amar-te,
Que renuncie a ti!
Fazei-o vós, se sois capaz de tanto...
Não o peçais de mi.

Qual o horrendo porvir que após nos guarda
Não o sabeis, eu sei!
É ser morto por dentro, é dizer d'alma
Jamais feliz serei!

É criar tédio à vida! — um só receio
Ter-se — que seja eterno
Este viver, êste descrer de tudo,
Êste penar do inferno!

Manaus — 30 de Maio de 1861.

SE MUITO SOFRI JÁ,
NÃO MO PERGUNTES

SE MUITO sofri já, se ainda soffro
Por teu amor?!
Não mo perguntes! que do inferno a vida
Não é pior!...

Eu! vegetar da terra entre os felizes!
Que faço aqui?
Sonhos de amor, de glória, — lá se foram
Atrás de ti!

A ver se encontro d'esperança um raio
Olho em redor,
E nada vejo, e mais profunda sinto
No peito a dor!

Que faço aqui? Dias cansados, anos
Sem fim — durar!
Depois que te perdi, viver ainda,
Viver! penar!...

Eu, não! Quem fôr feliz que preze a vida,
Tema perdê-la!
Por mim não tenho horror, nem tédio à morte,
Clamo por ela!

Bendita seja pois a que mandada
Me fôr — por Deus.
Matar-me, não; que quero ver-te ainda
Feliz nos céus!

Mas no pego da dor, em que me abismo,
— Nesta aflição
Negra como a do cego que na estrada
Esmola o pão!

Como a do viajor que pelas trevas
Sem tino vai,
E, errado o trilho, se embrenhou nas matas,
Nem delas sai!

Neste viver sofrendo, errante, louco,
Mísero Jó,
Que amigos e inimigos à porfia
Pungem sem dó!

Às vezes, da amargura no remanso,
Ao Creador
Minha alma eleva cânticos de graças,
Hinos de amor!

Que se estivesse em mim renascer hoje,
Sofrer o que sofri...
Eu quisera viver para inda amar-te
E amado ser por ti!

Manaus — 16 de Junho de 1861.

NO JARDIM!

LEMBRA-TE o Jardim, querida!
Lembra-te ainda da vida
Aquela quadra florida,
Que ali passamos então! . . .
— Duas salas, um terraço,
Poucas flôres, muito espaço,
Muita luz; mas a melhor,
— A flor do teu coração,
A luz do teu santo amor!

Não tinha a casa pintura,
O chão não tinha cultura:
Paredes nuas, ladrilho,
Tudo singelo, sem brilho . . .
Ninguém diria a ventura
Que ali se podera achar!
É porque ninguém sabia
Que tu ali vinhas ter
A cada romper do dia
Como um raio de alegria!

É que o sol no seu morrer
Seus raios ali mandava,
Como que nos céus fixava
A história do amanhecer!
— Que o ciclo da nossa vida
Da terra oscilava aos céus,
Na luz do amor teu, querida,
Na luz mandada por Deus!

E depois, se vinha a noite,
Fôssem trevas ou luar,
— Como em sonhos prazenteiros,
Como em mágicos luzeiros,
Do infinito pelos campos
Se ia minha alma a vagar!
— São menos os pirilampos
No bosque — à noite! — as estrêlas
Nem tantas são, nem tão belas
Como os doces devaneios,

Desejos, temor, receios,
Daquele ameno cismar!

Vivia! estava desperto!
Eu contigo me entretinha;
Tu ali estavas — bem perto,
A voz te ouvia que vinha
De amor minha alma inundar!
Mais formoso que tal sonho
Era só meu acordar,
Vendo teu rosto risonho,
Vendo nêle do meu sonho
A imagem se desenhar!
— Ouvindo-te a voz macia
Baixinho pronunciar
Frases de amor, de poesia,
Que ninguém podera achar!

Crê-me! a infanta portuguêsã,
De Inglaterra a princesa,
Laura, Elvira, Beatriz,
Nos cantos de ilustres bardos
Só — foram grandes: tu, não!
Distinta por natureza
No sentimento rainha,
A poesia te vinha
Sublime, estreme, feliz,
Traduzida em gesto brando,
Ou d'alma plena brotando
Do abundante coração,
Ampla, caudal como um rio,
Como pérolas em fio
A granizarem no chão!

Aquelas vivem eterno
Na história do seu amor!
Em trono de luz sentadas,
C'roadas de resplendor!

Mas, quem dirá o que foste!
O que és ainda — talvez!
Se estas pobres fôlhas sôltas
Nem chegarão a teus pés?!

A BAUNILHA

VÊS COMO AQUELA baunilha
Do tronco rugoso e feio
Da palmeira — em doce enleio
 Se prendeu!
Como as raízes meteu
Da úsnea no musgo raro,
Como as fôlhas — verde-claro —
 Espalmou!
Como as bagas pendurou
Lá de cima! como enleva
O rio, o arvoredado, a relva
 Nos odôres,
Que inspiram falas de amôres!
Dá-lhe o tronco — apoio, abrigo,
Dá-lhe ela — perfume amigo,
 Graça e olor!

E no consórcio de amor
— Nesse divino existir —
Que os prende, vai-lhes a vida
De uma só seiva nutrida,
Cada vez mais a subir!

Se o verme a raiz lhe ataca,
Se oraio o cimo lhe ofende,
Cai a palmeira, e contudo
Inda a baunilha recende!

Um dia só! — que mais tarde,
Exausta a fonte do amor,
Também a baunilha perde
Vida, graça, encanto, olor!

Eu sou da palmeira o tronco,
Tu — a baunilha serás!
Se sofro, sofres comigo;
Se morro — virás atrás!
Ail que porisso, querida,

Tenho aprendido a sofrer!
 Porque sei que a minha vida
 É também o teu viver.

Manaus — 17 de Junho de 1861.

SE TE AMO, NÃO SEI !

AMAR! se te amo, não sei.
 Oíço aí pronunciar
 Essa palavra de modo
 Que não sei o que é amar.

Se amar, é sonhar contigo,
 Se é pensar, velando, em ti,
 Se é ter-te n'alma presente
 Todo esquecido de mi!

Se é cubiçar-te, querer-te
 Como uma benção dos céus
 A ti sòmente na terra
 Como lá em cima a Deus;

Se é dar a vida, o futuro,
 Para dizer que te amei:
 Amo; porém se te amo
 Como oíço dizer, — não sei.

Sei que se um gênio bom me aparecesse
 E tronos, glórias, ilusões floridas,
 E os tesouros da terra me oferecesse
 E as riquezas que o mar tem escondidas;

E do outro lado — a ti sòmente, — e o gôzo
 Efêmero e precário — e após a morte;
 E me dissesse: “Escolhe” — oh! jubiloso,
 Exclamara, senhor da minha sorte! —

“Que tesouro na terra há'i que a iguale?
 Quero-a mil vêzes, de joelhos — sim!
 Bendita a vida que tal preço vale,
 E que merece de acabar assim!”

Manaus — 25 de Junho de 1861.

COMO! ÉS TU?

COMO! És TU?! essa grinalda
De flôres de laranjeira!...
Branco véu, nuvem ligeira
Sôbre o teu rosto a ondear!
Pálida, pálida a fronte
E os olhos quase a chorar!

És tu! bem vejo... não fales!
Cala-te! já sei o que é!
A mão vais dar, vida e fé
A outro!... Vais te casar.
Pálida, pálida a fronte,
Olhos em pranto a nadar!

E vais! e és tu mesma? — e vais!...
Fui eu quem te dei o exemplo...
Sei que te aguardam no templo,
Deixa-me aqui a chorar:
Fazes sômente o que fiz,
Não fazes mais que imitar!

Mas eu quis ver-te feliz,
Não dar-te exemplo!... pensava
Que ileso e firme ficava
O teu amor — a aguardar
A fé, que eu mesmo, insensato!
Fui o primeiro a quebrar!

Contradições d'alma humana!
Fui, sim, quem te dei o exemplo,
Isso quis, e ora contemplo
Essa grinalda — a chorar,
A fronte pálida, pálida,
E o branco véu a ondular!

E ha de o mundo inda algum dia
Do olvido o véu tenebroso
Estender por tanto gôzo,
Tanto crer, tanto esperar!
Vai que te aguardam: já tardas:
Deixa-me aqui a chorar!

Vai! e que os anjos derramem
Sôbre ti flôres, venturas,
Que as alegrias mais puras
Floresçam dos passos teus:
E que entres na casa estranha
Como uma benção dos céus!

Que a fortuna — de veludos
Alcatife os teus caminhos,
Que o orvalho dos teus carinhos
A êsse faça feliz
Com quem te casar — que te ame
Como te amei e te quis!

Porém procura esquecer-te,
Das venturas no regaço,
De mim, dos votos que faço,
De quanto pedi aos céus
Ver êste dia... mas choro!
Vai! sê feliz! adeus!

Manaus — 25 de Junho de 1861.

REVELAÇÃO

QUEM É MAIOR do que os Anjos,
Mais radiante que a luz?
Quem amar Deus nos ensina,
Na doutrina mais divina?
JESUS!

Tecem coroas de glórias
As alvoradas do dia,
Enaltecem-na os Arcanjos
Em divina melodia?
MARIA!

Quem souber honrar o trabalho,
A paciência, a humanidade,
Ensinando a humildade
E em Deus despertar a fé?
JOSÉ!

Seja, pois, esta trindade,
Vosso guia e vosso norte,
Não receies os horrores,
Que se nos pintam da morte,
Se os invocardes com fé:
Jesus, Maria, José!

A MINHA ROSA

A MIM! foi a mim que o ouviste?
Eu! — chamá-la minha rosa!...
De certo que é bem formosa,
Entre criança e mulher!
Se a vejo tão jovem inda,
Tão simples, tão meiga e linda,
Da vida no rosicler;

Podia chamá-la — rosa,
De musgo ou de Alexandria,
Rosa de amor, de poesia,
Mais lhe não dava que o seu;
Porque se essa flor mimosa
Já chegaste ao seu retrato,
Havias ver como a rosa
De repente esmoreceu!

Porém teu amor, querida,
Teu amor que é minha vida,
Que é meu cismar, que é só meu;
Esse que te faz formosa
Entre tôdas as mulheres,
Onde achá-lo?! — Minha rosa...
Minha és tu!... como sou teu.

Não nego que é meiga e linda,
Entre mulher e criança,
Tão jovem, tão meiga, e ainda
Da vida no rosicler;
Mas tu vales mais do que ela,
Não conheces bem teu preço,
Acho-te muito mais bela,
Como és, — entre anjo e mulher.

CIÚMES

CIÚMES! Pois tens ciúmes!
Por que?! — porque à esta, àquela
Contemplo e digo que é bela,
Ciúmes daí te vêm?

Mas sabe! — desde que te amo,
Tudo me agrada e recreia!
Tenho esta vida tão cheia,
Sinto que vivo tão bem!

Que tudo me arrouba e enleva,
Mar e terra, nuvens, céus,
Estrêla, flor, planta e relva,
Tudo quanto vem de Deus,
Quanto nos olhos reluz,
Quanto o mundo exterior
Do belo em formas traduz;
Quanto um peito amante cisma
Vejo eu ao través da luz,
Ao través do claro prisma
Do teu santo, imenso amor!

Amo tudo quanto sinto,
Quanto a minha vista vê;
Teu reflexo vejo em tudo,
E tens ciúmes!... Porquê?!

Como se vêm pinturas,
Estátuas belas, — assi
Vejo-as também. Formosuras
Sejam, que eu só amo a ti!

Há três amôres, querida.
O amor da terra — vulgar,
Outro em região mais subida,
Mais inda fácil de achar.
— Outro por fim a pairar
Longe do mundo e da vida,
Em luz de mais clara esfera,
Sem borrascas, sem negrumes,
Ali já não há ciúmes;

O teu julguei que assim era!
 Vês tu? — É como quem sobe
 Altivo monte. Primeiro
 Vê formar-se o nevoeiro,
 Vê-o da terra a surgir!

Mais alto sobe! — Das nuvens
 Vê os castelos formados,
 Torvos, feios, tropejados,
 E a tempestade a rugir,
 E a terra como sumida
 E os céus como a luz roubados!
 Convém mais alto subir,
 Muito mais alto, querida!
 Mais alto, que de lá vês
 Os céus sem nuvens — por cima —
 E a tempestade a teus pés.
 Ali já não há negrumes,
 O dia ali não tem véus;
 Ai! só na terra há ciúmes,
 E o teu amor é dos céus.

TENS MAIS POESIA

QUE TE DIREI?! — Em ti mesma
 Lê;
 Que aí melhor poesia,
 Crê,
 Hás de achar que em versos meus.

Poesia que vem d'alma,
 Fé
 Que a vida ilumina e doura
 Té
 Que vai se prender a Deus.

É tal a tua poesia,
 É
 Qual de flor mimosa e oculta
 Pé
 Que em densa moita se cria!

Respira-lhe o doce aroma
Quem
Passa ali, nem sabe donde
Vem
O aroma que todo o arrouba!

POEMA AMERICANO
FRAGMENTO

FÉRTIL A TERRA produzia outrora
Deleitosa abundância: em tôda a quadra
Lourejava o caju, pendia o milho
Das verdes hastes — uberosas glebas
Aqui, ali, rachavam-se, mostrando
A macaxeira, o aipi — da vida esp'rança.
Piscoso o rio, as margens povoadas,
Pingue a floresta, semelhante à fera
Que ao recém-nado filho as têtas duras
Cópia de leite incômodo apresenta,
Tal se mostrava a natureza — outrora.
Foi isso outrora — o homem de insensato
Do bem que tinha desgostou-se em breve,
Novo prazer buscando em males novos!

Eis qu'entre os de Tupã filhos revoltos,
Prodígio estranho — de melenas brancas,
Alvo o semblante, venerando o aspecto,
Forasteiro ancião se mostra súbito;
Mas válido e robusto envelhecera
Como envelhece o ipé. Deram-lhe os anos
Mais cerne ao tronco — majestade às ramas.
Traz mau conselho a frouxidão do ócio,
O velho assim se exprime: os dons do Ibaque,
São do Ibaque outra vez, já não são vossos;
Mas tendes franca a terra, livre a escolha
Da sorte (eu vo-la dou) que mais vos praza,
Podeis rasgar-lhe o seio, fecundá-la
Com ímprobo trabalho: as louras messes,
Que ora vicejam, sós virão à custo
Do parco agricultor em prêmio à lide;
Talvez porém malsazonadas murchem,
Ou no verdor das fôlhas mentirosas
Poreis esp'ranças vã de larga ceifa.

Detém-se o velho aqui — turvos semblantes
 Contempla em tórno a si; porém mais turvos
 Nota que são depois que a voz lhe ouviram.
 Loucos, que rejeitais de um Deus a oferta,
 Mal asbeis quanto é grato ver a planta
 Crescer, vingar à fôrça de cuidados,
 Hoje verde e viçosa — amanhã triste
 E murcha um pouco — já retoma o viço,
 Alarga os ramos — copa-se frondosa,
 Matiza-se flôres que embalsamam,
 E enfim de frutos carregada verga.

Outra sorte quereis? prossegue o velho,
 Outra sorte vos dou. — Quereis na vida
 Aspérrima e cruel de acesos prélios
 A terra conquistar, e em duras festas,
 Enquanto os hinos da vitória soam,
 Com langor celebrar cruentas lutas?
 Guerra quereis enfim? — “Queremos guerra.
 E da terra o labor ingrato e duro
 À turba mulheril fique e se guarde.”
 — Guerras tereis, lhes torna merencório,
 Sem descanso as tereis; e nisto arroja
 No solo pulvurento a bruta maça.
 Com arma igual sereis nunca vencidos,
 Disse; mas ai de vós — de vossos netos,
 Dos últimos vindouros, se rebentam
 Discórdias entre irmãos — Tristes! se acaso
 Não pondes côbro ao mal! Há de o contágio
 Lavrar por todos vós — té que vos faça,
 Dominados de atroz vingança infausta,
 A estranhos fins servir em dano próprio!

Mal atendem aos últimos conselhos:
 “À guerra! à guerra, amigos — todos bradam,
 Nesse viver de aspérrimas contendidas
 Fama, troféus se lucra, e nome ilustre.”
 Dizem, fazem-no assi, prestam-lhes armas
 O mar, o rio, as árvores e arbustos,
 Nem lhas refusa a planta, o rude galho
 Pasma de ver-se unido à dura pedra,
 Fácil por mãos robustas manejado.
 Guarda-os o couro do tapir — a forte escama
 Do jacaré sanhudo — a arraia, o peixe
 A farpoada seta lhes aguçam,

Fibras do gravatá vergam sem custo
Do ipé e da braúna os arcos duros,
Arma-os a canarana e a voragica,
E ervada de finíssimo veneno
Nas plumas dos voláteis silva a morte.

Na posse do tacape lhes foi dada
Da terra a posse — invadem conquistando,
Imperam, mas de sangue se embriagam,
E o bravo outrora, hoje cruel se chama!
Que vale resistir-lhes? — Tudo cede,
Tudo ao seu poder se acurva e humilha.
Férteis ilhas perdidas no oceano
Do seu nome se chamam: foi de balde
O trato que as divide — infindas hostes
Para defesa armadas — brandos ventos
Os levam — no fronteiro continente
Surgem, tranquilo o mar, na estranha igara.

Já senhores, nas tabas opulentas
Folgam de ouvir mesclados dialetos,
Estranhos sons na feminil loquela.
Águas da corrente assoberbada
Pela fúria do inverno, que vencendo
Como ímpeto fremente as altas margens,
Árvores prostram, selvas de liames
Boiantes após si ao pego arrastam —
Novos leitos forçando,
Tal dos heróis a fúria se revela;
Mas ai dos malfadados, que já travam
Combates entre si! — Um Deus, que vale?
Que prestam seus avisos, quando o ódio
Crava raiz na terra ensanguentada,
E à vingança o guerreiro excita e impele?

Qual fôsse a causa da fatal zizânia,
Lembraí-ma vós, espíritos beni'nos
Que na voz da acauã gemeis sentidos.
Ai nesse mesto canto inda suspiram
Almas fortes de heróis, — inda lamentam
Da discórdia os fatais e ruins efeitos,
Da selva as ramas fremem compassivas
Nos ecos murmurosos — nós, seus netos,
Prestamos surdo ouvido à voz plangente.

Cranjé, filho de Imbé, guerreiro ilustre.
 De ser dos chefes o maior s'ufana,
 Graças à turba infinda que o rodeia.
 Mais rico de trofeus — Taoba ostenta
 Colar que cinco vêzes sôbre o peito
 Frouxo e às largas lhe cai, e a lunar forma
 Cinco vêzes crescendo mutiplica:
 Rico de igarités, de remos fortes,
 Que a seu querer do mar as ondas rasgam,
 D'espalhar o espanto, e o susto e a morte
 Ao longe se contenta — à uma ilha e à outra,
 Do seu nome o terror levam as ondas.
 Granjé propõe-lhe um dia: "Ilustre chefe
 D'igarités sem conto — eu de soldados
 Cópia infinda governo — nossas fôrças
 Unamos pois, e os maracás se ajuntem,
 A ti e a mim cabendo igual império,
 Em firme, eterna aliança; e como o vento
 Quando revôlto nestas ilhas sopra,
 Vamos à terra oposta, ali teu nome,
 Guerreiro ilustre, e o de Cranjé se escutem!

Taoba aceita, inúmeras igaras
 Rasgam do mar o seio entumecido,
 Tres sóis — e ao quarto sol a fôfa espuma
 Cospem de Marajó nas brancas praias.

Grato descanso após penosa lida
 Presta-lhes amiga terra, — ovantes folgam
 De ver, examinar, correr a praia,
 Frutos colhêr, a discutir quais sejam
 Da terra inculta os íncolas; que sorte
 Lhes oculta o porvir. Taoba entanto
 Vai só — quase sem armas — ínvias matas
 No ardor que cego o arrasta p'rescrutando.

Súbito os bosques rasgam-se — aparece
 Ao longe o mar — e próxima arenosa
 Branca praia cintila ao sol do ocaso,
 E aqui, além, dos muricis nas moitas
 Em juvenil folguedo descuidadas
 Brincam donzelas mil; a mais airosa,
 Meigo feitiço d'olhos que suspreende
 Vontade e corações — por anos quinze
 Escassos, vira em flor o cajueiro,
 Nasceu com ela o juçaral no brejo,

Mal no peito gentil e airoso e iguala,
Mas fruto inda não deu, inda não tinge
De roxa e viva côr os longos cachos.

Tolhida pela súbita presença
Do bárbaro guerreiro — desfalece,
Desmaia a triste, qual se horrendo tigre
Tivesse em frente a represar-lhe a vida
No coração. Taoba, que mal pensa,
Por quanto lhe revolve e agita o seio,
Ter ante os olhos seus humana forma,
Quem seja inquire e de que pais nascida.
Da razão de terror tornada apenas,
A mísera responde: — “não conheço,
Bendiga-me Tupã, nem pai nem tribo,
A mim tapera os cariris me chamam.”
— “Tapera a ti?! já não no és, se o fôste;
Nas surdas tabas a andorinha folga
Prendendo os ninhos seus aos ermos tetos,
Mas tu, que para adôrno do guerreiro
Nasces, ave gentil, guará soberbo,
Virás comigo — onde Peri mimosa,
Na idade igual a ti — talvez mais bela,
Noiva de seu bom pai te abraça amiga.
Pasmados te contemplem meus guerreiros
O rosto e o porte, — a minha escolha aplaudam
E de Taoba o xerimbabo invejem!” —
Disse e não mais, travando-lhe do braço.
Ela, qual mimosa sensitiva,
Desmaia ao toque rude; êle a sopesa
E nem lhe sente o pêso, recorrendo
A nôta senda, qual jaguar sanhudo
Que ao antro leva a corça esmorecida —
Pasto abundante à fome que o devora.

Prêsa infeliz! funesto encontro aquêle,
Mal entra no arraial, vendo-a tão bela
Rudos e feros os corações se enlevam,
Porém de Imbé com mais violência a chama
Se lhe ateia no peito — tudo olvida,
Cedendo ao impulso de fatais desejos,
A emprêsa começada, a própria glória,
Guerras, conquistas — tudo — desde essa hora,
Daquele ser na posse os seus anelos
Concentra; e fora dêle o mundo é nada.

“Dêsse mimoso achado em câmbio acelta,
 Venturoso Taoba, o arco, as setas,
 Armas, troféus de Imbé — e os seus guerreiros
 Sigam do teu cocar mescladas plumas,
 Benquistas da ventura: eu dessa jóia
 Contento e pago, às pátrias ilhas volvo.”

— “Verde nefrito achei, lhe diz Taoba,
 Que me podes tu dar da pedra em trôco?
 Se doutrem fôra, — eu pola haver servira
 Quantos anos do ipé têm visto as flôres.
 Trocá-la não — dá-la tão pouco — é minha.
 Com zêlo a guardarei — feitiço e risos
 Do triste alvergue meu — depois que a morte
 Órfã minha Peri deixou commigo.”

— “Dá-ma, lhe diz Imbé: cabe a mais bela
 Ao mais valente, e a ninguém cedo — o sabes! . . .

— “Exceto a mim sòmente”, lhe replica
 O selvagem guerreiro alçando a fronte,
 E a voz ao gesto: freme-lhe no peito
 O ominoso colar!

.....

AO GRANDE LITERATO HOMEOPÁTICO DR. VELUDO

DIZEM que o velho Diógenes
 De novo ao mundo voltou
 Com sua lanterna acesa,
 E a Guanabara chegou,

— “Quem é, pergunta êle, aqui
 Um doutor pilha-bonito,
 Panegirista *quand-même*
 De Frei Bernardo de Brito?”

— “*Ecce homo!*” — lhe dizem.
 — “Doutor . . . aquilo?” — “Oh se é!
 Faz plágios, copia, imprime
 Volumes que ninguém lê.

“É o moderno Tostado,
E em finanças não Zote,
Grande home'em tudo e por tudo,
In utroque, utraque, utroque!”

— “*Eureka!* interrompe o Grego;
“Dava p'ra o ver uma perna!
Achei um asno às direitas,
Posso apagar a lanterna.”

AO DOUTOR DOS MANUSCRITOS

PETIÇÃO

SENHOR! umas pobres traças
Dos fundos do Garnier,
Que lá estavam certo dia
Quando sua senhoria
Lá foi fazer não sei quê,
Maldizem sua má sina
Ao lembrar seus doutos ditos
De ir vender seus manuscritos
Ao imperador da China;
E isto... oh vergonha! oh dor!
Porque de quantos governos
Há neste mundo de Cristo,
O nosso já está bem visto
Que é de todos o pior.

Pois as sobreditas traças,
Com o respeito devido,
Lhe pedem seja servido
Revogar tais ameaças,
Atendendo ao seu direito,
Que humildes passam a expor!
D'abord, parece mal feito
Que um tão inteiro sujeito,
Como é vossa senhoria,
Homeopata e doutor,
Honra e glória da Bahia,
E brasileiro como é,
Revele dêses segredos,
Que nos dão sustos e medos,
Em casa do Garnier!

Eis que França e Inglaterra
 E americanos também
 Ligam-se e em larga súcia
 Por mar em fora lá vem
 À esta terra de mouros,
 E perguntam: "Quem os tem
 Êsses divinos tesouros?
 Venha aqui o doutor Plágio
 A no-los vender... *God dam!*"
 E apenas aqui chegados,
 Ficam todos endiabrados,
 E sóco velho, armas, fogo,
 Murros e queixos quebrados,
 Guerra e sangueiras fatais...
 E de tantos males causa
 Sereis, ó Marcos Mirais!
 Mas se isto não acontece;
 Estas muitas suplicantes
 Não podem sofrer caladas
 Epigramas fulminantes
 Contra êste pobre govêrno!
 É um govêrno paterno,
 Senhor doutor, — pai e amigo
 Do povo traça — modêlo
 De quantos governos há!
 Pois qual outro ajuntará
 Com cuidados incessantes
 Essa imensa papelada,
 Que é pasto, cama e morada
 Destas cujas suplicantes?!
 E eis as razões por que
 (Fora mil outras razões
 Que ofendem a cortesia)
 Parecem indiscrições
 O que vossa senhoria
 Disse ao senhor Garnier.

D. EMÍLIA

JÁ MIMOSAS as flôres desabrocham,
 Já mais ledos os pássaros gorjeiam:
 Mas nem aves nem flôres
 Nos dizem sós que a Primavera chega,

Que já freme na fôlha envilecida
Do inverno aos crus rigores.

Que também tu, Musa gentil, despertas!
Aura d'amor sussurra-te na lira
Dulcíssima canção!
Ridente arbusto, quando o vento o agita
Do perfumado orvalho de mil flôres
Cobre e matiza o chão.

Canta, Musa gentil, que a poesia
Nos lábios da mulher soa mais doce,
Mais espontânea vem
No albor da vida: em coração de virgem,
Que sonha amor e d'ilusões se nutre,
Seu próprio ninho tem.

Canta, Musa gentil! Há nos teus versos
Um mimo tal que a pátria nos recorda,
Que entenece, que apraz
Como o pudor da sensitiva, a queixa
Da casuarina, da baunilha o aroma,
O olor do sassafrás!

O céu faz dom da lira aos que mais ama.
Feliz quem pode a dor lenir cantando,
Mas inda mais feliz
Quem da existência os arrebois, com ela,
Dissolve nas mil faces dêsse prisma
Que vida e amor se diz.

Canta, e verás que aceites são teus cantos,
Verás também que mesmo entre soluços
Aplaudem-te os mesquinhos!
De rosas festivos cingem-te a fronte,
Invejam-te! mas tu no entanto sofres,
Que há nessa c'roa espinhos!

Qu'importa? Na miséria dêste mundo
À dor, que surda lavra por nossa alma,
O rosto mal condiz!
Estala o coração, riem-se os lábios!
Invejam-te? . . . Pois bem! Ser invejada
É quase ser feliz!

É ALEGRE A FLOR QUE BROTA

É ALEGRE a flor que brota
Sôbre o talo melindroso,
E o arrebento viçoso
Crescendo em flóreo tapiz:
É doce o romper da aurora,
Doce a luz da madrugada,
Doce o luzir da alvorada,
Doce, mimoso e feliz.

É bela a virgem risonha
Com seus músicos acentos,
Com seus virgens pensamentos,
Com seus mimos infantis,
Como quanto inceta a vida,
Que, à luz sorri da existência,
Que tem na sua inocência
Da mocidade o verniz.

Vinga a flor a pouco e pouco,
Cada vez mais bem querida,
Tem mais encantos, mais vida,
Tem mais brilho, mais fulgor.
De cada gôta de orvalho
Extrai celeste perfume,
E do sol num raio assume
Cada vez mais viva côr.

Assim à virgem risonha
Pouco a pouco, noite e dia,
Mais viva flor de poesia
Do rosto sente na côr;
E um anjo nos meigos sonhos
No peito — da sua essência —
Derrama o odor da inocência
— Um doce raio de amor.

Porque tudo quanto nasce,
Seja a luz da madrugada,
Seja o romper da alvorada,
Seja a virgem, seja a flor,

Tem mais amor, tem mais vida,
Como recente feitura
Caindo formosa e pura
Dentre as mãos do Creador.

Lisboa — 1864.

SEU NOME
(IMITAÇÃO)

O SOM DO NOME seu é doce aos lábios,
Macio se desliza e flui risonho,
Como entre flôres um regato corre,
Como entre as faces do polido prisma
A luz ostenta um íris luminoso.

É como a aurora boreal seu nome,
Como êsses meteoros, que em uma noite
De sereno luar, cortando as nuvens,
Deixam nelas um traço de luz branca,
Qu'afaga os olhos, e o prazer semelha!

É como a luz do sol, como o perfume
De missiva d'amor, ou semelhante
Ao silêncio da noite, à luz do dia,
Ao pipilar dos pássaros no bosque,
Ao murmurar da fonte em quadra estiva.

É da cidade eterna o nome santo,
É o meu talismã, é o meu nume,
O astro, a glória, o símbolo, o segrêdo
Desta vida cansada, o sol dos pólos
Bordando os céus num círculo de fogo!

Seu nome só direi nalgum momento
D'extrema dor, como em baixel que afunda
Em alto mar, em noite tormentosa,
Ou nos últimos bocejos da existência.

O seu nome é a luz, o amor, a vida,
A felicidade, o paraíso, o signo
Do rei que desfazia encantamentos,
— O signo dos milagres e prodígios
É o seu nome; pois que a amei, e vivo!

Lisboa — 1864.

AMOR DE ÁRABE

DE CAVA rocha musgosa
Serena fonte caía,
Caía por entre pedras,
Por entre flôres corria.

A essa fonte querida,
Amor do seu coração,
Vinha, sempre, à tarde, a jovem
Bela filha do Sultão

E sempre junto da fonte
Via ela de cada vez
Um môço d'olhos ardentes,
Coberto de palidez.

Um dia — não se conteve;
Vai-se-lhe a êle veloz:
“Dize quem és, eu to ordeno,
Que estás aqui sempre a sós.”

— “Escravo sou — diz-lhe o môço,
E mais e mais perde a côr;
— Sou duma tribo d'Arábia
Que morre, em sentindo amor. —

MINHA TERRA

QUANTO É GRATO em terra estranha,
Sob um céu menos querido,
Entre feições estrangeiras,
Ver um rosto conhecido;

Ouvir a pátria linguagem
Do berço balbuciada,
Recordar sabidos casos
Saudosos — da terra amada!

E em tristes serões d'inverno,
Tendo a face contra o lar,

Lembrar o sol que já vimos,
E o nosso ameno luar!

Certo é grato; mais sentido
Se nos bate o coração,
Que para a pátria nos voa,
P'ra onde os nossos estão!

Depois de girar no mundo
Como barco em crêspo mar,
Amiga praia nos chama
Lá no horizonte a brilhar.

E vendo os vales e os montes
E a pátria que Deus nos deu,
Possamos dizer contentes:
Tudo isto que vejo é meu!

Meu êste sol que me aclara,
Minha esta brisa, êstes céus:
Estas praias, bosques, fontes,
Eu os conheço — são meus!

Mais os amo quando volte,
Pois do que por fora vi,
A mais querer minha terra
E minha gente aprendi.

Paris — 1864.

POESIAS TRADUZIDAS

A TRISTE FLOR
DE VITOR HUGO
(Traduzido do francês)

À LINDA BORBOLETA alibrilhante
A flor dizia assim:
Que diferentes somos! Vês que eu fico,
E tu foges de mim!

Nós vivemos contudo sem os homens,
Sem êles nos amamos,
E ambas formosas, ambas flôres, dizem
Que nós nos semilhamos.

Mas o ar te conduz!... e eu fico prêsa!
Que fado o meu!
Com meu perfume antes soprar quisera
No céu — o vôo teu.

Mas não, que longes vais!... por entre as flôres
Me vais fugindo.
E eu fico a ver-me a sombra que na terra
Se está bulindo.

Vais e voltas e foges para longe
Mais caprichosa:
Assim m'encontras sempre a cada aurora
Tôda chorosa.

Ah! porque d'ora a vante não soframos
Mágoas cruas,
Como eu, cria raiz, — ou presta-me asas,
Como as tuas.

Ou rosa ou borboleta, — a morte cedo
Nos vem buscar.
Não a esperemos, não: vivamos juntas
Num só logar.

Num só lugar, ou sejam mansos ares,
 Se ali te exaltas;
 Ou sejam campos, se é ali que a relva
 De prantos esmaltas!

Não importa o lugar! — o quer que sejas,
 Alento ou côm,
 Ou corola orvalhada, ou borboleta,
 Ou asa ou flor.

Vivamos juntas, onde mais te agrade:
 Pouco importa o lugar:
 Que ou seja terra ou céu, estando juntas,
 Nos havemos de amar.

PROFECIA DO TEJO
 DE FRAY LUIS DE LEÓN
 (Traduzido do espanhol)

FOLGAVA el-rei Rodrigo
 Com a formosa Cava — na ribeira
 Do Padre Tejo amigo!
 O rio — a sobranceira
 Fronte eleva, e lhe diz desta maneira:

“Em hora infausta gozes
 Do roubo injusto, ó rei! que o arruído
 Escuto já, e as vozes
 E as armas e o bramido
 De Marte, — de furor e armas cingido!

“Ah! quanto essa alegria
 De prantos está cheia!... E essa formosa
 (Nascida em triste dia),
 À Espanha, ai! quão custosa!
 Quanto ao cetro dos Godos lastimosa!

“Chamas, e luto e guerras,
 Mortes e assolações e duros males
 Nos braços teus encerras!
 Trabalhos imortais
 A ti, e a teus vassalos naturais;

“Aos que em Constantina
Rompem o fértil solo, — a quantos banha
O Ebro, e à vizinha
Sansuêna, e à Lusitânia
E a tôda triste e dilatada Espanha!

“Já lá de Cádiz chama
O injuriado Conde (que à vingança
Atende, e não à fama)
A bárbara pujança
De quem para teu mal não tem tardança!

“Ouve que o céu já toca
Com temeroso som a trompa fera,
Que em África convoca
Os moiros à bandeira,
Que livre ao ar desdobra-se ligeira!

“A lança já maneja
O árabe cruel, e fere os ventos,
Incitando à peleja
Inumeráveis centos
D'esquadras juntas em alguns momentos!

“A gente cobre o solo!
Já debaixo das velas desaparece
O mar, — a voz ao pólo
Confusa e vária cresce:
O pó encobre o dia e o escurece!

“Ai, que já pressurosos
Sobem as largas naus! — ai que já tendem
Os braços vigorosos
Aos remos, — e já rendem
Os crespos mares, que robustos fendem!

“O Éolo direito
De pôpa infuna a vela; e larga entrada
D'Hércules malfadada,
O grão Padre Neptuno of'rece à armada.

“Ai, triste! inda te prende
O regaço ominoso?! — nem chamado
Ao grande mal que pende
Acodes! — Pois tomado
Não vês o pôrto a Hércules sagrado?!

“Oh! corre sem demora!
Desce da serra altiva, ocupa o plano:
Não perdoes à espora,
Foge ao ócio tirano,
Qu’ora convém brandir o ferro insano!

“Ai! quão dura fadiga!
Ai! quanto de suor vê-se iminente
A quem veste loriga,
Ao infante valente,
Aos homens e aos cavalos juntamente!

“E tu, Bétis divino,
De sangue alheio e teu todo manchado,
Quanto ao mar vizinho
Vais dar d’elmo quebrado,
Quanto corpo de nobres destroçado!

“O furibundo Marte
Cinco vêzes as sortes desordena,
Iguais de parte a parte:
Na sexta, ai! te condena,
Ó cara pátria, a dura e servil pena!”

TENS JÓIAS E DIAMANTES

DE H. HEINE

(Traduzido do alemão)

TENS JÓIAS e diamantes,
Quais não tem tuas rivais,
Tens os mais belos dos olhos...
Amor, que desejas mais?

E sôbre êsses olhos belos
Já de carmes imortais
Tenho composto volumes...
Amor, que desejas mais?!

E com êsses olhos belos,
Até não queres mais,
Tens -me pôsto à dependura...
Amor, que desejas mais?!

VEM, Ó BELA GONDOLEIRA

DE H. HEINE

(Traduzido do alemão)

VEM, Ó BELA gondoleira!
Ferra a vela, — junto a mim
Te assenta... Quero as mãos dadas.
E conversemos assim.

Põe no meu peito a cabeça,
Não tens de que rezear.
Que sem temor, cada dia,
Te fias do crêspo mar!

Minha alma semelha o pego,
Tem maré, tormenta e onda;
Mas finas per'las encontra
Nos seus abismos a sonda.

NÃO TE DIZ MEU ROSTO PÁLIDO

DE H. HEINE

(Traduzido do alemão)

NÃO TE DIZ meu rosto pálido
Que eu morro de amor por ti?!...
Queres que a bôca o proclame,
Quebre orgulhosa por si!...

Oh! que esta bôca mal sabe
Beijar, sorrisos compor,
Dizer sardônicos ditos
Em quanto eu morro de dor!

TENHO VENENO NOS VERSOS

DE H. HEINE

(Traduzido do alemão)

TENHO VENENO nos versos!...
Pois que menos pode ser?
Era eu quase uma creança,
Quando mo deste a beber.

Tenho veneno nos versos! . . .
 Pois seja: veneno tem.
 Também tenho serpes n'alma
 E a ti, amada, também.

AMBOS SE AMAVAM! . . .

DE H. HEINE

(Traduzido do alemão)

AMBOS SE AMAVAM, contudo
 Nenhum ao outro o dizia.
 Viam-se como inimigos! . . .
 E um por outro morria.

Separaram-se enfim! . . . nos sonhos
 Talvez um ao outro via;
 Já tinham morrido n'alma . . .
 Nenhum do outro o sabia!

LÍRIO E ROSA

DE HERDER

(Traduzido do alemão)

DE AMOR Ó ROSA, ó lírio da inocência,
 Como belas irmãs vos vejo unidas,
 Mas quanto sois diversas!

Tu, da inocência flor, tens própria c'roa!
 Sem adorno de flôres, n'hástea nua,
 Te susténs a ti mesma.

Tu co'o sangue do amor tingida, ó rosa,
 De seus farpões cruéis rasgado o seio,
 Mostras em tôrno espinhos!

FORTIFICA-ME, Ó DEUS!

(Traduzido do alemão)

FORTIFICA-ME, ó Deus, por tuas chagas
 Fundas de morte quando a venturosa
 Doce hora, que do céu nos mostra as palmas,
 Ao meu leito de morte te aproxime.

Tu, me bafeja então co'as mansas asas
 Sossegado descanso! — Espectros feios
 Dos meus pecados maus, fugi, parti-vos
 Do leito da aflição, onde cansados
 Meu turvo olhar em lágrimas se apague!

Tu, meu anjo fiel, desce do Empíreo:
 Traze-me a c'roa do triunfo egrégio!
 Será mais doce o ar por ti movido,
 Mais breve ao céu m'exalçarei contigo!

Quem desta vida inquieta já transido
 À ridente mansão fôsse convosco!
 Quem já convosco ajoelhado, ó anjos,
 De Cristo redentor beijasse o trono!

A CAMISA ENCANTADA
 DE UHLAND
 (Traduzido do alemão)

“TENHO D'IR-ME aos combates, filha cara,
 E o influxo dos astros me é contrário;
 Por isso um encantado vestuário
 Tu, virgem, co'a mão débil me prepara.”

— Como é, pai meu, que vestes de batalhas
 — De mim, fraca mocinha, te prometes?
 — Aço não sei bater, não forjo malhas,
 — Apenas fio e teço em meus retretes.

“Sim, fia; mas na santa noite seja;
 “Dedica a trama ao inferno, e, quando urdida,
 “Longa camisa talha-me e comprida,
 “Que nos sangrentos prélios me proteja.”

Na noite santa, à lua cheia, cedo
 Ei-la sôzinha a trabalhar, e logo
 “Seja em nome do inferno!” diz a mêdo,
 E o fuso gira em círculos de fogo.

Já, sentada ao tear, o fio atira
 Ao ordume fatal, — tempo não sobra:
 Murmuroso o tear silva e respira,
 Qual se demônios dessem pressa à obra!

As hostes prestes são; delas na frente,
O duque em traje singular campeia,
Em opa longa, larga, alvinitente,
D'imagens vãs, d'estranhos signos cheia.

Como ante um 'spectro, o imigo ceed o passo,
Não se lhe atreve alguém, ninguém, o afronta;
Contra êle não tem fôrça o melhor aço,
A mais aguda seta se desponta.

Eis que um donzel em frente dêle pula!
— Alto, assassino, diz: além não passas!
— Já não te valerão do inferno as traças,
Desfez-se o encanto, — essa obra negra é nula.

Ardem os dois em fúria carniceira;
Rasga-se a opa ao duque: tinge o chão
Seu sangue, — volvem-se ambos na poeira
E um do outro amaldiçoa a mão!

Escuta a filha o lamentoso evento:
"Aonde o duque jaz, êsse homem forte?"
Descobre os dois a porfiar co'a morte,
E vendo-os solta horrífico lamento.

"Filha, és tu?! desgraçada creatura!
Como o traidor vestido me teceste?
Pois d'invocar o inferno te esqueceste,
Ou já não tinhas mão de virgem pura?"

— Sim, o inferno invoquei; mas já não era
— Virgem, quem teceu teu vestuário;
— Êsse, que ao lado tens, me conhecera...
— O que fiz, ai de mim! foi teu sudário.

O AMÉM DAS PEDRAS
DE KOSEGARTEN
(Traduzido do alemão)

BEM QUE DE VELHO e cego, o santo Beda
De prègar não cessava a alegre nova.
Por cidades, aldeias, povoados
Ia por mão de um môço o pio velho
Com fogo e zêlo juvenil pregando.

Eis de uma vez o môço a um vale o guia
 De grandes pedras sôltas semeado;
 Mais leviano, que mau, então lhe fala:
 "Reverendo senhor, aqui reunidos
 Stão muitos homens do sermão à espera."
 Ergue-se o bom do velho incontinente,
 Escolhe um texto logo, explana-o, aplica-o,
 Ameaça, consola, exorta, anima
 Com tanto zêlo e devoção, que as lágrimas
 Caem-lhe em fios pelas brancas barbas.

Quando êle concluindo, o Padre-Nosso,
 Qual convém, recitava, proferindo:
 "Teu é o reino, Senhor, é tua a glória,
 "Bendito o nome teu seja p'ra sempre!"
 Eis que em redor do vale infindas vozes:
 — Amém, bendito Padre, amém! — respondem.
 De remorso e pavor tomado o môço
 Ajoelha e confessa a culpa grave!
 "Filho, torna-lhe o velho, pois não leste:
 "Hãode as pedras falar, se os homens calam?
 "Nem mais, para o futuro, ó filho, zombes
 "Da palavra de Deus! É forte, e viva,
 "E mais que um gládio de dois gumes corta
 "Essa palavra; e se, para afrontá-la
 "Humanos corações se empedernissem,
 "Pedras em corações se converteram."

SONETO
 DE ROLLI

(Traduzido do italiano em versos octossilábicos)

— DIZE-ME TU pastorzinho,
 Se aqui estás desde manhã,
 Viste passar, — sabes onde
 Está minha Egéria louçã?

"Anda aqui o seu rebanho,
 Mas há pouco, além, eu vi-a,
 Tão certo que por sinal
 Seu cordeirinho a seguia.

— Ia só com seu cordeiro?
 — Não, — ia mais um pastor.
 — Era Sílvio? — “Esse mesmo;

“Mas que tens? Mudas de côr!”
 — Feliz de ti, pastorzinho:
 Não sabes o que é amor.

SÓBOLOS RIOS
 DE LOPE DE VEGA
 (Traduzido do espanhol)

JUNTO ÀS MARGENS dos rios
 De Babilônia — a discantar, sentados,
 Passados desvários,
 Escravos, afligidos e cansados,
 Choramos ternamente
 Com a memória de Sião ausente.

Os doces instrumentos,
 Que o Senhor das batalhas lá louvaram
 Em tempos mais contentes,
 E que nossas vitórias celebraram,
 Quando presos ficamos,
 Aos salgueiros estranhos penduramos.

Nossos donos, por dita,
 Ou por curiosidade, ou por vingança,
 Ou porque em tal desdita
 Também piedade ao vencedor alcança:
 “Cantai, cantai” disseram;
 Com que mais nossas lágrimas cresceram.

E os que conduziam
 Cativos — nossos filhos e mulheres,
 Os hinos nos pediam,
 Que aumentavam por lás nossos prazeres,
 E, em casos tão adversos,
 Os cantos de Sião, os tristes versos!

Mas em resposta, nós
 A seus rogos, chorando, respondemos:
 “Como pretendeis vós

Que a rojar ferros, míseros cantemos
Nesta infeliz cadeia
Versos da pátria amada em terra alheia?

“Se de ti me olvidar,
Doce Jerusalém, agora ou logo,
E de ti longe cantar,
Mirre-se, pois cedeu à fôrça ou rôgo,
A mão que as cordas toca,
Quando tal sorte lágrimas provoca.

“E se, cantando, der
Sinal de que perdi tôda a memória,
Em quanto assim viver,
Cidade santa, ausente dessa glória,
A língua se me apegue
Na garganta, e respirar me negue.

“Nem justo é que se diga
Que eu possa haver jamais contentamento
Entre gente inimiga:
Antes prefiro a todo o sentimento,
E até a vida cara
Ver-te feliz, Jerusalém preclara!

“No entanto, ó rei divino,
O castigo prepara ao Idumeu,
Que sendo-nos vizinho,
Não acudiu-nos, — antes ao Caldeu
Auxiliou, no dia
Em que a triste cidade nos rendia.

“E com voz arrogante,
Mostrando em nosso mal seu ódio injusto,
Ia a bradar diante:
— Arrasai, destruí, sem dó, sem susto:
Nem deixe a vossa espada
Pedra, que torne a ser edificada!

“Tu, Babilônia, agora
Triunfa!... Deus marcará o dia!
Abençoada a hora
Em que pagues tão bárbara ousadia:
Ditoso quem viver,
E o capitão, que tal vingança houver!

“E qual já nos fizestes,
 Das mães os tenros filhos arrancando,
 Hãode fazer a êstes
 Que tendes caros, — hãode, os pais olhando,
 Travar das louras tranças,
 Para arrojá-los contra agudas lanças.”

O ANJO DOS OLHOS NEGROS

DE EMÍLIO ADET
 (Traduzido do francês)

QUANDO O SONO me pesa nos olhos,
 Revoar sinto em tórno de mim
 Vaga sombra, que ameiga os meus sonhos —
 Talvez forma de algum serafim.

Tôda a noite um adejo suave
 Me acalenta com meigo frescor:
 Vem, meu anjo dos cílios retintos,
 Vem levar-me nas asas do amor.

Passo a noite, se acaso repouso,
 Sempre a ver-te nos meus sonhos d'oiro —
 Alva a tez, breve a bôca rosada,
 Sob o véu escondido um tesouro.

Numa rêde de encantos me prendes
 Com grinaldas de místico olor:
 Vem, meu anjo dos cílios retintos,
 Vem levar-me nas asas do amor.

Bela fada que doiras meus sonhos,
 Que simpática a vida me fêz,
 Já não és ilusão mentirosa,
 Eu te vejo acordando talvez.

Belo anjo de uma alma celeste,
 Que és resumo de graça e pudor:
 Vem, meu anjo dos cílios retintos,
 Vem, m'arrouba d'extremos de amor.

FRAGMENTO DA *DIVINA COMÉDIA*
DE DANTE
(Traduzido do italiano)

Purgatório — Canto VI

.....
 MOSTRAR-VOS um atalho talvez possa
 O Espírito que vês — além sentado
 Com os olhos sôbre nós. — Assim Virgílio
 E nós ao pé do Espírito — chegamos.

Oh! como eras ali — alma lombarda,
 No rosto — desdenhosa — e altiva — tanto
 Como dos olhos no volver — tardia!
 Viu-nos sem pasmo — majestosa e muda —
 Deixando-nos passar nos encarava
 Semelhante ao Leão, que em paç descansa.
 Pediu-lhe o guia meu, que nos dissesse
 De subir o rochedo a melhor via.
 Foi muda ao responder — mas perguntou-nos
 Qual era a nossa pátria, e os nossos nomes,
 E o meu doce Virgílio — começava:
 Em Mântua... E a sombra comovida e alegre
 Ergue-se do logar — em que era dantes —
 Clamando: “Ó Mantuano — eu sou Sordelo,
 Da tua pátria sou. — De pátria ao nome,
 Nela pensando, se abraçaram ledos.

Itália — Itália — do sofrer albergos,
 Frágil batel em vagas tormentosas,
 Sem pilôto — e sem leme — ó Serva Itália,
 Não dona de províncias — não rainha,
 Mas tributária vil — mas prostituta,
 Não ouviste? a gentil alma penada
 Afeita aos pátrios sons — afeita à doce
 Concórdia já passada — ergueu-se prestes
 Por que abraçasse — da sua pátria ao filho —
 E hoje os teus que vivem — mútua guerra
 Se fazem — dos que encerra o mesmo valo
 Um cruzamento despedaça o outro.
 Sôbre o teu litoral — os olhos baços
 Mísera estende — no teu seio os fixa

E um só recanto — não verás pacífico!

.....
 Ó Alberto, alemão, que a abandonaste

.....
 Justa punição dos céus descendo
 Caia sôbre os teus — e tal seja ela
 Que o rei, teu sucessor, tema imitar-te!
 Pois que tu e teu pai — haveis querido,
 Por queredes reinar — além dos Alpes,
 Que do Império o Jardim ficasse inculto;
 Ora vem ver Montechi e Cappelletti,
 Monaldi e Philippeschi — divididos —
 Que são escravos — ou que temem sê-lo;
 Verás, como te chora a tua Roma
 Viúva e triste e só — de noite e dia
 Entre amargos soluços repetindo:
 Ó César meu, porque de mim te fôste?!
 E vendo por que modo a gente se ama,
 Ou sente compaixão — ou tem vergonha
 Da imerecida fama — e do teu nome.

E se lícito me é, Senhor superno
 Que sofreste por nós cruel martírio —
 Porque de sôbre nós trisaste os olhos?
 Ou por ventura no profundo abismo
 Do teu alto pensar — melhor futuro
 A nós mortais oculto nos preparas?
 Que as províncias da Itália — já se encheram,
 Já fervem, já transbordam de tiranos,
 Que altos Marcelos — de vilões se fazem.

E tu — Florença minha — sê contente
 Com teu povo subtil — que a ti não chega
 Da mente o mau errar — pois não és rica,
 Pois não gozas de paz — pois não tens fastos
 Com que aos incred'los provarias isto?
 Lacedemônia, Sparta — e Roma e tôdas
 Do bom viver civil — profícuas mães —
 Não o foram menos — do que o és agora?
 Menos o foram — do que tu, que forjas
 Decretos tão subtis — que a meio Outubro
 Não chegam — se em Setembro os fabricaste.
 No tempo ainda lembrado ah! quantas vêzes —
 De costumes — de leis — d'ofícios — d'usos —

Não tens refeito — e feito — e renovado?
És tal — que és semelhante àquela enfôrma
Que sôbre o leito aflito — se revolve,
E só com o se mudar — de dores muda.

POSSÊIDON

DE H. HEINE

(Traduzido do alemão)

SÔBRE O MAR que sem fim se desdobrava
Tremia a luz do sol; no pôrto, ao longe
Branquejava o navio
Que transportar me deveria à Pátria.

Não era o vento de feição. Tranquilo
Sentava-me eu nas dunas alvejantes
Na solitária praia
A ler os cantos da Odissea, os carmes
Antigos, mas eternamente belos
D'imortal juventude, e dessas fôlhas
Do salitre das ondas salpicadas
Subia-me risonho
O hálito dos Deuses,
A primavera esplêndida da vida,
E do Helas o céu resplandecente.

Meu nobre coração acompanhava
Nos seus erros e aflições o filho
Prudente de Laerte; de tristezas
Cortado, e cabisbaixo, junto dêle,
No lar hospitaleiro,
Onde as rainhas púrpura fiavam,
Sentava-me, ajudando-o nas mentiras,
E a esquivar ditoso
Braços de ninfas, covas de gigantes,
Acompanhava-o na ciméria noite
Por entre tempestades e naufrágios,
E sofria misérias indizíveis!

E suspirei: Quanto és cruel, Possêidon!
Tremenda é tua cólera!
E a mim próprio me anseia
O meu retôrno à Pátria!

Mal proferira estas palavras, quando
O mar de luz espuma,
E dentre as brancas ondas vai surgindo
Do Deus do mar a fronde
C'roadada de caniços,
E diz-me zombeteiro:

De mim nada receies, poetastro,
Em caso algum injuriar desejo
O teu nobre chaveco,
Nem ansiar teus preciosos dias
Com balanços por demais medonhos;
Pois tu, meu bom poeta,
Nunca contra ti me encheste d'ra,
Nem uma tórre só, nem a somenos
De Príamo aluístes,
Nem trepaste de Tróia os sacros muros,
Nem um só cabelinho sapecaste
Dos cílios de meu filho Polifemo,
E nunca sobretudo protegeste,
Rica de bons conselhos,
Palas Atene, Deusa da Prudência!

Assim falou Possêidon,
E assim falando se afundou nos mares;
Mas às grosseiras chufas do marujo
Por debaixo das ondas
Anfitrite, a divina regateira,
E as párvoas filhas de Nereu — se riram!

Lisboa, 3 de Maio de 1864.

FIM DE "LIRA VÁRIA"

NOTAS DO AUTOR

PRIMEIROS CANTOS

“O Canto do Guerreiro”

Tacape, arma ofensiva, espécie de maça contundente, usada na guerra e nos sacrifícios. A etimologia desta palavra indica que os índios os endureciam ao fogo, como costumavam fazer aos seus arcos: *Tatá-pe* quer dizer “no fogo”.
P. 105

Boré, instrumento músico de guerra: dá apenas algumas notas, porém mais ásperas, e talvez mais fortes que as da trompa.

“O Canto do Piaga”

Piaga, *piagé*, *piaches*, *piayes*; os autores portugueses escreveram *pagé*, como em verdade ainda hoje se diz no Pará. Era ao mesmo tempo o sacerdote e o médico, o áugure e cantor dos indígenas do Brasil. (Veja-se a nota correspondente nos *Últimos Cantos*, p. 676)
P. 106

Anhangá, gênio do mal, o mesmo que Lery chama *aignan* e Hans Stader *ingange*.
P. 107

Manitôs, uns como penates que os índios da América do Norte veneravam. O seu desaparecimento augurava grandes calamidades às tribos, de que êles houvessem desertado.

SEGUNDOS CANTOS

“Tabiré”

P. 239

Tobajaras — o povo senhor.

“*Ces Tobâtes qui récamaiënt l'antériorité dans la domination du pays, et qui se donnaient un titre équivalent à celui de seigneurs de la contrée.*” Ferdinand Denis.

“Tobajaras são os índios principais do Brasil, e pretendem êles serem os primeiros povoadores e senhores da terra. O nome, que tomaram, o mostra: porque *yara* quer dizer senhores, *tobá* quer dizer rosto; e vem a dizer que são os senhores do rosto da terra, que êles tem pela fronteira do marítimo em comparação do sertão.” Padre Simão de Vasconcelos. *Notícias do Brasil*. L. 1. n. 156.

Escrevendo Tobajaras segui, por ser mais eufônico, a ortografia do Padre Vasconcelos. Convém todavia confessar que se não deveria dizer *Tobajaras*, como êste cronista, mas *Tabajaras* ou *Tabaiaras*, com Ferdinand Denis, o que mais se conforma com a etimologia, “*Taba* e *Iara* ou *Yara*”. Tabajaras é literalmente como se disséssemos, os senhores ou dominadores das aldeias.

Por isso mesmo que os tobajaras ocupavam o litoral, é de supor que êles fôsem antes os conquistadores, que os primeiros povoadores do país. Os conquistadores, como homens que eram, carentes das mais simples noções da agricultura, deveriam preferenciar escolher as praias como mais mimosas da natureza e mais fartas, recalçando assim para o centro das matas os íncolas primitivos do país. É isto o que sabemos da história de todos os povos bárbaros. Os tobajaras portanto dominaram pela conquista e quadra-lhes õptimamente o nome que tomaram de senhores das aldeias — de *Tabajaras*.

P. 241

Potiguares lá vêm denodados.

Dizem uns Potiguares ou Petiguares, outros Pitigoares. Dêles escreve o Padre Vasconcelos: "Em segundo lugar (*depois dos Tobajaras*) oe Potiguares foram sempre índios de valor, e se fizeram estimar pelas armas, que por longos anos moveram contra os Tobajaras: mas quais tiveram encontros dignos de história; porém não me posso deter em contá-los, . . . punham em campo vinte até trinta mil arcos". *Not. do Brasil*, L. 1. n. 157.

P. 283

SEXTILHAS DE FREI ANTÃO

Os vocábulos que emprego nestas sextilhas se acham todos no *Dicionário* de Moraes, bem que as mais das vêzes no sentido antiquado. É assim que uso de "porém, porende" em vez de "por isso"; de "perol" em vez de "porém"; de "ora, embora" em vez de "agora, em boa hora", etc.

P. 307

"Gulnare e Mustafá"

Diz a Princesa D. Joana:

Qu'eu tenha escravos, e mouros,
Rainha de Portugal.

A *Crônica* de Cister tão bem diz, falando da Princesa D. Teresa, filha de Sancho I: "Vivendo a santa rainha, foi Deus servido levar para si a el-Rey seu pai, a quem sucedeu no reino D. Afonso o segundo de nome".

"Rainha (diz Fr. Luís de Sousa) lhe chamam as histórias antigas, que era o título com que então se tratavam as filhas dos reis." H. de S. D. — L. 1. C. 11.

ÚLTIMOS CANTOS

P. 353

"O Gigante de Pedra"

Alguns dos principais montes da enseada do Rio de Janeiro parecem aos que vem do Norte ou do Sul representar uma figura humana de colossal grandeza: êste capricho da natureza foi conhecido dos primeiros navegantes portugueses com a denominação de "frade de pedra", que agora se chama "o gigante de pedra". Aquele objeto se fêz esta poesia.

P. 355

. . . . extinta a antiga crença
Dos Tamoios, dos Pajés.

Tamoios eram os primeiros habitantes do Rio — *Pajés* eram os sacerdotes, os áugures, os médicos dos indígenas de todo o litoral do Brasil — os mesmos a que nos *Primeiros Cantos* dei o nome de piagas. Eis o que naquela obra escrevi a êste respeito (Tomo I, p. 217): "*Piajé*" — *Piache* — *Piaye* ou *Piaga*, que mais se conforma à nossa pronúncia, era ao mesmo tempo o sacerdote e o médico, o áugure e o cantor dos indígenas do Brasil e de outras partes da América". E em outra nota acrescentei: "Eram anacoretas austeros, que habitavam cavernas hediondas, nas quais, sob pena de morte, não penetravam

profanos. Vivendo rígida e sòbriamente, depois de um longo e terrível noviciato, ainda mais rígido que a sua vida, eram êles um objeto de culto e de respeito para todos; — eram os dominadores dos chefes — a baliza formidável, que felizmente se erguia entre o conhecido e o desconhecido — entre a tão exígua ciência daqueles homens, e a desejada revelação dos espíritos.” — Hans Staden escreve *Paygi*; *Payé* lê-se em uma das obras do Padre Vasconcelos, nome que também lhes dá Laet na sua *Descripção das Índias Ocidentais*. Lery e Damião de Góis escrevem *Pagé*, ortografia que agora adotamos.

P. 356 Sons do murmuré.

Murèmurè escreve o padre Vasconcelos nas suas *Notícias Curiosas*: colige-se que é um instrumento feito de ossos de defuntos, como alguns outros, de que se serviam.

P. 356 Em Guanabara esplêndida.

Guanabara — a enseada do Rio de Janeiro. — Escreve-se indiferentemente Genabara ou Ganabara. Lery diz na sua obra *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil" en ceste riviere de Ganabara"*. Southey (*History of Brasil*) acrescenta em uma nota, que Nicolau Barré datava desta maneira as suas cartas: "*Ad flumen Genabara in Brasilia*", etc.

P. 356 O guau cadente e vário.

Guau — dança. "São mui dados a saltar e dançar de diferentes modos, a que chamão *guau* em geral." Vasconcelos. *Notícias Curiosas* L. 1. — n. 143.

P. 356 E das igaras concavas.

Igaras — eram canoas, feitas de ordinário de um só toro de madeira.

P. 356. Os cantos da janúbia.

Janubia. — Lery escreve diversamente: "*des cornets, qu'ils nomment inubia de la grosseur et longueur d'une demie pique, mais par le bout d'embas larges d'environ un demi pied comme un hautbouis*". — *Obra cit.* pag. 202.

"Leito de Fôlhas Verdes"

P. 358 A arasóia na cinta me apertaram.

Arasóia era o fraldão de penas, moda entre êles. Laet chama *assoyave* a uns mantos inteiros: não sei de que mantos quer o autor falar. Hans Staden (coleção de Ternaux p. 108) dá o mesmo nome a uma espécie de cocar prêso ao pescoço, e passando além da cabeça, com quanto a êste ornato Lery dê o nome de *Yenpenamby*. Quanto a *arasóia*, eis o que se lê na obra já citada dêste autor (p. 130): "*Pour la fin de leurs esquippages, recouvrens de leurs voisins de grandes plumes d'austruches, de couleurs grises, accommodans tous les tuyaux serrez d'un costé, et le reste qui s'esparpille en rond en façon d'un petit pavillon ou d'une rose, ils en font un grand pennache, qu'ils appellent araroye: le quel estant lié sur leurs reins avec une cord de cotton, l'estroit devers la chair, et le large en dehors, quand ils en sont enharnachez, etc.*"

P. 358 "I-Juca-Pirama"

O título desta poesia, traduzido literalmente da língua tupi, vale tanto como se em português disséssemos "o que há de ser morto, e que é digno de ser morto."

P. 358

No meio das tabas.

Taba — aldeia de índios, composta de diferentes habitações, a que chamavam *ocas*. Quando estas habitações se achavam isoladas, ou fôsem levantadas para o abrigo de uma ou já para o de muitas famílias, tomavam o nome de Tejupab ou Tejupabas.

P. 358

São todos Timbiras.

Timbiras — tapuias, que habitam o interior da província do Maranhão.

P. 358

As armas quebrando.

Por êste ato declaravam firmadas as pazes. Vieira faz menção desta solemnidade quando, em uma informação ao monarca português, se ocupa da aliança feita entre os missionários por parte dos portugueses e dos *Nhe-engaybas* de Marajó.

P. 359

Assola-se o teto.

A descrição das cerimônias, com que êles usavam matar os seus prisioneiros de guerra, é rigorosamente exata, ainda que não adotamos dos autores senão aquilo em que todos ou a maior parte concordam. Veja-se Hans Staden — cap. 28 — dos usos e costumes dos Tupinambás. *Notícias do Brasil*, cap. 171 e 172. *Notícias Curiosas* L. 1 n. 138 e Lery, cap. XV.

P. 359

Entesa-se a corda da embira...

Chamava-se muçurana a corda com que se atava o prisioneiro. — “*Et une longue corde nommée massarana, avec laquelle ils les attachent (les captifs) quand ils doivent être assomés.*” (H. Staden, p. 300). *Musurana* escreve Ferdinand Denis, acrescentando que era feita de algodão. É possível que em algumas tribos fôsse feita desta matéria, mas convém notar que na maior parte delas era uso fabricarem-se cordas de embira.

P. 359

Adorna-se a maça com penas gentis.

A maça do sacrifício não era o mesmo que a ordinária, e tinha mais a diferença dos ornatos que se lhe juntava, e do esmêro com que era trabalhada. Lavravam e pintavam todo o punho — embagadura, como o chamavam — com desenhos e relevos a seu modo curiosos, e dela deixavam pendente uma borla de penas delicadas e de cores diferentes, sendo a fôlha ornada de mosaicos. — “Pintam (diz H. Staden, p. 301) a maça do sacrifício, a que chamam *iverapeme*, com a qual deve ser sacrificado o prisioneiro: passam-lhe por cima uma matéria viscosa, e tomando depois a casca dos ovos de um pássarc chamado *Mackukawa* de côr parda escura, reduzem-nas a pó, e com êle salpicam tôda a maça. Preparada a *iverapeme*, e adornada de penas, suspendem-na em uma cabana inabitada, e cantam em redor dela tôda a noite.” — Ferdinand Denis, acrescentando-lhe o artigo francês, escreve *Liverapeme*, que diz ser feita de pau-ferro e com mosaicos de diferentes cores. Vasconcelos dá-lhe o nome de *Tangapema*, que é o termo do dicionário brasileiro.

P. 359

Brilhante enduape no corpo lhe cingem.

Enduape — fraldão de penas de que se serviam os guerreiros: damos a denominação de arasóia a aquêles de que usavam as mulheres. “*Ils font avec de plumes d'autruches une espèce d'ornement de forme ronde, qu'ils attachent au bas du dos, quand ils vont à quelque grande fête: ils le nomment enduap.*” H. Staden, p. 270. Vasconcelos trata do *enduape* sem lhe dar nome algum especial. “Pela cintura apertam uma larga zona: desta pende até os joelhos um largo fraldão a modo trágico, e de tão grande roda como é a de um ordinário chapéu de sol.” *Notícias Curiosas* L. 1. n. 129.

P. 359 Sombreira-lhe a fronte gentil canitar.

Canitar — é o nome do penacho ou cocar, de que usavam os guerreiros de raça tupi, quando em marcha para a guerra, ou se aprestavam para alguma solenidade, d'importância igual a esta. "*Ils ont aussi l'habitude de s'attacher sur la tête un bouquet de plumes rouges qu'ils nomment Kanittare*" (H. Staden). — Usam de umas coroas a que chamam *acanggetar* (Laet). Os primeiros portugueses escreveram *acangatar*, que literalmente quer dizer "enfeite ou ornato da cabeça".

P. 371 "Marabá"

Encontramos na "*Crônica da Companhia*" um trecho que explica a significação desta palavra, e a idéia desta breve composição.

"Tinha certa velha enterrado vivo um menino, filho de sua nora, no mesmo ponto em que o parira, por ser filho a que chamam marabá que quer dizer de mistura (abhorrecível entre esta gente)." Vasconcelos, *Cr. da Comp.*, L. 3. n. 27.

P. 372 Formosos como um beija-flor.

Os indígenas chamavam ao beija-flor "Coaraci-aba" — "raios", ou mais literalmente "cabelos do sol".

P. 376 "A mãe-d'água"

A mãe-d'água é uma náiada moderna, um espírito que habita no fundo dos rios. Acredita-se em muitas partes do Brasil que é uma mulher formosa com longos cabelos de ouro, que lhe servem como de vestido, com olhos que exercem inexplicável fascinação, e voz tão harmoniosa que ninguém, que a escute, resiste à tentação de se atirar às águas para que mais de perto a ouça e contemple. O mesmo que as sereias, tem sobre elas a vantagem de serem criaturas de formas perfeitas, e delas se distinguem em fascinarem tanto com o brilho da formosura, como com a doçura da voz, e de atraírem principalmente os meninos.

P. 430 "Retratação"

Indisculpável descuido seria, deixar de mencionar o nome do Sr. D. Carlos Guido, a quem devo ter composto a poesia que tem por título "Retratação". Foi este o ensejo. Poucos dias depois de publicados os *Segundos Cantos*, recebi uma carta do Sr. Guido: era uma crítica, mas crítica benévola, cheia de entusiasmo, escrita sem pretensão alguma e ao correr da pena. Agradou-me, porque me agrada sempre conversar com os meus amigos, e era um amigo que me escrevia, um poeta talentoso, que então pela primeira vez se me revelava como tal, — jovem entusiasta, e cujo coração é como uma pedra de toque da mais esquisita sensibilidade.

Tendo percorrido com a sua análise algumas das composições do meu 2.º volume, acrescentava êle:

"Dir-se-ia que a sua *palinódia* é um chuveiro de pedras cristalizadas, agradáveis de se ver, porque são prismas, que refletem as mais pronunciadas, fortes e soberbas côres; porém que deviam converter-se em instrumentos terríveis de vingança, quando chegassem até a mesquinha mulher, a quem fôssem dirigidos, como um anátema fulminante.

"Se eu não tivesse tanta confiança nos instintos do coração, que o levam a exalar o seu amor só onde acha fogo, fidelidade e carícias, pensaria talvez que aquela mulher existe, e então eu faria ao poeta amargas reflexões sobre a crueldade, de que usou para com ela."

Aceitei a censura, e dirigindo-me ao Sr. Guido escrevi a "Retratação", versos filhos daquele momento, e inspirados pela leitura recente da sua carta. Se algum aprêço dêles faço na atualidade, é por ter feito vibrar a lira doirada do poeta argentino. *Consuelo* foi o título que deu aos seus versos, e era efetivamente um canto de consolação e de esperança: perdi há muito o autógrafo dos versos do Sr. Guido; mas o sentido, a suavidade, a sentida simpatia do seu canto, êsses me ficarão no coração. — Consolações e esperanças! — Doces são, por certo, as lágrimas, que sôbre nós derramam os olhos de um amigo, ainda que não acreditemos no raio de esperança, que êle s'esforça por entranhar em nossa alma. Eficazes foram as suas consolações; mas ainda mal que os seus votos não tenham de ser realizados nunca!

FIM DAS "NOTAS DO AUTOR"
E DA
POESIA COMPLETA DE GONÇALVES DIAS

TEATRO*

* O teatro de Gonçalves Dias, que compreende as peças — *Beatriz Cenci*, *Leonor de Mendonça*, *Patkull* e *Boabdil*, foi reunido em volume por Antônio Henriques Leal, na sua edição das *Obras Póstumas*, e reeditado posteriormente num volume (*Obras Póstumas de Gonçalves Dias — Teatro*, Rio de Janeiro-Paris, H. Garnier — Livreiro-Editor, 1909).

Reproduz-se aqui o drama *Leonor de Mendonça*, obra de alta qualidade pela simplicidade, fôrça e elegância de estilo, que se destaca nitidamente das demais.

LEONOR DE MENDONÇA

DRAMA ORIGINAL EM TRÊS ATOS E CINCO QUADROS
1846

AO SEU BOM AMIGO
O DR. JOSÉ HERMENEGILDO XAVIER DE MORAIS
OFERECE ÊSTE SEU TRABALHO
O AUTOR

PRÓLOGO

Contentar a todos ninguém o alcançou, muitos se contentaram com aprazer a muitos. O autor tomará por grande honra satisfazer a poucos.

Prof. da Com. de Bristo.

IDÉIAS E FATOS há que diàriamente nos passam por diante dos olhos sem que nunca atentemos nêles; nós os reputamos coisa corrente e sabida por todos, que por vulgar nos não pode parecer sublime. Mas sôbre essa idéia ou fato, que em a nossa memória entesouramos como substância de flôres em favo de abelhas, a reflexão trabalha sem descanso, desbasta-o, e tanto se exercita sôbre êle, que depois estranhamos de o ver brilhante, belo e muito outro do que a princípio se nos antolhara.

Parece-nos de então que o devemos pesar e meditar com a nossa inteligência, e ver depois as côres que nêle mais sobressaem, e as roupagens que melhor se ajeitam às suas formas. A imaginação se incumbe dêste trabalho, e desde êsse instante está criada a obra artística ou literária: — edifício ou sinfonia; estátua ou pintura; romance, ode, drama ou poema; boa ou má; perfeita ou imperfeita —, o fato é que ela existe. Seja embora feia e falta de proporções, será como uma criatura imperfeita, como um abôrto monstruoso, como uma anomalia; mas existirá sempre.

Há, porém, entre a obra delineada e a obra já feita, um vasto abismo que os críticos não podem ver, e que os mesmos autores dificilmente podem sondar: há entre elas a distância que vai do ar a um sólido, do espírito à matéria. A imaginação tem côres que se não desenham; a alma tem sentimentos que se não exprimem; o coração tem dores superiores a tôda a expressão. É por isto que aos homens de imaginação, que não são autores, pode facilmente parecer que êles comporiam melhor tal obra do que tal mestre, que desenvolveriam tal assunto ou que pintariam tal paixão melhor do que os outros, aliás grandes, o têm feito. É a razão por que êles comparam o fogo do seu coração, a viveza da sua imaginação, a profundidade do seu sentimento (essências d'alma) com as expressões de um autor, com palavras que, por escolhidas e delicadas que sejam, têm sempre um — quê — de material.

É ainda por isto que eu, inimigo de quanto é ou me parece prólogo, nem só os escrevo, como também os leio com prazer, quando êles são feitos, não com o fim inútil de encarecer o merecimento de uma obra que já pertence à crítica e ao público, mas para que o autor nos revele qual foi o seu pensamento, qual a sua intenção, o que pertence exclusivamente ao autor e à arte: ao autor, para que o público se não deixe

dominar por juízos ou mal-entendidos ou mal-intencionados; à arte, para que os principiantes em tal carreira não desacoroçoem com os seus ensaios, sem dúvida imperfeitos, e não dêem de mão às belas-lettras pela desproporção que de necessidade acharão entre o seu pensamento e a sua expressão.

Direi pois, não o que fiz, mas o que prometi fazer.

A ação do drama é a morte de Leonor de Mendonça por seu marido: dizem os escritores do tempo que D. Jaime, induzido por falsas aparências, matou sua mulher; dizem, porém, de tal maneira, que facilmente podemos conjecturar que não foram tão falsas as aparências como elles no-las indicam. O autor podia então escolher a verdade moral ou a verdade histórica — Leonor de Mendonça culpada e condenada, ou Leonor de Mendonça inocente e assassinada —. Certo que a primeira oferecia mais interesse para a cena e mais moral para o drama; a paixão deveria então ser forte, tempestuosa e frenética, porque fora do dever não há limite nas ações dos homens: haveria cansaço e abatimento no amor e reações violentas para o crime, haveria uma luta tenaz e contínua entre o sentimento da mulher e os da espôsa, entre a mãe e a amante, entre o dever e a paixão: no fim estaria o remorso e o castigo, e nêles a moral. Há nisto matéria para mais de um bom drama.

Leonor de Mendonça, inocente e castigada, será infeliz, desesperada ou resignada. Ora, o remorso é mais instrutivo do que o desespero e do que a resignação, como o crime é mais dramático do que a virtude: pena é que assim seja, mas assim é. Se em prova disto me fôsse preciso trazer algum exemplo, eu citaria o Faliero de Byron e o Faliero de Delavigne.

Por que então seguí o pior? É porque tenho para mim que tôda a obra artística ou literária deve conter um pensamento severo: debaixo das flôres da poesia deve esconder-se uma verdade *incisiva* e áspera, como diz Victor Hugo — em cada mulher formosa há sempre um esqueleto.

Foi êste o pensamento — a fatalidade. Não aquela fatalidade implacável que perseguiu a família dos Atridas, nem aquela outra cega e terrível que Werner descreve no seu drama *Vinte e Quatro de Fevereiro*. É a fatalidade cá da terra a que eu quis descrever, aquela fatalidade que nada tem de Deus e tudo dos homens, que é filha das circunstâncias e que dimana tôda dos nossos hábitos de civilização; aquela fatalidade, enfim, que faz com que um homem pratique tal crime porque vive em tal tempo, nestas ou naquelas circunstâncias.

Repito: não analiso o que fiz, digo apenas o que era meu desejo fazer.

Leonor de Mendonça não tem nem um só crime, nem um só vício; tem só defeitos. D. Jaime não tem nem ciúmes nem vícios; tem também, e somente, defeitos. Os defeitos da duquesa são filhos da virtude; os do duque são filhos da desgraça: a virtude que é santa, a desgraça que é veneranda. Ora, como o que liga os homens entre si não é, em geral, nem o exercício nem o sentimento da virtude, mas sim a correlação dos defeitos, a duquesa e o duque não se poderiam amar porque eram os seus defeitos de diferente natureza. Quando algum dia a luta se travasse entre ambos, o mais forte despedaçaria o mais fraco; e assim foi.

Há aí também outro pensamento sôbre que tanto se tem falado e nada feito, e vem a ser a eterna sujeição das mulheres, o eterno domínio dos homens. Se não obrigassem D. Jaime a casar contra a sua vontade, não haveria o casamento, nem a luta, nem o crime. Aqui está a fatalidade, que é filha dos nossos hábitos. Se a mulher não fôsse escrava, como é de fato, D. Jaime não mataria sua mulher. Houve nessa morte a fatalidade, filha da civilização que foi e que ainda é hoje.

Isto quanto ao principal da ação. Desenhei como pude uns caracteres, outros deixei quase acabados, outros apenas esboçados.

Há três velhos, ou que pensam como tais: é o duque, o velho Alcoforado e Fernão Velho.

O duque é nobre e desgraçado; da nobreza tem o orgulho, da desgraça a desconfiança, e do tempo a vida e a superstição. O duque é cioso, e, notável coisa! é cioso não porque ama, mas porque é nobre. É esta a diferença que há entre Otelo¹ e D. Jaime. Otelo é cioso porque ama, D. Jaime porque tem orgulho. Ambos são crédulos e violentos, mas a credulidade de Otelo forma-se e caminha a passos lentos, porque o seu amor duvida; a sua violência, relevem-me a expressão, é vagarosa e caminha com a terrível majestade das lavas de um vulcão. O duque crê quanto basta ao bom senso de qualquer homem, e a sua violência é precipitada, porque êle não se interessa com a inocência de sua espôsa. Otelo mata a Desdêmona, mas chora antes de a matar e depois de a ter morto; o duque mata a Leonor de Mendonça, mas sem lágrimas, porque o orgulho não as tem.

Se me é permitido continuar com o drama além dos seus termos naturais, vejamos o que fazem êstes dois homens depois de assassinadas suas mulheres. Otelo mata-se; e D. Jaime, convencido da inocência da sua por tantos e tão grandes milagres que testemunharam o seu martírio, irá batalhar contra infiéis em expiação do seu crime, e voltará purificado para de novo casar-se. Assim, pois, quando o primeiro acaba a vida, é que o segundo principia a viver.

O duque é severo porque é insensível; o velho Alcoforado é também severo, mas ama. O primeiro é severo como nobre e como senhor; quando êle fala, manda, quando êle pede, manda ainda; é-lhe precisa a obediência, porque não sabe pedir; êle a exige, porque não sabe mandar. Como, porém, é ao mesmo tempo urbano e cortesão, a duquesa tem de se mostrar livre e senhora da sua vontade, o que torna incomportável a escravidão. O velho Alcoforado é severo como pai e como homem; é condescendente, porque ama; é feliz, porque é condescendente. Embalado pela voz de seus filhos, êle caminha lentamente para o sepulcro, e a sua modesta habitação respira amor e suavidade. Há realmente contraste entre o duque poderoso e o modesto pai de família, entre o palácio suntuoso e a habitação singela: o que há de mais naquele falta nesta, o que nesta é necessário, falta naquele. O velho não quer senão viver e morrer entre os seus filhos, e o duque foge com prazer do seu palácio para viver uma semana na sua ermida do Convento do Bosque, ou com os seus capelães da Serra de Ossa. Assim é com razão, porque o velho tem para si que melhor que a sua vida só a bem-aventurança,

¹ Falo do Otelo de Shakespeare.

enquanto que para o duque fôra verdadeira bem-aventurança viver a vida tranqüila do velho.

Fernão Velho é também severo e também insensível, porém, não é como o duque nem como o velho Alcoforado. É um doméstico que não sente nem vive senão por outro e para outro. Êle ama sobretudo a seu amo, desvela-se no seu serviço, compraz-se com tudo que lhe diz respeito, alegra-se quando o vê alegre, e sofre quando êle sofre.

Antônio Alcoforado é o que êle devia ser na sua idade, corajoso e dedicado; dedicado, por que a benevolência da duquesa em favor dêle se convertesse em gratidão; corajoso, para ter o direito de morrer sem defender-se, para que pudesse suplicar sem baixeza, mas antes nunca maior nem mais nobre do que quando curvado pedisse justiça para a mulher que não pudesse defender, e piedade para a que não pudesse salvar. Com aquela idéia, com aquela ação, com êstes e outros caracteres quis eu construir assim o drama.

No primeiro plano, o duque, a duquesa e Alcoforado. Alcoforado dedicado e extremoso, a duquesa agradecida e imprudente, e entre ambos o duque sombrio e desconfiado. Entre a duquesa e Alcoforado correr uma cadeia de benevolência e de serviços, de extremos e de gratidão, fazer cair o Duque sôbre ambos despedaçando a cadeia com a sua fôrça, arrojando a cabeça do homem aos pés dos seus lacaios, e empolgando a mulher como uma prêsa para nela cevar a sua vingança.

No segundo plano, Paula e Fernão Velho, ambos domésticos, e como tais revelando cada um a índole do seu amo. Paula boa e dócil, porque a duquesa é afável e benévola; Fernão áspero e rude, porque o duque é orgulhoso e inflexível.

Ao longe, aquela boa família dos Alcoforados. O velho robusto e válido, a filha amorosa e cândida, e o filho dotado de boa índole, mas ainda sem caráter, porque o tempo e as circunstâncias é que o hão de formar.

Prender a todos uns aos outros com o amor ou com a obediência, ligá-los estreitamente entre si, juntá-los, conglobá-los, impelir uns sôbre outros, e fazer brotar a dor e a poesia do choque de tôdas essas almas, e do choque das paixões o drama.

Cabe à crítica avaliar até que ponto realizei a minha idéia.

Por último, direi algumas palavras sôbre a arte. No comêço do teatro moderno havia apenas duas obras possíveis: a tragédia, que cobria as suas espáduas com manto de púrpura, e a comédia, que pisava o palco cênico com os seus sapatos burgueses; era assim, porque a tragédia andava pelos grandes, enquanto que a comédia se entretinha com os pequenos, e ainda assim com o que nestes havia de mais cômico e risível. Hoje, porém, a comédia e a tragédia fundiram-se numa só criação. E de feito, se atentamente examinarmos as produções de hoje, que chamamos dramas, notaremos que ainda nas mais líricas e majestosas há de vez em quando certa quebra de gravidade, sem a qual não há tragédia. Notaremos também que essa quebra provém de ordinário de uma cena da vida doméstica, o que verdadeiramente pertence à comédia. Aquela cena, por exemplo, do segundo ato de *Lucrecia Borgia*, entre Lucrecia e o duque de Ferrara, é um bosquejo da vida íntima, é um fato que, mais ou menos modificado, tem lugar em tôda a parte

no conchêgo da família; é uma cena que pertence à comédia, porque não é da sua essência fazer rir. Descreva ela fielmente os costumes, e a arte ficará satisfeita.

Assim, pois o drama resume a comédia e a tragédia. Ora, se a tragédia se não pode conceber sem verso, assim também a comédia sem prosa não pode existir perfeita. Para prova disto basta que reflitamos que o melhor autor cômico do mundo, o célebre Molière, foi o primeiro que, não sem dificuldade, introduziu a prosa no teatro francês. Antes dêle, até os bons burgueses se envergonhavam de falar a linguagem do povo e a dos sábios. Patearam-no, creio eu, bem que Racine seguiu o seu exemplo¹. Porém, primeiro que êstes excelentes dramaturgos, outro que ainda não foi excedido em arrôjo e sublimidade, o afamado Shakespeare, que inventou o drama descrevendo fielmente a vida, já havia achado a verdadeira linguagem da comédia usando nela a prosa. Nos seus dramas ou crônicas foi Shakespeare conseqüente consigo, usou simultâneamente da prosa e do verso, porque simultâneamente criava em ambos os gêneros. Nós por que o não havemos de imitar? Quando êle quer exprimir uma coisa vulgar ou uma chocarrice, usa da prosa; quando quer exprimir um sentimento nobre ou uma exaltação do espírito, usa do verso, e não só do verso heróico como de todos os mais da língua inglêsa: foi o estilo espanhol, como também o que praticou Metastasio na Itália, e Gil Vicente em Portugal. Por que não faremos nós assim? Por que havemos de dizer em verso coisas vulgares, e em prosa coisas que só em versos podem ser bem ditas? Bem é que haja harmonia entre a expressão e o pensamento, que a poesia do espírito seja interpretada pela poesia das palavras, e que o prosaico da vida seja dito em linguagem prosaica.

Suponhamos que Shakespeare apresentava em cena uma daquelas personagens que êle se comprazia em enfeitar com tôdas as flôres do seu gênio, Hamlet, Lear, Otelo ou Macbeth. Se no meio de um daqueles seus monólogos, em que a beleza do verso rivaliza com a sublimidade do pensamento, lhe fôsse preciso apresentar também um importuno, um servo, por exemplo, que viesse a chamar seu senhor à mesa, com certeza que êle não poria versos na bôca do vilão, nem se cansaria em imaginar uma perífrase para dizer em versos: "O jantar está pôsto". Êle diria isto como vulgarmente se diz, como todos os dias o ouvimos, sem adôrno mal cabido e sem majestade forçada. O prosaico da vida afugentaria a poesia do pensamento, e por conseqüência o verso. O seu protagonista responderia com despeito, mas em prosa corrente e chã "não quero" ou coisa semelhante; e em tais circunstâncias e depois de um trecho de poesia sublime, um *vai-te sêco* e simples é mais natural e me parece melhor e mais belo do que o mais estudado endecassílabo bocagiano.

¹ Esqueceu-me tratar de Antônio Ferreira. É digno de reparo que o clássico português não nos deixasse em prosa senão as suas duas comédias — o *Cioso* e o *Bristo* —; é digno de reparo, digo, porque Antônio Ferreira, tão primoroso imitador dos antigos, não deixaria os seus modelos sem alguma razão que o persuadissem a inovar. Essa razão qual foi?...

Façamos esta invocação enquanto não temos de lutar com prejuízos de uma escola, e enquanto não seguimos um sistema por hábito.

Não se diga que haveria dissonância no uso simultâneo da prosa e do verso; tal não é, porque a prosa do Sr. Herculano é verso, e o verso do Sr. Garrett parece prosa. O primeiro mostra-nos a sua força em toda a sua plenitude; no mesmo tempo em que admiramos a energia da frase, o som das palavras vai de per si reboando nos ouvidos como se fôra o eco de uma tempestade. No segundo há tanta graça, tanta singeleza, tão prodigiosa facilidade de movimentos que nós conjecturamos maravilhados a força incrível que êle parece adrede ocultar. Perdoem-me a comparação, que não sei se é minha: é o cisne que pode ser águia, e que mostra que o é, mas que, satisfeito de nos encantar com a sua graça, menospreza a força com que êle poderia remontar-se às nuvens para empolgar os raios do sol. A prosa de Bernardim Ribeiro casar-se-ia maravilhosamente com os versos do Sr. Garrett, como os versos de Bocage com a prosa do Sr. Herculano.

A dificuldade não é invencível, porque a distância não é tão grande como parece.

Eu o repito: imovemos neste ponto. Se eu o não tentei, é certo ao menos que era essa a minha intenção quando imaginei êste drama, tal qual é. Aquela desbotada imitação de Corneille, aquelas palavras que diz Alcoforado antes de receber a fita de que a duquesa lhe faz mimo, seria o estreamento da tentativa e continuaria com ela pelo decurso do drama. Quando, no quarto quadro, a duquesa começa a exaltar-se com o som das suas próprias palavras, fazendo subir de ponto a impaciência do duque, a cólera dêste, instigado pela demora, devia trovejar-lhe nos lábios em versos robustos, e o espectador compreenderia õtiramente a razão da súbita mudança. Daqui até ao fim do quadro continuaria sempre a poesia. A voz de Alcoforado suplicando a vida da duquesa seria como uma harpa em uma orquestra, a voz da duquesa como um acorde mavioso, e a voz do duque e dos da sua comitiva como um acompanhamento fúnebre e pavoroso. Não sei o que diga; mas está me parecendo que, se quando a platéia esperasse ansiosa o desfecho de uma cena, de um ato ou do drama, mudassem os atôres repentinamente de linguagem, e trovejasse ao mesmo tempo o verso nos lábios dos atôres e a música em todos os instrumentos da orquestra, haveria na platéia tal fascinação que devia esmorecer por fim num bater prolongado de palmas e num estrugir acalorado de bravos. Mas não é da música que tratamos agora.

Talvez queira alguém saber o motivo por que não pratiquei aquilo mesmo que agora aconselho, e que digo ser conveniente fazer-se. Di-lo-ei francamente.

Não o fiz, porque, quanto a mim, toda a inovação deve ser intentada por alguém que já tenha um nome e simpatias que com mais ou menos probabilidade lhe garantam o sucesso. Neste caso, a malogração é de péssimos resultados, não tanto para o autor, como para a arte; o público toma para si uma opinião bem ou mal fundada, os mais altos temem arrostá-la, e haverá no progresso da arte retardamento de um século ou mais, até que de todo se apague a idéia da malogração ou do ridículo,

e que outros homens estejam dispostos a receber idéias já rejeitadas por seus antepassados.

Foi esta a causa; porém, outra há que eu não sei se faço mal em a dizer.

O drama é feito para ser representado, e entre nós só podem ser representados os que forem aprovados pela censura competente; de maneira que o nosso Conservatório Dramático na Côrte, e um delegado ou subdelegado de polícia nas províncias, tem um *veto* onipotente contra o qual não há recurso, ou eu não o conheço. Quem nos dirá que na primeira fôlha do malfadado manuscrito não gravaria o Conservatório Dramático o seu *veto*? O *veto* é tanto mais fácil de ser exarado, que a lei não exige o porque, tanto mais fácil que dêle não há recurso senão para êle, e ainda tanto mais fácil que ou êle se aplica às produções estrangeiras, e o autor não pode ou não quer advogar a sua causa, ou a nacionais, e êstes temem quebrar a sua carreira; temor infundado, bem se vê, pois que o Conservatório é superior a estas ninharias; mas enfim é temor, e contra êle não sei que haja medicina. A culpa quem a tem não é o Conservatório Dramático, folgo de o poder dizer com verdade; o Conservatório tem homens de conhecimentos, de consciência e de engenho, homens que são a flor da nossa literatura e os mestres do nosso teatro. Mal me estaria a mim, autor efêmero e desconhecido, querer levar mão de um só dos seus louros, que eu sei de quanto desinterêsse carece, de quanta fôrça de vontade, de que impulsão irresistível do gênio ou do fado, quem quer que entre nós se abalança a colhê-los no meio do indiferentismo da nossa gente e do sorriso quase mofador, quase compassivo dos que os não deviam desconhecer. Mas digo que êsses literatos e dramaturgos não podem ser úteis ali, porque executam fielmente a lei, que é um regulamento policial ao invés de ser uma medida puramente literária. Digo que até os folhetins que se publicam no *Jornal do Comércio*, sob o título — *Semana Lírica* —, são em tudo de mais efeito e utilidade do que as censuras do Conservatório, mesmo quando a *Minerva* lhes dava tal ou qual publicidade. Quem tem a culpa é a lei; e tanto mais culpada é ela, que, se meia dúzia de mancebos, de seu moto próprio, se reunissem para o mesmo fim, a sua pequena associação seria necessariamente mais vantajosa às letras do que o instituto do Conservatório. Sem autoridade legal, os decretos dessa reunião ou associação, para que fôssem de alguma importância, deveriam ser fundados na boa razão, na justiça e na imparcialidade. A sua crítica diária, hebdomadária ou mensal, publicada pela imprensa, chegaria ao conhecimento de todos, e, suscitando polêmica, serviria para iniciar o público nos segredos da arte, para formar-lhe o gôsto, quando o não tivesse formado, e avigorar-lhe a opinião já criada, quando fôsse a boa. Seria enfim uma instituição criadora ao invés de não ser nem conservadora, frutífera ao invés de estéril, e auxiliadora ao invés de ser repressiva. O engenho não quer peias; é esta uma verdade já hoje tão vulgarizada, que não carece de demonstração. Bem é que de uma vez nos convençamos que deve haver liberdade de pensamento, não só para o jornalismo, mas principalmente para a literatura, que não é de razão nem de justiça poder o ínfimo dos mecânicos encarar o seu pensamento nas suas obras, e que só ao poeta dramático não se permita deixar-se arrebatado livremente pela inspiração, mas antes seja constrangido, além de lutar com os nossos preconceitos, a meditar e a pesar a sua

frase para que algum Argos vigilante não descubra nela longes de feições que êle não conhece, ou ressaibo de opiniões que não são dêle. A liberdade de pensamento no drama não é como nós a entendemos, a só faculdade de o criar, mas também a de o publicar; e a sua primeira publicação é a récita. Se o drama não fôr representado, será bom como obra literária, mas nunca como drama. Se o drama não pode ser representado, mas o promotor consente que êle corra livremente impresso, dizem alguns que fica salva a liberdade do pensamento, e eu entendo que ela é muito mal-entendida.

Não digo que favoreçamos a literatura, digo sòmente que lhe não devemos pôr mais tropeços do que os que ela em si já tem.

Encanar na sua nascença um rio que, indigente de águas, mal pode com elas lavar seu leito, é trabalho de nenhum merecimento; porém se êle no fim da carreira engrossa e precipita a corrente, e sobrepujando as ribanceiras, alaga as margens e inunda largamente os campos, em tão boa hora que o encanem, mas não lhe ponham diques, que fôra inútil além de perigoso.

Quando pois a lei fôr revogada, como eu creio e espero, poderá qualquer autor compor um drama neste sentido, com a certeza de que a experiência será inteira e o resultado decisivo. Será outro, que não eu. Apareço um dia no mundo literário, e brevemente lhe direi o meu último adeus. Vencedor ou vencido, não me tornarão a ver sôbre a arena combatendo em favor das artes, e sendo por amor delas o primeiro a aplaudir e a exaltar os meus competidores.

Setembro de 1846.

PERSONAGENS

D. JAIME, *Duque de Bragança.*
LEONOR DE MENDONÇA, *Duquesa de Bragança.*
ALFONSO PIRES ALCOFORADO, *o velho.*
ANTÔNIO }
MANUEL, } *seus filhos.*
LAURA, }

FERNÃO VELHO, *veador do Duque.*
PAULA, *camarista da Duquesa.*
LOPO GARCIA, *capelão do Duque.*
UM SERVO.
UM PRÊTO.
HOMENS DE ARMAS, PAJENS E CRIADOS.

A ação passa-se em Vila Viçosa, a 2 de novembro de 1512.

ATO PRIMEIRO

QUADRO PRIMEIRO

A cena representa uma sala com um toucador, portas laterais, porta no fundo. um banco e mesa com bancais de damasco, algumas cadeiras de espaldar: decoração da época.

CENA PRIMEIRA [PAULA]

PAULA — (*Só, acabando de compor a mesa*) — O que se havia de meter em cabeça àquele pobre Alcoforado! E escolher-me a mim, logo a mim para sua confidente! Mas enfim êle é tão novo, que não era de razão que eu o deixasse morrer assim sem mais nem menos. Que doido aquê!. . . Foi logo oferecer oferendas e romarias àquela santa que por certo lhas não há de aceitar; porém, que se me dá a mim que êle gaste cêra com ruins defuntos em vez de a mandar benzer para se guardar dos trovões!

CENA II PAULA, a DUQUESA

PAULA — Jesus! Sois vós, Sra. Duquesa!

A DUQUESA (*Sorrindo*) — De que te admiras?

PAULA — Tão cedo! Apenas o sol acaba de nascer! Acaso estais doente?

A DUQUESA — Não pude dormir; assim me acontece sempre em terras pequenas. Não tenho em que empregar os serões, deito-me cedo, e passo a noite a revolver-me no leito.

PAULA — Como estais pálida! Realmente é-nos preciso ir para a côrte quanto antes; que se passais muitas noites como esta, não vos asseguro a vida por um ceutil.

A DUQUESA — Dizes bem; porém enquanto por cá andamos, não te esqueças de me tocar.

PAULA — Sim, tocar-vos agora para terdes ao meio-dia um toucado desfeito e sem graça.

A DUQUESA — Compô-lo-ás de novo. Custa muito? (PAULA começa a tocá-la.) Já hoje viste o Senhor duque?

PAULA — Ah! o Senhor duque! Está outro como vós! Esta manhã, ainda o sol não era nascido. senti um tropel à porta do palácio; cheguei-me à janela, e vi dois cavalos arreados e prontos; pouco depois saiu o Senhor duque, cavalgou de um salto o primeiro que encontrou, e quando Fernão Velho, o veador, acabava de cavalgar o segundo, já êle se tinha sumido lá, bem longe, como quem vai caminho da tapada.

A DUQUESA — Pobre homem!

PAULA — Pobre! Bem terrível que é êle!

A DUQUESA — Terrível por quê? Não sabes tu que o duque tem alma grande e coração generoso?

PAULA — Generoso e grande quanto quiserdes; o que todavia não obsta a que eu em sentindo os seus passos me não deseje a cinquentas braças pela terra dentro, ou a cinquenta léguas distante dêle.

A DUQUESA — Devêras antes compadecer-te do muito que êle há sofrido! Crês tu que a sua tristeza sombria e inexpugnável cifre-se tôda nas rugas que lhes vês sulcar o rosto? Não... mais funda é a sua raiz, tu a encontrarás no seu pensamento e nas recordações dolorosíssimas que o esmagam.

PAULA — Vão lá ter compaixão de um homem que amedronta a gente!... Apesar de me repetir a mim mesma quanto me dizeis, Sra. Duquesa, não posso acabar comigo de... antipatizar com êle.

A DUQUESA (*Severa*) — Falas de meu marido?

PAULA — Jesus! Eu bem sei que êle é vosso marido; porém, devo eu por isso faltar à verdade?... Meu Deus, parece que nunca sentistes calar-vos pelos ossos uma sensação de frio quando êle firma sôbre um rosto qualquer aquêles olhos negros e sombrios, que parecem querer virar a gente de dentro para fora.

A DUQUESA — Cala-te. (*Mais baixo*) — Eu mesma, Paula, eu mesma, quando adivinho, não me é preciso ver, quando adivinho que meu marido me encara fixamente, sinto o sangue arder-me nas faces e perturbar-me tôda como se fôsse criminoso; e todavia não tenho um pensamento, nem sequer um pensamento de que me deva acusar.

PAULA — Vêde! Até vós mesma...

A DUQUESA — Não posso escutá-lo sem estar em contínuo sobressalto; mesmo quando êle me fala eu temo a explosão da sua cólera. A sua cólera terrível! Eu a temo! eu a temo!... E contudo, para que o amasse bem pouco lhe seria preciso... êle não o quer.

PAULA — Êle, senhora!

A DUQUESA — O rei seu tio, a rainha sua avó, a duquesa sua mãe, todos o contranferam a celebrar êste casamento bem contra a sua vontade. Êle o não queria, a ponto de tentar evadir-se disfarçado. Reputa-me a causa de haver êle mentido à sua vocação, e ainda me não pôde perdoar.

PAULA — Mas que culpa tendes vós?

A DUQUESA — Nenhuma; e contudo êle tem razão. Quem se não irrita de encontrar continuamente o mesmo obstáculo diante de si? Apesar disso êle trata-me com magnificência real, tem para comigo deferências e atenções, que eu bem sei que mais são filhas da urbanidade que do coração; mas outro fôsse êle que facilmente se esqueceria na sua vida íntima das maneiras de cortesão. Sempre é certo que êle é bem melhor do que o supões.

PAULA — Não vos contradirei, Sra. Duquesa. Prouvera ao céu que êle fôsse tão bom como vós sois.

A DUQUESA — Que! Já aprendeste a lisonjear?

PAULA — Pois deveras, Sra. Duquesa, sou eu a primeira em dizer-vos coisas tão simples como isto?

A DUQUESA — Certo, és a primeira.

PAULA — Pasma com o que me dizeis. Permitis-me que vos fale tôda a minha verdade?

A DUQUESA — Dize-a.

PAULA — Olhai, senhora; se sou a primeira em dizer-vos que sois bela e que tendes bom coração, muitos outros que pensam como eu calam-se prudentemente para que não tomeis a verdade por ofensa, nem por lisonja o louvor merecido.

A DUQUESA — Boa Paula! Julgas que todos me vêem com os teus olhos, e que em mim pensam com a tua alma?

PAULA — Não, senhora; com melhores olhos que os meus, com alma mais ardente que a minha... Um sôbre todos...

A DUQUESA — Quem?

PAULA — Aquêlo belo mancebo que tôdas as manhãs passa por defronte de vosso balcão montado em um formoso ginete murzelo, que êle parece sofrer não com esforço, mas só por força da sua gentileza.

A DUQUESA — De quem falas tu?

PAULA (*Continuando*) — Ainda não cinge espada de cavaleiro, mas...

A DUQUESA — Ah!

PAULA — Mas quando êle a houver cingido... vereis... vereis que nome terá o Sr. Alcoforado! Há de ser alguma coisa assim como Hermigues, o Traga-Mouros, ou Leonardo, O Cavaleiro Namorado.

A DUQUESA — És mais hábil do que eu, que ainda lhe não pude descobrir partes de cavaleiro.

PAULA — Oh! É porque ainda lhas não quisestes descobrir, ou porque talvez ainda não atentastes bem nêle.

A DUQUESA — Muito te interessas por êle, minha boa Paula.

PAULA — Muito: por que vos hei de mentir? Gosto muito dêle... Sabeis o que o outro dia me aconteceu?

A DUQUESA — Que foi?

PAULA — O outro dia tinha eu na mão aquela vossa fita de cetim rosa aleonada, e êle, que me viu com ela, veio direito a mim, e sem me dar tempo para dizer ai! cortou um pedaço e... levou-o!

A DUQUESA (*Levantando-se*) — Imprudente! não sabes que tenho por costume de a trazer, e que todos em palácio já me viram com ela?

PAULA — Não vos estou dizendo que não tive tempo para dizer ai! É depois, que mal há nisso? Uma fita já tôda amarrotada!...

A DUQUESA (*Severa*) — Seja o que fôr, senhora, coisas que me

pertencam não as quero por mãos de estranhos. Quando para aqui viemos, eu pedi ao Senhor duque que me livrasse da etiquêta cortesã, da numerosa companhia das damas do meu serviço, e que a vós fôsse lícito acompanhar-me. Não deveis, portanto, abusar da minha condescendência, nem comprometer-me com a vossa leviandade. Não sabeis que gênio tem o duque.

PAULA — Mas que querieis vós que eu fizesse? Êle julgou que a fita fôsse minha.

A DUQUESA (*Menos severa*) — Estais certa disso?

PAULA — Mas que querieis vós que eu fizesse? Êle julgou que a fita nas mãos e pensou, muito naturalmente, que era minha.

A DUQUESA (*À parte*) — Vaidosa! (*Alto*) — Bem: o Senhor duque não pensará tão naturalmente como vós; e assim é mister que a torneis a haver.

PAULA — Eu lhe pedirei, Sra. Duquesa; e se êle a recusar... Oh! Então nós o faremos julgar contumaz e revel, e como tal degradar para alguma das sete partidas do mundo, com baraço ao pescoço e pregão que diga: Cavaleiro descortês e descomedido degradado por amor.

A DUQUESA — Se êle vos não quiser atender, recorreremos a outra justiça, menos pomposa, porém mais segura. (*Senta-se e com a mão faz sinal para que se retire.*)

PAULA (*À parte*) — Jesus, Senhor! (*Abre a porta do fundo e olha a furto para dentro*) — Ainda não!

A DUQUESA — Que dizes tu?

PAULA — Nada, senhora; estava agora lembrando-me daquele pobre cavaleiro!

A DUQUESA — Está bem, está bem. (*Repete-lhe o sinal. PAULA sai: momento de silêncio.*) Não gosto de ouvir falar nêle, e não posso pensar em outra coisa. Por quê? (*Torna-se pensativa.*)

CENA III

ALCOFORADO, a DUQUESA

ALCOFORADO — Senhora Duquesa!

A DUQUESA (*Levantando-se*) — Paula! Paula!

PAULA (*Entrando*) — Que me quereis, Sra. Duquesa?

A DUQUESA (*Em voz baixa*) — Não sabias tu que êle vinha? Por que me deixaste só?

PAULA — Não o sabia, senhora.

A DUQUESA — Não importa; ficarás comigo.

PAULA — Quereis que êle presuma que dêle vos arrecais?

A DUQUESA — Ah! (*Alto*) — Que fazias tu?

PAULA — Ia para junto dos vossos filhos.

A DUQUESA — Está bem; podes ir. (*PAULA sai.*)

CENA IV

ALCOFORADO, a DUQUESA

ALCOFORADO — Sra. Duquesa...

A DUQUESA (*Sem olhar para êle*) — A que vindes, senhor?

ALCOFORADO — Saber se alguma coisa vos apraz mandar do meu serviço.

A DUQUESA — Nada, senhor; podeis retirar-vos. (ALCOFORADO encara-a tristemente por alguns segundos, e vai para sair. A DUQUESA observando-o) — Pobre mancebo! bastou uma só palavra minha para o entristecer àquele ponto!... (Sentando-se) — Sr. Alcoforado! (Voltando-se para êle) — Como vai a vossa boa irmã, senhor?

ALCOFORADO — Vós sois boa, Sra. Duquesa. Sois severa de vez em quando, porém também tendes acentos que são como alívio para quem os escuta.

A DUQUESA (*Admirada*) — Mas quando eu vos falo de vossa irmã, a que propósito vem a minha bondade?

ALCOFORADO — A que vem, senhora?... É que vós me vistes triste e pensativo, temendo ter incorrido no vosso desagrado, e não quisestes que eu me fôsse da vossa presença com aquêlê espinho no coração. Sois boa e generosa: pois não é generosa a mão que, podendo colhêr uma flor para a desfolhar no seu caminho, a deixa verde e orvalhada, balancear-se na sua haste? Não é generoso o pé que, podendo calcar um inseto, ressalva-o para lhe não fazer mal algum?

A DUQUESA — Enlouqueceis, senhor?

ALCOFORADO — Que sei eu, Sra. Duquesa? Eu mesmo não sei o que digo; mas já que principiei a dizer-vos destas coisas que não compreendo, e que todavia não posso esconder-vos por mais tempo, deixai que as diga por uma vez, e podeis ordenar-me que não mais apareça diante de vós... Oh! não; dai-me um castigo bem rigoroso, mas não me exileis da vossa presença.

A DUQUESA — Inquietais-me.

ALCOFORADO — Escutai-me, Sra. Duquesa. As pessoas da vossa hierarquia têm às vêzes necessidade urgente de um homem resoluto e discreto que marche afoitamente por meio das trevas sem temer os golpes de um punhal traiçoeiro, nem a morte obscura e sem glória, que em meio delas o poderá alcançar: têm às vêzes caprichos imperiosos, e para os satisfazer é preciso todo o aparelho da tortura e todo o horror do cadafalso. Assim mo disseram. Se alguma vez tiverdes um dêsses caprichos ou uma dessas necessidades, dizei-me: — vai! e eu andarei por meio das trevas; — sofre! e eu me sujeitarei à tortura; — morre! e eu subirei ao cadafalso.

A DUQUESA — Sr. Alcoforado, não queira Deus dar-me tais pensamentos, nem tenha eu a criminosa vontade de manchar em seu começo a sua vida que promete ser tão bela. A vossa pátria tem necessidade de almas puras e braços esforçados e de homens que saibam morrer por ela; não de morte infamante como a quereis, mas da morte gloriosa do valente na arena do combate! Será doravante meu cuidado abrir diante de vós uma senda nobre e grande por onde marcheis desassombrado e a passos de gigante.

ALCOFORADO — Não vos pedi que me não exilásseis da vossa presença?

A DUQUESA — Ah! chamais a isto exílio!... Bem sei que na vossa idade há sempre motivos fortes que nos prendem à terra em que vivemos; porém é bem melhor que vos vades afazendo à idéia de que cedo ou tarde os haveis de romper, e por motivos talvez mais poderosos. (*Atentando no barrete*) — Tendes um lindo barrete, Sr. Alcoforado.

ALCOFORADO — Um mimo de minha irmã, senhora.

A DUQUESA — Deixai-mo ver?... É lindo. E esta fita também foi vossa irmã quem vo-la deu?

ALCOFORADO (*À parte*) — Céus!... (*Alto*) — Não, senhora.

A DUQUESA — Agora me lembra! A minha camareira queixou-se-me há pouco de que impolidamente lhe havíeis cortado uma fita que ela trazia na mão. (*Desprendendo a fita*) — E como essa fita era minha, não levareis a mal que eu dela me aposse de novo. (*Dá-lhe o barrete e põe a fita sobre a mesa. Momento de silêncio.*) — Vós partireis, Sr. Alcoforado.

ALCOFORADO — Poderia eu desobedecer-vos, senhora!

A DUQUESA — Partireis. O senhor rei D. Manuel abriu aos seus campeões as portas da Ásia e derribou as da África: lá ireis ganhar as vossas esporas, e desde já vos asseguro que eu me alegrarei a cada notícia que me chegar de algum feito brioso que houverdes praticado, porque então conhecerei que sois digno de tôda a minha proteção.

ALCOFORADO — E as pequenas palmas que eu colhêr no campo da glória, poderei, senhora, depor aos pés da minha protetora?

A DUQUESA — Quem vo-lo obstará? As nossas donas ainda se não esqueceram de sentir emoção ao aspecto de um rosto queimado pelo sol da África, de uma fronte coroada de louros ou de um peito coberto de cicatrizes. D. Manuel é magnífico; quando vemos uma comenda ao peito de um lidador, bem sabemos que ela esconde uma ferida gloriosa.

ALCOFORADO — E para que eu não desfaleça na senda perigosa que ora vou trilhar sòzinho e sem conselhos...

A DUQUESA — Quereis uma memória, não é assim?

ALCOFORADO — Não me atrevia a pedi-la.

A DUQUESA (*Brincando com a fita*) — Dar-vos-emos uma memória, Sr. Alcoforado; uma memória que em nossa ausência vos aconselhe e que vos diga que, assim como estimaremos o vosso triunfo, uma ação má que praticardes nos será motivo de grande nojo e nos desconceituará perante nós mesma. (*Momento de silêncio. A DUQUESA levanta-se e estende-lhe a fita.*) — Não é isto o que desejais possuir?

ALCOFORADO (*Com entusiasmo*) — Mouros e africanos! Atravessarei os mares para vos ir atacar impávido nas vossas espeluncas, para vos acostrar nos vossos páramos ardentes, para vos ir desafiar da porta das vossas fortalezas espedaçando o cajado dos vossos alarves. E quando dentre as vossas ruínas, do cimo de algum pano de muralha, a minha espada ensangüentada e fumegante apontar para o Ocidente rutilando sôbre vós outros como um meteoro aziago, o eco do meu nome atravessará de novo os mares, e vós direis por ventura que eu era digno... (*Caindo-lhe aos pés e tomando-lhe a fita*) — Da vossa proteção.

CENA V

Os mesmos, um PAJEM

O PAJEM — Srã. Duquesa! (*ALCOFORADO levanta-se confuso.*) — O duque, meu senhor manda saber de vós se lhe permitis visitar-vos.

A DUQUESA — Dizel ao senhor duque que sou bem feliz quando êle se digna de me honrar com a sua presença. (*O PAJEM sai.*) Sr. Alcofo-

rado, os fidalgos da comitiva do meu nobre espôso e senhor dora em diante só me poderão falar no salão do palácio.

ALCOFORADO — Mercê, Sra. Duquesa!

A DUQUESA — E isto começa desde já a efetuar-se.

ALCOFORADO — Mandais, senhora. (*Curva-se e retira-se.*)

A DUQUESA (*Pensativa*) — Fui imprudente.

CENA VI

O DUQUE, a DUQUESA

O DUQUE — Minha duquesa, venho hoje feliz e venturoso... (*Olhando em redor de si com desconfiança*) — Não faláveis a alguém?

A DUQUESA — Ao senhor Alcoforado, que se retirou neste momento.

O DUQUE — É um gentil mancebo o senhor Alcoforado. Nós prometemos ao seu velho pai fazer dêle um brioso cavaleiro, e por São Tiago, não nos falta vontade de cumprirmos com a nossa promessa. Que pretendia êle?

A DUQUESA — Quase nada: que lhe permitísseis entrar noutra carreira, deixando o vosso serviço, e que impetrásseis del-rei vosso tio uma recomendação aos fronteiros de África para...

O DUQUE (*Interrompendo-se*) — Para que o tratem com mil atenções, deixando-o vegetar na sua barraca de campanha, como uma flor numa estufa, não é isso?

A DUQUESA — Não senhor; para que lhe assinem um pôsto perigoso, onde êle possa alcançar morte honrosa ou nome glorioso.

O DUQUE — Bem, muito bem. Apraz-nos sabê-lo dêsse acôrdo, que é de um ânimo generoso revelar tal ardimento em tão verde juventude! Nós lhe abriremos essa estrada, e talvez que um dia nós mesmo, fronteiro das terras dentre Douro e Minho, fujamos da vossa muito amada companhia para irmos além-mar com os nossos vassalos, acometer os idólatras ao grito de: Bragança e Portugal!... O senhor rei D. Manuel, que nos não quis ver professar na religião de Malta, permitirá sem dúvida à nossa espada dilatar-lhe o império por terras de infiéis. (*Momento de silêncio.*) Não é para isto que vimos ter convosco. Sentai-vos. Dizei-me, duquesa, não vos apraz esta vida um pouco rústica que viemos aqui buscar neste destêrro?

A DUQUESA — Não é do meu dever seguir-vos para onde vos aprou-ver levar-me?

O DUQUE — Não vos falo do vosso dever; trata-se de vós, do vosso gôsto; pergunto-vos se não amais esta vivenda.

A DUQUESA — Duque, poderia eu estar melhor algures que na vossa companhia?

O DUQUE — Sempre boa, afável e condescendente! Mas certo que deveis amar esta vida que aqui passamos em Vila Viçosa. Tendes a alma um pouco propensa à tristeza e à melancolia: é um contágio em todos os que me cercam e que vivem na minha vida. Para essas almas, Duquesa, a vida cortesã é pesada e odiosa... Eu mesmo... há momento na minha vida em que eu daria de boa mente honrarias, brasões, títulos, nome e

tudo para que aldeão simples e humilde me deixassem viver obscuro e feliz longe do clamor das turbas e do bulício do mundo. Não imaginais com que profundo prazer parto sempre para viver uma semana na Serra de Ossa com os meus capelães, alimentando-me com a doutrina daqueles santos padres, ou exercendo as práticas mais severas da sua religião; ou então, e bem melhor, para habitar o meu oratório no Convento do Bosque. O meu oratório, sabeis o que é? Uma ermidezinha humilde e vergonhosa ali escondida entre as ramas do arvoredado frondoso como um pensamento de virgem, aformoseado pelo silêncio e pelo pudor. Os pensamentos que aqui me perseguem, dolorosos como a realidade, lá me aparecem doces e tristes como uma recordação.

A DUQUESA — Eu concebo, Sr. Duque, que vós partais sempre com a felicidade no coração, e que sempre torneis...

O DUQUE (*Atalhando-a*) — Mais feliz do que parti. Tenho a certeza de encontrar sempre a vossa inalterável doçura, a vossa alma compassiva e angélica, e o vosso rosto sereno e tranqüilo. Não é convosco que as minhas recordações... (*Apertando a cabeça*) — Sempre elas!...

A DUQUESA — Sofreis, Sr. Duque?

O DUQUE — Muito. Esta noite não sei que negros pensamentos me atormentaram. A morte lastimosa de meu pai, a minha infância desvalida, o meu envenenamento, o meu exílio por terras estranhas eram eventos doloríssimos que, sem cessar, me passavam por diante dos olhos roubando-me o sono... e a razão, creio eu...

A DUQUESA — E não vos distraístes com o passeio desta manhã?

O DUQUE — Sim. A corrida afanada, o tresfolgar dos cavalos e a aragem fresca do romper dalva tiveram fôrças para me chamar à realidade em poucos instantes. Respirei profundamente o ar puríssimo dos campos, vi o sol bordar o horizonte com uma franja de púrpura, derramar pelo céu alvacentos listões de fogo vivíssimo e destacar dos montes, como uma coluna de incenso, a neblina pegajosa que ali se balançava como um penacho de guerreiro em dia de batalha. Vi a natureza sorrir-se em redor de mim; e eu extasiei-me de a sentir tão fundamentalmente, e fui feliz! Tão feliz como no dia em que o senhor rei houve por bem mandar abrir as portas do meu palácio, fechadas com estrondo por um vento de morte. Tão feliz como no dia em que eu arranquei o crepe fúnebre que enlutava o meu escudo, pregado ali pela mão do carrasco. (*Levantando-se*) — Quando meu pai... Pajem! pajem!

A DUQUESA — Que tendes vós, senhor?

O DUQUE — Não vêdes que me é preciso sair ainda, que me é preciso matar êste pensamento com algum exercício? (*O PAJEM entra.*)

CENA VII

Os mesmos, um PAJEM

O DUQUE — Fernão Velho que mande selar os ginetes, que faça aprontar a matilha e os falcões, e que abra a sala de armas para que os meus pajens e os senhores do meu serviço, que me quiserem acompanhar, se aparelhem para a caça. (*O PAJEM vai-se.*)

CENA VIII
O DUQUE, a DUQUESA

O DUQUE — Não vindes, Sra. Duquesa?

A DUQUESA — Se me permitis, D. Jaime.

O DUQUE — Vamos à devassa de Vilaboim que, como sabeis, abunda em caça; tem alguns javalis, mas creio que dêles não vos arreceais; e demais, é ocasião de experimentardes o vosso belo palafrém andaluz que há pouco vos chegou de Espanha. Quereis vir?

A DUQUESA — Mandais...

O DUQUE — Não, peço-vos.

A DUQUESA — Mas... desejais ao menos levar-me na vossa companhia?

O DUQUE — Ser-me-ia prazer se para vós não fôsse incômodo.

A DUQUESA — Irei, D. Jaime.

O DUQUE — Eu, vo-lo agradeço, minha bela guerreira, e de volta falaremos do vosso protegido.

A DUQUESA — Meu protegido!

O DUQUE — Sim, não vos interessais por êle?

A DUQUESA — Como cousa que, por assim dizer, vos pertence.

O DUQUE — É ser cruel, Duquesa! Pois nem ao menos quereis que tenha a presunção de haver retribuído com outra a vossa cortesia? Como quizerdes, é certo que me não pêsá de vos ficar obrigado. Êle partirá. Vireis já, não é assim?

A DUQUESA — Creio que vos não farei esperar.

O DUQUE — Então sêde breve. (*O DUQUE vai-se.*)

CENA IX
Os mesmos, um PAJEM

A DUQUESA (*Só*) — Êle irá também conosco; eu o adivinho... Vê-lo-ei pela última vez.

QUADRO II

A cena representa o mesmo aposento do quadro primeiro.

CENA PRIMEIRA
A DUQUESA, PAULA

PAULA — Como estais, Sra. Duquesa?

A DUQUESA — Boa. Não veio alguém saber de mim?

PAULA — Um pajem do senhor duque da parte de seu amo.

A DUQUESA — Tu lhe disseste?

PAULA — Que descansáveis e êle tornou a dizer-me que o senhor duque seria convosco logo que acabásseis de repousar.

A DUQUESA — Está bem. (*Momento de silêncio.*)

PAULA — Sra. Duquesa, é certo o que se diz que vos ia acontecendo?

A DUQUESA — O quê?

PAULA — Um desastre?

A DUQUESA — É certo.

PAULA — Mas podia êle ser de morte?

A DUQUESA — Que sei eu? Talvez fôsse: felizmente o meu bom anjo me não desamparou.

PAULA — O vosso bom anjo?

A DUQUESA — Sim. Foi um momento terrível, Paula. O duque se havia embrenhado pela floresta com a sua comitiva, e alguns cavaleiros que me guardavam insensivelmente me foram abandonando, seguindo o vôo de um falcão que tinham soltado: de repente o meu palafrem arrancou comigo pulando troncos, pedras e valados.

PAULA — E não caístes?

A DUQUESA — Quis ver de que se tinha êle espantado: voltei a cabeça e vi... foi horrível! um javali que vinha sôbre mim.

PAULA — Jesus, Senhor!

A DUQUESA — Perdi o tino; ao invés de lhe soltar as rédeas, puxei-as com força: êle tropeçou, caiu, e eu caí com êle.

PAULA — Virgem Santíssima... E como vos salvastes?

A DUQUESA — Houve-me por morta, porém não tive tempo para tem mêdo. Escrava da minha sorte e sem tentar escapar-lhe, fechei os olhos, senti o zunido de uma cousa que cortava os ares e um braço que me enlaçava pela cintura quando ia cair por terra.

PAULA — Foi o senhor duque!... Bom homem!... Que muito lhe eu já quero pelo bem que vos há feito!

A DUQUESA — Não foi êle. Abri os olhos para ver o protetor que o céu tão oportunamente me enviara. Era Alcoforado quem me tinha salvado a vida. Por esforço de coragem sobrenatural, que ainda não sei como a achei em mim, quis-me interpor entre êle e o animal, que pouco havia não tinha ousado afrontar; porém ao tropel de alguns cavalheiros, olhei naquela direção, e vi o meu marido que de nós se aproximava: senti como uma nuvem diante dos olhos e caí desmaiada.

PAULA — Nobre mancebo!

A DUQUESA — Quando tornei a mim já êle tinha desaparecido: vi sômente o javali com um venábulo que o atravessava de parte a parte. Foi preciso vê-lo para me convencer de que o que eu supunha um sonho tinha sido uma realidade.

PAULA — Então, Sra. Duquesa! Não é com razão que vos digo que o mancebo, em quem ainda não pudestes descobrir partes de cavaleiro, será em algum tempo guerreiro de nomeada?

A DUQUESA — Tem razão, boa Paula. A estas horas que seria de mim se êle não fôsse?

PAULA — E bem que vos deu êle desmentido tão cavalheirosos! Ainda quereis que lhe eu peça a vossa fita?

A DUQUESA — Quando outra coisa não fôsse, ser-me-ia bastante desairoso negar cousa tão pouca a quem tanto fêz por meu respeito; não lhe fales nela! (*Silêncio*).

CENA II
Os mesmos, o DUQUE

O DUQUE (*Sombrio*) — Como, ides, senhora?

A DUQUESA — Foi um sobressalto, Sr. Duque; um delíquio passageiro que não merecia vossa solicitude.

O DUQUE — Folgamos de vos achar perfeitamente restabelecida. Pesar-nos-ia que por nossa causa sofrêsseis graves incômodos.

A DUQUESA — Quando eu os sofresse, D. Jaime, não teríeis razão para vos culpardes a vós mesmo. É verdade que fostes vós que me pedistes para ir a esta caçada; porém, o acontecimento que teve lugar, estava tanto acima da providência humana, que não era de ser prevenido.

O DUQUE — Sim, duquesa, estava muito acima da providência humana, porém, não dos meus pressentimentos. Já falastes ao vosso salvador?

A DUQUESA — Não, Sr. Duque.

O DUQUE — Convém que lhe faleis. A pessoas da nossa hierarquia não está bem dever favores a quem quer que seja; porém, quando tal aconteça, deve-se-lhe uma remuneração tal, que êle se não lembre do favor prestado, senão do galardão recebido. Falai-lhe, prometei-lhe quanto vos aprouver, que nós de antemão subscrevemos a tudo quanto lhe prometerdes: antes mais que menos... Paula, na ante-câmara da senhora duquesa deve estar algum dos nossos pajens; dizei-lhe que chame o Sr. Alcoforado, e trazei-nos depois um copo de água. (PAULA *sai*.)

CENA III
O DUQUE, a DUQUESA

O DUQUE (*Rompendo o silêncio*) — Quereis ir para a côrte, Sra. Duquesa?

A DUQUESA — E vós também ides?

O DUQUE — Comigo ou sem mim, isso que importa?

A DUQUESA — Duque, morarei de bom grado onde quer que morardes: o lugar pouco me importa.

O DUQUE — Mas não se dirá que sou um espôso colérico e despótico, que entorpeço a vossa vontade, que embargo as vossas ações, que ponho obstáculos aos vossos mais inocentes, mais íntimos desejos? Por Deus, senhora, tende sequer por um instante, sequer uma vez um desejo vosso, uma vontade vossa, livre e independente de outro desejo e de outra vontade. Não vos mostreis como vítima adornada para o sacrifício, e levada para ali mau grado seu; mostrai-vos senhora, que realmente o sois.

A DUQUESA — Irei, Sr. Duque.

O DUQUE — Falai assim, que vos entenderemos. A côrte tem muitas festas, muita pompa, muitos divertimentos: precisais dêles, bem o sabemos.

CENA IV

Os mesmos, PAULA, com um copo de água

O DUQUE (*Continuando*) — Com o vosso gênio careceis de distrações, e fazeis bem em vos distrairdes, ou dia virá em que, como eu, mau grado vosso, sereis vítima da vossa imaginação. (*Tomando o copo maquinalmente*). Sei que esta vida não deve quadrar com a vossa vida, e assim aprovo inteiramente a vossa resolução. (*Levando o copo aos lábios e logo arrojando ao chão*) — Esta água... Esta água.

A DUQUESA (*Levantando-se assustada*) — Ah!

PAULA — Água rosada, senhor: não é o que costumais beber?

O DUQUE (*Tomando vivamente as mãos da DUQUESA*) — Oh! Perdão, perdão, duquesa! (*A PAULA*) — Ide-vos. (*PAULA sai*).

CENA V

O DUQUE, a DUQUESA

O DUQUE — Contra a minha vontade vos atemorizei; foi um movimento rápido, impetuoso, violento... não tive tempo para o conter.

A DUQUESA — Fizeste-me bem mal, senhor!

O DUQUE — Bem o vejo. Desastrado que eu sou! Mas vós que tanto tempo há me conheceis, por que vos não rides dos meus arrebatamentos, das minhas desconfianças, dos meus acessos de cólera? Por que vos não rides, senhora?

A DUQUESA — Não posso.

O DUQUE (*Sentando-se*) — Já compreendeis a razão por que vos não desejo comigo? É porque mais que nunca os meus ataques multiplicam-se, acabrunham-me, perseguem-me, e contuo já os não devíeis temer; não vos devíeis atemorizar quando vos não compadecêsseis de mim.

A DUQUESA — Oh! Senhor!

O DUQUE — Sim, compadecei-vos, porque eu sou mais infeliz que mau. Apenas me levantei do berço, que ao invés de meu pai vi um cadafalso por cima da minha cabeça; apenas no exílio, fomos envenenados, eu e meu irmão: êle morreu, e eu continuei a arrastar a minha vida sôbre a terra. Despojado violentamente de quanto há no mundo de mais precioso e caro, continuamente contrariado nas minhas inclinações as mais íntimas, as mais santas; ainda hoje! hoje, que sou homem, duque, poderoso e respeitado, como dizem, sofro de ter nascido nobre ao invés de ter nascido vilão, de ser senhor, ao invés de ser vassalo, de ser livre ao invés de ser escravo!

A DUQUESA — Não digais tal, senhor.

O DUQUE (*Pegando-lhe na mão*) — Digo-vos isto, porque é êste o meu sentimento; e porque, se assim não fôra, eu não sentiria, mesmo agora, a vossa mão tremer na minha, fria e gelada, como que já não tendes vida.

A DUQUESA — Foi o terror momentâneo; já o não sinto.

O DUQUE — Ouvi. Esta manhã, quando vos eu vi por terra, sòzinha e sem defesa contra o javali que vos ia despedaçar, julguei que vos havia

perdido, e por minha culpa; quando vi o senhor Alcoforado arrojear seu venábulo, da distância em que eu estava, e como vos visse cair, pareceu-me que o ferro vos tinha ofendido, e que morriéis dêle. Felizmente que nada vos aconteceu, graças à mão certa do mancebo, que tomou a seu cargo desmentir os meus pressentimentos. Bem sabeis quanto sou supersticioso! A minha insônia desta noite, as duas mortes de que escapastes, fazem-me crer que uma fatalidade sobrevirá hoje à minha família. Não o duvideis!... Será o terceiro golpe o mais terrível! A vítima não escapará. Quando levei aos lábios aquêlo copo de água rosada que a vossa camareira me oferecia, a morte de meu irmão me passou por diante dos olhos como um relâmpago, e eu me esqueci de mim, de vós, de tudo, para só me lembrar do que já sofri com o veneno que me deram. Ate-morizei-vos, bem contra a minha vontade.

A DUQUESA — Mas por que pensais em coisas tão tristes? Por que vos não distraís?

O DUQUE — Posso eu pensar noutra cousa que nisto não seja?... Posso eu achar prazer senão em afundar-me nos meus pensamentos e em torturar-me a mim mesmo?... Partireis, duquesa; jovem, nobre e formosa, não é com um homem como eu que deveis passar a vida. Ireis para a companhia de minha mãe que também é vossa, por ela fostes educada... (*Entra ALCOFORADO.*) Quem ousa interromper-nos?

CENA VI

Os mesmos, ALCOFORADO

ALCOFORADO — Sr. Duque...

O DUQUE (*Severo*) — O que quereis?

ALCOFORADO (*Concentrado*) — Serei acaso algum mendigo?

O DUQUE (*Mais severo*) — O que nos quereis, senhor?

ALCOFORADO — Inferno! Ser assim tratado na presença dela!

O DUQUE (*Levantando-se*) — Mancebo, não costumamos a repetir as nossas ordens. Cabeças mais nobres, presunções mais bem fundadas que as vossas, nós as temos por mais de uma vez curvado até se nivelarem com o solo. Rompei o silêncio, senhor, ou por S. Tiago...

ALCOFORADO — Eu me retiro, Sr. Duque...

A DUQUESA — Duque, não fostes vós quem o mandastes chamar?

O DUQUE — Ah! Sim, sim. Que miserável cabeça que eu tenho! Perdoai, meu jovem amigo; outros pensamentos agora nos ocupavam, porém o salvador da nossa nobre espôsa e senhora será sempre bem-vindo, qualquer que seja o lugar em que estivermos. Sentai-vos.

ALCOFORADO — Sr. Duque, se mo permitirdes, eu escutarei de pé as vossas determinações.

O DUQUE — Como vos aprouver. A duquesa nossa espôsa vos quer agradecer a destreza e coragem com que hoje lhe salvastes a vida. Nós nos retiramos; vinde, porém, ter conosco antes de vos partirdes para a África, e onde quer que estiverdes, lembrai-vos que tendes um amigo no duque de Bragança e Guimarães. (*Estende-lhe a mão, ALCOFORADO hesita*) — Tomai-a, Sr. Alcoforado; mais nobre que ela a de el-rei; mais leal nenhuma. (*ALCOFORADO toma-lhe a mão*) — Adeus. (*Sai.*)

CENA VII

A DUQUESA, ALCOFORADO, PAULA

PAULA (*Espreitando da porta*) — Já se foi? — (*Andando para o meio da cena*). — Viva Deus!... Está hoje terrível o senhor duque.

A DUQUESA (*Levantando-se e levando a PAULA para um canto da cena*) — Paula, não saias de junto de mim!

PAULA — Por que, senhora?

A DUQUESA — Não saias. (*Vindo sentar-se*) — Sr. Alcoforado, quando esta manhã vos oferecemos a nossa proteção, de mau grado a aceitastes, e cedo tivestes ocasião de nos provar que bem mais útil nos seria a nós o vosso braço do que a vós a nossa proteção.

ALCOFORADO — Foi um acaso, Senhora Duquesa, não falemos mais dêle.

PAULA — Mas deveras, senhor, que vos portastes com tôda a gentileza.

ALCOFORADO (*Em voz baixa*) — Paula, quero dever-te um grande favor.

A DUQUESA — Foi um acaso, é verdade, mas um acaso que nos podia ser funesto se ali felizmente não deparássemos convosco.

PAULA (*A ALCOFORADO, em voz baixa*) — O que quereis de mim?

ALCOFORADO — Se não fôsse eu seria outro; ao invés daquele incidente haveria outro qualquer, porque é bem de ver que não podíeis morrer assim. (*Em voz baixa, a PAULA*) — Deixa-nos sós.

PAULA — Oh! Sempre é certo que tendes o coração bem generoso e a mão certa e leal como vós sois. (*Em voz baixa*) — Ela pediu-me que não a deixasse; tentarei.

A DUQUESA — Mas... pêsá-vos acaso que em o nosso reconhecimento vos devamos alguma coisa?

ALCOFORADO — Oh! Não, senhora. Se eu vos devesse a vida haveria por isso de estimá-la em menos? O evento desta manhã foi realmente um acaso bem indiferente para vós, bem venturoso para mim.

PAULA — Permitis, Senhora Duquesa, que eu me retire por um instante?

ALCOFORADO (*Em voz baixa*) — Não voltes!

PAULA (*Em voz baixa*) — Deixai-me.

A DUQUESA (*Em voz baixa*) — Louca! E o que te eu disse?

PAULA (*Em voz baixa*) — É só por um instante.

A DUQUESA — Vai, mas não te esqueças. (*PAULA sai.*)

CENA VIII

A DUQUESA, ALCOFORADO

A DUQUESA (*Depois de um momento de silêncio*) — Quando hoje tornei a mim do meu desmaio, procurei-vos entre as pessoas que me cercavam, não tanto para vos agradecer, como para convencer-me por meus próprios olhos que nenhum mal havíeis sofrido por meu respeito.

ALCOFORADO — É certo que entre as pessoas que vos cercavam nenhuma houve que pudesse dar notícias minhas?

A DUQUESA — Não me atrevi a perguntá-lo.

ALCOFORADO — Ah! Não vos atrevestes! Decerto, fôra pasmoso que donas como vós inquirissem em público de pessoas como eu.

A DUQUESA — Não foi por êsse motivo. (*Hesitando*) — Queria saber de vós mesmo se estáveis perfeitamente bem.

ALCOFORADO — Eu vo-lo agradeço, senhora. Infelizmente nada sofri.

A DUQUESA — Infelizmente!

ALCOFORADO — Infelizmente. Se algum desastre me houvesse acontecido, talvez que por um instante vos esquecêsseis da vossa nobreza para derramar um olhar de compaixão sôbre o mísero, que por vós se houvesse sacrificado: talvez que por um instante vos esquecêsseis da prudência, essa virtude divina que é o móvel das vossas ações, não para verter lágrimas por mim, mas ao menos para desatar uma palavra do coração, para soltar um grito que me convencesse de que também experimentais o que tão profundamente fazeis sentir.

A DUQUESA — Não vos compreendo, senhor!

ALCOFORADO — Mas acreditais o que ainda hoje vos disse; compreendeis ao menos que eu vos serviria de joelhos tôda a minha vida, para que do alto da vossa grandeza deixásseis cair sôbre mim triste e mesquinho uma palavra de comiserção? Que eu daria a minha vida por um sorriso vosso, que eu daria a minha cabeça ao carrasco, se me fizésseis um aceno, e se me prometêsseis chorar sôbre a minha estrêla, sôbre mim, ainda quando só fôsse no silêncio da noite, quando nenhuns olhos pudessem interrogar os vossos olhos, orvalhados com lágrimas, quando nem uma voz pudesse desafiar a vossa voz, embargada pelos soluços? Compreendeis ao menos isto, Sra. Duquesa?

A DUQUESA — Não, senhor. Que sou eu para vos merecer tão alta dedicação?

ALCOFORADO — Que sois vós! Sei-o eu por ventura? Sois o objeto que me fere continuamente os sentidos, a idéia que tenazmente me ocupa a alma, a imagem que veio sentar-se imperiosamente à minha cabeceira, e dizer-me: “não terás olhos senão para mim”, a voz que me brada a todo o instante: “não terás ouvidos senão para mim”, o fantasma que me prende, que me enlaça, que me eleva nas asas da esperança, que me abate no abismo da desesperação, e que me repete sempre e sempre: “morrerás por mim!” Tentei resistir a esta idéia, a esta imagem, a êste fantasma; não o pude, que mais podia a fascinação do que a minha vontade. Evoquei o amor de família, as afeições que eu há pouco sentia ardentemente por meu pai, nobre velho cuja mão descansa sôbre a minha cabeça como no bordão da sua velhice; por meu irmão, jovem esperançoso, que vai no caminho da vida medindo os seus passos sôbre os meus passos; por minha irmã, donzela estremosa que se apegou ao meu destino como hera ao muro mal construído, que está prestes a desabar; e as minhas afeições foram mudas, e os meus olhos cegos, e os meus ouvidos surdos... Só essa imagem cintilava na minha vida como uma santa numa capela ardente, cercada de turíbulo e envolta em ondas de incenso. Deixei-me arrastar por ela. Cedi; perdi-me.

A DUQUESA — Eu devia tê-lo adivinhado! (*Resolutamente*) — Estais salvo, senhor; partireis para África.

ALCOFORADO (*Amargamente*) — Não é essa a vossa vontade?

A DUQUESA — Partireis, senhor; não escuteis uma palavra, não volteis a cabeça para trás. Parti amanhã, esta noite. agora mesmo, parti!... Embrenhai-vos pelos esquadrões dos inimigos sem temor da morte, que ela respeita os valentes; e quando vos tornardes do vosso delírio, a santa, que há de cintilar no meio das vossas esperanças, não será a imagem de uma mulher; será a glória, e estareis salvo.

ALCOFORADO — Partirei, Sra. Duquesa; mas juro-vos que me não hei de esquecer. Terei eu tempo para isso? A minha vida pende de um fio, não sei qual: sei que há de romper-se, e que não tardará muito!

A DUQUESA — Longe de maus agouros, Sr. Alcoforado; partireis cheio de vida e voltareis carregado de louros.

ALCOFORADO — Que farei dêles? A minha imagem, dizeis vós, se terá apagado como um sonho ou como o fumo nos ares; meu pai terá desaparecido da face da terra, que os seus dias já não podem ser muitos; meus irmãos... Sei eu porventura o que será dêles durante a minha peregrinação?

A DUQUESA — Pensareis então diversamente, Sr. Alcoforado. Eu, porém, vos não quero demorar; deveis partir precipitadamente se quereis partir.

ALCOFORADO — Partirei amanhã, Sra. Duquesa.

A DUQUESA — Talvez seja tarde!

ALCOFORADO — Com bem ânsia que me quereis longe de vós, senhora!

A DUQUESA — Ouvi. Disse-me o senhor duque vos promettesse o que me aprovesse, que êle guardaria a minha palavra. O que quereis vós?

ALCOFORADO — Nada, Sra. Duquesa.

A DUQUESA — Nada! Refleti bem. O vosso arrependimento seria tardio, ou a demora vos poderia prejudicar. Que postos quereis no exército?

ALCOFORADO — Nada, nada quero, e contudo... Sra. Duquesa, poderia eu pedir-vos mercê mais especial?

A DUQUESA — Falai.

ALCOFORADO — Julgais na vossa consciência que me deveis um serviço, não é assim?

A DUQUESA. — A vida, Sr. Alcoforado; e somos bem felizes em o poder confessar altamente.

ALCOFORADO — Pois leva, um serviço feito a vós. Sois vós quem o deveis galardoar, não é verdade? E de feito, que tenho eu com o senhor duque?

A DUQUESA — Concluí, senhor.

ALCOFORADO — Dizei bem. O homem que arriscou a sua vida só por amor de vos salvar, e que não esperou pelo vosso agradecimento, nem sequer por uma palavra vossa, que todavia êle quisera escutar, mesmo a trôco de seu sangue, julgais que seja capaz de vos faltar com o acatamento que vos é devido?

A DUQUESA — Não o cremos; mas...

ALCOFORADO — Ainda uma palavra. E se não julgais que êle vos possa faltar ao decôro, podereis julgar que êle queria abusar da vossa gratidão ou arriscar a vossa honra?

A DUQUESA — Em nossa consciência, Sr. Alcoforado, que vos te-

mos por um mancebo lhano e cortês, incapaz de faltar com o respeito às donas, de as ofender por gestos ou ações, ou de sacrificar a sua honra a um capricho irrefletido. Concluí. Que vos podemos nós fazer que seja recompensa de favor tamanho?

ALCOFORADO — É uma entrevista que vos peço.

A DUQUESA — Uma entrevista!

ALCOFORADO — Sim: uma hora, um instante em que eu vos possa, sem testemunha e sem temor de ser escutado, dizer-vos tudo quanto sinto, tudo quanto sofro, e partirei, esperançoso se não feliz, resignado se não contente. Será a última vez que nos veremos. Sra. Duquesa, a última, e não mais ouvireis falar de mim!

A DUQUESA — E não estamos a sós?

ALCOFORADO — Mas posso ser interrompido de momento a momento; e que o não pudesse! Quando o homem sofre como eu sofro, é-lhe preciso morder com força os lábios entre os dentes para não emitir um som... e aí dêle! se deixa escapar um gemido, porque depois dos gemidos virão os gritos, e depois dos gritos a desesperação!... Concedei-me a entrevista, Sra. Duquesa; não ouvireis da minha boca uma só palavra que vos faça corar, nem um só gesto que vos possa ofender; eu vo-lo juro; é só para que vejais as lágrimas que eu tenho, as dores que eu padeço, e para que vos compadeçais de mim!... Oh! senhora, é de joelhos!...

A DUQUESA — Levantai-vos, levantai-vos... Esta manhã, quase que vos surpreenderam a meus pés. Meu Deus! Que terror que eu tenho!

ALCOFORADO — Vêde!... Dizeis que estamos a sós, e tôda vos atemorizais por cair eu a vossos pés.

A DUQUESA — Não seria isso imprudência?

ALCOFORADO — Muito prudente sois vós, Sra. Duquesa! Quando o meu sangue corresse em ondas sobre o soalho da vossa habitação, fôra prudência e até delicadeza, mandar limpá-lo bem depressa para que os vossos pés se não manchassem nêle.

A DUQUESA — Sois injusto!

ALCOFORADO (*Despeitoso*) — Serei, senhora.

A DUQUESA — Não percebeis vós que a prudência é para mim um dever?

ALCOFORADO — E também para o homem; contudo, se eu só houvesse consultado a prudência, não teria há pouco arremessado o meu venábulo, porque ao invés de vos salvar poderia errar o tiro e atravessar-vos com êle; se eu houvesse consultado a prudência, não me teria interposto entre vós e o javali, porque o javali poderia espedaçar-me; se eu houvesse consultado a prudência... oh! não me teria em corpo e alma dedicado a uma pessoa de alta nobreza, que eu sei que não tem amor senão aos seus títulos, que não tem olhos senão para as suas louçanias.

A DUQUESA — Insensato, julgais que é o mêdo que me faz prudente, e que é por atenção a mesquinhezas que vos não estendo a mão caroável e benfazeja quando vejo que sofreis e que careceis de mim!... Já pouco prudente tenho eu sido mostrando-vos por vêzes que me não sois inteiramente indiferente... bem pouco prudente, Sr. Alcoforado! porque um volver de olhos, um sinal mais expressivo, uma proteção

decidida da minha parte vos abriria a sepultura mais depressa do que podeis imaginar. D. Jaime é cioso; o seu orgulho tem olhos de lince, a sua cólera é terrível, e a sua vingança é estrepitosa como o trovão, e fulminante como o raio. Se a menor suspeita lhe atravessasse o espírito... faríeis bem em cair de joelhos e pedir a Deus perdão das vossas culpas.

ALCOFORADO — Tempo foi na minha infância em que, acordando pelo meio da noite, sentia verdadeiro terror quando escutava no silêncio das trevas o estrídulo de alguma ave noturna; hoje, porém, os seus pios agoureiros rebentam-me por baixo dos pés, e eu vos confesso que os escuto sem sobressalto nem terror.

A DUQUESA — Dizem contudo que há às vêzes nesse canto um anúncio de morte.

ALCOFORADO — Seja embora; porém, a morte não aterra senão a quem não está afeito a lidar com os seus terrores: eu desde a infância que os experimento.

A DUQUESA — Então, senhor, apesar de tudo...

ALCOFORADO — Eu vo-lo suplico!

A DUQUESA — Vereis que não sou medrosa. Paula vos transmitirá o que houver determinado; porém, lembrai-vos... lembrai-vos que vossa honra me confio, e que eu me escudarei com a vossa proteção. (*Vai-se*).

CENA IX ALCOFORADO

ALCOFORADO (*Só*) — Confia na tua inocência e na palavra de um homem honrado, que daria a sua vida para te poupar um desgosto.

ATO II

QUADRO III

A cena representa uma sala modesta em casa do velho Alcoforado.

CENA PRIMEIRA MANUEL, ALCOFORADO

MANUEL (*Sentado*) — Eis a terceira vez que te faço a mesma pergunta e ainda me não respondeste.

ALCOFORADO — Ah! Falavas comigo?

MANUEL — Pois com quem havia eu de falar? Pergunto-te o que tens.

ALCOFORADO — Nada tenho, irmão; estou preocupado.

MANUEL — Bela resposta! Isso vejo eu. Com o quê? É o que te eu pergunto.

ALCOFORADO — Com a minha partida. Não sei como terei fôrças para me separar de tantas afeições que deixo atrás de mim, e que talvez não tornarei a encontrar.

MANUEL — Não te dê isso cuidado. Nós somos novos, tu, eu e nossa irmã; nosso pai é que é um pouco velho, porém ainda robusto, e espero em Deus que nos enterrará a todos um por um.

ALCOFORADO — E crês que para o homem morrer careça de ser velho?

MANUEL — Se não é, parece. O que eu sei é que em teu lugar estaria bem contente por ir tão novo ganhar as minhas esporas... Sabes tu um receio que eu tenho?

ALCOFORADO — Qual?

MANUEL — O de não ter fôrças quando fôr homem para usar daquelas longas espadas de que usam os cavaleiros de el-rei. Não o digas a ninguém, menos ainda a Laura, que se não a travêssa me não deixará descansar.

ALCOFORADO (*Distraído*) — Terrível presentimento!...

MANUEL — Aí o temos outra vez.

ALCOFORADO — Quem poderá aventar o segrêdo desta entrevista? Ninguém o ouviu, ninguém o sabe; só Rozeimo que me trouxe a missiva de Paula. Rozeimo é fiel: que posso eu temer?

MANUEL — Já me estou impacientando.

ALCOFORADO — A noite vai escura e feia!

MANUEL — Ainda mais feia te há de parecer.

ALCOFORADO (*Vivamente*) — Que dizes?

MANUEL — Quando os dobres começarem...

ALCOFORADO — Que dobres? Que dizes tu?

MANUEL — De que te espantas?... Não é amanhã o dia de finados?

ALCOFORADO — Tens razão (*Pensativo*) — Ainda outro mau agouro! (*Momento de silêncio.*) Irmão, és tu corajoso?

MANUEL — Homem, eu creio que sim; porém, com certeza que tens muito mais coragem do que eu, que também para isso és o mais velho.

ALCOFORADO — Se pois me acontecesse algum desastre?

MANUEL — Onde? Lá na África?

ALCOFORADO — Se aqui, se hoje, por exemplo, me acontecesse algum desastre, não terias tu a coragem de esconder as tuas lágrimas para não afligir com elas o nosso bom pai?

MANUEL — Estás hoje sombrio, irmão!

ALCOFORADO — Pois não terias tu coragem para isto?... Não acompanharias o nosso velho pai até a sepultura, não ampararias com desvelos e solitudes a nossa irmã, que tanto precisa da proteção de nós todos?... Não serias bom filho e bom irmão, a ponto de que ambos se esquecessem de que eu tinha existido?

MANUEL — Posso-o eu porventura?... Nosso pai é robusto; porém, quem sabe quanto o abateria a dor de te haver perdido, a ti sôbre quem êle esteia a sua velhice?... Nossa irmã Laura, jovem e formosa, que te ama sôbre tudo, porque és o nosso irmão mais velho, sentiria profundamente perder-te; quem sabe o que seria dela?... Eu mesmo, terei coragem por ventura quando me faltares ou quando te houver perdido para sempre?

ALCOFORADO — Assim, pois, um desastre que me sobreviesse os abalaria a todos, e talvez algum caísse sôbre o meu sepulcro.

MANUEL — Meu Deus! Que pensamentos são êsses?... Estás bom, partirás amanhã, e falas em morrer hoje?

ALCOFORADO — Como estas horas se arrastam vagarosas!... (*Chegando à janela*) — O céu está coberto de nuvens; a noite vai escura e medonha.

MANUEL — Felizmente que estamos em casa, porque talvez tenhamos alguma tempestade.

ALCOFORADO — Não no céu; na terra, talvez.

MANUEL — Estás-me causando mêdo.

ALCOFORADO — Irmão, se meu pai se demorar, partirei sem vê-lo; tu lhe pedirás a sua bênção por mim, que por ventura carecerei dela.

MANUEL — Vais sair?

ALCOFORADO — Sim, a uma devoção.

MANUEL — Ah! Vejamos!... Gibão de fustão prateado, colar e pontas de veludo rôxo, calças vermelhas, cinta de couro prêto com guarnições de prata, borzeguins... não, não são êsses os vestidos de quem vai à noite lançar-se aos pés do altar. Enganas-me. Antônio: é outra a tua devoção.

ALCOFORADO — Será: mas não me interrogues, que nada te poderei dizer.

MANUEL — Atende: a noite vai escura, bem o viste; alguma cilada te podem armar. Leva contigo o nosso velho criado.

ALCOFORADO — Não; êle pode demorar-se.

MANUEL — Se êle se demorar, sairei contigo.

ALCOFORADO — Não: é um segredo que não deves saber.

MANUEL — Leva ao menos a tua espada.

ALCOFORADO — Não a levarei.

MANUEL — A minha espada é fiel, o sangue ainda a não enferrujou; a sua fôlha ainda me não traiu. A tua espada ou a minha... escolhe.

ALCOFORADO — Não levarei a tua espada, não levarei a minha.

MANUEL — É favor que te peço: quero que a minha espada te acompanhe uma noite, a derradeira que passarás conosco; será essa a lembrança que me deixarás por despedida. Tu a levarás.

ALCOFORADO — E ta restituirei tão pura como sair das tuas mãos. Vai por ela.

MANUEL — Então espera-me!

ALCOFORADO — Esperarei. (*MANUEL sai.*)

CENA II ALCOFORADO

ALCOFORADO (*Só, sentando-se*) — Hoje enfim eu a verei sôzinha! Talvez que ela por um instante se dispa dos seus preconceitos de orgulho e de nobreza para ouvir as palavras singelas do mancebo que a tão alto ousou elevar o seu pensamento; talvez que ela enfim se compadeça dos meus sofrimentos, sofrimentos terríveis que eu tenho suportado sem murmurações, sem lágrimas. As murmurações poderiam despertar algum eco, e as lágrimas trair-me!... Dir-lhe-ei tudo, e depois que me assassinem, que me assassinem aos pés dela, se o quiserem, que eu a bendirei morrendo. — (*Torna-se pensativo.*)

CENA III
ALCOFORADO, o velho ALCOFORADO

O VELHO ALCOFORADO — Antônio!

ALCOFORADO (*Levantando-se*) — Meu pai! (*Beija-lhe a mão.*)

O VELHO ALCOFORADO — Em que pensáveis, filho?

ALCOFORADO — Em vós, meu pai, em os meus irmãos, nas pessoas que me estimam, naqueles que eu amo, nesta casa em que nasci, enfim, em tudo que vou deixar, e que talvez não encontre, mesmo se a morte me não colhêr por lá.

O VELHO ALCOFORADO — Se por lá morrerdes, meu filho, eu sofrerei tanto como quando vossa mãe nos deixou sòzinhos na vida para ir gozar a bem-aventurança nos céus. No entanto, eu vo-lo digo, estimarei mais a morte do meu filho que morrer pela sua pátria, do que a vida tranqüila do homem que vive sem nome, e que morrerá sem glória. Grandes são os vossos deveres, Antônio, que também para isso sois nobre.

ALCOFORADO — Meu pai!

O VELHO ALCOFORADO — Sim, mancebo; sois nobre, nobre com a nobreza aqui da terra, e nobre com a nobreza de alma que é a melhor de tôdas, porque diretamente nos vem do Senhor. Comprazo-me em pensar que sereis sempre digno do vosso nome, e que os vossos feitos terão sempre o cunho da ação que hoje praticastes — ardimento e dedicação.

ALCOFORADO — Não falemos nisso, senhor.

O VELHO ALCOFORADO — Pois em que havemos nós de falar? Quando errais, eu vos digo bem severamente que errais e que nisso fazeis mal; porém, quando praticardes bem, também vos direi com a sinceridade de um amigo e com a complacência de um pai que vos portastes bem, e que vos estimo pelo bem que praticastes; nem quero que com isto vos vanglorieis, que vos não gabo a vós quando aprecio uma virtude. Antônio, é bem doce ao velho, que lentamente caminha para a sepultura, parar de vez em quando para derramar os olhos obscurecidos sôbre o caminho que êle decorreu na vida, e ver seus filhos que prometem honrar o seu nome e consolar a sua velhice. Sim, meu filho, eu vos digo que quando hoje arriscastes impavidamente a vossa vida para salvar a espôsa do vosso protetor, fizestes como faria o vosso velho pai quando êle tinha a vossa idade, e sentia o sangue que lhe girava nas veias. (*Momento de silêncio.*) Que vos disse o senhor duque?

ALCOFORADO — Escreveu algumas cartas para os fronteiros de África e capitães do exército do ultramar.

O VELHO ALCOFORADO — Agradecestes, não foi assim?

ALCOFORADO — Sim, meu pai. Rendi-lhe ações de graças, tanto pelas que êle teve a bondade de escrever, como pela que eu me atrevi a aceitar.

O VELHO ALCOFORADO — Como! Pois recusastes alguma?

ALCOFORADO — Tôdas, menos a que em meu nome pedia um pôsto arriscado e perigoso, que só pudesse ser confiado à lealdade de um homem valente e resoluto.

O VELHO ALCOFORADO — Fizestes bem e... talvez fizestes mal. Eu

amo a juventude ardida e corajosa que só põe a sua confiança em Deus e na sua espada; mas a juventude é inexperiente; e ela não sabe que neste mundo nada se faz sem proteção; era êste o ditado de nossos avós, que também será o dos nossos netos. Que fareis vós sem ela, encontrando a cada passo estôrvo e dificuldades? Ela nos é precisa; não para que sobremaneira se exaltem os nossos serviços, mas para que êles sejam devidamente avaliados. É para o que serve aquela proteção que é impe-trada sem baixeza e nobremente concedida. No entanto, não vos repreen-derei: fizestes bem.

CENA IV

Os mesmos, LAURA

LAURA — Enfim, eis-me aqui!

O VELHO ALCOFORADO — Boa noite, Laura.

LAURA — A vossa bênção, meu pai.

O VELHO ALCOFORADO — Deus te abençoe, filha. Pois saíste a desoras sòzinha?

LAURA — Levei comigo a velha Marta e o nosso velho criado nos acompanhava.

O VELHO ALCOFORADO — E onde foste?

LAURA — Primeiro à sepultura de minha mãe!

O VELHO ALCOFORADO — Boa filha! Não te esqueceste que amanhã é o dia de finados! E depois?

LAURA — Fui visitar as minhas amigas para lhes dizer que o nosso Antônio se partia amanhã. Talvez me demorasse mais tempo; mas como pensei que estáveis cá sem mim, voltei mais que depressa para a vossa companhia.

O VELHO ALCOFORADO — E Deus sabe quão pesada me seria a velhice sem ti, minha Laura! Os meus ouvidos já se afizeram a ouvir a tua voz afetuosa e os meus olhos descansam com prazer sôbre o teu rosto. És boa filha, Laura.

LAURA — Sois vós que sois bom pai!

O VELHO ALCOFORADO — E por que não bom amigo?

LAURA — Oh! E um amigo bem indulgente... Não dizes nada, Antônio?

ALCOFORADO — Que te direi eu, minha irmã?

LAURA — Não ouvis que pergunta é aquela, meu pai? O que me dirás tu? Que tens muita pena de nos deixar, e que voltarás bem depressa para a nossa companhia.

ALCOFORADO — Boa irmã! Sentirás muitas saudades minhas?

LAURA — Muitas. (*Mais baixo*) — Antônio, não sejas temerário; não morras por lá!

ALCOFORADO — Terias muito pesar?

LAURA — Talvez te não sobrevivesse.

O VELHO ALCOFORADO (*Severo*) — Laura!

LAURA (*Ajoelhando-se*) — Perdão!

O VELHO ALCOFORADO — Só o pobre velho é que não precisa de nenhum dos seus filhos bem amados que lhe cerre os olhos na sua hora derradeira!

LAURA — Perdão, meu pai! Vós sois forte e prudente, e não sofrereis com a morte de dois dos vossos filhos que se esqueceram de vós para só cuidar de si.

O VELHO ALCOFORADO — Ingrata! De que me servirá a minha prudência contra o esquecimento de meus filhos?... De que me servirá a minha força quando não fordes todos em redor de mim, vós que fortaleceis a minha velhice e que sois a minha só consolação?... Porém, de que me queixo eu?... O bom filho é aquêlê que trata a seu pai com respeito; que o não ame, pouco importa.

ALCOFORADO — Sois injusto, meu pai!

O VELHO ALCOFORADO — Tendes razão, Antônio; eu me esquecia de vós. Seja Deus louvado, que ainda tenho um filho!

LAURA — Meu pai, olhai para as minhas lágrimas, e vêde se elas não merecem compaixão.

O VELHO ALCOFORADO — Eis-me também a chorar como uma criança. Levanta-te, filha: o pobre velho tresvariou com as vossas palavras loucas e foi injusto para contigo. Tu és uma boa filha e amas bem a teu pai!

LAURA — De todo o meu coração.

O VELHO ALCOFORADO — E em todo tempo te hás de lembrar que êle precisa da tua vida nos poucos dias que lhe restam para vegetar sôbre a terra. Não é assim?

LAURA — Sim, bom pai.

O VELHO ALCOFORADO — Deus foi misericordioso para comigo! Ledo e tranqüilo, são de corpo e de espírito, vou caminhando para a eternidade acalentado pela voz de meus filhos. O prazer que desfruto é precursor da vida celeste, e a minha velhice é a aurora da bem-aventurança. Louvado seja o Senhor!

CENA V
Os mesmos, MANUEL

MANUEL — Eis a espada, meu irmão. Boas noites, Laura.

LAURA — Boas noites, irmão.

MANUEL — A vossa bênção, meu pai.

O VELHO ALCOFORADO — Deus vos abençoe. Trocastes a vossa espada?

MANUEL — Não, meu pai, empresto-a.

O VELHO ALCOFORADO — Como! Pois ides sair, Antônio?

ALCOFORADO — Sim, meu pai: estava só à espera da vossa bênção e da vossa permissão.

O VELHO ALCOFORADO — Ides...

ALCOFORADO (*Hesitando*) — Vou...

O VELHO ALCOFORADO — Concebo a vossa hesitação. Como é amanhã o dia de finados, ides orar pelos mortos, como é de um bom cristão.

ALCOFORADO — Não, senhor!

O VELHO ALCOFORADO — Não!... Ah! Sim... Como sois bom filho ides talvez antes de vos partirdes, orar sôbre a sepultura de vossa mãe.

ALCOFORADO — Não, senhor!

O VELHO ALCOFORADO — Não!... Ah! bem. Como sois bom amigo, ides talvez despedir-vos dos vossos amigos.

ALCOFORADO — Não, senhor!

O VELHO ALCOFORADO — Não! Então a que saís?

ALCOFORADO — Não me interrogueis, meu pai!

O VELHO ALCOFORADO (*Com desconfiança*) — Ides sòzinho?

ALCOFORADO — Sòzinho.

O VELHO ALCOFORADO — E não quereis levar o nosso criado na vossa companhia?

ALCOFORADO — Não o posso levar.

O VELHO ALCOFORADO — Pois eu vos digo que não saireis sem que me digais primeiro o que vos obriga a sair.

ALCOFORADO — Peço-vos que me não interrogueis, meu pai.

O VELHO ALCOFORADO (*Levantando-se*) — Que vos não interrogue!... Pretendeis sair a desoras e sem testemunhas, de espada e com os vestidos concertados, e não quereis que vos interrogue!... Onde ides vós, senhor?

ALCOFORADO — Eu vo-lo suplico.

O VELHO ALCOFORADO — Oh! Isto merece uma explicação. Retirai-vos.

CENA VI

O velho ALCOFORADO, ALCOFORADO

O VELHO ALCOFORADO — Vêde a que me obrigam os vossos mistérios, que oxalá não sejam escandalosos!... Fazeis que um pai expulse seus filhos da sua presença, porque êle terá de vos dizer algumas dessas rígidas verdades que por êles não devem ser ouvidas. Onde ides, mancebo?

ALCOFORADO — Senhor, não o posso dizer.

O VELHO ALCOFORADO — Vós não ides cumprir com os deveres de amigo, nem de filho, nem de cristão; ao que ides, pois? Passar talvez a noite em algum lupanar, ou sôbre a banca do jôgo, ou em orgias de homens intemperantes e envilecidos, ou escalar algum muro como ladrão noturno para roubar a honra de alguma família honesta, ou bater sorrateiramente a alguma porta humilde para pagar a recepção cordial que durante o dia vos fêz algum homem honrado e franco com a traição de um libertino. É infame!

ALCOFORADO — Meu pai!

O VELHO ALCOFORADO — Dizei, senhor, dizei na vossa consciência que não ides praticar alguma ação criminosa.

ALCOFORADO — Em consciência não o sei.

O VELHO ALCOFORADO — Sei-o eu, senhor!... Sei que o homem que marcha treda e cautelosamente apalpando as trevas, e que não ousa confessar altamente as suas ações, muito se assemelha àquela ave de mau agouro, cujos olhos não podem suportar a luz do dia, cujo canto é um anúncio de desventura; sei que tão grande mistério pode encobrir uma virtude muito preclara, ou um vício muito vergonhoso. Dizei que ides praticar uma dessas virtudes cobertas com o precioso manto da modéstia, diáfano para Deus, impenetrável para os homens.

ALCOFORADO — Nunca vos menti, senhor.

O VELHO ALCOFORADO — E se o houvésseis feito, a Providência Divina que vos guiasse no caminho da vida, porque teríeis morrido para mim. Talvez me julgueis severo por me crerdes pouco sensível, ou por supordes

talvez que o tempo, que gelou o sangue nas minhas veias, já me fêz esquecer da quadra em que fui da vossa idade, em que também fui novo e cheio de esperanças na vida, e em que também dizia comigo o que agora lá vós estais dizendo convosco: — além, naquele marco deixarei êste caminho e tomarei outra vereda. Não; sou indulgente e pouco severo a ponto de vos confessar que também fui novo, e que alguns erros cometi quando tinha a vossa idade. Pois quem é perfeito neste mundo? — Mas eu vos asseguro que a minha vida escrita, conquanto em parte me pesasse dela, não me traria um só remorso, nem me desconceituaria a minha velhice: asseguro-vos ainda que, em vésperas de um dia duas vêzes santificado pela religião e pelo sentimento, nunca abandonei eu o teto de meus pais, como um homem sem crença e filho pouco respeitoso, para me entregar às carícias de uma criatura sem pejo. Há limites em tudo, mancebo.

ALCOFORADO — Senhor, por que me supondes capaz de tão negro feito, ou por que vos mereço tal conceito? Acaso me tenho eu mostrado revel aos vossos conselhos, ou terei desaprendido as vossas lições? Não, senhor: se não vou praticar uma virtude, também não é um vício nem o crime quem lá fora me está chamando. Não é criminosa a ação que vou praticar; juro-vos...

O VELHO ALCOFORADO — Jurai, senhor, jurai! No meu tempo o homem que ambicionava uma espada, ou que já a podia trazer consigo, tinha o juramento por uma coisa veneranda e sagrada, e usava dêle apenas nas circunstâncias de momento. Era o vassalo que jurava lealdade a seu rei; era o cidadão que jurava amor à sua pátria; era o guerreiro que jurava morrer com o seu companheiro de armas. Por isto o juramento era entre êles uma religião, e os mais altos como os mais humildes não se atreviam a quebrá-lo. Hoje, porém, fizeram dêle uma fórmula para os usos da vida, e a criança desde o berço aprende a balbuciar essa palavra vazia de sentido, que noutro tempo foi símbolo de fé e era condão de prodígios.

ALCOFORADO — Como vos poderei eu confiar um segrêdo que me não pertence? Há bem tempo que vo-lo teria dito, se êle fôsse todo meu, e se a minha confissão a ninguém mais compromettesse. Eu vos respeito como meu pai, eu vos amo como amigo, eu vos estimo como homem probo e cheio de integridade; sei que é impossível trairdes um segrêdo: mas devo eu traí-lo primeiro? Aconselhai-me, vós que tendes experiência da vida: dissei-mo vós que sois meu mestre; posso eu fazê-lo?

O VELHO ALCOFORADO — O segrêdo é inviolável; tendes razão.

ALCOFORADO — Deixai-me então sair, bom pai. Oh! Se soubésseis quanto sofro por vos não poder confiar tudo!... sêde indulgente mais uma vez, talvez a derradeira. Esta demora me tem martirizado; largos anos tenho vivido nestes curtos instantes! Deixai-me partir.

O VELHO ALCOFORADO — E não há perigo?

ALCOFORADO — Nenhum, nenhum! eu vo-lo asseguro.

O VELHO ALCOFORADO — E aquela espada?

ALCOFORADO — Foi um capricho de meu irmão que não sabe a que vou. Dir-lhe-ia um segrêdo que vos não digo a vós? Bem vêdes que nada arrisco: deixarei a espada, e é até melhor que eu vá desarmado.

O VELHO ALCOFORADO — Levarás a espada!

ALCOFORADO — Bom pai, quanto vos agradeço!

- O VELHO ALCOFORADO — Vai, e Deus seja contigo.
 ALCOFORADO — Irei e voltarei bem depressa. (*Cingindo a espada*) —
 O mais depressa que eu puder. Vereis que nada me acontece. Meu Deus!
 como partiria eu tão alegre, se de alguma coisa me arreceasse!
 O VELHO ALCOFORADO — Vai, meu filho.
 ALCOFORADO — Nada receeis. Adeus, bom pai. (*Vai-se.*)
 O VELHO ALCOFORADO (*Ficando pensativo: alguns dobres ao longe*) —
 Meu filho! meu filho!... (*Vai-se.*)

CENA VII

Uma câmara no Palácio do Duque.

O DUQUE (*Entrando desalinhado e com os cabelos em desordem*) —
 O javali estêve a despedaçá-la... o venábulo roçou-lhe o rosto... e eu
 vejo ainda o cadafalso de meu pai!... Crime ou fatalidade, um dêles me
 está iminente; mas qual? Isto não é superstição, é um presságio, uma
 intuição do futuro. Vejo o relâmpago, o raio não tardará a cair... mas
 sôbre quem?... Por quê?... não o sei, mas é inevitável!... Oh! Venha
 embora o azar maldito, que não será pior que esta ansiedade!...

CENA VIII

O DUQUE, FERNÃO

- FERNÃO (*Da porta com uma carta*) — Sr. Duque!
 DUQUE — Entrai, Fernão. (*Senta-se.*)
 FERNÃO — Senhor! Que tendes vós?
 DUQUE — Nada: dai cá. (*Lê a carta e atira-a sôbre a mesa.*) El-rei
 nos concede os dízimos do pescado em Lisboa e não sei em que outras
 terras: para que os quero eu?
 FERNÃO — É uma indenização do que tão desgraçadamente sofreu o
 senhor vosso pai, e do que vós mesmo haveis sofrido na vossa fazenda.
 DUQUE — Velho, não assististes a meu pai no seu derradeiro instante?
 FERNÃO — Fui eu, senhor: não vos contei já essa história?
 DUQUE — Sim; eu, porém, gosto de me recordar dessa desgraça para
 adormecer a minha dor com excesso do sofrimento. Meu pai, môço,
 nobre, leal e valente, foi decapitado e exposto no cadafalso como se fôsse
 um miserável! Fernão, conheceis alguém mais desditoso?
 FERNÃO — Vós, senhor.
 DUQUE — Eu! Que sabeis vós?
 FERNÃO — Senhor, eu vos hei servido leal e fielmente. Quando vosso
 pai ouviu a sua sentença, tomou-me à parte e me fêz jurar que eu vos
 salvaria a custo da minha própria vida. Quando acabaram de cometer
 aquela sanguinolenta injustiça, fui buscar-vos, e com vosso irmão fugimos,
 e caminhamos noite e dia. Foi sômente quando pisamos a terra hospita-
 leira de Espanha que eu tive lágrimas para chorar, e algumas palavras
 para vos dizer.
 DUQUE — Sois fiel, Fernão.
 FERNÃO — Depois disso eu vos tenho sempre acompanhado no destêr-
 ro como na opulência, e nunca vos pedi prêmio, nem sequer minguado,
 não de serviços relevantes, mas dos longos anos que vos hei servido.

DUQUE — Sois fiel e desinteressado, Fernão, mais amigo do que servo. Mas o que quereis com isso?

FERNÃO — Assim, pois, senhor, se me escapar algumas palavras incompatíveis com o respeito que vos é devido, vós desculpáveis a franqueza do velho, que vos respeita como a seu senhor, e... perdoai-lhe, que vos ama como a seu filho!

DUQUE — Falai! Falai!

FERNÃO — Eu vo-lo direi de joelhos para que perdoeis o arrôjo do vosso servo. Senhor, não é bem desgraçado o nobre traído na sua honra?

DUQUE — Vossas palavras são profundas e contadas, vós sois prudente e cauteloso: eu vos escuto!

FERNÃO — Senhor, não confiastes a alguém a vossa honra?

DUQUE — A ninguém. Somos o primeiro a velar sôbre ela, e não a fiamos de ninguém.

FERNÃO — Senhor, não a confiastes a alguém?

DUQUE — A ninguém!... Ah! (*Levanta-se, batendo com a mão na testa e agarrando no braço de FERNÃO*) — Que sabes tu da duquesa?

FERNÃO — Sêde prudente, senhor, eu vo-lo suplico.

DUQUE — Fala!

FERNÃO — Não vos arrebateis, senhor; ouvi-me primeiro.

DUQUE — Fala!

FERNÃO — Oh! Que bem me arreceava eu de vos confiar êste segredo!

DUQUE — Fala, carrasco!

FERNÃO — Eu vo-lo direi. O pajem que esta manhã foi anunciar a vossa visita à senhora duquesa encontrou Alcoforado a seus pés.

DUQUE — Outra prova!

FERNÃO — O vosso rosto me atemoriza!

DUQUE — Continua!

FERNÃO — O senhor Alcoforado traz no barrete um laço da fita que a senhora duquesa costumava trazer ao colo.

DUQUE — Eu a vi! Fui eu quem lha dei. (*Ouve-se o dobre ao longe.*)
Abre aquelas janelas.

FERNÃO — Senhor, a noite vai fria.

DUQUE — Abre-as; gosto daqueles sons. (*FERNÃO vai abrir as janelas.*)
E eu o elogiei diante dela! Muitas vêzes o chamei à sua presença! E ainda hoje!... Que sabes mais?

FERNÃO — Rozeimo, o pajem da Sra. Duquesa, levou-lhe hoje uma carta.

DUQUE — Morte e sangue!

FERNÃO — Senhor! Senhor, sêde corajoso não vos deixeis arrebatado pela vossa cólera, pesai a vossa justiça. A carta era de Paula!

DUQUE — Algoz, e que me importa Paula?

FERNÃO — O pajem assim o julgou, e abriu-a indiscretamente. Dizia a carta que à meia-noite, uma corda estaria pendente do balcão da senhora duquesa.

DUQUE — Estúpido! Estúpido! Estúpido!

FERNÃO — Senhor! Senhor!

DUQUE — Julguei-o leal, porque era novo; julguei-o generoso, porque o vi arriscar a vida, e não conjecturei logo que se não arrisca a vida por generosidade!... Chama êsse pajem!... Não... não... (*Com voz rouca*)
— Seria divulgar a minha vergonha!

FERNÃO — Senhor, as minhas palavras não são evangelho; pode ser que me iludissem: moderai-vos!

DUQUE — Nascestes em minha casa, acompanhaste a meu pai na sua última hora, acompanhaste-me no meu destêrro, e encaneceste no meu serviço; pois juro-te que, se esta noite o infame não fôr encontrado neste palácio, morrerás como um cão!

FERNÃO — Êle virá, senhor.

DUQUE — Virá!... Tu me insultas, Velho!

FERNÃO — Perdão! Perdão!

DUQUE — O cobarde! O cobarde!

FERNÃO — Vós empalideceis, senhor; as vossas mãos estão frias!...

DUQUE — Não te importes. Escuta. Eu posso morrer antes da meia-noite...

FERNÃO — Não digais tal, senhor.

DUQUE — Escuta. Encobre a minha morte, distribui gente armada pelo parque; deixem-no entrar: entrado êle, toma as saídas; tomadas elas, vai ao quarto da duquesa, arromba as portas, assassina-os, assassina-os!

FERNÃO — Senhor, eu vo-lo peço de joelhos: não me obrigueis a cometer um crime no fim da minha velhice.

DUQUE — É justiça; jura que o farás.

FERNÃO — Senhor, é justiça tomada por vós, mas não tomada por mim!

DUQUE — Jura, ou te apunhalo!

FERNÃO — Eu o juro!

DUQUE — Vai. (FERNÃO sai.)

CENA IX O DUQUE

DUQUE (*Só*) — Eu estava sufocado! (*Corre a um armário, tira algumas armas que arroja sôbre a mesa.*) — Sangue!... Sangue!... Sangue! (*Cai.*)

ATO III

QUADRO IV

A cena representa a câmara da Duquesa: um leito de cortinados, cadeira e mesa.

CENA PRIMEIRA [PAULA]

PAULA (*Só, entrando com uma luz*) — Ainda não veio!... Com efeito, para um namorado é ser bem esquecido. Ah! Se fôsse comigo, eu lhe cantaria uma ladainha bem comprida para o ensinar a ser des-cortês com senhoras. (*Chegando-se à janela*) — Como está escura a noite! (*Recuando*) — Jesus, Senhor!... Parece-me que vi lampejo de

armas por entre as fôlhas do bosque. (*Observando de novo*) — Já nada vejo!... Foi ilusão (*Fecha a janela.*)

CENA II
A DUQUESA, PAULA

A DUQUESA — Ainda não veio?

PAULA — Não, Sra. Duquesa; e todavia é quase meia-noite!

A DUQUESA — Está bem. Vê se todos descansam no palácio.

PAULA — Nada mais quereis de mim?

A DUQUESA — Nada mais. (*PAULA sai.*)

CENA III
A DUQUESA

A DUQUESA (*Só, sentando-se*) — Alcoforado tem alma de fogo; porém, é respeitoso e comedido! Pobre môço!... quis dizer-me adeus sem que nos vissem, e partirá feliz com a idéia de que por êle me interesse. Podia eu fazer menos em favor de quem tão generosamente me salvou a vida?... Não... Mas talvez fui imprudente.

CENA IV
A DUQUESA, ALCOFORADO, saltando pela janela.

A DUQUESA (*Assustada*) — Ah!

ALCOFORADO (*Fechando a janela*) — Sou eu, senhora, não vos assusteis.

A DUQUESA (*Sentando-se*) — Vindes armado!

ALCOFORADO — Nada receeis da minha espada, Sra. Duquesa! Foi um capricho de meu irmão e uma ordem de meu pai que me obrigaram a trazê-la. (*Põe a espada sôbre a mesa.*) Permitti-me, senhora, que eu vos agradeça bem sincera, bem cordialmente o sacrificio que hoje por mim fizestes. Favor tão grande não vos posso eu pagar com palavras, nem o meu sangue, tudo que fôsse, bastara para o resgatar.

A DUQUESA — Está bem, senhor.

ALCOFORADO — Deixai que vos diga tudo quanto me inspira o meu reconhecimento para que não fiquéis julgando que abrigastes a um ingrato. Depois que condescendentes com o meu pedido, e quando me partia da vossa presença, avantei todo o perigo que nesta entrevista podia haver para vós, que eu por mim nada receio; e eu vo-lo confessarei, pasmei do meu desmarcado arrôjo em vo-la pedir, e admirei-me da vossa muita bondade em ma concederdes, quando me poderíeis ter feito expulsar da vossa presença como um louco, e de feito eu o era; porém, certo que, se me negásseis esta graça, eu me haveria por mui desgraçado, por mui digno de lástima e de compaixão.

A DUQUESA — Deixemos isso, senhor: partireis sempre amanhã?

ALCOFORADO — Partirei amanhã: irei espalhar as minhas mágoas por terras longínquas; irei por clima estranho em busca de um nome que

algum dia possais pronunciar como o de um amigo, que não como o de um servo.

A DUQUESA — Senhor!

ALCOFORADO — De um servo, sim. Para vós, filha do primeiro duque de Espanha, mulher do primeiro duque de Portugal, o que é um mço fidalgo que está ao serviço da vossa casa? Julgais acaso que eu não tenha pensado nestas cousas durante muitas horas, durante noites bem compridas? Pois em verdade vos digo, senhora, que eu tenho muitas vèzes amaldiçoado a minha estrêla que me fêz nascer tão baixo, quando a sorte vos colocou tão sobranceira aos outros, que o meu nome, por mui famigerado que venha a ser, jamais não poderá ser equiparado ao vosso. É desdita; mas de que vale queixar-me?

A DUQUESA — Não vos compreendo, senhor!

ALCOFORADO — E fôra maravilha que me compreendêsseis!... Falar-vos-ei pois claramente. Bem sabeis que eu parto amanhã; o que, porém, vós não sabeis é que desde criança um pensamento fatal se enraizou profundamente na minha alma. Não viverei muito! A outra por certo não diria eu isto, que se riria da minha credulidade; digo-vos, porém, a vós, porque vos falo sem rebuço, e porque quero que leiais na minha alma como um livro aberto, que podeis folhear à vontade. Partirei e não voltarei mais.

A DUQUESA — Temos boas esperanças de que haveis de voltar, Sr. Alcoforado.

ALCOFORADO — Não voltarei! Assim pois, no último dia em que me é dado passar convosco, permiti-me que vos revele um segredo; não vo-lo confiaria, a não ser esta circunstância; eu o guardaria comigo até o último dia da vida, eu o encobriria a todos os olhos, e a terra, que me há de tragar o coração, inteiro e não sabido o tragaria também.

A DUQUESA — Dizei.

ALCOFORADO — Quando o houverdes escutado, Sra. Duquesa, podereis calcar-me aos pés, que vos não oporei resistência; podereis enxovalhar-me o rosto sem que eu descerre um suspiro; podereis rasgar-me, espedaçar-me o coração!... (*Caindo de joelhos*) — Eu vos amo!

A DUQUESA (*Levantando-se*) — Senhor!

ALCOFORADO — Não fujais, senhora, não fujais. Eu sou uma criatura fraca e inofensiva, que eu não sei senão sofrer silenciosamente e verter lágrimas nas vistas. Notai que se eu vos revelo êste segredo é porque eu tenho certo que minha presença nunca mais ofenderá os vossos olhos, nem há de atrair o sangue á flor de vosso rosto. Parto e morrerei; mas dizei, dizei ao menos que vos compadeceis da minha loucura, e que não amaldiçoareis ao mísero que se deixou render por um amor insensato!

A DUQUESA — Levantai-vos: e depois de me ouvirdes conhecereis que é da vossa honra fugir de mim, e que me convém não vos tornar a ver. Eu vos amo, senhor!

ALCOFORADO — Potestades do céu!

A DUQUESA — Não vos iludais: vinde, vêde o que está neste leito.

ALCOFORADO — Vossos filhos!

A DUQUESA — Sim, meus filhos. É à cabeceira de meus filhos que eu vos direi que vos amo; eu vos amo, porque sois bom, porque sois

nobre, porque sois generoso; eu vos amo, porque tendes um braço forte, um coração estremoso, uma alma inocente; eu vos amo, porque vos devo a vida, porque não tendes mãe, e eu vos quero servir de mãe porque sofreis, e eu quero ser vossa irmã. É um amor compassivo e desvelado, que poderá ser reprovado na terra, mas que eu não creio que o seja no céu. Entendeis-me agora?

ALCOFORADO — Oh! Sra. Duquesa, vós sois bela, pura como os anjos, sois boa e grande como Deus; vossas palavras são como um bálsamo de vida, e tornam o homem superior a si mesmo! (*Dobres.*)

A DUQUESA — Meu Deus!

ALCOFORADO — Que tendes, senhora?

A DUQUESA — Aquêles sons... não ouvís?

ALCOFORADO — Que importam! Quando o homem é feliz, parece que tôda a natureza se esmera em proclamar a sua ventura. Que vale a voz do trovão quando o contentamento nos mora dentro da alma!

A DUQUESA — Não os quisera escutar!

PAULA (*De fora*) — Andam homens armados pelos corredores. Acautelai-vos!

ALCOFORADO (*Correndo à janela*) — Cortaram a corda! E fui eu quem vos lancei neste abismo!

A DUQUESA — Trata-se de vós, senhor; vejamos se vos podemos salvar.

ALCOFORADO — Estais salva. Dizei somente que me perdoais, para que eu morra consolado.

A DUQUESA — Que ides vós fazer?

ALCOFORADO — Oh! Nada! Lançar-me-ei do vosso balcão abaixo, e talvez que ainda me sobrem fôrças para ir morrer fora do vosso parque.

A DUQUESA — Tendes alma sublime, Alcoforado; eu contudo não posso aceitar o vosso sacrifício, que a vossa morte seria terrível testemunho contra a minha inocência.

ALCOFORADO — Quem se atreveria a responsabilizar-vos pela morte de um miserável, que aparecesse sem vida por baixo das vossas janelas? Não é êste o último recurso?

A DUQUESA — Não, esperai. (*Vai à janela e recua aterrada*) — Meu Deus! O parque está todo iluminado... Que eu não cometesse culpa nem crime, e que tenha de ver manchada a minha reputação!

Voz (*De fora*) — Abri! abri, Sra. Duquesa!

ALCOFORADO — Maldito! Maldito!

A DUQUESA — Calai-vos! Quem bate?

Voz (*De fora*) — O senhor duque vos quer falar.

A DUQUESA — Deixai-me vestir. Alcoforado, aqui, escondi-vos aqui por detrás desta alcatifa; não apareçais senão em últimas circunstâncias... prometei-mo. A vossa espada, o vosso barrete... tomai tudo.

ALCOFORADO (*De joelhos*) — Oh! Senhora, ainda é tempo, deixai-me precipitar daquela janela, e sereis salva.

O DUQUE (*De fora*) — Duquesa!

A DUQUESA — Céus! Meu marido!

ALCOFORADO — Perdão! Perdão! (*Cai-lhe o barrete.*)

O DUQUE (*De fora*) — Arrombai essa porta!

A DUQUESA — Esperai. Alcoforado, não leveis mão da vossa espada contra meu marido; eu vo-lo suplico por mim, por meus filhos, por Deus, por tudo o que mais amais.

O DUQUE (*De fora*) — Arrombai! (*Pancadas na porta.*)

A DUQUESA — Escondei-vos!... Senhor, sêde comigo! (*Abre a porta.*)

CENA V

O DUQUE, a DUQUESA

O DUQUE (*Atentando na agitação da DUQUESA e olhando para todos os lados com desconfiança*) — Está aqui!

A DUQUESA (*À parte*) — Já sabe tudo!

O DUQUE (*Em voz baixa e rouca*) — Onde está êle?

A DUQUESA — Êle, quem, senhor? Vós me apareceis pelo meio da noite ameaçador e terrível: vindes tumultuosamente, acompanhado pelos escravos para fazer arrombar a porta da minha câmara. Por que, senhor? Sou eu acaso alguma mulher sem consideração, alguma criatura vil e desprezível para que nem sequer vos lembrásseis que a vossa suspeita me desacreditaria no conceito dos vossos lacaios? Sr. Duque...

O DUQUE — Onde está êle?

A DUQUESA — Fizestes iluminar o vosso parque, mandastes armar os vossos homens de armas, alvorotastes todo o palácio; para que, senhor? Eu sou mulher, e vós bem me podeis fazer morrer sem ser a fôrça de escândalo e de vergonha, sem me acabrunhar com todo o pêso do vosso poderio. Vindes cercado de uma turba vil e mercenária, a quem basta um só aceno vosso para me cuspir no rosto, porque sou mulher e fraca, enquanto que vós sois homem e temido. É isto, ser nobre?

O DUQUE — Onde está êle?

A DUQUESA — Onde está êle! Está aqui, senhor; está aqui no meu leito. (*Correndo as cortinas*) — São vossos filhos: êles que vos atestam a minha inocência.

O DUQUE (*Apanhando o barrete*) — A fita! A fita!

A DUQUESA — Meu Deus!

O DUQUE (*Arrojando o barrete ao chão e calcando-o aos pés*) — Morrerá!

A DUQUESA — D. Jaime, escutai-me pacientemente: eu vos explicarei êste azar funesto que me faz parecer culpada.

O DUQUE — Ambos! Ambos!

A DUQUESA — Escutai-me, Sr. Duque: vós ides cometer uma injustiça.

O DUQUE — Injustiça! Sois bem disfarçada e atrevida arrostando o olhar de um homem ultrajado sem cair por terra, de joelhos, de mãos postas, clamando perdão para o vosso delito e piedade para o que haveis de sofrer!... Injustiça! Um vilão que acha no seu leito dois adúlteros, duas vîboras, pode esmagá-los impunemente, e eu não o poderei fazer? Por que o não poderei? Por que sou herdeiro jurado do trono, duque de Bragança e Guimarães, senhor de Ourém, Borba, Claves, Barcelos e Vila Viçosa? Por que sou o primeiro duque da Europa, e o mais poderoso entre os nobres depois da nobreza coroada? Por S. Tiago que vos desenganaremos!

A DUQUESA — Por S. Tiago que vos enganais: podeis, sem dúvida, matar-me, senhor; mas vós vos arrependereis, e vosso arrependimento será tardio; conhecereis a minha inocência, já tarde, e o remorso vos não deixará.

O DUQUE — Justificai-vos perante todos os da minha casa; não quero que se diga que eu mato uma inocente. Olá.

A DUQUESA — Senhor, eu leio a minha condenação nos vossos olhos; vejo que me não haveis de perdoar, nem fazendo o céu um milagre para me salvar e para vos mostrar a minha inocência. A minha vida tem sido constantemente um estôrvo para os vossos projetos, e eu conheço que ocultais a vossa convicção para mais facilmente vos livrardes de mim, eu o sei e o vejo; porém, se me quereis matar, Sr. Duque, se é êsse o vosso propósito, como eu o creio, matai-me vós mesmo, baramente se o quiserdes; manchai embora o meu nome com uma nódoa infamante, mas não me humilheis na presença de vossos servos. O meu nome é o vosso, Sr. Duque: não os podeis separar.

O DUQUE — Assim é, senhora; liguei o meu nome ao vosso, e vós tomastes o trabalho de mo infamar: trabalho bem fácil para vós, impossível para o mundo. Quando pois o vosso nome se tornar sinônimo de infâmia, o meu se converterá em ludíbrio da populaça, que folga, a vil, com o desar dos grandes. Assim fôra se me não viesse à mente fazer secar a mofa e o escárnio nos lábios do mais atrevido com o sentimento do terror. Bem dissestes vós... eu posso matar-vos a ambos, martirizar-vos, espezinhar-vos... nada me seria mais fácil. Mas esta vingança, que bastaria talvez para satisfazer a um vilão, não me satisfaz a mim! Oh! Tivesse eu a certeza que esta frágua de ódio, que me devora, não me consumirá inteiro dentro de algumas horas; pudesse eu contar com a vida até ao raiar do sol... fôra outra a minha vingança!... Esta noite eu faria erguer em Vila Viçosa dois patíbulo, um em frente ao outro, e daria amanhã um espetáculo de sangue aos meus bons e leais burguêses. Convidaria a todos para um festim de rei, far-vos-ia arrastar pelas ruas como dois miseráveis criminosos; e malgrado as justças del-rei, eu vos faria subir ao cadafalso, à luz do sol, à vista de todos e à face do mundo. Mas já que não posso contar com a vida, tomarei outra vingança, se menos esplêndida, igualmente aterradora. Entrai.

A DUQUESA — Senhor, é de joelhos que eu vo-lo peço; não me obri-gueis a corar morrendo, nem a suportar a piedade hipócrita dos meus inferiores, que em tôrno de mim se estarão rindo interiormente com o meu suplicio e com a minha desdita!

O DUQUE — Entrai.

CENA VI

O DUQUE, a DUQUESA, FERNÃO, *homens de armas, pajens com luzes.*

A DUQUESA (*Cobrindo o rosto com as mãos*) — Ah! São êles!

O DUQUE — Traidores não merecem contemplação.

A DUQUESA (*Erguendo-se*) — Nem o sou, nem meus pais o foram nunca, senhor! Podeis empunhar o cutelo do algoz, podeis cobrir o rosto com a máscara da justiça, podeis fazer-me assassinar traiçoeiramente: só não podereis descobrir labéus na minha vida, nem crime nas minhas ações.

O DUQUE (*Aos da sua comitiva*) — Procurai por tôda a parte um vil que deve estar neste palácio.

CENA VII

Os mesmos, ALCOFORADO saindo detrás do leito.

ALCOFORADO — Sr. Duque!

O DUQUE — Enfim! (*A FERNÃO*) — Fernão, dize ao prêto cozinheiro que traga o manchil da cozinha; dize a dois dos meus capelães que venham confessar dois penitentes. (*FERNÃO sai.*)

ALCOFORADO — Esqueceis que ainda tenho a minha espada?

O DUQUE — Usai dela: folgaremos com isso.

A DUQUESA (*Baixo*) — A vossa promessa... lembrai-vos!

ALCOFORADO (*Ao DUQUE*) — Eu prometi que não levaria mão da minha espada contra vós, e que o não promettesse! Vale por ventura a minha vida um combate? (*Depondo a espada*) — Aí tendes a minha espada, Sr. Duque.

O DUQUE (*Dando com o pé na espada*) — Covardia!

ALCOFORADO — Senhor!

O DUQUE — Calai-vos!... Digo-vos que sois covarde porque sois traidor, e o traidor não pode deixar de ser covarde.

ALCOFORADO — Ainda hoje mostrei que o não era!

O DUQUE — Silêncio! Que mostrastes vós? Que já na vossa idade tendes a astúcia de uma serpente: e de feito, tendes enganado a todos com falsas aparências de nobreza e de candura; mendigastes a minha proteção, introduzistes-vos em minha casa, aliciastes meus servos, seduzistes minha... nem eu sei como a chame!... Morrerão ambos!

ALCOFORADO — Assim é, Sr. Duque; eu sou um covarde, um falso, um infame, não pelo que dissestes, mas porque envolvi na minha ruína uma criatura inocente como os anjos; porque, depois de a ter obrigado a descer ao fundo da minha ignomínia, não a pude defender das vossas afrontas, nem dos doestos que lhe assacastes, cousas que não eram para dizer; por isso mereço a morte. Estou em vosso poder, Sr. Duque; fazei de mim o que aprouver, mas até o meu derradeiro instante ouvi-reis a minha voz bradar cada vez mais alto: — A Duquesa é inocente!

O DUQUE — Mentira! O covarde deve mentir.

ALCOFORADO — Ainda quando a mentira houvesse escolhido os meus lábios para sua morada, não vos mentiria eu no meu derradeiro instante para que a maldição divina não pesasse eternamente sôbre minha alma. Não é por mim que vos suplico a vida, Sr. Duque; fôra indigno de viver quem tão baixamente a supplicasse. Estou no vosso poder, nem disso me queixo; depus a minha espada a vossos pés antes que me viesse a tentação de a arrancar contra vós; curvei a cabeça na vossa presença, e de joelhos e à hora da morte eu vos digo que ela é inocente, que por isso me tenho envilecido, e que por isso me envileço ainda.

A DUQUESA (*À parte*) — Nobre mancebo!

O DUQUE (*Encarando-a fixamente*) — Tredos! fizesse eu correr o mar entre ambos, que de um lado a outro voaria o pensamento do adúlterio!... Mar de sangue correrá entre ambos.

ALCOFORADO — Saciai a vossa vingança no meu sangue, que será o bastante para apagá-la; puni o criminoso, mas não vos deixeis cegar pela vossa cólera, não mistureis o sangue do inocente com o sangue do pecador. Não sabeis quantas vítimas cairão comigo na sepultura!... Minha irmã enlouquecerá!... Meu pai... oh! eu vos juro que será um desgano terrível para o bom do velho o féretro que amanhã lhe fôr enlutar a habitação, quando êle tropeçar em um cadáver, ao invés de abraçar seu filho, seu filho bem amado que êle ainda espera abençoar, e mandá-lo às terras de África pugnar pela religião de seus pais, banhando a sua espada no sangue dos infiéis!... Quando lhe chegar aos ouvidos notícia de morte tão desastrada, o desgosto lhe quebrará violentamente a vida. O pobre velho morrerá!... Se quereis mais vítimas, sereis amplamente satisfeito. O velho e a donzela, ambos morrerão; e todavia não é por mim, não, é por êles que imploro a vossa compaixão! Sêde justo, senhor: salvai-a.

O DUQUE — Entra, escravo. (*Entra o prêto com um manchil*). Envi-lecer-se-ia o braço do homem livre que vos cortasse a cabeça, e a espada que no vosso sangue se tingisse se tornaria infame; não morreréis por mão de um homem livre, nem aos golpes de uma espada. Vêde... Vêde também, senhora!

A DUQUESA — Oh! Senhor!

O DUQUE (*À DUQUESA*) — Vêde: será o seu carrasco um escravo, um prêto... (*Arroja-a de si, e ela cai de joelhos.*)

A DUQUESA — Meu Deus! Compadecei-vos de mim!

O DUQUE (*À ALCOFORADO*) — E o instrumento da vossa morte será um manchil grosseiro tão vil como vós sois.

QUADRO V

A cena representa um aposento no palácio do Duque, do lado direito um altar paramentado de tela branca, e sôbre êle um crucifixo, de outro lado mesa e cadeira; portas no fundo.

CENA PRIMEIRA [À DUQUESA]

A DUQUESA (*Só, nos degraus do altar*) — Não posso orar!... O meu coração não pode despregar-se da vida, minha alma não pode elevar-se até Deus, e a religião me não pode consolar!... Quisera ter alguém que me falasse, porque me parece que isto é um sonho! Um sonho horrível que me está sufocando!... (*Pausa.*) Tenho frio!... Mas por que aterrar-me assim? Se eu tenho sempre de morrer, que importa que me venha a morte agora ou logo, hoje ou passados anos?... A vida cansa, e Deus tem um sorriso mais carinhoso para aquêle que mais sofre sôbre a terra, e eu tenho sofrido muito!... Em vão, em vão! Apesar do sofrimento, eu quisera ser como as outras, viver a minha vida até o fim, e morrer com a morte que Deus manda! (*Pausa.*) O duque é

bem cruel e todavia eu sou como êle, sou talvez mais do que êle, e morrerei!... morrerei porque sou fraca, morrerei porque sou mulher!... Deus foi misericordioso para comigo em me não ter dado uma filha; que se eu a tivesse, por muito que a amasse, e ainda que ela fôsse a única... meu Deus! cometeria hoje um crime... matava-a... seria talvez condenada por tôda a eternidade, porém, ela seria livre no céu! Mas por que será irrevogável a minha condenação? Eu sou espôsa sua, a mãe de seus filhos. Por ventura quis êle punir a minha imprudência só com o terror, e a estas horas já êle terá pensado que o meu martírio deve acabar. O duque é generoso; se êle tem sempre esmola para os mendigos, por que não terá também piedade para os que sofrem? Eu soffro tanto.

CENA II
A DUQUESA, PAULA

PAULA — Sra. Duquesa!

A DUQUESA — Quem me chama?... Paula!

PAULA — Deixai-me chorar a vossos pés!

A DUQUESA — Já me havia esquecido de ti, boa Paula; bem hajas tu que em tanta tristeza te vieste fazer lembrada, e que te não esqueste da mísera condenada que algumas horas apenas tem de vida. (*Encostando-se ao ombro dela*) — Quando eu era feliz, e já me parece que foi há muito tempo, tinhas sempre um sorriso para desfazeres as minhas preocupações; e hoje, achaste no teu coração algumas lágrimas que vens derramar sôbre o meu infortúnio. Bem hajas tu.

PAULA (*Chorando*) — Vós, que sois inocente, senhora, porque haveis de morrer?

A DUQUESA — Dize, dize que não é para me consolar que assim me falas; jura-me que acreditas na minha inocência: preciso que alguém creia nela para não morrer de desespero.

PAULA — Não tenho eu vivido sempre na vossa companhia? Não leio no vosso rosto como na minha alma? Não sei eu que se pudésseis cometer um crime, nenhuma haveria que não fôsse criminosa?

A DUQUESA (*Tristemente*) — Os meus também hão de acreditar na minha inocência, mas já tarde; talvez romperão lanças em favor dela. mas eu já serei morta! Oh! Se as lágrimas do arrependimento e do remorso pudessem dar vida a um cadáver, não me pesara morrer, porque eu teria certa a minha ressurreição! Oh! Boa Paula, é bem mal permitido que o homem, que não pode dar vida, tenha o poder de matar; é bem injusto que uma miserável criatura possa apagar a luz preciosa da existência que só Deus pode acender!... É bem injusto, meu Deus!

PAULA — É destino, Sra. Duquesa; que lhe havemos nós de fazer!

A DUQUESA — Tens razão; temos todos o nosso calvário, carregamos todos com a nossa cruz; e por que não haveria eu de sofrer também?... Mas, ó Senhor! bem aviltador é o meu calvário, e a minha cruz é muito pesada para mim!... Morrerei, Paula... O último favor que te pedir, cumpri-lo-ás tu?

PAULA — Dizei, Senhora.

A DUQUESA — Quando me aparelharem para o meu infame suplício, hão de cortar-me os cabelos; creio que assim se faz. Tu os ajuntarás, Paula: vai depois ao meu guarda-roupa, e lá encontrarás os meus vestidos que eu trouxe de Espanha; era então uma criança!... Tira um dêles e manda-o à minha irmã com uma trança dos meus cabelos; farás isto?

PAULA — Eu o farei.

A DUQUESA — Bem quisera eu deixar-te uma lembrança, boa Paula: mas que posso eu agora? Entrei para esta casa coberta de veludos, e hei de sair vestida com a mortalha: entrei nova e cheia de inocência, e hei de sair ainda nova, mas infamada!... A vossa pobre duquesa, mais pobre do que vós outras, nada tem para recompensar os bons serviços dos seus fiéis servidores. Escuta: quando eu fôr morta, tomarás para ti o meu livro de orações, e escreverás na primeira página o meu nome com o meu sangue; não creias que êle seja vil porque o hão de derramar vilmente!... Não lhe ponhas título nenhum, só o meu nome de batismo; e quando rezares lembra-te da infeliz Leonor, e dá-lhe uma das tuas orações.

PAULA — Seja-me Deus boa testemunha em como, se morrerdes, eu me irei sepultar em algum convento para ali passar a minha vida em orações e penitências, não por vós, mas por êle que vos assassina. (*Como se lembra, levantando-se*) — Ah!

A DUQUESA — Assim me deixas?

PAULA — Esperai, esperai! (*Sai.*)

CENA III [A DUQUESA]

A DUQUESA (*Só*) — Nunca me julguei com forças para sofrer tanto, nem que eu tivesse tantas lágrimas para chorar. No entanto, sofro como se nunca houvera sofrido; choro como se nunca houvera chorado. (*Pausa.*) Sinto passos!... Quem sabe se não será o carrasco?... O carrasco!... (*Sobe com terror pelos degraus até encostar-se às paredes do altar.*)

CENA IV A DUQUESA, PAULA, os dois meninos

A DUQUESA (*Correndo para êles*) — Meus filhos! Meus pobres filhos!... (*Beijando-os e abraçando-os*) — Vossa mãe ia morrer sem vos abençoar na hora da morte, sem beijar-vos, sem acariciar-vos mais esta vez, sem vos banhar o rosto com as suas lágrimas!... Meus pobres filhos! que fareis vós no mundo sem o amor de vossa mãe?... Talvez que uma estrangeira venha deitar-se no meu leito para dêle vos expulsar!... Que sereis vós sem mim!... Inocentes! Pobres inocentes!... Êles vos dirão que eu fui uma grande criminosa e que me havia tornado indigna de viver: não os acrediteis, meus filhos!... Quando vos disserem mal da vossa pobre mãe, lembrai-vos de hoje e de minhas lágrimas, e adivinhareis então que eu fui bem infeliz, ouvistes?... Oh! Êles não compreendem as minhas palavras, e até do meu nome se hão

de esquecer!... Paula! Paula! Por que me trouxeste meus filhos? Eu me resignaria a morrer, e agora é impossível!... Atende-me: vai ter com o senhor duque, dize-lhe que lhe quero falar uma hora, um instante antes de morrer. Deixa-me meus filhos... não, leva-os; dir-lhe-ás que é em nome dêles que eu lhe peço um instante para lhe falar; e êle não me poderá negar mercê tão pequena. (PAULA sai com os meninos.)

CENA V

A DUQUESA, LOPO GARCIA

A DUQUESA (*Só no meio da cena*) — Êle me perdoará!

LOPO GARCIA — Senhora!

A DUQUESA — Lopo Garcia! Ah! Que me acordais bem cruelmente, meu padre!

LOPO GARCIA — Resignai-vos, minha filha!

A DUQUESA — Resignar-me a quê? Não carecerei de vosso mister, meu padre; já mandei chamar a D. Jaime, que me não poderá recusar uma entreyista.

LOPO GARCIA — Resignai-vos!

A DUQUESA — Mas não estais vendo que é impossível que eu morra assim?... Não sabeis que meu pai é o duque de Medina Sidônia?... O senhor duque não pensou nisso: êle me perdoará.

LOPO GARCIA — Não o fará.

A DUQUESA — Como! Vós que sois um bom e santo padre, pondez um freio injurioso à bondade daquele que folga em sua justiça de amolgar o coração mais endurecido, e de reparar o mal por mão daquele mesmo que o praticou?

LOPO GARCIA — Não o espereis! A esperança engana sempre que não esperamos a morte. Preparai-vos no santo tribunal da penitência para subirdes à presença do Senhor; confessai as vossas culpas e contristai-vos!

A DUQUESA (*Chorando*) — Ah! Meu Padre, sois bem cruel em me despojar assim das minhas últimas esperanças. Deus vos perdoe a dor que me causais.

LOPO GARCIA — A vossa vida. Qual é o justo que vive sem pecado mais ou menos longo, alegre ou triste, que o acordar da morte só vale dissipar. Consolai-vos! Deus é misericordioso, e vos perdoará em favor do vosso arrependimento.

A DUQUESA — A vida! A vida, meu padre!

LOPO GARCIA — Não vos rebeleis contra o Senhor, nem o irriteis com a vossa desobediência! Curvai a cabeça perante a sua justiça, e confessai-vos para que a morte vos não colha impenitente.

A DUQUESA — Que vos hei de eu confessar?

LOPO GARCIA — A vossa vida. Qual é o justo que vive sem pecado durante o período de sua existência? Recordai-vos de quanto haveis feito, dito ou pensado, e atentai que, se é o sacerdote quem escuta as vossas palavras, é Deus quem recebe a vossa confissão.

A DUQUESA — A minha vida... é um tecido de dores, bem pequenas que talvez não compreendais, o que todavia me tem martirizado.

LOPO GARCIA — Contai-a.

A DUQUESA (*Depois de alguns instantes de silêncio*) — Criança me trouxeram da casa de meus pais, prenderam-me numa câmara forrada de veludo, envolveram-me em alcatifas de sêda, em reposteiros de damasco, e eu disse adeus ao meu prado florido, ao meu jardim encantado, às flôres que eu amava, a tudo, meu padre, a tudo!... Disseram-me então que eu pertencia a um homem, e que o devia amar porque êle era meu espôso. Afiz-me à idéia de que lhe pertencia, fiz esforços incríveis para o amar, a êle, que eu só via de quando em quando, rodeado de larga turba de cortesãos, polido e respeitoso para comigo. porém, nunca extremo. Nunca êle teve fraqueza para comigo, nunca eu a pude ter para com êle; nunca o pude amar. E se êle o quisera! Bem pouco lhe seria preciso, porém, jamais se deu êle a êsse trabalho. Nunca, meu padre, nunca estive com êle sem recear um acesso de sua cólera, sem tremer na sua presença, como uma escrava. Dizei, meu padre: sou eu culpada em o não ter podido amar?

LOPO GARCIA — Continuai.

A DUQUESA — Quisestes escutar a minha vida... já vo-la contei. Não tive flôres na minha infância, nem descanso na minha juventude. Outras culpas terei eu de que me não recordo... Deus mas perdoará.

LOPO GARCIA — Não mintais à hora da morte!... E o mancebo que foi há pouco encontrado no vosso aposento?

A DUQUESA — Ah! Sim, meu padre, a ação pertence à criatura, mas as circunstâncias vêm... talvez do céu. Serei criminosa para Deus, porém, sou inocente para os homens. Ouvei. Na minha soledade houve um mancebo que se compadeceu de mim, talvez porque adivinhou os sofrimentos que eu curtia silenciosa; desvelou-se no meu serviço; cercou-me de solitudes, velava incessantemente sobre mim. E eu conheci que êle era respeitoso e cheio de extremos, e que o seu amor era nobre, inocente e puro, como sua alma! Dizei-me, fiz mal em o não expulsar da minha presença?

LOPO GARCIA — Continuai!

A DUQUESA — Por algum tempo me deixei embalar por êsse novo afeto, que então principiava a sentir: veio-me depois a idéia que eu o não devia entorpecer na sua carreira, e pedi ao senhor duque que o dispensasse do seu serviço e que o mandasse para África ganhar nome no serviço del-rei e salvação em guerras de infieis. Dizei: fiz mal intercedendo por êle?

LOPO GARCIA — Continuai.

A DUQUESA — Ontem o senhor duque quis que o acompanhasse a uma caçada; acompanhei-o. No meio dela um javali ia espedaçar-me; êsse mancebo salvou-me a vida. Dizei: fiz mal dizendo-lhe que lhe devia a vida?

LOPO GARCIA — Prossegui.

A DUQUESA — Êle ia partir para África, mais por fôrça das minhas instâncias do que por vontade sua. Cheio de funestos pressentimentos, que ainda mal se realizaram, êle se lançou a meus pés pedindo-me que o escutasse. O senhor duque nos podia surpreender, algum pajem nos podia escutar, e êle estaria perdido; fui prudente. Pediu-me uma entrevista para esta noite, que êle devia partir ao amanhecer. Eu conhecia

a sua nobreza e honradez; concedi-lha. Dizei: fiz mal em ser prudente para não ser uma ingrata?

LOPO GARCIA — Acabai.

A DUQUESA — À noite eu o recebi na minha câmara; meus filhos descansavam no meu leito. Êle disse que me amava; eu disse que o amava também como a um irmão, como a um filho. Fui nisto criminosa?

LOPO GARCIA — Nada mais?

A DUQUESA — Nada mais! Foi ser boa, afável, generosa, agradecida e prudente, tudo isto que na terra se diz virtudes, e que por ventura também se chama virtudes no céu: foi tudo isto que me perdeu!

LOPO GARCIA — Deus vos receberá na sua glória, minha filha.

A DUQUESA — Mas não compreendeis vós que, se eu morrer, o mundo me julgará criminosa? Não vêdes que eu não quero morrer porque amo a vida, que o não posso porque sou inocente?

CENA VI

LOPO GARCIA, o DUQUE, a DUQUESA

O DUQUE — Acabai com a vossa confissão!

A DUQUESA (*Levantando-se*) — Dai-me fôrças, meu Deus!

LOPO GARCIA — Escutai-me um instante, Sr. Duque!

O DUQUE — Não vos podemos atender, meu padre!

LOPO GARCIA — Bem sei que o segrêdo da confissão é inviolável e sagrado; porém, Deus me perdoará se obro mal com isto, porque o faço para vos poupar um crime. Sr. Duque, a vossa espôsa é inocente!

O DUQUE — Não cometais um sacrilégio, meu padre; perfizestes o vosso mister; podeis retirar-vos.

LOPO GARCIA — Eu vo-lo repito, senhor, ela é inocente!... A duquesa terá caído em faltas que hão de achar graça na presença de Deus, e Deus é justo. Vós sois homem, Sr. Duque; não sejais mais rigoroso do que êle... perdoai-lhe.

O DUQUE — Meu padre, não aprouve ao Senhor dar-nos o condão da paciência... retirai-vos. (LOPO GARCIA *sai*.)

CENA VII

O DUQUE, a DUQUESA

O DUQUE — Findou-se o prazo, senhora.

A DUQUESA — Senhor, mais um instante.

O DUQUE — Mais dez minutos.

A DUQUESA — É pouco, senhor: tenho tanto para vos dizer!

O DUQUE — Tendes um quarto de hora.

A DUQUESA (*Depois de um instante de silêncio*) — Assim, pois, Sr. Duque, não quisestes dar crédito às palavras de um moribundo que sôbre a condenação eterna de sua alma vos asselava a minha inocência com um pé sôbre o sepulcro!

O DUQUE — Mentiu: eu vi a fita!

A DUQUESA — A fita! Mas se ela fôsse um presente vergonhoso, não

a recataria êle cuidadosamente ao invés de a trazer tanto às claras? Não vos parece que seria isso uma loucura, Sr. Duque?

O DUQUE — Que sei eu? A alma do vilão embriagou-se com a posse de uma duquesa; quis fazer alarde dos seus amôres, quis escarnecer de mim... enganou-se!

A DUQUESA — Se não quereis acreditar nas palavras do moribundo, dai crédito ao menos ao santo sacerdote. Não vos disse êle que eu era inocente?

O DUQUE — Mentistes vós: êle lá estava convosco.

A DUQUESA — Meus filhos também lá estavam, senhor.

O DUQUE — Escândalo maior, senhora, escândalo maior! Quando mentistes ao sacerdote na vossa última confissão, condenastes a vós mesma; se tão sòmente profanásseis o vosso leito, o crime ficaria ainda convosco! Fôra isso apenas impiedade numa cristã, infâmia numa espôsa! Há muito disso. Mas que a espôsa se lembrasse dos filhos para encobrir o seu adultério, que o crime se lembrasse da inocência para vestir a sua nudez, que a mãe se lembrasse dos filhos para os industrializar no crime... eis o que é horroroso, senhora, eis o que é estupendo e inaudito, eis o crime por que haveis de morrer!...

A DUQUESA — Imprudentemente me prodigalizais impropérios e convícios, Sr. Duque. Fui criada em vossa casa, foi vossa mãe quem me educou. Atentai que parte de quanto me dizeis recai sôbre quem se encarregou da minha educação.

O DUQUE — Por quê? Conheço almas fáceis que se persuadem que ser virtuosa é ser fingida, e que para ser impune basta ser hàbilmente criminosa. Outras há que nascem propensas para o crime e com o instinto do vício no coração. Há criaturas assim!

A DUQUESA — Sr. Duque, vós sois poderoso e escusais de subterfúgios contra mim. Ninguém vos pedirá contas da minha morte, senhor, e escusais de torcer os vossos juízos para me caluniar. Podeis dizer, e dizei-o francamente, que ninguém nos escuta: "Morrerás porque assim o quero!" É uma razão que todos compreendem, a razão do mais forte, se não é a do mais nobre. Contra a vossa vontade me oferecestes mão de espôso, e tendes sempre vivido constrangido considerando-me como um estôrvo para a vossa vocação, porque premeditáveis ser frade ou cousa semelhante. Bem oportunamente vos sorri êste ensejo para de mim vos desfazerdes. Aproveitai-vos dêle, e agradecei ao azar sem ostentades de justiceiro. Não me faleis em justiça humana, senhor, porque eu me poderei lembrar que vosso pai foi humanamente justificado!

O DUQUE — Deus vos encontre tão pura como êle, Sra. Duquesa.

A DUQUESA (*De joelhos*) — Perdão, senhor, perdão. Não era isso o que eu vos quisera dizer; mas sei eu por ventura o que digo?... Estou quase louca, não penso, não meço as minhas palavras. Perdoai-me!... Eu amo a vida, Sr. Duque; por que vos hei de eu mentir?... Sou uma mulher fraca e sem fôrças; choro porque a amo e porque me dói perdê-la. Sou eu acaso algum homem para ter coragem?... Amo a vida, amo tudo o que me cerca, amo tudo o que me era indiferente... sou nova e não me posso resignar... sou inocente e não devo morrer. Perdoai-me! Que vos importam algumas palavras, descuidadas que me

escaparam? Não pensei nelas, nem foi minha intenção ofender-vos. Vós me aborreceis e com razão... O que era eu para merecer o nome de vossa espôsa?... Que sou eu para vos merecer o vosso amor?... A mim também casaram-me sem que eu soubesse o que era matrimônio. E que culpa tenho eu em não ter resistido à obediência a que desde criança me afizeram?... Como o poderia eu imaginar!... Ainda então não sabia que o homem, que é forte, pode ser obrigado a casar-se contra o seu querer, a casar-se com uma mulher que êle não ama!

O DUQUE — Quem me poderia obrigar, senhora?

A DUQUESA — Tendes razão: eu é que sou uma louca em vos dizer destas cousas; mas tenho eu consciência do que vos estou dizendo?... Digo-vos tudo quanto me vem à cabeça para que vejais quanto soffro e para que me perdoeis, Sr. Duque...

O DUQUE — Levantai-vos, Sra. Duquesa: o meu propósito é irrevogável.

A DUQUESA — Mudá-lo-eis, senhor; mudá-lo-eis quando aventardes que mofina que eu sou, e que embaraços a minha morte vos pode acarretar. O conde de Urenha, meu cunhado, e o marquês de Cazaça, meu irmão, virão reptar-vos para o duelo, apelando da vossa sentença para o juízo de Deus.

O DUQUE — Atrever-se-ão êles!...

A DUQUESA — Meu Deus! Como lhe hei de eu falar!... Eu vos digo estas cousas sem consciência, sem intenção de vos ofender. Eu é que sou a medrosa, vós sois forte e valente, de nada vos arreceais. Com efeito, de que vós podeis temer? Que vos importam meus irmãos, ou que vos podem êles fazer? Bem podeis vós calcar-me, bem podeis matar-me e fazer de mim quanto mais vos aprouver; mas que glória vos virá daí. Sr. Duque?

O DUQUE — Confrontai estas vossas palavras com as que ainda há pouco em a vossa câmara me dissestes!... Com o gesto irritado, com o olhar sobranceiro pedistes-me contas do meu proceder tachando-me de pouca lisura e comedimento! Agora, porém, confessais a minha prepotência, e tendes sem dúvida para vós que, se como homem me injuriastes, eu como senhor me vingó!... Apesar de vos abaixardes tanto, senhora...

A DUQUESA (*Levantando-se*) — Sr. Duque!

O DUQUE — Apesar de quanto tendes feito para alcançar a vida, apesar de tudo quanto me haveis dito ou me possais dizer, não será menos certa a vossa morte. Acreditai que me não deixarei amolgar pelas vossas preces e que nem as vossas lágrimas torcerão a minha justiça. Morrereis!

CENA VIII

Os mesmos, um PAJEM

O SERVO — Sr. Duque!

A DUQUESA — É êle!

O DUQUE — Viestes oportunamente. Findou-se o prazo.

A DUQUESA — Meu Deus!

O SERVO — Perdoai o meu arrôjo, Sr. Duque, e não me tenhais má vontade, porque uma só vez vos desobedecerei.

O DUQUE — Falai.

O SERVO — Não vos posso servir nesta ocasião, senhor!

O DUQUE — Por quê?

O SERVO — Aquêlo santo padre que há pouco saiu desta câmara, disse-nos que a senhora duquesa era inocente, e que excomungado seria quem em mal dela vos obedecesse!

A DUQUESA — É possível!

O DUQUE — Por nosso respeito não desobedecereis ao santo padre, nem ireis contra os ditames da vossa consciência! Entre os nossos vasallos mais do que um haverá que neste ensejo nos acuda em vossa falta. Chamai-os. (O SERVO abre a porta e faz sinal para dentro.)

CENA ÚLTIMA

O DUQUE, a DUQUESA, servos, homens de armas

O DUQUE — Êste homem que aqui vêdes nos obriga, em circunstâncias bem melindrosas, a experimentar a vossa lealdade. Precisamos de um executor de alta justiça, e dar-lhe-emos com a nossa proteção cem peças de ouro.

A DUQUESA — Inspirai-os, meu Deus! Inspirai-os!

O DUQUE — Nenhum se move!... Pensais talvez que mais vale a cabeça de uma duquesa... nós lhe daremos mil peças de ouro e o primeiro lugar entre os meus servidores.

A DUQUESA — Hão de tentar-se!... Nenhum! Nenhum!

O DUQUE (*Concentrado*) — O padre!... Por que o deixei sair quando precisava de um algoz?... (*Baixo ao primeiro servo*) — O estrado e o cepo?

O SERVO — Estão prontos.

O DUQUE — E o cutelo?

O SERVO — Está afiado.

O DUQUE (*Como que falando consigo*) — Uma duquesa não deve morrer como uma mulher vulgar.

A DUQUESA — Estou salva!

O DUQUE (*Em voz alta*) — A filha de D. João de Gusmão, duque de Medina Sidônia, conde de Niebla, marquês de Cazaça e senhor de Gibraltar, merece contemplação pela sua hierarquia. (À DUQUESA) — Não vos parece?

A DUQUESA (*Tímida*) — Foi talvez inspiração do céu a que tornou êsses homens surdos à voz do interêsse.

O DUQUE — E do céu é que vem esta inspiração, Sra. Duquesa. Alegrai-vos... tereis um duque por carrasco!

A DUQUESA — Vós! Senhor!

O DUQUE (*Travando-lhe o braço*) — Vinde!

A DUQUESA — Oh! Ainda um instante!

O DUQUE — Nada mais!

A DUQUESA — Eu tenho ainda tanto para vos dizer... Escutai-me até o fim, e certamente me haveis de perdoar.

O DUQUE — Não vos perdoarei.

A DUQUESA — E que é um instante para vós que ficais desfrutando a vida?... Por Deus! Dai-me um só instante!

O DUQUE — Não vos escuto!

A DUQUESA — Um instante, senhor!

O DUQUE (*Saindo com ela pela porta do fundo*) — Morrereis!... Morrereis!...

FIM DE
"LEONOR DE MENDONÇA"

ADVERTÊNCIA DO AUTOR

Aqui extratarei de uma das crônicas portuguesas o trecho que a êste acontecimento diz respeito, para os que o quiserem saber nu e simples tal qual o refere a história: ver-se-á que a segui fielmente. Quanto a mim, creio que adotei o melhor dos fatos, quer considerados como verdade histórica, quer como circunstâncias dramáticas; apenas a supri enquanto me foi preciso para encadear as partes do drama entre si, e inverti-as nas minuciosidades alheias ao meu trabalho, e por isso mesmo de pouca importância para o meu fim; assim é que digo ter sido Fernão Velho quem salvou os filhos do duque D. Fernando, quando o encarregado desta missão foi Fernão Rodrigues Pereira, e ter D. Manuel feito a D. Jaime doação dos dízimos do pescado em Lisboa, em 1512, quando tal mercê foi feita no começo dêste reinado.

Ajuntarei mais um fragmento do sumário a que o próprio duque mandou proceder por esta ocasião, e que o Sr. Moraes Sarmiento (autor do *Romanceiro Português*), diz ter encontrado na torre do Tombo. Pode servir como indicação de cena e vestuário, se algum dia ou em algum lugar fôr êste drama representado.

HISTÓRIA GENEALÓGICA DA CASA REAL PORTUGUESA
VIDA DO DUQUE D. JAIME — Tom. 5.º Cap. 8.º
Página 576

...“Foy o motivo deste injusto ciume Antonio Alcoforado, moço fidalgo de poucos annos, que ainda não cingia espada, filho de Affonso Pires Alcoforado, que na casa do duque tinha o mesmo fôro de moço fidalgo, e servia no paço do Duque, e a quem a Duqueza tinha mostrado estimar em algumas occasiões, com que augmentando-se os falsos indícios, chegaram ao ponto da mayor fatalidade. Não quis o Duque ser o executor da sua morte, e assim mandou chamar a Lopo Garcia, seu capellão, para a confessar, depois por um negro com um manchil da cozinha lhe foy cortada a cabeça. A Duqueza, que ignorava o que se passava, ouvindo um grande ruido, assustada do estrondo, foy em busca de seus filhos, e sobre a cama em que elles estavam achou o Duque, e vendo-a voltou e mandou entrar o capellão para a confessar, e tendo-o feito, entrou o Duque, a quem a Duqueza animosamente perguntou porque a queria matar? E dizendo-lhe o Duque, porque lhe fôra traidora, ella lhe respondeu: nem eu sou traidora, nem meus avós o forão nunca; e com outras muitas razões lhe disputou a accusação com tanta constancia, que o Duque se deu quasi por convencido, e das persuasões do capellão que clamava pela sua innocencia... e sendo o executor da morte, com cinco feridas lhe tirou a cabeça.”

Segue-se o sumário:

“Anno, etc. Aos dois dias do mez de Novembro de 1512, duas horas ante manhã pouco mais ou menos, em Villa-Viçosa, nas casas do Reguengo, onde ora pousa o Sr. duque de Bragança, foi chamado o bacharel Gaspar Lopes, ouvidor de sua senhoria, e João Alvares Mouro, juiz ordinário na dita villa. Pelo dito Sr. duque, etc., foi dito ao dito ouvidor e juiz, perante mim tabelião, que elle tinha morto a Senhora duqueza sua mulher D. Leonor, e assim Antonio Alcoforado, filho de Affonso Pires Alcoforado, moço fidalgo de sua casa, por os achar que dormiam ambos e lhe commeteram adulterio; pelo que o dito ouvidor e juiz se forão a uma camara onde a dita senhora sohia a dormir, e ahi jazia morta a dita Senhora duqueza, e assim o dito Antonio Alcoforado junto na dita camara, um junto ao outro, o qual foi vista a dita Senhora por o dito ouvidor e juiz, e Gonçalo Lourenço, tabelião, que era presente, e eu Alvaro Pacheco; e tinha uma grande ferida por baixo da barba, degollada, que cortára o pescoço a cerca todo, e outra grande ferida por traz, na cabeça, que lhe cortava a cabeça quasi toda, que lhe apareciam os miolos, e junto com a dita ferida tinha outras tres muito grandes feridas. E dito Alcoforado tinha o pescoço cortado; e em a cama da dita Senhora estava um barrete, dobrado de volta, preto, que diziam esses que ahi estavam que era do dito Alcoofrado, e o ouvidor e juiz mandára fazer este auto, para por elle perguntarem algumas testemunhas sobre o dito caso, e mandáram ao dito Gonçalo Lourenço e a mim tabelião que assignassemos este auto; a qual dita Senhora duqueza estava vestida e tinha uma cota de velludo negro barrado de setim preto com uns perfles de tafetá amarello, e um sainho de velludo negro, e uma cinta de setim raso alconado; assim o dito Antonio Alcoforado estava vestido; e tinha um gibão de fustão prateado com meias mangas e collar e pontas de velludo rôxo, e umas calças vermelhas, e uns borzequins pretos, e sapatos, e um saio preto, e uma cinta de couro preto com uma guarnição de prata.”

PROSA ESCOLHIDA*

* Compõem esta seção alguns escritos em prosa de Gonçalves Dias, extraídos do volume *Obras Póstumas de Gonçalves Dias*, organizado por Antônio Henriques Leal e reeditado pela Garnier (Rio de Janeiro-Paris, H. Garnier, Livreiro-Editor, 1909). Reproduziram-se do volume apenas os de teor literário: "Meditação", "Memórias de Agapito" e "Um Anjo". Foram conservadas, pelo seu valor esclarecedor, as notas do organizador.

MEDITAÇÃO

(FRAGMENTO)

1846

CAPÍTULO PRIMEIRO

I

.....
.....
.....
.....

II

Então o velho estendendo a mão descarnada e macilenta tocou as minhas pálpebras.

E as minhas pálpebras cintilaram como sentindo o contacto de um corpo eletrizado.

E diante dos meus olhos se estendeu uma corrente de luz suave e colorida, como a luz de uma aurora boreal.

E o ancião me disse: "Olha do norte ao sul — do ocaso ao nascer do sol — té onde alcançar a luz dos teus olhos e dize-me o que vês."

E o seu gesto era soberano e tremendo como o gesto de um monarca irritado.

E a sua voz solene e grave como a voz do sacerdote, que salmeia uma oração fúnebre em noite de enterramento.

E eu levei os meus olhos do norte ao sul — do ocaso ao nascer do sol — 'té onde êles alcançavam — e respondi:

"Meu pai, vejo diante de meus olhos uma prodigiosa extensão de terreno: é por ventura algum grande império — tão grande espaço me parece que encerra.

"E as árvores, que o sombreiam, são robustas e frondosas — como se desde a criação presenciassem o incessante volver dos séculos.

"E a relva que o tapisa é densa e aveludada; e as suas flôres melin-

drosas e perfumadas, e as suas aves canoras e brilhantes como as suas flôres.

"E o céu que cobre essa terra bendita é sereno e estrelado, e parece refletir nas suas côres fulgentes o sorriso benévolo e carinhoso de quando o Criador o suspendia nos ares como um rico diamante pendente do seu trono.

"E sôbre essa terra mimosa, por baixo dessas árvores colossais — vejo milhares de homens — de fisionomias discordes, de côr vária, e de caracteres diferentes.

"E êsses homens formam círculos concêntricos, como os que a pedra produz caindo no meio das águas plácidas de um lago.

"E os que formam os círculos externos têm maneiras submissas e respeitosas, são de côr preta; — e os outros, que são como um punhado de homens, formando o centro de todos os círculos, têm maneiras senhoris e arrogantes; — são de côr branca.

"E os homens de côr preta têm as mãos prêsas em longas correntes de ferro, cujos anéis vão de uns a outros — eternos como a maldição que passa de pais a filhos!"

III

E, eu falava ainda — quando um mancebo imberbe, saindo dentre os homens de côr branca, açoitou as faces de outro de côr preta com o reverso de sua mão esquerda.

E o ofendido, velho e curvado sob o pêso dos anos, cruzou os braços musculosos, apesar da velhice, e deixou pender a cabeça sôbre o peito.

E após um instante de silêncio profundo, arrojou-se aos pés de um ancião de côr branca, clamando justiça com voz abafada.

E um dentre êstes, na flor da idade, ergueu-se iroso entre o homem de cabelos brancos e o prêto injuriado que pedia justiça, e o lançou por terra.

E o ancião de côr branca, que, longe do bulício do mundo, havia meditado longos anos, soltou um suspiro das profundezas do peito.

E os elos da corrente, que manietava os homens de côr preta, soltaram um som áspero e discorde como o rugido de uma pantera.

E eu vi que êsses homens tentavam desligar-se das suas cadeias, e que dos pulsos roxeados lhes corria o sangue sôbre as suas algemas.

E vi que o ferro resistia às suas tentativas; mas também vi que a sua raiva era frenética, e que o sangue que lhes manava das feridas cerceava o ferro como o enxôfre incendiado.

IV

E o ancião me disse: "Afasta os olhos dos homens que sofrem, e dos que fazem sofrer, como de um objeto impuro, e volve-os em redor de ti".

E eu afastei os olhos dêsse espetáculo lutuoso, e volvi-os em redor de mim.

E vi algumas cidades, vilas e aldeias disseminadas pela vasta extensão daquele império, como árvores raquíticas plantadas em desertos infrutíferos.

E nessas cidades, vilas e aldeias havia um fervilhar de homens, velhos e crianças, correndo todos em direções diversas, e com rapidez diferente como homens carentes de juízo.

E as suas ruas eram tortuosas, estreitas e mal calçadas — como obra da incúria — e as suas casas, baixas, feias e sem elegância, não rivalizavam com a habitação dos castores.

E os seus palácios eram sem pompa e sem grandeza, e os seus templos sem dignidade e sem religião.

E os seus rios — obstruídos por alguns troncos desenraizados — eram cortados por jangadas mal tecidas, ou por miseráveis canoas de um só toro de madeira.

E nessas cidades, vilas e aldeias, nos seus cais, praças e chafarizes — vi somente — escravos!

E à porta ou no interior dessas casas mal construídas e nesses palácios sem elegância — escravos!

E no adro ou debaixo das naves dos templos — de costas para as imagens sagradas, sem temor, como sem respeito — escravos!

E nas jangadas mal tecidas — e nas canoas de um só toro de madeira — escravos; — e por tôda a parte — escravos!!...

Por isto o estrangeiro que chega a algum pôrto do vasto império — consulta de novo a sua derrota e observa atentamente os astros — porque julga que um vento inimigo o levou às costas d'África.

E conhece por fim que está no Brasil — na terra da liberdade, na terra ataviada de primores e esclarecida por um céu estrelado e magnífico!

Mas grande parte da sua população é escrava — mas a sua riqueza consiste nos escravos — mas o sorriso — o deleite do seu comerciante — do seu agrícola — e o alimento de todos os seus habitantes é comprado à custa do sangue do escravo!

E nos lábios do estrangeiro, que aporta ao Brasil, desponta um sorriso irônico e despeitoso — e êle diz consigo, que a terra — da escravidão — não pode durar muito; porque êle é crente, e sabe que os homens são feitos do mesmo barro — sujeitos às mesmas dores e às mesmas necessidades.

V

“E sabes tu — perguntou-me o ancião — por que as vossas ruas são estreitas, tortuosas, e mal calçadas — e por que as vossas casas são baixas, feias, e sem elegância?”

“Sabes por que são vossos palácios sem pompa e sem grandeza e os vossos templos sem dignidade e sem religião?”

“Sabes por que é miserável a vossa marinha — e por que se ri o estrangeiro que aporta ao Brasil?”

“É porque o belo e o grande é filho do pensamento — e o pensamento do belo e do grande é incompatível com o sentir do escravo.”

E o escravo — é o pão, de que vos alimentais — as telas, que vestis — o vosso pensamento cotidiano — e o vosso braço incansável!

“Vê as pirâmides do Egito — sarcófagos gigantescos, que lá se vão perder nas entranhas das nuvens — tão elevadas como o mais elevado pensamento.

“Vê os templos gregos, cuja elegante arquitetura buscava assento em meio de vales deleitosos, harmonizando-se com o céu da Grécia, e com a fertilidade e vida da sua gleba!

“Vê nas cúpulas árabes — essa floresta de colunas de mil côres — rodando em um peristilo circular semelhante às tendas das tribos nômadás e patriarcais.

“Vê os templos da Idade Média, essas epopéias do Cristianismo — com os seus zimbórios volumosos — com os seus campanários terminados em agulhas sutis e afiadas, que elevam o pensamento além das nuvens.

“Êsses túmulos — bem como as ruínas dos palácios e dos templos de Mênfis — revelam uma idéia, porque os egípcios a gravaram nas suas obras debaixo dos hieroglíficos que os sacerdotes multiplicaram na fachada dos seus templos e nas paredes dos seus edifícios.

“Os gregos realizaram o belo-ideal; e os árabes, tentando realizá-lo, transformaram a sua tenda de um dia em habitações duradouras; porque êles eram livres nos atos e nos pensamentos — livres, como o simum dos seus areais.

"E os bizarros brutescos da arquitetura gótica representam a vida — porém a vida múltiplice e variada; e a agulha dos seus templos figuravam o infinito, e o seu cimento indestrutível traz à lembrança as idéias mais puras da moral — Deus e a imortalidade.

"E os pagodes da China, ou a pedra druídica no meio das florestas gaulesas, ou mesmo as inscrições e imperfeitos desenhos dos vossos índios na superfície lisa dos rochedos do Iapurá, dizem mais e são mais belos que os vossos edifícios sem expressão, nem sentimento!

"E o escravo não pode ser arquiteto, porque a escravidão é mesquinha, e porque a arquitetura, filha do pensamento, é livre como o vento que varre a terra.

"E o escravo será negligente e inerte, porque não lhe aproveitará o suor do seu rosto; porque a sua obra não será a recompensa do seu trabalho; porque a sua inteligência é limitada, e porque êle não tem o amor da glória.

"E o homem livre dará de mão às boas-artes, porque não quer ombrear com o escravo, que é infame e desonroso.

"E não se dará às artes mecânicas, que são o emprêgo do liberto e daqueles que não são homens.

"E não se dará à marinha, êsse potente veículo do comércio e da civilização, porque a marinha está inçada de escravos.

"E se os seus vestidos roçarem a opa do escravo, ou a esclavina do liberto, êle os sacudirá com asco; e se a sua mão tocar amigavelmente a mão do escravo, êle a cerceará do pulso — como pois o chamará colega?!"

VI

"Um dia aparecestes sôbre a terra com todos os vícios de uma nação decadente, como se houvésseis vivido longos anos.

"E nem sequer provastes aquelas amargas lições da experiência, que as nações colhem durante a sua existência política, bem como os homens durante a sua vida!

"E como a juventude — orgulhosos e fátuos — julgais que todos vos obedecem — quando a todos vos sujeitais: julgais que existis — quando sois meramente prelúdio de vida — um feto giganteo que começa a desenvolver-se debaixo da influência poderosa do sol dos trópicos.

"E se possível fôsse que um dos grandes homens do velho mundo — hoje se erguesse: em meio de vós outros — do seu sepulcro, onde êle dorme o sono eterno, embalado pelos encômios das gerações que passam,

êle pediria os vossos anais para que soubesse que passo andastes no caminho do progresso, e que bem fizestes à humanidade!

"Porque êles sabem que as nações formam-se, pogrudem, e decaem com o mesmo movimento, que talvez se pudesse marcar por uma como dinâmica e terapêutica social.

"E êle vos diria que antes que os helenos curvassem a cabeça ao jugo otomano foram guerreiros da *Iliada* — os de Maratônia e Salamina, e os sábios do tempo de Pércles.

"E antes que os romanos passassem meia vida nas suas termas perfumadas, e antes que fôssem os autores de moles serenatas e de cançonetas de amor, foram os conquistadores da Gália, — da Ibéria — e da Escandinávia, e os senhores do mundo conhecido, e os artistas de Leão X.

"E antes que os bretões se dessem à orgia e à intemperança depois das sessões dos seus parlamentos, antes que dessem ao mundo estupefato o espetáculo das suas fantásticas extravagâncias foram os companheiros dos reis — Artur — Henrique — e Ricardo, e os filósofos e literatos do século XVI e do século XVII.

"E os gauleses também foram os guerreiros de Breno — os companheiros de Luís o Santo, de Baiardo — o último cavaleiro, e de Francisco — o rei cavalheiroso, e os homens de Luís XIV.

"Passaram todos da idade da fôrça à idade da razão; do reinado das armas ao reinado da inteligência, para depois adormecerem sôbre o fruto dos seus trabalhos, como o vindimador junto aos cêstos que êle mesmo enchera de apetitosos cachos.

"Não assim vós, que sois uma anomalia na ordem social, como o que nasce adulto com os vícios e as fraquezas da idade propecta, e com e ceticismo do homem pervertido.

"E não tereis vós de retroceder pelo mesmo caminho, por onde agora divagais — ou vos lançou Deus sôbre a terra por que servísseis de lição ao porvir e de escarmento às gerações futuras?!"

VII

E o ancião falava ainda, porém o meu pensamento não o escutava, que os meus olhos seguiam um objeto horrível como o talvez de um grande infortúnio.

Como Laocoomte, sofrendo terríveis agonias, concentrava tôdas as suas fôrças para livrar-se dos anéis vigorosos da serpente que o enlaçava.

— Como no meio de uma habitação que arde, o homem — louco e delirante — agarra-se às traves em brasa meio comidas pelo incêndio, e não sente a dor do fogo que lhe rói a carne dos membros.

Os homens, que sofriam, reuniram-se como um só homem, e soltaram um grito horrísono, como seria o desabar dos mundos.

E pareceu-me que êles se transformavam em unidade como um colosso enorme e válido, cuja frente se perdia nas nuvens, e cujos pés se enteravam em uma sepultura imensa, e profunda como um abismo.

E o colosso tinha as feições horrivelmente contraídas pela raiva, e com os braços erguidos tentava descarregar às mãos ambas um golpe que seria de extermínio.

E a vítima era um povo inteiro; eram os filhos de uma numerosa família, levados ao sacrifício por seus pais — como Abraão levou a Isaque, seu filho.

E como Isaque, as vítimas deste sacrifício cruento tinham cortado a lenha para a sua fogueira, e adormeceram sobre ela, sonhando um festim suntuoso.

E como Isaque também êles acordaram com as espadas sobre as suas cabeças, e o seu despertar foi terrível, porque somente Deus os poderia salvar.

E um calefrio de terror percorreu a medula dos meus ossos, e o meu sangue parou nas minhas veias, e o meu coração cessou de bater.

E o ancião, que tudo sabia, compreendeu o meu sofrimento, e tirou a mão de sobre as minhas pálpebras, e os meus olhos se abriram de novo.

E um manto de trevas impenetráveis se desenrolou súbitamente diante dos meus olhos, como diante dos olhos de Tobias, quando o Senhor quis provar a sua virtude.

E eu percebi que a vida fugia dos meus sentidos, e caí de face contra a terra com a inércia de um corpo sem vida.

Caxias, 23 de junho de 1845.

CAPÍTULO II

*Vir vanus in superbiam erigitur,
et tanquam pullus onagri, se li-
berum natum putat.*

JOB.

.....
.....
.....

II

E eu continuei, dizendo:

"Ancião, eu falarei na tua presença, e derramarei minha alma a teus pés, para que escutes as palavras do meu pensamento.

"Porque tu esclareceste a minha alma como a luz às trevas, e porque, de te ouvir, o pensamento me estua nos lábios.

"Porque um poder superior quebra a mudez dentro do meu peito, e eu mesmo me desconheço no arrôjo das minhas palavras.

"E se elas te parecerem mal pensadas, perdoa ao sentir da juventude em favor da minha sinceridade.

"Porque eu falo de coração singelo e na verdade da minha consciência.

"Assim eu falarei na tua presença, e derramarei minha alma a teus pés."

E êle disse:

"Os velhos vêem tudo ao través de um manto de gêlo, e o seu pensamento gravita incessante em redor do passado — essa quadra feliz, em que seus olhos gostavam de rosicler da aurora.

"E nas suas palavras traveja o severo da verdade e de involta com o azedume do homem que viveu inútilmente longos anos.

"Porque no fim da sua carreira êle derramou os olhos sôbre o caminho por onde viajara, interpellando a si mesmo na sua consciência e disse: o que fiz eu?"

"Sublime por certo é a missão do homem sôbre a terra — sofrer e ajudar a sofrer!"

"E eu que fiz? Vegetei como a palmeira do deserto, cuja copa não abriga o viajor fatigado, cujo tronco não ampara a vergôntea dos arbusto semimorto que lambe a terra com as fôlhas amarelas." —

"Meus dias — tão breves como fogo de palha, declinaram como a sombra; vivi como o regato sem nome, e caio sôbre o meu sepulcro como a árvore mesquinha, cujo baquear não desperta o eco velador das montanhas.

"Não assim o mancebo! Seus olhos são como um prisma, seu coração como uma fogueira, e o seu gênio impetuoso como a torrente.

"Enlevado contempla a natureza, e não compreende como tanto frescor

ameigasse os olhos das gerações, que passaram — olhos, que pularam em órbitas hoje escavadas pelos vermes dos sepulcros.

"Rei do Universo, êle o observa ressumbrando ardimento e majestade; — fogo da vida lhe anima a côr das faces, e do sangue que lhe arde nas veias é de que se nutrem o heroísmo e a magnanimidade.

"Mas entre a severidade do velho e o devaneio do mancebo — está a verdade.

"Porque o céu não tem só luzeiros, nem a terra só produz flôres: mas entre as flôres está a serpente, e com os luzeiros do céu as asas negras da noite e a cauda oblonga do cometa.

"Assim a vida também é uma alternativa de dor e de prazer — de luz e de trevas — de esperança e desesperação.

"Porque ela é semelhante a tela urdida de cânhamo e de sêda, onde igualmente se encontra aspereza e brandura.

"Assim pois eu falarei na tua presença, e tu pesarás as minhas palavras e a fôrça do meu discurso."

III

"Como falas tão seguro de ti mesmo, quando só Deus é infalível?

"Ou por ventura asilas no peito a verdade sòmente, como na alâmpada do Tabernáculo óleo puríssimo e sem mistura?

"Falas do futuro como se houveses lido a palavra do livro eterno, onde a Providência lavra os seus decretos.

"Falas do presente com a presciência do futuro, e as tuas palavras são como o vinagre que se misturou com o fel.

"A um povo recente e cheio de vida chamaste caduco e breve!...

"Aos vícios da juventude — mas de nobre e de arrojada juventude, apelidaste princípios de decadência!

"Aos seus erros — aos preconceitos que lhe são inerentes — filhos da ignorância ou da inexperiência — julgas filhos de más entranhas e de intenções danadas!

"Observaste atentamente a multidão dos seus vícios, e não atentaste na fôrça da sua vitalidade.

"Viste que a aurora se ressentia de noite trovejada, e não julgas que o sol ao meio-dia possa esplender magnífico e fulgurante.

"Ancião, mentido será o teu vaticínio, como carmes de um falso profeta.

"Porque uma infinidade de mancebos se ergueu diante dos teus olhos como um bando de voláteis de sob os pés do viandante que vai distraído, por meio da floresta sem caminho!"

E êles se ergueram — bons de vontade, símplies de coração, e ardidos de inteligência — e vão caminho do progresso a passos de gigante.

Êles marcham rápidos como a corrente da catadupa, como a bala inverossímil, e ai do que ousar interpor-se-lhes!

Êles galgam montes e precipícios, como os pombos do Levante, como os corcêis da Ucrânia, como a zebra indomável.

"Que mole pois poderá interceptar-lhes o caminho, ou que braço válido e musculoso poderá retê-los na carreira desassombrada?"

Ancião, folgo de crer que será mentido o teu vaticínio, como fantasmas criados por um espírito exaltado no ardor da febre, que o devora."

IV

E o velho me tornou com um sorriso cheio de inefável doçura:

"Meu filho, a verdadeira ciência não se colhe dos livros: ela vem com a meditação.

"A meditação — essa filha do céu, que desce sôbre o coração do solitário, tão silenciosa e docemente como orvalho noturno sôbre o cálix de uma flor.

"Rainha grave e madura, que não traja o ouropel da imaginação, que não se adorna com pedrarias, porque ela é sublime na sua simplicidade, majestosa no recolhimento do seu porte.

"Êsse livro d'alma, que vós outros mancebos não consultais, porque é austero e cheio de rigidez nos seus ditames, e porque não vos fala a linguagem acalorada e veemente das paixões.

"Perguntas que braço os poderá reter, ou que *mole* interceptar-lhes o passo! Quem? mancebo! . . .

"Será o tempo que passa veloz e fugaz como a sombra; será a fôlha escorregadia, em que pode resvalar o pé do gigante!

"Será a vontade daquele que marcou os caminhos da aurora, e que por um invento maravilhoso suspendeu o mundo nos ares.

"Daqule que derrama a luz sôbre a terra, que dirige a harmonia dos astros, que ao sol disse: "vai incessante", e ao mar: "acabarás aqui!"

"Que ao homem disse: "caminha"; mas não lhe fêz saber os limites da sua viagem; porque a sua Providência está com êles, e os leva, como o guia conduz ao cego, como os olhos guiam a criatura."

V

"E não sois vós, como o cego de nascimento, que não compreende o que é a vista, nem outra existência além da sua?"

"Sabeis por ventura que outros melindrosos sentidos teríeis, se Deus os entornasse sobre vós com mão dadivosa de padrinho sobre o regaço de noiva recém-casada?"

"Não — e todavia vós dizeis na vossa consciência; a razão é a só motora do homem, e eu andarei confiado nela pelo caminho da vida.

"E andais... andais, semelhantes ao coveiro, que se alumia com uma luz vacilante, tropeçando a cada momento nas pedras dos sepulcros.

"Insensatos! pois a luz que vacila não é a primeira que diz aos olhos dos que a vêem, que ela está prestes a falecer?"

"Insensatos! pois a mesma razão não vos diz que ela é insuficiente para guiar-vos no caminho da vida?"

"Certo, porém, vós cerrastes os vossos olhos para não verdes — e os vossos ouvidos para não ouvirdes, semelhantes ao avarento, que não escuta o gemido da miséria, nem as preces do infortúnio, sentado no mantalote do arcaz abaulado de preciosidades."

VI

"E eles vão caminho do progresso a passos de gigante!... — Quem vo-lo disse?"

"Por ventura basta sobrepormos um dia a outro dia — um ano a outro ano, e um século a outro século para avançarmos em civilização?!"

"Se não chamais "Progressista" ao homem que vai servilmente colocando os pés sobre as pegadas de outrem, como chamais grande ou progressista ao povo que só imita?"

"Ao povo que a êsmo adota dos estranhos — usos — leis — e costumes, às vezes do pior que há entre eles, e que deles passa, e vós perpetuais?"

"A nacionalidade, que é dela? O característico de um povo, que é dele?"

"Não sabeis vós que a planta exótica perde o mais excelente de seu aroma, e que a roseira dos Alpes produz espinhos, plantada em vales?"

"Dir-vos-ei que as nações semelham os indivíduos.

"E se milhões de indivíduos morreram sem nome; também foram povos cujos nomes se deliram dos anais da humanidade.

"E como existiram homens sem gênio; povos também existirão sem êle.

"Porque êles dirão em sua indolência:

"Porque plantarei um pomar se não hei de provar dos seus frutos?"

"E o mesmo dirão vossos filhos, e ainda o mesmo os filhos de vossos filhos; e não plantarão o pomar.

"E dirão mais no seu egoísmo: — "Se eu incendiar esta deveza, ainda me fica sombra para me asilar na calma do verão."

"E o mesmo dirão vossos filhos, e ainda o mesmo os filhos de vossos filhos, e incendiarão as suas devezas.

"E direi mais: "Não construirei uma ponte sôbre êste rio, porque uma árvore colossal caiu sôbre êle à flor da água; e que me importa que o seu leito se encha de areias, e que não haja comunicação entre os homens que habitam a sua nasçença e os da sua embocadura?"

"E o mesmo dirão vossos filhos, e ainda o mesmo os filhos de vossos filhos; e o tronco permanecerá à flor d'água, e o seu leito se encherá de areias, e não haverá comunicação entre os homens que habitam a sua nasçença, e os que moram na sua embocadura."

VII

"Se quiserdes atravessar o oceano, construireis primeiro um navio, e a sua construção esgotará a vossa paciência.

"Cerceareis árvores gigantescas, alisareis seus troncos, e depois ficarão expostas ao sol; e isto leva tempo.

"Dareis uma têmpera vigorosa aos vossos alviões e às vossas alavancas; preparareis os instrumentos e as máquinas de escavação; e isto leva tempo.

"Cavareis a terra, e dela estraireis metais para a vossa obra, e os moldareis aos usos para que os heis mister.

"Plantareis linho, e virá o tempo da colheita, tendes depois de o secar ao sol — de o maçar, cansando os músculos dos vossos braços — de o cardar em dentes de ferro — de fiar longos fios — de tecer longas teias — de preparar cabos e amarras, — e isto leva tempo.

"Tereis de aplainar a madeira, de juntar suas tábuas fortemente — preparareis tudo — aprendereis: Matemática, — Mecânica — Geografia e Astronomia; e o largareis do estaleiro.

"E por fim o poreis em lastro para que êle não mostre a quilha, e obedeça ao leme, e então vos aventurareis sôbre o oceano.

"Fazeis assim também com o povo; preparai tudo de antemão, porque êle carece de mais cuidados do que no navio, e o seu caminho é mais vago e mais perigoso que o oceano.

"Se quereis plantar útilmente, adubai vossos campos; se quereis colher muito, esperai a estação da messe.

"Se quereis fundar um edifício, cavai-lhe os alicerces na razão da sua altura.

"Porque não haveis de plantar em solo indomado, nem haveis de colher frutos temporãos, nem edificar sôbre a areia.

"Fazei assim com o povo; dai-lhe idéias do útil e do justo, e êle irá caminho do progresso.

"Mas isto leva tempo, e vós o não quereis perder para o haverdes em tresdôbro.

"Não o deixeis ir à mercê do destino, como um navio sem lastro. — Instruí-o primeiro, e êle será livre.

"Instruí-o para que se não diga que edificastes em terra sáfara, que quereis colher frutos temporãos, ou que edificastes sôbre a areia.

"Dai-lhe Deus por base da sua instrução, porque Deus é o princípio da moral e da justiça; e sem moral, e sem justiça que será do povo?

"Dai-lhe Deus por base da sua instrução, porque Deus é o caminho, a luz, e a verdade, e fora dêle não há progresso."

VIII

"Mas vós dissestes no vosso orgulho — "O povo manda — o povo é soberano; e eu governo o povo.

"Porque eu lhe infundo respeito, e êle aninha minhas palavras no fundo do seu coração, como em vaso cerrado um licor precioso.

"Porque eu o intimido com a minha presença, e êle se curva diante de mim como um tigre diante do homem que o soube domar.

"Porque eu não censuro os seus vícios, nem repreendo as suas maldades; mas protejo vícios e maldades, que me não prejudicam, e domino por via da lisonja."

"E o povo disse: — "Se êles nos lisonjeiam, é porque somos os mais fortes, e se sofremos, por que também não faremos sofrer?!"

"Não nos disseram êles: "O homem é livre!" E o que é ser o homem livre se não pode fazer aquilo que lhe aprouver, semelhante à cria do onagro!

"Não nos disseram êles: "Todos somos iguais, somos todos irmãos." E o que é sermos iguais, se não formos todos aferidos pela mesma medida? O que é sermos todos irmãos, se não é que devemos ter todos uma igual porção de bens, como se partilha a herança de um pai pelos filhos que lhe sobrevivem?

"Êles o dirão! e no aferimento lançarão na balança todos os seus vícios e turpitudes para contrastar a ciência e virtudes daqueles, de quem se dizem iguais.

"E para que o fiel da balança os não atraíoe no dia em que reinar a soberania do povo, êles interporão a lâmina da sua espada, e aí do que ousar ir contra a fôrça, porque ela é soberana!

"E os que julgavam dominá-lo por todo o tempo da sua vida, serão os primeiros ludibriados — escarnecidos — e martirizados, porque êle se lembrará que obedeceu passivamente, e ser-lhe-á grato saborear a vingança do escravo feito senhor!

"Ser-lhe-á doce a vingança e a crueldade, porque ambas são instintos da fera, e tal como a fera é o povo que despedaça a obediência qual o tigre aos varões da sua jaula!"

IX

"Vós introduzistes um cisma entre o povo — iludindo-o com palavras dobradas — entusiasmando-o com lábios dolosos.

"Destes-lhes esperanças de uma néscia utopia, asseguraste-lhes direitos impossíveis de se realizarem.

"Nas trevas e em silêncio preparastes um veneno subtilíssimo com uma máscara de vidro no rosto.

"Nas trevas e em silêncio aguçastes o punhal da discórdia, e dissestes: — "nós o embotaremos, quando nos aprouver.

"E quando nos fôr mister rejeitar a sua fôrça, nós lhe poremos um dique como à fúria do oceano, e êle se conterà nos seus limites. —"

"Mas porventura pode contar com a vida aquêle que prepara venenos em tamanho segrêdo, como o que fabrica moeda falsa?

"Não será tão forte o veneno que despedace a máscara de vidro do seu rosto, ou será ela tão hermêticamente fechada que o alquimista não deve ter receio de aspirar sequer um átomo dêsse licor pernicioso?

"E o alfageme ou cutileiro que burne uma espada, ou adereça um punhal, pode acaso dizer de convicção; — "esta espada não se empregará no meu corpo, nem êste punhal se há de tingir do meu sangue?

"Pois em verdade vos digo que será o primeiro escarnecido — ludi-

briado — e martirizado aquêlo que se julgar dominador por todo o tempo da sua vida.

”Porque o Senhor disse: — “E se algum de vós quiser dominar sôbre os seus irmãos, tornar-se-á o último dentre êles.”

”E assim será por todo o sempre, porque a palavra do Senhor é eterna.”

X

E a voz do ancião morreu nos seus lábios, como o apenas perceptível murmúrio da água, quando o clepsidra marcou a sua hora derradeira.

E eu escutei as suas palavras, ainda muito tempo depois que êle cessara de falar, — triaga amarga que em minha alma despertou mil pensamentos dolorosos.

Mas a esperança me não abandonou neste momentâneo abatimento do meu espírito, e eu alevantei a minha voz no ardor da minha esperança e do meu entusiasmo.

”Será como dizeis, que me parece, que em silêncio, e longos anos haveis meditado com espírito sossegado e consciência tranqüila?

”Mas eu alevantarei a minha voz na tua presença, porque me quero enriquecer com a tua sabedoria.

”E quem sabe? Acaso não resulta o clarão do relâmpago do choque de duas nuvens carregadas de eletricidade opostas?

”Pois talvez que a verdade resulte da imaginação e da experiência — a imaginação, que é fogo e crê, e a experiência, que é gélo e duvida!

Direi pois:

— A vista humana, em que penetraste, pode acaso espreitar o segrêdo da abelha, ou seguir a germinação da semente no seio da terra?

— Como pois poderá ela aventar o futuro, que é mais imperscrutável que o seio da terra, e mais opaco que o cortiço da abelha?

Tu disseste:

”Vós vos lançastes no caminho da vida, tão loucos, como o corcel generoso, em cujos ouvidos mãos de gênio maléfico houvessem derramado o azougue inquieto?

”E na vossa carreira pasmosa arrastais convosco o povo; porque êle vos é mister para as vossas máquinações.

”E para que o povo não sentisse os espinhos, de que está irriçada a senda por onde o tencionáveis levar, mandastes soalhá-la com tapêtes de recamos triplicados.

"E mandastes pavesar as suas alamêdas com flôres recém-colhidas, e com arbustos verdejantes, trazidos de longas terras, para que ao través delas não visse o povo a terra inculta, e a fome de dentes pontiagudos, — batendo com fôrça uma contra a outra as maxilas emagrecidas.

"E dissestes-lhe: "O vosso caminho é êste" e êle seguiu servilmente o caminho que lhe indigitastes; porque vós o dominais por via da lisonja, pactuando cobardemente com a sua imoralidade.

"E no vosso correr desvanecido não perfazeis um momento qualquer rematado com algum pensamento útil ou grande.

"E embalde vós mesmos procurareis para o futuro alguma obra vossa, em que possais descansar os olhos enfraquecidos pela velhice, dizendo convosco na vossa consciência: — Minha vida não foi inteiramente inútil!

"E debalde procurarão vossos filhos pela extensão do vasto Império uma pedra, que indique o que seus pais fizeram, e à vista da qual podessem êles clamar gloriosos: — Nossos pais foram grandes!

"Ancião, tu enumeraste escrupulosamente os seus erros e concluíste contigo: — o povo vanglorioso e impávido não pode durar muito.

"Eu, porém, levantarei a minha voz na tua presença e derramarei meu pensamento na tua alma, para que escutes a minha voz, e para que respondas ao meu pensamento.

"Porque tu esclareceste a minha alma, e eu me quero enriquecer com a tua sabedoria.

XI

"Escuta-me pois:

"O homem, que pela primeira vez entra em Pisa, e vê o pendor da sua tôrre, sôbre que ainda não ouviu dissertar, dirá com a sua orgulhosa ignorância: — a tôrre cairá!

"E o mesmo dirá aquêle que de sôbre a tôrre de Asinelli vir a Gravisenda curvar-se para o seu lado, como um gigante em postura humilhada aos pés do que o domina.

"E pasmará se lhe disserdes que muito tempo se consumiu com a Gravisenda e mais de dois séculos com a tôrre de Pisa.

"E subirá de ponto o seu pasmo, se acrescentardes que a obliquidade dessa tôrre, causada por terremotos, resiste há muitos séculos — à foice do tempo — à intempérie das estações, e às violentas comoções do terreno.

"Porém o arquiteto reconhece que ela é tão estável, quanto o podem ser obras de homens, e que a sua fôrça aí está inteira no equilíbrio do seu centro de gravidade.

"E debaixo dela dormirá tão sossegadamente, como o guerreiro debaixo da sua tenda de campanha sob a proteção da sua espada.

"Ancião, tu és como o viajor que entra em Pisa ou em Bolonha, e contempla a obliquidade das suas tôres.

"Homem estranho às leis da gravitação e do equilíbrio, que, cheio de terror filantrópico, teme presenciar a sua queda!

"Assim tu, julgando à maneira do vulgo, disseste: — "Este povo acabará!"

Porque êsse povo te parece instável e prestes à desmonorar-se com o pêso das suas instituições contrárias ou divergentes:

"Mas o que tu não sabes é que êsse povo tem uma fôrça, que o ampara, e que o sustenta vâlidamente.

"Que essa fôrça é o seu centro de gravidade, e que o seu centro de gravidade — é o patriotismo.

"Se alguma vez o estudaste atentamente, deverás ter observado que essa fôrça se tem ramificado por tôdas as grandes divisões polfticas — por tôdas as classes — e por tôdas as famílias.

"E que essa fôrça assim ramificada e dividida avigora a todos os indivíduos, porque mais do que as nossas instituições civis e políticas, a que ainda não nos acostumamos, o nervo da nossa sociedade é o patriotismo.

"Amor de pátria! — Tu o encontrarás nos homens que mandam e nos homens que obedecem — naqueles dos quais por suas fazendas o govêrno precisa, e naqueles que por serem proletários não dependem do govêrno.

"Encontrá-lo-ás — em todos e em tôda a parte, como em cada milha quadrada das províncias do sul encontras um penhasco, e em cada braça quadrada das províncias do norte encontras uma palmeira.

"Derrama os olhos por tôdas essas grandes famílias, que povoam a superfície da nossa esfera, e dize-me se em algumas delas encontraste amor de pátria mais pronunciado e mais forte?

"Se já estudaste a nossa sociedade, terás encontrado a raiz dêsse elemento em tôda a parte: e se já estudaste a história da humanidade debes de saber que com tal elemento existirá hoje ou amanhã a liberdade, e que um povo com a consciência dos seus direitos não pode perecer!"

XII

Então, como se nas minhas palavras travejasse o êrro ou a mentira, o ancião me respondeu com rispidez alheia do seu caráter benévolo:

“Não, em parte alguma tenho eu visto, mais do que entre vós outros, ostentação de amor de pátria e de liberdade.

”E parece que nisso fazeis gala, como que vos esforçais de o parecer aos olhos de todos.

”Tu, porém, deves de saber que a ostentação é a máscara do fingimento, e que só a verdade não usa trazer roupagens sôbre os membros, nem máscara sôbre o rosto.

”Mancebo, condôo-me das tua ilusões, e da tua inexperiência, porque és simples de coração e de inteligência, e nutres boa vontade.” —

XIII

“E a sua mão tocou de novo as minhas pálpebras, e as minhas pálpebras cintilaram de novo, e um panorama se desenrolou diante dos meus olhos.

E eu seguia com avidez as visões, que se me ofereciam aos olhos, como uma fantasmagoria tenebrosa; e os meus olhos tinham a fixidez e imobilidade da loucura.

E o meu peito arfava de cansaço, e o meu coração se contraía com a dor, e a minha respiração tornava-se difícil e dolorosa.

E uma voz retumbante me gritava aos ouvidos — “vê” — e eu continuava a fixar o espetáculo doloroso!

Uma mão robusta me comprimia o peito, e a mesma voz me gritava aos ouvidos: “arqueja”, e o meu peito arquejava com fôrça.

Umhas tenazes me apertavam o coração com dentes de ferro; e a mesma voz me bradava aos ouvidos: — “sangra”; e o meu coração vertia sangue!

E por fim as fôrças me faltaram e eu cai exânime, abatendo a terra com o pêso do meu corpo.

Caxias. — Julho de 1845.

CAPÍTULO III

I

COMO O VIAJADOR, que vai empreender longa viagem, bebe pela última vez da água pura e transparente do seu pátrio rio, de que êle bem de vêzes se há de recordar nos areais do mundo;

Assim o meu espírito, confundindo o presente com o passado, assistia com prazer inefável ao espetáculo das eras transactas.

E como o viajor descobre nessa água, que êle assim bebe quase sem vontade, um gôsto esquisito e delicado, em que êle até ali não atentara;

Assim eu também, com a triste experiência do presente, encontrei nas cenas da natureza e da sociedade em seu comêço quadros belíssimos de poesia e lições de moral sublimes, que são como inerentes à natureza do homem.

E vi que uma geração numerosa e não corrompida cobria a extensão do vasto Império.

Muitos homens descansavam contra as suas palmeiras gigantescas com tal placidez, que me recordavam o ar tranqüilo das estátuas gregas, e a atitude majestosa do leão quando descansa nos páramos da Líbia.

E êles estimavam em mais a vida do valente que morria no meio dos combates, do que a vida do homem covarde que era entre êles como um abôrto, ou antes como a feitura do um gênio escarnecedor.

E êles adoravam a mão do Senhor no fulgir do raio, no rouquejar do trovão, e no bramir das tempestades.

E ouviam a voz de seus pais nos ventos que açoitavam as fôlhas dos bosques, rugindo nos palmares com o frêmito das sêdas, e cavando a superfície das águas em direção contrária à sua corrente.

E escutavam o espírito dos finados murmurando docemente nas pétalas das flôres, e embalsamando o ar com a brisa do cair da tarde, ou com a aragem fresca da manhã.

E cantavam os seus feitos aos sons retumbantes do boré, e festejavam a vitória com jogos de guerreiros.

E o seu amor era — a independência, a sua esperança — a glória, a sua vida — o trabalho, e o seu pensamento forte e livre como as vagas do oceano.

E os seus filhos obedientes e respeitosos aprendiam de seus pais que no deserto da vida a hospitalidade é a primeira e a mais bela das virtudes.

E quando êles acordavam à luz da vida era um arco e uma frecha os primeiros objetos em que os seus olhos atentavam, e êles conheciam como por instinto que se a sua vida era a guerra, a coragem devia ser a primeira das suas qualidades.

E as suas virgens eram louças como a flor dos campos, e puras como o orvalho da noite, e belas como a luz da aurora.

E conheciam os segredos dos símplices, daqueles que são como um bálsamo para as feridas dos valentes, e dos outros que distilam veneno tão forte, que os homens lhe não conhecem antídoto.

E as suas mãos delicadas adornavam a frecha com penas de mil côres, e embutiam a maça com relevos trabalhados.

E os seus lábios entoavam canções de guerra tão enérgicas que exaltavam o espírito dos homens, como se foram taças de cauim fortíssimo.

E ai do cobarde, porque nunca a flor da acácia desceria sôbre a sua fronte orgulhosa, deitada pela mão da donzela no ardor dos seus amôres.

E ai dêle, porque nunca a môça enamorada viria debruçar-se sôbre o seu leito para arrancar-lhe com mão trêmula a frecha que testemunha a sua valentia.

E ai dêle, porque a terra é dos valentes, e o cobarde não tem ingresso no banquete dos céus, onde os velhos contam as suas proezas, e folgam de avistar densas florestas, onde pula a onça mosqueada e o tigre reluzente.

II

E a visão levou-me insensivelmente dos homens da natureza aos que chamamos civilizados.

Uma infinidade de navios aportavam a todos os pontos do vasto Império, como se dos fundos mares surgissem os gigantes monstros, que aí dormem séculos sem fim nas grutas imensas de coral tapetadas de sargaço.

E êsses navios tinham o pez do casco todo cortado e amarelecido com o salitre das ondas, e o velame roto pela fúria da tormenta, e os cabos puídos com o forcejar contínuo dos marujos.

E nesses barcos vinham quase tantos homens de tripulação, como nos navios monstros da antigüidade suntuosamente construídos por Ptolomeu e Philopator.

E quem visse tantos homens apinhados sôbre o convés — emaranhados pelos cabos — guindando-se pelos mastros, ruidosos, confundidos, baralhados, julgaria ver êsses navios portugueses da carreira da Índia, que o viajante encontra na solidão dos mares.

Não eram homens crentes, que por amor da religião viessem propô-la aos idólatras, nem argonautas sedentos de glória em busca de renome.

Eram homens sordidamente cubiçosos, que procuravam um pouco de ouro, pregando a religião de Cristo com armas ensangüentadas.

Eram homens que se cobriam com o verniz da glória, destroçando uma multidão inerme e bárbara, opondo a bala à frecha — e a espada ao tacape sem gume.

Eram homens que pregavam a igualdade tratando os indígenas como escravos — envilecendo-os com a escravidão, e açoitando-os com varas de ferro.

E o país tornou-se a sentina impura de um povo pigmeu, que para ali reservava os seus proscritos, os seus malfetores, os seus forçados e as fezes de sua população.

Então começou a luta sanguinolenta dos homens dominadores contra os homens que não queriam ser dominados — dos fortes contra os fracos — dos cultos contra os bárbaros.

Começou então a luta porfiada, que de Pôrto-Seguro lavrou até à margem esquerda do Prata — e dali correu às margens do Amazonas com a rapidez do ar empestado.

Ouvia-se de instante a instante o som profundo, cavernoso e agonizante de uma raça, que desaparecia de sôbre a face da terra.

E era horrível e pavoroso êsse bradar do desespero, como seria o de milhões de indivíduos que ao mesmo tempo se afundassem no oceano.

E cadáveres infindos, expostos à inclemência do tempo e à profanação dos homens, serviam de pasto aos animais imundos.

E êles tinham o lívido semblante voltado para o céu, e pela bôca das suas feridas, que manavam sânie, pareciam clamar justiça ao Deus que os havia criado.

E outras vêzes o grito era também imenso e único, porém de sons variadíssimos e distintos, revelando cada som uma dor terrível ou uma agonia profunda.

É assim que um espelho colossal se parte em mil pedaços, e em cada um dos fragmentos retrata o mesmo objeto na sua quase integridade!

E uma outra raça, emigrando da terra do seu nascimento, rasgava-se em grupos de conhecidos, e os conhecidos em grupos de famílias, e as famílias tornavam-se indivíduos.

E os indivíduos eram perseguidos por tôda a parte, acoçados como feras e assassinados impiedosamente!

Assim nas montarias o lobo que tenta evadir-se encontra por tôda a parte um homem, e em redor de si contempla um círculo de ferro, que rapidamente se estreita em seu dano.

E em cada homem êle vê um inimigo, e em cada inimigo a embriaguez do sangue ativada pela rapidez da caçada.

E êle arranca por fim cheio de terror por entre essa alamêda viva, e vai meter-se no fôjo, onde o espera a morte inevitável.

E a luta durou por muitos anos, até que na taba das três embocaduras — um índio converso — o primeiro brasileiro que encontramos na

História — cioso da liberdade em que nascera, morreu nobremente de morte ignominiosa por ordem de um Albuquerque.

E a Europa inteligente aplaudiu a nação marítima e guerreira, que ao través do oceano fundava um novo Império em mundo novo, viciando-lhe o princípio com o cancro da escravatura e transmitindo-lhe o amor do ouro sem amor do trabalho.

E os valentes soltaram o grito da vitória, e em lembrança dela quiseram assentar uma cruz no solo por êles conquistado.

E no chão que êles cavavam para o assento da cruz, encontraram uma veia de ouro, que os distraiu do seu trabalho.

E a cruz ficou por terra em quanto êles espalhavam pròdigamente o azougue fugitivo para descobrir o depósito do metal precioso.

E viu Deus que a nação conquistadora se tinha pervertido, e marcou-lhe o último período da sua grandeza.

E deu-lhe uma longa série de anos para que ela lastimasse a sua decadência, e conhecesse a justiça inexorável do Todo-Poderoso.

Ela tornar-se-ia fraca, porque tinha escravizado o fraco — incrédula porque tinha abusado da religião — pobre porque sobremaneira tinha amado as riquezas — e curvada sob um jugo de ferro, porque tinha sido tirana.

E tôdas as nações do mundo passariam diante dela, comparando a sua grandeza doutros tempos com a sua miséria de então.

E ela tornar-se-ia o opróbrio das gentes, de maravilha que tinha sido.

III

E os vencedores exultavam com a sua glória!

Tranqüilos êles haviam adormecido no regaço da vitória, prodigalizando desprezo à nação conquistada.

E a nação conquistada sentiu enraizar-se cada vez mais profundamente em seu coração a malquerença de rivais e o sentimento do ódio que alguns míopes chamaram inveja.

E entre a suposta inveja de uns, e o despeito mal disfarçado de outros, crescia o desejo da vingança como a planta de fácil crescimento no chão em que ela sói nascer.

E ela apareceria com o andar dos tempos tão horrorosa como o rebato noturno em cidade sitiada, ou como os sons freqüentes do bronze que apregoa o incêndio pelo meio da noite.

E ai do que se julgasse invencível ou que houvesse usado do desprezo como de uma arma defensiva, adormecendo desdenhosamente na véspera da batalha!

E ai do valente e corajoso que despreza a fôrça do homem ou da natureza, por insensível que seja esta, por desprezível que pareça aquela!

Porque êle será como o navio imprudente que despreza o grão de areia onde se irá encalhar, ou como a baleia orgulhosa que zomba da atração poderosíssima do Maelstron.

IV

E os vencedores conheceram que para subjugar as opiniões de um povo é preciso gênio além de incomparável fôrça bruta.

E conheceram também que desprezar o vencido é excitar um esfôrço magnânimo no gladiador, que arqueja sôbre a arena do anfiteatro.

E êle, que poderia morrer vencido, exalará o derradeiro alento soltando o grito de triunfo.

E assim aconteceu de feito.

Uma voz sonora e retumbante partiu do Ipiranga e foi do mar aos Andes e do Prata às margens do Amazonas.

E todos se ergueram violenta e instantâneamente como um cadáver por virtude do galvanismo.

E soltaram o mesmo brado com voz entusiasta e forte, e travaram das armas com a impavidez do guerreiro e com a esperança do homem que pugna em favor da justiça.

E a corrente que prendia um Império a outro Império, fraca com o seu comprimento, estalou violentamente em mil pedaços.

E os dois Impérios soltaram dois gritos simultâneos; — era de um lado o despeito do caçador que vê fugir-lhe a prêsa, e do outro o contentamento da águia quando pela primeira vez ousa fitar a luz do sol e a balançar-se nos campos incomensuráveis do espaço.

E os homens, que eram livres, regozijavam-se com a vitória do povo emancipado, e os que eram tiranizados afiavam com mais ardor a espada da liberdade nas escadas dos potentes.

E a Europa da outra extremidade do Atlântico aplaudiu o arrôjo do povo nascente, semelhante ao militar encanecido nas fadigas da guerra que sorri-se de prazer aos altos feitos do novel lidador, que tão grande se revela em seu comêço.

A extremidade da corrente, que era soldada ao Império conquistador, era um espigão adentado que ao destacar-se lhe arrancou as entranhas.

E a outra extremidade, que terminava em um espigão bifurcado, como duas curvas simicirculares e divergentes, não se pôde desligar da sua base e caiu sôbre o oceano.

Só um bom mergulhador poderia dizer qual era o seu comprimento, porém nenhum houve que se afoitasse a tanto. Todos contudo a podiam ver, porque por tôda a parte como em tôdas as cousas existiam sinais dela, e ninguém tentava arrancá-la, porque era forte e bifurcada.

Sòmente a ferrugem a poderia enfraquecer com a revolução dos anos, e com o salitre das ondas.

V

E os homens, que se haviam congregado para perfazerem a obra da redenção, dividiram-se depois da lide em massas poderosas, não segundo a diversidade das opiniões, porém segundo a variedade das côres.

E estas grandes divisões formavam o concílio do povo, que discutia os seus interêses.

E os homens que costumam a raciocinar sôbre as cousas, como elas são e não como devem ser, levantaram-se e disseram:

“Os homens de côr preta devem servir, porque êles estão acostumados à servidão de tempos mui remotos, e o costume é também lei.”

E os filósofos disseram:

“Os homens de côr preta devem servir, porque são os mais fracos, e é lei da natureza que o mais fraco sirva ao mais forte.”

E os proprietários disseram:

“Os homens de côr preta devem servir, porque são o melhor das nossas fortunas, e nós não havemos de as desbaratar.”

Então alevantou-se um acalorado rumorejar de vozes e todos concordaram que a voz dos filósofos e dos proprietários era a voz da razão e da justiça, e devia ser escutada.

E os homens de côr branca também se levantaram e disseram:

“Nós constituímos a maioria da nação e somos dentre todos os mais ricos.

”Fomos nós os autores da regeneração política e a inteligência é o nosso apanágio.

”Ora é lei da natureza que a alma governe o corpo; e que a sabedoria governe a ignorância.

”Nós então ficaremos com o poder, porque somos os mais ricos e os mais inteligentes.”

E os homens da mesma classe disseram que tinham bem falado seus irmãos, e que a sua pretensão era justa e devia ser atendida.

E os homens de raça indígena e os de côr mestiça disseram em voz alta: — “E nós que faremos?”

“Qual será o nosso logar entre os homens que são senhores, e os homens que são escravos?”

“Não queremos quinhoar o pão do escravo, e não nos podemos sentar à mesa dos ricos e dos poderosos.

”E no entanto êste solo abençoado produz frutos saborosos em tôdas as quadras de ano — suas florestas abundam de caça — e os seus rios são piscosos.

“Os brancos governam — os negros servem — bem é que nós sejamos livres.

”Vivamos pois na indolência e na ociosidade, pois que não necessitamos trabalhar para viver.

”Separemo-nos, que é fôrça separarmo-nos, lembremo-nos, porém, que somos todos irmãos, e que a nossa causa é a mesma.

”E seremos felizes, porque os indivíduos carecerão do nosso braço para a sua vingança, e os homens políticos para as suas revoluções.

”Deixar-nos-ão no ócio, porque precisarão de nós — e porque a nossa ociosidade lhes será necessária.

”E nós seremos felizes.”

E os homens de côr branca disseram que o homem era senhor da sua vontade, e que a resolução dos indígenas e dos homens de raça era fundada em justiça.

Assim se fêz.

Por tal modo que no vasto Império ainda não tinha havido quem quisesse fomentar uma revolução, e não achasse milhares de Lazzaroni prontos a secundarem-no.

E que não houvesse um indivíduo sem a possibilidade de fazer assassinar outro impunemente por um punhado de cobre envilecido.

Porém os homens, que habitavam as grandes cidades, pareciam ignorar estas cousas, e o govêrno esquecia que o ócio produz crimes, como a terra em pousio produz ervas agrestes e malfazejas.

Parecia ignorar que, se nas cidades populosas basta um punhado de homens para garantir a segurança individual, no sertão e no interior

das províncias é sobretudo necessário que o homem se convença da sua própria dignidade e tenha conhecimento da moral e da religião¹.

VI

E a minha visão quebrou-se repentinamente, e os meus olhos divagaram por tôda a extensão do vasto Império.

E como insetos embelezados em redor do clarão vivíssimo de alâmpada noturna, êles fixaram-se fascinados sôbre uma cidade populosa, que lá se erguia em uma das suas extremidades.

E a cidade era soturna e silenciosa, e erguia-se tão soberba como a palmeira da várzea entre arbustos mal nascidos.

Nessa mudez apenas se ouvia o passo compassado das suas vigias, e o grito das sentinelas bradando alerta de espaço a espaço.

E em uma das suas extremidades erguia-se um castelo, como que isolado das outras habitações por um sentimento de respeito.

E ao través das janelas amplamente rasgadas dêsse castelo via-se a luz dos candelabros de prata e de ouro, e de lustres de mil faces, que refrangiam a luz com côres vivas e brilhantes. E êsse luzeiro repercutindo nas vidraças coloridas das janelas amplamente rasgadas derramava sôbre os tetos distantes e sôbre a praça deserta uma luz amortecida e avermelhada.

E assim no meio de trevas tão espêssas era como um cometa no espaço, ou como a fogueira do atalaia ardendo sôbre um monte elevado donde todos a podessem ver.

E a minha vista passando ao través do castelo fortemente construído viu na sala esplêndidamente iluminada muitos homens que se entretinham como em conselho.

E êsses homens antípodas dos Diógenes e Cincinatos trajavam vestidos magníficos e adereçavam-se de brilhantes e de jóias.

E êles praticavam entre si sôbre os seus interêsses e dispunham do povo, em quanto que o povo dormia tranqüilo na sua indolência.

VII

E um dêles, que era môço e ardente, e tinha tôdas as ilusões da virtude e da mocidade levantou-se e disse:

¹ Até êste ponto encontra-se êste trabalho nas pp. 101, 125 e 171 do Tomo Primeiro do *Guanabara*, sendo o que se segue inédito, bem como alguns trechos dêstes capítulos, que foram omitidos na parte publicada nesse jornal — A. H. L.

"Nós somos da alta categoria e temos um encargo penoso e grande — e alta é a nossa missão sobre a terra.

"No fastígio das grandezas onde Deus nos há colocado — os homens e as nações passam diante de nós e nos observam escrupulosamente.

"É-nos pois necessário fazer o bem que pudermos e arredar dos nossos conselhos o espírito do mal que nos tem como em assédio.

"E não devemos ser como atôres representando a comédia da vida perante espectadores turbulentos — porém como sacerdotes da religião no meio de turba severa e recolhida.

"Seremos como o rei sentado no seu trono d'ouro e de marfim, envolto em respeito e majestade, e não como o criminoso no pelourinho, exposto às injúrias das turbas e aos doestos da população.

"E os homens bendir-nos-ão — passando — pelo bem que lhes houvermos feito, e nos cobrirão de aplausos.

"Porque é o maior esforço da inteligência ser admirado pelas turbas, enquanto que o mais subido galardão da virtude são as lágrimas derramadas pelo agradecimento.

"E se desabarmos algum dia do cume das grandezas, as nações virão ler os nossos nomes nos nossos pedestais, órfãos de estátua, e dirão que fomos dignos da nossa fortuna, e que somos credores da veneração dos homens.

"E o nosso nome voará de boca em boca — de pais a filhos — até às mais remotas gerações, e o esquecimento não prevalecerá contra êle."

E nos lábios dêsses homens enrugados pela velhice luziu um sorriso sarcástico e leve que mal pôde acordar o eco do aposento.

E como se um gênio maligno aí estivesse oculto, o som foi pelo eco repetido com um acento de mofa indefinível.

Porque nunca aquelas palavras tinham sido proferidas naqueles lugares com tal intimativa, nem com tanta credulidade.

Assim era, porque a alma do mancebo que falara, era como a lâmina virgem e fulgente de uma espada, que reflete os objetos na sua superfície, e turva-se ao menor sópro.

E as almas dos velhos, que o escutavam, eram como a fôlha de uma espada coberta de ferrugem, que só parece brilhante nos pontos em que lhe cai uma nódoa de óleo ou de sangue.

E um dêstes levantou-se e disse:

"Falaste como quem tem a lição dos livros sem a lição do mundo, como quem só tem vivido com os filósofos e nunca com os homens.

"Longas horas passaste contemplando a nitidez de uma noite serena, e a tua imaginação encandecida te fêz escutar a harmonia desconhecida dos astros, como sons de harpa vaporosa esquecida na amplidão das selvas.

"E durante êsse longo imaginar não deste um passo no caminho da vida; porque então um grito de dor haver-te-ia chamado à realidade.

"E revolverias o pó para encontrares o espinho que te fêz baixar de tão alto, ou o verme desprezível que pode quebrar tão funda meditação.

"E assim é com razão, porque a vida do homem é na terra, e quem como Ícaro se arroja às nuvens, como êle arrisca perder-se.

"E o que a glória senão orgulho do barro, que não quis perecer na terra que êle é filho?

"O que é ela senão a vaidade do homem, como a que sôbre os restos polutos de um cadáver construi um monumento suntuoso?

"O que é ela senão o eco de um nome que cada nova geração vai repetindo cada vez mais duvidosamente até sumir-se no olvido?

"E quantos mimosos da fortuna não são hoje preconizados, que amanhã terão em recompensa dos seus feitos — desdouro e labéu?

"E quantos outros estigmatizados pelos nossos avós na sua coluna de maculado renome não se sentarão à direita do Senhor, que os terá escolhido partícipes da sua imortalidade?

"É por isso que Deus disse sômente aos homens — vivei — e não lhes deu o renome como fim a que deviam tender em suas ações.

"Porque os juízos da terra são falsos e filhos de paixões, e não merecem o sacrifício dos homens nem a aprovação de Deus."

VIII

E o outro velho levantou-se e disse:

"Maravilhosamente falou nosso irmão; e as suas doutrinas são filhas da razão e da experiência.

"Eu, porém, falarei em parábolas, porque elas são símplices como a verdade, e tôdas as inteligências podem alimentar-se com a sua substância.

"Um dos poderosos da terra lançou os olhos em redor de si e viu que os seus rebanhos não tinham número, e que as suas terras não tinham medida, e que um exército de escravos se derramava em redor da sua habitação.

"Viu que as suas terras eram férteis — os seus rebanhos nédios — e os seus escravos humildes.

"Viu também que o seu harém encerrava as mulheres mais formosas do globo, semelhante a uma estufa cuidadosamente entretida por um hábil naturalista.

"E viu mais que tôdas as mulheres pleiteavam a honra de servi-lo, que todos os seus escravos abaixariam a cabeça para que êle os decapitasse com mais facilidade, e que todos os homens se curvavam diante dêle.

"Então o orgulho embriagou sua alma e êle disse arrogantemente: — Eu sou um homem poderoso, e ninguém há que me resista.

"Um dia, porém, lhe caiu entre as mãos uma fôlha de papiro enegrecido pelos séculos.

"E êle viu que essa fôlha mesquinha tinha resistido a muitos séculos e sobrevivido a muitas gerações.

"E êle tremeu da sua fragilidade; porém os seus lábios repetiram ainda: — Eu sou um homem poderoso e ninguém há que me resista! —

"E mandou chamar uma infinidade de operários, e lhes deu o plano de um edifício imenso e magnífico, como, — feito êle — não haveria outro sôbre a terra.

"E lhes disse: — "Fareis êste edifício, que me servirá de sêpulo a mim e às minhas escravas, que serão sepultadas comigo.

"E depois da minha morte — os meus escravos virão açoitá-lo com a fronte envilecida pela escravidão, em sinal de respeito à memória do seu senhor.

"E os homens virão admirar a maravilha criada pela fôrça da minha vontade, e o meu nome irá de bôca em bôca por séculos dos séculos."

"E os operários disseram que muitos anos eram necessários para construí-lo, e que muita fazenda se gastaria com êle.

"E o homem rico lhes respondeu: — Dar-vos-ei as fazendas que forem precisas, e tomai os anos de que carecerdes.

"Porque eu sou rico e poderoso, e ninguém há que resista à minha vontade.

"E os operários trabalharam alguns anos, e a obra apenas começada prometia ser para o futuro um prodígio assombroso da ardidez humana.

"Porém o senhor faleceu neste entrementes, e os seus herdeiros disseram entre si:

"Por que havemos nós de condescender com a vontade do homem orgulhoso, desperdiçando os nossos bens em cousas de nenhum proveito?"

"Construamos antes algumas cabanas, e habitemo-las com as nossas mulheres."

"Despediram pois os operários — e a obra ficou apenas começada, e ninguém se quis aproveitar dela.

"Sòmente um pobre velho cortou algumas palmas, e sòbre um dos andaimes cobriu no meio do edifício uma parte da área, para que lhe servisse de abrigo.

"E os que passavam maravilhavam-se desta monstruosidade, e diziam sorrindo: — O que quer dizer um cágado às costas de um elefante!? —

"Mas os herdeiros conheceram por fim que nessa obra talhada tanto às largas havia proporções para um palácio magnífico.

"E mandaram chamar os operários para o rematar; porém o arquiteto tinha morrido, e ninguém houve que se atrevesse a correr-lhe uma abóbada.

"E o edifício ao mesmo tempo — palácio e tugúrio — permaneceu incompleto, e os homens continuaram a passar por diante dêle.

"E como não tivessem a imaginação da têmpera daquela que o tinha concebido, sorriam-se do elefante e do cágado — tão visivelmente casados."

Assim falou o velho, e a sua parábola tinha um sentido alto e profundo, que os homens não compreenderam, e em que êles não quiseram refletir.

IX

Então levantou-se o terceiro velho e disse:

"Opinaram nossos irmãos que a primeira lei humana era viver sem curar da glória; e a segunda ser útil sem curar da grandeza.

"Porém procurarmos a felicidade de um povo como o nosso, que ignora os seus verdadeiros interesses, seria arriscar-nos a sermos apedrejados por êles.

"Porque seria mister torcê-lo para torná-lo a meter no caminho da civilização, e êles clamariam contra o despotismo que tentasse pôr còbro às suas licenças.

"Bem seria encanar um rio, cujas águas transbordam, porém, não será crime deixá-lo entregue às suas próprias fôrças — embora ensope os campos?

"Deixemo-lo pois correr a seu talante, e não curemos dêle, para não sermos apupados pelo bem que lhe tencionamos fazer.

"Curemos de nós sòmente, porque é êste um século interesseiro e egoísta, e nós não devemos ser excepcionais, nem podemos ser melhores que todos.

"Curemos de nós somente, porque seremos respeitados conforme os nossos haveres, e não sofreremos o escárnio do povo quando lhe pedirmos uma esmola em nome do bem que lhe houvermos feito.

"Curemos de nós somente, porque a vida é breve — precário o nosso lugar — e instável a aura do povo e o favor do monarca.

"Curemos de nós! e Deus nos levará em conta termo-nos deixado arrastar pelas opiniões do nosso tempo, como um madeiro pela corrente.

"E em favor da nossa fraqueza êle nos perdoará de não sermos como o bom rei Codro, ou como a família magnânima dos Fábios, que se sacrificaram pelo seu povo."

Então contou êle a história de Belisário o general romano, cego e mendigo, que esmolava pelas encruzilhadas, depois de ter salvado a sua Pátria.

E história lamentosa e brilhante de Pacheco o terrível, guerreiro lusitano, que morreu de fome, depois de ter abatido o Crescente e assombrado a Ásia aos relâmpagos da sua espada.

E por fim a história d'Aquele, que foi perseguido e maltratado pelos homens, que êle viera resgatar com o seu sangue.

E os velhos curvaram a cabeça e meditaram silenciosamente nas lições da história.

E êstes fatos, que são exemplo e lei, êles o meditaram, não para os seguir — porém para os rejeitar — amaldiçoando os homens e a sua ingratidão.

X

E o quarto velho levantou-se e disse:

"Não basta que sejamos úteis a nós mesmos, é preciso também que saibamos reter o lugar eminente em que a mão de Deus nos há colocado.

"Porque seria cobardia abandoná-lo e rir-se-iam os homens de o não termos sabido conservar.

"Acendamos pois o facho da discórdia, e arremesemo-la no meio do povo vitorioso e do povo vencido — e no meio dos nossos próprios filhos, para que êles se despedacem mutuamente.

"Chegaremos assim a tornarmo-nos necessários; e ninguém melhor do que nós saberá qual é o nervo das revoluções.

"E ninguém melhor do que nós saberá cortá-lo, quando não precisarmos mais dêle.

"Embora se acostume o povo a bacanais de sangue, e cresça o ódio

inextinguível entre os homens que são nossos irmãos por interesses — e os que o são por nascimento.

”Porque nós seremos necessários — e o nosso domínio se conservará ileso com o furor das turbas.

”E o povo nos bendirá quando extinguirmos um dos fachos da revolta, que nós mesmos tivermos acendido.

”E o nosso peito cobrir-se-á de condecorações e de honrarias; e por todos seremos aclamados os primeiros da nossa época e os salvadores da Pátria.

”E os homens de boa vontade afastar-se-ão das nossas deliberações, e ninguém haverá que marche de par conosco.”

312

E os velhos ergueram-se dos seus assentos de marfim, e clamaram:

”Preguemos as revoluções como princípio de progresso, e acendamos o facho da discórdia.

”E o incêndio se ateará por todos os ângulos do vasto império, e não haverá elemento na natureza que o possa extinguir; — e o nosso império durará tanto como êle.”

Então um sorriso alto e mofador rebentou por tôda a sala, e foi de um ângulo a outro — do liso pavimento aos arabescos intrincados da abóbada.

E os velhos encararam-se estupefatos e emudeceram de torpor.

E um dentre êles levantou a voz no meio dêste silêncio e perguntou: “O Rei que faz?”

E todos repetiram a mesma pergunta com ansiedade visível: “O Rei que faz?”

E o que tinha falado em último lugar, levantou silenciosamente um canto dos rases, que cobriam as paredes do aposento.

E viu-se além do aposento o Rei, que tranqüilo repousava em um leito magnificamente adornado.

E o que tinha alevantado o canto dos rases disse em voz cavernosa: “O Rei dorme!”

E os rases desceram lentamente como uma fôlha de pergaminho, que a custo se desdobra, e vieram morrer sem eco nos tapêtes felpudos da sala.

E a mesma risada rebentou com mais fôrça, e ainda mais expressiva, e perdeu-se vagarosamente pelos corredores, que em meandros inextricáveis cortavam o aposento.

XI

Então êles prepararam matérias áridas e combustíveis, e as ligaram estreitamente à maneira de fachos.

E êstes fachos êles os mergulharam em uma espécie de pez grego, cuja chama não podia ser apagada nem com água nem com vinagre.

Então acenderam um dêstes fachos num dos bicos dos candelabros de prata e o arremessaram em cima da cidade.

E o povo e o Rei dormiam tranqüilos; e os atalaias fascinados com a luz das suas fogueiras não viram êsse meteoro aziago que alumiaava as trevas no meio da noite.

Porém viram-no os homens dos campos, e correram tumultuosamente, acudindo ao convite de sangue, que os Grandes lhes faziam.

E o incêndio levantou estrepitosamente as suas línguas de fogo, e as casas estalavam com fragor — e os homens e as mulheres corriam delirantes pelo meio das ruas — envoltas em fumo e alumiaados pelo revêrbero das chamas.

E o canhão ajuntou a sua voz medonha e retumbante ao concêrto horroroso dos mártires e dos carrascos.

E o sangue corria pelas ruas — e as espadas estavam tintas em sangue — e por tôda a parte havia sangue.

Era uma cena de pavor, — de luto e desespero — de pranto e de glórias.

E por tôda a extensão do vasto Império houve um estremecimento, pressago de que cedo ou tarde seriam também êles vítimas da mesma crueldade.

XII

Uma mão ainda mais fria do que o meu corpo, que transudava de terror, calcou o meu ombro e eu senti uma impressão dolorosa, como se os meus ossos se partissem.

E o ancião me disse:

“A vossa política é mesquinha e vergonhosa, e milagroso é o homem que sai dela limpo de mãos e de consciência.

“Os Delegados da Nação, que não contam com o voto aturado e livre do povo, vendem-se impudicamente.

“Porque o vosso povo, que não tem consciência, por lhe faltar a instrução, aceitará o candidato, que lhe fôr apresentado por um Mandarim, ou por um chefe de partido às tontas improvisado.

"E curvar-se-á ao rés-do-chão para apanhar uma nota desacreditada, com que por engodo lhe terão arremessado.

"E o povo folga e ri no dia de sua vileza, no dia em que êle devia ser soberano e impor lei aos homens que os espezinham!

"E o povo folga e ri, como o escravo no dia em que o senhor, cansado de o fustigar com varas, por um momento lhe tira de diante dos olhos o ergástulo da sua ignomínia!

"E os vossos homens de estado estribam-se nas revoluções como num ponto de apoio, e como as salamandras, êles querem viver no elemento que a todos asfixia.

"E não pelejais por amor do progresso, como vangloriosamente ostentais.

"Porque a ordem e progresso são inseparáveis; — e o que realizar uma obterá a outra.

"Pelejais sim por amor de alguns homens, porque a vossa política não é de idéias — porém de cousas.

"Pelejais, porque a vossa política está nestas duas palavras — egoísmo e loucura —".

Assim falou o ancião.

XIII

No entanto o incêndio crescia mais e mais, como as águas de um rio contra os diques que mãos de homens lhes houvessem pôsto.

E os que se julgavam nobres, sofriam como o último dos plebeus; e a hora do seu passamento era saboreada com deleite inefável, como manjar esquisito reservado para última colação.

E o sangue corria cada vez em mais abundância, como o vinho no fim de um banquete, quanto a hilaridade se converte em embriaguez.

Foi então que as forças me faltaram, e eu caí exânime, abatendo a terra com o pêso de meu corpo.

.....

Maranhão, 8 de maio de 1846.

FIM DO FRAGMENTO DE "MEDITAÇÃO"

MEMÓRIAS DE AGAPITO

(FRAGMENTOS DE UM ROMANCE)

CAPÍTULO XI¹

Lasciate ogni speranza.
(DANTE.)

Os NEGÓCIOS que Estêves tinha de tratar na Espanha, concluiu-os êle com muita brevidade, de maneira que dentro de quatro meses vinha de volta.

Bem apessoado, e ainda na flor da mocidade, tinha Estêves boas esperanças de ser extremamente amado por sua mulher — que êle já amava; pois, dizia, era fôrça viver com ela porventura uma longa vida.

Durante a jornada lhe batia o coração cheio de amor — fabricava na sua imaginação projetos de felicidade — e descortinava diante da sua vida um futuro aprazível e risonho, colorido com as mais risonhas côres da esperança. Como não amaria êle sua mulher! Como não seria para com ela extremoso e brando, todo carinhos e ternura?! Como não se excederia em mimos e afetos para com sua família, quando a tivesse!!

E cismando com deleite no seu futuro tão avantajado e enriquecido de esperanças, êle anseava o momento de rever sua pátria, onde ela o aguardava, cheia de esperança como êle, chorando como êle pelo momento de o ver — de lidar com êle, de o amar, com o amor de espôsa — constante e eterno — profundo e ardente como o amor de namorados.

Longa lhe parecia a viagem — e muitas noites passou êle encostado a um mastro, engolfado nestes pensamentos, em quanto que a lua com um doce movimento se embalava no azul claro das nuvens — e enquanto que o mar soluçava queixoso em roda do seu navio, que tão preguiçoso o conduzia à terra desejada!

E depois, quando pensava que o furor das vagas, que um pegão de vento — ou que uma mesquinha tábua mal firme nas cavernas do navio podiam de um para outro momento afundar e desfazer tantas

¹ Eram estas *Memórias* um romance íntimo escrito aos vinte anos, e a cujas cenas ou o autor tomara parte ou tinha assistido a elas. Vivendo ainda a mor parte dos personagens que figuravam nelas, entregou o poeta às chamas os três volumes de que se compunham, roubando assim às letras valores de inestimável preço, principalmente o último volume em cartas e no gênero da *Nova Heloísa* de Rousseau. Os capítulos, que ora publico, extraídos do *Arquivo*, jornal literário que aqui saía em 1846, e que dão a medida da glória que poderia o autor colhêr no gênero, se a êle se dedicasse, sendo um dos seus episódios, podem ser lidos independentes da obra, e por isso os entrego à apreciação dos leitores. — A. H. L.

esperanças, mal dizia o tempo tão mal gasto em que a não tinha amado, — em que sua alma, fechada ao alumiar ardente e profundo do amor, não concebia vida melhor que a de mancebo — que vai caminho da vida — sem se dar do futuro — e sem recordar-se do passado.

E o navio, como cedendo aos rogos do insensato passageiro, aportou felizmente a Lisboa; e alguns meses depois achava-se Estêves em casa de seu sogro — e dois meses depois sua mulher dava à luz um filho.

Quis Deus que o amante se convertesse em marido apaixonado; e o marido sofreu dores e torturas infernais!

Seis meses se tinham passado depois do seu casamento, — e Barroso — o médico de que já tivemos ocasião de falar — contou hàbilmente neste espaço sete luas decorridas. E o mundo se calou — bem que ao princípio estivesse disposto a zombar do marido cobardemente traído.

Algumas horas depois do parto, Estêves entrou no quarto de sua mulher. Josefina estava pálida e abatida — porém quando viu entrar seu marido a passos lentos e com os olhos fixos nos olhos dela, assumiu aquela côr cadavérica e lívida que nos figura a côr amarelenta da cera.

— Como vos achais? lhe perguntou êle como pesando cada uma de suas palavras, e com a voz mais branda que pôde.

Josefina não pôde responder.

Êle então sentando-se numa cadeira, sempre com os olhos nela, prosseguiu com a mesma voz pausada:

— Não me ouvis, Josefina? Como vos achais?

Ela, fazendo um esforço sôbre si, lhe respondeu:

— Melhor do que eu quisera estar, senhor.

— Josefina, que querem dizer tais pensamentos em dias, como o de hoje, depois dum successo tão feliz para nós ambos?

E continuou depois de alguns momentos de silêncio, em que esperou ser interrompido:

— Com efeito seria por extremo penoso e desagradável para todos nós — que vos conhecemos — que vos adoramos, perder-vos assim na flor da mocidade com tantos dotes da natureza! — Que idade tendes?

— Dezoito anos, responde ela maquinalmente.

— Dezoito anos! é uma idade de flôres e de esperanças — principalmente quando junto com ela nos podemos gabar de um semblante tão formoso, como o vosso, e de uma alma como a vossa tão leal e virtuosa. — Deus foi pródigo em mimosear-vos; tendes beleza para ser invejada pelas mais belas, e pureza para igualmente o serdes das mais puras. — E se assim não fôra, Josefina, como vos amaria eu tão loucamente como vos amo?

Algumas gotas de suor cresciam e escorregavam pela testa de Josefina, cujo caráter jovial e desleixado contrastava com a linguagem séria de seu marido.

Êle prosseguiu:

— E como não amar-vos? Não sois vós a mãe de meu filho? É mais um título que tendes ao meu amor, e de que ainda me não pedistes agradecimentos.

— Senhor! Senhor!

— Vamos — por favor tamanho — o que me pedireis vós, que eu vo-lo não faça?... Chorais?! Que criancice!... Mas chorai — que

assim pareceis formosa — e mesmo alguém juraria ser pejo a leve cor carmesim que tão graciosamente vos enfeita as faces.

— Bem mereço que me trateis assim!

— Dar-se-á acaso que eu vos haja involuntariamente ofendido? Talvez que assim fôsse, néscio que eu sou! — Todavia tenho para mim que perdoareis ao vosso espôso. Sim? — Todos nós cometemos um ou outro pequeno êrro, de que é fôrça nos relevem. Não tereis também vós algum pequeno extravio, que eu vos deva perdoar?

— Oh! perdão! perdão! disse a desgraçada querendo erguer-se sôbre a cama, e com os olhos arrasados de lágrimas.

Estêves levantou-se precipitadamente, e soltou um grito agudo e contrafeito, que parecia sair da garganta espedaçado.

Josefina já sem fôrça e atemorizada pelo movimento brusco e rápido do marido, caiu na cama esmorecida, cobrindo o rosto com as mãos.

Estêves aproximou-se dela e pegando-lhe nos pulsos, lhe descobriu as faces.

— Ao menos deixai-me ver os vossos olhos que são tão arteiros e tão brilhantes, e que fazem nascer tão travessos amôres na alma dos que os vêem. — Mas — continuou êle cobrando império sôbre si — dizei-me o vosso êrro, para que eu vos possa perdoar.

E a triste mulher crendo ver fuzilar uma ameaça nos olhos do marido, temeu pelo que mais caro tinha sôbre a terra.

— Não mateis meu filho, clamou ela.

— Deus me defenda de em tal pensar — continuou êle com a mesma a vós que éreis minha espôsa. Quem sabe o que me virá de um ato maneira:

— E demais não é êle meu filho? dizei, Josefina, não é êle meu filho?

E freneticamente apertava os pulsos da mulher, que não pôde soffrer um grito.

Estêves empalideceu; — alquebrado de tanto sofrer — que mais se avivava com tal fingimento — sentiu faltarem-lhe as fôrças, e caiu no solho ajoelhado; e prendendo nas suas as mãos dela, lhe dizia:

— Josefina! Josefina! dizei-me o nome dêsse homem.

Josefina se debruçou para êle e sentiu algumas lágrimas ardentes sôbre as suas mãos quase geladas. — E compreendendo por aquelas lágrimas quanto era amada pelo homem que ali estava de joelhos — e ao qual ela fôra obrigada a ofender tão cruamente — debulhava-se em lágrimas e soluçava penosamente.

— Minha mãe! minha mãe!

E êste nome tão doce de ser ouvido e pronunciado — soava nos lábios dela como o nome do assassino nos lábios do assassinado agonizante.

— O seu nome, Josefina! — Teu filho será meu filho — tu serás sempre minha mulher — e eu te amarei sempre, como agora... depois de o ter morto!

Josefina pôs a mão sôbre o coração, e soltou um grito fraco e penetrante.

Estêves levantou-se, e falou com voz rouca e breve:

— Dizei-me êsse nome, senhora!

— Não posso, não posso.

— Não podeis?!... Bem sabia eu que éreis hábil em ocultar um

segrêdo a quem mais importa sabê-lo. — E eu que chorei diante dela como se fôra uma débil criança! — orgulhosa! que talvez se ria interiormente do marido escarnecido! Ora pois, senhora, basta já de traições e de fingimentos! Eu vos dei a minha confiança, e a minha honra intacta e pura, e vós m'a infamastes — a minha honra — e traístes a minha confiança. Eu vos dei os meus bens e o meu nome na sociedade; e vós à face da mesma sociedade me entregais um filho de estranho — um filho bastardo — a quem pertence o meu nome desde hoje — e a quem caberão meus bens um dia! — E quando me quero esquecer de tudo para vingar-me só d'ele — quando me quero persuadir que fostes enganada — seduzida — violada, como vos ficasse menos desonroso — tendes o arrôjo de me dizer — não posso! — Não podeis, senhora, não podeis!? — Dizei-me, não o podeis — como também não podíeis vir ter comigo — antes que para sempre me tivesse ligado convosco — e dizer-me francamente: — Eu sou perdida e desonrada — manchada no que a mulher tem de mais inviolável, e não mereço a confiança de um homem honrado e virtuoso. — Dizei-me, senhora, é assim que o não podeis?

— Oh! tendes razão, tendes razão — dizia ela chorando amargamente e com a cara escondida sob os travesseiros.

— Vejamos. — Dir-me-eis finalmente êsse nome maldito?

— Não — não — dizia ela precipitadamente como querendo vencer-se a si mesma.

— Não! repetiu êle fora de si, veremos se não. — Esqueceis que tendes um filho — que êsse filho não é meu — e que pára em meu poder?

— Oh! não mateis meu filho! Por Deus, senhor, piedade!

É assim dizendo ajuntava as mãos com ânsia numa postura d'angústia e de súplica fervente.

— O nome!

A cabeça da triste mulher caiu sôbre o peito.

— O nome!

— Não me tenteis, senhor!

— E o vosso filho?!

— Ah! disse ela soltando um grito do fundo das entranhas — matai-me antes a mim, senhor! — E vencendo a fraqueza, que sucedeu ao parto — caiu no chão quase nua — ajoelhada — e subjugada por tamanha aflição.

— Matar-vos! Sou eu algum miserável assassino, que queira manchar as mãos no sangue de uma mulher?! Esqueceis que falais comigo, senhora?

— Tendes razão! — tendes razão! — Dizei-me vós mesmo o dia, o instante, em que me quereis morta; e eu deixarei a vida, já que sou indigna de viver. Mas viva meu filho.

— Morrer! é uma cousa momentânea — e até suave para o que sofre — sim, eu conheço que há instantes na vida em que seria melhor para o homem morrer do que viver. — Quereis assim remir a vossa culpa?! — Vossa reputação está salva, e o mundo vos crê virtuosa! — a morte lastimada vos oferece atrativos, não, senhora?!

— Meu Deus! meu Deus!

— Dizei-me êsse nome!

— Não — não — não!

Estêves, voltando a cara para a não ver, com gesto de desprezo e com voz rouca e breve murmurou:

— Já não tendes filho!

Josefina caiu sem sentidos. — O marido cruzou os braços para vê-la estendida a seus pés; e para que a não encontrassem por terra deitou-a na cama: — e saindo — tocou a campainha para que a viessem acudir.

CAPÍTULO XII

MARIDO E MULHER

*O Dio! Dio! che mi serbi
In vita ancor, che un grand dover me lasci!
Dammi la forza per compririo.*

(MANZONI.)

COMO É LONGA uma noite de sofrimento! . . . Leitor, já passastes uma noite de insônia, contando as horas por milhões de precipites pancadas no coração? Já sentistes o corpo alquebrado de tanto lutar com a agitação, sem poder descansar sequer por um instante? Se já passastes uma dessas noites, que nos fazem compreender o que é a vida eterna no inferno, sabereis sem dúvida quanto é longa uma noite de sofrimento.

Estêves passeava a passos largos no seu aposento; tinha um só pensamento, um só desejo — a vingança; — porém vingança terrível, inexorável, tão grande, quanto fôra a sua dita! Mas quem lhe daria vingar-se?! Então sua alma fantasiava torturas, que lhe comprimiam o coração, e mais e mais avivavam a côr sangüínea que lhe tingia os olhos, — como que achasse prazer em sentir outra dor, embora maior do que a sua real, porém sempre outra do que a que sentia. Por vêzes tentava dar asas à sua imaginação, e dest'arte procurava esquecer-se de si mesmo! embalde! — tempo fôra em que assim lhe acontecia; bastava que os seus olhos fitassem o céu, para que sua alma se destacasse brandamente do seu corpo, para que embalada pelas virações subisse entre perfumes até perder-se num cismar doce e vago como o suspirar da brisa: agora embalde! Sua imaginação tinha perdido as longas asas de branco e dourado, que a equilibravam no seu vôo; seu pensamento inflexível já não condescendia com a sua vontade! — sòmente nesse vértice tumultuoso de idéias pavorosas, de desejos desordenados, de esperanças loucas e de orações ferventes, o pensamento da vingança sobrenadava sempre e aparecia em aspectos variados com a rapidez do movimento. Assim as ondas do oceano embalde tentam afundar o leve toro de madeira que bóia à superfície das suas águas, — embalde as vagas marulhosas assoberbam-no com o seu volume, — embalde enrolam-no no seu seio — embalde o sorvem como se o quisessem esconder nas suas profundezas. — A vaga rebenta em flor e passa: e o madeiro surge do fundo pegado e vai de manso boiando à superfície das águas.

Estêves não sentia em sono, nem cansaço, senão a cabeça escandecida, que parecia querer estalar com dores, e o palpar do coração e das artérias, que lhe batiam com fôrça nos pulsos e nas fontes. Terrível

combate de amor e de orgulho — de honra e de vingança lhe alvortava o pensamento.

E Josefina, noutra aposento, não passava a noite menos angustiada, cheia de terror e de solicitude pela vida de seu filho, que ela tinha nos braços, que apertava contra o seio, que cobria de beijos, e que banhava de lágrimas. A mãe extremosa, curtindo funestos pensamentos, queria saciar-se de ver seu filho, queria animá-lo, acariciá-lo por toda a vida, no tempo que lhe restava para viver vida tão incerta, e que ameaçava de ser tão breve. Oh! que em tais momentos é que o amor de mãe se revela profundo e santo!? Por que não podia seu filho ter uma longa vida, cheia de felicidade e de sossego, que a ela — sua mãe — faltava?!

Quando o primeiro albor do dia penetrou no seu aposento, ela pareceu cobrar ânimo, e mandou que lhe fôsem chamar seu marido. A criada, indo executar o seu mandado, encontrou Estêves passeando agitadamente.

— Que procurais? — perguntou-lhe êle com rosto carregado.

— A senhora mandou ver se estáveis levantado, e perguntar-vos se lhe podíeis falar.

E assim dizendo lançava um olhar perscrutador sôbre a cama ainda feita, sôbre os trastes desarranjados e sôbre o desalinho de seu amo.

— Lá irei, — respondeu Estêves, — e com a mão lhe indicou a porta para que saísse.

E sòzinho continuou a passear ainda irresoluto; depois abriu algumas portas, atravessou alguns quartos, e entra no quarto de sua mulher.

Josefina estremeceu quando viu o vulto sombrio de seu marido — os olhos côm de sangue — e o cabelo irriçado, como que durante a noite houvesse sentido um espectro assentar-se ao seu lado e murmurar-lhe aos ouvidos palavras de terror; todo êle grave e compassado, com feições de quem sofreu uma injúria pungente, ao mesmo tempo que recebeu um golpe mortal, era digno de lástima e medonho de ser visto.

— Que me quereis? perguntou êle.

— Quero pedir-vos uma graça, Estêves.

Um tremor breve, quase imperceptível, mas instantâneo, mas violento, passou de Estêves a Josefina, que enfraqueceu, como se uma descarga elétrica lhe houvesse abalado os nervos.

— Ah! continuou ela — bem sei que não tenho direito de vos pedir coisa alguma; bem sei que vos não mereço ser chamada por vossa mulher, e que nem vos deverei falar; e assim mesmo, pensando que nada havia neste mundo igual aos meus tormentos, a não ser a minha desonra, quis falar-vos ainda uma vez para alcançar da vossa bondade o que não pude de vossa justiça; porque vós sois bom e generoso, Estêves...

Uma voz cavernosa e profunda se fêz ouvir; era a expressão acre que sai de lábios ofendidos, o som majestoso e solene de um dobre; era voz de ironia pungente que se entranha pelo coração, como um punhal agudo e penetrante.

— Enganai-vos, senhora; nem sou bom, nem generoso, como vos apraz chamar-me. Deus me puniu rigorosamente por vos haver amado, a vós que éreis minha espôsa. Quem sabe o que me virá de um ato de leviana bondade?!

— Deus vos recompensará, Estêves; porque entregar um filho à sua

mãe é uma ação religiosa, além de uma obra de caridade. — Estêves, se soubésseis o que eu sofri esta noite, certo que ao menos por piedade deixaríeis viver meu pobre filho, que não fez por onde perca a vida.

— E se soubésseis o que eu sofri esta noite, senhora, dar-me-íeis o nome dêsse homem maldito que me faz curtir dores do inferno.

— Estêves, vós me amais...

Estêves pareceu querer sorrir. Oh! que de escárnio nesse sutil franzir dos lábios!

— Vós mesmo mo dissésteis, continuou ela, que o havia compreendido; eu o creio — creio firme e religiosamente, porque vós sois um homem de verdade; deixai-me esta crença! Se soubésseis quanto ela me enobrece aos meus próprios olhos... Oh! deixai-me crer! Eu ensinarei meu filho a amar-vos, como eu vos amo; a respeitar-vos, como se respeita uma cousa pura e santa, como se respeita a Deus; — e êle será vosso escravo, como eu sou vossa escrava, senhor!

— Nada mais. — Tendes um remédio bem fácil para o salvar. —

— Oh! não... não... Senhor, sêde piedoso comigo! provai a desgraçada criatura que infamemente vos ligou à sua desonra e aviltamento, que valeis muito mais do que ela. Consentí que eu me retire com meu filho, como uma mendiga, que se retira satisfeita da porta da vossa casa; consentí que eu me vá sepultar num deserto, num recanto do mundo, para ali bendizer o vosso nome do fundo do coração.

— Mas com êle — não, Josefina!

Josefina abaixou a cabeça e chorou.

— Insensata! não percebeis que me estais dando exemplo para resistir?! Como se eu fôra o criminoso, ajoelhei-me diante de vós, senhora... Inferno! quando me lembro que tive baixaza para tal, tenho vontade de vos apunhalar, para que não haja disto testemunha viva sôbre a terra. — Mas é talvez por isto que me chamais generoso e bom. Pedi — supliquei — chorei; e o que me respondestes vós? — o mesmo que eu vos respondo agora — não!

— Sois um homem implacável, Estêves.

— Escutai-me, senhora. Se podésseis ler em minha alma, ter-vos-íeis poupado a vós mesmo preces e lágrimas, porque teríeis a certeza de que o meu propósito é firme e irrevogável, como a morte. Qual êle seja, não vo-lo digo. Talvez despertando um dia o encontréis sufocado em vossos braços; talvez que no ato de o alimentardes sereis uma infanticida, porque o alimento estará envenenado; talvez que êle desapareça, um dia, como a fôlha que o vento vai perder por longes terras; talvez que o deixe crescer até ser homem, e então, em vez do pai matarei o filho. E... quem sabe? crimes há que vão de pais a filhos, como a maldição de Deus... neste caso, depois de o ter alimentado, criado, educado, o filho do crime matará ao seu benfeitor, como a mãe matou o coração de seu marido, e lhe infamou o seu nome. Será saborosa uma vingança meditada tão de largo, e tão sôfregamente satisfeita. E depois do que me ouvistes, senhora, se alguma vez tremendes pela vida do vosso filho, quando o alimentardes, se alguma vez sentirdes bater o vosso coração com fôrça, temendo acordar sem êle, ou despertar com um cadáver nos braços, podeis vir ter comigo, e quando me houverdes dito um nome vosso filho será salvo.

— É horrível! — horrível! dizia ela delirante.

Estêves deu um passo para sair; ela bradou:

— Senhor! senhor!

E Estêves voltou, esperando finalmente saber êsse nome tão aborrecido.

A triste mãe, levantando as mãos e os olhos ao céu, disse com voz dolorosa e truncada.

— Meu Deus, vós me dareis fôrça para suportar a morte de meu filho!

E caiu sôbre a cama sem sentidos.

CAPÍTULO XX
UMA PÁGINA DE ÁLBUM

Amor al cor gentil ratto s'apprende.
(DANTE)

ESTAMOS em Coimbra. Aqui quase tôdas as casas têm uma perspectiva soberba, e os seus habitantes, que não respiram o ar mefítico das suas ruas estreitas e charcosas, desfrutam a aragem pura, que vem da Serra da Estrêla, os ares ainda mais doces que vêem do oeste, embalsamados com o perfume das laranjeiras, e com o aroma das flôres dos seus campos. Era em uma das casas da encosta de Coimbra que estava Agapito. No interior da sala estava com êle uma dessas senhoras majestosas que parecem ter sido moldadas pelas formas de Diana a caçadora. Do interior da sala via-se a lua que batia de chapa nas águas e nos areais do Mondego, e escutava-se a brisa murmurando nas fôlhas dos salgueiros que orlam as suas margens.

Se já viajastes pelas nossas florestas do Brasil, tereis ao anoitecer parado muitas vêzes em algum cabeço pouco elevado para restaurar os membros fatigados. Sentistes a majestade da solidão das selvas no rumurejar crescente — imenso — inexprimível — dos colossos vegetais, na variedade de fôlhas, de flôres, e de arruídos, e na fôrça da vida que aí se revela debaixo de tôdas as formas. Talvez se vos figurasse a cada instante ouvir o som de alguma catadupa como que se ela se arrojasse do píncaro de um rochedo ao fundo de um precipício, — talvez se vos figurasse ouvir a cada instante no rugir compassado e solene das fôlhas das palmeiras o arruído do mar longínquo quebrando-se furioso contra os escolhos da praia. Então compreendestes a poesia das selvas, e a beleza selvagem do viver dos nossos índios: e contudo ainda não podeis conjecturar que melodia exalam os salgueiros do Mondego embalados pela viração do oeste. O sussurrar das nossas matas é forte e majestoso como o rugir do oceano; o ciciar dos salgueiros é doce como um suspiro de virgem.

Agapito estava silencioso, e Júlia (assim se chamava a nossa Diana) de ampaciente batia com o pé sôbre o tapête da sala, em quanto que os seus olhos erravam distraídos sôbre todos os objetos que a cercavam.

— Vosso irmão demorar-se-á muito, senhora?

O contentamento reluziu-lhe nos olhos, e o pèzinho deixou por um instante de abater a frisa do tapête.

— Creio que não: — tendes pressa?

— Oh! não.

Nada mais disse; e o silêncio pairou de novo sôbre ambos.

Agapito lançou os olhos com indiferença sôbre as margens do Mondego, e Júlia, que por ventura desejava prática mais alongada, encolheu os ombros; e o pêzinho bateu de novo o compasso de um adágio velocíssimo.

Algum tempo se passou.

— Senhor Agapito — disse ela.

— Minha senhora.

Nada mais que estas duas palavrinhas — sêcas — concisas — mirradas, — palavras incivis de quem não quer conversar.

Bem sabeis que o cérebro do homem, bem como um cortiço de abelhas, está dividido em pequenos casulos, que em vez de terem por letreiro — mel — ambrosia — ou cousa semelhante, dizem simplesmente — intelectualidade — sensibilidade — e outras palavras em *ade* como bem mostra Gall na sua *Cérebro ou Craniografia*. No cérebro de Júlia havia um casulo maior que os outros, que tinha no rótulo — irritabilidade — sôbre o qual atuava o casulo do orgulho com a fôrça de marés vivas. Ora nesse casulozinho nasceu-lhe uma borbulha e correu-lhe aos lábios, onde veio morrer em um som inarticulado. Odino, o Deus da Escandinávia, cujos sentidos agudíssimos sentiam a pérola crescer no fundo dos mares, cujos ouvidos escutavam o crescer da lâ do cordeiro, nos poderia dizer que palavra foi essa. Estúpido — conjecturo eu que foi.

Cobrou, porém, império sobre si, e com aquela delicadeza de senhora, que sempre pisou grandes salas, com aquêlê modo civil e cortês que tanto se assemelha à bonomia e a franqueza, disse ela:

— Haveis de me permitir que vos diga uma cousa.

Agapito abaixou a cabeça em sinal de assentimento, e ela continuou:

— Tinham-me dito que éreis tão folgazão, tão risonho, que eu estranho...

— De me achar tão grosseiro, — interrompeu Agapito sorrindo-se.

— Oh! não! — De vos achar tão silencioso — tão triste.

— Que quereis, senhora! — Vosso irmão diz grotesca, porém, exactamente, que o rosto do homem encobre os seus sentimentos como o hieróglifo encobre uma idéia. Sòmente o hieróglifo que para um antiquário é a expressão de um triunfo brilhante, para outro é a expressão de um desastre medonho. Para saber o que êle diz seria preciso...

— O quê?

Adivinhá-lo. — Bem vêdes que a leitura engana.

— E se o não podermos advinhar?

— Que sei eu? — Para vos responder seria preciso que eu fôsse a vossa consciência. Em tal caso um seguiria a opinião da maior parte; outro o parecer do que lhe merece mais conceito; — e outro...

— Que faria!

— Talvez fantasiasse alguma cousa bem fora do comum; talvez se agarrasse à idéia que lhe fôsse revelada pela sua inteligência ou pelo seu coração.

Júlia estava pensativa; Agapito continuou:

— É esta a razão por que vos pareço silencioso e triste, quando para outros sou alegre e conversador.

— Porém deveis ser alguma dessas duas cousas?!

— Decerto.

— E será isso um segrêdo?...

— Para mim.

— Para vós, senhor Agapito! Creio que zombais da minha credulidade.

— Perguntai ao homem mais sincero e franco, que conhecerdes, qual é o seu verdadeiro caráter, e êle vos mentirá, porque de todos os seus amigos é êle quem menos se conhece.

— Mas a revelação do homem sincero e franco, não nos poderia ao menos indigitar o caminho da verdade?

— Creio que sim.

— Pois, se me permitis, pedir-vos-ei essa revelação.

— Tendes o *Album* de vosso irmão?

— Tenho-o.

— Dai-mo.

Júlia levantou-se e saiu: pouco depois entrou com um estojo de marroquim, donde tirou um livro oblongo, galantemente encadernado e dourado. Agapito o abriu.

— Ah! são versos! — disse Júlia; — deixai-mos ver. A letra é vossa, senhor Agapito.

— É minha: respondeu êle, e como fôsse para voltar a página, ela segurou a fôlha com a mão.

— Lêde-a — disse ela.

— São em latim, minha senhora; maus versos improvisados, que não merecem a pena de se corrigir. — Quem hoje lê latim!

— Não importa: lêde.

Agapito leu.

.....

*Me dolor angit, me cruciatus opprimit,
 Mihi pallida facies animo amaritudinem pingit,
 Os meum Omnipotentem vocat, turbaque plaudet,
 Et miserum me videns morsu cruento petit.*¹

— E o que quer dizer isso? perguntou Júlia.

Agapito sorriu-se e tirou um lápis da carteira.

— De que vos rides? — tornou ela.

— De me não ter enganado. Bem sabia eu que não deixaríeis resmungar uma língua estranha sem me pedirdes explicação. — Aqui tendes a tradução, continuou êle entregando-lhe o papel que acabava de escrever;

¹ O autor destas memórias declara que os versos latinos, a tradução e a página d'Album pertencem realmente aos mui verídicos personagens desta história.

podeis por ela conjecturar dos defeitos do original e o tempo que gastei com êles.

Júlia tomou o papel e leu:

.....

 Aperta-me a aflição, a dor me anseia,
 Meu rosto diz o que minha alma sofre;
 E brado ao meu Senhor... — A turba aplaude,
 E escarnecendo despedaça o pouco
 Que inda em meu coração conservo inteiro.

— São bons, disse ela, porém eu julguei que fôsse algum sonêto.
 Agapito voltou a página e leu:

Estimo a amizade como tu a estimas; sinto-a como tu a sentes; — amo-a como tu a amas. Somos amigos — amigos íntimos — amigos verdadeiros — no sentido mais alto, mais belo desta simples palavra — *amizade* — que deve ser o amor dos anjos. Nem uma nuvem se tem interposto entre; — nem um acontecimento a tem toldado; nem uma palavra a tem deteriorado. Creio que assim será em todo o tempo.

Sinto a amizade como tu, dizia eu; dir-to-ei, sinto-a mais do que tu. Para ti a amizade é a necessidade de uma alma extremosa, para mim é a mesma necessidade, e conjuntamente um alívio — uma tábua de salvação, — é para ti uma paixão, para mim um templo; — é para ti um ídolo, para mim uma divindade. Nossas inteligências, creio eu, são irmãs; as nossas almas, creio ainda, são gêmeas; as nossas circunstâncias é que diferem.

Tens uma família, e eu é como que a não tenho: — terás uma espôsa e eu não terei; — terás uma vida ocupada com seres que hás de amar, e que te hão de amar, e eu não! Queira Deus que eu chegue à velhice: viverei insulado na vida, insulado na morte, sôzinho em tôda a parte, concentrando tudo em mim e vivendo a minha vida com o pensamento. Minha família não me compreende, longo intervalo me separa de meus irmãos, sou homem agora que êles são crianças; quando êles forem homens serei eu um velho ou um cadáver: não podemos ter os mesmos prazeres nem as mesmas simpatias. Amizade entre nós... será talvez mais do que isso; de uma parte proteção e desvélos, doutra benquerença e talvez respeito; relações de família, laços de sangue; mas que é da uniformidade de pensamentos, de desejos, de tendências? Não, a amizade, como tu e eu a definimos, não pode haver entre nós. Uma espôsa!... Sabes tu como eu sou capaz de amar? — Eu o sinto e temo. É uma concentração de tôdas as minhas faculdades sôbre um só objeto, é uma fôrça intensíssima de vontade, uma tormenta de afetos encontrados — lágrimas e riso, desespero e arruamento, esperança e abatimento, ferro em brasa sôbre o coração, e perfume delicioso, que me falta o alento para o sorver. Quando eu amar serei um louco; porque bastará uma palavra, um sorriso, um sinal, um gesto para me fazer felicíssimo ou para me assassinar.

Sabes que eu já amei; como — é o que tu não sabes. Havia entre nós êste pensamento: nunca ela será minha, nunca eu serei dela; êste pensamento desbotava-me tôdas as impressões, aguava-me todos os prazeres; e assim mesmo quando à noite a minha cabeça escandecida caía com todo o seu pêso sôbre o meu travesseiro, e algumas lágrimas de fogo me pulavam dos olhos, eu me perguntava a mim mesmo se a minha vida valia uma hora de

estar a sós com ela, e nunca — oh! nunca — a incerteza me acobardou! Era sempre com um ímpeto de ventura que a minha alma corria para esta idéia, e imaginava delícias e venturas inefáveis, e no fim de tudo a morte! a morte, que eu iria abraçar gostoso! a morte na lâmina de um punhal! a morte em um copo de veneno! a morte no cutelo do algoz, cuja fôlha eu beijaria com ternura; com tanto que êle me não deixasse acordar!

Há muito tempo que isto foi; se hoje to repito, é porque ainda sinto como então. Mas casar-me! não o posso. Eu, que sou um homem, que tenho sofrido bastantes temporais no mar da vida, ainda no comêço da viagem, que ainda não cheguei ao pôrto, que navego sem destino, sinto dores bem más, bem cruas; e todavia não tenho alguêm que mas faça curtir em dôbro.

Agora dize tu na tua consciência se não hei de amar a amizade, mais do que a amas. Que seria de mim sem os meus amigos?

E pois que de novo te hei repetido o meu credo, consente que mais particularmente te fale dos álbuns. Não o fiz antes, porque sei que o *Album* é ou será uma herança de família. Não quisera que para o futuro, quando alguêm lesse estas palavras, conjeturasse com a infalível agudeza humana, que elas aqui tinham sido escritas pela impudência insolente, de um homem insensível que descrevia da amizade no livro das afeições, como o que blasfemasse dentro de um templo.

Em Coimbra te perguntei eu muitas vêzes: — Para que serve um *Album*? Arrependo-me de o ter perguntado. Nessa Coimbra bela, e majestosa, e risonha, onde os mancebos são lhanos, corteses e extremosos, onde se respira sentimentos nobres e elevados, onde a vida é tranqüila e serena, a *alma* ingênua e cândida, e a amizade indissolúvel e sincera; em Coimbra! pês-me de não ter tido um *Album*. Eu amo a pedra onde se gravou uma recordação, amo o tronco onde se entalhou um nome, amo o cemitério onde descansam tantas criaturas angélicas, amo os *Álbuns* onde o coração asséla o sentimento de uma época ou de um instante, e onde a mão grava protestos infalíveis e ternos... de que a memória não guarda lembrança!

Quem se lembra do sinal que entalhou brincando na pedra? Quem se lembra do nome que escreveu num tronco? Quem se lembra do finado que jaz no cemitério? Quem se lembra do que escreveu num *Album* — êsse outro cemitério do coração?

Oh! que mal que eu fiz em não ter um *Album*, um *Album* volumoso, que pudesse conter os nomes de todos os meus amigos! A cada sópro da desventura eu viria cheio de curiosidade ver que nome se ofuscava pouco e pouco, que nome esmorecia, como a flor sem os raios do sol; a cada exclamação que a dor me arrancasse, eu queria ver que nome se apagava rapidamente, como foge rápido o passarinho brilhante que pressente o açor: a cada lágrima que me caísse dos olhos, eu queria ver que página se reduzia a cinzas, como as entranhas da vítima no fogo do sacrifício: impurezas que se santificam. Queria-os ver, como a Fênix, renascer das suas cinzas e arrojarmos baldões à face e cobrir-me de vilipêndios! baldões e vilipêndios: calúnias inocentemente imaginadas para uma justificação, para dizerem, majestosos na sua integridade: fugi dêle porque era um leproso! Sim desde Job os leprosos são homens ímpios e maus! cada pústula é uma impiedade, cada postema um vício, e cada fistula um crime. Sim, eu queria ter um *Album* para ver no fim de muito pouco tempo quantas fôlhas me restavam!

Faze tua experiência, meu amigo; é uma experiência amarga como o homem que pudesse tirar pacientemente com a ponta de um escalpelo partículas de veneno engastadas no coração.

(Coimbra — 2 de julho de 18..)

Agapito acabou de ler, e o livro sem que êle o rejeitasse lhe caiu das mãos. Vibrava em sua voz um acento de despêro tão profundo, que todo o amargor da sua ironia não tinha podido disfarçar. Júlia correu para êle. Almas há piedosas que tão espontâneamente correm para a dor, como o inseto para a luz.

— Oh! senhor, tendes sofrido muito!

A tais palavras sentiu Agapito que todo o pêso das suas recordações lhe caía sôbre o coração. Foi um instante de dor; um instante que foi um século, — uma dor que resumia tôdas as dores. Uma lágrima lhe intumescceu as pálpebras, e uma luta se travou entre o seu coração, que a queria expelir, e o seu orgulho, que a queria engolir. Êle tinha os olhos no chão; e a lagrima engrossava pouco e pouco. Então levantou violentamente a cabeça, e fixou os olhos nos olhos de Júlia: a lágrima desapareceu como por encantamento. Bem sabia êle que não lhe era possível chorar diante de uma mulher que não fôsse sua mãe.

— Não senhora, tornou êle passado um momento, é êsse um estilo de autor, — estilo de quem não sofre o que diz.

— Não, não! para se falar de cousas tão horríveis num estilo tão gracioso, para se comparar cousas tão feias a objetos tão belos, é preciso dores que se aproximem do delírio; é só o louco que se ri do que sofre.

— E quando o louco se ri, tornou-lhe Agapito com um amargo sorriso, quem se lembrará do que êle sofre?

— Quem o amar! Quem o amar! Agapito, não sejais egoísta; a dor também tem o seu egoísmo. Se uma mulher simpatisar convosco pelo que vós sofreis; se casar a sua vida com a vossa vida por tal modo que as vossas dores sejam as suas; se não vos pedir senão um pouco de amor e a metade dos vossos sofrimentos, tereis vós coragem para rejeitá-la?

— Não me faleis assim! Bem sei que a dôr é egoísta, mas o que vós não sabeis é que quando o sofrimento nos não pode fazer verter mais uma lágrima, há palavras de comiserção que de novo nos vem esmagar o coração, e transformar em lágrimas a derradeira gôta do nosso sangue. Não me faleis assim! Pois não vêdes que eu temo de conversar convosco, — de estar convosco — de ouvir a vossa voz? Não vêdes que eu me esforço para não cair num abismo, ou ao menos para não vos arrastar comigo? — Escutai-me, senhora; vêde se me compreendeis. Se estivéssemos ambos sôbre um rochedo, e que eu resvalasse para o mar, poderia acontecer que buscando salvar-me, vos segurasse pelos vestidos, e vos fizesse baquear nas ondas. Morreríamos ambos; porém o amor da vida, o despêro do homem que se afoga poderia talvez remir-me de um crime. Mas se eu mesmo me arrojasse às ondas por brinco, — se me demorasse por querer, — se me afizesse à idéia da morte, se não procurasse salvar-me, — se pressentisse a mão da fatalidade arrastar-me pelos cabelos, seria um crime horrível, eu vo-lo asseguro, seria um crime horrível segurar-vos pelos vestidos e fazer-vos descer à profundeza do mar. Seria um suicídio e um assassinato!

— E se eu mesmo me arrojasse ao mar para salvar-vos?

— Seria para vós um crime inútil, porque não me poderíeis salvar, — e para mim uma dor... talvez pior que a morte.

— Mas tentaríeis salvar-me, não é assim? — Não vos deixaríeis morrer, quando percebésses que a vossa vida era necessária à vida de alguém?

— Júlia! Júlia!

— Oh! continuou ela com um acento de dedicação sublime, — sou tua! — e caiu de joelhos.

— Escutai-me ainda, disse Agapito tomando-a nos braços e levantando-a: — a sua voz era solene — Atentai bem nas minhas palavras, e possam elas fazer-vos arrepender da vossa imprudência. Eu sou cioso — infernalmente cioso; eu o sinto; eu o sei. Se o demônio do ciúme me gravar alma um pensamento, uma palavra vossa por indiferente que seja — um gesto insignificante — uma circunstância pequena, ligeira — quase nula — qualquer cousa enfim que eu veja — escute ou sinta — estais morta!

Foi tão viva a expressão do seu rosto — tão brilhante o cintilar dos seus olhos — tão medonho o seu acento — que Júlia recuou aterrada.

— Vêde! disse Agapito; — não me podeis ouvir falar sôbre isto sem terror; que faríeis se fôsse uma realidade?

Foi um impulso do sangue; o coração não vacilou: — e ela lançou-se-lhe nos braços.

— Tu o quiseste, Júlia! — disse Agapito, e algumas lágrimas de contentamento lhe correram dos olhos, e banharam as faces pálidas da donzela, que parecia desmaiada em seus braços. Havia bem de tempo que êle não tinha chorado lágrimas daquelas.²

FIM DOS FRAGMENTOS
DAS "MEMÓRIAS DE AGAPITO"

² Referem-se os fatos aqui narrados aos amôres de Formoselha, de que tratei ao de leve na biografia do poeta — Vol. 1.^o pág. LIX.

UM ANJO

SE ALGUMA VEZ estudastes essa numerosa porção da espécie humana que é o princípio de quanto praticamos de bem, e de mau também, que resume em si o brilho de tôdas as estrêlas, o perfume de tôdas as flôres, cuja voz é como um eco de tôdas as harmonias da criação, cujo rosto é o tipo de tôda a beleza criada, a quem maldizemos, praguejamos e amaldiçoamos, e que procuramos sempre, e que sempre nos acompanham dóceis, afáveis, bondosas, sem que as más palavras as irriem de uma vez, sem que os maus tratos as amedrontem — direis também, como Z. P., que a mulher é um anjo. É um anjo de amor e de bondade, que nos entretece os raros fios de sêda que nos correm na tela da vida, a voz que nos anima quando desacoroçoados, o seio onde pousamos a cabeça nos dias de fadiga, a mão que nos enxuga as lágrimas corrosivas do desespêro nas horas do sofrimento, que nos alivia as mágoas, e redobra os nossos prazeres compartilhando-os conosco. Adão no paraíso sentiu o vazio da existência, e procurou-a a seu lado, porque sem ela não há na vida, nem prazer, nem esperança, nem cousa que mereça menção honrosa. O que é, pois, a mulher senão o anjo da nossa guarda, e o farol da nossa existência?!

Condenado a sofrer dobradamente por si e pelos outros, vítima de todos os nossos erros e caprichos, tão mal recompensado dos seus extremos, é um meteoro rápido, que passa pelo céu nublado da nossa vida, esclarecendo o presente, e mostrando-nos o caminho do futuro. Segui-a passo a passo desde que nasce até que morre, e vereis que nunca se desmente a sua inalterável bondade, a sua dedicação sem limites.

Menina ou môça, na idade madura ou na decrepitude, é sempre o anjo da dedicação, cuja vida cifra-se inteira em fazer venturosa outra criatura. Quando os anos e os pezares lhe vão roendo a beleza terrestre, que não é senão a manifestação exterior da sua origem divina, ainda lhe fica aquela outra beleza inconsumptível, que se não deteriora nunca; beleza da alma que vem de Deus, e só em Deus se acaba. E tão ingênuas que são, sabem quanto valem! que praticam os atos mais sublimes, e os que mais honram à humanidade, com a singeleza de quem nada mais faz do que cumprir um dever!

Mulheres! mulheres! que sempre tendes um sorriso que vem inteiro do coração, anda nos tratos do martírio, ainda no ecúleo das dores, se a sombra de um contentamento nos alegra a fisionomia, como nuvem risonha — dourada pelo sol no ocaso! Que pode fazer o filósofo senão confessar que mais vale um ai vosso, uma simples interjeição, do que todos os raciocínios de uma ciência mentirosa? Z. P. é filósofo, é certo, mas ama as mulheres, não como um sátiro barbudo, mas como se amam as flôres, os perfumes e as estrêlas do bom Deus!

Crianças — quanto contentamento não derramam no seio de uma família! como não alegra a sua travêssa vivacidade! como não encantam

aquelas palavras da infância — argentinas, vibrantes, incoerentes, mas doces como o gorjeio das aves! Feliz, mil vezes feliz o homem que frui tais encantos, e por cuja vida o milionário daria seus tesouros, o rei seu trono e os heróis a sua glória.

Na puberdade — naquela quadra da vida que adivinha e prognostica a estação das flôres, quando o coração canta noite e dia como uma harpa tangida por dedos de anjos, quando a alma se abre a tôdas as impressões, quando os olhos choram sem motivo, quando o andar remata sempre em passo de dança, e a voz em notas de música, quando o sorriso acaba em lágrimas abundantes, e as lágrimas em sorrisos intermináveis: nessa quadra, enfim, quando o botão se transforma em flor, a larva em borboleta, a criança em donzela: que feitiço d'olhos não é vê-la, que alegria d'alma não é ouvi-la! Parece que também se nos adelgaça a alma ao espetáculo de tanta pureza, e que o nosso coração se remoça: mas debalde tenta segui-lo nas aéreas regiões por onde divaga, aquêles que já uma vez crestou ao fogo das paixões as asas brancas da sua inocência!

Mulher — como se nos revela sedutora, graciosa e brilhante! jovem e formosa como a luz do sol, alegre e simpática como o romper da alvorada; feliz daquele que lograr os seus afetos, que ler em seus olhos, dardejando torrentes de indefinível ternura, as provas da sua predileção! Feliz, mil vezes feliz! Corram os dias, passem os anos, venham os trabalhos, os tormentos, a idade, o tumulto da vida, os prazeres, o poderio, a glória mesmo, nada poderá arrancar-nos a lembrança de um primeiro amor, de um amor de quinze anos, tão cheio de enlevos! tão estreme de interêsse! É o resquício de preciosa essência, que nunca se apaga no vaso em que uma vez a depositaram.

Espôsa — ocupada nos trabalhos domésticos, com a lide inocente de uma vida sem tormentosas peripécias, solícita pela educação de uma família que herdará suas virtudes, só pode ser bem comparada à luz modesta de uma lâmpada sempre acesa defronte de um santuário!

Tu, que cometes, insano e temerário Z. P.? tu que passas o melhor da vida em frio celibato?... Pára!...

Se lhe fôsse lícito neste variado jardim do bom Deus escolher uma flor, cujo aroma só êle houvesse de respirar... mas como escolher?! São tôdas belas, e Z. P. invejando a coragem cívica dos homens que escolhem definitivamente e sabem contentar-se com a sua escolha, ama a tôdas filosoficamente, e espera topar ainda — a mulher — o anjo — que haverá de realizar os seus sonhos no infinito.

Viúva — pálida como a lua, sentimental como um idílio de Gesner, com os olhos no céu como imagem de uma santa, estátua da dor espalhando flôres e orações na lápida impiedosa de um túmulo de mármore, triste como os sons de uma flauta por uma noite serena, viva como um sonho da madrugada, queixosa como a água tépida de uma fontinha: é ainda o anjo, mas o anjo que tem a sua vida no céu!

Em tôdas as idades, em tôdas as condições, em todos os estados, quando o hálito pestífero de um homem não lhe embacia o límpido e delicado espelho da vida, a mulher é a filha mais nova e a mais querida de Deus — a mais perfeita das criaturas, porque foi a última feitura que

caiu das mãos do Eterno, quando êle quis completar o quadro variado e magnífico das suas maravilhas com a maior de tôdas elas.³

Z. P.

FIM DE "UM ANJO"
E DA "PROSA ESCOLHIDA"

³ Foi publicado êste artigo no n.º 117 do *Correio Mercantil* de 1 de maio de 1849. Por êsse tempo escrevia o poeta os folhetins teatraes, e resumia as discussões da câmara temporária para o *Correio Mercantil*. Afeiçoou-se ao jornal, e procurou torná-lo mais interessante, já indicando à redação romances franceses dignos de serem traduzidos e publicados nas colunas do *C. Mercantil*, já um, já outro melhoramento, e finalmente com as iniciais Z. P. escreveu alguns artigos sôbre a salubridade pública e melhoramentos materiais da côrte, e para chamar a atenção sôbre o jornal, dando-lhe maior circulação, propôs as seguintes questões no número de 31 de março: *Qual é a melhor cousa dêste mundo? Qual é a pior cousa dêste mundo?* prometendo um prêmio a quem, até 30 de abril, respondesse pelo mesmo jornal conforme o seu pensamento dêle. Daí começaram a surgir centenaes de respostas, umas chistosas, outras graves e acadêmicas, outras burlescas, quais maledicentes e mordazes, e não poucas com o fito de ferir êste ou aquêle personagem; mas conseguiu o autor seu fim, trazer por um mês uma fonte de renda para o jornal, tornando-o lido e procurado. Chegado o suspirado dia, declarou que a melhor cousa era a *mulher-anjo*, e a pior a *mulher-demônio*, descrevendo êle no n.º 117 a *mulher-anjo*, e o sr. dr. Joaquim Manuel de Macedo em outro n.º a *mulher-demonio*; mas precedeu a isto o seguinte *cavaco*, que saiu no *Correio Mercantil* de 30 de abril:

RESPEITÁVEL! — Com todo o modesto orgulho de um verdadeiro filósofo vem Z. P. à tua amável presença discutir aquêle celeberrimo ponto de que durante êste mês, que se acaba, terá porventura causado o teu real desfastio. Ficas, pois, sabendo que Z. P. é um filósofo! Não usa de clâmide, nem túnica, nem toga; não traz alpercatas nem sandalias, não traz à mostra a barriga das pernas, nem tem o tonel sem tampos de Diógenes, e está intimamente convencido que a cicuta do velho Sócrates lhe havia de amargar como esponja de fel em vinagre, e apesar de tudo é um filósofo, um filósofo do século XIX — calçado, enluvado, aprumado, entretalado, que só conservou dos seus predecessores o hábito de falar muito e o respeito pela nobre espécie de que é êle o último garfo. É por êste motivo, e por um bem aconselhado sentimento da dignidade filosófica que emprega a terceira pessoa falando de si mesmo.

Z. P. quis estudar o mundo nos livros e encontrou um caos, quis estudar no coração do homem e encontrou um abismo, mas um mundozinho curioso, movido por uma cousa que se chamava assim como moral! Disseram-lhe ainda mais que o principio da moral era o bem! o bem! e por que não o melhor? Se havemos sempre de andar às cegas, atarantados como morcegos com a luz do dia, mais vale quebrar a cabeça por cousa que mereça a pena.

Resolveu, portanto, expor-se aos mil reflexos da publicidade e escreveu uma simples linha com ponto e nome de interrogação:

O que melhor? o que pior?

E porque sem interêsse individual não há quem corra atrás da verdade, lembrou-se Z. P. de oferecer-lhes um brinquedo, para os incitar, pela regra de que — *les hommes sont toujours des enfants*. — Mas ainda isto não bastava:

para muitos era de mister alguma cousa misteriosa, enigmática, indecifrável que os despertasse, lançando-os no mundo ideal. O filósofo escreveu êstes dois únicos caracteres, hão de todos confessá-lo, sublimes na sua singeleza — Z. P.

Z. P. é a charada da vida, o logogrifo de dois pés, o esfinge humano, é mais do que isto: é a máscara trágica em pano de boca de teatro, encarando o respeitável com um riso homérico e *à lui faire la grimace*.

Não queria Z. P. que lhe dissessem o que era absolutamente melhor — contentava-se de achar duas opiniões idênticas, porque já era isto meio caminho andado. Assim, pois, apresentou-se ao mundo fluminense com o seu problema, gritando com tôdas as suas forças: quem quer ganhar uma vista de cosmorama! quem quiser, chegue!

Que movimento não se operou logo em tôdas estas judiciosas cabeças que compõem a múltiplice do respeitável! que agitação! que febre! não disseras que tinham todos um espinho no coração, e que estalavam se o misericordioso Z. P. não lhes franqueasse êste meio de desabafarem livremente!

Homens e mulheres, moços e velhos, polcas e jarretas, sábios e sabidos, ignorantes e ignorados, militares e paisanos, livres e escravos; daqueles que vivem à sua custa e à custa alheia, dos que vegetam com esperança de um bom arranjo — homens de tôdas as classes, condições e fortunas, todos, sem exceção de um, trouxeram o seu grão de areia para asfixiar o problema do Z. P., ou ganhar uma vista de cosmorama.

Sei que houve espírito, houve: muita graça, muito sal, muita galanteria, porque êste público fluminense!... Z. P. assevera que não há no mundo outro público fluminense!

Mas, oh dor! oh miséria! Esqueceram-se todos que o sábio Diógenes acendera uma lanterna ao meio-dia para procurar um homem, e queriam descobrir a pedra filosofal sem ao menos ter acendido um bico de pavio!

Quando a matéria se foi esgotando, os que ainda não tinham aventado a sua opinião, vendo que ninguém tinha acertado no alvo, perderam de todo as estribeiras... Deus se compadeça de suas almas! foi uma monstruosa aluvião de disparates!

A única consolação que tinha de se ver burlado em tão justa pretensão era ler o *Mercantil* tôdas as manhãs, e *adivinhar* o anônimo pelo sentido da resposta.

Assim por exemplo:

“A melhor cousa é a paz, a pior é a guerra.”

Z. P. escreveu à margem: — Militar, x — anos de serviço passados em santo ócio: vai pedir reforma.

“A melhor cousa é ir ao *Campestre*, a pior é sair com os bolsos carregados de doce.” Paraíso do Campo de Santa Ana, sociedade — Recreação Campestre, — autor XXX.

“A melhor cousa é sair condecorado, — a pior é não tirar os diplomas.” Secretaria dos negócios do império: empregado público que tem fome de emolumentos.

“A melhor cousa é a cabeça de um poeta, a pior é o coração do dito.” Engano crasso, ou erro de imprensa: troque as bolas: A melhor cousa é o coração do dito, a pior é a cabeça dita. *Sic de coeteris*.

“A melhor cousa é um dia depois de outro, a pior é desesperar desse dia: hajam vista aos Pernambucanos.” Velho matreiro, homem finório e escarmentado, militar, ou com fumaças de entender da *minestria!* Z. P. quase conheceu o *Calunga*.

Houve contudo um homem, um filósofo, um semideus, um realejo humano (R. L.) que farejou bem perto da verdade; Z. P. viu-o mesmo com o nariz dentro do tenebroso poço, onde habita esta nua mãe das nuas graças: e não fala nele sem respeito tão desmedidamente profundo, que nunca filósofo antigo

ou moderno votou a animal algum de sua espécie. Este grande homem escreveu: *A melhor cousa é Deus, a pior é o Diabo!* Oh! muito ilustre filósofo! se te lembrasses de fazer aplicação daquele muito sabido princípio confirmado pela pratica quotidiana — que as cousas boas quando são ruins são piores que as péssimas do que, entre parênteses, é exemplo frisante, a poesia, a geléia, e o leite creme, não duvida Z. P. que houvesse do ver marmota por um óculo.

Porém, ó divino filósofo, há homens que não querem saber de Deus, que o negam como Pedro a Cristo, homens ímpios, abomináveis, fonte de tôda a corrupção e maldade, mas há dessa gente, querido realejo: e quanto ao diabo, dizem as velhas que não é lá tão feio como o pintam, e que se ainda há alguma cousa mais feia, há de haver alguma ainda pior! *Ergo rosas.*

Mas se estas duas naturezas tão profundamente distintas se podessem amalgar em uma só natureza, se a suma bondade de um, e a infinita malvadeza de outro podessem combinar-se em um só objeto criado: se estas duas substâncias enfim se podessem fundir em uma só substância, êstes dois tipos em um só tipo, teríamos também deparado com o fim ultimo das nossas investigações, e nada mais restava a Z. P. que puxar vistas de cosmorama.

Mas para isto o que era preciso? que houvesse um objeto ao mesmo tempo celeste e infernal, espírito e matéria, bondade e maldade, a quem uns dissessem — *é um anjo!* — e outros com igual verdade — *é um demônio!*

Existe semelhante objecto in *verum natura?* Existe, sim, respeitável, e nem outra cousa tens sempre debaixo dos olhos! Existe — *é a mulher.*

(*Correio Mercantil* de 30 de abril de 1849.)

RESPEITÁVEL. — Com a modéstia de um verdadeiro filósofo, Z. P. acredita piamente que todo êste bom povo fluminense ainda não está em si com a judiciosa solução que êle deu ao seu problema. O certo é que o sujeito das marmotas diz alto e bom som, a quem o quer ouvir, que nem Daniel era capaz de fundamentar assim uma sentença. Mas que lindas marmotas não foram elas?! Quanto ao sexo amável — dêsse então não falemos. Não há em todo êste Brasil súbdita alguma de S. M. I. que não diga lá de si para si: Z. P. tem razão: a melhor de tôdas as cousas é a mulher, — e a melhor de tôdas as mulheres... sou eu! — Ainda bem.

(*Correio Mercantil* de 14 de maio de 1849.)

CORRESPONDÊNCIA*

* Publica-se em seguida, algumas por primeira vez em livro, uma seleção de cartas de Gonçalves Dias.

É desnecessário acentuar o valor dessas letras, pelo seu alto interesse humano, pelo seu cunho documental e qualidade literária. Procurou-se escolher as que mais se destacassem por êsse ou aquêle aspecto, concorrendo para precisar melhor o retrato humano do vate maranhense, suas relações com a família e com os amigos, seus planos de vida, seus negócios e trabalhos, suas idéias literárias e estéticas.

Para um conhecimento maior das interessantíssimas cartas de Gonçalves Dias, deve-se recorrer à coleção de seus manuscritos existentes na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, de acôrdo com o roteiro contido no livro de Nogueira da Silva, *Bibliografia de Gonçalves Dias*. Ver também o livro de Antônio Henriques Leal, *Phantheon Maranhense*, (tomo III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1874), em que o amigo do poeta reproduz numerosos excertos de suas cartas. Por fim, o *Almanaque Brasileiro Garnier* (Rio de Janeiro, Garnier, 1910) estampa diversas cartas do poeta, algumas das quais vão aqui transcritas.

Salvo quando há referência explícita à fonte de onde se faz a reprodução, as cartas aqui insertas pertencem ao acervo da Biblioteca Nacional, cuja direção deu tôdas as facilidades para a sua reprodução.

A ALEXANDRE TEÓFILO DE CARVALHO LEAL

Coimbra, 28 de setembro de 1843.

Teófilo. — Aqui estou, meu amigo, nesta terra maldita e aporrinhada — maldita de quanta poesia há no mundo — e aporrinhada de quantas aporrinhações podem aporrinhar um cristão. — As aulas dizem que abrem no dia 9 e que estão a espera de SS.MM. — ora parece-me que nem aulas sem suas majestades me farão demorar por aqui muito tempo — Venho ver se acabo com o meu saldo — e dentro de 4 — até 5 dias — estarei ou não decidido a continuar por êste ano com os meus estudos — O que me pesa é ser êste o ano de bacharel —; quando não!! — quando não!! — Brevemente estaria eu no Rio Grande — ou no Rio de Janeiro — precoce começaria a minha carreira — mas que muito! haver no mundo mais uma nulidade. — O pesar seria só meu — e mal pecado — para os meus amigos — Mas êste bacharel — é um inferno — Mil vêzes, como Job — eu tenho amaldiçoado o dia em que me meteram para estudos — Um homem — pobre — e desconhecido — assenta-se nas escadas de um palácio — ou no adro de uma igreja, nu e esfarrapado — e ninguém atenta no que ali jaz — talvez alegre — talvez tristonho e pensativo — A mim já isso me não pode acontecer — sem vergonha. Outra vida quase me é absolutamente impossível —: não impunemente nos metemos nesta vida de Literatura — para que me chama — não gênio — que nem um tenho — mas vocação — mas amor — mas consciência —! — Uma carta mal escrita — e ainda mal interpretada — fêz com que me suspendessem as mesadas — é um desgosto passageiro — e para mim fôsse êle real seria de alguns meses — Na tempestade como na calmaria — tenho sempre na cabeça pensamentos — e vozes na maioria para encher um quarto de papel — e dêle só dêle me vem prazer e contentamento. — Não sei se irei passar meu tempo a Braga — os oferecimentos de meu primo foram espontâneos mas frios — Embora — nunca se arrependerá êle de o ter feito porque receberá o cêntuplo — do que me queria dar — Na Figueira tenho guarida certa e gostosa — mas tanto me têm feito que pedir mais seria descaramento — Terras há ainda onde poderia eu ficar — mas para isto seria preciso pedir — Tive um oferecimento generoso e franco do teu primo — É uma trindade obsequiadora e grande — de amigos que tenho e que mal mereço — ou que no meu coração — não sei como a tenha merecido — Tu — Serra — e Pedro — Principiarei um Drama — do meu Herói da Livônia de que já quis fazer um romance — É a mais fresca notícia que por aqui há — Mandar-te-ei

a minha página a que pretendo escrever no album do Moraes. — Adeus teu amigo — G. DIAS.

Lembranças muitas e muitas do Albuquerque —
O Moraes? — O Ayres morreu?

AO MESMO

Coimbra, 7 de outubro de 1843.

Meu amo. — Recebi ontem a tua carta de 4 de outubro: que queres tu que te responda, meu amigo? São favores que se não pagam com palavras — que só a amizade oferece — Obrigadíssimo, Teófilo — obrigadíssimo — Olha — eu podia ter quantos trabalhos podem sobrevir a um homem — podia sofrer quantas dores um homem pode sofrer — e dores e trabalho me achariam quase seguidamente com rosto alegre e com o coração não desalentado. — Porém cartas como as tuas, meu amigo, é que eu não posso ler sem que me venham as lágrimas aos olhos — lágrimas longas e tristes porém que eu dera a minha mão direita para as sentir — Não quisera um dia fazer por ti o que hoje fazes por mim — Não o queria, não — É bastante que um de nós sofra — Por vêzes me vem à cabeça que eu sou bem feliz no meio de tudo quanto me cerca. Poucos homens em iguais circunstâncias — teriam um amigo assim — É ainda uma felicidade — é uma grande felicidade — que poucos homens podem compreender — Teus projetos —! — livre-me Deus de ter uma idéia fixa e determinada — para o futuro... Deus, e só Deus, e apesar de tudo eu quisera que seja como dizes: — quisera de todo o meu coração — porque bem mereces. — Sê feliz — e sempre feliz — porque não encontrarás a cada instante um amigo como tu, e o teu Deus não poderá talvez dar-te mais que uma lágrima — ou um riso — mas lágrimas ou riso — do coração — Sê feliz no teu casamento: — e que nada possa arrefecer êsse amor teu e dela — É uma sorte feliz — e a única que eu invejo a todo o homem — e por falta dela é que me lanço na Literatura — É preciso que eu ame a qualquer cousa — que eu ame sinceramente, apaixonadamente e idealmente — E contudo é duro, e bem duro — amar com tanto amor, e com tanta vida e dizer-nos friamente dentro da nossa consciência — é impossível. — Sentir o amor de uma mulher nos seus olhos — na sua boca — em tudo: — vê-la risonha e alegre porque nos vê sorrindo e gracejando — vê-la porque nos vê sisudos e tristes —, vê-la triste, porque nos escapou um gracejo que parecia dar quebra em nosso amor: — sentir que somos o pensamento de cada dia, de cada instante — suas esperanças as mais lisonjeiras — de hoje saber já que é forçosa a separação — uma separação eterna!! — É mais um pesar de amargura — é mais uma idéia triste que me persegue. — Mas que importa! — a amizade valerá porém meu amor valerá por tudo — Adeus, Teófilo — Muitas lembranças a tua prima — muitos e muitos agradecimentos do teu amigo — do teu irmão do teu e sempre teu — do coração — G. DIAS.

AO MESMO

Caxias, 1 de maio de 1845.

Teófilo. — Não me tens escrito e tens feito mal; sòzinho em terra que, apesar de minha, eu posso chamar estranha, é-me preciso falar, sequer de longe, com alguém que me fale noutra vida, que não esta da realidade e do interêsse, é-me preciso falar com alguém que me entenda, e que me responda, é-me necessário a voz do irmão da minha alma — voz de amor e de esperanças — voz de entusiasmo e de poesia — de um gênio e de uma alma irmã do meu gênio e da minha alma — mas que tem acentos mais fortes que os meus — mas que tem modulações mais doces que a minha — porque a sua vida é serena e doce e tranqüila — enquanto a minha é rude — espinhosa e cheia de martírios, é a vergôntea donde caiu a rosa fragrante e corada. — Fazes mal! — Vês tu, meu Teófilo! A minha imaginação deixou-me — perdeu-se — fugiu. — Para onde?! — para onde foge a doce brisa da manhã — para onde foge o espírito do menino que morre — para onde foge o pensamento do poeta — para o Céu! — E eu, que sou? — Alguém que sofre, e que não pode gemer, e que não tem sequer um recanto onde viva — que nem sequer pode fugir para outros climas — entre gente desconhecida, que em o vendo perguntasse a si mesma: Este quem é, que não chora e parece sofrer tanto? — Triste foi a minha vida de Coímbra — que é triste viver fora da pátria, subir degraus alheios, — e por esmola sentar-se à mesa estranha. Essa mesa era de amos... embora! o pão era alheio — era o pão da piedade — era a sorte do mendigo — Compaixão é um termo de expressão incompreensível — não'a quero. — Mas ser desconhecido — ou mal conhecido, mas sentir dores da alma, mas viver e morrer sem nome, sonhar de tormentos e viver dêles — é mais triste ainda. — Adeus. Aí te envio essa carta. — Se te parecer darás ao Pedro as tuas ordens. — Teu do coração — DIAS.

AO MESMO

Caxias, 31 de agôsto de 1845.

Meu querido mano e amigo do coração. — Recebi a tua carta de 13 — em que acusavas o recebimento de uma minha de 1.º do corrente; — ainda não foi a última; — não sei se te escrevi pelo Correio que lá deve chegar hoje — creio eu — porém é certo que te escrevi — e à teu pai pelo Cirurgião Pinto que daqui partiu e com ela foi a relação dos livros que eu peço bem que seria melhor mandar-te dizer que procurasse a carta que acompanhava o dinheiro que te enviei — porque julgo que escrevi a relação dos livros no Verso da Carta — em todo o caso faz a experiência. — Muito estimei saber que já há em Mm. uma Companhia Italiana — não sou egoísta — meus amigos que desfrutem por êles e por mim; bem verdade é que a Música é tão bem daqueles casos que

Melhor é exp'rimentá-los que julgá-los.

Nem — estou — ao menos por agora — mesmo no centro daqueles que, como diz o Poeta — e como eu digo

Julgo — que não posso experimentá-los —

Meu amigo — Aqui estou como o Gúliwer quando acordou na terra dos Pigmeus; — uma infinidade de fios sutilíssimos me prendem — e eu não os vejo — sinto sòmente — vê que fortes que êles são! empregas tôda a fôrça da tua eloquência tôda a viveza da amizade do sentimento — a música do Bellini — o prestígio de uma ópera — e não corro para me lançar em teus braços, e não respondo à tua carta com a minha presença — Mas tempo virá em que contemos êstes dias de ausência — por horas de prazer e por uma conversação interminável — Não agora. — Que vou lá fazer? — Nada — É o que faço aqui porém aqui ao menos tenho que comer. — Escreve ao Pedro — ou pede a teu pai — que lhe escreva que êle talvez o atenda mais — que mando por alguém. Capitão de Navio, teu conhecido — o meu de Poesias — o Drama — os meus papéis — bem fixados, que se não percam — Em êles chegando — diz: vem — e eu serei contigo — vou ao Rio — represento a *Beatriz* — vendo o *Patkull* — e talvez o corrija para o dar à cena vendo o volume de Poesias — e então com um tal ou qual nome — talvez com fortuna para algum tempo — virei para a terra em que estiveres — porque bem sabes — minha vida está contigo — meu futuro — e família — e sentimentos. Por ventura tenho eu alguém que me compreenda a não ser tu e o Moraes? Ous outros observam apenas a superfície — e dizem: — é um caráter leviano que não sabe sentir! — Muitos me julgam assim — eu o sei — mas que me importa o seu juízo à meu respeito? Talvez que eu mesmo o estime — mas vida é sofrer — é fantasiar dores e sofrimentos — eu bem sinto que isto tem muito de vago — muito de loucura — mas o que é certo é que eu soffro — Queres mais? — Pois que estamos com esta matéria, bem é que eu te revele tudo — Momentos há na minha vida — não digo de melancolia porque raras vêzes a sinto — agora; — mas de desespêro tão sombrio e intenso, em que até a tua amizade se me torna em tormento. É que então eu queria ser só — queria recoser comigo meus pensamentos — saciar-me de sofrer — mas eu só — Por que esta nossa amizade — tão bela — e de que eu tenho orgulho, principiou com sofrimento e queira Deus que não acabe em sofrimento, êsmo eu julgo — por que há horas durante a noite em que eu me julgo bem fraco — Porém o meu proposto — é para viver — Viver! Talvez o não saibas; há vidas ignoradas que passam sôbre a terra com mais coragem do que um guerreiro em dia de batalha — há instantes tenebrosos em que é preciso um grande esforço de virtude para que se não ceda à vertigem — à atração do Suicídio. — Estranhas esta palavra — não é verdade? Nunca ela te veio ao pensamento, porque tens família, tens filhos, e é mister que tu vivas; — também eu tenho Mãe, meu amigo — boa, se as há. — Assim nada receies por mim — e demais não tenho eu visto e ouvido — sorriso e palavras de escárnios para o homem que se mata? — Eis-me agora com vontade de rásgar esta carta, e de te não escrever êste correio — porém irá como a escrevi — darás a loucura o que é da loucura — e não te esquecerás da parte da amizade — Escreve ao Pedro — pede a

teu pai que lhe escreva — instantem. — e manda-me os livros — de que vai a relação. — Adeus. Teu do coração — DIAS.

Faze-me o favor de mandar
entregar essas cartas.

AO MESMO

Rio [de Janeiro], out[ubro] a nov[embro de] 1846.

Teófilo. — Não quero que digas, que perco fàcilmente os bons costumes, e que apenas uma vez me acomodei com a tua vontade. — Queres diários em vez de cartas, — queres a minha vida com todos os seus accidentes, em vez de quatro frases insípidas, que para estranhos serão boas, mas que para amigos não bastam. Tens razão; eu mesmo estimo que assim seja. Se algum dia me acontecer perder a memória, poderei afoitamente ir ter contigo, e dizer-te: “Meu amigo conta-me a minha vida em tal tempo”. Tu sacarás então de um enorme calhamaço e principiarás com ela, levando-a sem lacunas, de cabo a rabo. — Continuarei pois com o meu diário; continuarei com êle, até que me grites lá dêsse recôndito Maranhão: — Basta Jônatas! — Eu ouvirei a tua voz, quebrarei o bico da minha pena epistolar, e de então por diante começarei a encavar a minha vida. Mas não julgues que te escrevo sem prazer; talvez me conheças melhor do que eu mesmo. — Escrevo — talvez —, porque se queres que te diga a verdade, nunca me assentei defronte da minha consciência para a analisar com tôda a pachorra e profundamente de um romancista. É incontestável que hei de ter defeitos! — mas quais? — Eu mesmo não tenho resposta para mim. Creio que os meus defeitos devem ser filhos da indolência e não da educação; como os não posso torcer, deixo-me arrastar por êles, que não estou para viver constrangido. O que eu sou, não o digo; mostro-o imediatamente, e o mostro sem esforço nem arte. É esta a razão por que espero que Deus me conservará os meus amigos até o fim da minha vida. — Como eu ia dizendo, creio que me conheces melhor do que eu mesmo. Saberás pois que eu preciso contar a minha vida; preciso-o, e tanto que me está parecendo que, se eu não tivesse amigos, seria nisto imprudente como em muitas outras coisas. — Escrever-te um diário, meu Teófilo, é ainda viver contigo, e viver contigo é um prazer — mais do que isso — é felicidade bem alta, que eu não mereci a Deus desfrutar. — Escrever-te a minha vida, é também uma necessidade para mim. Neste mar da vida, onde vou boiando às tontas e tão fora do rumo ordinário que outros sugerem, quem me sustente — bem o sabes, é apenas a minha vontade. Eu disse: quero; e tenho querido sempre apesar de ninharias, vexaçõezinhas e mesquinhezias, que há muito teriam subjugado a mais altos do que eu. Para se ter uma vontade destas, é preciso um pouco de orgulho. Careço do orgulho para entrar no círculo em que eu disse que havia de viver e para vencer dificuldades; careço da vontade para não desanimar. Isto que me pode salvar, pode também perder-me, bem o sei; então chamar-se-á a minha vontade obstinação, e ao meu orgulho — presunção e soberba. Seja como fôr, enquanto eu me confessar aos meus amigos, poderão êles responder em mim muitos erros e muitos defeitos; — crime ou vícios — creio que não. Concluirá pois

que as minhas cartas são para mim — um prazer — uma necessidade — e uma fonte de aperfeiçoamento. — Neste instante acabo de rever umas provas dos meus *Primeiros Cantos*, que me mandou Mr. Laemmert; isto quer dizer que lhe estou devendo a módica quantia de 552\$000 — e que continuar-se-á. Continuarei também a escrever-te, já que estou com a mão na massa. — Não posso responder-te a muitas das questões, que me fazes, porque a umas já te respondi por estes últimos vapores, e a outras é impossível responder-te. — Assim é que nenhuma informação te posso dar a respeito das perguntas que eu devia fazer ao Moura, que há bem pouco tempo partiu para a Bahia, como já te mandei dizer. Já saberás também que o Serra, depois da morte do pai, deixou-se de presidência: foi então que o Sá lançou-se a essa tábua de salvação como gato a bofes. Já lá deve estar. — Ao Serra podes escrever diretamente para o Rio — bem que êle não esteja nem em Niterói, nem aqui na Côrte; alcançou 6 meses de licença para se ir tratar, que êle anda realmente doente, e está agora em Angra dos Reis. — Do Albino te escrevi um pouco extensamente na minha carta última; — tem-me obsequiado muito e por teu respeito feito magníficos oferecimentos. — A minha Beatriz teve pena de excomunhão máxima — isto é — está interdita de entrar do Santuário das artes — *scilicet* — no Teatro. O Bivar que fulminou aquela tremenda excomunhão, encarregou-se da oração fúnebre: tem invenção, disposição e estilo, disse êle, mas é *imoral!* — Não lhe posso querer mal por isto. Deu-me a entender bem claramente que a publicasse, o que foi sempre a minha intenção, que é agora mais que nunca. — As minhas relações: É o Odorico Mendes — que é um bom e belo homem ao que parece: o seu fraco é o Antônio Ferreira, — o seu forte o Virgílio. É o Alves Branco — homem respeitável que faz versos, mas que os recata, dizem-me, com mêdo do ridículo. — Parece-me um pouco como aquêlê velho duque, protetor do Chatterton. No meu tempo, dizia o tal duque, também fiz versos galantes às damas; e asseguro-vos, meu caro, que não havia aí Swift nem [...] que me chegasse aos calcanhares! — É o Desembargador [...] que depois de lhe eu ter papagueado 2 horas *sôbre tudo e tudo mais*, com aquela verbosidade que me vem às vêzes — disse-me amigável e protetoramente: Meu caro, você merece de ser conversado. A minha casa é rua tal n.º tantos. — Agradei; a mulher dêste cujo é aqui conhecida com o epíteto de — Estrêla do Norte; é filha do Pará. — São os nossos patrícios do Maranhão — Esertom e Faria — casados aqui — Altino, com que me dou muito, Carneiro — Conceição — donas que vocês nos mandaram há pouco — Laemmert, Livreiro — o Cel. Salvador que havias de conhecer em Lisboa, que me relacionou com a alta aristocracia do Pôrto e de Braga; e por fim muita rapaziada — e muitos outros. Passo as manhãs na Biblioteca — as noites em casa com o alemão; de dia faço ou recebo algumas visitas de cerimônia, e quando estou aborrecido — vou passar a *soirée* com alguma família ou ao teatro. Hás de saber que temos duas companhias italianas e uma francesa; há três récitas por semana, segue-se que a semana vem a ser muito pequena para os divertimentos que há — só no teatro. Não falando em bailes particulares — bailes de associações (há 2) bailes campestres — coisa excelente — bailes mascarados — tivoliz — oragos — fogos de vista — e festas

d'igreja e festas nacionais e o diabo. — Agora hás de me dar licença para ir saber notícias da minha *Leonor de Mendonça*; são 4 horas da tarde, e ela está em uma casa de cascos de rôlha, em uma rua que muita razão se chama Matacavalos — Vê lá o que não será da gente! — São 11 horas da noite; chego neste instante do teatro, onde fui ver a — *Lucrécia Bórgia* — escolhida para o debute da nova companhia Italiana. A récita estêve bela — tem excelentes atrises — Saberás que eu almoço nesta abençoada terra ao meio-dia — janto às 5 horas da tarde. Hoje às 4 horas fui ter com o Secretário do Conservatório Dramático — (não fui ontem por causa de visitas) Disse-me o Secretário que o parecer do próprio membro tinha-me sido lisonjeiro ou coisa que o valha — e que o Sr. Bivar, Digníssimo Presidente, querendo como eu supunha, desfazer um pouco a impressão desagradável que me deixara a reprovação da minha — doce Beatriz — tinha-a mandado a um segundo; para que me sobrasse elogios; e para que me sobrasse elogios; e para que, tendo sido a 1.^a reprovada *cum laude*, não fôsse a 2.^a (feita em 15 dias — o menos má) aprovada sem extraordinário louvor. Vim jantar e para festejar a nova de tão feliz sucesso, resolvi beber ao jantar uma garrafa de Bordéus, o que foi dito e feito. — Fui ao teatro, e encontrei lá o Carneiro, que tem aqui na Côrte um tio de suposição. Meu Dias, disse-me êle, falei no meu Velho sôbre as suas pretensões — pu-lo nos cornos da lua quando a *lingüística* (*id est* — filologia) e o Velho disse-me que se fôsse cousa possível, estava S. M. servido — Bravo, lhe tornei eu, em saindo daqui vamos empinar duas garrafas de cerveja, porque não é de uso terem mancebos duas boas notícias num dia. Acabou-se o teatro e, por cúmulo de felicidade, o Albino pagou a cerveja. Se hoje corresse a loteria, tirava os 20 contos; como não correu, vou-me deitar, que estou hoje vendo o mundo de azul e d'ouro. Vou sonhar com os meus olhos.

Seus olhos tão meigos, tão belos, tão puros,
 Assim é que são
 Eu amo êsses olhos, que falam de amôres...
 Ti- ri- ti- ti-
 Ti- ri- ti- ti- tão!

Que falam de amôres com tanta paixão.

Je m'en vais [...] *by cause* que esta maldita cerveja minha feito *montari al regno della Luna, Adiós Caballero*: (queria acabar esta despedida em latim de alemão [...] ao Pindo para te dar as boas noites.) O Deus Morfeu te exprima sôbre as cansadas pálpebras o sumo das boas dormideiras o sonolento e to arroje no leito nupcial, mande os sonhos velarem à tua cabeceira na hora tão meiga em que a juvenil Aurora abre as portas da manhã à luz de Apolo com os dedos de nácar — de rubim — de fogo — que parecem besuntados [...] cosmético precioso em [...] lá nas partes do oriente. — Nada há de novo; vamos pois ao Velho. O passado é uma mina inesgotável; — não há af mineiro capaz de acabar com ela. — Estive no sábado em um baile mascarado no Tivoli, — fui verdadeiramente estudante, fiz o diabo. A rapaziada minha conhecida deu-me ([...] e discrepante) fora de *jeune homme du bon ton*, e patente de gracioso perfeito. São os meus triunfos! Creio que também

vão fazendo de mim — poeta — de lá vai mote. — Uma moçoila, que eu não conheço, mas que dizem-me que não é má, quis roer-me a [...] e namorar à minha custa. [...] — Uma noite (aqui há tempos) estando eu em uma *soirée* uma outra esperta como um diabo, e endiabrada, se as há, veio ter comigo — sorrindo-se, requebrando-se e seduzindo-me com palavras, com os gestos, com os olhos, e com os modos. — Senti o fluido elétrico decorrer-me pela medula da coluna vertebral (que entre parêntesis não se tem medula; mas como é osso há de ter gordura).

— Senhor Dias (disse-me ela) estou muito mal com o Sr.!

— Santo Breve da marca! (lhe tornei eu) por que estupenda infelicidade incorri eu no desagrado de S. Ex.^a?

— Pois o Sr. faz versos, e... e... e... nem dizia nada!

— É porque provavelmente tenho para mim, que os meus versos não merecem a pena de se falar nêles — a homens, quanto mais a senhoras.

— Oh! — exclamou ela — não é isso o que me disseram?

— Oh! oh!... — exclamei eu, mentiram-lhe, minha senhora.

— Mentiram-me!

— Perdão — lhe tornei eu vivamente: Como vos havia eu dizer?

— Enganaram-vos? Mas quem vos poderia enganar... tão viva — tão esperta!...

— Bem, bem: então faz versos ou não faz?

— Ainda que eu os não fizesse, — lhe respondi lentamente, — bastava que eu ouvisse essa voz — ou que eu sentisse a luz de olhos tão belos cair tão meigamente sôbre o meu rosto, não digo para os fazer, mas para os adivinhar, se alguém antes de mim os não tivesse adivinhado.

— Oh! isso é lisonja!..

— Por minha alma, bradei com entusiasmo;... Perdoai-me: ia dizer uma grosseria!

— Dizei sempre.

— Mandais?

— Por que não? Estou certa que o Sr. F. não diz grosserias.

— Não sei como lhe chame; julgai vós mesma, Senhora. Dizia eu que se por qualquer modo acontecesse que montásseis num burro, o pobre animal, de soberbo com carga tão formosa, sentiria tal choque que havia de desandar em fazer versos, como um desalmado que êle é.

— Não monto em burros! — e dizendo isto, agastada com uma abelha revoando sôbre uma flor de que a enxotaram, fêz com aqueles *biquinhos*, que as mulheres deixaram de fazer depois da morte de Esmeralda.

— Perdão, minha Senhora. O maldito burro subiu-me à cabeça com tanta violência que me fêz perder o tino. Cair dum burro diante de senhora! Santo Deus!

A deusa riu-se e recomeçou:

— Então faz-me uns versos?

— Conforme!

— Conforme?!

— Sim, se V. Ex.^a me disser quem foi que lhe disse que os fazia...

— O Sr. não a conhece.

— Bravo! então é mulher!

— É, mas o Sr. não a conhece.
 — Já a vi?
 — Não sei; creio que não.
 — E ela já me viu?
 — Não sei; creio que sim.
 — V. Ex.^a crê?...
 — Sim — sim. Disse-me que era um Dr. pequeno que vinha à minha casa.

“Pequeno!” — pensei comigo. — “Por que se não há de lembrar esta canalha que as coisas pequenas servem para rôlha?” — A Minha *Bete* respondeu-me então: “Por que, pedaço d’asno? — É porque as cousas pequenas servirão para rôlha, como dizes, porém jamais para botoques”.

— Justo! justo! clamei eu.

— Justo, o quê? perguntou-me a Dona.

Que lhe havia eu dizer? — Nada; foi o que fiz. Em vez de responder, perguntei:

— Enfim, é ela nova ou velha — bela ou feia — esperta ou?...

— É nova, bela, interessante e amiga de versos! —

— Bravos! E dos poetas?

— Também.

— E de mim?

— Conforme — disse-me ela sorrindo.

“Diabo! pensei eu; eis outra vez a maldita questão de rôlha e de botoque”.

Ela continuou:

— Se os versos forem bons...

E largou no chão um papel — papelinho — ou papelucho e foi-se; dizia o papel:

Não posso dizer que sim,
 Não posso dizer que não.

Eu podia fazer uma glosa ou volta, ou o que me parecesse; preferi a volta para que o tal diabrete incógnito — ou sílfide — não andasse namorando à minha custa. Foi esta:

Senhora, pois que podeis
 Dizer que não ou que sim,
 A ambos não magoeis
 Dizei: sim, mas não a êle
 Dizei: não; mas não a mim!

O *Mediador plástico* visível — recebeu o papelinho e tornou com a resposta.

— Está’ boa; mas não serve.

— Há outra, disse eu:

Senhora, que amor é êsse,
 Ou que nova sem razão,
 Que se eu vos pergunto: sim?
 Respondeis-me sempre: não

vão fazendo de mim — poeta — de lá vai mote. — Uma moçoila, que eu não conheço, mas que dizem-me que não é má, quis roer-me a [...] e namorar à minha custa. [...] — Uma noite (aqui há tempos) estando eu em uma *soirée* uma outra esperta como um diabo, e endiabrada, se as há, veio ter comigo — sorrindo-se, requebrando-se e seduzindo-me com palavras, com os gestos, com os olhos, e com os modos. — Senti o fluido elétrico decorrer-me pela medula da coluna vertebral (que entre parêntesis não se tem medula; mas como é osso há de ter gordura).

— Senhor Dias (disse-me ela) estou muito mal com o Sr.!

— Santo Breve da marca! (lhe tornei eu) por que estupenda infelicidade incorri eu no desagrado de S. Ex.^a?

— Pois o Sr. faz versos, e... e... e... nem dizia nada!

— É porque provavelmente tenho para mim, que os meus versos não merecem a pena de se falar nêles — a homens, quanto mais a senhoras.

— Oh! — exclamou ela — não é isso o que me disseram?

— Oh! oh!... — exclamei eu, mentiram-lhe, minha senhora.

— Mentiram-me!

— Perdão — lhe tornei eu vivamente: Como vos havia eu dizer?

— Enganaram-vos? Mas quem vos poderia enganar... tão viva — tão esperta!...

— Bem, bem: então faz versos ou não faz?

— Ainda que eu os não fizesse, — lhe respondi lentamente, — bastava que eu ouvisse essa voz — ou que eu sentisse a luz de olhos tão belos cair tão meigamente sôbre o meu rosto, não digo para os fazer, mas para os adivinhar, se alguém antes de mim os não tivesse adivinhado.

— Oh! isso é lisonja!..

— Por minha alma, bradei com entusiasmo;... Perdoai-me: ia dizer uma grosseria!

— Dizei sempre.

— Mandais?

— Por que não? Estou certa que o Sr. F. não diz grosserias.

— Não sei como lhe chame; julgai vós mesma, Senhora. Dizia eu que se por qualquer modo acontecesse que montásseis num burro, o pobre animal, de soberbo com carga tão formosa, sentiria tal choque que havia de desandar em fazer versos, como um desalmado que êle é.

— Não monto em burros! — e dizendo isto, agastada com uma abelha revoando sôbre uma flor de que a enxotaram, fêz um daqueles *biquinhos*, que as mulheres deixaram de fazer depois da morte de Esmeralda.

— Perdão, minha Senhora. O maldito burro subiu-me à cabeça com tanta violência que me fêz perder o tino. Cair dum burro diante de senhora! Santo Deus!

A deusa riu-se e recomeçou:

— Então faz-me uns versos?

— Conforme!

— Conforme?!

— Sim, se V. Ex.^a me disser quem foi que lhe disse que os fazia...

— O Sr. não a conhece.

— Bravo! então é mulher!

— É, mas o Sr. não a conhece.
 — Já a vi?
 — Não sei; creio que não.
 — E ela já me viu?
 — Não sei; creio que sim.
 — V. Ex.^a crê?...
 — Sim — sim. Disse-me que era um Dr. pequeno que vinha à minha casa.

“Pequeno!” — pensei comigo. — “Por que se não há de lembrar esta canalha que as coisas pequenas servem para rôlha?” — A Minha *Bete* respondeu-me então: “Por que, pedaço d’asno? — É porque as cousas pequenas servirão para rôlha, como dizes, porém jamais para botoques”.

— Justo! justo! clamei eu.
 — Justo, o quê? perguntou-me a Dona.
 Que lhe havia eu dizer? — Nada; foi o que fiz. Em vez de responder, perguntei:

— Enfim, é ela nova ou velha — bela ou feia — esperta ou?...
 — É nova, bela, interessante e amiga de versos! —
 — Bravos! E dos poetas?
 — Também.
 — E de mim?
 — Conforme — disse-me ela sorrindo.

“Diabo! pensei eu; eis outra vez a maldita questão de rôlha e de botoque”.

Ela continuou:

— Se os versos forem bons...
 E largou no chão um papel — papelinho — ou papelucho e foi-se; dizia o papel:

Não posso dizer que sim,
 Não posso dizer que não.

Eu podia fazer uma glosa ou volta, ou o que me parecesse; preferi a volta para que o tal diabrete incógnito — ou sílfide — não andasse namorando à minha custa. Foi esta:

Senhora, pois que podeis
 Dizer que não ou que sim,
 A ambos não magoeis
 Dizei: sim, mas não a êle
 Dizei: não; mas não a mim!

O *Mediador plástico* visível — recebeu o papelinho e tornou com a resposta.

— Está boa; mas não serve.
 — Há outra, disse eu:

Senhora, que amor é êsse,
 Ou que nova sem razão,
 Que se eu vos pergunto: sim?
 Respondeis-me sempre: não

E acabava assim:

Já não sei que bem vos queira
Nem que mais querer vos possa
Sêde antes vossa que dêle,
Sêde antes minha que vossa.

O mediador plástico feminino foi e veio:

— Está melhor, mais ainda não serve!

Bref. — fiz duas décimas! as primeiras! Que a tudo tu ó puro amor, obrigas. Não vão as décimas que era estopada. Tenho pois um comêço de *bonne fortune*. — Não te admires: as minhas *bonnes fortunes* não passam do comêço — Santo Deus! Que mina tão abundante fui eu escavar? Seis fôlhas de papel é o dôbro das cartas que nos escrevemos! Terás tu coragem para ires adiante? — Terás!... É o mesmo; quando receberes cartas pequenas, dá graças a Deus, de não serem todos como eu! Realmente sou terrível! *on n'est plus plus*. — Ponho a pena sôbre o papel e ela corre com tanto desembaraço que a não posso catrafilhar senão no fim de alguma página. Basta por hoje. — Tratemos de negócios. — Dizes-me que tens quase perdidas as esperanças, e que se nada alcançares — de que te possa chegar pelos 2 primeiros vapores, que lá chegassem, dos quais creio que é êste o último, desistirias de tôdas as tuas pretensões, e até pedirias que não mais se tratasse delas. Então creio que, em mal, se realizarão os teus receios. Quem aqui está somos eu e o Albino, êste que nada pode e eu que nada sou — ao menos por enquanto; mas quando mesmo algum dia chegar a ser alguma cousa, tem certo que não terei importância nenhuma política. Poderei fazer alguma coisa por tabela, mas por mim!... só se eu der em gazeteiro. Um sujeito de alguma representação, a quem em meu nome falaram sôbre o meu negócio, disse — quando lhe *exaltaram* a minha tal ou qual capacidade: — É o que êle tem contra si! — A mesma razão (e com mais razão) se pode aplicar a ti. Estimarei que se efetue o arranjo do Morais, e que te fique essa ajuda de custo de 1.200\$000; porém a falar a verdade, não podes ter mais ferro, do que eu tenho de receios de te ver um dia embrulhado em alguma intriga política, que te roube as simpatias, que já tens em boa quantidade. — Mas quem pode contar com simpatias? São coisas que ganhamos sem saber como e que perdemos sem as ter desmerecido. Por tudo e por tôda a parte pululam invejosos. Muitos em Maranhão hão de invejar a tua reputação: eu queria ver-te na Europa, bem longe do Maranhão, onde hoje deixarás saudade, e amanhã terás inimigos; — e inimigos tanto mais encarniçados que nunca lhes haverás dado motivos de descontentamento. Não os tenho eu? E que diabo de mal tenho eu feito, senão a mim mesmo? Não penso nêles, mas êles não deixam de pensar em mim. Vê o que não será contigo! — Não os conheces?! — Embora! Não lhes tens feito mal?! — pior ainda! — Não lhes quererá ou não serás capaz de lhes fazer mal?! — cinqüenta mil vêzes pior. — Meu Teófilo, tomo por divisa êste lema: Espera e trabalha; eu que nada tenho que esperar, adotei êste em alemão: — *Bete und arbeite* — que quer dizer: ora e trabalha. Trabalha, porque o trabalho é além da necessidade, um passatempo; espera, espera sempre, porque a esperança é o que alimenta a

vida. Que é do homem sem esperança? Quando eu assentar firmemente comigo, que esta vida não deve ser tôda desperdiçada em loucura, irei para Caxias, consolar os últimos dias da minha pobre Mãe, visto que longe dela não a poderei socorrer. Irei para lá, e depois... Deus decidirá de mim como lhe aprouver. — Quanto à minha poesia que há pouco tempo te mandei, mandas-me dizer que há 2 versos fracos: — errados eram êles — um dêles era êste (o antepenúltimo)

Harpa de São prêsa aos salgueiros.

Quando recebi a tua carta, já êles estavam impressos: foi Deus ser o revisor um literato para me notar o êrro, que do contrário sairia com êle. — Tenho outra também já feita aqui, que podia estar pior, mas que não está má — não ta mando — nem te digo sôbre o que versa para te surpreender, a ti e a mais alguém. Quanto ao pedido que me fazes de fazer eu uma poesia sôbre os Andradas; — tem sua dificuldade: para ser impressa neste volume é já impossível, porque ficaria inteiramente deslocada na parte da impressão com que estamos: outra dificuldade é que o de que eu menos sei é da nossa Independência — e dela o menos sei a vida dos Andradas. Ser-me-á preciso ler a história do Brasil neste ponto — consultar documentos e o diabo; quando eu acabar com isto, já se achará à venda o meu volume de Poesias. Coisas destas devem ser perfeitas — ou então nada se há de dizer; porque rebaixar assuntos dêstes, que são verdadeiramente nacionais, é descrédito para um poeta. Em Maranhão já — não sei quem — me falara nisso. — A minha *Leonor de Mendonça* ainda não veio: estou à espera dela para rematar esta carta. Se ela fôr aprovada como eu espero, tratarei de tirar imediatamente uma cópia para ta mandar pelo Altino, que está aqui agarrado como carrapato a couro de boi.

4 de novembro

O vapor parte impreterivelmente amanhã, como díz a *Gazeta*; e é já tempo de acabar com esta maçada. Estava a espera que me fôsse entregue a minha *Leonor de Mendonça* para dar-te as últimas notícias a respeito: ainda não veio e não sei quando virá. Do que houver darei parte. — Nada tem ocorrido de novo a não ser que ontem passei a noite com a Casta Diva que me pediu por 2.^a via a glosa ao mote que aqui vai nesta carta. Êste *passei a noite supra* é um pouco equívoco; saberás porém que eu estou homem sério aqui há coisa de 3 dias — e que abomino os equívocos como que dão lugar a perigosas ilações. As *voltas* produziram efeito; se assim fôr, será bem de pasmar, que os piores versos que até hoje tenho feito, sejam os que primeiro me rendam alguma coisa. Não falo naquela célebre "Lira de Lisboa", nem em outra célebre *quadra*, feita à mãe de Henrique (o Fibra têsá) que lhe rendeu um *ganço* e licença para ir ao teatro. Isto aconteceu no Pôrto em janeiro do ano do nascimento de 1845 — (Gosto da exatidão mesmo fora da Matemática) Passemos. Tenho achado na Biblioteca documentos preciosos para o meu novo trabalho: agora o que me falta é o mais difícil no romance — e a exatidão topográfica — Infor-

ma-te a respeito. Diz a D. Mariquinhas que ainda me não esqueci dela, que lhe não escrevo para não desmerecer o conceito de gracioso. Realmente é bem gracioso ser eu gracioso: quem souber da minha vida e do meu gênio terá isso como coisa impossível, ou pasmará da coragem ou da leviandade que me é precisa para gracejar de mim ou comigo. Contudo creio que sou pouco leviano com o que diz respeito a outros — por exemplo fizeste mal em ler a minha carta aos *meus olhos* se é que nela alguma coisa lhe dizia respeito: não o sei. É certo porém que isso foi uma brincadeira de que eu me arrependi um quarto de hora depois de a ter feito. Que eu a não esqueça — pouco importa! — porém convém que ela se persuada que aquilo foi realmente uma brincadeira — e nada mais. Para que ela se persuada disto, é melhor nada dizer-lhe, ainda mesmo quando eu disser alguma coisa. Os poetas, diz o De Vigny, são todos uns egoístas; são por certo: — egoístas nas suas dores, ou orgulhosos, que pensam que todos que têm uma alma boa e compassiva se interessam por eles, e que têm a inocência ou fatuidade de se imporem sacrifícios ignorados, que ninguém lhes levará em conta. — Paciência! — contudo é sempre certo (ao menos para mim) que se eu soubesse que uma mulher se interessaria por mim a ponto de se esquecer de si, seria todo o meu trabalho convencê-la do axioma ou paradoxo (como quiserem) de De Vigny. Toleima! Estou eu com a minha maré de dizer asneiras! Que sou eu? — Que serei eu? Que vida é a minha para que as mulheres se interessem por mim? Ah! pensar nisso é ridículo.

Ardam teus dias como o feno, — ou durem
 Como o fogo de tocha resinosa.
 Não cesse o teu cantar, ó triste Bardo!

Assim é: a poesia não é a tradução da linguagem dos astros na placidez da noite — nem do vento gemendo nos leques da palmeira — nem da fonte sussurrando na solidão das matas: a poesia é dor, é sofrimento, é o espinho da vida a entranhar-se pelo coração que nos arranca um grito — a que se chama — ode ou poema. Quem sofre pode não ser poeta; mas o poeta duvido que não sofra. — Adeus — estou hoje tolo, maníaco e mazombo — Lembranças a todos — Muitos beijos no Ricardinho — de novo Adeus. — Teu do coração. — G. DIAS.

AO MESMO

[Rio de Janeiro, 4 de abril de 1850.]

Mano e amigo do coração. — Recebi a carta em que deploras a crítica literária do nosso Maranhão, em que o Henrique do seu moto próprio elevado a categoria de Aristarco empunha a férula do mestre de escola, revelando altos segredos do advérbio e conjunção. Que lhe havemos nós de fazer? Não saber que ao passo que o Garrett e Alexandre Herculano apontam para o Brasil como para a terra da promessa, aquela que há de guardar o depósito das glórias e tradições portuguesas, a canalha literária de Portugal principia a morder-nos porque prometemos alguma

coisa mais do que êles fizeram no espaço dos 6 melhores séculos da história moderna, e mesmo da antiga, para a história, literatura, ciências, artes, descobertas e invenções? Persuadem-se estôlidamente que alguma espécie de rivalidade é possível de existir entre uma literatura que acabou e outra que agora começa, entre uma glória que desponta e outra que já teve o caso, entre um povo que foi e outro que começa a ser. Deixá-los: não de por fim convencerem-se que a coisa que mais podemos dispensar é a colonização portuguesa em literatura: basta o tristíssimo papel que fazem tais literaturas para que êles próprios se desconheçam para com os seus malungos. O Colin que lhe responda com duas palavras do tal artigo: Ah bacamarte do meu sertão!... com êste tem respondido cabalmente, em vez de provar a êsse casmurro que — faceira — com quanto se não possa rimar com — tripeiro, é talvez mais portuguesa e com certeza mais expressiva que o termo catita que do colégio das meninas passou aos salões e aos romances. — Vamos ao que mais importa. — As febres amarelas tem rapado por aqui uns 6.000 galegos, e benditas sejam elas, se não é pecado folgarmos com os males, eu ia dizer — do próximo, mas arrependi-me em tempo. Também me chegaram cá por casa e deixou-me em petição de miséria, fraco de corpo e de pensamento a ponto que depois de 15 dias de convalescença ainda me não foi possível escrever duas linhas com jeito, ou dar dois passos sem cambalear. A minha saúde já bastante arruinada piorou consideravelmente e não tenho ânimo, não me acho com vontade para coisa alguma: uma displicência, um quebranto geral, um fastio de tudo que me cerca, dentro e fora da Câmara, eis o que sou na atualidade. O meu Poema está *in statu quo*: o meu volume de poesias *idem* — apenas aumentado com uma poesia à morte do príncipe, e com uma — “Tempestade” — que será a última: começa com versos de 3 sílabas — vai a 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12 depois desce na mesma ordem para que faça bom tempo para copiar-ta, quando não, terás santa paciência só pelo próximo vapor. O meu *Boabdil* está bem remendado, podia ir para a Imprensa, mas a isto opõem-se duas grandes dificuldades: os dramas pouco rendem, e eu teria de perder com a impressão a não querer dá-la para o Arquivo, como fiz com a *Leonor de Mendonça*, mas verdadeiramente depois daquela primeira e grande verdade é que não tenho nem tempo nem cabeça para escrever o prólogo, que imagino melhor que o do meu primeiro drama. O trabalho que me deu o Imperador está também na massa dos possíveis: poucos estudos tenho feito sobre a Austrália, e parece-me que o mais cordato é ir de passeio ao Pará e estudar mais de perto os nossos indígenas lucrando ao mesmo tempo ocasião de completar os outros meus trabalhos na tua companhia, ou nesses poucos meses de folga, que pretendo ter muito breve; se Deus quiser. Não vou já porque os meus negócios no ano de 1849 que Deus tenha e nos não mande outro como êle, foram de mal a pior: a Senhora Bahia — a ladra da mulata velha (ainda lhe não tinha descoberto esta prenda) ficou-se-me com uns 600\$000 dos *P. e S. Cantos*, que me abarrotaram: perdi 200\$ com a revolução de Pernambuco, falta-me só ver quanto me fica no Rio Grande com a festa do sinhô Xico, — oficialmente o Barão do Jacuí. — Já que tocamos nesta personagem, falemos um pouco de política, aqui para nós porque para o público nem pio por agora ainda que sou tido

e havido o mais gratuitamente que é possível (por falta de provas, já se vê) por um luzião dos 4 costados. — Voltando ao Rio Grande. O Governo tem feito um papelão ridículo: de duas uma, ou aprova ou desaprova o Chico Pedro; se aprova, confesse-o, declare guerra ao Rosas, apoie ao distinto Brasileiro em cujas veias ainda correm algumas gotas de sangue com que se lavrou o manifesto da nossa Independência: se o reprova, diga-o da mesma forma, e neste caso ou tem meios de chamar o Chico Pedro a obediência e deve empregá-los, como os empregou para vencer as eleições; ou não os tem e então diga-o e declare a sua fraqueza o que pode fazer com dignidade chamando o Rosas e defender-se e o defendê-lo. — Mas o governo o que faz neste estado de coisas, que é indecoroso para uma nação que se diz constituída, independente e soberana? Não se sabe o que êle quer; por que se quer paz por que nomeia presidente da Província um inimigo pessoal do Rosas? E se quer guerra, por que enfraquecer a autoridade dividindo-a, separando as atribuições do Presidente da Província das do Comandante das armas, atribuições que estão sempre reunidas nas províncias limítrofes? E sobretudo por que demite um oficial de patente superior substituindo-o por uma toga, se antevê a guerra? Pergunta-se ainda uma vez: o que quer o governo? aprova ou desaprova os movimentos do Barão do Jacuí? Quer, em suma, paz ou guerra com a República Oriental: nem o sabemos, nem êle o sabe. — Ainda mais. O governo é impopular; se não declara guerra, se hostiliza o Jacuí, mais impopular se torna; incorre na indignação do país, e arrasta-lo-á a sua total ruína. Se declara guerra, não tem soldados, o Norte está exaurido: a peste dizimou a Bahia, a guerra a Pernambuco, o litoral do Pará vai-se tornando deserto por causa das febres, e o recrutamento no interior é impossível. Hão de faltar-lhe os recursos pecuniários por que estamos em vésperas de vencimento da nossa grande dívida — e de honra — a da nossa independência, a agricultura vegeta depois da abolição do tráfico sem que se houvesse tomado providências para alimentá-lo, o comércio está paralizado, as rendas míngam e as despesas crescem. Em resumo: o governo não conta com o povo, o povo não conta com o governo; de tantas vergonhas qual será o paradeiro? — Continuemos. Podia o Brasil declarar guerra ao General Rosas? Podia, sem milhares de motivos legítimos desde 1828, desde que a Província Cisplatina deixou de fazer parte do Brasil. — Mas convinha isso? A questão não é de conveniência, mas de necessidade. Livre dos negócios do Prata, o Rosas não sabendo o que faça dos seus soldados há de trazê-los ao Rio Grande, porque acostumados a uma vida de rapina e devastação não poderão ser contidos fora dos arraiais. São vítimas ou heróis: vem morrer aqui ou dilatar o âmbito da sua republiqueta ou antes o patrimônio do ditador Rosas. Ora convém esperarmos que êle se desembarace para o atacarmos? Convém isso quando a agressão é justa, ou pelo menos se pode razoavelmente sustentar? Não. Mas o governo, colocado nas circunstâncias em que está, deveria fazê-lo? Sim, porque já a questão não é de partidos, mas de nacionalidade. Demitam-se, declarando guerra. — Suponhamos que se não demitem nem declaram guerra, é preciso chamar o Jacuí a obediência. Ora o Jacuí é homem de se bater ao mesmo tempo com o Rosas e com o Império: Tem caráter e não recua. Se o governo o declara

rebelde, se se não aproveita desta circunstância para quebrar essa espécie de simpatia e fraternidade que há entre os rio-grandenses e republicanos do Prata por meio da guerra e represálias que os separará para sempre; ou antes se as tropas do govêrno se encontram com as do Jacuí, que as tem evitado até agora, temos a guerra civil em vez da guerra externa. Nas melhores condições imagináveis poderia o ministério sustentar-se mas o Rio Grande êsse fica perdido para o Império — digo — Império porque considero a possibilidade de que o Brasil poderá continuar a subsistir com outra denominação que não a de Império. — Agora suponhamos que a declaração de guerra não evitaria a rebelião do Rio Grande; ainda assim o govêrno lucraria em sofrer uma perda mas com honra e depois de uma luta. — Já agora qualquer que seja o resultado dessas disposições, o que é pelo menos certo é que o seu comêço não foi e não tem deixado de ser até agora sem muito [...] para o Brasil. — Longas e tristes são estas considerações e eu farei muito bem de voltar-me para outro assunto.

4 de abril — 50.

Deixei esta carta neste ponto no dia 2 de abril e vejo-me agora obrigado a concluí-la às carreiras. — Dizem que o colera está na Bahia, de modo que estamos bem arranjados; as febres amarelas atacando os fortes, o cólera aos fracos não teremos esperanças de escapar a ambas: contudo a notícia ainda se não acha bem verificada. — Estou horivelmente zangado com o *Guanabara*, e como não estou para maçadas, provavelmente dou conta da mão no fim do semestre. Adeus. Muitas lembranças a tôdas da tua boa família e escreve ao — Teu do coração — GONÇALVES DIAS.

A D. LOURENÇA FERREIRA DO VALE,
MÃE DE ANA AMÉLIA *

[São Luís do Maranhão, 1851.]

Estou por momentos à espera do vapor em que hei de partir para o Ceará: por êste motivo, e porque a minha demora já tem sido bastante longa, não posso ir à Alcântara pedir as suas ordens nem para falar-lhe de um negócio, que me interessa, e sôbre o qual me permitirá de a ocupar por alguns momentos. Parecer-lhe-ei importuno e impertinente; por isso também para escrever-lhe esta preciso de recordar-me da bondade suma com que me tem sempre tratado. — Para lhe falar sem rodeios, a que estou pouco acostumado, eis o de que se trata: peço-lhe D. ... em casamento. Fazendo-lhe semelhante pedido, quero e é do meu dever ser franco. Não tenho nem a ambição de figurar na política de meu país, nem o amor de fazer fortuna, e quando se desse o contrário faltar-me-ia ainda a habilidade, o jeito para alcançar ambas ou qualquer dessas cousas. Assim, parece-me que nem chegarei a ter mais do que hoje tenho, sendo difícil que venha a ter menos, nem valerei mais do que hoje valho, que é bem pouco. Não desconheço

* In *Pantheon Maranhense*, pp. 355-356.

que outros, e decerto melhores partidos se oferecerão para sua filha: a única compensação, que lhe posso oferecer, mas que não sei se a julgará suficiente — é que me parece ter conhecido quanto ela por suas qualidades se recomenda, e querer lisonjear-me de que a trataria quanto melhor pudesse, se bem que não quanto ela merece. Rogo-lhe pois que não veja neste meu pedido atrevimento da minha parte, porém o desejo grande que tenho de me ver ligado com uma família a quem por tantos motivos respeito e sou obrigado e a uma pessoa, a quem desejaria ter por companheira. — Sendo afirmativa a sua resposta voltarei do Rio, tanto assegurado dalguma forma um futuro, e o farei o mais breve que puder para aceitar o seu favor e beijar-lhe as mãos. — No caso contrário posso afirmar-lhe que, acostumado de há muito a sofrer reveses na vida, não será este dos menores. Procurarei persuadir-me que algum motivo mais forte que a sua natural bondade terá obstado ao seu consentimento, e consolar-me-ei com a lembrança de que me esforcei por alcançar a mão de sua filha, se não fui digno de a merecer. — Creia, etc. — A. GONÇALVES DIAS.

A JOSÉ JOAQUIM FERREIRA VALE *

[São Luís do Maranhão, 1851.]

Pedi D. . . . a tua mãe; mas antes de tudo convém dar-te uma explicação. Não te quero envolver neste negócio, porque sei que é de si melindroso: não te queria falar dêle senão quando estivesse concluído o desfeito. Então era um dever, um dever de amizade para contigo, um dever de cortesia para com o irmão daquela a quem pretendo. Não queria ter de me queixar de ti, o que é de uma eventualidade tão remota, que apenas é possível, nem também que agradecer-te para que no futuro nem ela, nem pessoa alguma da tua família pudesse queixar-se de ti. — Sou fatalista no que diz respeito à minha vida, e resolveu-se-me sempre a fatalidade em fazer por fim o que não quisera; por isso te escrevo, pedindo-te ao mesmo tempo que não tomes neste negócio senão a parte que tomarias sem que antecedesse perdido algum meu, ou como se te fôsse eu inteiramente indiferente. — Sabes que não tenho fortuna, e que longe de ser nobre de sangue azul, nem ao menos sou filho legítimo; falo-te assim, porque ainda quando eu por natureza houvesse sido e fôsse um homem dobre, é esta uma das ocasiões em que a honra, o pundonor, a própria dignidade requeriam tôda a franqueza da minha parte. Não tenho fortuna, e segundo tôdas as probabilidades não a terei nunca; porque para isso, como para mil outras cousas, não tenho nem jeito, nem paciência, nem cabeça. Não tenho ambição de posições vantajosas, talvez mesmo não tivesse possibilidade para as obter; mas quando as tivesse, não imagino que possa haver interêsse nem meu nem de família minha, que me extraviem do trilho, a que eu talvez erradamente, chamo o meu — destino. É possível que mude de

* In *Pantheon Maranhense*, pp. 356-357.

pensar, porém tratamos da atualidade. — Assim, pois, o que te proponho será, se o quiseres, não um casamento, mas um sacrifício. A que se quiser ligar com a minha sorte, terá de se contentar com o que sou, que é bem pouco, com o que valho, que é pouco menos, com o que posso vir a ser ou a valer, que ainda menos pode ser do que isso, ou pode vir a ser mais do que me é dado imaginar. — É preciso que ela se aventure: terá uma vida de rosas ou de espinhos — viverá para o mundo ou para o sofrimento. A incerteza poderá ser um incentivo para que ela o aceite, um motivo para que tua família o rejeite, eu por franqueza o digo. — Estas e outras reflexões tu as farás contigo, tu as dirás, se o quiseres. O que te posso asseverar é que em falta de abundância, de luxo ou de riqueza, que lhe não posso dar, terá tua irmã um coração que a ama, e um homem que a estima, e que a estima tanto que a pede com a quase certeza de que vai sofrer uma repulsa. — O que espero, meu caro, é que tua mãe me responda brevemente, o que te peço, é que mostres esta carta a D. . . ., no caso de que tua mãe se resolva afirmativamente para que ela saiba que não a enganei, e do nenhum partido que fai fazer em entregar-me todo o seu futuro. Sendo negativa, sentirei e muito, não por orgulho ofendido, senão porque ela o desejava de veras. Não me queixarei nem terei motivos para isso. Conheço que sem má vontade, e só por estas razões poderia qualquer pessoa aceitar ou rejeitar sem vexame a minha proposta, e ainda sem desar para mim. Bem podes crer, não haverá forças que me façam esquecer que sou teu amigo, do . . . e da família dé ambos. — Farei votos pela felicidade de todos, e para que em outra parte e com outra pessoa possa tua irmã achar a ventura que lhe desejo e de que é merecedora por todos os títulos. — Crê-me — Teu do c. — A. GONÇALVES DIAS.

A ALEXANDRE TEÓFILO DE CARVALHO LEAL

Recife, 6 de fevereiro de 1852.

Amigo Teófilo. — Acostumado de há longa data aos desenganos e sofrimentos, já era tempo para mim de ser menos criança e mais sofredor. Demais chamava eu a êsse casamento, se se chegasse a realizar, um casamento razoável! Amava, mas não pensei que amava tanto. Acontecia comigo como com quem carrega algum pêso e conhece que tem força para muito mais. Amava, mas podia amar mais e muito mais; amava, porém minha alma, adormecida com a esperança que interiormente me sorria, não estava tôda ocupada; amava, mas o amor que eu tinha para o amor que eu adivinhava, que me conhecia capaz de sentir, era o espaço em relação à imensidade, o tempo em relação ao infinito. — Ainda me lembra, e como não seria assim? ainda me lembra o lugar, o momento, as circunstâncias em que recebi aquela fatal carta. Estava eu no correio com o major López: deram-me as cartas que eu lá tinha e me esperavam em Pernambuco. Abri-as tôdas sem as ler, para ver de quem eram; e entre tôdas feriram-me as quatro linhas de D. . . . de que eu só pude ler a assinatura, como se uma luz demasia-

damente forte me ofendesse os olhos. Vim para casa; e o major López, tendo de visitar uma pessoa no hotel em que estou, me acompanhava. Que momentos aquêles! que ansiedade! qu eturbilhão de idéias, contrárias, confusas, baralhadas, me acudiam ao pensamento, enquanto parecia faltarme a terra, o ar, a vida! — Tôdas as idéias e cismas que durante o espaço de quase um ano me tinham aparecido, embalado ou entristecido, risonhas como a ventura que me esperava, ou tristes como o desespero; essas fantasias de todos os tempos e de tôdas as horas que atrás e dentro de mim me acompanharam pelo norte do Brasil, do Amazonas até Pernambuco, no mar e nos rios, nas florestas do teu Mearim e nas serras do Maranguape; todo êsse firmamento de amor, de dúvida, de incertezas, de estrêlas e de trevas desdobrou-se de novo para minha alma! Tinha essa carta contra o peito, ou a apertava contra mim; ela queimava-me, e eu pude conter-me, porque essa prolongação de martírios se me assemelhava a um prazer. Ali tinha o meu futuro, as minhas esperanças, a minha condenação, ou o prêmio que Deus quisesse dar-me de uma juventude trabalhada e infeliz, e de uma vida sem merecimento talvez, mas não sem lágrimas nem sem coragem. — Então realmente começaria a vida para mim; e um momento, um sôpro de felicidade celeste me teria feito esquecer todos os meus pezares e ainda aquêles a que tu não tens recusado lágrimas! — Retirei-me a meu quarto. Como o sentenciado que procura espaçar a leitura de sua sentença; ou porque me adivinhasse o coração, ou porque o receio me tirasse a coragem, despi-me lentamente, li primeiro tôdas as mais cartas e ainda hesitei chegando àquela. — Li-a enfim! tornei a lê-la quatro e mil vêzes, e daquela leitura só me ficou a idéia da repulsa, a consciência de quanto eu a amava pelo que sofria, da grandeza da perda pelo sentimento dela. Lágrimas e soluços me revelaram tôda a intensidade do meu amor e de minha infelicidade; tive de conter os meus soluços, de abafar a minha dor para que mos não conhecessem. Estava fora de mim, chorava e delirava e repetia comigo palavras incoerentes, absurdas, expressões amargas ou carinhosas de quanto eu sentia, como se dessa forma pudesse adquirir a mentida seguridade com que vivera e revocara a imagem de meus sonhos, colocá-la de novo, como dantes, em frente da minha alma para que continuasse a presidir a todos os atos da minha vida íntima, à elaboração de todos os meus projetos, a tôdas as criações de uma glória, se tal nome lhe cabe, solitária e estéril! . . . — Por felicidade não compreendeu D. F. . . nem saberá nunca com quanto extremo era amada: os acentos da paixão que ela me inspirou, mas que não ouviu nunca, ficarão comigo e eu não os terei de repetir a mulher alguma. — Escrevo a D. F. . . que se resigne, que me esqueça: no entanto não suspeita ela do que vai dentro de mim, e reputando-me orgulhoso, acreditará que a recusa dos pais deixou-me mais irritado que sentido, e que a não amo a ponto de romper com todos por causa dela. Ficará mal comigo, ter-me-á em péssimo conceito, e se assim fôr, tranqüilo de que a minha memória não perturbará mais a felicidade da sua vida, tirarei algum contentamento do único sacrifício que nisto faço e quase superior às minhas fôrças — deixá-la persuadida que a requestei por passatempo, e talvez para sua completa tranqüilidade não pare só aqui o sacrifício, leve-o mais adiante! — Teu do Coração. — G. DIAS.

AO MESMO

Rio [de Janeiro], 10 de julho de 1853.

Amigo Teófilo. — Nas minhas horas de tristeza, e de pesar, que as tenho, e muito, sinto de te não ver ao meu lado; deixo-me vencer do desânimo, e na idade que é para os outros a fôrça da vida, a morte se me antolha às vêzes como uma grande, imensa felicidade. — Admiras-te? Que lhe hei de eu fazer se é culpa da minha organização? Com ela está-me parecendo que ainda no céu teria motivos para me reputar infeliz. — Estou cansado, meu Teófilo, declino e creio que bem rapidamente. Nada tenho feito a não ser a conclusão da Memória do Instituto depois que cheguei ao Rio, para nada tenho gôsto, nem mesmo para fazer uma viagem à Europa, porque tenho mêdo de deixar minha mulher em terra estranha e longe dos seus. — Sinto-me de dia a dia mais fraco, mais abatido, mais incapaz de estudos sérios, de trabalhos aturados... — Fantasiei-me muitas vêzes um morrer solitário, mas plácido, e tranqüilo, sem lágrimas, sem gritos, sem companhia também. Figurava-me no meu quarto de estudo com os meus autores ao lado donde pudesse ver o sol no seu ocaso, e a natureza e o céu que me sorrissem pela última vez, ao correr da viração da tarde, e sentindo a exalação da terra, o sussurro do mar, o perfume das flôres. Que me fôsse dado dizer um adeus a tudo isto na melhor de tôdas as minhas composições, que te chegasse orvalhada com as lágrimas da saudade, e depois, quando das mãos frouxas me caísse a lira, continuar ainda num fantasiar vago, ouvindo os sons mais fracos, sentindo mais tênues os perfumes, como quem adormece ao som de música que se afasta, e no meio de sombras vaporosas de imagens radiantes, de uma harmonia longínqua, e desfalece pouco a pouco até que no último raio que desferisse o sol, fugisse minha alma para os pés de Deus. — Hás de agora ver que não môro assim, ou de uma apoplexia no meio da rua, mas tomando caldos à fôrça, coberto de sinapismos dos pés à cabeça, cercado de remédios como uma farmácia em dia de balanço, com cara de chôro, com as lágrimas do estilo e uma vela de cera amarela na mão. — Teu do Coração — G. DIAS.

AO MESMO

Rio [de Janeiro], 19 de maio de 1854.

Amigo Teófilo. — Vou para a Europa e parto no próximo paquete, qualquer que êle seja, exceto talvez se for da linha Southampton: tenciono visitar Inglaterra e França, Bélgica, Holanda, Áustria e Prússia, Itália e Espanha, e algum tempo me demoro na volta, se voltar, em Portugal, onde agora na minha ida talvez fique um mês ou dois, três quando muito. — Estou muito doente, meu Teófilo; às vêzes me passa pela cabeça a fantasia do que posso fazer, e do que projeto fazer na Europa; mas, refletindo melhor, vejo que me é preciso ir dando de mão a

esses pensamentos. Nada farei talvez! Não importa isso, que só lastimarei o que tenho publicado, senão tinha de ver concluído o que eu meditava. Sinto-me fraco, abatido, sem energia, sem fôrça, e bem cansado já. — Minha mulher vai doente, e bastante; os médicos proíbem-lhe entrar em carro. — Um outro em quem eu e ela mais confiança temos, me disse que ela estava com tubérculos, e grávida. Grávida, creio que não; mas se estiver, teria ela êsses meses de Oratório, se a bondade de Deus não tivesse tornado mais suportável semelhante moléstia, iludindo a imaginação do enfêrmo. Em todo o caso está mal. — Quem te disser que estas moléstias não são contagiosas, mente. Sabes se sou bem constituído; já passei dos 30 anos, que é a idade crítica para essas enfermidades; a minha estatura mesmo é das que menos se prestam ao contágio, pois há bastante tempo soffro do peito, comecei a soffrer logo depois de casado, e sòmente apelo para a mudança de clima. — Meu sogro me tem iludido de um modo um pouco bárbaro, e um pouco estúpidamente também. Perguntei-lhe se minha mulher soffria do peito; disse-me que não, reiterou-me esta asserção por diferentes vêzes e sem que eu lh'o tivesse perguntado. No entanto o remédio que hoje lhe vou procurar na Europa, podia-o ter ido buscar mais cedo, e em tempo de, porventura, lhe poder aproveitar. E tanta confiança tinha nêle, e lhe mostrava que êle não devera abusar da minha boa fé: Dias antes, eu lhe tinha pedido com instância que me deixasse levar para Europa, uma filha mais nova que êle tem, de seis anos de idade, para fazer educar lá! E depois de tudo, em atenção à minha mulher, contra a minha vontade, contra os meus projetos, só para os ver satisfeitos, instei com êle como não faria com o meu próprio pai, e consegui à fôrça de rogos e esforços que êle me acompanhasse com a sua família para Portugal ou Itália, fazendo-lhe eu tôdas as despesas de estada, enquanto lá nos demorássemos. — Quero acreditar que quando êle me encobriu o estado da filha, nada sabia; porque o cegava o amor de pai, e o desejo que êle pudesse ter de que ela vivesse; mas porque nenhuma só palavra tem soltado depois que o seu colega a examinou e conferenciou com êle? Queres saber por quê? — Receou o bom do homem que eu não me separasse da convivência da filha, como a prudência me aconselharia; no entanto, sei, há bastantes dias do seu estado, — há bastantes meses; — há três ao menos que o desconfio; e vivo com ela sem resguardo algum, durmo na mesma cama, e nenhuma só palavra tenho dito que lhe possa dar a suspeitar alguma coisa, do que ela, a pobre môça, não tem culpa. Mas se não me importa morrer, é coisa que em supremo grau me irrita e indigna nas pessoas que comigo vivem, que em vez de atribuírem o meu procedimento para com elas a alguma bondade da minha parte, julgam que o conseguem, e que unicamente o devem — a artimanhas, a sagacidades ridículas, a espertezas de pobríssimos espíritos; — teias de aranha que eu romperia com um sôpro, se eu não estivesse tão aborrecido de tudo e de todos êles. Nem isso vale a pena. — Deixa-me escrever-te tudo, — e conversar largamente contigo, porque me transborda o coração. — Às vêzes, quando eu era ainda solteiro, sentia um sentimento de profunda tristeza, quando me via só; e considerava que estava a chegar ao meio-dia da vida — aos 30 anos — e que morreria talvez sem que tivesse uma mão amiga que me

cerrasse os olhos. Tu estavas longe de mim. — No Paraíso, em um baile campestre, vi essa môça. Pálida, desfalecida, arrastando-se a custo, sem quase animação, quase sem vida, contrastava com o arruído, com a alegria do baile. Sou triste nessas reuniões: ao vê-la passar senti por ela uma piedade; uma comiseração inexprimíveis: murmurei, sem o querer, irrefletidamente, espontâneamente o *Pallida mortis imago* de Horácio; e essas palavras não me puderam mais sair da lembrança em tôda essa noite, e vi-a muitas vêbes, porque ela procurava avistar-se comigo, que a não conhecia. — Últimamente me tenho recordado dessas palavras, como de um pressentimento. E não creiam nêles? — Queres saber mais? — No dia em que me casei, pouco antes de sair de casa do Segundino, onde eu morava, inquieto por falta de um colête do casamento que me tardava de casa do alfaiate, nada podia fazer com o desassossêgo de espírito de quem vai dar um passo tão arriscado, e passeava na minha saleta, até eu, enfim, deparei com um volume de Ducis e Chenier, da edição panteônica, de que em Pernambuco me tinha feito presente o nosso comprovinciano Marques Rodrigues. Quis ler para distrair-me, e por casualidade abri-o, e foi logo em uns versos feitos a la Pallière em que eu nunca dantes tinha reparado. Vê se nesse acaso, em que me parece descobrir hoje uma revelação, não há alguma coisa lá de cima. Dizem assim:

*Ah! lorsqu'un jeune couple à l'autel se présente
Brillant d'attraits, d'amour, et d'espoir, et de fleurs
Et que l'amour sacré d'un noeud qui les enchante
Va serrer les deux coeurs;
Pallière, a cet objet (car ce sort flut le nôtre)
Malgré moi je soupire, et je me dis tout bas:
Qui des deux doit survivre, et vêtir avant l'autre
Le liceul du trépas?*

Hoje, relendo êsses versos, acho que Ducis fêz bem em acrescentar-lhes:

*Oui, le triste avenir, si Dieu le cache au monde
C'est par pitié pour nous.
C'est de lui que nos biens et que nos maux nous viennent
Se desseins sont couverts d'une profonde nuit.*

E por fim remata:

*Tout finit ici bas, et tout s'immortalise
Au delà du tombeau!*

Ter-me-ia encontrado mais vêzes com ela; mas não reparei nisso. Enfim, apresentaram-ma em um baile. Natureza delicada, constituição frágil, eminentemente nervosa, excessivamente impressionável, — romântica, com a leitura de poesias e romances, — com as contemplações de uma vida quase solitária, com o excessivo abuso do chá, persuadia-se de boa fé que era um infortúnio vivo, o resumo de tôdas as dores da humanidade; nem que ela adivinhasse que para com ela o sentimento da comiseração era o que convinha fortalecer em minha alma. — Othelo diz de sua mulher, — que ela o amara a êle pelas suas desgraças;

e êle a ela porque dêle se apiedava. — Creio que entre nós se trocaram as partes. — Compadeci-me: todos os esforços que era possível fazer para me agradar, ela os fêz: tôdas as considerações, tôdas as atenções, condescendências e extremos, eu os tive. — Ia para o Norte, e não me tinha despedido dela; o vapor voltou depois de ter largado, e foi preciso isso para que eu lhe fôsse dizer adeus. Fui para o Norte, e tive cartas dela; não lhe respondi, e ela, constante, em escrever-me: voltando, não a visitei, e ela continuou na sua porfia. Acreditarias que era amor? — ou não queria a pobre provinciana se não escrever às suas amigas: “Casei-me com um poeta”, como isso fôsse alguma coisa. — Outras razões, tu a sabes, me aconselharam que casasse: de mais, — era môça de educação, podíamos ser amigos; todos me falavam bem do pai, e eu acreditei que poderíamos ser amigos também. Casei-me resolvido a fazer, no que eu pudesse, a felicidade de minha mulher; — a sacrificar-lhe tudo, até os meus projetos, as minhas aspirações a um nome nas letras, só para vê-la satisfeita; até a minha vida, enfim, se ela não pudesse ser feliz comigo. — Disse-lhe isso, meu Teófilo; e seja-me Deus testemunha em como estava bem decidido a cumprir a minha promessa. — Para viver bem, tudo quanto um homem prudente pode nestes casos prover eu o executei: revelei-me a ela tal qual eu me conhecia: exagerei-lhe os meus defeitos, para que ela os não estranhasse; dei-lhe todos os dados para viver bem comigo, para conseguir tudo de mim, — e era isso bem fácil, quando eu nada lhe queria negar, e nem quero ainda. — Então por vontade, hoje um pouco por aborrecimento. — Sobretudo, disse-lhe eu, preciso de franqueza: aborreço o disfarce e o fingimento: em querendo alguma coisa diga: “Eu quero” — basta-me isso: nada lhe negarei, absolutamente nada. — Preciso também que você suponha bem de mim; porque sabendo que é êsse o conceito que você de mim faz, não quereei desmerecer. — Preciso enfim de tôda a sua confiança em tudo e por tudo: nunca abusei da confiança de ninguém (ao menos não me recordo disso) não abusarei também da sua. — Que fêz ela? — Principiou por me supor interesseiro. Julgou que alguma coisa que ela pudesse ter poderia influir na minha resolução; aumentou o número dos escravos do pai, ocultou-me a existência de um outro irmão, além da irmã: e, note, nunca lhe havia perguntado pelos seus teres, — não quis ouvir ao pai quando êle me começou a falar nisso, — e não sei o que dêle recebi, a não ser o enxoval da filha. Já não era supor bem de mim; não gostei, mas desculpei-a, atribuindo a desejo de me ver seu marido. — Falo-te em bagatelas, porque são elas o que constituem a vida doméstica; e nisso se revela melhor o caráter. — Em agôsto do ano em que me casei, falava-lhe eu com pesar de já nos não podermos casar no dia dos meus anos. Perguntei-lhe, pois, quando fazia anos, a ver se seria possível então. Disse-me já os ter feito, quando ela nasceu em outubro, e lembrou-me o dia dos anos do pai — a 26 de setembro! Se queria casar-se mais cedo, não bastava dizê-lo? Não o tomaria eu como uma demonstração de amor? Era, pois, um hábito, que lhe não pude tirar de querer conseguir as coisas, não francamente, mas por meio de finuras e espertezas. — Depois de casada, alterou-se-lhe o gênio, se é que já não era o começo da moléstia, que se vai manifestando agora. Julgou-me por si, entendeu que os

meus conselhos eram artifícios, que lhe pedia confiança por astúcia; — que a queria fazer tôla, quando ela campava de esperta. — Calo-te as ninherias, — um formigueiro de coisinhas, não tem outro nome, que me tem atormentado mais do que uma qualidade má, um vício, um defeito, grande, enorme, mas que fôsse um, e franco. Quando se sabe onde alguém tem chaga, não se lhe toca, e não há queixa; mas quando todo o corpo dói, todo o contato ofende. — Minha mulher crê no fundo da alma, com a melhor boa fé do mundo, que não tem defeitos. É êsse o pior de todos os defeitos, diz Byron: eu vou além, — êsse é o pai e a mãe de todos êles. Em tese, ela poderá admitir que não há ninguém que não os tenha; mas particulariza, especifica-os a respeito dela, — desaparecem todos! — não digo bem, convertem-se em outras tantas virtudes; por exemplo, a teima chama-se caráter, — a vaidade e o orgulho e um pouco de soberbia, isso é dignidade, — o ânimo suspeitoso e desconfiado é penetração — e a irreflexão e desafôro nas palavras é franqueza! — Trato só do que foi grande infelicidade para ambos. — A minha vida tem sido em casa, — e em casa mesmo é no meu quarto com os meus livros. Minha mulher começou a suspeitar de tudo, a ter ciúmes tolos e ridículos de tôdas as escravas estuporadas de seu pai, quando de fato nem o meu procedimento, nem os meus modos em casa a autorizavam a isso. Aborreço a espionagem e a desconfiança; disse-lho sério, e contudo dei-lhe um ano para que visse, espreitasse e examinasse, e espiasse à sua vontade; mas que, findo êle, acabasse também; porque nem eu sabia viver com ciúmes, nem queria aprender como passa a vida fora de casa. Assim passei um ano, tão longo e cheio de tormentos como os não tenho tido em minha vida, nem Deus mo dê mais. Dia ou noite, em cada ato meu, em qualquer teia de aranha que o vento desarranjava descobria minha mulher uma traição. — Disse-lhe que governasse a sua casa como entendesse; despedisse a quem lhe desagradasse, chamasse para servir a quem lhe conviesse; que a isso eu nada tinha que dizer. Sòmente lhe pus uma condição: — fizesse tudo isso, mas sem me tocar em ninguém com um dedo que fôsse por minha causa; porque isso — e só isso — lhe não tolerava. — Passei êsse ano no meio de uma desconfiança eterna; via a cada hora minha mulher a interromper-me nos meus trabalhos espiando-me (ao menos nunca pude supor outra coisa) a pretexto de me render serviços, sempre cheia de suspeitas, e revelando-as nos modos, no olhar, nos gestos e em tudo, — em casa, e fora, diante de Deus e de todos; e além de tudo, contrariando o meu teor de vida, o meu modo de pensar de que não é decente nem de boa educação ocupar a atenção de estranhos com desgostos particulares, e contando, supponho, com a minha discricção — dava a entender, e dá ainda, ao primeiro que a quer ouvir, — homem ou mulher — onde quer que seja — as suas infelicidades, devidas só a ser ela o modelo das casadas, e eu o pior dos homens. A isso chama ela franqueza! Suportei-o; mas a bem custo. Em todo êsse tempo nada pude escrever de imaginação, — estudar muito pouco, — porque a mim, que sempre antes disso tinha achado uma distração no estudo, um esquecimento de tudo quanto me incomodava, aconteceu-me um sem-número de vêzes estar olhando estupidamente para o papel ou livro, sem me ocorrer idéia alguma, sem

compreender o que lia. — Alguma coisa me desagrada: concentro, rumino essa idéia, fica-me uma impressão desagradável por muito tempo; antes que isso passasse vinha logo um novo objeto de quizília, que eu curtia silenciosamente. É misericórdia uma boa punhalada, logo de uma vez, profunda, direita ao coração, em vez de martírio de uma carta de alfinêtes, que se sentem por todo o corpo, constantemente, ainda que arranham só, sem fazer sangue. — Queres saber? Suspeita que os seus incômodos — sou eu que lhos comunico, — que a envenenam, e eu tolero e encubro o crime, — que a quero levar para a Europa para a maltratar por lá! Enfim, como seu pai me deu razão uma vez (tratava-se de uns pós de dentes, que ela chamava veneno) disse: — que eu tinha ganhado fama... querendo sem dúvida acrescentar que era para cometer depois tôda a casta de malvadeza. — Que farias tu? — Alguns motivos de queixa me parece que tenho de meu sogro: graves ou fúteis, — pouco importa isso, quando não há necessidade de que uma pessoa viva constringida; mas minha mulher, se eu lhos dissesse, entenderia que era isso por vontade de contradizê-la e de afligi-la. — Por fim deixei-me vencer pelo tédio e aborrecimento de tudo quanto me cercava. Esperava sòmente, e esperava como uma grande felicidade, o momento em que os médicos me dissessem: você não pode mais viver! — Então estava resolvido; metia-me eu só no vapor, ia para o Maranhão, rever o rio Mearim, e acabar ao menos entre amigos, sem maldizer a ninguém. — Isso, porém, demorou-se muito, — demorar-se-ia ainda muito mais; porque nem o bem, nem o mal, nem a morte vem quando a gente os deseja. — Vamos à Europa, pensei eu: ali talvez possa fazer alguma coisa, — conseguirei talvez que minha mulher aprenda a viver comigo, quando estiver fora dos seus! Para não lhe tornar muito sensível a separação, pretendia, como pretendo, levar-lhe a irmã que ela criou. Não satisfiz isso. Além disso percebi então a sua suspeita de que eu a queria levar para a Europa com a intenção de a maltratar por lá! Instei e muito, com meu sogro, para que êle nos acompanhasse. Meu sogro também não pode ir só: tem em sua companhia, ou antes na nossa, uma rapariga que passa por sua afilhada. Vexo-me de que minha mulher a acompanhe na rua; minha mulher é filha de seu pai, que para ela é tudo, — entende, e entende muito bem, que pai na vida é um, e marido vem um atrás do outro: não o quer desagradar, embora descontente e me escandalize a mim. — Como meu sogro não pode ir sem essa rapariga, — vá a rapariga também! Não o consentiria, se achasse mais condescendência em minha mulher; ou antes não o permitiria, se eu a não considerasse hoje como uma mulher com quem posso ter relações, mas que no fundo da alma deixou de pertencer-me. — Assim, pois, não posso viver com ela sem torcê-la: seria coisa fácil, trabalho de um mês quando muito; mas não o quero nem posso, porque para isso seria preciso empregar meios que repugnam ao meu gênio e a minha educação; porque ela está doente; porque, enfim, não vale isso a pena. Se eu não a ofendendo, nada lhe recusando, não a desejando senão ver satisfeita, — não tendo pedido senão que abandonasse o seu piano (o que de nada serviu) ainda assim acha ela motivos, para, indiretamente, a todos os momentos, na presença de quem quer que seja, e onde estiver, equiparar-me aos que ela reputa maus ou contrapor-me aos que ela

julga bons, vê o que seria se eu mudasse de teor para com ela! — Não vale isso a pena. — O pai prometeu ir ter a Lisboa comigo; espero-o dois ou três meses, — por mais tempo não posso. Em êle lá chegando entrego-lhe a filha, dou-lhes quanto puder, — digo-lhes adeus, — e parto. Terei diante de mim dois ou três anos; preciso dêles — posso fazer alguma coisa, posso morrer também: mas ao menos terei a consolação de os não ter separado nunca, — e morrerei como devera ter vivido, — solitário, e por ventura tranqüilo. No fim dêsse tempo voltarão, mas sem mim: sejam felizes, — não lhes desejo mal. — Se êle não fôr, o que farei é levá-la para França ou Itália: hei de envidar todos os esforços e esmerar-me por tratá-la bem; empregarei todos os sacrifícios, todos os meios para vê-la boa. Conseguindo isto, voltará ela sem mim ou eu estarei louco. Restituo a filha a seu pai só com a diferença que a recebo doente e entregar-lhe-ei com saúde. Não quero a infelicidade de ninguém: seja feliz; e a nossa sociedade, como está, só oferece um meio de se romper o casamento sem escândalo. — Não deveria escrever esta carta; mas parte disso que aí vai escrito, disse-o há dois dias ao Segundino e D. Vitória, não o quero esconder de ti; depois, com a certeza de que sabes, quanto soffro, talvez me venha o ânimo de continuar a sofrer ainda mais. — Ainda te escreverei talvez antes da minha partida; no entanto aceita um abraço de coração e muitas saudades do sempre e cada vez mais. — Teu mano e amigo do coração — A. GONÇALVES DIAS.

À ESPÔSA

[Lisboa, 12 de maio de 1855.]

Olímpia. — Parte hoje o *Isabel* para Ruão. Não sei que dias êle terá de demora; não sei se V. poderá vir nêle. Se fôsse possível seria bom. Concebo que seu pai, visto ter ido à França, se queira demorar mais tempo, e tem razão; porque eu faria o mesmo. Mas para V. — mesmo vindo só, é tão cômoda ou parece-me que deverá ser a viagem, que julgo não a deve fazer só no caso de que seu pai mostre alguma dificuldade em a deixar vir sem êle. Assim não teria V. incômodos de procurar casa; porque, segundo me disse a proprietária, essa em que está acha-se alugada para o princípio de junho. Quando seu pai quisesse vir tomava qualquer outro vapor — o de Inglaterra, p.^o exemplo — viagem que V. se arrependeria de fazer; e tanto o penso, que para V. a não fazer, estimaria mais, ou antes sentiria menos que se demorasse mais um ou dois meses, à espera do de Nantes, ou que o *Isabel* faça nova viagem. — Mas já lhe digo — faça V. o que entender, resolva como lhe parecer melhor. — Como porém é bom prevenir, no caso de vir V. só tome o dinheiro que lhe fôr preciso para a passagem, e alg.^{as} libras mais de precaução; e o resto dê a seu pai; e cá tomaremos medidas para que êle não sofra faltas. — Agora, se seu pai quiser vir sem ver Paris, se a quiser acompanhar por formalidade; se não julgar como estou persuadido que êle ficando só, passa melhor, e vê mais de Paris em oito dias do que em dois meses com fam.^a — não careço de lhe dizer que a deixo inteiramente livre de fazer o que lhe parecer melhor. — Abra as cartas que me chegarem do Brasil — mas ainda que se demore, não é preciso mandá-las. Digo que as abra,

para que quando vier não haja na alfândega algum embarço. Quero ver se mando por êste paquete ao Odorico algumas notícias das ocorrências da terra; mas faltam-me ainda algumas informações que só posso ter amanhã. — Escrevo a seu pai, que já deverá estar em Paris, quando V. receber esta; mas não lhe falo na sua viagem, porque não sei o q.[ue] V. resolverá. Se sim, pode mostrar-lhe esta carta. Adeus, mil beijos à nossa filhinha, etc.

À MESMA

Paris, 15 de outubro de 1856.

Olímpia. — Muito tenho para lhe escrever minha Olympia, e mais depois da perda que ambos acabamos de sofrer; nisso acharia eu uma triste consolação, que debalde se procura entre pessoas indiferentes. — Depois de tantos cuidados, quando tinha tôdas as esperanças de que a nossa pobre filha vingaria, quando tôdas as cartas que recebia mais me confirmavam nessas esperanças, — de repente, sem o esperar, sem o poder supor, recebo essa triste notícia. — A sua dor é justa, Olympia; mas receio que seja demais. Não andamos neste mundo senão para que se faça a vontade de Deus. Êle nos tinha dado uma filha, e tornou a tomá-la para si. E quantos e quantas morrem sem terem provado êsse amor de pai e mãe? O que ninguém nos pode tirar é a lembrança de que a possuímos, — é a consolação de que temos um anjo no céu, que vela e roga por nós. Pois quando nos chegar a nossa hora, teremos uma prisão de menos, — e a alma se nos soltará do corpo com mais facilidade, com a esperança de a vermos entre os escolhidos do Senhor. Chegue essa hora quando Deus a mandar, — mas não nos precipitemos para ela, esquecidos de outros deveres, que ainda nos prendem à terra. — Confor-mo-me com a vontade de Deus. Sei que há dores que só o tempo gasta, quando as não cure; mas desejaria e peço a Deus que lhe lembre que V. além de ter sido mãe também é filha. Seu pai me escreveu de modo que me inspira receios por V. e por êle; lembre-se dêle e tenha coragem para viver. — Tive filha para os cuidados que me deu enquanto foi viva, para a chorar depois de morta. Essas mil meiguices e gentilezas da infância, não lhas desfrutei eu, senão pouco, bem pouco tempo. Se a amava, V. o sabe; se eu lh'a pudesse restituir a trôco da minha vida, a trôco de braços e pernas, de modo que ficasse reduzido a um cepo bruto e inerte, é o que penso algumas vêzes quando no meio de trabalhos ou de estudos para que não tenho já cabeça ou de indiferentes e estranhos me surpreendo com os olhos arrasados de lágrimas, e caio em mim de que o que foi já não tem remédio. Mas por isso mesmo me lembro de seu pai e por experiência conheço quanto custa esta inversão na ordem da natureza, que nos obriga a chorar a morte de uma filha. — Não lhe escrevi de Lisboa, Olympia, porque parti atabalhoadamente. Foi no momt.º de partir que recebi cartas do Rio. Não sei que pressentimento tive que não pude acabar comigo de as abrir em terra; embarquei daí a uma hora e foi a bordo que as li. Isto é, a sua carta não tive ainda coragem para a ler: esperarei outras notícias suas, e anciosamtº. as espero. — Escreva-me para Londres. — Tenha coragem e adeus. Aceite muitas saudades do S. do C. — GONÇALVES DIAS.

AO DR. PEDRO NUNES LEAL *

[...] — Tratando de Odorico, abri aos ventos tôdas as velas do meu barco, considerando o mérito daquele muito ilustre maranhense: lembrame que elogiei muito e muito a pureza do seu português, confessando que de quantos hoje vivemos, não sei de nenhum, nem em Portugal nem no Brasil, que o escreva melhor. — Lembrou-me nessa mesma ocasião o que por lá e por cá se diz de como menosprezamos a boa linguagem. — Elogiei o Odorico por ser abundante, conciso, enérgico; mas também não concordo com os daquela opinião, tomada em absoluto, por me parecer, que vai nisso excesso de lusitanismo. O Lisboa mesmo não o diz; se acaso repreende êsses descuidos nossos, censura em Portugal, e com muitíssima razão, a idolatria viciosa da frase, fotografando em duas palavras o caráter literário do cego Castilho. Quase que bastaria dizer simplesmente Castilho, porque dos outros é que se poderia dizer com o Evangelho: *Oculos habent et non videbunt*. — Se admitíssemos aquela censura, sem nenhuma atenuação, não resultaria daí grande mal, visto que entre nós se abusa da facilidade, quase vulgar, de se escrever com certo jeito e graça artiguinhos e correspondências de jornal. Mas para os que não fazem parte do vulgacho literário, para aquêles aos quais se pode falar tôda a verdade sem temor de que venham a abusar dela, a questão tem outra face. Pergunta-se “os 8 ou 9 milhões de brasileiros terão o direito de aumentar e enriquecer a língua portuguesa e de acomodá-la às suas necessidades como os 4 milhões de habitantes, que povoam Portugal? Pois se queremos introduzir qualquer indústria no Brasil, havemos de esperar que daqui nos batizem as mil idéias que ela suscita?” — A pergunta já em si envolve a resposta; mas porque lhe podem dar mais latitude que a justa, lá vai a minha profissão de fé. — O conhecimento da própria língua é sem dúvida de uma grande vantagem; escrevê-la bem, qualquer que ela seja, só é dado aos grandes engenheiros. — Convençam-se pois aquêles, que aspiram a immortalidade das letras, que não há obra alguma, que se recomende à imaginação sem o estilo. — E isso assim foi, e é, e há de ser por séculos de séculos, porque a língua é a parte material, mas indispensável das concepções do espírito. E assim como o operário não fará nem uma obra perfeita se não tem os seus instrumentos, ou se mal sabe manejar os que possui, o escritor não atingirá nunca o belo da forma se se não tiver preparado de antemão com o estudo e com o exercício do mais rebelde, do mais intratável de todos os instrumentos — a língua. — Instrumento, a arte, o engenho, eis as três condições essenciais: mas ao passo que o

* A presente carta, primitivamente publicada no *Jornal do Comércio*, (Rio de Janeiro, 24 de março de 1907), foi transcrita na *Revista da Academia Brasileira de Letras* (Rio de Janeiro, vol. 38, n.º 121, pp. 104-111, janeiro 1932.) de onde é reproduzida.

Quando foi publicada pela primeira vez, ia acompanhada da seguinte nota: “N. da R. — Esta carta, cujo original nos foi cedido por um maranhense aqui residente, parece incompleta, devendo faltar a primeira ou as primeiras páginas. Sabe-se entretanto que fôra dirigida ao Dr. Pedro Nunes Leal, provavelmente no ano de 1857.”

engenho vem de Deus — o instrumento e a arte, isto é, o estudo da língua e o estilo, aquêle mais ou menos completo, êste mais ou menos aprazível e formoso, está ao alcance de qualquer de nós. — Longe de me opor a semelhante estudo, sou de opinião que se atenda mais e que os literatos se dediquem mais profundamente aos bons autores, gregos e latinos, como complemento da língua pátria: — sou de opinião que o Governo do Brasil, seguindo os princípios da nossa Constituição, tão liberal em matéria de ensino, devia mandar reimprimir e vender, pelo custo da impressão os bons escritores portugueses, — pô-los ao alcance de todos, espalhá-los por todos os recantos do Império, de modo que Vieira, Fernão Mendes e o Padre Godinho e outros fôssem por êsses centros substituir os exemplares surrados e puidos de Carlos Magno. — Tudo porém tem o seu termo. Abjure-se a *idolatria da fama*, e acreditemos que só se podem chamar clássicas as obras dos grandes engenhos — obras que primem pela idéia, conquanto revestidas de tôdas as louçanias de estilo. Bons cerzidores de palavras de lei apenas servem para complemento dos bons dicionários. Chamem-se embora clássicos, muitos dêles, — são intoleráveis. Eu de mim o confesso, que os leio a boa soma dêles, como por castigo, e confiado na infinita misericórdia divina, que me levará em conta esta penitência voluntária. — Apesar de tôdas estas cláusulas e reservas, fica ainda muito para a minha profissão de fé, quanto à ortodoxia de linguagem. Repito-a, para que não vá alguém supor que falo com menos reverência de coisas, que merecem ser respeitadas. Pôsto o que, entremos em matéria. Se estou fora dela, já vai sendo tempo disso. — Em primeiro lugar a nossa língua é riquíssima, mas até a sua idade de ouro; daí por diante não acompanhou os progressos do século, nem mesmo os desta nação, de modo que há dificuldade suma, se temos a mania de parecer clássicos (no sentido luso da palavra), há muitas vêzes impossibilidade absoluta em se exprimir coisas, que aliás são vulgares. Para dizer o que hoje se passa, para explicar as idéias do século, os sentimentos desta civilização, será preciso dar novo jeito à frase antiga e é êsse o grande merecimento de Garrett. — Odorico, porém, traduzindo Homero e Virgílio achou-se no veio mais rico do ouro português: no seu caso seria imperdoável esmolar. — Mas os nossos rapazes estão noutro caso. Se não fazem do português o seu estudo único e quase que exclusivo, — também não se contentam, os bons, que temos, com a frandulagem de maus romances franceses. Lêem mais do que isso: estudam as literaturas inglesa e alemã — e da Espanha e italiana encontram-se mais de dez no Brasil por um que em Portugal se aplica a tais literaturas. — Menos leitura do português, mais e muito mais lição dos outros autores, — dão-lhes mais idéias e no mesmo ponto os acanham, menos por deficiência do conhecimento da língua, como porque esta está mui longe dessa presumida riqueza, de que falamos tanto, à fôrça de ouvirmos repetido. Fê-lo o Odorico, e pelo que êle fêz acham que a língua é opulenta: é-o decerto, para traduzir clássicos gregos e latinos, ou para quem marcha sob as suas pegadas. Porém já Garrett (e o testemunho não é suspeito), não sei em que passagem das *Viagens à Minha Terra*, incomoda-se de ouvir falar em tanta riqueza, quando êle lhe sentia tantas faltas. E de feito — três ou quatro têrmos para exprimir a mesma idéia, que se diga por ex.: *leme*, como todos dizem, ou se escreva *gubernalho*, como Lucena, são

como outras vias da mesma letra de câmbio. Uma cu tôdas têm o mesmo valor. O verso unicamente é que se pode acomodar com isso e dar-se bem com a diferença dos sons para variar as cadências e o ritmo. — Os nossos, dizia eu, lêem mais que os portugueses, e acrescento que viajam incomparavelmente mais do que êles. — Há bem pouco tempo, mesmo na Espanha, era raro encontrar um português longe da raia. Em Paris ainda há alguns: fora desses dois países, quando ouvires português, quase que é escusado perguntar quem o fala. — Além do estudo e das viagens temos ainda a educação. Em tôda a Europa há estudantes do Brasil: eu os calculo em dois mil! — êste ano! Sôbre tudo na Alemanha, encontra-se em muitíssimos colégios umas cabeças louras e caras tedescas que são uns alemãezinhos chapados: fala-lhes e êles te respondem em português. São os filhos dos nossos colonos alemães. — Se êstes querem dizer coisas que não há em Portugal, que se não lê em seus dicionários, como diabo se hão de exprimir? Havemos de ficar eternamente na *História de São Domingos*, sem ousar admitir uma palavra, que não tenha o contraste de São Luís? — Mais ainda. — Bom ou mau grado, a língua tupi lançou profundíssimas raízes no português que falamos, e nós não podemos, nem devemos atirá-los para um canto a pretexto de que a outros parecem bárbaros e mal soantes. Contra isso protestaria a nossa Flora, a nossa Zoologia, a nossa Topografia. Clássico ou não clássico — Pernambuco é Pernambuco, cajá, paca e outros semelhantes, não têm outro nome. Se isso desagrada a Portugal é grande pena, mas não tem remédio. — Agora, se algumas dessas palavras são realmente mal soantes e se não são absolutamente indispensáveis, rejeitem-nas dos escritos sérios, ou somente se aproveitem delas, como fêz o Gregório de Matos para a sátira ou no ridículo. O que porém acontece é o contrário, é que tais palavras na sua imensa maioria são eufônicas; mas assim como há ruins versejadores, que até no italiano, fazem péssimos versos, há ouvidos rebeldes, homens de mau gôsto, que, a trouxe-mouxe, foram encaixando nas suas composições palavras tupis ou tapuias, sem atenderem a coisa alguma. Poderia citar *Os Tamoios* se o contágio fôsse de recear. Como não é — *parce seputtis*. — Quanto à escolha de palavras indígenas e a sua introdução do nosso idioma, ter-me-ia lembrado *arredondar* algumas delas — das mais ásperas ou das menos sonoras, se não soubesse que isso há de ser elaboração lenta do povo e obra do tempo. Em tais casos, a multidão tem mais gôsto que um colégio de modistas, mais ouvido que todos os Rossinis e mais filosofia que os doutos Kants da Germânia. — Independente da Botânica, Geografia e Zoologia (o que todavia já não é mau contingente), temos uma imensa quantidade de têrmos indígenas ou sejam africanos, que até nos dicionários se introduziram mas que na maior parte só aparecem na conversação — nomes de comidas, têrmos de pesca, de lavoura, etc., que não são clássicos, mas indispensáveis. — Acontece também que em distâncias tão consideráveis, como são as do Brasil, o teor da vida muda, e os homens que adotam esta ou aquela maneira de viver, formaram uma linguagem própria sua, mas expressiva e variada. — Os vaqueiros, os mineiros, os pescadores, os homens da navegação fluvial estão neste caso. Pois o romance brasileiro não há de poder desenhar nenhum dêstes tipos, porque lhe faltam os têrmos próprios no português clássico? — Pelo contrário, escrevam tudo, que tudo é bom — e quando

vier outro Morais tudo isso ficará clássico. — Vieira, porque fala em *pocemas* e *taperas*, ficou menos Vieira? Odorico, por ter escrito *perau*, ficou sendo um mau escritor? — Bem haja o Amazonas, quando no seu romance (*Simá?*) descreve o rio Negro com os termos que ali aprendeu. — Convém todavia notar que o que mai sofende o ouvido e gôsto português não são tanto os termos forasteiros, como muitas e a maior parte das vêzes, o modo e o sentido em que empregamos vocábulos e frases que são rigorosamente seus. A causa é que o nosso povo tem outro fraseado, os seus termos vulgares são diferentes, donde pode acontecer, que a palavra portuguesa, aqui muito vulgar e baixa, lá pode entrar em discurso sem produzir má impressão, porque o desuso a enobrece. — Vês tu o nosso Macedo? o seu merecimento não é ser clássico, mas ser brasileiro, e êle não seria tão estimado, tão popular, se andasse alambicando frases, que os poucos conhecedores da língua mal compreenderiam a sopapo de dicionário. O que o simples bom senso diz é que se não reprenda de leve num povo o que geralmente agrada a todos. Nem se diga que o nosso ouvido é pouco musical, e a prova é que não há brasileiro, nem mesmo surdo, que tolere a rima de *mãe* com *também*, como aqui fazem rimadores, ou que admitisse um *tambãim* impossível, como a gente culta de Lisboa. — Em resumo: — 1.º — A minha opinião é que ainda, sem o querer, havemos de modificar altamente o português. — 2.º — Que uma só coisa fica e deve ficar eternamente respeitada: a gramática e o gênio da língua. — 3.º — Que se estude muito e muito os clássicos, porque é miséria grande não poder usar das riquezas que herdamos. — 4.º — Mas que, nem só pode haver salvação fora do Evangelho de S. Luís, como que devemos admitir tudo o de que precisamos para exprimir coisas novas ou exclusivamente nossas. — 5.º — E que, enfim, o que é brasileiro é brasileiro, e que *cuia* virá a ser tão clássico como *porcelana*, ainda que a não achem tão bonita. — E com isto dou fim a esta epístola. Está me parecendo que se o Odorico a visse, faria-me uma pregação interminável, rejeitando-me tudo de pancada e admitindo-me depois, parcialmente, o mais do que aí vai escrito. Felizmente êle está longe e eu cansado. — Adeus. Muitas saudades do T. do C. — G. DIAS.

A D. PEDRO II

Dresde, 2 de março de 1858.

Meu Senhor — Pelo último paquete tive a honra de remeter a Vossa Majestade, por via da Legação de Londres, um exemplar, mas ainda em fôlhas sôltas, do meu pequeno dicionário tupi. O volume que está reservado para Vossa Majestade ainda se encaderna: o livreiro pondera que a encadernação feita, enquanto as fôlhas estão úmidas, mancha no futuro, idéia que o incomoda não tanto, ao que parece, em relação à obra, como pela encadernação. — O que tenho feito ultimamente é adiantar a tradução da *Noiva de Messina*, de Schiller, tragédia, que sempre tive por coisa excelente no seu gênero, e ocupar-me com estudos sobre *Reinke Fuchs*, que também pretendo traduzir. Ao princípio era minha intenção traduzir

simplesmente o de Goethe; mas Goethe fêz um poema seu, que tem valor por ter vulgarizado uma obra que merece ser lida; mas o original, simples e singelo como é, se acha muito modificado nesta última composição. Em vez do modo de dizer corrente e natural do poeta antigo, quem quer que êle fôsse, Goethe adotou o estilo épico, de modo que surpreende mais o contraste, quando êle cai no cômico: é exatamente como se num jôgo de disparates, um lesse *Os Lusíadas* ou outro poema sério, respondendo outro em versos d'*O Hissope* ou das sátiras do Tolentino. — Um diz, por exemplo:

Estavas, linda Inês, posta em sossêgo

E o outro

Condenado a torcer duras presilhas,

Amaçando a terra, o mar, e o mundo,
— A tocar mal rebecca na sé d'Elvas!

D. Nun-Álvares, o forte capitão
— À porta lho trarei, como um macaco.

Nisto há alguma coisa no poema de Goethe, mas a naturalidade parece preferível. — Caiu-me últimamente nas mãos o antigo poema de que falo, que entendo, bem que com alguma dificuldade, e que eu chamo Saxônio, ainda que estes sábios o batizam de baixo alemão ou *platt-deustch*. Não admira. *Le Roman du Renard*, que eu supponho escrito em provençal, êles — ou antes alguns — supponho que por espírito de contradição, pretendem que esteja escrito em antigo francês do Norte. À vista disto, vou me contentando de os entender, sem por ora procurar saber o que são, nem donde vieram. — Quanto a notícias da Alemanha que podem interessar a Vossa Majestade, nada há de novo a não ser a recrudescência da mania de se dizer mal do Brasil. Ainda isso é vantagem; por que, quando êles acabarem de dizer o que podem fantasiar, começarão a se informar melhor do que por lá se passa. — O mal depende de muitas coisas: — Depende que não há na Alemanha jornais a nosso favor, apesar de quanto com isso se depende. Hamburgo é uma cidade comercial e não literária, os seus jornais podem ir morrer nas Secretarias do Império, mas nenhuma influência aqui exercem, porque não são lidos. — Depende do nenhum escrúpulo na escolha dos colonos que se tem mandado; são vadios, isso basta para que em parte alguma possam estar contentes; se o não são, ainda assim fazer-lhes conceber esperanças exageradas, que não é possível que se realizem. Daí os descontentamentos e as queixas. — Por outro lado, o não haver terras a venda em sítios favoráveis à cultura e exportação dos produtos, como à margem dos rios ou nas proximidades das vias férreas — em projeto ou já em via de execução, arreda o Brasil os melhores colonos, aquêles que partiriam espontâneamente com a família, e alguns meios, mas que desejam empregar-se a si e aos seus pequenos capitais apenas chegam e não querem saber de parcerias. — Êstes estou certo que se queixariam menos do que outros, e não custariam nada ao Brasil. — Haja terras à venda, e então se poderia ensaiar o projeto de

nosso Cônsul na Bélgica — a emigração gratuita ou espontânea. Os colonos que assim partirem, e da Bélgica não os primeiros, são os verdadeiros colonos; por que o homem que precisa de ser pago ou seduzido para emigrar, é por via de regra um mau colono; são muitas vezes os inquilinos das casas penitenciárias, a quem os agentes da emigração concedem para assim dizer um passaporte para o Brasil, na esperança, ou sincera ou fingida, de que o clima os corrigirá. — Sem dúvida, o clima, quero dizer, o exemplo os corrigiria, se êsses que tais se fôsem achar no meio de uma grande multidão de compatriotas, trabalhadores e morigerados; mas se todos ou a maior parte dêles orçam pela mesma bitola, é mais para temer que os bons se percam, de que os maus se emendem. — Quaisquer porém que sejam as medidas que o Brasil adotar neste sentido, é preciso supor que a corrente de emigração não se poderá estabelecer senão por causa de algum movimento da Europa. A Europa pode conservar-se em paz durante estes cinqüenta anos próximos, ou achar-se em guerra amanhã: para êste caso é que convém que o Brasil esteja preparado, que seja conhecido na Europa, que tenha um núcleo assaz extenso de colonos bons que possam servir de incentivo a outros para emigrarem também. Êsse serviço não nos pode ser prestado pelos tais chamados Agentes de colonização, assim como para sermos conhecidos são insuficientes, ou antes podem escusados tanto os jornais de Hamburgo, como os folhetos de Reyband. A *Allgemeine Zeitung*, a Independência Belga, e outro jornal verdadeiramente europeu custariam menos e seriam mais proveitosos. — Peço perdão a Vossa Majestade de me ter demorado com êste assunto; mas são matérias em que é fôrça pensar depois de algum conhecimento da Alemanha. — Estou em véspera de partir para Bélgica e daí para Londres, onde vou esperar as ordens do Govêrno de Vossa Majestade, para poder liquidar as contas de encomendas já feitas, e fazer as compras que ainda faltam para a Comissão de exploração. — Os instrumentos de Munich devem estar prontos desde 15 do mês passado, porém o tempo não tem estado muito favorável para os ensaios, que com êles se tem de fazer. — Como quer que seja contamos poder partir um mês depois de havermos recebido as últimas ordens do Govêrno. — Faço os mais sinceros votos pela saúde e prosperidade da Família Imperial e de Vossa Majestade, cujas Augustas Mãos beijo respeitoso. — De Vossa Majestade Imperial — o mais humilde súdito — ANTÔNIO GONÇALVES DIAS.

AO DR. CLÁUDIO LUÍS DA COSTA,
SEU SOGRO

[Fortaleza?, 20 de abril de 1860.]

Meu bom pai e amigo, — Escrevi-lhe por êste paquête, mas com data bem atrasada porque as mandei lançar no correio na véspera da minha partida para a Aratanha, onde fui agradecer à família Costa o obséquo que por nossa conta prestou ao pobre Assis. Agora, isto é, neste mesmo momento recebo a sua de 6 de abril, a que respondo, um pouco às carreiras. — O negócio dos camelos não o soube sòmente pela sua carta, meia dúzia de pessoas me escreveram a êsse respeito, prova de que real-

mente êles entendem que o negócio me diz respeito. Ainda mais. Êsse officio foi publicado, mas truncado, calando-se a parte que se referia à morte do animal, prova de que o Sr. Ministro entendeu êle próprio que havia desafôro, pois que não consentiu na sua publicação. Ainda mais alega-se como um serviço prestado a mim o ter-se abafado êsse negócio. Vê Vm. que há nisso tanto desafôro como cobardia. — O Cap. os requisitou para os estudar, ver as matérias mais próprias de seu sustento, meio de os tratar nas enfermidades, etc. Nada tive com isso; em quanto êle podia e devia tomar a parte que tomou. Fomos nêles daqui a Pacatuba (5 léguas), mas têm o andar incômodo — deixei-os. Êles com os guias chegaram a Baturité e voltaram ser novidade. Meses depois foram enviados de novo com carga e foi então que se quebrou a perna a um. O Presidente defendeu o seu ato perante o M.^o e eis tudo. Dá o cavaco porque seria leviandade do Ministro falar em mim, quando não tinha que ver com isso. — Agora nova complicação. O Presidente com qm. parecia que podíamos viver na melhor intelligência, fêz-me um desafôro, quando eu menos esperava. Era uma tolíce dêle, nem eu me teria importado com isso, se êle tivesse ao menos o maquiavelismo do Ferrás, não falar em mim, em causa em que eu nada tinha que ver. — Escrevi-lhe um officio, que o deve ter consolado, e o negócio foi afeto ao Govêrno. — Decidam êles como quiserem, que eu suporto tudo, exceto que me cheire a desafôro. — Quanto ao meu lugar da Secretaria, eu tinha-me procurado entender com S.M. antes da M.^a vinda. — Não dei demissão, porque se entendeu não ser então conveniente. Sou obrigado ao Imperador, e não queria que êle se persuadisse que há nêsse negócio mais despeito do que sentimento de dignidade; mas o que é fato, é que eu considero vago êsse lugar e não vejo possibilidade, ou antes não me persuado que haja consideração alguma de interêsse, posição, futuro, ou quer que seja, que me obrigue a servir debaixo das ordens de um Peçanha. — S.M. não terá de se zangar com isso, porque tão longe está de minha intenção queixar-me, como pedir. Quanto a êsses meus pequenos interêsses faça Vm. o que entender melhor, que tudo será bom. — O livreiro da Europa diz-me que eu tenho por lá uns 700\$000 da venda de livros e pede-me para fazer uma edição européia das minhas obras, correndo êle com as despesas, e repartindo comigo os lucros. — Disse-lhe que sim. — Lembrança à Olímpia, a quem não posso escrever outra vez. Vou bom dos olhos, e no mais sem novidade. O Gabaglia chegou da Serra Grande e aqui se demora apenas 4 dias. — Pode ajustar contas com o César — do tempo do Capanema — isto é — receber a conta antiga que haja em ser. Não sei se lhe respondi também pelo Laemmert, nem se êste me está devendo ainda.

AO MESMO

[Manaus?, 8 de abril de 1861.]

Recebi neste momento a sua de 6 de março, respondo-lhe já, porque não sei que demora terá depois. Sinto que Vm. tenha sofrido dos incômodos da quadra; mas felizmente nem Olímpia nem Nhãnhã sofreram com

isso. — Quanto a mim vou bem, exceto da engurgitação, que tenho a tanto tempo, o que com imensa facilidade se transforma em escrófula. A minha já veio a furo. Agora que isso deixe, como é certo, costuras e cicatrizes já não estou em idade de me importar com isso. — Quanto ao anúncio, relativo a reimpressão de minha obra, vejo que Vm. o mandou publicar, o que muito lhe agradeço; lá se é útil ou inútil, isso fica por minha conta. Se a condição de não ser vendida uma obra no Brasil, é pueril e se mais convinha outra cousa, é negócio que o Sr. Brandão, ou quem quer que seja que os venda no Rio, não decide por si. — Que êle os comprasse a êste ou àquele, tanto melhor: prova que êle os não furtou. Se foi fulano que os imprimiu, ainda m.mo quer isso dizer que êles não caíram do céu. — Mas quando o Govêrno apanha um contrabando, não vai perguntar ao contrabandista se êle comprou ou furtou os objetos da prêsa. — Tira-lhos e multa-o. — No meu caso, qualquer livreiro da Alemanha pode imprimir as minhas obras. — Moré compra-lhas em Paris, e êsse vem vendê-las no Brasil, onde há uma lei de propriedade literária?! — E diz que as vende, porque as comprou! E esta? — Nada tenho com Brockaus, porque não há convenção literária com o Brasil. Quando a houvesse, isso ainda não me tirava a minha propriedade. — Nada tenho com Moré, que negocia em França; mas, no Brasil, sou o dono do que produzi, isso é meu, faz parte da minha herança, ninguém mo tira. — E note mais, essa condição que lhe parece pueril, era absolutamente encerrada. O livreiro da Alemanha pode imprimir o que quiser, do Brasil, com quem não há convenção. Se um dêles, se Brockaus, por ex. me pediu licença para fazer uma edição, que só fôsse e pudesse ser vendida, na Europa — isso não quis dizer, que êle pudesse dispensar a minha permissão. — Suponha que êle fizesse tal edição sem minha permissão, no Rio a podia vender a pretexto de que a comprou a Moré? A alguém, sem dúvida, o havia de ter comprado, senão é dono de uma tipografia. — Brockaus pediu-me essa permissão, porque é meu impressor, e eu lhe tenho dado bastante a ganhar, e êle espera ainda mais: é livreiro do Instituto Histórico e do Imperador, e deve-me êle isso, por linhas tortas ou direitas. Podia dispensar a permissão; não o quer por conveniência. — Eu lha concedi, porque lha não podia negar; mas a condição de que tais exemplares não poderiam ser vendidos no Brasil, quer dizer, que lhe neguei aquilo que lhe podia conceder a introdução de exemplares no Brasil. — Todavia, como Vm. pensa diversamente, ao que transluz da sua carta; como outras ocupações lhe podem obstar a se ocupar dêste negócio, peço-lhe que confie esta carta ao Dr. Macedo, para que êle consulte e veja o que há a fazer-se. Literato também, êste negócio não é meu, é de ambos, é de todos. Tinha-lhe eu escrito esta carta, na incerteza da partida do vapor — agora a releio, e se me sobrasse tempo, escrevia-lhe outra em vez dessa. Peço-lhe pois que no que diz respeito “à nova edição”, considere como nula esta carta, nem fale nisso a Macedo. — Quanto à comissão, Coutinho sabia que eu estava nela como um *forçado*. Comprometemo-nos por êstes dois anos; findos êles, a continuação depende da fôrça de vontade, da robustez da saúde, da necessidade de concluir certos trabalhos, e também da coadjuvação do Govêrno. — O conselheiro quer dar por finda, pelo que lhe toca, ou o Govêrno lhe permite que venha até ao Amazonas, onde tem decerto muito que fazer. Gabaglia

pretende ir à côrte, representar acêrca do estado dos seus trabalhos, da necessidade de os continuar, e a nova tabela *ferrás* corta as mãos, e as vêzes os pés à Comissão. Lagos e Capanema, não sei o que pensam. Por mim não quero dar exemplo, mas logo que sair um dos chefes adeus — sou o segundo.

A ANTÔNIO HENRIQUES LEAL *

Manaus, 20 de dezembro de 1861.

Principio agora com uma série de cartas ¹, tão longas cada uma delas, que o nosso correio, segundo desconfio, tas não deixará chegar às mãos senão por intermitências. Se te chegarem constantemente, é que êle o fará de velhaco, pelo gôsto de me dar um desmentido perante o respeitável, tão pouco respeitado. Ainda bem se o fizer. — As nossas cousas te interessam na dupla qualidade de brasileiro e investigador assíduo de tudo quanto respeita à nossa pátria. Aí vão pois umas "*notícias curiosas e necessárias*", como as batizaria o P.º Simão de Vasconcelos: Cousas que a uma te mortifiquem e consolem, como a lança d'Abrahão, que ao mesmo tempo levava à bôca o mel e o ferro — receita a que teu colega Willis deu modernamente a designação de *xarope cholybeado*. Vende-se na botica, e tanto basta para ser abominável. Todavia, apesar destas reminiscências bíblico-farmacêuticas, vai isto escrito ao que a pena dá, sem veleidade científica, e sem pretensões *au grand jour de la publicité*. — O Amazonas! — Ao pronunciar esta palavra todo o coração brasileiro estremece. Os que o tem visto sabem que a seu respeito se tem escrito mais ou menos do que a verdade; os que o não viram ainda conservam e guardam lá em um dos escaninhos d'alma o desejo de o avistar ainda algum dia. Pois, no meio de tudo, crê que o Amazonas nada mais é do que um rio. Vê-se e admira-se, mas é só com o auxílio da reflexão que êle se torna assombroso. Navega-se por um imenso lençol d'água, onde o vento levanta tempestades perigosas, — onde a onça e a cobra se afogam por não poderem cortar a corrente, e como que o espírito se satisfaz pensando ter já contemplado o Amazonas! — mas o que se vê de um lado e de outro são ilhas — e além d'estas ilhas outros canais tão volumosos como êstes, e além dêstes novas ilhas. A alma então se abisma não podendo fazer uma idéia perfeita do que é esta imensidade. — Supõe tu pois um imenso arquipelago, porque de cada um dos seus grandes confluentes podes dizer que tem ainda para mais de mil ilhas e nêle despejam alguns milhões de braças cúbicas d'água por hora! Terra firme chama-se sômente a que não é alagadiça: as margens chamam-se praias, as águas elevam-se em ondas e o vento

* Esta importante carta foi incluída por Antônio Henriques Leal, sob o título "Viagem pelo Rio Amazonas", no vol. III das *Obras Póstumas de Gonçalves Dias*.

¹ Saiu esta carta, única que escreveu o poeta sôbre o assunto, por isso que teve de retirar-se apressadamente para a côrte onde sobreveio-lhe a terrível moléstia que o perseguiu até o fim da vida, em dezembro de 1861 no *Progresso*, jornal que eu então redigia. — A. H. L.

conhece-se no seu elemento. Os têrmos mesmos da navegação de longo curso, quero dizer — do alto-mar, não se estranham, antes parecem aqui necessários. — Queres ouvir? — Um dia, em viagem do Pará para o Rio Negro navegávamos com mar um pouco picado no magnífico vapor *Manaus* da companhia do Alto Amazonas. Seriam duas horas da tarde, e estávamos todos sôbre a tolda, quando de repente brada uma voz não sei donde: — “*homem no mar!*” Inquietos e sobressaltados, corremos todos à amurada, tripulação e passageiros, e viu-se uma cabeça de prêto, que fugia, rápida como uma seta, pela pôpa do barco fora. — Ver naquele oceano uma pobre criatura lutar com o terrível elemento — o perigo em que estava, — a incerteza de salvação, a impressão daquele espetáculo assustador, — tudo estava de acôrdo com o grito de “*homem no mar!*”; porque no mar, onde quer que fôsse, não seria maior o perigo. Mas o que ali se não veria, era que, logo atrás, uma cobra imensa arrastada pela corrente lutava também com as ondas, e fatigava-se com esforços inúteis. O vapor que já então recuava, deu-lhes felizmente outra direção de modo que os dois companheiros d’infortúnio ficaram longe um do outro. O coitado do prêto, no entanto, gritava como um possesso, e quase a afogar-se, ainda cometia barbarismos sem nenhum temoi de Deus. Êste, porém, foi servido que êle não morresse duas vêzes afogado, pois iria com alguns erros de gramática atravessados na garganta! *Mi acudi gentis!* — Êste espetáculo acrescentou certas idéias de alta consideração e profundo respeito, como se diz na secretaria de estado dos negócios, à admiração que eu já sentia pelo Amazonas. — Ia eu, porém, tratando das suas ilhas. São elas no meu entender uma das maravilhas do Pará. Multiplica o curso dos rios pela extensão das suas margens, toma o circuito (!) dêstes milhares de ilhas; considera quantos rios há ainda de curso menos conhecido, os quais todos com raras exceções correm por um declive suave, os furos que encurtam as distâncias, os igarapés que em diferentes alturas comunicam os grandes rios entre si; — considera a preciosidade das suas drogas, a fertilidade incrível do solo, favorecida pelo calor e pela umidade, e verás que nenhum país é tão próprio para a agricultura, nenhum tão favorável ao comércio, — nenhum que tenha tanta quantidade de terras em contacto com água navegável. — E logo o baixo Peru, que morre asfixiado se lhe tapamos o Amazonas, — a Bolívia que tudo espera do Madeira, e que pode ser muito por meio dêle, — e Venezuela, e Nova Granada que nos estendem os braços do Yapurá e do rio Negro, ao passo que se temem naquele perigoso mar das Antilhas — e as nossas províncias de Goiás e Mato Grosso?... Amigo, seremos alguma coisa algum dia, se os nossos vindouros valerem mais que os Fer... e Mar... de hoje — *duo magna luminaria*. — Não lhes acho outro ponto de contacto, senão serem ambos luminárias (S. Ex.^{aa} ‘me perdoem) — conselheiro ou comendador, ministro ou presidente, — o que fôr um — o que tiver sido outro — *duo magna luminaria*. É a Biblia quem mo diz e fico nisso: — (*Et Deus fecit*) porque, se Deus os fêz, ficaram feitos por todo o sempre. — Pasmado quando entra no grande leito do Amazonas, perdido nesta imensidade, o viajante pensa consigo: “Lá mais em cima, estas águas se hão de tornar menos volumosas, hão de estreitar-se estas margens, êste colosso há de enfim cair debaixo da

ação e compreensão dos sentidos humanos!" — Nesta esperança passa o Xingu, Tapajós, Trombetas, Madeira (gigantes também), e o rio é sempre o mesmo! — Deixa atrás o imenso cabedal do Rio Negro, com as suas águas que espantam pela côr, — o Japorá semelhante ao Nilo com as suas sete bôcas, o Purus, Ucayalle, Uallaga, e entre êstes, o Coari, Tefé, Javari, Napo, centenas de outros; e o eterno rio, na distância de oitocentas, de novecentas léguas ainda *parece* o mesmo! — Sem dúvida que as águas diminuíram: mas é que há menos ilhas, menos *paraná*s, eis tudo. O que se vê é, com diferença pouco sensível, a mesma cousa. A sua fôrça é ainda a mesma, as suas transformações têm ainda a mesma intensidade; porque o Amazonas, o Solimões e o Marañon, esta trindade fluvial num só corpo, é um grande destruidor; mas também um criador por excelência. Ilhas e praias faz êle ou desmancha com assombrosa facilidade. — Alguma vez, a canoa dirigida por um hábil prático, aporta a uma ilha que ali existe, diz êle — desde que a gente é gente, ou, por outros têrmos, desque se viu admitido às honras, proes e precalços de tão penosa profissão. — É lisa a superfície das águas; o céu sereno se retrata nelas como num espelho, as fôlhas não remexem, os animais bravios pastam descuidados, as aves contemplam pasmadas os novos hóspedes que lhes chegam, — tão patetas uns como outros. Nada revela perigo, nem à inteligência do homem, nem ao instinto do irracional. — Nesta paz, neste ao que parece, remansar das fôrças da natureza, ouve-se de repente um rugido como se os céus desabassem — árvores colossais oscilam, vergam, tombam como castelos de cartas! — a terra falta, desaparece, — a canoa não desamarra, nem tem tempo, arrebenta-se lhe o cabo, as águas repelidas pela queda das barreiras e das árvores repelem-na também para o largo; — e antes que os viajantes possam tornar a si do assombro, — antes que saibam e conheçam o que foi, — antes que o mestre possa comandar alguma manobra, voltam elas pujantes, furiosas, redemoinhando e num vórtice — canoa, árvores, ilha — tudo desaparece e se esvai como por encanto. Bóiam sômente algumas dessas árvores monstros, que tornam perigosa a navegação do Solimões e do Amazonas, e cujas raízes sobrenadam sobranceiras como ilhas flutuantes sôbre a superfície das águas; fogem grasnando algumas aves, lastimando a perda de seus ninhos, — e o rio cobre majestosamente aquêle espaço, aquêles destroços, aquêle *ubi Troja* mostrando apenas naquele lugar uma larga mancha côr de terra: porque a ilha se submergiu num abismo tão completo e quase tão instantaneamente como um homem se afoga! — Mas êstes destroços — terra e troncos — mais abaixo se aglomeram, se acumulam, acrescentando noutra parte o continente ou formando alicerce para novas ilhas. Depois a aninga surgirá dentre as águas com as suas fôlhas em forma de coração e o fruto à semelhança de um ananás inculto, — e mais acima, em terra já mais descoberta, vingará a canarana, pasto do herbívoro peixe-boi, perseguido na terra pelas onças, nos rios pelos jacarés, e pelo homem em tôda a parte. — Infindas palmeiras, cuja raízes procuram e se nutrem de umidade, levantam os leques e as palmas, matizadas com as côres vivas das araras e papagaios, que folgam de pousar nelas. — Logo mais a embaúba virá ao sôpro da brisa curvar as fôlhas esbranquiçadas, figurando um bando de garças pousadas à margem da corrente; e como

coroa de tudo, a sumaumeira eleva e alarga a copa imensa e majestosa, cuja sombra ao meio-dia cobre, segundo se crê, a circunferência das raízes. — Enfim, à sombra desta vegetação vigorosa e rica, vem a baunilha encrustar-se nos troncos de superfície rugosa, embalsamando os ares: o cacauero pouco amigo do sol virá ocultar-se sob estas ramagens frondosas, — em quanto para se tornarem deliciosos mil frutos silvestres, e entre êles novas espécies dos já domesticados — a sôrva, o auixi, o araarana — só esperam a mão do homem para o recompensarem de seus desvelos. — Acrescentê-se a isto milhares de parasitas, infinitas trepadeiras, que se emaranham pelos troncos, debruçam-se dos ares, estrelam a paisagem e matizam o panorama, acariciando a vista e o olfato ao mesmo tempo; mas com côres tão finas que se não desmancharam ainda na palhêta do pintor; mas com olores tão suaves, que os não descobriram ainda os nossos perfumistas de agora. Aqui, quer ao clarão da lua, quer no remansear de uma noite serena dos trópicos, respira-se às largas, em ondas, a plenos pulmões, como se tôda a atmosfera não bastasse para satisfazer a sêde do olfato, que se desperta sôfrega, que é poesia ainda, que se converte em amor! — amor por todos quantos respiram sob êste céu abençoado, e cujos peitos, se alguns tendes perto, arfam acordes convosco num sentimento invisível de amor da pátria e de benevolência recíproca. — Vós que, semelhantes a mim e a muitos outros, talvez sem razão, vos entristeceis ou irritais com o jeito que as nossas cousas vão tomando, acaso porque se vos tornou menos risonho o céu da vossa imaginação, — vós que, num acesso de hipocondria chegastes a desamar a terra de que sois filhos e a descrer dos homens de quem sois irmãos, — vinde-me aqui passar um quarto de hora em noite de luar sereno, ou nessas noites de escuro, ainda mais belas e mais serenas do que as outras, em que milhões de estrêlas se refletem nas águas, e no escuro transparente do céu e do rio desenham o duplicado perfil dessas florestas imóveis e gigantescas: respirai-me êstes aromas, que se elevam suavemente combinados, como de um vaso de flôres colhidas de fresco, e haveis de achar-vos outro, e, como nos tempos felizes da juventude, capaz ainda das ilusões floridas, da confiança ilimitada, da fé robusta, nos sucessos, nos homens, no futuro, e, se quer por alguns momentos podereis sentir, haveis de sentir orgulho de vos chamardes “brasileiro” também. — Eis que obras perfaz o gigante em alguns anos! É a ilha de Calipso sem a deusa, e sem as ninfas que a serviam, — um ninho de fadas, que se desencantaram, um paraíso, mas visto de longe. Perto! . . . Tôda a luz projeta sombra, diz um colega, tôda a medalha tem reverso? Sentem-se logo os meruins, os micuins, os piuns, os mosquitos, as mutucas e os carapanás, — as aranhas, os lacraus, as cobras, todo o arsenal do diabo em número infinito de instrumentos, — uns na terra, outros nos ares, — uns que mordem pela manhã, outros à tarde, outros de noite, já êstes que ferram cantando, já outros que mordem à surdina, — com rostro ou mandíbulas, com a bôca ou com a abdômen, — estes aqui, aquêles mais longe, — em uma palavra, há de tudo, para todos os tempos, para todos os lugares, para todos os gostos! — Nesta Babel de pragas, a poesia, como passarinho ao cair da tarde, esconde-se, que ninguém sabe mais notícias dela. Engano-me: a poesia do naturalista, botânico ou zoólogo, principalmente

se é alemão, resiste a tudo. Martius no Yapurá ou Grão-Caquetá, como melhor se chame, fêz um poema à solidão das florestas. Está manuscrito o poema, e talvez morra nos limbos, mas eu que te falo, isto é, que te escrevo — *egomet hisce oculis vidi!* — falei acaso ligeiramente da musa alemã? Praguento será quem o suspeite. Não mais, e acaso melhor que ninguém me deixei apaixonar por ela. — A musa alemã?! — Lá vai uma profissão de fé do que julgo e creio a seu respeito, posto que não faça muito ao caso. — É uma dessas donzelas, um pouco inteiriças, mas cheias de poesia e dignas de acatamento, atravessando as vastas salas de um antigo castelo feudal, entre retratos que amedrontam, e amplos razes, que movidos ao sôpro de vento frígido numa noite de inverno, dão vida e movimento a um mundo fantástico, ideal e para sempre desvanecido! — É uma dessas figuras de anjos, que vemos e admiramos iluminadas nos antigos missais e velhos livros de orações, com fisionomia de expressão celeste; mas os pés e as formas envolvidas numa densa nuvem de brocados, de veludos, de damascos, figuras que não pousam, antes que parece que aspiram, e que de fato remontam aos céus. — Impressiona-se embora das nebulosidades de Kant, de Fichte e de Schelling! — de vez em quando lhe ouvireis um ai, um grito, como se conjuntamente se rompessem uma corda à lira e uma artéria ao coração: é o mundo real, a alma, a humanidade, — é a natureza que fala, a natureza pura, grande e tão nobre, que quase parece ideal, — a natureza manifestando-se num dêsses belos idiomas, que por si honram os que o falam, dão testemunho de suas largas concepções, e prognosticam as suas conquistas nos domínios infinitos da inteligência e da imaginação. — mas...

Eu que cometo insano e temerário?

Musa, onde me sobes?! — Desce, vadia, senta-te com propósito, e conta-nos... — Ai!... já me esquecia que se tratava de pragas, micuins, e miudezas quejandas! — Dizia eu pois que, se fôssem sòmente elas, a musa, mesmo a do naturalista, teria desculpa, cantando os enlevos desta terra, que zelamos tanto, e tão pouco aproveitamos. Infelizmente, porém, os males, como as sardinhas, andam em cardumes, e mais infelizmente ainda os cardumes de pragas fazem súcia com boa meia dúzia de enfermidades, das melhores que temos registradas nos *Memoriais Patológicos*. — Mas não o querem crer, bem que mais alguém o tenha dito. — Entre êsses, um homem, tão distinto pelas suas luzes, como pelos seus sentimentos representou êste Pará e Amazonas, como um inferno em miniatura, as terras desertas, inabitadas, e quase inabitáveis, — a zona tórrida dos antigos com um dilúvio de todos os anos, — enfim só real e verdadeiro país de *Cocagne* para os *flibusteiros do Norte*, para os médicos que não têm que fazer na côrte, e para os boticários, sem papelucho de vendedores de drogas. Homem, que tal disseste! Caíram-lhe logo em cima desafetos em barda! — Por experiência própria bem deves saber, que, onde aparece incontestável merecimento nasce logo esta mostarda, como cogumelos em tempo de chuva. Criaturas a quem nunca vistes, que não conheceis, a quem nunca fizestes mal, de quem nunca se vos dará o valor de um cominho, — muitos, a maior

parte dêesses, e o que é mais — os que alguma cousa vos devem, os que vos devem muito, êstes principalmente, — logo que tendes verdadeiro merecimento são vossos desafetos: é o burguês de Atenas, votando no ostracismo de Aristides; mas os nossos burgueses de hoje, graças às luzes do século, não se satisfazem com escrever na concha a letra nefasta! Atiram com ela, em vez de pedra, à cabeça do pobre Aristides, para que tome juízo e se contenha nos limites estreitos, na senda trilhada do vulgar vulgacho. Digo-o sem aplicações, e passo adiante. — Ora, como ia dizendo, a chusma dos desafetos caiu-lhe em cima como uma nuvem de gafanhotos. “Vejam, que administrador, diziam! — Que juízo de homem! Dizer aquilo do Grão-Ducado, que é o único Grão-Ducado que há em todo o Brasil, que é o único Brasil, que há em todo o mundo!” — Perdão, meus amigos! — Lá quanto a administrador não digo nada. Desde que a lei criou, ou vai criar uma classe dêles, é da maior evidência que todo o *civis romanus* se deve sujeitar à lei, e não há de manifestar talentos que a mesma lhe não reconhece. Se não está feita ainda a estatística dêstes nossos grandes homens, paciência! — esperemos sem aventurar juízos temerários! — Negar-se, porém, inteligência e critério a uma inteligência daquelas, só porque disse, pouco mais ou menos, que isto é um charco e como tal doentio, ides mais longe do que êle. Houve exageração no seu dizer, exageração intencional, manifesta, provada; mas falsidade, não. — E se não, vêde: — Desembarca um homem no Pará, no comêço das chuvas, ou no princípio do ano, com a intenção de seguir para o interior. Se tem alguma alma caritativa que por êle se interesse, pergunta-lhe logo até onde pretende chegar na sua excursão. — Eu, responde-lhe o outro, desejo visitar certos rios e lagos, andar por furos e igarapés, cantos e recantos, 'té onde os fados mo permitirem.

— Mas nesta estação? replicará a caritativa.

— Sem dúvida. De caminho...

— Sim, abandonado! Povoações outrora florescentes, prósperas, cheias de vida, — tôdas as do Rio Negro, por exemplo, — tudo isto está hoje despovoado. Cultivavam outrora o anil, o café, o arroz, a farinha; — tinham olarias, faziam cordoalhas, extraíam drogas em abundância, — e hoje... vivem de esmolos! O Pará, que não é pròpriamente uma província agrícola, que o não será tão cedo — o Pará fornece farinha a Tabatinga! e em todo o Amazonas, em todo o Solimões, o arroz, como trigo em certas partes da Rússia, dá duas colheitas por ano, e a mandioca e a macaxêra amadurecem em seis meses!

Índios, que é dêles! Pois contavam-se então às centenas, por milhares! — E pois cheguei aos índios, faço aqui ponto para tomar fôlego, e continuar mais descansado. — Teu do C. G. DIAS.

A JOSÉ DE VASCONCELOS

[Paris, agôsto de 1862.]

In Excelsis — Li no seu acreditado jornal, em um dos números do mês passado, a infausta notícia do meu prematuro falecimento. — Se de qualquer conhecido ou amigo meu me anunciassem tão desgraçado

acontecimento. eu me encheria de profunda mágoa, e pronunciaria algumas palavras de comiserção segundo os estilos dessa — não vale, senão propriamente — bola de lágrimas. O negócio, porém, é mais sério: não se trata do meu vizinho Ucalegon que arde, sou eu próprio que por um lance caprichoso da fortuna, me vejo reduzido a terra, e pó, e cinza e nada. Posso asseverar a S. S.^a que o meu amor do próximo não é de tal quilate que eu sinta mais a morte de outro qualquer do que a minha própria. Ponho a modéstia à parte, e concordo ingenuamente com todos que isso foi grandíssima perda para o orbe terráqueo em geral, e para a minha pessoa em particular. Diria mesmo — grandíssima, porque a extensão da perda bem pode tolerar uma exageração gramatical de superlativo! — Todavia êsse infeliz anúncio não me apanhou de todo despercebido, tão certo é que as más notícias voam. Ainda o vapor que trouxe as malas do Rio se achava fundeado no Tejo, e já em Paris, quando alguma vez me acontecia sair, olhavam-me todos com curiosidade e admiração, e como que queriam perguntar-me as últimas notícias da *Oriboza* do México ou dos *Campos Elysios* ou do *Paraíso*. Hoje compreendo o que isso foi! Deveria ter seguramente a minha fisionomia o quer que fôsse de extracomum, de sepulcral como a de D. João de Maraña * acompanhando o seu enterramento com desleixo. — Mas D. João era um réprobo, e eu não fui senão um pecador da espécie comum, com o defeito de tratar seriamente das cousas sérias. — Foi êsse o motivo por que estando eu convidado para uma reunião, no dia em que me chegaram as malas do *Navarre*, deixei de comparecer por parecer-me desatenção comigo, e carência de dignidade mortuária, o apresentar-me em público no próprio dia em que recebia a notícia do meu falecimento. — Não, Snr. — Retirei-me ao meu apesto, tranquei portas e janelas, fiz noite e pus-me de nojo. Vi porém com certo pasmo que não se apressavam a desanojar-me, e isso me começou a enjoar. E de repente [...] por um movimento maquinal, quis bater com a mão na testa a modo dos vivos! — voltavam-me em charrua as idéias inatas: percebi com os olhos do espírito que eu não podia logicamente ser desanojado, visto que o morto era eu em pessoa! — Ora à semelhança desta, me tem acontecido uma infinidade de displicências, de sensaborias que tornam a morte tão aborrecida como a própria vida. Já pela terceira vez repetia a minha memória de cabo a rabo os *Elementos de Civilidade*, que na minha infância me puseram nas mãos, e que por castigo me fizeram copiar, e decorar tantas vêzes. Pois nesse livro preciso, nesse código da gente bem nascida, acabo de descobrir lacuna irreparável — o capítulo — de como se hão de portar os finados que se divertem em passar por entre os vivos. Não sei, por exemplo, se como bom cristão devo encomendar alguma capela de missas por minha alma; não sei se devo trazer fumo no chapéu, porque parece que há para isso maioria de razão; não sei enfim se me será permitido fazer versos profanos com a restrição mental de algumas aleluias para penitência deste pecado venial. Em suma nada sei, estou no reino das sombras. Ainda ontem encontrei-me com D. João de Maraña, que anda cá por cima de Herodes

* Mañara.

para Pilatos, mas sempre tão endiabrado que o não querem receber em parte alguma. — Perguntei-lhe de que modo se tinha êle saído dêstes mil e um embarços, e o nobre *hidalgo*

Responde-me com gesto irado
Como quem da pergunta...

No me hable U.^a de eso, hombre, que me dá fastidio! Tôdas estas contrariedades me vão enfastiando por tal modo que eu daria com o basta à própria morte, à inamolgável, à fatal, à descaróavel morte, se para isso me não fôsse de absoluta imprudência dar um desmentido a jornais tão conceituados como o seu, e sobretudo se não fôsse preciso renunciar aos efeitos da bondade divina que me concedeu a graça especial, com que poucos dos seus eleitos se têm benzido, de ler as minhas necrologias, de admirar-me do grande homem que fui no século, sem me sentir. — Mas a propósito de necrologias é justamente a êsse respeito que me dirijo a S. S.^a porque quanto à minha morte já passou em caso julgado, ficariam prejudicadas as reclamações. Permita-me S. S.^a dizer-lhe em a franqueza de quem já não tem contemplações com êste mundo, que o seu artigo necrológico foi de uma parcimônia, de uma somiticaria, de uma avareza inqualificável. — Como! pois nem ao menos depois de morto me permite S. S.^a que eu tenha no seu jornal mais espaço, do que ocupei no mundo em que vivi?! Então de que serve deixar se a gente morrer? Por muito pouco exigentes que sejamos nós outros os defuntos, isso só bastaria para nos ressuscitar à fôrça de pura indignação. — *Facit indignatio versum*. — Sempre supus menos mesquinheza da sua parte ef favor de um colaborador do seu jornal. Supus que generosamente econômico, S. S.^a me concedesse ao menos uma página tôda inteira para mim só! — aos lados umas tarjas pretas, no alto um *hodie mihi*, coroado dessas lágrimas que se vêem nas cartas de convite a entêrro da côrte com uma forma tão esquisita quanto parece que cheiram mal. Mas é moda, e os meus restos mortais se enterrariam sem dúvida com essas três lagriminhas de pós-de-sapatos, arrojadas à feição de pão de açúcar. Mais embaixo um *Ecce-pacit!* * e no corpo da página nos tipos chamados *Cícero* (invocação simbólica à deusa da eloquência!) muita cousa bonita, verdades de epitáfios e os merecimentos que teve, e os que não chegou a ter por falta de tempo, e que não morreu do fígado, por que sempre foi uma pomba sem fel, mas sufocado por uma súcia de tímbricas que se lhe atravessaram na garganta, e outras delicadezas a êste modo, tôdas tocantes, sentimentais, patéticas, de fazer rebentar em água os paralelepípedos da Rua do Ouvidor! Bem embaixo um *Domino plaudo*, para variar êsse *requiem aeternam* que já fatiga, e no fim — (assinado) — GONÇALVES DIAS. — Cante-me disso! Assim qualquer cristão se pode deixar morrer, e menos descontente embrulha-se na sua mortalha-cartaz e deita-se no sepulcro à espera do dia do julgamento final. — Se a um coração tão bem formado como o de S.S.^a eu fôsse porém citar exemplos dêsse mundo, eu lhe lembraria daquele honrado negociante de Marselha, dono ou proprietário do *Grand Condé*, que apesar do G e C (tem três

* *Sic.*

metros!) foi pôsto de quarentena como um simples borda d'água que tivesse na proa a figura de ninfa, alavancada pelo capataz dos carpinteiros da ribeira! Em desrespeito aos grandes homens históricos da França custou ao pobre diabo nada menos de 20.000 francos, e é bem sabido que um negociante que acaba de sofrer um prejuízo d'esses é capaz de atos do mais inexplicável desespero, e chega até a lastimar a morte de um poeta! — Assim, matou-me, mas tem desculpa: sem condoer-se dos meus respectivos infortúnios, êle se lembrou de mim, espalhou no meu sepulcro goivos fúnebres, coroou-me a gélida fronte de perpétuas imarcessíveis com lamentos e suspiros arrancados de uma alma pasmada de esvoaçar pela primeira vez sôbre campos da poesia. Fi-lo poeta com a minha morte. Pobre negociante! Foi o derradeiro entremez da minha vida. Deus me perdoe! como perdoa também a S.S.^a o seu defunto amigo. — GONÇALVES DIAS.

A ALEXANDRE TEÓFILO DE CARVALHO LEAL

Paris, 23 de agosto de 1862.

Amigo Teófilo — É coisa inapreciável andar a gente morta entre os vivos! Bem devia eu desconfiar de alguma coisa semelhante, quando via todos olharem-me de certo modo, como se eu acabasse de chegar de Orizaba, no México, ou dos campos Elísios, no Paraíso! — Morto e amortalhado em uma grande fôlha do *Jornal do Comércio*, com ares de quem recita o — *O vos omnes qui transitis*, etc., mesmo êstes superficialíssimos franceses deviam olhar-me como coisa muito séria! Já me não admiro de nada. — O coitado do negociante de Marseille não tem desculpa. A quarentena do *Grand Condé* custou-lhe aí uns vinte mil francos (cêrca de 7:000\$): ora um negociante que perde vinte mil francos se enternece a ponto de chorar até pela morte de um poeta. Pobre homem! Eu imagino a dor que êle teve com êsse prejuízo, pela choradeira e lástima do meu passamento. Havia de ser coisa para derreter penhascos. — O fato é que entre as singularidades da minha vida terei de mais a mais o prazer singular e esquisito de ler as minhas necrologias. — Você não se esqueça de recolher tudo o que tiver aparecido nesse gênero e mande-me. Quero fazer um álbum — uma caveira, dois fêmures em cruz, e por legenda — História de minha morte. — Você tem razão. Os ditados representam a sabedoria das nações multiplicada pelos séculos da criação do mundo. — E mesmo, quando assim não fôsse, é claro que só se morre uma vez. Ora, eu já morri, não tenho mais que morrer. Resta-me agora viver desencadernadamente até a consumação dos séculos. — Suponho que irei passar o inverno na Alemanha, porque me recomendam os banhos hidroterápicos de Marienbad. — Vichy fêz-me bem, mas a moléstia já estava muito adiantada, e não estou de todo restabelecido, mas não obstante estou engordando. — Adeus, dê-me notícias suas, e creia que, apesar de necrologiado, conservo os mais sinceros e vivos sentimentos de amizade a seu respeito. — Do seu coração — O falecido G. DIAS.

A MANUEL DE ARAÚJO PÔRTO ALEGRE

Lisboa, 1 de fevereiro de 1864.

Amigo Pôrto Alegre — Acabo de receber a sua carta de [...] do passado e como eram justamente horas de um passeio higiênico, acabando de a ler, fui dar uma vista de olhos pelos ferros-velhos de Rua do Ouro, e deparei logo com algumas das suas encomendas — Um exemplar menos mal conservado da *Côrte na Aldeia*, — e de envolta com êle, uma *Carta de Guia de Casados*, de D. Fr.^{co}. M.^{el}. — O Fr. Bartolomeu é que terá mais dificuldades em se apanhar uns dois volumes homogêneos; mas há aqui um caga-sebo que tem os 2 V.^{os}. em edições diferentes. Dei ordem para que os embargassem. A feira da ladra não é cousa com que se possa contar, quando se quer fazer uma compra determinada. À ventura, ainda lá se acha alguma cousa, mas depois que vim, ainda lá não vi nada que prestasse. — Não me esquecerei dos Anexins, Lendas, Revistas, pulseiras, rapez (?) — Sòmente noto que V. não diz se quer também as obras de Antônio José. De Teatros não há nada, nem sei ainda quem me dará os apontamentos que me pede. Talvez o Fellvir (?) ou Viale. Veremos isso. — Do Rio nada sei, nem me escrevem. Corre por aqui que o ministério será dissolvido, o que aliás é muito de supor, — mas acrescentam que o Olinda será incumbido de organizar o novo Gabinete. Desconfio muito dêsses lombos e remendos postos com cabedal velho. — O tempo continua aqui magnífico, pôsto que com suas nortadas, que escandalizam. — Ao menos desconfio que se me rachou a garganta, de sêca, por que a respeito de voz temos conversado. Há bons dez dias, que ando como frango com gôgo, que apenas pode chilrear um quiriquirei desengraçado e risível. O reumatismo êsse é que apesar de alguns ameaços vagos e ligeiros parece que me deixará em paz êste inverno. Mas a garganta e a tosse é o que me incomoda e aborrece como quinze mil demônios, e tenho reparado que de quantas extravagâncias me passar pela cachola, nenhuma me faz tanto mal como o estudo. Acode-me logo o sangue à cabeça, e produz-me uma espécie de congestão nos vasos da garganta, que é um desconsôlo. — No meio de tudo isto, me escrevem do Rio que S. Maj. está ansioso por ver cousa minha. Segundo supponho, êle achará lá de si para si, que sou um grande vadio, e que devo estar cheio e farto de divertimentos. Pois S. Maj. que tenha santa paciência. Não sei se voltarei jamais ao meu antigo estado, ou cousa que a isso se aproxime, mas se é possível, não estou muito disposto a arriscar essa mesma possibilidade com azáfama inútil e pouco produtiva. — Pelo que vejo, V. está nem sòmente com febre poética, mas em maré de economia. Venham as Comédias, que serão sempre bem vindas; mas os cigarros é que podem fazer dano para uso diário e contínuo. Ora, q.^{to}. não seria eu feliz se aqui apanhasse dêsses charutos do Paazig — a 6 pfenings — cada um? Para poder fumar alguma cousa, que me não arranhasse a garganta, pedi ao Peixoto o Brito que me mandasse uns centos de Cadra — importunei o contrato para que mos deixasse sair (pagos os direitos, já se vê) — e saíram-me toleráveis, mas por um preço exorbitante — cousa de 80 rs. fortes cada um. Por

êsse preço, no Rio, tinha eu um Havana, com que se não benze aqui S.M. que D.^o guarde. — Em compensação o contrato vai acabar, mas êstes grandes homens, arranjam as cousas de tal forma que há bem fundados receios de que se venha a fumar pior e mais caro. Era um problema difficilimo, mas no meu entender êles resolveram isso com suma felicidade. O Magalhães parece que se vai dando maravilhosamente bem por Viena, pois que êle não esmorece de poetar. Dê-lhes lembranças minhas em lhe escrevendo. — O Cotrim lembrou-se por fim de me dar notícias suas: está muito contente com Viena: mas eu também desconfio que êle trocou o vestuário polaco pelo magiar. — Grande novidade. Domingo o entrudo, haverá na Côrte um baile de máscaras: é o primeiro que ela dá neste gênero, e suponho mesmo que la por fora não há precedentes. — E com isto não o incomodo mais. Lembranças a sua Mãe, e Senhora e filhas, e se se esqueceu de alguma cousa acuse-se em tempo. — Mil saudades e um abraço do S. am.^o do C. — GONÇALVES DIAS.

A propósito de anexins — parece-me que não há repertório mais completo do que o *D. Quixote*. (A tradução sabe que é boa).

FIM DA "CORRESPONDÊNCIA"

DICIONÁRIO DA LÍNGUA TUPI

CHAMADA

LÍNGUA-GERAL DOS INDÍGENAS DO BRASIL *

* Reproduz-se em seguida, em fac-símile das linhas, não do formato nem da disposição tipográfica, a edição alemã, considerada a melhor, por ter sido feita sob a direção do poeta (*Dicionário da Língua Tupi chamada Língua-Geral dos Indígenas do Brasil*. Leipzig, F. A. Brockhaus, 1858, in 12, VIII-191 pp.) — Veja-se o fac-símile do frontispício na "Reportagem Iconográfica", ao começo deste volume.

PREFACIO.

Encarregado ha algum tempo pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro de apresentar-lhe uma Memoria acerca dos nossos Indigenas, tive de occupar-me com especialidade dos que habitavão o litoral do Brazil, quando foi do seo descobrimento, os quaes por esse facto foram os primeiros que se acharão em contacto com os colonos portuguezes.

Cabia-me tratar dos caracteres intellectuaes e moraes dessas tribus; esse trabalho porém não podia ser feito senão com o estudo previo da lingua que ellas fallavão, da qual tantos vestigios se encontram, que não é de presumir que elles tenham em algum tempo de desaparecer

VI

completamente da nossa linguagem vulgar, nem mesmo da scientifica.

Appliquei-me pois a esse estudo, e com quanto não fosse minha intenção demorar-me nisso muito, achei-me no fim de algum tempo com grande numero de notas, algumas das quaes me não parecerão sem importancia; mas essas notas, na confusão em que eu as tinha, de nenhum proveito serão para outros, e para mim mesmo de bem pouco me servirão. Foi-me por tanto preciso organisal-as, e, concluido o trabalho da coordenação, me achei com o dictionario, que agora dou á estampa.

Tomei por baze o vocabulario, que o autor da „Poranduba Maranhense“ acrescentou ao seo trabalho, valendo-me da Grammatica do Padre Figueira, do Diccionario Braziliانو, publicado por um anonymo em Lisboa, no anno de 1795, de um Manuscripto com que deparei na Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro, e cujo titulo me esquece agora, de outro Diccionario, tambem manuscripto, da Bibliotheca da Academia Real das Sciencias, de Lisboa, e de quatro dos cadernos que acompanharão as re-

VII

messas do nosso distincto e infatigavel naturalista — Alexandre Rodrigues Ferreira, durante a sua commissão scientifica pelo Amasonas nos annos de 1785, 86 e 87.

Para que o trabalho me sahisse menos incompleto, bem sei que devera ter feito outras e mais largas confrontações; mas na actualidade falta-me para isso tempo, nem me permite esperar, o receio de perder um Manuscripto, que me representa o emprego de tantas horas. É ainda este o motivo por que, com quanto reconheça a justeza das observações que me fez' o Dr. PETERS, professor na Universidade de Berlim, não posso, por em quanto, seguir o seo conselho — de dar aos caracteres do nosso alphabéto o valor phonico, que vai sendo hoje em dia admittido para as linguas não escriptas, de modo que taes sons podessem com mais facilidade ser reproduzidos por todos, que não somente por aquelles que conhecem o portuguez.

Offerecer este opusculo ao Instituto do Brazil nada mais é do que render-lhe a merecida homenagem pela attenção que taes estu-

VIII

dos lhe tem merecido, pela solícitude com que os promove e pela benevolencia com que os acolhe.

VIENNA — Junho de 1857.

A

A — vogal, I. antepõe-se a certos verbos servindo em lugar do pronome = *xe* = a primeira pessoa, agente do verbo ou oração. Não se dis: *Xe juca*, mas *A-juca*, eu mato. Faz nas outras pessoas: *ere, o, ya, oro, pe, o*. Emprega-se em todos os tempos do indicativo, optativo e permissivo; mas nos do conjunctivo, imperativo e infinitivo antepõe-se-lhe um *T*. Neste caso se deverá dizer *ta* ou por eufonia *taí*. II. No fim da palavra ou oração dá-lhe mais força e sôa então como *ã*. Ex. *A-ço-ã*, eis me vou. III. membrí virilis caput.

AAGNI, de nenhuma maneira.

AÁN, não. É difficil precisar-se o sentido de cada hum dos compostos deste adverbio: são os seguintes.

AÁN ANGAI, de nenhuma maneira.

AÁN DE, mas não foi, ou — não é assim.

AÁN GATU TENHÊ, de nenhuma maneira.

AÁN I, não, isso não, nunca.

AÁN IÁ, isso não.

AÁN INHÊ, não.

AÁN IRACO, não.

AÁN IREÁ, não é assim (Usão delle os homens).

AÁN IRI, com a mesma significação, mas só empregado pelas mulheres.

AÁN UME, não seja assim.

AB, nada significa por si, mas na composição valê como verbo, por exemplo: *A-ybyra-ab*, córto madeira. *A-yby-ab*, abro a terra. Destes formão-se outros dois verbos, um neutro, outro reciproco. *A-j-ab*, abrir-se (vide *ojab*) só applicavel -as cousas que se abrem por si e sem violencia, como a flôr, a manhã, o ovo, a ostra; mas quando a cousa se abre por força ou violencia, então se lhe accrescenta um *e* depois do *j*. Exemplo: *A-j-e-ab* ou *O-j-e-ab oca* abre-se ou fende-se a caza, e não *O-j-ab-oca*; e do mesmo modo se dirá *O-j-ab potyra*, abre-se a flôr, e não: *O-je-ab potyra*.

ABA, desinencia — vide *ara*.

ABÁ, creatura, pessoa, nação, familia forra. Quem? Qual?

ABÁ AÊ, Quem será?

ABÁ AMÔ, alguém.

ABÁ AMÔ NHEENGA RUPI, de parte de alguém.

ABÁ ANGAI, tytamno.

ABÁ ANGAIPABA OÇU-ETÉ, tytamno terrivel.

ABÁ ANGATURAMA, homem bom.

ABÁ CAAPORA, homem fragueiro, mateiro.

ABÁ CANHEMORA, fugidiço, fujão.

ABÁ CARIMBÁB, valoroso.

ABÁ CARIMBÁB OÇU, valentão.

ABÁ COAUBEY'MA, homem tolo.

ABÁ ÇUPÉ TÁ? A quem?

ABÁ ÇUPENHOTE. A qual quer.

ABÁ ÇUPI RUPI OAÊ, homem verdadeiro.

ABÁ ETÁ OKENA RUPI TUPANA POTÁBA OJURURÊ, pedir de porta em porta.

ABÁETÊ, homem abalisado. É tambem o nome do rio que desagua no de S. Francisco, onde em 1792 se achou um dos maiores diamantes conhecidos.

ABÁ GUAÇÚ — guerreiro illustre pelas suas fanhas.

ABÁ IARA, senhor.

ABÁ IBA, namorado, noivo.

ABÁ IPIÁ CATÚ OAÊ, bem acondicionado.

ABÁ IPIÁ MEOAM OAÊ, mal acondicionado.

ABÁ ITAJUBARA (*itajubajara*) homem rico (d'oiro).

ABÁ JURUPARY OAÊ, endemoniado.

ABÁ MENDAÇÁRA, casado.

ABÁ MENDAÇAREYMA, solteiro.

ABÁ MOACARA, homem nobre.

ABÁ MOAPOAME CECÊ, amotinar.

ABÁ MOETÊÇÁRA, homem honrado.

ABÁ MOPIAN CATU ÇUPÉ, grangear a vontade.

ABÁ NGA, palmeira.

ABÁ NGATU (anga), gentil.

ABÁ NHEENGARA, fallador.

ABÁ NIÊENDABA, caxoeira, salto do rio.

ABÁ NIHERANEYMA, manso.

ABÁ NITIO, ninguém.

ABÁ NITIO AROBIAR IMOAE RECÊ? Quem duvida disso?

ABÁ NITIO OAROBIAI, contumaz.

ABÁ NITIO ONHÊENG OAÊ, ou *nhêng oaê*, mudo.

ABÁ OBA MONHANGÁRA, alfaiate.

ABÁ OPABINHÊ OERICÔ OAÊ, abastado, farto.

ABÁ OPABINHÊ RECÊ PORA, a olhos vistos.

ABÁ PANÊMO, negligente, inutil, sem prestimo.

ABÁ PIXUNA CERUNA, amulhado.

ABÁ POCOCANGÁRA, soffredor.

ABÁ PONGA, gentil.

ABÁ PORAUÇUB, mesquinho.
 ABÁ POREBOBIAREYMA, soberbo.
 ABÁ POROJUÇÁRA, homicida, matador.
 ABÁ POROPOTAR, rufião.
 ABÁ PUXI, ou *pxi*, velhaco.
 ABÁ RECÓ ITYCABA, os novísimos do homem.
 ABÁ ROONHÓTE, homem tropego.
 ABÁ TACOARAIBORA, medroso, fugitivo.
 ABÁ TA IADÊ INDE? Quem t'ó disse?
 ABÁ TÁ INDE? Quem es tu?
 ABÁ TÁ NDE MEPOI? Quem te disse essa mentira.
 ABÁ TA MORÁNDUB? Quem t'ó contou?
 ABÁ TAÊ? Qual será?
 ABÁ TAPANHUNO, negro.
 ABÁ TAPÊ IÁRA, senhor do caminho, pratico. useiro e veseiro.
 ABÁ TAYGOÁRA, fôrto, livre.
 ABÁ TAPUYA, inimigo, contrario.
 ABÁ TEBYRA, somitego.
 ABÁ TEÇABANGA, vesgo.
 ABÁ TECÓ CUGUABA, prudente.
 ABÁ TECO CUGUABEYMA, tolo.
 ABÁ TECÓ CUGUABEYMUÇÚ, tolice, parvo ce.
 ABÁ TEITÊ, humilde.
 ABÁ TEYMA, preguiçoso.
 ABÁ TUPAN MOETÊÇARA, devoto.
 ABÁ YBA OÇÚ, abrasador, destruidor.
 ÁBA, desinencia dos nomes que se derivão dos verbos activos e neutros, e exprimem o lugar, tempo, modo ou instrumento com que alguma coisa se faz. Estes nomes em *aba* provem de alguns dos verbos, que acabão em e, i, o, u, e de todos os que acabão em *ng*. *A-u*, comer, faz — *g-u-aba*, *monháng*, fazer, faz *monhángába*.
 ÁBA, cabelo.
 ÁBA COARACY (cabellos do sol) ou ába coaracy beráb (raio do sol) beija flor.
 ÁBA CÚU, cabelo penteado.
 ÁBA IATYCA ou *iatúca*, cabelo curto.
 ÁBA MOROTINGA, brancas, cans.
 ÁBA PECU, cabelo comprido.
 ÁBA PIXUNA, cabelo preto.
 ÁBA PYRANGA, cabelo ruivo.
 ÁBA TIRA, arrepiamento dos cabellos.
 ABÁBA, tocheira.
 ABARÊ TUCÚRA, nome que os indigenas davão aos frades de S. Antonio por terem o capuz á similhaça de um gafanhoto.
 ABATIAPE } arroz.
 ABATIJÊ }

ABATIJÊ, abatixi, abaxi, ou abaty, que assim se escreve differentemente, mas parece que disião — *Abaty-antán*, significando 'milho e *abatixi* ou *abaxi*, para os compostos.
 ABATIJÊ AYBA, restolho do milho.
 ABATIXI ou *Abaxi bobóca*, moinho de milho.
 ABATIXI CATÊTE, milho humilde.
 ABATIXI ÇAYNHA JÓCA, debulhar o milho.
 ABATIXI ÇOÇÁRA, o pilador de milho.
 ABATIXI ÇOÇÓC, pilar o milho.
 ABATIXI ÇOÇOCABÓRA, o que tem por costume pilar o milho.
 ABATIXI (ou *Abaxi coréra*, farelo.
 ABATIXI IMOTINIMBYRA, m. torrado.
 ABATIXI INDOÁ, pilão de m.
 ABATIXI INDOÁ MEME, mão de pilão.
 ABATIXI MEAPÊ, brôa.
 ABATIXI MEAPÊ ANTAN, biscoito de m.
 ABATIXI MIMOIA, m. cosido.
 ABATIXI MOMBYCAPYRA ÇAÇOÇA RECÊ, m. furado do gorgulho.
 ABATIXI OBA, folha de m.
 ABATIXI PANEMO, milho podre, sem prestimo.
 ABATIXI PIRÉRA, casca de m.
 ABATIXI PIRÓCA, descascar o m.
 ABATIXI POPOC, m. que estala: donde vem a palavra *popoca*.
 ABATIXI PÓRA, sabugo de m.
 ABATIXI PURURÚCA, m. que se frege.
 ABATIXI PYRANGA, m. vermelho.
 ABATIXI ROCA, paiol de m.
 ABATIXI RYRY', m. de mólho.
 ABATIXI TINGA, m. branco.
 ABATIXI TYBA, milharal.
 ABATIXI VU, farinha de m.
 ABATIXI YBA, pé de m.
 ABAXI YG, vinho de m. Cosem o milho, lanção n'ó n'agua e o deixão fermentar cousa de tres ou mais dias: a esta bebida chamão *caúim*, as féses *catimpoeira*, e a todas as bebidas em geral *carymbyry* (vide *Cory'b*) que quer diser — fonte d'alegria.
 ABÊ, e (conjunçáo) tambem, logo, da mesma maneira.
 ABI, agulha.
 ABI COARA, fundo da agulha.
 ABICUY (*goarani*) pentear.
 ABICUY AÍB, pentear mal: *aíb* faz conhecer o vicio da acção na intenção do agente, e não na obra. Toma-se em má parte.

ABÁ POURAUÇUB / ABICUY AÍB

- ABICUY AÜB, pentear mal, isto é, com defeito na acção. *Aüb* indica a má vontade do agente, a imperfeição da obra e muitas vezes-grande interesse da parte do paciente na acção do verbo.
- ABICUY CÁ, pentear com constancia e resolução. No mesmo sentido os homens dirião *neçá* ou *peçá*; as mulheres porém devem diser *abicuy quyy*.
- ABICUY COARA ou *coer* pentear com muita frequência.
- ABICUY-I, pentear por acaso.
- ABICUY NHE ou *nhote*, pentear so e simplesmente: a particula indica a singularidade da acção no agente do verbo.
- ABICUY RANHÊ, pentear com destreza.
- ABICUY UÇAR, pentear, constringido, por violencia.
- ABICUY-ABICUY-AUB, pentear com grande afau; a repetição do verbo dá mais energia a *accão*.
- ABICUY-ABIGUY-AUB-AUB, pentear com grande desejo e pressa: a repetição da particula denota a vehemencia do desejo do agente.
- ACA, corno.
- ACA APÚAM, c. redondo.
- ACA ÇAIMBÊ, c. esquinado.
- ACA COARA, c. sem sabugo.
- ACA CORÊRA, raspas de c.
- ACA ÇUÇÚAPÁRA, c. de veado.
- ACA I, corninho.
- ACA IAPÁRA, c. torto.
- ACA IATYCA, c. curto.
- ACA MIRIM AÍRA, c. muito pequeno.
- ACA PECÚ, c. comprido.
- ACA PÓRA, sabugo de c.
- ACA TAPYRA APIABA, c. de boi.
- ACA TAPYRA CUNHÁ, c. de vacca.
- ACA TURUÇÚ ETÉ, c. muito grande.
- ACA YMYRA, ramo da arvore.
- ACA e tambem *acai*, interjeição de dor; os homens disem *ai*: as mulheres: *Acaigoê*.
- ACAJÁ (hoje cajazeiro) arvore fructifera; os indigenas chamavão-na tambem *Ybamétara*; floresce no estio, dá fructos no inverno.
- ACAIGOÊ, ail (para as mulheres somente.)
- ACAYACÁ, cedro.
- ACAJU, arvore fructifera; floresce em agosto e setembro, flores brancas ao principio, depois purpuras: fructifica em dezembro e janeiro: dá gomma como a arabica. Anno.
- ACAJU ACAIA (chifre de ...) ou *ti* (nariz do ...) ou *itimaboera* — castanha de caju. *Acaju itima-boera* parece significar propriamente a amendoa — *acaju-tim-pora*.
- ACAJU ACAI PIRAGÓBA, chuvas de agosto e setembro, que destroem as flores do caju.
- ACAJU-CICA (tambem *icaica*) resina de caju. Servia aos livreiros, nas provincias do norte, para encadernações, ja por economia, ja por conveniencia, sendo mais barata-e, por causa do amargor, menos atacada dos bixos do que a gomma arabica ou tipioca.
- ACAJU ETÁ, anno, idade.
- ACAJU ROIG, idem. Os Indios guardavão cada anno uma castanha de caju para contagem dos annos que vivião.
- AÇÁMO, espirro, espirrar. Nesta lingua os verbos mudão de natureza, segundo as particulas que se lhes-ajuntão. Exemplo: *Açámo*, espirrar; *Ai moçamo*, eu faço espirrar a alguem. *Açamo-jemoçamo*, eu me faço espirrar a mim proprio. *Açamo-poro-çámo*, eu espirro, molho a todos. O verbo simples faz no infinitivo *Çámo*, espirrar, molhar, espirro, molhadura; o conjunctivo em *reme*. *Açámorême*: o participio passado em *pyra*, o gerundio em *mó*: *çámo-pyra*, cousa espirrada, molhada; çamomô, espirrando.
- ACANÉON, affligir. *Ai-mocaneon*, faço soffrer, causo dor. *Acanéon-jemo-caneon*, atormento me a mim proprio. *Acanéon-poro-caneon*, afflijo a todos. *Conjunct. Caneonême*, como eu afflija. Infin. em *a-Caneõa*. Part. pass. em *byra Caneonbyra*, c. afflicta. Gerundio em *a, Caneõ-a*, afflijindo.
- ACÁNGA, cabeça.
- ACÁNGA AÇU, habilidoso.
- ACÁNGA ACY', doer a cabeça (Do verbo *Cecy'*).
- ACÁNGA AYBA, tresvariar.
- ACÁNGA AYBA NUNGÁRA, adoidado.
- ACÁNGA CANGOERA, craneo.
- ACÁNGA CATU, habilidade, juizo, retentiva.
- ACÁNGA ETYC, acenar com a cabeça.
- ACÁNGA OCA. Na Poranduba Maranhense vem esta palavra com a significação de-descabeçar; todavia, cortar se-dis *mondoc*.
- ACÁNGA PABA ou *upaba*, travesseiro, almofada.
- ACÁNGA PABA RERÛ, fronha. *Rerû* significa *cousa que encerra*.
- ACÁNGA YBA, desatinado, doudo, parvo.
- ACANGÁTARA (H. Stadt escreve *Kannitar*) penacho, enfeite de pennas que trazião na cabeça.
- ACANHEMO, sobresalto.
- ACAYACÁ, cedro.

ACARÁ, ardea, especie de garça, também lhe dão o nome de *goratinga* ou *quiratinga*; de suas pennas fazião os indigenas pennachos. Ha varias especies: uma, das mais pequenas, que andão em bandos, fazem ninhos no cimo das arvóres e sustentão se de mariscos.

ACARÁ, peixe: ha varias especies que se distinguem com as denominações de *apuã*, *assu*, *tinga* e *pizuna*.

AÇÓ COICÉ COICÉ, traz ante-hontem.

ACOÁUB EY'MA OÇU, idiota, tolo.

ACOÊME, antigamente.

ACYQUERA, pedaço.

ACAUÁN, e também *Macauoân*, ave conhecida: mata cobras, sustenta com ellas os filhos, e pendura-lhes como t'ropheo as pelles na arvóre, em que habita. Os indigenas, quando esperão algum hospede, affectão conhecer pelo canto destas aves, o tempo em que aquelle deve chegar. Os ovos seccos e feitos em pó são contraveneno do das cobras. Tem esta ave a cabeça grande, cor cinzenta, barriga, peito e pescoço vermelho, costas pardas, azas e cauda pretas, malhadas de branco.

ACUTY esperar, acautellar, espreitar. *Cutia*, animal; dão-lhe este nome, como se dicessem-cauteloso, como quem vai pé ante pé.

ACUTY BÓIA, (cobra de cutia) da-se-lhe este nome por ser a cutia o seo sustento mais commum.

ACUTY PURÚ, rato de palmeira.

ACUTY YAUÁ RETÊ, onça de cutia.

AÊ, I. elle, ella, elles, aquelle, a qual. He (verbo) II. Também é verbo e significa-dizer. Junto com o gerundio *Cepiáca* significa-ver querendo, ou querer vendo. *Ere cepiaca ne*, verás e quererás III. *Aê catu* (composto) significa poder, e pede gerundio em qual quer outro verbo com que se ajunta. Ex. *Aê catu baê monhang-a*, posso faser qual quer cousa. E negando-se. *Daê catu-i gui xo-bo*, não posso ir. *Pedro ei catu oço bo*, Pedro pode ir.

AÊ AÊ, elles, elles: esse, esse mesmo.

AÊ BAÊ, esse, esse mesmo, esse de quem fallamos.

AÊ BOÊ, muito á proposito.

AÊ ÇUI, de lá, de cá, d'ahi donde estás.

AÊ ÇUI IKEQUITI, de la para cá.

AÊ ETÁ, elles, ellas.

AÊ ETÊ, mesmo, mesma.

AÊ KETY, para lá.

AÊ NITIÓ, isso não.

AÊ RAMÊ, então.

AÊ RAMÊ VÊ, mesmo então.

AÊ RAMÊ VÊ CATU, no mesmo tempo.

AÊ RECÊ, pelo que.

AÊ RIRÊ, dahi por diante, depois disso.

AÊ RIRÊ MIRIM, pouco depois.

AÊ RUPI, por la.

AÊ TENHÊ, idem.

AEBITER, ainda persevero em fazer ou diser (com gerundio). *Aebiter de rauçupa*, ainda persevero em vos amar.

AEIBÉ, e,

AEIBÊMO, logo então. *Aeibê o-ço-bo*, logo então foi. *Aeibemo o-ço-bo*, logo então havia de ir. A syllaba *mo* faz imperfeito o verbo, ou esteja antes ou depois delle. Ex. *Aeibe-o-ço-bo-mo*.

AEJE, ainda continuo fazendo. Ex. *Aeje gui xobo*, ainda vou.

AEMEMENHÊ, exprime dar-se alguém a vagares em faser alguma cousa. *Aememenhê gui xo-bo*, hei-me de vagar em ir.

AEMO. E com tudo isso. Ex. *Aemo-ere-ço*, e com tudo isso vais!

AENHÊ, exprime o contrario de *aememenhê*, lá me apresso. Ex. *Aenhê gui xo-bo*, ja vou. *Pe-jenhê pe-ço-bo*, lá vos apressais.

AEPE, ahi, la onde dizeis, ou estais.

AEPE MAME OERICÔ, la onde estás.

AEPE TENHÊ, ahi mesmo, nesse logar.

AERÊME, então. Ajunta-se aos verbos, denotando o preterito imperfeito. *A-juca aerême*, eu matava então. No perfeito se poderá dizer *uman aerêmê*, ja então.

AETENHE, de balde, em fazer ou diser alguma couza. (Com a primeira pessoa). *Aetenhe-gui-jábo*, digo de balde ou vamente. *Aetenhe der-auçupa*, de balde vos amo.

AEUMAN, tem a mesma força que *anhê*. *Aeuman gui-xo-bo*, ja vou.

AEUMANI, hei-me muito devagar. O Padre Figueira aponta os seguintes exemplos. *Ere umaná baê monhang-a*, tu te dás a vagares em faser isso. *Daêi umaná baê gua-bo ranhe* (ou) *Daêi umaná baê-ueyma*, ainda não acabo de comer; em coçar me hei de vagar.

AEYBÊ, também, logo, da mesma maneira.

AGOÉRA, posposição ao preterito e plus quam perfeito do infinitivo. *Juca-agoéra*, que matei, matara ou tinha morto.

AGOÉR-EYMA, é a dicção *agoéra*, negando. *Xo maenduar agoer-eyma*, não me ter lembrado, ou que me não lembre.

- AGUAÇÁ, e AGUAÇÁBA, manceba, concubina.
 AGUAÇABÓRA, mancebia, concubinato.
 AHÉ, este.
 AHY, voz de admiração. Em outro sentido, veja-se *Ay'g*.
 AI, eu, pronome de certos verbos. Faz nas outras pessoas — *erei, oi', yai, oroí, pei, oi*.
 AIB, tem varios sentidos, em má parte. *Ai-co-aib*, diz a mulher que anda com o menstruo, ou tambem, vivo mal. *Ai-mondo aib*, mandar alguém affrontado. *A-reco aib*, tratar mal a outro. *Xe ange-co aib*, estou affligido. *Ai co aib-i*, se dis das almas do outro mundo, e dos homisiados, que apparecem ás furtadellas.
 AICOBÈ, viver, existir. (Ha: verbo).
 AIPO, e
 AIPOBAÈ, esse, esses; este, estes.
 AIRI, especie de palmeira.
 AIXÈ, tia, assim do homem como da mulher, quando é irmã ou prima do pae. Vide *Ceyjyra*.
 AIXÓ (*taixó* ou *xeraixó*) sógra do homem.
 AJÚBA, louro (arvore).
 AJUBÈTE, ao mesmo, embóra, muito embora, seja muito embora, siquer, ainda que.
 AJUBÈTE ÁRA AMÓ PUPÈ, quando quer que.
 AJUBÈTE ÇACÍ INDEBO, ainda que te pese.
 AJUBÈTE JABÈ, assim, como assim.
 AJUBÈTE JABÈ TENÉN, mas antes isso.
 AJUBÈTE JEPÈ AMÓ, qual quer.
 AJUBÈTE MÁME, a qual quer logar, onde quer que.
 AJUBÈTE MAYABÈ NHÓTE, seja como for.
 AJÚRA, pescoço.
 AJUREPY', cachasso, gasnate.
 AKYRÁR, abortar.
 AKY RE, verdejar.
 AMÁNA, chuva.
 AMÁNA ARA, dia de chuva.
 AMÁNA OKYR, chover.
 AMÁNA OPYC, vid. *Moamánajé apy'p'c*, choviscar.
 AMÁNA RY', agua de chuva.
 AMANAJÈ, alcoviteiro.
 AMANAJÚ, e
 AMANY'Ú, algodão.
 AMBOÉRA, dicção característica do futuro imperfecto do infinitivo, a qual se acrescenta a todos os verbos acabados em consoante. *Xe maenduar amboéra*, que me houvera eu de lembrar!
 AMBOER-EYMA, é o mesmo que amboéra, porém negativamente. *Xe maenduar amboer-eyma*, que me não houvera de lembrar.
 AMBY, ranho, gemido.
 AMBY ÓCA, assoar.
 AMBYRA, morto, defuncto.
 AMÍ, espreiner, apertar.
 AMO, desinencia dos gerundios e supinos. *Xe maenduar-amo*, lembrando-me eu, para me lembrar. *Fasem* o gerundio em *amo* os verbos acabados em *i* ou *ú*, e todos os do pronome *xe*. Ex. *Xe angaturam* faz *xe angaturam-amo*. *Negão-se* todos estes, interpondo-se a dicção *eym* antes de *amo*. *Xe angaturam-eym-amo*.
 AMô ou AMÓ, ainda agora. *A-jur amô*, ainda agora venho. *Amô abá çupê oeyt'ca cecô*, tornar a culpa a outrem.
 AMô ã, elles.
 AMô ã ÇUPÈ, para elles.
 AMô ABÁ MBAÈ, cousa alheia.
 AMô ARA PUPÈ, em outra occasião, em outro dia.
 AMô ABA RETÁMA GOARA, estrangeiro.
 AMô BINHÈ, outras vezes.
 AMô ÇOBAINDÁBA, a outra parte (fallando-se de um rio).
 AMô ÇOBAIXÁRA, a outra parte (sem ser de rio).
 AMô JABÈ, outro tanto.
 AMô MÁME, em outra parte.
 AMô RAMÈ, as vezes, algumas vezes, de quando em quando.
 AMô RAMÈ NHOTE, por maravilha, raramente.
 AMô RUPÍ, pelo contrario, ao contrario, diferente, de outra maneira; variar (verbo).
 AMô RUPÍ NHÓTE, a outro proposito.
 AMô RUPÍ OICÓ, estar fóra do seo direito.
 AMô RUPÍ ONHEÉNG JEBY'R, tornar atraz com a palavra.
 AMô RUPÍ RUPÍ ONHEÉNG, mudança (na falla).
 AMô VÈ, mais outro, ainda mais.
 AMô YBY' ÇUI, de outra terra, de fóra.
 AMOCAÉM, assar de moquem.
 AMÓME, algumas vezes.
 AMONGATY'G', alem, para alem, para lá.
 AMOTÁBA, bigodes.
 AMOTAREY'MA, odiar.
 AMOTAREY'MEBÁRA OAÈ, malquerente.
 AMÚ, irmã; prima (da mulher).
 AMÚME, veja-se: amóme.
 ANA, desinencia de alguns nomes verbacs, com a mesma significação que os acabados em *ára*. *Pyciron*, por exemplo, faz *Pyciron-çára* ou *Pycirô-ana*.
 ANAJÈ, gavião.
 ANÁMA, parente.

ANÁMA ETÁ, parentella.
 ANÁMA OÇÚ, basto v. g. matto, capim.
 ANÁMA VÊ, relação de parentesco.
 ANÁMAÇÁBA, parentesco.
 ANANÁ ou *naná*, ananaz.
 ANAIGÁI OÁNE, jamais. Vide *angái*.
 ANANGÁI ETÉ, de nenhuma maneira.
 ANDIRÁ, morcego.
 ANDIRÁ KICÊ (faca de morcego) uma especie de capim.
 A'NE, nunca.
 ANG, e
 ANGA, esse, esses.
 ANGA, alma, consciencia.
 ANGA ANGATURAMA, alma justa.
 ANGA (e tambem *Aang*) *poçanông Santa Madre Igreja Sacramento etá pupê*, sacramental.
 ANGA CÔAYBA, desconsolado, paixão, tribulação.
 Cô parece aqui ser contracção de *Teô*.
 ANGA RECOBÊ ÇÁBA, graça (de Deos).
 ANGA TECÔ ANGAIPÁBA MONHANGÁRA, alma peccadora.
 ANGÁI, de nenhuma sorte: é particula pospositiva negativa, que se emprega algumas vezes com esta outra-aani — v. g. *Aan'-angai*, de nenhum modo, sorte ou maneira. Junta-se aos verbos negativos, exemplo: *N-a-ço-angái*. nunca elle foi. *N-ai-potar-angai*: de nenhum modo quero.
 ANGÁIGOÁRA, magro.
 ANGÁIGOÁRA GOËRA, magreira.
 ANGATURÁMA, justo, boa condição.
 ANGATURÁMA MOANGA (do verbo *moáng*, fingir) hypocrita.
 ANGATURANÇABA, pureza d'alma.
 ANGAŨ ou *angay'*, murmurar.
 ANHAMBÚ, vide Nhambú.
 ANHÁNGA, fantasma.
 ANHÁNGA RECUY'BA, páo de lacre.
 ANHÊ, pois: assim é. Tam bem se-emprega ironicamente, como quando dizemos: basta que sim senhor!
 ANHÊ ÇUFÍ, basta que assim é.
 ANHÊ ÇUPI AQUËRA, basta que assim foi.
 ANHÊ TE CATÚ, á fé! em verdade.
 ANHÉRACOREÁ (usado dos homens somente.)
 ANHERACOREÍ (idem) e significação ambos: — assim é.
 ANHERÁU, assim é.
 ANHEREÁ, e
 ANHEREÍ, tem o mesmo significado, mas são em-

pregados pelos homens somente.
 ANHÍMA, o mesmo que *Inhíma*.
 ANHÔ, só, somente.
 ANHÔ AYRA OAE, só, solitario.
 ANI, não.
 ANOI, de outra parte ou banda.
 AOŨ (ou am-oá) estes, elles, ellas.
 AOÁMA, posposição característica do futuro porfeito do infinitivo e supino *Juca ao-áma*, para haver de matar, ou que matei.
 APAGUÊ! exclamação de quem festeja graças ou novidades.
 APARE, volta.
 APECATÚ, longe.
 APECÓN, lingua.
 APEKEXINGA, calvo.
 APÊM (significação incerta). *Po apém*, unha. *Po apém pungá*, unheiro.
 APIÁBA, homem, e tambem o macho de qualquer animal.
 APITÁ (veja-se *pitá*) — *Nheéng apitá pitá*, gaguejar.
 APOÊ, longe.
 APOËCATU, assim escreve Figueira: no Dicionario Braziliiano le-se: *Apecatú*.
 APUÁM, globo, bola: redondo.
 APYÇÁ, ouvido.
 APYÇA COÁRA, buraco, orificio do ouvido.
 APYÇA REAPY, zunido nos ouvidos.
 APYÇÁBA, assento.
 APYRI, junto de mim, á minha ilharga. *Xe apyri* commigo.
 AQUÊI, esse, esses, este, estes.
 AQUÊIPE, ali mesmo.
 AQUËYA, veja-se: *aquêi*.
 AR, nascer (dis-se do vivente: Vide — *cemó*, *poróc*) cahir, tropeçar, queda.
 ARA, dia, hora, occasião, tempo, mundo.
 ARA ÁRA SANTO RENONDÊ GOÁRA, vespera de santo.
 ARA AYBA ETÊ, tempestade.
 ARA ÇACY, calma.
 ARA CATU, oportunidade, bonança.
 ARA CATU PUPÊ, a boas horas, a tempo opportuno.
 ARA CUÁ (cintura do...) ou
 ARA CUÍPE, meio dia.
 ARA ERÊ OÇÚ, dia grande, de festa..
 ARA IATUCA AYRA, instante.
 ARA JABÊ JABÊ, cada dia, todos os dias, de dia em dia, ordinariamente.

ANÁMA ETÁ / ARA JABÊ JABÊ

ARA KYA, dia brusco.
 ARA NITIO OJEPÉ OÇU, accommodar com o tempo.
 ARA OCY'CA EYMA VÊ, cedo (antes de tempo.)
 ARA OETÉPE, todo o dia.
 ARA OJEMOKIÁ, ofuscar-se o dia.
 ARA OJEMOPITÚNA, embrulhar-se o tempo.
 ARA OJEPIRAR, aclarar o dia.
 ARA RANGABA, relógio.
 ARA, particula pospositiva, a que de ordinario se ajunta um-ç-: no fim dos verbos indica a pessoa que na actualidade exercita a sua significação, por exemplo: *Capy'ó*, pentear: *Capyçara*, o que penteia actualmente. A lingua tupy é tão rica destas particulas, que julgamos conveniente apresentar aqui um quadro das mais importantes dellas, ainda que as tenhamos de repetir em seos logares. *Ora*, junta se lhe um-b-, se o verbo acaba em vogal, ou mudando-se lhe a desinencia por euphonia. O que tem por costume exercer a significação do verbo. *Capyé'ora* ou melhor *Capy-bóra*, o que actualmente é penteador. *Aba* (ajunta de lhe um-c-) indica o logar, o tempo, o modo o instrumento, com que se exercita o agente: *Capyçaba*. *Çara óera*, a pessoa que ja penteou, *Çar' amboéra*, a pessoa que estava para ser penteador: o penteador que houvera de ser; mas não foi. *Çar' ama*, o penteador digno de o ser. *Bor-oéra*, a pessoa que usou do officio, ou teve o costume; mas ja o não usa. Denota grande exercicio no passado. *Bor' amboera*, a pessoa que tinha por costume ou officio pentear, ou o que esteve para ser penteador no tempo passado, mas não foi. *Bor' ama*, a pessoa que actualmente usa do costume de pentear, e que continuará a ser penteador. *Cab oéra* o logar, o empo, o modo, o instrumento com que no tempo passado se penteou. *Cab-timboéra*, o logar, o tempo, o modo, o instrumento, com que no tempo passado se houvera de pentear, mas não se penteou. *Cab-âma*, o logar, o tempo, o modo, o instrumento com que actualmente se penteia, e com os quaes ainda no futuro se penteará. Escusado será repetir que estas particulas são pospositivas: nos exemplos que damos, subentendemos sempre o verbo-*Capuy'e*.
 ARAÇÁ, arvore e fructo.
 ARAÇA RANA (no Pará), arvore que nasce pelas margens do rio, de que se sustentão as tarta-

ugas, e serve de isca com que os pescadores as apanhão.
 ARAÇARY, ave; é de côr verde escura, cabeça e pesçoço negro, peito e ventre louro. Chama-se *A. poca* o que tem os lados do bico, junto á base, encarnados. Ha o *Araçary* do mato e ainda outras variedades.
 ARAMACÁ, solha (peixe).
 ARAMÊ, então.
 ARAMÊ BÊ (ou *vê*) mesmo então.
 ARAMÚYA, — *Paya aramuya*, bisavô por parte de pae.
 ARAOÁBA, espadarte (peixe).
 ARAPACÚ ou
 ARAPAÇÚ, pica-páu (ave).
 ARAPAPÁ, ave.
 ARÁRA, ave bem conhecida.
 ARARUNA, arara preta ou antes azul ferrete.
 ARARY, arara encarnada.
 ARARYCA, especie de papagaio.
 ARAUÂNÁ, peixe.
 ARAVARI, sardinha.
 AREBÊ, barata.
 AREBO, cada dia. *Pycárebo*, cada noite, ou, toda a noite.
 AREIRÊ, após isso.
 ARIBO, em riba, em cima, sobre. *Ocaribo*, em cima da caza.
 ARIYÁ, avô (da mulher).
 AROAIM, caramujo (marisco).
 AROAN-ÉYMA, acaso, tal vez.
 AROBIACÁRA, obediente.
 AROBIÁR, crer, acreditar, obedecer.
 ÁRPE, sobre, em cima.
 ARÚ, sapo.
 ARUCÁNGA, costellas.
 ARÝA, irmão do ovô. *Paya-arya*, avô por parte de pae.
 ARYÁ, irmão da avó.
 ARÝBO, O Dicc. o traz em dois sentidos — de dia, — e nesta frase — *arybo goára*, sobre-céo; mas parece ter sido confuzão de *árebo*, e *aribo*.
 ARYNAIRÍ, arruya grande.
 ASSÍCA, couza que não é inteira.
 ATANGAPÉMA, espada.
 ATAUAATÓ, ave.
 ATÉ, ate que.
 ATÉ CUYR, até agora.
 ATÉ MBAÉ REMÊ CATÚ TÁ? ate quando?
 ATÉ OÝME, até ali.
 ATEYMA, preguiça (vicio)

ATEYMA OÇÚ, preguiçoso.
 ATINGUAÇU, alma de gato.
 ATUBA, toutiço.
 ATUCA, baixo, encolhido, estreito.
 ATYATY', gaivota (ave).
 ATYBA, núca.
 ATYR, rima, montão.
 AÚB, dicção que se acrescenta aos verbos para indicar defeito ou má vontade da parte do agente. *A-ço-aúb*, vou, mas de má vontade. *A-cepiac-aúb*, desejo ver, tenho saudades de alguém. *A-cepiac-aúb xe-r-uba*, tenho saudades de meo pac. E se o verbo atrás se repete, tem mais força. Ex. *Aço, aço-aúb*, fólgo que vou. *A-raço-raço aúb*, folgo que levo commigo. II. Os negativos destes verbos são assim. *N-a-ço-eim-aúb-i* — peza-me que não fui. *N-ái monhang-eim-aúb-i*, peza-me que não faço ou que não fiz. III. Quando se repete a dicção, significa grande desejo. *A-ço aú aúb*, vou com grande desejo e pressa.
 AUGÉ, ou melhor *aujé*, basta (verbo) Ora basta ja. Tão bem se encontra no sentido de-finalmente, senão quando. Ex. *Augé xe-gui-xo-bo*, finalmente fui.
 AUGÉ CATÚ, fólgo muito.
 AUGÉ IPÓ, deve bastar.
 AUGÉ OANE, basta ja, nunca mais.
 AUGÉ RANHÊ, basta por hora.
 AUGÉ RAMANHÊ, subitamente, imediatamente.
 AUGÉ RAMANHÊ OARAMA, para sempre, eternamente.
 AUJÊ (veja se tambem *augê*) ora basta!
 AUJÊ BEËMO.
 AUJÊ BERAMO,
 AUJÊ BÊTEMO,
 AUJÊ ÊMO, todos estes quatro se podem empregar nesta fraze — (*Auje-beemo*) *a-ço* ou *xe-co-u?* — Que seria se eñ hora fosse? O Pº. Figueira porém emprega — *aujêberamo* e *aujêbetemo* com o sentido de: ainda bem que assim seja ou fosse.
 AUJÊ NHÊ, bem está assim.
 AUKY', inquietar, bulir com alguém. Veja-se: *eauky*.
 AUNHENHE, logo.
 AVARÁ, raposa.
 AVERÁNA ou *abérana*, thisica, asthma.
 AY' AYA, colhereira (ave).
 AYBA, máo.
 AYBA PURYB, peor.

AYÊ:
 AYÊ CATÚ:
 AYÉIPO, e
 AYERAÇO, assim é.
 AY'G, preguiça (animal) deffícil de apanhar-se, quando foge: A grande vólta-se as vezes com furor contra os que a perseguem: as pequenas mergúlhão no fundo dos lagos e lagôas atraz de algum sustento.

B.

BABA desinencia dos nomes que se derivão dos verbos acabados em *m*. Ex. *A-nho-tim*, faz *timbaça*, *timbaba*. Veja-se *ára* e *dba*.
 BACURY, arvore: fructo.
 BACURY MEMBÉCA, fructos alguma couza azedos, que os indios comem. Nasce a arvore pelas margens dos rios em partes humidas.
 BAÊ, accrescentado a qualquer verbo, é característico do particípio do presente. *O-juca-bae*, o que mata. Faz no imperfeito, isto é, o que matava — *Baê poera*, — no preterito *Baê ramboéra*, no futuro *Bae-rama*.
 BAÊ-RAMÁPE? para que fim?
 BARA, desinencia dos nomes derivados dos verbos que acabão em *m*, para exprimir a sua significação. *Baba*, exprime o tempo, modo, instrumento, &c.
 BARIQUÁRAS, nome que os naturaes davão aos meirinhos.
 BATUÍRA, especie de narceja.
 BAUASSÚ, palmeira de que o gentio Mura fazia ornatos para a cabeça, á maneira de chapéo para resguardarem-se do sol.
 BÊ, tambem, logo, da mesma maneira.
 BEBÊ, voar.
 BENÇAM MOMBORÊ, abençoar.
 BERÁ BERÁB, fusillar, chamejar.
 BERIBÁ, e
 BERIBRANA, arvores de fructo.
 BO I. para: particula pospositiva do dativo. Quasi se não faz sentir na pronunção, e emprega-se ordinariamente com os pronomes pessoaes. — *Ixebo*, *Indebo*, *Iandebo*, *Orebo*, *Penhebo*, para mim, para ti &c. II. Syllaba, que tomão os verbos acabados em *a*, *e*, *o*, na formação dos gerundios. *Juca-bo*, a matar, para matar. *Monda-bo*, e assim os mais. III. Significa tambem extensão de logares, ou a

continuação de alguma acção. Ex. *A-ço caa bo*, vou pelos matos. *A-ço óca bō*, vou pelas cazas. *Aico-ze-r-amuya reco bo*, vivo pelos costumes de meos avós.

BORA, desinencia dos nomes verbaes, exprimindo que a pessoa exercita a significação do verbo com muita continuação, habito ou gosto. Assim em quanto *Canhem-bóra* exprime o que anda fugido ou por acaso, ou por essa vez somente, — *Canhem-bóra*, exprime o fujão, o que tem por costume andar fugido. Daqui se concluirá que muitos verbos não podem admitir semelhantes desinencias.

BORÁMA, particula pospositiva que se acrescenta aos verbos: indica a pessoa que na actualidade exercita a significação do verbo, e que continuará a exercital-a.

BOR'AMBOËRA (particula pospositiva), a pessoa que tinha por costume ou officio exercer a significação do verbo; e tambem a que esteve para o ser, e não foi.

BOR'OEËRA (particula pospositiva), a pessoa que usou do officio ou teve o costume, mas ja o não usa: denota grande exercicio no passado.

BOROQUE. Os Botocudos o fasião do barrigudo; o gentio Mura da pedra que tira do cerebro do peixe *Pirarucú*, desbastando — a em uma pedra de afiar, até dar-lhe a forma conveniente.

BOYA, cobra: na composição precede ao adjectivo, pospõe-se ao substantivo. *Acuty-boya*, *Arara-boya*, *Currurú-boia*, &c., cobras de cutia, de arara, de sapo; e pelo contrario, dis-se *Boya assica*, cobra que pacere ter sido mutilada: *assica*, couza que não é inteira. *Boya pinima*, isto é, pintada.

BOYA NUNGARA (semilhaça de ...) cobrello.

BRĀ, mas de balde. Observamos que é tão raro nesta lingua o encontro de duas consoantes, de qual quer natureza que sejam, que não hesitamos em dar por suspeita a orthographia desta e das mais palavras, em que apparecerem.

BRANÇA, arma do gentio do Rio Branco: cõrta e contunde como qual quer alfange.

BUBÚ, boiar, sobrenadar; alliviar a canoa. De *bubua* (Provincias do norte) á tona d'agua, deixar-se levar pela corrente.

BUBUITABA, bóia.

Ç.

Ç. I. Todos os nomes que começam por ç, quando são relativos conservão o mesmo ç. Ex. *Çaba*, a pennugem ou penna miuda do passaro, significa igualmente-sua penna. II. Todos os nomes, começados por t, quando se põem relativamente, mudão o t em ç. Ex. *Tetê*, corpo. *Ç'etê*, seo corpo. II. Quanto as terceiras pessoas relativas dos verbos, não podendo aqui explicar succintamente o que ellas sejam, nem como devem sem empregadas, referimo-nos ao P^e. Figueira, na sua Grammatica.

ÇAANG, arremedar, imitar, aventurar, experimentar, provar: gosto.

ÇAANGÁBA, balança.

ÇABA, pennugem, penna miuda do passaro *Xeçaba*, minha penna. *Çaba*, sua penna. *Guira r-aba*, penna do passaro. *Meias çabas* chas mão-se as esteiras ordinarias, feitas de folha de palmeira.

ÇABA OÇÚ, pelludo.

ÇABAA enseada do rio.

ÇABAIPOR, bebado.

ÇABÊ, bolór.

ÇABÊ OAE, cousa bolorecida.

ÇABÊ OANE, estar com bolor.

ÇABERÉC, chamuscar, crestar ao fogo.

ÇABIGÓN, cavar.

ÇABIJÚ, pennugem.

ÇABOGA, pellar, depennar.

ÇABÚJA, rato que se come.

ÇAÇA ÇAÇÃO, repassar, tornar a passar.

ÇAÇÃO, passar, penetrar, atravessar, vadear (o rio).

ÇAÇÃO ETÊ ÇANGÁBA, de fóz em fóra.

ÇAÇÃO IACÁNGA RUPÍ, passar pelo entendimento.

ÇAÇÃO NHÔTE APECATÚ RUPÍ, passar de largo.

ÇACABOCA, trasfegar, despejar, vasar.

ÇACACANGA, cousa rala.

ÇACAMBY, virilha.

ÇACAMBY PENE, rotura de virilha: homem quebrado.

ÇACAPEN, ventrecha.

ÇACAPEN MARICA, idem.

ÇACAPYRA, bico, ponta.

ÇACAPYRA GANTIN, ponta aguda.

ÇACÊ ÇACÊME, algazarra.

ÇACÊME. bramir, bramar, gemer, gritar.

ÇAÇÓCA, pilar: gorgulho.
 ÇACÝ, doer, importar, ter pena.
 ÇACÝ RUPÍ, asperamente.
 ÇAË; se.
 ÇAË AROANEYMA, se acaso.
 ÇAË NITIO, se não.
 ÇÁI, azedo, agro.
 ÇÁI OAË, idem (couza).
 ÇÁIBÓ, agourar.
 ÇÁIBONÇARA, agoureiro.
 ÇAIBYRA, gengiva.
 ÇAYCARA. Vide *Caiçara*.
 ÇAYR, gizar.
 ÇAYR ÇABA, giz.
 ÇAYR ÇÁRA, gizador.
 ÇAIMBÊ, aspero; quina, gumc.
 ÇAIMBÊ OAË, couza amolada, afiada.
 ÇAINANA, mulher adoidada, que não está quieta.
 ÇAINHA, dente.
 ÇAJÚCA, nervo. Vide *Cagica*.
 ÇAJÝBA, queixada, queixo.
 ÇAKACOËRA ou ÇACAQUERA, ausencia, após, atrás.
 ÇAKACOËRA KETY MAÉN, olhar para traz, olhar de esquelha.
 ÇAKACOËRA RUPÍ OJEBYR, tormar para tras, recusar.
 ÇAKYQUËRA (deve ser a mesma palavra que a antecedente).
 ÇAKYQUËRA GOÁRA, ultimo, o que vem por ultimo, atrás de todos.
 ÇAKYQUËRA JEBÝR, recuar.
 ÇAKYQUËRA VÊ, consequentemente.
 ÇANHA ou ÇAINHA, dente.
 ÇAINHA COCOI, cahir os dentes.
 ÇANGABA, signal, debuxo.
 ÇANHÁNE. Vide *Çanhána*.
 ÇANHÊ, á pressa, repentinamente: pressa, impeto.
 ÇANTÁN, rijo, duro.
 ÇANTÁN IACANGA, cabeçudo, rude.
 ÇANTÁN RUPÍ, de força.
 ÇAPÉC, tostar, chamuscar.
 ÇAPIRÓN, carpir, prantear, lamentar.
 ÇAPIXÁRA, proximo.
 ÇAPÓ, tambem *Cepó* e *Cipó*: aos gigantes das avoeres chamamos — *sapupemas* — isto é — raiz chata.
 ÇAPOMÍN. (*Ceçá pomín*) dar d'olhos, piscar os, fechal-os a miude.
 ÇAPUÂ e tambem *Çapyá* depressa.
 ÇAPUCÁI, elamar, bradar, apregoar, gritar por

alguém, apupar.
 ÇAPUCÁIA, arvore, fructo: gallinha, gallo.
 ÇAPUCÁIA COPIÁ OÁNE, gallinha poêdeira.
 ÇAPUCÁIA MERIM, pinto.
 ÇAPUCÁIA NHEÉNGA RAMÊ, de madrugada, isto é, ao cantar do gallo.
 ÇAPUCÁIA POTYRA, crista do gallo.
 ÇAPUCÁIA RÓCA, gallinheiro.
 ÇAPY e tambem *Capy'*, escaldar, cauterisar, queimar.
 ÇAPY ÇAPY, afogear.
 ÇAPY RETÊ, abrasar.
 ÇAPY TATÁ, accender, atear fogo.
 ÇAPYÁ, testiculos.
 ÇAPYÁ JÓCA, capar.
 ÇAPICÓN, ponta de terra.
 ÇÁRA (Vide *Ara*, particula pospositiva), ajuntase aos verbos para indicar a pessoa que no tempo presente exercita a sua significação.
 ÇARÁMA (Vide *pyráma*): particula pospositiva, que se acrescenta ao verbo para indicar o agente, digno de exercer a sua significação. *Capyçarama* — o penteador, digno de o ser.
 ÇARAMBOËRA; é particula da mesma natureza que a antecedente: indica a pessoa que estava para exercer a significação do verbo, mas que não chegou a esse ponto *Capyçaramboëra*, o penteador que houvera de ser, mas não foi.
 ÇAROËRA, particula da mesma natureza, que indica a pessoa que no passado exerceo a significação do verbo, a que está junta. *Capyçaroëra*, a pessoa que ja penteou.
 ÇARÓN, esperar.
 ÇARONÇÁBA, espectação, esperança.
 ÇARONÇÁRA, o que espera, espectador.
 ÇARYBA, cacho.
 ÇATIKOERA ou
 ÇATIKERA, bagaço, borra.
 ÇATIKERA RENDABA, monturo.
 ÇAUÇUB, estimar, amar.
 ÇAUÇUB CATUCABA RUPÍ, affeçoadamente.
 ÇAUÇUB ETÊ, ter em muito.
 ÇAUÇUPÁRA, amante, querido.
 ÇAYNHA, grão, semente.
 ÇAYNHA JÓCA, cahir a semente.
 ÇAYR, gizar.
 ÇAYR ÇABA, giz.
 ÇAYR ÇÁRA, gizador.
 ÇÓ, ir.
 ÇÓBA, rosto, cara.
 ÇÓBA APYRA, testa.

ÇÓBA CY, carrancudo, malencarado, tristonho, soturno.
 ÇÓBA CY IRUNÁMO maén, olhar com máos olhos
 ÇÓBA CY OICÔ, estar triste.
 ÇÓBA JÚBA, rosto pallido, desmaiado.
 ÇÓBA JUBA OÇÚ, cara de morto.
 ÇÓBA KYTÁN, signal do rosto.
 ÇÓBA MONGATIRONÇÁBA, enfeite do rosto.
 ÇÓBA OÇÚ, caraça, severidade.
 ÇÓBA PECANGA, maçã do rosto.
 ÇÓBA PEOITYCA, lançar em rosto.
 ÇÓBA PETÉCA, bofetada: Escreve-se tambem, e tal vez com mais acerto — *puytéca*.
 ÇÓBA POKÉK, rebuçar-se.
 ÇÓBA RANGÁBA, mascara.
 ÇOBAINDÁ ÇUI, da outra parte, d'alem.
 ÇOBAINDÁPÉ — banda d'alem.
 ÇOBAITIM, atalhar, impedir, sahir ao encontro de alguém.
 ÇOBAIXÁRA, oppor: defronte: obstaculo, metade, banda, lado.
 ÇOBAIXÁRA JABÉ JABÉ ÇUI, de cada parte.
 ÇOBAIXÁBA KETY, para a outra banda.
 ÇOBAIXÁRA NHÉENGA, replicar.
 ÇOBAIXÁRA TURUÇÚ PORÝB, a maior parte, o maior quinhão da cousa que se repartio.
 ÇOBAKÉ, acerca, ao pé, junto, perto, rente, á ilharga: depressa.
 ÇOBAKÉ CATÚ, diante (na presença).
 ÇOBAKÉ ÇUI, de perto.
 ÇOBAKÉ GOÁRA, visinho.
 ÇOBAKÉ RUPÍ, ao redor.
 ÇOBAÝ, expressão com que designávão Portugal.
 ÇOBAYÁ, rabo.
 ÇOBAYÁ ACÝCA, (de *issica*) derrabado.
 ÇOBAYÁNA, contrario, inimigo.
 ÇOBAYGOÁRA, portuguez: vinho (da Europa).
 Çóc, rebentar (a corda).
 ÇOÇÁNGA, soffrer, soffredor, paciencia, paciente.
 ÇOÇÓCA, pilar (verbo) socar com as mãos, machar pisando; calcar.
 ÇOKENDÁ, cerrar, tapar.
 ÇOKENDÁ YBÝ ÓCA PUPÉ, murar.
 ÇOKENDABÓCA, desaferralhar.
 ÇOKENDAPÁBA, rolha, tampo.
 Çóo, caça, carne, animal.
 Çóo MITÉRA (melhor *Coá* ou *Caá mitéra*) ámago.
 Çóo OÇÚ, alimañia.
 Çóo PAPÁO, quinta feira.
 Çóo PIRÉRA, couro.

ÇOPAR, perder o caminho; empaneirar.
 ÇOPE, quinta, roça.
 ÇOPIÁ, ovo. — *Pirá ropiá*, óvas.
 ÇOPIÁ RERÚ, ovelho.
 ÇOPIÁ TACÁCA, clara do ovo.
 ÇOPIÁ TAGUÁ, gema do ovo.
 ÇOPIÁRA, achaque.
 ÇORÓCA, romper.
 ÇORÝB (e tambem *Coryb*) folgar, alegrar-se, gloriar-se: alegre.
 ÇORÝB OICÔ, estar alegre.
 ÇOTINGÁYBA, mastro da canôa.
 ÇUAÇÚ, veado. Onosso celebre naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira dis que os indios chamavão *Suhá assu* a todo o veado, por terem a cabeça comprida e grande testa, a que (acrescenta elle) os indios chamão *Suhá assu*. Parece-me comtudo que esta palavra tem outra etymologia; de *çúu*, mastigar: *çúu assu* vale tanto como ruminante. Os Indios chamavão *Çuaçú-merin* ao filho, e não, só por ser pequeno.
 ÇUAÇÚ TINGA, o mais pequeno de todos, de côr branca.
 ÇUAÇÚ CARIACÚ, alguma couza maior que o branco. Chamão-lhe assim, por dormir entre a folhagem e não lhe apparecer então mais que o lombro. A. R. Ferreira decompõe esta palavra da seguinte maneira. *Caá* folha — *ri*, muitas — *acú*, que se divulga entre alguma couza.
 ÇUAÇÚ ANHÁNGA, veado diabo, cuja carne não presta para quem padece de syphilis ou sezdes. Não lhe apparece mais que a extremidade das pontas dos chifres.
 ÇUAÇÚ APÁRA, veado de chifres espaçosos: pasta em campo.
 ÇUAÇÚ RETÉ, veado do mato.
 ÇUAÇÚ CAATINGA (mato rasteiro) pasta onde o mato é rasteiro, de côr esbranquiçada e a terra muito areenta: sustenta-se de flores a maior parte do tempo.
 ÇUAÇÚ MÉ, cabra.
 ÇUAÇÚ MÉ APIÁBA, bode.
 ÇUCUREJÚ ou *Çucuruju* cobra, que se cria nos lagos e rios.
 ÇUCUÝ, azul.
 ÇUCUÝ-JÓCA, sangrar.
 ÇUI, preposição, ou antes posposição: de, do, da etc.

ÇUI-VE, desde. *Coanhey'me çuivê*, desde muito tempo. *Maäraçuvê catutá*, desde quando.

ÇUPÊ, ao, aos, as, a.

ÇUPI, de veras, é verdade, na verdade.

ÇUPI ANHEÉNG, ter razão.

ÇUPI ÇABA OCOMEÉNG OAE, testemunha.

ÇUPI CATÚ, á fé, certamente, de certo, por verdade, assim é na verdade.

ÇUPI CATÚ IPÓ, provavelmente.

ÇUPI CATÚ T'AE OÇÔ, é possível que assim fosse.

ÇUPI JABÊ, assim é.

ÇUPI JABÊ OAUÉRA, assim foi na verdade.

ÇUPI RUPI, na realidade, infallivelmente, sem falta.

ÇUPI RUPI CATU, por verdade.

ÇUPI TÁQUAE, é isto assim.

ÇUPI TITUÊ (Vide *titubê*) assim é na verdade.

ÇUPIÇABA, verdade, certeza.

ÇUPYR, levantar (alguma couza) arregaçar; carregar (levando).

ÇUPYTÁ (e também *Cupuitá* pôpa (da canôa).

ÇURURÚ, verter, vazar: mexilhão.

ÇUÚ, morder, mastigar.

ÇUÚ ÇABA, dentada, mordedura.

ÇUÚ ÇARA, mordedor, roedor.

ÇUÚ ÇUÚ, roer, abocanhar.

C.

CA, particula que os homens acrescentão aos verbos, indicando a resolução ou determinação de faser alguma cousa. *Açó-cá*, quero-me ir. Commumente se antepõe a esta particula uma outra — *ne* ou *pe*, como por exemplo. *Aço ne-cá*. *Pe* — porém parece transformar em o a vogal da segunda particula; pois na Grammatica de Figueira se lê no mesmo exemplo: *Açó-pe-có*.

CAÁ, mato, erva, folhas, ramo.

CAÁ CAAÓ, camaras (doença). *Caá* neste caso é a repetição do verbo *caáo*.

CAÁ ETÊ, mato firme.

CAÁ KOÉNE RENDABA, horta.

CAÁ KUÉNE, coentro.

CAÁ MONDÓ, caçar.

CAÁ MONDOÇARA, caçador.

CAÁ PIXÚNA, murta.

CAÁ POÁM, ilha.

CAÁ PÓRA, habitador dos matos: agreste, rustico.

Caapóra, segundo o vulgo, é uma miniatura

de gente, que anda com as varas de *caitetús*, montado no maior de todos elles. Mão agouro era enconral-o. Dáqui vem chamar-se *caipora* ao homem a quem tudo sae ao revez.

CAÁ PYIR, cortar ou arrancar a herva, sachar, alimpar o mato por baixo.

CAÁ PYRÁNGA, folha vermelha, de que se extrahе uma tinta desta côr.

CAÁ PYRÇABA, sachador.

CAÁ BERÚ, beldroega, — João Gomes.

CAÁ RETÊ (ETÊ), mata virgem.

CAÁ ROÁ, talo (da arvore).

CAÁ ROBA, rama das arvores.

CAÁ TINGA, mato rasteiro e talvez de côr esbranquiçada: d'aqui vem chama-se *catínga* a um lugar de mato enfezado.

CAÁ VŪ ou

CAÁ YBÝ, anil.

CAÁO, cagar.

CAAPÁBA, ourinol, secreta.

CAAPIM ou CAPIM, herva: donde nos vem o verbo capinar: em algumas provincias, e entre a gente baixa, capinar tem tambem a significação de furtar-sem deixar nada.

CAARIMÁ, especie de farinha de mandioca.

CAARÚCA, tarde, vespersas.

CAARÚCA RAMÊ, á tarde.

CÁBA, vêspa, abelha, cebo, unto, gordura, manteiga.

CÁBA (Vide ABA) particula pospositiva, que se acrescenta aos verbos: indica o lugar, o tempo, o modo, o instrumento com que alguma couza se faz.

CÁB'AMA, particula semelhante a antecedente: indica o lugar, o tempo, o modo, o instrumento, com que na actualidade se faz alguma cousa, e com os quaes se fará ainda no futuro.

CÁB'OÉRA, particula semelhante a antecedente: indica o lugar, tempo, modo, instrumento com que no tempo passado se fez alguma couza.

CÁB TIMBOÉRA, particula semelhante: indica o lugar, tempo, instrumento, modo, com que no tempo passado se houvera de faser alguma couza, mas não se fez.

CABÓCA, veja *çaboca*.

CÁCA, tá! não bulas!

CACÁU, arvore, fructo.

CACÁU ARÁNA, uma especie de cacáo.

CACÓAU, ancião.

CAÉM, sarar, fechar a ferida.

CAGICA (talvez melhor *Çagica*) veia.

- CAGICA OÇU, arteria.
 CAÍ, queimada.
 CAICOÁRA, bichos (doença).
 CAINHANÇARA, ajuntador. Vide *Canhána*.
 CÁMA, peitos (da mulher).
 CÁMA JAGUIÇÁBA, lençol, cobertor.
 CÁMA PIRÉRA, peitos cahidos.
 CÁMA PUÁM, peitos redondos.
 CÁMA RENDÁBA, leite.
 CAMAIHÚA, planta de cujos caniços, assim como das serpentes, fazião as Indias do Amazonas enfiadas para collares.
 CAMBOCÝ MONHÁNGARA, paneleira, louceira.
 CAMBY', leite.
 CAMBY' ANTÁN, queijo.
 CAMBY' ÇÁRA, ama de leite.
 CAMBY' JÓCA, tirar o leite, ordenhar.
 CAMBY' VÛ, mamar.
 CAMERÝC, amassar, esmagar.
 CAMOTIM, póte, cantaro.
 CAMOTIM MONHANGÁBA, olaria.
 CAMOTIM MONHANGÁRA, oleiro.
 CAMOTIM NAMBÝ, asa do pote.
 CAMOTIM RENDÁBA, cantareira.
 CANAFIA, quadril.
 CANCÁN, ave, especie de falcão: habita em logares pouco frequentados, e com voz stridula annuncia a chegada de alguém.
 CANDÛR, encurvar, ter corcunda.
 CANDYBA, canaveal.
 CANEÓN, atribular-se.
 CANEÓN ÇÁBA, abafamento, cansaço, afflicção, ancia, fadiga.
 CANEÓN OAE, cousa afflicta.
 CANGATÁRA (Vide *Acangatar*).
 CANGOÉRA, osso, espinha. — *Ácanga cangoéra*, craneo.
 CANGOÉRA PÓRA, tutano.
 CANHANA, ajuntar.
 CANHÊ (Vide *Çanhê*).
 CANHÊME, desaparecer, sumir, perder.
 CANTÍM, bico de alguma couza.
 CANTÍM PECÛ, esporão.
 CANTO PUPÊ ENÓNG, pôr alguma couza no canto, improvisar sobre alguma circumstancia ou pessoa.
 CAPIM: veja se *Caapim*.
 CAPIXÁBA, roça: especie de macaco.
 CAPIÁRA ou *capivára* (que vive entre o capim). Os gentios Peruanos do rio Branco trasião os dentes deste animal pendurados ás orelhas, á maneira de brincos.
 CAPÝC, pentear. Vide *ára* particula.
 CAPYTARÍ (chamado tambem por outro nome *yurará merim*) tartaruga pequena; mas só se dá este nome ao macho.
 CARÁ CARAT, gavião (ave).
 CARAÍBA ou *Carauába*, arvore de casca muito amargosa, coberta de folhas amarellas como as do páo d'arco: os veados comem-lhe as folhas.
 CARAJURÛ, cipó de tujas feculas se extrahe uma tinta vermelha, com que os indios pintavão as cuyas, as tangas feitas da palmeira — *Muriti*, e a roupa de serviço.
 CARANHÁ, arranhar, coçar, esgaravatar.
 CARAOÁ. Vide *Carauá*.
 CARAPANÁ, mosquito do Rio Branco.
 CARAPANÁ IHÚA, madeira.
 CARAPINA, carpinteiro.
 CARARÁ, mergulhão (ave).
 CARAUÁ e
 CARAUÁ TÁ, especie de bromelia, de que os indios fazião cordas.
 CARAIBÊBÊ, anjo.
 CARAIBÊBÊ ÇARONÇARA, anjo da guarda.
 CARAIBÊBÊ KOÉRA, anjo máo, diabo.
 CARIACÛ. Vide *Çuaçu*.
 CARIBOCA ou *caryboca*, mestiço, caboelo.
 CARIMBÁBO, rijo, esforçado.
 CARUÁBA, pasto.
 CARUÁRA, corrimento (doença).
 CARÚC, ourinar.
 CARÚCA, ourina.
 CARUCÁBA, ourinol.
 CARÝBA, cacho (Vide *Çaryba*) portuguez, branco.
 CARÝCA, correr (o liquido). *Py'ceryca*, cahir, escorregando.
 CASTANHEIRO, chamado do Maranhão. Da entrecasca tirão a estopa com que calafetão as embarcações, e preferem a qual quer outra para o calafeto das partes, que tem de ficar debaixo d'agua.
 CATÁCA, ranger.
 CATAMBÚCÁ, direito.
 CATIMBÁO repoty, sarro de cachimbo.
 CATIMPOEIRA. Vide *Abaxi yg*.
 CATÍNGA, transpiração fetida, bodum, cheiro de raposinhos.
 CATU, bom, são.
 CATÚ ETÊ, cousa de muito feito.
 CATÚ ETÊ RUPÍ, admiravelmente.

CATÚ IXÚPÊ, conveniente.
 CATÚ MBAÊ, riqueza.
 CATÚ MBAÊ IÁRA, rico.
 CATÚ MBAE OÇÚ OÇÚ, proezas.
 CATÚ RUPÎ, á boa fé, em boa fé.
 CATÚ TUPANA ÇUPÊ, ser grato a Deos.
 CATUÇÁBA, bondade, prestimo, saude; se porém estas propriedades se referem ao espirito, dis-se então. — *Tecó angaturáma.*
 CATYPY, bochechas, faces.
 CAÚ, beber (vinho).
 CAUÇÁBA, bebedeira.
 CAÚGOÉRA, beberrão, amigo de vinho.
 CAUÍM, vinho.
 CAUÍM ÇÁI, vinagre.
 CAUÍM MEENGABA, taberna.
 CAUÍM PYRÁNGA, vinho de videira.
 CAUÍM TATÁ, agua ardente.
 CAUKÝ, entender com alguém.
 CAXERENGUE, um mamifero.
 CAYARÁRA, um macaco.
 CAYÇARA, trincheira, arrayal.
 CÊ, saber (ter sabor); não sei.
 CEAQUENE, cheirar bem.
 CEARÁMA, ceia.
 CEARÁMA VÛ, ceiar.
 CEBÁÊ, mantimento.
 CEBUI (talvez derivado de *Cuqui*) lombriga, minhoca.
 CEBUI PEBA, sanguexuga.
 CEÇÁ (TEÇÁ) olho. — *Opabinhê abá reça póra: á vista de todos.*
 CEÇÁ ACANHÉMO, cegar.
 CEÇÁ ARÍBO GOÁRA, capella do olho, palpebra.
 CEÇÁ BERÝB, flato, vagado.
 CEÇÁ EPÍRAR OÇÚ OÁÊ, olhos muito abertos.
 CEÇÁ ETÊ, agudeza de vista, astucia, alerta.
 CEÇÁ EÝMA, cego.
 CEÇÁ EÝMA NUNGARA OATÁ, andar com os olhos fechados.
 CEÇÁ EÝMA RUPÎ, ás cegas; com os olhos fechados.
 CEÇÁ IAPÁRA, torto dos olhos, olhos vesgos.
 CEÇÁ LAPÍRÁR IRUNAMO OMAÉM, olhar de esguelha.
 CEÇÁ MOROTINGA, alvo do olho.
 CEÇÁ PECÁNGA, sobranceira.
 CEÇÁ PECÓ ETÊ, olhos de vista aguda.
 CEÇÁ PIRAROÇU, olhos esbugalhados.
 CEÇÁ POMÝM, pestanejar.
 CEÇÁ PUNGÁ, terçol.
 CEÇÁ PYÇÔ, vista.

CEÇÁ PYÇÔ OJEMOATÚCA, encurtar a vista.
 CEÇÁ RAÝNHA, menina do olho.
 CEÇÁ ROÁ, olhos.
 CEÇÁ RY, lagrimas.
 CEÇÁ RY ÇURURÚ, lagrimejar, derramar lagrimas.
 CEÇÁ TEPY TEPY, olhos encovados.
 CEÇÁ TITIC pestanas.
 CEÇÁ TUNGA, belida.
 CEÇÁ TYKYR, derramar lagrimas.
 CECÁI, chamiças, lenha miuda.
 CEÇÁPÊ CATU OICÔ, estar bem á vista.
 CECÁR, adquirir, buscar, especular, indagar, procurar.
 CECÁR ETÊ, re-buscar.
 CECATEÝMA, avarento, illiberal, escasso.
 CECATEÝMA OÇÚ OPABINHÊ MBAÊ RECÊ, ambicioso.
 CECATEÝMA RUPÎ MERIM, poupar.
 CECÊ, ás (preposição) por isso, por amor de..., por tanto.
 CECÔ (TECÔ) compleição.
 CECÔ ABINHÊ, acostumadamente.
 CECÔ BEBÊ ÇÁBA, resurreição.
 CECÔ BEBÊ JEBYRE, resuscitar.
 CECÔ COÁUB ARÁMA OJURURÊ, pedir conselho.
 CECÔ MEOÁM, eiva.
 CECÔ TENHÊ, habito, costume.
 CECOBÍARA, substituto, penhor, resposta.
 CECÝ, doer. *Acanga acy, doer a cabeça.*
 CEÉM, doce.
 CEÉM KITÁ KITÁM, confeito.
 CEÉM OÁÊ, estar adoçado.
 CEEMBÚCA, salobre, salgado.
 CEGY, mudar, carregar, acarretar.
 CEGYTÁBA, carroto.
 CEGYTÁRA, carregador.
 CEICOÁRA (TEICOÁRA), cu.
 CEICOÁRA EPÁNGA ACÉMO, hemorrhoidas.
 CEICOÁRA MOTÁCA, batecu.
 CEIYA, multidão, rebanho.
 CEJAR, deixar, desamparar.
 CEJUÇÚ, as sete estrellas: pleiadas
 CEKY, attrahir', puxar, tirar por força. *Namby reký, puxar pelas orelhas.*
 CEKY CÉMO, cercar, dar cerco.
 CEKY ÇOTINGA, dar á vela.
 CEKYJÊ, temer: medo.
 CEKYJÊ RUPÎ, com medo.
 CEMBÝRA, sobras, fragmento, resto.
 CEMEMBOÊ, discipulo.
 CEMERICÔ. Vide *Temericô.*

- CEMEYBA, aba, borda.
 CEMEYBA MAMANA, abainhar a costura, orlar.
 CEMIMOTARA, liberdade, alvedrio, consentimento.
 CEMIMOTARA RUPÍ, á larga, a redea solta.
 CEMIMOTARA RUPÍ OICÔ, senhor de si.
 CEMIMOTARA RUPÍ NHÔTE, a torto e a direito.
 CEMIRICÔ. Vide *Temericô*.
 CEMIRICÔ RAUÇUPARA, amigo de sua mulher.
 CEMIRICÔ POTOÇABA, desposado, noivo.
 CÊMO, nascer.
 CEMÔ YGARA ÇUI, desembarcar da canôa.
 CEMÔ IXUPÊ, occorrer, sahir ao encontro.
 CENDÁPE CATÚ, no mesmo logar. Vide *Tendába*.
 CENDÚ, escutar, ouvir, entender, perceber.
 CENDY (TENDY), baba.
 CENDY ÇURURÚ, babar-se.
 CENDY, arder: claridade, luz.
 CENDY OANE, accender-se. Já arde.
 CENDY PÚCA, luzir, reluzir, resplandecer.
 CENDY PÚCA OÁNE YG. Aclarar, assentar a agua.
 CENEMBY, camaleão.
 CENHY-I, arebentar a semente, nascer a planta.
 CENOÍ, chamar.
 CENOÍ CERA RUPÍ, nomear, chamar pelo nome.
 CENONDÉ (TENONDÉ) ETÊ, muito antes.
 CENONDÉ GOÁRA, primogenito, antecessor.
 CENONDÉ GOÁRA ETÁ, antepassados.
 CENONDÉ GOÁRA KETY OÇAÇÃO, adiantar-se.
 CENONDÉ MIRIM, mais adiante, pouco antes.
 CENONDÉ OMOMBEÚ, prognosticar.
 CENONDÉ RANHÊ ENÓNG, antepor, preferir.
 CENONDÉ ÚRE, antecipar-se.
 CEPIRÉRA. Vide *Coopirera*.
 CEPAR. Vide *Copar*.
 CEPIÁCA, ver.
 CEPIÁCA JEBYR, rever.
 CEPIÁCA NHÔTE, consentir, não impedindo, deixando fazer.
 CEPIACÁBA, exterioridade, apparencia, semblante, cor.
 CEPIACÁBA MOÁNGA OÇU, aparente.
 CEPIACÁBA OCANHÉMO, desbotar.
 CEPÓ. Vide *Cipó*.
 CEPOTY, intestinos, tripa.
 CEPOTY JÓCA, estripar.
 CEPUI, borrifar.
 CEPUI TARA, borrifante.
 CEPUI RÁBA, borrifador, aguador.
 CEPY, preço, valor, resgate.
 CEPY MÊENG, pagar, compensar, premiar.
 CEPY NONG, avaliar: avaliação.
 CEPY OÇU EYMA EPIRIMÁN, haver por bom preço, comprar barato.
 CEPY QUERA OJURURÉ, pedir a divida.
 CEPY RECÊ, interesse.
 CEPYCEI, estar dorminhoco.
 CEPYCEI NHINHÊ NUNGARA, amodorrado.
 CÉRA, nome.
 CÉRA ÁRPE GOÉRA, sobre-nome, appellido.
 CERAKOËNA, fama.
 CERAKOËNA CATU, boa fama.
 CERAMONAÊ, e
 CERAMONAÊMO, não sendo assim, como não é.
 CERÁME. *Tagad cerane*, sardas (do rosto).
 CERAYMA, pagão, catechumeno.
 CERÉB, lamber.
 CEREBYRA, irmão mais novo.
 CEREMBUITA, queixo.
 CEREVIRA, nadegas.
 CERÓC, baptisar.
 CERÝCA (e tambem *Caryca*), vazar a maré, correr o liquido.
 CETÁ (e tambem *Cetê*), muito.
 CETÁ EYI, muitas veses.
 CETÁMBABÊ, abundancia.
 CETÁ RUPÍ, de muitos maneiras.
 CETÊ (Vide *Cetá*). Corpo, humanidade.
 CETÊ AMANÓ MANÓ, tolher-se dos membros.
 CETÚNA, cheirar, tomar o cheiro.
 CETÝMA, perna.
 CETÝMA CANGOËRA, cana da perna.
 CETÝMA IAPARA, coxo, aleijado.
 CETÝMA MARICA, barriga da perna.
 CETÝMA RÓO, curvas da perna.
 CEFYA, mulato.
 CELÝRA, irmã ou prima do pae, quer do homem quer da mulher.
 CIBA (melhor *Cyba*), testa.
 CIC, todos.
 CICANTÁÁ, especie de breu ou resina, de que os ind'genas fazião archotes.
 CICANTÁÁ IHÚA, páo de breu: o leite é bom para feridas, e para corroborar o estomago, applicado á bocca delle. Purifica-se e reduz-se á fórma de pães para se guardar. Quando depois tem de ser empregado, mistura-se com qual quer oleo ou azeite, e derretido ao fogo, fica sendo o breu ordinario, empregado no calafeto das canoas.
 CIGIÉ MIRIM, tripas.
 CIGIÉ OÇU, estomago.
 CINOÁBA (CINIÇABA), barba.

- CINOÁBA OAÊ, barbado.
 CINOÁBA OCENHÉIM, apontar a barba.
 CIPÓ, raiz.
 CIPÓ IM, salsa.
 CÓ, roça, quinta: eis aqui.
 COÁ MITÉRA, cerne (da madeira) Interjeição: dis
 o que se compadece.
 COAÊ, este, esta, isto.
 COAÊ ÁRA, este mundo.
 COAÊ ARÁMA, para isto.
 COAÊ RECÊ, por esta rasão.
 COAÊ RENDÁPE, neste lugar.
 COAÊ RIRÊ, depois disto.
 COAMEÉNG, mostrar, apresentar, declarar, dar a
 saber, inculcar, expor, offerecer, representar
 COANKYRA, e também *Çoankyra*, talo (olho da
 arvore).
 COÁRA, buraco, furo.
 COARACY, sol.
 COARACY ÁRA, verão, estio: dia ou tempo de
 sol.
 COARACY BERÁBA, raio do sol.
 COARACY ÇACU, calma.
 COARACY OMANÔ, eclipse de sol.
 COARACY PYAÇÁBA, chapeo de sol.
 COARACY RANGÁBA, relógio de sol.
 COARACY RENDY, restea de sol.
 COARAPOCUI, sempre, perpetuamente.
 COATIÇÁBA, letra, pintura.
 COATLÁRA, pintor, escrivão.
 COATIÁR, pintar, escrever.
 COAÚB, saber, conhecer, reconhecer.
 COAÚB CEPIACÁBA RUPÍ, conhecer de vista.
 COAÚB MBAÊ OJECUAÚB OAÊ, cousa conhecida.
 COAÚB MORANDÚBÁ, saber novidades, o que vai
 de novo.
 COAÚB UCÁR, faser saber.
 COAÚB UCÁR MORANDÚBA, descobrir o segredo.
 CÓBO, em qual quer parte, por esta parte.
 COCICÓI, eis aqui.
 COCINHEÝME ÇUI VÊ, desde muito tempo. Vide
Coecenheim.
 COCINHEÝME GOÁRA, antiquissimo.
 COCÓI, cahir a fructa.
 COCOTÍG, para cá.
 COCOTY ou COCOTYG, para outra parte.
 COECENHÉIM, antigamente.
 COÉCOTYG, para essa banda.
 COEÍBO, para alguma parte.
 COÉMA, manhã.
 COÉMA ETÊ, manhã clara.
 COÉMA EYME VÊ POÁMA, madrugar.
 COÉMA PIRÁ PIRANGA, aurora, clarão da manhã.
 COÉMA PIRÁNGA, madrugada.
 COÉME, pela manhã.
 COIABÊ, desta maneira, assini mesmo.
 COICÉ, hontem.
 COICÉ COICÉ, ante.hontem. *Aço coicé coicé, tres-
 ante hontem.*
 COÍPE, ou.
 COIRÁI OANE IXUI, aborrecer-se de alguma cousa.
 COITÊ, finalmente: cuya. *Aquera coité ou aramê
 coité, então, depois disso.*
 COMEÉNG, inculcar. Vide *Coameéng*.
 COMEÉNGÁBA, indicio.
 COMENDÁ ou COMANDÁ, feijão.
 COMENDÁ OÇÚ, fava.
 COMERYC (Vide *Comeryc*), esgaravatar.
 CONAPÚ AUPOMÍ, meró (peixe).
 COÓ, animal.
 COÓ OÇÚ, alimaria.
 COÓ PIRÉRA, couro.
 COÓM, arder, latejar a ferida.
 COPÊ, costas.
 COPÊ CANGOËRA, espinhaço.
 COPÊ RUPÍ, por tras, á falsa fé, na ausenciã.
 COPIÁRA, alpendre, varanda.
 COPIXÁBA. Vide *Capixába*.
 COPIXÁBA ÇUI, da roça.
 COPÝR, cortar o mato para roça, roçar.
 COQUÉRA, roça velha, capoeira.
 CORDAS: os indigenas as fazião da çapucaya, da
 embira piranga, da arvore matáumatá, da pal-
 meira tucúm, da bromelia carauá, do uambê,
 da entrecasca do Mongúba-hy servindo as desta
 arvore para amarras de canoas, escotás de ve-
 las, — e em geral dos cipós, das embiras e de
 grande numero de bromelias.
 CORÉRA, aparas, farelo, rebutalho, argueiro.
 CORÍ, logo.
 CORÍ CORÍ AÚB ou
 CORÍ AÚAÚB, muito depressa.
 CORÍ MIRIM, logo, d'aquí a pouco.
 CORIÊ CORÍ, logo, no futuro.
 CORÍTEI, depressa, logo.
 CORÍTEI CORÍTEI AIB, logo, com pressa.
 CORÓCA, dis o povo no Maranhão dos velhos
 adontados. Velho ou velha coroca. — Ave.
 COROÁ, melão de caboclo.
 COROMÔ CORÍ, pelo tempo adiante.
 CORORÓNG, resonar, gargarejar.
 CORÝB, alegrar-se.

COTÚC, alimpar, lavando.

COTY, para: (versum) *Tapyra oçó oca coty*. As vaccas forão para a banda das casas.

COYABÊ, assim, assim mesmo, a modo.

COYR (Figueira escreve *Coyr*, *Coyg* e *Coygr*), agora, hoje.

COYR AMÔ, ainda agora.

COYR NITIO, agora não.

COYR REIRÊ, daqui por diante, desde agora.

CORY TENÊM, agora sim.

CORY VÊ, ao presente, ja agora.

CRACRÁ, um crotophago, que tem por costume pouzar sobre os bois e limpa-os dos carrapatos.

CRICRI, gavião, comedor de gallinhas.

CUÁ, cintura, cadeiras (do corpo) o meio de qual quer cousa.

CUÁ CÂNGA, quadril.

CUÁ MAMÂNE, cingir a cinta.

CUÁ PECOÇAÇA, cinta, cingidouro.

CUACÚ, encobrir, atabafar.

CUANDÚ, ouriço cacheiro.

CUAPÁBA (derivado de *Coab*), sabedoria.

CUAPÁRA, discreto, sabedor, familiar, conhecido.

CUATÁ, macaco de movimentos muito tardos, e que, para caminhar, vai lançando o rabo á maneira de arpéo. Sobre a origem desta palavra escreveu A. R. Ferreira o seguinte. „Não deixarei de escrever o que os indios fabulisão a respeito deste macaco. Disem elles que tendo um desafio com o gavião real, este lhe disse: Com que me pretendes matar? Por ventura parece-te que com o teo rabo me vencerás? Então o Cuatá, mostrando lhe as mãos, lhe disse: *Quá tahá!* e que, vendo o gavião o seo desembaraço, lhe protestou, que dali em diante serião muito amigos.“

CUATÍ ou CUATÍM. Vem esta palavra de *cuá* cintura e *tim* nariz: chamando-se assim este animal por dormir com o nariz na cintura. Dorme nas arvores, como os macacos; mas em sendo dia, desce a caçar. Sustentão-se de animalejos, minhócas, cobras, ainda que sejam venenosas, e ate de jabotins, comendo-lhes pés e mãos, té onde lhes chega o focinho.

CUAXINGUBA, chamada no Rio Negro *Upuim uassú*, pelos portuguezes *Lombrigueira*, arvore de que os Jurupixunas fazião tangas, camizas. Escolhem os troncos mais grossos, cortão-n'o no comprimento que querem tenha a pano, e fazem-lhe na casca uma incisão longitudinal. Por entre os labios da incisão introduzem uma

palmeta de madeira, disposta á maneira de cunha, para separarem a casca do tronco. Separação-n'a ainda da epiderme verde, vestem de novo o tronco, batem-no e expellem a humidade.

CUBÊ CATÚ, agradecimento, parabens.

CUBÊ CARUÇAÇA, galardão.

CUBÊ CATUÇARA, gratificador.

CUIDARÚS, armas curtas, á modo de lanças, de que usavão os gentios do Rio Branco.

CUJUBÚ, ave.

CUJUBÚ BÓIA, cobra.

CUMANDÁ. Vide *Comendá*.

CUMANDÁ UASSÚ, arvore. O fructo é remedio empregado contra as impigens, e apregoado como inuito efficaz, quer applicado em cosimento, quer fossem as sementes raladas: o cosimento para as modernas, a infusão das sementes para as antigas.

CUMATÝ. Vide *Cuyeira* e *Macucú mirim*.

CUNHÁ, mulher, a femea de qual quer animal.

CUNHÁ CACUÁO, mulher anciã.

CUNHÁ ÇAPIXÁRA MÉENGARA, alcoviteira.

CUNHÁ COARAEÝMA, donzella.

CUNHÁ IMÉNA MOMOXICÁRA, mulher adultera.

CUNHÁ GOAIMÍM, mulher velha.

CUNHÁ MEMBYRA, sobrinho, sobrinha.

CUNHÁ MÉNA, parenta por afinidade.

CUNHÁ MENDAÇARA, mulher casada.

CUNHÁ MENDAÇAREYMA, mulher solteira.

CUNHÁ MUCÚ, moça, donzella.

CUNHÁ NUNGÁRA, effeminadamente.

CUNHÁ ÓBA, saias, vestidos de mulhêr.

CUNHÁ RAPIXÁRA, effeminado.

CUNHÁ RUPIÁRA, amigo de mulheres.

CUNHÁ TÊM, rapariga.

CUPAÚBA, dis Ferreira que em fins do seculo passado, isto é, em 1787, vendia-se no Pará cada pote de 9 canadas de Lisboa por 6,000 e 6,400; accrescentando que era ja então um dos negocios mais importantes dos que se fazião com as drogas do certão, ajuda que so no Solimões houvesse a arvore donde este oleo se colhe. „Usavão delle os Pintores em falta de linhaça, mas servindo pouco para pinturas expostas ao tempo, por cahirem logo; sendo de mais duração as que se fazem no interior das casas, ou em partes resguardadas da chuva. Nasce pelo centro dos matos, em partes seccas e livres d'aguas estagnadas.“

CUPÚ, arvore de fructo refrigerante

CUPYUA RANA, de cujas sementes fasiao os gen-
tios do Rio Branco uma enfiada que trasião á
cinta, nas pernas e tambem nas tabocas, de
que fasiao bengalas, com que marcavão o com-
passo da dança.

CURÁ CURÁO, chamar nomes, injuriar.

CURIÉ CURI, depois, e não agora. Hoje (fallando
de hora futura).

CURUÁ, o mesmo que *croá*.

CURU CURUTÊM, a cada passo, a miude.

CURÚBA, sarna, brotoja, borbulha.

CURUCÁBA, garganta, papo, guelas. — *Pirá cu
rucába*, guelras.

CURUCÁBA EPUNGÁ OÇÚ, esquinencia.

CURUCÁBA IPUI OÁÉ, gorgomilos.

CURUCÁBA OJEEKENDÁO, cerração do peito, pi-
garro: enrouquecer, estar rouco.

CURUMARÁ, o mesmo que *pirá pocú*.

CURUMÍM, menino.

CURUMÍM OÇÚ, moço, rapaz.

CURUMÍM OÇUÁBA, mocidade.

CURUPIRA, espirito máo, que habita nas florestas.

CURURÚ, sapo negro, cujo leite produz ophthalmia
e cegueira.

CURURÚ BOIA. „Cobra verde, dis Ferreira, que,
á proporção do tamanho, é mais grossa que as
outras. Vem lhe o nome de comerem sapos.“
— Cobra, dis Baena, que se aninha nas raizes
das arvores e se enrosta como um sapo.

CURURÚC, fallar por entre os dentes, resmungar,
rosnar: rugido, ronco das tripas.

CURUTÊM, cedo, depressa, brevemente.

CURUTÊM OARÁMA, da parte de alguém, á pressa,
para logo, dentro de poucos dias, de passagem.

CURUTÊM OATÁ, acelerar os passos.

CURUTÊM RAMÓ, ha pouco tempo.

CURY, tinta com que no Pará pintão as cuyas.

CURYMATÁ, peixe d'agua doce

CUTÁCA, lagarto.

CUTÚC. Vide *Cotuc*.

CUYEIRA, de que as indias do Pará fasem as
cuyas. Pintão-nas de *urucú*, *carajurú*, *cury*,
tauá, *tabatinga*; servindo-lhes de oleo a infu-
são da casca da arvore *eumaty*, a qual tambem
serve de mordente, por que antes de pintadas
as cuyas as mettem na dita infusão, e sem isto,
disem, ellas que lhes não pegão bem as tintas,
e não ficão bem lustrosas. Ferreira escreveo
a este respeito. „As que se distinguem neste
genero de trabalho, são as indias da Villa de
Monte-alegre, e as das barreiras circumvisi-

nhas chamadas de *Curupá-tuba* (no Pará) e no
Rio Negro as do logar do Carvoeiro. Os cu-
randeiros applicão o dito fructo para hernias,
assando-o e dividindo-o em duas metades, e
mettendo entre ellas os testiculos, o que os
faz desinchar promptamente.

CYBA, testa.

CYG, mãe.

E.

E, letra pouco usada no começo dos vocabulos
tupys; os mais delles são compostos. I. par-
ticula final, que se accrescenta aos verbos ou
adverbios. Esta letra *e*, diz Figueira, tem força
de faser com que o verbo signifique-faser-se a
cousa independente de outra cousa ou pessoa.

Ex. *A-ço-é*, eu mesmo vou, sem me levarem,
nem me mandarem &c. *Anhãnde*, cõrro e não
somentemente ando. *Corije*, hoje e não outro dia.

Nestes ultimos exemplos, vemos que se lhe
antepõe alguma letra para faser boa pronun-
ciação. II. segunda pessoa do gerundio dos
verbos não activos, pertencentes ao pronome
xe. Neste caso e tempo os pronomes — eu, tu,
elle, tradusem-se por *gui, e, o*. Ex. *Gui páca*,
acordando eu. *Epáca*, acordando tu. *Opáca*,
acordando elle. III. emprega-se tambem como
pronomes — elle, elles — nas terceiras pes-
soas do presente do indicativo do verbo ir-
regular *a-é*, dizer.

EACANHÊMO, esmorecer

EAGOËRA, infinitivo do verbo *a-é*, diser.

EAJÚR, deseparar.

EÁM, ou

EÁMAE, não (das mulheres somente).

EAOÁMA, infinitivo do verbo *a-é*.

EÁRPE ENÓNG, sobrepor.

EBOQUEI, pronome; este, estes: eis la vai: eis
está. Ex. *Eboquei Pedro ço-u*. Eis que vai
Pedro. *Eboquei xe ço-u*. Eis que eu vou.

EBÓQUEYA, pron., este, estes.

EBUI, pron., esse, esses.

EBUINGA, pron., idem.

EÇÁBA, o logar, em que alguma cousa se dis.

ECÁBA QUËRA, cebo.

ECARIMBÁBA RUPÍ, á força.

ECARIMBÁBA RUPÍ ERAÇÓ, levar á força.

ECATÚ, bem.

ECATÚ MBAË ARÁMA, prestar, ter prestimo para
alguma couza.

ECATÚ RUPÍ, em boa fé, licitamente.
 ECAÚPE, nu.
 ECOÉM, vai.
 ECOÉMA PIRANGA EYME VÊ, ante-manhã.
 ECOÉMA RAMÊ, pela manhã.
 ECUPÊ, traição.
 ECUPÊ RUPÍ, á traição.
 EÉM, sim.
 E-i, elle diz: elles disem.
 EI-ÁRA, o que diz, ou dizia.
 EIKÊ, entrar.
 EITENHÉMO, para que não acontecesse.
 EITENHÉUME, para que não aconteça.
 EMAACY, doença.
 EMAACY AYBA, contagio.
 EMBAÊ, seu.
 EMBIÁRA, caça, pesca.
 EME, particula, que na formação do conjunctivo se accrescenta aos verbos acabados em *c, ng, n, r*. Ex. *Ai-monháng* — no conj. — *monháng-éme*. *A-Pac* — *Pak-éme*.
 EMOEITÊ, adorar, sanctificar, reverenciar.
 EMOEITÊÇÁBA, culto, adoração.
 EMOEITÊÇARA, adorador.
 EMOBÁC, acordar a outrem.
 EMONÁ, dessa maneira.
 EMONÁ MÓMO, assim havia de ser.
 EMONÁ NAMO, e por isso, e por tanto.
 EMONÁ TEMOMÁ, oxalá fôra assim.
 EMONGETÁ, conselho.
 EMONGETÁ AYBA RUPÍ, aconselhar em mal.
 EMONGETÁ ECATÚ RUPÍ, aconselhar em bem.
 ENECÁARÚCA, boas tardes.
 ENECOÉMA, bons dias.
 ENÉME (ou ANÉME) cheirar mal, feder.
 ENEPYTÚNA CATÚ, boas noites.
 ENGANÁNE, tentar, defraudar. *Jurupary engana neçaba*, tentação.
 ENÓI, pôr (verbo).
 ENÓNG, idem. *Canto pupê enóng*, pôr na cantiga alguma couza.
 ENÓNG ÁBA FUPÊ, entregar.
 ENÓNG ÇANGÁBÁ, sellar (com sello) assignalar.
 ENONGATÚ, pôr alguma couza em logar seguro, guardal-a.
 EPÉBA, puz, materia.
 EPÉBA ANTAN, carnegão.
 EPÓ PECÝCA, apertar a mão.
 EPÓ ÚRPE ENÓNG, sugar.
 EPORÓC MIRIM OÁNE, alliviar um pouco do peso.
 EPOTOPÁB IRUNAMO ENHEENG, fallar aspero.
 EPUNGÁ OÇU, oppilação.

EPUPÉVÊ, comtudo.
 EPY (YPY), alicerce.
 EPY ÇUI GÓARA, originario.
 EPY RUPÍ (tambem *Apy rupí*), pegado, junto.
 EPY RUPÍ CATU, ao longe.
 EPYÁ. Vide *Pyd*. Nos seguintes compostos o *E* se transforma tambem em *A* e talvez em *O*.
 EPYÁ ÇUI CATÚ OJURURÊ, pedir com efficacia.
 EPYÁ OÇÚ, veleroso.
 EPYÁ POPÓRE, palpitar o coração.
 EPYÁ ROJABIR, penitencia.
 EPYÁ ROJABIR OANE OICÓ, estar compungido.
 EPYÁ YBA GOÊRE, frenetico.
 ERAMA, e
 ERAMBOERA, infinitivos do verbo *a-é*.
 ÊRE, I. tu: segunda pessoa do pronome *a*. II. tu dizes. III. dize tu.
 ÊRÉ CATU, eilo vai! alto la!
 EREI, tu: segunda pessoa do pronome *ai*.
 EREICÓ. Vide *oycô*.
 EREICÓ AYBA, maltratar.
 ERIMA, não.
 ERIMBAÊ, antigamente: Quando?
 ERIMBAÊ ETÊ, mais remotamente.
 ERIMBAÊ OÁNE, ja ha muito tempo.
 ERIMBAÊ VÊ, ha muito tempo.
 EROMBÝG, finalmente.
 ERÚRE, traser.
 ETAPUÁ, prego.
 ETÊ, em muito. Emprega-se esta particula com os substantivos para se lhes augmentar e por assim diser prolongar a significação. Ex. *Aba*, homem. *Aba-etê*, homem illustre. *Cáa*, mato. *Caa etê*, mata, floresta.
 ETEUMÊ, guarde! não faças.
 ETÝC, acenar.
 EUKYÍ, cunhada da mulher.
 EY, vez.
 EYMA, sem. I. negação do infinitivo no preterito imperfeito. *Juca eyma* não matar, que não mato, ou matava &c. — II. negação do supino. — *Juca eyma a* não matar, para não matar. II. negação do gerundio dos verbos intransitivos. *Gui pac eyma*, não acordando eu.
 EYMAGOËRA, negação do mais que perfeito do infinitivo. *Juca-eymagoëra*, não ter morto, que não matei &c.
 EYMA OÁMA, negação do futuro imperfeito do infinitivo e supino. *Juca eyma oáma*. Para não matar, para não haver de matar.
 EYME I. particula negativa. II. substitutiva do

incremento, que tamão os verbos no conjunctivo, quando se quer negar. Ex. Jucá-faz no conjunctivo *juca-reme*, para se negar transforma-se o incremento *rema em-eyme-e dis-se* — *jucá eyme*.

EÝME-BÊ ou

EÝME-VÊ, antes que. *Xê ço eymebe t-ere-oço*, irás antes que eu vá, primeiro, adiante.

EÝMI particula negativa, que se accrescenta aos verbos, que ja tem uma negação, quando alguem quer exprimir affirmativamente com mais energia. Ex. *A-juca*, eu mato. *N-a-juca-i*, não mato. *N-a-juca eymi*, não deixo de matar.

G.

G, letra pouco usada no começo das palavras, e a rasão é por que as que devêrão começar por *ge, gi*, se escrevem com *j*; as de *go* e *gu* confundem-se ou talvez se escrevem com *k*; e em *ga* não sei de nenhuma palavra puramente indigena que assím comece. Todavia admittimos a orthographia portugueza para alguns vocabulos mais em uso.

GAMBÁ, animal.

GAPUIA (de origem incerta), vocabulo de S. Paulo, usado entre pescadores. Consiste a Gapuia em atravessar-se o Igarapé com aninga e tojuco encostado em páos cravados no fundo, para que não passe toda a agua: depois toma-se o peixe a mão ou, se ha muita agua, bate-se timbó. E'o mesmo que Macuoca.

GATURAMO, ave.

GIA, No Maranhão, rá.

GIBOIA, Bôa (cobra).

GIQUÍ, especie de manga tecida de cipós e taquaras: serve para a pesca e caça.

GIQUITAIA (no Pará), formiga miuda e vermelha, cuja dentada se cura ao calor do fogo.

GIRÁO, casa ou terraço feito sobre forquilhas: serve de canteiro, paiol, ou ventilador.

GOABIRÚ, rato.

GOACAPY, páo de giráo.

GOAÇU, grande.

GOAIMÍM, velha (mulher).

GOAIMÍM ETÁ NHENGA MOANG QUÉRA, adagio.

GOAIMÍM UTRAPÁRA, arco da velha.

GOANANÁ, marrecão (ave).

GOARA, o habitante de um logar determinado. Veja-se *Pora*.

GOARABÁ, peixe-boi.

GOARAPIRÁNGA, barreira.

GOATÁ, caminhar.

GOATAÇÁBA, jornada e viagem, peregrinação.

GOATAÇARA, caminhante, viandante, passeador: peregrino.

GOÊNE, vomitar.

GOÊR-EYMA, particula negativa do mais que perfeito do infinitivo: emprega-se em vez de *eyma-goera*. *Juca-goêr-eyma*, não ter morto, que não matei, ou não matara.

GORUPEMA (*urupema* e *Urupemba*), peneira, que serve para escorrer a maniba.

GU, particula que por euphonia se acrescenta algumas vezes ao reciproco-o.

GUABIRABA, fructa.

GUÁBO, desinencia do gerundio dos verbos de artigo, acabados em-o-puro, cujo *o* se transforma em guabo. Ex. *Ai xob, çoguabo*. — E assim tambem nos verbos acabados em u puro. *A-ú, guabo. Airuí, çuguabo*.

GUAÇUÇABA, valia, pompa, dignidade.

GUAJÁ, rio confluyente do Meary. Caranguejo da Parahiba do norte, grande, encarnado, sarpintado de branco ou amarello. Vive no mar, e somente se encontrão nas rochas. Nunca sae d'agua.

GUAJÁ JÁRAS, indios do Maranhão.

GUAJAJARA-Í, madeira.

GUAJERÚ (no Rio Grande do norte), mato ras-teiro em logares arenosos.

GUARÁ, ave: nasce branca, torna-se preta e por fim, de um encarnado vivissimo.

GUARANÁ, sipó.

GUARARAPÉBA, viola.

GUARIBA, animal conhecido.

GUARIJÚBA, animal, especie de Guariba, de côr amarellada: por isso (disFerreira) lhe chamão-juba: — sustenta-se de fructos e folhas.

GUARINA, vestia, jibão.

GUARUMÁ, arbusto, de cuja casca se fas tipiti.

GUAXIMA, arbusto de S. Paulo, que empregão as lavadeiras para branquearem a roupa.

GUE ou GUI, signal de vocativo, mas só empregado pelos homens. Escusado será diser-se que estes raro se empregão com substantivos acabados em vogal com accento na penultima.

Ex: *Xe-rub-guê, ó meo pae*.

GUE I. Os verbos que depois do artigo *A*, immediatamente tiverem alguma destas quatro syllabas, *ra, re, ro, ru*, entremetterão esta syl-

laba *gue* entre o artigo e a tal syllaba; mas isto na terceira pessoa somente. Ex. *Araço*, eu levo. *Ere-raço*, tu levás. *O-gue-raço*, elle leva. — *Areco*, eu tenho. *Ere-recó*. *O-gue-reco*. II. Se os taes verbos se tornão absolutos com a dicção *poro*, neste caso tomão a particula *gue*, nem só nas terceiras, mas em todas as pessoas. Ex. *A-poro-gue-raço* levo gente. *A-poro-gue-reco*, tenho gente. Todavia as duas primeiras letras da particula podem, nestes casos, desaparecer na composição, disendo-se *A-poro-e-raço* em vez de *A-poro-gue-raço*.

GUI, primeira pessoa do gerundio dos verbos do pronome *xe*. Ex. *Gui Paca*, acordando eu. *Gui-tú*, vindo eu.

GUIRÁ, ave, passaro.

GUIRÁ JUBA, papagaio amarello.

GUIRÁ MEGOÁN, mergulhão (ave).

GUIRÁ OÇU, gavião (ave de rapina)

GUIRÁ PEPÔ, aza de passaro.

GUIRÁ REPOTY, erva de passarinho.

GUIRA REIYA, bando de passaros.

GUIRAPONGA, ferrador (ave).

GUIRA RECÊ, debaixo.

GUIRBO, debaixo.

GUIRÍ, debaixo.

GUIRY-JUBA, um peixe de pelle amarella.

GUIRY TINGA, bagre branco.

GUÝRPE, debaixo.

GY, machado.

GYTAYCICA, resina de Jutahi.

I.

I I. Éa terceira pessoa do singular e plural do pronome *Xe*, elle, elles. II. Vale como o pronome possessivo seu; sua, seus, suas. Ex. *Cyg*, mãe *I-x-ig* sua mãe ou a mãe delles. *I-có* sua roça. Estés exemplos podem igualmente significar — elle ou elles têm mãe, roça &c. III. No começo dos verbos, faz vezes de relativo. Ex. *A-ço* ir. *I-xó*, a sua ida, o seo ir. IV. Particula negativa, que se acrescenta aos verbos, quando estão precedidos de *n-d*. Ex. *A-juca*, eu mato. *N-d-juca-i*, não mato. V. No fim dos nomes substantivos, vale como diminutivo. Ex. *Comandá*, fava. *Comandá-i*, favinha. Neste caso se pode tambem escrever *i* ou *im*. Ex.

Mitanga, menino. *Pitanga-í*, menino muito pequeno. VI. No fim dos verbos significa fazer-se a cousa sem imposição extranha, assim como sem muita força de vontade da parte do agente. Ex. *Ai-monhang-i*, faço por faser, por me recrear, e sem que ninguem me constranja a isso. *A-cepiac-i*, vejo e não impeço, ou vejo por me divertir. *A-cepiac-i nde angaipába*, vejo a tua ruindade, e não me entendo contigo, nem te reprehendo. VII. I-muitas vezes se mette, com o artigo a que se refere, entre o artigo e o verbo e de tudo se forma um só verbo activo. Ex. *Ai-co-monhang xe-r-uba*, faço a roça de meo pae, ou literalmente. *A-cu-i* ou *y-sua-co* roça, *monhang* faço, *xe-ruba* (em accusativo paciente) a meo pae. Assim tambem *A-y-acang-oc-boia*, corto a cabeça a cobra ou antez — eu sua cabeça corto á cobra. VIII. É uma preposição (ou posposição) quando vem junta com os nomes de parte ou logar; de ordinario com os adverbios de logar. Ex. *nde cúá i* (o mesmo que se dicessemos *nde cúá recê*) á tua ilharga. *Ybyr-i*, ao longo. *Guir-i*, debaixo. *Çoba-i* da banda d'alem.

IÁ, I. interjeição: fólgo que lhe aconteça mal. Éo mesmo que disermos por vingança: ainda bem! bem feito! II. Junto com os verbos neutros, significa costume na acção. Ex. *Açó iá* (ou *yá*) costume a ir. Ajunta-se-lhe frequentes vezes a syllaba *bi*. Ex. *Xe-poro-nupã-i bi*, costume açoitár muito. III. Tambem se emprega com os verbos que significão comer e beber, e nestes casos se lhe pôde acrescentar a syllaba *ra*. Ex. *Jori úi yára godbo*. Vem comer farinha. IV. Conjunção: do mesmo modo. V. Primeira pessoa do plural do pronome *A*, nós.

IÁBA, O que se dis, o dito, o diser.

IABÁ ETÊ, arrogante.

IABÁ ETÊ ÇÁBA, arrogancia.

IABÊ, conjunção: do mesmo modo.

IABÊ CATÛ, assim mesmo.

IABÊ MONGARA, como isto.

IABÊNHÊ, conjunção: do mesmo modo.

IABÊ-TÊ, em alto, em cima.

IA-BI. Vide *Ja*, com os verbos neutros.

IACÁNGA CANTAN OAE, rude de memoria.

IAOARAMONAÊ, e

IAOARAMONAEMO, conjunções: não sendo assim, como não é.

- IACATÚ, e
IACATUNHÊ (tambem se escrevem com *y*) conjunções: do mesmo modo.
IAÊ ou YAÊ (verbo), nós disemos.
IAÊTENHÊ, de balde. *Yaêtenhê de raçup-a*, de balde te amo.
IA-IABO, a nós disermos, para disermos.
IAKÝME, humedecer: cousa lenta.
IAMURÚ I. bem feito; folgo que lhe aconteça mal.
II. E' o fructo inteiro da cuyeira, com diferenças, que são abertos por cima (*cuya-ambuca, combúca*) em que as índias guardão as suas curiosidades.
IÂNDE, primeira pessoa do plural do pronome *Xe*: nós e vós, todos sem excepção. II. pronome possessivo, nosso, nossa. *Jande có*, nossa roça. Este exemplo significaria igualmente-temos roça.
IANDEBO, para nós todos.
IANDÚ, se vem a pello.
IANONDÊ, posposição: antes, primeiro que. Um exemplo dará melhor a entender qual é a força desta expressão. *Xe-çoyanondê*, antes que eu vá (e hei de ir de certo).
IAPÁRA, torto. *Ceçá iapára*, vesgo.
IAPÁRE, vergar.
IAPÙ PUNGÁ OÇÚ YG ÇUI, opilação.
IAPÚNA, forno.
IAPYCÔN, lingua.
IARA (*jara* ou *yara*), senhor, dono. II. Vide *Ja*. (III).
IARÁ, palmeira.
IARAMÊ, e
IARAMETÊ, conjunções. Não sendo assim, como não é.
IATÚCA, baixo, curto.
IATYR ATYR, abundantemente.
IBA, quadril.
IBÁKE, ceo.
IBÁKE TINGA, nuvem.
IBÁKE PÓRA, habitante do céu.
IBAKÉPE OÇÓ, salvação
IBAKÉPE TURYBA, gloria, paraiso.
IBATÊ, em alto, arriba.
IBATÊ ÇUI, de cima.
IBATÊ KYTY ou COTYG, para cima.
IBUCEI, ralo de ralar.
IBÝ, terra.
IBÝ ANTAN, torrão.
IBÝ APÁBA, terra talhada.
IBÝ APITÉRPE, centro do terra.
IBÝ COARA, cova, sepultura, mina.
IBÝ COARA OÇU IBY APITERPE MAME PITUNA OÇÚ OICO NIINHÊ TAÝNA ETÁ ANGA CERAÝMA OÁÊ ETÁ RENDÁBA. Limbo ou seio de Abrahão.
IBÝ ÇUI, praia, areia.
IBÝ ÇUI OÇU, banco, corda de areia.
IBÝ ÇUI TYBA, areial.
IBÝ KETY (COTYG), para baixo.
IBÝ KETY IACÁNGA OÇÓ, de cabeça a baixo.
IBÝ MÁME OPOINHÊ MBAÊ OJEMONHANG, fertilidade.
IBÝ OCA, parede, muro.
IBÝ OJEPÍRAR OÁÊ, terra gretada.
IBÝ PEBA, planície, terra plana.
IBÝ PORA, habitador da terra.
IBÝ RETÊ, terra firme.
IBÝ RYRY, terremoto.
IBÝ TYRA, monte, serra, outeiro.
IBÝ ÚRPE GOÁRA, cousa subterranea.
IBYCEIRÁNE, quilha da embaeação.
IBÝPE, no chão, em baixo
IBYRA, veja *Imyra*.
IBYRA ÇUI, debaixo.
IBYRI, ao longo.
IBYTU, vento, ar, viração, arrôto.
IBYTU AYBA, vento de trovoadá.
IBYTU BABÓCA, redemoinho de vento.
IBYTU NÁNE, nevoa, nuvem.
IBYTU OÇU, pé de vento.
IBYTU PEÁ PEÁ, vento de lufadas.
IBYTU RANA, nevoeiro.
IBYTU TINGA, nuvens.
IBYTY GOÁYA, valle.
ICÁBA, gordura.
ICATU, Vide *catu*.
ICATU ETÊ, muito bom.
ICÉMO, Vide *cemo*.
ICÉMO OCÁRPE, sahir fóra.
ICÓ, este, esta, isto (e tambem) eis aqui, eis que.
Ex. *A-jur-icó*. Eis que me vou. *Ai-monhang-icó*, eis que já faço.
ICÓ (A-icó), estar ou ter de ser.
ICURÊ, anta, animal.
ICURUÍ, delido.
ICURUÍ OICÓ, estar delido.
ICYRONÇÁBA, fileira.
IÊ (YÊ), particula que serve para tornar passivos os verbos transitivos. Ex. *A-juca*, eu mato. *A-ye-juca*, eu me mato. II. *Jê*. reciproco, vide *Yê*.
IEI, foi ja hoje.
IEIBÊ, foi ja, hoje bem cedo.

IEIJE, hoje mesmo, e não hontem.
 IEPÊ, seja, mas de balde. *Iepê açô*, irei de balde.
Iepê oçu eraçô, levar a oito. II. Yépe (escreve Figueira) dieção que se ajunta sempre ao verbo activo, quando a primeira pessoa falla com a segunda, sendo a primeira accusativo e a segunda nominativo; mas isto somente nos modos que tem artigo. Ex. *Nde xe juca yepe*, tu me matas. *Ye juca ume yepe*, não me mates. E sendo a segunda pessoa do plural se dis: *Pe-yepe*, *xe juca pe-yepe*. Vos outros me matais. III. Significa tambem difficuldade de escapar de algum perigo. Ex. *A-jur yepe*, escapei, vindo-me. *Oço yepe guirá*, escapou-me o passaro.
 IEPI, e
 IEPINHÊ, sempre, cada dia.
 IGAÇÁBA, louça.
 IGOAÇU, custar, ser difficil.
 IGOAÇU ÇABA, nobresa.
 IICÁBA, palavra.
 IPÊ, um.
 IPÊ OÇÚ, á uma.
 IKÊ, aqui, cá.
 IKÊ CECOI, aqui está.
 IKÊ QUI, d'aqui.
 IKÊ QUI AMONGETI, de ca para la.
 IKÊ KETY (COTYÇ), para aqui.
 IKÊ NHÓTE, aqui perto.
 IKÊ RUPÍ, para aqui.
 IMB-IRARÁMA, característico do supino e participio passivo dos verbos acabados em *ng, m, n*.
 Ex. *Imonhang imbirarama*.
 IMBOÉ (JIMBOÉ), ensino, ensinar.
 IMBOÉ-AYBA, máo ensino, ensinar mal.
 IMÊNA, marido.
 IMÉNA POTAÇÁBA, desposada, noiva.
 IMOAE ÇUPI. Isso assim é.
 IMOAE IPÓ. Por ventura assim é.
 IMOÁ RECÊ, e por isso.
 IMOÁ RUPÍ, pela qual razão.
 IMOÁ TENHÊ, isso mesmo.
 IMOMBEÚ CATÚ, desenganar.
 IMYRA, arvore, madeira, páo.
 IMYRA ÁCA, galho.
 IMYRA ACYQUERA, esgalho, pedaço de páo, tói
 IMYRA BÓCA, roda de fiar, engenho de farinha, assucar &c.
 IMYRA CAMBY, forquilha.
 IMYRA CORÉRA, gravetos, cavacos.
 IMYRA Í, páo delgado, vara.

IMYRA KEYNHA, cravo do certão.
 IMYRA PEBA, taboa.
 IMYRA RABIJÚ, musgo das arvorea.
 IMYRA RACANGA, esgalho.
 IMYRA RERECOÁRA, meirinho.
 IMYRA OÇU, ouvidor.
 IMYRA ÝRA, mel de abelha.
 IN (A IN), estar deitado.
 INAMBÚ, ave.
 INDE (NDE), tu, do pronome *xe* ou — *ixe* —
 INDEBO, para ti.
 INDOÁ, pilão.
 INDOÁ MÉNA, mão de pilão.
 INDOÁ MIRIM, almofariz.
 INDOÁ MIRIM MÉNA, mão d'almofariz.
 INÉME, fedor. Vide *Anéme*.
 INHÚMA, INHAÚMA, ANHÍMA, unicorné (ave).
 INIMBÓ, fio, cordel.
 INIMBÓ APUÁM, novello.
 INIMBÓ Í, linhas.
 INIMBÓ IPÚÍ, fio delgado.
 INIMBÓ POAÇÚ, fio grosso.
 IO, vide *Yo*.
 IPADÚ. Os Indios do Amazonas seccão ao forno as folhas do Ipadu, reduzem-n'as a pó em um pilão proprio; e, misturado com um pouco de cinza das folhas da ambaúba e um pouco de tipióca, trasem-n'o na bocca em vez de masca, e o engolem depois de bem macerado.
 IPANÉMO OÇO, ir (de vasio).
 IPÉBA (APEBA), chato.
 IPECÚ, pato.
 IPÍRA, característico do supino ou participio passivo dos verbos acabados em *b, c, r*. *Y mombé-ipira*.
 IPÓ, por ventura, na verdade.
 IPÓ RYCÊ RYCÉME PUPÊ, ás mãos cheias.
 IPOTABA OMONDÓ MONDÓ, presentear.
 IPUPÊ, ainda, com tudo isso: interiormente.
 IPUPÊ OICÓ, incluir.
 IPUPÊ VÊ, mas ainda.
 IPY (YPÝ), cabeça de geração, principio, primeira origem.
 IPY RUPÍ OÇÓ, ir a pé.
 IPYPE OÇÓ, ir ao fundo.
 IQUE (A-IQUE), entrar.
 IRA. Vide *yrá*.
 IRÁ, ao diante.
 I'RAÇO, interjeição de espanto.
 IRÓN, pois não t'ó tinha eu dito! Vedes isto?!
 IRUNÁMO GÓARA, companheiro. parceiro.

IRUNÁMO OÇÒ, acompanhar.
 IRUNÁMO VÊ, juntamente.
 ITÁ, pedra, ferro.
 ITÁ BABÓCA, mó, moinho, rebolo.
 ITÁ BUBUI, pedra pomes.
 ITÁ CANTÍM, chuço.
 ITÁ CORÉRA, limalha.
 ITÁ EM, pedra hume.
 ITÁ GUAÇU, penedo.
 ITÁ JYÇA, estanho.
 ITÁ JUBA, dinheiro, moeda, oiro.
 ITÁ JÚBA JÁRA, homem rico.
 ITÁ JUBA MONHANGÁRA, ourives.
 ITÁ JÚBA RÁNA, oiro falso.
 ITÁ JÚBA RERÚ, thesouro.
 ITÁ JURÁO, grelhas.
 ITÁ KY, pedra de afiar.
 ITÁ NIMBÓ, arame.
 ITÁ OCA, parede de pedra.
 ITÁ PEBA, chapa de ferro.
 ITÁ PECÚ, barra de ferro, alavanca.
 ITÁ PO MONDÉ, algemas.
 ITÁ PUPÊ JAPY, atirar com pedras, apedrejar.
 ITÁ RETÊ, aço.
 ITÁ RUPIARA, alavanca.
 ITÁ TUPAN QUÍ OCÉMO OAE, corisco, raio.
 ITÁ TYBA, pedregal, pedreira.
 ITÁ UGUÍ, verdete.
 ITÁ XÁMA, cadeia de ferro, corrente.
 ITÁ YRYRY, concha.
 ITAJUBA PÓCA, arvore de que os Muras fazião os seps arcos.
 ITÁN, concha do rio Branco e Maranhão.
 ITAFUÁ, macaco de prego.
 ITUÁ, cipó, de fructo e gosto, comparaveis, segundo os portugueses; as suas bolotas.
 ITUÝ TUÝ, maçarico pequeno.
 ITYC, derriñar alguma couza grande, como verbi gratia uma arvore.
 ITYC IXUPÊ, imputar a falta a este ou áquelle.
 ITYCÁRA, pescador. *Pindá itycára*, pescador de llnha. *Pyçá itycára*, pescador de rede.
 ITYKÉRA, lixo, cisco.
 ITYKÉRA RENDÁBA, monturo.
 IXÊ, eu — dis-se tambem *xe*. São privativas destes pronomes as pessoas. — *Nde* ou *Indé*, tu, — *Y*, elle, — *Yande* ou *Iande* e *Ore*, nós. — *Pé*, vós. — *Y*, elles.
 IXÊ AÊ, sou ou estou.
 IXÊ ETÊ, eu mesmo.
 IXÊBO, a mim, para mim.

IXUPÊ, a elle, a ella.

J.

JÁ I. supino do verbo *A-é*, discr. *Gui-ja-bo*, disendo eu. II. calcanhar. Vide *Pytá*.
 JABABÓRA, amontado, fujão, pessoa fugida.
 JABÁO, ausentar, fugir, escapar.
 JABÊ ou JABÊ, basta (verbo): outros escrevem *Javê*.
 JABÊ CO-RAÁ, basta que assim é.
 JABÊ JABÊ, cada um. *Ara jabê jabê*, cada dia. *Pytúna jabê jabê*, cada noite.
 JABÊ ICATÚ, assim é bom: á maneira.
 JABÊ IPÓ, assim deve ser.
 JABÊ NHÓTE, de graça.
 JABÊ NONGARA, assim como.
 JABÊ TENHÊ, nem mais, nem menos.
 JABÊ TURUÇÚ PORYB, cada vez mais.
 JABICÁBA, desigualdade.
 JABICÁBA RUPÍ, inadvertidamente.
 JABOTIM, animal conhecido.
 JABURÚ ou JABIRÚ, ave ribeirinha.
 JABY, errar, faltar, discrepar, desenganar.
 JABY TECÓ, faltar ao ajuste, quebrar a lei.
 JABYÚRA, arraya (peixe).
 JÁCA, fructa.
 JACÁ, cesto de cipós, como cassuás.
 JACAMÍM, ave facilima de domesticar-se: há muitas especies, mas todas conhecidas pelo rumor que fasem com o ar no papo, ou, como pretendem outros, na barriga, quando se aproxima á gente.
 JACANHÉMO, pasmar, titubar, perturbar-se, maravilhar-se: terror, espanto.
 JACÁO, pelear: reprehensão. *Jacá-jacáo*, arrasoar.
 JACARANDÁ, arvore.
 JACARATIÁ, arvore.
 JACARÉ, animal conhecido.
 JACARÉ IHÚA, arvore de que se construião canoas de 30 e 40 palmos de comprido: duração de 3 a 4 annos. Esta arvore nasce pelas vargens e margens dos rios em partes humidas.
 JACARÉ-ARÚ, especie de lagarto.
 JACARÔÁI poça d'agua.
 JACARÔÁ MIRIM, charco.
 JACARÔÁ OÇÚ, lago.
 JACEON (A-JACEÔ), chorar.

- JACINA, borboleta, de côr parda, com azas azues-claras.
- JACOAÚB ETÊ, agudeza, industria: ladino, sagaz.
- JACOAÚB ETÊ OENGANÁNE OARÁMA, ardil para enganar.
- JACOAÚB EYMA, rustico, nescio.
- JACÚ, avc.
- JACÚ ASSU, especie 1ª.
- JACÚ CACA (de todos o menor), especie 3ª.
- JACÚ PEMA, cor fusca, especie 2ª.
- JACÚ TINGA, especie 4ª. Ferreira dis que é o de cor preta.
- JACÚ OAE, canhoto.
- JACUC (A-JACUC), levar-se.
- JACUÍ, abafar, cobrir, embrulhar, bastar.
- JACUÍ ÇABA, coberta, testo.
- JACUÍ ÓCA, telhar, cobrir a casa.
- JACUMÁ, leme.
- JACUMAYBA ou JACUMAÚBA, piloto.
- JACURÚARÚ, ave: lagarto.
- JACURUTÚ, ave, do tamanho de uma gallinha, noctívaga, côr pedrez; os guinchos arremedão gargalhadas de mófa.
- JACY, lua, mez.
- JACY ÇOBA JEARÓCA, lua mingoante.
- JACY ÇOBA OÇU, lua cheia.
- JACY JEMOTURUÇÚ, lua crescente.
- JACY PEÇAÇÚ, lua nova.
- JACY RENDÝ, luar.
- JACY TATA, estrella.
- JAGOAJIRA, rabo torto, lacrao.
- JAGOACACACA, lontra.
- JAGOARA, cão, onça.
- JAGOARA ETÊ, onça.
- JAGOARA KIYBA, pulga.
- JAGOARA OATÁ CEMIARA, andar o cão rastejando.
- JAGOARA PYRUÇÚ, rabugem de cão.
- JAJUMANE, arcar na luta.
- JAJURA MONDÓCA, degolar.
- JAKIRANA, cigarra.
- JAMIM, espremeer. *Jamí jamim marica*, puxos de camaras.
- JAMIMA RUPI, surrateiramente.
- JAMOTAREYMA, odio, ter odio, aborrecer.
- JAMOTAREYMA RUPI, odiosamente.
- JAMOTAREYMA UCAR ABA, metter discordias.
- JAMOTINGA, entrudo.
- JAMOTINGA ARA, dia d'entrudo.
- JAMURÚ. Vide *Iamurú*. Ainda bem que assim succedesse.
- JANDÊ. Vide *Iandê*.
- JANDÊ AROBAKÊ, ante nós.
- JANDÊ IARA JESU CHRISTO YBY AIQUÉRA ETÁ, discipulos de Christo.
- JANDÊ MBAÊ, cousa nossa.
- JANDÊ PAYA IPY, Adão.
- JANDÊ PAYA ADÁO, idem.
- JANDÊ PAYA ADÁO RENDABA QUERA, paraíso ter real.
- JANDÊ RAMUYA, os nossos antepassados.
- JANDÊ REÇÁ ÇABA, pestanas.
- JANDI, IANDI ou YANDI, azeite.
- JANDI CARAYBA, chrisma, sanctos oleos, extrema unção.
- JANDI CARAYBA RERÚ, ambula dos santos oleos.
- JANDI ÇOBAIGOARA, azeite do reino.
- JANDI YROBA, azeite amargoso.
- JANDIÁ ou JUNDIÁ, um peixe.
- JANDÚ, aranha.
- JANDÚ CECÊ OAE, aranha peçonhenta.
- JANDÚ KEÇABA, teia d'aranha.
- JANDÚ OÇÚ, aranha caranguejeira.
- JAÓC (A-JAÓC), apartar-se.
- JAPABÓCA, ida, partida.
- JAPATUCA, baralhar.
- JAPECYCA, pegar-se.
- JAPEGOÁ ou JAPOGOÁ, centopeia.
- JAPI ou JAPY, topada; atirar, ferrar o agulhão.
- JAPI APIXABA, pedrada.
- JAPI CECÊ, dar encontrão.
- JAPI JAPI, apedrejar.
- JAPI MOCABA, disparar a espingarda.
- JAPIM, ave pintada de amarello e preto, que arremeda no canto as outras aves.
- JAPINÓN ou JOPINÓNG, onda.
- JAPINÓN OÇÚ, marezia.
- JAPIXÁ, ferir.
- JAPIXABA, ferida, golpe.
- JAPIXÁO, acutilar.
- JAPOGOÁ. Vide *Japegoá*.
- JAPÓTY, atar, amarrar.
- JAPOTYÇABA, laçada, vinculo.
- JAPURÚXITÁ, caracol (bixo).
- JAPYCA, estabelecer; geração, linha.
- JAPYÇÁ CANÉMO, ensurdecer.
- JÁR (verbo neutro), estar pegado. (Verbo activo) aceitar, receber, tomar.
- JÁR CECÔ RÁMA, tomar estado.
- JÁR EPOPE, tomar a sua conta.
- JÁRA, dono, amo, senhor, senhora.
- JATIMÁ TIMÁN, andar ao redor, ás voltas.
- JATIMANA, rodeiamento.

- JATIMBÓR, balançar-se.
 JATIÚCA, carrapato.
 JATIÚM, uma especie de mosca muito importuna.
 JATOBÁ, arvore.
 JATÝC, leicença.
 JATÝI AYBA, leicença, antraz.
 JATÝCÁ, fincar, pregar.
 JAVÈ, o mesmo que *Jabè* e *Iabè*.
 JÊ, segunda pessoa do plural do presente do indicativo do verbo *A-é*, e assim tambem do Imperativo. *Pe-jê*, Dizei, ou vós discis.
 JEACAPÝC, pentear-se.
 JEAMBY-ÓCA, assoar-se.
 JEAPYÇAÇAR, dar attenção (com o ouvido), escutar.
 JEARÓCA, minguar, desinchar, estar diminuido.
 JEAUÇUPABA, amor honesto.
 JEAÝBÝO, abaixar a cabeça, afocinhar.
 JEBÝC, apertar com as mãos, afogar, esganar.
 JEBÝ JEBYRE, passeio (diante da porta).
 JEBYR, repetir, tornar, voltar: resolver o apostema.
 JECANEÓN, atribular-se.
 JECANHÉMO. Vide *Jemo-canhémo*.
 JECOÁU (ou JECUAB) UCAR, dar-se a conhecer.
 JECOÁUB, apparecer o perdido.
 JECOÁUB ETÈ, ladino.
 JECOACU OÇÚ, quaresma.
 JECOACÚB, abstinencia no comer, dieta, jejum: jejuar.
 JECOACÚBA jejum, sexta feira.
 JECOBÍAR, alternar.
 JECOÉMA, amanhecer.
 JECOMEÉNG, apparecer, expor-se.
 JECUAB. Vide *Jecoáu*.
 JECUTÚCA, picar-se.
 JECYRÓN, em fileira.
 JEGOARÚ, asco, ter nojo, enojar.
 JEJUCÁ, consumir-se.
 JEJUCENE, derramar-se.
 JEJUMÍNE (tambem *Jejemine* e *Jejomine*), emboscar-se, encobrir-se, esconder-se, agachar-se.
 JEJYBÝCA, enforçar-se.
 JEKYCI, caldo, mólho.
 JEKYI, o mesmo que, *ojekyi oicó*, estar morrendo.
 JEMAEMDUÁR, lembrar-se.
 JEMÁNE, cousa velha.
 JEMBAACÝ, fome: ter fome.
 JEMEÉNG, dar-se, entregar-se.
 JEMEMOTAR. Vide *Jemotar*.
 JEMEMOTAR ABÁ RECÈ, appetite torpe.
 JEMEMOTAR MBAÈ RECÈ, vontade de alguma cousa.
 JEMEMOTÁRA, concupiscencia, vontade.
 JEMOACOAÚB EÝMA, disfarçar.
 JEMOÁ MONDÉ, vestir, trajar, vestir-se.
 JEMOACÁNGA YBA, endoudecer-se.
 JEMOCANHÉMO ou JECANHÉMO, assustar-se.
 JEMOACÚCA, lavar-se todo.
 JEMOACÝ, enternecer-se: estimular.
 JEMOAGOAÇABA, amancebar-se.
 JEMOAKYR, enverdecer.
 JEMOANÁMA, aparentar-se.
 JEMOÁNGAIGOÁRA, emmagrecer.
 JEMOANTÁN, coalhar-se.
 JEMOÁPAR, entortiar-se.
 JEMOAPECYCA, deleitar-se.
 JEMOAPECYCA OICÓ, estar satisfeito.
 JEMOAPÚNG, tratar-se.
 JEMOATYR, amontoar-se.
 JEMOÁUB, receber-se.
 JEMOAYB, corromper-se, derrancar-se.
 JEMOAYB PORYB, peorar.
 JEMOÇÁC, arrancar-se.
 JEMOÇACÉM, divulgar-se.
 JEMOÇACUÍ, guardar-se, precatar-se.
 JEMOÇAIMBÉ, amolar-se.
 JEMOÇAINÁNE, aperceber-se, buscar o necessario.
 JEMOCAMÁRAR, amigar-se.
 JEMOCAMÁRAR JEBYR, reconciliar-se: faser amizade.
 JEMOCANEÓN, afadigar-se, affligir-se, desarranjar-se.
 JEMOCANHÉMO, desperdiçar-se.
 JEMOCAPO OÁNE, criar raizes.
 JEMOÇARÁI, brincar, jogar.
 JEMOÇARÁITÁBA, jogo.
 JEMOÇARÁITÁRA, jogador.
 JEMOÇARÁYA, galhófa.
 JEMOÇARÁYA RUPÍ, por zombaria.
 JEMOÇARIMBÁBA, forcejar.
 JEMOCOÁR, ter conta com alguma cousa.
 JEMOCOCÁO, desperdiçar-se.
 JEMOCORUÍ, delir-se.
 JEMOCURUÇÁ, benzer-se, persignar-se.
 JEMOEIKÉ, faser entrar.
 JEMOETÉ, estimar-se.
 JEMOIRÓN, desconfiar: amuado.
 JEMOKYÁ, sujar-se, borrar-se.
 JEMOMANDUÁR. Vide *Jemomenduár*.
 JEMOMARAAR, definhar (verbo neutro)
 JEMOMBEÚ, confessar-se.
 JEMOMBEÚ AYBA, queixar-se.

- JEMOMBEÚ ÇÁBA, confissão, penitencia.
 JEMOMBEÚ ÇÁRA, penitente, confessado.
 JEMOMBÓIE IXUÍ, divórcio.
 JEMOMEMÉÇA, debilitar-se, enfraquecer-se.
 JEMOMENDAR, casar-se.
 JEMÓMENDAR (ou JEMOMANDAR) CECÊ, refrescar a memoria.
 JEMOMORIAUÇÚBA, empobrecer-se.
 JEMOMOXÍ, envergonhar-se.
 JEMONDYÁRA, mez, menstruo das mulheres.
 JEMONGETÁ, conversar, praticar.
 JEMONHÁNG, medrar.
 JEMONHARÓN, embravecer-se.
 JEMOPÉBA, criar materia.
 JEMOPERING, gabar-se, mentindo.
 JEMOPERYRÝC, frigir-se.
 JEMOPIRANTAN, alentar-se, animar-se, convalescer.
 JEMOPOÍ, adelgaçar-se.
 JEMOPORÁNG, enfeitar-se.
 JEMOPORÁNG ETÊ, caprichar.
 JEMOPOTUPÁO, veja — *Jemotupáo*, agastar-se.
 JEMOPORUÁ, conceber (affecto).
 JEMOPÓTYR, florescer.
 JEMOPUÁME, erguer-se, levantar-se.
 JEMOPUTUÚ, apasiguar-se.
 JEMOPYÁ YBA, apaixonar-se, enfadar-se.
 JEMOPYTÚNE, anoitecer, nublar-se o céo, escurecer-se o ar.
 JEMOROÍÇÁNG, esfriar-se.
 JEMORO-Ó, nutrir.
 JEMOTAÇÁBA, pancada.
 JEMOTAGUÁ, amarellecer a fructa.
 JEMOTAIGOÁRA, alforria, liberdade.
 JEMOTÁRA, vontade.
 JEMOTEPPYR, alargar-se.
 JEMOTÍM, envergonhar-se.
 JEMOTÍMBORA, defumar-se.
 JEMOTUPÁO, indignar-se.
 JEMOTURUÇÚ, crescer.
 JEMOTYCAN, enxugar-se.
 JEMOTY JOBAÊ, envelhecer-se.
 JEMÚ, frexar.
 JEMUÇÁRA, atirador, frexeiro.
 JENEPPYÁM, joelho, ajoelhar.
 JENÓNG (e tambem *Genón*), deitar-se, jazer.
 JENÓNG CERÁNE, reclinar-se.
 JENUPÂN, disciplinar-se.
 JEPÁRA FARÁBO, diversidade de cousas, cores diversas.
 JEPÊ, o mesmo que *Jepê*, um, uma.
 JEPÊ JEPÊ, de um em um, — um a um.
 JEPÊ OÇÚ, todos junctos em um corpo.
 JEPÊ OÇÚ ERAÇO, levar a oito.
 JEPÊ YÍ, uma vez.
 JEPENHÓ OAE, unico.
 JEPÍRÓN, urdir.
 JEPOÇANÓNG, curar-se.
 JEPOCOAÇÁBA, juncta.
 JEPOCOAÚB, vasar-se, afeiçoar-se, acostumar-se: familiaridade.
 JEPÓI, alimentar, sustentar, dar de comer, cevar.
 JEPÓOC, arrancar-se.
 JEPORACÁR, mariscar.
 JEPOTAR, chegar. So o encontramos neste exemplo: *Jepotar ygára*, chegar a canóa.
 JEPOTUÚ, alliviar-se.
 JEPYÁ MONGETÁ, considerar, cuidar, discorrer, imaginar, meditar, resolver-se, intentar.
 JEPYÁ MONGETAÇÁBA, meditação, consideração.
 JEPYÁ ROJEBYR, arrepende-se.
 JEPYÁBA, lenha.
 JEPYÇA, desaffrontar, vingar.
 JEPYCÝCA, abraçar-se.
 JEPYCYRÓN, apadrinhar-se, defender-se.
 JEPYPÚCA, e
 JEPYPÝCA, naufragio.
 JEPYRÓN, e
 JEPYRÚM, principiar, começar.
 JEPYRYFÁNE, negociar.
 JEPYTAÇÓCA, resistir.
 JEQUÍ, armadilha para apanhar peixe, construída de forma, que o peixe entre, e não se possa virar para sahir.
 JEQUIRÍ, arbusto semelhante a esponjeira, espinhoso, de folhas miudas: dá a beira do rio e dos alagadiços.
 JERAGOIA e tambem *Jereraçaya*, mentir, jurar falso: mentira, falsidade.
 JERAGOIA OAE, falsario.
 JEMAGOIA FUPÊ OACEMO, convencer.
 JERAGOIA RUPI TUPAN RERA ÓCENÓI, jurar falso.
 JERÉO. — *Ojerê jeréo*, espojar-se.
 JERERÊ (na Parahiba do norte), redinha para pesca, menor que o puçá, presa a um circulo de madeira.
 JEROBIAR ETÊ CECÊ, vangloriar-se.
 JEROCEKÝPE, resentido.
 JEROTÍM, ignominia.
 JERÚ, papagaio. O mesmo que *Paragoai*.
 JERUBIAÇÁBA, fidelidade, confiança.

JERUBIAR, confiar em alguém, soberba, pre-
sumpção.
JERUBIAR ETÊ CECÊ, vangloriar-se.
JETYCA, batata.
JEUPYR, subir, trepar.
JEUPYRÇÁBA, subida, costa á cima.
JEZUS CHRISTO RERÚ BIAÇÁBA, fé catholica.
JICÁ, quebrado (objecto).
JICÁ JICÁ, fender.
JICAÇÁBA, racha, quebradura, greta, fenda, aber-
tura.
JICÊI, entorpecer (o pé, a mão &c.).
JIEÊ, arredar (a alguma pessoa) afastar-se.
JIMBOÊ, estudar, aprender, ensinar, rezar: en-
sino.
JIMBOÊ PAPÉRA PUPÊ, ler.
JIMBOEÇÁBA, doutrina, estudo, licção, resa, ora-
ção. *Jimboeçába catu pupê ujemoturuçú* — bem
educado.
JIMBOEÇÁRA, mestre.
JIRÁO, especie de caniço: caza formada sobre
forcados, talvez em sitios alagadiços. Vide
Girão.
JÓCA, tirar, desentupir.
JOCAIÇÁRA, occupador, occupante.
JOCOAI, occupar.
JOCYB, limpar (esfregando).
JOCYB ANGA, purificar a alma.
JOJABÊ, parelha.
JOJÓCA, soluçar.
JOKÓC, encontrar-se.
JOMÁNA, abraço.
JOMÁNE, abraçar.
JOMBYÁ, bozina.
JOMÍMA RUPÍ, secretamente.
JOMÍNE, esconder, abaixar.
JOMINEÇÁBA, segredo.
JOPINE, rapar, tosquiar.
JOPÓI, veja *Jepói*, sustentar.
JORÁO, soltar, desamarrar, descoser, desfiar,
destorcer, desembaraçar.
JÓRE, chamar por alguém.
JORI. Segunda pessoa, singular e plural, do im-
perativo do verbo: *A-jur*. Vem tu, vinde vós.
JOTOIM, acotovelar.
JOTÝME, dispor, plantar, semear, enterrar, se-
pultar.
JOTÝME JEBYRE, replantar.
JU I. particula pospositiva do vocativo, empre-
gado pelas mulheres. *Xe-cyg-ju*, ó minha
mãe! II. espinho.

JU TYBA, espinhal.
JUÁ, fructa da Parahiba.
JUB (A-JUB), estar deitado.
JUCÁ, matar.
JUCA-ÇÁBA, instrumento de matar.
JUCÁ-ÇÁRA, matador.
JUCÁ-CY', amofinar, aperrear: pirraça.
JUCÁNE, derramar, despejar, escoar, transbordar.
vasar fóra.
JUÇÁRA, comichão, coceira, frieira. No Maran-
hão, fructo de uma palmeira.
JUCEY, apeteecer (comer ou beber).
JUCYB, lavar, limpar (as mãos e os pés).
JUCYB ANGA, descarregar a consciencia.
JUI, JUHI ou YUI (no Maranhão *Gia*), rã.
JUKÝRA, sal.
JUKÝRA TYBA, salinas.
JUMAM, braço.
JUMÍME, negar, occultar.
JUMÍME RUPÍ, occultamente.
JUNÇANA, laço, armadilha, ratoeira.
JUNDIÁ, certo peixe.
JUNDUHI, aranha pequena e branca, — mata a
planta em que assenta a teia.
JUPÁNE, desbatar com enxó.
JUR (A-JUR), vir.
JURARÁ ou YURÁRA, cágado, tartaruga. No
tempo em que Alexandre Rodrigues visitou o
Pará, era a manteiga dos ovos de tartaruga
uma das industrias mais usadas em certas esta-
ções. Eis como elle descreve este processo.
„Juntão-se aos montes nas praias os óvos que
se descobrem nellas; se se quer que funda mais
a manteiga, deixa-se fermentar de 4 até 5 dias,
mas então ella sáe rançosa e com máo cheiro.
Se os ovos se preparão frescos, são logo met-
tidos em uma canoa, que de proposito está
reservada para este uso, e aos pés os vão pi-
sando, como em Portugal se faz as uvas. So-
bre os óvos pisados lançaõ agua, a qual de-
pois de mechida e incorporada com elles,
deixa sobrenadar o oleo: com a mesma agua
se dissolve muita parte da clara: as cuyas e
com preferencia as valvulas das conxas *ítans*
são as colheres.com que tirão de cima d'agua
o oleo que sobrenada e o lançaõ, dentro dos
tachos. Segue-se irem ao fogo, esfriar depois
a manteiga em panellões á parte, e delles mu-
dar-se para os potes. Esta manteiga serve
para temperar o comer, frigar o peixe, entre-
ter as luzes domesticas, e se incorporar com

o breu, quando o fasem para calafetarem as canoas."

Tambem se faz manteiga das banhas de tartaruga (accrescenta elle). Consiste o methodo de as faser em frigir simplesmente as banhas; se as fregem frescas, a manteiga são boa para com ella se temperar o comer, nem se lhes presente cheiro, nem sabor máo. Não usão della para luzes, por que nem ella é tanta como a dos óvos, nem se conserva fluida como a delles.

JUREMA, arvore.
 JURÚ, bocca.
 JURÚ AYBA, maldisente
 JURÚ CANHÉMO, emmudecer.
 JURÚ CÊ OAÊ, affavel.
 JURÚ CUY, fallador.
 JURÚ GUÉRA, bacharelices.
 JURÚ JÁI, bocca aberta: admirar, pasmar.
 JURÚ JÁI OICÓ, estar pasmado.
 JURÚ JERAGOÁYA RUPÍ OAÊ, adulator.
 JURÚ JYB, cortesia (acto de).
 JURÚ NÊME, bocca mal cheirosa, máo halito.
 JURÚ OÇÚ, desboccado.
 JURÚ PITUCÊME, bafo.
 JURÚ POXÍ, mal disente, desboccado.
 JURUBÉBA, arbusto espinhoso.
 JURUCÊ, affavel (no fallar) o mesmo que *Jurucê-oaê*.
 JURUPÁRI, demonio, anjo máo: especie de macaco.
 JURUPÁRI ENGANANE ÇÁBA, tentação.
 JURUPÁRI KIBÁBA, centopéia.
 JURUPÁRI RATÁ (TATÁ), inferno.
 JURUPÁRI RATÁ PÓRA, infernal, habitador dos infernos.
 JURUPÁRI REMI MONHÁNGA, diabrura.
 JURUPÁRI REPOTI, enxofre.
 JURUPÍKUNA (e tambem *Jurúna*), macaco de bocca preta.
 JURURÊ, pedir, mendigar, requerer: supplica. — *Cepý quera ojururé*, pedir a divida. — *Caneonçába rupi ojururé rurê*, pedir com importunação. — *Opyá çuí catú ojururé*, pedir com efficacia. — *Pitybonçaba ojururé*, pedir ajuda. — *Tupana potába ojururé*, pedir esmola. — *Abá etá okéna rupi Tupana potába ojururé*, pedir de porta em porta. — *Cevocoaib arama ojururé*, pedir conselho.
 JURURÊ CATU, rogar. — *Jurerê apyá çuí catu*, rogar com efficacia.

JURURÊ CECÊ, interceder.
 JURURÊ RURÊ, instar.
 JURURÊ RURÊ CATU, pedir com humildade.
 JURURÊÇABA, deprecação.
 JURURÊÇARA, pedinchão.
 JUTAY (fructos de) são desagradaveis no gosto, e com tudo os indios os comem. Desta arvore se colhe a resina chamada *Jutay-cica*, ou goma copal, com que invernisão a louça. Nasce esta arvore pelo centro do mato, em terras firmes. Da casca fasem os gentios suas *ubás*, em que andão embarcados.
 JURUTI, pomba.
 JYBA (e tambem *Júba*), braço.
 JYBA APÁRA, aleijado dos braços, maneta.
 JYBA BABACA, e
 JYBA BÓC, danças, bodas.
 JYBA CANGÓERA, espadua.
 JYBA GOABIRÚ, lagarto (do braço).
 JYBA KITAM, cotovelo.
 JYBA MOAPYREÇÁBA, cotovelo.
 JYBA PECÁNGA, hombro.
 JYBA RAJÝCA, pulso, veia.
 JYBA RUPYTÁ, cotovelo.
 JYBYCA, enforçar: engasgar-se (comendo).
 JYBYCÁBA, foreca.

K.

KATÁ KATÁC, bolir de per si.
 KEBYRA (KEVYRA), irmão ou primo da-mulher; indica ao mesmo tempo que este parente é o mais moço, não só a respeito della; mas tambem em relação a todos os mais irmãos.
 KÉR, dormir.
 KÉR AYBA, pesadelo.
 KERIRIM, calar, estar sereno: silencio, tristeza.
 KETY, veja, *cotyg*.
 KETYÇ, ralar, serrar, brunir, polir. *Ketye mandioca*, ralar mandioca.
 KIRIRI, veja, *keririm*, triste. *Xe-kiriri*, estou triste.
 KIÝBA, piolho, piolhar. *Jaguára kiýba*, pulga.
 KIÝBA RÁMA, piolho ladro.
 KIÝBA ROPIÁ, lendea.
 KYÂ ÇÁBA, nodoa.
 KYÂ QUERA, borra.
 KYBÁBA, pente.
 KYÇABA, rede (de dormir).
 KYÇABA REMEYBA, guarrição, varandas (da rede).

KYCÊ, faca.
 KYCÊ APÁRA, foice.
 KYCÊ GUASSÚ, ou — oçú, facão, cutelo.
 KYINHA, pimenta.
 KYINHA AVI, pimenta malagueta.
 KYINHA ÇOBAIGOÁRA, pimenta do reino.
 KYRÂ OICO, estar gordo.
 KYTAM, verruga.
 KYTIC, veja *ketyc*.
 KYTINGÓC, purificar a louça.
 KYTINGÓCA, o mesmo talvez que *ketyc*, limpar (desenferrujando).
 KYTINGÓCA ÁNGA, limpar a alma, confessar-se e purificar-se.

M.

MÂ, particula pospositiva com que expremimos desejos ou saudades. *A-ço-mo Tupan pyri mâ*. Oh! quem fôra para Deos. *Xe-cyg-mâ*. Oh! minha mãe. Com esta particula juntão-se estas outras, *temo*, *mey*, *mey-mo*; e desta maneira se forma o optativo dos verbos.

MÂ, na composição.
 MÂ ÁRA ÇUI VÊ CATU, desde quando?
 MÂ ARA PUPÊ, a que horas?
 MÂ ÁRA ÇUI, donde? donde vem?
 MÂ MARANDÚBA, que vai?
 MÂ MBAÊ, que coisa?
 MÂ RUPÍ, por onde?
 MACAMBRA, especie de ananás bravo.
 MACUCÁVA (MACUCO), ave.
 MACUCU-MIRIM, arvore do Pará. Com a infusão da entrecasca desta arvore é que dão uma especie de mordente nas cuyas, sobre o qual assentão depois as tintas: usão deste mordente na falta de outro, que extrahem da arvore — *Cumaty*, que é melhor. Os pescadores mettem as linhas, com que hão de pescar, no succo resinoso, que extrahem da entrecasca desta arvore, afim de se lhe não desgastar tão depressa, como lhes succede quando lhes não fazem esta mão de obra. Nascem pelas margens dos rios com a raiz debaixo d'agua
 MACUCU-UASSU, arvore cujos fructos se comem assados ou cosidos.
 MACUÓCA (em S. Paulo), veja *Gapuya*.
 MAÊ TACÓ
 MAÊ TEPE } Ora, vede agora!
 MAÊ TERÁNHE }

MAÊM, attentar, olhar. *Çakaquéra kety' maêm*, olhar para tras. — *Opecatu çui maêm*, olhar de longo. *Çobacy' irundámo maêm*, olhar com máos olhos.

MAÊM ÇOBAKÊ RUPÍ, olhar ao redor.
 MAÊM ETÊ, encarar.
 MAENDUAÇÁBA, lembrança, signal, pensamento.
 MAENDUAR, lembrar, occorrer.
 MAENDUAR JEBYR, recordar.
 MAGUÁRY, ave ribeirinha, semelhante ao Jaburú: tem olhos verdes.
 MAHÚ, rio que desagua na margem oriental do Tocantins.

MAIRY, cidade (tal-vez de *Mari*).
 MAIRYGOÁRA, cidadão.
 MAITÁCA, especie de papagaio, que destróe os campos de milho.
 MAJOÍ, andorinha. Pisão da-lhe o nome de *Tapera*.

MAMÁNA, dobra, embrulho, feixe, molho.
 MAMÁNE, dobrar, enrolar, traçar, embrulhar.
 MAMANGUÁPE, logar e rio na Parahiba do norte.
 MÂME, onde? donde? *Ajubéte mame* (e tambem) *Ajubéte mame catú* — onde quer que.

MÂME COARACY' OGANHEMO, occidente.
 MÂME NHÓTE, algures.

MÂME TÁ, aonde.
 MAMETÉI (interjeicção), muito bem.

MAMIÁ, bozinas. Fasem de diferentes madeiras. — de — arara-canga, caju-assu, juniparána, molongó, e outras, unindo com a resina do anany as duas ametades, que fasem separadamente, e reforçando-as por fóra com ligadura da casca do cipó-uambé, passando a enfeitá-las mais e menos, segundo são mais ou menos polidos os seus artifices. Usão dellas no mato para as suas guerras e escaramuças, ensaios militares e danças das suas festas. Aos cabos das canoas de viagem pelo certão, servem para convocarem os indios na occasião de largarem dos portos, onde estão surtos. „A. R. Ferreira.“

MAMOCUIPE, donde vem?
 MAMÔPE, para onde? aonde?
 MAMORUPIPE, por onde?
 MAMOÏM, arbusto de folha muito cheirosa.
 MAMÚNA, igarapé que desagua no Mearim.
 MAMUCÁBA, tecido de algodão, no qual os certanejos prendem a espada.
 MANACÁ (no Pará), uma flor. É tambem o nome que se dá á moça mais bella de uma

- tribu, ou das que se achão juntas em alguma festa.
- MANDI, peixe do Pará.
- MANDÚ, Manoel.
- MANDUÊ (MANDUBÊ), peixe pequeno, de cabeça chata.
- MANGABEIRA, notou Ferreira que o leite desta arvore tinha as propriedades e prestimo da goma elastica. *Resina elastica é concreto suco lacteo arbore vulgo mangabeiras in hac observantur proprietates ususque gummi elastici.*
- MANGARÁ, batata da bananeira.
- MANGARATAYA, gengibre.
- MANHANA, guardar: guarda, vigia, custodia, rondar.
- MANHANA GOÉRE, sentinella, vigia.
- MANÇOBA, folha da mandioca.
- MANIBÚ (na Parahiba), especie de junça, que nasce em paues, ou junto aos rios.
- MANIPOEIRA, é a agua que distilla a mandioca ralada e exprimida, a que tambem se chama. — Tucupim. O tucupim concentrado ao fogo dá uma calda que serve para tempero; e a essa calda nos sertões do norte dá-se igualmente o nome de manipoeira.
- MANIVA, pé de mandioca.
- MANKETY, para onde?
- MANÔ, morrer.
- MANÔ AYBA, accidente, desmaio.
- MANÔ MANÔ AYBA, gôta coral.
- MAÓN-AMA, particula equivalente a *Meyma*.
- MAPALARI, certo peixe.
- MAPAREYBA, mangue vermelho.
- MAQUÍRA, rede. Fasião-na os indios dos foliolos das frondes do olho da palmeira *murity*, fiados e torcidos á maneira de fios grossos de algodão.
- MARÁAR, desfallecer, finar-se, estar morrendo.
- MARÁCA I. Instrumento das solemnidades religiosas dos indios: cascavel. II. Arvore de fructo que nasce pela terra firme, que se diz semelhante a uma especie da *crescentia* de Linnæo, III. Por ampliação do sentido directo da palavra, da-se hoje este nome a um chocalho feito de lata e cheio de pedrinhas, que serve ás crianças de brinquedo.
- MARÁCA BOYA, cobra de cascavel.
- MARACAJÁ, gato do mato.
- MARACANA, papagaio amarello.
- MARACATIM, navio, embarcação grande. Era o nome qui os Indios davão as suas embarcações de guerra, as quaes tinham na prôa um maracá, que elles fasião tocar quando acommettião.
- MARACÁYMBARA, feiticeira, bruxa.
- MARACUJÁ, fructo conhecido.
- MARAJÁ-MERIM, palmeira, cujos fructos se comem. Nasce em terras humidas.
- MARAM, despropositos.
- MARAMONHANG, batalhar, guerrear, brigar. Pen-dencia, guerra.
- MARAMONHANGARA, guerreiro, homem rixoso.
- MARANAMÓPE, por que causa ou razão?
- MARANDÊ, adverbio, mal e como não devia.
- MARANEMÉPE, em que conjuncção de tempo?
- MARANGATÚ (interjeição), muito bem!
- MARANGOTÍPE, para que parte está inclinado?
- MARAPATÁ, especie de tainha, com escamas semelhantes as do *Curimá*.
- MARI, fructa da Parahiba. Nome indigena de Olinda.
- MARICA, barriga, ventrecha. *Cetyma marica*, barriga da perna.
- MATAPY, côvos de pescar peixe miudo.
- MATAUMATÁ, qualidade de tartaruga, que nem todos comem.
- MATAUMUTÁ, arvore. A madeira serve para cabros e esteios; a entrecasca para cordas na falta de Monguba ou de embira; dos fructos se sustentão os macacos. Nasce pelo centro dos matos, em partes humidas.
- MATINTAPERÉRA, ave do Pará, pequena, de cor cinzenta, cujo canto parece repetir esta palavra.
- MATUETÊ (interjeição), Está muito bem feito!
- MATUPIRI, peixe parecido com a sardinha.
- MATURI (MATURIM, no Ceará), o caju ainda muito verde, ou antes, a castanha, quando só tem um embrião da polpa.
- MAUHÁ, gentio que habita as margens do rio Cumiary e seus confluentes: logar.
- MAYA, é o vocabulo portuguez — mae'.
- MAYA ANGÁBA, madrinha.
- MAYA ARYÁ, bisavó, por parte de mãe.
- MAYA RAMUYA, bisavô, antepassados, por parte de mãe.
- MAYABÊ, como, que.
- MAYABÊ CATÚ, notavelmente.
- MAYABÊ CATU ÇUPI RUPI, Ah! como é verdade!
- MAYABÊ IPÔ CORÍ, não sei o que será!
- MAYABÊ TÁ, que vai de novo?

- MAYA TÊ PENHÉMO, que vos parece?
 MAY-TINGA, ama, senhora.
 MBAACY (ou *Mbaë acy*), adoecer.
 MBAACY AYBA OÇU, peste.
 MBAACY ÇÁBA, doença.
 MBAACY BÓRA, doente.
 MBAACY JEBYRE, recahir na doença.
 MBAACY OJEPECÝCA OAÊ, doença contagiosa, contágio.
 MBAÊ, couza.
 MBAÊ ACY ACY OAÊ, homem achacado de enfermidades. Neste sentido, veja-se — *mbaacy*.
 MBAÊ AMÔ, alguma couza.
 MBAÊ AYBA, couza nociva, terrível; travessura, aggravo, offença; malefício, veneno.
 MBAÊ AYBA ETÊ, couza barbara.
 MBAÊ AYBA MONHANGÁRA, malfasejo, travesso.
 MBAÊ AYBA POÇANGA, triaga.
 MBAÊ RUPIÁRA, contra veneno.
 MBAÊ ÇÁCY' OAÊ, peçonha, veneno.
 MBAÊ CATU, couza boa, honesta, real.
 MBAÊ CATU MÁ NUNGÁRA RECÊ OARAMA, habilitar.
 MBAÊ CE CATÚ, couza saborosa.
 MBAÊ CENYPÚCA OAÊ, couza clara.
 MBAÊ CIME OAÊ, couza lisa.
 MBAÊ CURUTÉM NHÓTE OÇAÇÃO OAÊ, couza tran-] sitoria; vaidade.
 MBAÊ EPÉBA OAÊ, couza plana.
 MBAÊ EPOOÇÚ, couza roniba, tosca.
 MBAÊ ETÁ, bens.
 MBAÊ MEOÁM, couza ruim.
 MBAÊ MOGUÁB OAÊ, couza coada.
 MBAÊ MONHANGÁRA, feitor, official.
 MBAÊ NITIO IPÔR OAÊ, couza ouca.
 MBAÊ OÇÚ ETÊ TUPANA REMI MONHANG TENHÊ, prodigio.
 MBAÊ PEÇAÇU (PYÇAÇU), couza nova.
 MBAÊ PECU, couza comprida.
 MBAÊ PIRANGA OAÊ, couza corada.
 MBAÊ PÓI OAÊ, couza delgada, adelgaçada.
 MBAÊ PORÁNGA, couza formosa.
 MBAÊ PUÁM, couza roliça.
 MBAÊ PUXI, torpeza, adulterio, velhacaria.
 MBAÊ PUXÍ RECÊ ENHEËNG, fallar leviandades, com máo fim.
 MBAÊ RÁMA, a que fim?
 MBAÊ RÁMA RECÊ TA, ou RAMA RECÊ TAÊ, para que fim? A que fim?
 MBAÊ RÁMA TÁ. Para que? a que?
 MBAÊ RAMÊ, ou — REMÉPE, quando? para que?
 a que?
 MBAÊ RÁNA, vil e baixamente.
 MBAÊ RANGÁBA, painel.
 MBAÊ RECÊ, por que rasão?
 MBAÊ REPLACA, visão.
 MBAÊ RETUNA, olfato.
 MBAÊ TAÍ OÇU OAÊ, couza apimentada.
 MBAÊ UÇÁBA, pasto, comida.
 MBAÊ UÇABA RENDÁBA, refeitorio.
 MBAÊ UÚ, refeição.
 MBAÊ UÚ ETÊ, gula.
 MBAÊ YROBA, couza amarga.
 MBOÍ BOÍ, jarretar.
 MBOÍ BOÍ OPÁO, abrasar, destruir.
 MBOÍ LANCETA PUPÊ, sarjar.
 ME, na (preposição), II. particula que se acrescenta aos verbos acabados em ditongo, para formar o conjunctivo. Ex. *A-cat*, faz *Cai-me*.
 MEAPÉ, pão.
 MEAPÉ ANTAM, biscoito.
 MEAUÇÚBA, captivo, escravo.
 MEAUÇUBÓRA, escravidão.
 MEËNG, dar, conceder.
 MEËNG YG, dar agua.
 MEËNGABA, dadiva, presente.
 MEGOÊ (na composição), pouco.
 MEGOÊ MEGOÊ, pouco a pouco, devagar.
 MEGOÊ RUPÍ, vagarosamente.
 MEGOÊ RUPÍ ENHEËNG, fallar baixo.
 MEIMA', e
 MEIMOMA', particulas que, uma ou outra, se acrescentão ao perfeito e plusquam perfeito do optativo dos verbos activos, como se dicessemos: oxalá houvesse eu de.... — *Ajuca meima'*, ou, *meimoma'*, oxalá tivesse eu morto ou matara. *Xe maenduar meima'*, ou, *meimoma'*. Oxalá me tivesse eu ou me tivera eu lembrado.
 MEMBÉCA, fraco, tenro.
 MEMBECA YRA RUPÍ, amorosamente.
 MEMBY, bosina, fruta, trombeta.
 MEMBY APÁRA, clarim.
 MEMBY JUPYÇÁRA, trombeteiro.
 MEMBY PEJUÇÁRA, gaitero, bosinador.
 MEMBYRA, filho ou filha da mulher.
 MEMBYRA AMÔ, enteado da mulher.
 MEMBYRA ANGÁBA, afilhado, afilhada da mulher.
 MEMBYRA CU, enteada da mulher.
 MEMBYRA RERÚ, madre (da mulher).
 MEMBYRA TY, nora da mulher.
 MEMBYRAR, parir.

MAYA TÊ PENHÉMO / MEMBYRAR

MÊME, partícula que significa „o mesmo“, da mesma maneira, ou, sempre. *A-pó mème*, eu sempre vou. *Tupã Tuba, Tupã Taygra, Tupã Espírito Santo oyepé mème*, quer dizer que os tres são um e o mesmo deos.

MEMÉ, na composição.

MEMÉ TÊ }
MEMÉ TENÊ } quanto mais.
MEMÉ TIPÓ }

MENDAÇABA, casamento.

MENDAÇARA, pessoa cazada.

MENDAÇARA ROÇAPUCAITABA, banhos de casamento.

MENDAÇAREYMA, pessoa solteira.

MENDAR, casar.

MENDARA, matrimonio.

MENDUBA, sogro da mulher.

MENDY, sógra da mulher.

MEOAM, lesão, macula, mal, maleficio, defeito.

MEOAÇABA, maldade.

MERÉ, baço.

MEREBÁ (PEREBA), chaga.

MEREBÁ AYBA, bexigas.

MEREBÁ PIRERA, hostellas.

MERÚ, mosca.

MERUÍ, mósquito.

MERU-RUPIÁRA, mosca varejeira.

MEYMA, partícula pospositiva do supino e participio passivo, com a negação: emprega-se conjunctamente com a outra — *pyra*. — *Y-juca-pyra-meyma*: coisa que não hade ser morta, digna de se não matar.

MI, partícula que se antepõe aos verbos activos para formação dos participios passivos. Ex. *Mi-ú*, a couza que se come. Estes participios se podem depois empregar com os possessivos — *xere, ndere, ce* — meo, teo, seo. Ex. *Xere miú*, a couza que eu como, a minha comida.

MIKYRA, nadegas.

MIMBABA, criação, gado.

MIMÓI, cosinhar.

MINDYPYRON, papas grossas.

MINGÁU, papas.

MINÓ, fornicar.

MINONÇARA, fornicador.

MIRÁ (MYRA), gente, vulgo.

MIRÁ REAPÚ, tropel de gente.

MIRÁ REÇAPE, publicamente.

MIRÁ RECO RUPÍ, vulgarmente.

MIRÁ REIYA, acompanhamento, ajuntamento de gente, tropa.

MIRÁ REIYA OPUÁME, reboliço, alvoroço.

MIRIM (MERIM), pouco, pequeno. *Cenondé merim*, pouco antes. *Turuçú merim puryò*, pouco mais.

MIRIM AYRA, muito pequeno, pequenino.

MIRIM NHÓTE, um nada, por um nada.

MIRIM PURYB, menos, pouco menos.

MIRYBA, Barbara, nome de mulher.

MISSA MONHÁNG; celebrar, dizer missa.

MISSA PYTUNA, dia de natal.

MISSA PYTYBONÇARA, acolytho, ministro do altar.

MITÁNGA, criança.

MITÁNGA JEROÇABA RERÚ, pia baptismal.

MITÁNGA RECÊ, menino.

MITYMA, planta.

MIXIRA, assadura, assado.

MIXIRE, assar.

MIXÚA RÁNA, sarampão.

Mo, I. posposição empregada com os verbos tornados passivos em virtude das particulas — *nhe* ou *ye*, antes das quaes se colloca a tal partícula — *mó*. *A-yé-apin* — tosquiarse. *Ai-mo-yé apin Pedro Diogo çupe*, faço com que Pedro seja tosquiado por Diogo. II. Dos verbos neutros do pronome *xe*, se fazem verbos activos com o pronome *ai*, e logo a syllaba *mo*. *Xe angaturám*, sou bom. *Ai-mo angaturám*, faço bom a alguém. Se o tal verbo tem a letra *r*, depois do pronome *xe*, perde-a na sobre dita composição. *Xe ropar*, eu me perco. *Ai-mo-ropar*, faço com que outro se perca. III. Serve tambem esta partícula para tornar activos os verbos neutros do pronome — *a*, mettendo-se a partícula entre o pronome e o verbo. *A-podm*, levanto. *Ai-mo podm*, faço levantar a alguém ou alguma cousa. *A-in*, estou quedo. *Ai-mo in*, assento alguma couza. IV. Acrescenta-se tambem aos verbos acabados em *mo* ou *no* para formação do gerundio. *Ai-amó*, molhar, *Amó-mo*. *A-manó*, — *Gui manó-mo*. V. Tambem se acrescenta para formação do gerundio aos verbos acabados em til nas letras *a, e, o*. *Ai-nupã*, faz — *nupãmo*. VI. Partícula pospositiva do imperfeito do permissivo. *A-juca-mo*, eu matara ou mataria. VII. Empregada pospositivamente com substantivos, significa — „em vez, em lugar de . . .“ *Tuba-mo*. Em vez, em logar de pae.

Mó, adverbio, acolá.

MOABÁ ETÊ, abalisar.

MOABYCA, coser (com agulha).

MOABYCA JÁBENHÓTE, alinhar.

- MOACANGAYB, constranger, desencaminhar alguém, indusir para o mal, faser euidoudecer, entristecer.
- MOACANHÊMO, desanimar, turbar, perturbar, sobresaltar, sobverter.
- MOACÁRA, fidalgo, fidalga.
- MOACÁRA ETÁ, principaes, nobres, grandes.
- MOACÚ, aquentar.
- MOAÇUC, banhar alguém.
- MOACY', magoar - se, estimular - se: aggravado, sentido, doente.
- MOACY-ÇÁBA, magoa, sentimento, contricção.
- MOACY-ÇÁBA OJEPIACA RECÊ MBAÊ, inveja.
- MOACY-ÇARA, magoado, penitente.
- MOAÇICA, engrossar o liquido, dar-lhe ponto.
- MOAGOAÇÁBA, amancebar-se.
- MOAKYME, regar, molhar, humedecer.
- MOAMANAJÊ, alcovitar.
- MOAME, armar.
- MOANANA OÇU, embastecer, faser basto.
- MOANG, cuidar, afigurar-se, affligir -se, fingir. *Goaimim etá nheenga moang quêra*, adagio.
- MOANG ou MOÁNGA — significa cousa ficticia ou imaginada, e nada mais que isso. Os seguintes exemplos explicarão melhor o sentido desta posposição, que vem do verbo acima. *A-ço moang*, finjo que vou, ou vou por demais, baldadamente. *A-caá mondó moáng*, fui a caça de balde, sem proveito.
- MOÁNGA, fingimento.
- MOANTÂM, apertar, atarraçar, entesar, iechar, trancando.
- MOANTÂM CUNHA PUPÊ, cunhar.
- MOANTÂM TATÁPE, entesar ao fogo.
- MOANTAMÇÁBA, parapeito. *Itá okéna moantamçába*, aldraba.
- MOAPAR, entortar, arquear, derribar, aleijar.
- MOAPECYCA, acariciar, deleitar, contentar. consolar, satisfaser.
- MOAPECYÇABA, leite.
- MOAPOPÓC, soltar, afrouxar um nó, uma corda.
- MOAPÚNG, fartar.
- MOAPUNGÁBA, parece que deveria significar-fartura, no entanto no Dicionario brasiliano se lê no sentido de „abastar, fartar a alguém.“
- MOAPY e tambem *Moapu*, tanger, tocar.
- MOAPÝC, faser alguém assentar-se.
- MOAPÝC PAPÉRA PUPÊ, rol, assentar no papel
- MOAPYÇÁRA, tangedor, tocador.
- MOAPYR (MOAPYRE), augmentar, acrescentar, accumular.
- MOAPYREÇÁBA, accrescentamento, augmento.
- MOAPYREÇÁRA, accrescentador.
- MOAR TATÁ, faser fogo.
- MOATÚCA, encolher, estreitar, encurtar, resumir, abreviar.
- MOATYR, amontoar.
- MOAÚB, attribuir, presumir, ter medo, receiar, suspeitar, notar.
- MOAÚB AYBA, deitar a má parte.
- MOAUG-Ê, consumir.
- MOAUGUÉRA AYBA, malicioso.
- MOAUJÊ, inteirar.
- MOAYB, arruinar, corromper, derrancar, desconcertar, damnificar, estragar, offender, desflorar.
- MOAYB ÇAINHA, embotar os dentes.
- MOBABÓC, moer a cana d'assucar.
- MOBOÊ CUNHA PUPÊ, fender com cunha.
- MOBYR, quantos?
- MOBYR EY', quantas veses?
- MOBYR HORA, que horas são?
- MOBYR NHÓTE, alguns somente.
- MOBYRÔN, muitos.
- MOBYRÚ BYRÚ, rugir.
- MOÇÁBA, vide *Mocába*.
- MOÇABAIPOR, embebedar totalmente.
- MOÇABÊ, abolorecer.
- MOÇÁC, arrancar, despregar.
- MOÇAÇÃO, atravessar, passar.
- MOÇACEM, divulgar, espalhar.
- MOÇAI, azedar.
- MOÇAIMBÊ, afiar, aguçar (instrumento cortante).
- MOÇÁNGAB, afigurar, assignalar, debuxar. marcar, medir, pesar, demarcar, ideiar.
- MOÇAPÝR, tres.
- MOÇATAMBÚCA, indireitar.
- MOÇARAY, escarnecer; folgar, brincar, galantear. zombar, triunfar.
- MOÇARAY GUÉRA, bobo.
- MOÇARAYA RUPÍ, de zombaria.
- MOÇARAYA RUPÍ NHÓTE ONHEENG, diser leviandades.
- MOÇARAYTÁRA, brincador, folgazão.
- MOÇÁ ÇUI, polvora.
- MOCABA ou MOÇÁBA, espingarda.
- MOCABA MEMBYRA, e
- MOCABA MERIM, pistola.
- MOCABA OÇÚ, peça d'artilharia.
- MOCABA RAÝNA, munição, chumbo, bala.
- MOCABA REAPÚ, tiro.
- MOCAÉM, donde fisemos „moquem“, assar na labareda.

MOCAËME, veja *mocoene*.
 MOCAJÚBA, o fructo chamado em algumas partes
 — côco de catarro.
 MOCAMBY, dar de mamar.
 MOCANDY PÚCA, accender fogo.
 MOCANEÓN, afadigar, affligir, atribular, desarran-
 jar, estafar.
 MOCANHÊMO, assolar, assustar alguém.
 MOCANTÍM, aguçar, faser bico.
 MOCAÓCA MIRIM, presidio.
 MOCAÓCA OÇÚ, castello, fortaleza.
 MOCATÁC, abalar, abanar.
 MOCATÚ, curar a alguém.
 MOCAÚ, embebedar totalmente.
 MOCEAQUÊNE, perfumar.
 MOCEÉM, adoçar.
 MOCEKYJÊ, espantar, assustar, atemorisar.
 MOCEKYJÊ ÇÁBA, espantálho.
 MOCEKYJÊ KYJÊ, ameaçar.
 MOCÊM, estender, salzar.
 MOCÊME, remir, privar.
 MOCEMO, pronunciar.
 MOCEMO CECÔ QUÊRA ÇUI, absolver de alguma
 obrigação.
 MOCENDY, e tambem *Mocandy*, alumiar.
 MOCENDY PÚCA, faser lusir.
 MOCERAKÊNE AYBA, infamar.
 MOCERAKÊNE CATU, acreditar, honrar, dar boa
 fama.
 MOCERANE, abater, vencer, faser pouco caso.
 MOCICÔ NHÔTE, accommodate.
 MOCIMBÁBA, plaina de carpinteiro.
 MOCÍMO, deitar fóra.
 MOCOCÁBA, gasto.
 MOCOCÁO, desperdiçar.
 MOCOCÁOÇÁRA, perdulario, gastador.
 MOCOCOBÍAR, compensar, renunciar, substituir.
 MOCOCOI, derribar (à fructa).
 MOCOÊNE, dar os bons dias.
 MOCÓI, dois.
 MOCÓI RUPI, de duas maneiras.
 MOCÓI VÊ, ambos, ambas, um e outro.
 MOCÓNE, engulir.
 MOCORORÔ, no Maranhão, aló de arroz. No
 Ceará, succo do caju fermentado.
 MOCORUY, delir, esmigalhar, ralar.
 MOÇORYB, repicar.
 MOÇORYB TAMARACÁ, repicar o sino.
 MOCORÓ, sapô grande, preto dos lados, do qual
 se conta que engolem brazas.
 MOCUBÊ CATÚ, agradecer, dar lembranças.

MOCUI, moer.
 MOCUI ÇÁRA, moedor.
 MOÇUPI, afirmar, assegurar, certificar, justificar.
 MOÇUPI ENHÊENG, cumprir a palavra.
 MOCURUÇÁ, crusar.
 MOCYME, alisar, unediar, aplainar, poir, raspar.
 MOECYCA (MOCYCA), grudar, soldar, engommar.
 MOETÊ, acatar, respeitar, venerar, honrar, reve-
 renciar, festejar, solemnisar.
 MOETEÇÁBA, estimação, veneração.
 MOETEÇÁRA, devoto, venerador.
 MOGOÁBO, coar, crivar, peneirar.
 MOGOACHÚ, difficultar, encarecer, subir de preço.
 MOGOACHUÇÁBA, encarecimento, exageração.
 MOGOAPÁBA, coador.
 MOGOEGYB, faser descer alguém.
 MOCYB, abaixar.
 MOICÔ, veja *Moicô*.
 MOICÔ CECÊ, applicar alguém a alguma cousa.
 MOINGÊ, recolher.
 MOJABÁO, afugentar, espantar.
 MOJABY', faser errar.
 MOJACÊON, faser chorar.
 MOJAÓCA, apartar, separar, devidir, partir, re-
 partir, distribuir, exceptuar.
 MOJAÓCAÇÁBA, apartamento.
 MOJAPATÚCA, embaraçar.
 MOJAPIXAÍM ou MOPIXAÍM, encrespar.
 MOJAR, chegar uma couza a outra.
 MOJAR CECÊ, unir a couza cortada.
 MOJAR CURUCÁ CECÊ, crucificar.
 MOJARÚ, gracejar, afagar, acariciar, ameaigar,
 contestar.
 MOJATICÔ, pendurar.
 MOJATICÔÇÁBA, dependura.
 MOJATINONG, embalançar, abalançar.
 MOJEABYB, abaixar, abater alguém.
 MOJEARÓCA, diminuir.
 MOJEBYR, restituir.
 MOJECIAR, acamar, pôr uma couza sobre outra.
 MOJECIRÓN, faser ou mandar pôr em fileira.
 MOJECUAPÁBÁ, revelação.
 MOJECUAÚB, declarar, manifestar, revelar.
 MOJECUAÚB CUPÍ ÇÁBA, averiguar a verdade.
 MOJEGOARÚ, asco: causar nojo.
 MOJEKOK, arrimar.
 MOJÊMOMBEÚ, confessar.
 MOJÊMOMBEUÇÁBA, confissão.
 MOJÊMOMBEUÇÁRA, confessor.
 MOJÊMOMHÁNG, gerar.
 MOJENDIRÓN, anuar, faser desconfiar.

- MOJÈNÓNG, deitar.
 MOJÈPÈOÇÚ, ajuntar em um corpo, encorporar, unir.
 MOJÈPOCOAÚB, habituar, acostumar, amansar, domar.
 MOJEPYPYCA, alagar.
 MOJÈRÈ, virar.
 MOJÉRÈ JEBYR, revirar.
 MOJERERAGOAY, desmentir alguém.
 MOJÈUPYR, subir, faser trepar.
 MOJOBABÈ, ajustar, igualar, emparelhar.
 MOJOKÓC, veja *Mojekok*, arrimar, encostar.
 MOKATÁC, abanar, abalar, faser bolir.
 MORÉCA, melhor *Pokéca*, embrulho. — Hoje significa um guizado de peixe. Na frase vulgar — estar de moquéca — é estar de pé dormente, sem se importar de cousa alguma.
 MOKOÇÓC, enxaguar, vascolear.
 MOKYÁ, borrar, ofuscar.
 MOKYRA, engordar.
 MOKYTÁM, dar nó.
 MOMÁ, particula que se acrescenta ao presente do optativo, quer se affirme ou negue. Ex. *A-juca-momá*. Oxalá mate eu! *Na-juca-i xoéte momá*, oxalá não matara eu ou não matasse.
 II. Também se acrescenta ao futuro do mesmo modo, como por exemplo. *Na-juca-i xoe momá!* Praza a Deos que eu não mate! *Xe maendúar momá*. Praza a Deos que eu me lembre!
 MOMAENDUAR, faser lembrar.
 MOMARAÁR, ajoujar.
 MOMARAÁRAR, faser desfallecer.
 MOMBÁC, despertar alguém do somno.
 MOMBÁO, acabar, gastar, dar fim.
 MOMBÁO CATÚ, aperfeiçoar.
 MOMBÉÚ, diser, referir, relatar.
 MOMBÉÚ AYBA, maldiser, accusar, culpar.
 MOMBÉÚ CATU, admoestar, explicar, recomendar.
 MOMBÉÚ CATU CECÊ, louvar, inculcar.
 MOMBÉÚ TUPÁNA NHÉNGA, evangelisar.
 MOMBÓRE, botar, lançar, deitar fóra, repudiar.
 MOMBÓRE ÇOBÁPE, dar em rosto.
 MOMBÚC, e também
 MOMBYCA, furar, desflorar.
 MOMEMBÈC, abrandar, amollecere.
 MOMEMBÈCA, enfraquecer, quebrantar, debilitar.
 MOMEMBÈCA CERÁNE, afrouxar a corda.
 MOMENDAR, faser casar.
 MOMORANDÚBA, notificar, noticiar.
 MOMORÁNG, saudar.
 MOMORIAUÇÚBA, empobrecer.
- MOMOROTINGA, branquear.
 MOMOXI, adulterar, afeiar, enxovalhar, descompor, injuriar, viciar, envergonhar.
 MOMOXI NHÉNGA PUPÊ, afrontar com palavras.
 MOMOXIÇÁBA, injúria, descompostura.
 MOMOXIÇÁRA, injuriador profanador, enxovalhador. *Cunhá iména momoxicára*, mulher adultera.
 MONÁNE, misturar.
 MONDÁ, furtar, pilhar.
 MONDABÓRA, ladrão vil.
 MONDAÇÁBA, pilhagem, furto.
 MONDAÇÁRA, ladrão.
 MONDAR, levantar falso testemunho, assacar, imputar.
 MONDÉ, metter, recolher: tronco, prisão: armada para apanhar animaes.
 MONDÉ MOTOÁ, abotoar.
 MONDÉ PÓRA, preso.
 MONDÓ, despachar, despedir: impôr, mandar, ordenar.
 MONDÓC, cortar, partir.
 MONDOÇÁRA, mandante.
 MONDOÇÓCA, despedaçar, partir, cortar, torar, retalhar, rasgar.
 MONDYCA. — Nesta frase. — *Tata mondyca*, acender fogo.
 MONGARAYB, abençoar, benzer, sagrar.
 MONGATIRÓN, asseiar, ornar, armar, adornar, compor, concertar, remendar.
 MONGATIRÓN TEMBIÚ, temperar o comer.
 MONGATIRONÇÁBA, ornamento, adorno, armação, compostura. *Çoba mongatironçába*, enfeite do rosto.
 MONG-ER, adormecer a outrem.
 MONG-ER AYBA, mal dicção.
 MONG-ETÁ, conferir.
 MONG-ETÁ CATU IXUPÊ, dar bom conselho.
 MONG-ETÁ ÇÁBA, pratica.
 MONGÚBA, e
 MONGUBA-I, arvore, madeira.
 MONGUÍ, desfaser, destruir, derribar.
 MONHÁNE, faser correr, impurrar.
 MONHÁNG, faser, obrar, fabricar, tirar do nada.
 MONHANGÁBA, fabrica.
 MONHANGÁRA, operario, artifice, creador.
 MONHARÓN, afillar, assanhar, esbravejar.
 MONHERUNDIC, quatro.
 MONOXI, irmãos gemeos.
 MOOICÓ, nestas frases:
 MOOICÓ CECÊ, applicar alguém a alguma couza.

- MOOICÔ NHÔTE, aquietar, accommodar, socegar.
 MOOICÔ PECÚ, faser durar, retardar.
 MOPANEMO, frustrar.
 MOPÊ, aplanar o caminho.
 MOPEÇAÇÚ, renovar.
 MOPEÇAÇÚ JEBYRE, reformar.
 MOPECÚ, alargar, prolongar, faser comprido.
 MOPECÚ ÁRA, espaçar.
 MOPÊNE, quebrar (o páo, ou coisa semelhante).
 MOPÊNE CUPÊ CANGÓERA, derrear.
 MOPERÊ, embaçar, criar baço, endurecer-se o baço.
 MOPERÊBE, chagar, faser ferida.
 MOPEXYB IAMDY CARAYBA PUPÊ, chrismar.
 MOPIXAIM, encrespar.
 MOPOAME ABÁ RECÊ, amotinar.
 MOPOBÛRE, mexer. *Mopobû pobûre*, remexer.
 MOPÓC, rebentar, arrombar, faser estalar.
 MOPÓI, adelgaçar, desengrossar.
 MOPOKERYC, faser cocegas.
 MOPOKYÊN, dar nó.
 MOPOPEYCA, pegar na mão de alguém, enganchar.
 MOPORACÊ, e
 MOPORACEYÁ, faser dançar.
 MOPORÁNG, adornar, enfeitar, aformosear.
 MOPORÁNG MOÁNG OÇU, no sentido do verbo simples, mas com mais encarecimento.
 MOPORARÁ, atormentar, faser padecer.
 MOPOTOPÁO, acelerar (agastar) esbravejar, embravecer.
 MOPOTUÚ, alliviar, faser descançar, apasignar, aplacar.
 MOPOTUÚ TUGUÍ, estancar o sangue.
 MOPÚ, e também *Mupú*, enxotar.
 MOPÚ CETÁMA CUI, degradar.
 MOPÚ RETÊ TAMARACÁ, dobrar o sino.
 MOPUÁME, levantar a quem está sentado, faser erguer, desencostar.
 MOPUCA, faser rir.
 MOPUYR, faser desapegar, desviar a outrem.
 MOPYÁ, na composição:
 MOPYÁ AYBA, agravar, desgostar, angustiar, enfadar, entristecer, importunar.
 MOPYÁ CATÚ, consolar.
 MOPYÁ CATU ABA PUPÊ, grangear a vontade a alguém.
 MOPYÁ CATU TAINA MERIM, acalentar, embalar a criança.
 MOPYÁ CATUÇÁBA, consolação.
 MOPYÁCATUÇÁRA, consolador.
 MOPYÁ OÇU, afoitar.
- MOPYÁ YBA, agravar, anojar.
 MOPYPYC, remar mudamente.
 MOPYRANTÁM, alentar, animar, esforçar, confortar: reforçar.
 MOPYRANTÁM OÁÊ, cousa substancial.
 MOPYTÁ, agasalhar, deter.
 MOPYTUBA, acanhar, acobardar.
 MOPYTÚNE, dar as boas noites.
 MOPYXÚNE, tingir-se de preto.
 MOPYXÚNE CERÁNE, offuscar, enfarruscar.
 MORANDUB, avisar.
 MORANDUBA, aviso, reccado, embaixada, noticia. — *Moranduba ayba gereragoaya rupi oitica cecê*, accumular crimes falsos.
 MORANDUBA AYBA, queixa, querella.
 MORANDUGOËRA, contador de novidades: chocalheiro.
 MORAUÇÛB, apiedar-se, ter compaixão.
 MORAUÇÛB EYMA, impiedade.
 MORAUÇÛBA, caridade, misericórdia, piedade.
 MORAUKY, serviço, trabalho, occupação.
 MORAUKY MOÇAPYR, quarta feira.
 MORAUKY MOCOL, terça feira.
 MORAUKY OÇU, trafego.
 MORAUKY PY, segunda feira.
 MORAUKYÇÁBA ROCA, officina.
 MORAUKYÇÁRA, trabalhador, servente, jornaleiro.
 MOREAUÇÛBA, pobreza, tirannia, tratar mal.
 MOREAUÇÛBÓRA, pobre.
 MOREPOTÁRA, luxuria.
 MOREPY, afundar, faser fundo: paga, salario.
 MORERÚ, deitar de molho.
 MORO, gente. Vide *poro*.
 MORORYB, alegrar.
 MOROTINGA, cousa branca, alvura. *Cecê morotinga*, alvo do olho.
 MOROTINGA CERÁNE, alvacento.
 MOROTINGA NONGÁRA OJECUAÚB, alvejar ao longe.
 MOROYÇÁNG, esfriar, refrescar.
 MOROKYB, alegrar, causar alegria.
 MOROXÁBA, disia-se outro tempo, entre os colonos, de uma prostituta.
 MOROXÁBA ou MOROBIXABA-OCÚ, general.
 MORYB, afagar, ameigar, acariciar, lisongear, contentar.
 MORYÇÁBA, caricias, labéo.
 MORYPÁRA, amante, em boa ou má parte.
 MOTÁC, bater, rebater.
 MOTÁC COPIÁ, anaçar ovos.
 MOTAÇÁBA, maço de bater.

MOTAPY, afundar.
 MOTATAC, amassar.
 MOTECÓCOAUB, ensinar, doutrinar, encaminhar.
 MOTEITÊ, apoucar.
 MOTEKYR (MOTYKYR), faser distillar.
 MOTEKIROÇÁBA, alambique.
 MOTEMÚNG, sacudir.
 MOTENING, seccar, torrar.
 MOTENING CATÚ, torrar ao fogo.
 MOTEPYPYR, alargar, faser largo.
 MOTEPYTYNG, turbar a agoa.
 MOTERYC, apartar, afastar, desviar, arrastar, azedar.
 MOTERYCÉMO, abarrotar.
 MOTICÁM, enxugar.
 MOTÍM, envergonhar a alguém.
 MOTIMBÓI, e
 MOTIMBÓRE, incensar, defumar.
 MOTUMÚNE, escarrar.
 MOTURUCÚ, criar, faser grande.
 MOTUTY, cortiça.
 MOTUÚ ÁRA, domingo, dia sancto.
 MOTUÚ OÇÚ, domingo de paschoa.
 MOTUÚNE, lambusar, besuntar, tisanar.
 MOTYAPÚ, melhor *Moteapy*, faser estrondo.
 MOTYC-Û, faser liquido.
 MOTYJOBÁÊ, envelhecer.
 MOTYPU, melhor *Motapy*, afundar, faser fundo.
 MOVÉO, absolver de peccado, apagar a culpa.
 MOXACÍ, fechar com chave, aferrolhar.
 MOXI, nas más horas.
 MOYRA CURUÇÁ, rosario.
 MOYRÓB, amargar, faser amargo.
 MU, irmão, primo do homem.
 MUACIKÉRA, meio irmão do homem.
 MUCICA, o acoite qui o pescador dá com a linha quando o peixe morde na isca.
 MUCUÍM, mosquito chamado — polvora.
 MUIRAHEN FIRÉRA, na lingua Baré — *Hinidad* — em portuguez — arvore preciosa, pela activissimo aroma que exhala. O fructo se parece com o puxery, e por isso lhe chamão tambem os Indios-puxery merim, por ter a mesma figura; tem menor volume que aquelle, mas o aroma é mais delicado: fructo difficil de obter-se pela guerra que lhe faser as aves.
 MUMBABA, e
 MUMUABA, logares e rios do mesmo nome na Parahiba do norte.
 MUNDÉ TINTA PUPÊ, tingir.
 MUNGÁ, alporcas.

MOTAPY / NĀ

MUNGA ou PUNGÁ, nascida.
 MURIÇOCA, mosquito pernilongo.
 MURÚANGÁBA, interjeição, muito bem.
 MURUCÚ, arma: são grandes, de ordinario de páu vermelho, e alguns feitos particularmente para combater com o gentio Passé. Os Muras, que delles usavão, tinhão outros ervados para combatêrem peito a peito. Entre os Jurupixunas, servem de lanças, as quaes brandem violentamente e meneião de modo que ferem com ambas as mãos.
 MURUCUTUTÚ, ave nocturna, de cor pedrez e olhos amarellos.
 MURU-MURÚ, palmeira, com fructo de gosto e cheiro agradavel. Os espinhos que a cobrem, tanto nas folhas, como pelo tronco, servião de alfinetes as rendeiras do certão.
 MURURÚ, parece ser o nenuphar.
 MUTÁ MUTÁ, escada.
 MUTÚCA, moscardo, mosca grande, cuja mordadura fas sangue: persegue os animaes.
 MUTUCÚNA, outra especie de tal mosca, talvez de cor preta.
 MUTUM, ave conhecida: ao menor da especie chamão. — *Mutum pinima*.
 MUSSÚ, peixe semelhante a lampreia.
 MUSSUAN, especie de jaboti oblongo.
 MYRA, I. antes *Muirá pyranga*, páo vermelho, de que os Indios fasião os seos arcos. — II. Veja Mira.
 MYRA CORÉRA, accendalhas, graveto.

N.

N ou ND, negação do verbo. Lê-se a este respeito na Grammatica de Figueira. „Para negarmos qual quer cousa nesta lingua se usa de varios modos de negações, todas annexas ao verbo, compondo-se com ellas e com o verbo affirmativo, outro verbo negativo, com sua variedade de modos e tempos. E todos os verbos se negão da mesma maneira. E note-se que as negações começão pela letra N. E tambem admittem a letra D depois do N, como: *n-a-juca-i*, ou *n-da-juca-i*, ou com o D somente: *Da-juca-i*, eu não mato, não matava.“ Convem porém notar que esta negação só tem logar no modo indicativo, e optativo.
 NĀ, particula que anda sempre acompanhada de *rud*, não em seguida uma da outra, porém

- mettendo se entre ambas alguma palavra ou oração. — *Nã xe ruã a-ço*; mas não sou aquelle que foi.
- NAETÊ**, grandemente.
- NAËTENHÊ**, com a mesma significação do antecedente.
- NAMBY**, orelha, argola, aza de qual quer vaso.
- NAMBY OÇÚ**, orelhudo.
- NAMBY PÓRA**, arrecadas, brincos, pendentes.
- NAMUYM**, arvore, que tambem chamão — louro; dá um fructo que os indios comem cosidos. Da mádeira se fas taboado para bancos, mezas, portas, e tambem para camaras e tóldas das canoas grandes. Nasce pelas varzeas, ilhas alagadiças, e principalmente nas terras de Barcellos e seos contornos.
- NANDÊ**, mas antes assim.
- NANÊME**, á estas horas.
- NANHÓ**, e
- NANHORANHÊ**, basta!
- NARANDYBA**, laranja.
- NDAEITEÊ**, adverbio, que leva o verbo ao gerundio. É o mesmo que *Dereitee* e *Deitoe*, e significa qual quer delles por essa causa, motivo ou rasão. *Ndaiteê qui-xo-bo*, por isso vou. *Deiteê o-mano-mo*. Por essa causa morreo.
- NDE** ou **INDE**, tu (segunda pessoa do artigo *xe*). Tambem é pronome possessivo. — teo, de ti. Ex. *Nde angaturám*, tu es bom, e tambem, a tua bondade. *Nde çába*, tua penna. *Nde xe amotareyma*, o vosso odio para commigo.
- NDE-BE**, e
- NDE-BO**, a ti ou para ti.
- NDE MBAÊ**, a tua propriedade, cousa tua.
- NDE-RÊMI**, pronome possessivo, teo, tua.
- NDOÁRA**, **ÇOÁRA** ou **XOÁRA**, são a mesma cousa, e serve qual quer dellas para exprimir a frequencia ou continuação de alguma acção. Ex. *Baê yby boendára*, cousa que costuma estar no chão.
- NDOÉR**, **ÇOÉR** ou **XOÉR**, dicções semelhantes ás antecedentes, mas que significa frequencia na acção de alguém, ou antes, costume. — *Nheeng-i-xoer-a*, o fallador.
- NE**, posposição característica do futuro: *A-juca-ne*, eu matarei. *Tere juca ne*, matarás tu. *T-a-juca ne*, matarei eu embora. II. É tambem uma dicção que se accrescenta as particulas *Te*, *Mo*, *Temo*, fazendo — *Tene*, *Mone*, *Temone*, com a significação de — mas antes. Ex. *Xe tene açò*, mas antes eu vou. *Nde mone*, mas tu. *Temone xegui-xo-bo*. Se eu agora fôra, ou melhor: mas antes, indo eu agora, &c.
- NÊI**, seja embora! — Ora sus! depressal! — *Nêi mbaê monhang-a*. Osa fase alguma cousa.
- NÊIBE**, outra vez, tornai a faser.
- NÊM**, vamos! É por ventura o mesmo que *Nêi*.
- NÊME**, particula que, para formação do conjunctivo, se accrescenta a todos os verbos acabados no indicativo em vogal com til. Ex. *Nupã*, *Nupa-neme*.
- NENIMAS**, terceira pessoa relativa do verbo *A-in*, estar deitado.
- NHAËNI**, alguidar, prato.
- NHAËNI PEPÔ**, panella.
- NHANDÁIA**, hoje vulgarmente *jandaia*, da familia dos papagaios.
- NHANE**, correr.
- NHAPUPÊ**, perdiz (da Bahia).
- NHÁU-ÚMA**, barro.
- NHÊ**, adverbio, acaso. *A-ço-nhê*, fui por acaso, sem necessidade e sem me mandarem. II. particula que serve para tornar reciproca a significação do verbo, servindo tanto no singular como no plural. Neste caso equivale a *ye*. *Ore oro ye juca*, nos outros nos matamos a nós mesmos, ou, cada um de nós se mata a si proprio. III. Note-se, dis Figueira, que alguns verbos tem de sua natureza alguma destas duas syllabas — *Nho*, *yo*, ex. *Ayoçoc*, dar de ponta, *Anhoçut*, queimar. Pois estes verbos, fazendo-se reciprocos com as syllabas *nhe*, *ye*, mudarão somente *nho* ou *yo* em *nhe* e perderão o ç. Ex. *Anho çui*, eu queimo *A-nhe-ui*, eu me queimo. *Ayoçoc*, eu pico. *A-ye-çoc*, eu me pico. IV. *Nhe* ou *ye* servem igualmente para tornar passivos os verbos activos. Assim é que *A-ye-juca* não só exprime a acção do reciproco — eu me mato, como a do passivo. — eu sou morto. *Ai monhang*, eu faço. *A-nhe-monhang*, eu me faco, ou sou feito. A observação que fica no § III tem igualmente applicação neste caso, isto é, os verbos activos que tem naturalmente as syllabas *nho*, *yo*, mudão n'as em *nhe*, *ye*, para se converterem em passivos: Ex. *A-nho-tim*, enterro. *A-nhe-tim*, enterro-me. E se tiverem ç depois das taes syllabas, perdem o tal ç, quando se fasem passivos. *A-nho-çui*, queimo; *A-nhê-ui*, sou queimado.
- NHEÉN-NHEÉNG**, palrar, discursar, porfiar.
- NHEÉNG**, fallar, responder. *Epotupab irunamo enheeng*, fallar aspero. — *Moçaraya rupi nhôte*

- enheeng*, diser leviandades. *Mbaé puri recé enheeng*, diser leviandades em má parte. *Me-gôé rupi enheeng*, fallar baixo.
- NHEÉNG AYBA**, fallar mal.
- NHEÉNG AYBA ETÊ**, amaldiçoar, rogar pragas.
- NHEÉNG ÇÁNTÁM**, fallar alto.
- NHEÉNG CATÚ**, intimar.
- NHEÉNG CECÊ**, apalavrar.
- NHEÉNG ETÊ**, fallar com imperio.
- NHEÉNG PITÁ PITÁ**, cicioso no fallar, gaguejar.
- NHEÉNGA**, falla, palavra, voz, linguagem, precito.
- NHEÉNGA AYBA**, praga.
- NHEÉNGA IÁRA**, interpretar.
- NHEÉNGA OJEMEÉNG**, dar palavra.
- NHEÉNGA PORÁ PORÁNG**, galantaria, graça no fallar.
- NHEÉNGA PUPÊ NHÓTE**, de palavra.
- NHEÉNGA PUXI**, palavra deshonestá.
- NHEÉNGA RUPI NHÓTE**, verbalmente.
- NHEÉNGA ROBAIXARA**, réplica: dar razões.
- NHEENGAR**, cantar.
- NHEENGAÇARA**, cantor.
- NHEENGÁRA**, cantiga.
- NHEENGOÉRE**, fallador.
- NHEMOMBEÚÇABA**, confissão.
- NHEMONOTAÇABA**, golodices.
- NHINHÊ**, actualmente, a cada passo, sempre, de continuo: frequentar.
- NHINHING**, ruga: faser ruga, enrugar.
- NHÓ**, I. somente. II. Partícula que serve para tornar recíproco o verbo activo, e neste caso é equivalente a *yo*. Uma e outra denota numero plural e comunicação de uns para com outros. Ex. *Ai-monguetá*, fallar. *O-nho-monguetá*, falla um com o outro, ou uns com os outros.
- NHONHE** (adverbio), somente.
- NHÓTE** é uma dicção que nada significa por si; mas tem força de modificar o sentido da oração em que está, ou da palavra a que vem junta. Em alguns casos se poderá comtudo tradusir por, apenas, somente, nada mais. Ex. *A-çò nhóte*, fui, e nada mais — ou — não fis mais do que ir. *E-ico nhóte*, estai quieto. *E ceptiác-nhóte serayra*. Não entendais com meo filho, não lhe façais mal.
- NHYRÓN**, perdoar.
- NHYRONÇABA**, remissão, perdão.
- NHYRONGOÉRE**, passa-culpas.
- NIÁ**, vale como uma confirmação do que se está dizendo. *A-çò-niá*, por tanto vou.
- NITIO**, não. *Ajubete nitio jabê*, não seja assim.
- NITIO ABÁ**, ninguém.
- NITIO AROBIAR**, pertinaz.
- NITIO AROBIAR OAE**, incredulo, teimoso.
- NITIO CANGABA OAE**, immensidade.
- NITIO CAPYÁ OAE**, capado, castrado.
- NITIO CATÚ NUNGÁRA IXEBO**, não me parece bem.
- NITIO CECATEYMA OAE**, liberal.
- NITIO EPYÁ OAE**, ou, *PAYA OAE*, orfão.
- NITIO ERECENDÚ PÊ**, não ouves?
- NITIO GUAÇÚ**, facil.
- NITIO GOATÁ OAE**, immovel.
- NITIO IAPYÇÁ OAE**, surdo.
- NITIO IPÔR OAE**, cousa vasia.
- NITIO IMOAÊ NHÓ**, não somente isso.
- NITIO JABÊ**, não é assim.
- NITIO JABÊ NHÓTE**, não sem causa.
- NITIO JURUCÊ**, fastio.
- NITIO MÁME**, em nenhuma parte.
- NITIO MBAÊ**, nada.
- NITIO MBAÊ OICÓ**, não he nada.
- NITIO MBAÊ RÁMA**, não presta para nada.
- NITIO OATÁRÁRA**, não falta tempo.
- NITIO OATÁR MBAÊ**, não falta nada.
- NITIO OCYCA**, não cabe.
- NITIO OICÓ CAËU**, portar-se mal.
- NITIO OJABY'**, não errar, acertar.
- NITIO OJUCÁ COAÚB**, incorrupto.
- NITIO POÇÁNGA**, não tem remedio.
- NITIO POCY** ou **EPOCY**, leve.
- NITIO RAMÊ**, senão.
- NITIO TEÊM NHÓTE**, não de balde.
- NITIO TENHÊ**, nada com effeito.
- NITIO XECOÁUB**, não posso, não sei.
- NITIO XECOÁUB IPÔ IMOAÊ**, não sei nada disso.
- NITIO XECOÁUB MAYABÊ**, não sei como.
- NITIO XECOÁUB MBAÊ RAMA**, não sei para que.
- NO**, tambem, outra vez.
- NOATAR MBAÊ**, abundantemente, nada falta.
- NONÇÁR**, parecer.
- NONGARA**, e tambem *nungara*, semilhança, maneira.
- NONGATÚ**, guardar alguma cousa, reservar.
- NUNGARA**, semilhança, maneira.
- NUPÁ**, açoitár, disciplinar, castigar, dar pancada.
- NUPANÇABA**, acoite, disciplina, azorrague.
- NUPANÇARA**, castigador, disciplinador.

NHEÉNG AYBA / NUPANÇARA

O.

O, I. pronome do artigo, a elle, elles. II. artigo do gerundio dos verbos não activos com a mesma significação — elle, elles III. reciproco. seu, sua, seus, suas.

O Padre Figueira observa:

„A letra O tambem dissemos que servia de reciproco, e põe-se em lugar do nome *suus*, *sua*, *suum* &c. de *sui*, *sibi*, *se*. Pelas regras seguintes se saberá o uso della.

„I. Regra. Usamos da letra O por reciproco. quando a terceira pessoa torna sobre couza sua, como — Pedro está na sua roça, *Pedro o-co-pe ceco-u*, tem sua mãe comsigo *O-cyg o-guereco o-irunamo*.

„II. Regra. Usamos mais do reciproco O, quando a terceira pessoa cabe sobre si mesma. com alguma das preposições seguintes ou outras semelhantes: *Irunamo*, *pyri*, *aribo Tenonde*; *ybyri*, *cupepe*, *Guyrpe*: ex. Pedro te leva comsigo: *Pedro de-r-eraço o-irunamo*, — diante de si, *O-gue-nonde* &c.

„Tambem usamos do reciproco O, nos modos de fallar seguintes e outros semelhantes. Pedro vai porque o mandão. *Pedro-oço, emondoreme*; morre por que o matão *Omano o-ju-careme*. Vai aonde o mandão. *O-ço omondape*. Vem aonde o chamão. *O-ur o-gue noindape* &c.“

OACANHEMO, estar espantado.

OACEME, atinar.

OACEMO, achar.

OACYPE OERYCÔ, violentar, desflorar, forçar a mulher.

OAINCUMBY, pica-flor.

OÂM, vaga-lume.

OÂNE, ja. *Anaigai oane*, jamais.

OAPIXAIM, franzido.

OAPOÂM, arredondar.

OAPUNG OÂNE, abastado, farto.

OAPYCA, assentar-se; assentar, pousar a ave.

ÔAPYCA UMAÛCAPE, assentar-se á mesa.

OAPYCABA, assento.

OAPYCABA OÇU, cadeira.

OÂR, nascer, cahir.

OÂR CATU, ao pe da letra.

OARACAPÂ, rodella da canôa.

OARUÁ, espelho.

OATÁ, andar, caminhar.

OATÁ ATÁ NHÓTE, vaguear.

OATAPÚ OÇÚ, buzio (concha).

OATOCUPÁ, pescada (peixe).

OAXIME MERIM, malva.

OBA, vestido, roupa. É esta a significação que lhe attribue o Diccionario brazilião; mas eu julgo que no sentido proprio — *oba* — significa — folha, — e no translato-roupa. *Cad* que n aquelle Diccionario encontramos com a significação que nos parece pertencer ao vocabulo — *oba* — exprime abundancia de folhas, mato coberto de folhagem e consequentemente — abundancia de plantas em geral. *Tyba* corresponde as desinencias do portuguez em *al* e *edo*, quando se trata de arvores: olival, olivedo. Assim diremos *Abatixi-tyba mi-lheiral*. *Oba* porém é a folha considerada em si e discriminada de todas as outras, que não pertencem a mesma arvore ou planta — *Abatixi-oba* folha de milho.

OBA MONHANGÁRA, alfaiate.

OBA MUTÚ RECÊ GOARA, vestidos de gala.

OBA MUNDEPABA, guarda roupa.

OBA TUPAN OCA RECÊ GOARÁ, ornamento da Igreja.

OBÔC, fender-se por si.

OÇÁC, despregar-se.

OÇAÇÃO CATU ÁRA, regalar-se. Tambem se diz — *Açação*.

OÇAÇÃO PURYB, exceder.

OCAÇIBÔ, enfiar.

OCA, caza. *Xe-roca*, minha caza. *Çoca*, sua caza.

OCA ARYBA GOARA, cumieira da caza.

OCA ÇUÍ, de caza.

OCA EPY, canto da caza.

OCA JÁRA, patrão, morador.

OCA MBAÊ MEENGÁBA, loge de negocio.

OCA MONHANGÁRA, pedreiro.

OCA PAPÊ GOÁRA, interior da caza.

OCA PÓRA, criado, criada, familia, morador, escravos.

OCA ROCÁRA, pateo.

OCÁI, queimar-se, abraçar-se.

OCÁI OAE, cousa queimada.

OÇÁMO, veja *açámo*, espirro.

OCHANHEMO, dar á costa.

OCÁRA, rua, terreiro.

OCÁRA ÇUÍ, de fóra.

OCÁRA KETÝ, para fóra.

OCÁRPE, fora de casa.

OCEKY OÇU IABA, arrepellar os cabellos.

- OCÉMO IXUI, desencarregar.
 OCENHÍM, veja *Cenibaba*.
 OCEPY MEENG OÇÚ, premiar.
 OCOABÚCAR, promulgar.
 OCOAÚB EYMA OÇÚ, selvagem.
 OCÝCA CECÊ, abordar: cópula.
 OCYCA OANE, basta (verbo).
 OÇÒ, veja *co*, ir, ausentar. *Ypype oçò*, ir ao fundo, *Ipanemo oçò*, ir de vasio. *Ypy rupi oçò*, ir á pé.
 OÇÒ ÁBA PÝR, ir ter com alguém.
 OÇÒ ANE (melhor *oane*), foi-se.
 OÇÒ CECAR, ir, procurar.
 OÇÒ CECÊ, acometter.
 OÇÒ IPÝPE, afundar, afundar-se, estar carregada a canôa, mergulhar.
 OÇÒ IPÝPE TIJÚCA IPUPÊ, atolar.
 OÇÒ PIARÁMO, e também *pidmo*, ir buscar.
 OÇOBAIXÁRA ETÊ ABÁ NHEËNG, porfiar.
 OÇOBAIXARA ENHEËNGA, disputar.
 OÇÓC (çóc), rebentar (a corda).
 OÇÚ, AÇU, GUAÇU, TURUÇÚ, UAÇÚ, são todos a mesma couza: grande.
 OERICÓ, gosar, possuir, ter, lograr, tratar.
 OERICÓ AYBA, vexar, perseguir, tratar mal.
 OERICÓ CATÚ, bom trato.
 OERICÓ COAÚB TECÓ, saber governar.
 OERICÓ IMORIÇÁB QUÉRA RUPI, alcançar com afagos.
 OERICÓ TECÓ CECÊ, dominar.
 OETÉPE, todo, toda, inteiro. — *Ara oetépe*, todo o dia, o dia inteiro.
 OQUE, pronome recíproco. *O-gue-miú*, a sua comida, delles.
 OÍ, terceiro pronome do artigo *ai*, elle, elles.
 OICÓ, ser, estar, jazer, residir. *Ojegyê oicó*, estar espirando. *Ojenepiá oicó*, estar de joelhos. *Amó rupi oicó*, estar fóra do seo direito. *Pu-áme oicó*, estar em pé. *Oapyc oicó*, estar sentado. *Çoryb-oicó*, estar alegre. *Çobacy oicó*, estar triste. *Mbaê acy oicó*, estar doente. *Ke-rirím oicó*, estar socegado, triste.
 OICÓ AYBA, estar mal.
 OICÓ BEBÊ, estar vivo.
 OICÓ CATÚ, proceder bem.
 OICÓ CECÊ, applicar-se.
 OICÓ ÇOCOPE, hospede.
 OICÓ ETÊ CECÊ, porfiadamente.
 OICÓ ETÊ MORAURY, lidar.
 OICÓ NHINHÊ, habitar, assistir.
 OICÓ PECU, deter, entreter-se, tardar, durar.
 OICÓ TEMBEM, haver mister, carecer, ter necessidade.
 OICÓ TENHÊ CECÊ OARÁMA, promptidão.
 OICOBÊ CATÚ, estar bom, são, valente.
 OICÓNHÓTE, aquietar, parar, socegar: deixa: não bulas.
 OIKE-OCÚ, prea-mar.
 OÍME, alli, acolá. *Arê oime*, ate alli.
 OÍMOAÊ (ou UÍM OAE), aquillo.
 OIRANDÊ (e também *Orandê*), amanhã.
 OJÁB, abrir-se naturalmente.
 OJABY ETÊ ÇANGÁBA, disforme.
 OJAÇUÍ OAE, abafado, coberto.
 OJAPY' ACÁNGA PUPÊ, cabeçada.
 OJÁR, acostar, chegar a terra, andar pelas praias.
 OJÁR CRUÇÁ RECÊ, estar crucificado.
 OJÁR YBY RECÊ, acostar-se, chegar-se á terra.
 OJEÁB, veja *ab*.
 OJEABYB, abaixar-se inclinar-se.
 OJEAPIXÁ PIXÁO, ás cutiladas.
 OJEAUGÊ, estar feito e acabado.
 OJEAÝB, estar desflorada.
 OJEBÝR, arribar.
 OJECOAÚB, esclarecer o facto, aclarar a coisa, avistar: verdadeiro.
 OJEOAÚB NIHÓTE, estar patente:
 OJEITYCA, prostrar-se.
 OJECACUÍ, abafado, coberto. *Veja Ojacuí*.
 OJEJEKY', espreguiçar-se.
 OJJEJEPÝCA, desaffrontar-se.
 OJJEJUMÍNE OICÓ, estar occulto.
 OJEKENDÁO: — PYTUCÉMO OJEKENDÁO, tapar a respiração.
 OJEKYÍ OÁNE, morrendo.
 OJEKYÍ PÓTAR OÁNE, estar agonizante, agonisar.
 OJEMAMÁNA, embrulhar-se.
 OJEMAMÁNE OÍCÓ, estar dobrado, embrulhado.
 OJEMEMOAGÁRA, afidalgar-se.
 OJEMOABÁ ETÊ, abalisar-se; altivo.
 OJEMOAGÚC, banhar-se.
 OJEMOAKÝME, humedecer-se.
 OJEMOAPAR, dobrar-se, encostar-se.
 OJEMOAÝB, apostemar-se, deitar a perder.
 OJEMOABÊ, abolorecer-se, criar bolor.
 OJEMOÇAÇUI OAE, acautellado.
 OJEMOÇAINÁNE IMBAÊ RECÊ, aviar-se.
 OJEMOCAMÁRAR, travar amisade.
 OJEMOCAPÓ OÁNE, arreigar, eriar raises.
 OJEMOCOAR CATU CECÊ, tratar bem.
 OJEMOGÝB, abaixar-se.
 OJEMOIRÓN, arrufar-se.

OJEMOJEPÊ CÇÚ, incorporar-se.
 OJEMOJEPOTY, enferrujar-se.
 OJEMOKATÁC, mover-se.
 OJEMONHÁNG, produzir, succeder, acontecer.
 OJEMOPIRÁNGA PERÉBA, encarnar a ferida.
 OJEMOPIAYBA, agravar-se, entristecer-se.
 OJEMOTAPEJAR, situar.
 OJEMOTEITÊ, ter-se em pouco.
 OJEMOTIRYCEMO, encher-se.
 OJENIPIÁ OICÔ, estar de joelho.
 OJEPAKÉC OAE, abafado, embrulhado.
 OJEPÊ, um.
 OJEPÊ LANDÊ ÇUÍ, um de nós.
 OJEPÊ JEPÊ, um a um.
 OJEPÊ OÇÚ, todos junctos.
 OJEPÊ PEÇUI, um de vós.
 OJEPÊ YÍ, uma vez.
 OJEPENHÔ, um somente.
 OJEPYCYCA OAE, agarrar-se, estar agarrado.
 OJEUOCUAÚB, acostumar-se.
 OJEUOCUAÚB OAE, acostumado.
 OJEPOTAR, aportar.
 OJEPYPYCA, afogar-se, alagar-se.
 OJERÊ JERÊO, espojar-se: trambolhões.
 OJÍ OÁNE, cosido, assado.
 OJÓCA IACANGA ÇUÍ, dissuadir.
 OJOECÊ, copula.
 OJOJABÊ OANE, estar ajustado, igualado.
 OJORÓC, encostar-se.
 OJUBÊTE JABÊ TENÉN, mas antes isso. Veja *ajubete*.
 OJURURÊ (tambem *Jururê*), pedir.
 OKÊNA, porta.
 OKÊNA PIAÇABA, guarda-porta.
 OKÊNA RUPYTÁ, couce da porta.
 OKÉR, dormir.
 OKÉR MIRÍM MIRÍM, tosquenejar.
 OKYJÚ, grillo.
 OKYTÁ, esteio.
 OMEÉNG EPUPÊ, encarregar.
 OMOCEMO YBYTU EJURÚ RUPÍ, arrotar.
 OMOINGÊ ÇOCÓPE, admitir, recolher ou receber em casa.
 OMOBÁO, gastar mal. *Teém ára amobádo, gastar mal o tempo.*
 OMOBEU: CENONDÊ OMOBEU, prognosticar.
 OMONDÁ AQUÉRA, furto.
 ONHARÓN, embravecido.
 ONHARÓN ETÊ OICÔ, encarniçar-se.
 OOCÚ RUPÍ, trabalhosamente.
 OPABINHÊ, todos juntos.

OPABINHÊ CATU, geralmente.
 OPABINHÊ MBAÊ MONHANGÁRA, onnipotente.
 OPÁC, acordar do sono.
 OPACATU, todos.
 OPACOMBÓ, (ambas as mãos) dez.
 OPÁ OPABINHÊ, todos.
 OPÁO. — HOJE VÊ OPÁO, acabado de algumas horas.
 OPÁO OÁNE, acabou-se ja.
 OPÁO RAMÓ, acabado agora.
 OPETUÚ YBYTÚ, amainar o vento.
 OPICYC ITAYRA RÁMA, adoptar, perfilhar.
 OPIPYNE, picar a ave na fructa, depenicar.
 OPO, vos (no accusativo). Somente empregado como paciente de um verbo activo, que tem por agente o pronome equivalente a eu, nós, — e isto somente nos modos indicativo, e optativo. Ex. *Xe opò judá, vos mato. Ore opò judá, nós outros vos matamos.*
 OPÓC, fender-se por si.
 OPOJÁR, apontar com o dedo.
 OPOPÓR, andar de galope.
 OPÓRE, pular. *Opò opóre, aos pulos.*
 OPÚC OAE, cousa furada.
 ORE, nós outros — isto é, nos sem vós. É o pronome do artigo *xe*.
 ORE REMI, nosso, nossa.
 ORE BE, e
 ORE BO, a nós, para nós, com exclusão de vós outros.
 ORO, artigo do gerundio dos verbos não activos. Nós sem vós. Ex. *Oro páca, acordando nós.*
 II. te (accusativo), que se emprega nos mesmos casos em que se deve usar de *opo* (vide). Ex. *Ixe oro-judá, eu te mato. Ore oro-judá, nós outros te matamos.* III. pronome do artigo *a*, nós sem vós.
 OROCURIA, coruja.
 OROI, pronome do artigo *ai*, nós sem vós.
 OROIÇANG OAE, cousa esfriada.
 ORUCÁNGA, vide *arucanga*.
 OTERYC, afastar-se, arredar-se.
 OTIRYCA, andar de gatinhas.
 OVÉO OÁNE, apagar-se.
 OTÁBO, dizendo elle ou elles.
 OYEPÊ, veja-se tambem *ojepe*, um; mas com o verbo no plural significa-todos.
 OYEPÊ GUAÇÚ, todos junctos em um só corpo.
 OYEPÊ UMBE, um e um.
 OYEPÊ YEPÊ, cada um de per si.

P.

- PABE', I. todos; II. emprega-se tambem como preposição, significando junto de mim, isto é, a minha ilharga, e neste caso leva commumente o verbo ao plural. Ex. *T-i-aço xe pabe'*; vamos ambos, tu commigo.
- PABÓCA, partir, largar do porto.
- PÁC, despertar-se, despertar do somno por si mesmo. *Xe-Pac*, o meo acordar.
- PÁCA, animal conhecido.
- PACOÁRA, rolo de qual quer couza.
- PACU, certo peixe, de que se contão as tres especies *tinga*, *piranga*, *pinima*.
- PACUAÃ, uma planta.
- PAÊ, diz.
- PÁJÊ, feiticeiro. Era o cantor, o medico, o augure e o sacerdote dos indigenas.
- PÁJÊ REMIMONHÁNG AYBA MOROJUÁRA, feitiços.
- PAJURÁ, arvore, cujos fructos os indios e brancos comem: as sementes seccas e raladas são empregadas para cura de desynteria. Nasce pelas margens dos Rios (no Pará) em partes humidas.
- PÁNA, corrupção da palavra portugueza *panno*.
- PÁNA AMANEJÚ QUI GOARA, panno de algodão.
- PÁNA AYBA, rodilha, trapo.
- PÁNA ÇOBAIGOÁRA, panno de linho.
- PÁNA MONHANGÁBA, tear.
- PÁNA MONHANGÁRA, tecelão, tecedeira.
- PÁNA PACOÁRA, peça ou rolo de panno.
- PÁNA PECANGOÉRA, retalho de panno.
- PÁNA PETECA, lavadeira: lavar a roupa.
- PÁNA POAÇÚ, ou simplesmente — *poaçú* — panno grosso.
- PÁNA POÍ, panno fino.
- PÁNA RANGÁBA, vára de medir.
- PANACÚ, cesto comprido. *Xere-panacú*, meo cesto. *Cepanacu*, cesto delle. Tambem significa — carro.
- PANACÚ OÁRA CAPÁ, roda de carro.
- PANAMÁ, borboleta.
- PÁNDE, nós todos.
- PANÉMO, de balde, em vão.
- PANERA do portuguez — *panella*, com o mesmo significado. O termo proprio é *cambocy*.
- PANERA MONHANGÁBA, olaria.
- PANERA MONHANGÁRA, oleiro.
- PANERA RENDÁBA, trempe.
- PAPAÇÁBA, conta. numero.
- PAPAÇÁBA ÁRA, dia do juizo final.
- PAPÁR, contar, numerar.
- PAPÉRA, do portuguez — papel. *Jimboé papera recê*, ler.
- PAPÉRA COATIAÇÁRA, escrever.
- PAPÉRA IANAMA OÇÚ, papelão.
- PAPÉRA JIMBOEÇÁRA, letrado.
- PAPÉRA MBAÊ PAPAÇABA, rol.
- PAPÉRA MOEYCÁBA, obreia.
- PARABÓCA, escolher, limpar.
- PARACUTÁCA, arvore do Alto Amazonas, de que se sustentão as tartarugas. Da madeira fazem os indios os seos remos, e tambem algumas canoinhas, mas são de pouca duração. Nasce pelas margens dos rios com as raizes debaixo d'agua.
- PARACUÚBA, arvore, da qual os Muras fazião os seos arcos.
- PARAGOÁ, papagaio.
- PARAGOÁ HI, papagaio pequeno.
- PARAGOÁ Y', rio do papagaio.
- PARANÁ, mar.
- PARANÁ EVIKÊ, encher a maré.
- PARANÁ OÇU, bahia, mar largo.
- PARANÁ OIKÊ, enchente da maré.
- PARANÁ PYTÉRPE, pego.
- PARANÁ REMEYBA, praias do mar, beira-mar.
- PARANÁ RUPI, pelo mar.
- PARATY, especie de tainha.
- PARAUÁ BOIA, cobra, que tem as cores do papagaio.
- PARAUÁCÚ, especie de macaco.
- PARICÁ, servia aos indios em vez de fumo. Nos Cachimbos, em que os Muras fumavão o Paricá, os tubos erão feitos de alguns caniços ou das hastes, que sustentão a fructificação das palmeiras — *Marajá* e outras, e tambem da *táboca-merim*. As caçoletas onde punhão o paricá erão os gargaes do fructo da *cabaceira*. Os tubos erão reforçados com fio de algodão, ou com a casca dos talos da folha da palmeira — *yaxitára*.
- PARINARY, arvore, acerca da qual escreveu A. R. Ferreira. „A formiga ajunta a pagina exterior desta arvore para faser seos ninhos; e os indios a recolhem, depois de ajuntada pela tal formiga. A isto chamão *Taracú* e lhes serve para isca, sobre que ferem fogo.“
- PATAUÁ, caixa, arca, canastrinha, quasi da feição de hum bahu. — Especie de palmeira.

PAY', padre, frade, e tambem — senhor.
 PAY' ABARÊ GUAÇÚ, bispo: assim tambem chamavão aos Jesuítas.
 PAY' ABARÊ OÇÚ'ETÊ, Papa, pontífice.
 PAY' ABÚNA (de *oba* e *una*, vestido preto), Jesuíta.
 PAY' AFÍNA, frade leigo.
 PAY' APYTERA, corôa de padre.
 PAY' ETÁ ROÇA, convento.
 PAY' MISSA MONHANGARA, sacerdote, padre de missa.
 PAY' MÔRO RERECOÁRA, parochio.
 PAY' PÔRO MONGHETAÇABA, estação da missa.
 PAY' TINGA, amo, senhor.
 PAY' TUCÚRA, padre de S. Antonio. Achavão o capuz destes frades parecido a um gafanhoto, e por isso lhes chamavão — *tucura*.
 PAYA, pae.
 PAYA ANGABA, padrinho.
 PAYA ARYÁ, bisavó por parte de pae.
 PAYA ARAMÚYA, bisavó paterno.
 PAYA RECOBIARA, padrasto.
 PÊ, caminho, via. *Xe-r-a-pé*, meo caminho. *Ç-a-pé*, seo caminho. II. pronome do artigo *xe*, vós. III. pronome do artigo *xe*, vós. IV. artigo do gerundio nos verbos não activos. Ex. *Pe-páca*, acordando vós. V. Posposição indicando o lugar para onde. Neste exemplo: Vou ter com alguem a algum lugar — ha huma pessoa para quem e um lugar para onde. A pessoa deve estar acompanhada da posposição *pyri*, o lugar da posposição *pe*. *A-co xe-ruba pyri-cope*. Vou ter com meo pae á roça. Se quisermos indicar o lugar por onde, por ex — e vou pelo campo, bastará accrescentar ao exemplo supra, — *nhum rupi*, pelo campo. VI. Como todos os pronomes do artigo *xe*, *pe* seguido de um adjectivo toma a significação de *ser*, e seguido do substantivo a de *ter* ou *possuir*. Neste caso se poderá considerar como um pronome possessivo. Ex. *P-y-angaturam*, vós sois bons. *Pe-co*. Vós tendes roça, ou simplesmente — *vossa roça*. Acerca desta preposição, faz o P. Figueira algumas observações, que não serão mal cabidas aqui. VII. *Pe* (dis elle) significa o mesmo que *in*, com accusativo de lugar com os verbos de movimento. Ex. *Vado in civitatem. Açó-ta-pe* ou *oc-u-pe*, para caza. E tambem com ablativo com os verbos de quietação. *In domo, Ocupe*. E com dativo de pessoa. Leva isto a teo pae:

Eraço cobae de-r-úba pe. VIII. Tambem serve de nota de interrogação ou pergunta. Ex. *E-re-çó-pe?* Vas-te? isto é, tu te ausentas? *Aba-pe nde?* Quem es tu? *Aba-pe?* Quem? Esta nota de interrogação, accrescenta Figueira, em outra parte, sempre se *pospõe*; mas com advertencia que, se na oração houver adverbio, sempre se põe despois d'elle immediatamente. Ex. *Marape ore-ico?* Que faiseis? *Erimbaê pe ere-jur?* Quando vieste? -- E não havendo adverbio por-se-ha junto do nome ou do verbo, sobre cujo significado cabe a duvida: v. g. nesta pergunta *Xe-pe a-çope?* A duvida he se heide ser eu o que hade ir ou outro. E por isso se põe a dicção *pe* junto ao pronome *xe*; mas se a duvida fôra sobre haver de ir, ou não haver de ir, disseramos: *A-ço-pe ire-ne* heide eu ir ou não? IX. Quando *pe* se antepõe á particula *ca*, não é interrogação, nem tem significação alguma. Ex. *A-ço*, eu vou, — *Aço-cá*, dis o homem; quero me ir, estou determinado a ir-me. Neste caso poderia diser: *A-ço-pe-ca*.
 PÊ COAMEENG, guiar pelo caminho.
 PÊ JARA, guia do caminho: pratico.
 PÊ JÊ, vós diseis, disendo vos. Do verbo *A-é*, diser.
 PÊ JOR, e
 PÊ JORI (do verbo *A-jur*, vir), vinde vós.
 PÊ JU (supino e gerundio do dito verbo), vindo vós.
 PÊ JUR, vós vindes.
 PÊ OÇÚ, estrada.
 PÊ RUPI, pelo caninho.
 PÊ YÁBO (do verbo *A-é*), disendo vós.
 PEÇAÇÚ, e tambem *Pyçaçu*, fresco, moderno.
 PEÇANGOÉRA, e
 PECENGOÉRA, amostra, migalha, pedaço, posta.
 PECENGOÉRA PUPÊ, em pedaços.
 PECOÇABA, atadura.
 PECOÁR, e tambem *Pocoár* e *Pocoár*, atar, prender.
 PECU, MBAÊ PECU, couza comprida.
 PECUÇABA, comprimento.
 PECUÇABA RUPI, ao comprido.
 PEE', pronome: vós outros.
 PEE' ME, e
 PEE' MO (no dativo), a vós todos.
 PEI, pronome do artigo *ai*, vós.
 PEJECÉM, compassar.
 PEJÚ, abanar, soprar, bafejar.
 PEJUÇABA, sopro.

- PÊNE, cousa quebrada.
 PENGA, sobrinho da mulher.
 PENHÊ ou PÊ, vós.
 PENHÊBO, e
 PENHÊMO, a vós outros, para vós outros.
 PEQUEÁ, madeira.
 PEQUI, arvore, fructo: pato pequeno.
 PERÊ, baço.
 PERÉBA, chaga, fistula.
 PERÉBA PIRÁNGA, chaga viva.
 PEREMI, pronome possessivo: vosso.
 PERERÚ, ferreiro.
 PERERÝC, e tambem *Peryryc*, frigir, faiscar.
 PERERYÇÁBA, frigideira.
 PERÍM PERÍM, logro, calote.
 PERIPAN, comprar.
 PERY, junco, esteira.
 PERYPÁNA, resgatar.
 PERYRÝC, faiscar. Veja *Pererýc*.
 PETÉCA, encontramos esta expressão em algumas frases, no sentido de bater. *Çoba-peteca*, bater no rosto, esbofetear, *pana peteca*, lavar roupa, mas lavar batendo e não somente esfregando. Daqui vem chamar-se peteca a especie de *volante* ou *supapo* feito de folhas de milho, que as crianças lançam ao ar com a palma da mão. Daqui, por fim, se originou a frase, hoje vulgar, faser peteca de alguem.
 PETEPÊUME, não façais vós.
 PEPUPAB, tambem *Potupab*,
 PETUPAB GOERA, severo, arrebatado de colera.
 PETUPÁBA, alteração.
 PETUPÁO ou POTUPÁO, indignado.
 PETYBON, favorecer.
 PETYBONÇÁBA, auxilio, favor.
 PETYBONÇÁRA, favorecedor.
 PEÚMA, genro da mulher.
 PE-YÁ-BO, dizendo vós.
 PEY'MA (TOUMA), remela.
 P-I-ABO, gerundio e supino do verbo *A-é*. Disingendo tu.
 PIÁR, aparar com a mão.
 PIÁR NUPANÚABA, aparar os golpes.
 PICAÇU, pomba. É o mesmo que *juruty*.
 PIÇAJÊ, e tambem *Pycajê* e *Pycayê*, meia noite.
 PIÇAJÊ CATU, alta noite.
 PICÝC, apanhar, pegar no que foge.
 PICÝCA, pegar em algum. *Epó picyca*, apertar a mão a alguem.
 PICÝCA CATU, segurar bem para que não fuja.
 PICÝCA CECÊ, alcançar a quem foge.
- PICÝRON e PICYRON, acudir, amparar, apadrinhar, defender, livrar, remir. *Picyron mbaê ayba çuí*, preservar do mal. Exactamente o contrario disso, este verbo significaria tambem: alcançar por força, assaltar, roubar, saquear, usurpar. Não estara nisto á razão por que esta palavra se escreve de duas maneiras diferentes?
 PICYRONÇÁBA, abrigo, protecção, refugio.
 PICYRONÇÁRA, protector, defensor, libertador, salvador.
 PIM, picar (a abelha).
 PINÁ PINÁ, ortiga.
 PINÁ PINÁ PUPÉ JUPIM, ortigar.
 PINDÁ, anzol. *Pindá merim tinga*, anzol pequeno e por ventura de côr branca.
 PINDÁ-IBA, do Para *pindayúa*, palmeira e fructo do mesmo nome.
 PINDOBA, folhas da palmeira — *pindá*.
 PINDOBA CARAYÁBA, palmas para domingo de ramos.
 PINHOÁN, artelho, tornozelo.
 PINÔ, peido.
 PINÔ PINÔ, peidar.
 PIRÁ ou PYRÁ, peixe. Seria demasiadamente extenso dar-mos uma relação de todos os nomes de peixes que começam por esta radical. Lembraremos apenas alguns de que faz menção A. R. Ferreira. P. — *andyra*, assim chamado por se parecer na cabeça com o focinho de morcego, — *antan*, *apapá*, *arára*, de cor vermelha, *catimbáo*, *pinga*, branco e chato, *pucu* chamado tam bem *curumará*, *catinga*, *rucu* ou *pirurucu*, cuja lingua serve de lixa, e parece, depois de secco, com o bacalháo.
 PIRÁ APIXÁMA, cambada de peixe.
 PIRÁ CAÉM, peixe mal assado.
 PIRÁ ÊM, peixe secco.
 PIRÁ JAGOÁRA, boto (peixe).
 PIRÁ JUKÝRA PORA, peixe de salmoura.
 PIRÁ MÁYA, cobra.
 PIRÁ MIÚNA, dourada (peixe).
 PIRÁ MIXÍRA, peixe bem assado.
 PIRÁ MONHANGÁBA, pescaria.
 PIRÁ OÇÚ-PARANÁ OÇÚ-PORA, baleia.
 PIRÁ OÇÚ-REPOTY, ambar.
 PIRÁ OETEPE, cardume de peixe.
 PIRÁ PEPÓ, barbartanas de peixe.
 PIRÁ PERIRÝC, cardume de peixe.
 PIRÁ ROPYÁ, óvas, e tam bem milhares de peixes

PÊNE / PIRÁ ROPYÁ

- PIRÁ TYBA, pesqueiro.
 PIRÁ ÚNA, méro (peixe).
 PIRÁ YCY'CA, grude de peixe.
 PIRA, especie de sarna.
 PIRA OÇU, gafeira de cão.
 PIRÁNGA, vermelho. *Mbaê piranga oaê*, cousa vermelha.
 PIRÁNGA CERÁNE, cor ruiva.
 PIRANHA, tisoura; peixe de dentes muito cortantes.
 PIRAR, abrir, descobrir, desdobrar.
 PIRAUBA, peixe de que fazem o grude do mesmo nome.
 PIRÉRA, casca, pelle, escama.
 PIRIKYTYÍM ou PERIN KYTIM, rins.
 PIRÓC, saltar a casca.
 PIRÓCA, esfolar, descascar, escamar.
 PITÁ, sobrar, sobejar: fita. *Nhéng pitá pitá*, gaguejar.
 PITÊR, beijar, chupar, sorver, embeber o liquido. *Pitéra rupi*, pelo meio.
 PITÉRFE, meio.
 PITIÚ, bañio, fortum.
 PITU PITÚNA, á bocca da noite.
 PITÚBA, fraco.
 PITUCÊME, evaporar, respirar, suspirar. *Jerú pituceme*, bafo.
 PITUCEMO, respiração.
 PITUCEMO OJEKENDÁO, tapar a respiração.
 PITÚNA ou PYTÚNA, noite. *Missa pituna*, dia de natal.
 PITÚNA IPY', ao anoitecer, á bocca da noite.
 PITÚNA JABÊ JABÊ, cada noite.
 PITÚNA OÇÚ, escuro.
 PITÚNA OÇU RUPI, ás escuras.
 PITÚNA RAMÊ, e
 PITÚNA RUPI, de noite.
 PITYBÁO, cachimbo.
 PITYBON ou PETYBON, ajudar, auxiliar, favorecer, soccorrer, concorrer.
 PITYBONÇÁBA, auxilio, ajuda. *Pitybonçába ojurrê*, pedir ajuda.
 PITYBONÇÁRA, auxiliador, favorecedor, ajudante. *Omemyrar oaê pitybonçára*, partejar.
 PIÚM, mosquito menor que o *Carapana'*, alimenta-se do *assacu*, morde durante o dia.
 PIXÁ PIXÁME, depenicar a galinha.
 PIXÁME, beliscar.
 PIXÁNA, gato.
 PIXÉ, cheiro de peixe, mofo.
 PIXÚNA, cousa negra.
- PIXÚNA CERÁNE, amulado, fusco, moreno, cor roxa.
 PÓ, dedo, mão.
 PÓ ACANGA, dedo da mão.
 PÓ ACANGA OÇÚ, dedo polegar.
 PÓ AÇÚ, mão esquerda.
 PÓ ÁI, acenar com a mão.
 PÓ ÁM, dedo polegar.
 PÓ APÁR, aleijado das mãos.
 PÓ APÊM, unha.
 PÓ APÊM PUNGÁ, unheiro.
 PÓ APY'CA, punho.
 PÓ ÇANGÁBA, palmo.
 PÓ CATU, mão direita.
 PÓ ETYC, acenar com o dedo.
 PÓ JABÁO, ligeireza de mão.
 PÓ KERÝC, cocegas.
 PÓ KÓC (POKÓC), apalpar; tacto.
 PÓ MÁNE, fiar.
 PÓ MUMBÝCA, torcer.
 PÓ NHÊ, de gatinhas.
 PÓ ÓC, apanhar a fructa.
 PÓ OÇÚ, veja *po-açú*.
 PÓ OCUÇÁBA, grossura.
 PÓ PETÊC, dar palmadas, palmatoadas.
 PÓ PETÊCA Y'FE, patinhar. Neste sentido em vez de *peteca*, tambem se dis *pytéca*.
 PÓ PUPÊ KERÝC, poir.
 PÓ PY'C, calcar com as mãos, amassar.
 PÓ PYTÉCA ÝPE, patinhar, patejar n'agua.
 PÓ PYTÉRA, palma da mão.
 PÓ REPY, ganhar soldo, vencer jornal.
 PÓ RYCÊME, mão cheia.
 PÓ ÚRPE OICÓ OÁÊ, sugeito, subdito.
 POAÇÚ, panno grosso.
 POÁM (artigo *a*), levanto-me.
 POBÁN (do artigo *ai*), fiar. Os substantivos verbaes terminão em *dara* e *daba*.
 POBÚRA, angelim (arvore).
 POBÚRE, neste exemplo: *Mopobú pobúre*, remexer.
 POBUREÇÁBA, mexedura.
 POBUREÇÁRA, mexedor.
 PÓC, rebentar, estalar.
 POCAÁR, prender.
 POÇANGA, remedio, purga, medicina.
 POÇANGA ETÁ RENDÁBA, botica.
 POÇANÓNG, curar. *Aáng poçanóng Sancta Madre Igreja Sacramento etá pupê*, sacramentar.
 POÇANONGÁRA, medico, cirurgião.
 POCAUÇÚB, sonhar.

POCE, posposição, significando — commigo, no mesmo lugar. Ex. *Xe-poce oquer*, dorme na mesma cama commigo.

POCOÁR, atar, amarrar.

POCÓC, avançar.

POCOCÁBA, bordão, bastão.

POCOÇÚ, e também *Pucuçú*, apanhar, alcançar, colher de repente.

POCÓK, apalpar.

POCY', pezo.

POCYÇÁBA, carga.

POCYTABA, pezo da balança.

POIÇABA, delgadeza.

POÍR, retirar. Veja *Puy'r*.

POITÉ, patarata.

POITÉ MONHANG, pataratear.

POKÉC, abafar, embrulhar.

POKÉCA, embrulho, capa, mortalha.

POKÓCA, tacto.

POMÁNE, fiar.

POÓCA, colher, apanhar a fructa.

POÓR, saltar.

POPÓRE, de galope. *Epyé popóre*, dar pancadas, bater o coração.

PÓRA, habitador, habitante. *Ipáke póra*, habitador do ceo. *Yby' póra*, habitador da terra. *Godára* ou *guára*, deixamos atrás com a mesma significação e todavia não é possível confundil-os. *Póra* parece indicar uma cousa intrinseca, que tem em outra a razão ou pelo menos as condições da sua existencia, excluida em todo o caso a ideia de livre arbitrio. *Tatapóra*, de que fiseamos o vocabulo — *cata póra* — significa — fogo interno, interior. *Aca-póra*, sabugo do chifre; *abaxi póra*, sabugo do milho. Destes tres exemplos se pode conjecturar qual seja a força da palavra *póra*. Em outras frases parece não ser tão expressiva, e todavia, se a quisermos substituir por *guara*, a sua significação propria se nos revela em toda a sua força. *Mondé póra*, o preso, o que vive na prisão. Se dicermos *Mondé-guára* esta expressão como que indicaria uma pessoa que tem por costume ou se compraz de viver na prisão; como, por exemplo, o carcereiro. *Guára*, pois, em contraposição a *póra*, encerra constantemente a ideia de escolha, preferencia ou livre arbitrio. Em sentido mais lato, tradusiriamos — *póra* — o que vive em algum lugar em consequencia da sua propria natureza, ou em virtude de uma causa superior.

Guara o que o habita por effeito da propria vontade.

Vejamos. Segundo o modo de pensar dos Indios, podia-se viver — na terra e no ceo Exprimião isso em sua lingua pelos dois vocabulos — *Ibáke póra* e *Yby póra*: o primeiro tem a mesma significação que damos á palavra — bem-aventurado; o segundo o de vivente.

A terra porém se devidia em florestas e mar. Assim disião *Caa-póra*, o espirito ou genio que vive nas florestas. Somente não poderão diser *paraná-póra*, por que os peixes tambem vivem nos rios e nos lagos. A natureza só lhes offerecera um, exemplo de um que elles chamavão peixe, o qual evidentemente não podia viver fóra do mar, e do mar largo. A este accrescentarão elles logo a palavra característica. *Pyrá ocú* — *paraná ocú* — *póra*, — peixe grande que vive no mar largo, isto é, a baleia. Em sentido translaço, disserão *Aca póra*, *abaxi-póra*, o que está dentro do chifre e do milho, ou antes, o sabugo; *mondé-póra* o que está na prisão, *tatapora* a molestia que resulta desse fogo interior; *pypora* o que está no pé, o que resulta da pegada. *Tapuya caapora*, o selvagem, entra na regra geral; era que equiparavão o selvagem ao *caapora*, e o reputavão malfasejo como este.

Em todos estes exemplos a dicção — *póra* — indica — o que vive, o que existe, mas de existencia intimamente ligada a um lugar ou objecto determinado. Conservação e vida são cousas que algumas vezes confundimos; não era muito que elles as confundissem tambem, disendo — *Pyrá jukyra póra*, peixe de salmoura, que vive ou antes se conserva no sal.

Pypóra, o rasto, que atras deixamos escripto, parece affastar-se do que vamos disendo, e todavia isso resulta da importancia que os indios, com razão, attribuião ao rasto, sendo elle o seo mais seguro guia, ja para alcançarem a preza, já para fugirem ou encontrarem o inimigo. A pegada lhes indicava — que animal, que homem, de que tribu, de que sexo, de que idade, e, aproximadamente, quantos e quando havião alli passado. Não era portanto objecto de pouca importancia, como poderia ser para nós: o rasto não era para elles nemhuã letra morta; mas uma revelação, uma serie de dados, em que soletravão tudo

quanto lhes convinha saber, quer para se precatarem, quer para satisfazerem o seu rancor ou as suas necessidades. O rasto, como elles o entendião, era pois vivo, animado e tão significativo como um livro, que tinham de consultar a todos os momentos. Por isso o exprimião por essa palavra, difficilima de traduzirse: *Pypora*, o que esta no pé, o que vive nelle, isto é, as mil circumstancias que, contemplando uma pegada, lhes suggeria a experiencia de todos os dias, e a finura de observação, que, em taes casos, só nos selvagens se encontra.

Vejamos agora em que esta palavra se differença de *guara*.

Guára, dissemos nós, significa o que habita, o que mora, intervindo nesse facto o quer que seja de livre arbitrio. De facto, *guára* — radical de *guaráni*, soaria ao principio como synonymo de guerreiro, o que, no seu modo de fallar, regeita a ideia de coacção passiva. *Potiguáras*, disião elles — os guerreiros do chefe Poti. A guerra é origem da propriedade; o guerreiro converteo-se em senhor, e a palavra, tomando esta significação, transformou-se em *jara*, ou *iara*, desinencia que caracteriza a denominação de algumas tribus da lingua geral. *Tabajaras* — ou os senhores das aldeias.

Depois da colonisação portugueza, a palavra soffreo nova modificação: o senhor perdea a propriedade, convertera-se em simples habitante, e a palavra *jara* em *uára*. *Parauára* significa o que habita o Pará, designação com que os Parenses, ainda ha pouco tempo, tão injustamente se offendião. E para que nenhuma duvida houvesse de que a palavra, assim modificada, não envolvia mais a ideia de dominio, applicarão-na não só aos homens, mas aos irracionaes, exprimindo o que mora ou habita, e simplesmente o que vive. *Capi-uara*, de que fiseimos *capivára*, indica que este quadrupede tem o costume de viver entre o *capim*.

PORACAÇABA, TUPANA RECO PORACAÇABA, virtude.

PORACAÇARA, TUPANA RECO PORACAÇARA, virtuoso.

PORACÁR, povoar, encher, carregar, prover, cumprir. *Poracar cemimptára*, cumprir o desejo.

PORACÁR ETÊ, acogular.

PORACÊ, dançar, bailar.

PORACEYA, dança.

PORANDÚ, veja-se *porandúb*.

PORANDÚ RANDÚ, tirar informações.

PORANDÚB, perguntar.

PORANDÚBA, relação, historia, conto, pergunta.

PORANDUBAÇARA, perguntador, contador.

PORÁNG, bonito, formoso. *Tecó poránga*, fortuna.

PORÁNG AYRA, formosinha.

PORÁNG ETÊ, cousa bella, formosissima.

PORANGÁBA, formusura, belleza.

PORANGATÚ, bizzarria.

PORARÁ, padecer, supportar.

PORARÁ UCÁR, tratéar.

PORARAÇABA, tormento.

PORARAÇARA, padecente.

PORAUKY, trabalhar.

PORAUKYÇABA, trabalhos.

PÓRE, salto.

POREPY, jornal, soldo, salario.

PORO, I. dicção que se se entremette entre o artigo e o verbo activo, para o tornar absoluto.

Neste caso, *poro* significa — gente. De *A-jucá*

formamos *A-poro-jucá*, matar gente. — *Ai-*

mondó, mandar; *A-poro-mondó*, mandar gente.

A-ú comer, *A-por-ú*, comer gente. O verbo

A-yo-çub, visitar, — faz: *A-po-çub*, visito

gente.

Convem notar que os verbos assim tornados absolutos; se são d'aquelles que começam por alguma das syllabas *ra*, *re*, *ro*, *ru*, admittem a particula *gue* em todas as pessoas. Ex. *A-poro-gue-reco*, tenho gente. *A-poro-gue-raço*, levo gente.

II. Quando os verbos compostos com a dicção *poro*, em vez de *a*, tomão o pronome *xe*, significão o mesmo que dantes, mas com mais extensão e continuação. Ex. *A-poro-jucá*, mato gente. *Xe-poro-jucá*, tenho em costume matar gente.

III. Notaremos por fim que semelhantes verbos absolutos, mudão no infinitivo, o *p* em *m*. Ex. *A-poro-jucá*, eu mato gente. *Moro jucá*, matar gente. Todavia o autor do dicionario brasileiro nem sempre segue esta regra.

PORO IMBOÉÇARA, doutrinador.

PORO JUBYÇARA, algoz.

PORO JUCAÇARA, homicida.

PORO MONGHETÁ, consultar.

PORO MONHÁNG, crear, propagar a especie humana: geração, multiplicação da especie.

PORO POTÁRA, amor deshonesto, sensualidade.

PORO PYCYRONÇARA, redemptor.

PORACAÇABA / PORO PYCYRONÇARA

- PORÓC, abrir a flor ou fructo, brotar, despejar.
Poróc oáne ygara, descarregar a canoa.
- POROÇAR, observar.
- PORORÊ, enchada, enxó.
- PORORÊ MIRIM, sachó.
- PORUÂM, embigo.
- PORUPI, ao longo de alguém. Ex. *Xe porupi xerayg-ra quer-i*. Ao longo de mim dorme meo filho.
- PORYB. — *Ayba pory'b*, peior. *Jemoay'b poryb*, piorar. *Meri pory'b*, menos.
- POTÁBA, dadiva, presente, mimo, offerta, parte, quinhão, ração. *Tupana potába*, disimo, esmola. *Tupana potába ojururé*, pedir esmola. *Aba-étá okena rupi tupana potaba ojururé*, pedir de porta em porta. *Pindá potába*, isca do anzol. *Tatá potába*, isca de ferir fogo.
- POTÁBA MEËNG, peitar.
- POTAÇÁRA, consentidor.
- POTAR, querer, desejar.
- POTAR ETÊ OPABINHÊ MBAÊ, ambição.
- POTÁRE, consentir.
- POTERY, marreca (ave).
- POTI (do artigo a).
- POTI ÁBA (significação incerta).
- POTI ÁRA,
- POTIÁ, peito.
- POTOPÁBA, agastamento.
- POTUPÁO, agastar. *Potupáo guère*, ser rispido. *Potupáo oicó*, estar indignado.
- POTUÚ, veja *putuí*, descançar.
- POTY, camarão.
- POTÝRA, flor, bonina.
- POTÝRA PECOÁRA, ramallete.
- POTÝRA RENDÁBA, jardim.
- POUÇÚ, respeitar com algum pejo: pejo.
- POUÇUÇÁBA, acatamento.
- PRIÁ, especie de rato.
- PUÁ (derivado de *Pyá*), tenção.
- PUÁME (OICÓ), em pe (estar).
- PUBÚRE (PUBYRE), revolver.
- PUÇÁ, rede de pescar.
- PUCÁ, rir, rir-se.
- PUCÁ GOERA, risonho.
- PUCÁ MOÁNG OÇU, sorrir-se.
- PUCÁ XOÉR, o mesmo que — *goéra*, risonho.
- PUCÊI, somno.
- PUCUÇABA (veja-se *pecu* e derivados), extensão, comprimento.
- PUCUÇÚ, apanhar de repente.
- PUCUÇÚ RUPI, colher de repente.
- PUNGÁ, pulmão, inchaço, bubão venereo.
- PUNGÁ OÇU, inchaço.
- PUPÊ, na, a, em. *Xe roca pupê*, em minha casa. Vê-se deste exemplo que *pupê* é uma posposição de lugar onde.
- PUPUNHEIRA (eira — desinencia portuguesa), palmeira, cujos fructos se comem cosidos. „Um dos signaes de haver povoações, quando se viaja, é em se avistando ao longe as ditas pupunheiras, por serem das primeiras plantas, que se costumão plantar nos estabelecimentos de povoações, de fazendas, e das casas dos mesmos lavradores, e isto, tanto pela sua formosura e extraordinaria altura, como pela essencial utilidade de lhe comerem os fructos.“
A. R. Ferreira.
- PUPÚRE, ferver.
- PUPUREÇÁBA, fervura.
- PURIGOÁRA, hospede.
- PURÚ, alugar, emprestar.
- PURUÁ, calos. Frenhe, pejada. Neste ultimo sentido melhor se diria *poruá*.
- PURUC, desconjuntar, deslocar.
- PURYB, vantagem.
- PUTUÚ, descançar, cessar, parar, pousar, ap-lacar.
- PUTUÚ MERIM, repousar.
- PUTUÚÇÁBA, allivio, pausa.
- PUYR, abster-se totalmente, deshabituar-se, despegar-se, emendar-se, refrear-se, tirar-se, afastar-se: retirar.
- PUYR MERIM, moderar.
- Py', pé, avesso.
- Py' ACÁNGA, dedo do pé.
- Py' APÁR, aleijado dos pés.
- Py' CERY'CA, escorregar, cahir.
- Py' COPÊ, peito do pé.
- Py' JICÊI, pé dormente.
- Py' PÓRA, pegada, rasto.
- Py' PÓRA RUPI OATÁ, rastejar.
- Py' PYTERA, planta do pé.
- Py' RACAFÝRA, ponta do pé.
- Py' ROPITÁ, calcanhar.
- PyÁ, coração, figado. *Jemopyá yba*, apaixonar-se.
- PyÁ BUBUI, bofes.
- PyÁ ÇÁI, azia do estomago.
- PyÁ ÇANTÁN OÁÊ, constante.
- PyÁ CATU, agrado: pacífico, simples.
- PyÁ CATU RUPI, affabilidade: á vontade, de boa mente.
- PyÁ CATUÇÁBA, singelesa.

PORÓC / PYÁ CATUÇÁBA

PYÁ MEMBÉCA, brandura, mansidão, mover o coração.
 PYÁ MEOÁM, malícia.
 PYÁ OÇÚ, animo, audacia.
 PYÁ PEGOÁRA, e também *poára* ou *póra*, fel.
 PYÁ PYÁRA, o mesmo que *pegoára*.
 PYÁ YBA, angustia, enraivecer-se.
 PYÁ YBA OICÔ, estar apaixonado, enojado, enfadado.
 PYÁ YBA RUPI, apaixonadamente.
 PYÇÁ, veja-se *puçá*.
 PYÇÁ ITYCÁRA, pescador de rede.
 PYÇAJÊ, alta noite.
 PYCENGOERA ou PEÇANGOERA, pedaço.
 PYÇÔ. CECÁ PYÇÔ, vista.
 PYCYRON, apanhar por força, apadrinhar.
 PYCYRON ÇÁRA, apadrinhador.
 PYGOÁ, tornozeleto.
 PY'IR, varrer.
 PYIRE, limpar varrendo.
 PYIREÇÁBA, limpeza.
 PYIREÇÁRA, limpador.
 PYKÝRA, prima mais moça da mulher.
 PYNDÁ (PINDÁ), anzol.
 PYNDÁ ITYCÁRA, pescador de anzol.
 PYNDÁ MERIM TINGA, anzol pequeno.
 PYNDÁ POTÁBA, isca de anzol.
 PYNDÁ TINGA, anzol de portugal.
 PYNDÁ UÚ, pegar, picar o peixe na isca.
 PYNDÁ XÁMA, linha de pescar.
 PYNHOÁM, boubá.
 PYPÔ, pennas das aves.
 PY'R, mais: visitar: limpar. *Caa-py'r*, sachar:
 PÝRA, característico dos participios passivos, quando o verbo activo acaba em vogal ou ditongo sem til. *Y-juca pyra* — a cousa morta, e também o que é, ou era morto.
 PÝRÁMA, nota do supino passivo. *Y-juca-py-rama*, para se matar; cousa que hade ser morta e que é digna de ser morta.
 PYRAMOÁMA, — signal do futuro passivo no infinitivo, encerrando negação. *Y-juca-pyramoáma*, cousa que não hade ser morta, digna de se não matar.
 PYRAMBOÉRA, particula semelhante as antecedentes, mas com diferente sentido. *Y-juca-pyramboéra*, o que houvera de ser morto; mas não foi.
 PÝRA MEYMA, o mesmo que *Pyramo'ama*. *Y-juca-pyrameyma*, couza que não hade ser morta, digna de se não matar.

PYRANTANÇABA, alento, força, vigor.
 PYRANTANÇÁRA, alentador.
 PYRARAÇÓBA, cotovello.
 PYRI, para (proposição) que se emprega com os verbos de movimento para se ir ter com alguma pessoa a algum logar. *Pyri* rege o que nas escolas se chama accusativo da pessoa. — Ex. *A-ço xe-r-uba pymi*: vou ter com meo pae. *Tapyra o-ço o-goa pixara pyri*. O boi foi para os outros seos companheiros.
 PYRING, arripiar-se o corpo com medo: embair.
 PYROERA, nota do supino passivo, fallando no passado. *Y-juca-pyroéra*, o que foi morto.
 PYRÓN, calcar com os pés.
 PYRÓN PYRON, escoucinhar: uos couces.
 PYROPYTÁ, calcanhar.
 PYTÁ, calcanhar. Parar de uma vez — para ficar, — contraposto a *putuí*, que é — parar somente em quanto se descança.
 PYTAÇÓC, segurar para não cahir.
 PYTÉRA, e
 PYTERPE, meio.
 PYTUNÚME, de noite.
 PYTÝMA, tabaco.
 PYTÝMA ANTAN, molho de tabaco.
 PYTÝMA ÇUÍ, tabaco de pó.
 PYTÝMA RERÚ, caixa de tabaco.
 PYTÝMA TYBA, tabacal.
 PYXYB, untar.
 PYXYB JANDY' CARAY'BA PUPÉ, ungrir.

Q.

A maior parte dos termos desta lingua, que começam pelo som que esta letra representa, se encontrarão escriptos com *k* ou *c*. Observamos que nas syllabas — que, qui — o *u* deve ser pronunciado, como nas duas outras — qua, quo.
 QUÁ PUPÊ, nisto.
 QUÁ ROBAIXÁRA ÇUÍ, d'aquem.
 QUÊ (IKÊ), aqui.
 QUECÊ (COIOÊ), hontem. *Quecê Pedro ço-u*, hontem Pedro foi. *Quecê Pedro nde-recê y-maenduar-i*, — hontem Pedro de ti se lembrou. Neste ultimo exemplo, se pode também diser: *Quecê nde-recê Pedro maenduar-i*.
 QUÊ COTÍ, mais para a outra banda.
 QUÊ ÇUÍ, d'aqui.
 QUÊ PÊ, em outra parte.

QUÉR (do artigo *a*) — no infinitivo *quéra*, também se diz — *kér* — dormir.

QUIABÊ, desta maneira.

QUIABÊ CATÚ, assim mesmo, sem discrepar.

QUIABÊ RAMÊ IKÊ, á estas horas.

QUIBO', e

QUIBONGOTI, mais para cá.

QUIBONGOTY, para cá.

QUIG: I. exclamação de quem vê alguma couza ao longe, ou fora de proposito. II. Dição empregada somente pelas mulheres, nas mesmas circumstancias, em que os homens dirião cá. Denota resolução ou determinação de fazer alguma couza. Ex. *A-çó* — eu vou. — *A-ço-quistig*, quero-me ir. A esta dicção se pode antepor alguma das syllabas *ne* ou *pe*, disendo-se: *A-çó-ne-quistig*. A significação porêem fica sempre a mesma.

R.

Os vocabulos que não se encontrarem nesta letra, devem ser procurados *T* ou *Ç*. Não provem isto de que se possão escrever indifferente de um ou de outro modo; mas por que ha regras, que determinão os casos em que tem logar semelhante substituição.

I. Regra. Todos os nomes, que começam por *T* ou *Ç*, mudão estas letras em *R*, quando estão precedidos da pessoa ou cousa, a que se referem. Ex. *Teté*, corpo. *Xe-r-etê*, meo corpo *Pedro-r-etê*, corpo de Pedro. *Tuba*, pae. *Xe-r-uba*, — *Pedro-r-uba*. *Çaba*, penna. *Guira-r-aba*, a penna do passaro Exceptuão-se desta regra — *tayá*, o queimar da pimenta — *turuçu*, grande — *tinga*, branco. As posposições seguem a regra geral. Ex. *Tobaque*, em presença, — *Tenonde*, ante ou diante, soffrem a mesma modificação — *Xe-róbaque*, em minha presença. *Xe-renonde*, diante de mim.

II. *Ç*, quando é relativo, isto é, quando significa o mesmo que *seu*, *sua*, se transforma igualmente em *r*, quando vem precedido do nome a que se refere. Ex. *Oca*, caza. *Çoca*, sua casa. *Xe-r-oca*, minha caza. *Pê*, caminho; *çapê*, seu caminho; *xe-r-apê*, meu caminho. — *Nimbó*, fio; *cenimbó*, *xe-renimbó*. — *Mimóya*, couza cozida; *cemimóya*, *xe-remimóya*.

Para de algum modo completarmos estas observações, advertimos que os verbos acaba-

dos em *r*, o perdem no gerundio (*A-quer*, eu adormeço. *Guiqué*, dormindo eu) e formão os substantivos verbaes, com a mudança do *r*, em *çara* e *çaba*.

RA, RE, RO, RU, syllabas que se accrescentão aos verbos neutros do artigo *a*, tornando-os activos, com a significação que se verá nestes exemplos. *A-poám*, levanto-me. *A-ro-poám*, levanto alguma cousa commigo juntamente. *A-in*, estou quedo. *A-ro-in*, tenho commigo alguma cousa. *A-mano*, morro. *A-ro-mano*, faço morrer commigo, como: *A-ro-mano xe-angaturama*. Morre commigo minha bondade, ou, até a morte persevera commigo.

RAÇO (artigo *a*), levar. *O-gue-raço*, elle ou elles levão. *Pe-t-aço*, vós levais. E no infinitivo, *Ce-ráco*. *Ceraço-ara*, o que leva, — *Ceráço-pyra*, cousa levada.

RAMA, particula pospositiva que parece caracterisar o futuro imperfeito do infinito, nos verbos irregulares, como *A-raço* — *Ce-raço-rama*, que eu houvera de levar &c.

RAMBOËRA, caracteristico do futuro imperfeito do infinitivo. *Juca ramboëra*, que eu houvera de matar, mas não matei. *Çe-raço ramboëra*, de levar, mas não levei. *E-ramboëra*, que eu houvera de diser, mas não disse.

RAMÊ, adverbio de tempo com interrogação — quando? — É tambem a posição com que se responde á aquella pergunta. *Mbaê ramê?* Quando? *Pytuna ramê*, de noite. *Ecoema ramê*, pela manhã. *Caaruca ramê*, á tarde. *Amo-ramê*, algumas vezes.

RAMÓ, agora primeiramente. *Coyr amô*, ainda agora pela primeira vez.

RÁMO, caracteristico do gerundio dos verbos do pronome *xe*, que acabão em vogal com accento no ultima. Ex. *Xe-pochi*, sou máo, estou zangado. *Xe-pochi rámo*, a eu ser máo, para eu estar zangado.

RANHE, I. d'ante-mão. *Augê ranhe*, basta por ora. *Ta-ço ranhe*, que va primeiro. II. significa pressa ou adiantar-se. Ex. *Ta-ço ne-ranhe*, quero-me ja ir. *Xe-ranhe*, eu primeiro farei ou irei. *Maete ranhe*, olhai primeiro o que vos digo. *Maete-pe-rahne*, adverti vós outros. III. Junto ao verbo *A-ê*, negado, significa-ainda não. Ex. *Da-ei-rahne*, ainda eu não. *Der-ei-ranhe*, ainda tu não. *D-ei-ranhe*, ainda elle não. E desta maneira demandão qual quer

- outro verbo no gerundio. *Da-ei (guimano-mo) ranhe*, ainda eu não morri. *Der-ei (pe-e-çobo) ranhe*, ainda tu não foste. *Da-ei (gui-paca) ranhe*, ainda eu não acordei.
- RE**, veja-se *Ra*. II. depois, depois que. Neste sentido é equivalente de *Rirê* e *Reire*.
- REAPU**, nesta frase. *Mocaba reapu*, tiro. Vem de *teapy* ou *tyapu*, soar, faser estrondo.
- RECÊ**, ja que, por amor, por causa. *Tupana recê*, por amor de Deos. *Mbaê recê?* por que? *Coaê recê*, por esta razão. *Mbaê rama recê*, para que fim? *A-Tupã monghetá aba recê*; rogo a Deos por alguém. II. Também significa, com: *Aba omendar cunhá recê*, o homem casa com uma mulher. Também se dis mui elegantemente. *N-a-xerub portar-i de recê*, não te quero ter por pae. *N-a xe-r-ayg potar-i de recê*, não te quero ter por filho. *Xe anga coaib de-recê*, por ti ando affligido. *N-d-e maenduar xe recê*, lembrai-vos de mim. *N-a-xe-reçarai nde recê*, não me esqueço de vós. *A-poar de recê ne*, heide vos dar muita pancada. *Enhe-moçarai umê recê*, não zombeis de mim, ou não brinqueis commigo. *A-pococ baê recê*, as vezes significa-furtar — outras — applicar-se ao trabalho. *O-ico cunhá recê*, habet rem cum focmina.
- RECO** (do pronome *a*), ter.
- RECO AYBA**, opprimir.
- REIRE**, depois, depois que. *Xe-ço reire, tere-ço*, ireis depois de eu ir, ou depois da minha ida.
- REIYA** (ou **CEIYA**), bando, multidão. *Guirá reiya*, bando de passaros.
- RÊME**, quando, por que, como, se: é propriamente a syllaba que se accrescenta ao verbo acabado no indicativo em vogal singela, isto é, sem til, para formação do conjunctivo. *A-juca*, faz no conjunctivo, *juca-reme*. *Nde xe juca reme*, se vós me matardes a mim. *Yxe de juca reme*, se eu te matar. *Xe Pedro juca réme*, se eu matar a Pedro. *Pedro jaguara juca-reme*, se Pedro matar a onça. *Ço-reme*, do verbo *A-ço*, ir, se eu for, quando eu for. *Pedro-o-ço, o-mondoreme*: Pedro vai, por que o mandão.
- REMI**, particula que se accrescenta aos pronomes *xe*, *nde*, eu, tu; *yande*, *ore*, *pe*, nós, vós para os tornar possessivos. A syllaba *re* da particula, desaparece nas terceiras pessoas, que fasem *Ce-mi*, para o singular e plural. Estes possessivos (diz Figueira) se ajuntão com os infinitivos dos verbos activos, sem accusativo, e significão — não a acção, ou significação dos mesmos verbos activos; mas a cousa sobre que cahe sua acção. Ex. *Xe-remi-juca*, a cousa que eu matei. *Xe remi-mondô*, a couza que eu mando — ou o presente, ou o pagem. *D-e-remi mondô*, o que tu mandaste. *Ce-mi mondô*, o que elle ou elles mandarão. *Pedro remi mondo*, o que Pedro mandou.
- REPOTY'**, veja-se *tepoty*.
- RERECOARA**, aio, capataz, regedor, pastor.
- RERÚ**, vasilha. Veja-se *Urú*.
- RETÊ**, totalmente.
- RETYKERA**, rojões.
- RI**, o mesmo que *recê*: emprega-se quando sôa melhor que a outra.
- RIGHÊ**, ventre.
- RIRÊ**, o mesmo que *reire* e *re* no sentido de — depois, depois que.
- RÓ** (do artigo *xe*), *xe ró*, sou vesgo. Na terceira pessoa faz *y-ro*, elle é vesgo. II. particula. Veja-se *ra*.
- RO'**, por tanto.
- ROA**, veja-se *Caa*.
- ROAR**, nesta frase: *Roar ygára pupê*, embarcar alguma couza, mettel-a na canôa.
- RÓB** (do pronome *xe*), *Xe rób*, sou amargoso. Na terceira pessoa faz *Y'rob*.
- ROBIAÇABA**, credito.
- ROÇANG** (do pronome *xe*), *Xe roçang*, sou socegado. *C'o-çang*, na terceira pessoa.
- ROÇAPOCÁI**, publicar.
- ROIRON**, aborrecer, desprezar, recusar, vituperar, zelar.
- ROIRONÇABA**, aborrecimento.
- ROIRONÇARA**, aborrecedor, zeloso.
- ROJEBYR**, desandar, reduzir.
- ROJERÓ JERÓN**, reconciliar, faser amizade.
- RÓPAR** (do pronome *xe*), *Xe-ropar*, ando perdido. *C'opar*, na terceira pessoa.
- RÓ-YGÇANG** (do pronome *xe*), *Xe ro-ygçang*, estou frio. *Y-ro-ygçang*, na terceira pessoa.
- RU**, particula. Veja-se *ra*.
- RUÁ'**, dicção que anda sempre precedida de *na'*, porém mettendo-se entre ambas — alguma outra palavra ou palavras, e significão: Mas não. Ex. *Nã xe ruá aço*, mas não sou eu quem fui.
- RÚB** (na composição), palavra derivada de *tubã*. *Xe-rúb*, meo pae, e também, eu tenho pae.

RUNG } Estas dicções valem como verbos
 RUNGA } defectivos, pois não têm outras ter-
 RUNG-EME } minações; significão ordenar ou
 principiar. Ex. *Ai-co rung xe-r-uba*, faço a
 roça a meo pae. *Tia-ço mondé rung*, vamos
 pôr armadilhas. De modo que com o artigo
ai e qualquer nome junto, e no fim a dicção
rung, se faz um verbo activo, que pede accu-
 sativo. *Ai co rung xe-r-uba*, faço a roça a meo
 pae. *Co-runga*, no infinitivo. *Co-rung-éme*, no
 conjunctivo. *Ai epy rung*, eu dou principio.
A-ccéi rung, ponho em fileira.

RUPI, pelo, pela. *Çupi rupi catu*, por verdade.
 por verdade. *Copê rupi*, por detrás. *Pytéra
 rupi*, pelo meio. *Amó rupi*, pelo contrario.
Rupi, responde á pergunta: por onde? Ex.
Ma-rupi? por onde? *Taba rupi*, pela aldeia.
 — *Pe-rupi*, pelo caminho. *Paraná rupi*, pelo
 mar. *Iké rupi*, por aqui. *Alé rupi*, por lá.

RUPI VÊ. tanto que.

RUR (do pronome *a*), vir. *Xe maenduar de rura
 recé*, bem me lembro de vossa vinda. *Xe-rúra
 re*, depois da minha vinda.

RURÚ (do pronome *xe*), *Xe rurú*, estou inchado.
Yruru, elle está inchado.

RYIR (do pronome *xe*), *Xe ryir*, tenho sobrinhos
 por parte de minhas irmãs.

RYRY', tremer.

RYRY TUI ÇUÍ, teritar de frio.

T.

Esta letra é de uso muito frequente e de
 significação variada no tupy. Como, porém,
 não podemos precisar todos os casos em que
 ella pode e deve ser empregada, contentamo-
 nos com exemplificar dois em que ella mais or-
 dinariamente occorre.

I. Antes do artigo e do verbo, e então é ca-
 racterística dos modos imperativo ou permis-
 sivo. Ex. *T-o-juca*, matem elles. *T-iande-
 maenduar*, lembremo-nos. Mas, se o artigo
 começa por consoante, evita-se o encontro
 das duas, o que no tupy se não tolera, ajun-
 tando-se um *a* ao *t* para formar syllaba. *Ta-
 pe-maenduar-i-ne*, lembrai-vos. *Ta-nde-r-au-
 cub*, ame-te.

II. É também empregada na formação dos
 verbos, que podemos chamar oracionaes, pois
 se compoem de agente, verbo e paciente. Neste
 caso equivale ao *y* ou *ç*, quando apparecem

como relativos, e se colloca entre o artigo e a
 palavra que relatão. Mas isto se entende so-
 mente nos cazos em que o *t* é o relativo pro-
 prio do substantivo, de que o verbo se com-
 põe Assim, por exemplo, na palavra *tuba*,
 pae, — o *t* inicial é o relativo da propria pa-
 lavra, e significa — seo; pois que *tuba* absolu-
 tamente fallando quer diser — pae — e rela-
 tivamente — seo pae. Se com este substantivo
 e o verbo *judá* quisermos compor um dos taes
 verbos oracionaes, diremos. *A-tu-juca*, verbo
 activo, que significa — matar o pae. Por eu-
 phonia, diz-se *tu-çem* vez de *tub*. *A-tu-juca
 Francisco*, matei o pae de Francisco, ou litte-
 ralmente, Matei a Francisco o seo pae delle.

TA. gerundio do verbo — *a-jar*, a tomar, para
 tomar.

TABA, I. aldeia. *Y-taba*, sua aldeia. *Ta-pe*, pela
 aldeia, pela cidade. II. desinencia dos verbos
 em *ái, éi, íj, ói, úi*, na formação dos substan-
 tivos, que significão-tempo, modo, lugar ou
 instrumento com que alguma couza se faz.

TABA PÓRA, forro, livre, senhor de si.

TABATINGA, barro branco. As indias do Pará
 empregão-n'o na pintura das cuyas.

TABOCA, cana (producto conhecido). Levar ta-
 boca dis-se hoje d'aquelles, a quem sãe malo-
 grada alguma tentativa.

TAÇABA (substantivo derivado do verbo *a-jar*,
 tomar), instrumento, lugar, modo de se tomar.

TAÇARA (derivado do mesmo verbo — *a-jar*), o
 que toma.

TACONHA, membro viril.

TACONHÓBA, envulcre ou atadura do membro
 viril, de que os indios usavão ou por pejo, ou
 com o fim de occultarem alguma enfermidade.

TACONHÓ, bubão venereo.

TACUARA, cana brava. Era tambem o nome que
 davão os Muras as suas flechas de caça.

TAÇÚBA, febre, sezão.

TAÇÚBA AÝBA, febre maligna.

TAÇÚBA FORARÁ, ter febre, estar com febre.

TAÇÚBA RYRY, maleitas.

TACUTÚ, rio em que desagoa o *Mahú*.

TACYBA, formiga.

TACYBA CACY OÁÊ, formiga de fogo.

TACYBA CAINÁNE OÁÊ, formiga douda.

TACYRA, ferro de canôa.

TACYRA YBY' RUPIARA, ferro de abrir covas: ala-
 vanca.

- TAËNE-RANHE, eu primeiro. *Taene-rahne guixóbo*.
— Eu irei adiante.
- TAGOÁ, amarello. O P^c. Figueira dá a esta palavra a significação de barro vermelho.
- TAGOÁ CERANE, cõr loira: sarda do rasto.
- TAGOÁYBA, fantasma.
- TAIPÁBA, parede.
- TAIRÉRA, esperma.
- TAITATY, nota.
- TAIXI, formiga vermelha, mais pequena e mais dolorosa que a chamada de fogo.
- TAIXÓ, sogra do homem.
- TAJICA MÉNA, genro do homem.
- TAJYRA, filha (diz o pae). Escreve-se tambem *Tagira* e *Tajira*.
- TAMACARICA, tolda da canoa.
- TAMANDUÁ, animal conhecido.
- TAMAQUARÉ, certo lagarto, que as indias do Pará reputavão amavio.
- TAMATIÁN, nariz (da mulher). Esta palavra parece-me significar propriamente os órgãos sexuaes da mulher. O auctor, onde a li, escreve tambem *taconha*, nariz do homem. (Vocabulario manuscripto da A. R. das S. de Lisboa.)
- TAMARACÁ, sino. Palavra composta de *ita* e *maracá* — maracá de ferro.
- TAMARACÁ MERIM, campainha.
- TAMARACÁ RACONHA, badalo.
- TAMARACÁ RENDÁBA, campanario, torre.
- TAMARAMÓ, exclamação de quem deseja que alguma cousa aconteça.
- TAMBAQUI, peixe do Pará.
- TAMBÓRA (palavra portugueza corrompida), Ferreira escreve — *Tamora-merim*, imitação dos tambores, que os indios aldeiados fabricavão. Em 1788 remetteo aquelle naturalista para Portugal um destes instrumentos, mais curioso de certo pela materia do que pela mão d'obra. — A caixa era feita da madeira *Cupy ihúa*, as duas pelles da bateria de *cutia*, os arquilhos das pelles de juniparána, os dois arcos — superior e inferior, de araticum, a corda inferior, que serve de bordão e as outras, que entesão os arcos, de carauatá. Pintavão-nos com *taud*, *cury*, carajurú, anil e tabatinga, servindo-lhes de mordente a entrecasca da arvore *xixi*. A bandoleira era tecida das folhas da palmeira Tucumã.
- TAMBUAIÁ, ave ribeirinha, maior que o *jaburú*, de corpo branco, cabeça preta e peito encarnado.
- TAMIUÁ, animalejo que mata a arvore, a que se apega.
- TAMURÚPARÁ, ave unica cujo canto o *japim* não imita.
- TAMUYA, avô de uma e outra parte: é tambem o irmão do avô ou da avó.
- TAMUYA RAMUYA, tres-avô.
- TÂNHA, dente.
- TANIMBÚCA, cinza, borralho.
- TANIMBÚCA ÁRA, dia de cinza.
- TANINBÚCA CACY OAÊ, rescaldo.
- TAÓCA, formiga chamada — correição.
- TAPANHÚNA, preto, cáfuz: designa homem ou mulher.
- TÁPE (contractção de *taba* com a posposição *pe*), na aldeia.
- TAPECOABA, abano.
- TAPECOÁRA, o que abana.
- TAPEJARA, pratico do caminho.
- TAPÉRA, aldeia velha, sitio abandonado. Segundo Pison, significa tambem — andorinha.
- TAPERÚ, bicho.
- TAPERÚ PANA MBOI ÇARA, traça (bicho).
- TAPIXABA, vassoura.
- TAPUYA e tambem *Tapyiya*, gentio. Escripto do primeiro modo, o P^c. Figueira o dá com a significação de — choupana. *A-y-tapii mon-gatiron xe-cig*, concerto a choupana de minha mãe.
- TAPUYA CAAPÓRA, barbaro, selvagem.
- TAPUYA TAMA, certão.
- TAPUY-TINGA, francez.
- TAPY', ser fundo.
- TAPY'RA, anta, boi.
- TAPY'RA CAAPÓRA, anta.
- TAPY'RA CUNHÁ MUCÚ, novilha.
- TAPY'RA CURUMIM OÇÚ, novilho.
- TÁRA, desinencia dos substantivos formados dos verbos acabados em *ai*, *ei*, *ij*, *oi*, *ui* para designar a pessoa que exercita a significação do verbo. *Tára* é tambem o infinitivo do verbo *a-jar*, tomar, o qual tem por terceira pessoa relativa — *tari*.
- TARACUÁ, formiga de cor vermelha ou preta. A vermelha causa os mesmos estragos que o *Cupim*, e da casa, lavada em cinza de cacão, se faz ísca. Veja-se *Parinary*.
- TARAUÝRA, certa lagartixa: o peixe chamado — quatro olhos.
- TARAUÝRA BOIA, cobra amphibia.

- TARÊME, conjunctivo do verbo — *a-jar*, tomar.
 TATÁ, fogo, lume. *Moar tata*, fusilar.
 TATÁ BERÁBA, chamma de fogo.
 TATÁ MERIM, faisca.
 TATÁ MOACÁBA, fusil.
 TATÁ MONDÝCA, accender fogo.
 TATÁ OÇÚ, fogareiro.
 TATÁ POTABA, isca para accender fogo.
 TATÁ PÝNHA, braza, carvão.
 TATÁ PÝNHA OÇÚ, tição.
 TATÁ PÝNHA RERÚ, fogareiro.
 TATÁ RENDABA, lar do fogo.
 TABÁ RENDY, luminaria.
 TABÁ TINGA, fumo, fumaça.
 TATÁ TINGA MONHANG, fumegar.
 TATÁ TINGA REPOTY, fuligem.
 TATÁCA, especie de rã.
 TATÚ, animal conhecido.
 TATÚBA, sogro do homem: tambem se escreve — *Tatyba*.
 TATUI, ralo (insecto).
 TAUÁ, barro amarello.
 TAUARÝ, arvore, de cuja entrecasca se fazem capas de cigarros.
 TAUJÊ, está feito: logo.
 TAUJÊBE, logo.
 TÁY, arder a bocca com pimenta.
 TÁYA, o queimar da pimenta.
 TAYAÇÚ, porco. Os chefes dos gentios do Rio Branco trazião por destincção, em collares, ao pescoço os dentes deste animal.
 TAYAÇÚ ÁYÁ, porco domestico.
 TAYAÇÚ AYA MERIM, leitão.
 TAYAÇÚ ETÊ, porco montez.
 TAYAÇÚ PÊBA, uma especie, de corpo pequeno.
 TAYA TINGA, porco de queixada branca.
 TAYATYTÚ, hoje *caitetú*.
 TAYGOARA, forro, livre, senhor de si.
 TAYNHA, menina.
 TAYÓBA, couve.
 TAYRA, filho. *A tayg-nupã se atuaçaba*, açoitado o filho de meo compadre.
 TAYRA ANGÁBA, afilhado do homem.
 TAYRATY, nora do homem.
 TAYUMÉNA, genro do homem.
 TÊ, eis, senão quando! mas antes, finalmente.
 TEAPU (tambem *Teapy* e *Tyapú*), patear, retumbar, soar, zunir: rumor, som, estalo, estrondo.
 TEARÓN, madura (dis-se da fructa).
 TEBIRA, o nefando (quid?).
 TEÇÁ, olhos.
- TECATUNHÊ, sobre maneira.
 TECÓ, indole, poder, estilo, lei, modo, obrigação, natureza, preceito, sizo.
 TECÓ ACY, rigor.
 TECÓ ANGAIPÁBA, peccado.
 TECÓ ANGAIPÁBA MERIM, peccado venial.
 TECÓ ANGAIPÁBA MONHANGÁRA, peccador.
 TECÓ ANGAIPÁBA OÇÚ, peccado mortal.
 TECÓ ANGAIPÁBA OÇÚ ETÊ TECATUNHÊ, sacrilegio.
 TECÓ AYBA, tormento, prisão, crime, risco, perigo.
 TECÓ AYBA GOÁRA, culpado.
 TECÓ AYBA MOAPYR, aggravar o crime.
 TECÓ AYBA PÓRA, condemnado ao castigo.
 TECÓ CATÚ, paz.
 TECÓ COAÚB, entendimento, intelligencia.
 TECÓ COAÚB CÁNHEMO, perder o juizo.
 TECÓ COAÚB CATU, prudente.
 TECÓ COAÚB OAÊ, racional.
 TECÓ MONHANG, constituir, dar occasião.
 TECÓ MONHANGÁBA, mandamentos da lei de Deos.
 TECÓ PORÁNG, fortuna.
 TECÓ PORÁNG-ETÊ, boa fortuna.
 TECÓ POXÍ, vicio.
 TECÓ RANA, lei falsa.
 TECÓ TEMBEM, afflicção, aperto, necessidade.
 TECÓ VÊ (ou BÊ), vida.
 TECOABA (substantivo derivado do verbo *A-icó*, estou, ou tenho ser), o lugar em que se está.
 TECOÁRA (derivado do mesmo verbo), o que está ou vive.
 TECOARAIBÓRA, o medroso, o fugitivo.
 TECUÁU, cabellos occultos.
 TEÉM, de balde.
 TEÉM ÁRA OMOMBÁO, gastar mal o tempo.
 TEÉM NHOZE, injustamente.
 T-E-I (imperativo do verbo *A-e*), diga elle, digão elles.
 TEICOÁRA, anus.
 TEIMOMÁ, Praza a Deos! veja-se *Temomá*.
 TÊINHE, deixa-o faser. *Têinhe o-ço-bo ranhe*, deixa-o ir primeiro. *Têinhe to-ro-çone*, iremos nós primeiro. Tambem se dis — *Teinhé*, e é palavra, que leva o verbo ao gerundio. *Teinhé o-ço-bo*, deixal-o ir: vá embora.
 TÊINHÉA, fabulas.
 TEIPO, finalmente.
 TE-IQUE-ABA (do verbo *A-ique*, entrar), logar, porta, entrada.
 TE-IQUE-ÁRA, o que entra.

TARÊME / TE-IQUE-ÁRA

- TEITÊ, coitado.
 TEITÊ AYRA, acanhado.
 TEITÊ IXÊ, ai de mim!
 TEITÊ NDÊ, ai de til!
 TEITÊ RAË, oh! coitadinho!
 TEITÊ-NHEUME, para que não aconteça.
 TEJÚ, lagarto. Outros escrevem *Tiú* e *Teiú*.
 TEJÚ CATÁCA, lagarto escamoso.
 TEJÚ CÉMO, lagarto de pelle liza.
 TEJUPÁBA, cabana.
 TEMBÊ, beijo.
 TEMBÊM (OICÒ), ter necessidades.
 TEMBIÚ, sustento, alimento, igoaria, mantimento.
 TEMBIÚ CORÉRA, migalhas da meza.
 TEMBIÚ MONHANG, cosinhar.
 TEMBIÚ OÇÚ, banquete, convite.
 TEMBY, quartos, cadeiras.
 TEMÊ, o mesmo que *Tembem*.
 TEMETÁRA, pedra que os Botocudos trasião enfiada no beijo.
 TEMIARIRÓN, netos do mulher.
 TEMIARIRÓN RAÝA, bisnetos da mulher.
 TEMIMINÓ, netos do homem.
 TEMIMINÓ RAÝA, bisnetos do homem.
 TEMIMONHÁNGA, obra.
 TEMIRICÓ, mulher (com referencia ao marido).
 TEMIRICÓ MYMBYRA, enteado, ou enteada do homem.
 TEMÓ, oh! se ora acontecesse!
 TEMOMÁ, oxalá! — *A-juca temomá*, oxalá matasse eu! *Xe maenduar temomá*, oxalá me lembrasse eu!
 TEMONE, o mesmo que *Temo*. Oxalá, para bem ser. *Temone o-ço-bo*, Oh! se elle ora fosse (ou) para bem havia de ir.
 TEMTEM, ave pequena, cantora.
 TÊNA, dis-se de uma couza que está fixa.
 TENDABA, substantivo do verbo *A-in* (estar deitado) que exprime o logar, tempo ou modo. Também significa — sitio, porto, paragem.
 TÊNE, mas antes; finalmente.
 TENDY, baba.
 TENDY PÝCA CAPENA, rodella dos joelhos.
 TENDYRA, irmão do homem.
 TENHÊ, deixa! ta! não mates. *Tenhê tenhê*, ta! ta! II. Debalde *O-ço tenhê*, foi debalde. III. Equivale algumas vezes á negação. *Tenhê ime*: desvia-te: guarde, não... IV. *Taurê tenhê*, que venha primeiro. *Tenhê tomonhang*, deixa que fação.
- TENHÊ TOICÓ, deixar estar.
 TENIBABA, barba.
 TENICÉM, couza cheia.
 TENING ou TINING, sêca (substantivo).
 TENING CERÁNE, murchar.
 TENONDÉ, diante, adiante, antecedente *Xerenonde*, diante de mim.
 TENONDÉ KETY, avante! para diante.
 TENONDÉ OICÓ, proseguir.
 TENONDÉ OMAÉM, para diante.
 TENONDEÇÁBA, ádiamento, dianteira.
 TÊO-TÊO, ave conhecida.
 TEÓN, morte: morrer (do verbo *a-mano*). *Teón-eme*, morrendo.
 TEÓNÇÁBA (do verbo *a-mano*, morrer), logar, tempo, instrumento com que se morre.
 TEONGOÉRA, defuncto, cadaver, corpo morto.
 TEONGOÉRA REJITABA, tumba.
 TEONGOÉRA RERÚ, tumba, esquife.
 TEPECUÍM, casa da formiga saúba.
 TEPOPY'R, largo.
 TEPOPYRÇÁBA, largura.
 TEPOTY ou TYPOTY, esterco, escremento, sarro, ferrugem.
 TEPOTY PYRANGA, cursos de sangue.
 TEPOTY QUÉRA, tripas.
 TEQUÉRA, irmã mais velha.
 TETÊ, corpo.
 THEINE, deixa isso, cessa de faser.
 THÓ, dis o que se espanta, ou caé no que se lhe diz.
 TIA-Ê (do verbo *a-é*), digamos.
 TIÊ, ave.
 TIJUAÊ (melhor *Tujuaê*), velho.
 TIJUAÊ ÇÁBA, velhice.
 TIJUCUPÁO, baixos do rio.
 TIM, nariz, fociinho, vergonha: prôda da embarcação, bico da ave.
 TIM GOÈRE, vergonhoso.
 TIM OÇÚ, narigudo, fociinhudo.
 TIMA, infinitivo do verbo *a-nho-tim*, que faz no conjunctivo *time*, enterrar.
 TIMBÁBA, e
 TIMBÁRA, substantivos formados do verbo *a-nho-tim*. Veja-se *tima*.
 TIMBÓ, cipó, que embebeda o peixe.
 TINGA, couza branca: fastienta. *Ybytu tinga*, nuvem.
 TINOÁBA, barba.
 TINOÁBA MONHANG, barbear.
 TINOÁBA MONHANGARA, barbeiro.
 TIPÁO, baixa mar.

TIPAQUENA, correnteza.
 TIQUYRA, irmão mais velho. Outros escrevem *Tykyra*.
 TITICA, o palpitar. *Tagica titica*, pulso. *Ceça titic*, pestanas.
 TITUBÊ, sem dúvida, deveras, certamente.
 TIVIRO, máo, nefando.
 TOAÇABA, compadre, comadre.
 TOBA (ÇOBA), cara, rosto.
 TOBA CATU, graça no rosto.
 TOBA CURÚBA, espinha carnal.
 TOBAJÁRA, cunhado do homem.
 TOBAQUE, em presença. *Xe-robaque*, em minha presença.
 TO-ÇO-RANHE, que va primeiro.
 TOMUNHEÉNG, assobiar. *Tomunheenguera*, asso-
 biador.
 TORINA, calções.
 TOROTÓ, vesgo.
 TORY, faxo.
 TORYBA, alegria, festa.
 TORÝCA, cursos de sangue, camaras (doença).
 TOÚMA, remela.
 TOUNERÁNHE, esperemos mais. Ex. *Toume aba ruri ránhe*, esperemos que venha o homem.
 TOYRÓN, ter ciúmes, zelar.
 TRACAJÁ (A. R. Ferreira escreve mais acertada-
 mente *Taracajá*), tartaruga redonda, do sexo
 masculino.
 TRAPOÉBA (melhor *Tarapupéba*), osga (bicho).
 TRAPOÉBA PENIMA, osga pintada.
 TRAPOÉBA TINGA, osga branca.
 TROCANO, diz Ferreira, era o instrumento de
 guerra de quasi todos os gentios do Pará,
 como o havia na aldeia antigamente chamada
 do Trocano, hoje Villa de Borba. Serve ao
 gentio de caixa de guerra para as suas chama-
 das, e tambem para os avisos, que de parte a
 parte fazem humas a outras aldeias, quando
 ha novidade que participar aos aliados, que
 estão mais distantes. De sorte que a primeira
 aldeia, que ouve o signal do Trocano, o parti-
 cipa a outra, sua immediata, fazendo o mesmo
 signal, e assim em breve tempo se avizão
 ainda as que estão mais remotas. Tambem
 serve para chamada de baile, e se destingue
 pelo diferente toque.
 „Fazem-n'o de algum tronco de arvore,
 cuja madeira seja dura e compacta, que não
 suffoque o som que procede das pancadas das
 vaquetas. A *Cupi-ihua* é uma das mais empre-

gadas. Escavão o tronco ao fogo, e dão po-
 limento á obra com os dentes de cutia, caititú
 e conxa uruá, com que lhe abrem seos lavo-
 res. Nem todos tem o mesmo numero de aber-
 turas, mas duas, tres e mais. A forma tam-
 bem varia, pois o que descreve Gumilla no seo
 Orinoco illustrado tem a figura de um rabeção.

„As vaquetas são duas maças á maneira de
 embolos de seringa, com estopadas feitas de
 nervo de borracha, ou com os engajos do caxo
 da palmeira *pataudá*. Para o tocar suspendem-
 n'o do chão com o cipó *timbó-titica*, sobre
 duas forquilhas.

TÚBA, pae. É tambem o infinitivo do verbo
a-jub, estar deitado, o qual faz *tuma* — no
 conjunctivo.

TUBIXABA, cousa grande.

TUÇABA (do verbo *a-jur*, vir), tempo ou caminho
 por onde se vem.

TUCANGUIRA, formiga preta, cuja picada é muito
 dolorosa.

TUCANO, ave.

TUCANO BOIA, cobra que se assemelha nas cores
 ao passaro do mesmo nome.

TUCÁ TUCÁ, dar murros. Donde a gente do
 povo fez o verbo *cutucar*, acotovelar.

TUCUCÚR, beber a tragos.

TUCUMÁ-Y', palmeira cujos fructos se comem
 crus: do succo, misturado com alguma agoa,
 fazem o vinho, que chamão *Tucumã*.

TUCUNARÉ, peixe semelhante á tainha grande.

TUCÚRA, gafanhoto.

TUÊME, guarda te! não façás. Esta dicção pede
 o verbo no gerundio. *Tueme e-ço-bo*, guar-
 date, não vás!

TUGUÍ, tambem *Teguy'*, sangue.

TUGUÍ AYBA, humores.

TUGUÍ RAJICA, veia.

TUGUÍ RÁPE, veia.

TUGUÍR, côr parda.

TUJUAÊ ou TIJUAÊ, velho. Figueira escreve
Tuibãê.

TUJUAÊ ÇABA, velhice.

TUJUAÊ RETÊ, velho decrepito.

TUJUJÚ, ave ribeirinha, que nidifica no cimo das
 arvores, e sustenta-se de peixe. Põe só um
 ovo, e delle se acredita que uma vez sae fe-
 mea, e outra macho.

TUMBÝRA, bicho dos pés.

TUMÚ TUMÚNE, cuspinhar.

TUMÚNE, cuspir.

- TUNGA, parece ser o mesmo que *Tumbyra*.
 TÚPA, gerundio do verbo *a-jub*, estar deitado.
 TUPÁBA, lugar, tempo, ou modo de estar deitado.
 TUPAÇÁMA, atilho, corda.
 TUPAN e TUPANA, Deos. trovão, a hostia depois de consagrada.
 TUPAN BERÁB, relampejar.
 TUPAN BERABA, relampago.
 TUPAN IANDE RECO BEBÊ MEÉNGARA, Deos vivificador.
 TUPAN IGOAÇUÇÁBA, divindade.
 TUPAN JIMBOEÇÁBA, louvor divino.
 TUPAN MOETEÇÁRA, temente a Deos.
 TUPAN NHEÉNGA, evangelho.
 TUPAN NHEÉNGA COTIAÇÁRA, evangelista.
 TUPAN NHEÉNGA OMOCÉNO OÁÊ, pregador evangelico.
 TUPAN OATÁ, procissão.
 TUPAN ÓCA, igreja.
 TUPAN ÓCA MERIM, oratorio.
 TUPAN OCA ROCARA, cemiterio, adro.
 TUPAN POTÁBA, dizimo, esmola.
 TUPAN RATÁ, purgatorio.
 TUPAN RAÝRA, catholico, christão.
 TUPAN RECÊ, pelo amor de Deos.
 TUPAN RECÓ, religião.
 TUPAN RECÓ BEÇÁBA, bem aventuração.
 TUPAN RECÓ JABIÇÁBA, irreverencia, superstição.
 TUPAN RECÓ MONHANGARA, bemaventurado.
 TUPAN RECÓ PORACAÇÁBA, virtude.
 TUPAN RECÓ PORACAÇÁRA, virtuoso.
 TUPAN RECÓ RUPI, christamente.
 TUPAN RECÓ ROYRÓNÇARA, arrenegar da fé.
 TUPAN RENDÁBA, sacratio.
 TUPAN RERA OCENOI, jurar. *Jereragoaya rupi*
Tupan rera ocenói, jurar falso.
 TUPAN ROBAÝANA, herege.
 TUPAN ROCA, templo.
 TUPAN TAYRA, Christo.
 TUPAN TAYRA RANGÁBA, crucifixo.
 TUPAN YG, agua benta.
 TUPAN YG RERÚ, caldeirinha ou pia d'agua benta.
 TUPANRÁR, commungar.
 TUPANRÁRA, communhão.
 TÚRA, infinitivo do *a-jur*, vir. *Tu*, no gerundio.
 — Ex. *Gui-tu, Turémé*, no conjunctivo, *Turi*, terceira pessoa relativa.
 TURÚ, molusco de cabeça rigidissima, que broca a madeira, quando por algum tempo jaz dentro d'agua.
- TURUCÚ, grande.
 TURUCÚ ETÊ, muito grande.
 TURUCÚ MERIM PORYB, pouco mais.
 TURUCÚ PORYB, a maior parte.
 TURUCÚ PY'R, maior.
 TURUCUÇÁBA, grandeza.
 TURY, arvore, o mesmo que *Guajará-ihúo*.
 TUTÚCA, palpitar, cahir a fructa.
 TUTÝRA, tio, irmão do pae ou da mãe.
 TUÚMA, massa, miolo, polpa da fructa.
 TUÝ, frio, arripios de frio.
 TY, e tambem *Tyg*, succo, sumo, licor, mólho. ourina; mas neste sentido toma *y* para relativo *Y-tyg*, sua ourina. *Ty-carúca rerú*, bexiga.
 TYABÓRA, falta de sustento.
 TYAPÝRA e tambem *Tyapita*, favo de mel.
 TYÁRA OÇU, comilão, guloso, alarve.
 TYÁYA, suor.
 TYÁYA CENIBÁBA, poros do corpo.
 TYBA, feitoria, sitio onde ha muita abundancia de alguma cousa. Equivale á desinencia portugueza em al. Ex. *Arêa* — *Yby' cui*; areal — *Yby cui tyba*.
 TYBÚYRA e TUBYRA, pó de alguma couza. Encher-se de pó.
 TYBYRÓCA, espanar, limpar o pó.
 TYBYTÁBA, sobrancebas.
 TYCARÚCA, ourina.
 TYCARÚCA RERÚ, bexiga, ourinol.
 TYCOÁR, misturar com agoa.
 TYCOÁRA, o sumo de qualquer fructo com farinha, agua e assucar.
 TYCÚ, liquido, cousa liquida.
 TYCUPÝ (hoje *Tucúpin*), succo da mandioca.
 TYJEPOI ÁRA, dia de finados.
 TYJÚ, escuma.
 TYJU-ÓCA, escumar.
 TYJUCA, lama, barro podre; apodrecer.
 TYJUCOPÁBA, atoleiro, terra lamacenta.
 TYJUCOPÁO, baixos do rio, lamaçal.
 TYKYR, manar, distillar, derreter.
 TYKÝRA, agoardente de farinha.
 TYPAKUENA e TYPQUENA, correnteza.
 TYPY' e TEPY, ser fundo. *Ceçá tepy tepy*, olhos encovados.
 TYPY' ETÊ, cousa profunda.
 TYPYÇÁBA, profundeza, concavidade.
 TYPYÓCA, tapioca.
 TYPYRATI, farinha crua da mandioca cortada em rodas, secca ao sol e pizada a pilão.

TYPYTI, manga de esteira para preparar a mandioca.

TYPYTING, cousa turva.

TYRÁ, conducto.

TYRYBA, o mesmo que *Toryba*, festa.

TYRYC, desviar-se.

TYRYCÊME, cheio.

TYRYCÊME OÁNE, abarrotado.

TYRYÚME, encontra-se nesta frase. *Tyryime icúa rupi*, no sentido, de meio-cheio, ou literalmente, cheio pela cintura ou meio. É pois o mesmo que *Tyrycême*.

TYTYC, latejar a arteria temporal, palpitar, tremer.

U.

U (verbo de artigo *a*), *a-u*, eu como. Veja-se *Uú*.

A-por-ú, comer gente: no gerundio — *poru abo*. O verbo *ú* faz no gerundio — *guabo*, e tem por verbaes — *G-ú-aba*, *G-ú-ara*. Os participios passivos formão-se antepondo-se ao infinitivo do verbo a syllaba — *mi*. *Mi-ú*, a couza que se come. Mas como estes participios admitem os possessivos *Xere*, *Ndere*, *Ce &c.*, tambem se poderá diser *Xere-mi-ú*, a couza que eu como; *Ndere mi-ú*, o que tu comes, *Ce-mi-ú*, o que elle come; e no reciproco *O-gue-mi-ú*.

UAICÁ, gentio do Rio Branco.

UANIXI, arvore, de cujas sementes as indigenas do Rio Branco fazião collares.

UATAPÚ, distinctivo que os principaes „Uapixanas“ usavão trazer pendente sobre o peito.

UÇÁ, caranguejo: tosse.

UÇAR, encontra-se nesta frase: *Porára uçar*, trastear.

UCAR, dicção que por si só nada significa; mas junta-se: I. aos verbos activos, e significa constrangimento na execução do seo significado. Ex. *Ai monhang ucar Pedro çupe*, faço faser a Pedro. *A-juca ucar iaguára Pedro çupe*, fiz matar uma onça a Pedro, ou fiz com que Pedro a matasse. II. Tambem se ajunta com os verbos que de activos se fasem passivos com as particulas *ye*, *nhe*. Ex. *A-ye-juca ucar Pedro çupe*, fiz-me matar a Pedro. *A-ye-apin ucar*, fiz-me tosquiar. III. Tambem se ajunta aos verbos compostos dos activos com a particula *poro*, a que a Grammatica chama absolutos. *A-poro mbaê ucar Pedro çupe*, faço

com que Pedro seja mestre, e ensine a gente. IV. Observaremos por fim que a dicção *ucar* se não ajunta com os verbos do pronome *xe*, nem com os de mais neutros.

Uí (pronome), esse, esses; (substantivo) farinha. Com esta significação escrevem alguns *Uy*.

Uí ATÁ, farinha bem cosida, que levavão em suas marchas, a qual depois se chamou farinha de guerra.

Uí CATU, farinha d'agoa.

Uí EÇA COATINGA, farinha mais de meio cosida.

Uí MOYÍ PÁBA, farinha espremada.

Uí PÚBA, farinha feita da mandioca, que se deixou muito tempo de molho n'agoa corrente.

Uí TINGA, farinha meio moida.

UIRÁ, tatu (animal).

UIRAPÁRA, arco de atirar.

UIRAPEQUÊ, especie de tartaruga.

UITÁBO e tambem *Vitábo*, nadar.

UITÁBO OÁÊ, nadador.

UITÁBO OÇAÇÃO, passar a vão; vadear.

UKÉI, cunhada da mulher.

UMÁN, adverbio de tempo, ja. Ajuncta-se as mais das vezes aos verbos como caracteristico do preterito perfeito. *Oso uman*, ja foi; *a-juca uman*, ja matei. Disemos — *ús* mais das vezes, por que tambem pode ser empregado em outros modos de fallar; como, no imperativo: *t-ia juca uman*, matemos já; ou no presente: *a-jur umán*, ja venho ou ja vou.

UMÁN AERÊME, ja então; dicções que se accrescentão aos verbos, em lugar de *uman*, para denotar mais claramente o preterito plus-quam perfeito. Ex. *A-juca umán aerême*, ja eu então tinha morto.

UMAÇUIPE? donde vem?

UMAMÊPE? onde? em que lugar?

UMÁPE? com a mesma significação de *Umamêpe*.

UMARUPIPE? por onde?

UME, particula que se accrescenta ao imperativo com negação. *Ê-juca ume*, não mates tu. E tambem ao modo permissivo. Ex. *T-a-xe maenduar-ume*, não me lembre eu.

UMÊNÊ, negação do futuro. Ex. *T-a-juca umene*, não matarei eu. Tambem se diz. *T-a-xe maenduar umêne*, não me lembre eu.

UMOÁN, caracteristico do preterito perfeito, que tem o mesmo sentido e se emprega como *umán*.

UNA, emprega-se na composição em lugar de *pituna*, negro, escuro, preto. Rio preto ou negro, dirião os indigenas — *yg* — ou *y-una*:

nós disemos *Una* simplesmente, por que o *yg* se acha tradusido na palavra portugueza que se lhe accrescenta: *Rio Una*.

UPE, contração de *pupê*. *Oc-upe*, em casa, ou — para casa.

UR, vir.

UR OARÁMA OAE ETÁ, vindouros.

URA, berne (bicho).

URAPEMA, crivo, peneira.

URFE, debaixo.

URÚ, cofo. Urú (escreveo Ferreira) são cesti-nhos que fazem os gentios do Rio Branco, e trazem, como os soldados as patronas, ser-vindo-lhes de bandoleiras cordões de algodão tingidos de *urucú*. São tecidos das cascas dos talos da planta *guarumá*, e servem-lhes para guardar o urucu, collares, braceletes e suas curiosidades.

Urú em sentido generico significa — vaso, vasilha. Na composição transforma-se algu-mas veses em *reru*, que exprime o mesmo. „Em respeito de quem traz a vasilha, escreve o P. Figueira, se dis *Xere-purú*, *Ce-purú*. Em respeito da cousa que está dentro della *Xe-rurú*, *Ç-urú*. A vasilha d'agua em respeito de quem bebe por ella *Xe-ygua-burú*. A vasilha em que se come, ou prato ou tigella, em res-peito de quem come nella *Xere-miurú*, *Ce-miurú*.“

URUÁ, concha do rio Branco, que tambem se encontra em outros logares nas Provincias do norte.

URUBÚ, ave conhecida.

URUCÚ, planta: tinta vermelha.

URUPÊ, tortulho.

URUTÁGUA, ave nocturna, que se alimenta de insectos, e imita no canto a voz humana.

UÚ, comer, beber: catarro, tosse. Veja-se — *U*, e *Vú*.

UÇABA, beberagem.

UY'BA, frecha.

UY'BA ACY', frecha hervada.

V.

VAURÁNA, impigem.

VÊ, ainda, tambem.

VI, veja-se *Ui*.

VIDRO CENDYPÚCA ETE OAE, crystal.

VITÁBO, veja-se *uitábo*.

VÚ, veja-se *ú*, e derivados.

X.

XAMA, corda. *Ita-xama*, cadeia de ferro, cor-rente.

XE, I. pronome com o qual se conjuga uma classe dos verbos desta lingua: faz nas outras pessoas — *nde*, tu — *y*, elle ou elles. *Yande*, *ore*, nós — *pe*, vós. II. Quando a este pro-nome se ajunta um adjectivo, o pronome se converte no verbo *ser*. *Xe catu*, eu sou bom. *Xe pochi*, sou máo ou feio ou sujo. *Xe angaturám*, sou virtuoso. *Nde angaturám*, tu és virtuoso, e assim as mais pessoas. III. Tem igualmente força de pronome possessivo, — meu, minha, teu, tua &c. Neste caso, ajun-tando-se-lhe qual quer nome substantivo, toma o sentido de *ter* ou possuir. *Cyg*, mãe; *xe-cyg*, tenho mãe. *Co*, roça; *xe-có*, tenho roça; *yande-co*, nos temos roça; *pe-co*, vós tendes roça; *y-co*, elle ou elles tem roça. — Não nos esqueçamos porém de que *xe* e seus correla-tivos são propriamente pronomes possessivos. *Xe-co*, *xe-cyg*, significa, minha roça, minha mãe. Do modo de fallar se comprehende quando apparece com aquelle outro sentido. IV. Assim pois, como possessivo, *xe* e os seus correlativos se ajuntão a todos os nomes de couzas que podem vir a possessão. Ex. *Xe-co*, minha roça; *xe-r-uba*, meo pac. V. Tam-bem se ajunta aos infinitivos dos verbos não activos, significando o exercicio da acção dos taes verbos. *Xe-quera*, o meo dormir; *xe-paca*, o meo acordar. VI. Ajunta-se em fim aos in-finitivos dos verbos activos com a condição que levem claro o seo accusativo. Ex. *Xe Tupan-r-auçúba*, o meo amor a Deos. *Nde-xe-amotareima*, o vosso odio para commigo.

XE-MBAÊ, o meo, o que me pertence.

XE-MÉNA, diz a mulher ao marido.

XEMERICÓ, diz o marido á mulher.

XEMOCANHÉMO, enfeitico.

XEPIACA AÚB, saudades.

XEPIACÁBA AKÝRA, cor verde.

XÊRE ou melhor *xêremi*: ajunta-se a dicção — *remi*, a todas as pessoas correlativas deste pronome no mesmo sentido de — meo, teu, seu &c. — Estes possessivos se ajuntão com os infinitivos dos verbos activos sem accusa-tivo, e significão, não a acção dos mesmos

- verbos, mas a cousa sobre que cáé a sua acção. Ex. *Xeremi-jucá*, a cousa que eu matei. *Xeremi mondó*, a cousa que eu mando. *Xeremi-ú*, a cousa que eu como.
- XERIMBÁBO, animal domestico ou domesticado, que se tem em estimação.
- XÓ, I. apre, apage, irra! II. Primeira pessoa do gerundio do verbo *a-ço*. *Gui-xo-bo*, indo eu. III. Esta dicção acompanhada de — *ne* — denota negação do futuro do indicativo. Ex. *Na-juca xone*, não matarei.
- XÓARA, dicção que apparece depois de *i* ou *y*, denotando frequencia ou continuação de alguma acção. *Xe-yby-ri-xoéra*, o que está junto de mim, á minha illiarga.
- XOÉNE, dicção que se emprega em vez de *xóne* III. *Na-juca-i-xoéne*, não matarei.
- XOÉR, I. dicção que significa frequencia na acção de alguma pessoa: igualmente empregada depois de *i* ou *y*. *Nheéng-i-xoéra*, o palreiro. *A-y-juru mopen nheéng-i-xoera*, quebro a bocca a um fallador. II. Seguida de *temomã*, *meimã* e *meimomã*, se acrescenta aos verbos para os negar no modo optativo. *Na xe-maenduar-i-xoe* (ou *xoer*) *momã*, Praza a Deos que não me lembre eu.
- XOÉTE, acompanhado de *momã* &c., serve para se negar o presente e imperfeito do optativo. *Na-juca-i-xoete momã*, Oxalá não matasse eu!
- XORORÓ, especie de *nhambú*.
- XUBAN (artigo *ai*), chupar. *Quecê baeacibora pajé y-xuban-i*, hontem o feiticeiro chupou o inferno. Neste caso tambem se pode diser: *Quecê pajé baeacibora çuban-i*. Faz no conjunctivo *Çuba-neme*. A letra natural deste verbo é *ç*, e por isso faz no conjunctivo *Cuba-neme*, mas como pertence ao artigo *ai*, entra na regra geral, que transforma em *x* o *ç*, quando vem precedido de *i* ou *y*.
- XUÚ (artigo *ay*), morder; faz no gerundio *Çu-guabo*. *Çuú*, lê-se no Diccionario brasiliano, e com razão, porque effectivamente a letra natural deste verbo é *ç*; e se, com o P^o. Figueira, a transformamos em *x*, é pela regra que deixamos consignada no artigo — *Xuban*.

Y.

Grande numero dos vocabulos, que começam por Y, ja ficão atraz referidos na letra L

- onde devem ser procurados.
- Y, pronome relativo e dicção que frequentemente occorre na composição. Veja-se I nas suas differentes significações.
- YA. Veja-se *Ia*. Pessoa do artigo (a) nós, e tambem do gerundio. Ex. *Ya-páca*, acordando nós. II. Ainda bem! — Neste sentido emprega-se com o verbo no gerundio. Ex. *Ya omano-mo!* ainda bem, que morresse. Veja-se *Ia* II e III.
- YAI (do artigo *ai*), nós.
- YANDE (do artigo *xe*), nós. II. Possessivo: nosso, nossa. III. *Yande remi*, possessivo que se emprega nos mesmos cazos que o *Xe-remi*.
- YÁNG, esse, esses.
- YAPECUÍ ou IAPECUÍ, remar.
- YAPECUITABA ou APECUITÁBA, remo.
- YAPECUITARA, remeiro.
- YAPIXAIM, crespo.
- YÁRA, veja-se *Iara*.
- YÁRA RUPI, por cima.
- YÁRPE, alem disso.
- Y'BA, cabo de qualquer instrumento; couza má: mastro. *Cotnga yba*, mastro da vela.
- YBÁ, arvore, porém com mais propriedade fructa. *Yba, hiba, úla* é a desinencia de grande numero de vocabulos, que significão arvore.
- YBÁ BAÇU, coco.
- YBÁ RAÝNHA, caroço da fructa.
- YBÁ REMA, alho.
- YBÁ REMA ACÁNGA, cabeça d'alho.
- YBÁ OÇÚ, cebola.
- YBÁ TYBA, pomar.
- YBATÊ, acima (veja-se *Ibatê*). Significa tambem ar, região, ether.
- YBATÊÇÁBA, altura, tecto, exaltação.
- YBY ou IBY (veja-se), terra. *Ojar yby recé*, encostar-se á terra.
- YBY CEIRÁNE, quilha de navio.
- YBY CUI OÇU, bancos d'areia; coroa.
- YBY PE, no chão, em baixo.
- YBY PÉBA, planície.
- YBYRA, veja-se *Ymyra*.
- YBYTU (IBYTÚ), arrote: ar, viração. *Omocémo ybytú ajurú rupi*, arrotar.
- YÇAÇÓCA, bicho (da madeira).
- YÇAYBA, especie de formiga. Hoje disemos saúba.
- YÇÍCA, grude.
- YÇICANTAN, breu.
- YÇÓCA, o mesmo que *Yçoçoca*.

YE, I. recíproco com que se compoem alguns verbos activos, que tanto serve para o singular, como para o plural; e denotão cahir a acção de cada pessoa sobre si mesma. Ex. *Xe-a-ye-juca*, eu me mato a mim mesmo. *Ore oro ye juca*, nós outros nos matamos a nós mesmos, isto é, cada um se mata a si proprio. II. Estes verbos, assim compostos, muitas vezes se tornão simplesmente passivos. *A-ye-juca*, tanto significa eu me mato, como — eu sou morto. III. Dos verbos já feitos passivos com esta syllaba *ye*, se fazem algumas vezes outros activos, antepondo-se á tal syllaba a particula *mo*. De *A-yo-pin*, tosquiar, se faz o passivo *A-ye-apin*, tosquiar-se, e do ultimo este outro activo *Ay-mo-ye-apin*, faser tosquiar a outro. *Ay-mo-ye apin Pedro Diogo çupe*, faço com que Pedro seja tosquiado por Diogo. Observação. Vemos no exemplo acima que o verbo activo, começando por *yo*, transforma esta syllaba em *ye* para se tornar passivo. O mesmo acontece com a syllaba *nhe*, que tem a mesma força, e os verbos que começam por *nho*. Ex. *A-nho tím*, enterrar. *A-nhe-tím*, enterro-me.

YEICA ou melhor *Igçica*, goma, resina, sólda. YEPÊ (ou *Iepe*), seja, mas de balde. Ex. *Aceçar yepe*, busquei, de balde. *Yepe aço*, va eu embora. *Yepe-mo a-ço* ou *Yepo-mo xe co-u*, que seria se eu ora fosse? II. Quando a segunda pessoa é nominativo, e tem por accusativo a primeira, não leva o verbo artigo, mas tem sempre comsigo esta dicção *yepe*. Ex. *De xe juca yepe*, tu me matas. *Nde xe çoc uepe*, tu me picas. *Xe juca yepe*, mata-me tu. *Xe-rauçub yepe*, ama-me tu. Veja-se *Iepe*.

YG, agoa. *Cepy yg*, aguardar. *Yg apyra kety*, para cima, donde correm as aguas. *Cendy ipuca oâne yg*, aclarar a agua.

YG ÁBA, limo.

YG AÇUB, agua quente.

YG AÇU RUPÍ, arduamente.

YG APÓ, logar alagadiço.

YG APÓ OÇÚ, agoas vivas.

YG APÓ PÁO, agnas mortas.

YG BYBÝRA, caixão d'agoa.

YG CAPUITÁRA, agoador.

YG CARAYBA, agoa benta.

YG CARAYBA PUPE NHEMOACÚCA, baptismo.

YG CARÍCA OPÚCA OÁNE, rebentar a fonte.

YG CATU, agoa bôa ou doce.

YG CEEMBÚCA, agoa salgada.

YG CERERÚ, agoa corrente.

YG CERERUÇÁBA, canal.

YG CERÝCA, fonte que corre. O mesmo que *yg cererú*.

YG COÁRA, fonte, nascente.

YG COARÁNA, sorvedouro do rio.

YG CYCANTÁN COAKÉNE, almecega. Veja-se *Yg cica*.

YG CÝCA MEMBÉCA, almecega.

YG CYMBÉCA, agoa salobre.

YG JEBY R, remanso d'agoa, sorvedouro.

YG JUCÉI, sede (ter), sequioso.

YG OJEMO TEKYR OÁQUÉRA, agoa distillada.

YG ROIÇANG, agoa fria.

YG TÚ, cazoeira.

YG TYKYR, gota d'agoa.

YGAÇÁPABA, ponte.

YGÁRA, canôa. *Pocicába mondé ygára pupé*, alastrar a canôa.

YGÁRA OJAPY, embarrar a canoa.

YGÁRA ROPYTÁ, pôpa da canoa.

YGÁRA ROTINGA, vela da canôa.

YGARAPÊ, rio, regato.

YGARAPÊ JATIMÁ TIMÁN, rio de muitas voltas.

YGARAPÊ MERIM, riacho, ribeiro.

YGARAPÊ REAPYRA, cabeceira ou origem do rio.

YGARAPÊ REMOÇÁPE, bocca ou foz do rio.

YGARITÉ, canôa de maiores dimensões.

YGAROPÁBA, porto.

YGATIM, prôa da canôa.

YGATIM YBA, proeiro.

YGUIRA RUPI, por baixo.

YIÇÁBA, palavra.

YMYRÁ ou IMÝRA, arvore, páo, madeira.

YMYRÁ JEMOÇARAITABA, páo de jogar.

YMYRÁ PECÚ, páo comprido.

YMYBÁ Y'RA, mel de páo.

YO, I. (semilhante a *nho*) dá ao verbo significação recíproca. Esta dicção denota sempre o numero plural, e entre as pessoas que figurão na oração, comunicação de umas para com outras. Ex. *Pe-yo-juca*, vós outros vos matais uns aos outros. II. Com alguns adverbios juntos significão a mesma comunicação. *Aôa o-yo irundámo ceco-u*, aquelles estão juntos uns com os outros. III. Esta syllaba *yo* (diz Figueira) se uza quando alguma pessoa, ou primeira, ou segunda, ou terceira, torna sobre si mesma. — *A-Tupã mongueta xe-yo-ece*, eu rogo por mim a Deos. *E-i-monguetá nde de-*

yo-ece, *Pedro t'-oimonguetá o-yo-ece*, eu rogo a Deos por mim, tu roga por ti, e Pedro rogue por si. O citado auctor observa que a frase é, *A-Tupã monguetá dba rece*, rogo a Deos por alguém; e que, fallando-se reciprocamente, mette-se a syllaba *yo*, junto da posição *recê*, a qual perde o *r* e fica *yo-ece*. IV. Assim mesmo (continúa Figueira) se ajunta com preposições de dativo ou ablativo. Ex. *A-reco Tupan xe-yo-pupe*, tehno a Deos commigo. *A-imoem anhánga xe-yo-çuí*, lanço fóra o demonio de mim. *Ay-monhiron Tupan xe-yo-upe*, aplaco a Deos para mim. *Pedro t'-oimonguetá jurupari o-yo-çuí*. Pedro aplaque a Deos para si, lance de si o demonio.

YPY, principio, primeira origem. Veja-se *Iby*.

YPY PE OÇÔ, ir ao fundo.

YPY RUPÍ OÇÔ; ir a pé. Neste ultimo exemplo talvez se diria melhor *Iby rupi*.

YRA, mel.

YRA MAYA, abelha.

YRA MAYA EPIXÚNA OAÊ, abelha preta.

YRAITIM, vela de cera.

YRAITIM RENDABA OU **YRAITIM CANÉA RENDÁBA**, castiçal.

YRÁMA, o supino ou participio passivo toma no principio *y* e no fim *yráma*; mas antes desta se mette alguma letra ou letras, como *p'yrama*, *b'yrama* &c.

YRÓB, amargar. *Mbaê yróba*, cousa amargosa.

YRÓB OAÊ MARÍCA PÓRA, cholera.

YROIÇANG, frescura, viração.

YRUMO, e

YRUNÁMO, commigo.

YRYRI, ostra.

YRYRI ÇUÍ, cal.

YTYC IXUPÊ, pôr a culpa em alguém.

YXÊ, eu (em logar de *xe*).

YXÓCE, em cima d'elle (derivado de *y* e *cóce*).

YXUÍ, d'elle (de *y* e *çuí*).

Y-YMA, fuzo.

FIM DO "DICIONÁRIO DA LÍNGUA TUPI"
E DE "POESIA COMPLETA
E PROSA ESCOLHIDA DE GONÇALVES DIAS"

BIBLIOGRAFIA

A obra básica para a bibliografia do poeta maranhense é:

M. Nogueira da Silva. *Bibliografia de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1942 (Ministério da Educação e Saúde, Instituto Nacional do Livro).

I. OBRAS:

- Primeiros Cantos*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1846.
- Leonor de Mendonça*. Rio de Janeiro, J. Villeneuve & Cia., 1847.
- Segundos Cantos e Sextilhas de Frei Antão*. Rio de Janeiro, Ferreira Monteiro, 1848.
- Últimos Cantos*. Rio de Janeiro, Paula Brito, 1851.
- Cantos*. 2.^a ed. Leipzig, Brockhaus, 1857. 3.^a ed. Leipzig, Brockhaus, 1860. 4.^a ed. Leipzig, Brockhaus, 1865. [Contendo as composições dos *Primeiros*, *Segundos* e *Últimos Cantos*, mais 16 produções, sob o título *Novos Cantos*.]
- Os Timbiras*. Leipzig, Brockhaus, 1857.
- Dicionário da Língua Tupi*. Leipzig, Brockhaus, 1858.
- Obras Póstumas*, organizadas por Antônio Henriques Leal. São Luís do Maranhão, B. de Matos, 1868-69 [1.^o vol.: "Prólogo", por A. H. Leal; fac-símile de uma carta de G. D.; "Biografia de G. D.", por A. H. Leal; *Versos Modernos*, 1861-63; *Versos Antigos*, 1844-52; *Poema Americano*; *Posseidon*; *Sonetos*; *Epigrama*; *Hinos*; *Voltas e Motes Glosados*; *Sátiras*. 2.^o vol.: "Advertência", por A. H. Leal; *A Noiva de Messina* (tradução de Schiller); *Poesias Líricas*; "Apêndice". 3.^o vol.: "Advertência", por A. H. Leal; *Meditação*; *Memórias de Agapito* (fragmento de um romance); *Um Anjo*; *Viagem pelo Rio Amazonas*; *História Pátria*. 4.^o vol.: *Patkull*; *Beatriz Cenci*. 5.^o vol.: *Leonor de Mendonça*; *Boabdil*. 6.^o vol.: *Brasil e Oceania* (memória histórica).]
- Poesias*. 5.^a ed., organizada por Jaci Monteiro, com biografia sobre G. D. do Cônego Fernandes Pinheiro. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, [1870]. 6.^a ed., organizada e revista por Joaquim Norberto de Sousa e Silva, reproduzindo o trabalho do Cônego Fernandes Pinheiro. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1877. 7.^a ed., idem, idem. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1891. 8.^a ed., idem, idem. Rio de Janeiro, H. Garnier, [1896]. [9.^a ed.] Novíssima ed., organizada por M. Said Ali. Rio de Janeiro, Laemmert & Cia., 1896. [10.^a ed.], organizado por Joaquim Norberto, incluindo o trabalho do Cônego Fernandes Pinheiro. Rio de Janeiro, H. Garnier, 1904. [11.^a ed.] idem, idem. Rio de Janeiro, H. Garnier, 1910.
- Sextilhas de Frei Antão*. Lisboa, Companhia Nacional Editôra, 1890.
- Poesias Americanas*. Santiago (Chile), Guillermo E. Miranda, editor, 1903. [Tradução de Vicuñas Cifuentes.]
- Poesias Póstumas*. Rio de Janeiro, H. Garnier, [1909].
- Obras Poéticas de A. Gonçalves Dias*, organizadas por Manuel Bandeira. São Paulo, Companhia Editôra Nacional, 1944.
- Poesias Completas*, organizadas por Josué Montelo. Rio de Janeiro, Zélio Valverde, 1944.
- Poesias Completas*, introdução de Mário da Silva Brito; organização, revisão e notas de F. J. da Silva Ramos. São Paulo, Saraiva, 1950 (2.^a ed. São Paulo, Saraiva, 1957).

II. CRÍTICA LITERÁRIA E TEATRAL:

CRÍTICA LITERÁRIA: Gonçalves Dias publicou em folhetins, com o pseudônimo de *Opimus Cruicus*, seis artigos sobre o poema *A Independência*, de Teixeira e Sousa; os quatro primeiros sob o título "A Independência do Brasil" e os dois restantes, "A Independência Rimada". (in *Correio da Tarde*. N.ºs 21/28, 32/04/12. Rio de Janeiro, 28 janeiro, 7/11 fevereiro, 21/31 março 1848.)

Na seção "Variedades", um artigo sobre o *Almanaque Popular, Mercantil e Industrial da Província do Maranhão para 1848*. (in *Correio da Tarde*. N.º 31. Rio de Janeiro, 10 fevereiro 1848.)

Novamente em folhetim, um artigo sobre o drama *Hernani*. (in *Correio da Tarde*. N.º 158. Rio de Janeiro, 21 julho 1848.)

CRÍTICA TEATRAL: Na seção "Revista Semanal" publicou em folhetim, sob o título "Teatro Lírico", um artigo sobre a representação de *Hernani*. (in *Correio Mercantil*. N.º 6. Rio de Janeiro, 6 janeiro 1850.)

Na mesma seção, artigo sobre a representação de *Lucrecia Borgia*, com o título "Teatro Lírico". (in *Correio Mercantil*. N.º 14. Rio de Janeiro, 14 janeiro 1850.)

Artigo sobre a representação de *Robert le Diable*, na mesma seção. (in *Correio Mercantil*. N.º 48. Rio de Janeiro, 20 fevereiro 1850.)

Artigo "Teatro de S. Pedro de Alcântara — Companhia Lírica Italiana". (in *Correio Mercantil*. N.º 129. Rio de Janeiro, 18 maio 1850.)

Artigo sobre nova representação de *Hernani*, na seção "Revista Semanal". (in *Correio Mercantil*. N.º 301. Rio de Janeiro, 4 novembro 1850.)

III. RELATÓRIOS:

"Exames nos Arquivos dos Mosteiros e das Repartições Públicas para a Coleção de Documentos Históricos Relativos ao Maranhão." (in *Revista Trim. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. T. XVI. Rio de Janeiro, 1853.)

"Catálogo dos Capitães Gerais e Governadores da Capitania do Rio Grande do Norte, com Anotações Históricas e Documentos Oficiais." (in *Revista Trim. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. T. XVIII. Rio de Janeiro, 1854.)

"Relatório sobre a Exposição Universal em Paris." (in *Revista Brasileira*, T. I, n.º 3. Rio de Janeiro, 1858.)

"Parecer sobre um Novo Sistema de

Medidas." (in *Relatório da Repartição dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1861.)

"Relatório sobre a Visita às Escolas Públicas de Primeiras Letras das Freguesias do Solimões." (Publicado na *Fala* dirigida à Assembléia Legislativa Provincial do Amazonas pelo presidente Dr. Manuel Carneiro da Cunha. Manaus, Tip. de Francisco José da Silva Ramos, 1861.)

Relatórios sobre os Trabalhos da Comissão Encarregada de Angariar Objetos para a Exposição de Indústria Nacional. Pará, Tip. de Frederico Rhossard, 1862.

IV. DIÁRIOS:

Diário da Viagem ao Rio Negro. (Publicado por Lúcia Miguel Pereira n' *A Vida de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1943.)

Diário de Viagem no Apa até Recife e no Gran Condé até Marselha. (Publicado por Manuel Bandeira em *Gonçalves Dias. Esboço Biográfico*. Rio de Janeiro, Pongetti,

1952.) [Reproduzido em *Manuel Bandeira — Poesia e Prosa*. Vol.

II. Rio de Janeiro, Editôra José Aguilar, 1958.]

V. POESIAS MUSICADAS:

- "A Concha e a Virgem", por D. José Amat.
 "Agora e Sempre", por Artur Napoleão.
 "A Leviana", por D. José Amat.
 "Canção do Exílio", por Elpídio Pereira, J. Queirós, R. Romano Denis, D. José Amat, Marcelo Tupinambá, Quirino de Oliveira, Haydn, Agostinho Cantú, João Gomes Júnior, João Portaro, Miguel Izzo.
 "Desejo", por Francisco Braga, Luís Heitor.
 "Hino à Harmonia", por Nunes Garcia.
 "Hino ao Dia 28 de Julho", por compositor ignorado.
 "Hino do Natal", por Luís Heitor.
 "Hino dos Reis Magos", por com-

- positor ignorado.
 "I-Juca-Pirama", por Henrique La Peña, Araújo Vieira.
 "Lira", por Artur Napoleão.
 "Marabá", por Francisco Braga.
 "Meu Anjo, Escuta", por D. José Amat.
 "O Anjo da Harmonia", por Paulo José de Sousa.
 "Ontem no Baile", por Henrique Oswald.
 "O Sono", por Alberto Nepomuceno.
 "Pedido", por D. José Amat.
 "Por um Ai", por D. José Amat.
 "Se Muito Sofri já, não mo Perguntes", por D. José Amat.
 "Se te Amo, não Sei", por D. José Amat.
 "Seus Olhos", por D. José Amat.
 "Uma Visão" por D. José Amat.

VI. ESTUDOS:

- Abreu, Capistrano de. "A Literatura Brasileira Contemporânea." (in *Ensaios e Estudos*. T. I. Rio de Janeiro, Sociedade Capistrano de Abreu, 1931.) [Escrito em 1875.]
 Academia Brasileira de Letras. *Gonçalves Dias*. [Conferências de Viriato Correia: "A Vida Amorosa de G. D."; Pedro Calmon: "O Símbolo Indianista de G. D."; Gustavo Barroso: "A Morte de G. D."; E. Roquette Pinto: "G. D. e os Índios"; Guilherme de Almeida: "G. D. e o Romantismo"; Manuel Bandeira: "A Poética de G. D."] Rio de Janeiro, ed. da Academia, 1948.
 Ackermann, Fritz. *Die Versdichtung des Brasiliers Antônio Gonçalves Dias*. Hamburg, Paul Evert, 1938. [Traduzido para o português por Egon Schaden. *A Obra Poética de Gonçalves Dias*. São Paulo, Departamento de Cultura, 1940.]
 Airosa, Plínio. "Gonçalves Dias e o Indianismo." (in *Revista da Academia Paulista de Letras*. T. IX, n.º 34. São Paulo, junho 1946.)

- Ali, M. Said. "Notícias sôbre a Vida do Autor." (Prefácio às *Poesias*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1896.)
 Amaral, Amadeu. *Elogio da Mediocridade*. São Paulo, Nova Era, 1924.
 Assis, Machado de. "Gonçalves Dias." (in *Relíquias de Casa Velha*, Rio de Janeiro, Jackson, 1955.) [Incluído em *Machado de Assis — Obra Completa*. Vol. II. Rio de Janeiro, Editôra José Aguilar, 1959.]
 Bandeira, Manuel. *Apresentação da Poesia Brasileira*. Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1944.
 — *Gonçalves Dias. Esboço Biográfico*. Rio de Janeiro, Pongetti, 1952. [Reproduzido em *Manuel Bandeira — Poesia e Prosa*. Vol. II. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.]
 Barreto, Mário. "Gonçalves Dias." (in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. CXVIII. Rio de Janeiro, 1923.)
 Bastide, Roger. *A Poesia Afro-Brasileira*. São Paulo, Martins, 1943.
 Bilac, Olavo. "Gonçalves Dias." (in *Conferências Literárias*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1912.)

- Brito, Mário da Silva. "Informe sobre o Homem e o Poeta Gonçalves Dias." (Introdução às *Poesias Completas*. São Paulo, Saraiva, 1950.)
- Cardoso, Clodomir. "Os Amôres de Gonçalves Dias." (in *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27 maio 1927.)
- Carvalho, Ronald de. *Pequena História da Literatura Brasileira*. 5.^a ed. Rio de Janeiro, Briguiet, 1935.
- Castro, Alfredo de Assis. *Gonçalves Dias*. São Luís do Maranhão, Ramos d'Almeida, 1926.
- *A Linguagem das Sextilhas de Frei Antônio*. Rio de Janeiro, Amorim, 1939.
- Chagas, Manuel Pinheiro. "Gonçalves Dias." (in *Ensaios Críticos*. Pôrto, Viúva Moré, 1866.)
- Colin, Augusto Frederico. "*Segundos Cantos e Sextilhas de Frei Antônio*." (in *Revista Universal Maranhense*, T. I, n.^{os} 4 e 7. São Luís do Maranhão, 1 agosto/1 novembro 1849.)
- Cordeiro, Antônio Xavier Rodrigues. "Antônio Gonçalves Dias." (in *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o Ano de 1873*, Lisboa, Lallemand Frères, 1872.)
- Cordeiro, Luciano. *Livro de Crítica*. Pôrto, Tip. Lusitana, 1869.
- Dias, Teófilo. "Antônio Gonçalves Dias." (in *A Semana*, Rio de Janeiro, 19 setembro 1885.)
- Driver, D. *The Indian in Brazilian Literature*. Nova Iorque, Instituto de las Españas, 1942.
- Feder, Ernesto. "Gonçalves Dias e a Poesia Alemã." (in *Autores e Livros*. Sup. de *A Manhã*, Rio de Janeiro, 9 novembro 1941.)
- Ferreira, Maria Celeste. *O Indianismo na Literatura Romântica Brasileira*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1949.
- França, Carlos Ferreira. "*Os Timbiras*." Rio de Janeiro, Leuzinger, 1879. [Tese de concurso para professor substituto de retórica, poética e literatura nacional.]
- Franco, Afonso Arinos de Melo. *O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa*. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1937.
- Freitas, Newton de [e] Besouchet, Lídia. *Literatura del Brasil*. Buenos Aires, Sudamericana, 1946.
- Gomes, Eugênio. "Os Dramas de Shelley e Gonçalves Dias sobre Beatrice Cenci." (in *Espelho Contra Espelho*. São Paulo, Ipê, 1949.)
- "O Sentimento de Piedade em Gonçalves Dias." (in *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 3 dezembro 1955.) [Reproduzido em *Visões e Revisões*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1959.]
- Grieco, Agripino. *Evolução da Poesia Brasileira*. Rio de Janeiro, Ariel, 1932 (3.^a ed. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1947.)
- Guerra, Álvaro. *Gonçalves Dias*. São Paulo, Melhoramentos, 1923.
- Guimarães, Bernardo. "*Os Timbiras*." (in *Atualidade*, Rio de Janeiro, 8/15/26/31 outubro 1859.)
- Herculano, Alexandre. "O Futuro Literário do Brasil." (in *Revista Universal Lisbonense*. T. VII. Lisboa, 1846.)
- Holanda, Aurélio Buarque de. "A Margem da "Canção do Exílio". (in *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 30 abril de 1944.)
- Jucá Filho, Cândido. "A Linguagem das Sextilhas de Frei Antônio." (in *Anais do 2.^o Congresso das Academias de Letras*, Rio de Janeiro, 1939.)
- Leal, Antônio Henriques. "Antônio Gonçalves Dias." (in *Panteon Maranhense*. Vol. III. Lisboa, Imprensa Nacional, 1874.)
- *Lucubrações*. São Luís do Maranhão, Magalhães & Cia., 1874.
- Lima, Henrique de Campos Ferreira. "Gonçalves Dias em Portugal." (in *Brasília*. Vol. II. Coimbra, 1943.)
- Lins, Álvaro. *Jornal de Crítica*. 4.^a Série. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1946.
- Montelo, Josué. *Gonçalves Dias. Ensaio Biobibliográfico*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1942.
- Milliet, Sérgio. *Diário Crítico*. Vol. I. São Paulo, Brasiliense, 1944.
- Mota, Artur. "Gonçalves Dias." (in *Revista da Academia Brasileira de*

- Letras. N.º 88. Rio de Janeiro, abril 1929.)
- Mota Filho, Cândido. *Introdução ao Estudo do Pensamento Nacional. O Romantismo*. Rio de Janeiro, Helios, 1926.
- Oliveira, Artur de. *Os Timbiras*. Rio de Janeiro, Tip. de *A Gazeta de Notícias*, 1879. [Tese de concurso para professor substituto de retórica, poética e literatura nacional.]
- Paranhos, Haroldo. *História do Romantismo no Brasil*. Vol. II. São Paulo, Cultura Brasileira, 1938. (in *Correio da Manhã*, 7 maio)
- Pennafort, Onestaldo de. "Gonçalves Dias e o Romantismo Brasileiro." 1950.)
- Pereira, Lúcia Miguel. *A Vida de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1943.
- Piccarolo, Antônio. *Gonçalves Dias et le Portugal*. (in *Separata do Bulletin des Études Portugaises*, Lisboa, Institu Français au Portugal, 1938.)
- Pinheiro, Cônego J. C. Fernandes. "Notícia sobre a Vida e Obras de Antônio Gonçalves Dias." (Introdução às *Poesias*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, Garnier, 1870.) [Trabalho reproduzido em quase tôdas as edições posteriores.]
- Pinto, M. Sousa. *O Indianismo na Poesia Brasileira*. Coimbra, 1928.
- Raeders, G. "Um Grande Poeta Romântico em Coimbra: Gonçalves Dias." (in *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 8 setembro 1935.)
- Reis, Francisco Sotero dos. "Antônio Gonçalves Dias, sua Biografia, seus *Primeiros Cantos*, seus *Segundos Cantos*, seus *Últimos Cantos*, seu Poema Épico *Os Timbiras*." (in *Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira*. Vol. IV. São Luís do Maranhão, Tip. do País, 1873.)
- "Antônio Gonçalves Dias, seu Drama *Boabdil*, sua obra *Brasil e Oceania*." (in *Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira*. Vol. V. São Luís do Maranhão, Tip. do País, 1873.)
- Ribeiro, João. *Cartas Devolvidas*. Pôrto, Lello & Irmãos, 1925.
- Ribeiro, João. "Gonçalves Dias, O Poeta Nacional." (in *Crítica, Clássicos e Românticos Brasileiros*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1952.) [Escrito em 1927.]
- Ricardo, Cassiano. "Gonçalves Dias e o Indianismo." (in *A Literatura no Brasil*. Dir. Afrânio Coutinho. Vol. I, t. 2. Rio de Janeiro, Editorial Sul Americana, 1955.)
- Romero, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, Garnier, 1888.
- Sabino, Ricardo Leão. "Gonçalves Dias." (in *Tribuna Liberal*, São Paulo, 31 janeiro 1874.)
- Silva, M. Nogueira da. "Gonçalves Dias Patriota." (in *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 22 setembro 1929.)
- "Gonçalves Dias e Camilo Castelo Branco." (in *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 12 novembro 1933.)
- "Estudos Gonçalvinos." (in *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 17 novembro 1935/16 fevereiro
- *O Maior Poeta*. Rio de Janeiro, A Noite, 1937.
- "O Pressentimento da Morte em Gonçalves Dias." (in *Jornal da Manhã*, São Paulo, 12 março 1938.)
- *Gonçalves Dias e Castro Alves*. Rio de Janeiro, 1943.
- Soares, Antônio Joaquim de Macedo. "Três Literatos Contemporâneos." (in *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 5/7/8 janeiro 1862.)
- Távora, Franklin. "Gonçalves Dias." (in *A Semana*, Rio de Janeiro, 11/19/25 fevereiro 1888.)
- Veríssimo, José. *Estudos de Literatura Brasileira*. 2.ª Série. Rio de Janeiro, Garnier, 1901.
- *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1916.
- Wolf, Ferdinand. *Le Brésil Littéraire*. Berlim, Ascher, 1863.

ÍNDICE DE PRIMEIROS VERSOS*

- A aurora vem despontando, PC 166.
 Acorda — acorda — ó Vate! — Eis que a alegria, LV 602.
 A desforme cabeça lhe descia, LV 587.
 A filha d'Albion bem-vinda seja, SC 235.
 Agora de um grande Santo, LV 553.
 Ah! que eu não morra sem provar, ao menos, PC 125.
 Ainda quando os homens te odiassem, UC 421.
 A linda borboleta alibrilhante, LV 659.
 Amanhã! — é o sol que desponta, UC 419.
 Amar! se te amo, não sei, LV 639.
 Ambos se amavam, contudo, LV 664.
 A mim! foi a mim que o ouviste?, LV 642.
 Amizade — amor! laço de flôres, LV 624.
 Amor! delírio — engano... Sôbre a terra, PC 138.
 Amor! enlêvo d'alma, arroubo, encantamento, SC 216.
 A morte é vária e multiforme, e muda, NC 279.
 Amo uns suspiros quebrados, UC 441.
 A noite quando durmo, esclarecendo, PC 141.
 A nuvem doirada se espraia no ocaso, UC 436.
 Ao Pinheiro imortal — ao doce filho, LV 588.
 Ao teu livro uma página roubando, LV 624.
 Aqui na floresta, PC 104.
-
- * Siglas:
 PC = *Primeiros Cantos*
 SC = *Segundos Cantos*
 NC = *Novos Cantos*
 FA = *Sextilhas de Frei Antão*
 UC = *Últimos Cantos*
 OT = *Os Timbiras*
 LV = *Lira Vária*
- As artes são irmãs, e os seus cultores, LV 626.
 As salas vão-se enchendo, as luzes brilham, UC 446.
 Avante! avante! ó Bravos. — Do Ipiranga, LV 604.
 À voz de Jeová infindos mundos, PC 193.
- Baixel veloz, que ao úmido elemento, LV 616.
 Bela flor que despontaste, LV 626.
 Belo raio do sol da existência, UC 393.
 Bem que de velho e cego, o santo Beda, LV 666.
 Bem-vindo seja o fausto mensageiro, OT 511.
 Bom tempo foy o d'outrora, FA 285.
- Caxias, bela flor, lírio dos vales, LV 576.
 Ciúmes! — Pois tens ciúmes! LV 643.
 Como é belo à meia-noite, SC 209.
 Como! és tu?! — essa grinalda, LV 640.
 Como se ama o silêncio, a luz o aroma, UC 398.
 Como sentimos no peito, LV 601.
- Da aurora vinha nascendo, PC 153
 Da noite no remanso, UC 402.
 De amor ó rosa, ó lírio da inocência, LV 664.
 Debruçada nas águas dum regato, NC 265.
 De cava rocha musgosa, LV 656.
 De côr azul brilhante o espaço imenso, SC 251.
 Deos Senhor foy quem nos céos, FA 298.
 Desdobra-se da noite o manto escuro: OT 486.
 Desque anor me deu que eu lesse, NC 268.
 — Dize-me tu, pastorzinho, LV 667.

- Dizem que o velho Diógenes, LV 650.
— Donde vens, viajor? — NC 266.
Do vento o rijo sôpro as mansas ondas, PC 196.
- É alegre a flor que brota, LV 654.
E ela era como a rosa matutina, UC 404.
- É gentil e linda e bela, NC 267.
Ei-lo! seu rosto pálido se encova; UC 424.
- Eis nos céus rutilando ígneo cometa! PC 170.
- Eis que tomba da abóbada celeste, UC 450.
- É lêda a flor que desponta, UC 396.
Enfim te vejo! — enfim posso, NC 268.
- E noutro quadro da minha alma os olhos, LV 595.
- Entre pobreza e miséria, LV 621.
Entusiasmo ardente m'arrebate; LV 585.
- Era a hora em que a flor balança o cálix, OT 497.
- Eras criança ainda; mas teu rosto, UC 467
- Era uma noite de luar formosa —, LV 599.
- Era uma sala de rei comprida e larga, LV 545.
- Era um quarto espaçoso; — ali se viam, PC 147.
- Era um templo d'arábica estrutura, PC 146.
- És engraçada e fermosa, PC 121.
- Estou só neste mudo santuário, PC 201.
- É Tabira guerreiro valente, SC 239.
- Eu amo a doce virgem pensativa, SC 217.
- Eu amo a noite solitária e muda, SC 249.
- Eu julguei que o fausto dia, LV 607.
Eu o vil! — tremendo era no gesto, PC 169.
- Eu sonhei durante a noite ... PC 158.
Eu vivo sôzinha; ninguém me procura! UC 371.
- Fértil a terra produzia outrora, LV 645.
- Folgava el-rei Rodrigo, LV 660.
- Fomos servos — noutros tempos, LV 606.
- Foram as trevas fugindo, UC 390.
- Fortifica-me, ó Deus, por tuas chagas, LV 664.
- Gentil, engraçado infante, PC 172.
- Gigante orgulhoso, de fero semblante, UC 353.
- Há duas c'roas na terra, UC 400.
Houve tempo em que os meus olhos, PC 183.
- Ia a lua pelos ares, LV 530.
- Já lento o passo, no cair da tarde, NC 274.
- Já mimosas as flôres desabrocham, LV 652.
- Já tremula sôbre o ocaso, LV 538.
Já vigílias passei namorado, PC 128.
Já viste cousa mais bela, UC 375.
Já vistes sôbre a flor de manso lago, SC 220.
- Jaz o mundo corrupto! — a terra ingrata, NC 260.
- Junto às margens dos rios, LV 668.
- Lá, bem longe daqui em tarde amena, PC 156.
- Lembra-te o Jardim, querida! LV 636.
Linda concha que passava, UC 417.
Linda virgem semelhante a linda rosa, SC 213.
- Mais um pungir de acérrima saudade, PC 164.
- Maria, porque me foges, UC 452.
- Meu anjo, escuta: quando junto à noite, UC 440.
- Meu Deus, Senhor meu Deus, o que há no mundo, PC 143
- Meus amigos, adeus! Já no horizonte, PC 204.
- Meus amigos d'infância, onde são eles? LV 609.
- Minha filha, mais depressa, UC 405.
- Minha mãe, olha aqui dentro, UC 376.
- Minha Musa não é como ninfa, PC 122
- Minha terra tem palmeiras, PC 103.
Morrer! — dizia o stólido, sentido LV 529.
- Morreste, como a fôlha verde e linda, UC 383.
- Mostrar-vos um atalho talvez possa, LV 671.
- Muitas vêzes tenho ouvido, SC 229.
- Mulheres há que à rosa semelhantes, LV 622.
- Na mente renegando o altar sagrado, LV 586.
- Não chores, meu filho; UC 372.

- Não existe o passado, pois só deixa, 618. LV 618.
 Não há mais daquelle tempo, FA 333
 Não poder eu correr por êsse mundo, LV 533.
 Não te diz meu rosto pálido, LV 663.
 Naquele instante em que vacila a mente, PC 145.
 Nas asas breves do tempo, PC 174.
 Nascer, lutar, sofrer! — eis tôda a vida: UC 448.
 Nas horas da noite, se junto a meu leito, NC 273.
 Noite Propícia aos tímidos amantes, LV 568.
 No lago interior dum peito virgem, UC 432.
 No meio das tabas de amenos verdouros, UC 358.
 No segrêdo da larva delicada, UC 426.
 Numa terra antigamente, PC 134.
- Oceano terrível, mas imenso, PC 191.
 O céu era azul, tão meigo e tão brando, PC 112.
 Ó Guerreiros da Taba sagrada, PC 106.
 Oh! doce país de Congo, PC 162.
 Oh! quanta graça e formosura adorna, UC 433.
 Oh tarde, oh bela tarde, oh meus amôres, PC 198.
 O imenso aposento a luz alaga, PC 177.
 O invólucro de um anjo aqui descansa, UC 396.
 Oiro, — poder, encanto ou maravilha, PC 171.
 Olha, doutor, a poesia, LV 590.
 Ó meu anjo, vem correndo, PC 127.
 O Ministro é a fênix que renasce, LV 629.
 O modesto varão constante e justo, NC 259.
 Onde essa voz ardente e sonora, SC 236.
 Onde estás, meu senhor, meus amôres? SC 231.
 O nosso índio errante vaga; LV 627.
 Ontem no baile, PC 128.
 O que mais dói na vida não é ver-se, UC 412.
 Ora pois direi um feito, FA 323.
 Os cantos cantados, LV 577.
 O som do nome seu é doce aos lábios, LV 655.
- Os ritos semibárbaros dos Piagas, OT 475.
 Ouvi-a! A sua voz me despertava, NC 276.
 Pálido o rosto e queimado, UC 454
 Pede cantos aos ledos passarinhos, UC 389.
 Pelo monte agreste e duro, LV 590.
 Perdoa as duras frases que me ouviste: UC 430.
 Podesse eu, triste vate, semilhando. LV 610.
 Ponham-me embora na crestada Líbia, SC 211.
 Porque tardas, Jatir, que tanto a custo, UC 357.
 Por uma praia arenosa, SC 214.
 Procuras o ímã sempre, UC 422.
- Quando a morte nos colhe, o que nos resta, LV 627.
 Quando da noite o denso véu se estende, LV 542.
 Quanto é grato em terra estranha, LV 656.
 Quando em meu peito as aflições re-bentam, PC 132.
 Quando és bela, ó Caxias! — no deserto, PC 110.
 Quando nas horas que contigo passo, UC 427.
 Quando, no albor da vida, fascinado, PC 130.
 Quando o inverno chegou, — por sobre a terra, LV 536.
 Quando, os olhos cerrando à luz da vida, UC 463.
 Quando o sol vai dentro d'água, PC 108.
 Quando o sono me pesa nos olhos, LV 670.
 Que feios sons de surda e rouca trompa! LV 548.
 Que lêda noite! — Êste ar embalsamado, PC 133
 Quem é maior do que os Anjos, LV 64.
 Quem há no mundo que aflições não passe, NC 262.
 Que m'importa do mundo a inclemência, UC 443.
 Que monte além se eleva negrejante! LV 527.
 Quem se atreve a cantar hinos à flor, LV 615.
 Que sonha a donzela, UC 436.
 — Que tanta tristeza é esta? LV. 619.

- Que te direi?! — Em ti mesma, LV 644.
- Revela tanto amor, tão branda soa, UC 414.
- Salve, ó Lua cândida, sc 247.
- Salve, terra formosa, ó Pernambuco, sc 238.
- São felizes os laços que o amor trama, LV 623.
- São uns olhos verdes, verdes, UC 386.
- Satanás passeiando — veio um dia, LV 587.
- Saudade, ó bela flor, quando te faltem, NC 263.
- Se ao mísero cantor vos praz mandar-lhe, UC 388.
- Se eu fôsse querido dum rosto formoso, NC 273.
- Se fôsse rainha aquela, UC 413.
- Senhor Deus Sabaó, três vêzes santo, Sei amar com paixão ardente e fida, UC 418.
- Se me queres a teus pés ajoelhado, sc 211.
- Se me queres ver rendido, UC 419.
- Se muito sofri já, se ainda soffro, LV 634.
- Senhora, pois que podeis, LV 611.
- Senhor Deus Sabaó, três vêzes santo, PC 203.
- Senhor! umas pobres traças, LV 651.
- Sentado em sítio escuso descansava, OT 476.
- Se o que somos, se o que temos soffrido, LV 633.
- Se queres saber o meio, sc 223.
- Se se morre de amor! — Não, não se morre, NC 277.
- Se só por vós, Senhora, corpo e alma, sc 226.
- Se triste a minha vida decorria, LV 593.
- Seu rosto pálido e belo, PL 142.
- Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros, PC 125.
- Sôbre o mar que sem fim se desdobrava, LV 673.
- Sonhara-te eu na veiga de Granada, NC 265.
- Sonhava esta noite, Donzela formosa, sc 222.
- Sumiu-se além o sol envolto em raios, LV 533.
- Tão bela és, tão mimosa, sc 218.
- Tão bem vaguei, Cantor por clima estranho sc 225.
- “Tenho d’ir-me aos combates, filha cara, LV 665.
- Tenho na terra o corpo — em Deus a mente, LV 535.
- Tenho uma harpa religiosa, sc 210.
- Tenho veneno nos versos! LV 663.
- Tens jóias e diamantes, LV 662.
- Triste lição de experiência, deixam, UC 416.
- Tu não queres ligar-te commigo, LV 625.
- Tupã, ó Deus grande! cobriste o teu rosto, PC 111.
- Tu pedes-me um canto na lira de amôres, UC 443.
- Tu que com tanto afã, com tanto custo, UC 409.
- Tu queres que eu sonhe! — que ao menos dormido, UC 445.
- Um raio, LV. 580.
- Urge o tempo, os anos vão correndo, UC 395.
- Vate! vate! quês és tu? — Nos seus extremos, PC 155.
- Vêde a soberba divinal creatura, LV 586.
- Vêde o inculto novilho em liso plaino! LV 591.
- Vem, ó bela gondoleira! LV 663.
- Vês como aquela baunilha, LV 638.

ÍNDICE DO VOLUME

INTRODUÇÃO GERAL

NOTA EDITORIAL	9
<i>A Vida e a Obra do Poeta</i> (Manuel Bandeira)	11
Nascimento e Infância / 1823-28, 11; Em Portugal / 1838-45, 15; No Maranhão / 1845-46, 19; No Rio / 1846-51, 22; Viagem ao Norte / 1851-52, 29; No Rio / 1852-54, 32; Viagem à Europa / 1854-58, 34; No Brasil / 1858-62, 38; Na Europa / 1862-64, 44; Última Viagem / 1864, 47.	
Cronologia da Vida e da Obra	49
Reportagem Iconográfica	55

OBRA POÉTICA

<i>A Poética de Gonçalves Dias</i> (Manuel Bandeira)	67
<i>O Texto dos Poemas</i> (Antônio Houaiss)	79

CANTOS

<i>Sirva de Prólogo</i>	95
<i>Futuro Literário de Portugal e do Brasil</i> (Alexandre Herculano)	96

PRIMEIROS CANTOS

Prólogo da Primeira Edição	101
----------------------------------	-----

POESIAS AMERICANAS: Canção do Exílio, 103; O Canto do Guerreiro, 104; O Canto do Piaga, 106; O Canto do Índio, 108; Caxias, 110; Deprecação, 111; O Soldado Espanhol, 112.

POESIAS DIVERSAS: A Leviana, 121; A Minha Musa, 122; Desejo, 125; Seus Olhos, 125; Inocência, 127; Pedido, 128; Desengano, 128; Minha Vida e Meus Amores, 130; Recordação, 132; Tristeza, 133; O Trovador, 134; Amor! Delírio — Engano, 138; Delírio, 141; Epicédio, 142; Sofrimento, 143; Visões, 145; O Vate, 155; A Morte Prematura, 156; A Mendiga, 158; A Escrava, 162; Ao Dr. João Duarte Lisboa Serra, 164; O Destêrro de um Pobre Velho, 166; O Orgulhoso, 169; O Cometa, 170; O Ouro, 171; A um Menino, 172; O Pirata, 174; A Vila Maldita, Cidade de Deus, 177; Quadras da Minha Vida, 183.

HINOS: O Mar, 191; Idéia de Deus, 193; O Romper d'Alva, 196; A Tarde, 198; O Templo, 201; *Te Deum*, 203; Adeus aos meus Amigos do Maranhão, 204.

SEGUNDOS CANTOS

Consolação nas Lágrimas, 209; Canção, 210; Lira, 211; Agora e Sempre, 211; A Virgem, 213; Rosa no Mar!, 214; O Amor, 216; Sempre Ela, 217; Mimosa e Bela, 218; As Duas Amigas, 220; Sonho, 222; Solidão, 223; A um Poeta, Exilado, 225; Palinódia, 226; Os Suspiros, 229; Queixumes, 231; Ao Aniversário de um Casamento, 235; Canto Inaugural, 236; Tabira, 238; Tabira, 239.

HINOS: A Lua, 247; A Noite, 249; A Tempestade, 251.

NOVOS CANTOS

O Homem Forte, 259; *Dies Irae*, 260; Espera!, 262; A Saudade, 263; Não Me Deixes!, 265; Zulmira, 265; A uma Poetisa, 266; Angelina, 267; Rôla, 268; Ainda uma Vez — Adeus!, 268; O Sono, 273; Se Eu Fosse Querido, 273; A Flor do Amor, 274; A Sua Voz, 276; Se se Morre de Amor!, 277; A Morte é Vária, 279.

SEXTILHAS DE FREI ANTÃO

Loa da Princesa Santa, 285; Gulnare e Mustafá, 298; Solau do Senhor Rei Dom João, 321; Solau de Gonçalo Hermigues, 333.

ÚLTIMOS CANTOS

Dedicatória 350

POESIAS AMERICANAS: O Gigante de Pedra, 353; Leito de Fôlhas Verdes, 357; I-Juca-Pirama, 358; Marabà, 371; Canção do Tamoio, 372; A Mangureira, 375; A Mãe-d'Água, 376.

POESIAS DIVERSAS: Nênia, 383; Olhos Verdes, 386; Cumprimento de um Voto, 388; Lira Quebrada, 389; A Pastora, 390; A Infância, 393; Urge o Tempo, 395; Sôbre o Túmulo de um Menino, 396; Menina e Môça, 396; Como Eu te Amo, 398; As Duas Coroas, 400; Harpejos, 402; Triste do Trovador, 404; Velhice e Mocidade, 405; As Flôres, 409; O que mais dói na Vida, 412; Flor de Beleza, 413; O Anjo da Harmonia, 414; A História, 416; A Concha e a Virgem, 417; Sei Amar, 418; Amanhã, 419; Por um Ai, 419; Protesto, 421; Fadário, 422; O Assassino, 424; A uns Anos, 426; Quando Nas Horas, 427; Retratação, 430; Anelo, 432; Que me Pedes, 433; O Ciúme, 433; A Nuvem Dourada, 436; Sonho de Virgem, 436; Meu Anjo, Escuta, 440; Os Beijos, 441; Desesperança, 443; Se Queres que Eu Sonhe, 445; O Baile, 446; Desalento, 448; A Queda de Satanás, 450; Canção de Bug-Jargal, 452; Agar no Deserto, 454.

HINOS: O Meu Sepulcro, 463; Saudades, 467.

OS TIMBIRAS

Introdução, 475; Canto Primeiro, 476; Canto Segundo, 486; Canto Terceiro, 497; Canto Quarto, 511.

LIRA VARIA

OUTROS POEMAS E VARIANTES PRINCIPAIS

Morro do Alecrim, 527; Visões — Passamento, 529; Fantasmas, 530; A Morte Prematura, 533; Lágrimas sem Dor — E Dor sem Lágrimas, 533; O Oiro, 535; Miserrimus, 536; O Donzel, 538; O Amor, 542; Harmonias, 542; O Bardo, 545; A Desordem de Caxias, 548;

Lenda de Sam Gongalo, 553; Como Eu te Amo, 568; Anália, 568; Caxias, 576; A Harmonia, 577; A Tempestade, 580.

VERSOS PÓSTUMOS

[Entusiasmo Ardente...], 585; A Esmeralda, 586; A Cláudio Frollo, 586; Ao Quasimodo, 587; A *Notre Dame* de V. Hugo, 587; Epístola — Descrição de Pitões, 588; Epigrama, 590; No Album... de José Hermenegildo Xavier de Moraes, 590; Orgulho e Avareza, 591; Ausência, 593; Visões, 595; No Album de... Antônio Cardoso Avelino, 601; A Restauração do Rio Grande do Sul e ao Nascimento do Herdeiro Presuntivo, 602; Ao Aniversário da Independência do Maranhão, 604; Hino ao 28 de Julho, 606; A Certa Autoridade..., 607; Tristes Recordações, 609; Ao Aniversário Natalício de S. M. I., 610; Voltas e Motes Glosados, 611; Ao Aniversário de D. F. S. R., 615; *Sonetos*: [Baixel Veloz...], 616; [Doce Amor...], 616; [Apenas Oíço...], 617; [Pensas Tu...], 617; [Ando Abaixo...], 618. A Vida, 618; A Partida da Cruz, 619; Hino dos Reis Magos, 621; A Violeta, 622; Ao Casamento da Filha do Sr. Norris, 623; Consente-me Escrever Aqui meu Nome!, 624; No Album de D. Luísa Amat, 624; Tu Não Queres Ligar-te Commigo, 625; As Artes São Irmãs, 626; No Album de D. América P. R. Lopes, 626; Fragmento, 627; Estâncias, 627; Que Cousa é um Ministro, 629; Oh! Que Acordar!, 633; Se Muito Sofri já, não mo Perguntes, 634; No Jardim!, 636; A Baunilha, 638; Se Te Amo, não Sei!, 639; Como! És Tu?, 640; Revelação, 641; A Minha Rosa, 642; Ciúmes, 643; Tens mais poesia, 644; Poema Americano, 645; Ao Grande Literato Homeopático Dr. Veludo, 650; Ao Doutor dos Manuscritos, 651; D. Emília, 652; É Alegre a Flor que Brota, 654; Seu Nome, 655; Amor de Árabe, 656; Minha Terra, 656.

POESIAS TRADUZIDAS

Victor Hugo: A Triste Flor, 659; *Fray Luis de León*: Profecia do Tejo, 660. *H. Heine*: Tens Jóias e Diamantes, 662; Vem, ó Bela Gondoleira, 663; Não te Diz Meu Rosto Pálido, 663; Tenho Veneno nos Versos, 663; Ambos se Amavam!, 664; *Herder*: Lírio e Rosa, 664. *Herder*: Fortifica-me, ó Deus, 664, *Uhland*: A Camisa Encantada, 665. *Kosegarten*: O Amém das Pedras, 666. *Rolli*: Soneto, 667. *Lope de Vega*: Sôbolos Rios, 668. *Adet*: O Anjo dos Olhos Negros, 670. *Dante*: Fragmento da *Divina Comédia*, 671. *H. Heine*: *Possêidon*, 673.

Notas do Autor às Poesias 675

TEATRO

LEONOR DE MENDONÇA

Prólogo 685
Ato Primeiro, 693; II, 710; III, 720.
Advertência do Autor 736

PROSA ESCOLHIDA

MEDITAÇÃO (Fragmentos) 741
MEMÓRIAS DE AGAPITO (Fragmentos) 771
UM ANJO 789

CORRESPONDÊNCIA	795
DICIONÁRIO DA LÍNGUA TUPI	843
Bibliografia	915
Índice de primeiros versos	923
Índice do volume	927

A PRESENTE EDIÇÃO
DO VOLUME ÚNICO DA POESIA COMPLETA E PROSA ESCOLHIDA
DE GONÇALVES DIAS
CONSTITUI O NÚMERO DEZESSETE
DA SÉRIE BRASILEIRA

DA
BIBLIOTECA LUSO-BRASILEIRA,
COLEÇÃO QUE SE PUBLICA NO RIO DE JANEIRO
PELA EDITORA JOSÉ AGUILAR LTDA.
SOB A DIREÇÃO LITERÁRIA DE
AFRÂNIO COUTINHO,
COM A COLABORAÇÃO, EM LISBOA, PARA A SÉRIE PORTUGUÊSA,
DE JOÃO GASPAR SIMÕES,
E ABRANGE AS OBRAS-PRIMAS DOS GRANDES AUTORES
QUE INTEGRAM O RICO PATRIMÔNIO
DAS DUAS LITERATURAS IRMÃS
DO BRASIL E PORTUGAL.

O LIVRO TEVE A SUA COMPOSIÇÃO INICIADA AOS QUINZE DIAS DO
MÊS DE JUNHO DE MIL NOVECENTOS E CINQUENTA E NÓVE
E ACABOU DE IMPRIMIR-SE EM SÃO PAULO, NAS OFICINAS DA
IMPRES, CIA. BRASILEIRA DE IMPRESSÃO E PROPAGANDA,
AOS DEZ DIAS DO MÊS DE SETEMBRO DO MESMO ANO. FOI
COMPOSTO EM CARACTERES LINOTYPE TIMES ROMAN DE
CORPOS OITO E NOVE COM NÓTAS DE SETE, E TÍTULOS E
CABEÇAS EM TIPOS MÓVEIS GARAMOND DE CORPOS
DOZE, DEZESSEIS E VINTE E QUATRO. O PAPEL,
MARCADO A ÁGUA COM O EX-LIBRIS DA BLB,
FOI ESPECIALMENTE FABRICADO POR
RYBURNDALE Co., RIPPONDEN, NO
YORKSHIRE, INGLATERRA.

FIM